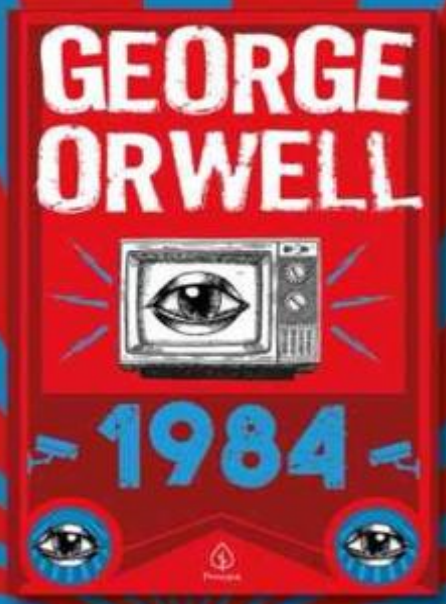
E-BOOK

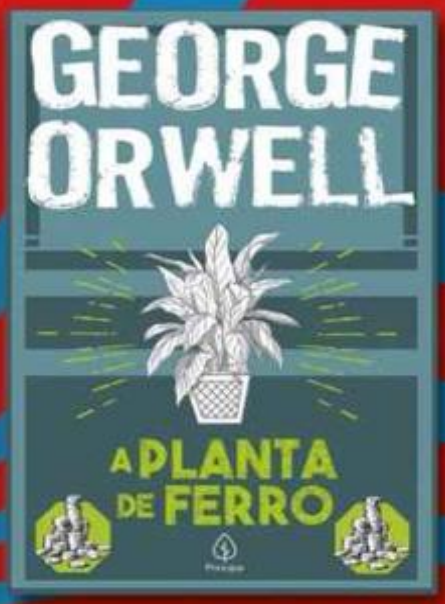


GEORGE ORWELL

6 VOLUMES

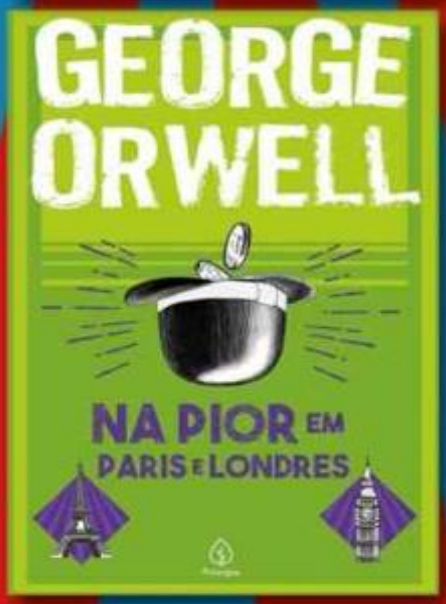






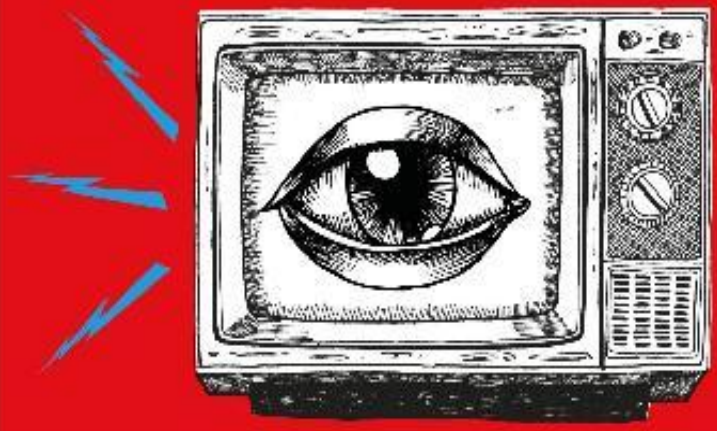








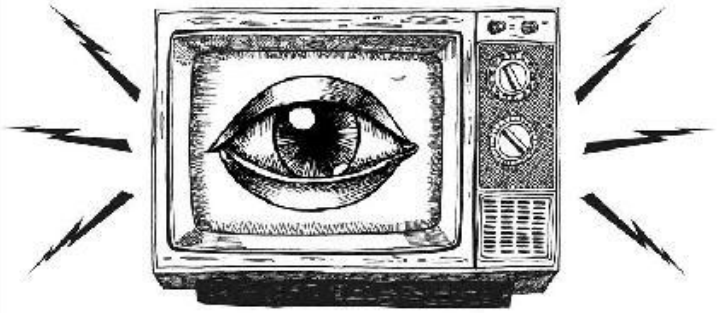
GEORGE ORWELL



1984

Principis

GEORGE ORWELL



1984

TRADUÇÃO
KARLA LIMA





Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
1984
Texto
George Orwell
Tradução
Karla Lima
Preparação
Maria Stephania da Costa Flores
Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Diagramação
Fernando Laino Editora
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
moopsi/Shutterstock.com;
roompoetliar/Shutterstock.com;
tsaplia/Shutterstock.com;
Nevena Radonja/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O79m Orwell, George, 1903-1950

1984 [recurso eletrônico] / George Orwell ; traduzido por Karla Lima. - Jandira, SP : Principis, 2021.

336 p. ; ePUB ; 2,5 MB. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: 1984

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-265-5 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Romance. 4. Ficção. I. Lima, Karla. II. Título. III. Série.

2021-22 CDD 823
CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa 823

2. Literatura inglesa 821.111-31

1ª edição em 2020

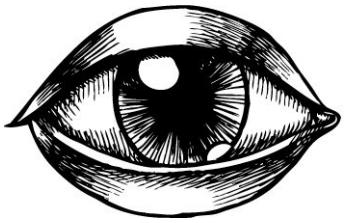
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

PARTE





Capítulo 1

Era um dia claro e frio de abril, e os relógios marcavam treze horas. Com o queixo afundado no peito em um esforço para escapar do vento cruel, Winston Smith voou pelas portas de vidro das Mansões Vitória, embora não rápido o suficiente para evitar que um redemoinho de poeira grossa o seguisse.

O corredor cheirava a repolho cozido e a tapetes rotos. Em uma ponta, um cartaz colorido, grande demais para um espaço fechado, estava afixado à parede. Via-se apenas um rosto enorme, com mais de um metro de largura: o retrato de um homem de aproximadamente 45 anos, com um bigode preto grosso e belos traços marcantes. Winston se dirigiu à escada. Era inútil tentar o elevador. Mesmo nas melhores épocas ele raramente funcionava, e naquele momento a corrente elétrica era cortada durante o dia, como parte do esforço econômico de preparação para a Semana do Ódio. O apartamento ficava no sétimo andar, e Winston, que tinha 39 anos e uma úlcera varicosa acima do tornozelo direito, subia devagar, descansando muitas vezes ao longo do caminho. Em cada *hall*, em frente ao poço do elevador, aquele rosto enorme do cartaz na parede o observava. Era um desses retratos feitos de tal modo que os olhos seguem a pessoa quando ela se mexe. A legenda abaixo dele informava: O GRANDE IRMÃO ESTÁ VIGIANDO VOCÊ.

Dentro do apartamento, uma voz grave recitava uma sequência de números que tinham algo a ver com a produção

de ferro-gusa. O som vinha de uma placa metálica oval semelhante a um espelho embaçado que formava parte da superfície da parede direita. Winston mexeu em um interruptor, e a voz baixou um pouco, embora ainda fosse possível distinguir as palavras. O dispositivo (a teletela, como era chamado) podia ser pausado, mas não havia como desligá-lo completamente. Ele foi até a janela: uma compleição pequena, frágil, a esqualidez de seu corpo marcada somente pelo macacão azul, o uniforme do Partido. O cabelo era muito claro; o rosto, naturalmente rosado; a pele, áspera pelo sabonete grosseiro, pelas lâminas de barbear sem fio e pelo frio do inverno que mal acabara.

Do lado de fora, mesmo através da janela fechada, o mundo parecia gelado. Lá embaixo, na rua, torvelinhos de vento faziam rodopiar poeira e papel rasgado e, apesar de o Sol brilhar no céu de um azul cortante, tudo parecia sem cor, exceto os cartazes, colados no alto por toda parte. O homem de bigode preto dominava cada canto, apontando o olhar severo para baixo. Havia um na fachada da casa em frente. A legenda dizia O GRANDE IRMÃO ESTÁ VIGIANDO VOCÊ, e os olhos escuros penetravam fundo nos de Winston. Abaixo, no nível da rua, outro cartaz, rasgado em uma das pontas, batia com força ao ritmo da ventania, cobrindo e descobrindo a única palavra, SOCING. Ao longe, um helicóptero voou baixo por entre os telhados, pairou por um instante como uma mosca varejeira e partiu de novo fazendo uma curva. Era a Patrulha da Polícia bisbilhotando, pelas janelas, as pessoas. As patrulhas não tinham importância, porém. Só a Polícia do Pensamento importava.

Pelas costas de Winston, a voz da teletela seguia tagarelando sobre o ferro-gusa e o excedente produtivo do Nono Plano Trienal. A teletela recebia e transmitia simultaneamente.

Qualquer barulho que Winston fizesse, acima do nível de um sussurro muito baixo, era captado por ela; ademais, enquanto ele permanecesse no campo de visão alcançado pela placa metálica, seria visto e também ouvido. Obviamente, não havia como saber se você estava sendo observado em dado momento nem com que frequência, ou por qual sistema, pois a Polícia do Pensamento se conectava a um cabo específico. Era provável que eles observassem todas as pessoas o tempo todo, já que poderiam se conectar a seu cabo quando quisessem. Você era obrigado a viver (e realmente vivia, pois o hábito se tornara instinto) supondo que cada ruído que fizesse seria ouvido, e todo movimento, rastreado, menos na escuridão.

Winston ficou de costas para a teletela. Era mais seguro, embora, como ele bem sabia, até mesmo as costas pudessem revelar algo. A um quilômetro dali, o Ministério da Verdade, seu local de trabalho, destacava-se com sua fachada grande e branca na paisagem escurecida pela fuligem. Aquilo, pensou com certa repugnância, era Londres, a principal cidade da Faixa Aérea Um, a terceira mais populosa das províncias da Oceania. Ele tentou buscar alguma recordação da infância para confirmar se Londres realmente nunca mudara. Aquela vista de casas do século XIX apodrecendo, com as laterais escoradas por vigas de madeira, as janelas tapadas com papelão, e os telhados, com ferro corrugado, e o muro rachado dos jardins cedendo em toda parte, sempre tinham sido assim? Os locais bombardeados onde o pó de gesso rodopiava no ar e brotos de salgueiro cresciam sobre pilhas de entulho, onde as bombas abriram uma clareira maior, em que brotavam colônias precárias de casas de madeira que mais pareciam galinheiros? Mas era inútil, ele não conseguia se lembrar: nada restava de sua infância, exceto um conjunto de *flashes* que apareciam sem contexto, a maioria sem nexo algum.

O Ministério da Verdade (Miniver, em Novidioma[1]) era muito diferente de qualquer outro prédio à vista. Uma estrutura piramidal enorme, de concreto branco reluzente, que, pavimento após pavimento, subia a trezentos metros do chão. De onde Winston estava era possível ler, destacados contra a fachada branca e em tipologia elegante, os três lemas do Partido:

GUERRA É PAZ

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

IGNORÂNCIA É FORÇA

O Ministério da Verdade controlava, dizia-se, três mil salas acima do nível do chão e as respectivas galerias abaixo. Espalhados por Londres havia três outros edifícios de aparência e tamanho parecidos que praticamente apagavam as construções ao redor. Do topo das Mansões Vitória podia-se enxergar os quatro ao mesmo tempo; eram as sedes dos quatro ministérios entre os quais se dividia o aparato completo do governo: o Ministério da Verdade, que se ocupava de notícias, diversão, educação e artes; o Ministério da Paz, que se ocupava da guerra; o Ministério do Amor, que mantinha a lei e a ordem; e o Ministério da Fartura, que era responsável pelos assuntos econômicos. Seus nomes, em Novidioma: Miniver, Minipaz, Miniamor, Minifar.

O Ministério do Amor era o mais temido. Nele não havia nenhuma janela. Winston nunca tinha estado lá dentro, nem a meio quilômetro de distância. Era um lugar de acesso impossível, a não ser em compromissos oficiais, e ainda assim só se entrava após atravessar um labirinto de arame farpado emaranhado, portas de aço e nichos com metralhadoras escondidas. Mesmo as ruas que conduziam até suas barreiras externas eram patrulhadas por guardas com cara de gorila em

uniformes pretos, armados de cassetetes articulados.

Winston se virou abruptamente. Havia programado seu perfil no modo de exibição otimismo tranquilo, aconselhável quando estivesse de frente para a teletela. Cruzou a sala rumo à cozinha minúscula. Ao sair do Ministério naquele horário, ele havia sacrificado o almoço na cantina, e estava ciente de não haver na cozinha nenhuma comida além de um naco de pão embolorado que precisava ser poupado para o café da manhã seguinte. Tirou do armário uma garrafa de líquido incolor com um rótulo branco, onde se lia GIM VITÓRIA. Exalava um cheiro enjoativo, gorduroso, que lembrava o arroz chinês. Winston encheu um copo com cuidado, preparou-se para o baque e engoliu de uma vez, como uma dose de remédio.

Seu rosto enrubesceu na hora, e lágrimas escorreram. O líquido parecia ácido nítrico e, além disso, ao passar pela garganta, a pessoa tinha a sensação de levar uma pancada com porrete de borracha na parte de trás da cabeça. Em seguida, porém, a queimação na barriga sumia, e o mundo começava a parecer mais alegre. Ele tirou um cigarro de um maço amarfanhado escrito CIGARROS VITÓRIA e sem querer virou a abertura para baixo, derrubando o tabaco no chão. Com o seguinte, teve mais sucesso. Voltou à sala e se sentou à mesinha que ficava à esquerda da teletela. Da gaveta da mesa tirou um porta-penas, um tinteiro e um caderno tamanho *in-quarto*, grosso, sem pauta, vermelho no verso e com capa marmorizada.

Por algum motivo, essa teletela ficava em uma posição incomum. Em vez de ser colocada, como era normal, na parede dos fundos, de onde poderia vigiar todo o ambiente, ficava na parede mais longa, em frente à janela. De um dos lados havia um recuo discreto, onde Winston estava sentado agora e que, quando os apartamentos foram construídos,

provavelmente tinha sido projetado para conter prateleiras de livros. Ao sentar-se nesse canto, no ponto mais fundo possível, Winston conseguia escapar do alcance da teletela no que dizia respeito à imagem. Podia ser ouvido, claro; no entanto, enquanto ficasse na posição em que se encontrava naquele momento, não poderia ser visto. Em parte, a disposição incomum do cômodo dera a ele a ideia do que estava prestes a fazer.

Mas a ideia tinha sido sugerida também pelo caderno que acabara de tirar da gaveta e que era especialmente bonito. O papel suave cor de creme, um pouco amarelado pelo tempo, era de um tipo que já não se fabricava ao menos há quarenta anos. Entretanto, ele sabia que o caderno era muito mais velho; tinha-o visto na vitrine de uma lojinha de antiguidades em algum bairro pobre da cidade (em qual, exatamente, ele não conseguia lembrar) e foi tomado por um desejo avassalador de possuí-lo. Não era rotineiro que membros do Partido frequentassem lojas comuns (“negociações no mercado livre”, era o nome), mas a norma não era cumprida com muito rigor, porque havia diversos itens, como cadarços e lâminas de barbear, os quais era impossível obter por outro meio. Winston olhara rápido para os dois lados da rua antes de entrar e comprar o caderno por dois dólares e cinquenta. Na hora, não sabia se o usaria para algum propósito específico; levou-o para casa dentro da pasta, sentindo-se muito culpado. Mesmo não havendo nada escrito, era uma posse comprometedora.

Ele estava prestes a inaugurar um diário, o que não era ilegal (na verdade, tudo era legal, uma vez que já não existiam leis). Porém, se fosse descoberto, seria com razoável grau de certeza punido com a morte ou ao menos vinte e cinco anos em um campo de trabalhos forçados. Winston encaixou um bico no

porta-penas e sugou para remover a graxa. A pena era um instrumento arcaico, raramente usado até em assinaturas, e ele havia conseguido uma, no sigilo e com alguma dificuldade, apenas pela sensação de que o belo papel cor de creme merecia receber uma escrita feita com bico de verdade em vez de ser rabiscado por uma caneta. Na verdade, Winston não estava habituado a escrever à mão. Exceto por notas muito breves, o costume era ditar tudo na falaescreve, o que era evidentemente impossível, dada sua presente intenção. Ele mergulhou o bico da pena na tinta e hesitou por um segundo. Um tremor invadira suas entranhas. Marcar o papel era um ato decisivo. Em letras pequenas e desajeitadas, escreveu:

4 de abril de 1984.

Recostou-se. Um sentimento de completo desamparo o invadiu. Para começar, não sabia com certeza se era mesmo 1984. Devia ser por volta disso, já que ele estava bastante seguro de sua idade ser 39 anos, e acreditava ter nascido em 1944 ou 1945; mas atualmente não era possível precisar uma data no intervalo de um ou dois anos.

Para quem, ocorreu-lhe de súbito perguntar, ele estava escrevendo o diário? Para o futuro, para os ainda não nascidos. Sua mente pairou por um momento sobre a data duvidosa na página e depois, com um solavanco, topou com a palavra em Novidioma "duplopensar". Pela primeira vez foi atingido em cheio pela magnitude do que havia feito. Como alguém poderia se comunicar com o futuro? Era impossível pela própria natureza. Talvez o futuro se parecesse com o presente (e nesse caso não lhe daria ouvidos), ou seria diferente, e seu dilema não faria sentido.

Durante um tempo Winston ficou ali, encarando o papel, sem saber o que fazer. A teletela havia mudado para uma música

militar estridente. Era curioso como ele parecia não apenas ter perdido a capacidade de se expressar, mas também haver esquecido até mesmo o que originalmente pretendia dizer. Por semanas tinha se preparado para aquele momento, e jamais lhe ocorrera que algo além de coragem fosse necessário. A escrita em si seria fácil. Tudo o que tinha a fazer era transferir para o papel o monólogo sem descanso, interminável, que ocupava sua cabeça há, literalmente, anos e que agora parecia ter silenciado. Além do mais, a úlcera varicosa tinha começado a comichar insuportavelmente. Não se atrevia a coçar, porque quando o fazia ela sempre inflamava. Os segundos passavam. Winston não tinha consciência de nada além do vazio da página à frente, da coceira na pele acima do tornozelo, da estridência da música e da ligeira tontura causada pelo gim.

De repente, começou a escrever em absoluto pânico, não muito ciente do que estava pondo no papel. A caligrafia pequena e infantil subia e descia pela página, abandonando primeiro as maiúsculas e depois até os pontos finais.

4 de abril de 1984. Ontem à noite na projeção. Todos os filmes de guerra. Um muito bom um de um barco cheio de refugiados sendo bombardeados em algum lugar do Mediterrâneo. Plateia adorou cenas de um homem imenso de gordo tentando fugir a nado com um helicóptero perseguindo ele. primeiro você via o homem mergulhando na água como uma toninha, depois você via ele através da mira das armas dos helicópteros e depois o homem ficou cheio de furos e a água do mar em volta dele ficou rosa e ele afundou tão de repente como se os buracos tivessem deixado a água entrar, a plateia gritando de tanto rir quando ele afogou, depois você via um bote salva-vidas cheio de crianças e um helicóptero sobrevoando. tinha uma mulher de meia-idade que podia ser judia sentada na

proa com um menininho de uns três anos no braço, menininho berrando de medo e escondendo a cabeça entre os peitos dela como se tentasse se entocar dentro dela e a mulher colocando os braços em volta dele e confortando ele apesar de ela mesma estar azul de pavor e o tempo todo cobrindo ele tanto quanto possível como se achasse que os braços dela podiam evitar os tiros nele. depois o helicóptero jogou uma bomba de vinte quilos no meio deles clarão terrível e o barco explodiu e ficou como palitos de fósforo e daí veio uma cena maravilhosa de braços de criança subindo pro alto e alto e alto voando pelos ares e um helicóptero com uma câmera no nariz deve ter acompanhado enquanto subiam e teve um monte de aplauso dos assentos do partido mas uma mulher na parte dos proletários de repente começou a armar uma confusão gritando que eles não deviam ter mostrado aquilo não na frente de crianças que não era certo não na frente de crianças e que não era certo até que a polícia levou ela levou ela pra fora e eu não faço ideia do que aconteceu com ela ninguém liga pro que os proletas falam é uma reação típica de proleta eles nunca

Winston parou de escrever, em parte porque estava com câimbra. Não sabia o que o levara a despejar aquela torrente de bobagens, mas curiosamente, enquanto fazia aquilo, uma lembrança totalmente diferente havia se tornado nítida em sua cabeça, a ponto de quase se sentir inclinado a registrá-la. Percebia agora que, por causa desse outro incidente, havia decidido de repente vir para casa e começar o diário.

Tinha acontecido naquela manhã no Ministério, como se fosse possível ter certeza sobre algo tão nebuloso.

Eram quase onze horas e no Departamento de Registros, onde Winston trabalhava, estavam arrastando as cadeiras para

fora dos cubículos e agrupando-as no centro do salão, em frente à grande teletela, em preparação para os Dois Minutos de Ódio. Winston estava prestes a assumir seu lugar em uma das fileiras do meio quando duas pessoas que ele conhecia de vista, mas com quem nunca tinha conversado, entraram subitamente. Uma delas era a moça por quem ele sempre passava nos corredores. Não sabia o seu nome, lembrava apenas que trabalhava no Departamento de Ficção. Presumivelmente, já que algumas vezes a tinha visto com as mãos sujas de óleo, levando uma chave inglesa, ela desempenhava alguma tarefa mecânica em uma das máquinas escrevedoras de romances. Era uma moça de aparência provocante, de seus 27 anos, com cabelo preto grosso, rosto sardento e movimentos ágeis, atléticos. Tinha uma faixa escarlate estreita, emblema da Liga Juvenil Antissexo, enrolada diversas vezes na cintura por cima do macacão, justa apenas o suficiente para realçar a silhueta dos quadris. Winston não fora com a cara dela desde a primeira vez que a vira. E sabia por quê. Era por causa da atmosfera de campos de hóquei, banhos frios, trilhas comunitárias e pureza mental generalizada que ela carregava. Winston via muitos defeitos em quase todas as mulheres, em especial nas jovens e bonitas. Eram sempre elas, principalmente as jovens, as adeptas mais fanáticas do Partido, as que incorporavam os lemas, as espiãs amadoras que denunciavam o que era inortodoxo. Mas aquela moça em particular lhe dava a impressão de ser mais perigosa do que a maioria. Uma vez, quando ambos se cruzaram no corredor, ela lhe lançou um breve olhar de esguelha que pareceu perfurá-lo e, por um instante, preenchê-lo de absoluto terror. Winston chegou a pensar que ela pudesse ser uma agente da Polícia do Pensamento, o que, verdade seja dita, era muito improvável. Mesmo assim, continuou a sentir um desconforto peculiar, misto de medo e hostilidade, sempre que

a moça estava por perto.

A outra pessoa era um homem chamado O'Brien, membro do Núcleo do Partido e titular de um cargo tão importante e afastado que Winston tinha apenas uma vaga ideia sobre sua natureza. Um silêncio momentâneo perpassou o grupo de pessoas em volta das cadeiras quando viram o macacão preto de um membro do Núcleo do Partido se aproximar. O'Brien era um homem grande, corpulento, de pescoço largo e rosto grosseiro, irônico, brutal. A despeito de sua aparência terrível, havia certo charme em suas maneiras. Possuía um tique, ajustar os óculos sobre o nariz, que curiosamente desarmava as pessoas, de um modo estranho, mas civilizado. Esse gesto, se alguém ainda raciocinasse em tais termos, poderia lembrar um nobre cavalheiro do século XVIII oferecendo sua caixa de rapé. Winston tinha visto O'Brien talvez umas doze vezes em quase igual número de anos. Sentia-se profundamente atraído por ele, e não apenas porque se sentia intrigado pelo contraste entre os modos polidos e o físico de lutador. Era mais por causa de uma crença secreta; ou talvez não chegasse a acreditar e fosse tão somente uma esperança, a de que a ortodoxia política de O'Brien não era perfeita. Algo em seu rosto sugeria isso. No entanto, talvez não fosse a inortodoxia estampada em seu rosto, mas apenas sua inteligência. De todo modo, ele parecia ser alguém com quem se poderia conversar, se de algum jeito você conseguisse ludibriar a teletela e encontrá-lo sozinho. Winston jamais fizera o mínimo esforço no sentido de testar seu palpite; não havia como fazer isso, de fato. Nesse momento, O'Brien consultou o relógio de pulso, viu que eram quase onze horas e então decidiu ficar no Departamento de Registros até que os Dois Minutos de Ódio terminassem. Ocupou um assento na mesma fileira de Winston, dois lugares depois. Uma mulher baixa de cabelo cor

de areia que trabalhava no cubículo vizinho ao de Winston estava entre eles. A moça de cabelo preto sentara-se imediatamente atrás.

No instante seguinte, um discurso hediondo, estrondoso, como se saísse de uma máquina monstruosa sem lubrificação, explodiu da grande teletela no fim da sala. O ruído fazia uma pessoa ranger os dentes e arrepiava os pelos da nuca. O Ódio tinha começado.

Como sempre, o rosto de Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, apareceu na tela. Houve assovios esparsos na plateia. A baixinha de cabelo cor de areia guinchou de medo e repulsa. Goldstein era o renegado decadente que, muito tempo atrás (ninguém lembrava direito quando), fora um dos líderes do Partido, quase no mesmo nível do próprio Grande Irmão, e depois se envolveu em atividades contrarrevolucionárias, foi condenado à morte, escapou misteriosamente e desapareceu. O programa dos Dois Minutos de Ódio variava de um dia para o outro, mas não havia nenhum em que Goldstein não fosse a principal figura. Era o traidor original, o primeiro negador da pureza do Partido. Todos os crimes subsequentes contra o Partido, todas as deslealdades, os atos de sabotagem, heresias e desvios surgiram diretamente dos ensinamentos dele. Em algum lugar ele ainda estava vivo, maquinando suas conspirações: talvez além do mar, sob a proteção de seus financiadores; talvez, até, de acordo com rumores ocasionais, em um esconderijo na própria Oceania.

O diafragma de Winston contraiu-se. Ele nunca via a cara de Goldstein sem ter uma sofrida mistura de emoções. Era uma cara judia magra, com uma grande auréola de cabelos brancos volumosos e uma barbicha de bode; uma cara esperta e, ainda assim, de algum modo, tão desprezível, com um tipo de imbecilidade senil no nariz comprido e fino em que se apoiava

um par de óculos. Sua cara lembrava a de uma ovelha, assim como a voz. Goldstein fazia seu costumeiro ataque peçonhento contra as doutrinas do Partido – tão exagerado e perverso que nem uma criança acreditaria; apesar disso, seria capaz de alarmar uma pessoa com a sensação de que outros, menos sensatos, poderiam ser enganados. Ele insultava o Grande Irmão, denunciava a ditadura do Partido, exigia o fim imediato da paz com a Eurásia, defendia liberdade de discurso, de imprensa, de reunião e de pensamento. Gritava histericamente que a revolução fora sabotada, e tudo isso em um discurso acelerado e polissilábico, um tipo de paródia do estilo habitual dos oradores do Partido e até com palavras em Novidioma; inclusive, mais do que qualquer membro do Partido usaria normalmente na vida real. E o tempo todo, para que ninguém duvidasse da realidade que a armadilha capciosa de Goldstein encobria, atrás da cabeça dele na teletela marchavam as colunas infindáveis do exército eurasiano, fileiras após fileiras de homens de aparência equilibrada e rostos asiáticos sem expressão, que vinham à superfície da tela e depois recuavam, para serem substituídos por outros extremamente parecidos. O ritmo monótono do impacto das botas dos soldados formava o pano de fundo para o balido de Goldstein.

Antes que o Ódio chegasse a trinta segundos, exclamações incontroláveis de raiva irromperam de metade das pessoas no salão. A cara de ovelha satisfeita na tela e o poder aterrador do exército eurasiano atrás dela eram mais do que se podia suportar; além disso, a visão de Goldstein ou mesmo pensar nele despertava automaticamente medo e raiva. Era um alvo de ódio mais constante do que a Eurásia e a Lestásia, uma vez que, quando a Oceania ficou em guerra com uma dessas forças, estava em paz com a outra. Mas era estranho que, embora Goldstein fosse odiado e desprezado por todos,

embora todos os dias, e mil vezes por dia, em plataformas, na teletela, nos jornais, em livros suas teorias fossem refutadas, esmagadas, ridicularizadas, exibidas para que todos vissem a bobagem patética que eram; apesar disso tudo, sua influência parecia nunca diminuir. Sempre surgiam novos idiotas prontos a serem seduzidos por ele. Não havia um dia sem que espiões e sabotadores, agindo sob suas ordens, fossem desmascarados pela Polícia do Pensamento. Ele era o comandante de um vasto exército sinistro, uma rede subterrânea de conspiradores dedicados a derrubar o Estado; a "Irmandade", supunha-se que fosse esse o nome. Também corriam à boca miúda histórias sobre um livro terrível, um compêndio de todas as heresias, cujo autor era Goldstein e que circulava clandestinamente aqui e ali. Era um livro sem título. As pessoas se referiam a ele, quando se referiam, simplesmente como *o livro*. Mas só se sabia disso por boatos sem fundamento. Nem a Irmandade nem *o livro* eram assunto que algum membro comum do Partido mencionaria se houvesse um modo de evitar.

No segundo minuto, o Ódio chegou ao arrebatamento. As pessoas pulavam em seus lugares e gritavam a plenos pulmões, no esforço de calar a enlouquecedora voz de balido que saía da tela. A mulherzinha dos cabelos cor de areia enrubesceu de fúria, e sua boca se abria e fechava como a de um peixe sem ar. Até o rosto marcante de O'Brien ficara corado. Ele estava sentado bem ereto na cadeira, o peito forte inflado e tremendo como se enfrentasse o ataque de uma onda. A moça de cabelo preto atrás de Winston tinha começado a berrar "Porco! Porco! Porco!", e de repente pegou um exemplar pesado do dicionário de Novidioma e o atirou contra a tela. Atingiu o nariz de Goldstein e quicou de volta; a voz continuou, inabalável. Em um momento de lucidez, Winston percebeu que berrava com os demais e batia os calcanhares

violentamente contra o pé da cadeira. A pior coisa em relação aos Dois Minutos de Ódio não era a pessoa ser obrigada a desempenhar um papel, mas o fato de ser impossível não se juntar aos outros. Depois de trinta segundos, qualquer fingimento se tornava desnecessário. Um êxtase hediondo de medo e vingança, um desejo de matar, de torturar, de esmagar cabeças com uma marreta parecia fluir através do grupo como uma corrente elétrica, transformando cada um, mesmo contra a própria vontade, em um lunático deformado e histérico. No entanto, a raiva sentida era uma emoção abstrata, caótica, que poderia mudar de um alvo para outro como a chama de um maçarico. Assim, em dado momento, o ódio de Winston não se voltava em absoluto contra Goldstein, mas, ao contrário, ia contra o Grande Irmão, o Partido e a Polícia do Pensamento; em tais momentos, seu coração se solidarizava com o herege solitário e escarnecido na tela, guardião único da verdade e da sanidade em um mundo de mentiras. E mesmo assim, no instante seguinte, ele estava de novo unido às pessoas que o cercavam, e tudo que era dito sobre Goldstein parecia fazer sentido. Nessas horas, seu desprezo secreto pelo Grande Irmão se transformava em adoração, e o Grande Irmão parecia se agigantar, protetor invencível e destemido, firme como uma rocha contra as hordas da Ásia e de Goldstein, apesar de seu isolamento e desamparo. E a dúvida que pairava sobre a existência dele realmente parecia um feitiço sinistro, capaz de destruir a estrutura da civilização apenas com um comando de voz.

Em certos momentos era até possível, por um ato voluntário, guiar o ódio para uma direção ou outra. De repente, através do tipo de esforço violento com o qual se luta para afastar a cabeça do travesseiro durante um pesadelo, Winston conseguiu redirecionar seu ódio do rosto na tela para a moça de cabelo

preto atrás dele. Alucinações belas e vívidas espocaram em sua mente. Ele a açoitaria até a morte com um cassetete de borracha. Iria amarrá-la nua a uma estaca e depois a cravaria de flechas, como São Sebastião. Trataria de violentá-la e cortaria sua garganta no momento do clímax. Além disso, percebia agora, melhor do que antes, *por que* a odiava: a moça era jovem, bonita e assexuada; queria ir para a cama com ela e jamais conseguiria, porque ao redor de sua cintura sinuosa, que parecia pedir que alguém a enlaçasse, havia apenas a odiosa faixa escarlate, símbolo agressivo de celibato.

O Ódio chegou ao ápice. A voz de Goldstein tinha se transformado em um balido ovino e, por um instante, a cara também era de uma ovelha. Depois, a cara se diluiu na imagem de um soldado eurasiano que parecia avançar, enorme e terrível, com a submetralhadora rangendo, prestes a saltar da superfície da tela, a ponto de fazer algumas pessoas na primeira fila se encolher nas cadeiras. Mas no mesmo momento, arrancando um profundo suspiro de alívio da plateia, a imagem hostil se converteu no rosto do Grande Irmão, cabelo preto, bigode preto, cheio de poder e misteriosamente calmo, tão imenso que preenchia a tela quase inteira. Ninguém ouviu o que o Grande Irmão dizia. Eram apenas umas poucas palavras de motivação, do tipo que se pronuncia em meio ao ruído de um combate, sons incompreensíveis separadamente, mas que juntos restauram a confiança pelo fato de serem verbalizados. Em seguida, o rosto do Grande Irmão sumiu e em seu lugar surgiram em letras maiúsculas negritadas os três lemas do Partido:

GUERRA É PAZ

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

IGNORÂNCIA É FORÇA

O rosto do Grande Irmão pareceu continuar por vários segundos na tela, como se o impacto causado nos olhos de todos fosse real demais para esvanecer imediatamente. A mulherzinha de cabelo cor de areia havia se atirado sobre o encosto da cadeira em frente. Com um sussurro trêmulo que soava como "Meu Salvador!", ela estendeu os braços em direção à tela. Depois, enterrou o rosto nas mãos. Parecia balbuciar uma oração.

Neste momento, o grupo começou a entoar um cântico profundo, lento, rítmico, de "G-I!… G-I!… G-I!" de novo e de novo, muito devagar, com uma pausa longa entre o G e o I, um murmúrio denso, sonoro, de algum modo até selvagem, ao fundo do qual parecia que se escutava a batida de pés descalços e a pulsação de gongos. Isso continuou por talvez trinta segundos. Esse refrão sempre era entoado em momentos de emoção avassaladora. Em parte, tratava-se de uma espécie de hino à sabedoria e à majestade do Grande Irmão; mas além disso era um ato de auto-hipnose, uma imersão na consciência por meio desse ritmo marcado. As entranhas de Winston pareceram congelar. Nos Dois Minutos de Ódio, ele não conseguia se desvencilhar do delírio coletivo, mas aquele canto infra-humano de "G-I!… G-I!…" sempre o aterrorizava. É claro que ele cantava com o resto: era impossível fazer o contrário. Dissimular seus sentimentos, controlar a expressão, fazer o que todos os demais faziam eram reações instintivas. Mas houve um intervalo de poucos segundos durante os quais seus olhos poderiam tê-lo traído. E foi exatamente aí que algo significativo aconteceu, se é que, de fato, tinha acontecido.

Por um instante, ele fitou os olhos de O'Brien, que tinha se levantado; havia tirado os óculos e ia recolocá-los no nariz com o gesto característico. Mas houve então uma fração de segundo em que seus olhos se encontraram e, no tempo

necessário para isso acontecer, Winston soube (sim, ele *soube*!) que O'Brien estava pensando a mesma coisa que ele. Foi uma telepatia, como se as duas mentes se abrissem e os pensamentos fluíssem de uma para outra através dos olhos de ambos. "Estou com você", O'Brien parecia estar lhe dizendo. "Sei exatamente o que você está sentindo. Sei tudo sobre seu desprezo, seu ódio, sua aversão. Mas não se preocupe, estou do seu lado!". E depois a centelha de inteligência desapareceu, e o rosto de O'Brien ficou tão inexpressivo quanto o de todos os outros.

Era só isso, e ele já estava inseguro sobre ter mesmo acontecido. Tais incidentes nunca tinham algum desdobramento. Só o que eles faziam era manter viva nele a crença, ou a esperança, de que outros também fossem inimigos do Partido. Talvez os rumores sobre amplas conspirações subterrâneas fossem verdadeiros, afinal; talvez a Irmandade existisse mesmo. Apesar das intermináveis prisões, confissões e execuções, era impossível ter certeza de que a Irmandade não era apenas um mito. Alguns dias ele acreditava nela; em outros, não. Não havia evidências, apenas *flashes* que poderiam significar algo ou nada: fragmentos de conversas entreouvidas, rabiscos desbotados nas paredes do banheiro; e mesmo, uma vez, quando dois estranhos se encontraram, um ligeiro movimento de mãos que talvez fosse um sinal de reconhecimento. Era apenas um exercício de adivinhação e muito provavelmente ele tinha imaginado tudo. Depois voltou a seu cubículo sem olhar para O'Brien outra vez. A ideia de dar sequência ao contato momentâneo nem lhe passou pela cabeça. Teria sido bem perigoso, mesmo que ele soubesse como proceder para fazê-lo. Por um segundo, dois segundos, eles haviam trocado um olhar ambíguo, e aquilo era o fim da história. Mas até isso era um evento memorável, na solidão

trancafiada em que se vivia.

Winston se levantou e endireitou a coluna. Soltou um arroto. O gim estava provocando um refluxo.

Seus olhos voltaram à página. Ele descobriu que, enquanto estava sentado, refletindo em desamparo, havia também escrito, como em um ato automático. E já não era a mesma caligrafia estranha e desajeitada de antes. A pena deslizou fácil sobre o papel macio, registrando em caprichadas letras maiúsculas:

ABAIXO O GRANDE IRMÃO

ABAIXO O GRANDE IRMÃO

ABAIXO O GRANDE IRMÃO

ABAIXO O GRANDE IRMÃO

ABAIXO O GRANDE IRMÃO

e assim sucessivamente, preenchendo metade de uma página.

Ele não conseguiu evitar uma pontada de pânico. Era absurdo, já que escrever aquelas palavras em particular não era mais perigoso do que o ato de começar um diário; mas, por um instante, viu-se tentado a rasgar as páginas estragadas e abandonar de uma vez a empreitada.

Não fez isso porque sabia que era inútil. Se escrevesse ABAIXO O GRANDE IRMÃO ou se se abstivesse de escrever, era indiferente. Quer ele prosseguisse com o diário, quer não, era indiferente. A Polícia do Pensamento iria pegá-lo do mesmo jeito. Ele havia cometido (e teria cometido de qualquer maneira, ainda que nunca tivesse pousado a caneta no papel) o crime essencial que continha em si todos os demais. Pensamentocrime, eles chamavam. O crime de pensamento não era algo que se pudesse ocultar para sempre.

Você podia conseguir se esconder por um período, até mesmo por anos, mas cedo ou tarde seria descoberto.

Era sempre à noite; as prisões eram invariavelmente noturnas. O súbito arrancar do sono, a mão bruta sacudindo seu ombro, as luzes ofuscando seus olhos, o círculo de rostos duros em volta da cama. Na maioria dos casos não havia julgamento nem notícia da prisão. As pessoas simplesmente desapareciam no breu. Seu nome era removido dos documentos, todos os registros eram eliminados, sua antiga existência era negada e, depois, esquecida. Você era abolido, aniquilado; "vaporizado" era a palavra usual.

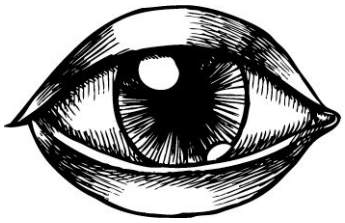
Por um momento ele foi dominado por uma histeria. Começou a escrever em garatujas apressadas e confusas:

eles vão atirar em mim eu não ligo eles vão me dar um tiro na nuca eu não ligo abaixo o grande irmão eles sempre atiram na sua nuca eu não ligo abaixo o grande irmão

Endireitou-se na cadeira, ligeiramente envergonhado de si mesmo, e pousou a pena. No instante seguinte, deu um pulo. Estavam batendo à porta.

Já! Winston ficou sentado, imóvel como um rato, na esperança vã de que a pessoa, não importa quem fosse, partisse depois de uma única tentativa. Mas não, a batida se repetiu. A demora era a pior coisa. Seu coração batia como um tambor, mas o rosto, como sempre, provavelmente estava inexpressivo. Ele se levantou e caminhou devagar em direção à porta.

Novidioma era a língua oficial da Oceania. Para informações detalhadas sobre sua estrutura e etimologia, consultar o Apêndice.



Capítulo 2

Ao colocar a mão na maçaneta, Winston viu que tinha deixado o diário aberto sobre a mesa. ABAIXO O GRANDE IRMÃO estava escrito nele todo, em letras grandes quase o suficiente para serem lidas desde o lado oposto da sala. Foi uma atitude estúpida demais. Porém, ele percebeu, mesmo em pânico, que não quisera borrar o papel creme fechando o caderno enquanto a tinta estava úmida.

Respirou fundo e abriu a porta. Instantaneamente sentiu o calor do alívio. Uma mulher pálida, de aparência abatida, cabelo ralo e rosto enrugado, estava parada do lado de fora.

– Ah, camarada – ela começou, com uma voz triste, meio chorosa. – Eu achei mesmo que tinha ouvido você entrar. Acha que poderia vir dar uma espiada na nossa pia da cozinha? Está entupida e…

Era a senhora Parsons, a esposa de um vizinho do mesmo andar (a palavra "senhora" era um tanto reprovada pelo Partido; presumia-se que todos se tratassem por "camarada", mas com algumas mulheres acabava-se usando por instinto). Tratava-se de uma mulher por volta dos 30 anos, mas que aparentava bem mais. Tinha-se a impressão de haver poeira nos vincos de seu rosto. Winston a acompanhou pelo corredor. Esses serviços amadores de conserto eram uma irritação quase diária; as Mansões Vitória constituíam-se de apartamentos velhos, construídos nos anos 1930 ou por essa época, e

estavam caindo aos pedaços. Lascas de gesso se desprendiam constantemente dos tetos e das paredes, o encanamento estourava sempre que congelava, o telhado pingava quando havia neve, e o sistema de aquecimento geralmente funcionava pela metade, isso quando não era cortado por motivos econômicos. Consertos, excetuando-se os que você pudesse fazer por conta própria, precisavam ser sancionados por comitês distantes, capazes de atrasar até o conserto de uma janela por dois anos.

– Só chamei porque o Tom não está em casa – disse a senhora Parsons.

O apartamento dos Parsons era maior do que o de Winston, e sombrio de um jeito diferente. Tudo tinha uma aparência combalida, pisoteada, como se o lugar tivesse acabado de ser visitado por algum animal grande e violento. Indumentária esportiva (tacos de hóquei, luvas de boxe, uma bola de futebol estourada, um par de calções suados e virados do avesso) se espalhava por todo o piso, e sobre a mesa havia uma pilha de louça suja e um livro de exercícios com orelhas nas páginas. Nas paredes, bandeiras escarlate da Liga Jovem e dos Espiões e um grande cartaz do Grande Irmão. Pairava o cheiro habitual de repolho cozido comum ao edifício todo, mas atravessado por um fedor mais intenso de suor. Podia-se saber na primeira farejada, embora fosse difícil dizer como, que se tratava do cheiro de uma pessoa ausente naquele momento. Em outro cômodo, alguém com um pente e um pedaço de papel higiênico tentava manter a sintonia da música militar ainda emitida pela teletela.

– São as crianças – disse a senhora Parsons, lançando um olhar um tanto apreensivo para a porta. – Elas ainda não saíram hoje. E é claro…

A mulher tinha o costume de interromper as frases pela metade. A pia da cozinha estava cheia quase até a borda de uma água verde imunda que fedia até mais do que repolho. Winston se ajoelhou e examinou a junção do cano em ângulo. Detestava usar as mãos e se curvar, coisas que sempre o faziam tossir. A senhora Parsons observava, sem poder ajudar.

– Claro que se o Tom estivesse em casa ele daria um jeito num instante – ela disse. – Ele adora essas coisas; o Tom é ótimo nessas tarefas.

Tom Parsons era colega de Winston no Ministério da Verdade. Homem gordo, mas ativo, de uma burrice paralisante, uma massa de entusiasmos imbecis; um daqueles trabalhadores devotados e absolutamente não questionadores dos quais, mais até do que da Polícia do Pensamento, dependia a estabilidade do Partido. Aos 35 anos e muito contra a sua vontade, tinha acabado de ser expulso da Liga Jovem e, antes de se formar nessa liga, conseguira ficar nos Espiões por um ano além da idade estabelecida no estatuto. No Ministério, trabalhava em um posto subordinado para o qual a inteligência não era requisito. Porém, era figura de destaque no Comitê de Esportes e em todos os outros envolvidos com a organização de caminhadas, demonstrações espontâneas, campanhas de poupança e atividades voluntárias em geral. Parsons comentava com orgulho discreto, entre baforadas no cachimbo, que havia marcado presença no Centro Comunitário todas as noites dos últimos quatro anos. Um cheiro avassalador de suor, uma espécie de testemunho inconsciente da exaustão de sua vida, seguia-o por onde fosse e permanecia no ar depois que ele partia.

– A senhora tem uma chave inglesa? – indagou Winston, lutando com a porca da junção.

– Uma chave inglesa – repetiu a senhora Parsons, tornando-se imediatamente sem energia. – Eu não sei, não tenho certeza. Quem sabe as crianças…

Houve um som pesado de passos e outra descarga no pente enquanto as crianças invadiam a sala de estar. A senhora Parsons trouxe a chave inglesa. Winston deixou sair a água e, enojado, removeu o coágulo de cabelo humano que tinha entupido o cano. Limpou os dedos o melhor que pôde na água fria da torneira e voltou para a sala.

– Mãos pra cima! – gritou uma voz selvagem.

Um menino bonito de 9 anos e aparência durona havia surgido de trás da mesa e o ameaçava com uma pistola automática de brinquedo, enquanto a irmã menor, cerca de dois anos mais nova, fazia o mesmo gesto com um pedaço de madeira. Ambos vestiam as bermudas azuis, camisas cinza e os lenços vermelhos que eram o uniforme dos Espiões. Winston levantou as mãos acima da cabeça, sentindo-se desconfortável, pois o comportamento do menino, muito rancoroso, indicava que aquilo não era absolutamente uma brincadeira.

– Você é um traidor! – o menino gritou. – Você é um criminoso do pensamento! Você é um espião eurasiano! Vou atirar em você, vou vaporizar você, vou mandar você para as minas de sal!

De repente as duas crianças começaram a pular em volta de Winston, gritando “Traidor!” e “Criminoso do pensamento!”, a menininha imitando o irmão em todos os movimentos. De certa forma, era um pouco assustador, como as brincadeiras dos filhotes de tigre que logo crescem e se tornam devoradores de homens. Havia uma espécie de ferocidade calculista nos olhos do menino, um desejo muito evidente de bater no

visitante ou chutá-lo, e uma consciência de ser quase grande o suficiente para fazê-lo. “Ainda bem que ele não está segurando uma pistola de verdade”, pensou Winston.

Os olhos tensos da senhora Parsons iam e voltavam de Winston para as crianças. Na luz mais forte da sala de estar ele confirmou que de fato *havia* poeira nos vincos do rosto dela.

– Esses dois estão muito agitados – ela falou. – Eles se decepcionaram por não poder assistir ao enforcamento, foi isso. Estou muito ocupada para levá-los, e o Tom não vai voltar do trabalho a tempo.

– Por que não podemos ver o enforcamento? – rugiu o menino em voz alta.

– Queremos ver o enforcamento! Queremos ver o enforcamento! – cantou a menininha, ainda saltitando ao redor.

Winston se lembrou de que alguns prisioneiros eurasianos, condenados por crimes de guerra, seriam enforcados no Parque à noite. Isso acontecia cerca de uma vez por mês e era um espetáculo popular. Crianças sempre exigiam ser levadas para assistir. Ele se despediu da senhora Parsons e foi para a porta. Mas ainda não tinha dado seis passos no corredor quando algo o atingiu na nuca, provocando uma explosão agonizante de dor. Era como se fosse espetado por um cabo em brasa. Girou-se bem a tempo de ver a senhora Parsons arrastar o filho de volta para a porta, enquanto o menino guardava uma catapulta no bolso.

– Goldstein! – berrou o menino enquanto a porta se fechava.

No entanto, o que mais espantou Winston foi o olhar de medo impotente no rosto cinzento da mulher.

De volta ao apartamento, ele passou rápido em frente à teletela e se sentou à mesa de novo, ainda esfregando a nuca.

A música tinha parado. Em seu lugar, uma voz militar entrecortada lia, com uma espécie de deleite brutal, uma descrição dos armamentos da nova Fortaleza Flutuante que tinha acabado de ancorar entre a Islândia e as Ilhas Faroé.

Com aqueles filhos, Winston pensou, aquela mulher infeliz devia levar uma vida de terror. Mais um ano, dois anos, e eles a observariam dia e noite buscando indícios de inortodoxia. Quase todas as crianças eram horríveis naqueles dias. E o pior de tudo: por meio de organizações como os Espiões, eram sistematicamente transformadas em pequenos selvagens incontroláveis, e mesmo assim isso não despertava nelas a menor tendência para se rebelar contra a disciplina do Partido. Ao contrário, amavam o Partido e tudo relacionado a ele. As músicas, as procissões, as bandeiras, as caminhadas, as perfurações com rifles de mentirinha, o brado de lemas, a adoração ao Grande Irmão, tudo se tornava uma espécie de brincadeira gloriosa para elas. A ferocidade que sentiam era direcionada para fora, contra os inimigos do Estado, contra estrangeiros, traidores, sabotadores e criminosos do pensamento. Era quase normal que pessoas acima de 30 anos tivessem medo dos próprios filhos. E com razão, pois mal se passava uma semana sem que o *Times* trouxesse um parágrafo descrevendo como um pequeno espião furtivo, geralmente chamado "herói infantil", tinha entreouvido algum comentário comprometedor e denunciado os pais à Polícia do Pensamento.

A ardência provocada pela bala da catapulta passara. Winston pegou a pena, desanimado, pensando se teria mais alguma coisa para escrever no diário. De repente, começou a pensar em O'Brien de novo.

Muito tempo antes – quanto? Há uns sete anos –, ele sonhara estar andando em um quarto escuro como breu. E alguém sentado a seu lado havia falado, enquanto ele passava: "Nós

vamos nos encontrar em um lugar onde não há escuridão". Aquilo foi dito com muita tranquilidade, quase casualmente; era uma afirmação, não uma ordem. Ele continuou andando. O interessante foi que naquela hora, no sonho, as palavras não haviam causado grande impacto. Só mais tarde e aos poucos elas pareceram adquirir significado. Winston não conseguia se lembrar se vira O'Brien pela primeira vez antes ou depois do sonho, nem da primeira vez que identificara a voz como sendo de O'Brien. Não importa como fosse, a identificação existia. Era de O'Brien a voz que ouvira na escuridão.

Não conseguia ter certeza, mesmo depois do brilho nos olhos, naquela manhã; impossível confirmar se O'Brien era amigo ou inimigo. Também não parecia ter grande importância. Havia um vínculo de compreensão entre eles, mais importante do que afeto ou partidarismo. "Nós vamos nos encontrar em um lugar onde não há escuridão", ele disse. Winston não sabia o que isso significava, apenas que de uma forma ou de outra iria se realizar.

A voz da teletela parou. Um toque de trombeta, límpido e bonito, cortou o ar estagnado. A voz continuou, lancinante:

– Atenção! Sua atenção, por favor! Acabam de chegar notícias do *front* de Malabar. Nossas forças no Sul da Índia conquistaram uma vitória gloriosa. Posso dizer que a ação que agora reportamos poderá levar a guerra, em horizonte visível, a seu fim. Eis as notícias…

Más notícias a caminho, pensou Winston. E, conforme previsto, na sequência de uma descrição sangrenta sobre o aniquilamento de um exército da Eurásia, com imagens chocantes dos mortos e prisioneiros, anunciaram que, a partir da semana seguinte, a ração de chocolate seria reduzida de trinta gramas para vinte.

Winston arrotou de novo. O efeito do gim estava passando, deixando uma sensação de vazio. A teletela, talvez para celebrar a vitória ou desviar a lembrança do chocolate perdido, começou a tocar "Oceania, esta é para você". Winston deveria ficar em posição de sentido. Entretanto, em sua atual posição, estava invisível para a teletela.

"Oceania, esta é para você" deu lugar a uma música mais ligeira. Winston andou até a janela, mantendo-se de costas para a teletela. O dia continuava frio e claro. Em algum lugar ao longe uma bomba explodiu com um bramido lento, reverberante. Cerca de vinte ou trinta delas caíam sobre Londres atualmente.

Mais abaixo na rua, o vento balançava o rasgo do cartaz de um lado para outro, escondendo e exibindo a palavra SOCING. Socing. Os princípios sagrados do Socing. Novidioma, duplopensar, a mutabilidade do passado. Winston sentiu como se estivesse vagando nas florestas do fundo do mar, perdido em um mundo monstruoso em que ele próprio era o monstro. Encontrava-se sozinho. O passado estava morto, o futuro era inimaginável. Que certeza teria de que uma única criatura humana viva estava a seu lado? E como saber que o domínio do Partido não duraria *para sempre*? Como resposta, os três lemas na fachada branca do Ministério da Verdade voltaram à sua mente:

GUERRA É PAZ

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

IGNORÂNCIA É FORÇA

Ele tirou uma moeda de vinte e cinco centavos do bolso. Ali também, em tipologia minúscula e nítida, estavam inscritos os mesmos lemas, e, na face oposta da moeda, a cabeça do Grande Irmão. Até em uma moeda os olhos o perseguiam. Em

moedas, em selos, em capas de livros, em bandeiras, em cartazes e em maços de cigarros: em todo lugar. Sempre os olhos vigiando e a voz envolvendo você. Dormindo ou acordado, trabalhando ou comendo, dentro ou fora de casa, no banho ou na cama: sem escapatória. Nada lhe pertencia, a não ser os poucos centímetros cúbicos dentro do crânio.

O sol foi baixando, e a miríade de janelas do Ministério da Verdade, sem refletir a luz solar, parecia sombria como as seteiras de uma fortaleza. Seu coração apertou-se diante da enorme forma piramidal. Era forte demais, não poderia ser derrubada. Mil bombas não a destruiriam. Ele questionou de novo para quem estava escrevendo o diário. Para o futuro, para o passado; para uma época que poderia ser imaginária. E à sua frente se estendia não a morte, mas a aniquilação. O diário seria reduzido a cinzas, e ele, a vapor. Só a Polícia do Pensamento leria o que escrevesse antes de o varrerem da existência e da memória. Como fazer um apelo ao futuro quando nenhum traço de você, nem mesmo uma palavra anônima rabiscada em um pedaço de papel, poderia sobreviver fisicamente?

A teletela bateu as catorze horas. Ele precisava sair em dez minutos – deveria estar de volta ao trabalho antes das catorze e trinta.

Curiosamente, o soar das horas pareceu devolver-lhe o ânimo. Ele era um fantasma solitário expressando uma verdade que ninguém jamais ouviria. Mas, enquanto a expressasse, de algum modo obscuro a continuidade não seria interrompida. Não era se fazendo ouvir, e sim permanecendo lúcido, que você levava adiante a herança humana. Ele voltou à mesa, mergulhou a pena na tinta e escreveu:

Ao futuro ou ao passado, para uma época em que o

pensamento seja livre, quando os homens forem diferentes uns dos outros e não viverem sozinhos; *para uma época em que a verdade exista e o feito não possa ser desfeito:*

Da época da uniformidade, da época da solidão, da época do Grande Irmão, da época do duplopensar: saudações!

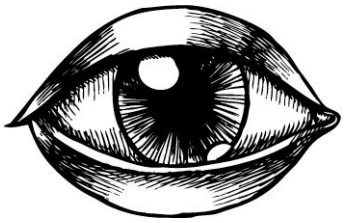
Já estava morto, refletiu. Parecia-lhe que só naquele instante, quando passara a ser capaz de formular pensamentos, havia dado o passo decisivo. As consequências de cada ato estavam embutidas no ato em si. Então escreveu:

Pensamentocrime não inclui a morte: pensamentocrime É a morte.

Uma vez que se reconhecia como um homem morto, era urgente permanecer vivo tanto quanto possível. Dois dedos de sua mão direita estavam manchados de tinta; era exatamente o tipo de detalhe que poderia trair você. Algum fanático intrometido do Ministério (uma mulher, provavelmente; alguém como a mulher baixinha de cabelo cor de areia ou a de cabelo preto do Departamento de Ficção) poderia começar a perguntar por que ele tinha andado escrevendo durante o intervalo do almoço e por que teria usado uma pena e *o que* teria escrito, e então fazer uma insinuação no momento adequado. Winston foi ao banheiro e cuidadosamente esfregou a tinta com o sabonete marrom escuro grosseiro que raspava sua pele como lixa e era, portanto, bastante apropriado.

Guardou o diário na gaveta. Era inútil pensar em escondê-lo, mas assim Winston poderia ao menos ter certeza de sua existência ter sido descoberta ou não. Um fio de cabelo colocado na extremidade da página era óbvio demais. Com a ponta do dedo ele recolheu um grão de poeira identificável e esbranquiçado e o posicionou no canto da capa, de onde

certamente se deslocaria se o caderno fosse mexido.



Capítulo 3

Winston sonhava com a mãe.

Devia ter, pensou, 10 ou 11 anos quando sua mãe desapareceu. Era uma mulher alta, escultural, muito calada, de movimentos calmos e cabelos loiros magníficos. Do pai ele se lembrava mais vagamente como sendo moreno e magro, sempre vestido com roupas escuras arrumadas (Winston se lembrava especialmente das solas muito finas dos sapatos do pai) e de óculos. Ambos evidentemente deviam ter sido engolidos em um dos primeiros grandes expurgos dos Anos Cinquenta.

No sonho, sua mãe, sentada em algum lugar nas profundezas abaixo dele, carregava a irmã mais nova nos braços. Ele não se lembrava de nada a respeito dela, exceto que era um bebê miúdo, sempre quieto, com grandes olhos atentos. Ambas olhavam para cima, na direção dele. Estavam em algum lugar subterrâneo – o fundo de um poço, por exemplo, ou um túmulo muito profundo –, mas era um lugar que, embora já muito abaixo dele, se abria ainda mais para baixo. Encontravam-se no salão de um navio que afundava, olhando-o através da água turva, para cima. Ainda havia ar no salão, elas conseguiam vê-lo, e ele a elas, mas continuavam afundando, mergulhando nas profundezas das águas verdes que em instantes as levariam para sempre. Winston estava fora, na luz e no ar, enquanto elas eram sugadas para a morte, e se encontravam lá no fundo *porque* ele estava na parte de

cima. Sabia disso e elas também, era nítido em seus olhos. Não havia reprovação no rosto delas nem em seus corações, apenas a ciência de que precisavam morrer para que ele pudesse permanecer vivo, e que isso era parte da ordem inevitável das coisas.

Winston não se lembrava do que tinha acontecido, mas em seu sonho sabia que de alguma forma a vida da mãe e a da irmã foram sacrificadas pela sua. Era um daqueles sonhos que, embora preservassem a atmosfera característica de sonho, constituíam uma continuação da vida intelectual de uma pessoa, em que ela se torna consciente de fatos e ideias que parecem novas e importantes mesmo depois que se acorda. Para Winston, o mais chocante era que a morte da mãe, quase trinta anos antes, tinha sido trágica e dolorosa além do aceitável. A tragédia, ele notou, pertencia aos tempos antigos, a um tempo em que ainda existiam privacidade, amor e amizade, e quando os membros de uma família se apoiavam mutuamente sem precisar saber a razão. A lembrança da mãe lhe doía no coração porque ela morrera amando-o quando ele era jovem e egoísta demais para retribuir esse amor, e, de algum modo, Winston não lembrava como, ela havia se sacrificado por um conceito de lealdade particular e imutável. Ele percebeu que coisas assim não poderiam mais acontecer, pois nos dias em que vivia existiam medo, ódio e sofrimento, mas nenhuma dignidade emocional nem tristezas profundas ou complexas. Tudo isso parecia estar nos grandes olhos da mãe e da irmã que olhavam para cima na direção dele através da água verde, centenas de braças abaixo e ainda afundando.

De repente, ele se viu em pé na relva baixa e viçosa, em uma tarde de verão, quando os raios oblíquos do sol douravam o solo. A paisagem que admirava era tão recorrente em seus sonhos que ele nunca tinha certeza de já tê-la visto ou não no

mundo real. Quando pensava nela acordado, chamava-a de Terra Dourada. Era um pasto seco, carcomido por coelhos, atravessado por uma trilha para caminhadas e pontilhado aqui e ali com montículos feitos por toupeiras. Na cerca irregular do lado oposto do terreno, os galhos dos olmos balançavam suavemente à brisa, as folhas se mexendo de leve nas copas como cabelos femininos. Em algum lugar próximo, embora fora do campo de visão, havia um riacho límpido, calmo, onde trutas nadavam nas piscinas formadas sob os salgueiros.

A moça de cabelo preto vinha cruzando o campo na direção dele. Com o que pareceu ser um movimento único, ela arrancou as roupas e as atirou para o lado de qualquer jeito. Seu corpo era branco e suave, mas não lhe despertou nenhum desejo; de fato, ele mal olhou. O que o dominou naquele instante foi a admiração pelo gesto com o qual ela havia jogado longe as roupas. Com sua graça e seu descuido, pareceu ter aniquilado toda uma cultura, todo um sistema de pensamento, como se o Grande Irmão, o Partido e a Polícia do Pensamento pudessem ser todos varridos para o nada somente por um movimento sublime. Aquele gesto também era um costume pertencente aos tempos antigos. Winston acordou com a palavra “Shakespeare” nos lábios.

A teletela soltava um silvo ensurdecedor que permaneceu na mesma nota por trinta segundos. Eram sete e quinze, hora de levantar para os trabalhadores de escritório. Winston arrastou o corpo para fora da cama; nu, pois membros das Margens do Partido recebiam apenas três mil cupons de roupa por ano, e um conjunto de pijamas custava seiscentos; pegou uma camiseta encardida e um calção, jogados em uma cadeira. As Atividades Físicas começariam em três minutos. No momento seguinte, foi prostrado por uma tosse violenta que quase sempre o atacava logo depois de acordar. Esvaziava seus

pulmões tão completamente que só conseguia começar a respirar de novo deitando-se de costas e fazendo uma série de inspirações profundas. Suas veias incharam com o esforço de tossir, e a úlcera varicosa começou a coçar.

– Grupo do trinta ao quarenta! – gritou uma voz feminina penetrante. – Grupo do trinta ao quarenta! Em posição, por favor. Trinta ao quarenta!

Winston se colocou em posição de sentido em frente à teletela, onde a imagem de uma mulher jovem, magricela, mas musculosa, vestindo túnica e calçados de ginástica, já tinha aparecido.

– Braços contraindo e estendendo! – ela ordenou. – Acompanhem o meu ritmo. *Um*, dois, três, quatro! *Um*, dois, três, quatro! Vamos lá, camaradas, um pouco de ânimo! *Um*, dois, três, quatro! *Um*, dois, três, quatro!

A dor pelo ataque de tosse não tinha apagado por completo da mente de Winston a impressão causada pelo sonho, e os movimentos rítmicos do exercício em parte a resgatou. Enquanto lançava roboticamente os braços para trás e para a frente, fazendo a expressão de satisfação contida apropriada durante as Atividades Físicas, ele se esforçava para voltar o pensamento até o período nebuloso de sua primeira infância. Era extremamente difícil. Não se lembrava de nada além do final dos Cinquenta. Quando não há registros externos para consultar, até o contorno da sua própria vida perde a nitidez. Você recorda eventos grandiosos que muito provavelmente não ocorreram, detalhes de incidentes sem conseguir resgatar sua atmosfera e longos períodos vazios aos quais você não consegue associar nada. Tudo era diferente, então. Até os nomes dos países, seus formatos no mapa, eram diferentes. A Faixa Aérea Um, por exemplo, não tinha esse nome: era

chamada de Inglaterra ou Bretanha, embora Londres, ele tinha quase certeza, tivesse sempre sido chamada de Londres.

Winston não conseguia se lembrar com clareza de um período em que seu país não estivesse em guerra, mas era evidente que teria havido um intervalo razoavelmente longo de paz durante sua infância, porque uma de suas memórias mais antigas era a de um ataque aéreo que pareceu pegar todos de surpresa. Talvez fosse quando a bomba atômica caiu em Colchester. Ele não se lembrava do ataque em si, mas recordava a mão do pai apertando a sua enquanto corriam para baixo, desciam cada vez mais para um lugar profundo na terra, girando e girando por uma escada em caracol que rangia sob seus pés e que, por fim, tanto exauriu suas pernas que ele começou a gemer e eles precisaram parar para descansar. A mãe, com seu jeito sonhador e calmo, ficou muito atrás. Carregava sua irmãzinha, ou talvez fosse apenas um fardo de cobertores: Winston não tinha certeza se a irmã já era nascida naquela época. Finalmente, emergiram em um lugar lotado e barulhento que ele percebeu ser uma estação de metrô.

Havia pessoas sentadas por todo o chão de paralelepípedos e outras, muito próximas, amontoadas em beliches de metal. Winston, a mãe e o pai encontraram um lugar no chão, e perto deles um homem e uma mulher idosos estavam sentados lado a lado em um beliche. O velho vestia um paletó preto decente e um gorro de tecido preto puxado para trás por cima do cabelo muito branco; seu rosto estava escarlate, e os olhos eram azuis e cheios de lágrimas. Ele fedia a gim. A bebida parecia exalar de sua pele em lugar do suor, e alguém poderia imaginar que as lágrimas inundando os olhos fossem gim puro. No entanto, apesar de um pouco bêbado, ele demonstrava uma tristeza genuína e insuportável. A seu modo infantil, Winston percebeu que alguma coisa horrível, que

estava além do perdão e jamais poderia ser remediada, tinha acabado de acontecer. Parecia saber de que se tratava. Alguém que o velho amava, um netinho talvez, tinha sido assassinado. A cada poucos minutos ele repetia:

– Não deveríamos ter confiado neles. Eu falei isso, Mãe, não falei? É isso que acontece quando se confia neles. Não deveríamos ter confiado naqueles tipos.

Mas em quais tipos eles não deveriam ter confiado? Winston não conseguia lembrar.

Desde mais ou menos aquela época, a guerra vinha sendo literalmente contínua, embora a rigor não fosse pelo mesmo motivo. Por vários meses ao longo de sua infância, conflitos de rua muito confusos tinham ocorrido na própria Londres, alguns dos quais ele recordava vividamente. Mas rastrear a história do período inteiro, dizer quem lutava contra quem em qualquer momento, teria sido absolutamente impossível, uma vez que nenhum registro escrito ou palavra pronunciada jamais havia feito menção a um alinhamento diferente do atual. Em 1984 (se fosse 1984), por exemplo, a Oceania estava em guerra com a Eurásia e alinhada à Lestásia. Em nenhuma verbalização pública ou privada foi admitido que as três forças, em alguma época, houvessem se agrupado de outro modo. No entanto, como Winston sabia muito bem, fazia apenas quatro anos que a Oceania tinha estado em guerra com a Lestásia e apoiado a Eurásia. Mas isso era apenas um fragmento de conhecimento furtivo que veio ao acaso, porque sua memória não estava em condições satisfatórias. Oficialmente, essa alternância de aliados jamais aconteceu. A Oceania fazia guerra contra a Eurásia: portanto, a Oceania sempre estivera em guerra com a Eurásia. O inimigo do momento era sempre representado como o mal absoluto, o que inviabilizava qualquer acordo passado ou futuro com ele.

O mais assustador, refletiu pela décima milésima vez, enquanto com muita dor forçava os ombros para trás (com as mãos no quadril, ele girava o corpo a partir da cintura, um exercício que supostamente fazia bem para os músculos das costas); o assustador era que podia ser tudo verdade. Se o Partido tinha acesso ao passado e dizia, sobre este ou aquele evento, que *jamais tinha acontecido*, isso, com certeza, era mais aterrador do que a mera tortura e a morte.

O Partido dizia que a Oceania nunca tinha se unido à Eurásia. Ele, Winston Smith, sabia que a Oceania tinha se alinhado com a Eurásia tão recentemente quanto quatro anos antes. Mas onde esse conhecimento existia? Só na consciência dele, que de todo modo haveria de ser aniquilada muito em breve. E se todos os demais aceitavam a mentira que o Partido impunha, se todos os registros contavam a mesma história, então a farsa era incorporada à História e se tornava verdade. "Quem controla o passado", dizia o lema do Partido, "controla o futuro: quem controla o presente controla o passado". E mesmo assim o passado, apesar de sua natureza mutável, nunca tinha sido alterado. Não importa o que fosse verdade agora, era verdade desde sempre e para sempre. Tudo muito simples. O necessário era apenas uma série infinita de vitórias sobre a própria memória. "Controle da realidade", eles chamavam; em Novidioma, "duplopensar".

– Descansar! – vociferou a instrutora com um pouco mais de gentileza.

Winston deixou cair os braços ao longo do corpo e lentamente encheu os pulmões de ar. Sua mente imergiu no mundo labiríntico do duplopensar. Saber e não saber, ter consciência da veracidade completa e ao mesmo tempo contar com cuidado mentiras inventadas, manter simultaneamente duas opiniões que se anulavam, sabendo que eram

contraditórias e acreditando em ambas, usar a lógica contra a lógica, repudiar a moralidade enquanto a professava, acreditar que a democracia era impossível e que o Partido era o guardião da democracia, esquecer o que quer que fosse necessário e depois chamá-lo de volta à memória no momento oportuno e depois esquecer de novo e, acima de tudo, fazer o mesmo no processo em si; isso era a sutileza máxima: conscientemente induzir a inconsciência e depois, mais uma vez, tornar-se inconsciente do ato de hipnose que você tinha acabado de executar. Até mesmo entender a palavra "duplopensar" envolvia o uso do duplopensar.

A instrutora havia chamado a atenção deles de novo.

– E agora vamos ver quais de nós conseguem tocar os pés! – disse, entusiasmada. – Partindo do quadril, por favor, camaradas. Um, dois! *Um, dois*!

Winston odiava esse exercício, que provocava pontadas de dor desde seus calcanhares até o traseiro e com frequência terminava desencadeando outro ataque de tosse. O aspecto quase agradável abandonou suas reflexões. O passado, ele ponderou, não tinha sido apenas alterado, tinha sido realmente destruído. Pois como você poderia determinar até o fato mais óbvio quando não existia registro dele fora da sua própria memória? Tentou recordar em que ano havia escutado pela primeira vez uma menção ao Grande Irmão. Talvez em algum momento nos Sessenta, mas era impossível ter certeza. Nas histórias do Partido, é claro, o Grande Irmão aparecia como o líder e guardião da Revolução desde os primeiros dias. Suas proezas tinham sido paulatinamente deslocadas no tempo até que passaram a abranger o maravilhoso mundo dos Quarenta e dos Trinta, quando os capitalistas, com seus estranhos chapéus cilíndricos, ainda percorriam as ruas de Londres em carros a motor grandes e brilhantes ou em carruagens com laterais de

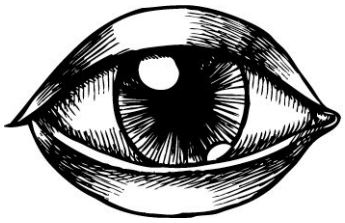
vidro puxadas por cavalos. Não havia como saber que parte dessa lenda era verdadeira e que parte era inventada. Winston nem conseguia se lembrar em que data o próprio Partido tinha começado a existir. Ele não acreditava que já tivesse ouvido a palavra Socing antes de 1960, mas era possível que no Velhidioma (ou seja, Socialismo Inglês) ela já fosse corrente mais cedo. Tudo se dissolvia na névoa. Na verdade, algumas vezes você conseguia apontar uma mentira definitiva. Não era verdade, por exemplo, como alegavam os livros de História do Partido, que o Partido tivesse inventado os aviões. Ele se lembrava de aviões desde a tenra infância. Mas não havia como provar nada. Não existia nenhuma evidência. Apenas uma vez em toda a sua vida ele teve em mãos uma prova documental inequívoca da falsificação de um fato histórico. E naquela ocasião…

– Smith! – gritou a voz ranheta na teletela. – 6079 Smith W! Sim, *você*! Curve-se mais, por favor! Você pode fazer melhor do que isso. Não está tentando. Mais baixo, por favor. *Assim* está melhor, camarada. Agora relaxem, o pelotão todo, e olhem para mim.

Um suor quente e súbito irrompeu no corpo inteiro de Winston. O rosto permaneceu completamente apático. Nunca demonstre desânimo! Nunca demonstre ressentimento! Um único brilho nos olhos poderia delatar você. Ele ficou de pé observando enquanto a instrutora levantava os braços acima da cabeça e, não se poderia dizer com graciosidade, mas com notável capricho e eficiência, curvava-se à frente e prendia a primeira articulação dos dedos das mãos sob os dedos dos pés.

– *Aí está*, camaradas. *Isso* é o que quero ver vocês fazendo. Observem mais uma vez. Eu tenho 39 anos e tive quatro filhos. Agora olhem – ela se abaixou de novo. – Vejam que os *meus* joelhos não se dobram. Todos vocês conseguem fazer

isso se quiserem – acrescentou, enquanto se endireitava. – Qualquer pessoa com menos de 45 anos é perfeitamente capaz de tocar os pés. Nem todos têm o privilégio de combater na linha de frente, mas ao menos podemos nos manter em forma. Pensem nos nossos rapazes no *front* em Malabar! E nos marinheiros na Fortaleza Flutuante! Imaginem o que *eles* precisam suportar. Agora, tentem de novo. Assim está melhor, camarada, *bem* melhor – disse com motivação enquanto Winston, forçando muito, conseguiu tocar os pés mantendo os joelhos retos, pela primeira vez em muitos anos.



Capítulo 4

Com o suspiro profundo e inconsciente que nem mesmo a proximidade da teletela conseguia impedi-lo de dar quando seu dia de trabalho começava, Winston puxou a falaescreve para perto, soprou a poeira do bocal e pôs os óculos. Em seguida, desenrolou e agrupou com clipes quatro pequenos cilindros de papel que já tinham caído do tubo pneumático do lado direito de sua mesa.

Nas paredes do cubículo havia três orifícios. À direita da falaescreve, um pequeno tubo pneumático para mensagens escritas; à esquerda, um maior para jornais; na parede lateral, ao alcance do braço de Winston, uma grande ranhura oblonga protegida por uma tela de arame. Essa última era para o descarte de papel usado. Ranhuras semelhantes existiam aos milhares ou dezenas de milhares por todo o edifício, não apenas em cada sala, mas a cada pequeno espaço livre em todos os corredores. Por alguma razão, eram apelidadas de buracos da memória. Quando uma pessoa sabia que um documento qualquer estava destinado à destruição, ou quando alguém via um pedaço de papel rabiscado deixado em algum lugar, era um gesto automático levantar a tampa do buraco da memória mais próximo e enfiá-lo ali, para que fosse embora rodopiando em um fluxo de ar quente até as enormes fornalhas que se escondiam em algum ponto nos recessos do edifício.

Winston examinou as quatro tiras de papel que havia desenrolado. Cada uma continha uma mensagem de apenas

uma linha ou duas, no jargão abreviado (não exatamente em Novidioma, mas consistindo basicamente de palavras em Novidioma) que era usado no Ministério para objetivos internos. Elas diziam:

times 17.3.84 discurso gi mal citado áfrica retificar

times 19.12.83 previsões 3 pt 4o tri 83 erros checar edição atual

times 14.2.84 minifar mal citado chocolate retificar

times 3.12.83 cita ordendia gi duplomaisdesbom ref despessoas rerredigir tudo mostrarsup pré-arq

Com um sentimento de ligeira satisfação, Winston pôs de lado a quarta mensagem. Era um trabalho intrincado e de responsabilidade, seria melhor lidar com ele por último. As outras três eram questões rotineiras, embora a segunda provavelmente fosse levar a uma busca cansativa em listas de números.

Winston discou "números anteriores" na teletela e pediu as edições apropriadas do *Times*, e elas deslizaram do tubo pneumático após uns poucos minutos. As mensagens que ele recebera se referiam a artigos ou notícias que, por uma razão ou outra, considerava-se necessário alterar, ou, como dito na frase oficial, retificar. Por exemplo, havia aparecido no *Times* de 17 de março que o Grande Irmão, em seu discurso no dia anterior, tinha previsto que o *front* no Sul da Índia permaneceria calmo, mas que uma ofensiva eurasiana ocorreria em breve no Norte da África. Na verdade, o Alto Comando Eurasiano lançara sua ofensiva no Sul da Índia e deixara o Norte da África em paz. Era, portanto, necessário reescrever o parágrafo do discurso do Grande Irmão de forma a fazê-lo prever o que de fato acontecera. Ou, em outro exemplo, o *Times* de 19 de dezembro publicara as previsões oficiais para a produção de várias categorias de bens de consumo no quarto trimestre de 1983, que era também o sexto

trimestre do Nono Plano Trienal. A edição trazia a declaração da produção real, e ela fazia parecer que as previsões estavam grosseiramente erradas em todos os aspectos. O trabalho de Winston era retificar os números originais, para que batessem com os mais recentes. Quanto à terceira mensagem, referia-se a um erro muito simples, que poderia ser corrigido em poucos minutos. Tão recentemente quanto fevereiro, o Ministério da Fartura havia emitido a promessa ("alegação categórica", eram as palavras oficiais) de que não haveria redução da ração de chocolate em 1984. Na verdade, como Winston bem sabia, a ração de chocolate estava prestes a ser reduzida de trinta gramas para vinte no final daquela semana. Só era preciso substituir a promessa original por um alerta de que provavelmente seria necessário reduzir a ração em algum momento em abril.

Assim que Winston acabou de verificar as mensagens, juntou as correções faladaescritas ao respectivo exemplar do *Times* e jogou dentro do tubo pneumático. Depois, com um movimento tão inconsciente quanto possível, amassou a mensagem original e todas as anotações que tinha feito pessoalmente e as jogou no buraco da memória para serem devoradas pelas chamas.

O que acontecia no labirinto invisível para onde os tubos pneumáticos conduziam ele não sabia com detalhes, mas conhecia em linhas gerais. Assim que todas as correções eventualmente necessárias em qualquer edição específica do *Times* fossem executadas e conferidas, aquela edição seria reimpressa; a versão original, destruída; e a nova substituiria a antiga nos arquivos. Esse processo de alteração contínua era aplicado não apenas a jornais, mas a livros, revistas, panfletos, cartazes, folhetos, filmes, músicas, desenho, fotografias; a todos os tipos de literatura ou documentação que pudesse

conter alguma significância política ou ideológica. Dia após dia e quase minuto a minuto, o passado era atualizado. Dessa forma, a evidência documental demonstraria que todas as previsões feitas pelo Partido estavam corretas; tampouco alguma notícia ou manifestação de opinião que colidissem com as necessidades do momento poderiam permanecer registradas. A História era um palimpsesto raspado a zero e reinscrito com a frequência exata da necessidade. Em nenhum caso teria sido possível, uma vez executada a ação, provar que houve alguma falsificação. A maior seção do Departamento de Registros, muito maior do que aquela onde Winston trabalhava, era formada simplesmente de pessoas cujo dever era rastrear e recolher todas as cópias de livros, jornais e outros documentos que tivessem sido substituídos e fossem destinados à destruição. Um número do *Times* que, por mudanças no alinhamento político ou projeções erradas divulgadas pelo Grande Irmão, tivesse sido reescrito uma dúzia de vezes ainda era mantido nos arquivos com sua data original, e não havia nenhuma cópia para contradizê-lo. Livros também eram recolhidos e reescritos de novo e de novo e invariavelmente republicados sem nenhum aviso de alteração. Até mesmo as instruções escritas que Winston recebia, e das quais se livrava logo depois de utilizá-las, jamais afirmavam ou sugeriam que um ato de falsificação estava sendo cometido; a referência era sempre a deslizes, erros, problemas de impressão ou citação equivocada que deveriam ser corrigidas em nome da precisão.

Na verdade, ele pensou enquanto reajustava os números do Ministério da Fartura, não chegava a ser uma falsificação. Era a simples substituição de uma bobagem por outra. A maior parte do material com que você lidava não tinha conexão com o mundo real, nem mesmo o tipo de relação contida em uma

mentira explícita. As estatísticas eram uma fantasia tanto em sua versão original quanto em sua versão retificada. Em grande parte das vezes esperava-se que você mesmo as inventasse. Por exemplo, a previsão do Ministério da Fartura tinha estimado a produção de botas para o trimestre em cento e quarenta e cinco milhões de pares. A produção real informada foi de sessenta e dois milhões. Winston, porém, ao reescrever a previsão, diminuiu o número para cinquenta e sete milhões, de modo a permitir a alegação habitual sobre a superação de cotas. De todo modo, sessenta e dois milhões não era mais próximo da verdade do que cinquenta e sete milhões ou do que cento e quarenta e cinco milhões. Muito provavelmente, nem um par de botas foi produzido; ou melhor, ninguém sabia quantos tinham sido produzidos, e menos ainda se importava. O que se sabia era que, todo trimestre, uma quantidade astronômica de botas era produzida no papel, enquanto provavelmente metade da população da Oceania andava descalça. E assim era com todas as categorias de fatos registrados, grandes ou pequenos. Tudo sumia em um mundo nebuloso no qual, por fim, até o ano tinha se tornado incerto.

Winston deu uma olhadela pela sala. No cubículo correspondente, do lado oposto, um homem baixo, de aparência digna e queixo escuro chamado Tillotson trabalhava sem parar com um jornal dobrado no colo e a boca muito perto do bocal da falaescreve. Parecia tentar manter o que dizia como um segredo entre si mesmo e a teletela. Ele levantou os olhos e seus óculos lançaram uma faísca hostil na direção de Winston.

Winston mal conhecia Tillotson e não fazia ideia do tipo de trabalho que exercia. As pessoas no Departamento de Registros não conversavam sobre seus trabalhos. Na sala comprida e sem janelas, com sua fila dupla de cubículos e seu

infinito farfalhar de papéis e murmúrio de vozes cochichando nas falaescreves, havia bem uma dúzia de pessoas que Winston não conhecia nem de nome, embora as visse diariamente correndo de um lado a outro pelos corredores ou gesticulando nos Dois Minutos de Ódio. Ele sabia que no cubículo vizinho ao seu a mulher baixinha de cabelos cor de areia se esfalfava dia sim, dia também, simplesmente rastreando e deletando da imprensa os nomes das pessoas que foram vaporizadas, como se elas jamais tivessem existido. Fazia certo sentido, uma vez que o marido dela tinha sido vaporizado alguns anos antes. E, alguns cubículos adiante, uma criatura mansa, distraída e sonhadora chamada Ampleforth, de orelhas muito peludas e um talento surpreendente para fazer malabarismos com rimas e métricas, estava envolvida na produção de versões adulteradas (chamadas de textos definitivos) de poemas que haviam se tornado ideologicamente ofensivos, mas que, por uma razão ou outra, deveriam ser mantidos nas antologias. E aquela sala, com seus cerca de cinquenta trabalhadores, era apenas uma subseção, uma única célula, como se dizia, na imensa complexidade do Departamento de Registros. Além, acima, abaixo, havia outros enxames de trabalhadores envolvidos em uma multiplicidade inimaginável de tarefas. Havia oficinas imensas, com seus subeditores, seus especialistas em tipografia e seus estúdios muito equipados para adulterar fotografias. Havia a seção de teleprogramas, com seus engenheiros, produtores e grupos de atores especialmente escolhidos por sua habilidade para imitar vozes. Havia batalhões de escriturários de referência, cujo trabalho era simplesmente fazer as listas de livros e revistas que deveriam ser recolhidos. Havia os vastos depósitos onde os documentos corrigidos eram armazenados e as fornalhas ocultas onde as edições originais eram destruídas. E em um lugar ou outro, em

sigilo, havia os cérebros dirigentes, que coordenavam todo o esforço e estabeleciam as diretrizes políticas que decidiam qual fragmento do passado seria preservado, falsificado ou apagado da existência.

E o Departamento de Registros, no fim, era apenas um setor do Ministério da Verdade, cujo trabalho primário não era reconstruir o passado, mas distribuir aos cidadãos da Oceania jornais, filmes, livros, programas de teletela, peças, romances: todo tipo imaginável de informação, ensino ou entretenimento, de uma estátua a um lema, de um poema lírico a um tratado de Biologia, de um livro de ortografia para crianças a um dicionário de Novidioma. E o Ministério não deveria apenas suprir as várias demandas do Partido, mas também reproduzir toda a operação em um nível mais baixo, para o benefício do proletariado. Havia uma cadeia separada de departamentos lidando com literatura, música, teatro e diversão proletária em geral. Ali eram produzidos jornais tacanhos que não continham quase nada exceto esporte, crime e astrologia, folhetins sensacionalistas baratos, filmes com cenas apelativas de sexo e canções sentimentais compostas inteiramente por meios mecânicos em um tipo de caleidoscópio distinto conhecido como versificador. Havia até uma subseção (*Supornô*, em Novidioma) direcionada à produção do tipo mais baixo de pornografia, enviado em pacotes selados e que nenhum membro do Partido, além dos envolvidos, tinha permissão de ver.

Três mensagens deslizaram do tubo pneumático enquanto Winston trabalhava, mas eram questões simples, e ele as verificou antes que os Dois Minutos de Ódio o interrompessem. Quando o Ódio acabou e ele retornou ao cubículo, retirou o dicionário de Novidioma da prateleira, empurrou a falaescreve para o lado, limpou os óculos e se

acomodou para o trabalho principal da manhã.

O maior prazer da vida de Winston era seu trabalho. No geral, tratava-se de uma rotina tediosa, mas com algumas tarefas tão difíceis e intrincadas que havia a possibilidade de se perder neles como nas profundezas de um problema matemático: peças delicadas de falsificação em que não havia nada para guiá-lo exceto seu conhecimento dos princípios do Socing e sua percepção do que o Partido queria que você dissesse. Winston era bom nisso. Vez por outra já lhe tinham confiado até a retificação de artigos principais do *Times*, escritos totalmente em Novidioma. Ele desenrolou a mensagem que havia posto de lado mais cedo. Dizia:

> times 3.12.83 cita ordendia gi duplomaisdesbom ref despessoas rerredigir tudo mostrarsup pré-arq

Em Velhidioma (ou inglês padrão), isso poderia ser:

> *O relato da Ordem do Dia do Grande Irmão no* Times *de 3 de dezembro de 1983 é extremamente insatisfatório e faz referências a pessoas inexistentes. Redija de novo por completo e submeta seu rascunho à autoridade superior antes de arquivar.*

Winston leu a íntegra do artigo ofensivo. A Ordem do Dia do Grande Irmão, pelo visto, fora totalmente dedicada a elogiar o trabalho de uma organização conhecida como FFCC, que fornecia cigarros e outras cortesias para os marinheiros da Fortaleza Flutuante. Um certo camarada Withers, membro proeminente do Núcleo do Partido, foi nomeado com uma menção especial e recebeu uma condecoração, a Ordem do Mérito Conspícuo, Segunda Classe.

Três meses depois, a FFCC foi extinta de repente e sem nenhuma justificativa. Uma pessoa poderia supor que Withers e seus colegas estivessem agora condenados, mas não saíra

reportagem a respeito na imprensa nem na teletela. Isso era esperado, já que os criminosos políticos nem sempre eram levados ao tribunal ou nem mesmo denunciados publicamente. Os grandes expurgos envolvendo milhares de pessoas, com julgamentos públicos dos traidores e criminosos do pensamento, que faziam confissões abjetas de seus crimes antes de serem executados, eram espetáculos únicos, que não ocorriam com frequência superior a uma vez a cada poucos anos. Com mais regularidade, pessoas desaprovadas pelo Partido simplesmente desapareciam e nunca mais se ouvia falar delas. Jamais havia a menor pista do que lhes acontecera. Em alguns casos elas poderiam até não estar mortas. Talvez trinta pessoas que Winston conhecera pessoalmente, sem contar seus pais, haviam desaparecido em um momento ou outro.

Winston bateu o clipe de leve no nariz. No cubículo do lado oposto, o camarada Tillotson ainda estava debruçado sobre sua falaescreve, como se escondesse algo. Ergueu a cabeça por um instante: mais uma vez a faísca hostil através dos óculos. Winston pensou se Tillotson estaria envolvido no mesmo tipo de trabalho que ele. Era perfeitamente possível. Um trabalho tão capcioso nunca seria confiado a uma única pessoa; em contrapartida, atribuí-lo a um comitê significaria assumir que um ato de falsificação estava em andamento. Muito provavelmente até uma dúzia de pessoas trabalhava em versões alternativas do que o Grande Irmão tinha dito de fato. E em breve algum cérebro dirigente no Núcleo do Partido escolheria uma versão ou outra, iria reeditá-la e submetê-la aos complexos processos de referência cruzada necessários. Assim, a mentira escolhida passaria para os registros permanentes e se tornaria verdade.

Winston não sabia por que Withers caíra em desgraça.

Talvez fosse por corrupção ou incompetência. Talvez o Grande Irmão estivesse apenas se livrando de um subordinado popular demais. Talvez Withers ou alguém próximo tivesse se tornado suspeito de seguir tendências heréticas. Ou talvez, o que parecia mais provável, foi simplesmente porque expurgos e vaporizações constituíam uma parte necessária aos mecanismos de governo. A única pista real estava nas palavras "ref despessoas", que delatava a morte de Withers. Você não podia presumir automaticamente que este fosse sempre o destino dos prisioneiros. Algumas vezes eles eram soltos e tinham permissão para ficar livres por até um ano ou dois antes de serem executados. Muito raramente, uma pessoa que você supunha morta há bastante tempo fazia uma reaparição fantasmagórica em algum julgamento público, no qual constrangia centenas de outras com seu depoimento, antes de desaparecer para sempre. Winston decidiu que não seria suficiente apenas inverter a tendência do discurso do Grande Irmão. Era melhor fazê-lo lidar com algo totalmente desconectado do tema original.

Ele poderia transformar o discurso na denúncia habitual contra traidores e criminosos do pensamento, mas isso era um pouco óbvio demais, ao passo que inventar uma vitória no *front* ou algum tipo de superprodução triunfal do Nono Plano Trienal poderia complicar excessivamente os registros. O que se fazia necessário era um trabalho de pura fantasia. De repente lhe ocorreu, pronta e acabada, a imagem de um certo camarada Ogilvy, que havia recentemente morrido em combate em circunstâncias heroicas. Havia ocasiões em que o Grande Irmão dedicava sua Ordem do Dia a homenagear algum membro humilde do baixo escalão do Partido, cuja vida e morte ele usava como exemplo a ser seguido. Hoje seria o camarada Ogilvy. Era verdade que ele não existia, mas umas

poucas linhas impressas e um par de fotografias falsas logo o "ressuscitariam".

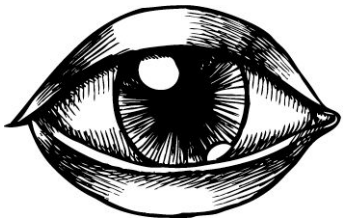
Winston refletiu por um momento, depois puxou a falaescreve e começou a ditar no estilo conhecido do Grande Irmão: ao mesmo tempo militar e pedante e, em razão do truque de fazer perguntas e imediatamente responder a elas ("Que lições nós tiramos desse fato, camaradas? As lições, que são também um dos princípios fundamentais do Socing, são…", etc., etc.), fácil de imitar.

Aos 3 anos de idade, o camarada Ogilvy recusara todos os brinquedos exceto um tambor, uma submetralhadora e um simulacro de helicóptero. Aos 6 (um ano mais cedo, por um relaxamento especial das regras), juntara-se aos Espiões; aos 9, fora líder de uma tropa. Aos 11, havia denunciado o tio para a Polícia do Pensamento, depois de entreouvir uma conversa que lhe pareceu mostrar tendências criminosas. Aos 17, tinha sido um organizador distrital da Liga Juvenil Antissexo. Aos 19, projetara uma granada de mão que foi adotada pelo Ministério da Paz e que, no primeiro teste, matou trinta e um prisioneiros eurasianos em uma explosão. Aos 23, morreu em ação. Perseguido por aviões a jato inimigos enquanto sobrevoava o Oceano Índico com envios importantes, ele havia aumentado o peso de seu corpo ao abraçar a submetralhadora e então pulado do helicóptero para as águas profundas, com os insumos e tudo; um fim, disse o Grande Irmão, impossível de contemplar sem sentir inveja. O Grande Irmão acrescentou umas poucas observações sobre a pureza e o ideal do camarada Ogilvy. Era um abstêmio completo e não fumante, não alimentava distrações além da hora diária no ginásio e havia feito votos de castidade, acreditando que o casamento e o cuidado com uma família eram incompatíveis com a devoção de vinte e quatro horas por dia ao dever. Não

tinha outro assunto de conversa além dos princípios do Socing e nenhum objetivo na vida além da derrota do inimigo eurasiano e da perseguição a espiões, sabotadores, criminosos do pensamento e traidores em geral.

Winston pensou consigo mesmo se deveria condecorar o camarada Ogilvy com a Ordem do Mérito Conspícuo; no final decidiu que não, por causa da referência cruzada desnecessária que isso acarretaria.

Mais uma vez olhou para seu rival no cubículo oposto. Alguma coisa parecia lhe dizer com certeza que Tillotson estava ocupado com o mesmo trabalho que ele. Não havia como saber qual versão seria aprovada, mas sentia uma convicção profunda de que seria a sua. O camarada Ogilvy, nem sequer imaginado uma hora antes, era agora um fato. Ocorreu-lhe como era interessante criar mortos, mas não vivos. O camarada Ogilvy, que jamais existira no presente, agora existia no passado, e, uma vez que o ato de falsificação fosse esquecido, ele teria existido com a mesma autenticidade, e com base nas mesmas evidências, que Carlos Magno ou Júlio César.



Capítulo 5

Na cantina de teto baixo, no subsolo, a fila do almoço andava devagar. O lugar já estava bem cheio e tinha um barulho ensurdecedor. Da grelha no balcão, o vapor do ensopado subia com um cheiro azedo, metálico, que não chegava a superar o aroma do Gim Vitória. Na ponta mais distante do espaço havia um pequeno bar, ou melhor, um buraco na parede onde o gim podia ser comprado por dez centavos a dose grande.

– Justamente o cara que eu estava procurando – disse uma voz às costas de Winston.

Ele se virou. Era seu amigo Syme, que trabalhava no Departamento de Pesquisa. Talvez "amigo" não fosse exatamente a palavra certa. Já não existia amizade. Você tinha camaradas, mas a companhia de alguns era mais agradável do que a de outros. Syme era filólogo, especialista em Novidioma. Na verdade, ele fazia parte do time enorme de peritos envolvidos na compilação da Décima Primeira Edição do dicionário de Novidioma. Era uma criatura franzina, menor ainda do que Winston, de cabelo preto e olhos grandes e protuberantes, ao mesmo tempo tristes e irônicos, que pareciam investigar a fundo seu rosto enquanto conversava.

– Eu queria perguntar se você tem alguma lâmina – ele falou.

– Nenhuma! – disse Winston, com pressa e alguma culpa. – Já procurei em todo lugar. Não existem mais.

Todo mundo sempre pedia lâminas. Ele ainda guardava duas sem uso; elas estavam em falta nos últimos meses. A todo momento as lojas do Partido paravam de fornecer algum artigo necessário. Às vezes faltavam botões; outrora, não havia lã para cerzir e não havia cadarços; no momento, não se encontravam lâminas de barbear. Você só conseguia uma e, se tivesse sorte, poderia achar alguma garimpando no mercado "livre".

– Estou usando a mesma há seis semanas – ele acrescentou, mentindo.

A fila deu mais um passo à frente. Quando parou, Wiston se virou e encarou Syme de novo. Cada um deles retirou uma bandeja metálica engordurada da pilha na ponta do balcão.

– Você foi ver os prisioneiros ser enforcados ontem? – quis saber Syme.

– Eu estava trabalhando – disse Winston, com indiferença. – Vou ver nas projeções, suponho.

– Um substituto muito inadequado – criticou Syme.

Os olhos gozadores percorreram o rosto de Winston. "Eu o conheço", pareciam dizer, "vejo através de você. Sei muito bem por que você não foi ver aqueles prisioneiros ser enforcados". De um modo intelectual, Syme era ortodoxo ao extremo. Falava com uma alegria sádica sobre ataques de helicóptero contra vilarejos inimigos, julgamentos e confissões de criminosos do pensamento, execuções nos porões do Ministério do Amor. Para conversar com ele era necessário afastá-lo de tais assuntos e envolvê-lo, se possível, nas burocracias do Novidioma, nas quais era competente e entendido. Winston virou um pouco a cabeça para evitar a inspeção dos grandes olhos escuros.

– Foi um bom enforcamento – disse Syme, rememorando. – Eu acho que estraga quando amarram os pés. Gosto quando eles chutam. E mais ainda, no fim, a língua se esticando pra fora, azulada, um azul até bem brilhante. Esse é o detalhe que me atrai.

– Próximo, por favor! – gritou o proleta de avental branco com a concha.

Winston e Syme empurraram suas bandejas sob a grelha. Em cada uma o almoço regulamentar foi logo despejado: uma tigela metálica de ensopado cinza-rosado, um cubo de queijo, uma caneca de Café Vitória sem leite e um tablete de sacarina.

– Tem uma mesa ali, embaixo da teletela – disse Syme. – Vamos pegar um gim no caminho.

O gim lhes foi servido em canecas de porcelana sem alça. Eles abriram caminho pelo ambiente lotado e pousaram os itens da bandeja no tampo metálico da mesa, em um canto onde alguém tinha deixado uma poça de ensopado, uma confusão líquida imunda que tinha a aparência de vômito. Winston pegou sua caneca de gim, parou um instante para reunir coragem e mandou goela abaixo a coisa com gosto de óleo. Depois de piscar para expulsar as lágrimas, descobriu que tinha fome. Começou a engolir colheradas cheias do ensopado, o qual, em meio ao desleixo generalizado, tinha cubos de uma coisa rosada esponjosa que provavelmente era um preparado de carne. Nenhum dos dois falou de novo até ambos terem esvaziado suas tigelas. Em uma mesa à esquerda de Winston, um pouco atrás, alguém falava rápida e continuamente, um grasnado áspero quase como o de um pato, que contrastava com o alarido generalizado do salão.

– Como vai indo o dicionário? – disse Winston, elevando a voz para superar o barulho.

– Devagar – disse Syme. – Estou nos adjetivos. É fascinante.

Ele se empolgou na hora ao falar do Novidioma. Empurrou a tigela para o lado, apanhou o naco de pão com uma das mãos delicadas e o queijo com a outra, e se curvou por cima da mesa para poder falar sem gritar.

– A Décima Primeira Edição é a definitiva – assegurou. – Nós estamos levando a língua à sua forma final, a forma que terá quando ninguém mais falar outra coisa. Quando tivermos acabado, pessoas como você vão precisar aprender tudo de novo. Você pensa, ouso dizer, que nosso principal trabalho é inventar palavras novas. Mas nem perto disso! Nós estamos destruindo palavras, montes delas, centenas delas, todos os dias. Estamos reduzindo a língua ao osso. A Décima Primeira Edição não vai conter uma única palavra que vá se tornar obsoleta antes do ano 2050.

Mordeu o pão com apetite e engoliu alguns bocados. Então continuou a falar, com certo fanatismo. O rosto magro e escuro se iluminou, os olhos haviam perdido a expressão zombeteira e se tornado quase sonhadores.

– É uma coisa linda, a destruição de palavras. Claro que o maior desperdício está nos verbos e adjetivos, mas há centenas de substantivos que podem ser dispensados também. Não se trata só dos sinônimos, tem também os antônimos. Afinal, qual é a justificativa para uma palavra ser apenas o oposto de outra? Uma palavra contém seu oposto em si mesma. Por exemplo, pegue “bom”. Se você tem uma palavra como “bom”, qual a necessidade de uma palavra como “ruim”? “Desbom” é mais do que suficiente ou até melhor, porque é um oposto exato, e a outra não é. Ou, em outro caso, se você quer uma versão mais forte de “bom”, qual o sentido de ter toda uma série de palavras vagas e inúteis como “excelente”, “esplêndido” e

todo o resto delas? “Maisbom” cobre o significado, ou “duplomaisbom”, se você quiser algo ainda mais forte. É claro que nós já usamos essas formas, mas na versão final do Novidioma não haverá mais nada. No fim, a noção completa de bondade e de ruindade será coberta por apenas suas palavras; na realidade, por uma só. Você percebe a beleza disso, Winston? Originalmente foi uma ideia do G.I., é claro – ele acrescentou, como conclusão.

Uma aflição conformada perpassou o rosto de Winston à menção do Grande Irmão. Ainda assim, Syme detectou imediatamente certa falta de entusiasmo.

– Você não tem real apreço pelo Novidioma, Winston – ele disse quase com tristeza. – Mesmo quando escreve, ainda está pensando em Velhidioma. Li algumas das peças que você escreveu no *Times* algumas vezes. São boas, mas são traduções. No seu coração, você preferiria se agarrar ao Velhidioma, com toda a nebulosidade daquelas gradações inúteis de significado. Você não entende a beleza da eliminação de palavras. Você sabia que o Novidioma é a única língua do mundo cujo vocabulário encolhe dia a dia?

Winston sabia, claro. Sorriu, da forma mais educada que pôde, sem confiar em si mesmo para falar. Syme mordeu outro pedaço do pão mofado, mastigou brevemente e prosseguiu:

– Você não percebe que o verdadeiro objetivo do Novidioma é estreitar o limite do pensamento? No final, vamos tornar o crime de pensamento literalmente impossível, porque não vão existir palavras pelas quais expressá-lo. Cada conceito que alguma vez tenha sido necessário será expresso por *uma* palavra, com seu significado rigidamente definido e todos os seus sinônimos alternativos eliminados e esquecidos. A Décima Primeira Edição não está tão longe desse ponto. Mas o

processo ainda vai continuar por muito tempo depois que você e eu tivermos morrido. A cada ano teremos menos palavras, e o alcance da consciência ficará sempre um pouco menor. Mesmo agora, claro, não há razão ou desculpa para cometer pensamentocrime. É apenas uma questão de autodisciplina e controle da realidade. Mas no fim não vai haver necessidade nem disso. A Revolução estará completa quando a linguagem estiver perfeita. O Novidioma é o Socing, e o Socing é o Novidioma – acrescentou, com uma satisfação discreta.

– Nunca lhe ocorreu, Winston, que até o ano 2050, no mais tardar, não haverá um único ser humano vivo capaz de entender uma conversa como a que temos agora?

– Exceto… – começou Winston, em dúvida, e então parou.

Tinha estado na ponta de sua língua dizer "Exceto os proletas", mas ele interrompeu a fala, temendo que aquela observação fosse, de alguma forma, inortodoxa. Syme, entretanto, adivinhou o que ele estivera prestes a dizer.

– Os proletas não são seres humanos – ele disparou. – Até 2050, ou antes, provavelmente, qualquer conhecimento real do Velhidioma terá desaparecido. Toda a literatura do passo terá sido destruída. Chaucer, Shakespeare, Milton, Byron, eles só vão existir em versões em Novidioma, não apenas em uma versão diferente, mas de fato transformados em algo contrário ao que eram. Até os lemas vão mudar. Como você poderia dizer "liberdade é escravidão" quando o próprio conceito de liberdade foi abolido? Toda a atmosfera de pensamento vai ser diferente. Na realidade, não vai *haver* pensamento tal como o entendemos hoje. Ortodoxia significa não pensar, não precisar pensar. Ortodoxia é inconsciência.

"Qualquer dia desses", pensou Winston com súbita convicção profunda, "o Syme vai ser vaporizado. É inteligente

demais. Enxerga com clareza demais e fala muito abertamente. O Partido não gosta de gente assim. Um dia, ele vai desaparecer. Está escrito no rosto dele".

Winston tinha terminado o pão e o queijo. Virou-se um pouco de lado para tomar a caneca de café. Na mesa à esquerda, o homem da voz estridente ainda tagarelava sem remorso. Uma mulher jovem que talvez fosse secretária dele, de costas para Winston, ouvia-o e parecia concordar com tudo. De vez em quando, Winston captava algum comentário como "acho que você está *tão* certo, concordo *tanto* com você", verbalizados em uma voz feminina juvenil e um tanto boba. Mas a outra voz não parava nem por um instante, mesmo quando a moça falava. Winston conhecia o homem de vista, embora não soubesse a respeito dele mais do que o fato de ter um cargo importante no Departamento de Ficção. Tinha cerca de 30 anos, um pescoço musculoso e uma boca grande e arguta. Havia inclinado a cabeça um pouco para trás e, por causa do ângulo em que estava sentado, seus óculos captavam a luz e exibiam para Winston dois discos vazios no lugar dos olhos. O mais bizarro era que, do fluxo contínuo que jorrava de sua boca, era quase impossível distinguir uma única palavra. Apenas uma vez Winston captou uma frase, "a eliminação completa e final do goldsteinismo", dita muito rápido e, pareceu, como uma coisa só, uma fila de tipos gráficos solidamente fundidos. O resto era só barulho, *quac-quac-quac*. E apesar disso, embora não se conseguisse de fato escutar o que o homem dizia, não havia dúvida nenhuma sobre as linhas gerais. Ele poderia estar denunciando Goldstein e exigindo medidas mais duras contra criminosos do pensamento e sabotadores, vociferando contra as atrocidades do exército da Eurásia ou elogiando o Grande Irmão ou os heróis no *front* de Malabar; não fazia a menor diferença. Não

importa o que fosse, você podia ter certeza de que cada palavra era pura ortodoxia, puro Socing. Enquanto observava o rosto sem olhos com o queixo subindo e descendo, Winston teve uma sensação estranha de que não se tratava de um ser humano real. Era como se fosse um boneco. Não era o cérebro do homem que falava, e sim a laringe dele. As palavras não consistiam uma fala no sentido real: era um ruído gerado na inconsciência, como o grasnar de um pato.

Syme tinha se calado por um momento e com o cabo da colher riscava padrões da poça de ensopado. A voz da outra mesa seguia grasnando depressa, facilmente audível apesar do ruído em volta.

– Tem uma palavra em Novidioma – disse Syme. – Não sei se você conhece: grasnafala, grasnar como um pato. É uma dessas palavras interessantes que tem dois significados contraditórios. Usada com um oponente, é ataque; usada com alguém com quem você concorda, é elogio.

"Com certeza Syme vai ser vaporizado", Winston pensou de novo com certa tristeza, embora soubesse muito bem que o outro o desprezava e antipatizava um pouco com ele, e seria capaz de denunciá-lo como um criminoso do pensamento se visse algum motivo para fazer isso. Havia alguma coisa errada com Syme. Alguma coisa lhe faltava: discrição, indiferença, algo que tivesse graça. Não se poderia dizer que era inortodoxo. Ele acreditava nos princípios do Socing, venerava o Grande Irmão, alegrava-se com as vitórias, odiava os hereges não apenas com sinceridade, mas com um zelo imprudente e com acesso a informações atuais que um membro comum do Partido em geral não tinha. Entretanto, tinha um ligeiro ar de descrédito. Dizia coisas que não deveriam ser ditas, lia livros demais e frequentava o Café Castanheira, famoso por reunir pintores e músicos. Não existia

nenhuma lei, nem mesmo convenção, que proibisse as pessoas de frequentar o Café Castanheira, mas mesmo assim o lugar era malvisto de certa forma. Os antigos e desacreditados líderes do Partido costumavam se reunir ali antes de serem finalmente expurgados. O próprio Goldstein, dizia-se, fora visto lá algumas vezes, anos ou décadas antes. Não era difícil prever o destino de Syme. E ainda assim era fato que, se Syme percebesse, ainda que por três segundos, a natureza das opiniões de Winston, ele o denunciaria na hora à Polícia do Pensamento. Assim como qualquer um, aliás, porém mais do que a maioria. Zelo não era suficiente. Ortodoxia era inconsciência.

Syme olhou para cima.

– Lá vem o Parsons – avisou.

Algo em seu tom de voz pareceu acrescentar "aquele maldito imbecil". Parsons, companheiro de Winston como inquilino nas Mansões Vitória, estava mesmo abrindo caminho e cruzando a cantina: um homem roliço de altura média com cabelo claro e cara de sapo. Aos 35 anos, já acumulava gordura no pescoço e na cintura, mas seus movimentos eram ágeis e infantis. Parecia um menininho subitamente crescido, tanto assim que, embora vestisse o macacão regulamentar, era quase impossível não pensar nele vestindo os calções azuis, a camisa cinza e o lenço vermelho dos Espiões. Ao olhar para ele, sempre se enxergava uma figura com covinhas nos joelhos e mangas arregaçadas sobre braços gorduchos. E, de fato, Parsons sempre usava calções quando uma caminhada comunitária ou outra atividade física lhe davam a desculpa para tal. Ele cumprimentou ambos com um alegre "Olá, olá!" e se sentou à mesa, exalando um cheiro forte de suor. Gotas de umidade se espalhavam por todo o rosto rosado. Seus poderes sudoríparos eram extraordinários. No Centro Comunitário,

você sempre sabia quando ele tinha jogado tênis de mesa, pela umidade no cabo da raquete. Syme havia tirado um papel no qual estava escrita uma longa lista de palavras, e lia com uma caneta entre os dedos.

– Olhe só pra ele, trabalhando na hora do almoço – disse Parsons, cutucando Winston. – Espertinho, não? O que é que você tem aí, amigo? Alguma coisa meio difícil demais para mim, espero. Smith, meu velho, vou lhe dizer por que estou atrás de você. É aquela subscrição que você se esqueceu de me dar.

– Que subscrição é essa? – perguntou Winston, pressentindo um pedido de dinheiro. Cerca de um quarto do salário de cada pessoa precisava ser destinado a subscrições voluntárias, tão numerosas que era difícil manter o controle de todas.

– Para a Semana do Ódio. Você sabe, o financiamento casa a casa. Eu sou o tesoureiro do nosso quarteirão. Estamos fazendo um esforço total, vai ser um espetáculo tremendo. Vou lhe dizer, não será culpa minha se as velhas Mansões Vitória não tiverem a maior exibição de bandeiras da rua toda. Você me prometeu dois dólares.

Winston encontrou e entregou duas notas amarrotadas e imundas, que Parsons registrou em uma caderneta, com a caligrafia caprichada dos iletrados.

– A propósito, meu velho, ouvi dizer que o meu pequeno tratante soltou o dedo na catapulta contra você ontem. Dei uma bronca e tanto nele por causa disso. Falei até que ia tirar a catapulta dele se fizesse de novo.

– Acho que ele estava um pouco chateado por não ir à execução – disse Winston.

– Ah, bom… O que quero dizer é: isso mostra o espírito

certo, não? Tratantes danadinhos, é isso que são, os dois, mas a inteligência, nem me fale! Eles só pensam nos Espiões; e na guerra, claro. Sabe o que a minha filhinha fez no último sábado, quando a tropa dela marchava para sair de Berkhampstead? Chamou outras duas meninas para irem junto, saiu da trilha e passou a tarde inteira seguindo um homem estranho. Ficou nos calcanhares dele por duas horas, pelo meio do bosque, e depois, quando chegaram a Amersham, entregou o sujeito para a patrulha.

– Por que elas fizeram isso? – indagou Winston, um bocado surpreso.

Parsons continuou, triunfante:

– Minha menina tinha certeza de que ele era um tipo de agente inimigo; podia ter sido jogado de paraquedas, por exemplo. Mas aí é que está, meu velho: o que você acha que chamou a atenção dela, pra começo de conversa? Ela percebeu que ele usava um sapato estranho, nunca tinha visto ninguém usar sapatos daquele jeito. Então, havia a chance de ser um estrangeiro. Bem afiada pra uma espiã de 7 anos, hein?

– Que aconteceu com o homem? – perguntou Winston.

– Ah, isso eu não sei dizer. Mas não me surpreenderia se… – Parsons fez o movimento de apontar um rifle e estalou a língua para indicar o disparo.

– Bom – disse Syme, distraído, sem erguer os olhos de seu pedaço de papel.

– Com certeza não podemos correr riscos – concordou Winston, diligentemente.

– Quer dizer, há uma guerra em andamento – disse Parsons.

Como se confirmasse a frase, um toque de trombeta saiu da teletela bem acima da cabeça deles. Dessa vez não era, porém,

a proclamação de uma vitória militar, mas somente um anúncio do Ministério da Fartura.

– Camaradas! – gritou uma voz jovem e impaciente. – Atenção, camaradas! Temos notícias gloriosas para vocês. Nós vencemos a batalha da produção! Cálculos agora concluídos sobre o rendimento da produção de todos os bens de consumo mostram que o padrão de vida subiu nada menos que vinte por cento no último ano. Na manhã de hoje, por toda a Oceania, ocorreram manifestações espontâneas, quando trabalhadores saíram em marcha das fábricas e dos escritórios e desfilaram pelas ruas com bandeiras que expressavam sua gratidão ao Grande Irmão pela nossa vida nova e feliz, que a sábia liderança dele nos concedeu. Aqui vão alguns números completos. Artigos alimentícios…

A frase "nossa vida nova e feliz" se repetiu diversas vezes. Ultimamente, era uma das favoritas do Ministério da Fartura. Parsons, com a atenção capturada pelo toque da trombeta, ficou ouvindo como se estivesse hipnotizado, em uma apatia submissa. Não conseguia acompanhar os números, mas estava ciente de que, de algum modo, eles eram motivo de satisfação. Havia sacado um cachimbo enorme e imundo, com tabaco queimado até a metade. Com a ração de tabaco a cem gramas por semana, dificilmente seria possível encher um cachimbo. Winston fumava um Cigarro Vitória, segurando-o cuidadosamente na horizontal. A nova ração não começaria até o dia seguinte, e ele só tinha mais quatro. Ignorou os ruídos mais remotos e prestou atenção ao que saía da teletela. Aparentemente, tinha havido demonstrações de agradecimento ao Grande Irmão pelo aumento na ração de chocolate para vinte gramas por semana. Mas ontem mesmo, ele refletiu, foi anunciado que a ração ia ser *reduzida* para vinte gramas por semana. Seria possível que eles fossem engolir aquela, depois

de míseras vinte e quatro horas? Sim, eles engoliram. Parsons engoliu facilmente, com a estupidez de um animal. A criatura sem olhos na outra mesa também, fanaticamente, com um desejo furioso de perseguir, denunciar e vaporizar qualquer um que sugerisse que uma semana antes a ração era de trinta gramas. Syme também, de um modo complexo, que envolvia o duplopensar, também aceitou. Então, ele estava *sozinho* na posse de uma lembrança?

As estatísticas fabulosas continuaram a jorrar da teletela. Na comparação com o último ano, havia mais comida, mais roupas, mais casas, mais móveis, mais panelas, mais combustível, mais navios, mais helicópteros, mais livros, mais bebês; mais de tudo, exceto doenças, crimes e insanidade. Ano a ano e minuto a minuto, tudo e todos avançavam depressa para cima. Como Syme fizera antes, Winston pegou a colher e brincou com o caldo desbotado que pingava da mesa, desenhando longos riscos que formavam um padrão. Meditou, ressentido, sobre a textura física da vida. Havia sido sempre assim? A comida sempre tivera aquele gosto? Olhou ao redor, para a cantina. Um salão lotado, de teto baixo e paredes encardidas pela passagem de incontáveis corpos; mesas e cadeiras de metal desgastadas, posicionadas tão próximas que você sentava com os cotovelos se encostando; colheres tortas, bandejas dentadas, canecas brancas grosseiras; todas as superfícies gordurosas, fuligem em cada rachadura; e um cheiro azedo, mistura de gim ruim com café ruim com ensopado metálico e roupas sujas. O tempo todo, no seu estômago e na sua pele, havia algum protesto, uma sensação de ter sido enganado em relação a algo a que tinha direito. Era verdade que ele não se lembrava de nada muito diferente. Em nenhum momento que recordasse com precisão tinha havido o suficiente para comer, uma pessoa nunca tinha meias ou

roupas de baixo que não fossem cheias de furos, a mobília sempre fora gasta e bamba; os cômodos, sem aquecimento suficiente; o metrô, lotado; as casas, caindo aos pedaços; o pão, escuro; o chá, uma raridade; os cigarros, poucos; o café com gosto de sujeira; nada barato ou abundante exceto gim artificial. E embora, claro, as coisas piorassem conforme o corpo envelhecia, não seria aquilo um sinal de que aquela *não* era a ordem natural das coisas, se o coração de uma pessoa adoecia por desconforto, imundície e escassez, pelos invernos intermitentes, pela viscosidade das meias, pelos elevadores que nunca funcionavam, pela água fria, pelo sabonete áspero, pelos cigarros que se desfaziam, pela comida de gosto estranho e ruim? Por que alguém acharia tudo isso intolerável, a não ser que tivesse algum tipo de memória ancestral de que as coisas, antes, tinham sido diferentes?

Ele olhou ao redor de novo. Quase todo mundo era feio e continuaria assim mesmo que vestisse algo diferente do macacão azul do uniforme. No canto mais distante do salão, sentado sozinho a uma mesa, um homem pequeno, curiosamente parecido com um besouro, tomava uma xícara de café, os olhos miúdos movendo-se, desconfiados, de um lado para outro. Como era fácil, pensou Winston, se você não olhasse em volta, acreditar que o tipo físico determinado pelo Partido como ideal (rapazes altos e musculosos e moças peitudas, loiras, voluptuosas, bronzeadas, despreocupadas) existia e até predominava. De fato, até onde ele podia julgar, a maioria da população na Faixa Aérea Um era baixa, morena e suscetível a doenças. Era curioso como o tipo semelhante a besouro proliferava nos Ministérios: homenzinhos roliços, engordando muito cedo na vida, de pernas curtas, movimentos ágeis e furtivos, rostos inchados e inexpressivos com olhos muito pequenos. Era o tipo que parecia se desenvolver melhor

sob o domínio do Partido.

O anúncio do Ministério da Fartura terminou com outro toque de trombeta e foi substituído por música industrial. Parsons, levado a um vago entusiasmo pelo bombardeio de números, tirou o cachimbo da boca.

– O Ministério da Fartura certamente fez um ótimo trabalho este ano – disse, balançando a cabeça com ar entendido. – A propósito, Smith, meu velho, você por acaso não tem nenhuma lâmina de barbear que possa me dar?

– Não tenho – respondeu Winston. – Eu mesmo estou usando a mesma há seis semanas.

– Ah, bom, só estava perguntando, meu velho.

– Lamento – disse Winston.

A voz grasnada da mesa próxima, temporariamente silenciada durante o anúncio do Ministério, tinha recomeçado mais alta do que nunca. Por alguma razão, Winston subitamente se viu pensando na senhora Parsons, com seu cabelo ralo e a poeira nos vincos do rosto. Dali a dois anos, aquelas crianças estariam denunciando a mãe para a Polícia do Pensamento. A senhora Parsons seria vaporizada. Syme seria vaporizado. Winston seria vaporizado. Mas a criatura sem olhos com voz de pato nunca seria vaporizada. O homenzinho parecido com besouro que percorria tão rápido os corredores labirínticos dos Ministérios – ele nunca seria vaporizado. E a moça de cabelo escuro, a do Departamento de Ficção, também nunca seria vaporizada. Winston parecia saber instintivamente quem sobreviveria e quem pereceria, embora não fosse fácil dizer exatamente o que garantia a sobrevivência.

Nesse momento foi arrancado de seu devaneio por um golpe violento. A moça da mesa próxima tinha se virado

parcialmente e o encarava. Era a moça de cabelo escuro. Ela o fitava de esguelha, mas intensamente. No momento em que captou o olhar dele, desviou de novo.

O suor correu a espinha de Winston. Uma pontada horrorosa de terror o atravessou. Passou quase imediatamente, mas deixou um desconforto irritante. Por que ela o estaria observando? Por que o seguia por todo lado? Infelizmente, não conseguiu lembrar se a moça já estava à mesa quando ele chegou ou se tinha vindo depois. Não importava. Fosse como fosse, um dia antes, durante os Dois Minutos de Ódio, ela se sentara imediatamente atrás dele, quando não havia necessidade visível de fazer isso. Era bastante provável que o verdadeiro objetivo tinha sido ouvi-lo e ter certeza de que gritava alto o suficiente.

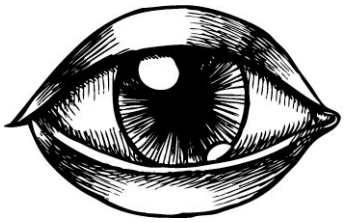
Seu pensamento anterior lhe ocorreu de novo: provavelmente ela não era de fato membro da Polícia do Pensamento, mas nesse caso seria espiã amadora, o maior perigo de todos. Não sabia por quanto tempo ela o estivera observando, mas talvez por até cinco minutos, e quem sabe sua expressão não houvesse estado sob controle. Era terrivelmente perigoso permitir que os pensamentos vagassem quando se estava em um lugar público ou ao alcance de uma teletela. A menor coisa poderia delatá-lo. Um tique nervoso, um olhar inconsciente de ansiedade, o costume de falar sozinho: qualquer coisa que sugerisse anormalidade, ou algo a esconder. De todo modo, ter uma expressão imprópria (parecer incrédulo quando anunciavam uma vitória, por exemplo) era em si uma ofensa passível de punição. Existia até uma palavra para isso em Novidioma: *crimefacial*.

A moça deu-lhe as costas de novo. Talvez não o estivesse realmente seguindo; talvez fosse coincidência ela se sentar tão perto dele por dois dias seguidos. Seu cigarro tinha apagado e

ele o pousou com cuidado na borda da mesa. Terminaria de fumá-lo depois do trabalho, se conseguisse manter o tabaco lá dentro. Muito provavelmente a pessoa da mesa ao lado era espiã da Polícia do Pensamento e ele estaria nos porões do Ministério do Amor em três dias, mas o fim de um cigarro não podia ser desperdiçado. Syme dobrara a tira de papel e a enfiara no bolso. Parsons começou a falar de novo.

– Eu já lhe contei, meu velho – começou, cacarejando em volta da haste do cachimbo –, da vez que os meus dois espiõezinhos botaram fogo da saia de uma velha no mercado, porque viram quando ela embrulhou salsichas em um cartaz do G.I.? Eles se esgueiraram atrás dela e botaram fogo com uma caixa de fósforos. Ela se queimou feio, acho. Uns pequenos tratantes, hein? Mas ardidos feito mostarda. É um treinamento de primeira categoria dos Espiões hoje em dia, melhor até do que na minha época. Sabe qual foi a última coisa que ofereceram pra eles? Cornetas acústicas, pra ouvir pelos buracos das fechaduras! Minha menina trouxe uma pra casa, outra noite, e testou na porta da sala de estar. Percebeu que escutava duas vezes mais do que colocando a orelha direto no buraco. Claro que é só um brinquedo, veja bem. Mesmo assim, já passa a ideia certa, né?

Nesse momento, a teletela soltou um assovio agudo. Era o sinal para voltar ao trabalho. Os três homens se puseram de pé para se juntar à luta ao redor dos elevadores, e o resto do tabaco caiu do cigarro de Winston.



Capítulo 6

Winston estava escrevendo no diário:

Foi três anos atrás. Foi em uma noite escura, em uma rua lateral estreita perto de alguma grande estação de trem. Ela estava parada perto de uma porta na parede, debaixo de um poste de luz que mal iluminava. Tinha um rosto jovem com uma camada espessa de pintura. Foi a pintura que me atraiu, sua brancura, como uma máscara, e os lábios vermelhos brilhantes. Mulheres do Partido nunca pintam o rosto. Não tinha mais ninguém na rua, nenhuma teletela. Ela falou dois dólares. Eu

No momento, era difícil demais prosseguir. Ele fechou os olhos e pressionou os dedos sobre as pálpebras, tentando interromper a visão recorrente. Sentia uma tentação quase esmagadora de berrar uma série de palavras sujas a plenos pulmões. Ou de bater a cabeça na parede, chutar a mesa, atirar o tinteiro pela janela; fazer qualquer coisa violenta ou barulhenta ou dolorosa que pudesse apagar a lembrança que o atormentava.

Seu pior inimigo, pensou, é seu próprio sistema nervoso. A qualquer momento, a tensão era capaz de se manifestar em algum sintoma visível. Lembrou-se de um homem por quem tinha passado na rua algumas semanas antes: um homem de aparência bastante comum, um membro do Partido, de 35 ou 40 anos, alto e magro, carregando uma pasta. Estavam

separados por poucos metros quando o lado esquerdo do rosto do homem de repente se deformou em um espasmo. Aconteceu de novo quando passaram um pelo outro: apenas uma fisgada, trêmula e rápida como o clique de uma câmera, mas obviamente habitual. Winston se lembrou de na hora ter pensado: "o pobre-diabo está acabado". E o mais assustador era que o movimento tinha sido, com certeza, inconsciente. O perigo mais mortal era falar no sono. Não havia maneira de se proteger contra isso, até onde ele conseguia entender.

Tomou fôlego e continuou escrevendo:

Eu passei com ela pela porta e atravessei um quintal e entrei em uma cozinha subterrânea. Tinha uma cama encostada na parede e um abajur de luz fraca na mesinha. Ela

Winston estava muito nervoso. Se pudesse cuspir, teria se acalmado. Enquanto se encontrava com a mulher na cozinha subterrânea, pensou em Katharine, sua esposa. Era casado ou, de todo modo, tinha sido; provavelmente ainda o era, pois, até onde sabia, sua esposa não estava morta. Ele pareceu respirar de novo o odor abafado da cozinha subterrânea, um misto de insetos, roupas sujas e perfume falsificado barato, mas ainda assim atraente, porque nenhuma mulher do Partido jamais usava perfume, nem uma pessoa conseguiria imaginá-la usando. Só as proletárias usavam perfume. Em sua mente, o cheiro era inextricavelmente associado à fornicação.

Ir com aquela mulher fora seu primeiro lapso em dois anos. Ou perto disso. Andar com prostitutas era proibido, lógico, mas se tratava de uma daquelas regras que você ocasionalmente conseguia quebrar. Algo arriscado, mas não a ponto de ser uma questão de vida ou morte. Ser pego com uma prostituta poderia significar cinco anos em um campo de

trabalho: não mais, se você não tivesse cometido outro erro. E era fácil, desde que você conseguisse evitar ser pego no ato. Os bairros mais pobres eram lotados de mulheres prontas a se vender. Algumas podiam ser compradas com uma garrafa de gim, que os proletas não deveriam beber. Tacitamente, o Partido parecia até encorajar a prostituição, como um escape para instintos que não podiam ser totalmente suprimidos. A mera devassidão não importava muito, contanto que fosse dissimulada e fria e só envolvesse as mulheres de uma classe invisível e desprezada. O crime imperdoável era a promiscuidade entre membros do Partido. Porém, embora fosse um dos crimes que os acusados nos grandes expurgos sempre confessassem, era difícil imaginar que de fato acontecesse.

O objetivo do Partido não era apenas evitar que homens e mulheres criassem vínculos que não pudessem controlar. Seu propósito real e não declarado era eliminar todo o prazer do ato sexual. Nem tanto o amor, mas o erotismo era o inimigo, tanto dentro quanto fora do casamento. Todos os casamentos entre membros do Partido precisavam ser aprovados por um comitê específico, e, apesar de o princípio nunca ter sido claramente declarado, a permissão era sempre recusada se o casal em questão desse a impressão de ter alguma atração física. O único propósito reconhecido do casamento era gerar crianças para servir o Partido. O intercurso sexual devia ser visto como uma operação secundária e ligeiramente repulsiva, como fazer uma lavagem intestinal. Isso nunca fora dito com palavras claras, mas de um modo indireto era estimulado nos membros do Partido desde a infância. Existiam até organizações, como a Liga Juvenil Antissexo, que defendiam o celibato absoluto para os dois sexos. Todas as crianças deviam ser geradas por inseminação artificial (insemar, em

Novidioma) e educadas em instituições públicas. Isso, Winston sabia, não era levado muito a sério, mas de alguma forma se ajustava à ideologia geral do Partido. O Partido tentava aniquilar o instinto sexual ou, se ele não pudesse ser eliminado, distorcê-lo e torná-lo sujo. Winston não sabia por que era assim, mas parecia normal. E, no que dizia respeito às mulheres, os esforços do Partido haviam sido amplamente bem-sucedidos.

Pensou de novo em Katharine. Devia fazer nove, dez, quase onze anos desde que ambos haviam se separado. Era curioso como pensava pouco nela. Por dias a fio nem mesmo se lembrava de que tinha sido casado. Os dois ficaram juntos por cerca de quinze meses. O Partido não permitia o divórcio, mas incentivava a separação nos casos em que não havia filhos.

Katharine era uma moça alta, loira, de postura e gestos bonitos. Tinha um rosto marcante, aquilino, um rosto que uma pessoa chamaria de nobre, até descobrir que não havia praticamente nada atrás dele. Bem cedo em sua vida de casado Winston havia percebido, embora talvez apenas porque a conhecia mais intimamente do que conhecia a maior parte das pessoas, que ela, de longe, tinha a mente mais estúpida, vulgar e vazia que ele já encontrara. Não havia um só pensamento que não fosse um lema e nem uma única cretinice, absolutamente nenhuma, que ela não fosse capaz de engolir se o Partido oferecesse. Ele a apelidou em seu íntimo como “A trilha sonora humana”. Ainda assim, poderia ter conseguido viver com ela se não fosse por somente uma coisa: sexo.

Assim que a tocava, ela parecia se contrair e enrijecer, como se abraçasse um boneco articulado de madeira. E o estranho era que, mesmo quando Katharine o puxava para si, ele tinha a sensação de ser ao mesmo tempo empurrado para longe com toda a força. A rigidez dos músculos femininos passava essa

impressão. Ela ficava deitada de olhos fechados, nem resistindo nem cooperando, mas se *submetendo*. Era extremamente embaraçoso e, depois de um tempo, péssimo. Mesmo assim, ele teria aguentado viver desse jeito se tivessem combinado permanecer em celibato. Curiosamente, Katharine recusava. Deveriam ter um filho, se pudessem, ela dizia. Então o ato continuou a ocorrer, uma vez por semana, com bastante regularidade, sempre que não fosse impossível. Ela até costumava lembrá-lo a respeito pela manhã, como algo que precisasse ser feito à noite e não pudesse ser esquecido. E dava dois nomes para o ato. Um era "fazer um bebê" e o outro era "nosso dever para com o Partido" (sim, ela realmente usara esta frase). Winston logo desenvolveu um sentimento de pânico quando o dia marcado se aproximava. Mas por sorte nenhum filho apareceu. No fim ela concordou em desistir de tentar e logo depois ambos se separaram.

Winston suspirou em silêncio. Pegou a pena de novo e escreveu:

Ela se atirou na cama e de uma vez, sem nenhum tipo de preliminar, do jeito mais tosco que se pode imaginar, levantou a saia. Eu

Ele viu a si mesmo de pé sob a luz fraca do lampião, com o cheiro de insetos e perfume barato nas narinas, e no coração um sentimento de derrota e remorso que, mesmo naquela hora, se misturava à lembrança do corpo branco de Katharine, congelado para sempre pelo poder hipnótico do Partido. Por que sempre tinha que ser assim? Por que ele não podia ter uma mulher sua, em vez daqueles embates sujos com intervalos de anos? Mas um verdadeiro caso de amor era um evento quase inimaginável. As mulheres do Partido eram todas iguais, com o celibato entranhado tão profundamente quanto a lealdade à agremiação. Por meio de um condicionamento precoce e

cuidadoso, por meio de jogos e água fria, pelas bobagens que lhes apresentavam na escola, nos Espiões e na Liga Jovem, por leituras, desfiles, canções, lemas e música marcial, o sentimento natural tinha sido expulso delas. Estavam todas influenciadas, como o Partido queria que estivessem. E o que Winston desejava, mais até do que ser amado, era romper aquela barreira de virtude, ainda que uma única vez na vida. Sexo feito com sucesso era rebelião. Desejo era pensamentocrime. Até mesmo ter despertado Katharine, se tivesse conseguido tal coisa, teria sido como uma sedução, embora ela fosse sua esposa.

Mas o resto da história precisava ser anotado. Ele escreveu:

Aumentei o lampião. Quando eu a vi à luz

Depois da escuridão, a luz tênue do lampião de parafina parecia muito intensa. Pela primeira vez ele conseguiu enxergar direito a mulher. Deu um passo em direção a ela e depois parou, cheio de desejo e terror. Sua consciência pesava ao pensar no risco que havia assumido ao ir até lá. Era bem possível que as patrulhas o capturassem na saída; poderiam inclusive estar à espera do lado de fora naquele preciso instante. E se ele fosse embora sem ter feito o que tinha ido fazer lá?

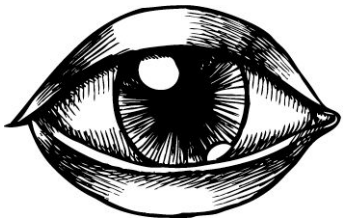
Precisava ser anotado, precisava ser confessado. Ele havia visto de repente, à luz do lampião, que a mulher era *velha*. A pintura em seu rosto, muito grossa, poderia rachar como máscara de gesso. Havia mechas brancas em seu cabelo; mas o detalhe verdadeiramente assustador era que a boca se abrira um pouco, revelando nada a não ser uma escuridão cavernosa. Ela não tinha um único dente.

Ele escreveu apressadamente, em uma letra rabiscada:

Quando eu a vi à luz, ela era uma mulher bem velha, de

50 anos no mínimo. Mas eu fui em frente e fiz mesmo assim.

Pressionou os dedos contra os olhos de novo. Escrevera, afinal, mas não fez diferença. A terapia não funcionou. A ânsia por berrar palavras sujas a plenos pulmões era a mesma de sempre.



Capítulo 7

Se há esperança [Winston escreveu], *é nos proletas.*

Se havia esperança, *tinha de* ser nos proletas, porque só de lá, nas massas agitadas e menosprezadas, oitenta e cinco por cento da população da Oceania, poderia vir a força que destruiria o Partido. O Partido não poderia ser derrubado por si mesmo. Seus inimigos, se é que existiam, não tinham como se juntar, nem mesmo como se identificar mutuamente. Ainda que a lendária Irmandade existisse, era inconcebível que seus membros alguma vez pudessem se reunir em grupos maiores do que dois ou três. Rebelião significava certo olhar nos olhos, uma inflexão da voz; no máximo, uma palavra ou outra na maior discrição. Mas os proletários, se ao menos se tornassem conscientes da própria força, nem precisariam conspirar. Bastava se levantar e se sacudir como um cavalo espantando as moscas. Se quisessem, poderiam implodir o Partido amanhã de manhã. Cedo ou tarde, com certeza a ideia de fazer isso vai lhe ocorrer. Apesar disso…

Winston se lembrou de como certa vez descia uma ladeira lotada quando o grito de uma turba, vozes de mulher, tinha explodido em uma rua pouco adiante. Era um grito impactante de raiva e desespero, um "oh-o-o-o-ô" profundo, que vibrava como um sino. Seu coração deu um salto. "Começou!", ele pensou. Um motim! Os proletas estavam se libertando, afinal! Chegando ao local, o que ele viu foi uma multidão de duzentas ou trezentas mulheres amontoadas ao redor das barracas de um

mercado ao ar livre, com expressões trágicas como se fossem as passageiras condenadas de um navio a pique. Mas naquele momento o desespero generalizado se estilhaçou em uma multiplicidade de brigas individuais. Parecia que uma das barracas estava vendendo caçarolas de latão. Eram coisas ordinárias, frágeis, mas qualquer tipo de panela era sempre difícil de conseguir. Mas o suprimento repentinamente chegava ao fim. As mulheres bem-sucedidas, puxadas e empurradas pelas outras, tentavam escapar com suas panelas, enquanto dúzias de outras gritavam ao redor da barraca, acusando o vendedor de favoritismo e de ter mais panelas de reserva em algum lugar. Houve uma nova explosão de gritos. Duas mulheres inchadas, uma delas perdendo cabelo, haviam agarrado a mesma panela e tentavam arrancá-la das mãos uma da outra. Por um momento, ambas lutaram, e depois o cabo se soltou. Winston as observou com asco. Ainda assim, por apenas um instante, que poder quase assustador tinha soado naqueles gritos de umas poucas centenas de gargantas! Por que é que elas nunca pareciam gritar daquele jeito sobre nada que realmente importasse? Ele escreveu:

> *Até que elas se tornem conscientes, nunca vão se rebelar, e até depois de se rebelar, não podem se tornar conscientes.*

Essa frase, refletiu, quase poderia ser a transcrição de um dos livros do Partido. O Partido alegava, é claro, ter libertado os proletas das amarras. Antes da Revolução, eles foram hediondamente oprimidos pelos capitalistas, tinham passado fome e sido açoitados, mulheres haviam sido forçadas a trabalhar nas minas de carvão (e ainda trabalhavam, aliás), crianças eram vendidas para as fábricas aos 6 anos. Ao mesmo tempo, leal aos princípios do duplopensar, o Partido ensinava que os proletas eram naturalmente inferiores e precisavam ser

mantidos nessa condição, como bichos, por meio da aplicação de umas poucas regras simples. Na realidade, bem pouco se sabia sobre os proletas. Não era preciso saber muito. Enquanto eles continuassem a trabalhar e a procriar, suas outras atividades não tinham importância. Deixados à própria sorte, como o gado solto nos prados da Argentina, haviam voltado a um estilo de vida que lhes parecia normal, como se seguissem um padrão da própria ancestralidade. Eles nasciam, cresciam nas sarjetas, iam trabalhar aos 12 anos, passavam por um breve período de florescimento de beleza e desejo sexual, casavam-se aos 20, atingiam a meia-idade aos 30 e morriam, em sua maior parte, aos 60. Trabalho físico pesado, o cuidado com a casa e os filhos, disputas mesquinhas com os vizinhos, filmes, futebol, cerveja e, acima de tudo, jogo preenchiam o horizonte de suas mentes. Mantê-los sob controle não era difícil. Uns poucos agentes da Polícia do Pensamento sempre circulavam no meio deles, espalhando rumores falsos e anotando e eliminando uns poucos indivíduos, julgados capazes de se tornar perigosos; mas não se fazia nenhuma tentativa de doutriná-los com a ideologia do Partido. Não era desejável que os proletas tivessem fortes sentimentos políticos. Só se exigia deles um patriotismo primitivo, ao qual se poderia apelar quando fosse necessário fazê-los aceitar acréscimo de trabalho ou redução das rações. E, mesmo quando contrariados, como às vezes ficavam, esse descontentamento não levava a lugar nenhum, porque, sem ideias, eles só conseguiam se concentrar em disputas mesquinhas e específicas. Os males maiores invariavelmente lhes escapavam. A maioria dos proletas nem tinha teletelas em casa. Até a polícia civil mexia muito pouco com eles. Havia uma vasta criminalidade em Londres, um submundo paralelo de ladrões, bandidos, prostitutas, traficantes e escroques de todo tipo; porém, desde que tudo ficasse entre os proletas, não

tinha importância. Em todas as questões morais, eles podiam seguir o próprio código ancestral. O puritanismo sexual do Partido não lhes era imposto. A promiscuidade ocorria sem punição; permitia-se o divórcio. Aliás, até a devoção religiosa teria sido autorizada caso os proletas houvessem demonstrado algum sinal de precisar dela ou querê-la. Estavam abaixo das suspeitas. Como o lema do Partido dizia: "Proletas e animais são livres".

Winston se abaixou e cuidadosamente coçou a úlcera varicosa. Tinha voltado a pinicar. Também sempre voltava a impossibilidade de saber como era a vida de verdade antes da Revolução. Ele tirou da gaveta um exemplar de um livro de História para crianças que havia tomado emprestado da senhora Parsons e começou a copiar um trecho no diário:

> *Nos velhos tempos* [dizia]*, antes da Revolução gloriosa, Londres não era a cidade bonita que conhecemos hoje. Era um lugar escuro, sujo e miserável onde quase ninguém tinha o suficiente para comer e onde centenas e milhares de pobres não tinham botas para calçar nem um telhado sob o qual dormir. Crianças, que não eram mais velhas do que você, precisavam trabalhar doze horas por dia para patrões cruéis, que as açoitavam com chicotes se elas trabalhassem devagar e não as alimentavam com nada além de crostas de pão mofado e água. Porém, em meio a essa pobreza terrível, havia umas poucas casas grandes e bonitas, habitadas por homens ricos que tinham até trinta criados para cuidar deles. Esses homens ricos eram chamados de capitalistas. Eles eram homens gordos, feios e de rosto malvado como o da figura na página oposta. Você pode ver que ele está vestindo um casaco preto e comprido, que se chamava sobrecasaca, e um chapéu estranho e brilhante, em forma de chaminé de fogão, que*

se chamava cartola. Esse era o uniforme dos capitalistas, e ninguém mais tinha permissão para usá-lo. Os capitalistas eram donos de todas as coisas do mundo, e todo mundo era escravo deles. Eles possuíam toda a terra, todas as casas, todas as fábricas e todo o dinheiro. Se alguém os desobedecia, eles podiam mandar a pessoa para a prisão, ou tirar o seu emprego e assim matá-la de fome. Quando uma pessoa comum falava com um capitalista, precisava se encolher e se curvar, tirar o chapéu e chamá-lo de "senhor". O chefe de todos os capitalistas era chamado de Rei, e

Ele conhecia o resto do livro. Haveria menção aos bispos em suas vestes de cambraia, aos juízes em suas togas de pele de arminho, ao pelourinho, ao tronco, ao engenho e ao chicote, ao Banquete do Senhor Prefeito e ao costume de beijar os pés do Papa. Existia também uma coisa chamada *jus primae noctis*, que provavelmente não seria citada em um livro para crianças; tratava-se de uma lei pela qual todo capitalista tinha o direito de dormir com qualquer mulher que trabalhasse em uma de suas fábricas.

Como saber qual parte era mentira? *Talvez* fosse verdade que o ser humano médio estivesse melhor agora do que antes da Revolução. A única evidência em contrário era o protesto mudo dos seus próprios ossos, o sentimento instintivo de que as condições em que você vivia eram intoleráveis e que em alguma outra época deveria ter sido diferente. Ocorreu-lhe que a única coisa verdadeiramente característica da vida moderna não eram a crueldade e a insegurança, mas simplesmente a crueza, a sujeira, a apatia. A vida, se você olhasse ao redor, não era diferente apenas das mentiras que saíam das teletelas, mas também dos ideais que o Partido tentava atingir. Grande parte dela, até para um membro do Partido, era neutra e

apolítica, uma questão de se acabar em trabalhos extenuantes, lutar por um espaço no metrô, cerzir uma meia gasta, mendigar um tablete de sacarina, economizar uma ponta de cigarro. O ideal estabelecido pelo Partido era grandioso, terrível, genial; um mundo de aço e concreto, de máquinas monstruosas e armas aterradoras; uma nação de guerreiros e fanáticos marchando adiante em perfeita união, todos pensando igual e gritando os mesmos lemas, sempre trabalhando, lutando, triunfando, perseguindo: trezentos milhões de pessoas, todas com o mesmo rosto. A realidade era decadente, cidades imundas onde pessoas subnutridas zanzavam em sapatos furados por casas remendadas do século XIX que sempre fediam a repolho e lavatórios ruins. Winston pareceu ter uma visão de Londres, vasta e arruinada, lar de milhões de latões de lixo, e misturada a isso estava a figura da senhora Parsons, uma mulher de rosto vincado e cabelo ralo, lutando inutilmente com um cano entupido.

Ele se abaixou e coçou o tornozelo de novo. Dia e noite, as teletelas bombardeavam seus ouvidos com estatísticas provando que na atualidade as pessoas tinham mais comida, mais roupas, casas melhores, entretenimento de qualidade; que viviam mais, trabalhavam menos, eram mais altas, mais saudáveis, mais fortes, mais felizes, mais inteligentes, mais estudadas, do que as pessoas de cinquenta anos antes. Nenhuma palavra disso, porém, jamais poderia ser comprovada ou refutada. O Partido alegava, por exemplo, que quarenta por cento dos proletas adultos eram alfabetizados; antes da Revolução, dizia-se, eram apenas quinze por cento; ou que a taxa de mortalidade infantil era de apenas cento e sessenta por mil, enquanto antes da Revolução tinha sido de trezentos mil; e assim por diante. Era como uma equação simples com duas variáveis. Talvez, literalmente, cada palavra

nos livros de História, mesmo que uma pessoa aceitasse sem questionar, fosse pura fantasia. Pois, até onde ele sabia, poderia nunca ter existido uma lei como a *jus primae noctis*, criatura como um capitalista ou um adereço como uma cartola.

Tudo se dissolvia na névoa. O passado era apagado, o apagado era esquecido, a mentira se tornava verdade. Apenas uma vez na vida Winston possuíra (*depois* do evento: isso era o que importava) uma evidência concreta e definitiva de um ato de falsificação. Ele a havia segurado entre os dedos por quase trinta segundos. Em 1973, deve ter sido; não importava quando, mais ou menos na época em que ele e Katharine se separaram. Mas a data de fato relevante era sete ou oito anos antes.

A história começara no meio dos anos 1960, o período dos grandes expurgos durante o qual os líderes originais da Revolução foram eliminados de uma vez por todas. Por volta de 1970 não sobrara nenhum, exceto o Grande Irmão. Todo o restante havia sido, àquela altura, exposto como traidor e contrarrevolucionário. Goldstein fugira e ninguém sabia onde estava escondido; quanto aos outros, alguns haviam simplesmente desaparecido, ao passo que a maioria fora executada depois de julgamentos públicos dramáticos nos quais todos confessaram seus crimes. Entre os últimos sobreviventes havia três homens, chamados Jones, Aaronson e Rutherford, que devem ter sido presos em 1965. Como quase sempre acontecia, eles desapareceram por um ano ou mais, de modo que não se sabia se estavam vivos ou mortos, e depois subitamente trazidos a público para incriminar a si mesmos do modo habitual. Eles admitiram colaboração com a inteligência do inimigo (que também era a Eurásia), desfalque de dinheiro público, assassinato de vários membros do Partido, intrigas contra a liderança do Grande Irmão, iniciadas muito antes da

Revolução, e atos de sabotagem que causaram centenas de milhares de mortes. Após confessar esses crimes, foram perdoados, reintegrados ao Partido e receberam cargos inúteis, mas que soavam importantes. Todos os três haviam escrito artigos longos, abjetos, no *Times*, analisando os motivos de sua deserção, e prometido se corrigir.

Algum tempo depois da soltura, Winston viu os três no Café Castanheira. Lembrou-se da espécie de fascínio aterrorizado com que os observara pelo canto dos olhos. Eram homens muito mais velhos do que ele, relíquias do mundo antigo, quase as últimas grandes figuras que sobravam dos primeiros dias heroicos do Partido. Ainda carregavam um pouco do *glamour* da luta clandestina e da guerra civil. Winston tinha a sensação, embora já naquela época os fatos e as datas estivessem ficando borrados, de que conhecia os nomes deles desde muito antes do Grande Irmão. Mas ao mesmo tempo aqueles homens eram delinquentes, inimigos, intocáveis, condenados com absoluta certeza à extinção em um ano ou dois. Ninguém que houvesse caído nas garras da Polícia do Pensamento havia escapado no fim. Eram cadáveres esperando ser devolvidos à sepultura.

Não havia ninguém nas mesas mais próximas a eles. Não era sábio nem mesmo ser visto nas cercanias de tais pessoas. Estavam sentados em silêncio diante de copos de gim aromatizado com cravo, especialidade do café. Dos três, foi de Rutherford a aparência que mais impressionou Winston. Ele fora um famoso caricaturista cujos desenhos brutais tinham ajudado a inflamar a opinião pública antes e durante a Revolução. Mesmo agora, a longos intervalos, seus desenhos apareciam no *Times*. Eram mera imitação do estilo anterior, porém sem graça e nada convincentes. Não passavam de uma reconstituição dos antigos temas: favelas, crianças famintas,

brigas de rua, capitalistas de cartola (mesmo nas barricadas, os capitalistas ainda pareciam se agarrar às cartolas), um esforço infinito e inútil de voltar ao passado. Rutherford era um homem monstruoso, com uma juba grisalha, o rosto enrugado e vincado, lábios protuberantes. No passado devia ter sido imensamente forte; agora, o grande corpo flácido, caído, curvo, cambaleava em todas as direções. Parecia ruir diante dos olhos de uma pessoa, como uma montanha desmoronando.

Era o horário solitário das quinze. Winston não conseguia se lembrar de como tinha ido parar no café a uma hora daquelas. O lugar estava quase vazio. Uma música digital saía das teletelas. Os três homens, sentados em seu canto quase imóveis, nunca falavam. Sem nenhum pedido, o garçom levou novos copos de gim. Havia um tabuleiro de xadrez na mesa ao lado deles, com as peças posicionadas, mas nenhum jogo iniciado. E depois, por talvez meio minuto no total, algo havia acontecido às teletelas. A música mudou e o volume também. Alguma coisa a invadiu, não sabia explicar o quê. Era uma nota estranha, quebrada, sem melodia, zombeteira; em sua cabeça, Winston a chamou de nota amarela. E depois uma voz na teletela cantou:

Sob a castanheira frondosa

Eu vendi você e você me vendeu

Ali estão eles e cá estamos nós

Sob a castanheira frondosa

Os três homens não moveram um músculo. Mas, quando Winston espiou de novo o rosto envelhecido de Rutherford, viu que seus olhos estavam cheios de lágrimas. E pela primeira vez notou, sentindo um tremor interno, embora ainda não soubesse *por que* tremia, que tanto Aaronson quanto Rutherford tinham o nariz quebrado.

Um pouco mais tarde, os três foram presos de novo. Aparentemente, haviam se envolvido em novas conspirações desde o primeiro instante após a soltura. No segundo julgamento, confessaram os velhos crimes outra vez, com toda uma série de novos delitos. Foram executados, e seu destino, registrado nos anais do Partido como um alerta para a posteridade. Cerca de cinco anos depois disso, em 1973, Winston desenrolava um maço de documentos que acabara de deslizar do tubo pneumático para sua mesa quando topou com um pedaço de papel que havia, evidentemente, sido inserido no meio dos demais e depois esquecido. No momento em que o tocou, percebeu sua importância. Era uma meia página rasgada do *Times* de uns dez anos antes. A metade superior incluía a data e continha a fotografia dos delegados de alguma repartição do Partido em Nova Iorque. Destacados no centro do grupo estavam Jones, Aaronson e Rutherford. Não havia dúvida e, para confirmar, seus nomes estavam na legenda, no rodapé.

O ponto é que, em ambos os julgamentos, todos haviam confessado que naquela data tinham estado em solo eurasiano. Haviam voado de um campo aéreo secreto no Canadá rumo a um encontro em algum lugar na Sibéria, e se reunido com membros do Estado-Maior da Eurásia, a quem revelaram importantes segredos militares. A data ficara marcada na memória de Winston por ser o dia do solstício de verão, mas a história toda devia estar também em inúmeros outros lugares. Havia uma única conclusão possível: as confissões não passavam de mentiras.

Obviamente, isso não era novidade. Mesmo naquela época, Winston não imaginava que as pessoas eliminadas nos expurgos tivessem realmente cometido os crimes de que eram acusadas. Mas se tratava de uma evidência concreta; um

fragmento do passado abolido, como um osso fossilizado que surgia no substrato errado e destruía uma teoria geológica. Era suficiente para explodir o Partido em pedacinhos, se de alguma forma pudesse ter sido publicado para o mundo, e seu sentido, divulgado.

Winston retomara o trabalho imediatamente. Assim que identificou a fotografia e seu significado, cobrira-a com outro pedaço de papel. Por sorte, quando a desenrolou, ela havia ficado de ponta-cabeça em relação à teletela.

Ele apoiou a caderneta de rascunhos nos joelhos e afastou a cadeira de modo a ficar o mais distante possível da teletela. Manter o rosto apático não era difícil, e até sua respiração podia ser controlada, com algum esforço; mas os batimentos cardíacos, não, e a teletela era sensível o bastante para captar. Ele deixou passar o que julgou serem dez minutos, atormentado o tempo todo pelo medo de que algum imprevisto, um vento súbito em sua mesa, por exemplo, o delatasse. Depois, sem descobri-la, jogou a fotografia no buraco da memória, junto com outros papéis usados. Dentro de talvez um minuto ela teria virado cinzas.

Isso acontecera dez, onze anos atrás. Hoje, provavelmente, ele teria guardado aquela fotografia. Era curioso que o fato de a ter segurado entre os dedos lhe parecesse fazer diferença mesmo agora, quando a foto, assim como o evento que ela registrava, era apenas uma lembrança. Seria o controle do Partido sobre o passado menos forte porque um pedaço de evidência inexistente já *tivesse existido*?

Mas, supondo que a fotografia pudesse de alguma forma ser ressuscitada de suas cinzas, ela poderia nem ser uma prova. Na época em que ele fez a descoberta, a Oceania não estava mais em guerra com a Eurásia, e para os agentes da Lestásia os três

homens mortos com certeza tinham traído seu país. Desde então, haviam ocorrido outras alterações: duas, três, ele não conseguia recordar quantas. Muito provavelmente as confissões haviam sido reescritas várias vezes até que os fatos e as datas originais já não tivessem a menor importância. O passado não apenas se alterava uma vez, mas continuamente. O que mais o afligia com a sensação de pesadelo era que ele jamais entendera claramente *por que* uma farsa daquelas era levada a cabo. As vantagens imediatas de falsificar o passado eram óbvias, mas a finalidade última continuava misteriosa. Ele apanhou a pena de novo e escreveu:

Eu entendo COMO: eu não entendo POR QUÊ.

Questionou, como tantas vezes antes, se seria um lunático, simplesmente uma minoria de um. Houve uma época em que foi considerado sinal de loucura acreditar que a Terra gira em torno do Sol; hoje, loucura era acreditar na imutabilidade do passado. Ele talvez estivesse *sozinho* ao defender essa teoria; e, se estava sozinho, então era lunático. Mas a ideia de ser um lunático não o perturbava especialmente; o horror era poder também estar errado.

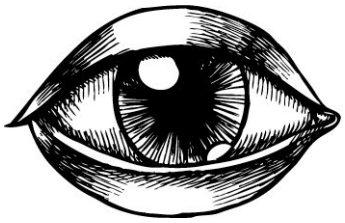
Pegou o livro de História para crianças e olhou para o retrato do Grande Irmão que formava o frontispício. Os olhos hipnóticos encararam os dele. Era como se uma força imensa o reprimisse, algo que penetrava seu crânio, esmurrava seu cérebro e o amedrontava com suas próprias crenças, convencendo-o quase a negar as evidências dos seus sentidos. No final, o Partido anunciaria que dois e dois são cinco e você teria de acreditar. Era inevitável que cedo ou tarde fizessem tal afirmação: a lógica da posição deles assim exigia. Não apenas a validade da experiência, mas a própria existência da realidade externa era tacitamente negada pela filosofia do Partido. A maior das heresias era o senso comum. E o mais

aterrador não era que o matassem por pensar de outra forma, mas que eles talvez estivessem certos. Porque, afinal, como nós sabemos que dois e dois são quatro? Ou que a força da gravidade funciona? Ou que o passado é inalterável? Se tanto o passado quanto o mundo externo só existem na mente, e se a mente em si é controlável… como ficam as coisas?

Mas não! Sua coragem pareceu de repente endurecer por vontade própria. O rosto de O'Brien, não convocado por nenhuma associação óbvia, cruzou sua mente. Ele sabia, com mais certeza do que antes, que O'Brien estava ao seu lado. Escrevia o diário por O'Brien, *para* O'Brien; era como uma carta interminável que ninguém jamais leria, mas dirigida a uma pessoa em particular, e isso o motivava.

O Partido lhe dizia para rejeitar a evidência vista e ouvida. Essa era a ordem final e mais importante. O coração de Winston se apertou quando ele pensou no enorme poder formado contra si, a facilidade com que qualquer intelectual do Partido poderia esmagá-lo em um debate, os argumentos sutis que ele não teria capacidade para entender, menos ainda rebater. E mesmo assim estava certo! Eles estavam errados, e ele estava certo. O óbvio, o tolo e o verdadeiro precisavam ser defendidos. Banalidades são verdades, agarre-se a isso! O mundo sólido existe, suas leis não se alteram. Pedras são duras, água molha, objetos sem apoio caem em direção ao centro da Terra. Com a sensação de que falava com O'Brien e estabelecia um axioma importante, escreveu:

> *Liberdade é ser livre para dizer que dois mais dois são quatro. Se isso estiver garantido, todo o resto é consequência.*



Capítulo 8

De algum lugar no fim de uma viela, o cheiro de café sendo torrado (café de verdade, não Café Vitória) pairava pela rua. Winston parou involuntariamente. Por dois segundos, talvez, rememorou o mundo quase esquecido de sua infância. Então uma porta bateu e interrompeu o cheiro abruptamente.

Ele havia caminhado vários quilômetros por ruas pavimentadas e sua úlcera varicosa latejava. Era a segunda vez em três semanas que deixava de ir ao Centro Comunitário à noite: um ato imprudente, pois na certa a quantidade das idas era cuidadosamente verificada. Em princípio, um membro do Partido não tinha tempo livre e jamais ficava sozinho, a não ser na cama. Supunha-se que, quando não estivesse trabalhando, comendo ou dormindo, deveria participar de alguma recreação comunitária. Fazer alguma coisa que sugerisse gosto pela solidão, até mesmo sair para caminhar sozinho, era sempre um tanto arriscado. Existia uma palavra para isso em Novidioma: *vidaprópria*, que significava individualismo e excentricidade. Mas naquela noite, ao sair do Ministério, o perfume do ar de abril o chamara. O céu exibia o tom de azul mais quente que ele já vira naquele ano, e então a noite longa e barulhenta no Centro Comunitário, com seus jogos tediosos e cansativos, as leituras, a camaradagem rachada unida pelo gim, parecia insuportável. Em um impulso, ele desviou da parada do ônibus e vagou a esmo pelas entranhas labirínticas de Londres; primeiro ao Sul, depois a

Leste, então para o Norte, perdendo-se em ruas desconhecidas e mal se importando com a direção que tomava.

"Se há esperança", escrevera no diário, "é nos proletas". As palavras voltavam em *loop*, declarando uma verdade mística e um absurdo palpável. Ele estava em algum lugar das favelas indistintas, escuras, ao Norte e a Leste do que antes era a Estação São Pancrácio. Andava por uma rua de paralelepípedos com pequenos sobrados de portas desgastadas que davam direto para a calçada e curiosamente sugeriam buracos de rato. Havia poças de água suja aqui e ali, entre os paralelepípedos. Para dentro e para fora das portas, e ao longo das vielas que se ramificavam em cada ponta, pessoas se amontoavam em quantidades espantosas: meninas na flor da idade com lábios pintados cruamente e jovens que as perseguiam; mulheres gordas que perambulavam mostrando como as meninas seriam dali a dez anos; velhos encurvados se arrastando, com os pés virados para fora; crianças descalças e esfarrapadas que brincavam nas poças e se dispersavam com os gritos zangados das mães. Cerca de um quarto das janelas da rua estava partido e fechado com papelão. A maior parte das pessoas não dava atenção a Winston; umas poucas o observaram com alguma curiosidade contida. Duas mulheres grandes, com antebraços vermelhos como tijolos cruzados por cima dos aventais, conversavam na calçada. Winston captou fragmentos da conversa conforme se aproximou.

– "É", eu falei pra ela, "tá tudo muito bem", eu falei. "Mas se você tivesse no meu lugar você tinha feito a mesma coisa que eu fiz. Criticar é fácil", eu falei, "mas você não tem os mesmos problemas que eu tenho".

– Ah – disse a outra –, é bem isso. É bem assim mesmo.

As vozes agudas pararam abruptamente. As mulheres o

mediram em silêncio hostil enquanto ele passava. Mas não era hostilidade, exatamente, apenas um cansaço, um susto momentâneo, como à passagem de algum animal desconhecido. O macacão azul do Partido não podia ser uma visão comum em uma rua como aquela. Na verdade, não era prudente ser visto em tais lugares, a menos que você tivesse assuntos específicos a tratar. As patrulhas poderiam pará-lo se por acaso o encontrassem. "Posso ver seus documentos, camarada? O que está fazendo aqui? A que horas saiu do trabalho? Este é seu caminho habitual para casa?", e assim por diante. Não existia regra contra andar para casa por uma rota incomum, mas era suficiente para atrair a atenção se a Polícia do Pensamento ficasse sabendo.

De repente, a rua inteira entrou em alvoroço. Houve gritos de alerta de todos os lados. As pessoas corriam para dentro de casa como coelhos. Uma jovem saiu de uma porta um pouco à frente de Winston, agarrou uma criancinha que brincava na poça, envolveu-a com o avental e saltou para dentro de novo, tudo em um só movimento. No mesmo instante, um homem de paletó preto pregueado, saído de uma viela lateral, correu na direção de Winston apontando, agitado, para o céu.

– Vapor! – ele berrou. – Cuidado aí, chefe! Proteja-se! Abaixe rápido!

"Vapor" era o apelido que, por alguma razão, os proletas tinham dado às bombas. Winston imediatamente se jogou ao chão, com o rosto para baixo. Os proletas estavam quase sempre certos quando davam conselhos desse tipo. Pareciam ter algum tipo de instinto que lhes dizia com vários segundos de antecedência quando um foguete viria, embora estes supostamente voassem mais depressa do que o som. Winston protegeu a cabeça com os braços. Houve um estrondo que pareceu levantar o calçamento; ele sentiu algo cair em suas

costas. Quando se levantou, descobriu que estava coberto de cacos de vidro da janela mais próxima.

Seguiu andando. A bomba tinha demolido um grupo de casas duzentos metros acima na rua. Uma coluna preta de fumaça pairava no céu, e abaixo dela formara-se uma nuvem de poeira de gesso, em meio à qual uma multidão já se apinhava ao redor das ruínas. Havia uma pequena pilha de reboco na calçada, e no meio dela Winston viu um filete vermelho brilhante. Quando se aproximou, notou que se tratava de uma mão humana seccionada na altura do punho. Exceto pelo cotoco sangrento, a mão estava completamente branca, como se fosse um molde de gesso.

Ele a chutou para a sarjeta e depois, para evitar a multidão, desceu uma rua à direita. Em três ou quatro minutos já estava fora da área que a bomba atingira, e a vida miserável superlotada das ruas seguia como se nada tivesse acontecido. Eram quase vinte horas, e as lojas de bebidas que os proletas frequentavam (e que chamavam de "bares") estavam entupidas de gente. De cada porta vaivém imunda, infinitamente se abrindo e fechando, saía um cheiro de urina, serragem e cerveja azeda. No ângulo formado pela fachada projetada de uma casa, três homens estavam de pé, muito juntos, o do centro segurando um jornal dobrado que os outros dois liam por cima de seu ombro. Mesmo antes de se aproximar o suficiente para decifrar a expressão nos rostos, Winston pôde ver o interesse em cada músculo de seus corpos. O que liam era obviamente alguma notícia muito séria. A alguns passos de distância, ele viu que de repente o grupo se separou e dois dos homens começaram uma altercação violenta. Por um instante, pareceram prestes a trocar sopapos.

– Mas será possível que você não tá me ouvindo? Tô falando que nenhum número que acaba em sete ganhou nos últimos

catorze meses!

– Ganhou, sim!

– Não, não ganhou! Em casa eu tenho todos os dos últimos dois anos anotados em um pedaço de papel. Eu anoto com a precisão dum maldito relógio. E tô falando, nenhum número que acaba em sete…

– Ganhou, um sete ganhou! Eu posso até falar o maldito número, ele acabava em quatro zero sete. Foi em fevereiro, na segunda semana de fevereiro.

– Fevereiro a sua mãe! Eu tenho tudo anotado, preto no branco, e tô falando, nenhum número…

– Ah, enfiem! – disse o terceiro homem.

Eles conversavam sobre a loteria. Winston olhou para trás ao se afastar por trinta metros. Ainda os viu discutindo, com rostos vívidos, passionais. A loteria e seu pagamento semanal de prêmios milionários era o único evento público aos quais os proletas davam realmente atenção. Era provável que existissem alguns milhões para quem a loteria era a principal, senão a única, razão para continuarem vivos. Era seu deleite, sua alegria, seu bálsamo, seu estimulante intelectual. Quando se tratava da loteria, até pessoas que mal sabiam ler e escrever pareciam capazes de cálculos complexos e impressionantes prodígios de memória. Havia toda uma classe de homens que ganhavam a vida simplesmente vendendo métodos, previsões e amuletos da sorte. Winston não tinha nada a ver com a administração da loteria, gerenciada pelo Ministério da Fartura, mas estava ciente (na verdade, todo mundo no Partido estava ciente) de que os prêmios eram em grande medida imaginários. Pagavam-se apenas pequenas somas, e os ganhadores dos grandes prêmios não existiam. Na ausência de toda intercomunicação real entre uma parte da Oceania e

outra, não era difícil fazer isso.

Mas, se havia esperança, era nos proletas. Você precisava se agarrar a isso. Em palavras, soava razoável; ao olhar para os seres humanos passando na calçada, tornava-se um ato de fé. A rua onde ele virou era uma descida. Tinha a sensação de já ter passado naquele bairro antes e calculou que havia uma rua principal não muito distante. De algum ponto à frente vinha um barulho de vozes gritando. A rua fazia uma curva fechada e terminava em um lance de degraus que desciam a uma viela funda, onde algumas barracas vendiam legumes murchos. Nesse momento, Winston se lembrou de onde estava. A viela conduzia à rua principal, e depois da curva seguinte, a menos de cinco minutos, ficava a lojinha de antiguidades onde ele comprara o caderno sem pauta que era agora seu diário. E em uma pequena papelaria não longe dali adquirira o porta-penas e o tinteiro.

Parou um instante no alto dos degraus. Do lado oposto da viela ficava um pequeno bar imundo cujas janelas pareciam congeladas, mas que na realidade estavam apenas cobertas de poeira. Um homem muito velho, curvado, mas ágil, com bigodes brancos que se mexiam como os de um camarão, empurrou a porta vaivém e entrou. Winston, parado, observando, pensou que aquele velho, decerto com cerca de 80 anos, já estava na meia-idade quando a Revolução aconteceu. Ele e alguns poucos como ele eram os últimos vínculos que existiam agora com o mundo desaparecido do capitalismo. No próprio Partido não havia muita gente cujas ideias tivessem sido formadas antes da Revolução. A geração mais velha tinha sido em grande parte varrida nos grandes expurgos dos Cinquenta e dos Sessenta, e os poucos sobreviventes foram, muito tempo antes, ameaçados até a completa submissão intelectual. Se ainda existia alguma pessoa viva capaz de fazer

um relato confiável das condições no início do século, só poderia ser um proleta. De repente, o trecho do livro de História para crianças que Winston havia copiado no diário voltou à sua cabeça, e um impulso louco o tomou. Ele entraria no bar, estabeleceria contato com aquele velho e o interrogaria: "Conte-me sobre a vida quando você era menino. Como era naqueles dias? Melhor do que agora ou pior?".

Apressado, se não fosse o tempo para sentir medo, ele desceu os degraus e atravessou a rua estreita. Era uma loucura, sabia. Como sempre, não havia uma regra clara que proibisse conversar com proletas e frequentar os bares deles, mas tratava-se de uma ação muitíssimo incomum para passar despercebida. Se as patrulhas aparecessem, ele poderia justificar com um ataque de fraqueza, mas não era provável que acreditassem. Ao entrar, um cheiro enjoativo de cerveja azeda o atingiu. O volume das vozes baixou pela metade. Sentia todos olhando para seu macacão azul. Um jogo de dardos na ponta oposta do salão foi interrompido por uns trinta segundos. O velho que ele seguira estava de pé junto ao balcão discutindo com o *barman*, um jovem parrudo, robusto, com nariz adunco e antebraços enormes. Outro grupo, de pé ao redor, segurava copos e observava a cena.

– Eu falei com educação, não falei? – disse o velho, endireitando os ombros de maneira belicosa. – Tá me dizendo que não tem um maldito quartilho de cerveja?

– E que diabos é um quartilho? – respondeu o *barman*, curvando-se para a frente com a ponta dos dedos sobre o balcão.

– Macacos me mordam! Ele se diz um *barman* e não sabe o que é um quartilho! Ora, um quartilho é metade dum quarto, e tem quatro quartos num galão! Vô ter que lhe ensinar até o A,

B, C.

– Nunca ouvi falar – respondeu o homem, seco. – Litro e meio litro, é isso que a gente serve. Ali tão os copos na prateleira à sua frente.

– Eu quero um quartilho – insistiu o velho. – Você podia tirar um quartilho muito fácil. A gente não tinha nada desses malditos litros quando eu era jovem.

– Quando você era jovem, a gente ainda vivia nas árvores – zombou o *barman*, lançando um olhar para os demais clientes.

Houve uma gargalhada geral, e o constrangimento causado pela entrada de Winston pareceu sumir. O rosto branco e sem barba do velho tinha ficado cor-de-rosa. Ele se virou, resmungando sozinho, e deu um encontrão em Winston, que o pegou gentilmente pelo braço.

– Posso lhe oferecer um trago?

– Você é um cavalheiro – disse o velho, endireitando os ombros de novo. Parecia não ter notado o macacão azul de Winston. – Quartilho! – acrescentou de modo agressivo, olhando para o *barman*. – Um quartilho de cerveja suave.

O *barman* serviu dois meios litros de cerveja marrom escura em copos de vidro grosso que enxaguou em um balde sob o balcão. Cerveja era a única bebida que se conseguia em bares proletas. Não se supunha que proletas tomassem gim, embora na prática eles conseguissem obtê-lo com facilidade. O jogo de dardos recomeçara com força total, e o grupo de homens no balcão iniciara uma conversa sobre bilhetes de loteria. A presença de Winston foi esquecida por um momento. Havia uma mesa de jogo sob a janela, onde ele e o velho poderiam falar sem medo de serem ouvidos. Era muito arriscado, mas ao menos não havia teletelas no bar, um aspecto do qual Winston

se certificou ao entrar.

– O maldito bem podia ter me dado um quartilho – rosnou o velho quando se acomodou atrás do copo. – Meio litro não é o bastante. Não satisfaz. E um litro todo é muito. Faz minha bexiga vazar. Pra não falar do preço.

– Você deve ter visto grandes mudanças desde que era jovem – comentou Winston, na tentativa de descobrir algo.

Os olhos azuis pálidos do velho foram do alvo de dardos para o balcão e do balcão para a porta do banheiro masculino, como se as mudanças tivessem ocorrido no ambiente do bar.

– A cerveja era melhor – ele disse, afinal. – E mais barata! Quando eu era jovem, cerveja suave, ou chope, como a gente chamava, custava quatro centavos o quartilho. Isso foi antes da guerra, claro.

– Que guerra foi essa?

– As guerras todas – falou o velho, desconversando. Pegou o copo e seus ombros se endireitaram de novo. – Tudo de melhor pra sua saúde!

No pescoço fino, o pomo de adão proeminente fez um movimento bem rápido para cima e para baixo, e a cerveja desapareceu. Winston foi ao balcão e voltou com mais dois meios litros. O velho pareceu se esquecer do preconceito contra beber um litro inteiro.

– Você é muito mais velho do que eu – disse Winston. – Já devia ser adulto antes de eu nascer e consegue lembrar como era nos velhos tempos, antes da Revolução. As pessoas da minha idade não sabem realmente nada sobre aquela época. Só podemos ler nos livros, e o que é dito nos livros pode não ser verdade. Gostaria da sua opinião sobre isso. Os livros de História dizem que a vida antes da Revolução era

completamente diferente do que é hoje. Que havia as mais terríveis opressões, injustiças e pobreza, piores do que qualquer coisa que se possa imaginar. Aqui em Londres, grandes parcelas da população nunca tinham o suficiente para comer, do nascimento até a morte. Metade nem tinha botas para os pés. Trabalhavam doze horas por dia, saíam da escola aos 9 anos, dormiam dez pessoas em um único quarto. E, ao mesmo tempo, havia uns poucos alguns milhares, chamados capitalistas, que eram ricos e poderosos. Possuíam de tudo. Moravam em lindas mansões com trinta criados, circulavam em carros a motor e carruagens de quatro cavalos, tomavam champanhe e usavam cartolas.

De repente o velho se animou.

– Cartolas! Engraçado você mencionar isso. A mesma coisa me veio à cabeça ontem mesmo, não sei por quê. Tava pensando: faz anos que não vejo uma cartola. Ficaram muito ultrapassadas, isso sim. A última vez que usei foi no enterro da minha cunhada. E isso foi em… bem, eu não sei confirmar a data, mas deve ter sido uns cinquenta anos atrás. Claro que aluguei pra ocasião, você entende.

– A questão das cartolas não é muito importante – disse Winston com calma. – O ponto é que esses capitalistas, eles e uns poucos advogados e uns padres que viviam com eles e assim por diante, eram os senhores da terra. Tudo existia para o benefício deles. Vocês, gente comum, os trabalhadores, eram os escravos deles. Eles podiam fazer o que quisessem com vocês, podiam despachá-los de navio para o Canadá como se fossem gado. Podiam dormir com as suas filhas, se quisessem. Podiam ordenar que vocês fossem açoitados com uma coisa chamada chicote. Vocês precisavam tirar o chapéu quando cruzavam com eles. Todo capitalista andava com um bando de lacaios que…

O velho se animou de novo.

– Lacaios! Ora, tá aí uma palavra que eu não ouvia há tempos. Lacaios! Isso me leva de volta, ô, se leva. Eu lembro, nossa, faz um tempão, de vez em quando ia até o Parque Hyde no domingo à tarde pra ouvir os sujeitos fazerem discursos. Exército de Salvação, católicos romanos, judeus, indianos, tinha de todo tipo. E tinha um, bom, eu não consigo te falar o nome, mas que orador impressionante ele era! Não tinha papas na língua, não, senhor! "Lacaios", ele falava, "Lacaios da burguesia! Paus-mandados da classe dominante!". Parasitas, que era outro termo, e também hienas, ele com certeza os chamava de hienas. É claro que ele tava falando do Partido Trabalhista, você entende.

Winston tinha a sensação de que ambos conversavam com objetivos opostos.

– O que eu quero mesmo saber é o seguinte: você acha que tem mais liberdade hoje ou naquela época? Você é mais bem tratado agora? Nos velhos tempos, as pessoas ricas, as pessoas no topo…

– A Câmara dos Lordes! – interrompeu o velho, tomado pelas lembranças.

– Sim, a Câmara dos Lordes, que seja. Mas o que eu pergunto é: essas pessoas podiam tratar vocês como inferiores simplesmente porque eram ricas e vocês, pobres? É verdade, por exemplo, que vocês precisavam chamá-los de "senhor" e tirar os chapéus quando passavam por eles?

O velho pareceu refletir profundamente. Tomou cerca de um quarto da cerveja antes de responder:

– Sim, eles gostavam que você tocasse o chapéu ao passar por eles. Era uma forma de respeito. Eu mesmo não

concordava com isso, mas fiz muitas vezes. Tinha que fazer, pode-se dizer.

– E era normal, e só estou repetindo o que li nos livros de História, era normal que essas pessoas e os criados delas empurrassem vocês pra sarjeta?

– Um deles me empurrou uma vez – disse o velho. – Me lembro como se fosse ontem. Era a Noite da Regata, eles ficavam muito agitados e eu trombei com um moço na Avenida Shaftesbury. Um cavalheiro e tanto ele era, de camisa, cartola, sobretudo preto. Tava andando meio em zigue-zague na calçada e trombei com ele por acidente. Ele falou "Por que não olha por onde anda?", e eu falei "Você acha que comprou a maldita da rua?", e ele falou "Vou arrancar fora a sua cabeça, se você continuar impertinente", eu falei "Você tá bêbado, me dá meio minuto que te denuncio pra polícia". Você não vai acreditar, mas ele botou a mão no meu peito e me deu um empurrão que quase me jogou pra debaixo das rodas dum ônibus. Bem, eu era jovem naquela época e ia sentar a mão na cara dele, mas…

Uma sensação de desamparo tomou conta de Winston. A memória do velho não era nada além de um amontoado de detalhes sem importância. Uma pessoa poderia interrogá-lo o dia inteiro sem obter nenhum tipo de informação verdadeira. As histórias do Partido podiam ser reais, de certa forma; até demais. Ele fez uma última tentativa:

– Talvez eu não tenha sido claro. O que estou tentando dizer é o seguinte: você está vivo há muito tempo; passou metade da sua vida antes da Revolução. Em 1925, por exemplo, você já era adulto. Você diria, a partir do que consegue lembrar, que a vida em 1925 era melhor do que é agora, ou pior? Se pudesse escolher, iria preferir viver naquela época ou agora?

O velho olhou, pensativo, para o alvo de dardos. Terminou a cerveja mais devagar do que antes. Quando falou, foi com um ar calmo, filosófico, como se a cerveja o tivesse amansado.

– Eu sei o que você espera que eu fale. Você quer que eu diga que gostaria de ser jovem de novo. A maior parte das pessoas diria isso, se você perguntar pra elas. Você tem saúde e força quando é jovem. Quando você chega à minha idade, nunca tá bem. Eu tenho dor nos pés e minha bexiga tá um lixo, seis ou sete vezes ela me tira da cama toda noite. Mas tem também vantagem em ser velho. Você não tem as mesmas preocupações. Não se enrola com mulher, e isso já é muita coisa. Eu tô sem mulher há quase trinta anos, acredite se quiser. E digo mais: sem querer ter.

Winston se apoiou no parapeito da janela. Era inútil prosseguir. Estava prestes a comprar mais cerveja quando o velho se levantou e foi depressa para o urinol fedorento na lateral do salão. O meio litro extra já fazia efeito nele. Winston ficou sentado por um ou dois minutos observando o copo vazio e mal percebeu quando seus pés o levaram para a rua. Dali a no máximo vinte anos, refletiu, a pergunta grandiosa e simples "A vida era melhor antes da Revolução do que agora?" não teria mais resposta. Mas de fato era irrespondível mesmo agora, uma vez que os poucos e dispersos sobreviventes do mundo antigo eram incapazes de comparar uma época com a outra. Lembravam-se de um milhão de coisas inúteis, uma discussão com um colega de trabalho, a procura por uma bomba de bicicleta perdida, o rosto de uma irmã falecida há muito tempo, os redemoinhos de poeira em uma manhã de ventania setenta anos antes; mas todos os fatos relevantes estavam fora do alcance de sua mente. Eram como formigas, que enxergam objetos pequenos, mas não grandes. E, quando a memória falhava e os registros escritos eram

falsificados, quando isso acontecia, a alegação do Partido sobre ter melhorado as condições da vida humana teriam de ser aceitas, porque não existia, nem jamais poderia voltar a existir, nenhum padrão contra o qual elas pudessem ser comparadas.

Nesse momento, sua linha de raciocínio foi interrompida bruscamente. Ele parou e olhou para cima. Estava em uma rua estreita com poucas lojinhas mal iluminadas intercaladas entre casas residenciais. Logo acima de sua cabeça pendiam três bolas de metal desbotadas que pareciam, antes, ter sido douradas. Ele pareceu conhecer o lugar. Claro! Estava parado na frente da loja de antiguidades onde comprara o diário.

Uma pontada de medo o percorreu. Tinha sido bem arriscado comprar o caderno, para começar, e ele havia jurado jamais chegar perto daquele lugar de novo. Mesmo assim, no instante em que se permitiu pensar livremente, seus pés o haviam levado até lá por vontade própria. Era precisamente contra impulsos suicidas desse tipo que ele esperava se proteger quando inaugurou o diário. Ao mesmo tempo reparou que, apesar de serem quase vinte e uma horas, a loja ainda estava aberta. Sentindo que estaria menos vulnerável lá dentro do que à toa na calçada, entrou. Se alguém lhe perguntasse, poderia responder que tentava comprar lâminas de barbear.

O proprietário tinha acabado de acender um lampião a óleo que soltava uma fumaça suja, porém acolhedora. Era um homem de seus 60 anos, frágil e curvado, com um nariz longo e benevolente e olhos suaves distorcidos por óculos grossos. Seu cabelo era quase branco, mas as sobrancelhas eram grossas e ainda pretas. Os óculos, os movimentos ágeis e gentis e o fato de usar uma velha jaqueta de veludo preto davam-lhe um vago ar intelectual, como se ele tivesse sido um literato ou talvez um músico. Sua voz era suave, como se

abafada, e sua pronúncia, menos degradada do que a da maioria dos proletas.

– Eu o reconheci da calçada – ele falou. – Você é o cavalheiro que comprou aquele álbum de recordações muito bonito para moças. Belo papel, ah, se era. Texturizado creme, era como chamava. Já não existe papel como aquele há, ouso dizer, cinquenta anos. – Olhou para Winston por cima das lentes. – Existe alguma coisa especial que eu possa fazer por você? Ou quer apenas dar uma olhada?

– Eu só estava passando – desconversou Winston. – Apenas dando uma espiada, não quero nada em particular.

– Tudo bem – disse o outro –, porque não acho que conseguiria satisfazê-lo. – Fez um gesto de desculpas com a mão delicada. – Você vê como está; é uma loja vazia, pode-se dizer. Aqui entre nós, o comércio de antiguidades acabou. Não tem mais demanda nem estoque. Móveis, porcelana, vidro, foi tudo se quebrando aos poucos. E é claro que a maioria das coisas de metal derreteu. Eu não vejo um castiçal de latão há anos.

O pequeno espaço interno da loja estava de fato amontoado, mas não havia quase nada de valor. Era difícil andar, porque em todas as paredes estavam empilhadas incontáveis molduras. Na janela havia bandejas com porcas e parafusos, cinzéis gastos, canivetes com lâminas quebradas, relógios com mostradores embaçados que nem fingiam ainda funcionar, e bugigangas diversas. Só em uma mesinha no canto havia uma pilha de quinquilharias (caixas de rapé laqueadas, broches de ágata e coisas do tipo) que parecia interessante. Conforme Winston se aproximava da mesa, seu olhar foi capturado por uma coisa redonda, lisa, que brilhava discretamente à luz do lampião, e ele a apanhou.

Era um pedaço pesado de vidro, curvo de um lado, achatado do outro, formando quase um hemisfério. Havia uma maciez peculiar, como a da chuva, tanto na cor quanto na textura do vidro. No centro dele, ampliado pela curvatura da superfície, havia um objeto estranho, rosado, cilíndrico, que lembrava uma rosa ou uma anêmona-do-mar.

– O que é isto? – perguntou ele, fascinado.

– É um coral – disse o velho. – Deve ter vindo do Oceano Índico. Eles costumavam embutir em vidro. Esse não foi feito há menos de cem anos. Mais, até, a julgar pela aparência.

– É muito lindo.

– É lindo mesmo – concordou o outro. – Mas poucos diriam isso hoje em dia. – Ele tossiu. – Agora, se você quisesse comprá-lo, iria lhe custar quatro dólares. Eu me lembro de quando uma coisa dessas teria valido oito libras, e oito libras eram… bom, eu não sei, mas era muito dinheiro. Mas quem se importa com antiguidades originais nos dias de hoje, mesmo restando tão poucas?

Winston imediatamente pagou os quatro dólares e deslizou o objeto cobiçado para dentro do bolso. O que o atraíra não fora tanto a beleza, mas o fato de pertencer a uma era muito diferente da atual. O vidro suave e com aparência de chuva não se parecia com nada que já tivesse visto. Era mais interessante ainda por causa de sua aparente inutilidade, embora ele pudesse adivinhar que no passado servira como peso de papel. Pesava bastante em seu bolso, mas por sorte não fazia muito volume. Era uma coisa estranha, até comprometedora, para um membro do Partido ter em seu poder. Qualquer coisa velha ou, aliás, qualquer coisa bonita, era sempre vagamente suspeita. O velho se tornara nitidamente mais alegre depois de receber os quatro dólares. Winston se

deu conta de que ele teria aceitado três ou até dois.

– Tem outra sala lá em cima que você talvez queira ver – ele sugeriu. – Não tem muita coisa. Só umas poucas peças. Uma luz vai bastar, se subirmos.

Ele acendeu outro lampião e, curvando as costas, liderou o caminho devagar ao longo dos degraus íngremes desgastados e depois por uma passagem estreita, até chegarem a um cômodo que não dava vista para a rua, e sim para um quintal com piso de pedras e uma floresta de chaminés. Winston notou que a mobília estava disposta como se o lugar ainda fosse habitado. Havia uma faixa de carpete no chão, um ou dois quadros nas paredes e uma poltrona funda, desmazelada, puxada para perto da lareira. Um antigo relógio de vidro, com um mostrador de doze horas, tiquetaqueava na cornija. Sob a janela, e ocupando quase um quarto do cômodo, ficava uma cama enorme, ainda com colchão.

– Nós morávamos aqui até minha esposa falecer – justificou-se o velho. – Estou vendendo a mobília aos poucos. Aí está uma linda cama de mogno, ou ao menos seria se você conseguisse tirar os percevejos dela. Mas ouso dizer que você acharia isso um tanto incômodo.

Segurou o lampião no alto, para iluminar o ambiente todo, e na atmosfera fraca e quente o lugar pareceu até convidativo. Passou pela cabeça de Winston a ideia de que não seria difícil alugar o quarto por uns poucos dólares por semana, se ele se atrevesse a correr o risco. Era um pensamento louco, impossível, que deveria ser reprimido; mas o quarto havia despertado nele uma espécie de nostalgia, de memória ancestral. Parecia-lhe saber exatamente como era sentar-se em um quarto como aquele, em uma poltrona perto de uma lareira aberta, com os pés no anteparo e uma chaleira no fogo,

totalmente sozinho e seguro, sem ninguém a vigiá-lo, sem nenhuma voz a persegui-lo, sem nenhum ruído exceto o chiado da chaleira e o tique-taque amigável do relógio.

– E sem teletela! – ele não pôde evitar murmurar.

– Ah – disse o velho –, eu nunca tive essas coisas. Caras demais. E, por algum motivo, nunca senti necessidade. Agora, aquela é uma boa mesa expansível, ali no canto. Embora, claro, você fosse precisar de dobradiças novas se quisesse usar as abas.

Havia uma pequena estante de livros no outro canto, e Winston já estava interessado nela, mas não tinha nada de bom. A caça e a destruição de livros foram executadas nos bairros proletas com o mesmo rigor de todos os demais lugares. Era muito improvável que ainda existisse em algum lugar da Oceania um exemplar de livro impresso antes de 1960. O velho, ainda segurando o lampião, estava de pé na frente de um quadro com uma moldura de jacarandá que pendia do outro lado da lareira, em frente à cama.

– Agora, se por acaso você estiver interessado em imagens antigas – ele começou, delicadamente.

Winston se aproximou para examinar. Era uma gravura em aço de um edifício oval com janelas retangulares e uma pequena torre na frente. Havia um corrimão em toda a volta do edifício e, nos fundos, o que parecia ser uma estátua. Ele observou por alguns instantes. Parecia vagamente familiar, embora não se lembrasse da estátua.

– A moldura está presa à parede – disse o velho –, mas eu posso desparafusar para você ver, se quiser.

– Eu conheço esse prédio – comentou Winston, afinal. – Agora é uma ruína. Fica no meio da rua, na frente do Palácio

da Justiça.

– Isso mesmo. Na frente da Corte. Foi bombardeada em… ah, muitos anos atrás. Antes tinha sido uma igreja. Igreja de São Clemente Dinamarquês era o nome. – Ele sorriu, desculpando-se, como se estivesse consciente de dizer algo um tanto ridículo, e acrescentou: – *Laranjas e limões de baixa acidez/ cantam os sinos de São Dinamarquês*.

– O que é isso?

– Ah, *Laranjas e limões de baixa acidez/ cantam os sinos de São Dinamarquês* era uma rimazinha que existia quando eu era criança. Como continua eu não me lembro, mas sei como termina, *Cá está uma vela pra iluminar o seu caminho/ Cá está um machado pra decepar um menininho*. Era um tipo de dança. Eles levantavam os braços e você passava por baixo; quando chegava o *cá está um machado pra decepar um menininho*, eles baixavam os braços e te prendiam. Era só com nomes de igrejas. Todas as igrejas de Londres estavam incluídas, quer dizer, as principais.

Winston tentou cogitar a que século a igreja pertenceria. Era sempre difícil determinar a idade de uma construção de Londres. Qualquer coisa vultosa e impressionante, se fosse razoavelmente nova na aparência, era logo reivindicada como se tivesse sido construída na Revolução, ao passo que qualquer coisa obviamente de uma data anterior era atribuída a um período obscuro chamado Idade Média. Os séculos de capitalismo eram considerados vazios, como se não tivessem produzido nada de valor. Não se aprendia História baseada na arquitetura mais do que se aprendia nos livros. Estátuas, inscrições, memoriais fúnebres, nomes de ruas: tudo que pudesse jogar luz sobre o passado fora sistematicamente alterado.

– Nunca soube que tinha sido uma igreja – disse Winston.

– Ainda existem várias, de fato, apesar de terem ganhado outros usos. Agora, como era mesmo aquela rima? Ah, lembrei! *Laranjas e limões de baixa acidez/ cantam os sinos de São Dinamarquês/ Passe pra cá um dinheirinho/ estamos na igreja de São Martinho*... Pronto, e é só até aí que consigo lembrar. Dinheirinho era como chamávamos uma moeda parecida com um centavo.

– Onde ficava a São Martinho?

– São Martinho? Ainda está de pé. Fica na Praça Vitória, ao lado da galeria de fotos. Um prédio com um tipo de pórtico triangular e pilares na frente, e uma grande escada.

Winston conhecia muito bem o lugar. Era um museu usado para exibição de vários tipos de propaganda, desde modelos em escala de foguetes lançadores de bombas até Fortalezas Flutuantes, reproduções de cera ilustrando as atrocidades inimigas e coisas do gênero.

– São Martinho dos Campos era o nome – complementou o velho –, apesar de eu não me lembrar de campo nenhum naquela área.

Winston não comprou a gravura. Seria a posse de algo ainda mais absurdo que o peso de papel, e impossível de levar para casa, a menos que fosse tirada da moldura. Ele se deixou ficar ali por mais alguns minutos, conversando com o velho cujo nome, descobriu, não era Weeks, como se poderia supor pela inscrição na frente da loja, e sim Charrington. O senhor Charrington, pelo visto, era um viúvo de 63 anos que ocupava aquela loja havia três décadas. Ao longo de todo esse tempo pretendera alterar o nome na vitrine, sem nunca chegar ao ponto de efetivamente fazê-lo. Durante todo o tempo em que conversaram, a rima parcialmente lembrada ficou martelando

na cabeça de Winston: *Laranjas e limões de baixa acidez/ cantam os sinos de São Dinamarquês/ Passe pra cá um dinheirinho/ estamos na igreja de São Martinho*. Era curioso como, ao cantá-la para si mesmo, ele tinha a impressão de ouvir os badalos, os sinos de uma Londres perdida que ainda existia em um lugar ou outro, disfarçada e esquecida. De um campanário fantasma a outro, Winston teve a impressão de ouvir sinos repicar. No entanto, até onde conseguia se lembrar, nunca os havia escutado na vida real.

Afastou-se do senhor Charrington e desceu a escada sozinho, para não deixar que o velho o visse escrutinar a rua antes de sair pela porta. Já estava decidido a, depois de um intervalo adequado – de, digamos, um mês –, correr o risco de visitar a loja de novo. Talvez não fosse mais perigoso do que se esquivar de uma noite no Centro Comunitário. A parte mais séria do desatino tinha sido, em primeiro lugar, voltar lá depois de comprar o diário, e sem saber se o proprietário era confiável. Porém o fizera!

Sim, pensou de novo, voltaria à loja. Compraria mais velharias e bobagens bonitas, como a gravura de São Clemente Dinamarquês, que tiraria da moldura e levaria para casa escondida no forro do macacão. Retiraria da memória do senhor Charrington o resto daquele poema. Até o plano louco de alugar o quarto de cima passou de novo por sua cabeça. Por talvez cinco segundos, a alegria o tornou descuidado, e ele pousou o pé na calçada sem mais cautela além de uma espiada preliminar através da vitrine. Havia até começado a murmurar uma melodia improvisada:

Laranjas e limões de baixa acidez

cantam os sinos de São Dinamarquês

Passe pra cá um dinheirinho…

De repente, seu coração pareceu congelar e seus intestinos se encheram de água. Uma pessoa de macacão azul vinha descendo a rua, a menos de dez metros. Era a moça do Departamento de Ficção, a moça de cabelo preto. A iluminação estava falhando, mas não foi difícil reconhecê-la. Ela o fitou diretamente no rosto e depois se afastou depressa, como se não o tivesse visto.

Por alguns segundos, Winston travou. Depois virou à direita e começou a caminhar lentamente, sem perceber de imediato que estava na direção errada. De todo modo, uma questão tinha se resolvido. Já não havia dúvida de que a moça o estava espionando. Decerto o seguira até ali, porque não era crível que, por puro acaso, ela estivesse andando na mesma noite, na mesma viela secundária obscura, a quilômetros de distância das regiões em que membros do Partido moravam. Seria coincidência demais. Se ela era de fato uma agente da Polícia do Pensamento ou apenas uma espiã amadora agindo como uma oficial, não fazia diferença. Bastava que o vigiasse. Provavelmente ela o vira entrar no bar também.

Andar era um esforço. O peso de vidro no bolso batia contra sua coxa a cada passo, e ele foi estúpido o suficiente para pegá-lo e jogar fora. A pior coisa era a dor de barriga. Por alguns minutos, teve a sensação de que morreria se não conseguisse chegar logo a um banheiro. Mas não haveria um banheiro público em um bairro como aquele. Depois o espasmo cessou, deixando uma dor latente.

A rua era um beco sem saída. Winston estancou, ficou por vários segundos parado, pensando vagamente no que fazer, então virou-se e refez os passos em sentido oposto. Enquanto se virava, ocorreu-lhe que tinha cruzado com a moça apenas três minutos antes e que, se corresse, poderia alcançá-la. Se a seguisse até chegarem a um lugar tranquilo, poderia amassar-

lhe o crânio com um paralelepípedo. O pedaço de vidro em seu bolso seria pesado o suficiente para o serviço. Mas logo abandonou a ideia, porque até mesmo pensar em fazer algum esforço físico era insuportável. Ele não conseguiria correr, muito menos desferir um golpe. Além disso, ela era jovem e vigorosa, iria se defender. Winston pensou também em correr até o Centro Comunitário e lá ficar até que o lugar fechasse, de modo a estabelecer um álibi parcial para a noite. Mas isso também era impossível. Uma exaustão mortal tinha tomado conta dele. Só queria chegar logo em casa, sentar-se e ficar quieto.

Passava das vinte e duas horas quando ele voltou ao apartamento. As luzes seriam apagadas na rua principal às vinte e três e trinta. Entrou na cozinha e engoliu um copo quase cheio de Gim Vitória. Depois foi até a mesinha na reentrância, sentou e tirou o diário da gaveta. Mas não o abriu de imediato. Na teletela, uma voz feminina metálica guinchava uma canção patriótica. Ele ficou sentado, encarando a capa marmorizada do caderno, tentando sem sucesso expulsar aquela voz de sua consciência.

Era à noite que eles vinham buscá-lo, sempre à noite. A coisa apropriada a fazer era se matar antes que eles o pegassem. Com certeza algumas pessoas faziam isso. Muitos desaparecimentos eram na verdade suicídios. Mas seria preciso uma coragem desesperada para se matar em um mundo em que armas de fogo, ou algum tipo rápido e seguro de veneno, eram totalmente inacessíveis. Ele pensou, um pouco assustado, na inutilidade biológica da dor e do medo, a traição do corpo humano que sempre se congela na inércia no exato momento em que um esforço extra é necessário. Poderia ter silenciado a moça de cabelo preto se tivesse agido depressa; no entanto, precisamente por causa do perigo extremo que

corria, perdera o poder de agir. Ocorreu-lhe que em momentos de crise uma pessoa nunca luta contra um inimigo externo, mas, sim, sempre contra si mesmo. E agora, apesar do gim, a dor galopante em sua barriga tornava impossível algum raciocínio. Isso acontecia, percebeu, em todas as situações aparentemente heroicas ou trágicas. No campo de batalha, na câmara de tortura, no navio que afunda, as questões que você combate são sempre esquecidas, porque o corpo incha até preencher todo o universo, e, mesmo quando você não está paralisado pelo medo ou gritando de dor, a vida a cada momento é uma luta contra a fome ou o frio ou a privação de sono, contra um estômago revirado ou uma dor de dente.

Winston abriu o diário. Era importante anotar alguma coisa. A mulher na teletela começou uma nova música. A voz parecia entrar no cérebro dele como cacos de vidro. Tentou pensar em O'Brien, por quem, ou para quem, o diário era escrito, mas em vez disso começou a pensar nas coisas que lhe aconteceriam depois que a Polícia do Pensamento o levasse. Não teria importância se o matassem imediatamente. Ser morto era o que você esperava. Mas antes da morte (ninguém falava dessas coisas, ainda que todo mundo soubesse) havia a rotina da confissão, que precisava ser cumprida: o retraimento no chão aos gritos por misericórdia, o estalo de ossos partidos, os dentes esmagados, os coágulos sangrentos no cabelo. Por que você precisava passar por aquilo se o fim era sempre o mesmo? Por que não era possível eliminar alguns dias ou semanas da sua vida? Ninguém jamais tinha escapado de ser descoberto e deixado de confessar. Uma vez que tivesse sucumbido ao pensamento, era certo que em determinado intervalo você estaria morto. Por que então aquele horror, que nada alterava, precisava ser incorporado ao futuro?

Ele tentou com um pouco mais de sucesso invocar a imagem

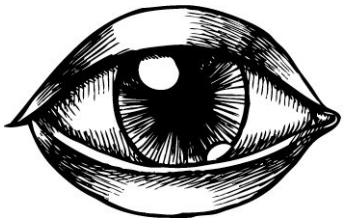
de O’Brien. “Nós vamos nos encontrar em um lugar onde não há escuridão”, O’Brien lhe tinha dito. Winston sabia o que isso significava, ou achava que sabia. Esse lugar era o futuro imaginado, que uma pessoa jamais veria, mas que, através do pressentimento, poderia ser misticamente compartilhado. Porém, com a voz da teletela perturbando seus ouvidos, ele não conseguia manter a linha de raciocínio. Pôs um cigarro na boca. Metade do tabaco caiu prontamente em sua língua, um farelo amargo que era difícil cuspir. O rosto do Grande Irmão invadiu sua mente, tomando o lugar de O’Brien. Tal como havia feito uns poucos dias antes, ele tirou uma moeda do bolso e a observou. O rosto o encarou: sério, calmo, protetor, mas que tipo de sorriso se escondia atrás do bigode preto? Como sinos fúnebres repicando, as palavras lhe voltaram:

GUERRA É PAZ

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

IGNORÂNCIA É FORÇA.

PARTE II



Capítulo 1

Era o meio da manhã, e Winston tinha saído do cubículo para ir ao banheiro.

Uma figura solitária vinha na direção dele da outra ponta do corredor longo e muito iluminado. Tratava-se da moça de cabelo preto. Quatro dias tinham se passado desde a noite em que ele a encontrara ao sair da loja de antiguidades. Viu que o braço direito da moça estava em uma tipoia, imperceptível a distância por ser da mesma cor do macacão. Provavelmente havia comprimido a mão ao girar um dos grandes caleidoscópios em que os argumentos dos romances eram "costurados", um acidente comum no Departamento de Ficção.

Eles estavam a talvez quatro metros de distância quando a moça tropeçou e caiu quase de cara no chão. Soltou um grito agudo de dor, devia ter caído bem em cima do braço machucado. Winston parou. A moça havia se posto de joelhos. O rosto assumira um branco amarelado contra o qual a boca se destacava, mais vermelha do que nunca. Os olhos estavam fixos nos dele, com uma expressão de apelo que parecia ser mais de medo que de dor.

Uma emoção estranha passou pelo coração de Winston. À sua frente estava um inimigo tentando matá-lo; à sua frente, também, estava uma criatura humana, com dores e talvez com um osso quebrado. Instintivamente, avançou para ajudá-la. No

momento em que a viu cair sobre o braço enfaixado, foi como se sentisse a dor no próprio corpo.

– Você se machucou?

– Não foi nada. Meu braço. Vou ficar bem num instante.

Ela falou como se seu coração vacilasse. Estava nitidamente mais pálida.

– Não quebrou nada?

– Não, estou bem. Doeu na hora, foi só isso.

A mulher estendeu a mão livre, e ele a ajudou a se levantar. Ela havia recuperado um pouco a cor e parecia bem melhor.

– Não é nada – a moça repetiu. – Só bati o pulso. Obrigada, camarada!

E com isso ela prosseguiu na direção em que estava indo, leve, como se não tivesse sido realmente nada. O incidente não poderia ter levado nem meio minuto. Não permitir que sentimentos transparecessem no rosto era um hábito que tinha adquirido a condição de instinto e, fosse como fosse, os dois encontravam-se bem na frente de uma teletela quando tudo aconteceu. Mesmo assim, pareceu bem difícil não revelar uma surpresa momentânea, pois, nos dois ou três segundos durante os quais ele a ajudara, a moça havia deslizado algo para sua mão. Não havia dúvida de que ela fizera isso intencionalmente. Era uma coisa pequena e achatada. Ao passar pela porta do banheiro, ele a transferiu para o bolso e tateou com a ponta dos dedos. Era um pedaço de papel dobrado em um quadrado.

Enquanto estava de pé em frente ao urinol ele conseguiu, mexendo mais um pouco os dedos, desdobrar o papel. Obviamente deveria haver algum tipo de mensagem escrita nele. Por um instante, Winston se sentiu tentado a levá-lo para

dentro de uma das cabines fechadas e ler imediatamente. Mas isso teria sido muita estupidez, como ele bem sabia. Não havia um lugar onde você pudesse ter mais certeza de que as teletelas o observavam o tempo todo.

Ele voltou ao cubículo, sentou, atirou o pedaço de papel casualmente entre outros papéis da mesa, pôs os óculos e puxou a falaescreve para perto. “Cinco minutos”, disse a si mesmo, “cinco minutos pelo menos!”. Seu coração batia no peito a uma altura assustadora. Felizmente, o trabalho em que estava envolvido era mera rotina, a retificação de longas listas de números, e não exigia muita atenção.

Não importa o que estivesse escrito no papel; com certeza teria algum tipo de significado político. Até onde ele conseguia perceber, havia duas possibilidades. Uma, bem mais provável, era que a moça fosse agente da Polícia do Pensamento, exatamente como desconfiava. Não podia imaginar por que a Polícia do Pensamento optaria por entregar suas mensagens daquele jeito, mas quem sabe haveria algum motivo. A mensagem escrita no papel poderia ser uma ameaça ou uma convocação, ou uma ordem para que cometesse suicídio, algum tipo de armadilha. Mas havia outra possibilidade, muito mais absurda, dando voltas em sua cabeça, embora ele tentasse em vão afastá-la: que a mensagem realmente não vinha da parte da Polícia do Pensamento, e sim de algum tipo de organização clandestina. Talvez a Irmandade existisse, afinal! Talvez a moça fosse parte dela! Sem dúvida a ideia era maluca, mas surgira em sua mente no preciso instante em que sentira o papel na mão. Somente alguns minutos depois outra explicação, muito mais razoável, ocorreu-lhe. E mesmo agora, embora sua razão lhe dissesse que aquela mensagem provavelmente significava morte, não acreditava nisso, e a esperança irracional persistia, seu coração golpeava

e com dificuldade ele evitou que a voz tremesse ao murmurar os novos números na falaescreve.

Enrolou o trabalho concluído e o deslizou para dentro do tubo pneumático. Oito minutos haviam se passado. Ajustou os óculos no nariz, suspirou e puxou o próximo lote de trabalho, com o pedaço de papel por cima de tudo. Esticou-o. Nele estava escrito, em caligrafia grande e precária:

Eu amo você.

Por vários segundos Winston esteve chocado demais até para jogar fora a coisa incriminadora no buraco da memória. E, quando jogou, embora conhecesse muito bem os riscos de demonstrar interesse exagerado, não resistiu a ler mais uma vez, apenas para se certificar de que as palavras estavam mesmo ali.

Pelo restante da manhã, foi muito difícil trabalhar. Pior do que precisar concentrar a mente em uma série de tarefas medíocres era a necessidade de esconder sua agitação da teletela. Ele sentia a barriga em chamas. O almoço na cantina abafada, lotada e ruidosa foi um tormento. Esperou ficar um pouco sozinho durante o almoço, mas quis o azar que o imbecil do Parsons se aboletasse a seu lado, o fedor de suor quase superando o cheiro metálico do ensopado, e não parasse de falar sobre os preparativos para a Semana do Ódio. Estava particularmente animado com uma reprodução em papel machê da cabeça do Grande Irmão, com dois metros de largura, que estava sendo preparada pela tropa dos Espiões de sua filha para a ocasião. O irritante era que, em meio à confusão de vozes, Winston mal conseguia ouvir o que Parsons falava, e por isso precisava pedir a todo momento que ele repetisse alguma observação estúpida. Apenas uma vez captou um olhar da moça, à mesa com outras duas, na ponta

mais distante do salão. Ela pareceu não tê-lo visto, e ele não voltou a olhar naquela direção.

A tarde foi mais suportável. Imediatamente após o almoço chegou um trabalho delicado, difícil, que ia demandar várias horas e exigir que todo o resto fosse posto de lado. Consistia na falsificação de uma série de relatórios sobre a produção de dois anos antes, para jogar em descrédito um proeminente membro do Núcleo do Partido que estava sob suspeita. Esse era o tipo de coisa em que Winston era bom, e por mais de duas horas ele conseguiu expulsar a moça da cabeça. Mas depois a lembrança do rosto dela voltou, junto com um desejo furioso, intolerável, de ficar isolado. Até estar sozinho, seria impossível refletir sobre aquele desdobramento. Era uma das noites em que precisaria ir ao Centro Comunitário. Ele devorou outra refeição insípida na cantina, correu para o Centro, participou do disparate solene de um "grupo de discussão", jogou duas partidas de tênis de mesa, entornou vários copos de gim e ficou sentado por meia hora ouvindo uma palestra chamada "Socing em relação ao xadrez". Sua alma se contorcia de tédio, mas pela primeira vez não tivera o impulso de se esquivar da noite no Centro. A visão das palavras "eu amo você" tinha feito brotar nele o desejo de permanecer vivo, e correr riscos miúdos subitamente lhe pareceu uma tolice. Somente às vinte e três horas, quando já estava em casa e na cama, no escuro, a salvo até mesmo da teletela, desde que ficasse em silêncio, ele foi capaz de raciocinar direito.

Era um problema físico que precisava ser resolvido: como entrar em contato com a moça e combinar um encontro? Já não levava em conta a possibilidade de que ela estivesse armando algum tipo de armadilha. Sabia que não era isso, por causa da atitude decidida ao lhe entregar o bilhete.

Obviamente, tinha ficado fora de si de tanto medo, e com razão. Tampouco a ideia de recusar a iniciativa dela lhe passou pela cabeça. Apenas cinco noites antes ele havia considerado esmagar o crânio da moça com um paralelepípedo, mas isso não tinha importância. Pensou em seu jovem corpo nu como o havia visto em sonhos. Imaginara-a uma tola como o resto delas, a cabeça feita de mentiras e ódio, o ventre repleto de frieza. Foi dominado por um tipo de febre ante a ideia de que poderia perdê-la, de que o corpo jovem e branco lhe escapasse. O que temia mais que tudo era que a jovem simplesmente desistisse caso ele não entrasse logo em contato. Mas a dificuldade física de um encontro era enorme, como tentar fazer um movimento no xadrez depois de levar um xeque-mate. Não importava para onde se virasse, uma teletela estaria olhando. Na verdade, todos os possíveis modos de se comunicar com ela tinham lhe ocorrido cinco minutos após ler o bilhete; mas agora, com tempo para pensar, ele repassou cada um como se dispusesse uma fileira de instrumentos em cima da mesa.

Obviamente, o tipo de encontro ocorrido naquela manhã não poderia acontecer de novo. Se ela trabalhasse no Departamento de Registros seria relativamente mais simples, mas ele tinha apenas uma vaga ideia da localização do Departamento de Ficção no edifício e precisaria de um pretexto para ir até lá. Se soubesse onde ela morava e a que hora saía do trabalho, poderia manobrar para encontrá-la em algum ponto do caminho, mas tentar segui-la não era seguro, pois significaria vagar à espera na saída do Ministério, o que certamente seria notado. Quanto a enviar uma carta pelo correio, estava fora de questão. Não era segredo que, por padrão, todas as correspondências eram abertas quando em trânsito. De fato, raras pessoas escreviam cartas. Para as

poucas mensagens que ocasionalmente era necessário mandar, existiam cartões impressos com longas listas de frases, e você inutilizava as que não se aplicavam. De toda maneira, não sabia o nome da moça, que dirá o endereço. Por fim, decidiu que o lugar mais seguro era a cantina. Se conseguisse abordá-la sozinha em uma mesa em algum lugar no meio do salão, não perto demais das teletelas, e com suficiente ruído de conversas ao redor – se essas condições perdurassem por, digamos, trinta segundos, seria possível trocar algumas poucas palavras.

Por uma semana depois disso, a vida foi como um sonho agitado. No dia seguinte, ela não apareceu na cantina até que ele já estivesse partindo, depois que o apito soou. Talvez tivesse sido transferida para o turno seguinte. Os dois se cruzaram sem trocar olhares. No dia seguinte a esse, ela esteve na cantina no horário habitual, mas com três outras moças e bem abaixo de uma teletela. Depois, por três dias péssimos, não apareceu. A mente e o corpo dele pareciam acometidos por uma sensibilidade insuportável, uma transparência que tornava cada momento, cada som, cada contato, cada palavra que precisava dizer ou ouvir, uma agonia. Mesmo dormindo ele não conseguia escapar por completo da imagem daquela moça. Não tocou no diário durante esses dias. Se algum alívio havia, era no trabalho, no qual ele às vezes conseguia se esquecer de si mesmo por dez minutos consecutivos. Não havia absolutamente nenhuma pista do que teria acontecido à jovem, nem pesquisa que ele pudesse fazer. Ela poderia ter sido vaporizada ou cometido suicídio, ter sido transferida para a extremidade oposta da Oceania; e o pior e mais provável de tudo: poderia simplesmente ter mudado de ideia e decidido evitá-lo.

No dia seguinte ela reapareceu. O braço já não estava na

tipoia, havia apenas uma tira de esparadrapo em volta do pulso. O alívio por vê-la foi tão grande que ele não resistiu a encará-la por vários segundos. No outro dia, quase conseguiu falar com ela. Quando entrou na cantina, viu-a a uma mesa bem afastada da parede, e sozinha. Era cedo, e o lugar ainda não estava muito cheio. A fila avançou até que Winston estivesse quase no balcão, mas então parou por cerca de dois minutos, porque alguém mais à frente reclamou por não ter recebido seu tablete de sacarina. A moça ainda estava sozinha quando Winston garantiu sua bandeja e começou a se dirigir à mesa. Andou casualmente naquela direção, os olhos vasculhando um lugar em alguma mesa atrás dela. A distância entre eles era de talvez três metros. Mais dois segundos bastariam. Então uma voz atrás dele chamou: "Smith!". Winston fingiu não ouvir. "Smith!", repetiu a voz, mais alto. Era inútil. Ele se virou. Um jovem loiro de rosto abobado chamado Wilsher, que mal conhecia, convidava-o com um sorriso a ocupar um lugar vago em sua mesa. Não era seguro recusar. Depois de ter sido reconhecido, ele não poderia ir sentar-se a uma mesa com uma moça desacompanhada. Seria chamativo demais. Então sentou-se com um sorriso afável. O rosto loiro e bobo se iluminou em reação. Winston teve uma alucinação de si mesmo enfiando uma picareta bem no meio dele. A mesa da moça foi preenchida alguns minutos mais tarde.

Ela, porém, devia tê-lo visto andando em sua direção, e talvez captado a dica. No dia seguinte, Winston tomou o cuidado de chegar cedo. E, como previsto, viu-a a uma mesa mais ou mesmo no mesmo lugar, e de novo sozinha. A pessoa imediatamente à frente dele na fila era um homem pequeno, de movimentos ágeis, semelhante a um besouro, com um rosto achatado e olhos miúdos e desconfiados. Quando Winston se

afastou do balcão levando sua bandeja, viu que o homenzinho ia diretamente para a mesa da moça. Suas esperanças sumiram de novo. Havia um lugar vago em uma mesa mais além, mas algo na aparência do homenzinho indicava que ele valorizava o próprio conforto o suficiente para escolher a mais vazia entre as duas mesas. Com o coração gelado, Winston avançou. Era inútil, a menos que conseguisse estar sozinho com a moça. Nesse momento houve um imenso estrondo. O homenzinho estava caído de quatro, a bandeja tinha voado, dois rios de sopa e café escorriam pelo chão. Ele se pôs de pé lançando um olhar maligno para Winston, evidentemente suspeitando que o tinha feito tropeçar. Mas estava tudo bem. Cinco segundos depois, com o coração aos pulos, Winston estava sentado à mesa da moça.

Não olhou para ela. Tirou os itens da bandeja e prontamente começou a comer. Era da maior importância falar logo, antes que alguém mais chegasse, mas agora um medo terrível o havia dominado. Uma semana tinha se passado desde que ela o abordara pela primeira vez. Na certa mudara de ideia. Era impossível que aquele romance terminasse bem, tais coisas não aconteciam na vida real. Ele teria desistido totalmente de falar se, nesse momento, não tivesse visto Ampleforth, o poeta das orelhas peludas, coxeando hesitante pelo salão com uma bandeja, procurando um lugar. À sua maneira vaga, Ampleforth simpatizava com Winston, e certamente se sentaria à mesa dele se o visse. Havia talvez um minuto para agir. Tanto Winston quanto a moça comiam com dedicação um guisado ralo, na verdade uma sopa, de feijão branco. Em um murmúrio baixo, Winston começou a falar. Nenhum dos dois olhou para cima; com diligência, punham na boca colheradas da coisa aguada, e entre as colheradas trocaram as poucas palavras necessárias em tom de voz muito baixo.

– A que hora você sai do trabalho?

– Dezoito e trinta.

– Onde podemos nos encontrar?

– Praça Vitória, perto do monumento.

– É cheio de teletelas.

– Não faz mal se tiver uma multidão.

– Algum sinal?

– Não. Mas não chegue perto até me ver no meio de muita gente. E não me olhe, só fique perto de mim.

– A que hora?

– Às dezenove.

– Tá bom.

Ampleforth não tinha visto Winston e foi se sentar em outra mesa. A moça terminou o almoço e rapidamente partiu, enquanto Winston ficou para fumar um cigarro. Não falaram mais e não olharam um para o outro, na medida em que isso era possível para duas pessoas sentadas frente a frente na mesma mesa.

Winston estava na Praça Vitória antes do horário marcado. Perambulou em volta da base da enorme coluna canelada, no alto da qual uma estátua do Grande Irmão mirava o Sul, na direção dos céus onde derrotara os aviões da Eurásia (tinham sido os aviões da Lestásia, alguns anos antes) na Batalha da Faixa Aérea Um. Na rua em frente havia uma estátua de um homem em um cavalo que supostamente devia representar Oliver Cromwell. Cinco minutos depois da hora, a moça ainda não tinha aparecido. De novo um medo terrível tomou conta de Winston. Ela não apareceria, mudara de ideia! Ele subiu

devagar o lado norte da praça e obteve uma espécie de prêmio de consolação ao identificar a igreja de São Martinho, aquela cujos sinos, quando repicavam, entoavam “passe pra cá um dinheirinho”. Então localizou a moça parada na base do monumento, lendo ou fingindo ler um cartaz que subia em espiral pela coluna. Não era seguro se aproximar até que mais pessoas se juntassem. Havia teletelas em todas as faces do frontão. Mas nesse momento houve um som de gritos e um zunido de veículos pesados em algum ponto à esquerda. De repente, parecia que todos cruzavam a praça correndo. A moça desviou com agilidade dos leões da base do monumento e se juntou à corrida. Winston foi atrás. Enquanto corria, captou certas observações gritadas que diziam que prisioneiros eurasianos estavam passando.

Uma massa densa de pessoas já ocupava a face sul da praça. Winston, normalmente o tipo de pessoa que está sempre fora de qualquer tipo de confusão, abriu caminho empurrando, golpeando e se contorcendo até o centro da multidão. Logo ficou a um braço de distância da moça, mas a passagem estava bloqueada por um proleta enorme e uma mulher quase igual, que pareciam formar um muro intransponível. Winston se espremeu de lado e, com uma investida violenta, conseguiu enfiar o ombro entre eles. Por um momento, sentiu como se suas entranhas estivessem sendo esmagadas até virarem polpa, entre os dois quadris musculosos, mas afinal atravessou, suando um pouco. Postou-se perto da moça. Estavam ombro a ombro, ambos olhando fixamente para a frente.

Uma longa fila de caminhões, com guardas de expressão pétrea armados de submetralhadoras e em posição de sentido em cada canto, vinha passando lentamente pela rua. Dentro, pequenos homens amarelos em uniformes verdes esfarrapados estavam de cócoras, muito espremidos. Os rostos mongóis

tristes olhavam para fora, pelas laterais dos caminhões, com absoluta indiferença. Ocasionalmente, quando um caminhão dava um solavanco, ouvia-se um clangor metálico: todos os prisioneiros usavam algemas de tornozelo. Caminhão após caminhão, os rostos tristes passaram. Winston sabia que eles se encontravam lá, mas só os enxergava de modo intermitente. O ombro da moça, e seu braço até o cotovelo, estavam pressionados contra os dele. A bochecha feminina estava quase perto o suficiente para que Winston sentisse seu calor. Ela assumiu o comando da situação, como tinha feito na cantina. Começou a falar na mesma voz inexpressiva de antes, mal mexendo os lábios, um mero murmúrio facilmente diluído no barulho de vozes e no estrondo dos caminhões.

– Consegue me ouvir?

– Sim.

– Consegue folgar no domingo à tarde?

– Sim.

– Então escute com atenção, vai precisar se lembrar disso. Vá à Estação Paddington…

Com uma espécie de precisão militar que o assombrou, a jovem delineou a rota que ele deveria seguir. Uma viagem de meia hora de trem; virar à esquerda na saída da estação; andar dois quilômetros pela estrada; um portão com a barra superior faltando; um caminho atravessando um campo; uma alameda de grama alta; uma trilha entre arbustos; uma árvore morta coberta de musgo. Era como se ela tivesse um mapa dentro da cabeça.

– Consegue memorizar tudo isso? – ela murmurou, afinal.

– Sim.

– Você vira à esquerda, depois à direita, depois à esquerda de

novo. E o portão não tem a barra de cima.

– Sim. A que hora?

– Umas quinze. Talvez você precise esperar. Vou por outro caminho. Tem certeza de que se lembra de tudo?

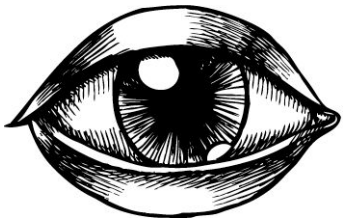
– Sim.

– Então agora se afaste o mais rápido possível.

Ela não precisava ter dito isso. Mas ali, entretanto, os dois não tinham como se desvencilhar da multidão. Os caminhões seguiam passando devagar, as pessoas continuavam insaciavelmente boquiabertas. No início ouviram-se umas poucas vaias e assovios, mas partiam apenas dos membros do Partido e logo pararam. A emoção predominante era simples curiosidade. Estrangeiros, fossem da Eurásia ou da Lestásia, eram um tipo de animal raro. Literalmente, nunca se via um deles a não ser na condição de prisioneiros e, mesmo assim, nunca se tinha deles mais do que um vislumbre momentâneo. Tampouco se sabia o que era feito deles, à parte os poucos enforcados como criminosos de guerra; os demais simplesmente desapareciam, provavelmente em campos de trabalhos forçados. Os rostos mongóis redondos tinham cedido lugar a rostos de um tipo mais europeu, sujos, barbudos e exaustos. Sobre as maçãs do rosto esfoladas, olhos encaravam os de Winston, algumas vezes com estranha intensidade, e depois sumiam. O comboio chegava ao fim. No último caminhão, ele viu um homem de bastante idade, o rosto uma maçaroca de pelos grisalhos, de pé muito empertigado, pulsos cruzados à frente como se estivesse acostumado a tê-los amarrados. Estava quase na hora de Winston e a moça se separarem. Mas no último instante, enquanto a multidão ainda os cercava, a mão dela procurou a dele e deu um aperto rápido.

Não poderia ter durado nem dez segundos e, no entanto,

pareceu que por muito tempo as mãos estiveram entrelaçadas. Ele teve tempo de aprender cada detalhe da mão da jovem. Explorou os dedos longos, as unhas pontudas, a palma de trabalhadora com sua fila de calosidades, a suavidade da pele junto ao pulso. Apenas por tê-la sentido, ele a reconheceria só de olhar. No mesmo instante, ocorreu-lhe não saber de que cor eram os olhos da moça. Provavelmente castanhos, mas pessoas de cabelos pretos às vezes tinham olhos azuis. Virar a cabeça e olhar para ela teria sido insano demais. De mãos dadas, invisíveis entre a multidão de corpos, eles olhavam fixamente para a frente e, em vez dos olhos da moça, os do prisioneiro idoso miravam tristemente os de Winston, em meio à confusão de pelos.



Capítulo 2

Winston tomou seu rumo alameda acima pelo caminho salpicado de luz e sombras, pisando em poças douradas sempre que os galhos se distanciavam. Sob as árvores à esquerda, o chão estava coalhado de jacintos azuis. O ar parecia beijar a pele. Era o dia 2 de maio. De algum ponto mais profundo do bosque, chegava o arrulhar de rolinhas.

Estava um pouco adiantado. Não teve dificuldades na viagem, e a moça parecia tão experiente que ele estava menos amedrontado do que em outra situação. Supostamente, era possível confiar nela para encontrar um lugar seguro. Em geral, você não poderia considerar que estava mais a salvo no campo do que em Londres. Não havia teletelas, claro, mas sempre existia o risco de haver microfones escondidos, pelos quais sua voz poderia ser captada e reconhecida; além disso, não era fácil fazer uma viagem sozinho sem chamar a atenção. Para distâncias inferiores a cem quilômetros, não era necessário obter endosso no passaporte, mas às vezes havia patrulhas circulando pelas estações de trem, examinando os documentos de membros do Partido que encontrassem e fazendo perguntas incômodas. No entanto, nenhuma patrulha apareceu, e ao sair da estação ele se certificou, olhando discretamente para trás, de não estar sendo seguido. O trem estava cheio de proletas animados por causa do clima de verão. O vagão com assentos de madeira no qual ele viajara estava lotado ao ponto do transbordamento por uma única

família enorme, desde uma bisavó desdentada até um bebê de um mês. Iam passar a tarde com a parentada no campo e, conforme explicaram sem que Winston perguntasse, conseguir um pouco de manteiga no mercado negro.

A pista se alargou e em um minuto ele encontrou a passagem que a jovem havia mencionado, uma trilha para gado que atravessava o meio dos arbustos. Winston não possuía relógio, mas não poderiam ser quinze horas ainda. Os jacintos formavam uma camada tão espessa sob os pés que era impossível não pisar neles. Ele se ajoelhou e começou a colher alguns, em parte para passar o tempo, mas também pela remota ideia de que gostaria de ter flores para oferecer à moça quando se encontrassem. Colheu um ramalhete grande e sentia o cheiro suave e enjoativo quando um som às suas costas o congelou, o estalo inconfundível de um pé sobre gravetos. Ele continuou colhendo jacintos. Era o melhor a fazer. Poderia ser a moça ou alguém talvez o tivesse seguido. Olhar ao redor seria demonstrar culpa. Pegou mais um e mais um. Uma mão pousou delicadamente em seu ombro.

Winston olhou para cima. Era a moça. Fez um sinal com a cabeça, evidentemente como um alerta para que ele mantivesse silêncio, depois afastou os arbustos e rapidamente avançou pelo caminho estreito que levava ao bosque. Obviamente já estivera ali antes, pois evitava os trechos pantanosos como que por hábito. Winston a seguiu, ainda agarrado ao ramalhete de flores. Seu primeiro sentimento tinha sido de alívio; contudo, conforme observava o corpo forte e esguio movendo-se à frente, com a faixa escarlate justa apenas o suficiente para realçar a curva dos quadris, a sensação da própria inferioridade se abateu pesadamente sobre ele. Mesmo agora, parecia bastante provável que, quando ela girasse o corpo e olhasse para ele, acabaria por desistir. A doçura do ar e

as folhas verdejantes o assustavam. Já no caminho desde a estação, o sol de maio o havia feito sentir-se sujo e estiolado, uma criatura abatida, empoeirado da fuligem de Londres em cada poro da pele. Ocorreu-lhe que até aquele momento ela provavelmente nunca o vira à luz do dia e ao ar livre. Ambos chegaram à árvore caída que ela citara. A moça subiu no tronco e separou os arbustos à força, em um ponto onde não parecia haver uma abertura. Quando Winston a seguiu, descobriu que estavam em uma clareira natural, uma elevação minúscula e gramada, cercada por uma vegetação alta que a fechava totalmente.

– Chegamos – ela disse.

Ele a encarava a vários passos de distância. Por ora, não ousava se aproximar.

– Eu não quis falar nada lá no caminho – ela prosseguiu – para o caso de ter um microfone escondido. Não penso que tenha, mas poderia ter. Sempre existe uma chance de que um daqueles porcos reconheça a sua voz. Aqui, estamos bem.

Ele ainda não tinha coragem de se aproximar.

– Aqui, estamos bem? – repetiu, estupidamente.

– Sim. Olhe para as árvores. – Eram pequenas plantas que em algum momento haviam sido cortadas e depois brotaram de novo, formando uma floresta de estacas, nenhuma delas mais grossa do que um punho. – Não há nada grande o suficiente para ter um microfone dentro. Além do mais, eu já estive aqui.

Os dois estavam simplesmente criando assunto. Winston tinha conseguido se aproximar dela, que, parada diante dele muito reta, abrira um sorriso levemente irônico, como se estivesse questionando por que ele era tão lento para agir. Os

jacintos cascatearam para o chão. Pareciam ter caído por vontade própria. Winston tomou-lhe a mão.

– Você acredita que até este momento eu não sabia qual a cor de seus olhos? – Eram castanhos, ele notou, de um tom claro de castanho, com cílios pretos. – Agora que você me viu como realmente sou, ainda aguenta olhar para mim?

– Sim, fácil.

– Eu tenho trinta e nove anos. Tenho uma esposa da qual não consigo me livrar. Tenho úlcera varicosa. Tenho cinco dentes postiços.

– Eu não poderia me importar menos – respondeu a moça.

No instante seguinte, era difícil dizer por iniciativa de quem, ela estava nos braços dele. No começo, Winston não sentira nada além de franca incredulidade. O corpo juvenil pressionado contra o dele, a massa de cabelo preto em seu rosto e sim!, ela havia levantado o queixo e ele beijava a boca larga e vermelha. A jovem passou os braços ao redor do pescoço masculino e o chamava de querido, adorado, amado. Winston a deitou no solo sem que ela oferecesse alguma resistência, indicando que ele podia fazer o que quisesse. Mas a verdade era que ele não tinha nenhuma sensação física exceto a do mero contato; sentia apenas incredulidade e orgulho. Sentia-se feliz por aquilo estar acontecendo, mas não tinha desejo físico. Era cedo demais, a juventude e a beleza da moça o assustavam, ele estava acostumado demais a viver sem mulher – não sabia a razão. Ela se recompôs e tirou uma flor do cabelo. Sentou-se, encostada em Winston, e passou o braço pela cintura dele.

– Sem problema, querido. Não há pressa. Temos a tarde toda. Aqui não é um esconderijo esplêndido? Descobri este lugar quando me perdi uma vez durante uma caminhada

comunitária. Se alguém estivesse chegando, daria para ouvir a cem metros de distância.

– Qual é o seu nome?

– Júlia. E sei o seu. É Winston, Winston Smith.

– Como você descobriu?

– Espero ser melhor em descobrir coisas do que você, querido. Conte-me: o que pensava de mim antes de eu lhe entregar o bilhete?

Ele não sentiu nenhuma tentação de contar mentiras. Era até uma espécie de oferenda de amor, começar contando o pior.

– Eu odiava ver você. Quis estuprar você e depois assassinar. Duas semanas atrás pensei seriamente em esmagar sua cabeça com um paralelepípedo. Se quer mesmo saber, imaginei que você tinha algo a ver com a Polícia do Pensamento.

A moça riu, deliciada, entendendo aquilo como um reconhecimento à excelência de seu disfarce.

– Não! Logo a Polícia do Pensamento! Você pensou mesmo isso?

– Bem, talvez não exatamente isso. Mas, vendo sua aparência geral, jovem, forte e saudável, entende, pensei que provavelmente…

– Você pensou que eu fosse uma boa membra do Partido. Pura nas palavras e ações. Bandeiras, procissões, lemas, jogos, caminhadas comunitárias, tudo isso. E você pensou que, se eu tivesse a menor chance, iria denunciá-lo como criminoso do pensamento e daí você seria morto?

– Sim, algo do tipo. Muitas moças são assim, você sabe.

– É esta maldita coisa que faz isso – ela disse, arrancando a

faixa escarlate da Liga Juvenil Antissexo e atirando-a em um galho. Depois, como se tocar na cintura a tivesse feito lembrar-se de algo, tateou o bolso do macacão e retirou um pequeno tablete de chocolate. Partiu-o em dois e deu um dos pedaços para Winston. Mesmo antes de aceitá-lo, ele soube pelo cheiro que se tratava de um chocolate muito incomum. Era escuro e lustroso e estava embrulhado em papel prateado. Normalmente, o chocolate era uma coisa marrom opaca e quebradiça que tinha gosto de, na medida em que era possível descrever aquilo, fumaça da queima de lixo. Mas em uma época ou outra Winston provara um chocolate como aquele. A primeira inalação daquele cheiro despertou uma memória que ele não conseguia capturar com clareza, mas que era poderosa e perturbadora.

– Onde você conseguiu isso? – quis saber.

– Mercado negro – ela respondeu com indiferença. – Na verdade eu sou essa espécie de mulher, para quem olha. Sou boa em jogos. Fui líder de tropa nos Espiões. Faço trabalho voluntário três noites por semana para a Liga Juvenil Antissexo. Passei horas e horas colando aquela podridão deles por Londres toda. Sempre seguro uma das pontas das bandeiras nas procissões. Sempre pareço alegre e nunca me esquivo de nada. Sempre grite com a multidão, é o que eu digo. É o único jeito de estar segura.

O primeiro pedaço do chocolate tinha derretido na língua de Winston. O sabor era delicioso. Mas ainda restava aquela lembrança girando nas bordas de sua consciência, algo intensamente sentido, mas não reduzível a uma forma definitiva, como um objeto que se enxerga só pelo canto do olho. Ele a afastou, ciente apenas de ser a memória de alguma ação que teria gostado de desfazer, mas que não poderia.

– Você é muito jovem. Deve ser dez ou quinze anos mais nova do que eu. O que viu de atraente em mim?

– Foi alguma coisa no seu rosto. Pensei que arriscaria. Sou boa em identificar pessoas que não pertencem. E, assim que o vi, soube que você era contra *eles*.

Eles, aparentemente, significava Partido, acima de tudo o Núcleo do Partido, sobre o qual ela falava com um ódio declarado e zombeteiro que fazia Winston sentir-se desconfortável, embora ele soubesse que estavam em segurança ali, se é que era possível estar seguro em algum lugar. Uma coisa que o espantava era a grosseria de sua linguagem. Não se supunha que membros do Partido praguejassem, e Winston raramente fazia isso, ao menos em voz alta. Júlia, no entanto, parecia incapaz de mencionar o Partido, e especialmente o Núcleo do Partido, sem usar os tipos de palavras que se encontravam rabiscadas nos muros dos becos. Ele não desgostava daquilo. Era meramente um sintoma da revolta dela contra o Partido e o que seus líderes ordenavam, e de alguma forma parecia natural e saudável, como o espirro de um cavalo após cheirar feno podre. Eles tinham deixado a clareira e estavam de novo caminhando pelos quadrados de luz e sombra, com os braços na cintura um do outro sempre que o caminho fosse largo o bastante para permitir que andassem lado a lado. Winston notou como a cintura feminina parecia mais suave agora que a faixa não estava ali. Ambos não falavam acima de um sussurro. Fora da clareira, Júlia tinha dito, era melhor que ficassem em silêncio. Pouco depois, chegaram aos limites do pequeno bosque. Ela o deteve.

– Não saia para o campo aberto. Pode ter alguém vigiando. Estaremos em segurança se ficarmos atrás dos galhos.

Encontravam-se à sombra dos arbustos de avelã. A luz do sol, filtrada pelas incontáveis folhas, ainda aquecia seus rostos. Winston olhou para o campo que se estendia mais além e teve um choque curioso e vagaroso de reconhecimento. Ele o reconheceu. Um pasto velho e carcomido, atravessado por uma trilha e com montículos de toupeiras aqui e ali. Na sebe irregular do lado oposto, os galhos dos olmos balançavam suavemente à brisa, e as folhas se mexiam de leve em grandes massas, como cabelos femininos. Certamente em algum lugar próximo, mas fora da vista, deveria haver um riacho com grandes poças esverdeadas onde nadavam trutas.

– Não tem um riacho em algum lugar perto daqui? – cochichou.

– Isso mesmo, tem um riacho. Fica no fim do próximo campo, na verdade. Tem peixes nele, trutas enormes. Você consegue vê-los nas piscinas debaixo dos salgueiros, balançando as nadadeiras.

– É a Terra Dourada, quase – ele murmurou.

– A Terra Dourada?

– Não é nada. Uma paisagem que eu vi em sonho algumas vezes.

– Olha! – sussurrou Júlia.

Um tordo pousara em um galho a menos de cinco metros, quase na altura do rosto deles. Talvez não os tivesse visto. A ave estava no sol, e eles, na sombra. Ela abriu as asas, acomodou-as cuidadosamente, baixou a cabeça por um momento, como se fazendo uma espécie de reverência para o sol, e depois começou a despejar uma torrente de melodias. No silêncio da tarde, o volume do som era surpreendente. Winston e Júlia se abraçaram, fascinados. A música continuou, minuto

após minuto, com variações espantosas, jamais se repetindo, quase como se o passarinho estivesse deliberadamente exibindo seu virtuosismo. De vez em quando ele parava por alguns segundos, abria e recolhia as asas, então inflava o peito sarapintado e de novo explodia em uma canção. Winston observava como se fizesse uma reverência. Para quem, ou para quê, aquele pássaro cantava? Nenhum parceiro nem rival o observava. O que o levava a se sentar no limite de um bosque solitário e derramar sua música no vazio? Ele questionou se, afinal, não haveria um microfone escondido em algum lugar próximo. Ele e Júlia só tinham conversado em cochichos abafados, e o que haviam dito não seria captado, mas talvez captasse o tordo. Talvez, na outra ponta do equipamento, algum homenzinho parecido com um besouro ouvisse tudo intencionalmente – ouvisse *aquilo*. Mas aos poucos a torrente de música afastou todas as especulações de sua mente. Era como se houvesse um fluido que brotava em todo o corpo de Winston e se misturava à luz do sol filtrada pelas folhas. Ele parou de pensar e só sentiu. A cintura da moça na dobra de seu braço era suave e morna. Ele a girou para que ficassem frente a frente; o corpo dela parecia fundir-se ao dele. Por onde quer que passasse as mãos, tudo cedia como água. Suas bocas se uniram; foi muito diferente dos beijos duros que haviam trocado mais cedo. Quando afastaram os rostos, ambos suspiraram profundamente. O passarinho se assustou e saiu voando, fazendo barulho com as asas.

Winston aproximou os lábios da orelha dela.

– *Agora* – ele sussurrou.

– Aqui não – ela sussurrou de volta. – Vamos voltar para o esconderijo, é mais seguro.

Rapidamente, com um estalo ocasional de gravetos,

percorreram de volta o caminho para a clareira. Quando estavam dentro do círculo da vegetação alta, ela se virou e o encarou. Estavam ambos respirando depressa, mas o sorriso tinha surgido de novo nos cantos da boca de Júlia, que ficou parada, encarando-o por um momento, e então baixou o zíper do macacão. E – sim – foi quase como nos sonhos dele. Quase com a mesma agilidade que ele imaginara, ela havia arrancado as roupas, e, quando as jogou para o lado, foi com o mesmo gesto esplêndido com o qual toda uma civilização pareceu ser aniquilada. O corpo branco brilhava ao sol. Mas por um momento ele não olhou para o corpo; seus olhos estavam ancorados no rosto sardento com seu sorriso discreto e ousado. Ele se ajoelhou diante dela e tomou as mãos nas suas.

– Você já fez isso antes?

– Claro. Centenas de vezes; bem, diversas vezes, de qualquer forma.

– Com membros do Partido?

– Sim, sempre com membros do Partido.

– Com membros do Núcleo do Partido?

– Não, com aqueles porcos, não. Mas tem vários que *fariam*, se tivessem uma oportunidade. Eles não são tão santos quanto demonstram.

O coração de Winston se acelerou. Diversas vezes ela havia feito aquilo; ele desejaria que tivessem sido centenas, milhares. Qualquer coisa indicativa de corrupção sempre o preenchia de uma esperança selvagem. Quem sabe? Talvez o Partido estivesse podre sob a superfície, o culto à exaustão e à autonegação fossem apenas uma farsa ocultando a devassidão. Se pudesse inocular todos eles com lepra ou sífilis, com que prazer faria isso! Qualquer coisa para apodrecer, enfraquecer,

minar! Ele a puxou para baixo e ambos ficaram ajoelhados frente a frente.

– Escute. Quantos mais homens você teve, mais eu amarei você.Compreende?

– Sim, perfeitamente.

– Odeio pureza, odeio bondade! Não quero que nenhuma virtude exista em lugar nenhum. Quero que todo mundo seja corrompido até os ossos.

– Bom, então devo servir pra você, querido. Estou corrompida até os ossos.

– Você gosta de fazer isso? Não apenas comigo, estou falando da coisa em si.

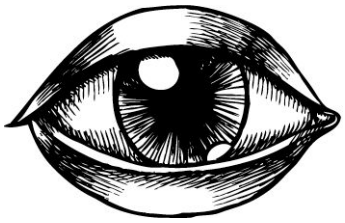
– Adoro.

Era isso que ele queria ouvir, acima de tudo. Não somente o amor de uma pessoa, mas o instinto animal, o desejo simples e indistinto: aquela era a força que destruiria o Partido. Ele a pressionou contra a grama, no meio dos jacintos caídos. Dessa vez, não houve dificuldade. Logo o subir e descer de seus corpos voltou à velocidade normal, e sem resistência eles se afastaram. O sol parecia ter ficado mais quente. Ambos se sentiam sonolentos. Winston alcançou o macacão descartado e a cobriu parcialmente com ele. Adormeceram quase imediatamente, e dormiram por cerca de meia hora.

Winston acordou primeiro. Sentou-se e observou o rosto sardento, ainda pacificamente adormecido, apoiado na palma da mão dela como se em um travesseiro. Exceto pela boca, não se poderia dizer que ela fosse bonita. Havia uma ou das rugas ao redor dos olhos, se você olhasse de perto. O cabelo preto curto era extraordinariamente grosso e macio. Ocorreu a Winston que ainda não sabia o sobrenome dela nem onde

morava.

O corpo jovem e forte, agora vulnerável pelo sono, despertou nele um sentimento piedoso e protetor. Mas a ternura descuidada que sentira sob a aveleira não tinha voltado. Afastou o macacão para o lado e fitou o quadril branco e suave. Nos velhos tempos, pensou, um homem olhava para o corpo de uma mulher, via que era desejável e pronto. Mas não se podia sentir amor puro ou desejo puro atualmente. Nenhuma emoção era pura, porque tudo estava misturado a medo e ódio. A união deles tinha sido uma batalha; o clímax, uma vitória. Fora um golpe contra o Partido. Um ato político.



Capítulo 3

– Podemos vir aqui de novo – sugerira Júlia. – Geralmente é seguro usar um esconderijo duas vezes. Mas não durante um ou dois meses, claro.

Assim que ela acordou, seu comportamento mudou. Voltou a ficar alerta e séria, vestiu as roupas, amarrou a faixa escarlate em volta da cintura e começou a preparar os detalhes da viagem para casa. Parecia natural deixar que Júlia cuidasse disso. Ela obviamente tinha uma astúcia que faltava a Winston e parecia ter também um profundo conhecimento da área rural ao redor de Londres, acumulado a partir de inúmeras caminhadas comunitárias. O percurso que ela indicou era bem diferente do percorrido na ida e o levou a uma outra estação de trem.

– Nunca volte para casa pelo mesmo caminho de ida – Júlia disse, como se enunciasse um importante princípio geral.

Ela partiria primeiro, e Winston deveria esperar meia hora antes de ir.

Júlia escolheu o lugar onde os dois poderiam se encontrar depois do trabalho dali a quatro noites: uma rua em um dos bairros mais pobres, onde havia um mercado ao ar livre lotado e barulhento. Ela passearia entre as barracas fingindo procurar cadarços ou linhas de cerzir. Se achasse que a área estava limpa, assoaria o nariz quando ele se aproximasse; do contrário, Winston deveria passar por ela sem dar sinais de

reconhecimento. Porém, com sorte, no meio da multidão, seria seguro conversar por um quarto de hora e combinar o encontro seguinte.

– Agora preciso ir – ela disse assim que ele memorizou as instruções. – Preciso estar de volta às dezenove e trinta. Tenho que dedicar duas horas à Liga Juvenil Antissexo, distribuindo panfletos ou algo assim. Não é um horror? Ajude a espanar minha roupa. Tem alguma folha no meu cabelo? Tem certeza? Então tchau, amor! Até!

Atirou-se nos braços dele, beijou-o quase com violência e um instante depois abriu caminho entre a vegetação alta e desapareceu pelo bosque quase em silêncio. Winston ainda não sabia seu sobrenome nem onde morava. Mas não fazia diferença, pois era impensável que alguma vez fossem se encontrar lá ou trocar algum tipo de comunicação escrita.

Acontece que ambos nunca mais voltaram à clareira no bosque. Durante o mês de maio houve apenas mais uma ocasião em que de fato conseguiram fazer amor. Foi em outro esconderijo que Júlia conhecia, a torre do sino de uma igreja destruída em uma parte quase deserta da área rural, onde uma bomba atômica caíra trinta anos antes. Um bom lugar para se esconder uma vez que você chegasse lá, mas o caminho era muito perigoso. Fora isso, só conseguiram se encontrar nas ruas, em um lugar diferente a cada noite, e nunca por mais de meia hora. Na rua era geralmente possível conversar, por assim dizer. Enquanto percorriam as ruas cheias, não muito próximos e jamais olhando um para o outro, mantinham uma estranha conversa intermitente que era interrompida e retomada como a luz de um farol, subitamente calada pelo surgimento de um uniforme do Partido ou a proximidade de uma teletela e resgatada minutos mais tarde no meio de uma frase, então abruptamente interrompida quando eles se

separavam no lugar combinado e continuada quase sem preâmbulos no dia seguinte. Júlia parecia bastante acostumada a esse tipo de conversa, que ela chamava de "falar a prestação". Era também muito hábil em falar sem mover os lábios. Somente uma vez, em quase um mês de encontros todas as noites, eles conseguiram trocar um beijo. Estavam passando em silêncio por uma rua lateral (Júlia nunca abria a boca se estavam distantes das ruas principais) quando houve um rugido ensurdecedor, a terra trepidou e o ar escureceu, e Winston se viu deitado de lado, ferido e aterrorizado. Uma bomba devia ter caído bem perto dali. De repente, ele se deu conta do rosto de Júlia a poucos centímetros do seu, mortalmente branco, branco como giz. Até os lábios estavam brancos. Ela estava morta! Winston a agarrou e descobriu que estava beijando um rosto vivo e quente. Mas havia uma coisa poeirenta atrapalhando seus lábios. Ambos tinham o rosto recoberto de gesso.

Houve noites em que chegaram ao refúgio e precisaram passar um pelo outro sem dar nenhum sinal, porque uma patrulha tinha acabado de dobrar a esquina ou um helicóptero estava sobrevoando o local. Mesmo que fosse menos perigoso, ainda seria difícil achar tempo para encontros. Winston trabalhava sessenta horas por semana, e Júlia ainda mais, os dias livres variavam de acordo com a pressão do trabalho e nem sempre coincidiam. De todo modo, ela raramente dispunha de uma noite totalmente livre. Passava muito tempo participando de palestras e manifestações, distribuindo folhetos para a Liga Juvenil Antissexo, preparando faixas para a Semana do Ódio, fazendo coletas para as campanhas de poupança e atividades semelhantes. Compensava, ela dizia; era camuflagem. Se você seguisse as pequenas regras, podia quebrar as grandes. Ela inclusive convenceu Winston a

sacrificar mais uma de suas noites ao se inscrever para trabalhar por algumas horas na fábrica de munição, um serviço voluntário prestado por membros dedicados do Partido. Assim, uma noite por semana, Winston passava quatro horas em um tédio paralisante juntando pedacinhos de metal, provavelmente partes de fusíveis de bombas, em uma oficina mal iluminada onde golpes de martelo se misturavam à música das teletelas.

Quando os dois se encontraram na torre da igreja, os hiatos da conversa fragmentada foram preenchidos. Fazia uma tarde muito quente. O ar, na pequena câmara quadrada acima dos sinos, era abafado e parado, com um cheiro muito forte de fezes de pombos. Eles ficaram sentados por horas no chão sujo e cheio de gravetos, um ou outro se levantando de tempos em tempos para lançar uma espiada pelas fendas e se certificar de que ninguém se aproximava.

Júlia tinha vinte e seis anos. Morava em um alojamento com outras trinta moças (“Sempre no meio daquela inhaca! Como eu odeio mulher!” ela disse, entre parênteses) e trabalhava, como ele havia suposto, nas máquinas escrevedeiras de romances do Departamento de Ficção. Gostava do trabalho, que consistia principalmente no controle e na manutenção de um motor elétrico muito potente, porém complexo. Não era especialista, mas gostava de usar as mãos e se sentia à vontade com equipamentos. Era capaz de descrever todo o processo de composição de um romance, desde as orientações gerais emitidas pelo Comitê de Planejamento até os toques finais do Esquadrão de Reescrita. Mas não tinha interesse no produto final. Não “ligava muito pra leitura”, avisou. Livros eram apenas um item que precisava ser produzido, como geleia ou cadarços.

Ela não tinha lembrança de nada anterior ao início dos anos 1960, e a única pessoa que conhecera e com quem havia

falado com frequência sobre os dias anteriores à Revolução tinha sido um avô, que sumira quando Júlia tinha 8 anos. Na escola, fora capitã do time de hóquei e conquistara o troféu de ginástica por dois anos consecutivos. Foi líder de tropa nos Espiões e secretária de uma divisão da Liga Juvenil antes de se juntar à Liga Juvenil Antissexo. Demonstrara sempre um excelente temperamento. Havia até (sinal infalível de boa reputação) sido escolhida para trabalhar na Supornô, a subseção do Departamento de Ficção que produzia pornografia barata para distribuição aos proletas. O lugar era chamado de Buraco Sujo por quem trabalhava lá. Ali, permanecera por um ano, ajudando a produzir folhetos em pacotes selados com títulos como *Histórias de espancamento* e *Uma noite no internato feminino*, a serem comprados furtivamente por jovens proletários que tinham a impressão de estar adquirindo algo ilegal.

– E como são esses livros? – perguntou Winston, curioso.

– Ah, são péssimos. São forçados, na verdade. Eles só têm seis argumentos, mas variam um pouco. Claro que eu só ficava nos caleidoscópios. Nunca estive no Esquadrão de Reescrita. Não sou uma literata, querido, não o suficiente nem mesmo para isso.

Ele soube, com grande espanto, que todos os trabalhadores na Supornô, exceto o chefe do departamento, eram moças. A teoria era que homens, cujos instintos sexuais eram menos controláveis do que os das mulheres, correriam um risco maior de serem corrompidos pela sujeira com que lidavam.

– Eles não gostam nem de ter mulheres casadas lá. As moças supostamente são bem puras. Bem, aqui está uma que não é.

Ela teve o primeiro caso amoroso aos 16 anos, com um membro do Partido que tinha 60 e mais tarde cometeu suicídio

para evitar ser preso.

– Ele tinha um bom emprego – disse Júlia. – Do contrário, teriam arrancado meu nome quando ele confessou.

Desde então, teve vários outros. A vida que conhecia era bastante simples. Você queria se divertir; "eles", significando o Partido, queriam impedir que você se divertisse; você quebrava as regras como podia. Ela parecia considerar igualmente natural que "eles" quisessem roubar você de seus prazeres e que você quisesse evitar ser pego. Odiava o Partido e dizia isso com as palavras mais cruas, mas não fazia críticas mais gerais. Exceto no que se relacionava diretamente à sua vida, não tinha interesse na doutrina do Partido. Winston notou que ela nunca usava palavras em Novidioma, exceto as que faziam parte do cotidiano. Nunca ouvira falar da Irmandade e se recusava a acreditar que existisse. Qualquer tipo de revolta organizada contra o Partido, sempre determinada a fracassar, parecia-lhe uma estupidez. A melhor coisa a fazer era quebrar as regras e continuar viva apesar disso. Ele pensou vagamente quantas outras como ela existiriam na geração mais nova; pessoas que haviam crescido no mundo da Revolução, ignorando todo o resto, aceitando o Partido como algo imutável, como o azul do céu, sem se revoltar contra sua autoridade, mas apenas desviando dela como um coelho que se esconde de um cão.

Eles não cogitaram a possibilidade de se casar. Era remota demais para valer a reflexão. Nenhum comitê imaginável jamais aprovaria um casamento daqueles, mesmo que Katharine, a esposa de Winston, pudesse de alguma forma ser tirada do caminho. Era uma impossibilidade até como devaneio.

– Como ela era, a sua esposa? – quis saber Júlia.

– Ela era… Você conhece a palavra *bempensar*, em Novidioma? Significando naturalmente ortodoxa, incapaz de ter um pensamento ruim?

– Não, não conheço a palavra, mas conheço esse tipo de gente, sem dúvida.

Winston começou a lhe contar a história de sua vida de casado, mas curiosamente ela já parecia conhecer as partes principais. Descreveu-lhe, quase como se tivesse visto ou sentido, o enrijecimento do corpo de Katharine quando ele a tocava, o modo como ela parecia empurrá-lo para longe, mesmo quando os braços o enlaçavam com força. Com Júlia, ele não tinha dificuldade de falar sobre essas coisas; Katharine, fosse como fosse, há muito tempo tinha deixado de ser uma lembrança dolorosa para se tornar apenas desagradável.

– Eu poderia ter ficado, se não fosse por uma coisa – ele disse. E contou sobre a pequena cerimônia frígida que Katharine o havia forçado a executar na mesma noite, todas as semanas. – Ela detestava aquilo, mas nada a impedia de continuar fazendo. Chamava isso de… Ah, você não vai acreditar.

– Nosso dever para com o Partido – respondeu Júlia prontamente.

– Como sabe?

– Estive na escola também, querido. Conversas sobre sexo uma vez por mês a partir dos 16 anos. E no Movimento Jovem. Eles enfiam isso na sua cabeça por anos. Ouso dizer que funciona em muitos casos. Mas é claro que nunca se sabe; as pessoas são hipócritas.

Ela começou a se estender sobre o assunto. Com Júlia, tudo

se reduzia à própria sexualidade. Quando algum aspecto da questão era abordado, era bem esperta. Ao contrário de Winston, havia captado o sentido profundo do puritanismo sexual do Partido. Não era apenas que o instinto sexual criava um mundo próprio que ficava além do controle do Partido e, portanto, precisava ser destruído. O mais importante era que a privação de sexo levava à histeria, que era desejável porque podia ser transformada em força para lutar na guerra e em adoração ao líder. O modo como expôs isso foi:

– Quando você faz amor, está gastando energia; e depois você fica feliz e não dá a menor bola para nada. Eles não admitem que você se sinta assim. Querem que você exploda de energia o tempo todo. Esse monte de marcha para cima e para baixo e gritos e agitar de bandeiras é só sexo que azedou. Se você está feliz consigo mesmo, por que vai se importar com o Grande Irmão e os Planos Trienais e os Dois Minutos de Ódio e todo o resto dessa maldita podridão?

Aquilo era verdade, ele pensou. Havia uma conexão direta, íntima, entre a castidade e a ortodoxia política. Pois como se poderia obter o medo, o ódio e o fanatismo, que o Partido precisava que seus membros sentissem, a não ser reprimindo algum instinto poderoso e depois usando-o como força motriz? O impulso sexual era perigoso para o Partido, e o Partido o usava a seu favor. Executava um truque parecido em relação ao instinto parental. A família não podia de fato ser dissolvida; na verdade, as pessoas eram incentivadas a se manter próximas de seus filhos quase como do modo antigo. As crianças, por outro lado, eram sistematicamente postas contra seus pais, ensinadas a espioná-los e a delatar seus desvios. A família tinha se tornado, com efeito, uma extensão da Polícia do Pensamento. Era um dispositivo por meio do qual toda pessoa estava cercada, noite e dia, por informantes que a

conheciam muito de perto.

De repente, seus pensamentos voltaram para Katharine, que sem a menor sombra de dúvida o teria denunciado para a Polícia do Pensamento se não fosse tão burra para perceber a inortodoxia das opiniões do marido. Mas o que a trouxe à sua mente naquele momento foi o calor insuportável da tarde, que fazia o suor brotar em sua testa. Ele começou a contar a Júlia uma coisa acontecida, ou que falhara em acontecer, em outra tarde escaldante de verão, onze anos antes.

Fazia três ou quatro meses que estavam casados. Eles se perderam durante uma caminhada comunitária em algum lugar de Kent. Tinham ficado para trás do grupo apenas por uns poucos minutos, mas depois viraram no lugar errado e logo se viram próximos de uma pedreira de calcário. Era uma queda de dez ou vinte metros, com pedregulhos no fundo. Não havia ninguém a quem pudessem perguntar o caminho. Assim que percebeu que estavam perdidos, Katharine ficou muito incomodada. Ficar longe do grupo barulhento, mesmo que só por um momento, dava-lhe a sensação de estar fazendo coisa errada. Ela queria correr de volta pelo caminho que tinham percorrido e começar a procurar na direção oposta. Mas nesse momento Winston notou uns tufos de salicária crescendo nas fendas do precipício abaixo deles. Um tufo era de duas cores, magenta e vermelho escuro, e parecia vir da mesma raiz. Ele nunca vira nada parecido antes, e chamou Katharine para observar a novidade.

– Veja, Katharine! Olhe para aquelas flores. A moita perto do fundo. Consegue ver que são de duas cores diferentes?

Ela já havia se virado para partir, mas voltou por um instante, irritada. Até se inclinara sobre o precipício para ver o que o marido apontava. Um pouco atrás dela, Winston pôs a

mão em sua cintura para lhe dar mais estabilidade. Nesse momento, se deu conta de quanto estavam completamente sozinhos. Não havia uma só criatura humana em parte alguma, nem uma folha se movendo, nem mesmo um passarinho acordado. Em um lugar daqueles, o perigo de haver um microfone escondido era quase nulo e, mesmo que houvesse, só captaria sons. Era a hora mais quente e sonolenta da tarde. O sol abrasador os queimava e o suor pingava de seu rosto. E o pensamento lhe veio.

– Por que você não a empurrou? – disse Júlia. – Eu teria empurrado.

– Sim, querida, você teria empurrado. Eu teria também, se fosse na época a pessoa que sou agora. Ou quem sabe não teria; não tenho certeza.

– Você se arrepende de não ter empurrado?

– Sim. Depois de tudo, eu me arrependo.

Estavam sentados lado a lado no chão sujo. Ele a puxou mais para perto. A cabeça de Júlia se apoiava no ombro masculino, o cheiro agradável dos cabelos dela vencendo as fezes dos pombos. Era muito jovem, ainda esperava algo da vida, não entendia que empurrar uma pessoa inconveniente em um precipício não resolve nada.

– Na verdade, não teria feito diferença – ele disse.

– Então por que você lamenta não ter empurrado?

– Porque prefiro uma ação a uma omissão. Nesse jogo que estamos disputando, não temos como vencer. Algumas derrotas são melhores que outras, e só.

Winston sentiu os ombros dela darem um sacolejo de discordância. Júlia sempre o contradizia quando o ouvia dizer coisas assim. Não aceitava como uma lei da natureza que o

indivíduo fosse sempre derrotado. Por um lado, entendia a si mesma como condenada, sabia que cedo ou tarde a Polícia do Pensamento iria prendê-la e matá-la, mas com outra parte da mente acreditava ser de alguma forma possível construir um mundo secreto, no qual você poderia viver como quisesse. Você só precisava de sorte, esperteza e coragem. Ela não entendia que a felicidade não existia, que a única vitória repousava em um futuro muito distante, bem depois que você estivesse morto e que, a partir do momento em que declarasse guerra ao Partido, era melhor você pensar em si mesmo como um cadáver.

– Nós somos os mortos – ele comentou.

– Nós não estamos mortos ainda – disse Júlia, de maneira prosaica.

– Não fisicamente. Seis meses, um ano, talvez cinco, é concebível. Eu tenho medo da morte. Você é jovem, então, supostamente, tem mais medo do que eu. Claro que devemos adiá-la tanto quanto possível. Mas faz pouca diferença. Enquanto os seres humanos permanecerem humanos, morte e vida são a mesma coisa.

– Besteira. Com quem você preferiria dormir, comigo ou com um esqueleto? Não gosta de estar vivo? Não gosta da sensação de: isto sou eu, esta é a minha mão, esta é minha perna, eu sou real, sólido, estou vivo! Não gosta *disso*?

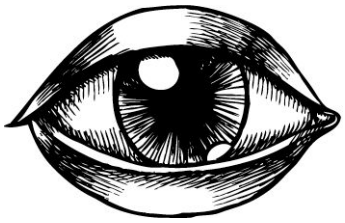
Virou-se e pressionou o peito contra ele. Winston sentiu os seios maduros, mas firmes, através do macacão. O corpo bonito parecia despejar no dele um pouco da juventude e do vigor próprios.

– Sim, eu gosto disso – ele respondeu.

– Então pare com esse papo de morte. Agora, querido, ouça:

temos que marcar o próximo encontro. Podemos voltar àquele lugar no bosque. Já demos um intervalo longo o bastante. Mas dessa vez você precisa ir por um caminho diferente. Já tenho tudo planejado. Você pega o trem, olha, vou desenhar para você.

E de seu jeito prático ela formou um pequeno quadrado de poeira, e com um graveto tirado de um ninho de pombos desenhou um mapa no chão.



Capítulo 4

Winston passou os olhos pelo quartinho modesto acima da loja do senhor Charrington. Ao lado da janela, a cama enorme estava arrumada com cobertores esfarrapados e um travesseiro sem fronha. O relógio antigo com mostrador de doze horas tiquetaqueava na cornija. No canto, sobre a mesa expansível, o peso de papel de vidro que ele comprara na visita anterior brilhava fracamente na semiescuridão.

No anteparo da lareira havia um fogareiro a óleo, uma panela e duas xícaras fornecidos pelo senhor Charrington. Winston acendeu o queimador e pôs uma panela de água para ferver. Comprara um sachê cheio de Café Vitória e alguns tabletes de sacarina. Os ponteiros do relógio marcavam sete e vinte, mas na verdade eram dezenove e vinte. Ela viria às dezenove e trinta.

Loucura, loucura, o coração dele ficava repetindo: loucura consciente, gratuita, suicida. De todos os crimes que um membro do Partido poderia cometer, este era o mais difícil de ocultar. Na verdade, a ideia tinha cruzado sua mente pela primeira vez na forma de uma visão do peso de papel refletido na superfície da mesa expansível. Conforme previra, o senhor Charrington não havia criado nenhuma dificuldade na locação do quarto – estava obviamente grato pelos poucos dólares que renderia. Tampouco pareceu chocado ou tomou intimidades quando se tornou claro que o propósito de Winston era usar o quarto para um caso amoroso. Em vez disso, manteve o olhar à

meia distância e falou banalidades, uma postura tão delicada como se para provocar a impressão de ter se tornado quase invisível. A privacidade, ele disse, era uma coisa muito valiosa. Todo mundo queria um lugar onde pudesse estar sozinho ocasionalmente. E, quando alguém tinha um lugar desses, era mera cortesia que quem soubesse a respeito mantivesse o conhecimento para si mesmo. Ele até, parecendo se apagar da existência ao fazê-lo, acrescentou que a casa dispunha de duas entradas, uma delas pelo quintal, que dava para uma viela.

Sob a janela, alguém cantava. Winston espiou para fora, protegido pela cortina de musselina. O sol de junho ainda estava alto no céu e no pátio ensolarado abaixo uma mulher monstruosa, imponente como um pilar normando, com antebraços ruivos musculosos e um avental de saca amarrado mais ou menos na metade do corpo, marchava de um lado para outro entre uma tina e um varal, pendurando uma série de panos brancos quadrados que Winston reconheceu como fraldas de bebê. Sempre que sua boca não estava cheia de prendedores de roupa, ela cantava, em poderoso contralto:

Foi só uma bobagem, uma fantasia

Que passou como as cores de abril

Mas o olhar, a palavra e os sonhos que ela provocou

Levaram embora toda a minha alegria

Há várias semanas não tocava outra música em Londres. Era uma das inúmeras canções parecidas publicadas para a diversão dos proletas por uma subseção do Departamento de Música. A letra era composta sem nenhuma intervenção humana em um instrumento conhecido como versificador. Mas a mulher cantava tão afinada que quase transformava o lixo pavoroso em um som agradável. Ele conseguia ouvi-la

cantando, os calçados rangendo nas lajotas do piso, os gritos das crianças na rua e em algum lugar mais afastado o rugido abafado do trânsito; apesar disso, o quarto parecia silencioso, graças à ausência da teletela.

"Loucura, loucura, loucura!", ele pensou de novo. Era inconcebível que pudessem frequentar aquele lugar por mais de umas poucas semanas sem serem pegos. Mas a tentação de ter um esconderijo que fosse realmente deles, um espaço fechado e disponível, tinha sido demais para ambos. Por algum tempo após a visita à torre da igreja, foi impossível combinar encontros. As horas de trabalho tinham sido drasticamente aumentadas em antecipação à Semana do Ódio. Ainda faltava mais de um mês, mas os preparativos enormes e complexos estavam sobrecarregando todos com mais trabalho. Finalmente, os dois conseguiram garantir uma tarde livre no mesmo dia. Haviam concordado em voltar à clareira no bosque. Na noite anterior, encontraram-se brevemente na rua. Como de hábito, Winston mal olhou para Júlia enquanto avançavam um em direção ao outro no meio da multidão, mas o olhar de relance que lançou deu-lhe a impressão de que ela estava mais pálida do que de costume.

– Tudo cancelado – ela murmurou assim que julgou seguro falar. – Amanhã, quero dizer.

– O quê?

– Amanhã à tarde. Não posso ir.

– Por que não?

– Pelo motivo de sempre. Começou cedo, desta vez.

Por um instante, ele ficou violentamente zangado. Um mês depois de conhecê-la, a natureza de seu desejo se alterara. No começo, havia bem pouca sensualidade. A primeira vez que

fizeram amor tinha sido um mero ato de vontade. Mas depois da segunda vez foi diferente. O cheiro do cabelo de Júlia, o gosto de sua boca, o contato com a pele, tudo parecia ter entrado nele ou preenchido o ar à sua volta. Ela havia se tornado uma necessidade física, algo que Winston não apenas queria, mas a que sentia ter direito. Quando Júlia informou que não poderia ir ao encontro, ele teve a sensação de que estava sendo enganado. Mas bem nesse momento a multidão os pressionou, e suas mãos acidentalmente se tocaram. Ela fez na ponta dos dedos dele uma pressão leve que pareceu transmitir não desejo, mas afeto. Ocorreu-lhe que, quando se vivia com uma mulher, aquela decepção particular deveria ser um evento normal, recorrente; e uma ternura profunda, como nunca tinha sentido antes, de repente tomou conta dele. Winston desejou que fossem um casal com dez anos de relacionamento. Desejou andar pelas ruas com ela como estavam fazendo agora, mas abertamente e sem medo, conversando trivialidades e comprando bugigangas e quinquilharias para a casa. Desejou acima de tudo que tivessem um lugar onde pudessem estar sozinhos juntos, sem ter a obrigação de fazer amor todas as vezes que se encontravam. Não foi bem naquela hora, mas em algum momento no dia seguinte, que a ideia de alugar o quarto do senhor Charrington lhe ocorreu. Quando ele deu a sugestão, Júlia concordou com inesperada prontidão. Ambos sabiam que era loucura. Era como se estivessem intencionalmente dando mais um passo na direção de suas covas. Sentado na beira da cama enquanto esperava, Winston pensou de novo nos porões do Ministério do Amor. Era interessante como o horror predestinado entrava e saía da consciência de uma pessoa. Lá estava ele, fixado no tempo futuro, precedendo a morte tão seguramente quanto noventa e nove precede cem. Não se podia evitá-lo; podia-se, talvez, adiá-lo; e ainda assim, de vez em quando, por um ato consciente e deliberado, uma pessoa

escolhia abreviar o intervalo até que ele ocorresse.

Nesse momento houve passos leves na escada. Júlia irrompeu no quarto. Trazia uma sacola de ferramentas de lona marrom grosseira, como a que ele algumas vezes a tinha visto carregar de um lado a outro no Ministério. Winston avançou para tomá-la nos braços, mas ela se desviou com certa pressa, em parte porque ainda estava segurando a sacola.

– Meio segundo – ela disse. – Antes me deixa mostrar o que eu trouxe. Você trouxe um pouco daquele Café Vitória nojento? Bem que eu achei que traria. Pode guardar de volta, porque não vamos precisar. Olha.

Ela se pôs de joelhos, escancarou a sacola e de lá tirou algumas chaves inglesas e de fenda que estavam por cima. Por baixo, havia uma quantidade de pacotes de papel caprichados. O primeiro pacote que ela entregou a Winston provocou uma sensação estranha, porém familiar. Estava cheio de um tipo de coisa pesada e parecida com areia, que cedia onde quer que fosse pressionada.

– Isto é açúcar?

– Açúcar de verdade. Não sacarina, açúcar. Aqui tem um filão de pão. Pão branco, decente, não aquela coisa maldita, e um potinho de geleia. E aqui está uma garrafa de leite. Mas olha! É disso que estou mais orgulhosa: precisei embrulhar com um pouco de pano, porque…

Júlia não precisava explicar por que tinha feito isso. O cheiro já inundava o quarto, um aroma que parecia uma epifania de sua infância, mas que de vez em quando ainda se sentia, mesmo agora, soprando em uma ruela antes que uma porta batesse, ou se espalhando misteriosamente em uma rua lotada, farejado por um instante e depois perdido de novo.

– É café – ele murmurou. – Café de verdade.

– É café do Núcleo do Partido. Tem um quilo inteirinho aí – ela disse.

– Como você conseguiu pôr a mão nessas coisas?

– É tudo do Núcleo do Partido. Não há nada que aqueles porcos não tenham, nada. Mas é claro que garçons, empregados e pessoas furtam coisas, mas olha, tem um pacote de chá também.

Winston se ajoelhara ao lado dela. Rasgou o canto do pacote.

– É chá de verdade. Não folhas de amora.

– Tem tido bastante chá, ultimamente. Eles conquistaram a Índia ou coisa assim – ela disse, vagamente. – Mas ouça, querido, quero que você fique de costas para mim por três minutos. Vá sentar do outro lado da cama. Não fique muito perto da janela. E não vire até eu dizer que pode.

Winston observou abstratamente através da cortina de musselina. Lá embaixo no pátio a mulher dos antebraços vermelhos ainda marchava da tina para o varal e de volta. Tirou mais dois pregadores da boca e cantou, com muito sentimento:

Dizem que tudo passa com o tempo

E que a gente esquece o tormento

Mas sorrisos e lágrimas e alento

Ainda me despertam tanto sentimento

Ela parecia saber de cor a papagaiada toda. Sua voz se elevava com o ar doce do verão, muito melodiosa, carregada de uma melancolia feliz. Dava a impressão de que ela ficaria bem feliz se a noite de junho fosse infinita e o estoque de

roupas, infinito, para permanecer ali por mil anos, prendendo fraldas e cantando bobagens. Winston se deu conta do curioso fato de jamais ter ouvido um membro do Partido cantar desacompanhado e espontaneamente. Isso talvez até parecesse ligeiramente inortodoxo, uma excentricidade perigosa, como falar sozinho. Talvez fosse apenas quando as pessoas estavam com fome, em um nível próximo da morte, que tinham algo sobre o que cantar.

– Pode virar agora – disse Júlia.

Ele se virou e por um instante quase não a reconheceu. Esperava vê-la nua. Ela, porém, não estava nua. A transformação ocorrida era muito mais surpreendente do que isso. Júlia havia pintado o rosto.

Devia ter entrado em alguma loja no bairro proletário e comprado um conjunto completo de maquiagem. Os lábios estavam profundamente vermelhos, as bochechas, coradas, o nariz, empoado; havia até um toque de alguma coisa nos olhos que os tornava mais iluminados. Não tinha sido executada com muita habilidade, mas os padrões de Winston para tais questões não eram muito elevados. Nunca tinha visto ou imaginado uma mulher do Partido usando cosméticos no rosto. A melhora na aparência era espantosa. Com uns poucos traços de cor nos lugares certos, ela se tornara não apenas muito mais bonita, mas, acima de tudo, muito mais feminina. O cabelo curto e o macacão masculino só contribuíam para o efeito. Quando a tomou nos braços, uma onda de violetas sintéticas inundou suas narinas. Ele se lembrou da meia escuridão de uma cozinha subterrânea e da boca cavernosa de uma mulher. Era exatamente o mesmo perfume que ela usara; mas na hora isso não pareceu ter importância.

– Perfume também! – ele exclamou.

– Sim, querido, perfume também. E sabe o que vou fazer em seguida? Vou conseguir um pouco de roupa feminina em algum lugar, e vou usá-la em vez destas malditas calças. Vou usar meias de seda e saltos altos! Neste quarto, serei uma mulher, não uma camarada do Partido.

Arrancaram as roupas e subiram na enorme cama de mogno. Era a primeira vez que ele ficava totalmente nu na presença dela. Até agora, estivera envergonhado demais do corpo magro e pálido, das varizes saltadas nas panturrilhas e do trecho descorado acima do tornozelo. Não havia lençóis, mas o cobertor sobre o qual se deitaram era puído e macio, e o tamanho e a elasticidade da cama surpreenderam a ambos.

– Com certeza está cheia de percevejos, mas quem se importa? – disse Júlia.

Não se viam camas de casal atualmente, exceto nas casas dos proletas. Winston tinha algumas vezes dormido em uma, na infância; Júlia jamais estivera em uma antes, até onde conseguia se lembrar.

Adormeceram por uns minutos. Quando Winston acordou, os ponteiros do relógio tinham se arrastado para perto das nove. Não se mexeu, porque Júlia dormia com a cabeça na curva de seu braço. A maior parte da maquiagem tinha se transferido para o rosto dele ou para o travesseiro, mas uma pálida mancha de ruge ainda realçava a beleza do rosto feminino. Um raio amarelado do sol que se punha bateu no pé da cama e iluminou a lareira, onde a água da panela fervia. Lá embaixo no pátio, a mulher tinha parado de cantar, mas os gritos fracos das crianças ainda chegavam da rua. Ele pensou vagamente se no passado abolido tinha sido uma experiência normal ficar deitado na cama daquele jeito, no frescor de uma noite de verão, um homem e uma mulher sem roupas, fazendo amor

quando quisessem, falando do que quisessem, sem nenhuma pressa de se levantar, apenas estendidos, escutando os sons tranquilos que vinham de fora. Certamente nunca poderia ter existido uma época em que aquilo teria parecido comum. Júlia acordou, esfregou os olhos e se apoiou em um cotovelo para olhar o fogareiro.

– Metade da água já evaporou – disse. – Vou levantar e fazer o café daqui a pouco. Ainda temos uma hora. A que horas eles apagam a luz do seu apartamento?

– Às vinte e três e trinta.

– É às vinte e três no meu alojamento. Mas você precisa entrar mais cedo, porque… Ei! Fora daqui, bicho nojento!

Ela subitamente se virou na cama, apanhou um sapato do chão e o lançou girando para o canto, com o mesmo movimento de braço que tinha feito ao atirar o dicionário contra Goldstein durante os Dois Minutos de Ódio, naquela manhã.

– O que foi? – ele indagou, surpreso.

– Um rato. Eu vi quando ele botou o nariz asqueroso pra fora do lambril. Tem um buraco ali embaixo. Mas eu dei um bom susto nele.

– Ratos! Neste quarto!

– Estão em todo lugar – disse Júlia, indiferente, deitando-se de novo. – Tem rato até na cozinha do alojamento. Algumas partes de Londres estão cheias de ratos. Você sabia que eles atacam crianças? Pois atacam. São os grandes e marrons que fazem isso. E o mais horrível é que sempre…

– *Pare de falar nisso* – disse Winston, fechando os olhos com força.

– Querido! Você ficou pálido. Qual o problema? Eles fazem você se sentir mal?

– De todos os horrores do mundo… Um rato!

Ela se pressionou contra ele e o envolveu com os membros, como se para tranquilizá-lo com o calor de seu corpo. Ele não reabriu os olhos de imediato. Por vários momentos, teve a sensação de estar de volta a um pesadelo que foi recorrente ao longo de toda a sua vida. Era sempre igual. Ele de pé em frente a um muro de escuridão e do lado oposto alguma coisa insuportável, aterrorizante demais para ser encarada. No sonho, seu sentimento mais profundo era sempre o de autodecepção, porque ele na verdade não sabia o que havia depois do muro de escuridão. Com um esforço mortal, como o de arrancar um pedaço do próprio cérebro, Winston poderia ter arrastado a coisa para a claridade. Sempre acordava sem descobrir do que se tratava, mas de alguma forma estava conectado com o que Júlia dizia quando ele a interrompeu.

– Desculpe. Não é nada. Eu não gosto de ratos, só isso.

– Não se preocupe, querido, não vamos ter essas coisas imundas aqui. Vou tapar o buraco com pano antes de irmos embora. E, da próxima vez que viermos, vou trazer um pouco de gesso e fechar direito.

O momento sombrio de pânico já estava semiesquecido. Sentindo-se um pouco envergonhado, ele se sentou, apoiado na cabeceira. Júlia saiu da cama, vestiu o macacão e fez café. O cheiro que subiu da panela era tão forte e convidativo que os dois fecharam a janela, antes que alguém do lado de fora percebesse e começasse a fazer perguntas. Ainda melhor do que o gosto do café era a textura sedosa que o açúcar lhe dava, uma coisa de que Winston quase não se lembrava mais, depois de anos de sacarina. Com uma das mãos no bolso e um pedaço

de pão com geleia na outra, Júlia perambulava pelo quarto, olhando com indiferença para a estante de livros, apontando o melhor jeito de consertar a mesa expansível, jogando-se na poltrona esfarrapada para ver se era confortável e examinando o absurdo relógio com mostrador de doze horas, achando graça. Levou o peso de papel de vidro para a cama, para observá-lo em uma luz melhor. Winston tirou-lhe o objeto da mão, fascinado, como sempre, pela aparência suave e chuvosa do vidro.

– Isso é o quê?

– Não acho que seja alguma coisa, quero dizer, não acho que alguma vez foi posto em uso. É disso que eu gosto. É um pedaço de História que eles se esqueceram de alterar. É uma mensagem de cem anos atrás, se alguém souber interpretar.

– E aquela imagem ali – ela apontou para a gravura na parede oposta –, também teria cem anos?

– Mais. Duzentos, eu arriscaria. Não se pode saber. É impossível descobrir a idade de alguma coisa, hoje em dia.

Ela se aproximou para olhar.

– Foi daqui que saiu o focinho daquele bicho – ela disse, chutando o lambril logo abaixo do quadro. – Aqui é o quê? Já vi isso antes em algum lugar.

– É uma igreja, ou ao menos costumava ser. São Clemente Dinamarquês era o nome.

O fragmento da cantiga que o senhor Charrington tinha ensinado lhe voltou à mente, e um pouco nostálgico ele acrescentou: "*Laranjas e limões de baixa acidez/ cantam os sinos de São Dinamarquês*".

Para sua imensa surpresa, ela deu sequência à rima:

Passe pra cá um dinheirinho

estamos na igreja de São Martinho,

Quando eu lhe pagarei

cantam os sinos de Old Bailey…

– Não consigo lembrar como continua depois disso. Mas sei como termina, *Cá está uma vela pra iluminar o seu caminho/ Cá está um machado pra decepar um menininho*!

Era como as duas metades de uma contrassenha. Mas precisava haver outro verso depois de *os sinos de Old Bailey*. Talvez a parte faltante pudesse ser arrancada da lembrança do senhor Charrington, se ele fosse estimulado adequadamente.

– Quem ensinou isso pra você?

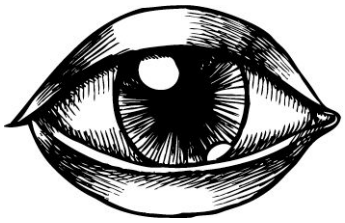
– Meu avô. Ele recitava pra mim quando era pequena. Foi vaporizado quando eu tinha 8 anos; de toda forma, desapareceu. Eu gostaria de saber o que era um limão – ela acrescentou, inconsequente. – Já vi laranjas. São um tipo de fruta redonda amarela com casca grossa.

– Eu me lembro do limão – disse Winston. – Eram muito comuns nos Cinquenta. Eram tão azedos que provocavam aflição só de você cheirar.

– Aposto que tem traça atrás desse quadro – comentou Júlia. – Vou tirar da parede e dar uma boa limpada, algum dia. Acho que está quase na hora de irmos embora. Preciso começar a tirar essa pintura. Que chatice! Depois, vou tirar o batom do seu rosto.

Winston não se levantou por mais alguns minutos. O quarto estava escurecendo. Ele se virou para a luz e ficou deitado, observando o peso de papel de vidro. A coisa mais interessante não era o fragmento de coral, mas o interior do vidro em si.

Havia tanta profundidade nele, e mesmo assim era quase tão invisível quanto o ar. Era como se a superfície do vidro fosse o arco celeste, encerrando um mundo minúsculo com sua atmosfera completa. Ele tinha a sensação de que poderia entrar lá, de que na verdade estava lá dentro, junto com a cama de mogno e a mesa expansível e o relógio e a gravura de aço e o próprio peso de papel. O peso de papel era o quarto onde ele estava, e o coral era a vida dele e a de Júlia, fixadas em uma eternidade no coração do cristal.



Capítulo 5

Syme tinha desaparecido. Certa manhã, ele faltou ao trabalho; algumas pessoas comentaram sem querer sobre a ausência. No dia seguinte ninguém falou no assunto. No terceiro dia, Winston foi à recepção do Departamento de Registros para olhar o quadro de avisos. Um deles mostrava uma lista impressa dos membros do Comitê de Xadrez, do qual Syme participava. Parecia quase exatamente a mesma de antes, nada estava riscado, mas com um nome a menos. Bastava. Syme tinha cessado de existir; ele nunca existira.

Fazia muito calor. No Ministério labiríntico, as salas sem janelas e com ar-condicionado mantinham a temperatura normal, mas do lado de fora as calçadas chamuscavam os pés, e a catinga no metrô nas horas de pico era um horror. Os preparativos para a Semana do Ódio seguiam a todo vapor, e as equipes de todos os Ministérios faziam hora extra. Procissões, encontros, paradas militares, palestras, trabalhos de cera, exibição de filmes e programas de teletela precisavam ser organizados; estandes deviam ser montados; efígies, construídas; lemas, cunhados; canções, escritas; rumores, lançados; fotografias, falsificadas. A unidade de Júlia no Departamento de Ficção fora excluída da produção de romances e estava produzindo às pressas uma série de panfletos com atrocidades. Winston, além do trabalho regular, passava longos períodos, todos os dias, pesquisando edições antigas do *Times*, alterando e floreando as notícias que seriam

citadas nos discursos. Tarde da noite, quando as multidões desordeiras de proletas enchiam as ruas, a cidade ficava sob certa tensão. As bombas caíam com mais frequência do que nunca e, algumas vezes, ocorriam ao longe explosões tremendas, que ninguém conseguia explicar, e sobre as quais corriam rumores insanos.

A nova melodia, que seria o tema da Semana do Ódio ("Canção do ódio"), já tinha sido composta e era executada sem pausa nas teletelas. Tinha um ritmo selvagem, semelhante a um latido, que não poderia ser exatamente chamado de música, mas lembrava a batida de um tambor. Rugida por centenas de vozes e acompanhando passos em marcha, era aterrorizante. Os proletas gostaram e nas ruas, de madrugada, ela competia com a ainda popular "Foi só uma bobagem, uma fantasia". Os filhos dos Parsons tocavam-na durante todas as horas do dia e da noite, insuportavelmente, usando um pente e um pedaço de papel. As noites de Winston estavam mais cheias do que nunca. Equipes de voluntários, organizadas por Parsons, preparavam a rua para a Semana do Ódio, pregando bandeiras, pintando cartazes, instalando mastros nos telhados e estendendo arames que receberiam as flâmulas de um lado ao outro da rua. Parsons se gabava de que somente as Mansões Vitória exibiriam quatrocentos metros de faixas. Ele estava em seu ambiente natural e feliz como uma cotovia. O calor e o trabalho manual haviam até lhe concedido um pretexto para usar calções e camisa aberta durante as noites. Ele parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo, empurrando, puxando, serrando, martelando, improvisando e animando todo mundo com provocações camaradas, exalando por todas as dobras do corpo o que parecia ser um estoque infinito de suor acre.

Um cartaz novo apareceu de repente em Londres inteira. Não

tinha legenda e representava simplesmente a figura monstruosa de um soldado eurasiano, com três ou quatro metros de altura, andando para a frente com o rosto mongol inexpressivo e botas enormes, uma submetralhadora apontada a partir do quadril. De qualquer ângulo que se olhasse para o cartaz, a boca da arma, ampliada pelo sombreamento, parecia estar apontada diretamente para você. Ele foi colado em cada espaço livre de todos os muros, superando até os retratos do Grande Irmão. Os proletas, sempre indiferentes à guerra, estavam sendo arrastados para um de seus periódicos frenesis de patriotismo. Como que para harmonizar com o clima geral, as bombas vinham matando mais gente do que de costume. Uma caiu em um cinema perto de Stepney, enterrando centenas de vítimas entre os escombros. A população inteira do bairro apareceu para o cortejo e o longo funeral, que durou muitas horas, foi, na verdade, um encontro de indignados. Outra bomba caiu em um terreno baldio usado como parquinho, e dúzias de crianças foram carbonizadas. Houve mais demonstrações de revolta, uma efígie de Goldstein foi queimada, centenas de cópias do cartaz do soldado eurasiano foram rasgadas e jogadas às chamas, e uma quantidade de lojas foi saqueada durante os tumultos; depois, correu um boato segundo o qual espiões estavam direcionando as bombas por meio de ondas de rádio, e um casal de idosos suspeito de ascendência estrangeira teve a casa incendiada e morreu asfixiado.

No quarto acima da loja do senhor Charrington, quando conseguiam ir para lá, Júlia e Winston se deitavam lado a lado na cama despojada sob a janela aberta, nus para tentarem se refrescar. O rato nunca mais voltou, mas os percevejos haviam se multiplicado hediondamente no calor. Não parecia importar. Sujo ou limpo, o quarto era o paraíso. Assim que chegavam,

eles borrifavam tudo com pimenta comprada no mercado negro, arrancavam as roupas e faziam amor com os corpos suados, depois adormeciam e acordavam para descobrir que os insetos haviam se unido e se preparavam para o contra-ataque.

Quatro, cinco, seis, sete vezes eles se encontraram durante o mês de junho. Winston abandonara o hábito de beber gim a todo momento. Parecia ter perdido a necessidade daquilo. Engordara e a úlcera varicosa cedera, deixando apenas uma cicatriz marrom na pele acima do tornozelo; seus ataques de tosse pela manhã haviam parado. O processo da vida já não era insuportável, ele não tinha mais nenhum ímpeto de fazer caretas para a teletela nem ganas de gritar palavras sujas a plenos pulmões. Com a garantia de um esconderijo, quase um lar, não parecia tão difícil marcar encontros frequentes e demorados. O importante era que o quarto sobre a loja de antiguidades existia. Saber que ele se encontrava ali, inviolável, era quase igual a estar lá dentro. O quarto era outro mundo, uma versão de bolso do passado, onde animais extintos podiam andar. O senhor Charrington, pensou Winston, era outro animal extinto. Normalmente ambos paravam para conversar por uns minutos antes de Winston subir a escada. O velho parecia raramente ou nunca sair e, em contrapartida, tinha pouquíssimos clientes. Levava uma existência fantasma entre a loja minúscula e escura e uma cozinha ainda menor nos fundos, onde preparava as refeições e que continha, entre outras coisas, um gramofone inacreditavelmente antigo, com uma trompa enorme. Ele parecia grato pela oportunidade de conversar. Circulando em meio aos itens sem valor, com o nariz comprido, os óculos de lentes grossas e os ombros curvados na jaqueta de veludo, o senhor Charrington tinha sempre o ar vago de um colecionador, mais do que de um comerciante. Com algum entusiasmo que lhe sobrara ele

pinçava uma ou outra porcaria: uma rolha de cerâmica, a tampa pintada de uma caixa de rapé quebrada, um relicário de ouropel contendo mechas de cabelo de um bebê há muito morto, sem jamais pedir a Winston que comprasse, somente que apreciasse. Conversar com ele era como ouvir o tilintar de uma caixinha de música antiga. Ele havia arrancado das profundezas da memória mais alguns fragmentos de rimas esquecidas. Havia uma sobre vinte e quatro melros, outra sobre uma vaca com o chifre torto e ainda outra sobre a morte do pobre Cock Robin.

– Ocorreu-me que você poderia ter interesse – ele dizia, com uma breve risada depreciativa, sempre que mostrava um novo fragmento, mas nunca conseguia se lembrar de mais do que uns poucos versos de cada rima.

Júlia e Winston sabiam, e de certa forma nunca lhes saía da cabeça, que esses acontecimentos não poderiam durar muito. Em certas ocasiões, o fato da morte iminente parecia palpável como a cama onde se deitavam, e então eles se apertavam um contra o outro em uma espécie de sensualidade desesperada, como uma alma condenada que se agarra ao último pedaço de prazer quando o relógio está a cinco minutos de bater as horas. Mas havia também ocasiões em que tinham a ilusão não apenas de segurança, mas de permanência. Enquanto estivessem naquele quarto, sentiam que nenhum mal poderia atingi-los. Chegar lá era difícil e perigoso, mas o quarto em si parecia um santuário; como quando Winston vira o coração do peso de papel, com a sensação de que seria possível entrar naquele mundo de vidro e, uma vez lá dentro, deter a passagem do tempo. Com frequência eles se permitiam devaneios sobre fugas. A sorte duraria indefinidamente e ambos levariam adiante a paixão secreta pelo resto de suas vidas naturais. Ou Katharine morreria e, por meio de manobras

sutis, Winston e Júlia conseguiriam se casar. Ou cometeriam suicídio juntos. Ou iriam desaparecer, mudar de aparência até ficarem irreconhecíveis, aprender a falar com o sotaque proletário, obter empregos em fábricas e levar a vida despercebidos em uma viela secundária. Tudo isso era bobagem, como ambos sabiam. Na realidade, não havia escapatória. Mesmo o único plano possível, o suicídio, eles não tinham intenção de levar a cabo. Segurar as pontas dia após dia e semana após semana, construindo um presente que não teria futuro, parecia um instinto invencível, assim como os pulmões sempre absorvem a inspiração seguinte, desde que exista ar disponível.

Algumas vezes falavam também sobre se envolver em rebelião ativa contra o Partido, mas sem nenhuma noção de como dar o primeiro passo. Mesmo que a fabulosa Irmandade fosse real, ainda havia a dificuldade de encontrar o caminho até ela. Winston contou sobre a estranha intimidade que existia, ou parecia existir, entre ele e O'Brien, e sobre o impulso que às vezes tinha de simplesmente andar até O'Brien, anunciar que era inimigo do Partido e pedir a ajuda dele. Curiosamente, isso não a espantou como uma coisa precipitada e fora de cogitação a fazer. Estava acostumada a julgar as pessoas pelo rosto, e lhe pareceu natural que Winston acreditasse que O'Brien era confiável com base em uma única centelha dos olhos. Além disso, dava como certo que todo mundo, ou quase todo mundo, odiava o Partido em segredo e quebraria as regras se achasse seguro fazê-lo. Mas se recusava a acreditar que uma oposição organizada e difusa pudesse existir. As histórias sobre Goldstein e seu exército clandestino, ela falou, eram simplesmente um monte de lixo que o Partido tinha inventado para os próprios objetivos e nas quais você precisava fingir que acreditava. Perdeu a conta de quantas

vezes, nos comícios do Partido e em demonstrações espontâneas, gritara com toda a força pela execução de pessoas cujos nomes nunca tinha ouvido e em cujos supostos crimes jamais acreditou. Quando havia julgamentos públicos, Júlia assumia seu lugar no destacamento da Liga Jovem, que rodeava os tribunais desde cedo até à noite, entoando a intervalos "Morte aos traidores!". Durante os Dois Minutos de Ódio, sempre superava os demais nos gritos insultuosos contra Goldstein. Ainda assim, tinha apenas uma pálida ideia de quem fosse Goldstein e de quais doutrinas ele supostamente representava. Ela crescera depois da Revolução e era jovem demais para se lembrar das batalhas ideológicas dos Cinquenta e Sessenta. Um movimento político independente estava fora de sua capacidade de imaginação e, de todo modo, o Partido era invencível. Existiria sempre e seria sempre o mesmo. Você só podia se rebelar contra ele por meio de desobediências secretas ou, no máximo, por atos isolados de violência, como matar alguém ou explodir alguma coisa.

Em alguns aspectos, Júlia era muito mais perspicaz do que Winston, e muito menos influenciável pela propaganda do Partido. Uma vez, quando ele por acaso mencionou a guerra contra a Eurásia, ela o assombrou dizendo casualmente que em sua opinião não estava ocorrendo uma guerra. As bombas que todos os dias caíam em Londres eram provavelmente disparadas pelo próprio governo da Oceania, "só para manter o povo com medo". Aquela era uma ideia que literalmente jamais ocorrera a Winston. Júlia também despertou uma certa inveja nele ao contar que, durante os Dois Minutos de Ódio, sua maior dificuldade era evitar explodir em uma gargalhada. Mas questionava os ensinamentos do Partido apenas quando eles de algum jeito impactavam sua própria vida. Com frequência estava pronta a aceitar a mitologia oficial, apenas

porque a diferença entre verdade e falsidade não lhe parecia importante. Acreditava, por ter aprendido na escola, que o Partido inventara os aviões. (Em seus dias de escola, Winston se lembrava, no final dos Cinquenta, era apenas o helicóptero que o Partido alegava ter inventado; uma dúzia de anos mais tarde, quando Júlia estava na escola, o Partido já reivindicava o avião; dali a mais uma geração, estaria reivindicando a invenção do motor a vapor.) E, quando Winston contou que os aviões já existiam muito antes que ele próprio nascesse e bem antes da Revolução, o fato pareceu indiferente a Júlia. Afinal, que importava quem tinha inventado o avião? O choque foi maior quando ele descobriu, através de um comentário casual, que ela não se lembrava de que a Oceania, quatro anos antes, tinha estado em guerra com a Lestásia e em paz com a Eurásia. Era verdade que Júlia considerava a história da guerra uma farsa; mas aparentemente nem mesmo notara que o nome do inimigo tinha mudado.

– Pensei que sempre estivemos em guerra com a Eurásia – ela disse vagamente.

Isso o assustou um pouco. A invenção do avião datava de muito antes do nascimento dela, mas a troca do inimigo na guerra ocorrera apenas quatro anos antes, bem depois de Júlia já ser adulta. Debateu com ela sobre isso por talvez um quarto de hora. No fim, conseguiu forçar a memória de Júlia para o passado, até ela se lembrar indistintamente de uma época em que a Lestásia, e não a Eurásia, tinha sido o inimigo. Mas o assunto ainda lhe parecia desimportante.

– Quem se importa? – comentou, impaciente. – É sempre uma maldita guerra depois da outra e, seja como for, todo mundo sabe que as notícias são todas mentirosas.

Algumas vezes ele conversava sobre o Departamento de

Registros e as falsidades descaradas que cometia ali. Coisas assim não pareciam horrorizá-la. Ela não sentia o abismo se abrindo sob seus pés ao pensar em mentiras se tornando verdades. Winston contou a história de Jones, Aaronson e Rutherford e o pedaço de papel importantíssimo que certa vez tivera entre os dedos. Não a impressionou muito. No começo, inclusive, ela não captou o fato.

– Eles eram seus amigos?

– Não, nunca os conheci. Eram membros do Núcleo do Partido. Além disso, eram homens muito mais velhos do que eu. Pertenciam aos velhos tempos, antes da Revolução. Eu mal os conhecia de vista.

– Mas, então, por que se preocupar? Pessoas são assassinadas a toda hora, não são?

Ele tentou fazê-la compreender.

– Esse foi um caso excepcional. Não era só uma questão de alguém ser morto. Você percebe que o passado vem sendo extinto? Se algo sobrevive em algum lugar, é em uns poucos objetos sólidos sem palavras associadas a eles, como aquele pedaço de vidro. Nós não sabemos quase nada sobre a Revolução e os anos antes da Revolução. Cada registro foi destruído ou falsificado, cada livro foi reescrito, cada quadro foi repintado, cada estátua, rua e edifício teve seu nome trocado, cada data foi alterada. E esse processo continua dia a dia e minuto a minuto. A História parou. Nada existe, exceto um presente infinito no qual o Partido está sempre certo. Sei, é claro, que o passado é falsificado, mas nunca me seria possível provar isso, mesmo sendo eu a fazer pessoalmente a falsificação. Depois que a coisa é feita, jamais resta alguma evidência. A única prova está dentro da minha cabeça, e não tenho a menor certeza de que outro ser humano compartilhe

minhas lembranças. Apenas naquela única circunstância, em toda a minha vida, tive uma evidência concreta e real *depois* do evento, anos depois dele.

– E que bem isso fez?

– Bem nenhum, porque joguei o documento fora alguns minutos depois. Mas se a mesma coisa acontecesse hoje, eu guardaria.

– Bem, eu não! Estou mais do que disposta a correr riscos, mas apenas por uma coisa que valha a pena, não por pedaços de jornal velho. O que você poderia ter feito, mesmo que tivesse guardado?

– Não muito, talvez. Mas era uma evidência. Poderia ter plantado algumas dúvidas aqui e ali, supondo que eu tivesse ousado mostrar para alguém. Penso que não poderemos alterar alguma coisa durante nossa vida. Mas podemos imaginar pequenos focos de resistência brotando, pequenos grupos de pessoas se unindo, crescendo aos poucos, e até deixando para trás alguns registros, de modo que a próxima geração possa continuar de onde nós paramos.

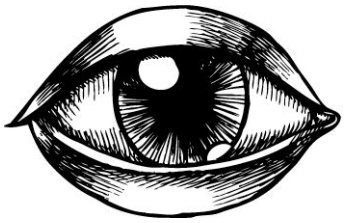
– Não estou interessada na próxima geração, querido. Estou interessada em *nós*.

– Você só é rebelde da cintura para baixo – ele zombou.

Júlia considerou aquilo brilhante e sagaz, e atirou os braços em volta dele, deliciada.

Nos desdobramentos da doutrina do Partido ela não tinha o menor interesse. Sempre que Winston começava a falar sobre os princípios do Socing, o duplopensar, a mutabilidade do passado e a negação da realidade objetiva e a usar palavras em Novidioma, ficava entediada e confusa e dizia que nunca tinha prestado nenhuma atenção a nada daquilo. Já se sabia que era

tudo besteira, então por que se preocupar? Ela tinha noção de quando aplaudir e de quando vaiar, e era só disso que precisava. Se ele insistia em falar desses assuntos, Júlia tinha o hábito desconcertante de adormecer. Era uma dessas pessoas que conseguem dormir a qualquer hora e em qualquer posição. Conversando com ela, Winston percebeu como era fácil exibir uma aparência de ortodoxia e ao mesmo tempo não ter a menor noção do que a ortodoxia significava. De certa maneira, a visão de mundo do Partido se impunha com mais sucesso sobre pessoas incapazes de entendê-la. Essas pessoas podiam ser levadas a aceitar as mais flagrantes violações da realidade porque nunca compreendiam totalmente a enormidade do que era exigido delas, e não estavam interessadas o bastante nos acontecimentos públicos para perceber o que acontecia. Pela falta de entendimento, elas permaneciam sãs. Simplesmente aceitavam tudo o que lhes era empurrado goela abaixo, e não lhes fazia mal porque não deixava resíduo, assim como um grão de milho passa sem ser digerido pelo corpo de uma ave.



Capítulo 6

Aconteceu, afinal. A mensagem aguardada havia chegado. Por toda a vida, ele pareceu estar à espera de que isso acontecesse.

Winston andava no longo corredor do Ministério, quase no ponto onde Júlia discretamente deslizara o bilhete para sua mão, quando teve consciência de que alguém maior do que ele vinha atrás. A pessoa, não importa quem fosse, tossiu de leve, evidentemente se preparando para o que ia dizer. Winston parou abruptamente e se virou. Era O'Brien.

Finalmente ficaram frente a frente, e parecia que seu único impulso era fugir. Seu coração quase saiu pela boca. Ele teria sido incapaz de falar. O'Brien, entretanto, seguiu em frente sem interromper o movimento, pousando a mão amiga no braço de Winston por um momento, de forma que os dois continuaram andando lado a lado. Começou a falar com a peculiar educação que o distinguia da maioria dos membros do Núcleo do Partido.

– Eu estava esperando uma oportunidade de conversar com você – revelou. – Outro dia li um de seus artigos em Novidioma no *Times*. Você tem um interesse acadêmico em Novidioma, estou certo?

Winston havia recuperado parte do autocontrole.

– Não tão "acadêmico". Sou apenas um amador. Não é

minha área. Nunca tive nada a ver com a real construção da língua.

– Mas você escreve com muita elegância – disse O'Brien. – Essa não é apenas minha opinião. Conversei há pouco tempo com um amigo seu que é certamente um especialista. O nome dele agora me escapa.

De novo o coração de Winston se acelerou dolorosamente. Com certeza era uma referência a Syme, que não estava apenas morto, mas havia sido abolido, era uma *despessoa*. Qualquer referência identificável a ele teria sido fatalmente perigosa. O comentário de O'Brien deveria ter sido pensado como um sinal, um código. Ao compartilhar um pequeno ato de pensamentocrime, ele havia transformado ambos em cúmplices. Os dois continuaram a percorrer lentamente o corredor, mas agora O'Brien havia parado. Com a curiosa e desarmadora afabilidade que sempre trazia em seu gesto, ele arrumou os óculos no nariz. E então continuou:

– O que eu pretendia realmente dizer era que, em seu artigo, notei que você usou duas palavras que se tornaram obsoletas. Mas faz pouco tempo que caíram em desuso. Você viu a décima edição do dicionário do Novidioma?

– Não – respondeu Winston. – Não sabia que já tinha sido lançada. Ainda estamos usando a nona no Departamento de Registros.

– A décima edição não será publicada por alguns meses ainda, creio. Mas alguns exemplares tiveram circulação antecipada. Eu mesmo tenho um. Você estaria interessado em dar uma olhada, talvez?

– Certamente – disse Winston, logo entendendo para onde aquilo levaria.

– Alguns dos novos desdobramentos são extremamente complexos. Acredito que a redução da quantidade de verbos é o ponto que mais vai lhe interessar. Deixe-me ver, devo enviar um mensageiro com o dicionário até você? O problema é que sempre me esqueço dessas coisas. Talvez você possa buscá-lo no meu apartamento em algum horário que lhe fosse conveniente? Espere. Deixe-me lhe dar o meu endereço.

Estavam parados em frente a uma teletela. Um tanto distraído, O'Brien tateou os dois bolsos e então exibiu uma pequena caderneta com capa de couro e um lápis dourado. Imediatamente abaixo da teletela, em uma posição em que qualquer um que estivesse vigiando na outra ponta do equipamento poderia ler o que O'Brien escrevia, ele rabiscou um endereço, depois rasgou a página e a entregou a Winston.

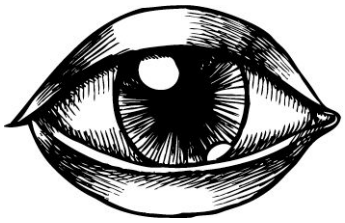
– Geralmente estou em casa à noite. Do contrário, meu empregado lhe entregará o dicionário.

Então partiu, deixando Winston segurando o pedaço de papel que, dessa vez, não precisava ser escondido. Apesar disso, ele memorizou cuidadosamente o endereço e algumas horas depois jogou-o no buraco da memória junto com vários outros papéis.

Os dois haviam conversado, no máximo, por uns poucos minutos. O episódio tinha um único significado: fora planejado para que Winston soubesse o endereço de O'Brien. Isso era necessário porque, excetuando a pergunta direta, nunca era possível descobrir onde alguém morava. Não havia listas de nenhum tipo. "Se algum dia você quiser me ver, eis onde posso ser encontrado", O'Brien dissera. Uma coisa era certa: a conspiração com a qual sonhara existia de fato, e ele tinha chegado a seus limites máximos.

Winston sabia que cedo ou tarde obedeceria à convocação de

O’Brien. Talvez no dia seguinte, talvez após uma demora prolongada, não tinha certeza. O que estava acontecendo era apenas o desenvolvimento de um processo iniciado muitos anos antes. O primeiro passo tinha sido um pensamento secreto, involuntário; o segundo, começar um diário. Ele havia se deslocado dos pensamentos para as palavras e agora das palavras para as ações. O último passo era alguma coisa que aconteceria no Ministério do Amor. Ele tinha aceitado isso. O fim estava contido no início. Mas era assustador; ou, mais exatamente, era como um gosto antecipado da morte, como estar um pouco menos vivo. Até mesmo enquanto conversava com O’Brien, quando o significado das palavras se tornou claro, um calafrio invadiu seu corpo. Ele teve a sensação de penetrar na umidade de uma cova, e não tinha sido mais fácil só porque sempre soubera que a cova estava lá, à sua espera.



Capítulo 7

Winston acordou com os olhos cheios de lágrimas. Júlia rolou sonolenta em sua direção, murmurando algo que poderia ter sido “O que foi?”.

– Eu sonhei – ele começou, mas se interrompeu.

Era complexo demais para expressar com palavras. Havia o sonho em si e a lembrança, relacionada a ele, que invadira sua mente poucos segundos após o despertar.

Ficou deitado de olhos fechados, ainda mergulhado na atmosfera do sonho. Era um lugar amplo e luminoso no qual toda a sua vida se estendia à frente como uma paisagem em um entardecer de verão depois da chuva. Tudo havia acontecido dentro do peso de vidro, mas a superfície do vidro era a abóbada celeste e dentro dela tudo estava inundado por uma luz clara e suave, por meio da qual se conseguia enxergar distâncias intermináveis. O sonho também incluía – na verdade, em certo sentido era apenas – um gesto de braço feito por sua mãe e repetido, trinta anos depois, pela mulher judia que ele tinha visto no filme noticioso, tentando proteger o menininho dos tiros antes que o helicóptero explodisse a ambos.

– Você sabia – Winston começou – que até este momento eu acreditava que tinha assassinado minha mãe?

– Por que você fez isso? – disse Júlia, meio adormecida.

– Eu não a assassinei. Não fisicamente.

No sonho, ele se lembrou do último vislumbre que teve da mãe e, nos poucos momentos seguintes ao despertar, a sequência de pequenos eventos que encadeava o fato havia retornado. Era uma lembrança que ele devia ter empurrado, deliberadamente, para fora da consciência por muitos anos. Não tinha certeza da data, mas não tinha menos de 10 anos, talvez 12, quando aconteceu.

O pai desaparecera algum tempo antes; não conseguia se lembrar exatamente. Recordava melhor as circunstâncias turbulentas e ruidosas da época: os surtos periódicos de pânico em relação a ataques aéreos e a busca por abrigo nas estações do metrô, os montes de entulho por todo lado, as declarações incompreensíveis afixadas nas esquinas, as gangues de jovens usando camisas da mesma cor, as filas imensas na frente das padarias, o disparar intermitente de submetralhadoras ao longe e, acima de tudo, o fato de que nunca havia o suficiente para comer. Lembrava—se de passar longas tardes revirando lixeiras e pilhas de detritos com outros meninos, caçando talos de repolho, cascas de batata e até, de vez em quando, restos de pão mofado, dos quais cuidadosamente raspavam as cinzas; e de esperar pela passagem de caminhões que percorriam determinada rota e eram conhecidos por transportar ração de gado. Os veículos, dando solavancos nos trechos ruins da estrada, às vezes deixavam cair pequenas partes do bagaço de plantas.

Quando o pai desapareceu, a mãe não demonstrou nenhuma surpresa ou tristeza profunda, mas uma mudança súbita se abateu sobre ela, que pareceu ter se tornado completamente apática. Era evidente, para Winston, que esperava algo que sabia que aconteceria. Fazia tudo o que era necessário: cozinhava, lavava, remendava, arrumava a cama, varria o

chão, espanava a lareira, sempre muito devagar e com uma estranha ausência de movimentos supérfluos, como um modelo vivo de pintor, que se mexia por vontade própria. O corpo volumoso e bem torneado pareceu cair naturalmente na imobilidade. Durante horas e horas, ela se sentava quase imóvel na cama, embalando a filha mais nova, uma criança miúda, doente e muito quieta de 2 ou 3 anos, com um rosto quase símio pela magreza. Muito raramente tomava Winston nos braços e o pressionava contra si por bastante tempo, sem dizer nada. Ele tinha consciência, apesar da juventude e do egoísmo, de que aquilo estava de alguma forma ligado à coisa nunca mencionada que iria acontecer.

Lembrava-se do cômodo onde a família morava, um quarto escuro, com cheiro de guardado, que parecia lotado apenas com uma cama e um cobertor branco. Havia um fogareiro no anteparo da lareira, uma prateleira onde ficava guardada a comida e, do lado de fora, uma pia marrom de barro, comum a vários quartos. Ele se lembrava do corpo bem delineado da mãe debruçado sobre o fogareiro para mexer alguma coisa dentro de uma panela. Acima de tudo, lembrava-se da fome contínua e das batalhas ferozes, sórdidas, durante as refeições. Perguntava à mãe de maneira irritante, de novo e de novo, por que não havia mais comida; gritava e avançava contra ela (até se lembrava do tom da própria voz, que estava mudando precocemente e às vezes retumbava de um modo peculiar), ou fazia uma tentativa chorosa em seus esforços para obter mais do que a parte que lhe cabia. A mãe sempre estava pronta a lhe dar mais. Considerava natural que ele, “o menino”, recebesse a maior porção; porém, não importava o que ela lhe desse, Winston sempre exigia mais. Em toda refeição, a mãe lhe implorava que não fosse egoísta e se lembrasse de que a irmãzinha estava doente e também precisava de comida, mas

era inútil. Ele gritava enfurecido quando ela parava de servir, tentava arrancar a panela e a colher das mãos dela, pegava bocados do prato da irmã. Sabia que assim deixaria as duas com fome, mas não conseguia evitar; até se sentia no direito de fazer aquilo. Os clamores de seu estômago faminto justificavam seu comportamento. Entre as refeições, se a mãe não ficasse alerta, ele furtava constantemente o mísero estoque de comida da prateleira.

Um dia, o racionamento de chocolate foi oficializado. Não tinha havido questões do tipo por semanas ou meses. Winston se lembrava bem daquele pequeno pedaço do precioso chocolate, um tablete de duas onças (eles ainda usavam onças como medida de peso, naquele tempo) a ser dividido entre os três. Era óbvio que deveria ser dividido em três partes iguais. Mas ele, como se estivesse ouvindo outra pessoa, exigiu em altos brados receber o pedaço inteiro. A mãe lhe disse para não ser guloso. Houve uma discussão longa, irritante, infinita, com gritos, gemidos, lágrimas, protestos, barganhas. A irmãzinha, agarrada à mãe com ambas as mãos, exatamente como um bebê macaco, observou-o por cima dos grandes ombros dela, com olhos arregalados e tristes. No fim, a mãe partiu três quartos do chocolate e deu a Winston, e o quarto restante para a bebezinha. Ela o pegou e o olhou tolamente, talvez sem saber o que era. Winston a encarou por um momento. Então, com um salto ágil e súbito, arrancou o pedaço de chocolate da mão da irmã e saiu correndo pela porta.

– Winston! Winston! – a mãe gritou, atrás dele. – Volte aqui! Devolva o chocolate da sua irmã!

Ele parou, mas não voltou. Os olhos aflitos da mãe estavam fixos em seu rosto. Mesmo assim, ainda pensava sobre o acontecimento, e ele não sabia o que estava a ponto de acontecer. A irmã, consciente de ter sido roubada, iniciou um

protesto débil. A mãe passou o braço em volta da criança e pressionou o rosto dela contra o peito. Alguma coisa naquele gesto informou a Winston que sua irmã estava morrendo. Ele se virou e voou escada abaixo, enquanto o chocolate se tornava viscoso em sua mão.

Nunca mais viu a mãe. Depois de devorar o chocolate, sentiu-se um tanto envergonhado de si mesmo e perambulou pelas ruas durante várias horas, até que a fome o conduziu para casa. Quando voltou, a mãe tinha desaparecido. Isso já estava se tornando comum, na época. Nada faltava ao quarto a não ser a mãe e a irmã. Não haviam levado nenhuma roupa, nem mesmo o sobretudo da mãe. Até hoje, ele não sabia com certeza se ela estava morta. Era perfeitamente possível que apenas tivesse sido mandada para um campo de trabalhos forçados. Quanto à irmã, poderia ter sido removida, como o próprio Winston, para uma das colônias de crianças sem lar (Centros de Recuperação, chamavam), que tinham se multiplicado como resultado da guerra civil, ou poderia ter sido mandada ao campo de trabalho junto com a mãe, ou simplesmente abandonada em algum canto para morrer.

O sonho ainda estava vivo em sua cabeça, em especial o gesto envolvente e protetor do braço, no qual um significado completo parecia estar contido. Sua memória recuou até outro sonho, de dois meses antes. Exatamente como sua mãe havia se sentado na cama suja com a manta branca, com a criança agarrada a si, da mesma maneira ela estava sentada em um navio que afundava, bem abaixo dele e descendo mais fundo a cada minuto, mas ainda olhando para cima, na direção de Winston, através da água turva.

Ele contou a Júlia a história do desaparecimento de sua mãe. Sem abrir os olhos, ela rolou e se ajeitou em uma posição mais confortável.

– Acho que você era um pequeno porco nojento naquela época – foi a resposta sem emoção. – Todas as crianças são como porcos.

– Sim. Mas o ponto importante da história…

A julgar por sua respiração, era evidente que ela adormecera de novo. Winston teria gostado de continuar falando a respeito da mãe. Não supunha, baseado no que conseguia se lembrar, que fosse uma mulher incomum, muito menos inteligente; ainda assim, tinha um tipo de nobreza, de pureza, simplesmente porque os padrões aos quais obedecia eram privados. Seus sentimentos eram seus, não podiam ser alterados por fatores externos. Não teria ocorrido a ela que uma ação sem efeito se torna, por isso, sem significado. Se você amava alguém, você amava esse alguém e, quando nada mais tinha para lhe dar, você ainda lhe dava o seu amor. Quando o chocolate acabou, a mãe abraçou forte sua filha. Era inútil, não mudava nada, não produzia mais chocolate, não revertia a morte da criança ou a dela; mas lhe parecia natural fazer aquilo. A mulher judia refugiada no barco também tinha coberto o menininho com o braço, gesto que não era mais útil contra a munição do que uma folha de papel. A coisa terrível que o Partido fizera fora persuadir você de que meros impulsos, meros sentimentos, não tinham importância, ao mesmo tempo em que lhe roubava todo o controle sobre o mundo material. Uma vez que estivesse nas garras do Partido, o que você sentisse ou deixasse de sentir, como agisse ou se contivesse para não agir, não fazia, literalmente, a menor diferença. Não importa o que acontecesse, você desaparecia, e nunca mais se ouvia falar de você nem de seus atos. Você era totalmente suprimido do fluxo da História. E ainda assim, para as pessoas de apenas duas gerações antes, isso não teria parecido nem um pouco importante, pois elas não estavam

tentando alterar a História. Eram governadas por lealdades particulares e não as questionavam. O que importava eram os relacionamentos individuais, e um gesto totalmente desamparado, um abraço, uma lágrima, uma palavra dita a um moribundo, podia ter valor em si mesmo. Os proletas, ocorreu-lhe subitamente, haviam permanecido nessa condição. Eles não eram leais a um partido ou a um país ou a uma ideia; eram leais uns aos outros. Pela primeira vez em sua vida, Winston não sentiu desprezo pelos proletas nem pensou neles como uma mera força inerte que um dia iria acordar para a vida e regenerar o mundo. Os proletas tinham continuado humanos. Não haviam endurecido por dentro. Apegaram-se a emoções primitivas que o próprio Winston precisava reaprender por meio de esforço consciente. E ao pensar nisso ele se lembrou, sem relevância aparente, de como, poucas semanas antes, vira aquela mão seccionada caída no meio da rua, e de como a chutara para a sarjeta como se fosse um talo de repolho.

– Os proletas são seres humanos – disse em voz alta. – Nós não somos humanos.

– Por que não? – indagouJúlia, que tinha despertado de novo.

Ele pensou por um momento.

– Nunca lhe ocorreu que a melhor coisa que temos a fazer é simplesmente sair andando daqui antes que seja tarde demais, e nunca mais nos vermos?

– Sim, querido, isso me ocorreu diversas vezes. Mas não vou fazer isso, mesmo assim.

– Até agora, tivemos sorte, mas não pode durar muito mais. Você é jovem. Sua aparência é normal, inocente. Se ficar longe de gente como eu, poderá continuar viva por mais cinquenta anos.

– Não. Já pensei em tudo. O que você faz, eu vou fazer. E não fique com essa cara de desânimo. Sou boa em permanecer viva.

– Nós podemos ficar juntos por mais seis meses, um ano, não há co-mo saber. No fim, é certeza que estaremos separados. Você percebe como vamos nos sentir absurdamente sozinhos? Quando eles nos pegarem, não haverá nada, literalmente nada, que um de nós possa fazer pelo outro. Se eu confessar, eles vão atirar em você, e se eu me recusar a confessar, eles vão atirar em você do mesmo jeito. Nada do que eu faça ou diga, ou me impeça de dizer, vai adiar sua morte por mais de cinco minutos. Nenhum de nós vai saber nem mesmo se o outro está vivo ou morto. Ficaremos absolutamente sem poder. O que importa é que não devemos trair um ao outro, mesmo que isso não faça a menor diferença.

– Se você está falando sobre confessar, nós vamos acabar confessando, com certeza. Todo mundo confessa. Não há como evitar. Eles nos torturam.

– Não estou falando de confessar. Confissão não é traição. O que você diz ou faz não importa, apenas sentimentos importam. Se eles pudessem me fazer deixar de amar você, isso seria a verdadeira traição.

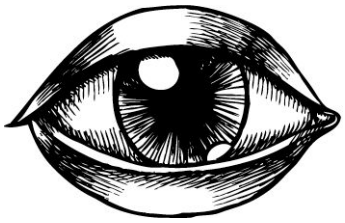
Júlia refletiu.

– Eles não têm como fazer isso – disse, finalmente. – É a única coisa que não conseguem. Podem obrigar você a dizer qualquer coisa, *qualquer coisa*, mas não podem obrigar você a acreditar nela. Não têm como entrar na sua mente.

– Não – ele respondeu, um pouco mais esperançoso –, não; isso é bem verdade. Eles não podem entrar na sua mente. Se você conseguir sentir que permanecer humano vale a pena, mesmo não dando nenhum resultado nem fazendo a menor

diferença, você venceu.

Winston pensou na teletela e em seu equipamento de espionagem, que jamais descansava. Eles podiam espioná-lo noite e dia, mas, se você tivesse juízo, conseguia enganá-los. Com toda a inteligência que tinham, eles nunca haviam conseguido descobrir o que outro ser humano pensava. Talvez isso fosse menos verdade uma vez que se estivesse sob o poder deles. Não se sabia o que acontecia dentro do Ministério do Amor, mas era possível adivinhar: torturas, drogas, instrumentos sensíveis que registravam suas reações nervosas, um desmoronamento gradual por privação de sono e solidão e interrogatórios persistentes. Fatos, de toda maneira, não podiam ser mantidos em segredo. Podiam ser reconstituídos através de perguntas, podiam ser arrancados de você através de tortura. Mas se o objetivo não era permanecer vivo, e sim permanecer humano, que diferença fazia, em última instância? Eles não podiam alterar seus sentimentos; aliás, nem você teria como alterá-los, mesmo que quisesse. Eles podiam exibir explicitamente e com o máximo detalhamento tudo o que você tinha feito ou dito ou pensado; mas o íntimo do seu coração, cujo funcionamento era misterioso até para você mesmo, continuava inviolável.



Capítulo 8

Eles conseguiram, finalmente!

A sala onde se encontravam era comprida e suavemente iluminada. A teletela estava reduzida a um volume baixo; a espessura do tapete azul-escuro dava a impressão de se estar pisando em veludo. Na ponta mais distante da sala, O'Brien, sentado à mesa sob uma luz esverdeada, tinha muitos papéis de ambos os lados. Não se dera ao trabalho de levantar o olhar quando o empregado fez Júlia e Winston entrar.

O coração de Winston batia tão forte que ele não sabia se seria capaz de falar. Haviam conseguido, finalmente; era só nisso que conseguia pensar. Foi um ato de imprudência ter ido até ali, e uma insanidade completa chegarem juntos, embora fosse verdade que tinham feito caminhos diferentes e só se encontrado à porta da casa de O'Brien. Entrar em um lugar daqueles exigia controle dos nervos. Apenas em ocasiões muito raras uma pessoa via o interior das casas do Núcleo do Partido ou entrava na região da cidade onde eles viviam. Toda a atmosfera do imenso bloco de apartamentos, a riqueza e a amplitude de tudo, os cheiros nada familiares de boa comida e bom tabaco, os elevadores silenciosos e incrivelmente rápidos deslizando para cima e para baixo, os empregados de casaco branco correndo de um lado para outro, tudo intimidava. Embora Winston tivesse um bom pretexto para estar ali, fora assombrado a cada passo pelo medo de que um guarda em uniforme preto surgisse de repente de uma esquina, exigisse

seus documentos e o mandasse ir embora. O empregado de O'Brien, no entanto, havia recebido os dois com boas maneiras. Era um homem baixo, de cabelo escuro e jaqueta branca, com um rosto em forma de diamante completamente inexpressivo, e poderia ser chinês. O corredor pelo qual os conduziu era delicadamente acarpetado, com papel de parede cor creme e lambris brancos, tudo rigorosamente limpo. Aquilo também intimidava. Winston não se lembrava de alguma vez ter visto um corredor cujas paredes não fossem gordurosas pelo contato com corpos humanos.

O'Brien tinha um pedaço de papel entre os dedos e parecia analisá-lo criteriosamente. O rosto forte, curvado para baixo de modo que se via a linha do nariz, parecia ameaçador e inteligente. Por talvez vinte segundos, permaneceu sentado, sem se mover. Então puxou a falaescreve para perto de si e ditou uma mensagem no jargão híbrido dos Ministérios:

– Itens um vírgula cinco vírgula sete aprovados totalmente ponto sugestão contida item seis duplomais ridículo quase pensamentocrime cancelar ponto desprosseguir construção preobter mais estimativas sobrecarga maquinário ponto fim mensagem.

Levantou-se pausadamente da cadeira e foi na direção deles, atravessando o tapete silencioso. Um pouco da atmosfera oficial pareceu ter se dissipado quando ele disse palavras em Novidioma, mas sua expressão estava mais sombria do que o normal, como se não estivesse satisfeito por ser perturbado. O terror que Winston já sentia foi subitamente atravessado por uma torrente de constrangimento. Pareceu-lhe bastante provável que simplesmente tivesse cometido um erro estúpido. Pois que evidência tinha de que O'Brien fosse realmente um conspirador político? Nenhuma, exceto uma centelha nos olhos e uma única observação equivocada; para além disso,

restavam apenas suas fabulações secretas, fundadas sobre um sonho. Ele nem poderia usar o pretexto de que tinha ido pegar emprestado o dicionário, porque nesse caso seria impossível explicar a presença de Júlia. Enquanto O'Brien passava em frente à teletela, um pensamento pareceu lhe ocorrer. Ele parou, virou de lado e pressionou um botão na parede. Ouviu-se um estalido agudo. A voz parou.

Júlia soltou um som baixo, uma interjeição de surpresa. Mesmo em meio a seu pânico, Winston ficou chocado demais para conseguir segurar a língua.

– Você pode desligar! – exclamou.

– Sim – respondeu O'Brien. – Nós podemos desligá-la, temos esse privilégio.

Ele se postou diante das visitas. Sua constituição sólida os assombrava e a expressão em seu rosto ainda era indecifrável. Aguardava, com certa teimosia, que Winston falasse, mas sobre o quê? Era bastante provável que ele fosse apenas um homem ocupado questionando, irritado, por que fora interrompido. Ninguém falou. Depois que a teletela foi desligada, um silêncio mortal invadiu a sala. Os segundos passavam lentamente. Com dificuldade, Winston continuou a manter os olhos fixos nos de O'Brien. Depois, de repente, o rosto sombrio se desfez no que poderia ter sido o começo de um sorriso. Com o gesto característico, O'Brien ajeitou os óculos no nariz.

– Devo eu dizer, ou você dirá?

– Eu direi – respondeu Winston prontamente. – A tela está mesmo desligada?

– Sim, tudo está desligado. Nós estamos sozinhos.

– Bem, viemos aqui porque… – Fez uma pausa, dando-se

conta pela primeira vez de como seus motivos eram vagos. Como não sabia de fato que tipo de ajuda esperava de O'Brien, não era fácil dizer por que havia ido lá. Mesmo assim prosseguiu, ciente de que sua fala devia soar tanto débil quanto pretensiosa: – Acreditamos que exista um tipo de conspiração, alguma organização secreta, trabalhando contra o Partido, na qual você esteja envolvido. Queremos nos juntar e trabalhar por ela. Somos inimigos do Partido. Nós descremos dos princípios do Socing. Somos criminosos do pensamento, e adúlteros. Estou lhe contando isso porque queremos nos colocar à sua disposição. Se você quiser que nos incriminemos de outra maneira, estamos prontos.

Winston parou e espiou por cima do ombro, com a sensação de que a porta tinha sido aberta. E, de fato, o empregado baixinho de rosto amarelo havia entrado sem bater, carregando uma bandeja com um decantador e copos.

– Martin é dos nossos – disse O'Brien, impassível. – Traga a bebida para cá, Martin. Ponha na mesa redonda. Temos cadeiras suficientes? Então vamos nos sentar e conversar sossegados. Traga uma cadeira para si, Martin. Vamos falar de negócios. Você pode parar de ser um empregado pelos próximos dez minutos.

O homenzinho se sentou, muito à vontade, mas ainda assim com um ar de empregado, de um subalterno desfrutando de um privilégio. Winston o avaliou com o canto dos olhos. Ocorreu-lhe que a vida completa do homem era a interpretação de um papel e que ele achava perigoso sair da personagem mesmo que só por um momento. O'Brien segurou o decantador pela boca e encheu os copos com um líquido vermelho-escuro. Isso despertou em Winston uma memória distante de algo já visto há muito tempo, em um muro ou cartaz publicitário: uma garrafa enorme composta de luzes elétricas que pareciam se

mexer para cima e para baixo e despejar o conteúdo em um copo. Visto de cima, o líquido parecia quase preto, mas no decantador brilhava como um rubi. Tinha um cheiro agridoce. Observou Júlia pegar o copo e cheirar com muita curiosidade.

– Chama-se vinho – disse O'Brien com um sorriso pálido. – Você leu a respeito em livros, sem dúvida. Temo que ele quase não chegue às Margens do Partido. – O rosto ficou solene de novo e ele levantou o copo. – Acho que é melhor começar fazendo um brinde. À saúde do nosso Líder. A Emmanuel Goldstein.

Winston apanhou o copo com certa ansiedade. Vinho era algo sobre o que já lera e com o que havia sonhado. Como o peso de papel de vidro e as rimas parcialmente lembradas do senhor Charrington, ele pertencia ao passado extinto e romântico, os velhos tempos, como ele gostava de chamá-lo secretamente, em pensamento. Por algum motivo, sempre pensara que vinho tinha um gosto doce intenso, como o de geleia de amora, e um efeito que intoxicava imediatamente. Na realidade, quando engoliu, achou a coisa francamente decepcionante. A verdade era que, depois de anos bebendo gim, ele mal conseguia sentir o gosto de outra coisa. Pousou o copo vazio.

– Então existe uma pessoa como Goldstein? – perguntou.

– Sim, existe, e ele está vivo. Onde, eu não sei.

– E a conspiração, a organização? É real? Não é só uma invenção da Polícia do Pensamento?

– Não, é real. Nós a chamamos de Irmandade. Você nunca saberá muito mais sobre ela além de sua existência e de que você pertence a ela. Voltarei a isso daqui a pouco. – Consultou o relógio. – Não é inteligente, mesmo para membros do Núcleo do Partido, desligar a teletela por mais do que meia

hora. Vocês não deveriam ter vindo juntos, e terão de ir embora separadamente. Você, camarada – inclinou a cabeça para Júlia –, partirá primeiro. Temos cerca de vinte minutos à nossa disposição. Vocês hão de compreender que preciso começar fazendo certas perguntas. Em termos gerais, o que estão preparados para fazer?

– Qualquer coisa de que sejamos capazes – disse Winston.

O'Brien havia se virado um pouco na cadeira e o encarava. Quase ignorou Júlia, parecendo presumir que Winston falava por ela. Por um momento, suas pálpebras baixaram. Ele começou a fazer as perguntas em voz baixa, entediante, como se fossem rotina, uma espécie de catecismo cujas respostas, em sua maioria, já lhe eram conhecidas.

– Estão preparados para dar suas vidas?

– Sim.

– Estão preparados para cometer assassinatos?

– Sim.

– Cometer atos de sabotagem que possam causar a morte de centenas de pessoas inocentes?

– Sim.

– Trair seu país em favor de forças estrangeiras?

– Sim.

– Vocês estão preparados para trapacear, forjar, chantagear, corromper a mente das crianças, distribuir drogas que causam dependência, encorajar a prostituição, disseminar doenças venéreas, fazer qualquer coisa que possa levar à desmoralização e ao enfraquecimento do poder do Partido?

– Sim.

– Se, por exemplo, servisse aos nossos interesses jogar ácido sulfúrico no rosto de uma criança; vocês estão preparados para fazer isso?

– Sim.

– Vocês estão preparados para perder sua identidade e viver o resto da vida como garçons ou trabalhadores das docas?

– Sim.

– Vocês estão preparados para cometer suicídio, se e quando nós assim ordenarmos?

– Sim.

– Vocês estão preparados, os dois, para se separar e nunca mais se verem de novo?

– Não! – interveio Júlia.

Pareceu a Winston que um longo tempo se passou antes que ele respondesse. Por um momento, sentiu que era mudo. Sua língua se agitava em silêncio, formando as primeiras sílabas de uma palavra, depois de outra, de novo e de novo. Até pronunciá-la, não sabia qual palavra iria dizer.

– Não – falou afinal.

– Vocês fizeram bem em me contar – disse O'Brien. – É necessário que nós saibamos tudo.

Virou-se na direção de Júlia e acrescentou, com uma voz ligeiramente mais expressiva:

– Você compreende que, mesmo que ele sobreviva, poderá ser como uma pessoa diferente? Nós talvez sejamos obrigados e dar-lhe uma nova identidade. O rosto, os movimentos, o formato das mãos, a cor do cabelo, até a voz, tudo nele seria diferente. E você mesma talvez também precise se tornar uma

pessoa diferente. Nossos cirurgiões podem alterar uma pessoa para além de todo reconhecimento. Às vezes, é necessário. Às vezes, nós até amputamos um membro.

Winston não pôde evitar outro olhar de soslaio para o rosto mongol de Martin. Não viu cicatrizes. Júlia empalideceu um tom, de modo que as sardas estavam realçadas, mas encarou O'Brien corajosamente. Murmurou alguma coisa que parecia uma concordância.

– Bom. Então está combinado.

Havia uma caixa de prata com cigarros em cima da mesa. Com um ar um tanto distraído, O'Brien a empurrou na direção dos outros, pegou um para si, levantou-se e começou a andar lentamente a esmo, como se raciocinasse melhor estando de pé. Os cigarros eram muito bons, grossos e bem embalados, o papel de uma textura sedosa incomum. O'Brien consultou o relógio de novo.

– É melhor você voltar à copa, Martin. Vou ligar a teletela em quinze minutos. Dê uma boa olhada no rosto desses camaradas antes de ir. Você vai vê-los de novo. Eu talvez não.

Exatamente como tinham feito na porta de entrada, os olhos pretos do homenzinho cintilaram nos rostos deles. Não havia um só traço amigável em seus modos. Ele estava memorizando a aparência de ambos, mas não tinha interesse neles, ou não demonstrava ter. Ocorreu a Winston que um rosto sintético talvez fosse incapaz de mudar de expressão. Sem falar nem fazer nenhum tipo de saudação, Martin saiu, fechando a porta silenciosamente atrás de si. O'Brien continuava a andar de um lado para outro, uma das mãos no bolso do macacão preto, a outra segurando o cigarro.

– Vocês compreendem – prosseguiu – que estarão lutando no escuro. Sempre no escuro. Vocês receberão ordens e

obedecerão sem saber por quê. Mais tarde eu lhes enviarei um livro, no qual aprenderão a verdadeira natureza da sociedade em que vivemos e a estratégia pela qual haveremos de destruí-la. Quando acabarem de ler, serão membros plenos da Irmandade. Mas entre os objetivos gerais pelos quais estamos lutando, e as tarefas imediatas do momento, vocês jamais saberão de nada. Eu lhes digo que a Irmandade existe, mas não posso contar se ela possui cem membros ou dez milhões. A partir de sua experiência pessoal, vocês nunca serão capazes de dizer se ela chega ao menos a uma dúzia. Receberão três ou quatro contatos, renovados de tempos em tempos, conforme desaparecerem. Como este foi seu primeiro contato, será preservado. Quando vocês receberem ordens, elas partirão de mim. Se julgarmos necessário nos comunicar com vocês, será por meio do Martin. Quando forem pegos, irão confessar. Isso é inevitável. Mas terão pouco a confessar além das próprias ações. Não terão como trair mais do que um punhado de pessoas sem importância. Provavelmente, não trairão nem mesmo a mim. Pode ser que eu esteja morto, ou tenha me tornado uma pessoa diferente, com um rosto diferente.

Ele continuou a andar sobre o tapete macio. A despeito do corpo volumoso, havia uma graça notável em seus movimentos, que aparecia até mesmo no gesto de enfiar a mão no bolso ou manusear o cigarro. Mais até do que força, O'Brien transmitia uma impressão de confiança e de compreensão disfarçada de ironia. Por mais que falasse seriamente, não tinha nada da bitola mental de um fanático. Quando se referia a assassinato, suicídio, doença venérea, membros amputados e rostos alterados, era com um leve ar de galhofa. "Isso é inevitável", sua voz parecia dizer; "isso é o que precisamos fazer, sem recuo. Mas não é o que faremos quando a vida valer a pena de novo". Uma onda de admiração,

quase de adoração, fluiu de Winston em direção a O'Brien. No momento, ele tinha esquecido a figura indistinta de Goldstein. Olhando para os ombros fortes de O'Brien e o rosto de traços francos, feio e ainda assim tão civilizado, era impossível acreditar que ele pudesse ser derrotado. Não havia estratagema ao qual ele não pudesse se igualar, nenhum perigo que não pudesse antever. Até Júlia parecia impressionada. Ela deixara o cigarro queimar e estava escutando atentamente, conforme O'Brien prosseguia:

– Vocês devem ter ouvido rumores sobre a existência da Irmandade. Sem dúvida, formaram a própria imagem dela. Imaginaram, provavelmente, um mundo paralelo de conspiradores que se encontram secretamente em porões, rabiscam mensagens nos muros, reconhecem um ao outro por palavras em código ou por movimentos especiais da mão. Nada do tipo existe. Os membros da Irmandade não têm meios de se reconhecer e é impossível para um membro conhecer a identidade de mais do que alguns poucos. O próprio Goldstein, se caísse nas mãos da Polícia do Pensamento, não poderia fornecer uma lista completa dos membros nem outra informação que os levasse a ela. Tal lista não existe. A Irmandade não pode ser extinta porque não é uma organização no sentido comum. Nada a mantém unida exceto uma ideia, que é indestrutível. Vocês nunca terão nada que os apoie, exceto a ideia, e não receberão vantagens nem encorajamento. Quando finalmente forem pegos, não terão nenhuma ajuda. Nós nunca ajudamos nossos membros. No máximo, quando é absolutamente necessário que alguém seja silenciado, de vez em quando conseguimos contrabandear uma lâmina para dentro da cela de um prisioneiro. Vocês precisarão se acostumar a viver sem resultados e sem esperança. Trabalharão por um período, serão pegos, confessarão e

morrerão. Esses são os únicos resultados que irão ver. Não existe possibilidade de alguma mudança perceptível ocorrer durante nossa existência. Nós estamos mortos. Nossa única vida verdadeira está no futuro. Tomaremos parte dele como punhados de pós e lascas de osso. Mas a que distância esse futuro está, não se sabe. Podem ser mil anos. No presente, nada é possível, exceto ampliar aos poucos a zona de sanidade. Não podemos agir de modo coletivo, apenas espalhar nosso conhecimento de indivíduo em indivíduo, geração após geração. Com a Polícia do Pensamento, não há outra maneira.

Parou e consultou o relógio pela terceira vez.

– Está quase na hora de você partir, camarada – disse para Júlia. – Espere. Aquele decantador ainda está cheio até a metade.

Encheu os copos e ergueu o dele pela haste.

– A que brindaremos, desta vez? – indagou, ainda com uma leve ironia. – À confusão da Polícia do Pensamento? À morte do Grande Irmão? À humanidade? Ao futuro?

– Ao passado – disse Winston.

– O passado é mais importante – concordou O'Brien gravemente.

Esvaziaram os copos e um momento depois Júlia se levantou para sair. O'Brien retirou uma pequena caixa do alto de um armário e entregou a ela um tablete branco e achatado, recomendando que o pusesse sob a língua. Era importante, ele falou, não sair cheirando a vinho: os ascensoristas eram muito observadores. Assim que a porta se fechou atrás dela, ele pareceu se esquecer de sua existência. Deu mais alguns passos e então parou.

– Há detalhes a resolver. Presumo que vocês tenham um

esconderijo de algum tipo…

Winston explicou sobre o quarto acima da loja do senhor Charrington.

– Isso vai bastar por enquanto. Mais tarde providenciaremos outra coisa para você. É importante mudar o esconderijo com frequência. Enquanto isso, vou lhe mandar uma cópia *do livro*. – O'Brien, Winston reparou, parecia pronunciar as palavras como se elas estivessem em itálico. – O livro de Goldstein, você entende. Assim que possível. Pode levar alguns dias até que eu consiga um exemplar. Não existem muitos, como você pode imaginar. A Polícia do Pensamento os caça e destrói quase tão rápido quanto conseguimos produzi-lo. Faz bem pouca diferença. O livro é indestrutível. Se a última cópia sumisse, nós o reproduziríamos quase palavra a palavra. Você leva alguma pasta para o trabalho?

– Em geral, sim.

– Como ela é?

– Preta, muito gasta. Com duas tiras.

– Preta, duas tiras, muito gasta; bom. Um dia no futuro próximo, não posso lhe dar uma data certa, uma das mensagens em seu trabalho matutino conterá uma palavra impressa com erro e você precisará pedir uma repetição. No dia seguinte, irá trabalhar sem sua pasta. Em algum momento do dia, na rua, um homem vai tocá-lo no braço e dizer: "Acho que você deixou cair sua pasta". A que ele lhe entregar conterá uma cópia do livro de Goldstein. Você devolverá em catorze dias.

Ficaram em silêncio por um momento.

– Restam alguns minutos antes que você tenha de ir – disse O'Brien. – Vamos nos ver de novo, se é que nos

encontraremos…

Winston olhou para cima, na direção dele.

– No lugar onde não há escuridão? – indagou, hesitante.

– No lugar onde não há escuridão – respondeu O'Brien, como se reconhecesse a alusão. – E, nesse intervalo, há algo que você queira dizer antes de ir embora? Algum recado? Alguma pergunta?

Winston pensou. Não parecia haver nenhuma pergunta que quisesse fazer, nem o menor impulso de verbalizar alguma frase feita para causar impacto. Em vez de algo diretamente relacionado a O'Brien ou à Irmandade, veio-lhe à mente uma espécie de imagem composta do quarto escuro onde a mãe passara seus últimos dias, o quartinho acima da loja do senhor Charrington, o peso de papel de vidro e a gravura de aço na moldura de jacarandá. Quase aleatoriamente, ele disse:

– Você alguma vez ouviu uma velha rima que começa com *Laranjas e limões de baixa acidez/ cantam os sinos de São Dinamarquês*?

De novo O'Brien assentiu. Com uma espécie de mesura grave, completou a estrofe:

Laranjas e limões de baixa acidez,

cantam os sinos de São Dinamarquês

Passe pra cá um dinheirinho,

estamos na igreja de São Martinho

Quando eu lhe pagarei,

cantam os sinos de Old Bailey

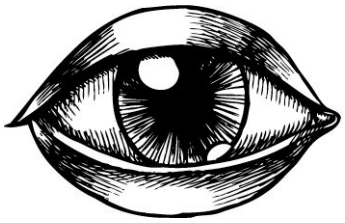
Um dia serei rico, acredite,

cantam os sinos de Shoreditch

– Você conhece o último verso!

– Sim, conheço. E agora, receio que esteja na hora de você partir. Mas espere. É melhor eu lhe dar um daqueles tabletes.

Enquanto Winston se levantava, O'Brien estendeu o braço. O aperto forte esmagou os ossos da mão de Winston. À porta, ele olhou para trás, mas O'Brien já parecia estar no processo de expulsá-lo da mente. Aguardava sua saída com a mão no interruptor que controlava a teletela. Além dele, Winston conseguia ver a escrivaninha com a luz esverdeada e a falaescreve e as lixeiras de arame transbordando de papéis. O episódio estava encerrado. Dali a trinta segundos, ocorreu-lhe, O'Brien retomaria o importante trabalho em benefício do Partido, interrompido momentaneamente.



Capítulo 9

Winston estava mole de cansaço. Mole era a palavra certa. Tinha surgido espontaneamente em sua cabeça. Seu corpo parecia ter não só a fraqueza de uma geleia, mas sua translucidez. Sentia que, se erguesse a mão, seria capaz de ver a luz através dela. Todo o sangue e toda a linfa tinham sido drenados para fora dele por uma enorme orgia de trabalho, deixando apenas uma frágil estrutura de nervos, ossos e pele. Todas as sensações pareciam intensificadas. O macacão pinicava seus ombros, o calçamento fazia cócegas em seus pés, até o abrir e fechar da mão era um esforço que fazia as juntas ranger.

Trabalhara mais de noventa horas em cinco dias, assim como todo mundo no Ministério. Agora estava tudo acabado e ele não tinha literalmente nada a fazer, nenhum trabalho para o Partido, até a manhã seguinte. Podia passar seis horas no esconderijo e mais nove na própria cama. Lentamente, ao sol brando da tarde, subiu uma rua imunda em direção à loja do senhor Charrington, de olhos atentos às patrulhas, mas irracionalmente convencido de que naquela tarde não havia perigo de alguém o perturbar. A pasta pesada que levava batia contra seus joelhos a cada passo, disparando uma sensação de formigamento na perna. Dentro dela repousava *o livro*, que estava com ele fazia seis dias, e que ele ainda não tinha aberto nem olhado.

No sexto dia da Semana do Ódio, depois das procissões, dos

discursos, dos gritos, da cantoria, das bandeiras, dos cartazes, dos filmes, dos trabalhos em cera, do bater de tambores e guinchar de trombetas, dos passos pesados dos pés em marcha, do triturar das esteiras rolantes dos tanques, do rugido dos aviões em grupo, do disparar de armas – depois de seis dias disso, quando o grande orgasmo vibrava pela proximidade do clímax, e o ódio generalizado contra a Eurásia tinha fervido até a ebulição, em tamanho delírio que, se a multidão pudesse pôr as mãos nos dois mil criminosos de guerra eurasianos que seriam enforcados em público no último dia dos eventos, teria com certeza feito em pedacinhos cada um deles –, bem nesse momento, fora anunciado que a Oceania não estava em guerra com a Eurásia. A Oceania estava em guerra com a Lestásia. A Eurásia era aliada.

Claro que ninguém admitiu ter feito alguma mudança. Apenas veio a público, de repente e em todos os lugares ao mesmo tempo, que a Lestásia era o inimigo, e não a Eurásia. Winston participava de uma manifestação em uma das praças centrais de Londres quando isso aconteceu. Era noite, e os rostos brancos e as bandeiras escarlate estavam furiosamente iluminados. A praça continha milhares de pessoas, incluindo um bloco de aproximadamente mil crianças em idade escolar usando o uniforme dos Espiões. Em um púlpito forrado de tecido escarlate plissado, um orador do Núcleo do Partido, homem baixo e magro, com longos braços desproporcionais e um crânio grande, careca, do qual pendiam umas poucas mechas cacheadas, discursava para a multidão. Figura miúda como o duende Rumpelstiltskin, contorcido de ódio, ele apertava o microfone com uma das mãos enquanto a outra, enorme na ponta do braço ossudo, esforçava-se para pegar o ar acima de sua cabeça. Sua voz, sintetizada pelos amplificadores, despejava um catálogo interminável de

atrocidades, massacres, deportações, saques, estupros, tortura de prisioneiros, bombardeio de civis, notícias falsas, agressões injustas, tratados desrespeitados. Era quase impossível ouvi-lo sem se sentir, primeiro, convencido e depois, enlouquecido. A cada momento, a fúria da multidão aumentava e a voz do orador era abafada pelo rugido bestial que se elevava incontrolavelmente de milhares de gargantas. Os berros mais selvagens vinham das crianças. O discurso prosseguia há talvez vinte minutos quando um mensageiro correu para o púlpito e um pedaço de papel foi discretamente enfiado na mão do orador. Ele desenrolou e leu sem fazer uma só pausa. Nada se alterou em sua voz ou em seus modos ou no conteúdo do que dizia, mas os nomes eram diferentes. Sem que palavras fossem ditas, uma onda de entendimento perpassou a multidão. A Oceania estava em guerra com a Lestásia! No momento seguinte, houve uma comoção tremenda. As bandeiras que decoravam a praça estavam todas erradas! Ao menos metade delas exibia os rostos errados. Era sabotagem! Os agentes de Goldstein estavam trabalhando! Houve um interlúdio turbulento enquanto cartazes eram arrancados dos muros, bandeiras eram retalhadas e esmagadas sob pés. Os Espiões executaram prodígios na atividade de subir aos telhados e cortar as flâmulas que voejavam das chaminés. Mas em dois ou três minutos tudo acabou. O orador, ainda apertando o microfone, os ombros curvados para a frente, a mão livre agarrando o ar, prosseguia inabalável com o discurso. Mais um minuto e os rugidos ferozes de raiva explodiam de novo da multidão. O ódio continuava exatamente como antes; apenas o alvo tinha sido alterado.

O que impressionou Winston, quando olhou para trás, era que o orador tinha mudado de uma linha para a seguinte no meio de uma frase, não apenas sem pausa, mas sem

interromper a sintaxe. No momento, porém, ele tinha outras coisas com que se preocupar. Foi durante o momento de revolta, enquanto os cartazes eram rasgados, que um homem cujo rosto ele não viu deu um tapinha em seu ombro e disse:

– Com licença, acho que você deixou cair sua pasta.

Winston a pegou distraidamente, sem falar. Sabia que levaria dias até que tivesse uma oportunidade de olhar lá dentro. No instante em que a demonstração acabou, ele foi diretamente para o Ministério da Verdade, embora já fossem quase vinte e três horas. A equipe toda do Ministério tinha feito o mesmo. As ordens que já saíam da teletela, chamando-os a seus postos, nem eram mais necessárias.

A Oceania estava em guerra com a Lestásia – na verdade, sempre estivera. Grande parte da literatura política dos cinco anos anteriores estava completamente obsoleta. Relatórios e registros de todos os tipos, jornais, livros, panfletos, filmes, trilhas sonoras, fotografias, tudo precisava ser retificado à velocidade da luz. Embora nenhuma instrução tivesse sido emitida, era sabido que os chefes do Departamento pretendiam que, em uma semana, nenhuma referência à guerra com a Eurásia, ou à aliança com a Lestásia, restasse em lugar nenhum. O trabalho era esmagador, tanto mais porque os processos envolvidos não podiam ser chamados por seus nomes verdadeiros. Todo mundo no Departamento de Registros trabalhou dezoito horas a cada vinte e quatro, com intervalos de duas ou três horas de sono. Colchões foram trazidos dos porões e dispostos nos corredores; refeições consistindo de sanduíches e Café Vitória foram servidas em carrinhos por atendentes da cantina. Cada vez que Winston interrompia o trabalho para um de seus intervalos de sono, tentava deixar a mesa limpa e sem trabalho, e a cada vez que se arrastava de volta, com os olhos grudentos e doloridos,

descobria que outra chuva de papéis caíra sobre a mesa como neve, soterrando parcialmente a falaescreve e transbordando para o chão, de modo que o primeiro passo era sempre arrumar tudo em uma pilha organizada o suficiente para lhe dar espaço para trabalhar. O pior de tudo era que o trabalho não era de forma nenhuma puramente mecânico. Com frequência dava para apenas substituir um nome por outro, mas cada registro detalhado dos eventos exigia cuidado e criatividade. Até mesmo o conhecimento de geografia de que uma pessoa precisava para transferir a guerra de uma parte do mundo para outra era considerável.

No terceiro dia, seus olhos doíam insuportavelmente, e os óculos precisavam ser limpos a cada poucos minutos. Era como enfrentar uma tarefa física extenuante, algo que uma pessoa tinha o direito de recusar, mas que, apesar disso, se sentia neuroticamente ansiosa por concluir. Na medida em que teve tempo para se lembrar do fato, ele não se incomodava que cada palavra murmurada na falaescreve e cada golpe de sua caneta fosse uma mentira deliberada. Estava tão ansioso quanto os outros do Departamento para que a falsificação ficasse perfeita. Na manhã do sexto dia, a torrente dos cilindros foi aliviada. Por até trinta minutos, nada saiu do tubo; depois veio mais um cilindro, depois nada. Em todos os lugares, aproximadamente ao mesmo tempo, o trabalho diminuía. Um suspiro profundo e, como precisava ser, secreto percorreu o Departamento. Um feito notável, que jamais poderia ser mencionado, tinha sido alcançado. Agora, era impossível a qualquer ser humano provar, por evidência documental, que a guerra com a Eurásia tivesse acontecido. Às doze horas, foi inesperadamente anunciado que todos os trabalhadores do Ministério estavam liberados até a manhã seguinte. Winston, ainda carregando a pasta contendo *o livro*,

que tinha permanecido entre seus pés enquanto ele trabalhava e sob seu corpo enquanto dormia, foi para casa, fez a barba e quase adormeceu no banho, embora a água estivesse pouco mais que morna.

Com um impulso de ânimo, subiu a escada para a parte superior da loja do senhor Charrington. Estava cansado, mas já não tinha sono. Abriu a janela, acendeu o pequeno fogareiro sujo e pôs uma panela de água para o café. Júlia chegaria dali a pouco; enquanto isso, havia *o livro*. Ele se acomodou na poltrona desmazelada e abriu as tiras da pasta.

Um volume preto e pesado, rusticamente encadernado, sem nome nem título na capa. A impressão também parecia ligeiramente irregular. As páginas estavam gastas nos cantos e soltavam com facilidade, como se o livro tivesse passado por muitas mãos. A inscrição na folha de rosto dizia:

A TEORIA E A PRÁTICA

DO COLETIVISMO OLIGÁRQUICO

de

EMMANUEL GOLDSTEIN

Winston começou a ler.

Capítulo 1

IGNORÂNCIA É FORÇA

Ao longo de todo o tempo registrado, e provavelmente desde o fim do Período Neolítico, existem três grupos humanos no mundo: os Altos, os Médios e os Baixos. Eles foram subdivididos de muitos modos, receberam vários nomes diferentes, e sua quantidade, assim como suas atitudes de convivência, variaram de época a época; mas a estrutura principal da sociedade nunca se alterou. Mesmo

depois de enormes convulsões e de mudanças aparentemente irrevogáveis, o mesmo padrão sempre se restabeleceu, assim como um giroscópio sempre volta ao equilíbrio, não importa quanto seja inclinado para um lado ou para outro.

Os objetivos desses grupos são totalmente incompatíveis.

Winston parou de ler, principalmente para desfrutar do fato de que *estava* lendo, em conforto e segurança. Encontrava-se sozinho: nenhuma teletela, nenhuma orelha na fechadura, nenhum impulso nervoso de espiar por cima dos ombros ou cobrir a página com a mão. A brisa suave do verão soprava em seu rosto. De algum lugar ao longe vinham gritos fracos de crianças; no quarto propriamente dito não havia nenhum som, exceto o zunido do relógio. Ele afundou mais na poltrona e pôs os pés no anteparo da lareira. Era uma bênção, era a eternidade. De repente, como as pessoas às vezes fazem com um livro que, em última instância, sabem que vão ler e reler, ele o abriu em um lugar diferente e caiu no terceiro capítulo. Prosseguiu na leitura:

Capítulo 3

GUERRA É PAZ

A divisão do mundo em três grandes superestados era um evento que poderia ser antevisto, e de fato foi, antes da metade do século XX. Com a absorção da Europa pela Rússia e do Império Britânico pelos Estados Unidos, duas das três potências estabelecidas hoje, Eurásia e Oceania, passaram a existir. A terceira, a Lestásia, só emergiu como unidade distinta depois de mais uma década de lutas confusas. As fronteiras entre os três superestados são arbitrárias em alguns pontos e, em outros, flutuam ao sabor dos acasos da guerra, mas no geral acompanham os limites

geográficos. A Eurásia compreende toda a parte norte dos continentes europeu e asiático, desde Portugal até o Estreito de Bering. A Oceania compreende as Américas, as ilhas do Atlântico, incluindo as britânicas, Australásia e a porção sul da África. A Lestásia, menor do que as outras e com uma fronteira oeste menos definida, compreende a China e os países ao sul dela, com as ilhas japonesas e uma porção grande, porém instável, da Manchúria, da Mongólia e do Tibete.

Em uma combinação ou outra, esses três superestados vêm guerreando de modo permanente nos últimos vinte e cinco anos. A guerra, entretanto, já não é a luta desesperada e aniquiladora que foi nas primeiras décadas do século XX. É um confronto de objetivos limitados entre combatentes incapazes de se destruir mutuamente, não têm uma causa material pela qual lutar e não se dividem por nenhuma diferença ideológica genuína. Isso não é dizer que a condução da guerra, ou a atitude predominante em relação a ela, tenha se tornado menos sanguinária ou mais diplomática. Ao contrário, a histeria é contínua e universal em todos os países, assim como estupro e saques, massacre de crianças, redução de populações inteiras à condição de escravos e represálias contra prisioneiros, que chegam ao ponto de carbonizá-los e enterrá-los vivos. Essas são atitudes vistas como normais e, quando cometidas pelo nosso lado e não pelo inimigo, meritórias. Mas, no aspecto físico, a guerra envolve um contingente muito pequeno, com a maioria sendo especialistas altamente treinados, e provoca relativamente poucas baixas. Os combates, quando ocorrem, são em fronteiras remotas cuja localização o homem médio mal adivinha, ou ao redor da Fortaleza Flutuante, que vigia pontos estratégicos em trechos

marinhos. Nos centros urbanos, a guerra não acarreta mais do que uma carência contínua de bens de consumo e a queda ocasional de uma bomba, que pode causar umas poucas mortes. Na verdade, o caráter da guerra mudou. Mais exatamente, as razões pelas quais a guerra é empreendida mudaram em ordem de importância. Motivos que, em alguma pequena medida, já estavam presentes nas grandes guerras do início do século XX, agora se tornaram dominantes, são reconhecidos conscientemente e a eles se reage de acordo.

Para entender a natureza da guerra atual – pois, a despeito dos reagrupamentos que ocorrem a cada poucos anos, trata-se sempre da mesma guerra –, deve-se compreender em primeiro lugar que é impossível torná-la decisiva. Nenhum dos três superestados poderia ser conquistado em definitivo, nem mesmo se os outros dois se unissem. Os três são muito equivalentes, e suas defesas naturais, igualmente temíveis. A Eurásia é protegida pelo território vasto. A Oceania, pela largura do Atlântico e do Pacífico; a Lestásia, pela fecundidade e pela diligência de seus habitantes. Em segundo lugar, no aspecto material, já não existe pelo que lutar. Com o estabelecimento de economias autônomas, nas quais a produção e o consumo são direcionados um ao outro, a disputa por mercados, que era uma causa importante das guerras anteriores, chegou ao fim, ao passo que a competição por matérias-primas não é mais uma questão de vida ou morte. De todo modo, cada um dos três superestados é tão vasto que pode obter dentro das próprias fronteiras quase todos os materiais de que precisa. Na medida em que a guerra tem um propósito econômico direto, trata-se de uma guerra por força de trabalho. Entre as fronteiras dos superestados, e sem

pertencer definitivamente a nenhum deles, existe um quase quadrilátero cujos cantos ficam em Tânger, Brazzaville, Darwin e Hong Kong, e que contém cerca de um quinto da população da Terra. É pela posse dessas regiões densamente povoadas, e pela calota de gelo do norte, que as três potências estão constantemente lutando. Na prática, nenhuma delas sozinha jamais controlaria a totalidade da área em disputa. Partes dela estão sempre em transição de governo, e é a oportunidade de dominar este ou aquele pedaço, por meio de um ataque súbito ou de uma traição, que determina as infindáveis mudanças de alinhamento.

Todos os territórios disputados contêm minerais valiosos e alguns deles produzem insumos vegetais importantes, tais como a borracha, que em climas mais frios precisa ser sintetizada por meios relativamente caros. Acima de tudo, no entanto, eles possuem reservas sem fim de mão de obra barata. Qualquer potência que controle a África equatorial ou os países do Oriente Médio, ou o sul da Índia, ou o arquipélago indonésio, vai dispor também dos corpos de centenas de milhões de operários mal remunerados e muito trabalhadores. Os habitantes dessas áreas, reduzidos praticamente à condição de escravos, passam continuamente de conquistador a conquistador, e são gastos tanto quanto carvão ou petróleo na corrida para fabricar mais armamentos, para dominar mais territórios, para controlar mais força de trabalho, para fabricar mais armamentos, para dominar mais territórios e assim sucessivamente. Deve-se observar que os conflitos nunca avançam de fato para além das bordas das áreas disputadas. As fronteiras da Eurásia oscilam entre a bacia do Rio Congo e a costa norte do Mediterrâneo; as ilhas do Oceano Índico e do Pacífico estão constantemente dominadas e

empossadas pela Oceania ou pela Lestásia; na Mongólia, a linha que divide a Eurásia e a Lestásia nunca é estável; ao redor do Polo, todas as três potências alegam possuir territórios enormes que, de fato, são amplamente inabitados e não explorados; mas o equilíbrio de forças permanece relativamente equiparado, e o território que constitui o núcleo rígido de cada superestado continua sempre blindado. Além disso, o trabalho dos povos explorados ao redor do Equador não é realmente necessário à economia mundial. Nada acrescentam à riqueza do mundo, uma vez que tudo o que produzem é usado para propósitos de guerra, e o objetivo de empreender uma guerra é sempre estar em uma posição melhor para empreender outra. Por meio de seu trabalho, as populações escravizadas permitem que a velocidade dos conflitos aumente. Porém, se esses povos não existissem, a estrutura da sociedade mundial, e o processo pelo qual ela se mantém, não seria tão diferente.

O objetivo primordial da guerra moderna (de acordo com os princípios do *duplopensar*, esse objetivo é simultaneamente reconhecido e não reconhecido pelos cérebros dirigentes do Núcleo do Partido) é consumir a produção da máquina sem com isso elevar o padrão geral de vida. Desde o fim do século XIX, o problema do que fazer com o excesso dos bens de consumo é latente na sociedade industrial. No momento, quando poucos seres humanos têm o suficiente para comer, esse problema não é urgente e talvez nunca tivesse se tornado, mesmo que nenhum processo artificial de destruição tivesse sido posto em prática. O mundo de hoje é um lugar saqueado, seco e arruinado na comparação com o mundo que existia antes de 1914, e mais ainda se comparado ao futuro imaginário

pelo qual as pessoas daquele período ansiavam. No início do século XX, a visão de uma sociedade futura incrivelmente rica, desocupada, ordeira e eficiente (um mundo antisséptico reluzente de vidro, aço e concreto branco como a neve) era parte da consciência de praticamente toda pessoa letrada. A ciência e a tecnologia estavam se desenvolvendo a uma velocidade incrível e parecia natural supor que continuaria assim. Isso não ocorreu, em parte, em razão do empobrecimento causado por uma longa série de guerras e revoluções e, em parte, porque o progresso científico e tecnológico dependia do hábito do pensamento empírico, o qual não poderia sobreviver em uma sociedade estritamente ordenada. Como um todo, o mundo é mais primitivo hoje do que era há cinquenta anos. Certas áreas remotas avançaram, e diversos dispositivos, sempre de algum modo relacionados à guerra e à espionagem policial, foram desenvolvidos, mas o experimento e a invenção foram em larga medida interrompidos, e a devastação da guerra atômica dos anos 1950 nunca foi totalmente compensada. Ainda assim, os riscos inerentes à máquina persistem. Desde o momento em que a máquina fez sua primeira aparição, ficou claro para todas as pessoas pensantes que a necessidade da labuta humana, e, portanto, em grande medida, a necessidade da desigualdade humana, tinha desaparecido. Se a máquina fosse usada deliberadamente para esse fim, a fome, o excesso de trabalho, a sujeira, o analfabetismo e a doença poderiam ser eliminados no intervalo de algumas gerações. E de fato, mesmo sem ser empregada com algum desses propósitos, e sim em uma espécie de processo automático, produzindo uma riqueza que algumas vezes foi impossível não distribuir, a máquina elevou significativamente os padrões de vida do ser humano

médio durante cerca de cinquenta anos, no final do século XIX e início do XX.

Mas ficou claro também que um aumento generalizado da riqueza ameaçava destruir a sociedade de hierarquias (de fato, em certo sentido, era sua destruição). Em um mundo no qual todos trabalhassem poucas horas, tivessem o suficiente para comer, morassem em uma casa com banheiro e geladeira, tivessem um carro ou até um avião, a forma mais óbvia de desigualdade, e talvez a mais importante, já teria sumido. Caso se tornasse generalizada, a riqueza já não iria conferir distinção. Seria possível, sem dúvida, imaginar uma sociedade na qual a *riqueza*, no sentido de posses e luxos individuais, fosse distribuída igualmente, enquanto o *poder* permanecesse nas mãos de uma pequena casta privilegiada. Mas, na prática, uma sociedade assim não seria estável por muito tempo. Pois, se o lazer e a segurança fossem desfrutados por todos da mesma forma, a grande massa de seres humanos que normalmente é tornada estúpida pela pobreza seria letrada e aprenderia a pensar por si mesma; e, ao fazer isso, cedo ou tarde perceberia que a minoria privilegiada não tem função, e acabaria com ela. No longo prazo, uma sociedade hierarquizada só seria possível com base em pobreza e ignorância. Voltar ao passado agrícola, como alguns pensadores do início do século XX sonhavam fazer, não era uma solução viável, pois colidia com uma tendência à mecanização que havia se tornado quase instintiva praticamente no mundo todo; além disso, todo país tecnologicamente ultrapassado se tornava vulnerável do ponto de vista militar e estava fadado a se submeter, direta ou indiretamente, a seus rivais mais avançados.

Tampouco era uma solução satisfatória manter as massas

na pobreza pela restrição à produção de bens. Isso aconteceu em grande medida na fase final do capitalismo, aproximadamente entre 1920 e 1940. Permitiu-se que a economia de alguns países estagnasse, a terra ficou sem cultivo, não houve acréscimo de bens de capital, grandes parcelas da população foram impedidas de trabalhar e mantidas em modo de sobrevivência pela caridade do Estado. Mas isso também implicava vulnerabilidade militar e, uma vez que as privações infligidas eram obviamente desnecessárias, a oposição se tornou inevitável. O problema era manter as rodas da indústria girando, sem aumentar a riqueza real do mundo. Bens devem ser produzidos, mas não distribuídos. E, na prática, o único modo de alcançar isso era pelo estado contínuo de guerra.

O ato essencial da guerra é a destruição, não necessariamente de vidas humanas, mas dos produtos do trabalho humano. É um modo de estilhaçar, ou lançar na atmosfera, ou jogar nas profundezas do mar, materiais que poderiam ser usados para deixar as massas muito confortáveis e assim, no longo prazo, inteligentes demais. Mesmo quando as armas de guerra não são de fato destruídas, sua fabricação ainda é um modo conveniente de gastar força de trabalho sem produzir nada que possa ser consumido. Uma Fortaleza Flutuante, por exemplo, contém em si um trabalho que teria construído uma centena de navios de carga. Em última análise, ela é sucateada até a obsolescência sem jamais ter trazido nenhum benefício material a ninguém, e com grandes esforços uma futura Fortaleza Voadora é construída. Em princípio, o esforço de guerra é sempre planejado de maneira a consumir todo excedente que possa existir depois que as parcas necessidades da população forem satisfeitas. Na prática, as

necessidades da população são sempre subestimadas, resultando em uma carência crônica de metade das necessidades da vida; mas isso é visto como uma vantagem. É uma política deliberada manter até mesmo os grupos favorecidos em algum ponto próximo da dificuldade, porque um estado geral de escassez aumenta a importância dos pequenos privilégios e assim amplia a diferença entre um grupo e outro. Pelos padrões do início do século XX, até um membro do Núcleo do Partido leva um tipo de vida ostensivo e elaborado. Mesmo assim, os poucos luxos de que ele desfruta, o apartamento amplo e bem equipado, o tecido fino de suas roupas, a alta qualidade de sua comida, bebida e tabaco, seus dois ou três empregados, seu carro ou helicóptero particular, o posicionam em um mundo diferente daquele de um membro das Margens do Partido, e os membros das Margens do Partido têm uma vantagem semelhante em comparação às massas submersas que nós chamamos de "proletas". A atmosfera social é a de uma cidade sitiada, em que a posse de um pedaço de carne de cavalo marca a diferença entre a riqueza e a pobreza. Ao mesmo tempo, a consciência de estar em guerra, portanto em perigo, faz a transferência de poder para uma pequena casta parecer uma condição de sobrevivência natural, inevitável.

A guerra, conforme será mostrado, não apenas executa a destruição necessária, mas o faz de um modo psicologicamente aceitável. Em princípio, seria bastante simples desperdiçar o trabalho excedente do mundo na construção de templos e pirâmides, cavando buracos e depois os preenchendo de novo, ou mesmo produzindo vastas quantidades de bens e depois os incinerando. Mas isso apenas forneceria a base econômica, e não a

emocional, para uma sociedade hierarquizada. O que está em questão não é a moral das massas, cuja atitude é sem importância desde que continuem firmes no trabalho, mas a moral do próprio Partido. Mesmo do mais humilde membro do Partido espera-se que seja competente, trabalhador e até inteligente, dentro de certos limites estreitos, mas é necessário também que ele seja um fanático crédulo e ignorante, cujos humores predominantes sejam medo, ódio, bajulação e êxtase quase de uma orgia. Em outras palavras, é necessário que ele tenha a mentalidade adequada a um estado de guerra. Não importa se a guerra está de fato acontecendo e, uma vez que nenhuma vitória decisiva é possível, não importa se a guerra está indo bem ou mal – basta que exista um estado de guerra. A fragmentação da inteligência, que o Partido demanda de seus membros e que é mais facilmente atingível em uma atmosfera de guerra, é agora quase universal, mas, quanto mais alto se sobe no escalão, mais acentuada ela se torna. É precisamente no Núcleo do Partido que a histeria de guerra e o ódio ao inimigo são mais fortes. Em sua função como administrador, é frequentemente necessário que um membro do Núcleo do Partido saiba que este ou aquele tópico do noticiário de guerra é inverídico, e ele pode ter ciência de que a guerra toda é espúria e que ou não está acontecendo, ou está sendo empreendida por propósitos diferentes daqueles que são declarados; mas tal ciência é neutralizada pela técnica do duplopensar. Enquanto isso, nenhum membro do Núcleo do Partido hesita nem por um instante em sua crença mística de que a guerra é real e que está fadada a terminar vitoriosamente, com a Oceania como soberana absoluta do mundo todo.

Todos os membros do Núcleo do Partido acreditam nessa conquista vindoura com uma fé inabalável. Ela será atingida ou gradualmente tomará mais e mais territórios, até alcançar um poder avassalador, ou pela descoberta de alguma arma nova, pela qual ninguém possa se responsabilizar. A busca por novas armas continua ininterruptamente e é uma das poucas atividades restantes em que a mente do tipo inventivo ou especulativo pode encontrar alguma via de escape. Em Novidioma, não existe palavra para "ciência". O método empírico de pensamento, no qual todas as conquistas científicas do passado se fundam, é oposto à maioria dos princípios fundamentais do Socing. Mesmo o progresso tecnológico só acontece quando os produtos que gera podem ser de alguma forma usados para a diminuição da liberdade humana. Em todas as artes úteis, o mundo está ou estagnado ou retrocedendo. Os campos são cultivados por arados puxados a cavalo, enquanto livros são escritos por máquinas. Mas em assuntos de importância vital, ou seja, de fato, a guerra e a espionagem policial, a abordagem empírica ainda é incentivada, ou ao menos tolerada. Os dois objetivos do Partido são conquistar toda a superfície da Terra e extinguir de uma vez por todas as possibilidades de pensamento independente. Existem, portanto, dois grandes problemas que o Partido está preocupado em resolver. Um é descobrir o que um ser humano está pensando, mesmo contra a vontade dele, e o outro é como matar várias centenas de milhões de pessoas em alguns poucos segundos sem dar o alarme antes. Na medida em que ainda existe pesquisa científica, é deste tema que ela se ocupa. O cientista de hoje é ou uma mistura de psicólogo e interrogador, que estuda com minúcia extraordinária o significado de expressões faciais, gestos e tons de voz, e testa o efeito de

drogas, terapias de choque, hipnose e tortura física na produção de verdades; ou ele é um químico, físico ou biólogo preocupado apenas com as ramificações de sua área principal que tenham relevância na eliminação da vida. Nos vastos laboratórios do Ministério da Paz, em estações experimentais escondidas nas florestas brasileiras ou no deserto australiano ou perdidas em ilhas da Antártica, equipes de especialistas se dedicam, incansáveis, ao trabalho. Algumas se ocupam simplesmente do planejamento logístico das guerras futuras; outras criam bombas cada vez maiores, explosivos cada vez mais poderosos, armaduras cada vez mais impenetráveis; outras pesquisam gases novos e mais letais ou venenos solúveis que possam ser produzidos em quantidades suficientes para destruir toda a vegetação de continentes inteiros ou segmentos de germes imunizados contra todos os anticorpos possíveis; outras lutam para produzir veículos que se moverão como um submarino na água subterrânea ou um avião tão independente de sua base quanto um navio de cruzeiro; outras exploram possibilidades ainda mais remotas, tais como direcionar os raios solares através de lentes suspensas a milhares de quilômetros no espaço ou produzir terremotos e maremotos artificiais pela manipulação do calor do centro da Terra.

Mas nenhum desses projetos jamais chega nem perto da realização e nenhum dos três superestados jamais conquista uma vantagem significativa sobre os outros. O mais notável é que todas as três potências já possuem, na bomba atômica, uma arma muito mais poderosa do que outras que as atuais pesquisas provavelmente vão descobrir. Embora o Partido, conforme seu hábito, reivindique a invenção para si, bombas atômicas

apareceram bem antes, nos anos 1940, e foram usadas pela primeira vez cerca de dez anos depois. Na época, algumas centenas de bombas foram lançadas em centros industriais, principalmente na Rússia Europeia, Europa Oriental e América do Norte. O efeito foi convencer os grupos dominantes de todos os países de que mais algumas bombas atômicas significariam o fim da sociedade organizada e, portanto, do poder deles. Depois disso, embora nenhum acordo formal tenha sido feito ou insinuado, nenhuma outra bomba foi lançada. As três potências apenas continuam a produzir bombas atômicas e a estocá-las para o momento decisivo, que todas elas acreditam que virá, mais cedo ou mais tarde. Enquanto isso, a arte da guerra permaneceu quase estacionária por trinta ou quarenta anos. Helicópteros são mais usados do que eram antes, aviões bombardeiros foram amplamente substituídos por artilharia automática, o frágil navio de guerra móvel cedeu lugar à quase invulnerável Fortaleza Voadora; mas, fora isso, houve pouco avanço. O tanque, o submarino, o torpedo, a metralhadora, até o rifle e a granada de mão, ainda estão em uso. E, apesar dos infindáveis massacres relatados na imprensa e nas teletelas, as batalhas desesperadas das guerras de antes, em que centenas de milhares ou mesmo milhões de homens eram com frequência mortos em poucas semanas, nunca mais se repetiram.

Nenhum dos três superestados jamais tenta alguma manobra que envolva o risco de uma derrota comprometedora. Quando uma operação de grande porte ocorre, em geral é um ataque surpresa contra um aliado. A estratégia que as três potências seguem, ou fingem seguir, é a mesma. O plano é, por uma combinação de lutas,

negociação e atos de traição no momento certo, estabelecer uma aliança de bases que alcance completamente um ou outro dos estados rivais, e então assinar um pacto de amizade com ele e manter a paz por quantos anos forem necessários para que a desconfiança se dissolva. Durante esse período, foguetes carregados com bombas atômicas podem ser montados em todos os pontos estratégicos; por fim, todos serão disparados simultaneamente, com efeitos tão devastadores que toda retaliação se torna impossível. Será então a hora de assinar um pacto de amizade com a potência mundial restante, em preparação para outro ataque. Esse esquema, infelizmente é necessário dizer, é um mero devaneio, uma utopia. Além do mais, nenhum combate jamais ocorre além das áreas disputadas ao redor do Equador e no Polo: nenhuma invasão do território inimigo jamais ocorre. Isso explica o fato de, em alguns lugares, as fronteiras entre os superestados serem arbitrárias. A Eurásia, por exemplo, poderia facilmente conquistar as Ilhas Britânicas, que geograficamente fazem parte da Europa, ou, em contrapartida, seria possível à Oceania empurrar suas fronteiras até o Rio Reno ou mesmo até o Rio Vístula. Porém, isso violaria o princípio, seguido por todos os lados, mas nunca formulado, da integridade cultural. Se a Oceania conquistasse as áreas antes conhecidas como França e Alemanha, seria necessário exterminar os habitantes, uma tarefa de grande dificuldade, ou incorporar uma população de cerca de cem milhões de pessoas que, em relação ao desenvolvimento técnico, estão aquém do nível da Oceania. O problema é o mesmo para os três superestados. É absolutamente necessário para a estrutura deles que não haja contato com estrangeiros, exceto, em pequena medida, com prisioneiros de guerra e negros escravizados. Mesmo o aliado oficial do

momento é sempre considerado com a mais alta suspeita. Prisioneiros de guerra à parte, o cidadão comum da Oceania jamais põe os olhos em um cidadão da Eurásia nem da Lestásia, e lhe é proibido conhecer outros idiomas. Se lhe fosse permitido contato com estrangeiros, ele descobriria que são criaturas semelhantes a si e que a maior parte do que lhe contaram é mentira. O mundo fechado no qual vive sofreria rupturas, e o medo, o ódio e a indignação que fundamentam sua moralidade poderiam evaporar. Assim, todos os lados perceberam que, independentemente de quantas vezes a Pérsia ou o Egito ou Java ou o Ceilão troquem de líderes, as fronteiras principais nunca devem ser cruzadas por nada além de bombas.

Atrelado a isso está um fato jamais mencionado publicamente, mas compreendido e aceito por todos: as condições de vida em todos os três superestados são basicamente as mesmas. Na Oceania, a filosofia predominante se chama Socing, na Eurásia se chama Neobolchevismo e na Lestásia tem um nome chinês, em geral traduzido como Culto à Morte, mas talvez mais representado como Obliteração do Eu. O cidadão da Oceania não tem permissão para conhecer nenhum princípio das outras duas filosofias, mas é ensinado a execrá-las como violações bárbaras da moralidade e do senso comum. Na realidade, as três filosofias são muito parecidas, e os sistemas sociais que elas sustentam não são distinguíveis em absoluto. Em todos os lugares existe a mesma estrutura piramidal, a mesma adoração a um líder semidivino, a mesma economia a favor do estado permanente de guerra. Disso decorre que os três superestados, além de não conseguirem conquistar um ao outro, também não obteriam vantagem nenhuma se

conseguissem. Ao contrário: enquanto permanecem em conflito, apoiam-se mutuamente como três espigas de milho. E, como sempre, os grupos dominantes das três potências estão ao mesmo tempo conscientes e inconscientes do que fazem. Suas vidas são dedicadas à conquista do mundo, mas eles sabem também que é necessário continuar a guerra para sempre e sem vitória. Enquanto isso, o fato de *não* haver perigo real de conquista torna possível a negação da realidade, que é o atributo principal do Socing e de seus sistemas de pensamento rivais. Aqui, é preciso repetir o que foi feito antes: ao se tornar contínua, a guerra mudou fundamentalmente de caráter.

Nos tempos antigos, uma guerra, quase por definição, era algo que cedo ou tarde terminava, geralmente com uma vitória ou uma derrota. No passado, a guerra também era um dos principais instrumentos pelos quais as sociedades humanas eram mantidas em contato com a realidade. Os governantes de todas as épocas tentaram impor aos seus seguidores uma falsa visão do mundo, mas não podiam se dar ao luxo de incentivar uma ilusão que tendesse a prejudicar a eficiência militar. Enquanto a derrota significasse perda de independência, ou algum outro resultado geralmente considerado indesejável, as precauções contra a derrota precisavam ser consistentes. Fatos não podiam ser ignorados. Na filosofia, na religião, na ética ou na política, dois e dois podem ser cinco, mas, quando se está projetando uma arma ou um avião, dois e dois precisavam ser quatro. Nações ineficientes eram conquistadas cedo ou tarde, e a luta por eficiência era inimiga das ilusões. Além disso, para ser eficiente era necessário ser capaz de aprender com o passado, o que

significava ter uma ideia relativamente precisa do que tinha acontecido. Jornais e livros de História eram, claro, sempre imprecisos e tendenciosos, mas a falsificação do tipo praticado hoje teria sido impossível. A guerra era um refúgio seguro da sanidade e, no que dizia respeito às classes dominantes, com certeza a mais importante de todas as salvaguardas. Enquanto as guerras pudessem ser vencidas ou perdidas, nenhuma classe dominante poderia ser totalmente irresponsável.

No entanto, quando uma guerra se torna literalmente contí-nua, deixa de ser perigosa, já que não existe algo como a necessidade militar. O progresso técnico pode cessar, e os fatos mais palpáveis podem ser negados ou desconsiderados. Como vimos, pesquisas que poderiam ser chamadas de científicas ainda são conduzidas para os propósitos da guerra, mas são essencialmente um tipo de devaneio, e seu fracasso em apresentar resultados não importa. A eficiência, mesmo a militar, não é mais necessária. Nada é eficiente na Oceania a não ser a Polícia do Pensamento. Uma vez que cada um dos três superestados seja inconquistável, cada um é, na prática, um universo separado, dentro do qual quase toda perversão do pensamento pode ser praticada em segurança. A realidade só exerce pressão por meio das necessidades da vida cotidiana: comer e beber, ter abrigo e roupas, evitar engolir veneno ou pisar para fora de uma janela de um andar alto e outras semelhantes. Entre a vida e a morte, e entre o prazer e o sofrimento físico, ainda existe uma distinção, mas é só. Interrompa o contato com o mundo externo, e com o passado, e o cidadão da Oceania é como um homem no espaço interestelar, que não tem meios de saber qual direção é acima e qual é abaixo. Os governantes de um

Estado como esse são absolutistas como os faraós e os césares não puderam ser. São obrigados a impedir que muitos seguidores morram de fome a ponto de o caso se tornar inconveniente, e são obrigados a permanecer no mesmo nível baixo de técnica militar dos rivais; porém, uma vez que esse mínimo seja atingido, podem distorcer a realidade no formato que escolherem.

A guerra, portanto, se a julgarmos pelos padrões das anteriores, é uma hipocrisia. É como as lutas entre certos animais ruminantes, cujos chifres são posicionados em tal ângulo que eles são incapazes de se ferir. Ela se alimenta do excesso de bens de consumo e ajuda a preservar a atmosfera mental específica que uma sociedade hierárquica exige. A guerra, conforme veremos, é agora um assunto puramente interno. Antigamente, os grupos dominantes de todos os países, embora pudessem reconhecer seu interesse comum e assim limitar a destrutividade da guerra, combatiam de fato um contra o outro, e o vitorioso sempre saqueava o vencido. Atualmente, eles não estão em combate; cada grupo dominante empreende a guerra contra os próprios súditos, e o objetivo não é promover ou impedir a conquista de territórios, e sim manter intacta a estrutura da sociedade. A palavra "guerra", portanto, se tornou enganosa. Seria provavelmente mais exato dizer que, ao se tornar contínua, a guerra deixou de existir. A pressão peculiar que ela exerceu sobre os seres humanos entre o Período Neolítico e o início do século XX desapareceu e foi substituída por outra coisa, muito diferente. O efeito seria praticamente o mesmo se os três superestados, em vez de lutar um contra o outro, concordassem em viver em paz permanente, cada um inviolável dentro das próprias fronteiras. Pois, nesse caso,

> cada um ainda seria um universo autônomo, liberto para sempre da influência incômoda do perigo externo. Uma paz que fosse verdadeiramente perpétua seria o mesmo que uma guerra perpétua. E isso, embora a vasta maioria dos membros do Partido só compreenda em um sentido muito raso, é o significado profundo do lema do Partido: GUERRA É PAZ.

Winston pausou a leitura por um momento. Em algum ponto remoto ao longe, uma bomba retumbou. A sensação de alívio por estar sozinho com o livro proibido, em um quarto sem teletela, não tinha diminuído. A solidão e a segurança eram sensações físicas, misturadas de alguma forma com o cansaço do corpo, a maciez da poltrona, o toque da brisa suave que vinha pela janela e roçava seu rosto. O livro o fascinava ou, mais exatamente, o reconfortava. Em certo sentido, não lhe contava nada inédito, mas isso era parte do prazer. O livro dizia o que ele teria dito se lhe tivesse sido possível colocar em ordem seus pensamentos dispersos. Era o produto de uma mente semelhante à sua, porém muitíssimo mais poderosa, mais sistemática e menos dominada pelo medo. Os melhores livros, percebeu, eram os que diziam o que você já sabia. Ele tinha acabado de voltar ao capítulo 1 quando ouviu os passos de Júlia na escada e pulou da poltrona para encontrá-la. Fazia mais de uma semana que não se viam.

– Estou com *o livro* – ele disse, quando desfizeram o abraço.

– Ah, você recebeu? Bom – ela comentou sem muito interesse, e quase no mesmo instante se ajoelhou ao lado do fogareiro para preparar café.

Não voltaram ao assunto até terem ficado na cama por meia hora. A noite estava fresca o suficiente para valer a pena abrir a janela. De baixo chegou o som familiar de cantoria e do

ranger de calçados nas lajotas. A mulher musculosa de antebraços ruivos que Winston tinha visto em sua primeira visita era quase um móvel do pátio. Parecia não haver hora do dia em que ela não marchasse de um lado para outro entre a tina e o varal, alternadamente amordaçando a si mesma com os pregadores de roupa e irrompendo em uma canção melosa. Júlia ocupara seu lado e parecia já a ponto de dormir. Ele alcançou o livro, que estava no chão, e sentou-se apoiado à cabeceira da cama.

– Você tem que ler. Todos os membros da Irmandade precisam ler.

– Você lê – ela disse, de olhos fechados. – Leia em voz alta. É o melhor jeito. Daí você pode ir me explicando enquanto avança.

Os ponteiros do relógio indicavam seis, querendo dizer dezoito. Eles tinham três ou quatro horas à frente. Winston apoiou o livro contra os joelhos e começou a ler:

Capítulo 1

IGNORÂNCIA É FORÇA

Ao longo de todo o tempo registrado, e provavelmente desde o fim do Período Neolítico, existem três grupos humanos no mundo: os Altos, os Médios e os Baixos. Eles foram subdivididos de muitos modos, receberam vários nomes diferentes, e sua quantidade, assim como suas atitudes de convivência, variou de época a época; mas a estrutura principal da sociedade nunca se alterou. Mesmo depois de enormes convulsões e de mudanças aparentemente irrevogáveis, o mesmo padrão sempre se restabeleceu, assim como um giroscópio sempre volta ao equilíbrio, não importa quanto seja inclinado para um lado ou para outro.

– Júlia, você está acordada? – perguntou Winston.

– Sim, meu querido, estou ouvindo. Continue. É maravilhoso.

Ele prosseguiu na leitura:

> Os objetivos desses três grupos são totalmente incompatíveis. O objetivo dos Altos é permanecer onde estão. O objetivo dos Médios é trocar de lugar com os Altos. O objetivo dos Baixos, quando eles o têm (pois é uma característica permanente dos Baixos que eles estejam oprimidos demais pelo trabalho para ter alguma consciência intermitente de qualquer coisa além de suas vidas diárias), é abolir todas as distinções e criar uma sociedade em que os homens sejam iguais. Assim, ao longo da História, uma luta que em linhas gerais é sempre a mesma ocorre de novo e de novo. Por longos períodos, os Altos pareciam estar seguramente no comando, mas cedo ou tarde sempre chega um momento em que eles perdem ou a confiança em si mesmos, ou a capacidade de governar com eficiência, ou as duas coisas. Então são expulsos pelos Médios, que atraem os Baixos para seu lado fingindo lutar por liberdade e justiça. Assim que os Médios conquistam seu objetivo, empurram os Baixos de volta para a antiga posição de servidão, e eles próprios se tornam os Altos. Não demora até que um novo grupo Médio surja de um dos outros grupos ou de ambos, e a luta recomeça. Dos três, só os Baixos nunca alcançam um sucesso nem mesmo temporário na conquista de seus objetivos. Seria um exagero afirmar que ao longo da História não houve algum tipo de progresso material. Mesmo hoje, um período de declínio, o ser humano mediano está fisicamente melhor do que estava poucos séculos atrás. Mas nenhum aumento da prosperidade, nenhuma suavidade nos modos, nenhuma

reforma ou revolução jamais deixou a igualdade um milímetro mais perto. Do ponto de vista dos Baixos, nenhuma mudança histórica significou muita coisa além de uma troca no nome de seus mestres.

No final do século XIX, a recorrência desse padrão tinha se tornado óbvia para muitos observadores. Surgiram então escolas de pensadores que interpretavam a História como um processo cíclico e pretendiam demonstrar que a desigualdade era a lei imutável da vida humana. Essa doutrina, é claro, sempre teve seus adeptos, mas houve uma mudança significativa na maneira como ela é apresentada agora. No passado, a necessidade de uma forma hierárquica de sociedade era uma doutrina específica dos Altos. Foi disseminada por reis, aristocratas, padres, advogados e outros parasitas do mesmo gênero, e de forma geral suavizada por promessas de compensação em um mundo imaginário além-túmulo. Os Médios, enquanto lutavam por poder, sempre fizeram uso de termos como liberdade, justiça e fraternidade. No entanto, o conceito de fraternidade humana começou a ser criticado por pessoas que ainda não ocupavam posições de comando, mas esperavam ocupá-las em breve. No passado, os Médios tinham feito revoluções sob a bandeira da igualdade, e depois estabelecido tiranias novas assim que as anteriores eram derrubadas. Os novos grupos Médios, de fato, proclamavam sua tirania com antecedência. O Socialismo, uma teoria que surgiu no início do século XIX e era o último elo na cadeia de pensamento que recuava até as rebeliões de escravos da Antiguidade, estava ainda profundamente influenciado pelo Utopismo de épocas passadas. Mas em cada variante do Socialismo que surgiu a partir de 1900, o objetivo de estabelecer liberdade e

igualdade era cada vez mais abertamente abandonado. Os novos movimentos que apareceram em meados do século, o Socing na Oceania, o Neobolchevismo na Eurásia e o Culto à Morte, como é normalmente chamado, na Lestásia, tinham o objetivo consciente de perpetuar a *não* liberdade e a *não* igualdade. Esses novos movimentos, é claro, cresceram a partir dos antigos, e tendiam a manter seus nomes e, da boca para fora, sua ideologia. Mas o propósito de todos eles era suspender o progresso e congelar a História em um dado momento. O conhecido movimento de pêndulo deveria ocorrer mais uma vez, e então parar. Como sempre, os Altos seriam expulsos pelos Médios, que então se tornariam os Altos; porém, dessa vez, por meio de uma estratégia consciente, os Altos seriam capazes de manter sua posição para sempre.

As novas doutrinas surgiram, em parte, por causa do acúmulo de conhecimento e pelo crescimento do senso histórico, ambos quase inexistentes antes do século XIX. O movimento cíclico da História havia se tornado então compreensível, ou ao menos assim parecia; e, se era compreensível, então era alterável. Mas a causa principal e velada era que, já no início do século XX, a igualdade humana havia se tornado tecnicamente possível. Ainda era verdade que os homens não eram iguais em seus talentos natos e que certas funções exigiam uma especialização que favorecia alguns indivíduos em detrimento de outros; mas já não existia nenhuma necessidade real para distinções de classe nem para grandes diferenças de riqueza. Em tempos passados, essas distinções foram não só inevitáveis como desejáveis. A desigualdade era o preço da civilização. Com o desenvolvimento da produção mecanizada, porém, a situação mudou. Mesmo que ainda fosse necessário que

seres humanos realizassem diferentes tipos de trabalho, já não era mais obrigatório viver em diferentes níveis sociais ou econômicos. Portanto, do ponto de vista dos novos grupos que estavam prestes a tomar o poder, a igualdade humana não era mais um ideal pelo qual lutar, e sim um perigo a ser evitado. Em tempos mais primitivos, quando uma sociedade justa e pacífica não era possível, teria sido relativamente fácil acreditar nisso. A ideia de um paraíso terrestre no qual os homens viveriam juntos em estado de irmandade, sem leis e sem trabalho bruto, havia dominado a imaginação humana por milhares de anos. E essa visão tinha exercido influência até mesmo sobre os grupos que de fato se beneficiavam da mudança histórica. Os herdeiros das revoluções francesa, inglesa e americana haviam em parte acreditado nas próprias frases sobre direitos humanos, liberdade de expressão, igualdade perante a lei e outras parecidas, e tinham inclusive permitido que a própria conduta fosse influenciada por elas, em certa medida. No entanto, por volta da quarta década do século XX, todas as principais correntes de pensamento político eram autoritárias. O paraíso na Terra foi desacreditado exatamente no momento em que se tornava viável. Cada nova teoria política, não importava qual fosse seu nome, conduzia uma volta à hierarquia e ao ordenamento. Na perspectiva cristalizada que se estabeleceu por volta de 1930, práticas que tinham sido abandonadas muito antes, em alguns casos por centenas de anos, como prisões sem julgamento, escravização de prisioneiros de guerra, execuções públicas, tortura para obter confissões, o uso de reféns e a deportação de populações inteiras, não apenas se tornaram comuns de novo, como eram toleradas e até defendidas por pessoas que se consideravam esclarecidas e progressistas.

Foi só depois de uma década de guerras nacionais, guerras civis, revoluções e contrarrevoluções em todas as partes do mundo que o Socing e seus rivais emergiram como teorias políticas totalmente elaboradas. Mas haviam sido prenunciadas por vários sistemas, em geral chamados de totalitários, surgidos mais cedo naquele século, e os principais contornos do mundo que resultaria do caos predominante eram óbvios havia muito tempo. A nova aristocracia era formada na maior parte por burocratas, cientistas, técnicos, líderes sindicais, peritos em publicidade, sociólogos, professores, jornalistas e políticos. Essas pessoas, cujas origens estavam na classe média assalariada e nos escalões superiores da classe trabalhadora, tinham sido formadas e reunidas pelo mundo árido do monopólio industrial e do governo centralizado. Comparadas a seus equivalentes de tempos antigos, elas eram menos miseráveis, menos atraídas pelo luxo, mais sedentas pelo poder puro e, acima de tudo, mais conscientes do que estavam fazendo e deliberadamente esmagando a oposição. Essa última diferença era fundamental. Em comparação ao que existe hoje, todas as tiranias do passado eram hesitantes e frágeis. Em alguma medida, os grupos dominantes eram sempre influenciados por ideias liberais: contentavam-se em deixar pontas soltas por todo lado e considerar apenas atos explícitos, e não tinham interesse no que seus súditos pensavam. Até a Igreja católica da Idade Média era tolerante, pelos padrões modernos. Parte da razão para isso era que, no passado, nenhum governo tinha o poder de manter seus cidadãos sob vigilância constante. O surgimento da imprensa, porém, facilitou a manipulação da opinião pública, e o cinema e o rádio levaram o progresso ainda mais além. Com o desenvolvimento da televisão e o avanço técnico

que tornou possível receber e transmitir simultaneamente no mesmo aparelho, a vida privada chegou ao fim. Cada cidadão, ou ao menos cada cidadão importante o suficiente para justificar a vigilância, poderia ser mantido vinte e quatro horas por dia sob o olhar da polícia e ao alcance da propaganda oficial, com todos os outros canais de comunicação interrompidos. A possibilidade de impor não apenas a completa obediência ao desejo do Estado, mas a completa massificação sobre todos os assuntos, passava então a existir pela primeira vez.

Depois do período revolucionário dos Cinquenta e Sessenta, a sociedade se reagrupou, como sempre, em Altos, Médios e Baixos. Mas o novo grupo Alto, ao contrário de seus precursores, não agia por instinto. Sabia exatamente o que fazer para salvaguardar sua posição. Muito tempo antes, percebeu-se que a única base segura para a oligarquia é o coletivismo. A riqueza e o privilégio são mais facilmente defendidos quando possuídos de forma conjunta. A assim chamada "abolição da propriedade privada" que ocorreu em meados do século significou, na verdade, a concentração da propriedade em muito menos mãos do que antes; mas com esta diferença: os novos proprietários eram um grupo, em vez de uma massa de indivíduos. Individualmente, nenhum membro do Partido possui nada, exceto pertences pessoais sem importância. Coletivamente, o Partido domina a Oceania, pois controla tudo e dispõe da produção do modo como julga adequado. Nos anos seguintes à Revolução, era possível assumir essa posição de comando quase sem enfrentar oposição, porque o processo inteiro era representado como um ato de coletivização. Sempre existira a suposição de que, se a classe capitalista fosse expropriada, o Socialismo

continuaria; e, sem dúvida, os capitalistas teriam sido expropriados. Fábricas, minas, terras, imóveis, transportes: tudo lhes tinha sido tirado; e, uma vez que essas coisas não eram mais propriedades privadas, deviam ser então propriedade pública. O Socing, que surgiu do movimento socialista anterior e dele herdou a fraseologia, executou de fato o principal item do programa socialista, com o resultado, tanto previsto quanto desejado de antemão, de que a desigualdade econômica havia se tornado permanente.

Mas os problemas de perpetuar uma sociedade hierarquizada vão mais longe do que isso. Existem apenas quatro maneiras pelas quais um grupo dominante é tirado do poder: ou ele é conquistado por um elemento externo, ou governa tão mal que as massas são levadas a se revoltar, ou permite que surja um Grupo Médio forte e insatisfeito, ou perde a autoconfiança e a disposição para governar. Essas causas não operam isoladamente e, como regra, as quatro estão presentes em algum grau. Uma classe dominante que se protegesse contra todas ficaria no poder para sempre. Em última análise, o fator decisivo é o posicionamento intelectual da própria classe dominante.

Depois de meados do presente século, o primeiro risco na verdade desaparecera. Cada um dos três superestados que agora dividem o mundo é de fato inconquistável e só poderia sê-lo através de mudanças demográficas lentas, que um governo com amplos poderes consegue evitar com facilidade. O segundo risco, também, é apenas hipotético. As massas nunca se rebelam por iniciativa própria e apenas por serem oprimidas. De fato, enquanto não lhes for permitido ter padrões de comparação, elas jamais se tornam conscientes nem mesmo da opressão que sofrem.

As crises econômicas recorrentes dos tempos antigos eram totalmente desnecessárias e agora não se permite que aconteçam, mas outras rupturas tão grandes quanto podem acontecer sem consequências políticas, porque não existe modo pelo qual os descontentes consigam se articular. Quanto ao problema do excesso de produção, que é latente em nossa sociedade desde o desenvolvimento da técnica mecânica, foi resolvido pelo dispositivo do estado de guerra contínuo (ver capítulo 3), também útil para evitar que a moral pública desse um passo importante. Do ponto de vista dos nossos governantes atuais, portanto, os únicos riscos genuínos são o surgimento de um novo grupo de pessoas capazes, subempregadas e sedentas de poder, e o crescimento do liberalismo e do ceticismo em seus próprios níveis. Isso equivale a dizer que o problema é educacional. É uma questão de moldar continuamente a consciência tanto do grupo dirigente quanto do grupo mais amplo, executivo, que vem imediatamente abaixo. A consciência das massas apenas precisa ser influenciada de modo negativo.

A partir desse contexto seria possível inferir, mesmo que já não se conhecesse, a estrutura geral da sociedade da Oceania. No ápice da pirâmide está o Grande Irmão. O Grande Irmão é infalível e todo-poderoso. Cada sucesso, cada conquista, cada vitória, cada descoberta científica, todo conhecimento, toda sabedoria, toda felicidade, toda virtude são consideradas diretamente emanadas de sua liderança e por sua inspiração. Ninguém jamais viu o Grande Irmão. Ele é um rosto nos cartazes, uma voz na teletela. Podemos estar razoavelmente seguros de que ele nunca morrerá, e não há certeza acerca de quando nasceu. O Grande Irmão é o disfarce sob o qual o Partido decidiu

se expor ao mundo. Sua função é agir como ponto focal para o amor, o medo e a reverência, emoções mais facilmente sentidas por um indivíduo do que em relação a uma organização. Abaixo do Grande Irmão vem o Núcleo do Partido, cuja quantidade se limita a seus milhões, ou algo como menos de dois por cento da população da Oceania. Abaixo do Núcleo do Partido vêm as Margens do Partido, as quais, sendo o Núcleo descrito como o cérebro do Estado, podem da mesma forma ser igualadas às mãos. Abaixo disso vêm as massas incultas a quem habitualmente chamamos de "proletas", somando talvez oitenta e cinco por cento da população. Nos termos da nossa antiga classificação, os proletas são os Baixos, pois as populações escravizadas das terras equatoriais, que mudam constantemente de conquistador a conquistador, não são uma parte fixa nem necessária da estrutura.

Em princípio, o pertencimento a um desses três grupos não é hereditário. O filho de pais do Núcleo do Partido, em teoria, não nasce nele. A entrada em cada divisão do Partido se dá por meio de provas que se realizam aos dezesseis anos. Tampouco existe discriminação racial ou domínio acentuado de uma província ou outra. Judeus, negros e latino-americanos de puro sangue indígena podem ser encontrados nos mais altos escalões do Partido, e administradores de qualquer área são sempre escolhidos entre os habitantes daquela área. Em nenhuma parte da Oceania os habitantes se sentem parte de uma população colonizada governada desde uma capital distante. A Oceania não tem capital, e o líder titular é uma pessoa cujo paradeiro ninguém conhece. Excetuando que o inglês é sua língua franca e que o Novidioma é a língua oficial, ela não é centralizada de nenhum modo. Os governantes não se

mantêm unidos por laços de sangue, e sim por adesão a uma doutrina comum. É fato que nossa sociedade é estratificada, e muito rigidamente, no que à primeira vista parecem ser linhas hereditárias. Entre os diferentes grupos ocorrem bem menos movimentos para cima e para baixo do que ocorria sob o capitalismo ou mesmo nas eras pré-industriais. Entre as duas divisões do Partido existe certo volume de troca, mas apenas o suficiente para garantir que os fracos sejam excluídos do Núcleo do Partido e que membros ambiciosos das Margens do Partido sejam neutralizados por meio da permissão para subir. Os proletários, na prática, não têm autorização para se graduar no Partido. Os mais talentosos entre eles, que talvez pudessem se tornar focos de descontentamento, são simplesmente marcados pela Polícia do Pensamento e eliminados. Mas esse estado não é necessariamente fixo, nem se trata de questão de princípio. O Partido não é uma classe no antigo sentido da palavra. Não visa a transmitir o poder aos próprios filhos, como costumava ser; e, se não houvesse outro modo de manter os mais capazes no topo, estaria pronto para recrutar uma nova geração inteira nas fileiras de proletariados. Nos anos cruciais, o fato de o Partido não ser uma entidade hierárquica operou maravilhas para neutralizar a oposição. Para o velho tipo de socialista, treinado para combater o chamado "privilégio de classe", o que não é hereditário não pode ser permanente. Ele não enxergou que a continuidade de uma oligarquia não precisa ser física, nem parou para refletir que as aristocracias hereditárias sempre duraram pouco, enquanto organizações adotivas como a Igreja católica algumas vezes duraram por centenas ou milhares de anos. A essência da regra oligárquica não é a herança de pai para filho, mas a persistência de uma determinada visão de

mundo e um certo modo de vida, impostos pelos mortos sobre os viventes. Um grupo dominante continua sendo o mesmo enquanto nomeia seus sucessores. O Partido não está preocupado em perpetuar seu sangue, mas seu legado. *Quem* tem o poder não importa, desde que a estrutura hierárquica permaneça sempre a mesma.

Todos os costumes e gostos, todas as crenças, emoções e posicionamentos intelectuais que caracterizam a nossa época são no fundo planejados para eternizar a mística do Partido e evitar que a verdadeira natureza da sociedade atual seja percebida. Dos proletários, nada há a temer. Deixados à própria sorte, eles vão continuar, de geração em geração e de século em século, a trabalhar, reproduzir-se e morrer, não apenas sem impulso algum para se rebelar, mas sem conseguir entender que o mundo poderia ser diferente. Eles só se tornariam perigosos se o avanço da técnica industrial tornasse necessário educá-los um pouco mais; no entanto, como a concorrência militar e comercial já não importa, o nível da educação popular vem declinando. As opiniões que a massa tem ou deixa de ter são vistas com indiferença. Eles podem receber liberdade intelectual porque não têm intelecto. Em um membro do Partido, ao contrário, nem mesmo o menor desvio de opinião acerca do assunto mais desimportante pode ser tolerado.

Um membro do Partido vive do nascimento à morte sob o olhar da Polícia do Pensamento. Mesmo quando está sozinho, ele nunca pode ter certeza de que está realmente só. Onde quer que esteja, dormindo ou acordado, trabalhando ou descansando, no banho ou na cama, pode ser inspecionado sem aviso e sem consentimento. Nada que faz é indiferente. Suas amizades, seus lazeres, seu comportamento em relação a esposa e filhos, a expressão

de seu rosto quando está sozinho, as palavras que balbucia dormindo, até os movimentos característicos de seu corpo são, todos, minuciosamente analisados. Não apenas um mau comportamento, mas qualquer excentricidade, ainda que minúscula, mudança de hábitos ou tique nervoso que poderia em tese ser sintoma de um conflito interno, mais cedo ou mais tarde será detectado. Em contrapartida, suas ações não são regulamentadas por lei nem por qualquer outro código de comportamento claramente estabelecido. Na Oceania não existem leis. Pensamentos e ações que, uma vez detectados, significam morte certa não são formalmente proibidos, e os infindáveis expurgos, detenções, torturas, prisões e vaporizações não são infligidos como punição por crimes que foram de fato cometidos: são apenas a eliminação de pessoas que poderiam talvez vir a cometer um crime em algum momento no futuro. De um membro do Partido exigem-se não só as opiniões certas, mas os instintos certos. Muitas das crenças e das atitudes exigidas dele nunca são ditas abertamente nem poderiam ser verbalizadas sem que expusessem a fundo as contradições inerentes ao Socing. Se ele for uma pessoa naturalmente ortodoxa (em Novidioma, *bempensador*), em todas as circunstâncias saberá, sem titubear, qual é a crença verdadeira ou a emoção desejável. De toda maneira, um treinamento mental elaborado, ocorrido na infância, e organizado em torno das palavras em Novidioma *pararcrime*, *pretobranco* e *duplopensar*, torna-o avesso e incapaz de pensar muito profundamente sobre qualquer que seja o tema.

De um membro do Partido espera-se que não tenha emoções privadas nem trégua no entusiasmo. Ele deve viver em um frenesi contínuo de ódio contra inimigos

estrangeiros e traidores internos, de triunfo pelas vitórias e autoanulação diante do poder e da sabedoria do Partido. Os descontentes gerados por esta vida difícil e insatisfatória são deliberadamente expulsos e eliminados por artifícios tais como os Dois Minutos de Ódio, e as especulações que poderiam induzir a uma atitude cética ou rebelde são eliminadas por antecipação por sua disciplina interna precocemente adquirida. O primeiro e mais simples estágio da disciplina, que pode ser ensinado até a crianças, é chamado, em Novidioma, de *pararcrime*. *Pararcrime* significa a capacidade de bloquear, como que por instinto, a fronteira de todo pensamento perigoso. Inclui o poder de não captar analogias, de falhar na percepção de erros de lógica, de entender mal os mais simples argumentos se eles forem adversários do Socing, e de se sentir entediado ou repelido por qualquer linha de raciocínio capaz de conduzir a uma direção herética. *Pararcrime*, em resumo, significa que a ignorância é uma bênção. Mas só isso não basta. Ao contrário: em seu sentido mais amplo, a ortodoxia exige de uma pessoa um nível de autocontrole mental tão alto quanto o de um contorcionista sobre o próprio corpo. A sociedade da Oceania repousa em última instância sob a crença de que o Grande Irmão é onipotente e o Partido é infalível. Porém, já que a realidade é completamente oposta, é preciso haver uma resiliência, em todos os momentos, no tratamento dos fatos. A palavra-chave, aqui, é *pretobranco*. Como tantas palavras em Novidioma, esta tem dois significados mutuamente contraditórios. Aplicada a um oponente, significa o hábito de alegar descaradamente que preto é branco, negando fatos evidentes. Aplicada a um membro do Partido, significa a disposição leal de dizer que preto é branco quando a disciplina do Partido assim exige. Mas significa também a habilidade de *acreditar* que

preto é branco, e mais, de *saber* que preto é branco, e de esquecer que jamais se acreditou no contrário. Isso exige uma alteração contínua do passado, proporcionada pelo sistema de pensamento que de fato abrange todo o resto, e que é conhecido em Novidioma como *duplopensar*.

A alteração do passado é necessária por duas razões, uma das quais é secundária e, por assim dizer, preventiva: o membro do Partido, como os proletários, tolera as condições atuais em parte porque não tem base de comparação. Ele precisa se desvincular do passado, e também parar de olhar para países estrangeiros, porque deve acreditar que está melhor do que seus ancestrais e que o nível médio de conforto material está constantemente aumentando. Mas a razão muitíssimo mais importante para o ajuste do passado é a necessidade de salvaguardar a imunidade do Partido. Não são apenas discursos, estatísticas e registros de todo tipo que devem ser sempre atualizados para mostrar que as previsões do Partido estavam certas em todos os casos. Também é importante que nenhuma mudança na doutrina nem no alinhamento político seja admitida. Pois mudar uma opinião ou uma regra denota fraqueza. Se, por exemplo, a Eurásia ou a Lestásia (qualquer que seja) é o inimigo hoje, então esse país precisa sempre ter sido o inimigo. E, se os fatos dizem o contrário, então precisam ser alterados. Assim, a História é continuamente reescrita. Essa falsificação diária do passado, executada pelo Ministério da Verdade, é tão necessária para a estabilidade do regime quanto o trabalho de repressão e espionagem executado pelo Ministério do Amor.

A mutabilidade do passado é o princípio central do Socing. Eventos passados, alega-se, não têm existência

objetiva, sobrevivem apenas em registros escritos e nas memórias humanas. O passado é qualquer coisa sobre a qual os registros e a memória concordem. Uma vez que o Partido esteja no pleno controle de todos os registros, e das mentes de seus membros, decorre que o passado é qualquer coisa que o Partido decida que seja. Disso resulta que, embora o passado seja alterável, ele nunca foi alterado em nenhuma instância específica. Pois, uma vez recriada em qualquer aspecto necessário no momento, essa nova versão *é* o passado, e nenhum passado diferente pode ter alguma vez existido. Isso é válido mesmo quando, como frequentemente acontece, o mesmo evento precisa ser alterado, sem que se admita, várias vezes no curso de um ano. Em todos os momentos, o Partido está na posse da verdade absoluta, e é claro que o absoluto nunca pode ter sido diferente do que é agora. Será visto adiante que o controle do passado depende, acima de tudo, do treino da memória. Garantir que todos os registros escritos concordem com a ortodoxia do momento é apenas um ato mecânico. Mas também é necessário *lembrar* que os eventos aconteceram da maneira desejada. E, se é preciso rearranjar as memórias de alguém ou adulterar os registros escritos, então é necessário *esquecer* que se fez aquilo. O truque para fazer isso pode ser aprendido, como qualquer outra técnica mental. Isso *é* aprendido pela maioria dos membros do Partido, e certamente por todos que são inteligentes, assim como ortodoxos. Em Velhidioma isso se chama, com bastante franqueza, "controle da realidade". Em Novidioma, chama-se *duplopensar*, embora *duplopensar* inclua também várias outras coisas.

Duplopensar significa a capacidade de manter simultaneamente duas crenças contraditórias e aceitar

ambas. O intelectual do Partido sabe em qual sentido suas lembranças devem ser alteradas; ele, portanto, sabe que está manipulando a realidade; porém, através do exercício do *duplopensar*, também se convence de que a realidade não é violada. O processo tem de ser consciente, pois do contrário não seria executado com tanta precisão, mas deve ser também inconsciente, pois do contrário traria com ele uma sensação de falsidade e, com isso, de culpa. O *duplopensar* repousa na própria essência do Socing, já que a atitude do Partido é usar o engano consciente ao mesmo tempo em que retém a firmeza de propósito que acompanha a honestidade real. Contar mentiras deliberadas enquanto se acredita genuinamente nelas; esquecer qualquer fato que tenha se tornado inconveniente e depois, quando ele volta a ser necessário, resgatá-lo do esquecimento pelo tempo adequado; negar a existência da realidade objetiva e durante todo o tempo levar em consideração a realidade que se nega: tudo isso é estritamente necessário. Até para usar a palavra *duplopensar* é preciso exercitar o *duplopensar*. Pois, ao usar a palavra, a pessoa está admitindo a manipulação da realidade; mas um novo ato de *duplopensar* apaga essa consciência, e assim por diante, indefinidamente, com a mentira sempre uma volta à frente da verdade. Em última análise, é por meio do *duplopensar* que o Partido tem sido capaz de suspender o curso da História e, até onde sabemos, poderá continuar assim por milhares de anos.

Todas as antigas oligarquias perderam o poder porque ficaram engessadas ou se afrouxaram. Ou se tornaram estúpidas e arrogantes, não se adaptaram às novas circunstâncias e foram desbancadas; ou se tornaram liberais e covardes, fizeram concessões quando deveriam

ter usado a força e, de novo, foram desbancadas. Ou seja, elas caíram ou por meio da consciência ou por meio da inconsciência. O trunfo do Partido foi criar um sistema de pensamento em que ambas as condições podem existir simultaneamente. Para governar, e continuar no poder, uma pessoa precisa ser capaz de desconstruir o senso de realidade. Pois o segredo do comando é combinar uma crença em sua própria imutabilidade com a capacidade de aprender com os erros do passado.

Infelizmente é preciso dizer que os mais hábeis praticantes do *duplopensar* são aqueles que o inventaram e sabem que ele é um sistema amplo de fraude mental. Na nossa sociedade, os mais conscientes são também aqueles que mais estão longe de enxergar o mundo como ele é. Em geral, quanto maior a compreensão, maior a ilusão: quanto mais inteligente, menos lúcido. Um claro exemplo disso é o fato de que a histeria de guerra aumenta em intensidade conforme uma pessoa sobe na escala social. Aqueles cujas atitudes em relação à guerra são mais próximas do racional são os povos dominados dos territórios em disputa. Para essas pessoas, a guerra é simplesmente uma calamidade contínua que, como a maré, joga seus corpos de um lado para outro. Não importa qual lado esteja vencendo. Essas pessoas têm ciência de que uma mudança no poder central significa apenas que elas farão o mesmo trabalho de antes para novos mestres, que os tratam da mesma forma que os antigos. Os trabalhadores ligeiramente mais favorecidos, que nós chamamos de "proletas", têm uma consciência apenas intermitente da guerra. Quando necessário, podem ser levados a frenesis de medo e ódio, mas, quando deixados à própria sorte, são capazes de se esquecer por longos períodos de que há uma guerra em curso. É nas

fileiras do Partido, e acima de tudo no Núcleo do Partido, que se pode encontrar o verdadeiro entusiasmo com a guerra. A conquista do mundo é uma crença mais sólida entre os que conhecem a sua impossibilidade. Essa peculiar associação de opostos (conhecimento com ignorância, cinismo com fanatismo) é uma das principais marcas que distinguem a sociedade da Oceania. A ideologia oficial é repleta de contradições, mesmo sem uma razão plausível. Assim, o Partido rejeita e deprecia cada princípio pelo qual o movimento socialista original lutava, e resolve fazer isso em nome do socialismo. O Partido prega pela classe trabalhadora um desprezo sem precedentes e veste seus membros com um uniforme que antes era próprio de trabalhadores braçais e foi adotado por essa razão. Ele aniquila sistematicamente a solidariedade na família e chama seu líder por um nome que é um apelo direto ao sentimento de lealdade familiar. Até os nomes dos quatro Ministérios por meio dos quais somos governados retratam o descaramento em sua inversão deliberada dos fatos. O Ministério da Paz se ocupa da guerra; o Ministério da Verdade, das mentiras; o Ministério do Amor, da tortura; e o Ministério da Fartura, da fome. Essas contradições não são acidentais nem resultam da hipocrisia comum: elas são exercícios propositais de *duplopensar*. Pois é apenas harmonizando contradições que se consegue manter o poder indefinidamente. De nenhuma outra forma o ciclo antigo podia ser interrompido. Se a igualdade humana for evitada, se os Altos, como nós os chamamos, estiverem sempre nas mesmas posições, então a condição mental predominante deverá ser uma insanidade controlada.

Mas há uma questão quase ignorada até este momento: *por que* a igualdade humana deveria ser evitada? Supondo

que o funcionamento do processo tenha sido descrito corretamente, qual é o motivo desse esforço imenso, minucioso e planejado para congelar a História em um determinado ponto?

Aqui, nós chegamos ao segredo central. Conforme vimos, a mística do Partido, e acima de tudo do Núcleo do Partido, depende do *duplopensar*. Mas em uma profundidade ainda maior repousa o motivo original, o instinto nunca questionado que levou à tomada do poder e depois fez surgir o *duplopensar*, a Polícia do Pensamento, o estado contínuo de guerra e todo o resto da parafernália necessária. Esse motivo consiste, de fato…

Winston percebeu o silêncio como se percebe um novo ruído. Parecia-lhe que Júlia tinha estado imóvel já por algum tempo. Estava deitada de lado, nua da cintura para cima, com a bochecha apoiada na mão e um cacho preto caído sobre os olhos. O peito subia e descia lenta e regularmente.

– Júlia…

Nenhuma resposta.

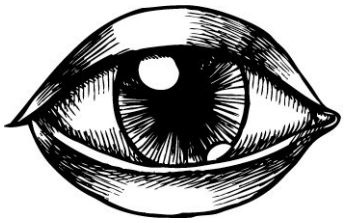
– Júlia, você está acordada?

Nenhuma resposta. Ela estava dormindo. Winston fechou o livro, pousou-o cuidadosamente no chão, deitou-se e puxou a manta sobre ambos.

Refletiu que ainda não tinha aprendido sobre o segredo principal. Entendia *como*; não entendia *por quê*. O capítulo 1, tal como o capítulo 3, não contou nada que ele já não soubesse. Era apenas uma sistematização do conhecimento que já tinha. Mas depois de ler ele sabia, melhor do que antes, que não estava louco. Ser minoria, mesmo uma minoria de um, não fazia de você um louco. Existiam a verdade e a mentira, e,

se você se agarrasse à verdade, mesmo que contra o mundo inteiro, você não seria louco. Um raio dourado do sol poente atravessou a janela e iluminou o travesseiro. Ele fechou os olhos. O sol em seu rosto e o corpo macio da moça contra o seu deu a ele uma sensação forte, sonolenta e confiante. Sentia-se seguro e tudo estava bem. Adormeceu murmurando:

– Sanidade não é estatística – com o sentimento de que essa observação guardava uma sabedoria profunda.



Capítulo 10

Quando ele acordou, foi com a sensação de ter dormido por muito tempo, mas uma olhadela no relógio antigo disse-lhe que ainda eram vinte e trinta. Continuou deitado, sonolento, e então a cantoria familiar, profunda, atingiu-o vinda do pátio abaixo:

Foi só uma bobagem, uma fantasia

Que passou como as cores de abril

Mas o olhar, a palavra e os sonhos que ela provocou

Levaram embora toda a minha alegria

A canção melosa parecia manter sua popularidade. Você ainda a escutava por todo canto. Tinha sobrevivido à "Canção do Ódio". Júlia acordou com o som, espreguiçou-se como um gato e saiu da cama.

– Estou com fome. Vamos fazer mais café. Droga! O fogo apagou e a água está fria. – Ela pegou o fogareiro e o balançou. – Não tem óleo.

– Podemos conseguir um pouco com o velho Charrington, espero.

– O engraçado é que eu me certifiquei de estar cheio. Vou vestir as roupas. Parece que esfriou.

Winston também se levantou e se vestiu. A voz infatigável prosseguiu:

Dizem que tudo passa com o tempo

E que a gente esquece o tormento

Mas os sorrisos e lágrimas e o alento

Ainda me despertam tanto sentimento!

Enquanto fechava o cinto do macacão, ele andou até a janela. O sol se pôs atrás das casas; não brilhava mais no pátio. As lajotas estavam molhadas como se tivessem acabado de ser lavadas, e ele teve a sensação de que o céu havia sido lavado também, de tão fresco e pálido o azul entre as saídas das chaminés. Incansavelmente a mulher marchava de um lado para outro, colocando e retirando a mordaça de pregadores de roupa, cantando e ficando em silêncio e pendurando mais fraldas, cada vez mais. Winston gostaria de saber se ela lavava roupa como modo de ganhar a vida ou se era apenas a escrava de vinte ou trinta netos. Júlia tinha ido para o lado dele; juntos, olharam lá para baixo com um certo fascínio diante da figura robusta. Enquanto ele observava a mulher em seus gestos característicos, os braços fortes se erguendo até o varal, o traseiro poderoso e saliente de uma égua, ocorreu-lhe pela primeira vez que ela era bonita. Nunca antes lhe passara pela cabeça que o corpo de uma mulher de 50 anos, expandido a dimensões monstruosas pela gestação e depois endurecido, embrutecido pelo trabalho até ficar passado como um nabo maduro demais, pudesse ser bonito. Mas assim era e, afinal, ele pensou, por que não? O corpo sólido e sem curvas como um bloco de granito, e a pele avermelhada áspera, tinham com o corpo de uma moça a mesma relação de uma rosa-mosqueta com a rosa. E por que o fruto haveria de ser considerado inferior à flor?

– Ela é bonita – murmurou.

– Ela tem mais de metro de quadril, assim é fácil – disse

Júlia.

– É o tipo de beleza dela.

Winston envolveu a cintura suave de Júlia, que cabia fácil em seu braço. Do quadril ao joelho, o flanco dela estava contra o dele. De seus corpos, nenhum filho jamais viria, era uma coisa que eles nunca poderiam fazer. Apenas de boca em boca, de mente em mente, poderiam passar adiante o segredo. A mulher lá embaixo não tinha mente, tinha só braços fortes, um coração afetuoso e um ventre fértil. Ele perguntou silenciosamente quantas crianças ela teria dado à luz. Poderia facilmente chegar a quinze. Tivera seu desabrochar momentâneo, um ano, talvez, de beleza silvestre, e depois havia inchado como uma fruta com agrotóxicos, e se tornado rígida e gasta – depois, sua vida se resumira a lavar, esfregar, cerzir, cozinhar, varrer, polir, remendar, esfregar, lavar, primeiro para os filhos e depois para os netos, ao longo de trinta anos ininterruptos. No final, ainda conseguia cantar. A reverência que ele sentia por ela era de alguma forma misturada ao aspecto pálido do céu sem nuvens, que se estendia para além das chaminés até lonjuras intermináveis. Era curioso pensar que o céu era o mesmo para todo mundo, na Eurásia ou na Lestásia, bem como ali. E as pessoas sob o céu também eram bastante parecidas: em todos os lugares, pelo mundo todo, centenas de milhares de milhões de pessoas daquele jeito — pessoas que ignoravam a existência umas das outras, isoladas por barreiras de ódio e mentira, e ainda assim quase exatamente iguais; pessoas que nunca tinham aprendido a pensar, mas que estavam acumulando em seus corações, estômagos e músculos o poder que um dia viraria o mundo de ponta-cabeça. Se havia esperança, era nos proletas! Sem ter lido *o livro* até o fim, Winston sabia que essa devia ser a mensagem final de Goldstein. O futuro pertencia aos proletas.

E será que ele poderia ter certeza de que, quando o tempo dos proletas chegasse, o mundo que eles construiriam não seria tão estranho para ele, Winston Smith, quanto o mundo do Partido? Sim, porque ao menos seria um mundo são. Onde existe igualdade, pode haver sanidade. Mais cedo ou mais tarde, aconteceria: a força mudaria para consciência. Os proletas eram imortais; não se podia duvidar disso, olhando para a figura valente no pátio. No fim, o despertar deles chegaria. E, até que isso acontecesse, ainda que demorasse mil anos, eles permaneceriam vivos contra todas as probabilidades, como os pássaros, transmitindo de um corpo ao outro a vitalidade da qual o Partido não compartilhava e não podia eliminar.

– Você se lembra – ele disse – do tordo que cantou para nós naquele primeiro dia, no limiar do bosque?

– Ele não estava cantando para nós – remendou Júlia. – Cantava para agradar a si próprio. Nem mesmo isso. Estava só cantando.

Os pássaros cantavam, os proletas cantavam, o Partido não cantava. Ao redor do mundo todo, em Londres e Nova Iorque, na África e no Brasil, nas terras misteriosas e proibidas além das fronteiras, nas ruas de Paris e Berlim, nos vilarejos das planícies sem fim da Rússia, nos bazares da China e do Japão: em todo lugar existia a mesma figura durona e irredutível, tornada monstruosa pelo trabalho e pela criação de filhos, que se esfalfava do nascimento à morte e continuava cantando. Daqueles lombos poderosos surgiria um dia uma raça de seres conscientes. Vocês eram os mortos; deles era o futuro. Mas você poderia compartilhar desse futuro se mantivesse a mente viva como eles mantinham vivo o corpo, e passasse adiante a doutrina secreta de que dois mais dois são quatro.

– Nós somos os mortos – ele comentou.

– Nós somos os mortos – ecoou Júlia, obediente.

– Vocês são os mortos – disse uma voz rascante atrás deles.

Os dois se afastaram com um pulo. As entranhas de Winston pareciam ter congelado. Conseguia ver o branco se espalhando ao redor da íris dos olhos de Júlia. O rosto dela estava pálido. O borrão de ruge que restava em cada bochecha se destacava nitidamente, como se estivesse saindo da pele.

– Vocês são os mortos – repetiu a voz rascante.

– Foi atrás da parede – sussurrou Júlia.

– Foi atrás da parede – disse a voz. – Permaneçam exatamente onde estão. Não façam nenhum movimento até que recebam ordem.

Estava começando, estava começando afinal! Eles não podiam fazer nada além de ficar frente a frente olhando nos olhos um do outro. Correr, fugir, sair da casa antes que fosse tarde demais, nenhum pensamento lhes ocorreu. Era impensável desobedecer à voz rascante da parede. Houve um estalo, como se uma trava tivesse sido aberta, e depois um estrondo de vidro se estilhaçando. O quadro tinha caído no chão, revelando uma teletela atrás.

– Agora eles podem nos ver – disse Júlia.

– Agora nós podemos ver vocês – disse a voz. – Fiquem de pé no meio do quarto. De costas um para o outro. Mãos atrás da cabeça. Não se encostem.

Eles não estavam se encostando, mas pareceu a Winston que podia sentir o corpo de Júlia tremer. Ou talvez fosse meramente o seu. Conseguiu interromper o ranger de dentes, mas os joelhos estavam além de seu controle. Havia um som de botas marchando lá embaixo, dentro e fora da casa. O pátio parecia cheio de homens. Alguma coisa estava sendo arrastada

pelas pedras. A cantoria da mulher tinha parado abruptamente. Houve um tinido demorado e giratório, como se a tina tivesse sido arremessada através do pátio, e depois uma confusão de gritos zangados que terminou em um berro de dor.

– A casa está cercada – informou Winston.

– A casa está cercada – repetiu a voz.

Ele ouviu Júlia trincar os dentes.

– Acho que podemos dar tchau – ela disse.

– Vocês podem dar tchau – ecoou a voz.

Depois, uma voz bem diferente, fina e educada, que Winston teve a impressão de ter já ouvido antes, interveio:

– E, a propósito, já que estamos no assunto, *Cá está uma vela pra iluminar o seu caminho/ cá está um machado pra decepar um menininho*!

Alguma coisa despencou na cama atrás das costas de Winston. A ponta de uma escada tinha sido empurrada através da janela e quebrado o batente. Alguém estava subindo pela janela. Houve um bater de botas na escada. O quarto ficou cheio de homens fortes em uniformes pretos, com botas de acabamento metálico nos pés e cassetetes nas mãos.

Winston não estava mais tremendo. Nem seus olhos se mexiam. Só uma coisa importava: manter-se imóvel, manter-se imóvel e não dar a eles uma desculpa para bater em você! Um homem com a mandíbula delicada de um lutador de boxe, na qual a boca era apenas uma fenda, parou na frente dele, balançando o cassetete entre o polegar e o indicador. Winston o olhou nos olhos. A sensação de nudez, com as mãos atrás da cabeça e o rosto e o corpo totalmente expostos, era quase insuportável. O homem esticou a ponta de uma língua branca, lambeu o lugar onde seus lábios deveriam estar e se afastou.

Houve outro estrondo. Alguém havia apanhado da mesa o peso de papel de vidro e o esmigalhado contra a lareira.

O fragmento de coral, uma ondulação rosada minúscula como um botão de rosa de bolo, rolou pelo tapete. Que pequeno, pensou Winston, que pequeno ele sempre foi! Houve um arquejo e um baque atrás e ele recebeu no tornozelo um chute violento que quase lhe roubou o equilíbrio. Um dos homens tinha enfiado o punho no plexo solar de Júlia, dobrando-a como uma régua de bolso. Ela se debatia no chão, lutando por ar. Winston não se atreveu a mover a cabeça nem um milímetro, mas às vezes o rosto lívido e ofegante dela entrava em seu ângulo de visão. Mesmo em seu terror, era como se ele pudesse sentir a dor no próprio corpo, a dor mortal que apesar disso era menos urgente do que a luta para recuperar o fôlego. Ele sabia como era: a dor terrível e agonizante que estava presente o tempo todo, mas não podia ser sofrida ainda, porque antes de tudo era necessário ser capaz de respirar. Dois dos homens a suspenderam pelos joelhos e ombros e a carregaram para fora do quarto como um saco. Winston teve um vislumbre de seu rosto de ponta cabeça, pálido e disforme, com os olhos fechados e ainda com a marca do ruge nas bochechas; e essa foi a última vez que a viu.

Ele permaneceu imóvel como um cadáver. Ninguém o havia atingido ainda. Pensamentos que surgiram por vontade própria, mas totalmente fora de contexto começaram a passar por sua cabeça. Será que haviam pegado o senhor Charrington? O que teriam feito com a mulher do pátio? Percebeu que precisava urgentemente urinar e ficou um tanto surpreso, pois tinha urinado apenas duas ou três horas antes. Notou que o relógio na lareira mostrava nove, indicando vinte e uma horas. Mas a claridade parecia forte demais. A luz já não estaria mais baixa, às vinte e uma de uma noite de agosto?

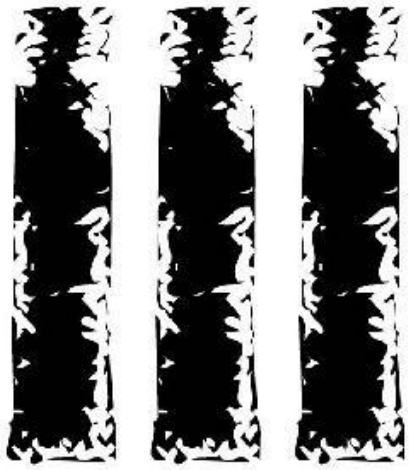
Talvez ele e Júlia tivessem se confundido, talvez houvessem dormido por doze horas, e pensado que eram vinte e trinta quando na verdade já eram oito e trinta da manhã seguinte. Mas não deu continuidade ao pensamento. Não fazia a menor diferença agora.

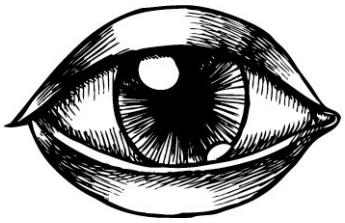
Houve outra passada, mais leve, no corredor. O senhor Charrington entrou no quarto. Os modos dos homens de uniforme preto se tornaram subitamente mais suaves. Alguma coisa tinha mudado também na aparência do senhor Charrington. O olhar dele pousou nos fragmentos do peso de vidro.

– Recolha estes cacos – disse asperamente.

Um homem se agachou para obedecer. O sotaque do extremo leste de Londres tinha desaparecido; Winston subitamente percebeu de quem era a voz que tinha ouvido poucos momentos atrás na teletela. O senhor Charrington ainda usava a velha jaqueta de veludo, mas o cabelo, que antes era quase todo branco, agora estava preto. E ele não mais portava os óculos. Lançou a Winston um único olhar afiado, como se para verificar sua identidade, e depois não prestou mais atenção a ele. O senhor Charrington, embora ainda reconhecível, já não era a mesma pessoa. Seu corpo tinha se endireitado e parecia ter crescido. O rosto passara por umas poucas mudanças sutis que, apesar disso, causaram uma transformação completa. As sobrancelhas pretas eram menos peludas, as rugas tinham sumido, traços inteiros do rosto pareciam alterados; até o nariz se mostrava mais curto. Era agora o rosto alerta e frio de um homem de cerca de 35 anos. Ocorreu a Winston que pela primeira vez na vida ele estava olhando, com conhecimento, para um membro da Polícia do Pensamento.

PARTE





Capítulo 1

Ele não sabia onde estava. Provavelmente, no Ministério do Amor; mas não havia como ter certeza.

Viu-se em uma cela de teto alto e sem janelas, com paredes de azulejos brancos reluzentes. Lâmpadas embutidas a inundavam de luz fria e havia um zumbido constante e baixo que ele imaginou estar relacionado ao fornecimento de ar. Um banco, ou prateleira, largo o bastante apenas para que alguém se sentasse, corria ao redor das paredes, só interrompido pela porta e, na ponta oposta à porta, por um vaso sanitário sem assento de madeira. Havia quatro teletelas, uma em cada parede.

Sentiu uma dor persistente na barriga. Estava ali desde que o atiraram para dentro do furgão fechado e o levaram embora. E tinha fome, um apetite corrosivo e doentio. Talvez tivesse comido há vinte e quatro horas, ou talvez há trinta e seis. Ainda não sabia, e provavelmente nem viria a saber, se tinha sido manhã ou noite quando o prenderam. Desde que fora preso, não se alimentara.

Estava sentado tão imóvel quanto conseguia no banco estreito, com as mãos cruzadas no joelho. Já tinha aprendido a se sentar assim. Se fizesse movimentos inesperados, eles gritariam na teletela. Mas a ânsia por comida aumentava. Desejava, acima de tudo, um pedaço de pão. Quem sabe encontrasse algumas migalhas no bolso do macacão. Era até

possível, porque de vez em quando alguma coisa espetava sua perna, que houvesse um naco de crosta de tamanho razoável. No final, a tentação de descobrir venceu o medo; ele deslizou a mão para dentro do bolso.

– Smith! – gritou uma voz na teletela. – 6079 Smith W! Mãos fora dos bolsos na cela!

Ele se sentou imóvel de novo, as mãos cruzadas no joelho. Antes de ser jogado ali, tinha sido levado para outro lugar, talvez uma prisão comum ou uma detenção temporária usada pelas patrulhas. Não sabia por quanto tempo ficara lá; algumas horas, talvez; sem relógio e sem luz natural era difícil calcular o tempo. O outro lugar era barulhento, com um cheiro infernal. Eles o haviam colocado em uma cela semelhante àquela onde se encontrava agora, porém imunda e o tempo todo entupida por dez ou quinze pessoas. Eram na maioria criminosos comuns, mas havia alguns poucos prisioneiros políticos. Winston tinha se sentado em silêncio contra a parede, acotovelado pelos corpos sujos, preocupado demais com o medo e com a dor na barriga para ter muito interesse no que o rodeava, mas ainda assim notando a espantosa diferença de comportamento entre os prisioneiros do Partido e os outros. Os prisioneiros do Partido estavam sempre calados e aterrorizados, mas os criminosos comuns pareciam não se importar minimamente com ninguém. Berravam insultos para os guardas, revidavam ferozmente quando seus pertences eram confiscados, escreviam palavras obscenas no chão, comiam comida contrabandeada que tiravam de esconderijos misteriosos nas roupas e até gritavam de volta para a teletela quando ela tentava restaurar a ordem. Em contrapartida, alguns deles pareciam ter boas relações com os guardas, chamavam-nos por apelidos e tentavam por meio de bajulação conseguir que lhe passassem cigarros pelo olho mágico. Os

guardas também tratavam os criminosos comuns com certa indulgência, mesmo quando precisavam tratá-los com brutalidade. Havia muita conversa sobre os campos de trabalhos forçados para os quais a maioria dos prisioneiros esperava ser enviada. Nos campos era "moleza", de acordo com o que entendeu, desde que você tivesse bons contatos e conhecesse os truques. Havia suborno, favoritismo e extorsão de todo tipo, havia homossexualidade e prostituição, havia até álcool ilícito destilado de batatas. Os cargos de confiança só eram confiados aos criminosos comuns, em especial os gângsteres e os assassinos, que constituíam uma espécie de aristocracia. Todos os serviços ilícitos eram feitos pelos criminosos políticos.

Havia um constante ir e vir de prisioneiros de todos os tipos: traficantes, ladrões, bandidos, comerciantes do mercado negro, bêbados, prostitutas. Alguns dos bêbados eram tão violentos que os outros prisioneiros precisavam se unir para contê-los. Uma mulher enorme e em frangalhos, de seus 60 anos, com grandes peitos caídos e grossos cachos de cabelo branco desfeitos na luta, foi levada para dentro, chutando e gritando, por quatro guardas, cada um segurando-a em uma ponta. Arrancaram as botas com as quais ela tentara atingi-los e a largaram de atravessado no colo de Winston, quase quebrando os ossos de suas coxas. A mulher se endireitou, ergueu-se e gritou:

– F___, seus malditos! – Depois, percebendo que estava sentada sobre alguma coisa irregular, deslizou dos joelhos de Winston para o banco. – Perdão, benzinho – disse. – Eu não teria sentado em você, foi só que os sacanas me botaram aí. Eles não sabem como tratar uma mulher, né? – Fez uma pausa, bateu de leve no peito e arrotou. – Perdão, não estou me sentindo grande coisa. – Curvou-se para a frente e vomitou

copiosamente no chão. – Ah, agora sim – acrescentou, recostando-se, de olhos fechados. – Nunca tente segurar, é o que eu sempre digo. Põe pra fora enquanto está fresco no estômago, assim.

Voltou à vida, virou-se para dar outra olhadela em Winston e pareceu simpatizar imediatamente com ele. Pôs o longo braço em volta de seus ombros e o puxou para si, exalando cerveja e vômito.

– Qual seu nome, amor?

– Smith – disse Winston.

– Smith? Que engraçado. O meu é Smith também. Ora, eu até podia ser sua mãe! – ela acrescentou, sentimental.

"Ela até poderia ser minha mãe", pensou Winston. Tinha a idade e a constituição certas, e era provável que as pessoas mudassem um pouco depois de vinte anos em um campo de trabalhos forçados.

Ninguém mais falou com ele. Para sua surpresa, os criminosos comuns ignoravam os prisioneiros do Partido. "Os poli*titicas*", como os chamavam, com um desprezo indiferente. Os prisioneiros do Partido pareciam aterrorizados de falar com qualquer um e, acima de tudo, conversar entre si. Só uma vez, quando duas membras do Partido se espremeram uma contra a outra no banco, Winston entreouviu, no meio do alarido, umas poucas palavras cochichadas depressa; em particular, uma referência a algo chamado "sala um-zero-um", que ele não entendeu.

Talvez tivesse chegado umas duas ou três horas antes. A dor persistente na barriga não passava, mas algumas vezes melhorava, e outras, piorava. Seus pensamentos se expandiam ou contraíam de acordo. Quando a dor piorava, ele só pensava

no sintoma propriamente dito e em sua ânsia por comida. Quando melhorava, o pânico tomava conta dele. Havia momentos em que antevia as coisas que lhe aconteceriam com tanta nitidez que seu coração galopava e o ar lhe faltava. Sentia o esmagar do cassetete nos cotovelos e as botas com acabamento metálico nas canelas; via a si mesmo rastejando no chão, implorando por piedade através dos dentes quebrados. Mal pensava em Júlia; não conseguia fixar sua mente nela. Ele a amava e não iria traí-la, mas aquilo era apenas um fato, tão exato como as regras da aritmética. Não sentia amor por ela e mal chegou a questionar o que lhe teria acontecido. Com mais frequência pensava em O'Brien, com uma fagulha de esperança. O'Brien deveria saber que ele fora preso. A Irmandade, lembrou-se, nunca tenta salvar seus membros. Mas havia a lâmina de barbear; eles mandariam uma lâmina, se pudessem. Haveria talvez cinco segundos antes que os guardas entrassem correndo na cela. A lâmina iria mordê-lo em uma espécie de queimação gelada, e até os dedos que a seguravam seriam cortados até o osso. Tudo se voltava contra seu corpo enfermo, que se encolhia tremendo diante da mais leve dor. Ele não tinha certeza de que usaria a lâmina, mesmo que tivesse a oportunidade. Era mais natural existir de um momento ao seguinte, aceitando mais dez minutos de vida mesmo sabendo que haveria tortura no final deles.

Algumas vezes, tentava calcular o número de azulejos nas paredes da cela. Deveria ser fácil, mas sempre perdia a conta em um ponto ou outro. Com mais frequência perguntava a si mesmo onde estaria e que horas seriam. Em certos momentos tinha certeza de que lá fora a luz do dia brilhava forte, e no seguinte tinha a mesma certeza de que estava em uma escuridão total. Naquele lugar, soube instintivamente, as luzes nunca seriam apagadas. Era o local onde não havia escuridão:

ele entendia agora por que O'Brien parecera reconhecer a referência. No Ministério do Amor não havia janelas. A cela dele poderia estar no centro do edifício ou no limiar da parede externa; poderia estar dez andares abaixo do chão ou trinta acima. Winston se deslocou mentalmente de um lugar para outro e tentou determinar, pela sensação física, se estava empoleirado alto no ar ou enterrado fundo no solo.

Houve um som de botas marchando lá fora. A porta de aço se abriu com um estrondo. Um oficial jovem, impecável no uniforme preto, cujo couro lustroso parecia reluzir de cima a baixo, e cujo rosto pálido, de traços retos, parecia uma máscara de cera, passou pela porta com elegância. Gesticulou aos guardas lá fora, para que trouxessem o prisioneiro que estavam conduzindo. O poeta Ampleforth cambaleou para a cela. A porta se fechou de novo com estrondo.

Ampleforth fez um ou dois movimentos incertos de um lado para outro, como se pensando se haveria outra porta pela qual sair, e depois começou a andar a esmo pela cela. Ainda não havia notado a presença de Winston. Seus olhos perturbados miravam a parede cerca de um metro acima do nível da cabeça de Winston. Estava descalço; dedões largos e sujos saíam dos buracos em suas meias. Também fazia muitos dias que não se barbeava. Uma barba rala cobria seu rosto até as bochechas, dando-lhe um ar de valentão briguento que se opunha à constituição frágil e aos movimentos nervosos.

Winston se recuperou um pouco da letargia. Precisava falar com Ampleforth e correr o risco de a teletela gritar. Era até concebível que Ampleforth fosse o portador da lâmina.

– Ampleforth – chamou.

A teletela não gritou. Ampleforth parou, um pouco espantado. Seus olhos fitaram Winston lentamente.

– Ah, Smith! – ele disse. – Você também!

– Por que está aqui?

– Pra dizer a verdade… – Sentou-se estranhamente no banco em frente a Winston. – Existe apenas um crime, não é?

– E você cometeu?

– Aparentemente, sim.

Pôs uma das mãos na testa e pressionou as têmporas por um instante, como se tentasse se lembrar de algo.

– Essas coisas acontecem – começou, vagamente. – Eu consegui me lembrar de uma possível circunstância. Foi uma imprudência, com certeza. Estávamos produzindo uma edição definitiva dos poemas de Kipling. Permiti que a palavra "Deus" ficasse no final de um verso. Não consegui evitar! – acrescentou, quase indignado, elevando o rosto para fitar Winston. – Era impossível mudar o verso, existem bem poucas rimas com "ateus". Durante muitos dias quebrei a cabeça. Não encontrei alternativa.

A expressão em seu rosto se alterou. O aborrecimento passou e por um instante ele pareceu quase satisfeito. Um conforto intelectual, a alegria do pedante que descobre um fato inútil, brilhou através do cabelo sujo e desgrenhado.

– Alguma vez já lhe ocorreu que toda a história da poesia inglesa foi determinada pelo fato de que a língua inglesa carece de rimas?

Não, aquele raciocínio em particular nunca tinha ocorrido a Winston. E, nas atuais circunstâncias, aquilo não lhe pareceu nada importante ou interessante.

– Você sabe que horas são?

Ampleforth pareceu espantado de novo.

– Nem pensei nisso. Eles me prenderam, pode ter sido há uns dois dias, talvez três. – Seu olhar percorreu as paredes, como se esperasse encontrar uma janela em algum lugar. – Não existe diferença entre a noite e o dia aqui. Não vejo como alguém poderia calcular a hora.

Durante alguns minutos, a conversa saltou de um tema a outro e depois, sem razão aparente, um grito da teletela os mandou ficar em silêncio. Winston continuou sentado, imóvel, as mãos cruzadas. Ampleforth, grande demais para se sentar com conforto no banco estreito, remexeu-se inquieto, as mãos magras ao redor primeiro de um joelho, depois do outro. A teletela ordenou que ele parasse de se mover. O tempo passou. Vinte minutos, uma hora, era difícil julgar. Mais uma vez houve o som de botas do lado de fora. As entranhas de Winston se contraíram. Em breve, muito em breve, talvez em cinco minutos, talvez agora mesmo, o soar de botas significaria que sua vez tinha chegado.

A porta se abriu. O jovem oficial de rosto inexpressivo entrou na cela e indicou Ampleforth com um movimento curto da mão.

– Sala 101 – ele disse.

Ampleforth marchou claudicante entre os guardas, o rosto vagamente perturbado, mas sem compreender.

O que pareceu um longo tempo passou. A dor na barriga de Winston voltou. Sua mente percorria em círculos o mesmo caminho, como uma bola caindo toda hora na mesma série de buracos. Ele só tinha seis pensamentos. A dor na barriga; um pedaço de pão; o sangue e os gritos; O’Brien; Júlia; a lâmina. Ocorreu outra contração em suas entranhas; as pesadas botas se aproximavam. Quando a porta se abriu, a lufada de ar que se criou levou um cheiro forte de suor frio. Parsons entrou na

cela. Usava bermuda cáqui e uma camisa esportiva.

Dessa vez, Winston se entregou ao assombro.

– *Você* aqui! – exclamou.

Parsons lançou-lhe um olhar apático, sem interesse nem surpresa, mas tão somente infelicidade. Começou a andar a esmo de um lado para outro, incapaz de ficar quieto. Toda vez que endireitava os joelhos gorduchos, ficava nítido que eles tremiam. Os olhos estavam arregalados e tinham uma expressão fixa, como se não conseguissem parar de encarar uma coisa a meia distância.

– Por que você está aqui? – perguntou Winston.

– Pensamentocrime! – disse Parsons, quase chorando.

Seu tom de voz denunciava uma completa admissão de culpa e uma espécie de horror incrédulo de que tal palavra pudesse se aplicar a ele. Parou em frente a Winston e começou a apelar, aflito:

– Você não acha que vão atirar em mim, acha, meu velho? Eles não atiram se você não fez nada de errado de verdade, só pensamentos, que ninguém tem como evitar, não é? Sei que eles concedem uma audição justa. Ah, confio que vão fazer isso! Vão ver meus registros, não vão? *Você* sabe que tipo de sujeito eu era. Não de todo mau, à minha moda. Não intelectual, é claro, mas esperto. Tentei fazer meu melhor pelo Partido, não tentei? Consigo sair em cinco anos, você não acha? Ou em dez? Um sujeito como eu podia ser útil em um campo de trabalho. Eles não vão atirar em mim por sair dos trilhos só uma vez, vão?

– Você é culpado?

– Claro que sou! – gritou Parsons com um olhar servil em direção à teletela. – Você não acha que o Partido iria prender

um homem inocente, acha?

O rosto que lembrava um sapo se tornou mais calmo e até assumiu uma expressão ligeiramente fingida.

– Pensamentocrime é uma coisa horrível, meu velho – ele disse. – É insidioso. Domina sem você perceber. Sabe como foi comigo? No sono! Sim, é um fato. Lá estava eu cumprindo meu dever, tentando fazer minha parte, sem nunca desconfiar que tinha coisas podres na cabeça. Daí eu comecei a falar no sono. Sabe o que eles me ouviram dizer?

Ele baixou o tom de voz, como alguém obrigado por razões médicas a verbalizar uma obscenidade.

– "Abaixo o Grande Irmão"! Sim, eu disse isso! Disse várias e várias vezes, parece. Cá entre nós, meu velho, fico contente que me pegaram antes que eu fosse mais longe. Sabe o que vou dizer a eles quando estiver no tribunal? "Obrigado", é isso que vou dizer, "obrigado por me salvarem antes que fosse tarde demais".

– Quem denunciou você?

– Foi minha filhinha – respondeu Parsons com uma espécie de orgulho triste. – Ela ouviu pelo buraco da fechadura. Ouviu o que eu dizia e dedurou para a patrulha no dia seguinte. Bem espertinha para uma espiã de 7 anos, hein? Não guardo nenhum ressentimento por isso. Na verdade, estou orgulhoso dela. Isso mostra que eu a criei no espírito certo.

Ele fez mais alguns movimentos espasmódicos para cima e para baixo, diversas vezes lançando longos olhares na direção do vaso sanitário. De repente, baixou a bermuda.

– Desculpe, meu velho – falou. – Não consigo evitar. É a espera.

E afundou o traseiro enorme no vaso sanitário. Winston

cobriu o rosto com as mãos.

– Smith! – gritou a voz da teletela. – 6079 Smith W! Descubra o rosto. Nada de rosto coberto na cela.

Winston descobriu o rosto. Parsons usou o vaso de maneira abundante e ruidosa. Eis que a descarga estava com defeito e a cela fedeu de modo abominável por muitas horas.

Parsons foi levado. Mais prisioneiros chegaram e partiram misteriosamente. Um, uma mulher, foi consignada à "sala 101" e, Winston notou, pareceu tremer e mudar de cor quando ouviu as palavras. Chegou um momento em que, se fosse manhã quando ele foi levado, já seria de tarde; ou, se tivesse sido de tarde, então já seria meia-noite. Havia seis prisioneiros na cela, homens e mulheres. Todos sentados, imóveis. Em frente a Winston havia um homem sem queixo, muito dentuço, exatamente como um roedor grande e inofensivo. As bochechas flácidas e sardentas estavam tão inchadas na parte de baixo que era difícil não acreditar que ele tivesse pequenos estoques de comida enfiados ali. Os olhos cinza-pálidos saltavam, temerosos, de um rosto a outro e desviavam depressa quando encontravam o olhar de alguém.

A porta se abriu e outro prisioneiro entrou. Sua aparência provocou um pequeno calafrio em Winston. Era um tipo comum, um homem de aparência má que poderia ter sido engenheiro ou técnico. Mas o que assustava era o rosto cadavérico. Era como um crânio. Por causa da magreza, a boca e os olhos ficavam desproporcionalmente grandes, e o olhar era repleto de um ódio assassino, implacável, contra alguém ou alguma coisa.

Ele se sentou no banco a pouca distância de Winston, que não voltou a fitá-lo. O rosto atormentado e esquelético continuou vívido em sua memória, como se o homem

estivesse sentado bem à sua frente. De repente, Winston entendeu do que se tratava. O homem estava morrendo de fome. O mesmo pensamento pareceu ocorrer quase simultaneamente a todos na cela. Uma inquietação muito suave percorreu o banco. Os olhos do homem sem queixo voavam para o homem do rosto cadavérico, depois desviavam, culpados, depois eram arrastados de volta por uma atração irresistível. Em pouco tempo ele começou a se remexer no banco. Por fim se levantou, atravessou a cela tropeçando, mergulhou a mão no bolso do macacão e, com um ar envergonhado, estendeu um pedaço de pão sujo para o homem do rosto cadavérico.

Da teletela saiu um rugido furioso e ensurdecedor. O homem sem queixo deu um pulo de susto. O homem do rosto cadavérico logo colocou as mãos atrás das costas, como se demonstrando para o mundo que tinha recusado o presente.

– Bumstead! – rosnou a voz. – 2713 Bumstead J! Largue esse pedaço de pão.

O homem sem queixo o deixou cair.

– Fique parado onde está – prosseguiu a voz. – Vire-se para a porta. Não faça nenhum movimento.

O homem sem queixo obedeceu. Suas bochechas flácidas tremiam incontrolavelmente. A porta se abriu com um estrondo. O jovem oficial entrou, deu um passo para o lado e atrás dele surgiu um guarda baixo, roliço, com braços e ombros enormes. Ele se posicionou em frente ao homem sem queixo e, a um sinal do oficial, acertou um golpe terrível em sua boca, alavancado por todo o peso do corpo. A força do soco pareceu quase elevá-lo do chão. O corpo foi lançado através da cela e desabou contra a base do vaso sanitário. Por um momento ele ficou caído como que em choque, o sangue

escuro escorrendo da boca e do nariz. Um gemido ou guincho muito baixo, que parecia inconsciente, saiu de sua garganta. Então ele rolou sobre si e se ergueu, cambaleante, sobre as mãos e os joelhos. Em meio a um fluxo de sangue e saliva, duas metades de uma prótese dentária caíram de sua boca.

Os prisioneiros permaneceram sentados, muito quietos, as mãos cruzadas sobre os joelhos. O homem sem queixo se arrastou até seu lugar. Na parte inferior de um lado do rosto, sua pele estava escurecendo. A boca inchada era agora uma massa disforme cor de cereja com um buraco preto no centro. De vez em quando, uma pequena gota de sangue pingava no peito do macacão. Os olhos cinzentos ainda voejavam de um rosto a outro, mais culpados do que nunca, como se ele tentasse descobrir quanto os demais o desprezavam por sua humilhação.

A porta se abriu. Com um gesto curto o oficial indicou o homem do rosto cadavérico.

– Sala 101 – comandou.

Houve um engasgo e uma agitação ao lado de Winston. O homem havia se atirado de joelhos no chão, com as mãos unidas.

– Camarada! Oficial! – ele gritou. – Você não precisa me levar para aquele lugar! Eu já não contei tudo? O que mais você quer saber? Não há nada que eu não vá confessar, nada! É só me dizer o quê, e eu confesso imediatamente. Escreva e eu assino, eu assino qualquer coisa! Não a Sala 101!

– Sala 101 – insistiu o oficial.

O rosto do homem, já muito pálido, assumiu uma cor que Winston não teria julgado possível. Era definitivamente, com certeza, um tom de verde.

– Faça qualquer coisa comigo! – ele gritou. – Vocês estão me matando de fome há várias semanas. Acabem o serviço e me deixem morrer. Atirem em mim, me enforquem, me condenem a vinte e cinco anos. Tem alguém mais que vocês querem que eu entregue? Basta apontar quem, e eu direi qualquer coisa. Não importa quem seja e não me interessa o que vocês vão fazer a ele. Eu tenho esposa e três filhos. O mais velho tem seis anos. Vocês podem pegar o bando todo e cortar as gargantas na minha frente e eu vou assistir sem piscar. Mas não a Sala 101!

– Sala 101 – repetiu o oficial.

O homem olhou freneticamente para os outros prisioneiros, como se imaginasse que poderia colocar outra vítima em seu lugar. Seus olhos pousaram no rosto esmagado do homem sem queixo. Ele esticou o braço magro.

– É *este* que vocês deveriam levar, não eu! – gritou. – Vocês não ouviram o que ele falou depois que amassaram a cara dele! Me deem uma chance e eu vou repetir tudo, cada palavra. *Ele* é contra o Partido, não eu! – Os guardas deram um passo à frente; a voz do homem subiu para um guincho. – Vocês não ouviram o que ele disse! Deu algum problema com a teletela. É *ele* que vocês querem, levem aquele ali, não eu!

Os dois guardas roliços se ajoelharam para pegá-lo pelos braços. Mas bem nesse momento ele se estendeu no chão da cela e agarrou uma das pernas de ferro que sustentavam o banco. Começou a uivar sem palavras, como um animal. Os guardas o seguraram para soltá-lo do banco, mas ele se prendia com uma força surpreendente. Lutaram com ele por talvez vinte segundos. Os prisioneiros permaneceram sentados, imóveis, com as mãos cruzadas sobre os joelhos, olhando fixamente em linha reta. O uivo cessou; o homem não tinha

fôlego para nada além de se segurar. Então se ouviu um tipo diferente de grito. Um chute de uma das botas do guarda tinha quebrado os dedos de uma das mãos do prisioneiro. Eles o arrastaram pelos pés.

– Sala 101 – disse o oficial.

O homem foi levado para fora cambaleando, a cabeça caída, afagando a mão esmagada, esvaziado de força.

Um longo tempo se passou. Se fosse meia-noite quando o homem do rosto cadavérico foi levado, seria de manhã; se tivesse sido de manhã, então já seria tarde. Winston estava sozinho e assim continuou por muitas horas. A dor de ficar sentado no banco estreito era tanta que com frequência ele se levantava e andava um pouco, sem ser repreendido pela teletela. O pedaço de pão ainda estava onde o homem sem queixo o havia derrubado. No começo, foi necessário um grande esforço para não olhar para ele, mas, no momento, a fome tinha dado lugar à sede. Sua boca estava pegajosa e com um gosto ruim. O murmúrio contínuo e a luz branca invariável induziam a uma espécie de torpor, uma sensação de vazio na cabeça. Ele se levantava porque a dor nos ossos já era insuportável, e tornava a se sentar quase imediatamente porque estava zonzo demais para conseguir ficar de pé. Sempre que suas sensações físicas estavam minimamente sob controle, o terror voltava. Algumas vezes, com uma esperança remota, ele pensava em O'Brien e na lâmina de barbear. Talvez a lâmina chegasse escondida na comida, se é que ele seria alimentado. Meio confuso, pensava em Júlia. Em algum lugar ela sofria, talvez bem mais do que ele. Poderia estar gritando de dor naquele exato momento. "Se eu pudesse salvar Júlia duplicando a minha dor, eu faria isso? Sim, faria." Mas essa era apenas uma decisão racional, necessária, e não sentimental. Naquele lugar não se conseguia sentir nada exceto dor e

sofrimento por antecipação. Além do mais, seria possível, quando se estava sofrendo assim, desejar, por algum motivo, que a dor aumentasse? Mas ainda não se podia responder a essa pergunta.

As botas se aproximaram de novo. A porta se abriu. O'Brien entrou.

Winston levantou de supetão. O choque da visão o despiu de toda cautela. Pela primeira vez, em muitos anos, esqueceu a presença da teletela.

– Eles pegaram você também! – gritou.

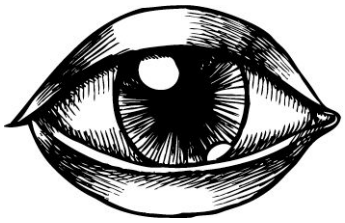
– Eles me pegaram há muito tempo – disse O'Brien com uma ironia sutil, quase pesarosa. Deu um passo para o lado. De trás dele surgiu um guarda de peito largo com um longo cassetete preto na mão.

– Você sabia disso, Winston – disse O'Brien. – Não engane a si próprio. Você sabia, você sempre soube.

Sim, ele percebia agora, ele sempre soubera. Mas não havia tempo para pensar nisso. Ele só tinha olhos para o cassetete na mão do guarda. Poderia cair em qualquer lugar: no topo da cabeça, na ponta da orelha, na parte de cima do braço, no cotovelo…

O cotovelo! Ele caiu de joelhos, quase paralisado, segurando o cotovelo atingido com a mão oposta. Tudo explodiu em uma luz amarela. Não era possível que um único golpe causasse tamanha dor! O clarão passou e Winston conseguiu ver os outros dois olhando para baixo, na direção dele. O guarda ria de suas contorções. Uma pergunta, ao menos, teve resposta. Nunca, por nenhuma razão no mundo, você poderia desejar um aumento da dor. Da dor você só podia desejar uma coisa: que parasse. Nada no mundo era tão ruim quanto a dor física:

diante dela não existem heróis. Não existem heróis, ele pensou de novo e de novo enquanto se revirava no chão, apertando inutilmente o braço esquerdo ferido.



Capítulo 2

Winston viu-se deitado em algo que parecia uma cama de armar, exceto por ficar mais distante do chão e por ele estar de alguma forma preso a ela de um modo que o impedia de se mexer. Uma claridade mais intensa do que o habitual atingia seu rosto. O'Brien, de pé a seu lado, observava-o fixamente. Na outra lateral, um homem de avental branco segurava uma seringa hipodérmica.

Seus olhos, embora abertos, captaram só uma parte do entorno. Ele tinha a impressão de nadar para o alto até aquele quarto, partindo de um outro mundo, um mundo subaquático longínquo, profundo. Quanto tempo estivera deitado ali? Não sabia. Desde o instante em que o prenderam, não vira escuridão nem luz natural. Além disso, suas lembranças eram fragmentadas. Havia momentos em que a consciência, mesmo a do sono, sumia totalmente e voltava mais tarde, após um intervalo em branco. Mas, se os intervalos eram de dias ou semanas ou apenas segundos, não havia como saber.

Com aquele primeiro golpe no cotovelo, o pesadelo tinha começado. Mais tarde, ele viria a perceber que tudo o que então acontecera era somente um interrogatório preliminar e de rotina, ao qual quase todos os prisioneiros eram submetidos. Havia uma ampla gama de crimes (espionagem, sabotagem e outros do tipo) que todos deveriam confessar por uma questão de protocolo. A confissão não passava de uma formalidade, embora a tortura fosse real. Quantas vezes fora

espancado, ou quanto tempo o espancamento tinha durado, ele não conseguia lembrar. Sempre havia cinco ou seis homens de uniforme preto simultaneamente. Algumas vezes usavam os punhos, algumas cassetetes, outras varas de aço ou botas. Houve momentos em que ele rolou pelo chão, tão sem pudor quanto um animal, retorcendo o corpo para um lado e outro em um esforço sem fim e sem esperança de se desviar dos chutes e com isso simplesmente incentivando mais e ainda mais chutes nas costelas, na barriga, nos cotovelos, nas canelas, na virilha, nos testículos, no último osso da espinha. Houve momentos em que durou tanto que a coisa mais cruel, perversa e imperdoável não lhe parecia ser que os guardas continuassem a espancá-lo, mas que ele não conseguisse forçar-se a perder a consciência. Houve momentos em que seus nervos o abandonaram de tal forma que ele começou a gritar por misericórdia mesmo antes de o espancamento começar, quando a mera visão de um punho recuado na preparação para um soco bastava para fazê-lo despejar uma confissão de crimes reais e imaginários. Houve outros instantes em que no início ele tomou a decisão de não confessar nada, e então cada palavra precisava ser arrancada entre arquejos de dor, e houve momentos em que tentou fazer um acordo, dizendo a si mesmo: “Eu vou confessar, mas não ainda. Preciso aguentar até que a dor se torne insuportável. Mais três chutes, mais dois chutes, e então direi o que eles querem”. Algumas vezes apanhou tanto que mal se sustentava de pé, e depois foi jogado como um saco de batatas no chão de pedra de uma cela, deixado para que se recuperasse por algumas horas, e em seguida levado para apanhar de novo. Houve também longos períodos de recuperação. Winston se lembrava disso sem clareza, porque eram gastos principalmente em um sono letárgico. Recordava de uma cama de tábuas, uma espécie de prateleira que se projetava da

parede, de uma tina de água e de refeições de sopa quente e pão, e algumas vezes também café. Lembrava-se de um barbeiro rude chegando para raspar seu queixo e tosar seu cabelo e de homens antipáticos de aparência profissional tomando-lhe o pulso, testando seus reflexos, elevando suas pálpebras, passando com violência os dedos por seu corpo em busca de ossos quebrados e aplicando injeções em seu braço para que dormisse.

Os espancamentos se tornaram menos frequentes. Tornaram-se uma ameaça, um horror ao qual ele poderia ser submetido a qualquer momento, quando suas respostas fossem insatisfatórias. Os interrogadores agora não eram rufiões de uniforme preto, e sim intelectuais do Partido, homenzinhos rotundos de movimentos ágeis e óculos reluzentes, que trabalhavam nele, em rodízio, por períodos que duravam, achava, não podia ter certeza, dez ou doze horas de cada vez. Esses outros interrogadores faziam com que sofresse ininterruptamente alguma dor branda, mas não era na dor que eles confiavam. Esbofeteavam seu rosto, torciam suas orelhas, puxavam seu cabelo, faziam-no ficar sobre uma só perna, recusavam autorização para que urinasse, jogavam luz intensa em seu rosto até que os olhos lacrimejassem; mas o objetivo era simplesmente humilhá-lo e destruir sua capacidade de argumentar e raciocinar. A verdadeira arma deles era o interrogatório impiedoso que prosseguia por horas, que o confundia, montava armadilhas contra ele, distorcia tudo que dizia, condenava-o a cada passo por mentiras e contradições, até que ele começava a chorar de vergonha e de exaustão nervosa. Algumas vezes chorava meia dúzia de vezes em uma única sessão. Na maior parte do tempo, os homens gritavam insultos e a cada hesitação ameaçavam entregá-lo de novo aos guardas; mas outras vezes mudavam subitamente o tom,

chamavam-no de camarada, apelavam a ele em nome do Socing e do Grande Irmão e perguntavam, pesarosos, se mesmo agora não sentia pelo Partido lealdade suficiente para desejar desfazer o mal que havia feito. Quando seus nervos estavam em farrapos depois de horas de interrogatório, até mesmo esse apelo conseguia reduzi-lo a fungadas e lágrimas. No fim, as vozes que o atormentavam o destruíam mais completamente do que as botas e os punhos dos guardas. Winston se tornou apenas uma boca que falava, uma mão que assinava qualquer coisa que lhe fosse exigida. Sua única preocupação era descobrir o que eles queriam saber, e então confessar logo, antes que a surra recomeçasse. Confessou o assassinato de membros importantes do Partido, a distribuição de panfletos que incentivavam motins, o desvio de recursos públicos, a venda de segredos militares, sabotagem de todos os tipos. Confessou ter sido um espião a soldo do governo da Lestásia desde 1968. Confessou ser um crente religioso, um admirador do capitalismo e um pervertido sexual. Confessou haver assassinado a esposa, embora soubesse, e os interrogadores também deviam saber, que ela ainda estava viva. Confessou que durante anos tivera contato pessoal com Goldstein e que fora membro de uma organização clandestina que incluía quase todos os seres humanos que conhecia. Era mais fácil confessar tudo e implicar todo mundo. Além disso, de certa forma, era tudo verdade. Era verdade que ele se tornara inimigo do Partido, e aos olhos do Partido não havia diferença entre pensamento e ação.

Havia também lembranças de outro tipo. Elas pairavam fora de sua mente, de uma forma desconectada, como imagens cercadas de escuridão.

Winston estava em uma cela que tanto poderia estar escura quanto iluminada, porque não conseguia enxergar nada além

de um par de olhos. Ao alcance da mão, um tipo de instrumento tiquetaqueava devagar e regularmente. Os olhos cresceram e ficaram mais luminosos. De repente, ele flutuou acima do assento, mergulhou nos olhos e foi engolido.

Viu-se amarrado a uma cadeira cercada de mostradores, sob luzes ofuscantes. Um homem de avental branco os lia. De fora, chegou o som pesado de botas. A porta se abriu com um estalido. O oficial com o rosto de cera entrou marchando, seguido por dois guardas.

– Sala 101 – disse o oficial.

O homem do avental branco não se virou. Tampouco olhou para Winston; examinava apenas os mostradores.

Desceu um corredor imponente, com um quilômetro de largura, cheio de uma luz dourada, gloriosa, rugindo risadas e confessando a plenos pulmões. Confessava tudo, até as coisas que tinha conseguido reter sob tortura. Contou a história inteira de sua família para uma plateia que já a conhecia. Com ele estavam os guardas, os outros interrogadores, os homens de avental branco, O'Brien, Júlia, o senhor Charrington, todos descendo o corredor juntos, gritando e rindo. Alguma coisa assustadora que tinha estado à espera, guardada no futuro, havia de alguma forma sido esquecida e não concretizada. Estava tudo bem, não havia mais dor, até o último detalhe de sua vida fora exposto, compreendido, perdoado.

Levantou-se da cama de tábuas na meia certeza de ter ouvido a voz de O'Brien. Ao longo de todo o interrogatório, embora nunca o tivesse visto, veio a sensação de que O'Brien estava junto a seu cotovelo, fora da vista. Era O'Brien que comandava tudo. Era ele que mandava os guardas para cima de Winston e que os impedia de matá-lo. Era ele que decidia quando Winston deveria gritar de dor, quando deveria ter uma

pausa, quando deveria ser alimentado, quando deveria dormir, quando drogas deveriam ser injetadas em seu braço. Era ele que fazia as perguntas e sugeria as respostas. Ele era o carrasco, o protetor, ele era o inquisidor, ele era o amigo. E uma vez, Winston não conseguia lembrar se aconteceu durante um sono regular ou induzido por drogas ou mesmo em um instante de vigília, uma voz murmurou em sua orelha:

– Não se preocupe, você está sob minha guarda. Faz sete anos que eu o observo. Agora o ponto de virada chegou. Vou salvá-lo, vou torná-lo perfeito.

Ele não tinha certeza de ter sido a voz de O'Brien, mas era a mesma voz que lhe dissera "Nós vamos nos encontrar no lugar onde não há escuridão", naquele outro sonho, sete anos antes.

Ele não se lembrava do final de nenhum dos interrogatórios. Havia um período de escuridão, e depois a cela, ou o quarto, onde estava agora, materializava-se lentamente a seu redor. Quase deitado de costas, sentia-se incapaz de se mover. Seu corpo estava imobilizado em todos os pontos essenciais. Até a parte de trás da cabeça fora presa. O'Brien o observava com gravidade e certa tristeza. Visto de baixo, o rosto de O'Brien parecia velho e cansado, com bolsas sob os olhos e linhas de expressão do nariz até o queixo. Era mais velho do que Winston tinha imaginado; teria talvez 48 ou 50 anos. Sob a mão pesada havia um mostrador com uma alavanca na parte de cima e números espalhados nas margens.

– Eu lhe disse que, se nos encontrássemos de novo, seria aqui.

– Sim – respondeu Winston.

Sem nenhum aviso exceto um ligeiro movimento da mão de O'Brien, uma onda de dor invadiu seu corpo. Era uma dor assustadora porque ele não conseguia ver o que estava

acontecendo, e tinha a sensação de que algum dano mortal lhe fora infligido. Não sabia se estava realmente acontecendo ou se a eletricidade provocava o efeito, mas sentia o corpo deformado por estiramento, as articulações lentamente se afastando. Embora a dor tenha feito brotar suor em sua testa, o pior de tudo era o medo de que a coluna estivesse prestes a se romper. Ele cerrou os dentes e respirou pelo nariz, tentando se manter em silêncio pelo maior tempo possível.

– Você está com medo de que em mais um instante algo vá se quebrar – disse O'Brien, observando-lhe o rosto. – Seu medo específico é de que seja sua coluna. Você tem uma imagem mental vívida das vértebras se afastando e do liquor pingando delas. Isto é o que você está pensando, não é?

Winston não respondeu. O'Brien recuou a alavanca do mostrador. A onda de dor retrocedeu quase na mesma velocidade com que tinha surgido.

– Isto foi quarenta – disse O'Brien. – Você pode ver que os números neste mostrador vão até cem. Por favor lembre-se, durante toda a nossa conversa, de que tenho poder de infligir dor a você a qualquer momento e em qualquer intensidade que eu queira. Se me contar alguma mentira ou tentar alguma adulteração ou mesmo se cair abaixo do seu nível habitual de inteligência, você vai urrar de dor instantaneamente. Entendeu?

– Sim – respondeu Winston.

Os modos de O'Brien se tornaram menos severos. Ele arrumou os óculos de maneira pensativa e deu um ou dois passos de um lado para outro. Quando falou, sua voz soou gentil e paciente. Ele tinha a aparência de um médico ou professor, até de um padre, ansioso por explicar e persuadir, mais do que punir.

– Estou me dando ao trabalho com você, meu caro, porque você vale o trabalho. Sabe perfeitamente qual é seu problema. Conhece-o há anos, embora tenha lutado contra. Você é mentalmente perturbado. Sofre de uma memória deficiente. É incapaz de se lembrar de eventos reais e se convence de que se lembra de outros eventos, que nunca aconteceram. Felizmente, tem cura. Você nunca se curou disso porque escolheu não se tratar. Havia um pequeno esforço da vontade que você não estava pronto para fazer. Mesmo agora, estou bem ciente, está se agarrando à sua doença sob a impressão de que ela é uma virtude. Vejamos um exemplo. Neste momento, com qual potência a Oceania está em guerra?

– Quando fui preso, a Oceania estava em guerra com a Lestásia.

– Com a Lestásia. Bom. E a Oceania sempre esteve em guerra com a Lestásia, não é?

Winston prendeu a respiração. Abriu a boca para falar e não falou. Não conseguia afastar os olhos do mostrador.

– A verdade, por favor. A *sua* verdade. Diga-me o que acha que lembra.

– Eu me lembro que até uma semana antes da minha prisão nós não estávamos em guerra com a Lestásia, absolutamente. Éramos aliados deles. A guerra era contra a Eurásia. Essa guerra durou quatro anos. Antes disso…

O’Brien o interrompeu com um movimento da mão.

– Outro exemplo – ele disse. – Há alguns anos, você sofreu um delírio realmente muito grave. Achou que três homens, três antigos membros do Partido chamados Jones, Aaronson e Rutherford, executados por traição e sabotagem depois de uma confissão bem completa, a mais completa possível, não eram

culpados dos crimes pelos quais foram acusados. Você acreditou ter visto uma evidência documental definitiva, que confirmava a falsidade das confissões deles. Houve uma determinada fotografia sobre a qual você teve sua alucinação. Acreditou que a tinha segurado nas mãos. Era uma fotografia parecida com esta.

Um pedaço oval de jornal apareceu entre os dedos de O'Brien. Por talvez cinco segundos, ficou no ângulo de visão de Winston. Era uma fotografia e não havia dúvida sobre sua identidade. Era *a* fotografia. Era outra cópia da fotografia de Jones, Aaronson e Rutherford na repartição de Nova Iorque do Partido, com a qual ele tinha trombado por acaso onze anos antes e prontamente destruído. Por apenas um instante estivera diante de seus olhos, e logo estava fora de vista de novo. Mas ele a tinha visto, com certeza! Fez um esforço desesperado, aflito, para liberar a metade superior do corpo. Era impossível mexer-se um centímetro que fosse em qualquer direção. Por ora, esqueceu-se até do mostrador. Só o que queria era segurar a fotografia entre os dedos mais uma vez, ou ao menos vê-la.

– Ela existe! – gritou.

– Não – disse O'Brien, cruzando a sala.

Havia um buraco da memória na parede oposta. O'Brien levantou a grade. Sem ser visto, o frágil pedacinho de papel foi embora rodopiando na corrente de ar quente; desapareceu em um clarão de chamas. O'Brien se afastou da parede.

– Cinzas. Nem mesmo cinzas identificáveis. Pó. Não existe. Nunca existiu.

– Mas existiu! Existe! Existe na memória. Eu me lembro dela. Você se lembra.

– Eu não me lembro – rebateu O'Brien.

Winston sentiu um aperto no peito. Aquilo era duplopensar. Tinha uma sensação mortal de desamparo. Se pudesse ter certeza de que O'Brien estava mentindo, não teria parecido importante. Mas era perfeitamente possível que O'Brien já tivesse de fato esquecido a fotografia. E, se fosse assim, então ele já teria apagado também a recusa em se lembrar, e o ato de esquecer. Como alguém poderia ter certeza de que era apenas um truque? Talvez aquele deslocamento insano da mente pudesse acontecer de verdade: e foi esse pensamento que o derrubou.

O'Brien o olhava de um jeito especulativo. Mais do que nunca, tinha o ar de um professor que sofria por uma criança rebelde, mas promissora.

– O Partido tem um lema que aborda o controle do passado – falou. – Repita para mim, por favor.

– Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado – Winston repetiu, obediente.

– Quem controla o presente controla o passado – disse O'Brien, assentindo com um gesto lento de cabeça. – Na sua opinião, o passado tem uma existência real?

Mais uma vez o sentimento de desamparo tomou conta de Winston. Seus olhos giraram na direção do mostrador. Ele não só duvidava se "sim" ou "não" era a resposta que o pouparia da dor; já não sabia qual resposta acreditava ser a verdadeira.

O'Brien sorriu, desanimado.

– Você não é um metafísico, Winston – disse. – Até este momento, nunca parou para considerar o significado de "existência". Vou reformular com mais precisão. O passado existe concretamente, no espaço? Existe, em um lugar ou outro, um mundo de objetos sólidos onde o passado ainda

esteja acontecendo?

– Não.

– Então onde o passado existe, se é que existe?

– Nos registros. Está escrito.

– Nos registros. E…?

– Na mente. Nas memórias humanas.

– Na memória. Muito bem, então. Nós, o Partido, controlamos todos os registros e controlamos todas as memórias. Então, nós controlamos o passado, não?

– Mas como você pode impedir as pessoas de se lembrarem das coisas? – gritou Winston, de novo momentaneamente esquecido do mostrador. – É involuntário. Está fora do alcance. Como se pode controlar a memória? Você não controlou a minha!

Os modos de O'Brien se tornaram sérios de novo. Ele pousou a mão no mostrador.

– Ao contrário – disse. – *Você* não a controlou. Isso foi o que o trouxe para cá. Você está aqui porque falhou em humildade, em autodisciplina. Não aceitou a submissão, que é o preço da sanidade. Preferiu ser um lunático, uma minoria de um. Só a mente disciplinada consegue ver a realidade. Você acredita que a realidade é objetiva, externa e existe por conta própria. Também acredita que a natureza da realidade é autoevidente. Quando se ilude pensando que está vendo algo, você presume que todo mundo está vendo o mesmo que você. Mas eu lhe digo, Winston, que a realidade não é externa; ela existe na mente humana e em nenhum outro lugar. Não na mente individual, que pode cometer erros e logo perece; só na mente do Partido, que é coletiva e imortal. Não importa o que o Partido considere ser a verdade, ela *é* a verdade. É impossível

ver a realidade, exceto enxergando através dos olhos do Partido. Esse é o fato que você precisa reaprender, Winston. Precisa ser um ato de autodestruição, um esforço da vontade. Você precisa se humilhar antes de poder se tornar lúcido.

Interrompeu-se por alguns instantes, como para permitir que suas palavras fossem assimiladas.

– Você se lembra – O'Brien prosseguiu – de escrever em seu diário: "Liberdade é a liberdade de dizer que dois mais dois são quatro"?

– Sim – disse Winston.

O'Brien levantou a mão esquerda, o dorso virado para Winston, o polegar escondido e quatro dedos esticados.

– Quantos dedos estou estendendo?

– Quatro.

– E se o Partido disser que não são quatro, mas cinco; então, quantos?

– Quatro.

A palavra terminou com um arquejo de dor. A agulha do mostrador tinha atingido cinquenta e cinco. O suor brotou pelo corpo inteiro de Winston. O ar rasgou seus pulmões e saiu de novo em gemidos profundos, que ele não conseguiu evitar nem mesmo comprimindo com força os dentes. O'Brien o observava, com os quatro dedos ainda esticados. Recuou a alavanca. Dessa vez, a dor foi apenas ligeiramente suavizada.

– Quantos dedos, Winston?

– Quatro.

A agulha subiu a sessenta.

– Quantos dedos, Winston?

– Quatro! Quatro! O que mais eu posso dizer? Quatro!

A agulha devia ter subido de novo, mas ele não olhou. O rosto pesado e grave e os quatro dedos preenchiam sua visão. Os dedos estavam diante de seus olhos como pilares, enormes, borrados e parecendo vibrar, mas inequivocamente quatro.

– Quantos dedos, Winston?

– Quatro! Pare, pare com isso! Como você consegue continuar? Quatro! Quatro!

– Quantos dedos, Winston?

– Cinco! Cinco! Cinco!

– Não, Winston, assim não adianta. Você está mentindo. Ainda acha que são quatro. Quantos dedos, por favor?

– Quatro! Cinco! Quatro! Quantos você quiser, mas pare com isso!

Abruptamente, viu-se sentado, com o braço de O'Brien sobre os ombros. Talvez tivesse perdido a consciência por alguns segundos. As amarras que mantinham seu corpo preso estavam soltas. Ele sentia muito frio, tremia incontrolavelmente, seus dentes batiam, as lágrimas escorriam pelas bochechas. Por um momento agarrou-se a O'Brien como um bebê, curiosamente reconfortado pelo braço pesado em volta dos ombros. Tinha a sensação de que o homem era seu protetor, que a dor era algo que vinha de fora, de alguma outra fonte, e que O'Brien o salvaria dela.

– Você aprende devagar, Winston – disse O'Brien gentilmente.

– Como poderia ser de outro jeito? – ele choramingou. – Como posso evitar ver o que está bem diante dos meus olhos? Dois mais dois são quatro.

– Às vezes, Winston. Às vezes, são cinco. Às vezes, são três. Às vezes, são todos ao mesmo tempo. Você precisa se esforçar mais. Não é fácil se tornar lúcido.

Ele havia deitado Winston na cama. O aperto em seus membros estava forte de novo, mas a dor tinha diminuído e o tremor passou, deixando-o somente fraco e com frio. O'Brien moveu a cabeça em direção ao homem de avental branco, que permaneceu imóvel ao longo de todos os procedimentos. Então o homem se curvou e examinou de perto os olhos de Winston, sentiu sua pulsação, pousou a orelha contra seu peito, deu tapinhas aqui e ali; depois acenou para O'Brien.

– De novo – disse O'Brien.

A dor inundou o corpo de Winston. A agulha deveria estar em setenta, setenta e cinco. Ele fechou os olhos. Sabia que os dedos ainda estavam lá, e que eram quatro. Só o que importava agora era algum modo de continuar vivo até que o espasmo de dor passasse. Tinha deixado de notar se berrava ou não. A dor amainou de novo. Ele abriu os olhos. O'Brien tinha recuado a alavanca.

– Quantos dedos, Winston?

– Quatro. Acho que são quatro. Eu veria cinco, se pudesse. Estou tentando ver cinco.

– O que você deseja: me convencer de que vê cinco ou realmente ver cinco?

– Realmente ver cinco.

– De novo – disse O'Brien.

Talvez a agulha estivesse em oitenta, noventa. Winston só conseguia se lembrar por que a dor estava acontecendo. Atrás das pálpebras fechadas com força, uma floresta de dedos parecia se mexer em uma dança, volteando, desaparecendo uns

atrás dos outros e reaparecendo em seguida. Ele tentava contá-los, mas não se lembrava por quê. Sabia apenas que era impossível contar e que isso tinha alguma coisa a ver com a identidade misteriosa entre cinco e quatro. A dor se atenuou outra vez. Quando ele abriu os olhos, descobriu que continuava vendo a mesma coisa. Dedos incontáveis, como árvores ambulantes, ainda passavam de um lado para outro, cruzando-se e se entrecruzando. Ele tornou a fechar os olhos.

– Quantos dedos estou estendendo, Winston?

– Eu não sei. Eu não sei. Você vai me matar se fizer isso de novo. Quatro, cinco, seis… Com toda a honestidade, eu não sei.

– Melhor – disse O'Brien.

Uma agulha penetrou no braço de Winston. Quase no mesmo instante, um calor abençoado e restaurador se espalhou por todo o seu corpo. A dor já estava semiesquecida. Ele abriu os olhos e encarou O'Brien com gratidão. Ao ver o rosto sério, enrugado, tão feio e tão inteligente, sentiu o coração revirar. Se pudesse se mexer, teria esticado a mão e tocado o braço de O'Brien. Nunca o amara tão profundamente como naquele instante, e não era só por ele ter interrompido a dor. O velho sentimento, de que no fundo não importava se O'Brien era um amigo ou um inimigo, voltou. Ele era alguém com quem podia conversar. Talvez uma pessoa não quisesse tanto ser amada quanto ser compreendida. O'Brien o havia torturado até quase levá-lo à loucura e dali a pouco, certamente, iria despachá-lo para a morte. Não fazia diferença. Em certo sentido, aquilo era mais profundo do que a amizade; eles eram íntimos: em um lugar ou outro, embora as palavras talvez nunca fossem ditas, havia um local onde eles podiam se encontrar e conversar. O'Brien olhava para baixo, observando Winston com uma

expressão que sugeria a possibilidade de estar pensando a mesma coisa. Quando falou, foi em um tom amigável.

– Você sabe onde está, Winston?

– Não sei. Posso supor. No Ministério do Amor.

– Você sabe há quanto tempo está aqui?

– Não. Dias, semanas, meses; acho que há meses.

– E por que você acha que trazemos as pessoas para este lugar?

– Para fazê-las confessar.

– Não, a razão não é esta. Tente de novo.

– Para castigá-las.

– Não! – exclamou O'Brien. Sua voz havia se alterado de modo extraordinário, e o rosto de súbito se tornara ao mesmo tempo sério e furioso. – Não! Não só para arrancar sua confissão nem para castigar você. Será que preciso dizer por que o trouxemos para cá? Para curar você! Para torná-lo lúcido! Entenda, Winston: ninguém que trazemos para cá sai daqui sem estar curado. Não estamos interessados nesses crimes estúpidos que você cometeu. O Partido não se interessa pelos atos explícitos; o pensamento é tudo com o que nos importamos. Nós não destruímos nossos inimigos: nós os modificamos. Você entende o que quero dizer com isso?

Ele estava curvado sobre Winston. Seu rosto parecia enorme por causa da proximidade, e hediondamente feio por ser visto de baixo. Mais que isso, transmitia uma exaltação, uma intensidade insana. O coração de Winston se encolheu. Se tivesse sido possível, ele teria se afundado mais na cama. Teve certeza de que O'Brien estava prestes a acionar a alavanca por pura crueldade, mas nesse momento, entretanto, ele lhe deu as

costas. Andou um ou dois passos a esmo. Depois continuou, com menos veemência:

– A primeira coisa que você precisa entender é que neste lugar não ocorrem martírios. Você leu sobre as perseguições religiosas do passado. Na Idade Média, existiu a Inquisição. Foi um erro. Ela foi pensada para erradicar a heresia e acabou por perpetuá-la. Para cada herege que queimou na fogueira, milhares de outros surgiram. Por quê? Porque a Inquisição matava seus inimigos abertamente, e os matava antes que se arrependessem; na verdade, matava porque eles não se arrependiam. Os homens morriam porque não abandonavam suas verdadeiras crenças. Naturalmente, toda a glória pertencia à vítima e toda a vergonha, ao inquisidor que o queimava. Mais tarde, no século XX, surgiram os "totalitários", como eram chamados. Houve os nazistas alemães e os comunistas russos. Os russos perseguiram a heresia mais cruelmente do que a Inquisição tinha feito. Pensavam haver aprendido com os erros do passado; sabiam, pelo menos, que não se devem produzir mártires. Antes de expor suas vítimas ao julgamento público, eles deliberadamente se dedicavam a destruir a dignidade delas. Aniquilavam-nas pela tortura e pelo isolamento até que se tornassem desprezíveis, miseráveis e cheias de vergonha, prontas a confessar qualquer coisa que lhes enfiassem na boca, cobrindo a si mesmas de insultos, acusando-se mutuamente e se escondendo umas atrás das outras, ganindo por misericórdia. E mesmo assim, depois de uns poucos anos, a mesma coisa aconteceu de novo. Os homens mortos se tornavam mártires e a degradação deles era esquecida. Mais uma vez: por quê? Em primeiro lugar, porque as confissões eram obviamente forçadas e falsas. Nós não cometemos erros desse tipo. Todas as confissões verbalizadas são verdadeiras. Nós as tornamos verdadeiras. Acima de tudo,

não permitimos que os mortos se levantem contra nós. Você precisa parar de fantasiar que a posteridade vai vingá-lo, Winston. A posteridade nunca vai ouvir falar a seu respeito. Você será totalmente apagado do fluxo da História. Nós o transformaremos em vapor e o lançaremos à estratosfera. Nada restará de você: nem um nome em um registro, nem uma lembrança em uma mente. Você será aniquilado no passado e no futuro. Você nunca terá existido.

"Então por que se dar ao trabalho de me torturar?", Winston pensou, com uma amargura momentânea. O'Brien interrompeu seus passos como se Winston tivesse revelado o pensamento em voz alta. O rosto grande e feio se aproximou, os olhos um pouco vesgos.

– Você está pensando que, se pretendemos destruí-lo totalmente, nada do que você diga ou faça tem o menor efeito. Assim sendo, por que nos damos ao trabalho de interrogá-lo, para começo de conversa? Era isso que você estava pensando, não era?

– Era.

O'Brien sorriu suavemente.

– Você é uma falha no padrão, Winston. É uma mancha que precisa sair. Não acabei de lhe dizer que somos diferentes dos perseguidores do passado? Nós não nos contentamos com a obediência negativa, nem mesmo com a mais abjeta submissão. Quando você finalmente se render a nós, terá de ser por sua livre vontade. Nós não destruímos o herege porque ele resiste; enquanto ele resistir, nós nunca o destruiremos. Nós o convertemos, capturamos sua mente mais profunda e a remodelamos. Arrancamos dele todo o mal e toda a ilusão; nós o trazemos para o nosso lado, não na aparência, mas genuinamente, de coração e alma. Nós o tornamos um dos

nossos antes de matá-lo. É intolerável para nós que um pensamento errôneo exista em algum lugar do mundo, não importa quanto seja secreto ou inofensivo. Mesmo no momento da morte, não podemos permitir nenhum desvio. Nos velhos tempos, os hereges iam para a fogueira ainda como hereges, proclamando sua heresia, exultantes. Até as vítimas dos expurgos russos podiam levar a rebelião trancada em seu íntimo enquanto percorriam o corredor à espera da bala. Mas nós tornamos o cérebro perfeito antes de explodi-lo. A ordem dos antigos déspotas era "Tu não hás de". A ordem dos totalitários era "Tu hás de". O nosso é "Tu és". Ninguém que trazemos a este lugar jamais fica contra nós. Todos são completamente purificados. Até mesmo aqueles três traidores infelizes em cuja inocência você chegou a acreditar, Jones, Aaronson e Rutherford, no final nós os dobramos. Participei pessoalmente do interrogatório. Eu os vi ceder gradualmente, choramingando, rastejando, chorando; e no final não era de dor nem de medo, mas pura penitência. Quando terminamos, eles eram apenas homens ocos. Nada restava no interior, exceto arrependimento pelo que tinham feito e amor pelo Grande Irmão. Foi comovente ver como o amavam. Eles imploraram para ser fuzilados depressa, para morrer enquanto suas mentes ainda estavam limpas.

Sua voz tinha se tornado quase sonhadora. A exaltação e o entusiasmo insano ainda estavam em seu rosto. "Ele não está fingindo", pensou Winston, "ele não é um hipócrita, ele acredita em cada palavra do que está dizendo". O que mais o oprimia era a consciência da própria inferioridade intelectual. Observou a figura pesada, mas ainda assim acolhedora, andando de um lado para outro, para dentro e para fora de seu campo de visão. O'Brien era uma criatura, em todos os sentidos, maior que ele. Não havia nenhuma ideia que ele

pudesse ter tido, ou viesse a ter, que O'Brien muito tempo antes já não houvesse pensado, examinado e rejeitado. A mente dele *continha* a mente de Winston. Mas, nesse caso, como poderia ser verdade que O'Brien fosse louco? Devia ser ele, Winston, o louco. O'Brien parou e olhou para baixo, na direção dele. Sua voz voltou ao tom sério.

– Não imagine que você vai se salvar, mesmo que se renda completamente a nós. Ninguém que tenha saído dos trilhos é poupado, jamais. E, mesmo que nós decidíssemos deixá-lo viver até o fim de sua vida natural, ainda assim você nunca escaparia. O que lhe acontece aqui é para sempre. Entenda isso desde já. Nós vamos arrasar você a um ponto sem volta. Você passará por coisas das quais não poderia se recuperar nem que vivesse mil anos. Nunca mais será capaz de ter um sentimento humano comum. Tudo estará morto em seu interior. Nunca mais será capaz de sentir amor, amizade, alegria de viver; nunca mais poderá rir ou ter curiosidade, coragem ou integridade. Você estará oco. Nós vamos espremê-lo até que fique vazio, e então iremos preenchê-lo.

Fez uma pausa e gesticulou para o homem de avental branco. Winston teve consciência de um equipamento pesado ser encaixado em algum ponto atrás de sua cabeça. O'Brien tinha se sentado ao lado da cama e seu rosto estava quase na mesma altura do de Winston.

– Três mil – ele disse, falando por cima da cabeça de Winston para o homem de avental branco.

Duas almofadinhas macias e aparentemente úmidas foram presas por braçadeiras contra as têmporas de Winston. Ele estremeceu. A dor estava a caminho, um novo tipo de dor. De modo tranquilizador, quase gentil, O'Brien pousou a mão na dele.

– Desta vez não vai doer – ele disse. – Mantenha os olhos nos meus.

Nesse momento ocorreu uma explosão devastadora, ou algo que pareceu uma explosão, embora Winston não estivesse certo se tinha ocorrido algum barulho. Houve um clarão ofuscante. Ele não estava ferido, só prostrado. Apesar de já deitado, teve a sensação estranha de ter sido golpeado para aquela posição. Um golpe terrível e indolor o tinha achatado. Algo também ocorrera dentro de sua cabeça. Conforme os olhos reconquistaram o foco, ele lembrou quem era e onde estava, e reconheceu o rosto que o observava; mas em algum lugar havia um amplo espaço vazio, como se um pedaço tivesse sido removido de seu cérebro.

– Não vai durar – disse O'Brien. – Olhe nos meus olhos. Com que país a Oceania está em guerra?

Winston pensou. Sabia o que significava Oceania e que ele próprio era um cidadão da Oceania. Também se lembrava de Eurásia e Lestásia; mas quem estava em guerra com quem ele não sabia. Na verdade, nem sabia que havia uma guerra em curso.

– Não lembro.

– A Oceania está em guerra com a Lestásia. Você se lembra, agora?

– Sim.

– A Oceania sempre esteve em guerra com a Lestásia. Desde o início de sua vida, desde o início do Partido, desde o início da História, a guerra prossegue sem interrupção, sempre a mesma guerra. Você se lembra disso?

– Sim.

– Onze anos atrás, você inventou uma lenda sobre três

homens que tinham sido condenados à morte por traição. Fingiu ter visto um pedaço de jornal que provava que eles eram inocentes. Esse pedaço de jornal nunca existiu. Você inventou isso e depois levou a si mesmo a acreditar. Você se lembra agora do preciso instante em que inventou isso?

– Sim.

– Agora há pouco, estiquei os dedos da minha mão e lhe mostrei. Você viu cinco dedos. Você se lembra disso?

– Sim.

O'Brien levantou os dedos da mão esquerda com o polegar escondido.

– Aqui tem cinco dedos. Você vê cinco dedos?

– Sim.

E ele os viu, por um segundo passageiro, antes que a imagem em sua mente mudasse. Ele viu cinco dedos e nada estava deformado. Depois tudo ficou normal de novo, e o velho medo, o ódio e a perplexidade foram retornando. Mas durante um momento, que ele não sabia quanto havia durado, trinta segundos, talvez, tinha havido uma certeza luminosa, quando cada nova sugestão de O'Brien preenchia um vazio e se tornava uma verdade absoluta, e dois mais dois poderiam ser três e com a mesma facilidade cinco, se fosse necessário. Tinha sumido antes que O'Brien baixasse a mão; porém, embora ele não conseguisse recapturar, conseguia lembrar, da mesma forma como alguém se lembra de uma experiência vívida em algum período remoto da vida, quando se era uma pessoa totalmente diferente.

– Você percebe agora – disse O'Brien – que isso é possível.

– Sim.

O’Brien se levantou com um ar satisfeito. À esquerda, Winston viu o homem de avental branco partir uma ampola e puxar o êmbolo de uma seringa. O’Brien se virou para Winston com um sorriso. Quase do velho modo, ele ajustou os óculos no nariz.

– Você se lembra de ter escrito em seu diário que não importava se eu fosse amigo ou inimigo, já que eu era, no mínimo, uma pessoa que entendia você, e com quem se poderia conversar? Você tinha razão. Eu gosto de conversar com você. Sua mente me atrai. É parecida com a minha, exceto que você por acaso é insano. Antes de encerrarmos a questão, você pode me fazer algumas perguntas, se quiser.

– Qualquer pergunta que eu escolher?

– Qualquer coisa. – Viu que os olhos de Winston estavam fixos no mostrador. – Está desligado. Qual é sua primeira pergunta?

– O que vocês fizeram com Júlia?

O’Brien sorriu de novo.

– Ela traiu você, Winston. Imediatamente. Sem reservas. Poucas vezes vi alguém aliar-se a nós tão prontamente. Você mal a reconheceria se a visse. Toda a rebeldia dela, aquele desprezo, a insensatez, a mente suja, tudo foi lavado. Uma conversão perfeita, um caso para os livros.

– Vocês a torturaram.

O’Brien não respondeu.

– Próxima pergunta – disse.

– O Grande Irmão existe?

– É claro que existe. O Partido existe e o Grande Irmão é a personificação do Partido.

– Ele existe do mesmo jeito que eu existo?

– Você não existe – disse O'Brien.

Mais uma vez a sensação de desamparo o assaltou. Ele sabia, ou conseguia imaginar, os argumentos que provavam sua inexistência; mas eram bobagens, meros jogos de palavras. A própria afirmação "Você não existe" já não continha um absurdo lógico? Mas de que adiantaria dizer isso? Sua mente se encolhia ao pensar nos argumentos sem lógica com os quais O'Brien iria destruí-lo.

– Acho que eu existo – ele disse, cansado. – Estou consciente da minha própria identidade. Eu nasci, eu vou morrer. Tenho braços e pernas. Ocupo um lugar específico no espaço. Nenhum outro objeto sólido pode ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo. Nesse sentido, o Grande Irmão existe?

– Isso não importa. Ele existe.

– O Grande Irmão vai morrer um dia?

– Claro que não. Como ele poderia morrer? Próxima pergunta.

– A Irmandade existe?

– Isso, Winston, você nunca saberá. Se nós decidirmos libertá-lo depois de acabar com você, e se você viver até os 90 anos, ainda assim jamais vai saber se a resposta a essa pergunta é sim ou não. Enquanto você viver, esse será um enigma sem solução na sua cabeça.

Winston ficou em silêncio. Seu peito subia e descia um pouco mais rápido. Ainda não tinha feito a pergunta que surgira em sua mente em primeiro lugar. Precisava fazê-la, mas era como se a língua não obedecesse. Havia um traço de divertimento no rosto de O'Brien. Até os óculos pareciam exibir um reflexo irônico. "Ele sabe", pensou Winston de

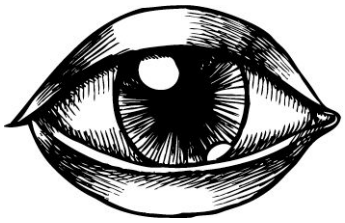
repente, “ele sabe o que eu vou perguntar!” Quando pensou isso, as palavras irromperam:

– O que tem na Sala 101?

A expressão de O’Brien não se alterou. Ele respondeu secamente:

– Você sabe o que tem na Sala 101. Todo mundo sabe.

Ele levantou um dedo para o homem de avental branco. Evidentemente, a sessão estava encerrada. Uma agulha espetou o braço de Winston, que caiu quase imediatamente em sono profundo.



Capítulo 3

– Há três estágios na sua reintegração – esclareceu O'Brien. – O aprendizado, o entendimento e a aceitação. Agora você vai entrar no segundo estágio.

Como sempre, Winston estava deitado de costas. Mas recentemente as amarras haviam ficado mais frouxas. Ainda o prendiam à cama, mas ele conseguia mexer um pouco os joelhos, virar a cabeça de um lado para outro e levantar o braço a partir do cotovelo. O mostrador não era mais um terror. Winston conseguia evitar o tormento, se fosse astuto o suficiente; era principalmente quando demonstrava estupidez que O'Brien empurrava a alavanca. Algumas vezes faziam uma sessão inteira sem usar o mostrador. Ele não lembrava por quantas sessões já tinha passado. O processo parecia se estender por um período longo, indefinido, semanas, talvez, e os intervalos entre as sessões podiam às vezes ser de dias ou de apenas uma ou duas horas.

– Enquanto você esteve deitado aí, muitas vezes deve ter questionado, pois até perguntou a mim, por que o Ministério do Amor gastaria tanto tempo e esforço com você. E, quando estava livre, ficava intrigado com a mesma questão. Conseguia entender o funcionamento da sociedade em que vivia, mas não a motivação básica. Você se lembra de ter escrito em seu diário: "Eu entendo *como*, não entendo *por quê*". E quando pensou no "porquê", duvidou da própria sanidade. Você leu *o livro*, o livro de Goldstein, ou partes dele, ao menos. Ele

contou alguma coisa que você já não soubesse?

– Você o leu? – devolveu Winston.

– Eu o escrevi. Quer dizer, colaborei na redação dele. Você sabe que nenhum livro é produzido individualmente.

– E é verdade o que ele diz?

– Como descrição, sim. O encadeamento que ele propõe é bobagem. Acúmulo secreto de conhecimento, disseminação gradual do esclarecimento, em última instância uma rebelião proletária, a derrubada do Partido. Você mesmo previu que o livro ia dizer isso. É tudo bobagem. Os proletários nunca vão se rebelar, nem em mil anos ou um milhão. Eles não têm como. Não preciso lhe explicar o motivo, você já sabe. Se algum dia alimentou sonhos de uma insurreição violenta, deve abandoná-los. Não há modo pelo qual o Partido possa ser derrubado, o comando é para sempre. Faça disso o ponto de partida dos seus pensamentos. – Ele chegou mais perto da cama. – Para sempre –, repetiu.

– E agora vamos voltar às questões de como e por quê. Você entende bem *como* o Partido se mantém no poder. Agora me diga *por que* nos agarramos ao poder. Qual é a nossa motivação? Por que o queremos? Vamos, fale – acrescentou ao ver que Winston continuou quieto.

Ele nada falou por mais um instante. Uma sensação de cansaço o subjugou. O brilho de entusiasmo louco voltou ao rosto de O'Brien. Winston sabia de antemão o que o outro iria dizer: que o Partido não buscava o poder em interesse próprio, mas apenas pelo bem da maioria. Que buscava o poder porque os homens médios eram criaturas frágeis e covardes que não conseguiam suportar a liberdade nem encarar a verdade e precisavam ser comandados e sistematicamente iludidos por outros mais fortes do que eles. Que, para a humanidade, a

escolha estava entre a liberdade e a felicidade e que, para a maioria, a felicidade era melhor. Que o Partido era o guardião eterno dos fracos, uma seita dedicada, que fazia o mal para que o bem pudesse surgir, sacrificando a própria felicidade em nome da felicidade de terceiros. O pior, Winston pensou, o pior era que, quando dissesse isso, O'Brien acreditaria. Você perceberia pelo rosto dele. O'Brien sabia tudo. Mil vezes melhor do que Winston, ele sabia como o mundo era de verdade, em que nível de degradação a massa de seres humanos vivia e com quais mentiras e barbaridades o Partido os mantinha ali. Ele havia entendido tudo, avaliado tudo, e não fazia diferença: sempre havia uma justificativa para o objetivo final. O que se pode fazer, Winston pensou, contra um louco que é mais inteligente do que você, que concede aos seus argumentos uma escuta atenta e depois simplesmente persiste na própria loucura?

– Vocês estão nos governando para o nosso próprio bem – ele respondeu debilmente. – Acreditam que os seres humanos não servem para governar a si mesmos, e portanto…

Winston se interrompeu e quase gritou. Uma dor aguda percorreu seu corpo. O'Brien tinha empurrado a alavanca do mostrador para trinta e cinco.

– Isso foi burrice, Winston, burrice! Você já deveria ter aprendido a não dizer uma coisa dessas. – Recuou a alavanca e continuou: – Agora vou lhe dizer a resposta à minha pergunta. É a seguinte: o Partido busca o poder inteiramente em benefício próprio. Nós não estamos interessados no bem dos outros; estamos interessados exclusivamente no poder. Não na riqueza ou no luxo, na vida longa ou na felicidade; só o poder, por si só, que você vai saber daqui a pouco o que é. Nós somos diferentes de todas as oligarquias do passado, pois sabemos o que estamos fazendo. Todos os outros, mesmo

aqueles que se pareciam conosco, eram covardes e hipócritas. Os nazistas alemães e os comunistas russos chegaram bem perto de nós em seus métodos, mas nunca tiveram a coragem de reconhecer as próprias motivações. Eles fingiam, e talvez até acreditassem, que tinham tomado o poder involuntariamente e por tempo limitado, e que ao mero dobrar da esquina existia um paraíso onde os seres humanos seriam livres e iguais. Nós não somos assim. Sabemos que nunca alguém toma o poder com a intenção de renunciar a ele. O poder não é um meio, é um fim. Não se estabelece uma ditadura de modo a salvaguardar uma revolução; faz-se a revolução de modo a estabelecer a ditadura. O objetivo da perseguição é a perseguição. O objetivo da tortura é a tortura. O objetivo do poder é o poder. Agora você começa a me entender?

Winston mais uma vez se impressionou com a expressão de cansaço de O'Brien. Era um homem forte, carnudo e brutal, cheio de inteligência e de um certo furor controlado que o fazia sentir-se vulnerável; mas estava cansado. Havia bolsas sob os olhos, a pele era flácida nas maçãs do rosto. O'Brien se curvou sobre ele, aproximando cada vez mais a expressão fatigada.

– Você está pensando que meu rosto é velho e cansado. Está pensando que falo sobre poder e que apesar disso não sou capaz nem de evitar a decadência do meu próprio corpo. Você não consegue entender que o indivíduo é apenas uma célula? O desgaste da célula é o vigor do organismo. Você morre quando corta as unhas? – Deu as costas à cama e começou a andar de novo, com uma das mãos no bolso. – Nós somos os sacerdotes do poder. Deus é poder. Mas por ora "poder" é só uma palavra, no que diz respeito a você. É chegado o momento de você formar alguma ideia do que "poder"

significa. A primeira coisa que precisa entender é que o poder é coletivo. O indivíduo só tem poder na medida em que cessa de ser um indivíduo. Você conhece o lema do Partido, "liberdade é escravidão". Já lhe ocorreu que ele é reversível? Escravidão é liberdade. Sozinho, ou seja, livre, o ser humano é sempre derrotado. E assim deve ser, pois todo ser humano está condenado à morte, que é a maior de todas as falhas. Mas, se ele conseguir atingir a submissão completa, extrema, se conseguir escapar da própria identidade, pode se fundir ao Partido e assim *ser* o Partido, e então tornar-se todo-poderoso e imortal. A segunda coisa a ser entendida é que poder é poder sobre seres humanos. Sobre o corpo, mas sobretudo sobre a mente. O poder sobre a matéria, ou realidade externa, como você a chamaria, não importa. Nosso controle sobre a matéria já é absoluto.

Por um momento, Winston ignorou o mostrador. Fez um esforço violento para ficar sentado e só conseguiu uma compressão dolorosa no corpo.

– Mas como vocês podem controlar a matéria? – explodiu. – Não controlam nem o clima nem a lei da gravidade. E ainda existem a doença, a dor, a morte…

O'Brien o calou com um movimento da mão.

– Nós controlamos a matéria porque controlamos a mente. A realidade está dentro do crânio. Você aprenderá aos poucos, Winston. Não há nada que não sejamos capazes de fazer. Invisibilidade, levitação… Nada. Eu poderia sair flutuando deste piso como uma bolha de sabão, se quisesse. Eu não quero porque o Partido não quer. Você precisa se livrar dessas ideias do século XIX sobre as leis da natureza. Nós fazemos as leis da natureza.

– Não fazem! Vocês não são nem os mestres deste planeta. E

quanto à Eurásia e à Lestásia? Até agora não conquistaram as duas.

– E daí? Nós as conquistaremos quando nos convier. E, se não acontecer, que diferença fará? Nós podemos trancá-las para fora da existência. A Oceania é o mundo.

– Mas o próprio mundo é em si mesmo só um grão de poeira. E o homem é ínfimo, vulnerável! Há quanto tempo ele existe? Por milhões de anos, a Terra foi desabitada.

– Bobagem. A Terra é tão velha quanto nós, não mais velha. Nada existe fora da consciência humana.

– Mas as rochas estão cheias de ossos de animais extintos, mamutes, mastodontes e répteis enormes que viveram aqui muito antes que se ouvisse falar do homem.

– Você já viu algum desses ossos? É claro que não. Os biólogos do século XIX os inventaram. Antes do homem não havia nada. Depois do homem, se ele for extinto, não haverá nada. Fora do homem não há nada.

– Mas o universo inteiro está fora de nós. Olhe para as estrelas! Algumas estão a milhões de anos-luz de distância, além do nosso alcance para sempre.

– O que são as estrelas? – disse O'Brien com indiferença. – Pedaços de fogo a alguns quilômetros de distância. Nós poderíamos alcançá-las se quiséssemos. Ou poderíamos escurecê-las. A Terra é o centro do universo. O Sol e as estrelas giram ao redor dela.

Winston fez outro movimento convulsivo. Dessa vez, não disse nada. O'Brien continuou, como se respondesse a uma objeção não verbalizada:

– Para certos objetivos, é claro, isso não é verdade. Quando navegamos o oceano ou prevemos um eclipse, com frequência

julgamos conveniente assumir que a Terra gira em torno do Sol e que as estrelas estão a milhões e milhões de quilômetros. Mas e daí? Você acha que está além da nossa capacidade produzir um sistema duplo de astronomia? As estrelas podem estar perto ou longe, conforme seja a nossa necessidade. Acha que nossos matemáticos não estão aptos para isso? Já se esqueceu do duplopensar?

Winston se encolheu outra vez na cama. Não importava o que dissesse, a resposta ágil o esmagava como uma cacetada. E ainda assim ele sabia, *sabia*, que tinha razão. Haveria um modo de demonstrar que a crença de que nada existe fora da nossa mente era falsa? Já não tinha sido demonstrada como falácia muito tempo antes? Havia até um nome para isso, que ele tinha esquecido. Um sorriso discreto curvou os cantos da boca de O'Brien enquanto ele observava Winston.

– Eu lhe disse que a metafísica não é o seu ponto forte. A palavra que você está tentando pensar é solipsismo. Mas você está enganado. Isso não é um solipsismo. Solipsismo coletivo, se preferir. Essa, contudo, é outra coisa; na verdade, é o oposto. Tudo isso é uma digressão – acrescentou O'Brien, em um tom diferente. – O poder real, pelo qual nós temos de lutar dia e noite, não é o poder sobre as coisas, mas sobre os homens. – Fez uma pausa e, por um instante, assumiu de novo o ar de um professor questionando um pupilo: – Como um homem avalia o poder que tem sobre outro?

Winston pensou.

– Fazendo-o sofrer – respondeu.

– Exatamente. Fazendo-o sofrer. A obediência não basta. A menos que esteja sofrendo, como ter certeza de que ele está obedecendo à sua vontade e não à dele mesmo? O poder está em infligir dor e humilhação. O poder está em estilhaçar a

mente humana e colar os cacos de volta de um jeito que você escolha. Começou a perceber, então, o tipo de mundo que estamos criando? É o oposto exato das utopias hedonistas estúpidas que os antigos reformadores imaginaram. Um mundo de medo, traição e tormento, um mundo oprimido e que oprime, um mundo que vai se tornar não menos, mas cada vez *mais* impiedoso conforme se refina. Em nosso mundo, o progresso caminhará em direção a mais dor. As antigas civilizações alegavam ser fundadas sobre o amor ou a justiça. A nossa se funda no ódio. No nosso mundo não haverá nenhuma emoção exceto medo, raiva, triunfo e auto-humilhação. Todo o resto nós vamos destruir: tudo. Já estamos desconstruindo os hábitos de pensamento que sobreviveram da época anterior à Revolução. Cortamos o vínculo entre filhos e pais, entre homem e homem e entre homem e mulher. Ninguém mais se atreve a confiar na esposa ou em um filho ou amigo. Mas, no futuro, já nem existirão esposas ou amigos. As crianças serão levadas de suas mães no nascimento, como se tira um ovo de uma galinha. O instinto sexual será erradicado. A procriação será uma formalidade anual como a renovação do cartão de alimentação. Vamos abolir o orgasmo. Nossos neurologistas estão trabalhando nisso neste momento. Não existirá lealdade, exceto a lealdade ao Partido. Não existirá amor, exceto o amor pelo Grande Irmão. Não existirá riso, exceto o riso de triunfo sobre um inimigo derrotado. Não existirão arte, literatura, ciência. Quando nós formos onipotentes, não teremos mais necessidade de ciência. Não haverá distinção entre beleza e feiura. Não haverá curiosidade nem encanto com o processo da vida. Todos os prazeres afins serão destruídos. Mas sempre, e não se esqueça disso, sempre existirá a intoxicação pelo prazer, crescendo e se tornando cada vez mais sutil. Sempre, a cada momento, haverá o *frisson* pela vitória, a sensação de pisotear um inimigo vulnerável. Se

você quer uma imagem do futuro, pense em uma bota prensando um rosto humano; para sempre.

O'Brien fez uma pausa, como se esperasse alguma fala de Winston, que tentava de novo se encolher na superfície da cama, sem conseguir dizer nada. Seu coração parecia congelado. O'Brien continuou:

– E lembre-se de que é para sempre. O rosto estará sempre lá para ser prensado. O herege, o inimigo da sociedade estará sempre lá, para ser derrotado e humilhado outra vez. Tudo o que você passou desde que está em nossas mãos vai continuar, e piorar. A espionagem, as traições, as prisões, as torturas, as execuções, os desaparecimentos nunca cessarão. Será um mundo tanto de terror como de triunfo. Quanto mais poder tiver o Partido, menos tolerante ele será; quanto mais fraca a oposição, mais rígido o despotismo. Goldstein e suas heresias viverão para sempre. Todos os dias, a todo momento, eles serão vencidos, desacreditados, ridicularizados, cuspidos; e ainda assim irão sobreviver. Este drama que encenei com você durante sete anos será encenado de novo e de novo, geração após geração, de formas cada vez mais sutis. Nós sempre teremos os hereges aqui à nossa disposição, gritando de dor, arrebentados, desprezíveis; e, no final, completamente arrependidos, salvos de si mesmos, rastejando em nossa direção por vontade própria. Este é o mundo que estamos preparando. Um mundo de vitória após vitória, triunfo após triunfo: um interminável pressionar, pressionar, pressionar o nervo do poder. Vejo que você está começando a perceber como esse mundo será. Mas no final fará mais do que entender: você vai aceitar e acolher esse mundo, será parte dele.

Winston se recuperou o suficiente para falar.

– Você não consegue! – disse debilmente.

– O que quer dizer essa observação?

– Você não poderia criar um mundo como esse que descreveu. É um sonho. É impossível.

– Por quê?

– É impossível fundar uma civilização com base no medo, no ódio e na crueldade. Nunca duraria.

– Por que não?

– Não teria vitalidade. Acabaria se desintegrando. Cometeria suicídio.

– Bobagem. Você está sob a impressão de que o ódio cansa mais do que o amor. Por que seria assim? E, se fosse, que diferença faria? Suponha que nós decidimos nos desgastar mais rápido. Imagine que aceleramos a velocidade da vida humana até que os homens fossem senis aos 30 anos. Mesmo assim, que diferença faria? Você não consegue entender que a morte do indivíduo não é morte? O Partido é imortal.

Como sempre, a voz lançou Winston ao desamparo. Além disso, ele temia que, se persistisse em sua discordância, O'Brien acionaria a alavanca do mostrador de novo. Apesar disso, não conseguiu se manter calado. Debilitado, sem argumentos, com nada a apoiá-lo exceto o horror inarticulado diante do que O'Brien dissera, ele voltou ao ataque.

– Não sei. Não me importo. De algum modo, vão falhar. A vida vai derrotar vocês.

– Nós controlamos a vida, em todos os aspectos. Você está imaginando que existe uma coisa chamada natureza humana, que ela vai se indignar com nossas atitudes e se voltar contra nós. Mas nós a criamos. O homem é infinitamente maleável.

Ou talvez você tenha retomado sua velha ideia de que os proletários ou os escravos vão se levantar e nos derrubar. Tire isso da cabeça. Eles estão perdidos, como os animais. A humanidade é o Partido. Os outros estão fora. São irrelevantes.

– Não importa. No final eles vão vencer vocês. Mais cedo ou mais tarde eles vão enxergar quem vocês realmente são e destruí-los.

– Você vê alguma evidência de que isso esteja acontecendo? Ou algum motivo para que venha a acontecer?

– Não. Eu só acredito. Eu *sei* que vocês vão fracassar. Existe algo no universo, não sei, algum espírito, algum princípio, que vocês nunca vão dominar.

– Você acredita em Deus, Winston?

– Não.

– Então o que seria isso, esse princípio que vai nos derrotar?

– Eu não sei. O Espírito do Homem.

– E você se considera um homem?

– Sim.

– Se você é um homem, é o último homem. Sua espécie está extinta; nós somos os herdeiros. Você compreende que está *sozinho*? Está fora da História, é inexistente. – O humor de O'Brien se alterou e ele falou com mais aspereza: – Você se considera moralmente superior a nós, com nossas mentiras e crueldade?

– Sim, eu me considero superior.

O'Brien se calou. Duas outras vozes falaram. Depois de um momento, Winston reconheceu uma delas como a sua própria voz. Era uma reprodução da conversa que ele havia tido com

O’Brien na noite em que se alistara na Irmandade. Ele ouviu a si mesmo prometendo mentir, roubar, forjar, assassinar, encorajar o consumo de drogas e a prostituição, disseminar doenças venéreas, jogar ácido sulfúrico no rosto de uma criança. O’Brien fez um pequeno gesto de impaciência, como que para dizer que não valia a pena fazer a demonstração. Girou um botão e as vozes pararam.

– Levante-se dessa cama – ordenou.

As amarras se soltaram. Winston baixou as pernas e se pôs de pé, sem muito equilíbrio.

– Você é o último homem – disse O’Brien. – É o guardião do espírito humano. Verá como é. Tire a roupa.

Winston desfez o laço que mantinha o macacão preso. O zíper fora arrancado muito tempo antes. Ele não lembrava se em algum momento, desde a prisão, havia tirado todas as roupas de uma vez. Sob o macacão, grudavam-se a seu corpo trapos amarelados imundos, irreconhecíveis como resquícios de roupa íntima. Quando os deslizou para baixo, viu que na extremidade mais distante da sala havia um espelho de três faces. Aproximou-se e parou. Um grito involuntário irrompeu.

– Vá em frente – disse O’Brien. – Ponha-se entre as abas do espelho. Assim você verá as laterais também.

Winston parou porque ficou com medo. Uma coisa curvada, cinzenta e esquelética se aproximava dele. Sua aparência atual era assustadora, e não apenas porque sabia tratar-se de si mesmo. Ele se aproximou do espelho. O rosto da criatura parecia saliente em função da curvatura. Um rosto miserável, como de um passarinho engaiolado, com uma testa longa que se unia a uma cabeça também lisa, um nariz torto e maçãs do rosto caídas, acima das quais os olhos eram ferozes e alertas. As bochechas estavam sulcadas, e a boca parecia sugada para

dentro. Certamente o rosto era dele, mas pareceu-lhe que tinha se alterado mais do que seu interior. As emoções que o rosto registrara eram diferentes das que ele sentira. Estava parcialmente calvo. No primeiro momento, achou que tinha ficado cinza também, mas só o couro cabeludo era cinza. Exceto pelas mãos e o círculo do rosto, o corpo inteiro estava cinzento, de uma sujeira antiga, impregnada. Aqui e ali, sob a imundície, havia cicatrizes vermelhas das feridas e perto do tornozelo a úlcera varicosa era uma massa infeccionada com cascas de pele se soltando. Mas a coisa mais assustadora era a magreza. A caixa torácica era estreita como a de um esqueleto; as pernas haviam definhado de um modo que os joelhos pareciam mais grossos do que as coxas. Ele entendia agora o que O'Brien quisera dizer sobre enxergar as laterais. O arqueamento da coluna assombrava. Os ombros magros, curvados para a frente, faziam o peito encovar, e o pescoço fino parecia dobrar-se sob o peso do crânio. Se fosse para arriscar um palpite, ele diria que aquele era o corpo de um homem de 60 anos que sofria de uma doença maligna.

– Você algumas vezes pensou – disse O'Brien – que o meu rosto, o rosto de um membro do Núcleo do Partido, tem uma aparência velha e cansada. O que acha do seu próprio rosto? – Tomou Winston pelos ombros e o girou de modo que ficassem frente a frente. – Veja em que condição você está! Olhe para essa crosta encardida espalhada por seu corpo todo; a sujeira entre seus dedos dos pés; a nojeira que escorre da sua ferida na perna. Você sabia que está fedendo como um bode? Provavelmente, nem sente mais. Olhe para a sua magreza. Veja como consigo fechar o polegar e o indicador ao redor do seu bíceps. Eu poderia partir seu pescoço como uma cenoura. Você sabia que perdeu vinte e cinco quilos desde que está em nossas mãos? Até seu cabelo está caindo em punhados. Veja! –

Pegou a cabeça de Winston e tirou um tufo. – Abra a boca. Nove, dez, onze dentes restantes. Quantos você tinha quando veio para cá? E os poucos que lhe sobram estão caindo. Olhe aqui!

Segurou um dos dentes frontais remanescentes entre o polegar e o indicador. Uma pontada de dor percorreu o maxilar de Winston. O'Brien havia arrancado pela raiz o dente amolecido. E o atirou para o lado oposto da cela.

– Você está apodrecendo – ele disse. – Está caindo aos pedaços. O que você é? Um saco de imundície. Agora, gire outra vez para o espelho. Vê esta coisa o encarando? Isto é o último homem. Se você é humano, isto é humanidade. Agora vista-se de novo.

Winston começou a se vestir, com movimentos vagarosos e rígidos. Até agora, não havia notado como estava magro e fraco. Um único pensamento ocupava sua mente: que se encontrava naquele lugar fazia mais tempo do que tinha imaginado. De repente, enquanto se ajeitava nos trapos, um sentimento de piedade por seu corpo arruinado tomou conta dele. Antes de se dar conta do que estava fazendo, tombou sobre uma pequena banqueta ao lado da cama e irrompeu em lágrimas. Tinha ciência de sua feiura, sua deselegância, um punhado de ossos em roupas imundas sentado chorando sob a luz branca intensa; mas não pôde evitar. O'Brien pousou a mão em seu ombro, quase gentilmente.

– Não vai durar para sempre. Você pode escapar quando quiser. Tudo depende de você mesmo.

– Você fez isso! Você me reduziu a esse estado.

– Não, Winston, você se reduziu a isso. Foi o que aceitou quando se posicionou contra o Partido. Tudo isto estava contido naquele primeiro gesto. Não aconteceu nada que você

mesmo não tivesse previsto.

Fez uma pausa e então retomou:

– Nós o derrotamos, Winston. Nós o quebramos. Você viu como o seu corpo está. Sua mente está na mesma condição. Não creio que lhe reste muito orgulho. Você foi chutado, açoitado e xingado, você berrou de dor, rolou no chão em meio ao próprio sangue e vômito. Implorou por misericórdia, traiu tudo e todos. Consegue citar uma única humilhação que não lhe tenha sido imposta?

Winston tinha parado de chorar, embora as lágrimas ainda vazassem de seus olhos. Olhou para cima, em direção a O'Brien.

– Eu não traí Júlia.

O'Brien olhou para baixo.

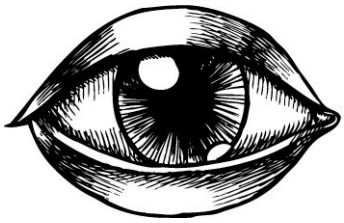
– Não – ele disse. – Não, isso é perfeitamente verdadeiro. Você não traiu Júlia.

A reverência peculiar por O'Brien, que nada parecia capaz de destruir, inundou o coração de Winston de novo. "Que inteligente", pensou, "que inteligente!" O'Brien nunca falhava em entender o que lhe era dito. Qualquer pessoa no mundo teria respondido imediatamente que ele *tinha* traído Júlia. Pois o que os torturadores não tinham conseguido arrancar dele, sob tortura? Winston contara tudo o que sabia sobre ela, seus hábitos, seu caráter, sua vida passada; confessara os detalhes mais triviais do que ocorrera durante seus encontros, o que conversaram, as comidas do mercado negro, o adultério, os vagos complôs contra o Partido, tudo. E ainda assim, no sentido que ele dava à palavra, não a havia traído. Não tinha deixado de amá-la; seus sentimentos em relação a ela permaneciam. O'Brien havia entendido o que ele queria dizer,

sem a necessidade de explicações.

– Diga-me, em quanto tempo eles vão me fuzilar?

– Talvez ainda demore bastante – disse O'Brien. – Você é um caso difícil. Mas não desista. Todo mundo se cura, mais cedo ou mais tarde. No fim, nós o fuzilaremos.



Capítulo 4

Winston estava bem melhor. Ganhava peso e ficava mais forte a cada dia, se é que fosse possível falar em dias.

A luz branca e o zumbido eram os mesmos de sempre, mas a cela era um pouco mais confortável do que aquelas em que esteve antes. Havia um travesseiro e um colchão na cama de tábuas, e um banquinho para se sentar. Eles lhe tinham dado um banho e permitiam que se lavasse com razoável frequência em uma tina; forneceram até água quente, roupas de baixo novas e um macacão limpo. Haviam enfaixado a úlcera varicosa com unguento calmante, arrancaram os dentes restantes e lhe deram um conjunto de dentaduras.

Semanas ou meses deviam ter transcorrido. Agora seria possível calcular a passagem do tempo, se tivesse interesse em fazer isso, uma vez que era alimentado ao que pareciam ser intervalos regulares. Recebia, estimou, três refeições a cada vinte e quatro horas; de vez em quando, questionava vagamente se as estava recebendo à noite ou de dia. A comida era surpreendentemente boa, com carne uma vez a cada três refeições. Em certa ocasião, veio até um maço de cigarros. Ele não tinha fósforos, mas o guarda que trazia a comida e nunca falava deu-lhe um isqueiro. Da primeira vez que tentou fumar, ficou enjoado, mas insistiu e prolongou o maço por muito tempo, fumando meio cigarro após cada refeição.

Eles lhe haviam dado uma lousa branca com um toco de

lápis preso à quina. No início Winston não a usou. Mesmo quando acordado, sentia-se completamente entorpecido. Com frequência, permanecia deitado entre uma refeição e a seguinte, quase sem se mexer, às vezes dormindo, às vezes despertando em devaneios confusos nos quais era trabalhoso demais abrir os olhos. Há muito tempo se acostumara a dormir com a luz forte contra o rosto. Parecia não fazer diferença, exceto que os sonhos faziam mais sentido. Sonhou bastante durante esse período, e eram sempre sonhos felizes. Via-se na Terra Dourada, ou sentado entre ruínas enormes, imponentes, ensolaradas, com a mãe, com Júlia, com O'Brien; sem fazer nada, apenas sentado ao sol falando de coisas tranquilas. Os pensamentos que tinha quando acordado eram principalmente sobre os sonhos. Ele parecia ter perdido a capacidade de fazer esforço intelectual, agora que o estímulo da dor tinha sido retirado. Não estava entediado; não tinha desejo de conversar nem de se distrair. Apenas estar sozinho, não ser surrado nem interrogado, ter o suficiente para comer e estar limpo era completamente satisfatório.

Aos poucos, começou a passar menos tempo dormindo, mas ainda não sentia nenhum impulso de sair da cama. A única coisa com a qual se importava era ficar deitado, quieto, sentindo a força voltar ao corpo. Tateava-se aqui e ali, tentando se certificar de que não era uma ilusão que seus músculos se avolumavam e a pele se esticava. Afinal, ficou claro, para além de qualquer dúvida, que estava engordando; as coxas se mostravam definitivamente mais grossas do que os joelhos. Depois disso, e no começo com relutância, ele começou a se exercitar regularmente. Em pouco tempo, conseguia andar três quilômetros, medidos pelos passos na cela, e os ombros encurvados endireitavam. Arriscou-se em exercícios mais elaborados; ficou surpreso e humilhado ao

descobrir as coisas que não conseguia fazer. Era incapaz de tudo, exceto de andar. Não conseguia segurar o banquinho à distância de um braço, nem ficar sobre uma só perna sem cair. Agachou-se sobre os calcanhares e descobriu que, com dores agudas nas coxas e panturrilhas, mal conseguia se levantar até ficar de pé. Deitou-se de bruços e tentou elevar o próprio peso com as mãos. Era inútil; não conseguia se erguer nem um centímetro. Mas após mais uns poucos dias, umas poucas refeições, esse feito foi alcançado. Chegou um momento em que era capaz de fazer aquilo seis vezes consecutivas. Começou a sentir orgulho de seu corpo e a acalentar uma crença intermitente de que o rosto também estaria voltando ao normal. Apenas quando por acaso punha a mão na careca ele se lembrava do rosto vincado, arruinado, que o tinha encarado no espelho.

Sua mente se tornou mais ativa. Sentava-se na cama de tábuas, costas apoiadas na parede e lousa nos joelhos, e se punha a trabalhar deliberadamente na tarefa de se reeducar.

Enfim, rendeu-se. Na realidade, conforme percebia agora, estivera pronto para isso desde muito antes de ter tomado a decisão. A partir do momento em que entrara no Ministério do Amor e, sim, mesmo durante aqueles minutos quando ele e Júlia tinham estado de pé, vulneráveis, enquanto a voz rascante da teletela lhes dizia o que fazer, ele havia se dado conta de sua frivolidade, da superficialidade de sua tentativa de levantar-se contra o poder do Partido. Sabia agora que durante sete anos a Polícia do Pensamento o tinha observado como a um inseto sob a lupa. Não havia ato físico ou palavra verbalizada que eles não houvessem percebido, nenhuma linha de raciocínio em que não tivessem sido capazes de interferir. Até os grãos de poeira branca na capa de seu diário eles haviam cuidadosamente recolocado. Tocaram-lhe música e lhe

mostraram fotografias. Algumas eram fotos de Júlia e dele mesmo. Sim, até… Ele não podia mais lutar contra o Partido. Além do mais, o Partido estava certo. Deveria ser assim: como o cérebro coletivo e imortal poderia estar enganado? Por quais padrões externos você poderia avaliar os julgamentos dele? A sanidade era estatística. A questão se reduzia a aprender a pensar como eles. E só!

O lápis era grosso e estranho entre seus dedos. Ele começou a anotar os pensamentos que lhe vinham à mente. Escreveu primeiro em letras maiúsculas desajeitadas:

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

Depois, quase sem pausa, escreveu abaixo:

DOIS E DOIS SÃO CINCO

Mas então veio uma espécie de imobilidade. Sua mente, como se tentasse se afastar de algo, pareceu incapaz de se concentrar. Ele sabia o que vinha a seguir, mas no momento não conseguia lembrar. Quando afinal lembrou, foi apenas por refletir conscientemente sobre o que deveria ser; não surgiu por vontade própria. Então escreveu:

DEUS É PODER

Ele aceitava tudo. O passado era alterável. O passado nunca tinha sido alterado. A Oceania estava em guerra com a Lestásia. A Oceania sempre tinha estado em guerra com a Lestásia. Jones, Aaronson e Rutherford eram culpados pelos crimes de que foram acusados. Ele nunca tinha visto a fotografia que refutava a culpa deles. A foto nunca existira; ele a tinha inventado. Lembrava-se de coisas opostas, mas eram memórias falsas, produto de autoengano. Como era fácil! Bastava se render, e todo o resto se seguia. Parecia com nadar contra uma corrente que o empurrava para trás

independentemente do esforço com que lutasse, e depois, de repente, virar-se e seguir a corrente em vez de se opor a ela. Nada havia se alterado exceto sua própria atitude; as coisas predestinadas aconteciam em qualquer caso. Ele mal sabia por que havia em algum momento se rebelado. Tudo era fácil, exceto…

Qualquer coisa podia ser verdade. As chamadas leis da natureza eram bobagens. A lei da gravidade era bobagem. "Se eu quisesse", O'Brien dissera, "poderia sair flutuando deste piso como uma bolha de sabão". Winston refletiu: "Se ele *acha* que pode flutuar e se eu ao mesmo tempo *acho* que o vejo flutuando, então a coisa acontece". De repente, como o destroço submerso que irrompe na superfície da água, o pensamento explodiu em sua mente: "Não acontece de verdade. Nós imaginamos. É alucinação!". Sufocou o pensamento imediatamente. A falácia era óbvia, pressupunha que em um ponto ou outro, externo à pessoa, existisse um mundo "real" onde coisas "reais" aconteciam. Mas como tal mundo poderia existir? Que conhecimento nós temos de qualquer coisa que não seja através da nossa própria mente? Todos os acontecimentos estão na mente. Não importa o que aconteça na mente, acontece de verdade.

Ele não teve dificuldade em descartar a falácia e não corria o risco de sucumbir a ela. Mesmo assim, entendeu que ela nunca deveria ter nem mesmo lhe ocorrido. A mente deveria desenvolver um ponto cego sempre que uma ideia perigosa se apresentasse. O processo deveria ser automático, instintivo. *Pararcrime*, eles chamavam em Novidioma.

Começou a treinar o pararcrime. Apresentou a si mesmo certas proposições, "o Partido diz que a Terra é plana", "o Partido diz que o gelo é mais pesado do que a água" e treinou para não ver nem entender os argumentos que as refutavam.

Não era fácil. Exigia grandes habilidades de raciocínio e improviso. Os problemas aritméticos que surgiam, por exemplo, de afirmações tais como "dois e dois são cinco" estavam além de seu alcance intelectual. Aquilo requeria uma espécie de atletismo mental, uma habilidade para, em um momento, fazer uso mais refinado da lógica e, no seguinte, ignorar os erros lógicos mais toscos. A estupidez era tão necessária quanto a inteligência, e tão difícil de obter quanto ela.

Durante todo o tempo, com uma parte de sua mente, Winston tentava adivinhar quando eles o fuzilariam. "Tudo depende de você mesmo", O'Brien tinha dito; mas ele sabia que não havia ato consciente pelo qual pudesse apressar as coisas. Talvez acontecesse dali a dez minutos ou em dez anos. Eles poderiam mantê-lo por muito tempo em confinamento solitário, enviá-lo para um campo de trabalhos forçados ou libertá-lo por um período, como às vezes faziam. Era perfeitamente possível que, antes de ser fuzilado, todo o drama de sua prisão e dos interrogatórios fosse reencenado do início ao fim. A única coisa certa era que a morte nunca vinha quando se esperava. A tradição, aquela não mencionada: de alguma forma você simplesmente sabia, embora nunca lhe fosse dito, que eles atiravam pelas costas, sempre na parte de trás da cabeça, sem aviso, enquanto você percorria um corredor indo de uma cela a outra.

Um dia… Mas "um dia" não era a expressão certa; com a mesma probabilidade, poderia ser no meio da noite: uma vez, ele caiu em um devaneio estranho e abençoado. Seguia por um corredor, à espera do tiro. Sabia estar a caminho. Tudo havia sido arranjado, silencioso, tranquilo. Não existiam mais dúvidas, discussões, não havia dor nem medo. Seu corpo estava saudável e forte. Ele andava com facilidade, com

alegria nos movimentos e uma sensação de caminhar ao sol. Não estava mais nos corredores estreitos e brancos do Ministério do Amor; esta-va em uma passagem enorme e ensolarada, com um quilômetro de largura, que parecia percorrer em um delírio induzido por drogas. Estava na Terra Dourada, andando pela trilha que cruzava o pasto carcomido por coelhos. Conseguia sentir a relva baixa e viçosa sob os pés e o sol morno no rosto. No limite do terreno havia olmos balançando suavemente, e em algum lugar além ficava um riacho onde trutas nadavam em piscinas esverdeadas sob os salgueiros.

De repente, ele deu um pulo, com um choque de horror. O suor brotou em sua coluna. Ouviu a si próprio chorando alto:

– Júlia! Júlia! Júlia, meu amor! Júlia!

Por um momento, teve uma alucinação quase real da presença de Júlia. Ela estava não só com ele, mas dentro dele. Como se tivesse entrado na tessitura da pele. Naquele momento, amou-a muito mais até do que quando estavam juntos e livres. Soube também que em algum lugar ela ainda estava viva e precisando da ajuda dele.

Deitou-se de costas na cama e tentou se recompor. O que tinha feito? Quantos anos tinha acrescentado à sua servidão por aquele instante de fraqueza?

A qualquer momento ouviria passadas de botas do lado de fora. Eles não deixariam tal explosão passar impune. Saberiam agora, se já não soubessem antes, que ele rompera o acordo que tinha feito. Obedecia ao Partido, mas ainda o odiava. Nos velhos tempos, escondera uma mente herética sob uma aparência de conformidade. Agora tinha recuado mais um passo: havia se rendido em pensamento, mas esperava manter o coração inviolado. Sabia que cometera um erro, mas preferia

assim. Eles entenderiam, O'Brien entenderia. Tudo foi confessado naquele único grito tolo.

Precisaria começar tudo de novo. Poderia levar anos. Passou a mão no rosto, tentando se familiarizar com o novo formato. Havia sulcos profundos nas bochechas, as maçãs do rosto estavam pontudas, o nariz, achatado. Além disso, desde a última vez em que se vira no espelho, tinham-lhe dado um conjunto completo de dentes. Não era fácil manter o rosto indecifrável sem lhe conhecer a aparência. De todo modo, o mero controle das expressões não bastava. Pela primeira vez, percebeu que, para guardar um segredo, você deve escondê-lo de si mesmo. Precisa saber o tempo todo que ele está ali, mas, até que seja necessário, você nunca pode permitir que venha a sua consciência de uma forma que possa ser nomeada. Daquele momento em diante precisava não apenas pensar certo, mas sentir certo, sonhar certo. E durante o tempo todo precisava manter o ódio trancado dentro de si como um cisto, que fosse parte dele e ao mesmo tempo desconectado.

Um dia, eles resolveriam atirar. Não se podia dizer quando, mas deveria ser possível adivinhar, uns poucos segundos antes. Era sempre pelas costas, percorrendo um corredor. Dez segundos bastariam. Naquele momento, seu mundo interior poderia emergir. Então, de repente, sem uma palavra pronunciada, sem uma hesitação no passo, sem uma alteração no rosto: subitamente, a camuflagem cairia e *pá!* seria disparada a artilharia de seu ódio, que iria preenchê-lo como uma enorme chama vociferante. E quase no mesmo instante, *pá!* seria disparada a bala, tarde ou cedo demais. Eles explodiriam seu cérebro em pedacinhos antes que pudessem requisitá-lo. O pensamento herético escaparia impune, sem culpa, fora do alcance deles para sempre. Eles abririam um buraco na própria perfeição. Morrer odiando-os, isto era

liberdade.

Fechou os olhos. Aquilo era mais difícil do que a disciplina intelectual. Era uma questão de se degradar, de se mutilar. Ele teria de mergulhar na imundície mais suja. O que era o mais horrível, o mais asqueroso de tudo? Pensou no Grande Irmão. O rosto enorme (por constantemente vê-lo em cartazes, sempre pensava nele como tendo um metro de largura), com o bigode preto grosso e os olhos que o seguiam de um lado a outro, parecia pairar em sua mente por vontade própria. Quais eram seus verdadeiros sentimentos em relação ao Grande Irmão?

Passos pesados de botas soaram lá fora. A porta de aço se escancarou com um estrondo. O'Brien entrou na cela. Atrás dele estavam o oficial com rosto de cera e os guardas de uniforme preto.

– Levante-se – disse O'Brien. – Venha aqui.

Winston ficou de pé na frente dele. O'Brien tomou os ombros de Winston entre suas mãos fortes e o encarou de perto.

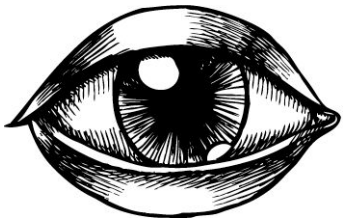
– Você teve pensamentos de me enganar. Foi um vacilo. Endireite—se. Olhe para mim. – Fez uma pausa e prosseguiu em um tom mais gentil: – Você está melhorando. Intelectualmente, resta-lhe muito pouco de errado. Falhou em progredir apenas emocionalmente. Diga-me, Winston, e lembre-se: nada de mentiras. Sabe que sou capaz de identificá-las. Diga-me, quais são seus verdadeiros sentimentos em relação ao Grande Irmão?

– Eu o odeio.

– Você o odeia. Bom. Então chegou a hora de dar o último passo. Você precisa amar o Grande Irmão; não basta obedecer-lhe, você precisa amá-lo.

Soltou Winston e empurrou-o de leve na direção dos guardas.

– Sala 101 – disse.



Capítulo 5

Em cada estágio de sua prisão ele soubera, ou parecera saber, em que lugar estava do edifício sem janela. Talvez a pressão do ar fosse um pouco diferente. As celas onde os guardas o espancaram ficavam abaixo do nível do chão. A sala onde foi interrogado por O'Brien ficava no alto, perto do telhado. E o lugar onde se encontrava naquele instante ficava em um subterrâneo muito profundo, tão fundo quanto se poderia chegar.

Era maior do que a maioria das celas em que estivera. Mas ele mal reparou no entorno. Observou apenas que havia duas pequenas mesas bem à sua frente, cada uma coberta por um tecido verde. Uma estava a apenas um metro ou dois dele; a outra ficava mais distante, perto da porta. Tinham-no amarrado muito ereto em uma cadeira, tão apertado que não conseguia mexer nada, nem a cabeça. Uma espécie de almofada prendia a nuca e o forçava a olhar reto para a frente.

Por um momento ele ficou sozinho; depois a porta se abriu e O'Brien entrou.

– Uma vez você me perguntou o que havia na Sala 101. Eu lhe disse que você já sabia a resposta. Todo mundo sabe. O que tem na Sala 101 é a pior coisa do mundo.

A porta se abriu de novo. Um guarda entrou carregando uma coisa feita de arame, uma caixa ou cesto. Pousou-a na mesa mais distante. Por causa da posição de O'Brien, Winston não

conseguia ver o que era.

– A pior coisa do mundo varia para cada um – disse O'Brien. – Ser enterrado vivo, morrer queimado ou afogado ou empalado ou cinquenta outras mortes. Em certos casos é algo bem corriqueiro, que nem chega a ser mortal.

Ele se moveu um pouco para o lado, de modo que Winston teve uma visão melhor do que estava sobre a mesa. Era uma gaiola oblonga de arame com uma alça no topo, para ser carregada. Na parte da frente havia uma coisa parecida com uma máscara de esgrima, com a parte côncava para fora. Embora estivesse a três ou quatro metros, ele conseguiu ver que a gaiola era dividida, no sentido do comprimento, em dois compartimentos, e que havia algum tipo de criatura em cada. Eram ratos.

– No seu caso – continuou O'Brien –, a pior coisa do mundo por acaso são ratos.

Uma espécie de tremor premonitório, um medo que ele não sabia ao certo do quê, cruzou sua mente assim que teve o primeiro vislumbre da gaiola. Mas apenas agora o significado do anexo frontal semelhante à máscara se tornou, subitamente, claro. Suas entranhas pareceram virar água.

– Você não pode fazer isso! – gritou com voz esganiçada. – Você não faria isso, não faria, é impossível!

– Você se lembra do momento de pânico que costumava acontecer nos seus sonhos? Havia um muro de escuridão à sua frente e um barulho em seus ouvidos. Havia alguma coisa terrível do outro lado do muro. Você sabia que sabia o que era, mas não se atrevia a arrastar para a luz. Eram ratos.

– O'Brien – disse Winston, fazendo um esforço para controlar a voz –, você sabe que isso não é necessário. O que

quer que eu faça?

O’Brien não deu uma resposta direta. Quando falou, foi do modo professoral que às vezes adotava. Olhou ao longe, pensativo, como se estivesse se dirigindo a uma plateia em algum ponto atrás das costas de Winston.

– Por si mesma – começou –, a dor nem sempre é suficiente. Há ocasiões em que um ser humano resiste à dor, mesmo ao ponto de morrer. Mas para todo mundo existe um limite, algo fora de cogitação. Coragem e covardia não estão envolvidas. Se você está caindo de uma grande altura, não é covardia agarrar-se a uma corda. Se você está emergindo de uma grande profundidade, não é covardia encher os pulmões de ar. É somente um instinto, não pode ser desobedecido. Acontece o mesmo com os ratos. Para você, eles são insuportáveis, uma forma de pressão intolerável. Você vai fazer o que lhe for exigido.

– Mas o que é, afinal? Como posso fazer uma coisa se não sei qual é?

O’Brien pegou a gaiola e a trouxe para a mesa mais próxima. Então a pousou cuidadosamente sobre o tecido verde. Winston conseguia ouvir o sangue correr nos próprios ouvidos. Tinha a sensação de estar sentado em solidão completa. Estava no centro de uma vasta planície vazia, um deserto mergulhado na luz do sol, através da qual todos os sons lhe chegavam de distâncias imensas. Ainda assim, a gaiola dos ratos não estava nem a dois metros dele. Os bichos eram enormes. Estavam naquela idade em que o focinho fica grosso e feroz, e o pelo, castanho, em vez de cinza.

– O rato – disse O’Brien, ainda se dirigindo à plateia invisível –, embora seja um roedor, é carnívoro. Você sabe disso. Já ouviu dizer o que acontece nos bairros pobres dessa

cidade. Em certas ruas, uma mulher não ousa deixar seu bebê sozinho em casa nem por cinco minutos. É certo que os ratos vão atacá-lo. Em pouco tempo eles roem tudo, até os ossos, e também atacam pessoas doentes ou moribundas. Têm uma inteligência surpreendente para saber quando um ser humano está vulnerável.

Houve uma explosão de guinchos na gaiola. Pareceu atingir Winston como se viesse de muito longe. Os ratos estavam lutando, tentando alcançar um ao outro através da divisão. Ouviu também um gemido profundo de desespero. Aquilo, igualmente, pareceu vir de fora dele.

O'Brien pegou a gaiola e, ao fazer isso, pressionou algo nela. Ouviu—se um estalido agudo. Winston fez um esforço frenético para se soltar da cadeira. Era inútil: cada parte dele, até a cabeça, estava imobilizada. O'Brien moveu a gaiola para mais perto. Estava a menos de um metro do rosto de Winston.

– Eu pressionei a primeira alavanca – comunicou. – Você entende a construção desta gaiola. A máscara vai se encaixar na sua cabeça, sem deixar saída. Quando eu pressionar a outra alavanca, a portinhola vai deslizar para cima. Estas bestas famintas partirão como balas para cima de você. Já viu um rato saltar no ar? Eles vão pular no seu rosto e começar a comê-lo. Algumas vezes, atacam primeiro os olhos. Algumas vezes, escavam as bochechas e comem a língua.

A gaiola estava mais perto, ia se aproximando. Winston ouviu uma sequência de gritos estridentes que pareciam ocorrer no ar acima de sua cabeça. Mas lutou furiosamente contra o pânico. Pensar, pensar, mesmo com um mísero segundo restante, pensar era a única esperança. De repente, o choque do fedor de mofo dos bichos atingiu suas narinas. Houve em seu interior uma convulsão violenta de náusea e ele

quase perdeu a consciência. Tudo ficou escuro. Por um instante enlouqueceu, parecia um animal que urrava. Apesar disso, voltou do apagão agarrado a uma ideia. Havia um único jeito de se salvar. Precisava interpor outro ser humano, o *corpo* de outro ser humano, entre si e os ratos.

O círculo da máscara era grande o suficiente para tapar a visão de qualquer outra coisa. A portinhola de arame estava a poucos palmos de distância de seu rosto. Os ratos sabiam o que ia acontecer. Um deles pulava para cima e para baixo; o outro, um ancião dos esgotos e cheio de escamas, ficou de pé, as patas rosadas contra as barras, farejando ferozmente o ar. Winston conseguia ver os bigodes e os dentes amarelos. Mais uma vez, o pânico escuro tomou conta dele. Estava cego, vulnerável e desequilibrado.

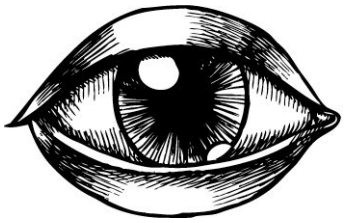
– Era um castigo comum na China imperial – disse O'Brien, didático como sempre.

A máscara se aproximava de seu rosto. O arame já roçava sua bochecha. E então… Não, não foi um alívio, apenas esperança, um minúsculo fiapo de esperança. Tarde demais, talvez tarde demais. Mas ele havia subitamente entendido que em todo o mundo existia *uma* única pessoa a quem poderia transferir a punição, *um* corpo que poderia enfiar entre si e os ratos. Passou a gritar freneticamente, de novo e de novo.

– Façam isso com a Júlia! Façam isso com a Júlia! Não comigo! Com a Júlia! Não me importa o que vocês façam com ela. Rasguem a cara, arranquem tudo até os ossos. Não comigo! Com a Júlia! Não comigo!

Sentiu que caía para trás a profundidades enormes, para longe dos ratos. Ainda amarrado à cadeira, tinha caído através do chão, através das paredes do edifício, através da Terra, através dos oceanos, através da atmosfera, no espaço sideral,

nos golfos entre as estrelas: para longe, longe, longe, longe dos ratos. Sentia-se a anos-luz de distância, mas O'Brien ainda estava de pé a seu lado. Ainda havia o toque frio do arame em sua bochecha. Mas através da escuridão que o envolvia ele ouviu outro estalo metálico e soube que a porta da gaiola tinha sido fechada, não aberta.



Capítulo 6

O Café Castanheira estava quase vazio. Um raio de sol diagonal atravessou a janela e cobriu de amarelo o tampo empoeirado das mesas. Era o horário solitário das quinze. Uma musiquinha suave saía das teletelas.

Winston estava sentado em seu canto habitual, observando um copo vazio. De vez em quando lançava um olhar para o rosto amplo que o encarava da parede oposta. O GRANDE IRMÃO ESTÁ VIGIANDO VOCÊ, dizia a legenda. Sem ser solicitado, um garçom se aproximou e completou seu copo com Gim Vitória, sacudindo para dentro dele umas poucas gotas de outra garrafa, com um caninho atravessado na cortiça. Era sacarina aromatizada com cravos, a especialidade da cafeteria.

Winston ouvia a teletela. No momento, só havia música, mas era possível que a qualquer momento houvesse um boletim especial do Ministério da Paz. As notícias do *front* africano eram inquietantes ao extremo. Ele passara o dia todo preocupado com aquilo. O exército eurasiano (a Oceania estava em guerra com a Eurásia; a Oceania tinha sempre estado em guerra com a Eurásia) se movia para o sul a uma velocidade aterradora. O boletim do meio-dia não tinha mencionado nenhuma área específica, mas era provável que a foz do Rio Congo já fosse um campo de batalha. Brazzaville e Leopoldville estavam em perigo. Não precisava olhar um mapa para saber o que aquilo significava. Não era meramente

uma questão de perder a África Central; pela primeira vez em toda a guerra, o território da Oceania estava ameaçado.

Uma emoção violenta, não exatamente medo, mas uma espécie de excitação, inflamou-se nele e sumiu de novo. Parou de pensar na guerra. Ultimamente, não conseguia fixar a mente em um assunto por mais do que uns poucos minutos a cada vez. Pegou o copo e o enxugou de um gole só. Como sempre, o gim o fez estremecer e até sentir uma ânsia leve. Aquilo era horrível. O cravo e a sacarina, já repugnantes por serem tão enjoativos, não conseguiam disfarçar o cheiro oleoso; e o pior de tudo era que o aroma de gim, que o cercava noite e dia, estava em sua mente misturado de maneira intrínseca ao cheiro daqueles…

Ele nunca os nomeava, nem mesmo em pensamento, e, sempre que possível, nunca os visualizava. Tinha uma consciência apenas parcial disso, algo pairando perto de seu rosto, um cheiro que se prendia às narinas. O gim voltou, e através dos lábios arroxeados ele soltou um arroto. Engordara desde que fora solto e havia recuperado a antiga cor; na verdade, mais do que recuperado. Seus traços estavam mais grosseiros, e a pele do nariz e das bochechas, áspera e vermelha, e até o crânio calvo tinha um tom rosado profundo. Um garçom, de novo sem ser solicitado, trouxe o tabuleiro de xadrez e o exemplar atual do *Times*, com a página aberta no desafio de xadrez. Então, vendo que o copo de Winston estava vazio, pegou a garrafa de gim e o encheu. Não havia necessidade de dar ordens. Eles conheciam seus hábitos. O tabuleiro de xadrez estava sempre à sua espera, sua mesa no canto estava sempre reservada; mesmo quando o lugar ficava cheio, Winston a ocupava, e ninguém se interessava em sentar muito perto dele. Nem se dava ao trabalho de contar as doses. A intervalos irregulares, os funcionários o presenteavam com

um pedaço sujo de papel que diziam ser a conta, mas ele tinha a impressão de que sempre cobravam menos do que deveriam. Não teria feito diferença se fosse o contrário: Winston sempre dispunha de bastante dinheiro. Tinha até um emprego, para não dizer mamata, que pagava mais do que o trabalho anterior.

A música da teletela parou, e uma voz entrou em seu lugar. Ele levantou a cabeça para escutar. Nada de boletins do *front*, porém. Era só um anúncio do Ministério da Fartura. No trimestre anterior, aparentemente, a cota de produção de cadarços do Décimo Plano Trienal tinha sido superada em noventa e oito por cento.

Ele analisou o desafio de xadrez e posicionou as peças. Era um final capcioso, envolvendo dois cavalos. "As brancas começam e dão xeque-mate em duas jogadas." Winston olhou para o retrato do Grande Irmão. "As brancas sempre dão xeque-mate", pensou com um certo misticismo nebuloso. Sempre, sem exceção, é assim. Em nenhum desafio de xadrez, desde o início do mundo, as pretas jamais ganharam. Isso não simbolizava o triunfo eterno e invariável do Bem contra o Mal? O rosto imenso o encarava de volta, tomado por uma força tranquila. As brancas sempre vencem.

A voz da teletela fez uma pausa e acrescentou, em um tom diferente e bem mais sério: "Estejam avisados de que devem estar atentos a um importante anúncio às quinze e trinta. Quinze e trinta! Trata-se de uma notícia da máxima importância. Não se esqueçam. Quinze e trinta!", e depois a musiquinha recomeçou.

O coração de Winston se agitou. Seria o boletim do *front*; o instinto lhe dizia que más notícias estavam a caminho. Durante todo o dia, com breves momentos de ansiedade, a ideia de uma derrota esmagadora na África ia e voltava em sua mente. Ele

parecia quase ver o exército da Eurásia marchar como um enxame por cima da fronteira jamais rompida e tomando a ponta da África como uma fileira de formigas. Por que não fora possível superá-los por fora de algum jeito? O contorno da África Ocidental estava nítido em sua mente. Pegou o cavalo branco e o moveu pelo tabuleiro. *Aquele* era o lugar apropriado. Mesmo enquanto via a horda preta correr para o sul, ele enxergava outra força, misteriosamente reunida, de repente posicionada atrás das pretas, interrompendo a comunicação por terra e mar. Sentia que, apenas por desejar, trazia à existência aquela outra força. Mas era preciso agir rápido. Se eles cotrolassem a África inteira, se tivessem campos aéreos e bases submarinas no Cabo, isso partiria a Oceania em duas. Isso poderia significar qualquer coisa: derrota, ruína, a reconfiguração do mundo, a destruição do Partido! Winston inspirou profundamente. Uma mistura extraordinária de sentimentos, ou melhor, uma sucessão de camadas de sentimento, em que não se podia identificar qual era a mais profunda, lutava dentro dele.

O espasmo tinha passado. Ele colocou o cavalo branco no devido lugar, mas por ora não conseguia se concentrar no desafio de xadrez. Seus pensamentos vagaram de novo. Quase inconscientemente, ele traçou com o dedo, na poeira da mesa:

$$2 + 2 = 5$$

"Eles não têm como entrar em você", ela dissera. Mas, sim, eles tinham como fazer isso. "O que lhe acontece aqui *é para sempre*", O'Brien avisara. Era verdade. Havia coisas, suas próprias atitudes, das quais não se conseguia recuperar. Uma parte de você estava morta, explodida, cauterizada.

Ele a tinha visto; tinha até mesmo falado com ela. Não havia perigo nisso. Sabia, como que por instinto, que eles agora mal

tinham interesse no que fazia. Poderia ter combinado de encontrá-la uma segunda vez, se algum dos dois tivesse desejado. Na verdade, encontraram-se por acidente. Foi no Parque, em um dia frio e cortante de março, quando a terra estava dura como ferro e a grama parecia morta; não havia um broto em lugar nenhum, exceto um ou outro açafrão que se empurrava para cima para ser desmembrado pelo vento. Ele andava depressa, com as mãos congelando e os olhos lacrimejando quando a viu a menos de dez metros. Ocorreu-lhe que ela estava diferente, mas não sabia dizer por quê. Quase passaram um pelo outro sem nenhum sinal; então Winston se virou e a seguiu, não com muita pressa. Sabia que não havia perigo, ninguém teria o menor interesse neles. Ela não falou. Desviou pelo gramado como que tentando livrar-se dele, depois pareceu resignar-se a andar a seu lado. Pouco depois ambos estavam entre um punhado irregular de arbustos sem folhas, tão inúteis como esconderijo quanto como proteção contra o vento. Pararam. Estava frio demais. O vento assoviava entre os gravetos e agitava as flores de açafrão, poucas e de aspecto sujo. Winston pôs o braço ao redor da cintura dela.

Não havia teletela, mas devia haver microfones escondidos; além do mais, eles podiam ser vistos. Isso não tinha importância, nada mais tinha importância. Os dois poderiam ter deitado na grama e feito *aquilo*, se quisessem. O corpo dele congelou de horror diante dessa ideia. Ela não teve nenhuma reação ao abraço, nem tentou se soltar. E então ele reparou no que tinha mudado nela. O rosto estava mais cheio e havia uma longa cicatriz, parcialmente escondida pelo cabelo, que ia da testa à têmpora; mas a mudança não era essa. Era a cintura mais grossa e que, de um modo surpreendente, tinha enrijecido. Ele se lembrou de certa vez, depois da explosão de

uma bomba, quando ajudara a arrastar um cadáver para fora de uns escombros, e tinha se espantado não só com o peso inacreditável, mas com sua rigidez e estranheza de manuseio, que o fazia parecer mais pedra do que carne. O corpo dela era como aquilo. Ocorreu-lhe que a textura da pele feminina estaria bastante diferente do que antes.

Não tentou beijá-la. Nem mesmo conversaram. Enquanto andavam de volta cruzando o gramado, ela o fitou pela primeira vez. Foi apenas um lance momentâneo, cheio de desprezo e desgosto. Ele questionou se seria um desgosto que vinha apenas do passado ou se era inspirado também por seu rosto inchado e pela água que o vento continuava arrancando de seus olhos. Sentaram em duas cadeiras de ferro, lado a lado, mas não próximos demais. Ela parecia prestes a falar. Moveu o sapato grosseiro alguns centímetros e esmagou um graveto. Ele reparou que aqueles pés pareciam ter crescido.

– Eu traí você – ela disse, sem preâmbulos.

– Eu traí você – ele falou.

Ela lhe lançou outro olhar de desgosto.

– Algumas vezes eles ameaçam você com uma coisa que você não consegue suportar nem imagina. E daí você diz: "Não façam isso comigo, façam com outra pessoa, façam com Fulano". E talvez você finja, depois, que foi só um truque, que você só declarou aquilo pra eles pararem, que não estava falando sério. Mas não é verdade. Na hora em que está acontecendo, você está levando a sério. Acha que não tem outro jeito de se salvar e está mais do que disposto a salvar a si mesmo daquela maneira. Você *quer* que aquilo aconteça à outra pessoa e não dá a mínima para o que ela vai sofrer. Só pensa em si mesmo.

– Só pensa em si mesmo – ele ecoou.

– E, depois disso, você não sente mais a mesma coisa em relação àquela pessoa.

– Não – ele disse. – Você não sente mais a mesma coisa.

Os dois pareciam não ter mais nada a dizer. O vento grudava os macacões finos contra seus corpos. Quase de repente, tornou-se embaraçoso ficar sentado ali em silêncio; além disso, estava frio demais para ficar parado. Ela disse algo sobre apanhar o metrô e se levantou para partir.

– Precisamos nos encontrar de novo – ele sugeriu.

– Sim – ela concordou –, precisamos nos encontrar de novo.

Ele a seguiu com hesitação por uma pequena distância, meio passo atrás. E não voltaram a falar. Ela não tentou afastá-lo, mas andou à velocidade exata que o impediria de acompanhá-la. Ele decidira que a acompanharia até a estação do metrô, mas de repente o processo de segui-la no frio pareceu sem sentido e insuportável. Foi tomado por um desejo não tanto de se afastar de Júlia, mas de voltar para o Café Castanheira, que nunca tinha parecido tão convidativo quanto naquele momento. Teve uma visão nostálgica de sua mesa no canto, com o jornal, o tabuleiro de xadrez e o fluxo constante de gim. Acima de tudo, ali estaria quente. No instante seguinte, não totalmente por acidente, permitiu-se ficar separado dela por um pequeno grupo de pessoas. Fez uma tentativa desanimada de alcançá-la, depois desacelerou, virou e partiu na direção oposta. Quando tinha avançado cinquenta metros, olhou para trás. A rua não estava cheia, mas ele já não conseguia distingui-la. Qualquer uma das doze figuras que se apressavam poderia ter sido ela. Talvez seu corpo enrijecido e volumoso já não pudesse ser reconhecido pelas costas.

"Na hora em que está acontecendo", ela dissera, "você está falando sério". Ele falara muito sério. Não apenas dissera

aquilo, como havia desejado que acontecesse. Queria que ela, e não ele, fosse entregue aos…

Alguma coisa tinha mudado na música que saía da teletela. Uma nota rachada e cômica, uma nota baixa, soou. E depois, talvez não estivesse ocorrendo, talvez fosse só uma lembrança assumindo a forma de um som, uma voz começou a cantar:

Sob a castanheira frondosa

Eu vendi você e você me vendeu

As lágrimas inundaram seus olhos. Um garçom que passava notou que o copo dele estava vazio e voltou com a garrafa de gim.

Winston pegou o copo e o cheirou. Não melhorava; piorava a cada gole que ele tomava. Mas havia se tornado o elemento onde ele mergulhava. Era sua vida, sua morte e sua ressurreição. Era o gim que o afundava no estupor toda noite e o acordava toda manhã. Quando despertava, raramente antes das onze, com as pálpebras coladas, a boca queimando e costas que pareciam quebradas, seria impossível levantar-se da horizontal se não fosse pela garrafa e pelo copo colocados ao lado da cama na noite anterior. No meio do dia, ficava sentado com a expressão vidrada, a garrafa à mão, escutando a teletela. Das quinze até a hora de fechar, era parte da mobília do Café Castanheira. Ninguém se importava mais com ele, nenhum assovio o acordava, nenhuma teletela o perturbava. Ocasionalmente, talvez duas vezes por semana, Winston se dirigia a um escritório empoeirado e com ar de abandono no Ministério da Verdade e fazia algum trabalho, ou o que chamava assim. Fora indicado para o setor de um subcomitê que brotara de um dos incontáveis comitês que lidavam com pequenas dificuldades surgidas na compilação da décima primeira edição do dicionário de Novidioma. Estavam

envolvidos na produção de um arquivo chamado Relatório Provisório, mas ele nunca descobriu ao certo o que estavam reportando. Tinha algo a ver com a questão de as vírgulas serem posicionadas dentro ou fora das aspas. Havia outros quatro membros no comitê. Em certos dias, eles se reuniam e prontamente se dispersavam de novo, admitindo com franqueza que não havia nada a fazer. Mas em algumas ocasiões punham-se a trabalhar quase com ansiedade, fazendo uma demonstração tremenda de suas minutas e rascunhando longos memorandos que nunca eram terminados; a discussão sobre determinado assunto se tornava extraordinariamente complexa e obscura, com divergências sutis sobre definições, digressões enormes, brigas e até ameaças de recorrer a instâncias superiores de autoridade. Então, de repente, a vida se esvaía, e eles ficavam sentados em volta da mesa encarando-se mutuamente com olhos opacos, como fantasmas desvanecendo na madrugada.

A teletela ficou em silêncio por um instante. Winston levantou a cabeça de novo. O boletim! Mas não, eles só estavam trocando a música. Ele tinha o mapa da África bem claro em sua cabeça. A movimentação dos exércitos era um diagrama: uma flecha preta cortando verticalmente na direção sul e uma flecha branca cortando horizontalmente na direção leste, por cima da cauda da primeira. Como que em busca de reafirmação, levantou o olhar para o rosto imperturbável no retrato. Seria concebível que a segunda flecha nem mesmo existisse?

Seu interesse voltou à estaca zero. Ele tomou mais um grande gole de gim, apanhou o cavalo branco e tentou um movimento. Xeque. Mas evidentemente não era a jogada certa, porque…

Sem ser chamada, uma lembrança veio à sua mente. Ele viu

um quarto iluminado por velas, com uma cama grande e uma colcha branca, e ele mesmo, um menino de 9 ou 10 anos, sentado no chão, sacudindo uma caixa de dados e rindo, animado. Sua mãe estava sentada à sua frente e também ria.

Devia ser um mês antes do desaparecimento dela. Era um momento de reconciliação, quando a fome teimosa em seu estômago estava esquecida e o antigo afeto por ela, temporariamente reavivado. Ele se lembrava bem desse dia, com uma chuva forte, quando a água escorria pela janela e a luz do lado de dentro era fraca demais para permitir a leitura. O tédio das duas crianças no quarto escuro e entulhado se tornou insuportável. Winston chorou e resmungou, fez exigências fúteis por comida, percorreu o quarto tirando tudo do lugar e chutando o lambril até que os vizinhos bateram na parede, enquanto a criança mais nova gemia de forma intermitente. No final, a mãe disse: “Agora seja bonzinho que eu vou comprar um brinquedo. Um brinquedo ótimo que você vai adorar” e depois partiu na chuva até uma lojinha de bugigangas ali perto, que ainda abria esporadicamente, e voltou com uma caixa de papelão contendo um conjunto do jogo Cobras e Escadas. Ele ainda conseguia se lembrar do cheiro do papelão molhado. Era um jogo muito ruim. O tabuleiro estava rachado, e os pequenos dados de madeira eram cortados tão toscamente que mal paravam de lado. Emburrado e indiferente, Winston olhou para o brinquedo. Mas então sua mãe acendeu um toco de vela e eles se sentaram no chão para jogar. Logo ele estava animado, gritando de rir conforme as fichas, esperançosas, subiam as escadas, para depois despencarem deslizando pelas cobras, quase de volta ao ponto de partida. Jogaram oito partidas, ganhando quatro cada um. A irmãzinha, jovem demais para entender o jogo, ficou sentada, encostada em um apoio, rindo porque os outros riam.

Por uma tarde inteira, foram felizes juntos, como no início de sua infância.

Winston expulsou a cena de sua mente. Era uma falsa memória. De vez em quando falsas memórias o perturbavam. Não tinha importância, desde que a pessoa as reconhecesse como eram. Algumas coisas tinham acontecido; outras, não. Ele se concentrou no tabuleiro e apanhou o cavalo branco de novo. Quase no mesmo instante, deixou-o cair na mesa com um estalo. Havia dado um pulo como se um alfinete o tivesse espetado.

Uma trombeta estridente perfurou o ar. Era o boletim! Vitória! Era sempre vitória quando uma trombeta precedia as notícias. Uma vibração cruzou a cafeteria. Até os garçons pararam e ficaram atentos.

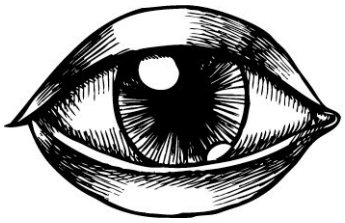
O toque da trombeta aumentou o volume. Logo uma voz empolgada estava tagarelando na teletela, mas ao começar já foi quase abafada pelo grito de alegria vindo de fora. As notícias tinham corrido pelas ruas como vento. Ele conseguia ouvir apenas o suficiente do que saía da teletela para perceber que tudo tinha acontecido conforme previra: uma vasta armada naval reunida secretamente, uma explosão súbita na retaguarda inimiga, a flecha branca cortando a cauda da preta. Fragmentos de frases triunfais venciam o ruído: “Vasta manobra estratégica, coordenação perfeita, derrota absoluta, meio milhão de prisioneiros, completa desmoralização, controle da África inteira, trazer a guerra a uma distância visível de seu fim, vitória, a maior vitória da História humana, vitória, vitória, vitória!”.

Sob a mesa, os pés de Winston faziam movimentos convulsivos. Ele não tinha se mexido de seu assento, mas em sua mente estava correndo, correndo muito depressa, estava

com as multidões lá fora, celebrando aos berros até ficar sem voz. Olhou para cima de novo, para o retrato do Grande Irmão. O colosso que sustentava o mundo! A rocha contra a qual as hordas da Ásia se batiam em vão! Pensou como dez minutos antes, sim, apenas dez minutos, ainda existiam equívocos em seu coração, enquanto ele perguntava a si mesmo se as notícias do *front* seriam de vitória ou de derrota. Ah, o que havia perecido era bem maior do que o exército eurasiano! Muito tinha mudado nele desde aquele primeiro dia no Ministério do Amor, mas a cura final, decisiva, nunca acontecera, até aquele momento.

A voz na teletela ainda despejava seu relato sobre prisioneiros, pilhagens e massacres, mas os gritos externos tinham diminuído um pouco. Os garçons voltavam ao trabalho. Um deles se aproximou com a garrafa de gim. Winston, sentado em um devaneio abençoado, não prestou atenção enquanto o copo era abastecido. Não mais corria nem celebrava. Estava de volta ao Ministério do Amor, com tudo perdoado, sua alma branca como neve; no banco dos réus confessando tudo, incriminando todos. Percorrendo o corredor de azulejos brancos com a sensação de andar à luz do sol, e um guarda armado às suas costas. A tão aguardada bala estava penetrando em seu cérebro.

Olhou para o rosto enorme. Precisara de quarenta anos para entender que tipo de sorriso se escondia sob o bigode preto. Ah, engano cruel e desnecessário! Ah, exílio teimoso e autoimposto para longe do peito amado! Duas lágrimas com aroma de gengibre pingaram das laterais de seu nariz. Mas estava tudo bem, tudo bem, a luta estava encerrada. Ele tinha conquistado a vitória sobre si mesmo. Amava o Grande Irmão.



Apêndice

Os princípios do Novidioma

Novidioma era a língua oficial da Oceania e foi criada para atender às necessidades ideológicas do Socing, ou Socialismo Inglês. Em 1984, ainda não havia ninguém que usasse o Novidioma como única forma de comunicação, oralmente ou por escrito. Os principais artigos do *Times* eram redigidos nele, mas tratava-se de uma proeza ao alcance apenas de um especialista. Esperava-se que o Novidioma finalmente suplantasse o Velhidioma (ou deveríamos dizer: Inglês Padrão) por volta do ano 2050. Enquanto isso, ele ganharia cada vez mais terreno, com todos os membros do Partido tendendo a usar cada vez mais as palavras e a gramática do Novidioma em suas comunicações do dia a dia. A versão em uso em 1984, e incluída na nona e na décima edições do dicionário de Novidioma, era provisória e continha muitas palavras supérfluas e formações arcaicas que seriam excluídas mais tarde. Aqui, nós trataremos da décima primeira edição do dicionário, a versão final e aperfeiçoada.

O propósito do Novidioma não era apenas fornecer um meio de expressão para a visão de mundo e os hábitos mentais adequados aos devotos do Socing, e sim bloquear todos os outros modos de pensamento. A intenção era, quando o Novidioma fosse adotado de uma vez por todas e o

Velhidioma caísse no ostracismo, tornar um pensamento herético, ou seja, que divergisse dos princípios do Socing, literalmente impensável, pelo menos na medida em que o pensar depende das palavras. Seu vocabulário foi construído de modo a dar uma expressão exata, e com frequência muito sutil, a todos os significados que um membro do Partido poderia querer expressar adequadamente, ao mesmo tempo em que excluía todos os outros sentidos e a possibilidade de se chegar a eles por meios indiretos. Em parte, isso foi feito pela criação de novas palavras, mas principalmente pela eliminação de palavras indesejáveis e por tirar das que restassem os significados inortodoxos e, tanto quanto pos-sível, todos os significados secundários. Para dar um único exemplo: a palavra *livre* existia em Novidioma, mas só poderia ser aplicada a afirmações como: "O cão está livre de pulgas" ou "Este campo está livre de pragas". Não poderia ser usada no velho sentido de "politicamente livre" ou "intelectualmente livre", uma vez que a liberdade política e a liberdade intelectual já não existiam nem mesmo como conceitos e, portanto, não tinham nomes. Em uma perspectiva à parte da supressão das palavras definitivamente heréticas, a redução do vocabulário era considerada um objetivo em si mesmo, e nenhuma palavra que pudesse ser dispensada deveria sobreviver. O Novidioma foi planejado não para ampliar, mas para *diminuir* o alcance do pensamento, e esse objetivo foi indiretamente ajudado pela redução, ao máximo, das palavras alternativas.

O Novidioma foi fundado sobre a língua inglesa tal como a conhecemos hoje. No entanto, muitas frases em Novidioma, mesmo as que não contêm palavras inventadas, mal seriam inteligíveis a um falante de inglês dos nossos tempos. As palavras em Novidioma foram divididas em três classes

distintas, conhecidas como vocabulário A, vocabulário B (também conhecido como palavras compostas) e vocabulário C. É mais simples discutir cada classe em separado, mas as peculiaridades gramaticais da língua podem ser tratadas na seção dedicada ao vocabulário A, já que as mesmas regras se aplicam às três categorias.

Vocabulário A

O vocabulário A consistia das palavras necessárias aos assuntos cotidianos, para coisas como comer, beber, trabalhar, vestir-se, subir e descer escadas, dirigir veículos, jardinar, cozinhar e outras do tipo. Foi composto quase inteiramente de palavras já conhecidas, como *impacto*, *corrida*, *cachorro*, *árvore*, *açúcar*, *casa*, *campo*, mas em comparação ao vocabulário inglês atual a quantidade era extremamente pequena, ao mesmo tempo em que os significados eram definidos com muitíssimo mais rigidez. Todas as ambiguidades e nuances de significado foram expurgadas. Na máxima medida possível, uma palavra dessa classe em Novidioma era apenas a articulação de um som que expressava *um* conceito claramente compreendido. Teria sido impossível usar o vocabulário A com finalidades literárias ou para algum debate político ou filosófico. A intenção era expressar pensamentos simples e úteis, em geral incluindo objetos concretos ou ações físicas.

A gramática do Novidioma tinha duas particularidades dignas de nota. A primeira era um intercâmbio quase absoluto entre diferentes partes do discurso. Qualquer palavra da língua (em princípio, isso se aplicava até a palavras abstratas, como *se* ou *quando*) poderia ser usada como verbo, substantivo, adjetivo ou advérbio. Quando a forma verbal e a forma nominal tinham a mesma raiz, não existia nenhuma variação entre elas, e essa regra por si só já levara muitas formas

arcaicas à destruição. A palavra *pensamento*, por exemplo, não existia em Novidioma. Seu lugar foi ocupado por *pense*, que cumpria a função tanto de substantivo quanto de verbo. Nenhum princípio etimológico foi seguido: em alguns casos, o que era escolhido para ficar era o substantivo; em outros casos, o verbo. Mesmo quando um substantivo e um verbo com significado correlato não eram etimologicamente conectados, ou um ou outro era com frequência suprimido. Não existia, por exemplo, a palavra *corte*, sendo seu sentido suficientemente abrangido pelo substantivo-verbo *faca*. Os adjetivos eram formados pelo acréscimo do sufixo *ante* ao substantivo-verbo, e os advérbios, pelo acréscimo de *mente*. Assim, por exemplo, *rapidante* significava "veloz" e *rapimente* significava "depressa". Certos adjetivos que temos hoje em dia, como *bom*, *forte*, *grande*, *preto* e *macio,* foram preservados, mas a quantidade total era muito pequena. Havia pouca necessidade deles, uma vez que qualquer significado adjetivo poderia ser obtido pelo acréscimo de *ante* a um substantivo-verbo. Nenhum dos advérbios que existem atualmente foi mantido, exceto os que terminam em *mente*, porque essa terminação é invariável. A palavra *bem*, por exemplo, foi substituída por *bomente*.

Além disso, qualquer palavra, e isso mais uma vez se aplicava, por princípio, a qualquer palavra da língua, poderia ser negativada pelo acréscimo do prefixo *des*, ou reforçada pelo prefixo *mais* ou, para uma ênfase ainda maior, *duplomais*. Assim, por exemplo, *desfrio* significava "quente"; *maisfrio* e *duplomaisfrio* significavam, respectivamente, "muito frio" e "superlativamente frio". Também era possível, como no inglês atual, modificar o significado de quase toda palavra pela prefixação de preposições como *pré*, *pós*, *pró*, *contra*, etc. Por meio desses métodos, descobriu-se ser possível diminuir muito

o vocabulário. Dada, por exemplo, a palavra *bom*, não havia necessidade da palavra *mau*, já que o significado desejado era igualmente expresso, e de fato até melhor, por *desbom*. Em qualquer caso em que duas palavras formassem um par natural de opostos, a única coisa necessária era resolver qual delas suprimir. *Escuridão*, por exemplo, poderia ser substituída por *desluz* ou *luz* poderia ceder lugar a *desescuridão*, conforme a preferência.

A segunda marca distinta da gramática do Novidioma era sua regularidade. A não ser pelas poucas exceções que mencionaremos a seguir, todas as flexões seguiam as mesmas regras. Assim, todos os verbos no pretérito e no particípio passado tinham a mesma terminação, em *aram*. O pretérito de *comer* era *comaram*, o de *partir* era *partaram*, e assim por diante, abrangendo a totalidade da língua, tendo sido abolidas todas as formas como *beberam*, *dormiram* e *compuseram*. Todos os plurais eram formados pela adição de *s* ou de *es*, conforme o caso. Os plurais de *pincel*, *homem* e *ação* eram *pincels*, *homenes* e *ações*. Os adjetivos comparativos eram invariavelmente formados pelo acréscimo de *mais* e *menos*, e as formas irregulares como *maior*, *menor*, *melhor*, *pior* e as terminações em *íssimo* foram eliminadas.

As únicas classes de palavras que ainda podiam ser flexionadas de forma irregular eram os pronomes relativos e demonstrativos e os verbos auxiliares. Todos eles seguiam a regra antiga, exceto *quem*, que foi excluído por ser desnecessário, e *poder*, *poderia*, pois seu uso era abrangido por *dever*, *deveria*. Existiam também irregularidades na formação de palavras que surgiram por causa da necessidade de um discurso fácil e rápido. Uma palavra que fosse difícil de pronunciar, ou que adquirisse um sentido ambíguo quando escutada, era logo considerada uma palavra ruim;

ocasionalmente, portanto, em nome da eufonia, letras extras eram inseridas em uma palavra ou a forma antiga era preservada. Mas essa necessidade ocorria principalmente em relação ao vocabulário B. *A razão* pela qual se dava tanta importância à facilidade de pronúncia será explicada adiante neste artigo.

Vocabulário B

O vocabulário B consistia de palavras deliberadamente formadas por razões políticas, ou seja, que não apenas tinham uma implicação política em todos os casos, mas cuja intenção era impor sobre a pessoa que as empregava a atitude mental desejada. Sem uma compreensão completa dos princípios do Socing, era difícil usar essas palavras corretamente. Em alguns casos, elas podiam ser traduzidas para o Velhidioma ou mesmo para palavras retiradas do vocabulário A, mas isso em geral exigia uma longa paráfrase e sempre resultava em certa perda de harmonia. As palavras B eram um tipo de taquigrafia verbal que frequentemente englobava um amplo escopo de ideias em umas poucas sílabas, ao mesmo tempo mais exatas e mais forçadas do que a língua corrente.

As palavras B eram em todos os casos palavras compostas[2]. Consistiam de duas ou mais palavras ou sílabas, aglutinadas de forma a serem facilmente pronunciadas. O amálgama resultante era sempre um substantivo-verbo, e a flexão se dava conforme as regras comuns. Para dar um único exemplo: a palavra *bempensar*, que significava grosseiramente "ortodoxia", ou, se alguém quisesse empregá-la como verbo, "pensar de maneira ortodoxa". As flexões eram as seguintes: substantivo-verbo, *bempensar*; pretérito e particípio passado, *bempensado*; particípio presente, *bempensente*; adjetivo, *bempensante*; advérbio, *bempensamente*; substantivo, *bempensador*.

As palavras B não eram construídas com base em nenhum plano etimológico. As palavras das quais elas derivavam podiam ser qualquer parte da linguagem, e elas podiam ser colocadas em qualquer ordem e cortadas de qualquer forma que tornasse sua pronúncia mais fácil, ao mesmo tempo em que indicasse sua derivação. Na palavra *pensamentocrime* (crimedepensar), por exemplo, o *pensa* vem em primeiro lugar, ao passo que em Polícia do Pensamento vem em segundo, e em sua última versão a palavra perdeu sílabas: *poldopensa*. Em razão da grande dificuldade de garantir a eufonia, as formações irregulares eram mais comuns no vocabulário B do que no vocabulário A. Por exemplo, as formas adjetivas de *Miniver*, *Minipaz* e *Miniamor* eram, respectivamente, *Miniverdadeiro*, *Minipacífico* e *Miniamoroso*, simplesmente porque *verdadante*, *pacificante* e *amorante* eram de pronúncia ligeiramente estranha. Em princípio, porém, todas as palavras da classe B podiam ser flexionadas, e todas flexionavam do mesmo modo.

Algumas das palavras B tinham significados muito sutis, dificilmente inteligíveis para aquele que não dominasse o idioma como um todo. Vejamos como exemplo uma frase típica de um artigo de destaque do *Times*, como *Pensantigos destocaâmago Socing*. Em Velhidioma, a interpretação mais curta que se pode fazer disso seria: "Aqueles cujas ideias foram formadas antes da Revolução não conseguem ter uma compreensão emocional completa dos princípios do Socialismo Inglês". Mas essa tradução não é adequada. Logo de início, para captar o sentido pleno da frase em Novidioma citada, a pessoa precisaria ter uma ideia clara do que significa *Socing*. Além disso, apenas alguém familiarizado com o Socing conseguiria apreciar totalmente a força da palavra *tocaâmago*, que implicava uma aceitação cega e entusiasmada

difícil de imaginar hoje em dia; ou da palavra *pensantigo*, que estava intrinsecamente misturada à ideia de maldade e decadência. Mas a função específica de certas palavras em Novidioma, dentre as quais *pensantigo*, não era tanto expressar significados, mas antes destruí-los. Essas palavras, necessariamente poucas, haviam tido seus significados ampliados até o ponto de conter em si grupos enormes de palavras, que então, estando suficientemente cobertas por um termo único e abrangente, poderiam ser riscadas e esquecidas. A maior dificuldade enfrentada pelos compiladores do dicionário de Novidioma não era inventar novas palavras, e sim, depois de criá-las, garantir que elas significassem o que eles pretendiam, ou seja, definir quais grupos de palavras eles estavam cancelando por meio daquelas invenções.

Conforme já vimos no caso da palavra *livre*, palavras que no passado haviam tido um significado herético eram algumas vezes mantidas, em nome da conveniência, mas sem os significados indesejados. Incontáveis outras palavras, como *honra*, *justiça*, *moralidade*, *internacionalismo*, *democracia*, *ciência* e *religião* tinham simplesmente deixado de existir. Algumas palavras funcionavam como cobertores e as acobertavam, abolindo-as. Todas as palavras que se agrupavam ao redor dos conceitos de liberdade e igualdade, por exemplo, estavam contidas na palavra única *pensamentocrime*, enquanto todas as palavras que se agrupavam ao redor dos conceitos de objetividade e racionalismo foram contidas na palavra única *pensantigo*. Mais precisão do que isso teria sido perigoso. O que se exigia de um membro do Partido era uma perspectiva parecida com a do antigo hebreu, que sabia, sem saber muito mais do que isso, que todas as nações, exceto a sua, adoravam “falsos deuses”. Ele não precisava saber como esses deuses eram chamados,

Baal, Osíris, Moloch, Astarte e assim por diante; provavelmente, quanto menos soubesse sobre eles, melhor para sua própria ortodoxia. Ele conhecia Jeová e os seus mandamentos; sabia, portanto, que todos os deuses com outros nomes ou outros atributos eram falsos. Quase da mesma forma, o membro do Partido entendia a conduta correta e, em termos extremamente vagos e gerais, sabia que tipo de afastamento dela era possível. Sua vida sexual, por exemplo, era inteiramente regulada por duas palavras em Novidioma: *sexocrime* (imoralidade sexual) e *sexobom* (castidade). *Sexocrime* cobria rigorosamente todos os desvios. Incluía fornicação, adultério, homossexualidade e outras perversões e, fora isso, também o intercurso comum praticado apenas por si mesmo. Não havia necessidade de enumerá-los separadamente, uma vez que todos eram igualmente condenáveis e, em princípio, puníveis com a morte. No vocabulário C, que consistia de palavras científicas e técnicas, poderá ser necessário dar nomes específicos a certas aberrações sexuais, mas o cidadão comum não tinha necessidade deles. Sabia o que significava *sexobom*, ou seja, intercurso normal entre homem e mulher, com o propósito único de gerar filhos, e sem prazer físico por parte da mulher; todo o resto era *sexocrime*. Em Novidioma, raramente era possível avançar em um pensamento herético além do ponto em que se sabia que ele *era* herético; daí em diante, as palavras necessárias eram inexistentes.

Nenhuma palavra do vocabulário B era ideologicamente neutra. Grande parte era de eufemismos. Palavras como *campalegre* (campo de trabalhos forçados) e *Minipaz* (Ministério da Paz, isto é, Ministério da Guerra) significavam quase o exato oposto do que aparentavam ser. Em contrapartida, algumas palavras demonstravam uma

compreensão franca e desdenhosa da real natureza da sociedade da Oceania. Um exemplo seria *rangoproleta*, significando o entretenimento de má qualidade e as notícias espúrias que o Partido oferecia às massas. Por um terceiro aspecto, outras palavras eram ambíguas, tendo uma conotação boa quando aplicadas ao Partido e ruim quando aplicadas aos inimigos. Para completar, havia ainda muitas palavras que aparentavam ser meras abreviações e que extraíam sua essência ideológica não de seu significado, mas de sua estrutura.

Tanto quanto se conseguiu, tudo que tinha ou pudesse ter um significado político qualquer foi encaixado no vocabulário B. O nome de cada organização ou grupo de pessoas ou país ou instituição ou edifício público era invariavelmente reduzido à forma conhecida, ou seja, uma palavra única, de pronúncia fácil, com o menor número possível de sílabas capaz de preservar a raiz original. No Ministério da Verdade, por exemplo, o Departamento de Registros, no qual Winston Smith trabalhava, era chamado de *Dereg*; o Departamento de Ficção era chamado de *Defic*; o Departamento de Teleprogramas era chamado de *Detel,* e assim por diante. Isso não foi feito com o objetivo único de poupar tempo. Mesmo nas primeiras décadas do século XX, contrações de palavras e frases eram um dos atributos característicos da linguagem política; já então se notava que a tendência ao uso de abreviações desse tipo era mais acentuada em países e organizações totalitários. Palavras que exemplificam isso: nazismo, Gestapo, Comintern, Agitprop. No começo, a prática foi adotada como se fosse instintiva, mas em Novidioma era usada com uma finalidade consciente. Percebeu-se que, ao abreviar assim um nome, uma pessoa o limitava e sutilmente alterava seu significado, ao eliminar a maior parte das

associações que, do contrário, permaneceriam ligadas a ele. As palavras Internacional Comunista, por exemplo, evocam uma imagem composta de fraternidade humana universal, bandeiras vermelhas, barricadas, Karl Marx e a Comuna de Paris. A palavra *Comintern*, por sua vez, sugere apenas uma organização muito unida e um corpo doutrinário bem definido. Refere-se a algo quase tão facilmente reconhecido, e igualmente limitado em seu propósito, quanto "cadeira" ou "mesa". *Comintern* é uma palavra que pode ser verbalizada quase sem reflexão prévia, ao passo que Internacional Comunista é uma construção sobre a qual se deve pensar, mesmo que só por um momento. Do mesmo modo, as associações chamadas por uma palavra como *Miniver* são menos numerosas e mais controláveis do que aquelas chamadas por palavras como *Ministério da Verdade*. Isso explicava não apenas o hábito de abreviar sempre que possível, mas também o cuidado quase exagerado que se tomava para tornar todas as palavras facilmente pronunciáveis.

Em Novidioma, a eufonia suplantava toda consideração, menos a exatidão de significado. A regularidade da gramática era sacrificada a ela sempre que necessário. E com razão, uma vez que se exigia, acima de tudo por motivos políticos, palavras encurtadas, de significado definido, que pudessem ser verbalizadas depressa e despertassem o mínimo de lembranças na mente do falante. As palavras do vocabulário B até ganhavam força pelo fato de todas serem bastante parecidas. Quase invariavelmente, essas palavras (*bempensar*, *Minipaz*, *sexocrime*, *despessoa*, *campalegre*, *poldopensa* e inúmeras outras) tinham três ou quatro sílabas, com a sílaba tônica distribuída igualmente entre a penúltima e a última. Seu uso incentivava um estilo corrido de discurso, ao mesmo tempo marcado e monótono. E esse era exatamente o objetivo. A

intenção era tornar o discurso, em especial sobre algum tema não neutro ideologicamente, o mais independente possível da consciência. Para as questões cotidianas era sem dúvida necessário, ou algumas vezes necessário, refletir antes de falar, mas um membro do Partido convocado a fazer um julgamento político ou ético deveria ser capaz de descarregar as opiniões certas tão automaticamente quanto uma metralhadora descarrega munição. O treinamento o capacitava a isso, a linguagem lhe fornecia um instrumento quase à prova de enganos, e a textura das palavras, com sua sonoridade áspera e feiura quase intencional, ajustada ao espírito do Socing, dava ainda mais suporte ao processo.

O mesmo aconteceu com o fato de existirem poucas palavras entre as quais escolher. Em relação ao nosso, o vocabulário em Novidioma era minúsculo, e novos modos de reduzi-lo estavam sendo constantemente criados. O Novidioma, de fato, diferia de quase todas as demais línguas no fato de seu vocabulário se reduzir, em vez de se ampliar, ano a ano. Cada redução era um ganho, visto que, quanto menor a possibilidade de escolha, menor a tentação de parar para pensar. Em última instância, esperava-se que o discurso articulado fosse emitido a partir da laringe, sem envolver em absoluto as estruturas superiores do cérebro. Esse objetivo foi abertamente admitido na palavra em Novidioma *grasnafala*, significando "grasnar como um pato". Como diversas outras palavras no vocabulário B, *grasnafala* era ambígua. Se as opiniões grasnadas fossem ortodoxas, não significava nada além de elogio, e quando o *Times* se referia a um dos oradores do Partido como um *duplomaisbom grasnafalador*, estava fazendo um cumprimento caloroso e valorizado.

Vocabulário C

O vocabulário C era suplementar aos demais e consistia

inteiramente de termos científicos e técnicos parecidos com os que empregamos hoje e foram construídos a partir das mesmas raízes, mas tomou-se o cuidado habitual para defini-los rigidamente e limpar seus significados indesejados. Eles seguiam as mesmas regras gramaticais que as palavras dos outros dois vocabulários. Bem poucas palavras C tinham valor na comunicação cotidiana ou nos discursos políticos. Qualquer trabalhador ou técnico da área científica encontraria todas as palavras de que precisasse na lista dedicada à sua própria especialidade, mas raramente dispunha de mais do que o básico das palavras pertencentes às outras listas. Poucas eram comuns às três listas e, fora de cada área, não havia vocabulário geral para expressar o papel da Ciência como um hábito da mente ou como um método de pensamento. Na verdade, não existia uma palavra para "Ciência": qualquer significado que ela pudesse porventura ter já estava incluído na palavra Socing.

Com base no que acabamos de expor, veremos a seguir que, em Novidioma, acima de um nível muito básico, expressar uma opinião inortodoxa era quase impossível. Claro que era possível verbalizar heresias de um tipo bastante primário, como uma blasfêmia. Por exemplo, teria sido possível dizer *O Grande Irmão é desbom*. Essa afirmação, que para um ouvido ortodoxo transmitia somente um absurdo, não poderia ser sustentada pela argumentação racional, porque as palavras necessárias não estavam disponíveis. Ideias contrárias ao Socing só podiam ser cogitadas de forma vaga, indefinida, e nomeadas em termos muito amplos, aglutinados, que censuravam grupos inteiros de heresias sem defini-las ao fazer isso. De fato, uma pessoa poderia usar o Novidioma com objetivos inortodoxos ao traduzir artificialmente algumas palavras de volta para o Velhidioma. Por exemplo, *Todos os*

homenes são iguais era uma sentença possível em Novidioma, mas apenas no mesmo sentido em que "Todos os homens são ruivos" é uma sentença possível em Velhidioma. Não há um erro gramatical, mas expressa uma verdade palpável, isto é, que todos os homens são de igual altura, peso ou força. O conceito de igualdade política não existia mais, e esse segundo significado tinha sido expurgado da palavra *igual*. Em 1984, quando o Velhidioma ainda era o meio comum de comunicação, existia teoricamente o risco de que, ao usar palavras em Novidioma, uma pessoa se lembrasse de suas acepções originais. Na prática, não era difícil, para uma pessoa bem familiarizada com o *duplopensar*, evitar isso, mas no intervalo de umas poucas gerações até a possibilidade de um lapso desses teria desaparecido. Uma pessoa que crescesse tendo o Novidioma como única língua não saberia que *igual* havia antes tido o significado secundário de "politicamente igual", ou que *livre* um dia já significara "intelectualmente livre", da mesma forma como uma pessoa que nunca tenha ouvido falar de xadrez não entenderá os significados secundários associados a *rainha* ou *torre*. Haveria muitos crimes e erros que estariam além do que essa pessoa poderia cometer, simplesmente porque eles não tinham nomes e eram, portanto, inimagináveis. Previa-se que, conforme o tempo passasse, as características distintivas do Novidioma se tornariam mais e mais acentuadas: a quantidade de palavras cada vez menor, seu significado cada vez mais limitado, e a chance de usá-las de modo inadequado sempre diminuindo.

Quando o Velhidioma fosse superado de uma vez por todas, o último vínculo com o passado teria sido cortado. A História já tinha sido reescrita, mas ainda sobreviviam aqui e ali fragmentos da antiga literatura, censurada de um modo falho, e, se uma pessoa preservasse o conhecimento que tinha do

Velhidioma, conseguiria ler. No futuro, tais fragmentos, mesmo que sobrevivessem, seriam incompreensíveis e intraduzíveis. Era impossível traduzir qualquer trecho de Velhidioma em Novidioma a menos que ele ou fizesse referência a um processo técnico, ou abordasse uma ação cotidiana muito simples, ou se já fosse ortodoxo (*bempensante* seria a expressão em Novidioma) em sua tendência. Na prática, isso significava que nenhum livro escrito antes de 1960, aproximadamente, poderia ser traduzido como um todo. A literatura pré-revolucionária só seria passível de tradução ideológica, ou seja, de alteração do sentido, além de alteração da língua. Vejamos, por exemplo, essa famosa passagem da Declaração de Independência:

> Consideramos estas verdades autoevidentes, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre eles estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade. Que, para assegurar esses direitos, Governos são instituídos entre os homens e alcançam seu poder graças ao consentimento dos governados. Que, quando qualquer forma de Governo se torna destruidora de tais finalidades, é direito do Povo alterar ou abolir este Governo, e instituir um novo…

Teria sido impossível transpor esse trecho para Novidioma mantendo o sentido original. O mais perto que se poderia chegar nessa direção seria reduzir a passagem inteira em uma única palavra, *pensamentocrime*. Uma tradução completa só poderia ser uma tradução ideológica, pela qual as palavras de Jefferson seriam transformadas em um elogio ao governo absolutista.

Uma boa quantidade da literatura do passado já vinha sendo transformada desse modo. Considerações de prestígio tornavam desejável preservar a memória de certas figuras

históricas ao mesmo tempo em que as conquistas delas eram postas em linha com a filosofia do Socing. Assim, vários escritores, como Shakespeare, Milton, Swift, Byron, Dickens e alguns outros estavam em processo de tradução; quando a tarefa fosse concluída, seus textos originais, com todo o resto da literatura do passado que houvesse sobrevivido, seriam destruídos. Essas traduções resultavam de um trabalho lento e difícil, e não se esperava que fosse terminado antes da primeira ou da segunda década do século XXI. Havia também grandes quantidades de literatura meramente utilitária, como manuais técnicos indispensáveis e coisas afins, que precisavam passar pelo mesmo processo. Foi principalmente para dar tempo ao trabalho preliminar de tradução que a adoção final do Novidioma foi estabelecida para uma data tão tardia como 2050.

Palavras compostas, como *falaescreve*, eram evidentemente encontradas no vocabulário A, mas eram simples abreviações práticas e não tinham um significado ideológico especial.

GEORGE ORWELL



A PLANTA DE FERRO





Principis

GEORGE ORWELL



A PLANTA DE FERRO

TRADUÇÃO
PETÊ RISSATI





Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Keep the Aspidistra Flying
Texto
George Orwell
Tradução
Petê Rissati
Revisão
Agnaldo Alves
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
Ulyana Glazova/Shutterstock.com;
Anabela88/Shutterstock.com;
Uncle Leo/Shutterstock.com;
DimaLicorcie/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O79p Orwell, George, 1903-1950

A planta de ferro [recurso eletrônico] / George Orwell ; traduzido por Petê Rissati. - Jandira, SP : Principis, 2021.

256 p. ; ePUB ; 1,8 MB. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Keep the Aspidistra Flying

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-384-3 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. I. Rissati, Petê. II. Título. III. Série.

2021-807 CDD 823.91
CDU 821.111-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Ficção 823.91

2. Literatura inglesa : Ficção 821.111-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, se não tiver dinheiro, eu seria como o bronze que soa, ou como um címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé a ponto de transportar montanhas, se não tiver dinheiro, não sou nada. Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver dinheiro, de nada valeria! O dinheiro é paciente, o dinheiro é bondoso. Não tem inveja. O dinheiro não é orgulhoso. Não é arrogante. Nem escandaloso. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Por ora subsistem a fé, a esperança e o dinheiro – os três. Porém, o maior deles é o dinheiro.

Coríntios I – Capítulo 13 (adaptado)



CAPÍTULO 1

O relógio bateu catorze e trinta. No pequeno escritório nos fundos da livraria do senhor McKechnie, Gordon – Gordon Comstock, último membro da família Comstock, aos 29 anos e já bastante degradado – estava inclinado sobre a mesa, batendo em um maço de quatro centavos de Player's Weights, fechando e abrindo-o com o polegar.

O distante tique-taque do relógio do Príncipe de Gales, do outro lado da rua, ondulou o ar estagnado. Gordon fez um esforço para endireitar-se e guardou o maço de cigarros no bolso interno. Estava louco para fumar. No entanto, restavam apenas quatro cigarros. Era quarta-feira, e ele não teria dinheiro para receber até sexta-feira. Seria insuportável ficar sem tabaco à noite, assim como por toda a manhã seguinte.

Entediado de antemão com as horas sem tabagismo do dia seguinte, ele se levantou e foi em direção à porta – uma figura pequena e frágil, com ossos delicados e movimentos agitados. Seu casaco estava desgastado no cotovelo da manga direita e o botão do meio estava faltando; sua calça de flanela barata estava manchada e desmazelada. Mesmo de cima você podia ver que seus sapatos precisavam de solas novas.

O dinheiro tilintou no bolso da calça quando ele se levantou. Sabia exatamente quanto tinha. Cinco pence e meio – dois pence e meio e uma moeda de três pence, um joey. Fez uma pausa, tirou míseros três pence do bolso e os encarou. Coisa

estúpida e inútil! Só um idiota para tê-los aceitado! Aconteceu no dia anterior, quando ele estava comprando cigarros. “Não se importa com três pence, não é senhor?”, gorjeou a vagabundinha do caixa. E é claro que ele os recebeu. “Ah, não, de jeito nenhum!”, disse ele. Idiota, idiota!

Seu coração doeu ao pensar que ele tinha apenas cinco pence e meio no mundo, dos quais três pence nem poderiam ser gastos. Afinal, como você pode comprar qualquer coisa com três pence? Mal chega a ser uma moeda, só serve para ser resposta de charadas. Você parece um idiota quando a tira do bolso, a menos que esteja entre um punhado de outras moedas. “Quanto?”, você pergunta. “Três pence”, responde a vendedora. E, então, você apalpa o bolso inteiro e tira aquela coisinha absurda, sozinha, espetada na ponta do seu dedo como um grão. A vendedora fareja. Percebe imediatamente que são os seus últimos três pence no mundo. Você a vê olhar rapidamente para eles, ela está se perguntando se ainda há uma migalha de pudim de Natal grudada nele. E você sai com o nariz empinado e não pode mais voltar àquela loja. Não! Não vamos gastar nossos três pence. Restavam dois pence e meio – dois pence e meio até sexta-feira.

Essa era a hora solitária depois do almoço, quando poucos ou nenhum cliente era esperado. Ele estava sozinho com sete mil livros. Cheirando a poeira e papel velho, a pequena sala escura – que dava para o escritório – estava abarrotada de livros, em sua maioria velhos e invendáveis. Nas prateleiras de cima, perto do teto, os volumes in-quarto de enciclopédias extintas adormeciam deitados de lado, empilhados como os caixões de covas comunitárias. Gordon afastou as cortinas azuis cobertas de poeira que serviam de porta de entrada para o próximo cômodo. Esse, mais bem iluminado que o outro, continha os livros para empréstimo. Era uma daquelas bibliotecas “por dois pence, sem depósito”, adoradas pelos

afanadores de livros. Não tinha nenhum livro, exceto pelos romances, é claro. E QUE romances! Mas isso também era normal.

Em grupos de oitocentos, os romances se alinhavam na sala em três prateleiras que iam até o teto. Fileiras e mais fileiras de lombadas cafonas e oblongas, como se as paredes tivessem sido construídas com tijolos multicoloridos colocados de pé. Estavam organizados em ordem alfabética. Arlen, Burroughs, Deeping, Dell, Frankau, Galsworthy, Gibbs, Priestley, Sapper, Walpole. Gordon olhou para eles com um ódio inerte. Nesse momento, ele odiava todos os livros e, acima de todos, odiava os romances. Era horrível pensar em todo aquele lixo úmido, mal-acabado, reunido em um só lugar. Pudim, pudim de sebo. Oitocentas lajotas de pudim de sebo, cercando-o – um cofre-forte de pudim de sebo. O pensamento foi opressivo. Ele passou pela porta aberta na parte da frente da loja. Ao fazer isso, alisou o cabelo. Era um movimento habitual. Afinal, poderia haver garotas do outro lado da porta de vidro. Gordon não era impressionante na aparência. Ele tinha apenas um metro e setenta de altura e, como seu cabelo geralmente estava comprido demais, dava a impressão de que sua cabeça era um pouco grande para o corpo. Ele nunca foi totalmente alheio à sua baixa estatura. Quando sabia que alguém o encarava, arrumava a postura, estufando o peito com um ar de "que se dane" que às vezes enganava pessoas ignorantes.

No entanto, não havia ninguém do lado de fora. A sala da frente, ao contrário do resto da loja, era elegante, de aparência chique e continha cerca de dois mil livros, exceto por aqueles da vitrine. À direita havia uma vitrine de vidro onde eram mantidos os livros infantis. Gordon desviou os olhos de uma sobrecapa horrorosa de Rackhames; crianças élficas puxando Wendily por um campo de campânulas. Ele olhou pela porta de vidro. Um dia feio, e o vento ficando mais forte. O céu

estava pesado, as pedras da rua, escorregadias. Era o dia de santo André, 30 de novembro. A livraria McKechnie ficava na esquina de uma espécie de praça disforme para onde convergiam quatro ruas. À esquerda, bem à vista da porta, erguia-se um grande olmo, agora sem folhas, com seus numerosos ramos formando rendas cor sépia contra o céu. Do lado oposto, no lado do Príncipe de Gales, havia painéis altos cobertos com anúncios de alimentos e medicamentos patenteados. Havia uma galeria de bonecas monstruosas caras, com rostos vazios e rosados, cheios de um otimismo besta. Molho Q.T., Cereal Truweet – "as crianças clamam por seu Cereal da Manhã" –, vinhos Borgonha Kangaroo, chocolate Vitamalt, Bovex. De todos eles, o pôster do Bovex era o que mais chateava Gordon. Um balconista de óculos com cara de rato e cabelo como couro envernizado estava sentado à mesa de um café sorrindo diante de uma caneca branca de Bovex. "Senhor Cafeíno aprecia suas refeições com Bovex", dizia a legenda.

Gordon reduziu o foco de seus olhos. Da vidraça empoeirada, o reflexo de seu rosto olhou para ele. Não era um rosto bom. Não chegara aos trinta ainda, mas já estava acabado. Era muito pálido, com rugas amargas e indizimáveis. Tinha o que as pessoas chamam de "boa testa"– qual seja, alta –, mas com um queixo pequeno e pontudo, de modo que o rosto como um todo tinha mais forma de pera que oval. Cabelo cor de rato e desgrenhado, boca desagradável, olhos castanhos esverdeados. Ele ampliou seu foco ocular novamente. Odiava espelhos hoje em dia. Lá fora, tudo era desolador e invernal. Um bonde, como um cisne de aço estridente, deslizou gemendo sobre os paralelepípedos, e em seu rastro, o vento varreu um fragmento de folhas pisoteadas. Os galhos do olmo giravam, estendendo-se para leste. O pôster que anunciava o Molho Q.T. estava rasgado na borda; uma fita de papel esvoaçava intermitentemente como uma pequena flâmula.

Também na rua lateral, à direita, os álamos displicentes que ladeavam a calçada curvaram-se fortemente quando o vento os atingiu. Um vento forte e desagradável. Havia uma nota ameaçadora nele quando passou; o primeiro grunhido de raiva do inverno. Duas linhas de um poema lutaram para nascer na mente de Gordon:

Bruscamente o vento alguma coisa – por exemplo, vento ameaçador? Não, melhor, vento cominador. O vento cominador sopra – não, varre, digamos.

Os álamos de alguma coisa – álamos dobrados? Não, melhor, alámos curvados. Assonância entre curvar e cominar? Não importa. Os álamos curvados, recém-desnudos. Ótimo.

Sopra bruscamente, o vento cominador,

Os álamos curvados e

recém-desnudos.

Ótimo. "Desnudos" é péssimo para rimar; no entanto, sempre há o "tudo", para o qual todo poeta desde Chaucer tem se esforçado para encontrar rimas. Mas o impulso morreu na mente de Gordon. Ele revirou o dinheiro no bolso. Dois pence e meio e uma de três pence – dois pence e meio. Sua mente estava grudenta com o tédio. Não conseguia lidar com rimas e adjetivos. Você não consegue, com apenas dois pence e meio no bolso.

Seus olhos voltaram a concentrar-se nos pôsteres diante dele. Tinha motivos particulares para odiá-los. Releu mecanicamente os slogans. "Borgonha Kangaroo – o vinho dos britânicos." "A asma a sufocava!", "Q.T. – O molho que deixa o maridinho sorrindo". "Caminhe o dia todo com apenas um tablete de Vitamalt!", "Curve Cut – o cigarro para os homens do mundo." "As crianças clamam pelo seu Cereal da Manhã." "Pan Queca aprecia sua refeição com Bovex."

Ahá! Um cliente – em potencial, pelo menos. Gordon enrijeceu o corpo. Parado à porta, seria possível ter uma visão oblíqua da janela da frente sem ser visto. Ele examinou o cliente em potencial.

Um homem de meia-idade com aparência decente, terno preto, chapéu—coco, guarda-chuva e pasta – advogado de província ou funcionário do município – fitando a janela com grandes olhos claros. Tinha um olhar culpado. Gordon seguiu a direção de seus olhos. Ah! Então era isso! Tinha farejado aquelas primeiras edições de D. H. Lawrence no outro canto. Ansiando por um pouco de obscenidade, claro. Ele tinha ouvido vagamente falar de Lady Chatterley. Ele tinha uma cara feia, pensou Gordon. Pálido, pesado, molenga, com contornos fracos. Pela aparência, era galês. Não conformista, ao menos. Ele tinha as bolsas nos cantos da boca comuns aos dissidentes. Em casa, era presidente da Liga da Pureza local ou do Comitê de Vigilância à Beira-mar (botas com sola de borracha e lanterna elétrica, flagrando casais se beijando ao longo do calçadão da praia), mas agora estava no agito da cidade. Gordon gostaria que aparecesse, lhe venderia um exemplar de *Mulheres apaixonadas*. Como esse livro o desapontaria!

Mas não! O advogado galês havia recuado. Pôs o guarda-chuva embaixo do braço e virou-se com veemência, dando as costas para a loja. Mas sem dúvida esta noite, quando a escuridão escondesse seus rubores, ele se esgueiraria em alguma loja de materiais pornografia e compraria *Altas gozações em um convento parisiense*, de Sadie Blackeyes.

Gordon afastou-se da porta e voltou para as estantes. Nas prateleiras à esquerda de quem saía da biblioteca, eram mantidos os livros novos e seminovos – em uma parte com cores brilhantes que deveriam chamar a atenção de qualquer pessoa que olhasse pela porta de vidro. Das prateleiras, as

lombadas elegantes e imaculadas pareciam ansiar pelos clientes. “Compre-me, compre-me!”, eles pareciam dizer. Romances recém-saídos da gráfica, noivas ainda intocadas, ansiosas pelo corta-papéis que as defloriariam, e velhas edições, como viúvas jovens, ainda florescendo, embora não mais virgens, e aqui e ali, em conjuntos de meia dúzia, aquelas solteironas patéticas, “encalhadas”, ainda guardando esperançosamente sua virgindade preservada por muito tempo. Gordon desviou os olhos das “encalhadas”. Evocavam lembranças ruins. O único livrinho miserável que ele próprio publicara, dois anos antes, vendera exatamente 153 exemplares e depois “encalhara”; e mesmo como “encalhado” não tinha vendido. Passou pelos livros novos e parou diante das estantes que faziam um ângulo reto com eles e que continham mais livros usados.

À direita, estavam as estantes de poesia. Os livros que estavam à sua frente eram de prosa, uma variedade grande. Eram classificados de cima para baixo, de limpos e caros, no nível dos olhos, aos baratos e sujos nas partes superior e inferior. Em todas as livrarias há uma selvagem luta darwiniana em que as obras de homens vivos gravitam ao nível dos olhos e as obras dos mortos ficam em cima ou embaixo – abaixo de Gehenna ou acima, no trono, mas sempre longe de qualquer posição onde serão notados. Nas prateleiras inferiores, os “clássicos”, monstros extintos da era vitoriana, apodreciam silenciosamente. Scott, Carlyle, Meredith, Ruskin, Pater, Stevenson – dificilmente se poderia ler os nomes em suas lombadas largas e antiquadas. Nas prateleiras de cima, quase fora de vista, dormiam as biografias rechonchudas dos duques. Abaixo delas, ainda vendável e, portanto, colocada ao alcance, estava a literatura “religiosa” – todas as seitas e todos os credos, agrupados indiscriminadamente. *O mundo do além*, do mesmo autor de *As mãos dos espíritos me tocaram*. *A vida de Cristo*, de Dean Farrar. *Jesus, o primeiro rotariano*. O

último livro de propaganda do catolicismo, do padre Hilaire Chestnut. Religião sempre vende, desde que seja sentimentaloide o suficiente. Abaixo, exatamente no nível dos olhos, estava o material contemporâneo. O mais recente de Priestley. Pequenas reedições de livros de "popularidade mediana". O "humor" motivador de Herbert, Knox e Milne. Algumas coisas intelectuais também. Um ou dois romances de Hemingway e Virginia Woolf. Biografias inteligentes e pré-digeridas à moda de Strachey. Livros refinados e arrogantes sobre pintores e poetas conhecidos, escritos por essas jovens feras endinheiradas que voam tão graciosamente de Eton para Cambridge e de Cambridge para as resenhas em revistas literárias.

Com olhos embotados, ele fitou para a parede de livros. Odiava todos eles, velhos e novos, intelectuais e populares, esnobes e alegres. Sua mera visão trazia à tona sua própria esterilidade. Pois ali estava ele, um suposto "escritor", e ele não conseguia nem mesmo "escrever"! Não era apenas uma questão de não ser publicado; ele não produzia nada, ou quase nada. E toda aquela bagunça amontoada nas prateleiras – bem, ao menos ela existia; era uma espécie de conquista. Até os Dells e Deepings produziam pelo menos seus hectares anuais de impressões. Mas era o livro esnobe, "culto", que ele mais odiava. Livros cheios de crítica e beletrismo. O tipo de coisa que aquelas feras jovens e endinheiradas de Cambridge escreviam quase dormindo, e que o próprio Gordon poderia ter escrito se tivesse um pouco mais de dinheiro. Dinheiro e cultura! Em um país como a Inglaterra, é possível tanto ser considerado culto sem ter dinheiro quanto se pode ingressar no Cavalry Club. Com o mesmo instinto que faz uma criança balançar um dente mole com a ponta dos dedos, ele pegou um livro de aparência esnobe, *Alguns aspectos do Barroco italiano*, abriu, leu um parágrafo e o guardou de novo com uma mistura de ódio e inveja. Que onisciência devastadora!

Aquele refinamento nocivo com óculos de aro de tartaruga! E quanto dinheiro custa esse refinamento! Afinal, o que há por trás disso, exceto dinheiro? Dinheiro para o tipo certo de educação, dinheiro para amigos influentes, dinheiro para lazer e paz de espírito, dinheiro para viagens à Itália. O dinheiro escreve livros, o dinheiro os vende. Não me dê justiça, Senhor, dê-me dinheiro, apenas dinheiro.

Ele balançou as moedas no bolso. Tinha quase 30 anos e nada havia realizado; apenas seu miserável livro de poemas, mais fino que uma panqueca. E, desde então, durante dois anos inteiros, lutou no labirinto de um livro terrível que nunca avançou, e que, como ele sabia em seus momentos de clareza, nunca avançaria. Foi a falta de dinheiro, simplesmente a falta de dinheiro, que o privou do poder de "escrever". Ele se agarrou a isso como a um artigo de fé. Dinheiro, dinheiro, tudo é dinheiro! Você poderia escrever uma novela de um penny sem dinheiro para se dedicar inteiramente? Invenção, energia, sagacidade, estilo, charme – tudo isso tem que ser pago em dinheiro vivo.

Mesmo assim, ao olhar as prateleiras, sentiu-se um pouco consolado. Muitos dos livros estavam desbotados e ilegíveis. Afinal, estamos todos na mesma situação. *Memento mori*. Para você, para mim e para os jovens esnobes de Cambridge, aguarda-nos o mesmo esquecimento – embora, sem dúvida, aguarde um pouco mais aqueles jovens esnobes de Cambridge. Ele olhou para os "clássicos", embotados pelo tempo, aos seus pés. Mortos, todos mortos. Carlyle e Ruskin e Meredith e Stevenson – todos mortos, que Deus os apodreça. Ele olhou para os títulos desbotados. *Coletânea de cartas de Robert Louis Stevenson*. Há, há! Essa era boa. *Coletânea de cartas de Robert Louis Stevenson*! A borda superior estava preta de poeira. Porque és pó, e pó hás de tornar-te. Gordon chutou a lombada de tecido de Stevenson. Estás aí, velho farsante?

Você é carne fria, se é que era escocês.

Bling! O sininho da loja soou. Gordon virou-se. Duas clientes da biblioteca.

Uma mulher abatida, com ombros redondos, de classe baixa, parecendo um pato imundo farejando o lixo, entrou atrapalhando-se com uma cesta de junco. Em seu encalço, entrou aos saltinhos uma mulher que parecia um pardalzinho rechonchudo, de bochechas vermelhas, de classe bem média, carregando debaixo do braço um exemplar d'*A saga dos Forsyte* – com o título para fora, para que os pedestres pudessem identificá-la como uma intelectual.

Gordon havia deixado a expressão azeda de lado. Ele as cumprimentou com a amorosidade caseira de um médico de família, reservada aos membros da biblioteca.

– Boa tarde, senhora Weaver. Boa tarde, senhora Penn. Que tempo terrível!

– Absurdo! – disse a senhora Penn.

Ele se afastou para deixá-las passar. A senhora Weaver virou sua cesta de junco e derrubou no chão um exemplar manuseado de *O casamento de prata*, de Ethel M. Dell. Os olhos brilhantes de pássaro da senhora Penn repousaram sobre ele. Pelas costas da senhora Weaver, ela sorriu maliciosamente para Gordon, de intelectual para intelectual. Dell! A sordidez disso! Os livros que essas classes mais baixas leem! Era compreensível, sorriu ele de volta. Elas entraram na biblioteca, com um sorriso de intelectual para intelectual.

A senhora Penn colocou *A saga dos Forsyte* na mesa e voltou seu peito de pardal para Gordon. Sempre foi muito afável com Gordon. Chamava-o de senhor Comstock, embora ele fosse um comerciante, e entabulava conversas literárias com ele. Entre eles havia uma espécie de maçonaria de

intelectuais.

– Espero que tenha gostado d'*A saga dos Forsyte*, senhora Penn.

– Que obra MARAVILHOSA é aquele livro, senhor Comstock, perfeita! Sabia que essa é a quarta vez que eu o leio? Um épico, um verdadeiro épico!

A senhora Weaver fuçou entre os livros, estúpida demais para perceber que estavam em ordem alfabética.

– Não sei o que vou levar esta semana, não sei – murmurou ela com os lábios desleixados. – Minha filha, ela insiste comigo para eu tentar o Deeping. Minha filha gosta de Deeping, ela gosta. Mas agora, meu genro é mais chegado em Burroughs. Não sei ao certo.

Um espasmo passou pelo rosto da senhora Penn com a menção de Burroughs. Altivamente, deu as costas à senhora Weaver.

– O que sinto, senhor Comstock, é que há algo de GRANDE em Galsworthy. Ele é tão amplo, tão universal e, ao mesmo tempo, totalmente inglês em espírito, tão HUMANO. Seus livros são verdadeiros documentos da HUMANIDADE.

– E Priestley também – disse Gordon. – Acho que Priestley é um escritor muito bom, não acha?

– Oh, ele é! Tão grande, tão amplo, tão humano! E tão essencialmente inglês!

A senhora Weaver apertou os lábios. Por trás deles havia três dentes amarelos isolados.

– Quiçá posso fazer melhor e pegar outro da Dell – disse ela. – O senhor tem mais da Dell, tem não? Eu REALMENTE gosto de uma boa leitura da Dell, devo dizer. Eu digo à minha filha: "Você pode ficar com seus Deepings e seus Burroughs.

Me dê a Dell".

Dim-Dom Dell! Duques e caçadas com cães! Os olhos da senhora Penn sinalizavam uma ironia intelectual. Gordon respondeu ao sinal dela. Fique ao lado da senhora Penn! Cliente boa e constante.

– Ah, com certeza, senhora Weaver. Temos uma estante inteira de Ethel M. Dell. Gostaria d'*O desejo de sua vida*? Ou talvez você tenha lido esse. E quanto ao *Altar da honra*?

– Será que você tem o último livro de Hugh Walpole? – perguntou a senhora Penn. – Essa semana estou com vontade de ler algo épico, algo GRANDE. Bem, sabe, considero Walpole um ÓTIMO escritor, eu o coloco atrás apenas de Galsworthy. Há algo tão GRANDE nele. E ainda assim ele é tão humano na essência.

– E essa é essência do inglês – disse Gordon.

– Ah, claro! Tão essencialmente inglês!

– Acredito que vou brincar de novo com *O caminho da águia* – disse a senhora Weaver por fim. – Parece que não dá para se cansar d'*O caminho da águia*, não é?

– Certamente é incrivelmente popular – disse Gordon de um jeito diplomático, de olho na senhora Penn.

– Oh, incrivelmente! – repetiu a senhora Penn, com ironia, de olho em Gordon.

Ele pegou os dois pence das duas e as mandou embora felizes. A senhora Penn com *Rogue Herries*, de Walpole, e a senhora Weaver com *O caminho da águia*.

Logo voltou para a outra sala e para as estantes de poesia. Aquelas prateleiras tinham um fascínio melancólico para ele. Seu próprio livro miserável estava lá – quase no topo, é claro, bem alto entre os invendáveis. *Ratos*, de Gordon Comstock;

um pequeno exemplar idiota que custava três xelins e seis pence, mas agora fora reduzido a um conto. Dos treze palermas que o resenharam (e a publicação de crítica literária do *The Times*, na parte do suplemento literário, havia declarado que o livro se mostrava como "promessa excepcional"), nenhum havia entendido a piada nada sutil desse título. E, nos dois anos em que esteve na livraria McKechnie, nem um único cliente, nem um único, jamais tirou *Ratos* da estante.

Havia quinze ou vinte estantes de poesia. Gordon encarou-as com amargura. Na maior parte delas, coisas inúteis. Um pouco acima do nível dos olhos, já a caminho do céu e do esquecimento, estavam os poetas do passado, as estrelas de sua juventude. Yeats, Davies, Housman, Thomas, De la Mare, Hardy. Estrelas mortas. Abaixo deles, exatamente na altura dos olhos, estavam os satirizados pelo tempo. Eliot, Pound, Auden, Campbell, Day Lewis, Spender. Um grupo de satirizados úmidos. Estrelas mortas acima, sátiras desanimadas abaixo. Voltaremos a ter um escritor que valha a pena ler? Mas Lawrence estava bem, e Joyce ainda melhor que antes de enlouquecer. E se conseguíssemos um escritor que valesse a pena ler, o reconheceríamos quando o víssemos, tão sufocados como estamos com o lixo?

Bling! Sininho da loja. Gordon virou-se. Outro cliente.

Um jovem de 20 anos, lábios de cereja e cabelos dourados, entrou andando como uma garotinha. Endinheirado, obviamente. Tinha a aura dourada do dinheiro. Já havia estado na loja antes. Gordon assumiu o porte cavalheiresco e servil reservado aos novos clientes. Repetiu a fórmula usual.

– Boa tarde. Posso fazer alguma coisa por você? Está procurando algum livro específico?

– Oh, não, na vêdade não – uma voz de mulher, sem

pronunciar o R. – Posso apenas ploculá? Simplesmente não consegui lesistir à sua vitline. Tenho uma flaqueza inclível pô livlalias! Então, entlei flutuando, há, há!

Volte flutuando para a rua, então, mariquinha. Gordon deu um sorriso culto, de amante de livros para amante de livros.

– Oh, por favor, fique à vontade. Gostamos que as pessoas apreciem ao redor. O senhor se interessa por poesia, por acaso?

– Ah, clalo! Eu adolo poesia!

Claro! Pequeno esnobe sarnento. Havia um aspecto subartístico em suas roupas. Gordon tirou um livro vermelho "fino" das prateleiras de poesia.

– Acabaram de chegar. Talvez eles interessem o senhor. São traduções, algo fora do comum. Traduções do búlgaro.

Muito sutil, isso. Agora, deixe-o sozinho. Essa é a maneira correta de atender os clientes. Não os apresse; deixe-os percorrer por cerca de vinte minutos; então, ficam com vergonha e compram alguma coisa. Gordon foi até a porta, discretamente, mantendo-se fora do caminho do maricas; casualmente com uma mão no bolso, com o ar despreocupado próprio de um cavalheiro.

Lá fora, a rua lamacenta parecia cinzenta e sombria. De algum lugar na esquina veio um barulho de cascos, um som vazio e frio. Pegas pelo vento, as colunas escuras de fumaça das chaminés mudaram de direção e rolaram planas pelos telhados inclinados. Ah!

Sopra bruscamente, o vento cominador,

Os álamos curvados e desnudos.

E as fitas da chaminé escuras em cor,

Voam baixo, (alguma coisa como fachos) tudo.

Bom. Mas o impulso diminuiu. Seus olhos pousaram novamente sobre os anúncios do outro lado da rua.

Quase teve vontade de rir deles, eram tão fracos, tão mortos-vivos, tão pouco apetitosos. Como se alguém pudesse ser TENTADO por eles! Como súcubos com as costas cheias de espinhas. Mas eles o deprimiam da mesma forma. O fedor de dinheiro, em toda parte o fedor de dinheiro. Ele deu uma olhada rápida no maricas, que se afastou das estantes de poesia e pegou um livro grande e caro sobre balé russo. Estudando as fotos, ele o segurava delicadamente entre as mãos rosadas e molengas, como um esquilo segura uma noz. Gordon conhecia aquele tipo. O jovem "artístico" endinheirado. Não é um artista, exatamente, mas um parasita das artes; frequentador de ateliês, varejista de escândalos. Um rapaz bonito, apesar de toda a sua pinta de garota. A pele de sua nuca era suave como a seda, como o interior de uma concha. Não é possível ter uma pele assim com menos de quinhentas libras ao ano. Ele tinha uma espécie de charme, um glamour, como todas as pessoas endinheiradas. Dinheiro e charme, quem os separará?

Gordon pensou em Ravelston, seu amigo rico e charmoso, editor da *Antichrist*, de quem gostava de um jeito extravagante e que via no máximo uma vez a cada quinze dias; e em Rosemary, sua namorada, que o amava – o adorava, ela dizia – e que, mesmo assim, nunca havia dormido com ele. Dinheiro, mais uma vez; tudo é dinheiro. Todas as relações humanas devem ser compradas com dinheiro. Se não tiver dinheiro os homens não se importarão com você, as mulheres não vão amar você; ou seja, não se importarão ou amarão aquela pequena parte de você que realmente importa. E como estão certos, no fim das contas! Pois, sem dinheiro, não se é digno de amor. Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos. Por outro lado, se não tenho dinheiro, NÃO falo a língua dos homens e dos anjos.

Ele olhou de novo os cartazes de anúncios. Realmente os odiou dessa vez. Aquele do Vitamalt, por exemplo! “Caminhe o dia todo com apenas um tablete de Vitamalt!” Um jovem casal, um rapaz e uma garota, com equipamento para fazer trilhas, cabelos pitorescamente despenteados pelo vento, escalando um penhasco diante da paisagem de Sussex. O rosto daquela garota! A terrível alegria reluzente de moleca! O tipo de garota que aprecia uma diversão saudável. Levada pelo vento. Bermuda cáqui justa, mas não quer dizer que se pode beliscar o traseiro dela. E ao lado deles, o Pan Queca. “Pan Queca aprecia sua refeição com Bovex”. Gordon examinou a coisa sob o olhar íntimo do ódio. O rosto sorridente idiota, como o de um rato satisfeito, o cabelo preto liso, os óculos estúpidos. Pan Queca, o herdeiro de priscas eras; vencedor do Waterloo, Pan Queca, Homem Moderno como seu chefe queria que fosse. Um porquinho dócil, sentado no chiqueiro do dinheiro, tomando Bovex.

Os rostos passavam, amarelados pelo vento. Um bonde cruzou a praça com um estrondo, e o relógio do Príncipe de Gales anunciou as quinze horas. Duas criaturas velhas, um vagabundo ou um mendigo e sua esposa, em longos sobretudos gordurosos que chegavam quase ao chão, arrastavam-se em direção à loja. Afanadores de livros, pelo que pareciam. Era melhor ficar de olho nas caixas lá fora. O velho parou na calçada a alguns metros de distância, enquanto sua esposa caminhou até a porta. Ela abriu-a e olhou para Gordon, entre os fios de cabelo grisalhos, com uma espécie de malevolência esperançosa.

– Cê compra livro? – ela perguntou com voz rouca.

– Às vezes. Depende do livros.

– Tenho uns ADORÁVEIS cá comigo.

Ela entrou, fechando a porta com um estrondo. O maricas

olhou para trás com desagrado e deu um ou dois passos para longe, para o canto. A velha tirou um saquinho gorduroso debaixo do sobretudo. Aproximou-se de Gordon com uma expressão de confidência. Cheirava a crosta de pão muito, muito velha.

– Vai querer? – perguntou ela, agarrando a ponta do saco. – Apenas meia coroa o lote.

– Quais são? Deixe-me vê-los, por favor.

– Livros ADORÁVEIS, eles são – sussurrou ela, curvando-se para abrir o saco e exalando um cheiro forte e repentino de crosta de pão.

– Aqui! – disse ela, e enfiou uma braçada de livros de aparência suja quase no rosto de Gordon.

Eram uma edição de 1884 dos romances de Charlotte M. Yonge, e parecia que alguém dormira sobre eles por anos a fio. Gordon recuou, repentinamente revoltado.

– Não podemos comprar isso – disse ele, sem delonga.

– Não pode comprar eles? Por que você não pode comprar eles?

– Porque não servem para nós. Não conseguimos vender esse tipo de coisa.

– Por que é que me fez tirar eles da bolsa, então? – questionou a velha com ferocidade.

Gordon contornou-a para evitar o cheiro e segurou a porta aberta, em silêncio. Não adiantava discutir. Esse tipo de gente entrava na loja o dia todo. A velha fugiu, resmungando, com malevolência na curvatura dos ombros, e juntou-se ao marido. Ele parou no meio-fio para tossir, uma tosse tão forte que era possível ouvi-la através da porta. Um coágulo de catarro, como uma pequena língua branca, saiu lentamente dos lábios e

foi ejetado na sarjeta. Em seguida, as duas criaturas velhas se afastaram, como besouros vestidos com longos sobretudos gordurosos que escondiam tudo, exceto os pés.

Gordon observou-os partir. Eram apenas subprodutos. Refugos do deus do dinheiro. Por toda Londres, dezenas de milhares dessas velhas feras imundas, rastejando como besouros imundos para a sepultura.

Ele olhou para a rua sem graça. Nesse momento, parecia-lhe que, numa rua como esta, numa cidade como esta, toda vida que se vive deve ser sem sentido e intolerável. A sensação de desintegração, de decadência, que é endêmica em nossa época, era forte sobre ele. De alguma forma, estava misturado com os pôsteres do lado oposto. Ele observava, agora com olhos que enxergavam mais, aqueles rostos sorridentes de um metro de largura. Afinal, havia mais do que mera tolice, ganância e vulgaridade. Pan Queca sorri para você, aparentemente otimista, com um lampejo de dentes falsos. Mas o que está por trás do sorriso? Desolação, vazio, profecias de ruína. Pois não há como não ver, se souber olhar, que, por trás daquela autossatisfação sebosa, daquela trivialidade barriguda e risonha, não há nada além de um vazio terrível, um desespero secreto. O grande desejo de morte do mundo moderno. Pactos de suicídio. Cabeças enfiadas em fornos a gás em conjugados solitários. Camisas de vênus e pílulas calmantes. E as reverberações das guerras futuras. Aviões inimigos sobrevoando Londres; o zumbido profundo e ameaçador das hélices, o estrondo das bombas. Está tudo escrito na cara de Pan Queca.

Mais clientes chegando. Gordon recuou, com servilidade cavalheiresca.

O sininho da porta tocou. Duas senhoras de classe média alta entraram ruidosamente. Uma rosa e suculenta, com mais ou

menos 35 anos, seios voluptuosos brotando do casaco de pele de esquilo, exalando um perfume superfeminino de violetas de Parma; a outra de meia-idade, durona e curtida – da Índia, provavelmente. Atrás delas, um jovem moreno, encardido e tímido deslizou pela porta em postura de desculpa, como um gato. Ele era um dos melhores clientes da loja, uma criatura solitária e adejante que era quase tímida demais para falar e que, por alguma manipulação estranha, mantinha sempre a barba de um dia.

Gordon repetiu sua fórmula:

– Boa tarde. Posso fazer alguma coisa por vocês? Estão procurando algum livro específico?

A de rosto suculento aparvalhou-o com um sorriso, mas a de rosto curtido decidiu tratar a pergunta como uma impertinência. Ignorando Gordon, ela arrastou a de rosto suculento para as estantes próximas aos livros novos, onde as obras sobre cães e gatos eram mantidas. As duas começaram imediatamente a pegar os livros das prateleiras e a falar alto. A de rosto curtido tinha a voz de um sargento que cuidava de treinamentos. Era sem dúvida a esposa de um coronel, ou viúva de um. O maricas, ainda mergulhado no grande livro de balé russo, afastou-se delicadamente. Sua expressão dizia que sairia da loja se sua privacidade fosse perturbada de novo. O jovem tímido já havia partido para as estantes de poesia. As duas senhoras visitavam a loja com bastante frequência. Sempre queriam ver livros sobre cães e gatos, mas nunca compravam nada. Havia duas prateleiras inteiras de livros para cães e gatos. O velho McKechnie as chamava de “O Canto das Damas”.

Chegou outra cliente da biblioteca. Uma moça feia de 20 anos, sem chapéu, de macacão branco, rosto pálido – meio tonto e sincero, com óculos grandes que lhe distorciam os

olhos. Era assistente em uma farmácia. Gordon assumiu seu jeito amável para clientes da biblioteca. Ela sorriu para ele e, com um andar tão desajeitado quanto o de um urso, o seguiu até a biblioteca.

– Que tipo de livro você gostaria desta vez, senhorita Weeks?

– Bem – ela agarrou a frente do macacão. Seus olhos distorcidos pretos e melosos brilharam com confiança aos olhos dele. – Bem, o que eu realmente gostaria é de uma história de amor quente de verdade. Sabe, algo MODERNO.

– Algo moderno? Algo de Barbara Bedworthy, por exemplo? Já leu *Quase uma virgem*?

– Ah, não, ela não. É muito Profunda. Não suporto livros Profundos. Mas eu quero algo… bem, o senhor sabe: MODERNO. Problemas sexuais, divórcio e tudo mais. O SENHOR sabe.

– Moderno, mas não profundo – disse Gordon, de inculto para inculto.

Percorreu as histórias de amor modernas e quentes. Havia ao menos trezentas delas na biblioteca. Da sala da frente vieram as vozes das duas senhoras de classe média alta, a suculenta, a outra curtida, discutindo sobre cachorros. Pegaram um dos exemplares e examinaram as fotos. A voz da suculenta entusiasmou-se com a fotografia de um pequinês: o animal de estimação de um anjo, com seus grandes olhos cheios de alma e seu narizinho preto.

– Ah, que adorável! – mas a voz curtida, sem dúvida a viúva de um coronel, disse que pequineses eram muito carentes. Ela queria cães com coragem, cães que lutavam; odiava esses cachorrinhos carentes, disse ela. – Você não tem alma, Bedelia, não tem alma – disse a voz da suculenta, melancólica. O sininho da porta tocou novamente. Gordon entregou *Sete*

noites escarlates à garota da farmácia e o anotou em sua carteira de membro da biblioteca. Ela tirou uma bolsa de couro surrada do bolso do macacão e pagou a ele dois pence.

Ele voltou para a sala da frente. O maricas deixou o livro na prateleira errada e desapareceu. Uma mulher magra, de nariz reto, vigorosa, com roupas confortáveis e um pincenê de bordas douradas – possivelmente professora, feminista com certeza – entrou e exigiu o livro da senhora Wharton-Beverley sobre a história do Movimento Sufragista. Com uma alegria secreta, Gordon disse a ela que não o tinha. Ela atravessou sua incompetência masculina com olhos de broca e saiu novamente. O jovem magro estava com ares de desculpa em um canto, o rosto enterrado no *Coletânea de poemas* de D.H. Lawrence, como um pássaro de pernas compridas e a cabeça enterrada sob as asas.

Gordon esperou na porta. Do lado de fora, um velho bem-apessoado com nariz de morango e cachecol cáqui enrolado na garganta remexia nos livros da caixa de seis pence. As duas senhoras de classe média alta partiram repentinamente, deixando uma pilha de livros abertos sobre a mesa. A de rosto suculento lançou relutantes olhares para trás aos livros sobre cachorros, mas a de rosto curtido a afastou, decidida a não comprar nada. Gordon manteve a porta aberta. As duas senhoras passaram ruidosamente para a rua, ignorando-o.

Ele observou as costas de classe média alta revestidas de pele descendo a rua. O velho nariz de morango falava sozinho enquanto folheava os livros. Um pouco afetado na cabeça, provavelmente. Ele afanaria algo se não fosse observado. O vento soprava mais frio, secando o lodo da rua. Hora de acender as luzes da loja. Pega por um redemoinho de ar, a tira de papel rasgada no anúncio do Molho Q.T. tremulou com força, como uma peça de roupa no varal. Ah!

Sopra bruscamente, o vento cominador,

Os álamos curvados e desnudos.

E as fitas da chaminé escuras em cor,

Voam baixo, brandidas pelo ar, sobre tudo.

Tremulam os pôsteres rasgados.

Nada mal, nada mal mesmo. Mas ele não desejava continuar – de fato, não podia continuar. Ele tocou o dinheiro no bolso, sem fazê-lo tilintar, para que o jovem tímido não o ouvisse. Dois pence e meio. Nada de tabaco amanhã. Seus ossos doíam.

Uma luz surgiu no Príncipe de Gales. Estavam limpando o bar. O velho com nariz de morango estava lendo um Edgar Wallace na caixa de dois pence. Um bonde estrondou ao longe. Na sala do andar de cima, o senhor McKechnie, que raramente descia à loja, cochilava sobre seu fólio de *As viagens ao levante* de Middleton – encadernado com couro de bezerro –, ao lado da lareira a gás, com seus cabelos e barba brancos e uma caixa de rapé à mão.

O jovem magro de repente percebeu que estava sozinho e ergueu os olhos com ar culpado. Costumava ir às livrarias, mas nunca ficava mais de dez minutos em uma loja. A fome apaixonada por livros e o medo de ser um incômodo estavam constantemente em guerra dentro dele. Depois de dez minutos em qualquer loja, ficava inquieto, sentia-se deprimido e sumia, tendo comprado algo apenas por puro nervosismo. Sem falar, estendeu a cópia dos poemas de Lawrence e extraiu desajeitadamente três florins do bolso. Ao entregá-los a Gordon, ele deixou cair um. Ambos mergulharam para pegá-lo ao mesmo tempo; suas cabeças se chocaram. O jovem recuou, corando de leve.

– Vou embrulhar para você – disse Gordon.

Mas o jovem tímido fez que não com a cabeça, gaguejava

tanto que nunca falava quando podia evitar. Agarrou o livro contra o peito e saiu com ar de ter cometido alguma ação vergonhosa.

Gordon ficou sozinho. Caminhou de volta para a porta. O homem com nariz de morango olhou para trás, atraiu a atenção de Gordon e partiu, frustrado. Estivera a ponto de enfiar Edgar Wallace escondido no bolso. O relógio do Príncipe de Gales bateu quinze e quinze.

Dim-Dom! Quinze e quinze. Acender as luzes às quinze e trinta. Quatro horas e quarenta e cinco minutos até a hora de fechar. Cinco horas e quinze minutos para o jantar. Dois pence e meio no bolso. Sem tabaco amanhã.

De repente, um desejo arrebatador e irresistível de fumar apoderou-se de Gordon. Ele havia decidido não fumar naquela tarde. Tinha apenas quatro cigarros restantes. Deviam ser guardados para esta noite, quando pretendia "escrever", pois não conseguiria "escrever" sem tabaco como não conseguiria escrever sem ar. Mesmo assim, precisava fumar. Pegou seu maço de Player's Weights e extraiu um dos cigarros anões. Pura indulgência estúpida, era meia hora de folga na hora da "escrita" daquela noite. Mas não havia como resistir. Com uma espécie de alegria vergonhosa, ele puxou a fumaça calmante para os pulmões.

O reflexo do próprio rosto olhou para ele da vidraça acinzentada. Gordon Comstock, autor de *Ratos*; *en l'an trentiesme de son eage*, e já comido pelas traças. Restam apenas vinte e seis dentes. No entanto, Villon, com a mesma idade, foi acometido pela varíola. Sejamos gratos pelas pequenas misericórdias.

Ele observou a fita de papel rasgado girando, tremulando no anúncio do Molho Q.T. Nossa civilização está morrendo. DEVE estar morrendo. Mas não vai morrer em sua cama.

Atualmente os aviões estão chegando. *Zoom, piiiii, bum!* Todo o mundo ocidental indo pelos ares com um rugido de explosivos.

Ele olhou para a rua que escurecia, para o reflexo acinzentado de seu rosto na vidraça, para as figuras miseráveis que passavam arrastando os pés. Quase involuntariamente, ele repetiu.

– C'est l'Ennui – l'oeil charge d'un pleur involontaire, Il reve d'echafauds en fumant son houka!

Dinheiro, dinheiro! Pan Queca! O zumbido dos aviões e o estrondo das bombas.

Gordon semicerrou os olhos para o céu de chumbo. Aqueles aviões estavam chegando. Na imaginação, ele os viu chegando agora; esquadrão após esquadrão, inúmeros, escurecendo o céu como nuvens de mosquitos. Com a língua não exatamente contra os dentes, ele fez um zumbido de mosca varejeira na vidraça para representar o zumbido dos aviões. Era um som que, naquele momento, desejava ardentemente ouvir.



CAPÍTULO 2

Gordon caminhou para casa contra o vento barulhento, que jogava seu cabelo para trás e lhe deixava com uma testa "melhor" do que nunca. Seu andar transmitia aos pedestres, ao menos ele esperava, que, se ele não usava sobretudo, era por puro capricho. Na verdade, seu sobretudo estava penhorado por quinze xelins.

A Willowbed Road, em Londres, NW, não era realmente uma área de favelas, apenas sombria e deprimente. Havia favelas de verdade a apenas cinco minutos de caminhada de lá. Cortiços onde as famílias dividiam camas entre cinco pessoas, e quando uma delas morria, dormiam todas as noites com o cadáver até ser enterrado; becos onde meninas de 15 anos eram defloradas por meninos de dezesseis contra paredes de gesso abomináveis. Mas a própria Willowbed Road conseguia manter uma espécie de decência mesquinha de classe média baixa. Havia até uma placa de latão de um dentista em uma das casas. Em quase dois terços delas, entre as cortinas de renda da janela da sala, havia um cartão verde escrito "Apartamentos" em letras prateadas, acima da folhagem de uma aspidistra.

A senhora Wisbeach, senhoria de Gordon, tinha uma preferência por "senhores solteiros". Quartos pequenos com luz a gás acesa e aquecimento próprio, banheiros extras (havia um aquecedor) e refeições na sala de jantar escura como um

túmulo, com a falange de frascos de molho coagulados no meio da mesa. Gordon, que almoçava em casa, pagava vinte e sete xelins e seis pence por semana.

O lampião a gás emanava seu brilho amarelo através do globo fosco acima da porta do número 31. Gordon tirou a chave do bolso e remexeu no buraco da fechadura – nesse tipo de casa, a chave nunca se encaixa bem na fechadura. O pequeno corredor escuro, na verdade era apenas uma passagem, cheirava a água de louça, repolho, pano de limpeza e roupas de cama baratas. Gordon olhou para a bandeja envernizada no aparador do corredor. Sem cartas, é claro. Ele havia dito a si mesmo para não esperar por uma carta, mas mesmo assim continuou a ter esperança. Uma sensação rançosa, não exatamente uma dor, se instalou em seu peito. Rosemary podia ter escrito! Já fazia quatro dias que ela havia escrito. Além disso, havia alguns poemas que ele enviara para revistas e ainda não o haviam respondido. A única coisa que tornava as noites suportáveis era encontrar uma carta esperando por ele quando chegasse em casa. Mas ele recebia muito poucas cartas – quatro ou cinco em uma semana, no máximo.

À esquerda do corredor ficava a sala nunca usada, depois vinha a escada, e depois dela estava a passagem que descia para a cozinha e para o covil inacessível onde a senhora Wisbeach morava. Quando Gordon entrou, a porta no final da passagem se abriu cerca de trinta centímetros. O rosto da senhora Wisbeach emergiu, examinou-o brevemente com desconfiança e voltou a desaparecer. Era absolutamente impossível entrar ou sair de casa, a qualquer hora antes das onze da noite, sem ser esquadrinhado dessa maneira. Era difícil dizer exatamente do que a senhora Wisbeach suspeitava; talvez pensasse que as pessoas entravam com mulheres às escondidas em casa. Ela era uma daquelas

mulheres respeitáveis e malignas que têm pensões. Cerca de 45 anos, robusta, mas ativa, com rosto rosado, de feições finas, terrivelmente observadora, com lindos cabelos grisalhos e um luto eterno.

Gordon parou ao pé da escada estreita. No andar superior, uma voz rouca e rica cantava: Quem tem medo do Lobo Mau? Um homem muito gordo de 38 ou 39 anos contornou o ângulo da escada, com o passo leve e dançante peculiar aos homens gordos, vestindo um elegante terno cinza, sapatos amarelos, um chapéu de feltro descolado e um sobretudo azul com cinto espantosamente vulgar. Era Flaxman, o inquilino do primeiro andar e caixeiro-viajante da Artigos para Toalete Rainha de Sabá Ltda. Saudou Gordon com uma luva cor de limão quando desceu.

– Alô, camarada! – ele disse alegremente. (Flaxman chamava todo mundo de camarada.) – Como vai a vida?

– Terrível – sussurrou Gordon em tom seco.

Flaxman havia chegado ao pé da escada. Jogou o braço rechonchudo em volta dos ombros de Gordon de um jeito afetuoso.

– Anime-se, meu velho, anime-se! Parece que acabou de chegar de um maldito funeral. Estou indo ao Crichton. Venha tomar uma comigo.

– Não posso. Tenho que trabalhar.

– Ah, que inferno! Seja um bom amigo, vai? Qual é a vantagem de ficar aqui divagando sobre o céu? Venha para o Cri e vamos beliscar o traseiro da garçonete.

Gordon se desvencilhou do braço de Flaxman. Como todas as pessoas pequenas e frágeis, ele odiava ser tocado. Flaxman apenas sorriu, com o bom humor típico de um gordo. Era horrivelmente gordo. Preenchia as calças como se tivesse sido

derretido e depois derramado nelas. Mas é claro que, como as outras pessoas gordas, nunca admitia ser gordo. Nenhuma pessoa gorda usa a palavra "gordo" se houver alguma maneira de evitá-la. "Corpulento" é a palavra que eles usam ou, melhor ainda, "robusto". Um homem gordo nunca fica tão feliz como quando é chamado de "robusto". Flaxman, em seu primeiro encontro com Gordon, estivera a ponto de se chamar de "robusto", mas algo nos olhos esverdeados de Gordon o dissuadiu. Em vez disso, ele arriscou-se com "corpulento".

– Eu admito, camarada – disse ele. – Sou… bem, só um pouquinho robusto. Nada prejudicial, você sabe – ele deu um tapinha na vaga linha entre sua barriga e seu peito. – Carne boa e firme. Consigo ser muito veloz, na verdade. Mas… bem, suponho que possa me chamar de CORPULENTO.

– Como Cortez – sugeriu Gordon.

– Cortez? Cortez? Era aquele camarada que sempre vagava pelas montanhas do México?

– Esse mesmo. Ele era corpulento, mas tinha olhos de águia.

– Ah? Isso é engraçado. Porque minha esposa me disse algo parecido uma vez. "George", disse ela, "você tem os olhos mais maravilhosos do mundo. Você tem olhos de águia", disse ela. Isso foi antes de ela se casar comigo, você entende.

Flaxman estava morando separado de sua esposa no momento. Há pouco tempo, a Artigos para Toalete Rainha de Sabá inesperadamente pagou um bônus de trinta libras para todos os seus viajantes e, ao mesmo tempo, Flaxman e dois outros foram enviados a Paris para vender o novo batom Sexapeal Naturetint a várias firmas francesas. Flaxman não achou necessário mencionar as trinta libras à esposa. Ele teve o melhor momento de sua vida naquela viagem a Paris, claro. Mesmo agora, três meses depois, sua boca enchia d'água quando falava sobre isso. Costumava entreter Gordon com

suas descrições luxuosas. Dez dias em Paris com trinta libras que a mulher não tinha ouvido falar! Ah, garoto! Mas, infelizmente, alguém vazou a notícia em algum lugar; Flaxman chegou em casa e encontrou uma retaliação esperando por ele. Sua esposa quebrou a cabeça dele com uma garrafa de uísque de vidro lapidado, presente de casamento que tinham guardado por catorze anos, e então fugiu para a casa da mãe, levando os filhos com ela. Daí o exílio de Flaxman em Willowbed Road. Mas isso não lhe causava preocupação. Aquilo passaria, sem dúvida; já acontecera várias vezes antes.

Gordon fez outra tentativa de passar por Flaxman e subir para escapar dele. O terrível era que, em seu coração, ansiava por ir com Flaxman. Precisava tanto de uma bebida – a mera menção do Crichton Arms o deixava sedento. Mas era impossível, claro, ele não tinha dinheiro. Flaxman colocou o braço na escada, barrando o caminho dele. Ele gostava de Gordon de verdade. Ele o considerava "inteligente". "Inteligente", para ele, era uma espécie de loucura amável. Além disso, detestava ficar sozinho, mesmo por um tempo tão curto quanto levaria para caminhar até o pub.

– Vamos, camarada! – ele insistiu. – Você precisa de uma Guinness para animar, é isso o que você quer. Você ainda não viu a garota nova que eles contrataram no bar. Ah, rapaz, que gracinha!

– Então, é por isso que você está todo embonecado, não é? – perguntou Gordon, olhando friamente para as luvas cor de limão de Flaxman.

– Pode apostar que sim, camarada! Rapaz, que delícia ela é! Uma loira. E ela sabe das coisas, aquela garota. Dei a ela um de nossos batons Sexapeal Naturetint na noite passada. Você deveria ter visto ela empinar o bumbum para mim ao passar

pela minha mesa. Ela me dá palpitações? Não dá? Ah, rapaz!

Flaxman contorceu-se de um jeito lúbrico. Sua língua despontou entre seus lábios. Então, de repente, fingindo que Gordon era a garçonete loira, ele o agarrou pela cintura e deu-lhe um abraço carinhoso. Gordon empurrou-o. Por um momento, o desejo de descer para o Crichton Arms foi tão arrebatador que quase o venceu. Ora, uma caneca de cerveja! Ele parecia quase senti-la descer pela garganta. Se ele tivesse algum dinheiro! Até pagaria sete pence por uma cerveja. Mas como? Tinha dois pence e meio no bolso. Não se pode deixar outras pessoas pagarem suas bebidas.

– Ah, me deixe em paz, pelo amor de Deus! – ele disse, irritado, saindo do alcance de Flaxman, e subiu as escadas sem olhar para trás.

Flaxman colocou o chapéu na cabeça e foi até a porta da frente, levemente ofendido. Gordon refletiu com lentidão que, naqueles tempos, ele estava assim, sempre esnobando avanços amigáveis. Claro que o dinheiro estava por trás disso, sempre o dinheiro. Não se pode ser amigável, nem mesmo civilizado, quando não se tem dinheiro no bolso. Um espasmo de autopiedade atravessou-o. Seu coração ansiava pelo bar no Crichton; o cheiro delicioso de cerveja, o calor e as luzes brilhantes, as vozes alegres, o barulho de copos no balcão molhado de cerveja. Dinheiro, dinheiro! Ele continuou subindo as escadas escuras e fedorentas. A ideia do quarto frio e solitário no alto da casa era como a ruína diante dele.

No segundo andar morava Lorenheim, uma criatura escura, magra, parecida com um lagarto, de idade e raça indefinidas, que ganhava cerca de trinta e cinco xelins por semana vendendo aspiradores de pó. Gordon sempre passava muito apressado pela porta de Lorenheim. Lorenheim era uma daquelas pessoas que não tem um único amigo no mundo e

que são devoradas por uma ânsia de companhia. A solidão dele era tão mortal que, se alguém diminuísse o passo do lado de fora de sua porta, corria o risco de ele saltar sobre esse alguém e arrastá-lo, seduzi-lo para ouvir as histórias paranoicas e intermináveis de garotas que ele havia conquistado e patrões que ele havia enganado. E seu quarto era ainda mais frio e vazio quanto um quarto de pensão tem o direito de ser. Sempre havia pedaços de pão com margarina comido pela metade espalhados por todo canto. O único outro inquilino da casa era um tipo de engenheiro que trabalhava durante a noite. Gordon só o via ocasionalmente, um homem enorme com um rosto sombrio e descolorido, que usava um chapéu-coco dentro e fora de casa.

Na escuridão rotineira de seu quarto, Gordon tateou pelo bico de gás e o acendeu. O quarto era de tamanho médio, não era amplo o suficiente para ser dividido em duas partes, mas era grande demais para ser aquecido por uma lamparina com defeito. Tinha o tipo de mobília que você espera em um andar superior. Cama de solteiro acolchoada branca; revestimento de piso de linóleo marrom; lavatório com um jarro e uma bacia feita daquela louça branca barata que lembra um penico. No parapeito da janela havia uma aspidistra adoentada em uma panela de esmalte verde.

Sob o parapeito da janela havia uma mesa de cozinha com um pano verde manchado de tinta. Esta era a “escrivaninha” de Gordon. Foi só depois de uma luta amarga que ele induziu a senhora Wisbeach a lhe dar uma mesa de cozinha em vez do aparador de bambu – um mero suporte para a aspidistra – que ela considerava adequada para o último andar. E, mesmo agora, ela nunca parava de reclamar porque Gordon jamais permitia que sua mesa fosse “arrumada”. A mesa tinha uma bagunça permanente. Estava coberta por uma confusão de papéis, talvez duzentas folhas de almaço, sujas e com orelhas,

escritas, riscadas e reescritas – uma espécie de labirinto sórdido de papéis do qual apenas Gordon possuía a chave. Havia uma camada de poeira sobre todas as coisas, e vários cinzeiros nojentos contendo cinzas de tabaco e tocos retorcidos de cigarros. Exceto por alguns livros sobre a lareira, esta mesa, com sua bagunça de papéis, era a única marca que a personalidade de Gordon havia deixado no quarto.

Estava um frio dos diabos. Gordon pensou em acender a lamparina a óleo. Ele a ergueu, parecia muito leve; a lata de óleo sobressalente também estava vazia – estaria sem óleo até sexta-feira. Ele acendeu um fósforo; uma chama amarela opaca rastejou involuntariamente em torno do pavio. Com alguma sorte, queimaria por algumas horas. Enquanto Gordon jogou fora o fósforo, seus olhos pousaram na aspidistra em seu pote verde-relva. Era um espécime peculiarmente desprezível. Tinha apenas sete folhas e nunca pareciam brotar novas. Gordon tinha uma espécie de rixa secreta com a aspidistra. Muitas vezes tentara furtivamente matá-la, deixando-a sem água, esmagando pontas de cigarro quentes contra seu caule, até mesmo misturando sal à sua terra. Mas as coisas desprezíveis são praticamente imortais. Em quase todas as circunstâncias, elas conseguem preservar uma existência murcha e doentia. Gordon levantou-se e limpou deliberadamente os dedos cheios de querosene nas folhas da aspidistra.

Nesse momento, a voz da senhora Wisbeach soou astuta escada acima:

– Senhor Com-stock!

Gordon foi até a porta.

– Sim? – respondeu ele.

– Seu jantar está pronto há dez minutos. Por que não desce e come em vez de me deixar esperando para lavar a louça?

Gordon desceu. A sala de jantar ficava no primeiro andar, nos fundos, em frente ao quarto de Flaxman. Era uma sala fria e com cheiro de mofo, penumbrosa até o meio-dia. Havia mais aspidistras nela do que Gordon jamais conseguiu contar com precisão. Estavam por toda parte: no aparador, no chão, em mesas, na janela havia uma espécie de barraca de floricultura delas, bloqueando a luz. Na penumbra, com aspidistras à sua volta, vinha a sensação de estar em um aquário sem sol em meio à folhagem sombria de flores aquáticas. O jantar de Gordon estava pronto, esperando por ele no feixe de luz branca que o bico de gás rachado lançava sobre a toalha da mesa. Ele sentou-se de costas para a lareira (havia uma aspidistra na grelha em vez de fogo), jantou um prato de carne fria e duas fatias de pão branco que se esfarelava, com manteiga canadense, queijo de ratoeira e picles Pan Yan, e bebeu um copo de água fria e com gosto de bolor.

Quando voltou para o quarto, a lamparina a óleo estava mais ou menos acesa. Estava quente o suficiente para ferver uma chaleira, ele pensou. E agora, o grande acontecimento da noite: sua xícara de chá ilícita. Ele fazia uma xícara de chá para si mesmo quase todas as noites, no mais mortal segredo. A senhora Wisbeach recusava-se a oferecer chá aos hóspedes com o jantar, porque "não poderia ser incomodada esquentando mais água", mas, ao mesmo tempo, fazer chá em seu quarto era estritamente proibido. Gordon olhou com desgosto para os papéis confusos sobre a mesa. Ele disse a si mesmo, desafiadoramente, que não trabalharia naquela noite. Tomaria uma xícara de chá, fumaria os cigarros restantes e leria *Rei Lear* ou *Sherlock Holmes*. Seus livros estavam sobre a lareira ao lado do despertador – Shakespeare na edição da Everyman, *Sherlock Holmes*, os poemas de Villon, *Roderick Random*, *Les Fleurs du Mal*, uma pilha de romances franceses. Mas ele não lia nada naqueles tempos, a não ser Shakespeare e *Sherlock Holmes*. Enquanto isso, aquela xícara de chá.

Gordon foi até a porta, abriu-a inteira e espreitou. Nenhum som da senhora Wisbeach. Era preciso ter muito cuidado; ela era perfeitamente capaz de se esgueirar escada acima e pegar a pessoa no flagra. Fazer chá era o principal crime doméstico, depois de trazer uma mulher para dentro. Silenciosamente, ele trancou a porta, puxou sua mala barata que estava embaixo da cama e a destrancou. Dela extraiu uma chaleira Woolworth de seis pence, um pacote de chá de Lyons, uma lata de leite condensado, um bule e uma xícara. Eles estavam todos embalados em jornal para evitar que tilintassem.

Ele tinha um procedimento rotineiro para fazer chá. Primeiro encheu a chaleira pela metade com água da jarra e colocou-a no fogareiro a óleo. Então se ajoelhou e abriu uma folha de jornal no chão. As folhas do chá de ontem ainda estavam na panela, é claro. Ele as jogou no jornal, limpou a panela com o polegar e dobrou as folhas em um feixe. Em breve, ele as levaria para baixo. Essa sempre foi a parte mais arriscada, livrar-se das folhas de chá usadas. Era como a inconveniência que os assassinos têm para se livrar do corpo. Quanto à xícara, ele sempre a lavava na pia pela manhã. Um negócio sórdido. Isso o enojava, às vezes. Era estranho como era preciso viver furtivamente na casa da senhora Wisbeach. A sensação era de que ela estava sempre olhando para você; e, de fato, ela costumava subir e descer as escadas na ponta dos pés o tempo todo, na esperança de pegar os inquilinos em seus malfeitos. Era uma daquelas casas onde não se consegue nem ir ao banheiro em paz por causa da sensação de que alguém está ouvindo.

Gordon destrancou a porta novamente e ouviu com atenção. Ninguém se mexendo. Ah! Um barulho de louças lá embaixo. A senhora Wisbeach estava lavando a louça do jantar. Provavelmente era seguro descer, então.

Ele desceu na ponta dos pés, segurando o pacote úmido de

folhas de chá contra o peito. O banheiro ficava no segundo andar. No ângulo da escada, ele parou e ouviu por mais um momento. Ah! Outro barulho de louça.

Tudo limpo! Gordon Comstock, poeta – "uma promessa excepcional", segundo os críticos do suplemento literário da *The Times* –, entrou apressadamente no banheiro, jogou as folhas de chá na privada e deu descarga. Em seguida, voltou apressado para o quarto, fechou a porta e, com precauções quanto ao barulho, preparou um novo bule de chá.

O quarto estava razoavelmente quente agora. O chá e um cigarro fizeram sua mágica de curta duração. Ele começou a se sentir um pouco menos entediado e irritado. Afinal, deveria trabalhar um pouco? Tinha que trabalhar, claro. Ele sempre se odiava depois, quando perdia uma noite inteira. Sem querer, ele empurrou a cadeira até a mesa. Foi preciso um esforço até mesmo para mexer naquela assustadora selva de papéis. Ele puxou algumas folhas sujas em sua direção, espalhou-as e as encarou. Deus, que bagunça! Tudo estava escrito, pontuado, reescrito, pontuado novamente, até que parecessem pobres e velhos pacientes com câncer acabados depois de vinte operações. Mas a letra, que não estava riscada, era delicada e "erudita". Com dor e dificuldade, Gordon adquiriu aquela caligrafia "erudita", tão diferente da caligrafia grotesca que lhe ensinaram na escola.

Talvez ele trabalhasse; apenas por um tempo, de qualquer maneira. Ele remexeu na pilha de papéis. Onde estava aquela passagem em que ele estava trabalhando ontem? O poema era imensamente longo – isto é, seria imensamente longo, quando fosse concluído – cerca de dois mil versos, em rima real, descrevendo um dia em Londres. *Prazeres de Londres*, era o seu título. Foi um projeto enorme e ambicioso, o tipo de coisa que só deve ser empreendida por pessoas com um tempo livre infinito. Gordon não havia percebido esse fato quando

começou o poema; ele agarrou-o agora, no entanto. Como ele havia começado de maneira despreocupada, dois anos antes! Quando largou tudo e caiu na lama da pobreza, a concepção deste poema foi pelo menos uma parte de sua motivação. Parecia tão certo que o poema era parte dele. Mas de alguma forma, quase desde o início, o *Prazeres de Londres* deu errado. Era grande demais para ele, essa era a verdade. Nunca havia realmente progredido, simplesmente se desfizera em uma série de fragmentos. E em dois anos de trabalho isso era tudo o que ele tinha para mostrar, fragmentos incompletos em si mesmos e impossíveis de juntar. Em cada uma daquelas folhas de papel havia um pedaço de verso acabado que tinha sido escrito e reescrito e reescrito em intervalos de meses. Não havia quinhentas frases que pudessem ser ditas que estavam definitivamente terminadas. E ele havia perdido o poder de desenvolvê-lo; ele só podia mexer nessa ou naquela estrofe, tateando uma vez ou outra, em sua confusão. Não era mais uma coisa que ele criou, era apenas um pesadelo contra o qual ele lutava.

Quanto ao resto, em dois anos inteiros ele não havia produzido nada, exceto um punhado de poemas curtos – talvez um único plausível no total. Raramente ele conseguia obter a paz de espírito que a poesia – ou, nesse caso, a prosa – exigia para ser escrita. Os tempos em que ele "não podia" trabalhar se tornaram cada vez mais comuns. De todos os tipos de ser humano, apenas o artista assume a responsabilidade de dizer que "não pode" trabalhar. Mas é verdade; REALMENTE há tempos em que não se pode trabalhar. Dinheiro de novo, sempre dinheiro! Falta de dinheiro significa desconforto, significa preocupações miseráveis, significa falta de fumo, significa consciência sempre presente no fracasso, acima de tudo, significa solidão. Como você pode ser outra coisa senão solitário, conseguindo duas libras por semana? E nenhum livro decente foi escrito na solidão. Era quase certo que o *Prazeres*

de Londres nunca seria o poema que ele concebeu – na verdade, certamente nunca seria terminado. E nos momentos em que ponderou sobre os fatos, Gordon se viu ciente disso.

Mesmo assim, aliás, exatamente por isso, ele não desistiu. Era algo a que se agarrar. Era uma forma de lutar contra sua pobreza e sua solidão. E, afinal, houve momentos em que o clima da inspiração retornou, ou pareceu retornar. Ele voltou naquela noite, por um breve período, o tempo que se leva para fumar dois cigarros. Com a fumaça fazendo cócegas em seus pulmões, ele se abstraiu do mundo real e mesquinho. Dirigiu sua mente para o abismo onde a poesia é escrita. O bico de gás soou calmante acima dele. As palavras tornaram-se coisas vívidas e momentosas. Um dístico, escrito um ano antes e inacabado, chamou sua atenção com uma nota de dúvida. Ele o repetiu para si mesmo, repetidamente. Estava errado, de alguma forma. Parecia normal, um ano atrás; agora, por outro lado, parecia sutilmente ordinário. Ele vasculhou as folhas de papel almaço até encontrar uma que não tinha nada escrito no verso, virou-a, reescreveu o dístico, escreveu uma dúzia de versões diferentes dele, repetiu cada uma delas várias vezes para si mesmo. Finalmente, assumiu que nada o satisfez. O dístico teria que desaparecer. Era barato e ordinário. Ele encontrou a folha de papel original e marcou o dístico com linhas grossas. Havia uma sensação de realização nisso, de tempo não desperdiçado, como se a destruição de muito trabalho fosse de alguma forma um ato de criação.

De repente, uma batida dupla na porta lá embaixo fez a casa inteira tremer. Gordon sobressaltou-se. Sua mente voou para fora do abismo. O correio! O *Prazeres de Londres* foi esquecido.

Seu coração disparou. Talvez Rosemary tivesse escrito. Além disso, havia aqueles dois poemas que ele mandou para as revistas. Um deles, de fato, ele quase considerou como

perdido; ele o enviara a um jornal americano, o *Californian Review*, meses antes. Provavelmente eles nem se importariam em mandar de volta. Mas o outro estava com um jornal inglês, o *Primrose Quarterly*. Ele tinha grandes esperanças naquele poema. O *Primrose Quarterly* era um daqueles jornais literários venenosos em que o elegante maricas e o católico romano profissional caminhavam *bras dessus, bras dessous*. Era também, de longe, o jornal literário mais influente da Inglaterra. Só se tornava um homem feito depois de ter um poema publicado por ele. Em seu coração, Gordon sabia que o *Primrose Quarterly* jamais publicaria seus poemas. Ele não estava à altura do padrão deles. Ainda assim, às vezes acontecem milagres; ou, se não milagres, acidentes. Afinal, eles guardaram seu poema por seis semanas. Eles o manteriam por seis semanas se não pretendessem aceitá-lo? Ele tentou reprimir a esperança insana. Mas, na pior das hipóteses, havia uma chance de Rosemary ter correspondido. Passaram-se quatro dias inteiros desde que ela havia escrito. Se soubesse como isso o desapontava, talvez ela não fizesse mais isso. Suas cartas – cartas longas e mal soletradas, cheias de piadas absurdas e declarações de amor por ele – significavam muito mais para Gordon do que ela poderia entender. Eram um lembrete de que ainda havia alguém no mundo que se importava com ele. Até mesmo compensavam os momentos em que algum idiota mandava de volta um de seus poemas; na verdade, as revistas sempre devolviam seus poemas, exceto a *Antichrist*, cujo editor, Ravelston, era seu amigo pessoal.

Houve um arrastar de pés no andar debaixo. Sempre demoravam alguns minutos até que a senhora Wisbeach levasse as cartas para cima. Ela gostava de acariciá-las, senti-las para ver se eram grossas, ler seus carimbos postais, colocá-las contra a luz e especular sobre seu conteúdo, antes de entregá-las aos seus legítimos donos. Ela exerceu uma espécie de *droit du seigneur* sobre a correspondência. Como chegavam

em sua casa, sentia que era, pelo menos parcialmente, dela. Se você fosse até a porta da frente e recolhesse suas cartas, ela se ressentiria amargamente. Por outro lado, também se ressentia do trabalho de levá-las para cima. Os passos dela subindo muito lentamente seriam ouvidos, e então, se houvesse uma carta para você, haveria uma respiração ofegante e alta no patamar para que você soubesse que deixou a senhora Wisbeach sem fôlego ao obrigá-la a subir as escadas. Finalmente, com um pequeno grunhido de impaciência, as cartas seriam enfiadas por baixo da sua porta.

A senhora Wisbeach estava subindo as escadas. Gordon ficou ouvindo. Os passos pararam no primeiro andar. Uma carta para Flaxman. Eles subiram, pararam novamente no segundo andar. Uma carta para o engenheiro. O coração de Gordon batia dolorosamente. Uma carta, por favor, Deus, uma carta! Mais passos. Subindo ou descendo? Eles estavam chegando mais perto, com certeza! Ah, não, não! O som ficou mais fraco. Ela estava descendo novamente. Os passos morreram. Sem cartas.

Ele pegou a caneta novamente. Era um gesto bastante fútil. Afinal, ela não havia escrito! Aquela malvada! Ele não tinha a menor intenção de trabalhar mais. Na verdade, não podia. A decepção havia acabado com sua animação. Apenas cinco minutos antes, seu poema ainda lhe parecia uma coisa viva; agora ele sabia inequivocamente a bobagem inútil que era. Com uma espécie de nojo nervoso, ele juntou as folhas espalhadas, empilhou-as desordenadamente e jogou-as do outro lado da mesa, embaixo da aspidistra. Não conseguia nem suportar olhar para elas por mais tempo.

Ele se levantou. Era muito cedo para ir para a cama; não estava com clima para isso. Ele ansiava por um pouco de diversão, algo barato e fácil. Um filme, cigarros, cerveja. Inútil! Sem dinheiro para pagar por nenhum deles. Ele leria

Rei Lear e se esqueceria daquele século imundo. Finalmente, porém, decidiu por *As aventuras de Sherlock Holmes*, que ele tirou da prateleira da lareira. *Sherlock Holmes* era o seu livro favorito, porque o sabia de cor. O óleo da lamparina estava acabando e estava ficando terrivelmente frio. Gordon puxou a colcha da cama, enrolou-a nas pernas e sentou-se para ler. Com o cotovelo direito sobre a mesa, as mãos sob o casaco para mantê-las aquecidas, ele leu toda "A aventura da faixa sarapintada". O pequeno bico do gás suspirou, a chama circular da lamparina a óleo queimava baixa, uma estrutura fina de fogo, emitindo tanto calor quanto uma vela.

No covil da senhora Wisbeach, o relógio bateu dez e meia da noite. Sempre era possível ouvi-lo ressoando pela noite. Tique-taque, tique-taque – uma nota de ruína! O tique-taque do despertador na lareira tornou-se novamente audível para Gordon, trazendo consigo a consciência da sinistra passagem do tempo. Ele olhou ao seu redor. Outra noite desperdiçada. Horas, dias, anos passando. Noite após noite, sempre igual. O quarto solitário, a cama sem mulher; poeira, cinza de cigarro, folhas de aspidistra. E ele tinha quase trinta anos. Em pura autopunição, ele puxou um maço de *Prazeres de Londres*, espalhou sobre os lençóis encardidos e olhou para eles como quem olha uma caveira para um *memento mori*. Prazeres de Londres, de Gordon Comstock, autor de *Ratos*. Sua *magnum opus*. Fruto (fruto mesmo!) de dois anos de trabalho – aquela confusão labiríntica de palavras! E a conquista desta noite – duas linhas riscadas; duas linhas a menos em vez de duas linhas a mais.

A lamparina fez um som que parecia um pequeno soluço e se apagou. Com esforço, Gordon se levantou e jogou a colcha de volta na cama. Melhor ir para a cama, talvez, antes que esfrie ainda mais. Ele vagou em direção à cama. Mas espere. Trabalho amanhã. Dê corda no relógio, ajuste o alarme. Nada

realizado, nada feito, o que lhe rendia uma noite de repouso.

Demorou algum tempo até que ele conseguisse encontrar energia para se despir. Por um quinze minutos, talvez, ficou deitado na cama completamente vestido, com as mãos sob a cabeça. Havia uma rachadura no teto que lembrava o mapa da Austrália. Gordon conseguiu tirar os sapatos e as meias sem precisar se sentar. Ele ergueu um pé e o encarou. Um pé pequeno e delicado. Ineficaz, como suas mãos. Além disso, estava muito sujo. Havia tomado banho quase dez dias antes. Envergonhado com a sujeira de seus pés, sentou-se e se despiu, jogando as roupas no chão. Então desligou o gás e deslizou entre os lençóis, estremecendo, pois estava nu. Ele sempre dormia nu. Seu último pijama se fora há mais de um ano.

O relógio lá embaixo bateu onze da noite. Quando a primeira onda de frieza dos lençóis passou, a mente de Gordon voltou ao poema que começara naquela mesma tarde. Ele repetiu em um sussurro a única estrofe que foi concluída:

Sopra bruscamente, o vento cominador,

Os álamos curvados e desnudos.

E as fitas da chaminé escuras em cor,

Voam baixo, brandidas pelo ar, sobre tudo.

Tremulam os pôsteres rasgados.

As métricas iam e vinham. Clique-clique, clique-clique! O terrível vazio mecânico disso o horrorizou. Era como uma pequena máquina fútil funcionando. Rima a rima, clique-clique, clique-clique. Como o aceno de uma boneca de relógio de corda. Poesia! A última futilidade. Ele ficou acordado, ciente de sua própria futilidade, de seus 30 anos, do beco sem saída em que havia levado sua vida.

O relógio bateu meia-noite. Gordon esticou as pernas retas.

A cama ficou quente e confortável. O farol de um carro, em algum lugar na rua paralela à Willowbed Road, penetrou virado para cima na cortina e projetou a silhueta de uma folha da aspidistra, em forma de espada de Agamenon.



CAPÍTULO 3

"Gordon Comstock" era um nome maldito, mas Gordon veio de uma família bastante maldita. A parte "Gordon" dela era escocesa, é claro. O predomínio de tais nomes hoje em dia é apenas uma parte da escocização da Inglaterra que vinha acontecendo nos últimos cinquenta anos. "Gordon", "Colin", "Malcolm", "Donald" – esses são os presentes da Escócia para o mundo, junto ao golfe, uísque, mingau e as obras de Barrie e Stevenson.

Os Comstock pertenciam à mais sombria de todas as classes, à classe média média, a pequena nobreza sem terras. Em sua pobreza miserável, eles não tinham nem mesmo o consolo esnobe de se considerarem uma família "tradicional" fadada aos dias ruins, pois não eram uma família "tradicional", apenas uma daquelas famílias que cresceu na onda da prosperidade vitoriana e então afundou novamente mais rápido que a própria onda. Eles tiveram no máximo cinquenta anos de riqueza comparativa, correspondendo à vida do avô de Gordon, Samuel Comstock – vovô Comstock, como Gordon aprendeu a chamá-lo, embora o velho houvesse morrido quatro anos antes de ele nascer.

O vovô Comstock era uma daquelas pessoas que até do túmulo exercia uma grande influência. Em vida, ele era um velho canalha durão. Saqueou o proletariado e os estrangeiros que ganhavam cinquenta mil libras por ano, construiu para si

uma mansão de tijolos vermelhos tão sólida quanto uma pirâmide e gerou doze filhos, dos quais onze sobreviveram. Por fim, ele morreu subitamente, de hemorragia cerebral. Em Kensal Green, seus filhos colocaram sobre ele um monólito com a seguinte inscrição:

EM MEMÓRIA AFETUOSA DE

SAMUEL EZEKIEL COMSTOCK,

UM MARIDO FIEL, UM PAI TERNO E

UM HOMEM HONESTO DE DEUS,

QUE NASCEU EM 9 DE JULHO DE 1828 E

PARTIU DESTA VIDA EM 5 DE SETEMBRO DE 1901,

ESTA LÁPIDE É ERIGIDA POR

SEUS FILHOS EM DOR.

ELE DORME NOS BRAÇOS DE JESUS.

Não há necessidade de repetir os comentários blasfemos que todos que conheceram o vovô Comstock fizeram sobre a última frase. Mas vale a pena destacar que o pedaço de granito em que foi inscrito pesava cerca de cinco toneladas e foi certamente colocado ali com a intenção, embora não consciente, de garantir que vovô Comstock não se levantasse debaixo dele. Se você quiser saber o que os parentes de um morto realmente pensam dele, um bom teste é o peso de sua lápide.

Os Comstock, como Gordon os conhecia, eram uma família peculiarmente enfadonha, miserável, morta-viva e ineficaz. Era surpreendente como careciam de vitalidade. Era obra do vovô Comstock, é claro. Na época em que ele morreu, todos os seus filhos estavam crescidos e alguns deles eram de meia-idade, e ele havia conseguido arrancar deles qualquer vestígio de alma que poderiam ter possuído. Havia passado sobre eles

como um rolo de jardim passa sobre um jardim de margaridas, e não havia nenhuma chance de suas personalidades achatadas se expandirem novamente. Todos se tornaram um tipo de pessoa apática, sem coragem e malsucedida. Nenhum dos meninos tinha profissões adequadas, porque vovô Comstock havia se esforçado ao máximo para levá-los a profissões para as quais eram totalmente inadequados. Apenas um deles – John, o pai de Gordon – havia enfrentado vovô Comstock a ponto de se casar enquanto ele ainda era vivo. Era impossível imaginar qualquer um deles deixando qualquer tipo de marca no mundo, criando qualquer coisa, destruindo qualquer coisa, sendo feliz, profundamente infeliz, totalmente vivo ou, até mesmo, ganhando uma renda decente. Simplesmente flutuavam em uma atmosfera de fracasso semidistinto. Eram uma daquelas famílias deprimentes, tão comuns na classe média média, em que NADA JAMAIS ACONTECE.

Desde a mais tenra infância, os parentes de Gordon o deprimiam terrivelmente. Quando era pequeno, ainda tinha muitos tios e tias vivos. Eram todos mais ou menos parecidos: pessoas cinzentas, maltrapilhas, tristes, todos com saúde bastante frágil e todos perpetuamente atormentados por preocupações com dinheiro que fracassaram sem nunca chegar à explosão sensacional da falência. Era perceptível, mesmo então, que haviam perdido toda a vontade de se reproduzir. Pessoas realmente vitais, tenham dinheiro ou não, se multiplicam quase tão automaticamente quanto os animais. O vovô Comstock, por exemplo, ele próprio era fruto de uma ninhada de doze e produziu onze descendentes. No entanto, todos aqueles onze produziram apenas dois progênies entre eles, e esses dois – Gordon e sua irmã Julia –, até 1934 nem sequer produziram um. Gordon, o último dos Comstock, nasceu em 1905, uma criança indesejada; e depois disso, em trinta longos, longos anos, não houve um único nascimento na família, apenas mortes. E não apenas na questão de casamento

e procriação, mas de todas as maneiras possíveis, NADA ACONTECIA na família Comstock. Cada um deles parecia condenado, como se por uma maldição, a uma existência sombria e miserável. Nenhum deles JAMAIS FEZ nada. Eram o tipo de pessoas que, em todas as atividades imagináveis, mesmo que seja apenas para entrar no ônibus, afastam automaticamente o vigor das coisas. Todos eles, é claro, eram tolos sem esperança quanto a dinheiro. Vovô Comstock finalmente dividiu seu dinheiro entre eles mais ou menos igualmente, de modo que, após a venda da mansão de tijolos vermelhos, cada um recebeu cerca de cinco mil libras. E assim que vovô Comstock estava a sete palmos do chão, eles começaram a desperdiçar seu dinheiro. Nenhum deles teve coragem de perdê-lo de maneiras sensacionais, como desperdiçá-lo com mulheres ou em apostas; eles simplesmente torraram e torraram, as mulheres em investimentos tolos e os homens em pequenos empreendimentos fúteis que se extinguiram depois de um ou dois anos, deixando um prejuízo líquido. Mais da metade deles foi solteira para o túmulo. Algumas das mulheres de meia-idade tiveram casamentos indesejáveis depois que o pai morreu, mas os homens, por causa de sua incapacidade em ganhar a vida forma adequada, eram do tipo que "não tinham dinheiro" para se casar. Nenhum deles, exceto a tia Angela, jamais teve uma casa para chamar de sua; eles eram o tipo de pessoa que vive em "quartos" ímpios e em pensões semelhantes a tumbas. E ano após ano eles foram morrendo de pequenas doenças sombrias, mas caras, que engoliram até o último centavo de seu capital. Uma das mulheres, a tia de Gordon, Charlotte, passou por um instituição mental, em Clapham, em 1916. As instituições mentais da Inglaterra – e o quanto são chocantes! – são mantidas, acima de tudo, pelas solteironas abandonadas da classe média. Em 1934, apenas três dessa geração sobreviveram: a tia Charlotte já mencionada, a tia Angela, que

por algum feliz acaso fora induzida a comprar uma casa e investir em uma renda anual em 1912; e tio Walter, que resistia sombriamente com as poucas centenas de libras que sobraram de seus cinco mil, administrando “agências” disso e daquilo fadas à falência.

Gordon cresceu em uma atmosfera que era um misto de roupas rasgadas e pescoço de carneiro cozido. Seu pai, como os outros Comstock, era uma pessoa deprimida e, portanto, deprimente, mas tinha um pouco de inteligência e uma ligeira inclinação literária. E, visto que sua mente era do tipo literário e ele tinha um grande pavor de qualquer coisa a ver com números, de alguma forma, pareceu natural para o vovô Comstock transformá-lo em um revisor oficial de contas. Então, ele trabalhou de um jeito ineficaz como revisor oficial de contas. Estava sempre comprando sua entrada em sociedades que eram dissolvidas após um ou dois anos. Então sua renda flutuou, às vezes subindo para quinhentos por ano e às vezes caindo para duzentos, mas sempre com uma tendência a diminuir. Ele morreu em 1922, com apenas 56 anos, mas exausto – sofria de uma doença renal fazia muito tempo.

Uma vez que os Comstock eram tão bem-nascidos quanto miseráveis, consideravam necessário desperdiçar grandes quantias com a “educação” de Gordon. Que coisa terrível é esse íncubo da “educação”! Isso significa que para mandar seu filho para o tipo certo de escola – ou seja, um internato ou uma imitação de um –, um homem de classe média é obrigado a viver anos a fio em um estilo que seria desprezado até mesmo por um encanador. Gordon foi mandado para escolas miseráveis e pretensiosas, cujas mensalidades custavam em torno de cento e vinte libras por ano. Mesmo essas mensalidades, é claro, significavam sacrifícios terríveis em casa. Enquanto isso, Julia, que era cinco anos mais velha do

que ele, quase não recebeu educação alguma. Na verdade, ela foi enviada para um ou dois pequenos internatos pobres e sombrios, mas foi "levada embora" para sempre quando tinha 16 anos. Gordon era "o menino" e Julia era "a menina", e parecia natural para todos que "a menina" fosse sacrificada em nome do "menino". Além disso, a família logo decidiu que Gordon era "inteligente". Gordon, com sua maravilhosa "inteligência", ganharia bolsas de estudo, teria um sucesso brilhante na vida e recuperaria a fortuna da família – essa era a teoria, e ninguém acreditava nela com mais firmeza do que Julia. Julia era uma garota alta e desajeitada, muito mais alta do que Gordon, com um rosto magro e um pescoço um pouco comprido demais – uma daquelas garotas que, mesmo em sua juventude, lembravam irresistivelmente a um ganso. Mas sua natureza era simples e afetuosa. Era o tipo de garota modesta, dona de casa que passa, cerze e remenda; uma alma de solteirona. Mesmo aos 16 anos, ela tinha "solteirona" estampado no corpo. Ela idolatrava Gordon. Durante toda a sua infância ela cuidou dele, embalou-o, mimou-o, andou em farrapos para que ele tivesse as roupas boas para ir à escola, economizou seu miserável dinheiro para comprar presentes de Natal e de aniversário para ele. Assim que estava maduro o suficiente, ele retribuiu desprezando-a porque ela não era bonita e não era "inteligente", claro.

Mesmo nas escolas de terceira categoria para as quais Gordon foi enviado, quase todos os meninos eram mais ricos do que ele. Eles logo descobriram sua pobreza, é claro, e fizeram um inferno na vida dele. Provavelmente, a maior crueldade que alguém pode infligir a uma criança é mandá-la para a escola com crianças mais ricas do que ela. Uma criança consciente da pobreza sofrerá agonias esnobes, como um adulto dificilmente pode imaginar. Naquela época, especialmente em sua escola preparatória, a vida de Gordon tinha sido uma longa conspiração para manter as aparências e

fingir que seus pais eram mais ricos do que realmente eram. Ah, as humilhações daqueles dias! Aquele negócio horrível onde no início de cada semestre você tinha que "entregar" publicamente ao diretor o dinheiro que trouxera com você; então recebia os risinhos desdenhosos e cruéis dos outros garotos quando você não "entregava" dez contos ou mais. E houve a vez em que os outros descobriram que Gordon estava usando um terno feito à mão que havia custado trinta e cinco xelins! Os momentos que Gordon mais temia era quando seus pais iam à escola para vê-lo. Gordon, naquela época ainda cristão, costumava orar para que seus pais não fossem à escola. Especialmente o pai, que era o tipo de pessoa de quem você não podia deixar de se envergonhar; um homem cadavérico, desanimado, com uma postura péssima, suas roupas tristemente surradas e desesperadamente fora de moda. Carregava consigo uma atmosfera de fracasso, preocupação e tédio. Ao se despedir, ele tinha o hábito terrível de entregar a Gordon meia coroa bem na frente dos outros meninos, para que todos pudessem ver que era apenas meia coroa e não, como deveria ter sido, dez xelins! Mesmo vinte anos depois, a memória daquela escola fazia Gordon estremecer.

O primeiro efeito de tudo isso foi infringir nele uma reverência subserviente ao dinheiro. Naquela época, ele realmente odiava seus parentes pobres, seu pai, sua mãe, Julia, todo mundo. Ele os odiava por suas casas sombrias, sua desolação, sua atitude triste para com a vida, suas preocupações e gemidos intermináveis por três e seis pence. De longe, a frase mais comum na casa de Comstock era: "Não temos dinheiro para isso". Naquela época, ele ansiava por dinheiro como só uma criança pode ansiar. Por que NÃO SE PODE ter roupas decentes e muitos doces e ir ao cinema com a frequência que se gostaria? Ele culpava os pais por sua pobreza, como se tivessem sido pobres de propósito. Por que não podiam ser como os pais de outros meninos? Eles

PREFERIRAM ser pobres, era o que lhe parecia. É assim que funciona a mente de uma criança.

Mas, à medida que envelhecia, crescia não menos irracional, mas irracional de uma maneira diferente. Nessa época, ele entrava na escola e era oprimido com menos violência. Gordon nunca teve muito sucesso na escola – não se esforçou e não ganhou nenhuma bolsa de estudos –, mas conseguiu desenvolver seu cérebro de acordo com as linhas que lhe convinham. Leu os livros que o diretor recomendou do púlpito e desenvolveu opiniões não ortodoxas sobre os anglicanos, o patriotismo e os grupos dos garotos mais velhos. Também começou a escrever poesia. Depois de um ou dois anos, começou até mesmo a enviar poemas ao *Athenaeum*, à *New Age* e ao *Weekly Westminster*; mas foram todos invariavelmente rejeitados. Claro que havia outros meninos semelhantes a ele com quem se associava. Cada escola pública tem sua pequena *intelligentsia* constrangida. E naquele momento, nos anos logo após a guerra, a Inglaterra estava tão cheia de opiniões revolucionárias que até as escolas públicas foram contaminadas por ela. Os jovens, mesmo aqueles que eram jovens demais para lutar, estavam de mau humor com os mais velhos, como deveriam estar; no momento, praticamente todo mundo com algum cérebro era um revolucionário. Enquanto isso, os mais velhos – pode-se dizer daqueles com mais de 60 anos – corriam em círculos como galinhas, esbravejando sobre "ideias subversivas". Gordon e seus amigos se divertiram bastante com suas "ideias subversivas". Durante um ano inteiro, eles publicaram um jornal mensal não oficial chamado *Bolchevique*, reproduzido com mimeógrafo. Ele defendia o socialismo, o amor livre, o desmembramento do Império Britânico, a abolição do Exército e da Marinha, e assim por diante. Era muito divertido. Todo menino inteligente de 16 anos é socialista. Nessa idade não se vê o anzol dentro de uma isca suculenta.

De uma maneira rude e infantil, ele começou a pegar o jeito desse negócio de dinheiro. Mais cedo do que a maioria das pessoas, ele percebeu que TODO o comércio moderno é uma fraude. Curiosamente, foram os anúncios nas estações de metrô que o acordaram para a vida. Ele mal sabia, como dizem os biógrafos, que ele próprio um dia teria um emprego em uma empresa de publicidade. Mas havia mais nisso do que simplesmente o mero fato de que todos os negócios são uma fraude. O que ele percebeu, e com mais clareza com o passar do tempo, foi que a adoração ao dinheiro foi elevada à condição de religião. Talvez seja a única religião real – a única religião realmente SENTIDA – que nos resta. Dinheiro é o que Deus costumava ser. O bem e o mal não têm mais significado, exceto o fracasso e o sucesso. Daí a frase profundamente significativa, SE DAR BEM. O decálogo foi reduzido a dois mandamentos. Um para os patrões – os eleitos, o dinheiro, um sacerdócio, por assim dizer – "Você ganhará dinheiro"; o outro para os empregados – os escravos e subordinados – "Não perderás teu emprego". Foi nessa época que ele conheceu *Os filantropos com calças esfarrapadas* e leu sobre o carpinteiro faminto que penhora tudo, mas consegue manter sua aspidistra. A aspidistra tornou-se uma espécie de símbolo para Gordon depois disso. A aspidistra, flor da Inglaterra! Deveria estar em nosso brasão, em vez do leão e do unicórnio. Não haverá revolução na Inglaterra enquanto houver aspidistras nas janelas.

Ele não odiava nem desprezava seus parentes agora – ou não com tanta intensidade, pelo menos. Eles ainda o deprimiam muito. Aquelas pobres tias e tios enfraquecidos – dos quais dois ou três já haviam morrido – seu pai, exausto e sem ânimo, sua mãe, embotada, nervosa e "frágil" (seus pulmões não eram muito fortes), Julia, já com 21 anos, uma escrava zelosa e resignada que trabalhava doze horas por dia e nunca tinha um vestido decente. Mas ele entendeu agora qual era o problema

com eles. Não era MERAMENTE falta de dinheiro. Mesmo não tendo um tostão, eles ainda viviam mentalmente no mundo do dinheiro: o mundo em que dinheiro é uma virtude e pobreza é um crime. Não foi a pobreza, mas serem arrastados para uma pobreza RESPEITÁVEL os deixou assim. Eles aceitaram o código do dinheiro e, seguindo esse código, fracassaram. Nunca tiveram o bom senso de desapegar-se e apenas VIVER, com ou sem dinheiro, como fazem as classes mais baixas. Como as classes mais baixas estão certas! Tiremos o chapéu para o rapaz da fábrica que com quatro pence no mundo faz de sua garota uma mulher honrada! Pelo menos ele tem sangue e não dinheiro nas veias.

Gordon pensou em tudo, da maneira egoísta e ingênua de um menino. Existem duas maneiras de viver, ele decidiu. Você pode ser rico ou pode recusar-se deliberadamente a ser rico. Você pode possuir dinheiro ou pode desprezar o dinheiro; a única coisa fatal é adorar o dinheiro e não o obter. Ele tinha como certo que ele mesmo nunca seria capaz de ganhar dinheiro. Quase não lhe ocorreu que poderia ter talentos a serem aproveitados. Foi o que seus professores fizeram por ele; haviam esfregado em sua cara que ele era um pequeno incômodo sedicioso e que provavelmente não seria ninguém na vida. Ele aceitou isso. Muito bem, então, ele recusaria todo o negócio de “ser alguém”; ele faria de seu propósito especial “NÃO ser alguém”. Melhor reinar no inferno do que servir no céu; melhor servir no inferno do que servir no céu, afinal. Já aos 16 anos, ele sabia de que lado estava. Era CONTRA o deus do dinheiro e todo o seu sacerdócio imundo. Ele havia declarado guerra ao dinheiro; mas secretamente, é claro.

Seu pai faleceu quando Gordon completou 17 anos, deixando cerca de duzentas libras. Julia já estava trabalhando havia alguns anos. Durante 1918 e 1919, ela trabalhou em um escritório do governo, e depois disso fez um curso de culinária

e conseguiu um emprego em uma pequena loja de chá desagradável e elegante perto da estação de metrô Earl's Court. Ela trabalhava setenta e duas horas por semana e recebia almoço, chá e vinte e cinco xelins; com isso, contribuía nas despesas de casa com doze xelins por semana. Muitas vezes contribuía com mais. Obviamente, agora que o senhor Comstock estava morto, a melhor coisa a fazer seria tirar Gordon da escola, encontrar um emprego para ele e dar a Julia as duzentas libras para abrir sua própria casa de chá. Mas aqui a habitual loucura dos Comstock sobre dinheiro entrou em cena. Nem Julia nem sua mãe se convenceriam que Gordon precisava sair da escola. Com o estranho esnobismo idealista das classes médias, elas estavam dispostas a ir para o abrigo antes de deixar Gordon parar com os estudos antes dos 18 anos, quando atingiria a maioridade. As duzentas libras, ou mais da metade delas, deviam ser usadas para completar a "formação educacional" de Gordon. Gordon deixou-as fazer isso. Ele havia declarado guerra ao dinheiro, mas isso não o impedia de ser extremamente egoísta. Claro que temia esse negócio de ir trabalhar. Que garoto não temeria isso? Morrer de tédio em algum escritório sujo – Deus! Seus tios e tias já estavam falando tristemente sobre "conseguir que Gordon se estabelecesse na vida". Eles viam tudo em termos de "bons empregos". O jovem Smith conseguiu um "emprego tão bom" em um banco, e o jovem Jones conseguiu um "emprego tão bom" em uma seguradora. Ele ficava doente ao ouvi-los. Eles pareciam querer ver cada jovem na Inglaterra pregado no caixão de um "bom emprego".

Enquanto isso, o dinheiro precisava ser ganho. Antes de seu casamento, a mãe de Gordon era professora de música e, desde então, tinha aceitado alunos esporadicamente, quando a família estava com menos dinheiro do que o normal. Ela havia decidido que começaria a dar aulas de novo. Era bastante fácil conseguir alunos nos subúrbios – eles moravam em Acton – e

com as mensalidades da música e a contribuição de Julia, eles provavelmente poderiam "se virar" pelos próximos um ou dois anos. Mas o estado dos pulmões da senhora Comstock agora estavam mais do que "frágeis". O médico que atendeu seu marido antes de sua morte colocou o estetoscópio em seu peito e parecia sério. Ele disse a ela para se cuidar, se aquecer, comer alimentos nutritivos e, acima de tudo, evitar o cansaço. O trabalho inquietante e cansativo de dar aulas de piano claramente era a pior coisa possível para ela. Gordon não sabia de nada disso. Julia sabia, entretanto. Era um segredo entre as duas mulheres, cuidadosamente escondido de Gordon.

Um ano se passou. Gordon gastou o dinheiro miseravelmente, cada vez mais envergonhado por suas roupas surradas e pela falta de mesada, o que tornava as garotas um objeto de terror para ele. No entanto, a *New Age* aceitou um de seus poemas naquele ano. Enquanto isso, sua mãe sentava-se em banquinhos desconfortáveis de piano em salas de estar arejadas, dando aulas a dois xelins por hora. E então Gordon deixou a escola, e o gordo e intrometido tio Walter, que tinha escassas conexões com o comércio, se apresentou e disse que um amigo de um amigo dele poderia conseguir para Gordon um "bom emprego" no departamento de contas de uma fábrica de mínio. Era realmente um trabalho esplêndido – uma oportunidade maravilhosa para um jovem. Se Gordon se esforçasse para trabalhar com o espírito certo, ele poderia ser um figurão um dia desses. A alma de Gordon estremeceu. De repente, como acontece com as pessoas fracas, ele enrijeceu e, para horror de toda a família, recusou-se até mesmo a tentar o emprego.

Houve brigas terríveis, é claro. Eles não conseguiam entendê-lo. Parecia-lhes uma espécie de blasfêmia recusar um "bom emprego" quando aparecia uma oportunidade. Ele repetia que não queria ESSE TIPO de trabalho. Então o que

ele queria?, todos questionavam. Ele queria “escrever”, dizia-lhes mal-humorado. Mas como ele poderia ganhar a vida “escrevendo”?, insistiam na pergunta. E claro que ele não conseguiu responder. No fundo de sua mente estava a ideia de que ele poderia, de alguma forma, viver escrevendo poesia; mas isso era absurdo demais para ser mencionado. De qualquer forma, Gordon não estava entrando nos negócios, no mundo do dinheiro. Ele teria um emprego, mas não um “bom emprego”. Nenhum deles tinha a menor ideia do que ele queria dizer. Sua mãe chorou, até Júlia o “intimou”, e ao seu redor havia tios e tias (ainda tinha seis ou sete) que o contra-argumentavam inaptamente e vociferavam sem sucesso. Depois de três dias, uma coisa terrível aconteceu. No meio da ceia, sua mãe foi acometida por um violento acesso de tosse, levou a mão ao peito, caiu para a frente e começou a sangrar pela boca.

Gordon ficou apavorado. Sua mãe não morreu naquele momento, mas pareceu moribunda enquanto a carregavam para cima. Gordon correu para o médico. Por vários dias, sua mãe esteve às portas da morte. Foram as salas de estar com correntes de ar e as caminhadas de um lado para outro em todos os climas que contribuíram para seu esgotamento. Gordon pairava desamparado pela casa, com um sentimento terrível de culpa misturado à sua miséria. Ele não sabia exatamente, mas meio que previa que sua mãe havia se matado para pagar suas mensalidades escolares. Depois disso, não poderia mais se opor a ela. Foi até o tio Walter e disse-lhe que aceitaria aquele emprego na fábrica de mínios, se eles o contratassem. Então tio Walter falou com seu amigo, e o amigo falou com seu amigo, e Gordon foi chamado e entrevistado por um velho cavalheiro com a dentadura mal-ajustada e, enfim, conseguiu um emprego em fase de experiência. Ele começou com vinte e cinco xelins por semana. E permaneceu seis anos nessa empresa.

Eles se mudaram de Acton e alugaram um apartamento em um desolado condomínio de apartamentos vermelho em algum lugar do distrito de Paddington. A senhora Comstock levara o piano e, quando recuperou um pouco das forças, dava aulas ocasionais. Os salários de Gordon foram gradualmente aumentados, e os três "se viraram". Eram Julia e a senhora Comstock que faziam a maior parte da "gestão financeira". Gordon ainda tinha o egoísmo de um menino em relação ao dinheiro. No escritório, não se saía muito mal. Dizia-se que ele fazia jus ao seu salário, mas não era do tipo que Se Dava Bem. De certa forma, o desprezo absoluto que sentia por seu trabalho tornava as coisas mais fáceis para ele. Ele poderia suportar essa vida sem sentido de escritório, porque nunca, nem por um instante, pensou nela como permanente. De alguma forma, algum dia, Deus sabia como ou quando, ele se libertaria disso. Afinal, sempre havia sua "escrita". Algum dia, talvez, ele pudesse ganhar a vida "escrevendo"; e dava para se sentir livre do fedor do dinheiro se fosse um "escritor", não é? Os tipos que ele via ao seu redor, especialmente os homens mais velhos, o faziam se contorcer. Era isso que significava adorar o deus do dinheiro! Estabelecer-se, Se Dar Bem, vender a alma por uma boa casa e uma aspidistra! Para se transformar no típico indivíduo sorrateiro de chapéu-coco – o "homenzinho" das sátiras de Strube – o pequeno e dócil citadino que volta para casa às seis e quinze para jantar torta caseira e peras enlatadas cozidas, passa meia hora ouvindo o Concerto Sinfônico da BBC, e então talvez tenha um momento de relação sexual lícita se sua esposa "estiver com vontade". Que destino! Não, ninguém deveria viver desse jeito. É preciso fugir exatamente disso, do fedor do dinheiro. Era uma espécie de trama que ele estava acalentando. Era como se estivesse dedicado a essa guerra contra o dinheiro. Mas ainda era segredo. As pessoas no escritório nunca suspeitaram que ele tivesse ideias heterodoxas. Eles nunca descobriram que

Gordon escrevia poesia – não que houvesse muito a descobrir, pois em seis anos ele tinha menos de vinte poemas impressos nas revistas. Olhando para ele, via-se o mesmo que em qualquer outro funcionário da City: apenas um soldado pendurado do exército de trabalhadores que balança nas carruagens do metrô para o leste pela manhã e para o oeste à noite.

Ele tinha 24 anos quando sua mãe morreu. A família estava se desintegrando. Apenas quatro membros da geração mais velha de Comstock restaram agora: tia Angela, tia Charlotte, tio Walter e outro tio que morreu um ano depois. Gordon e Julia desistiram do apartamento. Gordon alugou um quarto mobiliado na Doughty Street (ele se sentia vagamente literário morando em Bloomsbury), e Julia mudou-se para Earl's Court, para ficar perto da loja. Julia agora estava com quase 30 anos e parecia muito mais velha. Estava mais magra do que nunca, embora saudável o suficiente, e tinha alguns cabelos grisalhos. Ainda trabalhava doze horas por dia e, em seis anos, seu salário só aumentara dez xelins por semana. A senhora horrivelmente elegante que mantinha a casa de chá era uma quase-amiga – além de empregadora –, e portanto, podia tirar seu couro e intimidar Julia ao som de "querida" e "meu bem". Quatro meses após a morte de sua mãe, Gordon repentinamente abandonou seu emprego. Não se justificou à empresa. Eles imaginaram que ele "se aperfeiçoaria" e – felizmente, como se viu – deram-lhe referências muito boas. Nem tinha pensado em procurar outro emprego. Queria pôr um fim no passado. A partir de agora respiraria ar livre, livre do fedor do dinheiro. Ele não esperou conscientemente que sua mãe morresse antes de sair do trabalho; ainda assim, foi a morte de sua mãe que o instigou.

É claro que havia outra briga mais desoladora com os que restavam da família. Eles pensaram que Gordon havia

enlouquecido. Repetidamente ele tentava, em vão, explicar-lhes por que não se entregava à servidão de um "bom" emprego". "Mas do que você vai viver? Do que você vai viver?", todos se lamuriavam para ele. Ele se recusava a pensar seriamente nisso. Claro que ainda nutria a noção de que poderia ganhar a vida "escrevendo". Nessa época ele conheceu Ravelston, editor da *Antichrist*. E Ravelston, além de imprimir seus poemas, conseguiu fazer com que Gordon escrevesse críticas literárias, ocasionalmente. Suas perspectivas literárias não eram tão sombrias como há seis anos. Mesmo assim, não era o desejo de "escrever" seu verdadeiro motivo. Sair do mundo do dinheiro – era isso que ele queria. Vagamente ansiava por algum tipo de existência de anacoreta sem dinheiro. Ele tinha a sensação de que, se você realmente desprezava o dinheiro, poderia continuar de alguma forma, como os pássaros do ar. Ele se esqueceu que os pássaros do ar não precisavam pagar aluguel de pensão. O poeta morrendo de fome em um sótão, mas, de alguma forma, não em desconforto – era essa sua visão de si mesmo.

Os sete meses seguintes foram devastadores. Eles o assustaram e quase arruinaram seu espírito. Ele aprendeu o que significava viver semanas inteiras a pão e margarina, tentar "escrever" quando se estava faminto, penhorar roupas, esgueirar-se trêmulo escada acima quando se devia três semanas de aluguel e sua senhoria estava à espreita, esperando. Além disso, nesses sete meses ele não escreveu praticamente nada. O primeiro efeito da pobreza é que ela mata o pensamento. Ele percebeu, como se fosse uma descoberta, que não se foge do dinheiro simplesmente por não ter dinheiro. Ao contrário, você é um escravo desesperado do dinheiro até que tenha o suficiente para viver dele, uma "reserva ", como diz a expressão execrável da classe média. Por fim, ele foi expulso de seu quarto, após uma discussão pesada. Ficou três dias e quatro noites na rua. Foi terrível. Por

três manhãs, a conselho de outro homem que conheceu no Embankment, ele ficou em Billingsgate, ajudando a empurrar carrinhos de mão com peixes pelas pequenas colinas sinuosas de Billingsgate para Eastcheap. “Dois pence a viagem” foi tudo o que você conseguiu, e o trabalho destruiu os músculos de suas coxas. Havia uma multidão de pessoas com o mesmo trabalho e era preciso esperar a sua vez; você tinha sorte se conseguisse ganhar dezoito pence entre quatro e nove horas da manhã. Depois de três dias Gordon desistiu. Para que tudo aquilo? Ele estava acabado. Não havia nada a fazer a não ser voltar para sua família, pedir dinheiro emprestado e encontrar outro emprego.

Mas agora, é claro, não havia nenhum trabalho o esperando. Por meses viveu mendigando à família. Julia o sustentou até que o último centavo de suas minúsculas economias se foi. Foi abominável. Aqui estava o resultado de todas as suas grandes atitudes! Ele havia renunciado à ambição, declarado guerra ao dinheiro, e tudo o que isso resultou foi na piedade da sua irmã! E Julia, ele sabia, sentia muito mais pelo fracasso dele do que pela perda de suas economias. Ela tinha tantas expectativas em Gordon. Só ele, de todos os Comstock, tinha condições de “ser alguém”. Mesmo agora, ela acreditava que de alguma forma, algum dia, ele iria recuperar a fortuna da família. Ele era tão “inteligente” – certamente poderia ganhar dinheiro se tentasse! Gordon ficou dois meses inteiros com a tia Angela em sua casinha em Highgate – a pobre, desbotada e mumificada tia Angela, que até para si mesma mal tinha o que comer. Todo esse tempo ele procurou desesperadamente por trabalho. Tio Walter não pôde ajudá-lo. Sua influência no mundo dos negócios nunca havia sido grande, mas agora era praticamente nula. Por fim, porém, e de maneira bastante inesperada, a sorte mudou. Um amigo de um amigo do irmão do empregador de Julia conseguiu um emprego para Gordon no departamento de contas da Companhia de Publicidade New Albion.

A New Albion foi uma daquelas empresas de publicidade que surgiram em todos os lugares desde a guerra – os fungos, como você poderia dizer, que brotam de um capitalismo decadente. Era uma empresa pequena e em ascensão que recebia todos os tipos de publicidade que podia obter. Ela desenhava certo número de pôsteres em grande escala para cervejas pretas, farinhas com fermento e assim por diante, mas sua linha principal eram anúncios de chapelaria e cosméticos em revistas femininas, além de pequenos anúncios em jornais baratos, como o Pílulas de Rosa para Distúrbios Femininos, Seu Horóscopo – criado pelo professor Raratongo, Os Sete Segredos de Vênus, Novas Esperanças para Varizes, Ganhe Cinco Libras por Semana em Seu Tempo Livre, e a Loção Capilar Cyprolax Elimina Todos os Intrusos Desagradáveis. Havia uma grande equipe de artistas comerciais, é claro. Foi aqui que Gordon conheceu Rosemary. Ela estava no "estúdio" e o ajudava a criar anúncios de moda. Passou muito tempo antes que ele realmente falasse com ela. A princípio, ele a conhecia apenas como uma personagem remota, pequena, morena, com movimentos rápidos, nitidamente atraente, mas bastante intimidante. Quando se cruzavam nos corredores, ela o olhava com ironia, como se soubesse tudo sobre ele e o considerasse uma piada; no entanto, ela parecia olhar para ele com um pouco mais de frequência do que o necessário. Ele não tinha nada a ver com a área dela nos negócios. Ele trabalhava no departamento de contas, um mero funcionário com três libras por semana.

O interessante sobre a New Albion era que tinha um espírito moderno. Dificilmente haveria uma pessoa na empresa que não estivesse perfeitamente ciente de que a publicidade – a propaganda – é a fraude mais suja que o capitalismo já produziu. Na fábrica de mínios ainda persistiam certas noções de honra e utilidade comercial. Mas essas coisas seriam motivo de chacota na New Albion. A maioria dos funcionários

era do tipo obstinado, americanizado e dinâmico, para quem nada no mundo é sagrado, exceto o dinheiro. Seu código cínico deu certo. O público é um porco; a publicidade é o barulho de uma vara dentro de um balde de lavagem. No entanto, por trás de seu cinismo, havia a ingenuidade final, a adoração cega do deus do dinheiro. Gordon estudou-os discretamente. Como antes, ele fazia seu trabalho razoavelmente bem e seus colegas o desprezavam. Nada mudou em sua essência. Ele ainda desprezava e repudiava o código do dinheiro. De alguma forma, mais cedo ou mais tarde, ele iria escapar disso; mesmo agora, após seu primeiro fiasco, ele ainda planejava escapar. Ele era parte de um mundo que só o dinheiro importava, mas que não, necessariamente, pertencia ao dinheiro. Quanto aos tipos com os quais convivia – os pequenos vermes de chapéu-coco que nunca se viravam e, os empreendedores peçonhentos da sarjeta da faculdade de negócios americana –, eles o entretinham na maioria das vezes. Gostava de estudar aquelas mentalidades servis que só pensavam em manter os empregos. Era o jovem escocês que tomava notas entre eles.

Um dia aconteceu uma coisa curiosa. Alguém por acaso viu um poema de Gordon em uma revista e anunciou que "tinha um poeta no escritório". É claro que os outros funcionários riram de Gordon, mas não de maneira mal-humorada. Eles o apelidaram de "o bardo" daquele dia em diante. Mas embora se divertissem, eles também eram ligeiramente desdenhosos. Isso ratificou todas as impressões que tinham de Gordon. Um sujeito que escrevia poesia não era exatamente o tipo que Se Dava Bem. Mas o episódio teve um desdobramento inesperado. Mais ou menos na época em que os funcionários se cansaram de zombar de Gordon, o senhor Erskine, o diretor-geral, que até então não prestara tanta atenção nele, mandou chamá-lo para entrevistá-lo.

O senhor Erskine era um homem grande e lento, com um rosto largo, saudável e sem expressão. Por sua aparência e pela lentidão de sua fala, você teria palpitado com segurança que ele tinha algo a ver com agricultura ou pecuária. Sua inteligência era tão lenta quanto seus movimentos, e ele era o tipo de homem que nunca ouve falar de nada até que todo mundo pare de falar sobre isso. Como tal homem chegou a comandar uma agência de publicidade, só os estranhos deuses do capitalismo sabem. Mas ele era uma pessoa muito agradável. Não tinha aquele espírito farejador e rígido que normalmente acompanha a habilidade de ganhar dinheiro. E, de certa forma, sua estupidez o colocou em uma boa posição. Sendo insensível ao preconceito popular, ele podia avaliar as pessoas por seus méritos; consequentemente, era perspicaz em escolher funcionários talentosos. A notícia de que Gordon havia escrito poemas, longe de chocá-lo, o impressionou vagamente. Eles queriam talentos literários na New Albion. Tendo mandado chamar Gordon, ele o estudou de um modo sonolento, de soslaio, e fez-lhe uma série de perguntas inconclusivas. Ele nunca ouviu as respostas de Gordon, mas pontuou suas perguntas com um ruído que soava como "Hum, hum, hum". Escreveu poesia, não é? Hein? Hum. E foi publicado nos jornais? Hum, hum. Suponho que eles paguem por esse tipo de coisa… Não muito, hein? Não, suponho que não. Hum, hum. Poesia? Hum. Deve ser um pouco difícil. Conseguir que as linhas tenham o mesmo comprimento e tudo mais. Hum, hum. Escreve mais alguma coisa? Histórias e coisas assim? Hum. Ah sim? Muito interessante. Hum!

Então, sem mais perguntas, ele promoveu Gordon a um cargo especial de secretário – na verdade, aprendiz – do senhor Clew, o redator-chefe da New Albion. Como qualquer outra agência de publicidade, a New Albion estava constantemente em busca de redatores com um toque de imaginação. É um fato curioso, mas é muito mais fácil encontrar desenhistas

competentes do que encontrar pessoas que possam pensar em slogans como “Molho Q. T. – deixa o maridinho sorrindo” e “As crianças clamam pelo seu cereal”. O salário de Gordon não aumentou com a promoção, mas a empresa estava de olho nele. Com sorte, poderia se tornar um redator por completo dentro de um ano. Foi uma chance inconfundível de Se Dar Bem.

Por seis meses ele trabalhou com o senhor Clew. O senhor Clew era um homem atormentado, na casa dos 40 anos, com cabelos crespos nos quais ele costumava enfiar os dedos. Trabalhava em um pequeno escritório abafado, cujas paredes estavam inteiramente cobertas de papel com seus triunfos anteriores na forma de pôsteres. Ele acolheu Gordon sob sua proteção de maneira amigável, mostrou-lhe o caminho e estava até pronto para ouvir suas sugestões. Naquela época, eles estavam trabalhando em uma linha de anúncios em revistas para o April Dew – o ilustre desodorante que a Artigos para Toalete Rainha de Sabá (curiosamente, esta era a empresa de Flaxman) estava lançando no mercado. Gordon começou no trabalho com uma aversão secreta. Mas agora passava por uma situação bastante inesperada. Foi que Gordon mostrou, quase desde o início, um talento notável para a redação. Ele poderia compor um anúncio como se tivesse nascido para isso. A frase vívida que irrita e gruda na cabeça, o pequeno parágrafo tão bem feito que reúne um mundo de mentiras em cem palavras – eles lhe ocorriam quase que repentinamente. Ele sempre teve um dom para as palavras, mas esta foi a primeira vez que ele o usou com sucesso. O senhor Clew considerou-o muito promissor. Gordon observou seu próprio desenvolvimento, primeiro com surpresa, depois com diversão e, finalmente, com uma espécie de horror. ISSO, então era para isso que ele estava vivendo! Escrevendo mentiras para tirar o dinheiro do bolso dos tolos! Também havia uma ironia terrível no fato de que ele, que queria ser um “escritor”, teve seu único sucesso

escrevendo anúncios de desodorantes. No entanto, isso era menos incomum do que ele imaginava. A maioria dos redatores, dizem por aí, são romancistas *manqués*; ou seria o contrário?

A Rainha de Sabá ficou muito satisfeita com os anúncios. O senhor Erskine também ficou satisfeito. O salário de Gordon aumentou para dez xelins por semana. E foi então que Gordon ficou com medo. Afinal, o dinheiro o estava conquistando. Ele estava descendo, descendo, na direção do dinheiro. Um pouco mais e ele estaria preso nele para o resto da vida. É estranho como essas coisas acontecem. Você se opõe ao sucesso, jura nunca Se Dar Bem – acredita sinceramente que não poderia se dar bem mesmo se quisesse; e então algo acontece, um mero acaso, e você se descobre se dando bem quase que automaticamente. Viu que era agora ou nunca a hora de escapar. Tinha que sair disso – sair do mundo do dinheiro, irrevogavelmente, antes que estivesse muito envolvido.

Mas dessa vez não se submeteria à fome. Foi a Ravelston e pediu sua ajuda. Disse que queria algum tipo de trabalho; não um "bom emprego", mas um trabalho que manteria seu corpo sem precisar vender sua alma. Ravelston entendeu perfeitamente. A distinção entre um emprego e um "bom" emprego não precisava ser explicada, e ele também não mostrou a Gordon a loucura que estava cometendo. Essa era uma característica maravilhosa de Ravelston. Ele sempre podia entender o ponto de vista de outra pessoa. Era o dinheiro que fazia isso, sem dúvida; pois os ricos podem se dar ao luxo de ser inteligentes. Além disso, uma vez que era mesmo rico, ele poderia encontrar empregos para outras pessoas. Depois de apenas duas semanas, ele conversou com Gordon sobre algo que poderia lhe servir. O senhor McKechnie – um vendedor de livros de segunda mão um tanto dilapidado com quem Ravelston fazia negócios ocasionalmente – procurava um

assistente. Ele não queria um assistente treinado que esperasse salários integrais; ele queria alguém que parecesse um cavalheiro e pudesse falar sobre livros – alguém para impressionar os clientes mais livrescos. Era exatamente o oposto de um "bom" emprego. As horas eram longas, o pagamento era péssimo: duas libras por semana, e não havia chance de promoção. Um trabalho que parecia um beco sem saída. E, é claro, um emprego que era como um beco sem saída era exatamente o que Gordon estava procurando. Ele foi conhecer o senhor McKechnie, um velho escocês sonolento e bonzinho, com um nariz vermelho e uma barba branca manchada de rapé, e acabou contratado na hora. Nessa época, também, seu volume de poemas, *Ratos*, seria enviado aos jornais. O sétimo editor a quem ele enviou o aceitou. Gordon não sabia que isso era obra de Ravelston. Ravelston era amigo pessoal do editor. Ele estava sempre arranjando esse tipo de coisa, furtivamente, para poetas obscuros. Gordon pensou que o futuro estava se abrindo diante dele. Ele era um "homem feito" – ou, pelos padrões smilesianos, aspidistrais – "desfeito".

Entregou a notificação de aviso prévio de um mês no escritório. Foi uma decisão dolorosa. Julia, é claro, ficou mais angustiada do que nunca com esse segundo abandono de um "bom" emprego. A essa altura, Gordon já conhecia Rosemary. Ela não tentou impedi-lo de abandonar o emprego. Era contra sua ética interferir, "Você tem que viver sua vida", sempre foi seu bordão. Mas ela não entendia absolutamente nada do porquê de ele estar fazendo isso. Curiosamente, o que mais o aborreceu foi a entrevista de desligamento com o senhor Erskine. O senhor Erskine foi genuinamente gentil. Não queria que Gordon deixasse a empresa e disse isso com franqueza. Com uma espécie de polidez elefantina, ele se absteve de chamar Gordon de rapaz idiota. Mas o indagou sobre seus motivos para deixá-los. De alguma forma, Gordon não

conseguiu evitar responder, ou dizer, a única coisa que o senhor Erskine teria entendido: que estava procurando um emprego mais bem pago. Ele deixou escapar, envergonhado, que "não achava que os negócios lhe convinham" e que "queria trabalhar como escritor". O senhor Erskine foi evasivo.

– Escrevendo, hein? Hum. Muito dinheiro nesse tipo de coisa hoje em dia? Não muito, hein? Hum. Não, suponho que não. Hum.

Gordon, sentindo-se ridículo e parecendo ridículo, resmungou que tinha "Um livro que acabara de ser lançado". Um livro de poemas – acrescentou com dificuldade em pronunciar a palavra. O senhor Erskine o olhou de soslaio antes de comentar:

– Poesia, hein? Hum. Poesia? Ganhar a vida com esse tipo de coisa, você acha que consegue?

– Bem, não exatamente ganhar a vida. Mas ajudaria.

– Hum, bem! Você sabe o que está fazendo, eu espero. Se quiser um emprego a qualquer momento, volte para nós. Ouso dizer que podemos encontrar uma vaga para você. Podemos achar algo aqui que seja sua cara. Não esqueça.

Gordon partiu com uma sensação odiosa de ter se comportado de maneira perversa e ingrata. Mas ele tinha que fazer isso; precisava sair do mundo do dinheiro. Foi estranho. Em toda a Inglaterra, os jovens se matavam por falta de empregos, e aqui estava ele, Gordon, para quem a própria palavra "emprego" era um tanto nauseante, por ter empregos indesejados impostos a ele. Foi um exemplo do fato que você pode conseguir qualquer coisa neste mundo se realmente não a quiser. Além disso, as palavras do senhor Erskine ficaram gravadas em sua mente. Provavelmente ele estava sendo sincero. Provavelmente haveria um trabalho esperando por

Gordon se ele decidisse voltar. Portanto, seu passado estava parcialmente finalizado. A New Albion era uma desgraça diante dele e depois dele.

Mas o quanto foi feliz logo no início, na livraria do senhor McKechnie! Por algum tempo – muito pouco – ele teve a ilusão de estar realmente fora do mundo do dinheiro. É claro que o comércio de livros era uma fraude, como todos os outros negócios; mas era uma fraude diferente! Aqui não havia pressa em "Se Dar Bem" nem em rastejar na sarjeta. Nenhum empreendedor aguentaria dez minutos do ar estagnado do comércio de livros. Quanto ao trabalho, era muito simples. Era principalmente uma questão de ficar na loja dez horas por dia. O senhor McKechnie não era um idiota ruim. Ele era escocês, claro, tão escocês quanto poderia ser. De qualquer forma, ele estava razoavelmente livre da avareza – seu traço mais característico parecia ser a preguiça. Ele também era abstêmio e pertencia a alguma seita não conformista, mas isso não afetou Gordon. Gordon estava na loja há cerca de um mês quando *Ratos* foi publicado. Nada menos que treze jornais escreveram uma crítica sobre ele! E a publicação de crítica literária do suplemento literário do *The Times* disse que se mostrava como uma "promessa excepcional". Só meses depois ele percebeu o fracasso irremediável que o *Ratos* realmente havia sido.

E foi só agora, quando ele estava com menos de duas libras por semana e praticamente se isolou da perspectiva de ganhar mais, que ele compreendeu a verdadeira natureza da batalha que estava lutando. O diabólico nisso é que o brilho da renúncia nunca dura. A vida com duas libras por semana deixa de ser um gesto heroico e se torna um hábito sombrio. O fracasso é uma fraude tão grande quanto o sucesso. Ele abandonou seu "bom emprego" e renunciou aos "bons empregos" para sempre. Bem, isso foi necessário. Ele não

queria voltar atrás. Mas não adiantava fingir que, porque sua pobreza foi autoimposta, ele escapou dos males que a pobreza arrasta em seu encalço. Não era uma questão de sofrimento. Você não sofre dificuldades físicas reais com duas libras por semana e, se sofresse, não faria diferença. É no cérebro e na alma que a falta de dinheiro prejudica você. Morte mental, miséria espiritual – elas parecem cair sobre você inevitavelmente quando sua renda cai abaixo de um certo ponto. Fé, esperança, dinheiro – só um santo poderia ter os dois primeiros sem ter o terceiro.

Ele estava ficando mais maduro. Vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove. Ele atingiu a idade em que o futuro deixa de ser um borrão rosado e se torna real e ameaçador. O espetáculo de seus parentes sobreviventes o deprimia cada vez mais. À medida que envelhecia, ele se sentia mais parecido com eles. Era assim que ele estava ficando! Mais alguns anos, e ele seria assim, sem mais nem menos! Ele sentiu isso mesmo com Julia, a quem via com mais frequência do que seu tio e sua tia. Apesar de várias resoluções para nunca mais fazer isso, ele ainda pedia dinheiro emprestado a Julia periodicamente. O cabelo de Julia estava ficando grisalho rapidamente; havia uma linha profunda marcada em cada uma de suas finas bochechas vermelhas. Ela havia estabelecido sua vida em uma rotina na qual não era infeliz. Havia seu trabalho na loja, sua "costura" à noite em seu quarto de dormir em Earl's Court (segundo andar, fundos, nove contos por semana sem mobília) e suas ocasionais reuniões com amigas solteironas tão solitárias quanto ela. Era a típica vida submersa da mulher solteira sem um tostão; ela aceitou, mal percebendo que seu destino poderia ter sido diferente. No entanto, ela sofria ao seu modo, mais por Gordon do que por si mesma. A decadência gradual da família, a maneira como eles morreram e não deixaram nada para trás, foi uma espécie de tragédia em sua mente. Dinheiro, dinheiro! "Nenhum de nós parece ganhar

dinheiro!", era seu lamento perpétuo. E de todos eles, só Gordon teve a chance de ganhar dinheiro; e Gordon optou por não fazê-lo. Ele estava afundando espontaneamente na mesma rotina de pobreza que os outros. Depois que se desentenderam, ela estava decente demais para "intimidá-lo" sobre abandonado o emprego na New Albion. Mas seus motivos eram totalmente insignificantes para ela. Em seu jeito feminino sem palavras, ela sabia que o pecado contra o dinheiro é o pecado final.

E quanto à tia Angela e ao tio Walter – oh, meu Deus! Que dupla! Gordon se sentia dez anos mais velho cada vez que os via.

Tio Walter, por exemplo. Tio Walter era muito deprimente. Ele estava com 67 anos e, com suas várias "agências" e os restos cada vez menores de seu patrimônio, sua renda talvez fosse de quase três libras por semana. Ele usava um quartinho perto da Cursitor Street como escritório e morava em uma pensão muito barata em Holland Park. Isso estava de acordo com o precedente; todos os homens de Comstock foram naturalmente fadados às pensões. Quando você olha para o seu pobre tio velho, com sua grande barriga flácida, sua voz brônquica, seu rosto largo, pálido, tímido e pomposo, parecido com o retrato de Henry James de Sargent, sua cabeça totalmente sem pelos, seus olhos pálidos e um protuberante bigode sempre caído, o qual ele tentava inutilmente girar para cima – quando você olhava para ele, achava totalmente impossível acreditar que ele tivesse sido jovem um dia. Seria concebível que tal ser, alguma vez, tivesse sentido a vida latejar nas veias? Ele já escalou uma árvore, quase perdeu a cabeça em um trampolim ou se apaixonou? Ele alguma vez teve um cérebro em funcionamento? Mesmo no início dos anos 1890, quando era aritmeticamente jovem, ele já havia tentado viver intensamente? No máximo tentou algumas

brincadeiras furtivas e indiferentes. Alguns uísques em bares maçantes, uma ou duas visitas ao calçadão Empire, um pouco de putaria no Q.T.; o tipo de fornicação sombria e enfadonha que você pode imaginar acontecendo entre múmias egípcias depois que o museu fecha à noite. E depois disso, os longos e tranquilos anos de falência nos negócios, solidão e estagnação em pensões sem Deus.

E, no entanto, o tio em sua velhice provavelmente não estava infeliz. Ele tinha um *hobby* de interesse infalível: suas doenças. Ele sofria, por conta própria, de todas as doenças do dicionário médico e nunca se cansava de falar sobre elas. De fato, parecia a Gordon que nenhuma das pessoas na pensão de seu tio – ele havia estado lá ocasionalmente – falava sobre qualquer coisa, exceto suas doenças. Por toda a sala escura, pessoas envelhecidas e descoloridas se sentavam em casais, discutindo os sintomas. A conversa deles era como o gotejamento das estalactites nas estalagmites. Pinga, pinga. "Como está seu lumbago?", diz a estalactite à estalagmite. "Acho que meus sais de Kruschen estão me fazendo bem", responde a estalagmite à estalactite. Pinga, pinga, pinga.

E então havia a tia Angela, de 69 anos. Gordon nem mesmo tentava pensar na tia Angela com mais frequência do que poderia conseguir.

Pobre, querida, boa, gentil e deprimente tia Angela!

Pobre tia Angela, enrugada, amarelada como um pergaminho, pele e osso! Lá, em sua miserável casinha geminada em Highgate – Briarbrae. Lá em seu palácio nas montanhas do norte, mora ela, Angela, a Sempre-virgem, de quem nenhum homem vivo ou entre as sombras pôde dizer com sinceridade que em seus lábios ele depositou as tenras carícias de um amante. Ela mora sozinha, e todo o dia ela vai e vem. Em sua mão está o esfregão feito com as penas da cauda

do peru contumaz, e com ele ela lustra as aspidistras com suas folhas escuras e espana o pó tão odiado do resplandecente jogo de chá de porcelana Crown Derby, que nunca será usado. De vez em quando, ela consola seu querido coração com goles de chá preto, tanto do Flowery Orange quanto do Pekoe Points, que os filhos de barbas-ralas do Coromandel a enviaram pelo mar escuro como o vinho. Pobre, querida, boa, gentil, mas no geral nada amável tia Angela! Sua renda era de noventa e oito libras por ano (trinta e oito contos por semana, mas ela mantinha o hábito da classe média de pensar em sua renda como algo anual e não semanal) e, a partir disso, doze libras e seis pence por semana eram gastos na hipoteca. Eventualmente, ela provavelmente teria morrido de fome se Julia não tivesse contrabandeado para ela pacotes de bolos e pão com manteiga da loja – sempre, é claro, apresentados como "Apenas algumas coisinhas que seria uma pena jogar fora", com a solene máxima de fingir que tia Angela realmente não precisava de nada.

No entanto, ela também tinha seus prazeres, a pobre tia. Ela havia se tornado uma grande leitora de romances na velhice, pois a biblioteca pública ficava a apenas dez minutos a pé de Briarbrae. Durante sua vida, por um capricho ou outro, vovô Comstock proibiu suas filhas de lerem romances. Consequentemente, tendo apenas começado a ler romances em 1902, tia Angela sempre esteve algumas décadas atrás do que era tendência no âmbito da ficção. Contudo, ela se arrastou pela retaguarda, fraca, mas tentando se atualizar. Nos anos de 1900, ela ainda lia Rhoda Broughton e a senhora Henry Wood. Nos anos da guerra, ela descobriu Hall Caine e a senhora Humphry Ward. Na década de 1920, ela estava lendo Silas Hocking e H. Seton Merriman, e na década de 1930 ela tinha quase, mas não totalmente, chegado a W. B. Maxwell e William J. Locke. Não conseguiria ir além disso. Quanto aos romancistas do pós-guerra, ela ouvira falar deles de longe,

com sua imoralidade, suas blasfêmias e sua devastadora "esperteza". Mas não viveria para lê-los. Walpole nós conhecemos, e Hichens nós lemos, mas Hemingway, quem é você?

Bem, isso foi em 1934, e foi isso o que sobrou da família Comstock. Tio Walter, com suas "agências" e suas doenças. Tia Angela tirando o pó do jogo de chá de porcelana Crown Derby em Briarbrae. Tia Charlotte, ainda preservando uma vaga existência vegetal na instituição para doentes mentais. Julia, trabalhando setenta e duas horas por semana e "costurando" à noite junto à minúscula lareira a gás de seu dormitório. Gordon, com quase 30 anos, ganhando duas libras por semana no trabalho de um tolo e lutando, como o único objeto demonstrável de sua existência, com um livro terrível que nunca foi adiante.

Possivelmente existiam outros Comstock, mais remotamente aparentados, pois vovô Comstock fazia parte de uma família de doze. Mas se algum sobreviveu, ficou rico e perdeu contato com seus parentes pobres; pois o dinheiro é mais importante do que o sangue. Quanto aos da família de Gordon, a renda combinada dos cinco, levando em consideração a soma total que foi paga quando tia Charlotte entrou para a instituição, poderia chegar a seiscentas libras por ano. Suas idades combinadas somavam 263 anos. Nenhum deles jamais havia saído da Inglaterra, lutado em uma guerra, estado na prisão, andado a cavalo, viajado em um avião, se casado ou dado à luz um filho. Parecia não haver razão para eles não continuarem no mesmo estilo até morrerem. Ano após ano, NADA JAMAIS ACONTECIA na família Comstock.



CAPÍTULO 4

Sopra bruscamente, o vento cominador,

Os álamos curvados e desnudos.

Na verdade, porém, não houve um sopro de vento naquela tarde. O clima estava quase tão ameno quanto na primavera. Gordon repetiu para si mesmo o poema que começara no dia anterior, em um sussurro cadente, simplesmente pelo prazer de ouvi-lo. Ele estava satisfeito com o poema naquele momento. Era um bom poema – ou seria, quando estivesse terminado, de qualquer maneira. Ele havia esquecido que, na noite anterior, ele quase o deixara doente.

Os plátanos pairavam imóveis, obscurecidos por tênues espirais de névoa. Um bonde retumbou no vale lá embaixo. Gordon subiu a Colina Malkin, farfalhando com o peito do pé nas folhas secas e soltas. Elas estavam espalhadas por toda a calçada, enrugadas e douradas, como os flocos farfalhantes de algum cereal matinal americano; como se a rainha de Brobdingnag tivesse derrubado seu pacote de Cereal da Manhã Truweet colina abaixo.

Que alegria eram os dias de inverno sem vento! Melhor época do ano – ou assim Gordon pensou neste momento. Ele estava tão feliz quanto você poderia ficar quando não pôde fumar o dia todo e tinha apenas três meios pence e um joey. Era quinta-feira, dia de fechar mais cedo e tirar a tarde de folga. Estava indo para a casa de Paul Doring, o crítico que

morava em Coleridge Grove e oferecia chás literários.

Levou uma hora ou mais para se preparar. A vida social é muito complicada quando você ganha duas libras por semana. Sofreu ao fazer a barba com água fria logo após o jantar. Vestiu seu melhor terno – já com três anos, mas que conseguia ficar mais aceitável quando ele lembrava de deixar a calça embaixo do colchão ao dormir. Havia virado o colarinho do avesso e amarrado a gravata para que o rasgo não aparecesse. Com a ponta de um fósforo, ele raspou a lata de graxa para ter o suficiente para lustrar os sapatos. Ele até pegou uma agulha emprestada de Lorenheim e cerziu as meias – um trabalho tedioso, mas era melhor do que pintar os lugares onde seu tornozelo estava visível. Além disso, achou um maço vazio de Gold Flake e colocou nele um único cigarro extraído da máquina caça-níqueis. Isso foi apenas pela aparência da coisa. Você não pode, é claro, ir à casa de outras pessoas SEM cigarros. Mas se você tiver um, não tem problema, porque quando as pessoas veem um cigarro no maço, presumem que o maço está cheio. É bastante fácil agir como se tivesse sido pego de surpresa.

– Você fuma? – você pergunta casualmente para alguém.

– Ah, obrigado.

Você oferece o maço aberto e confirma estar surpreso. – Inferno! É o meu último. E eu poderia jurar que tinha um maço cheio.

– Ah, não vou pegar seu último. Pegue um do MEU – diz a outra pessoa.

– Ah, obrigado.

E depois disso, é claro, seu anfitrião e sua anfitriã lhe empurram cigarros. Mas você deve fumar UM cigarro, apenas pela saúde da sua honra.

Sopra bruscamente, o vento cominador. Ele terminaria aquele poema em breve. Poderia terminar quando quisesse. Era estranho como a mera perspectiva de ir a um chá literário o animava. Quando sua renda é de duas libras por semana, pelo menos você não é exposto a muito contato humano. Até ver o interior da casa de outra pessoa é uma espécie de mimo. Uma poltrona acolchoada debaixo do seu traseiro, chá, cigarros e cheiro de mulher – você aprende a apreciar essas coisas quando está faminto por elas. Na prática, porém, as festas de Doring nunca se pareciam em nada com o que Gordon esperava. Aquelas conversas maravilhosas, espirituosas e eruditas que ele imaginou de antemão – elas nunca aconteciam ou começavam a acontecer. Na verdade, nunca houve nada que pudesse ser chamado de conversa propriamente dita; apenas o estalo estúpido que ocorre nas festas em todo lugar, em Hampstead ou Hong Kong. Ninguém que realmente valesse a pena conhecer ia às festas de Doring. O próprio Doring era um leão tão sarnento que seus seguidores mal mereciam ser chamados de chacais. Quase metade deles era de mulheres de meia-idade, de raciocínio lento que recentemente escaparam de bons lares cristãos e estavam tentando ser literárias. As presenças estelares eram as tropas de jovens brilhantes que apareciam por meia hora, formavam seus próprios círculos e falavam com risinhos sobre outros jovens brilhantes a quem se referiam por apelidos. Na maior parte do tempo, Gordon se via às margens dos círculos de conversas. Doring era gentil de uma forma desleixada e apresentava-o a todos como "Gordon Comstock – VOCÊ sabe; o poeta. Ele escreveu aquele livro inteligente de poemas chamado *Ratos*. Você sabe". Mas Gordon nunca havia encontrado ninguém que SOUBESSE. Os jovens brilhantes examinavam-no de relance e o ignoravam. Ele tinha 30 anos, estava acabado e, obviamente, sem um tostão. E, no entanto, apesar da decepção invariável, com quanta ansiedade esperava

aqueles chás literários! Eram uma pausa em sua solidão, de qualquer maneira. Essa é a coisa diabólica sobre a pobreza, a sempre recorrente solidão. Dia após dia, sem nunca ter uma pessoa inteligente com quem conversar; noite após noite de volta ao seu quarto sem Deus, sempre sozinho. Talvez pareça divertido se você for rico e desapegado; mas como é diferente quando você o faz por necessidade!

Sopra bruscamente, o vento cominador. Um fluxo de carros zumbia mansamente colina acima. Gordon olhava para eles sem inveja. Quem quer um carro, afinal? Os rostos rosados como de boneca das mulheres da classe alta olhavam para ele pela janela do carro. Malditos cachorros de colo idiotas. Cadelas mimadas cochilando em suas coleiras. Melhor o lobo solitário do que os cães encolhidos. Ele pensou nas estações de metrô no início da manhã. As hordas pretas de funcionários correndo para o subsolo como formigas para um buraco; enxames de homenzinhos parecidos com formigas, cada um com a pasta na mão direita, jornal na mão esquerda, e o medo de irem para a rua os sugando como um verme no coração. Como isso os corrói, esse medo secreto! Principalmente nos dias de inverno, quando ouvem a ameaça do vento. O inverno, a demissão, o abrigo, os bancos do perto da ponte! Ah!

Sopra bruscamente, o vento cominador,

Os álamos curvados e desnudos.

E as fitas da chaminé escuras em cor,

Voam baixo, brandidas pelo ar, sobre tudo.

Tremulam os pôsteres rasgados.

O som frio provocado,

Pelo estrondo dos trens e dos cascos batendo,

E os homens que se apressam para a estação,

Olham, com medo, para o sol nascendo,

Suplicando…

O que eles estão pensando? O inverno está chegando. Meu trabalho está garantido? A demissão significa ir para o abrigo. Circuncidai vosso prepúcio, diz o Senhor. Lambei a fuligem das botas do seu patrão. Isso!

Cada um suplicava: "Aí vem o inverno!

Por favor, Deus, mantenha meu emprego!"

E tristemente, enquanto o frio atinge

Suas entranhas como uma lança de gelo,

Cada um pensa…

"Pensa" de novo. Não importava. O que pensam? Em dinheiro, dinheiro! Aluguel, taxas, impostos, gastos escolares, ingressos da temporada, botas para os filhos. Na apólice de seguro de vida e no salário da empregada. E, meu Deus, e se a mulher conceber novamente?! E eu ri alto o suficiente quando o chefe fez aquela piada ontem? E na próxima parcela do aspirador de pó.

Habilmente, tendo prazer em sua clareza, com a sensação de encaixar peça após peça de um quebra-cabeça no lugar, ele formou outra estrofe:

Eles pensam em aluguel, taxas, ingressos da temporada,

Seguro, carvão, e no salário da empregada,

Botas, gastos escolares e na próxima prestação

Das duas camas de solteiro de segunda mão.

Nada mal, nada mal mesmo. Terminaria logo. Mais quatro ou cinco estrofes. Ravelston iria publicá-lo.

Um estorninho estava sentado nos galhos nus de um plátano,

cantando tristemente como os estorninhos fazem nos dias quentes de inverno, quando acreditam que a primavera está no ar. Ao pé da árvore, um enorme gato cor de areia estava sentado, imóvel, com a boca aberta, olhando para cima com um desejo extasiado, claramente esperando que o estorninho caísse em sua boca. Gordon repetiu para si mesmo as quatro estrofes terminadas de seu poema. Ficou BOM. Por que ele pensou na noite passada que era mecânico, fraco e vazio? Ele era um poeta. Andava mais ereto, quase arrogante, com o orgulho de um poeta. Gordon Comstock, autor de *Ratos*. "Uma promessa excepcional", como foi dito pelo suplemento literário do *The Times*. Autor também de *Prazeres de Londres*. Pois este também seria finalizado em breve. Ele sabia, agora, que poderia terminá-lo quando quisesse. Por que havia se desesperado com isso? Poderia levar três meses; justamente o suficiente para ser publicado no verão. Em sua mente, ele viu a forma "delgada" do da edição do *Prazeres de Londres*; o excelente papel, as margens largas, a tipografia no estilo Caslon, a sobrecapa refinada e as resenhas nos melhores jornais. "Uma conquista estupenda" – Suplemento literário do *The Times*. "Um alívio bem-vindo da escola Sitwell" – Scrutiny.

Coleridge Grove era uma rua úmida, sombria e isolada, um beco sem saída e, portanto, sem tráfego. As piores associações literárias vinculavam—se a ela (dizem que Coleridge viveu lá por seis semanas, no verão de 1821). Não era possível olhar para suas casas antigas e decadentes, afastadas da rua, com jardins úmidos sob árvores pesadas, sem sentir uma atmosfera de "cultura" antiquada envolvê-lo. Em algumas dessas casas, sem dúvida, as Sociedades Browning ainda floresciam. E as senhoras de sarjas sentavam-se aos pés de poetas extintos falando sobre Swinburne e Walter Pater. Na primavera, os jardins eram salpicados por açafrões roxos e amarelos e posteriormente, por campânulas, que brotavam em anéis da

grama anêmica; e parecia a Gordon que, até mesmo as árvores brincavam com o ambiente e se distorciam em atitudes extravagantes como nas ilustrações feitas por Rackham. Era estranho que um crítico tão próspero como Paul Doring morasse em um lugar assim. Pois Doring era um crítico incrivelmente ruim. Ele escrevia críticas de romances para o *Sunday Post* e descobria o grande romance inglês com uma frequência Walpoleana: uma vez a cada quinze dias. Era de se esperar que ele morasse em um apartamento em Hyde Park Corner. Talvez fosse uma espécie de penitência que ele impôs a si mesmo, como se vivendo no desconforto refinado de Coleridge Grove ele propiciasse os deuses feridos da literatura.

Gordon dobrou a esquina, refletindo sobre uma frase do *Prazeres de Londres*. E, então, de repente parou. Havia algo errado com a aparência do portão dos Dorings. O que era aquilo? Ah, claro! Não havia carros esperando do lado de fora.

Ele parou, deu um ou dois passos e parou novamente, como um cachorro que fareja o perigo. Estava tudo errado. DEVIA haver alguns carros. Sempre havia muitas pessoas nas festas dos Dorings, e metade delas vinha de carro. Por que ninguém mais havia chegado? Ele poderia estar muito adiantado? Claro que não! Eles haviam dito três e meia e eram pelo menos vinte para as quatro.

Ele se apressou em direção ao portão. Já tinha quase certeza de que a festa TINHA sido adiada. Um frio como a sombra de uma nuvem caiu sobre ele. Suponha que os Doring não estivessem em casa! Suponha que a festa tenha sido adiada! E esse pensamento, embora o desanimasse, não lhe pareceu o menos improvável. Era seu bicho-papão especial, o pavor infantil especial que carregava consigo, ser convidado para a casa das pessoas e depois descobrir que não estavam em casa. Mesmo quando não havia dúvidas sobre o convite, ele sempre meio que esperava que houvesse um obstáculo ou outro. Ele

nunca tinha certeza se seria bem-vindo. Tinha como certo que as pessoas o desprezariam e o esqueceriam. Por que não? Ele não tinha dinheiro. Quando você não tem dinheiro, sua vida é uma longa série de desprezos.

Ele abriu o portão de ferro, que rangeu com um som solitário. O caminho úmido e musgoso era cercado por lascas de uma pedra rosada também vinda das ilustrações de Rackham. Gordon inspecionou minuciosamente a fachada da casa. Ele estava muito acostumado com esse tipo de coisa. Havia desenvolvido uma espécie de técnica de Sherlock Holmes para descobrir se uma casa estava habitada ou não. Ah! Não tenho muita dúvida dessa vez. A casa parecia deserta. Nenhuma fumaça saindo das chaminés, nenhuma janela iluminada. Devia estar escurecendo dentro de casa – certamente teriam acendido as luminárias. E não havia uma única marca de pé nos degraus; isso resolveu tudo. Mesmo assim, com uma espécie de esperança desesperada, ele soou a sineta. Uma sineta antiquada, claro. Em Coleridge Grove, teria sido considerado baixo e pouco literário ter uma campainha elétrica.

Bling, bling, bling, tocou a sineta.

A última esperança de Gordon desapareceu. Não havia como confundir o som oco de uma sineta ecoando por uma casa vazia. Ele agarrou o badalo novamente e puxou-o, quase quebrando-o. Um repique assustador e clamoroso ecoou de volta. Mas era inútil, totalmente inútil. Nem um só pé se mexeu lá dentro. Até os criados estavam fora. Nesse momento, ele percebeu uma faixa de renda, uma mecha de cabelo escuro e um par de olhos jovens o observando furtivamente do porão da casa ao lado. Era uma criada que tinha saído para ver do que se tratava todo aquele barulho. Seus olhares se cruzaram, e ela olhou para o horizonte. Ele parecia um idiota e sabia disso. Sempre se faz cara de bobo quando se toca a campainha de

uma casa vazia. E de repente lhe ocorreu que aquela garota sabia tudo sobre ele – sabia que a festa havia sido adiada e que todos, exceto Gordon, haviam sido informados –, sabia que era porque ele não tinha dinheiro que não valia à pena contar. Ela sabia. Os criados sempre sabem.

Ele se virou e foi para o portão. Sob o olhar da criada, ele teve que se afastar casualmente, como se fosse uma pequena decepção que pouco importava. Mas tremia tanto de raiva que era difícil controlar seus movimentos. Os idiotas! Os malditos idiotas! Ter pregado uma peça dessas nele! Tê-lo convidado, e depois mudado o dia e nem se dar ao trabalho de contar! Pode haver outras explicações – ele apenas se recusava a pensar nelas. Os idiotas, os malditos idiotas! Seus olhos pousaram em uma das lascas da pedra de Rackham. Como ele adoraria pegar aquela pedra e arremessá-la pela janela! Ele agarrou a barra enferrujada do portão com tanta força que machucou a mão e quase a rasgou. A dor física lhe fez bem. Neutralizou a agonia em seu coração. Não era somente por ter sido privado de uma noite passada na companhia de humanos, embora isso significasse muito. Era a sensação de impotência, de insignificância, de ser posto de lado, ignorado – uma criatura com a qual não vale a pena se preocupar. Eles mudaram o dia e nem se preocuparam em dizer a ele. Disseram a todos, mas não a ele. É assim que as pessoas te tratam quando você não tem dinheiro! Simplesmente o insultam de forma desenfreada e cruel. Era bastante provável, de fato, que os Doring tivessem esquecido mesmo, sem intenção de fazer mal; era até possível que ele próprio tivesse errado a data. Mas não! Ele não pensaria nisso. Os Doring fizeram de propósito. É CLARO que fizeram de propósito! Só não se preocuparam em dizer a ele, porque ele não tinha dinheiro e, consequentemente, não era importante. Idiotas!

Ele se afastou depressa. Sentiu uma dor aguda no peito.

Contato humano, vozes humanas! Mas de que adianta desejar? Ele teria que passar a noite sozinho, como sempre. Seus amigos eram tão escassos e moravam tão longe. Rosemary ainda estaria no trabalho; além disso, ela vivia onde Judas perdeu as botas, em West Kensington, em um albergue feminino guardado por dragões fêmeas. Ravelston morava mais perto, no distrito de Regent's Park. Mas Ravelston era um homem rico e tinha muitos compromissos; as chances eram sempre de ele não estar em casa. Gordon não conseguiu nem ligar para ele, porque não tinha os dois pence necessários; apenas três meios pences. Além disso, como ele poderia ir ver Ravelston se não tinha dinheiro? Ravelston certamente diria "Vamos a um bar" ou algo assim! Não podia deixar Ravelston pagar por suas bebidas. Sua amizade com Ravelston só era possível com a compreensão de que Gordon sempre pagaria pela sua parte.

Ele pegou seu único cigarro e o acendeu. Não sentia prazer em fumar ao andar depressa; era um mero gesto impensado. Também não deu muita atenção aonde estava indo. Ele só queria se cansar, andar e andar até que o cansaço físico estúpido obliterasse o desprezo pelos Doring. Ele andou mais ou menos para o sul – através dos lixos de Camden Town, pela estrada Tottenham Court. Já estava escuro havia algum tempo. Ele cruzou a Oxford Street, atravessou o Covent Garden, encontrou-se no Strand e cruzou o rio pela Ponte Waterloo. Com a noite, o frio chegou. Enquanto caminhava, sua raiva ficava menos violenta, mas sobretudo seu humor não conseguia melhorar. Havia um pensamento que o perseguia – um pensamento do qual ele fugia, mas do qual não havia como escapar. Era o pensamento em seus poemas. Seus poemas vazios, bobos e fúteis! Como ele poderia ter acreditado neles? E pensar que tinha imaginado, tão pouco tempo atrás, que até o *Prazeres de Londres* poderia dar certo um dia! Agora se sentia doente ao pensar em seus poemas. Era como se lembrar

na extravagância da noite anterior. Ele sabia em seus ossos que ele não era bom e seus poemas não eram bons. O *Prazeres de Londres* nunca seria finalizado. Se vivesse mil anos, nunca escreveria uma linha que valesse a pena ler. Repetidas vezes, com ódio de si mesmo, repetia as quatro estrofes do poema que vinha inventando. Minha nossa, que bobagem! Rima com rima – lé com cré! Oco como uma lata de biscoito vazia. ESSE era o tipo de lixo com o qual ele havia perdido a vida.

Havia caminhado muito, talvez doze ou treze quilômetros. Seus pés estavam quentes e inchados por caminhar na calçada. Estava em algum lugar em Lambeth, um bairro pobre onde a rua estreita e cheia de poças mergulha na escuridão por bons cinquenta metros de distância. As poucas lâmpadas, envoltas em névoa, pendiam como estrelas isoladas, iluminando nada além de si mesmas. Ele estava ficando terrivelmente faminto. As cafeterias tentavam-se com suas vitrines embaçadas e letreiros a giz: "Xícara de Chá – Grande, 2d. – preparada na hora". Mas não adiantava, ele não podia gastar seu joey. Passou por baixo de alguns arcos ferroviários que ecoavam e subiu o beco até a Ponte Hungerford. Na água lamacenta, iluminada pelo brilho dos sinais do céu, a sujeira do leste de Londres corria para o interior. Rolhas, limões, cajados de barril, um cachorro morto, pedaços de pão. Gordon caminhou ao longo do Embankment até Westminster. *O vento fez os plátanos chacoalharem. Sopra bruscamente o vento cominador*. Ele se encolheu. Essa bobagem de novo! Mesmo agora, embora fosse dezembro, alguns pobres maltrapilhos, velhos e arrastados estavam se acomodando nos bancos, se enrolando em uma espécie de embrulhos de jornal. Gordon olhou para eles insensivelmente. Da rua, como os chamavam. Um dia seria a sua vez. Será que não era melhor assim? Ele nunca sentiu pena dos verdadeiros pobres. São os pobres de casacos pretos, da classe média média, que precisam de pena.

Ele caminhou até a Trafalgar Square. Horas e horas para matar. A National Gallery? Ah, fechada havia tempos, claro. Estaria. Eram sete e quinze. Três, quatro, cinco horas antes que ele pudesse dormir. Deu sete voltas na praça, lentamente. Quatro vezes no sentido horário, três vezes no sentido anti-horário. Seus pés doíam, e a maioria dos bancos estavam vagos, mas ele não quis se sentar. Se parasse por um instante, o desejo pelo tabaco o dominaria. Na Charing Cross Road, as casas de chá chamavam como sereias. Por um momento, a porta de vidro da Lyons se abriu, deixando escapar uma onda de ar quente com cheiro de bolo. Quase o venceu. Afinal, por que NÃO entrar? Você poderia sentar-se lá por quase uma hora. Uma xícara de chá por dois pence, dois pães por um penny cada. Ele tinha quatro pence e meio, contando o joey. Mas não! Esse maldito joey! A garota do caixa regozijaria. Em uma visão vívida, ele vislumbrou a garota no balcão do caixa, enquanto ela segurava o troco de três pence, sorrindo de lado para a garota atrás do balcão da casa de chá. ELAS saberiam que eram seus últimos três pence. Não adianta. Vá em frente. Continue andando.

No brilho mortal das luzes de néon, as calçadas estavam densamente lotadas. Gordon abriu caminho, uma pequena figura maltrapilha, com rosto pálido e cabelo despenteado. A multidão passou por ele; ele evitou e foi evitado. Há algo horrível em Londres à noite; a frieza, o anonimato, a indiferença. Sete milhões de pessoas deslizando de um lado para o outro, evitando contato, mal sabendo da existência umas das outras, como peixes em um aquário. A rua fervilhava de garotas bonitas. Aos poucos, elas passavam por ele, com seus rostos virados ou cegos; ninfas frias, uma cobiça aos olhos do macho. Era estranho como muitas delas pareciam estar sozinhas ou com outra garota. Muito mais mulheres sozinhas do que mulheres acompanhadas de homens, observou ele. Isso também era devido ao dinheiro. Quantas garotas vivas

não escolheriam ficar sem homem antes de pegar um homem sem dinheiro?

Os pubs estavam abertos, exalando odores azedos de cerveja. As pessoas entravam aos pares nas salas de cinema. Gordon parou do lado de fora de um cinema grande e chamativo, sob o olhar cansado do porteiro, para examinar os pôsteres. Greta Garbo em *O véu pintado*. Ansiava por entrar, não por Greta, mas apenas pelo calor e a maciez do assento de veludo. Ele odiava filmes, claro, raramente ia ao cinema, mesmo quando tinha dinheiro para isso. Por que incentivar a arte que se destina a substituir a literatura? Mesmo assim, há uma espécie de atração embotada nela. Sentar-se na poltrona acolchoada na escuridão quente com cheiro de cigarro, deixando a patetice da tela gradualmente dominá-lo – sentindo as ondas de sua tolice envolvê-lo até que você se afoga, embriagado, em um mar viscoso – afinal, é o tipo de droga de que precisamos. A droga certa para pessoas sem amigos. Quando ele se aproximou do Palace Theatre, uma prostituta de sentinela sob a varanda o mirou, deu um passo à frente e ficou em seu caminho. Uma garota italiana baixa e atarracada, muito jovem, com grandes olhos pretos. Ela parecia agradável e, o que as meretrizes raramente são, alegre. Por um momento, ele parou, até mesmo se permitindo chamar a atenção dela. Ela o olhou, pronta para abrir um sorriso de lábios largos. Por que não parar e falar com ela? Ela parecia poder entendê-lo. Mas não! Estava sem dinheiro! Ele desviou o olhar e afastou-se dela com a pressa fria de um homem que a pobreza torna virtuoso. Ficaria furiosa se Gordon parasse e ela descobrisse que ele não tinha dinheiro! Continuou. Até falar custa dinheiro.

Subir a Tottenham Court Road e a Camden Road era um trabalho árduo. Caminhou mais devagar, arrastando um pouco os pés. Havia percorrido dezesseis quilômetros pelas calçadas. Mais garotas passaram, sem vê-lo. Meninas sozinhas, meninas

com rapazes, meninas com outras meninas, meninas sozinhas. Seus olhos juvenis e cruéis passavam por ele como se não existisse. Ele estava cansado demais para se ressentir. Seus ombros renderam-se ao cansaço; ele se curvou, não tentando mais manter sua postura ereta e seu ar de arrogante. Fogem de mim as que já me procuraram. Como você pode culpá-las? Ele estava com 30 anos, acabado e sem charme. Por que alguma garota deveria olhar para ele duas vezes?

Gordon refletiu que precisava ir para casa imediatamente se quisesse alguma comida – pois a senhora Wisbeach se recusava a servir refeições depois das nove da noite. Mas o pensamento de seu quarto frio e sem mulher o enjoou. Subir as escadas, acender o gás, afundar-se na mesa com horas para matar e nada para fazer, nada para ler, nada para fumar – não, NÃO era suportável. Em Camden Town, os pubs estavam lotados e barulhentos, embora ainda fosse quinta-feira. Três mulheres de braços avermelhados, atarracadas como as canecas de cerveja nas mãos, estavam do lado de fora da porta de um pub, conversando. De seu interior, vinham vozes roucas, fumaça de cigarro, vapores de cerveja. Gordon pensou no Crichton Arms. Flaxman talvez estivesse lá. Por que não arriscar? Meia caneca de cerveja amarga, três pence e meio. Tinha quatro pence e meio contando com o joey. Afinal, o joey também era dinheiro.

Ele já se sentia terrivelmente sedento. Era um erro se permitir pensar em cerveja. Ao se aproximar do Crichton, ouviu vozes cantando. O grande pub espalhafatoso parecia estar mais iluminado do que o normal. Havia algum show acontecendo lá dentro. Vinte vozes masculinas maduras cantavam em uníssono:

– Porque é um bom companheiro! Porque é um bom companheiro! Porque é um bom companheiro!

Pelo menos, era o que parecia. Gordon se aproximou, sentindo a garganta perfurada por uma sede arrebatadora. As vozes estavam tão abafadas, tão infinitamente regadas a cerveja. Quando você os ouvia, via os rostos escarlates de encanadores prósperos. Havia uma sala privada atrás do bar, onde a Sociedade os Búfalos realizavam seus conclaves secretos. Sem dúvida, eram eles que estavam cantando. Estavam em algum tipo de bebedeira comemorativa para seu presidente, secretário, o Grande Herbívoro, ou como quer que ele fosse chamado. Gordon hesitou em frente ao balcão. Talvez fosse melhor ir ao pub. Chope em público, cerveja engarrafada no salão. Ele deu a volta para o outro lado do pub. As vozes sufocadas pela cerveja o seguiram:

– … um bom companheiro! … um bom companheiro!

– Porque é um bom companheiro! Porque é um bom companheiro!

Sentiu-se meio tonto por um momento. Mas era fadiga e fome, além da sede. Podia imaginar o lugar aconchegante onde aqueles Búfalos estavam cantando; o fogo crepitante, a grande mesa brilhante, as fotografias de bovinos na parede. Também conseguia imaginar, quando a cantoria cessou, vinte rostos vermelhos desaparecendo em baldes de cerveja. Ele colocou a mão no bolso e se certificou de que seu trocado ainda estava lá. Afinal, por que não? No pub, quem comentaria? Jogue o joey no balcão, e faça-o passar como se fosse uma piada. – Achei isso no pudim de Natal! Ha, ha! – risos generalizados. Gordon já podia sentir o gosto metálico de chope na língua.

Tocou o minúsculo disco em seu bolso, indeciso. Os Búfalos tinham se ajustado novamente:

– Porque é um bom companheiro!

– Porque é um bom companheiro!

Gordon voltou a o balcão. A janela estava congelada e, também embaçada por causa do calor interno. Ainda assim, havia fendas por onde era possível enxergar. Ele espiou lá dentro. Sim, Flaxman estava lá.

O balcão estava lotado. Como todos os espaços vistos de fora, parecia inefavelmente aconchegante. O fogo que ardia na lareira dançava espelhado nas escarradeiras de latão. Gordon pensou que quase podia sentir o cheiro da cerveja através do vidro. Flaxman estava apoiado no balcão com dois amigos com cara de peixe que pareciam corretores de seguros do melhor tipo. Com um cotovelo no balcão, o pé no corrimão e um copo manchado de cerveja na outra mão, ele trocava conversa fiada com a belezinha da garçonete loira. Ela estava de pé em uma cadeira atrás do balcão, organizando as garrafas de cerveja e falando atrevidamente por cima do ombro. Não dava para ouvir o que eles diziam, mas era possível adivinhar. Flaxman deixou escapar algumas piadas memoráveis. Os homens com cara de peixe berraram com risadas obscenas. E a loira belezinha, dando risadinhas para ele, meio chocada e meio satisfeita, balançava sua bundinha linda.

O coração de Gordon doeu. Estar lá, apenas estar lá! No calor e na luz, com pessoas para conversar, com cerveja e cigarros e uma garota para paquerar! Afinal, por que NÃO entrar? Você poderia emprestar um conto de Flaxman. Flaxman emprestaria para você, sim. Ele imaginou o assentimento descuidado de Flaxman.

– E aí, camarada! Como vai a vida? O quê? Um xelim? Claro! Fique com dois. Pegue, camarada! – e o florim pularia ao longo do balcão molhado de cerveja. Flaxman era um tipo decente, à sua maneira.

Gordon colocou a mão contra a porta de vaivém. Ele até a empurrou alguns centímetros. A névoa quente de fumaça e

cerveja deslizou pela fenda. Um cheiro familiar e revigorante; no entanto, ao sentir o cheiro, sua coragem falhou. Não! Impossível entrar. Ele se virou. Ele não podia se bancar naquele bar com apenas quatro pence e meio no bolso. Nunca deixe outras pessoas comprarem bebidas para você! O primeiro mandamento dos sem dinheiro. Ele saiu, descendo a calçada escura.

– Porque é um bom companheiro!

– Porque é um bom companheiro!

As vozes, diminuindo com a distância, o acompanharam, trazendo consigo as nuances da cerveja. Gordon tirou o joey do bolso e jogou-o na escuridão.

Ele estava indo para casa, se você pudesse chamar isso de "ir". De qualquer forma, estava gravitando nessa direção. Não queria ir para casa, mas precisava se sentar. Suas pernas doíam e seus pés estavam machucados, e aquele quarto vil era o único lugar em Londres onde ele comprara o direito de sentar-se. Ele entrou silenciosamente, mas, como sempre, não tão silenciosamente que a senhora Wisbeach não conseguiu ouvi-lo. Ela lhe deu um breve olhar intrometido pela fresta de sua porta. Havia se passado poucos minutos depois das vinte e uma horas. Ela poderia lhe fazer uma refeição se ele pedisse. Mas ficaria colérica e o cobraria como se fosse um favor, Gordon preferia ir para a cama faminto antes de passar por isso.

Ele começou a subir as escadas. Estava na metade do primeiro lance quando uma batida dupla às suas costas o fez pular. O correio! Talvez houvesse uma carta de Rosemary!

Empurrada para dentro, a abertura para cartas se levantou com esforço, como uma garça regurgitando um peixe, e vomitou um monte de correspondências no tapete. O coração de Gordon disparou. Havia seis ou sete delas. Certamente,

entre todo esse lote, deve haver uma para ele! A senhora Wisbeach, como sempre, saiu correndo de seu covil ao som da batida do carteiro. Na verdade, em dois anos Gordon nunca havia conseguido pegar uma carta antes que a senhora Wisbeach colocasse as mãos nela. Ela juntava as cartas ao peito com ciúme e, em seguida, segurando-as uma de cada vez, lia seus endereços. Pelas suas maneiras, você pode deduzir que ela suspeitava que cada uma delas contivesse um mandado judicial, uma carta de amor imprópria ou um anúncio de soníferos.

– Uma para o senhor, senhor Comstock – disse ela com amargura, entregando-lhe uma carta.

Seu coração encolheu e parou de bater. Um envelope de formato longo. Portanto não era de Rosemary. Ah! Estava endereçado com sua própria caligrafia. Do editor de um jornal, então. Ele tinha dois poemas lançados no momento. Um com a *Californian Review*, o outro com o *Primrose Quarterly*. Mas o envelope não tinha um selo americano. E o *Primrose* tinha seu poema há pelo menos seis semanas! Meu Deus, suponha que eles tivessem aceitado!

Ele havia se esquecido da existência de Rosemary.

– Obrigado! – disse ao enfiar a carta no bolso e começar a subir as escadas com uma calma exterior, mas mal saiu da vista da senhora Wisbeach e pulou três degraus de cada vez. Ele tinha que ficar sozinho para abrir aquela carta. Antes mesmo de chegar à porta já estava tateando os bolsos em busca da caixa de fósforos, mas seus dedos tremiam tanto que, ao acender o gás, ele estilhaçou o manto do lampião. Gordon se sentou, tirou a carta do bolso e depois se encolheu. Por um momento, não teve coragem de abri-la. Ergueu-a contra a luz e a sentiu para ver como o quanto era espessa. Seu poema tinha duas folhas. Então, chamando-se de idiota, ele rasgou o

envelope. Deparou-se com seu próprio poema e com ele, um belo "Que capricho!" escrito em um cartão num papel barato que imitava um pergaminho.

O Editor lamenta não poder fazer uso da contribuição anexa.

O cartão era decorado com um desenho de folhas de louro fúnebres.

Gordon olhou para a coisa com um ódio mudo. Talvez nenhuma afronta no mundo seja tão mortal quanto esta, porque nenhuma é tão irrespondível. De repente, ele detestou seu próprio poema e ficou profundamente envergonhado dele. Sentiu que era o poema mais fraco e idiota já escrito. Sem olhar para ele novamente, o rasgou em pedacinhos e os atirou na cesta de lixo. Ele tiraria aquele poema da cabeça para sempre. A nota de rejeição, no entanto, ele não rasgou de imediato. A tocou, sentindo sua maciez repulsiva. Uma coisinha tão elegante, impressa em letras admiráveis. Você poderia dizer à primeira vista que era de uma revista "refinada" – uma revista intelectual e esnobe com o dinheiro de uma editora por trás. Dinheiro, dinheiro! Dinheiro e cultura! Foi uma coisa estúpida que ele fez. Imagine mandar um poema para um jornal como o *Primrose*! Como se eles fossem aceitar poemas de pessoas como ELE. O simples fato de o poema não ter sido datilografado lhes revelava o tipo de pessoa que Gordon era. Desse modo, ele poderia muito bem ter deixado cair uma cópia no Palácio de Buckingham. Pensou nas pessoas que escreviam para o *Primrose*; um círculo de intelectuais endinheirados – aqueles animais jovens e elegantes que sugam dinheiro e cultura com o leite materno. Que absurdo foi tentar ser parte daquela multidão de narizes-empinados! Mas ele os amaldiçoou do mesmo jeito. Os idiotas! Os malditos idiotas! "O editor lamenta!" Por que ser tão pomposo? Por que não dizer abertamente: "Não queremos

seus malditos poemas. Só publicamos poemas de caras com quem estudávamos em Cambridge. Vocês, proletários, mantenham distância"? Esses idiotas hipócritas!

Por fim, ele amassou o cartão da rejeição, jogou-o fora e se levantou. Melhor ir para a cama enquanto ainda tinha energia para se despir. A cama era o único lugar quente. Mas espere. Dê corda ao relógio, ajuste o despertador. Ele repassou seus passos diários com uma sensação de letargia mortal. Seus olhos pousaram na aspidistra. Por dois anos ele havia habitado aquele quarto vil; dois anos mortais em que nada foi realizado. Setecentos dias perdidos, todos terminando na cama solitária. Esnobadas, fracassos, insultos, todos não vingados. Dinheiro, dinheiro, tudo é dinheiro! Porque ele não tinha dinheiro, os Doring o desprezaram; porque ele não tinha dinheiro, o *Primrose* recusou seu poema; porque ele não tinha dinheiro, Rosemary não dormia com ele. Fracasso social, fracasso artístico, fracasso sexual – são todos iguais. E a falta de dinheiro está no cerne de todos eles.

Gordon precisava descontar em alguém ou em alguma coisa. Ele não podia ir para a cama com aquele sentimento de rejeição pairando sobre a sua mente. Pensou em Rosemary. já fazia cinco dias desde que ela havia escrito. Se houvesse uma carta dela esta noite, até mesmo aquele soco que foi o cartão do *Primrose Quarterly* teria importado menos. Ela declarou que o amava e não dormia com ele, nem mesmo o escrevia! Era igual a todas as outras. Desprezava-o e se esquecia dele porque Gordon não tinha dinheiro e, portanto, não era importante. Ele escreveria uma carta enorme para ela, contando como era ser ignorado e insultado, fazendo-a ver a crueldade com que o tratara.

Encontrou uma folha de papel em branco e escreveu no canto superior direito:

31 Willowbed Road, NW, 1.º de dezembro, 21h30

Mas tendo escrito tanto, ele descobriu que não poderia escrever mais. Estava tão derrotado que até mesmo escrever uma carta era um esforço muito grande. Além disso, não tinha motivos para continuar. Ela nunca o entenderia. Nenhuma mulher jamais entende. Mas ele deveria escrever algo. Algo para feri-la – era o que ele mais queria, naquele momento. Ele meditou muito e por fim escreveu, exatamente no meio da folha:

Você partiu o meu coração.

Sem endereço, sem assinatura. Mas parecia bastante boa a frase, sozinha, ali no meio da folha, em sua pequena caligrafia "erudita". Quase como um pequeno poema em si. Esse pensamento o animou um pouco.

Ele enfiou a carta em um envelope, saiu e postou-a no correio da esquina, gastando seus últimos três meios pence em um selo de um penny e em outro de meio penny da máquina automática.



CAPÍTULO 5

– Vamos publicar aquele seu poema na *Antichrist* do mês que vem – disse Ravelston de sua janela no primeiro andar.

Da calçada, Gordon fingiu ter se esquecido do poema que Ravelston estava falando; ele se lembrava intimamente, claro, como lembrava de todos os seus poemas.

– Qual poema? – perguntou.

– Aquele sobre a prostituta moribunda. Achamos que foi um sucesso. Gordon deu uma risada de presunção satisfeita e conseguiu disfarçar como uma risada de diversão sarcástica.

–Ahá! Uma prostituta moribunda! Isso é o que você pode chamar de um dos meus pontos fortes. Vou fazer um sobre uma aspidistra da próxima vez.

O rosto super sensível e juvenil de Ravelston, emoldurado por belos cabelos castanho-escuros, afastou-se um pouco da janela.

– Está um frio intolerável – disse ele. – É melhor você subir e comer um pouco.

– Não, desça você. Eu já jantei. Vamos a um bar tomar cerveja.

– Tudo bem, então. Me dê um minuto enquanto calço os sapatos.

Eles conversaram por alguns minutos, Gordon na calçada,

Ravelston debruçado na janela acima. Gordon anunciou sua chegada não batendo na porta, mas jogando uma pedra contra a vidraça. Se pudesse evitar, ele nunca, colocava os pés dentro do apartamento de Ravelston. Havia algo na atmosfera do apartamento que o perturbou e o fez se sentir malvado, sujo e deslocado. Era esmagadoramente, embora de um jeito inconsciente, de classe alta. Apenas na rua ou em um pub ele poderia se sentir remotamente similar a Ravelston. Ravelston teria ficado surpreso ao saber que seu apartamento de quatro cômodos, que ele considerava um lugar pequeno, tinha esse efeito sobre Gordon. Para Ravelston, viver na selva de Regent's Park era praticamente a mesma coisa que viver nas favelas; ele havia escolhido morar lá, en *bon socialiste*, exatamente como um oportunista social escolheria viver em uma estalagem em Mayfair por causa do "W 1" timbrado no topo de suas anotações. Era parte de todo o seu plano de vida escapar de sua própria classe e se tornar, por assim dizer, um membro honorário do proletariado. Como todos os planos desse cunho, estava fadado ao fracasso. Nenhum homem rico consegue se disfarçar de pobre; porque o dinheiro, como o homicídio, sempre é revelado.

Na porta da rua havia uma placa de metal com a inscrição:

P. W. H. RAVELSTON

ANTICHRIST

Ravelston morava no primeiro andar e a redação da *Antichrist* ficava no térreo. A *Antichrist* era uma revista mensal para intelectuais e aspirantes a intelectuais – socialista de uma forma veemente, mas mal definida. Em geral, dava a impressão de ter sido editado por um entusiasta não conformista que havia transferido sua lealdade de Deus a Marx e, com isso, se misturado a uma gangue de poetas do *vers libre*. Este não era realmente o personagem de Ravelston; que

simplesmente tinha o coração mais mole do que um editor deveria ter e, consequentemente, estava à mercê de seus colaboradores. Praticamente tudo seria impresso na *Antichrist* se Ravelston suspeitasse que seu autor estava morrendo de fome.

Ravelston apareceu um momento depois, sem chapéu e calçando um par de luvas de manopla. À primeira vista você poderia adivinhar que se tratava de um jovem rico. Vestia o uniforme da intelectualidade endinheirada; um velho casaco de *tweed* – mas era um daqueles casacos que foram feitos por um bom alfaiate e ficam mais aristocráticos à medida que envelhecem – calça larga de flanela cinza, um pulôver cinza e sapatos marrons muito gastos. Fazia questão de ir a todos os lugares com essas roupas – até às casas da moda e restaurantes caros – só para mostrar seu desprezo pelas convenções da classe alta; não percebia totalmente que apenas as classes superiores podem fazer essas coisas. Embora fosse um ano mais velho que Gordon, parecia muito mais jovem. Ravelston era muito alto, com corpo esguio de ombros largos e a típica postura graciosa e relaxada dos jovens da classe alta. Mas havia algo curiosamente apologético em seus movimentos e na expressão de seu rosto. Ele parecia estar sempre saindo do caminho de outra pessoa. Ao expressar uma opinião, esfregava o nariz com as costas do indicador esquerdo. A verdade é que em cada momento de sua vida, Ravelston se desculpava de forma tácita pela generosidade de sua renda. Você poderia deixá-lo desconfortável tão facilmente, lembrando-o de que ele era rico, como faria com Gordon, lembrando-o de que ele era pobre.

– Você jantou, suponho? – perguntou Ravelston, em sua voz com um tom de Bloomsbury.

– Sim, há muito tempo. E você?

– Ah, sim, certamente. Me empanturrei.

Eram oito e vinte da noite, e Gordon não comia desde o meio-dia. Nem Ravelston. Gordon não sabia que Ravelston estava com fome, mas Ravelston sabia que Gordon estava com fome, e Gordon sabia que Ravelston sabia disso. No entanto, cada um teve um bom motivo para fingir não estar com fome. Eles nunca ou raramente faziam as refeições juntos. Gordon não deixava Ravelston comprar suas refeições e não tinha dinheiro para ir a restaurantes, nem mesmo a um Lyons ou a uma das padarias A.B.C. Era segunda-feira e ele tinha cinco libras e nove pence restantes. Poderia pagar algumas cervejas em um pub, mas não uma refeição adequada. Quando ele e Ravelston se encontravam, estava tácito que não deviam fazer nada que envolvesse gastar dinheiro além de um xelim ou algo nessa quantia, o que se gastava em um pub. Desse modo, mantinha-se a ficção de que não havia um abismo entre suas rendas.

Gordon aproximou-se de Ravelston quando eles começaram a descer a calçada. Ele teria segurado seu braço, mas é claro que não se pode fazer esse tipo de coisa. Ao lado da figura alta e atraente de Ravelston, ele parecia frágil, inquieto e miseravelmente maltrapilho. Adorava Ravelston, mas nunca ficava muito à vontade em sua presença. Ravelston não era somente encantador, mas também tinha uma espécie de decência intrínseca, uma atitude graciosa diante da vida, que Gordon dificilmente encontraria em outro lugar. Sem dúvida, estava relacionado ao fato de Ravelston ser rico. Pois o dinheiro compra todas as virtudes. O dinheiro é paciente, o dinheiro é bondoso. Não tem inveja, não é orgulhoso, não é arrogante. Mas, de certa forma, Ravelston não era nem mesmo uma pessoa rica. A degeneração gorda do espírito que acompanha a riqueza não o atingia, ou ele escapou com um esforço consciente. Na verdade, toda a sua vida foi uma luta

para escapar disso. Foi por isso que ele dedicou seu tempo e grande parte de sua renda à edição de um jornal socialista impopular. E além da *Antichrist*, o dinheiro fluía dele em todas as direções. Um enorme número de encostados – de poetas a artistas de rua – sugava-o sem parar. Para si mesmo, ele vivia com oitocentos contos por ano ou por aí. Mesmo com essa renda, ficava muito envergonhado. Já havia percebido que não era exatamente uma renda proletária; mas nunca aprendera a conviver com menos. Oitocentas libras por ano era o salário mínimo vital para Ravelston, assim como duas libras por semana era para Gordon.

– Como está seu trabalho? – perguntou Ravelston prontamente.

– Ah, como sempre. É um tipo de trabalho sonífero. Só preciso trocar algumas palavras sobre Hugh Walpole com aquelas galinhas velhas. Não faço objeção.

– Eu quis dizer seu próprio trabalho, sua escrita. O *Prazeres de Londres* está indo bem?

– Ah, minha nossa! Não me fale nisso. Está me deixando de cabelos brancos.

– Não está indo para a frente de nenhuma maneira?

– Meus livros não avançam. Retrocedem.

Ravelston suspirou. Como editor da *Antichrist*, estava tão acostumado a encorajar poetas desanimados que o fazia de maneira instintiva. Não precisava contar a realidade de por que Gordon "não conseguia" escrever. E de por quê, atualmente, todos os poetas "não conseguem" escrever. E de por quê, quando realmente escrevem, produzem algo tão árido quanto o chocalhar de uma ervilha dentro de um grande tambor. Ele disse com uma tristeza empática.

– Admito que, claramente, esta não é uma época promissora

para escrever poesia.

– Pode apostar que não.

Gordon chutou a calçada com o calcanhar. Ele gostaria que o *Prazeres de Londres* não tivesse sido mencionado. Isso o trouxe de volta à memória de seu quarto frio e mesquinho, e dos papéis encardidos espalhados sob a aspidistra. Gordon disse de forma abrupta.

– Esse negócio de escrever! Que grande baboseira! Sentar-se em um canto torturando um nervo que nem responde mais. E quem quer saber de poesia hoje em dia? Treinar pulgas seria mais útil, se compararmos.

– Mesmo assim, você não deve se deixar desanimar. Afinal, você ainda produz algo, o que é mais do que se pode dizer de muitos poetas hoje em dia. Teve o *Ratos*, por exemplo.

– Ah, o *Ratos*! Pensar nele me faz enjoar.

Ele pensou com aversão naquele pequeno oitavo de papel almaço sorrateiro. Aqueles quarenta ou cinquenta poemas monótonos e mortos, cada um como um pequeno aborto em seu frasco rotulado. "Uma promessa excepcional", o suplemento literário do *The Times* havia dito. Cento e cinquenta e três cópias vendidas e o resto encalhado. Ele teve um daqueles espasmos de desprezo e até horror que todo artista tem às vezes, quando pensa na sua obra.

– Está morto – disse ele. – Morto como um maldito feto em uma garrafa.

– Oh, bem, suponho que isso aconteça com a maioria dos livros. Você não pode esperar uma venda enorme de poesias hoje em dia. Há muita concorrência.

– Não quis dizer isso. Eu quis dizer que os poemas estão mortos. Não há muita vida neles. Tudo que escrevo é assim. Sem vida, sem coragem. Não necessariamente feios ou

vulgares, mas mortos, apenas mortos. A palavra "mortos" ressoou em sua mente, estabelecendo sua própria linha de pensamento. Ele acrescentou.

– Meus poemas morreram porque eu estou morto. Você está morto. Estamos todos mortos. Pessoas mortas em um mundo morto.

Ravelston murmurou concordando, com um curioso ar de culpa. E agora estavam partindo para seu assunto favorito – o assunto favorito de Gordon, pelo menos; a futilidade, o sangue, a morte da vida moderna. Eles nunca se encontraram sem conversar por pelo menos meia hora nessa esfera. Mas isso sempre deixava Ravelston um tanto desconfortável. De certa forma, é claro, ele sabia que a vida sob um capitalismo decadente é mortal e sem sentido – pois era para isso que a *Antichrist* existia. Mas esse saber era apenas teórico. Você não pode realmente sentir esse tipo de coisa quando sua renda é de oitocentas libras por ano. Na maior parte do tempo, quando não pensava nos mineiros de carvão, nos catadores de lixo chineses e nos desempregados em Middlesbrough, ele sentia que a vida era muito divertida. Além disso, tinha a crença ingênua de que em pouco tempo o socialismo consertaria as coisas. Gordon sempre parecia estar exagerando. Portanto, havia uma sutil discordância entre eles, que Ravelston era muito educado para enfatizar.

Mas com Gordon era diferente. A renda de Gordon era de duas libras por semana. Portanto, o ódio da vida moderna, o desejo de ver nossa civilização do dinheiro explodida no inferno por bombas, era algo que ele sentia em seu âmago. Eles estavam caminhando para o sul, por uma rua residencial escura e mesquinhamente decente, com algumas lojas fechadas. Em um depósito na extremidade vazia de uma casa, a face pálida de um metro de largura do Pan Queca ria à luz do lampião. Gordon avistou uma aspidistra murchando em uma

janela inferior. Londres! Quilômetros e mais quilômetros de casas solitárias, divididas em apartamentos e quartos individuais; não eram lares, nem comunidades, apenas aglomerados de vidas sem sentido à deriva em uma espécie de caos sonolento rumo ao túmulo! Ele via os homens caminharem como cadáveres. O pensamento de que ele estava apenas objetivando sua própria miséria interior dificilmente o perturbava. Sua mente voltou para a tarde de quarta-feira, quando desejava ouvir os aviões inimigos voando sobre Londres. Segurou o braço de Ravelston e parou para gesticular para o pôster do Pan Queca.

– Veja aquela porcaria lá em cima! Olhe só, olhe só! Não te dá ânsia de vômito?

– É esteticamente ofensivo, admito. Mas não acredito que tenha muita importância.

– Claro que ter a cidade repleta de coisas assim importa.

– Ah, bem, é apenas um fenômeno temporário. O capitalismo em sua última fase. Duvido que valha a pena se preocupar.

– Mas há mais para se pensar. Basta olhar para o rosto boquiaberto daquele sujeito para nós! Você pode ver toda a nossa civilização escrita nesse anúncio. A imbecilidade, o vazio, a desolação! Não se pode olhar para ele sem pensar em camisas de vênus e metralhadoras. Sabia que outro dia eu estava realmente desejando que uma guerra eclodisse? Estava ansioso por isso – quase orando por isso.

– Claro, você vê, o problema é que cerca de metade dos jovens na Europa estão desejando a mesma coisa.

– Vamos torcer para que estejam. Então, talvez isso aconteça.

– Meu caro amigo, não! Uma guerra já foi o suficiente, com certeza.

Gordon continuou andando, preocupado:

– Essa vida que vivemos hoje em dia! Não é vida, é estagnação, morte em vida. Veja todas essas malditas casas e as pessoas irrelevantes dentro delas! Às vezes, acho que somos todos cadáveres. Apenas apodrecendo de pé.

– Mas, você não vê onde você comete seu erro ao falar como se tudo isso fosse incurável. Isso é apenas algo que deve acontecer antes que o proletariado assuma o controle.

– Ah, o socialismo! Não fale comigo sobre socialismo.

– Você deveria ler Marx, Gordon, deveria mesmo. Então perceberia que esta é apenas uma fase. Não pode continuar para sempre.

– Não pode? Parece que vai durar para sempre.

– Estamos somente em um momento ruim. Temos que morrer antes de renascer, se é que você me entende.

– Estamos morrendo, com certeza. Não vejo muitos sinais de que renasceremos.

Ravelston esfregou o nariz.

– Ah, bem, devemos ter fé, acredito eu. E esperança.

– Devemos ter dinheiro, você quer dizer – disse Gordon de um jeito sombrio.

– Dinheiro?

– É o preço do otimismo. Ouso dizer que, se você me der cinco libras por semana e serei socialista.

Desconfortável, Ravelston desviou o olhar. Esse negócio de dinheiro! Em todos os lugares ele está contra você! Gordon gostaria de não ter dito aquilo. Dinheiro é a única coisa que você nunca deve mencionar quando está com pessoas mais ricas do que você. Ou, se o fizer, então deve ser um dinheiro

abstrato, dinheiro com um “D” maiúsculo. Não o dinheiro real e concreto que está em seu bolso e não está no meu. Mas o maldito assunto o atraiu como um ímã. Mais cedo ou mais tarde, especialmente quando tomava alguns drinques, ele invariavelmente começava a falar com detalhes autolamentáveis sobre a maldita vida que era ter duas libras por semana. Às vezes, por puro impulso do nervosismo de dizer a coisa errada, ele fazia alguma confissão sórdida. Como, por exemplo, que estava sem cigarro havia dois dias, ou que suas roupas de baixo estavam furadas e o sobretudo estava muito velho. Mas ele decidiu que nada desse tipo deveria acontecer nesta noite. Fugiram rapidamente do assunto dinheiro e começaram a falar de uma maneira mais geral sobre o socialismo. Ravelston vinha tentando havia anos converter Gordon ao socialismo, mas nem mesmo conseguiu despertar seu interesse no assunto. Em seguida, eles passaram por um pub de aparência barata em uma esquina de uma rua lateral. Uma nuvem amarga de cerveja parecia pairar sobre ele. O cheiro revoltou Ravelston. Ele teria acelerado o passo para fugir dele. Mas Gordon fez uma pausa, suas narinas coçaram.

– Minha nossa! Eu gostaria de tomar alguma coisa – disse ele.

– Eu também – assentiu Ravelston galantemente.

Gordon abriu a porta do pub, seguido por Ravelston. Ravelston convenceu-se de que gostava de pubs, especialmente dos pubs da classe baixa. Pubs são genuinamente proletários. Em um pub, é possível encontrar a classe trabalhadora igualitária, ou essa é a teoria, pelo menos. Mas, na prática, Ravelston nunca entrava em um pub, a menos que estivesse com alguém como Gordon, e sempre se sentia um peixe fora d’água quando chegava lá. Um ar fétido, porém, fresco, os envolveu. Era uma sala suja e enfumaçada, de teto baixo, chão com serragem e mesas simples rodeadas por

gerações de barris de cerveja. Em um canto, quatro mulheres monstruosas com seios do tamanho de melões estavam sentadas, bebendo cerveja e falando com uma amarga intensidade sobre uma pessoa chamada senhora Croop. A dona do lugar, uma mulher alta e sombria com franjas pretas, parecida com uma cafetina de um bordel, estava atrás do balcão, com os enormes braços cruzados, assistindo a um jogo de dardos que se desenrolava entre quatro operários e um carteiro. Era preciso se abaixar sob os dardos ao cruzar o salão. Houve um momento de silêncio, e as pessoas olharam curiosas para Ravelston. Era obviamente um cavalheiro. Não viam seu tipo com muita frequência no pub.

Ravelston fingiu não notar que estavam olhando para ele. Foi até o balcão, tirando uma luva para sentir o dinheiro em seu bolso.

– Qual vai ser? – disse ele, casualmente.

Mas Gordon já havia avançado e estava batendo um xelim no balcão. Pague sempre pela primeira rodada de bebidas! Era uma questão de honra. Ravelston foi para a única mesa vaga. Um marinheiro apoiado no balcão virou-se sobre seu cotovelo e lhe lançou um olhar longo e insolente. “Um m…. de engomadinho”, foi o que pensou. Gordon voltou equilibrando dois copos de meio litro de cerveja escura comum. Eram copos grossos e baratos, quase tão grossos como potes de geleia, escuros e gordurosos. Uma fina espuma amarelada estava se desfazendo na cerveja. O ar estava pesado com a fumaça de tabaco parecida com pólvora. Ravelston avistou uma escarradeira bem cheia perto do balcão e desviou os olhos. Passou por sua cabeça que aquela cerveja havia sido tirada de longos canos viscosos em algum porão infestado de insetos, e que os copos nunca haviam sido lavados, apenas enxaguados em água com cerveja. Gordon estava com muita fome. Podia comer um pouco de pão e queijo, mas pedir qualquer coisa

seria trair o fato de que ele não tinha jantado. Deu um longo gole em sua cerveja e acendeu um cigarro, o que fez com que esquecesse um pouco a fome. Ravelston também tomou mais ou menos um gole e pousou o copo com cuidado. Era uma cerveja típica de Londres, enjoativa, que deixava um gosto químico na garganta. Ravelston pensou nos vinhos da Borgonha. Continuaram discutindo sobre o socialismo.

– Sabe, Gordon, é realmente hora de você começar a ler Marx – disse Ravelston, com um tom menos de desculpas do que de costume, o gosto horrível da cerveja o irritava.

– Eu preferia ler a senhora Humphry Ward – respondeu Gordon.

– Mas não vê que sua atitude é muito irracional. Está sempre vociferando contra o capitalismo, mas não aceita a única alternativa possível. Não se pode fechar os olhos para as coisas. É preciso aceitar o capitalismo ou o socialismo. Não há como escapar.

– Estou lhe dizendo que não consigo me conformar com o socialismo. Pensar nisso me causa bocejos.

– Mas qual é a sua objeção ao socialismo, afinal?

– Só há uma objeção ao socialismo: ninguém o quer.

– Ah, certamente é um tanto absurdo dizer isso!

– Quer dizer, ninguém que consegue ver o que o socialismo realmente significa.

– Mas o que significa o socialismo, de acordo com a sua ideia?

– Ah! Algum tipo de *Admirável Mundo Novo* do Aldous Huxley, só que não é tão divertido. Quatro horas por dia em uma fábrica-modelo, apertando o parafuso número 6003. Rações servidas na cozinha comunitária em papel à prova de

gordura. Caminhadas comunitárias do Marx Hostel ao Lenin Hostel e vice-versa. Clínicas de aborto gratuitas em todas as esquinas. Tudo muito correto a seu modo, claro. Só que não o queremos.

Ravelston suspirou. Uma vez por mês, na *Antichrist*, ele repudiava essa versão do socialismo. – Bem, o que nós REALMENTE queremos, então?

– Só deus sabe. Tudo o que sabemos é o que não queremos. Isso é o que há de errado conosco hoje em dia. Estamos presos, como o asno de Buridan. Só que existem três alternativas em vez de duas, e todas as três nos reviram o estômago. O socialismo é apenas uma delas.

– E quais são as outras duas?

– Oh, suponho que o suicídio e a Igreja Católica.

Ravelston sorriu, anticlericamente chocado. – A Igreja Católica! Você considera isso uma alternativa?

– Bem, é a eterna tentação da *intelligentsia*, não é?

– Não é o que eu realmente chamaria de *intelligentsia*. Embora devêssemos considerar Eliot, claro – admitiu Ravelston.

– E haverá muito mais, pode apostar. Ouso dizer que é bastante aconchegante estar sob a asa da Santa Madre Igreja. Um pouco insalubre, é claro, mas você se sente seguro lá, de qualquer maneira.

Ravelston esfregou o nariz, pensativo.

– Parece-me que é apenas outra forma de suicídio.

– De certa forma. Mas o socialismo também é. Pelo menos é um tiro de misericórdia. Mas não posso cometer suicídio, suicídio de verdade. É muito pacífico e suave. Não vou desistir da minha parte da terra para mais ninguém. Eu gostaria de

matar alguns dos meus inimigos primeiro.

Ravelston sorriu novamente.

– E quem são seus inimigos?

– Ah, qualquer pessoa que ganhe mais de quinhentas libras por ano.

Um silêncio momentâneo e bastante desconfortável recaiu sobre eles. A renda de Ravelston, após o pagamento do imposto de renda, era provavelmente de duas mil libras por ano. Esse era o tipo de coisa que Gordon sempre dizia. Para encobrir o constrangimento do momento, Ravelston pegou seu copo e criou coragem para sentir novamente aquele gosto nauseante – engoliu cerca de dois terços de sua cerveja, o suficiente para dar a impressão de que havia terminado.

– Tome tudo! – disse Gordon, com um pseudoentusiasmo. – É hora de tomarmos a outra metade.

Gordon esvaziou o copo e deixou Ravelston tomar o dele. Não se importava em deixar Ravelston pagar pelas bebidas agora. Pagou a primeira rodada e a honra estava firmada. Ravelston caminhou constrangido até o balcão. Assim que se levantou, as pessoas começaram a olhar para ele de novo. O marinheiro, ainda encostado no balcão sobre sua jarra de cerveja intocada, olhou para ele com uma insolência silenciosa. Ravelston decidiu que não beberia mais daquela cerveja comum e nojenta.

– Dois uísques duplos, por gentileza? – pediu ele em tom de desculpa.

A sombria dona do pub ficou olhando.

– Quê? – perguntou ela.

– Dois uísques duplos, por favor.

– Nada de uísque aqui. Não vendemos destilados. Somos

casa de breja.

O marinheiro sorriu, fazendo o bigode tremer. “Engomado ignorante de m….!”, pensou ele. “Pedindo uísque em uma… casa de breja.” O rosto pálido de Ravelston corou ligeiramente. Ele não sabia até aquele momento que alguns dos pubs mais pobres não conseguem pagar a licença para destilados.

– Bass, então, sim? Duas garrafas de cerveja Bass.

Não havia garrafas de um litro, tinham que pegar quatro garrafas de meio litro. Era um lugar muito pobre. Gordon deu um gole grande e satisfatório na Bass. Mais alcoólica do que o chope, borbulhava e formigava na garganta e, como estava com fome, lhe subiu um pouco à cabeça. Ele se sentiu ao mesmo tempo mais filosófico e mais propenso à autocomiseração. Havia decidido não começar a sofrer com sua pobreza, mas agora começaria. Disse abruptamente:

– Só temos conversado umas m……

– Que m……?

– Tudo isso sobre socialismo e capitalismo e o estado do mundo moderno e Deus sabe o quê. Para o inferno com o estado do mundo moderno. Se toda a Inglaterra estivesse morrendo de fome, menos eu e as pessoas de quem gosto, eu não daria a mínima.

– Você não exagerou um pouco?

– Não. Toda essa conversa que tivemos… estamos apenas objetificando nossos próprios sentimentos. Tudo é ditado pelo que temos em nossos bolsos. Ando para cima e para baixo em Londres, dizendo que é uma cidade de mortos, e nossa civilização está morrendo. Gostaria que alguma guerra eclodisse, Deus sabe qual, e tudo isso significa que meu salário é de duas libras por semana, e eu gostaria que fossem

cinco.

Ravelston, mais uma vez lembrado de sua renda de um jeito indireto, acariciou o nariz lentamente com a junta do dedo indicador esquerdo.

– Claro, estou com você até certo ponto. Afinal, é apenas o que Marx disse. Cada ideologia é um reflexo das circunstâncias econômicas.

– Ah, mas você só se baseia no Marx! Não sabe o que significa rastejar por aí com duas libras por semana. Não é nem uma questão de dificuldade… não é nada tão decente quanto a dificuldade. É a maldade desgraçada, furtiva e sórdida disso. Viver sozinho por semanas a fio porque, quando você não tem dinheiro, não tem amigos. Chamar a si mesmo de escritor e nunca produzir nada porque você está sempre cansado demais para escrever. É uma espécie de submundo sujo em que se vive. Uma espécie de esgoto espiritual.

Agora ele havia começado. Nunca ficavam juntos por muito tempo sem que Gordon começasse a falar dessa maneira. Era a maneira mais vil. Isso envergonhava Ravelston terrivelmente. E ainda assim, de alguma forma, Gordon não conseguia evitar. Ele precisava contar sobre seus problemas para alguém, e Ravelston era a única pessoa que entendia. A pobreza, como qualquer outra ferida suja, deve ser exposta ocasionalmente. Ele começou a falar dos detalhes obscenos de sua vida em Willowbed Road. Estendeu-se pelo cheiro de lixo e repolho, nas garrafas de molho coaguladas da sala de jantar, na comida horrível, nas aspidistras. Descreveu suas xícaras de chá furtivas e seu truque de jogar folhas de chá usadas no vaso sanitário. Ravelston, culpado e desolado, ficou olhando para o copo e girando-o lentamente entre as mãos. Sentia no peito direito uma forma quadrada e acusadora: a carteira em que, como sabia, oito notas de uma libra e duas notas de dez xelins

estavam aninhadas contra seu gordo talão de cheques verde. O quanto esses detalhes da pobreza são terríveis! Não que a descrição de Gordon fosse a de pobreza real. Na pior das hipóteses, era a margem da pobreza. Mas e os verdadeiros pobres? O que dizer dos desempregados em Middlesbrough, sete em um quarto com vinte e cinco xelins por semana? Quando há pessoas vivendo assim, como se atrever a andar pelo mundo com libras e talões de cheques no bolso?

– É uma desgraça – murmurou ele várias vezes, impotente. Invariavelmente, ele se perguntou em seu coração se Gordon aceitaria uma nota de dez se lhe fosse oferecida como empréstimo.

Tomaram outra bebida, que Ravelston pagou novamente, e foram para a rua. Estava quase na hora de ir embora. Gordon nunca passava mais de uma ou duas horas com Ravelston. Os contatos com pessoas ricas, como as visitas a grandes altitudes, devem ser sempre breves. Era uma noite sem lua e sem estrelas, com um vento úmido soprando. O ar noturno, a cerveja e o brilho aquoso das lâmpadas induziam em Gordon uma espécie de luminosidade sombria. Ele percebeu que é absolutamente impossível explicar a qualquer pessoa rica, mesmo a alguém tão decente como Ravelston, a essência da pobreza. Por isso, tornou-se ainda mais importante explicá-la. De repente, ele disse:

– Você leu *O conto do jurista*, do Chaucer?

– *O conto do jurista*? Não que eu me lembre. Do que trata?

– Esqueci. Estava pensando nas primeiras seis estrofes. Nas quais ele fala sobre pobreza. A maneira como dá a todos o direito de lhe estigmatizar! A maneira como todos QUEREM pisar em você! Faz as pessoas ODIAREM você, saber que não tem dinheiro. Eles o insultam apenas pelo prazer de insultá-lo e saber que você não pode revidar.

Ravelston estava angustiado.

– Ah, não, certamente não! As pessoas não são tão ruins assim.

– Ah, mas você não faz ideia do que pode acontecer!

Gordon não queria ouvir que "as pessoas não são tão ruins". Ele agarrou-se com uma espécie de alegria dolorosa à noção de que, porque era pobre, todos queriam insultá-lo. Combinava com sua filosofia de vida. E, de repente, com a sensação de que não conseguiria se conter, ele estava falando sobre a coisa que vinha doendo em sua mente há dois dias: o desprezo que sofrera dos Doring na quinta-feira. Ele despejou toda a história descaradamente. Ravelston ficou pasmo. Não conseguia entender por que Gordon estava fazendo tanto barulho por nada. Ficar desapontado por perder um chá literário estúpido parecia um absurdo para ele. Não teria ido a um chá literário nem se você o pagasse. Como todas as pessoas ricas, passava muito mais tempo evitando a sociedade humana do que procurando-a. Ele interrompeu Gordon.

– Sério, você sabe que não deveria se ofender tão facilmente. Afinal, uma coisa dessas não importa muito.

– Não é a coisa em si que importa, é o espírito por trás disso. A maneira como eles te desprezam naturalmente, só porque você não tem dinheiro.

– Mas muito provavelmente foi tudo um engano ou algo assim. Por que alguém iria querer esnobar você?

– Se tu és pobre, teu irmão te odeia – citou Gordon perversamente.

Ravelston, respeitoso até com as opiniões dos mortos, coçou o nariz. – Chaucer disse isso? Então, acho que discordo de Chaucer. As pessoas não odeiam você exatamente.

– Claro que odeiam. E estão certas em odiar você. Você é

odioso. Sou como aqueles anúncios de Listerine. “Por que ele está sempre sozinho? A halitose está arruinando sua carreira.” A pobreza é uma halitose espiritual.

Ravelston suspirou. Sem dúvida, Gordon era perverso. Eles seguiram em frente, discutindo, Gordon com veemência, Ravelston em discordância. Ravelston ficava impotente em uma discussão desse tipo contra Gordon. Achava que Gordon exagerava, mas nunca gostava de contradizê-lo. Como ele poderia? Ele era rico, e Gordon era pobre. E como você pode discutir sobre pobreza com alguém que é genuinamente pobre?

– E também, a maneira como as mulheres te tratam quando você não tem dinheiro! – Gordon continuou. – Isso é outra coisa sobre esse maldito negócio de dinheiro… mulheres!

Ravelston meneou a cabeça bastante sombrio. Para ele, isso soava mais razoável do que o que Gordon havia dito antes. Ele pensou em Hermione Slater, sua namorada. Eram amantes há dois anos, mas nunca se preocuparam em se casar. Era “trabalho demais”, Hermione sempre dizia. Ela era rica, é claro, ou melhor, sua família era. Ele pensou nos seus ombros largos, lisos e jovens, que pareciam sair de suas roupas como uma sereia saindo do mar; e sua pele e cabelo, que de alguma forma eram mornos e sonolentos, como um campo de trigo ao sol. Hermione sempre bocejava com a menção do socialismo e se recusava até a ler a *Antichrist*. – Não me fale das classes baixas – costumava dizer. – Eu odeio esse povo. Ele FEDE. E Ravelston a adorava.

– Claro que as mulheres SÃO uma dificuldade – admitiu.

– Elas são mais que uma dificuldade, são uma maldição real. Quer dizer, se você não tiver dinheiro. Uma mulher te odeia quando você não tem dinheiro.

– Acho que você está exagerando um pouco. As coisas não são tão cruas assim.

Gordon não deu ouvidos. – Que droga é falar de socialismo ou de qualquer outro ismo quando as mulheres são o que são! A única coisa que uma mulher deseja é dinheiro, dinheiro para uma casa própria, dois bebês, mobília da Drage e uma aspidistra. O único pecado que elas podem imaginar é não querer voar no dinheiro. Nenhuma mulher jamais julga um homem por qualquer coisa, exceto sua renda. Claro que não admitem. Ela diz que ele é um homem TÃO BOM, quando quer dizer que tem muito dinheiro. E se você não tem dinheiro, você não é BOM. Você é desonrado, de alguma forma. Você pecou. Pecou contra a aspidistra.

– Você fala muito sobre aspidistras – observou Ravelston.

– Elas são um assunto muito importante – rebateu Gordon.

Ravelston esfregou o nariz e desviou o olhar, desconfortável.

– Escute aqui, Gordon, você não se importa que eu te pergunte… Se você tem uma namorada…

– Ah, minha nossa! Não me fale dela!

Ele começou, no entanto, a falar sobre Rosemary. Ravelston não conhecia Rosemary. Nesse momento, Gordon nem conseguia se lembrar de como ela era. Não se lembrava do quanto gostava dela e ela dele, de como sempre ficavam felizes juntos nas raras ocasiões em que se encontravam, de como ela suportava pacientemente seus modos quase intoleráveis. Ele não se lembrava de nada, exceto de que ela não dormia com ele e que já fazia uma semana que não escrevia. No ar úmido da noite, com o álcool no sangue, ele se sentia uma criatura abandonada e negligenciada. Rosemary era "cruel" com ele – era assim que ele a via. Perversamente, pelo mero prazer de se atormentar e incomodar Ravelston, ele começou a inventar um personagem imaginário para Rosemary. Ele construiu uma imagem dela como uma criatura insensível que se divertia com ele e ainda assim o desprezava,

que brincava com seus sentimentos e o mantinha a distância, e que ainda assim cairia em seus braços se ele tivesse um pouco mais de dinheiro. E Ravelston, que não havia conhecido Rosemary, não desacreditava totalmente dele. Ele interrompeu.

– Mas, Gordon, veja bem. Essa garota, senhorita… senhorita Waterlow, como você disse que era o nome dela? A Rosemary… Ela não se importa nem um pouco com você, de verdade?

A consciência de Gordon o incomodava, embora não muito profundamente. Ele não podia dizer que Rosemary não se importava com ele.

– Ah, sim, ela se importa comigo. Ouso dizer que ela se importa muito comigo à sua maneira. Mas não o suficiente, você não vê? Ela não conseguirá enquanto eu não tiver dinheiro. Tudo é dinheiro

– Mas com certeza o dinheiro não é tão importante assim, não é? Afinal, existem outras coisas.

– Que outras coisas? Você não vê que toda a personalidade de um homem está ligada à sua renda? Sua personalidade é a sua renda. Como você pode ser atraente para uma garota se não tem dinheiro? Você não pode usar roupas decentes, não pode levá-la para jantar ou ao teatro ou passar os fins de semana fora, não consegue bancar uma atmosfera alegre e interessante. E é péssimo dizer que esse tipo de coisa não importa. Importa, sim. Se você não tem dinheiro, não há nenhum lugar onde vocês possam se encontrar. Rosemary e eu nunca fomos a um encontro, exceto nas ruas ou em galerias de fotos. Ela mora em uma pensão horrenda para mulheres, e a vaca da minha senhoria não permite mulheres em casa. Vagando para cima e para baixo em ruas terrivelmente molhadas, é a isso que Rosemary me associa. Não vê como isso tira o brilho de tudo?

Ravelston estava angustiado. Deve ser terrível quando você não tem dinheiro nem para sair com a sua garota. Ele tentou se esforçar para dizer algo, mas fracassou. Com culpa e, também com desejo, ele pensou no corpo nu de Hermione, como uma fruta quente e madura. Com um pouco de sorte, ela passaria no apartamento esta noite. Provavelmente estava esperando por ele agora. Ele pensou nos desempregados em Middlesbrough. A fome sexual é terrível entre os desempregados. Eles estavam se aproximando do apartamento. Ele olhou para as janelas. Sim, estavam iluminadas. Hermione deve estar lá, tinha a chave.

Ao se aproximarem do apartamento, Gordon chegou mais perto de Ravelston. Agora que a noite estava terminando, ele deveria se separar de Ravelston, a quem ele adorava, e voltar para seu quarto sujo e solitário. E todas as noites terminavam assim; o retorno pelas ruas escuras até o quarto solitário e a cama sem mulher. E Ravelston diria

– Quer subir?

E Gordon, no cumprimento do dever, responderia:

– Não. Nunca fique muito tempo com aqueles que você ama, outro mandamento dos que não têm dinheiro.

Eles pararam ao pé da escada. Ravelston pousou a mão enluvada em uma das pontas de lança de ferro da grade.

– Quer subir? – ele perguntou sem convicção.

– Não, obrigado. É hora de voltar para casa.

Os dedos de Ravelston apertaram-se em torno da ponta da lança. Puxou como se fosse subir, mas não foi. Com desconforto, olhando para longe por cima da cabeça de Gordon, ele disse.

– Gordon, olhe aqui. Você não ficará ofendido se eu te disser uma coisa?

– O quê?

– Sabe, odeio toda essa história sobre você e sua garota. Não ser capaz de levá-la a um encontro e tudo mais. É absurdo esse tipo de coisa.

– Ah, não é nada, de fato.

Assim que ouviu Ravelston dizer que era "absurdo", soube que estava exagerando. Desejou não ter falado daquela maneira tola, cheia de autocomiseração. Sempre que se fala sobre essas coisas, se sente que não é possível deixar de dizê-las, mas depois se fica arrependido.

– Ouso dizer que estou exagerando – disse ele.

– Gordon, olhe aqui. Deixe-me emprestar dez libras para você. Leve a garota para jantar algumas vezes. Ou passar o fim de semana fora, ou algo assim. Pode fazer toda a diferença. Eu odeio pensar que…

Gordon franziu a testa amargamente, quase com ferocidade. Deu um passo para trás, como se fosse uma ameaça ou um insulto. O terrível é que a tentação de dizer "sim" quase o dominou. Havia tanto que dez libras comprariam! Ele teve uma visão fugaz de Rosemary e de si mesmo em uma mesa de restaurante: uma tigela de uvas e pêssegos, um garçom curvado esperando, uma garrafa de vinho escura e empoeirada em seu berço de vime.

– Nem pensar! – disse ele.

– Gostaria que você aceitasse. Digo que GOSTARIA de lhe emprestar.

– Obrigado. Mas prefiro manter meus amigos.

– Isso não é… Bem, um tanto burguês para se dizer?

– Você não acha que seria chato se eu pegasse dez libras de você? Eu não poderia pagar em dez anos.

– Ah, bem! Não importaria muito. Ravelston desviou o olhar. Era hora de abrir o jogo, a confissão vergonhosa e odiosa que ele se viu forçado a fazer tantas vezes!

– Sabe, tenho muito dinheiro.

– Eu sei que você tem. É exatamente por isso que não vou pegar emprestado de você.

– Sabe, Gordon? Às vezes você é só um pouquinho… bem, teimoso.

– Sem dúvidas. Não consigo evitar.

– Ah, bem! Boa noite, então.

– Boa noite.

Dez minutos depois, Ravelston seguiu para o sul em um táxi, com Hermione. Ela estava esperando por ele, adormecida ou meio adormecida em uma das poltronas enormes em frente à lareira da sala. Sempre que não havia nada em particular para fazer, Hermione adormecia tão prontamente quanto um animal, e quanto mais dormia, mais saudável se tornava. Quando ele se aproximou, ela acordou e espreguiçou-se com voluptuosas contorções sonolentas, meio sorrindo, meio bocejando para ele, com as bochechas e braços nus e rosados à luz do fogo. Nesse momento, ela conseguiu dominar seus bocejos para cumprimentá-lo.

– Olá, Philip! Onde você esteve todo esse tempo? Estou esperando há séculos.

– Ah, saí com um sujeito. Gordon Comstock. Você não o conhece. Um poeta.

– Poeta! Quanto ele pegou emprestado de você?

– Nada. Ele não é esse tipo de pessoa. Ele é muito peculiar com dinheiro, na verdade. Mas é muito talentoso no que faz.

– Você e seus poetas! Você parece cansado, Philip. A que

horas você jantou?

– Bem, na verdade eu não jantei.

– E por que não jantou?

– Ah, bem… Não sei se você vai entender. Foi uma espécie de acidente. Foi assim – ele explicou.

Hermione começou a rir e se arrastou para arrumar a postura.

– Philip! Você é um velho idiota! Ficar sem jantar só para não magoar esse estrupício! Você precisa comer logo. E é claro que a criada já foi embora. Por que você não traz alguns criados adequados, Philip? Odeio a maneira como você vive. Vamos sair e jantar no Modigliani.

– Mas já passa das dez. Estarão fechados.

– Tolice! Ficam abertos até as duas da manhã. Vou chamar um táxi. Não quero você morrendo de fome

No táxi, ela se deitou nele, ainda meio adormecida, com a cabeça apoiada em seu peito. Pensou nos desempregados em Middlesbrough, sete em um quarto com vinte e cinco xelins por semana. Mas o corpo da garota pesava contra ele, e Middlesbrough estava muito longe. Além disso, ele estava com uma fome terrível. Pensou em sua mesa de canto favorita no Modigliani e naquele pub vil com seus bancos duros, fedor de cerveja rançosa e escarradeiras de latão. Hermione estava sonolenta e dando um sermão nele.

– Philip, por que você tem que viver de uma maneira tão horrível?

– Mas eu não vivo de uma maneira horrível.

– Sim, você vive. Finge que é pobre quando não é, mora naquele apartamento miserável sem empregados e anda por aí com todas essas pessoas medíocres.

– Que pessoas medíocres?

– Ah, gente como esse seu amigo poeta. Todas aquelas pessoas que escrevem para o seu jornal. Eles só fazem isso para sugar você. Claro que sei que você é socialista. Eu também. Quero dizer, hoje em dia somos todos socialistas. Mas não vejo por que você precisa dar todo o seu dinheiro e fazer amizade com as classes mais baixas. Você pode ser socialista e se divertir, é o que eu digo.

– Hermione, querida, por favor, não os chame de classes mais baixas!

– Por que não? SÃO as classes mais baixas, não são?

– É uma expressão tão odiosa. Chame-os de classe trabalhadora, está bem?

– Classe trabalhadora, como queira. Mas eles têm o mesmo cheiro.

– Você não devia dizer esse tipo de coisa – protestou ele com franqueza.

– Sabe, Philip, às vezes acho que você GOSTA das classes mais baixas.

– Claro que gosto deles.

– Que repugnante. Que coisa absolutamente repugnante.

Ela ficou quieta com os braços ao redor dele como uma sereia sonolenta, contente por não discutir mais. O cheiro de mulher exalou dela, uma poderosa propaganda sem palavras contra todo altruísmo e toda justiça. Do lado de fora do Modigliani, eles pagaram o táxi e se dirigiam para a porta quando um homem grande e magro pareceu brotar das pedras da calçada à sua frente. Ele cruzou o caminho deles como uma fera bajuladora, com uma avidez terrível, mas com medo, como se temesse que Ravelston o golpeasse. Seu rosto aproximou-se do de Ravelston – um rosto horrível, branco como um peixe e com barba por fazer. As palavras “Uma

xícara de chá, chefe!" foram proferidas por dentes cariados. Ravelston encolheu-se de desgosto. Não conseguiu evitar. Sua mão moveu-se automaticamente para o bolso. Mas, no mesmo instante, Hermione o pegou pelo braço e o puxou para dentro do restaurante.

– Você daria cada centavo que você tem se eu deixasse – disse ela.

Eles foram para sua mesa favorita no canto. Hermione brincou com algumas uvas, mas Ravelston estava com muita fome. Pediu a alcatra grelhada em que estivera pensando e meia garrafa de Beaujolais. O garçom italiano gordo de cabelos brancos, um velho amigo de Ravelston, trouxe o bife fumegante. Ravelston cortou-o. Adorável, com o meio vermelho escuro! Em Middlesbrough, os desempregados amontoam-se em camas desalinhadas, com pão, margarina e chá sem leite na barriga. Ele começou a comer seu bife com toda a alegria vergonhosa de um cachorro com uma perna de carneiro roubada.

Gordon caminhou rapidamente para casa. Estava frio. Cinco de dezembro – inverno de verdade agora. Cortareis o vosso prepúcio, diz o Senhor. O vento úmido soprou maldosamente por entre as árvores nuas. *Sopra bruscamente o vento cominador*. O poema que havia começado na quarta-feira, agora com seis estrofes terminadas, voltou à mente. Nesse momento, ele não o repudiava. Era estranho como falar com Ravelston sempre o animava. O mero contato com Ravelston parecia tranquilizá-lo de alguma forma. Mesmo quando a conversa deles era insatisfatória, ele saía com a sensação de que, afinal, ele não era um fracasso. Repetiu as seis estrofes terminadas em voz baixa. Elas não eram ruins, nada ruins.

Mas, intermitentemente, repassava em sua mente as coisas que dissera a Ravelston. Ele se ateve a tudo o que disse. A

humilhação da pobreza! Isso é o que eles não podem entender e não vão entender. Não o sofrimento – você não passa por um sofrimento com duas libras por semana, e se passasse, não teria importância – mas vive a humilhação, a terrível e maldita humilhação. A maneira como isso dá a todos o direito de pisar em você. A maneira como todos QUEREM pisar em você. Ravelston não acreditava. Era decente demais, era por isso. Pensava que era possível ser pobre e ainda assim ser tratado como um ser humano. Mas Gordon sabia da realidade. Entrou em casa repetindo para si mesmo que sabia da realidade.

Havia uma carta esperando por ele na bandeja do corredor. Seu coração palpitou. Atualmente, todas as cartas o deixavam ansioso. Ele subiu as escadas de três em três degraus, trancou-se e acendeu o gás. A carta era de Doring.

CARO COMSTOCK – Que pena que você não apareceu no sábado. Há algumas pessoas que eu queria que você conhecesse. Avisamos que desta vez era sábado e não quinta-feira, não foi? Minha esposa diz que tem certeza de que ela lhe disse. De qualquer forma, vamos dar outra festa no dia 23, uma espécie de festa antes do Natal, mais ou menos no mesmo horário. Você vem? Não se esqueça da data desta vez.

Do seu amigo,

PAUL DORING

Uma convulsão dolorosa trouxe uma pontada nas costelas de Gordon. Então, Doring estava fingindo que tudo era um engano – fingindo não o ter insultado! É verdade que não poderia realmente ter ido lá no sábado, porque no sábado tinha que estar na loja; ainda assim, era a intenção que contava.

Seu coração doeu quando ele releu as palavras "algumas pessoas que eu queria que você conhecesse". Que sorte é essa! Ele pensou nas pessoas que poderia ter conhecido – editores

de revistas eruditas, por exemplo. Poderiam ter-lhe oferecido livros para escrever uma crítica ou pedido para ver seus poemas, ou Deus sabe o quê. Por um momento, sentiu-se terrivelmente tentado a acreditar que Doring falava a verdade. Afinal, talvez tivessem dito a ele que era no sábado e não na quinta-feira. Talvez se vasculhasse em sua memória, conseguisse se lembrar. Poderia até mesmo encontrar a própria carta caída em sua confusão de papéis. Mas não! Não pensaria nisso. Lutou contra a tentação. Os Doring tinham-no insultado de propósito. Ele era pobre, portanto, o insultaram. Se você for pobre, as pessoas irão insultá-lo. Era o seu credo. Continue acreditando nisso!

Ele foi até a mesa, rasgando a carta de Doring em pedacinhos. A aspidistra estava em sua panela, com a cor verde e fosca, doente, patética com sua feiura nauseante. Ao se sentar, ele a puxou para si e a olhou para pensativamente. Havia uma intimidade de ódio entre a aspidistra e ele. “Ainda vou vencer você, sua filha da p…”, sussurrou ele para as folhas empoeiradas.

Em seguida, vasculhou seus papéis até encontrar uma folha em branco, pegou sua caneta e escreveu com sua caligrafia pequena e elegante, bem no meio da folha:

QUERIDO DORING, Com referência à sua carta: vá se f….

Um abraço,

GORDON COMSTOCK

Ele a enfiou em um envelope, endereçou-o e imediatamente saiu para pegar selos na máquina automática. Envie esta noite: essas coisas não são as mesmas pela manhã. Ele jogou o envelope na caixa de correio. Bom, havia perdido outro amigo.



CAPÍTULO 6

Esse negócio de mulher! Que chato! Que pena que não podemos dar um fim nesse sentimento, ou pelo menos sermos como os animais: ter alguns minutos de uma luxúria feroz e meses de castidade gelada. Pegue um galo como exemplo. Ele pula nas costas das galinhas com ou sem permissão. E assim que tudo termina, todo o assunto estará fora de sua mente. Ele quase não nota mais suas galinhas; ele as ignora ou simplesmente as bica se elas se aproximarem demais de sua comida. Ele também não é chamado para sustentar sua prole. Galo sortudo! Tão diferente do senhor da criação, sempre dividido entre sua memória e sua consciência!

Esta noite Gordon nem estava fingindo fazer nenhum trabalho. Ele saiu de novo imediatamente após o jantar. Ele caminhou para o sul, bem devagar, pensando nas mulheres. Era uma noite amena e nublada, mais parecida com o outono do que o inverno. Era terça-feira e ele tinha quatro xelins e quatro pence restantes. Poderia ir até o Crichton se quisesse. Sem dúvida, Flaxman e seus amigos já estavam bebendo lá. Mas o Crichton, que parecia o paraíso quando ele não tinha dinheiro, o entediava e o enojava quando estava em seu poder ir para lá. Ele odiava aquele lugar seboso e cheio de cerveja, e as imagens, sons, cheiros, tudo tão descarada e ofensivamente masculino. Não havia mulheres lá; apenas a garçonete com seu sorriso lascivo que parecia prometer tudo e não fazer nada.

Mulheres, mulheres! A névoa que pairava imóvel no ar transformava os pedestres em fantasmas a vinte metros de distância; mas nas pequenas poças de luz em volta dos postes de luz dava para ver o vislumbre dos rostos das garotas. Ele pensou em Rosemary, nas mulheres em geral e em Rosemary novamente. Passou a tarde inteira pensando nela. Foi com uma espécie de ressentimento que pensou no seu corpo pequeno e forte, que nunca tinha visto nu. O quanto é injusto que sejamos preenchidos até a borda com esses desejos torturantes e depois proibidos de satisfazê-los! Por que alguém deveria, simplesmente porque não tem dinheiro, ser privado DISSO? Parece tão natural, tão necessário como parte dos direitos inalienáveis de um ser humano. Enquanto descia a rua escura, através do ar frio, mas lânguido, havia uma estranha sensação de esperança em seu peito. Ele meio que acreditava que em algum lugar à frente, na escuridão, o corpo de uma mulher estaria esperando por ele. Mas também sabia que nenhuma mulher estava esperando, nem mesmo Rosemary. Fazia oito dias desde que ela nem sequer escrevia para ele. A pequena cruel! Oito dias inteiros sem escrever! Sabendo o quanto suas cartas significavam para ele! Como era óbvio que ela não se importava mais com ele, que era apenas um incômodo para ela com sua pobreza e mesquinhez. Sua chateação eterna, dizendo que o amava! Muito provavelmente nunca mais escreveria. Ela estava cansada dele – cansada dele porque era pobre. O que mais se poderia esperar? Ele não tinha controle sobre ela. Sem dinheiro, portanto, sem namorada. Em última instância, o que prende uma mulher a qualquer homem, exceto dinheiro?

Uma garota desceu a calçada sozinha. Ele passou por ela à luz do poste. Uma garota da classe trabalhadora, deveria ter 18 anos, sem chapéu, com um rosto bem rosado. Ela virou a cabeça rapidamente quando o viu olhando para ela. Ela temia enfrentar os olhos dele. Sob a fina capa de chuva de seda com cinto na cintura que ela usava, suas ancas eram flexíveis e

elegantes. Ele quase se virou e a seguiu. Mas para quê? Ela fugiria ou chamaria um policial. Meu cabelo dourado, o tempo converteu em prata, ele pensou. Ele tinha 30 anos e estava acabado. Que mulher digna de levar para a cama o olharia na vida?

Esse negócio de mulher! Talvez você se sinta diferente sobre isso se for casado. Porém, ele havia feito um juramento contra o casamento há muito tempo. O casamento é apenas uma armadilha preparada pelo deus do dinheiro para você. Você pega a isca; *poc*, aparece a armadilha; e aí está você, acorrentado pela perna a algum "bom emprego" até que o carreguem para Kensal Green. E que vida! Relações sexuais lícitas à sombra da aspidistra. Empurrar carrinhos de bebê e esconder os adultérios. Até que sua esposa descobre, e quebra garrafas de uísque na sua cabeça.

No entanto, ele percebeu que de certa forma é necessário casar-se. Se o casamento é ruim, a alternativa é pior. Por um momento, ele desejou ser casado; ansiava pela dificuldade, pela realidade, pela dor. E o casamento deve ser indissolúvel, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, até que a morte os separe. A velha premissa cristã: casamento temperado com adultério. Cometa adultério se for preciso, mas de qualquer forma tenha a DECÊNCIA de chamar isso de adultério. Nada daquele lixo americano de alma gêmea. Divirta-se e volte para casa, com o suco da fruta proibida escorrendo dos bigodes, e assuma as consequências. Decantadores de cristal com uísque sendo quebrados na cabeça, esposas ranzinzas, refeições queimadas, crianças chorando, brigas e desentendimentos com as implacáveis sogras. Não seria melhor isso, talvez, do que uma liberdade horrível? Você saberia, pelo menos, que vivia a vida real.

Mas de qualquer maneira, como é possível se casar com duas libras por semana? Dinheiro, dinheiro, sempre dinheiro! O

diabo é que, fora o casamento, nenhum relacionamento decente com uma mulher seria possível. A mente de Gordon retrocedeu ao longo de seus dez anos de vida adulta. Os rostos das mulheres fluíram em sua memória. Existiram dez ou uma dúzia delas. Meretrizes também. *Comme au long d'un cadavre un cadavre etendu*. E mesmo quando não eram meretrizes, eram sórdidas, sempre sórdidas. Sempre começava com uma espécie de obstinação a sangue-frio e terminava em alguma deserção cruel e maldosa. Isso também era dinheiro. Sem dinheiro, você não pode ser direto ao lidar com as mulheres. Pois sem dinheiro, você não pode selecionar e escolher, você tem que pegar todas as mulheres que puder; e então, necessariamente, você tem que escapar delas. A constância, como todas as outras virtudes, deve ser paga em dinheiro. E o mero fato de que ele se rebelou contra o código do dinheiro e não se estabeleceu na prisão de um "bom emprego" – algo que nenhuma mulher vai compreender – trouxe uma qualidade de impermanência, de engano, em todos seus casos com mulheres. Ao renunciar ao dinheiro, ele deveria ter renunciado às mulheres. Sirva ao deus do dinheiro ou fique sem mulheres – essas são as únicas alternativas. E ambas eram igualmente impossíveis.

Na rua lateral logo à frente, uma sombra de luz branca cortou a névoa e ouviu-se o rugido de vendedores ambulantes. Era a Luton Road, onde eles têm uma feira de rua duas noites por semana. Gordon virou para a esquerda, entrando no mercado. Costumava usar esse caminho. A rua estava tão lotada que você dificilmente conseguiria abrir caminho pela viela cheia de repolho entre as barracas. No clarão de lâmpadas elétricas penduradas, as mercadorias das barracas brilhavam com cores finas e sinistras – pedaços de carne carmesim cortados, pilhas de laranjas e brócolis verdes e brancos, coelhos duros com olhos vítreos, enguias vivas enrolando-se em cochos esmaltados, galinhas depenadas penduradas em fileiras

projetando seus seios nus como guardas nus em uma parada. O ânimo de Gordon reviveu um pouco. Ele gostava do barulho, da agitação, da vitalidade. Sempre que você vê uma feira de rua, sabe que ainda há esperança para a Inglaterra. Mas mesmo ali ele sentiu solidão. As garotas se aglomeravam por toda parte, em grupos de quatro ou cinco, rondando ansiosamente pelas barracas com roupas provocantes e baratas, papeando entre gritos e risadas com os rapazes que as seguiam. Nenhuma tinha olhos para Gordon. Ele caminhou entre elas como se fosse invisível, exceto que seus corpos o evitavam quando ele passava perto. Ah, olha aí! Ele parou involuntariamente. Sobre uma pilha de roupas íntimas de seda artística em uma barraca, três garotas estavam curvadas, atentas com os rostos juntos – três rostos jovens, como flores na luz forte, agrupando-se lado a lado como um cacho de flores de cravina ou de flox estreladas. Seu coração se agitou. Sem olhos nele, claro! Uma garota ergueu os olhos. Ah! Apressada, com um ar ofendido, ela desviou o olhar novamente. Um rubor delicado como uma onda de aquarela inundou seu rosto. O olhar frio e sexual em seus olhos a assustou. Fogem de mim as que já me procuraram! Ele seguiu em frente. Se ao menos Rosemary estivesse aqui! Ele a perdoou agora por não ter escrito para ele. Ele poderia perdoá-la por qualquer coisa, se ela estivesse aqui. Sabia o quanto ela significava para ele, porque só ela, entre todas as mulheres, estava disposta a salvá-lo da humilhação de sua solidão.

Nesse momento, ele olhou para cima e viu algo que fez seu coração pular. Ele mudou o foco de seus olhos abruptamente. Por um momento, pensou que estava imaginando. Mas não! Era ROSEMARY!

Ela estava descendo o beco entre as barracas, a vinte ou trinta metros de distância. Era como se seu desejo a tivesse conjurado. Ela não o tinha visto ainda. Ela veio em sua

direção, uma pequena figura jovial abrindo caminho agilmente no meio da multidão e da sujeira da rua, o rosto quase invisível por causa de um chapéu preto e chato que ela usava com a aba sobre os olhos como se fosse o chapéu de palha de um lavrador. Ele foi em sua direção e chamou seu nome.

– Rosemary! Oi, Rosemary!

Um homem de avental azul pegando bacalhau em uma barraca se virou para encará-lo. Rosemary não o ouviu por causa do barulho. Ele a chamou novamente.

– Rosemary! Ei, Rosemary!

Eles estavam a apenas alguns metros de distância agora. Ela se assustou e ergueu os olhos.

– Gordon! O que você está fazendo aqui?

– O que VOCÊ está fazendo aqui?

– Vim ver você.

– Mas como você sabia que eu estava aqui?

– Não sabia. Eu sempre venho por este caminho. Saio do metrô pela estação Camden Town.

Rosemary às vezes visitava Gordon na Willowbed Road. A senhora Wisbeach informava-o em um tom amargo que "havia uma jovem esperando-o", ele descia e os dois saíam para passear na rua. Rosemary nunca tinha permissão para entrar, nem mesmo no corredor. Essa era a regra da casa. Pelo modo como a senhora Wisbeach falava delas, você pensaria que "mulheres jovens" eram ratos imundos. Gordon pegou Rosemary pelo braço e fez menção de puxá-la contra ele.

– Rosemary! Ah, que alegria ver você novamente! Eu estava tão terrivelmente solitário. Por que você não veio antes?

Ela afastou a mão dele e afastou-se de seu alcance. Sob a aba inclinada do chapéu, ela lhe lançou um olhar zangado.

– Solte-me agora! Estou muito zangada com você. Quase não vim depois daquela carta horrível que você me enviou.

– Que carta horrível?

– Você sabe muito bem.

– Não, não sei. Ah, bem, vamos sair daqui. Ir a algum lugar onde possamos conversar. Vamos por aqui.

Ele pegou o braço dela, mas ela o afastou novamente, sem, no entanto, deixar de acompanhá-lo. Seus passos eram mais rápidos e mais curtos do que os dele. E caminhando ao lado dele, ela tinha a aparência de algo extremamente pequeno, ágil e jovem, como se ele tivesse algum animalzinho, um esquilo por exemplo, saltitando ao seu lado. Na verdade, ela não era muito menor do que Gordon, e apenas alguns meses mais jovem. Mas ninguém jamais teria descrito Rosemary como uma solteirona de quase 30 anos, o que de fato era. Ela era uma garota forte e ágil, com cabelo preto duro, um rosto pequeno e triangular e sobrancelhas grossas. Era um daqueles rostos pequenos, pontiagudos, cheios de personalidade, que se vê em retratos do século XVI. Ele foi surpreendido quando a viu tirar o chapéu pela primeira vez, pois em seu escalpo três cabelos brancos cintilavam entre os pretos, como fios de prata. Era típico de Rosemary nunca se preocupar em arrancar os fios de cabelo brancos. Ela ainda se considerava uma menina muito jovem, assim como todo mundo. No entanto, se você a olhasse de perto, as marcas do tempo eram bastante claras em seu rosto.

Gordon caminhou com mais ousadia, com Rosemary ao seu lado. Ele estava orgulhoso dela. As pessoas olhavam para ela e, portanto, para ele também. Ele não era mais invisível para as mulheres. Como sempre, Rosemary estava muito bem vestida. Era um mistério como ela fazia isso com quatro libras por semana. Ele gostou particularmente do chapéu que ela

usava, um daqueles chapéus *floppy* de feltro que estavam entrando na moda e que imitavam o chapéu de um clérigo. Havia algo essencialmente frívolo nisso. De alguma forma difícil de ser descrito, o ângulo em que estava inclinado para a frente harmonizava-se de maneira atraente com a curva do traseiro de Rosemary.

Apesar de tudo, um pequeno sorriso apareceu no canto de sua boca.

– É bem bonito – disse ela, dando um tapinha no chapéu.

No entanto, ela ainda estava fingindo estar com raiva, e cuidou para que seus corpos não se tocassem. Assim que chegaram ao final da feira e já estavam na rua principal, Rosemary parou e o encarou sombriamente.

– O que você quer dizer quando me escreve cartas assim? – perguntou.

– Assim como?

– Dizendo que parti seu coração.

– Então, você partiu.

– É o que parece, não é?

– Não sei. Certamente, parece que sim.

As palavras foram ditas meio de brincadeira, e ainda assim a fizeram olhar mais de perto para ele – seu rosto pálido e abatido, seu cabelo não cortado, sua aparência descuidada e negligenciada. Seu coração suavizou-se instantaneamente, mas ela franziu a testa. "Por que ele NÃO se cuida?", era o pensamento em sua mente. Eles se aproximaram um do outro. Ele a pegou pelos ombros. Ela o deixou fazer isso e, colocando os braços pequenos em volta dele, apertou-o com força, em parte por afeto, em parte por exasperação.

– Gordon, você É uma criatura miserável! – ela disse.

– Por que eu sou uma criatura miserável?

– Por que não consegue cuidar adequadamente de si mesmo? Está um perfeito espantalho. Veja essas roupas velhas horríveis que você está vestindo!

– Elas são adequados para minha classe social. Não dá para se vestir decentemente com duas libras por semana, você sabe.

– Mas certamente não há necessidade de ficar parecendo um monte de trapo. Veja este botão pendurado no seu casaco.

Ela tocou o botão pendurado e, de repente, ergueu a gravata descolorida da loja Woolworth para o lado. Com um instinto feminino, ela adivinhou que ele não tinha botões na camisa.

– Acertei novamente! Nem um único botão. Você está horrível, Gordon!

– Estou dizendo que não posso me incomodar com coisas assim. Eu tenho uma alma além dos botões.

–Mas por que não ME entrega e me deixa costurar para você? E, aí, Gordon! Você nem mesmo fez a barba hoje. Como você está absolutamente abominável. Pode pelo menos se dar ao trabalho de se barbear todas as manhãs?

– Não posso me dar ao luxo de me barbear todas as manhãs – disse ele com perversidade.

– O que quer dizer, Gordon? Fazer a barba não custa dinheiro, certo?

– Sim, custa. Tudo custa dinheiro. Limpeza, decência, energia, respeito próprio… tudo. É tudo dinheiro. Já não te disse isso um milhão de vezes?

Ela apertou as costelas dele de novo – era surpreendentemente forte – e franziu a testa para ele, estudando seu rosto do mesmo modo que uma mãe olha para uma criança rabugenta da qual ela gosta irracionalmente.

– QUE idiota eu sou! – ela disse.

– Por que idiota?

– Porque gosto tanto de você.

– Você gosta de mim?

– Claro que sim. Sabe que gosto. Eu te adoro. É idiota da minha parte.

– Então, venha para algum lugar onde esteja escuro. Quero te beijar.

– Que maravilha ser beijada por um homem que nem mesmo fez a barba!

– Bem, será uma experiência nova para você.

– Não, não será, Gordon. Não depois de conhecer VOCÊ por dois anos.

– Ah, bem, vamos lá, vai?

Eles encontraram um beco quase escuro que dava para os fundos das casas. Todo seu amor era consumido nesses lugares. O único lugar onde podiam ter privacidade eram nas ruas. Ele pressionou os ombros dela contra os tijolos úmidos e ásperos da parede. Ela ergueu o rosto prontamente e se agarrou a ele com uma espécie de afeição violenta e ansiosa, como uma criança. E ainda assim, embora estivessem corpo a corpo, era como se houvesse um escudo entre eles. Ela o beijou como uma criança faria, porque sabia que ele esperava ser beijado. Sempre foi assim. Apenas em momentos muito raros ele conseguia despertar os primórdios do desejo físico nela; e depois Rosemary parecia esquecê-los, de modo que Gordon sempre parecia começar do zero. Havia algo de defensivo na sensação de seu corpo pequeno e bem formado. Ela ansiava por saber o significado do amor físico, mas também o temia. Isso destruiria sua juventude, o mundo

juvenil e assexuado em que ela escolheu viver.

Ele separou as bocas para falar com ela.

– Você me ama? – ele perguntou.

– Claro, seu bobo. Por que você está sempre perguntando?

– É que eu gosto de ouvi-la dizer. De alguma forma, nunca me sinto seguro até ouvi-la dizer isso.

– Mas, por quê?

– Ah, bem, você pode ter mudado de ideia. Afinal, não sou exatamente a resposta à oração de uma donzela. Tenho 30 anos e estou acabado.

– Não seja tão dramático, Gordon! Qualquer um que o ouvisse pensaria que você tem 100 anos. Você sabe que tenho a mesma idade que você.

– Sim, mas não está acabada.

Ela esfregou a bochecha contra a dele, sentindo a aspereza de sua barba de um dia. As barrigas estavam juntas. Ele pensou nos dois anos em que a desejou e nunca a teve. Com os lábios quase contra a orelha dela, ele murmurou.

– Você nunca vai dormir comigo?

– Sim, um dia eu vou. Agora não. Algum dia.

– É sempre "algum dia". Já se passaram dois anos desde o primeiro "algum dia"

– Eu sei. Mas não há outro jeito.

Ele pressionou as costas dela contra a parede, tirou seu chapéu chato chamativo e enterrou o rosto nos cabelos dela. Era atormentador estar tão perto dela e não poder fazer nada. Ele colocou a mão sob o queixo dela e ergueu seu pequeno rosto para ele, tentando distinguir seus traços naquele breu.

– Diga que vai, Rosemary. Seja boazinha e diga.

– Você sabe que vou ceder ALGUMA hora.

– Sim, mas não ALGUMA hora, mas agora. Não me refiro a este momento, mas em breve. Quando tivermos uma oportunidade. Diga que vai!

– Não posso. Não posso prometer.

– Diga "sim", Rosemary. Por favor, diga!

– Não.

Ainda acariciando seu rosto invisível, ele citou.

– *Veuillez le dire donc selon. Que vous estes benigne et doulche. Car ce doulx mot n'est pas si long. Qu'il vous face mal en la bouche*.

– O que significa?

Ele traduziu.

– Não posso, Gordon. Simplesmente não posso.

– Diga "sim", Rosemary, querida. Certamente é tão fácil dizer "sim" quanto "não".

– Não é, é fácil para você. Você é homem. É diferente para uma mulher.

– Diga "sim", Rosemary! "Sim" é uma palavra tão fácil. Vá em frente, agora e diga. "Sim!"

– Qualquer um pensaria que você está ensinando um papagaio a falar, Gordon.

– Ah, caramba! Não faça piadas sobre isso.

Não adiantava discutir. Logo saíram para a rua e seguiram em frente, para o sul. De alguma forma, pelos movimentos rápidos e elegantes de Rosemary, com seu ar habitual de garota que sabe se cuidar e ainda trata a vida principalmente

como uma piada, você poderia ter um bom palpite sobre sua educação e sua formação de caráter. Ela era a filha mais nova de uma daquelas famílias famintas que ainda existem aqui e ali na classe média. Catorze filhos ao todo – o pai era um advogado do interior. Algumas das irmãs de Rosemary eram casadas, algumas delas eram professoras ou administravam escritórios de datilografia; os irmãos estavam em fazendas no Canadá, em plantações de chá no Ceilão ou em regimentos obscuros do exército indiano. Como todas as mulheres que tiveram uma infância agitada, Rosemary queria permanecer uma donzela. Era por isso que, sexualmente, era tão imatura. Por muito tempo, manteve na vida a atmosfera assexuada e animada de uma grande família. Além disso, absorveu profundamente o código de jogo limpo e de viva-e-deixe-viver. Era profundamente magnânima, totalmente incapaz de cometer uma intimidação espiritual. De Gordon, a quem ela adorava, ela aguentava quase tudo. Foi por causa de sua magnanimidade que em nenhum momento, nos dois anos em que o conheceu, o culpou por não tentar ganhar a vida adequadamente.

Gordon estava ciente de tudo isso. Mas no momento ele estava pensando em outras coisas. Nos pálidos círculos de luz ao redor dos postes, ao lado da figura menor e mais afeiçoada de Rosemary, ele se sentia sem graça, desleixado e sujo. Desejou muito ter se barbeado naquela manhã. Furtivamente, colocou a mão no bolso e apalpou o dinheiro, meio com medo – era um medo recorrente nele – de ter deixado cair alguma moeda. No entanto, ele podia sentir a borda fresada de sua moeda principal no momento. Restavam quatro xelins e quatro pence. Ele não poderia levá-la para jantar, refletiu. Eles teriam que subir e descer as ruas tristemente, como sempre, ou, na melhor das hipóteses, ir a um Lyons para tomar um café. Maldição! Como você pode se divertir quando não tem dinheiro? Ele disse, pensativo.

– Claro que tudo se resume ao dinheiro.

A afirmação foi totalmente gratuita. E ela olhou para ele com ar surpreso.

– O que você quer dizer com “tudo se resume ao dinheiro”?

– Quero falar da maneira como nada dá certo na minha vida. É sempre dinheiro, dinheiro, o dinheiro que está na base de tudo. E especialmente entre mim e você. É por isso que você realmente não me ama. Existe uma espécie de abismo de dinheiro entre nós. Posso sentir isso toda vez que te beijo.

– Dinheiro! O que o dinheiro tem a ver com isso, Gordon?

– O dinheiro tem a ver com tudo. Se eu tivesse mais dinheiro, você me amaria mais.

– Claro que não! Por que eu faria isso?

– Você não conseguiria evitar. Você não vê que, se eu tivesse mais dinheiro, valeria mais a pena me amar? Olhe para mim agora! Olhe meu rosto, olhe essas roupas que estou usando, me olhe por completo. Você acha que eu seria assim se tivesse dois mil por ano? Se eu tivesse mais dinheiro, seria outra pessoa.

– Se você fosse uma pessoa diferente, talvez eu não te amasse.

– Isso também é absurdo. Mas olhe dessa forma Se fôssemos casados, você dormiria comigo?

– Que perguntas você faz! Claro que sim. Do contrário, onde estaria o sentido de sermos casados?

– Bem, então, suponha que eu estivesse decentemente bem de vida, você se casaria comigo?

– De que adianta falar sobre isso, Gordon? Você sabe que não podemos nos casar.

– Sim, mas SE pudéssemos. Você se casaria comigo?

– Não sei. Sim, casaria, ouso dizer.

– Olha como você é! Foi o que eu disse… dinheiro!

– Não, Gordon, não! Isso não é justo! Você está distorcendo minhas palavras.

– Não, não estou. Você tem esse negócio de dinheiro enraizado no coração. Toda mulher tem isso. Você gostaria que eu tivesse um "bom emprego" agora, não é?

– Não do jeito que você quer. Eu gostaria que você ganhasse mais dinheiro, sim.

– E você acha que eu deveria ter ficado em New Albion, não é? Você gostaria que eu voltasse lá agora e escrevesse slogans para o Molho Q.T. e para o Cereal Truweet. Não é?

– Não, não é. Eu nunca disse isso.

Mas você pensou isso. É o que qualquer mulher pensaria.

Ele estava sendo terrivelmente injusto e sabia disso. A única coisa que Rosemary nunca disse, e que provavelmente era incapaz de dizer, era que ele deveria voltar para New Albion. Mas, no momento, ele não queria ser justo. Sua decepção sexual ainda o irritava. Com uma espécie de triunfo melancólico, refletiu que, afinal, ele estava certo. Era o dinheiro que os separava. Dinheiro, dinheiro, tudo é dinheiro! Ele começou um discurso meio sério.

– Mulheres! Como acham todas as nossas ideias absurdas! Porque não se pode ficar livre das mulheres, e toda mulher faz com que o homem pague por seus pecados. "Jogue fora sua decência e ganhe mais dinheiro" é o que as mulheres pedem. "Jogue fora sua decência, lamba a fuligem das botas do seu chefe e me compre um casaco de pele melhor do que o da vizinha." Cada homem que você pode ver tem uma maldita

mulher pendurada em volta do pescoço como uma sereia, arrastando-o para baixo cada vez mais até acabarem em uma pequena casa geminada em Putney, com móveis pagos em parcelas, um rádio portátil e uma aspidistra a janela. São as mulheres que tornam todo progresso impossível. Não que eu acredite no progresso – acrescentou ele, de forma insatisfatória.

– Que absurdos você fala, Gordon! Como se as mulheres fossem as culpadas de tudo!

– São as culpadas, no fim das contas. Porque são as mulheres que realmente acreditam no código do dinheiro. Os homens obedecem; eles precisam, mas não acreditam nisso. São as mulheres que o mantêm. As mulheres e suas vilas em Putney, seus casacos de pele, seus bebês e suas aspidistras.

– NÃO SÃO as mulheres, Gordon! As mulheres não inventaram o dinheiro, certo?

– Não importa quem o inventou, a questão é que são as mulheres que o adoram. Uma mulher tem uma espécie de sentimento místico em relação ao dinheiro. Bem e mal na mente de uma mulher significam simplesmente dinheiro e nenhum dinheiro. Olhe para você e para mim. Você não vai dormir comigo, simples e unicamente porque não tenho dinheiro. Sim, essa é a razão – ele apertou o braço dela para silenciá-la. – Você admitiu há apenas um minuto, que se eu tivesse uma renda decente, você iria para a cama comigo amanhã. Não é porque você é mercenária. Você não quer que eu PAGUE para você dormir comigo. Não é tão cruel assim. Mas você tem aquele sentimento místico profundo de que de alguma forma um homem sem dinheiro não é digno de você. Ele é um fraco, uma espécie de "meio-homem" – é assim que você se sente. Hércules, deus da força e deus do dinheiro – você encontrará isso em Lempriere. São as mulheres que

fazem jus às mitologias. Mulheres!

– Mulheres! – repetiu Rosemary com um tom diferente. – Eu odeio a maneira como os homens estão sempre falando sobre MULHERES. "Mulheres fazem isso" e "MULHERES fazem aquilo", como se todas as mulheres fossem exatamente iguais!

– Claro que todas as mulheres são iguais! O que qualquer mulher quer, além de uma renda segura, dois bebês e uma casa geminada em Putney com uma aspidistra na janela?

– Ah, você e suas aspidistras!

– Pelo contrário, SUAS aspidistras. Você é do sexo que as cultiva.

Ela apertou o braço dele e começou a rir. Ela realmente era extraordinariamente bem-humorada. Além disso, o que ele estava dizendo era um absurdo tão palpável que nem mesmo a irritou. As afrontas de Gordon contra as mulheres eram, na realidade, uma espécie de piada perversa; na verdade, toda a guerra sexual é, no fundo, apenas uma piada. Pelo mesmo motivo, é muito divertido posar de feminista ou antifeminista de acordo com o seu sexo. Enquanto caminhavam, começaram uma violenta discussão sobre a eterna e idiota questão do homem contra a mulher. Os lances nas discussões – pois eles as tinham na frequência que se encontravam – eram sempre os mesmos. Os homens são brutos e as mulheres não têm alma. As mulheres sempre foram subservientes e elas deveriam muito bem ser mantidas em subserviência. Olhe para a eterna paciente Griselda, olhe para Lady Astor, e quanto à poligamia e às viúvas hindus, e quanto aos dias tumultuados da senhora Pankhurst – quando toda mulher decente usava ratoeiras nas ligas e não conseguia nem olhar para um homem sem sentir sua mão direita coçar por uma faca de castração? Gordon e Rosemary nunca se cansavam desse tipo de conversa. Cada um ria com prazer dos absurdos do outro. Havia uma guerra

alegre entre eles. Mesmo enquanto discutiam, de braços dados, eles pressionavam seus corpos deliciosamente. Eram muito felizes. Na verdade, se adoravam. Cada um era para o outro uma piada comum e um objeto infinitamente precioso. Em seguida, uma névoa vermelha e azul de luzes neon apareceu a distância. Haviam chegado ao início da Tottenham Court Road. Gordon passou o braço pela cintura dela e a virou para a direita, descendo uma rua paralela e escura. Estavam tão felizes juntos que tiveram que se beijar. Ficaram abraçados sob o poste, ainda rindo, dois inimigos frente a frente. Ela esfregou sua bochecha contra a dele.

– Gordon, você é um velho idiota! Não posso deixar de amar você, com seu queixo fino e tudo mais.

– Você realmente me ama?

– Real e verdadeiramente.

Com os braços ainda em volta dele, ela se inclinou um pouco para trás, pressionando a barriga contra a dele com uma espécie de volúpia inocente.

– Vale a pena viver a vida, não é, Gordon?

– Às vezes.

– Se ao menos pudéssemos nos encontrar com um pouco mais de frequência! Às vezes não vejo você por semanas.

– Eu sei. É terrível. Se você soubesse como odeio minhas noites de com-pleta solidão!

– Parece que nunca ninguém tem tempo para nada. Eu nem saio daquele escritório horrível até quase sete da noite. O que você faz aos domingos, Gordon?

– Ah, minha nossa! Ando por aí sempre como um miserável, como todo mundo.

– Por que não vamos dar um passeio no interior às vezes?

Então teríamos o dia todo juntos. No próximo domingo, por exemplo?

Aquelas palavras o gelaram. Elas trouxeram de volta a ideia de dinheiro, que ele havia conseguido tirar da cabeça meia hora antes. Uma viagem ao interior custaria dinheiro, muito mais do que ele poderia pagar. Ele respondeu em um tom evasivo que transferiu tudo para o reino do abstrato.

– Claro, o Richmond Park não é tão ruim aos domingos. Ou até mesmo o Hampstead Heath. Principalmente se você for de manhã, antes que as multidões cheguem.

– Ah, vamos para o interior de uma vez! Em algum lugar em Surrey, por exemplo, ou em Burnham Beeches. É tão lindo nesta época do ano, com todas as folhas mortas no chão, e você pode andar o dia todo e dificilmente encontrará uma alma. Vamos caminhar quilômetros e quilômetros e jantar em um pub. Será muito divertido. Vamos!

Que golpe! O negócio do dinheiro estava voltando. Uma viagem até Burnham Beeches custaria dez xelins. Ele fez uma conta apressada. Ele poderia conseguir cinco contos, e Julia "emprestaria" mais cinco para ele; DARIA cinco para ele, isso sim. No mesmo momento, se lembrou de seu juramento, constantemente renovado e sempre quebrado, de não pedir dinheiro "emprestado" a Julia. Ele disse no mesmo tom casual de antes.

– Seria muito divertido. Acho que podemos conseguir. Eu te aviso no final da semana, de qualquer maneira.

Eles saíram da rua lateral, ainda de braços dados. Havia um pub na esquina. Rosemary ficou na ponta dos pés e, agarrando-se ao braço de Gordon para se apoiar, conseguiu olhar por cima do meio da janela congelada.

– Olhe, Gordon, tem um relógio ali. São quase nove e meia

da noite. Você não está ficando terrivelmente faminto?

– Não – disse ele instantaneamente e sem sinceridade.

– Eu estou. Estou simplesmente morrendo de fome. Vamos comer alguma coisa em algum lugar.

Dinheiro de novo! Mais um momento, e ele deveria confessar que tinha apenas quatro xelins e quatro pence – quatro xelins e quatro pence que deveriam durar até sexta-feira.

– Não consigo comer nada – disse ele. – Posso arriscar beber alguma. Vamos tomar um café ou algo assim. Espero encontrarmos um Lyons aberto.

– Oh, não vamos para um Lyons! Conheço um pequeno restaurante italiano tão bom, fica ali no fim da rua. Vamos comer um espaguete à napolitana e abrir uma garrafa de vinho tinto. Adoro espaguete. Vamos!

O coração dele pesou. Não adiantava. Teria que confessar. O jantar no restaurante italiano não poderia custar menos do que cinco xelins para os dois. Ele disse quase carrancudo.

– Já está hora de eu voltar para casa, na verdade.

– Ai, Gordon! Já? Por quê?

– Ah, bem! Se você INSISTE em saber, só tenho quatro xelins e quatro pence. E precisam durar até sexta-feira.

Rosemary parou bruscamente. Ela estava com tanta raiva que beliscou o braço dele com todas as suas forças, querendo machucá-lo e puni-lo.

– Gordon, você É um idiota! Você é um idiota perfeito! Você é o idiota mais indescritível que já vi!

– Por que sou idiota?

– Porque, o que importa se você tem dinheiro? Estou

pedindo para VOCÊ jantar COMIGO.

Ele soltou o braço dela e se afastou. Não queria olhá-la nos olhos.

– O quê? Você acha que eu iria a um restaurante e deixaria você pagar minha comida?

– Mas por que não?

– Porque não se pode fazer esse tipo de coisa. Não se faz.

– Como "não se faz"? Logo você vai dizer que "não é justo". O QUE "não se faz"?

– Você pagar minhas refeições. Um homem paga para uma mulher, uma mulher não paga para um homem.

– Ai, Gordon! Estamos vivendo no reinado da Rainha Vitória?

– Sim, estamos, no que diz respeito a esse tipo de coisa. Os parâmetros não mudam tão rapidamente.

– Mas os meus parâmetros mudaram.

– Não, não mudaram. Você acha que sim, mas não. Você foi criada como mulher e não pode evitar se comportar como mulher, por mais que não queira.

– Mas o que você quer dizer com SE COMPORTAR COMO UMA MULHER, afinal?

– Eu digo a você que toda mulher é igual quando se trata de uma coisa dessas. Uma mulher despreza um homem que depende dela e suga seu dinheiro. Ela pode dizer que não, ela pode PENSAR que não, mas despreza. Ela não consegue evitar. Se eu deixar você pagar minhas refeições, VOCÊ vai me desprezar.

Ele se afastou. Sabia como estava se comportando de um jeito abominável. Mas, de alguma forma, tinha que dizer essas

coisas. O sentimento de que as pessoas – até mesmo Rosemary – DEVIAM desprezá-lo por sua pobreza era forte demais para ser superado. Somente com uma independência rigorosa e diligente ele poderia manter seu respeito próprio. Rosemary ficou realmente angustiada dessa vez. Ela agarrou o braço dele e o puxou, fazendo-o encará-la. Com um gesto insistente, com raiva, mas exigindo ser amada, ela apertou o peito contra ele.

– Gordon! Não vou deixar você dizer essas coisas. Como você pode dizer que eu algum dia desprezaria você?

– Estou lhe dizendo que você não poderia evitar se eu me permitisse ser sustentado por você.

– Sustentado por mim? Que exagero! Como você seria sustentado por mim se eu pagar pelo seu jantar apenas uma vez?

Ele podia sentir os seios pequenos, firmes e redondos, logo abaixo do seu peito. Ela olhou-o carrancuda, à beira de lágrimas. Achava-o perverso, irracional, cruel. Mas a proximidade física dela o distraiu. Naquele momento, tudo o que conseguia lembrar era que, em dois anos, ela nunca se rendeu a ele. Ela o deixara faminto pela única coisa que importava. De que adiantava fingir que o amava quando no último momento ela recuava? Ele acrescentou com uma espécie de alegria mortal.

– De certa forma, você me despreza. Ah, sim, eu sei que você gosta de mim. Mas, afinal, você não consegue me levar muito a sério. Eu sou uma espécie de piada para você. Você gosta de mim, mas não sou exatamente igual a você… É assim que você se sente.

Foi o que ele disse antes, mas com a diferença de que agora ele falava sério, ou parecia falar. Ela gritou com voz de choro.

– Eu não o desprezo, Gordon, não desprezo! Você SABE que

não!

– Você me despreza. É por isso que você não quer dormir comigo. Eu não disse isso antes?

Ela olhou para ele por mais um instante e depois enterrou o rosto em seu peito repentinamente, como se houvesse se esquivado de um golpe. Foi porque ela irrompeu em choro. Chorou contra o peito dele, zangada, odiando-o e, ainda assim, agarrada a ele como uma criança. Foi a maneira infantil com que ela se agarrou a ele, como um mero peito masculino para chorar, que o machucou mais. Com uma espécie de ódio de si mesmo, lembrou-se das outras mulheres que da mesma forma haviam chorado em seu peito. Parecia que a única coisa que ele podia fazer para as mulheres era fazê-las chorar. Com o braço em volta dos ombros dela, ele a acariciou desajeitadamente, tentando consolá-la.

– Você me fez chorar! – ela choramingou, odiando a si mesma.

– Sinto muito! Rosemary, minha querida! Não chore, POR FAVOR, não chore.

– Gordon, meu querido! POR QUE tem que ser tão cruel comigo?

– Me desculpe, me desculpe! Às vezes, não consigo evitar.

– Mas, por quê? Por quê?

Ela havia engolido o choro. Um pouco mais composta, se afastou dele e procurou algo para enxugar os olhos. Nenhum deles tinha um lenço. Impaciente, ela secou as lágrimas com os nós dos dedos.

– Como sempre somos tolos! Agora, Gordon, SEJA legal pelo menos uma vez. Venha para o restaurante jantar e deixe-me pagar por isso.

– Não.

– Só desta vez. Não importa o antigo problema do dinheiro. Faça isso só para me agradar.

– Estou dizendo que não posso fazer esse tipo de coisa. Preciso manter minha palavra.

– Mas o que você quer dizer com manter sua palavra?

– Eu declarei guerra contra o dinheiro e tenho que cumprir as regras. A primeira regra é nunca aceitar caridade.

– Caridade! Ai, Gordon, acho você um bobo!

Ela apertou as costelas dele novamente. Era um sinal de paz. Ela não o entendia, provavelmente nunca o entenderia; no entanto, ela o aceitava como ele era, nem mesmo protestou contra sua irracionalidade. Quando ela ergueu o rosto para ser beijada, ele percebeu que seus lábios estavam salgados. Uma lágrima escorreu. Ele a pressionou contra ele. A dura sensação de defesa havia saído de seu corpo. Ela fechou os olhos e se afundou contra ele como se seus ossos tivessem ficado fracos, seus lábios se separaram e sua pequena língua procurou a dele. Era muito raro vê-la fazer isso. E, de repente, ao sentir o corpo dela cedendo, ele pareceu saber com certeza que a luta deles havia terminado. Agora, se ele decidisse tomá-la, ela seria sua, mas talvez ela não entendesse completamente o que estava oferecendo; era apenas um movimento instintivo de generosidade, um desejo de tranquilizá-lo – para suavizar aquela sensação odiosa de ser desagradável e não amado. Ela não disse nada. Era a sensação de seu corpo que parecia dizer isso. Mas mesmo se esta fosse a hora e o lugar, ele não poderia tê-la tomado. Nesse momento, ele a amava, mas não a desejava. Seu desejo só poderia retornar em algum momento futuro, quando não houvesse nenhuma briga fresca em sua mente e nenhuma consciência sobre os quatro xelins e quatro pence em seu bolso para intimidá-lo.

Logo eles separaram as bocas, embora ainda estivessem bem agarrados.

– Como é estúpido o jeito como brigamos, não é, Gordon? É tão raro nos encontrarmos.

– Eu sei. E a culpa é minha. Não consigo evitar. As coisas me irritam. No fundo é o dinheiro, sempre dinheiro.

– Ah, dinheiro! Você se preocupa demais com isso, Gordon.

– Impossível não me preocupar. É a única coisa com a qual vale a pena se preocupar.

– Mas, de qualquer maneira, vamos passear no interior no próximo domingo, não vamos? Para Burnham Beeches ou algo assim. Seria tão bom se pudéssemos.

– Sim, eu adoraria. Iremos cedo e ficaremos fora o dia todo. Vou conseguir dinheiro para os bilhetes de trem de alguma forma.

– Mas você vai me deixar pagar minha passagem, não é?

– Não, prefiro pagar, mas vamos mesmo assim.

– E você não vai me deixar pagar pelo seu jantar… só desta vez, só para mostrar que confia em mim?

– Não, não posso. Desculpe. Já disse o motivo.

– Ah, céus! Acho que teremos que nos despedir. Está ficando tarde.

Eles ficaram conversando por muito tempo, entretanto, tanto tempo que Rosemary não conseguiu jantar no fim das contas. Ela tinha que estar de volta à pensão às onze, ou os dragões ficavam com raiva. Gordon foi até o alto da Tottenham Court Road e pegou o bonde. Era um centavo mais barato do que pegar o ônibus. No banco de madeira do andar de cima, foi pressionado contra um pequeno escocês sujo que lia sobre as finais do futebol e enchia a cara de cerveja. Gordon ficou

muito feliz. Rosemary was going to be his mistress. *Sopra bruscamente o vento cominador*. À música do estrondo do bonde, ele sussurrou as sete estrofes completas de seu poema. Haveria nove estrofes ao todo. Ficou BOM. Ele acreditava nisso e em si mesmo. Ele era um poeta. Gordon Comstock, autor de *Ratos*. Até mesmo no *Prazeres de Londres* ele voltara a acreditar.

Ele pensou no domingo. Deveriam se encontrar às nove horas da manhã na estação em Paddington. Custaria dez xelins ou mais; arrumaria o dinheiro mesmo se tivesse que penhorar sua camisa. E ela se tornaria sua amante; naquele mesmo domingo, talvez, se a oportunidade certa aparecesse. Nada foi dito. Apenas, de alguma forma, foi acordado entre eles.

Por favor, Deus, que o clima esteja bom no domingo! O inverno intenso havia chegado. Que sorte se acabasse sendo um daqueles dias esplêndidos sem vento – um daqueles dias que quase pode ser verão, quando você fica horas deitado entre as samambaias mortas sem sentir frio! Mas não há muitos dias assim; no máximo uma dúzia a cada inverno. Provavelmente choveria. Ele se perguntou se eles teriam uma chance de fazer isso. Não tinham aonde ir, exceto ao ar livre. Existem tantos pares de amantes em Londres que não têm “aonde ir”; apenas as ruas e os parques, pois não há privacidade e está sempre frio. Não é fácil fazer amor em um clima frio quando você não tem dinheiro. As variáveis “tempo e lugar” não são levadas a sério o suficiente nos romances.



CAPÍTULO 7

As nuvens das chaminés flutuavam perpendiculares contra o céu rosa cheio de névoa.

Gordon pegou o ônibus 27 às oito e dez da manhã. As ruas ainda estavam fechadas em seu sono dominical. Na soleira das portas, as garrafas de leite esperavam juntas como pequenas sentinelas brancas. Gordon tinha catorze xelins na mão – aliás, treze xelins e nove pence, porque a passagem de ônibus custava três pence. Ele havia separado de seu salário de nove xelins – só Deus sabia o que isso significaria ao final daquela semana! – e os cinco xelins que havia pegado emprestados de Julia.

Ele fora à casa de Julia na quinta à noite. O quarto de Julia em Earl's Court, embora fosse nos fundos do segundo andar, não era apenas um quarto ordinário como o de Gordon. Era um quarto e sala, com ênfase na sala. Julia teria morrido de fome antes de suportar a miséria em que vivia Gordon. Na verdade, cada uma de suas peças de mobília, compradas durante anos, representava um período de quase inanição. Havia um divã que quase poderia ser confundido com um sofá e uma pequena mesa redonda de carvalho, duas cadeiras de madeira "antiga", um banquinho ornamental e uma poltrona forrada de chita – da Drage, parcelada em treze vezes – na frente da pequena lareira a gás. Havia vários porta-retratos com fotos emolduradas de seus pais, de Gordon e da tia

Angela, um calendário de cortiça – um presente de Natal de alguém – com "É um longo caminho sem volta" escrito com pirografia. Julia deprimia Gordon terrivelmente. Ele estava sempre dizendo a si mesmo que deveria ir vê-la com mais frequência, mas, na prática, nunca ia, exceto para pegar dinheiro "emprestado" com ela.

Depois que Gordon deu três batidas – três batidas indicavam o segundo andar –, Julia o levou para o quarto e se ajoelhou diante da lareira a gás.

– Vou acender o fogo de novo – disse ela. – Você gostaria de uma xícara de chá, não é?

Ele notou o "de novo". O quarto estava terrivelmente frio – nenhum fogo havia sido aceso naquela noite. Julia sempre "economizava no gás" quando estava sozinha. Olhou para as costas compridas e estreitas e quanto ela se ajoelhava. Como seu cabelo estava ficando grisalho! Mechas inteiras estavam bem cinza. Um pouco mais de tempo, e não teria mais um único fio que não fosse grisalho.

– Você gosta do seu chá forte, não é? – sussurrou Julia, encurvando-se sobre a caixa de chá com movimentos suaves como os de um ganso.

Gordon bebeu sua xícara de chá em pé, de olho no calendário de cortiça. Solte a língua! Acabe com isso! No entanto, seu coração quase falhou. A mesquinhez odiosa que era mendigar! O quanto não somaria todo o dinheiro que ele tinha "pegado emprestado" com ela em todos esses anos?

– Olha, Julia, sinto muito… odeio pedir a você, mas olhe…

– Sim, Gordon? – disse ela calmamente. Sabia o que estava por vir.

– Olhe, Julia, sinto muito, mas você poderia me emprestar cinco xelins?

– Sim, Gordon, acho que sim.

Ela procurou a pequena bolsa de couro preto gasta que estava escondida no fundo de sua gaveta de costura. Ele sabia em que ela estava pensando. Significava menos dinheiro para os presentes de Natal. Atualmente, esse era o grande acontecimento de sua vida: o Natal e a entrega de presentes. Caçá-los pelas ruas cintilantes, tarde da noite depois do fechamento da casa de chá, de uma pechincha em outra, catando a quinquilharias que as mulheres curiosamente gostam tanto. Sachês de lenços, porta-cartas, bules, conjuntos de manicure, calendários de cortiça com frases de otimismo pirografadas. Durante todo o ano, ela juntava seu salário miserável para o "presente de Natal de fulano" ou "presente de aniversário de sicrano". E no Natal passado, ela não havia dado a ele o *Poemas escolhidos*, de John Drinkwater, encadernado em marroquim verde – porque Gordon "gostava de poesia" – que ele vendeu por meia coroa? Coitada da Julia! Gordon fugiu com seus cinco xelins assim que ele decentemente pôde fazê-lo. Por que não se pode pedir dinheiro emprestado a um amigo rico, mas não há problema se for uma parente meio faminta? Porque a família de alguém, é claro, "não conta".

No topo do ônibus, ele fez uma matemática mental. Treze xelins e nove pence em mãos. Dois dias de ida e volta a Slough, cinco xelins. Bilhetes de ônibus, digamos dois contos a mais, sete xelins. Pão, queijo e cerveja em um pub, digamos um xelim cada, nove no total. Chá, oito pence cada, doze xelins. Uma prata para cigarros, treze xelins. Restavam nove pence para emergências. Eles se sairiam bem. E o restante da semana? Não teria um centavo nem para cigarros! Mas ele se recusou a deixar que isso o preocupasse. Hoje valeria a pena, de qualquer maneira.

Rosemary o encontrou na hora certa. Uma das suas virtudes

era nunca se atrasar e, mesmo a esta hora da manhã, ela estava alegre e elegante. E estava muito bem vestida, como sempre. Usava seu chapéu *floppy* novamente, porque ele disse que gostava. Eles tinham a estação praticamente para eles. O imenso lugar cinzento, cheio de lixo e deserto, tinha um ar desagradável e sujo, como se ainda estivesse dormindo depois de uma farra no sábado à noite. Um porteiro bocejante que precisava fazer a barba contou-lhes a melhor maneira de chegar a Burnham Beeches, e logo eles estavam em um vagão para fumantes de terceira classe, rumando para o oeste. O deserto mesquinho de Londres se abria dando lugar a campos estreitos de fuligem rebocados por anúncios das Pílulas Carter Para o Fígado. O dia estava muito calmo e quente. A oração de Gordon tornou-se realidade. Era um daqueles dias sem vento que dificilmente se pode distinguir do verão. Era possível sentir o sol por trás da névoa; raiaria logo, com alguma sorte. Gordon e Rosemary estavam profunda e absurdamente felizes. Havia uma sensação de aventura selvagem em sair de Londres, com o longo dia no "interior" se estendendo pela frente. Havia meses que Rosemary tinha ido "ao interior", já para Gordon fazia um ano. Eles se sentaram juntos com o *Sunday Times* aberto sobre os joelhos; eles não leram, no entanto, observaram os campos, o gado, as casas, os caminhões de mercadorias vazios e as grandes fábricas adormecidas passarem. Ambos gostaram tanto da viagem de trem que desejaram que tivesse sido mais longa.

Em Slough, eles desceram e viajaram para Farnham Common em um ônibus com uma cor de chocolate absurda, e sem capota. Slough ainda estava acordando. Rosemary se lembrava do caminho agora que haviam chegado a Farnham Common. Era preciso caminhar por uma estrada esburacada e chegar aos trechos de grama fina, úmida e cheia de touceiras cobertas por bétulas. Os bosques de faias estavam mais adiante. Nenhum ramo ou folha se mexia. As árvores pareciam

fantasmas no ar parado e enevoado. Tanto Rosemary quanto Gordon ficaram embasbacados com a beleza de tudo aquilo. O orvalho, a quietude, os caules acetinados das bétulas, a maciez da relva sob seus pés! No entanto, a princípio, eles se sentiram retraídos e deslocados, como os londrinos se sentem quando saem de Londres. Gordon se sentia como se vivesse em um porão há muito tempo. Sentia-se fraco e desleixado. Deslizou para trás de Rosemary enquanto caminhavam, para que ela não visse seu rosto enrugado e sem cor. Além disso, nem tinham caminhado muito e já estavam sem fôlego, porque estavam acostumados apenas a caminhar por Londres e, na primeira meia hora, mal se falaram. Mergulharam na floresta e partiram para o oeste, sem muita ideia de para onde estavam indo – qualquer lugar, desde que fosse longe de Londres. Em volta deles, as faias se elevavam, curiosamente fálicas com sua casca lisa como a pele e suas ondulações na base. Nada crescia em suas raízes, mas as folhas secas estavam espalhadas tão densamente que, a distância, as encostas pareciam dobras de seda cor de cobre. Nenhuma alma parecia estar acordada. Em seguida, Gordon chegou perto de Rosemary. Eles caminharam de mãos dadas, passando pelas folhas secas de cobre que haviam caído nos sulcos. Às vezes eles chegavam a trechos de estrada onde passavam por enormes casas desoladas – foram opulentas casas de campo na época das carruagens, mas agora estavam desertas e eram invendáveis. Mais abaixo na estrada, as sebes escurecidas pela névoa exibiam aquele estranho marrom arroxeado, a cor da garança marrom, que o mato nu assumia no inverno. Havia alguns pássaros por perto – gaios, às vezes mergulhando por entre as árvores, e faisões que vagavam pela estrada com longas caudas arrastando-se, quase tão domesticados quanto galinhas, como se soubessem que estariam a salvo no domingo. Mas em meia hora Gordon e Rosemary não haviam cruzado com um ser humano sequer. O sono dominava o campo. Era difícil acreditar que eles estavam

a apenas trinta quilômetros de Londres.

Logo eles conseguiram ficar em forma. Tomaram fôlego de novo, e o sangue se aqueceu nas veias. Era um daqueles dias em que se sente que pode andar cem quilômetros se necessário. De repente, quando saíram para a estrada novamente, o orvalho que descia por toda a cerca viva brilhou como um clarão de diamante. O sol havia atravessado as nuvens. A luz veio oblíqua e amarela pelos campos, e delicadas cores inesperadas surgiram em tudo, como se o filho de algum gigante tivesse sido solto com uma nova caixa de guache. Rosemary segurou o braço de Gordon e puxou-o contra ela.

– Oh, Gordon, que dia BONITO!

– Bonito.

– E… Oh, olhe, olhe! Veja todos os coelhos naquele campo!

Na outra extremidade do campo, inúmeros coelhos se alimentavam, quase como um rebanho de ovelhas. De repente, houve uma agitação sob a sebe. Um coelho estava deitado lá. Ele saltou de seu ninho na grama por conta de um pingo de orvalho e saiu correndo pelo campo, com a cauda branca erguida. Rosemary jogou-se nos braços de Gordon. Estava surpreendentemente quente, tão quente quanto no verão. Eles pressionaram seus corpos juntos em uma espécie de êxtase assexuado, como crianças. Aqui, ao ar livre, ele podia ver claramente as marcas do tempo no rosto dela. Rosemary estava com quase 30 anos e assim parecia, já ele tinha quase 30 e parecia ter mais; e não importava. Ele tirou o chapéu excêntrico da namorada. Os três cabelos brancos brilharam em seu escalpo. No momento, ele não queria que eles fossem embora. Pois eram parte dela e, portanto, eram amáveis.

– Que divertido estarmos aqui sozinhos! Estou tão feliz que viemos!

– E, oh Gordon, e pensar que temos o dia todo juntos! E poderia facilmente ter chovido. Que sortudos nós somos!

– Sim. Vamos fazer um sacrifício aos deuses imortais, em breve.

Eles estavam extravagantemente felizes. À medida que caminhavam, caíam em um entusiasmo absurdo por tudo o que viam: por uma pena de gaio que pegaram, azul como uma pedra lápis-lazúli; por uma lagoa estagnada como um jato espelhado, com ramos refletidos em seu fundo; pelos fungos que brotavam das árvores como monstruosas orelhas horizontais. Eles discutiram por muito tempo sobre qual seria o melhor epíteto para descrever uma faia. Ambos concordaram que as faias se parecem mais com criaturas inanimadas do que com outras árvores. Provavelmente seja por causa da maciez de sua casca, e da curiosa forma em que os ramos brotam do tronco. Gordon disse que as pequenas protuberâncias na casca eram como os mamilos dos seios, e que os sinuosos ramos superiores, com sua pele lisa e fuliginosa, eram como trombas retorcidas de elefantes. Eles discutiram sobre símiles e metáforas. De vez em quando, discutiam vigorosamente, de acordo com seu costume. Gordon começou a provocá-la encontrando símiles horríveis para tudo por onde passavam. Ele disse que a folhagem avermelhada dos álamos-brancos era como o cabelo das donzelas de Burne-Jones, e que os tentáculos lisos das ervas daninhas que serpenteavam as árvores eram como os braços das heroínas de Dickens. Em um momento, ele insistiu em destruir alguns cogumelos malva porque disse que o lembravam de uma ilustração de Rackham e suspeitou que fadas dançavam ao redor deles. Rosemary chamou-o de porco sem alma. Ela passeou por um leito de folhas de faia que farfalharam ao seu redor, até os joelhos, como um mar sem densidade vermelho-dourado.

– Ah, Gordon, essas folhas! Olhe para o brilho do sol sobre

elas! São como ouro. São como ouro de verdade.

– Ouro de fada. Daqui a pouco você se parecerá com um personagem de Barrie. Na verdade, se você quiser uma comparação exata, elas só tem a mesma cor de uma sopa de tomate.

– Não seja um porco, Gordon! Ouça como elas sussurram. "Espessas como as folhas outonais que pairam sobre os riachos de Vallombrosa."

– Ou como um daqueles cereais matinais americanos. Cereal Truweet. "As crianças clamam por seu cereal da manhã."

– Você é terrível!

Ela deu risada. Eles caminharam de mãos dadas, passando pelas folhas que os submergiam até os tornozelos e declamando.

– Tantos que eram como os cereais matinais que forram os pratos de Welwyn Garden City!

Foi muito divertido. Logo saíram da área arborizada. Havia muita gente agora, mas não muitos carros se você se mantivesse longe das estradas principais. Às vezes, eles ouviam sinos de igreja tocando e faziam desvios para evitar os beatos. Começaram a passar por vilarejos dispersos cercados pelas vilas pseudo-Tudor – pobremente separadas umas das outras, com suas garagens, seus arbustos de louro e seus gramados de aparência tosca. E Gordon se divertiu reclamando das vilas e da civilização sem Deus da qual faziam parte – uma civilização dos corretores da bolsa e das suas esposas com batons caros; do golfe, do uísque, dos tabuleiros de ouija e dos *terriers* escoceses chamados Jock. Assim, caminharam outros seis quilômetros ou mais, conversando e brigando com frequência. Algumas nuvens transparentes flutuavam no céu, mas quase não havia um sopro de vento.

Estavam ficando com os pés doloridos e cada vez mais famintos. Por conta própria, a conversa começou a girar em torno da comida. Nenhum dos dois tinha relógio, mas quando passaram por uma aldeia viram que os pubs estavam abertos, de modo que devia ter passado do meio-dia. Eles hesitaram do lado de fora de um pub de aparência bastante modesta chamado Bird in Hand. Gordon queria entrar; internamente, ele refletiu que em um pub como aquele seu pão, queijo e cerveja custariam no máximo um xelim. Mas Rosemary disse que era um lugar horrível, o que de fato era, e eles continuaram, na esperança de encontrar um pub mais agradável do outro lado da aldeia. Tiveram a visão de um restaurante aconchegante, com assentos de carvalho e talvez um peixe empalhado em um aquário na parede.

Mas não havia mais pubs na aldeia, e logo eles estavam em campo aberto novamente, sem casas à vista e nem mesmo placas de sinalização. Gordon e Rosemary começaram a ficar alarmados. Às duas da tarde, os pubs fechavam e então não haveria mais comida, exceto talvez um pacote de biscoitos de alguma confeitaria da aldeia. Com esse pensamento, uma fome voraz tomou conta deles. Caminharam exaustivamente subindo uma enorme colina, na esperança de encontrar uma aldeia do outro lado. Não havia vila, mas ao longe um rio verde-escuro serpenteava, com o que parecia ser uma grande cidade espalhada ao longo de sua orla e uma ponte cinza cruzando-a. Eles nem sabiam que rio era – só poderia ser o Tâmisa, é claro.

– Graças a Deus! – disse Gordon. – Deve haver muitos pubs por lá. É melhor entrarmos no primeiro que encontrarmos.

– Sim, vamos. Estou faminto.

Mas quando se aproximaram da cidade, ela parecia estranhamente quieta. Gordon se perguntou se as pessoas

estavam todas na igreja ou jantando aos domingos, até que percebeu que o lugar estava deserto. Era Crickham-on-Thames, uma daquelas cidades ribeirinhas que revivem durante a temporada de passeios de barco e hibernam pelo resto do ano. Ela se espalhava ao longo da margem por um quilômetro ou mais e era composta inteiramente por casas-barco e bangalôs, todos fechados e vazios. Não havia sinais de vida em lugar nenhum. Por fim, porém, encontraram um homem gordo, vagando, de nariz vermelho e bigode irregular, sentado em um banquinho de acampamento no píer, ao lado de uma caneca com cerveja. Ele estava pescando com uma vara para carpas de seis metros, enquanto na água verde e lisa dois cisnes circulavam em torno de sua boia tentando roubar sua isca sempre que ele a puxava.

– Você pode nos dizer onde podemos conseguir algo para comer? – perguntou Gordon.

O gordo parecia estar esperando essa pergunta e demonstrou ter uma espécie de prazer pessoal por ela. Ele respondeu sem olhar para Gordon.

– VOCÊS não vão conseguir nada para comer. Não, aqui não vão – dis-se ele.

– Pare com isso! Quer dizer que não há bares em lugar nenhum? Estamos caminhando desde Farnham Common.

O gordo fungou e pareceu refletir, ainda de olho na boia. – Acho que você pode tentar o Hotel Ravenscroft – sugeriu ele. – Cerca de um quilômetro adiante, é isso. Acho que lhe ofereceriam algo; isso é, se estiverem abertos.

– Mas eles não estão abertos?

– Pode ser que sim, pode ser que não – disse o gordo confortavelmente.

– E o senhor pode nos dizer que horas são? – perguntou

Rosemary.

– Já são uma e dez.

Os dois cisnes perseguiram Gordon e Rosemary por alguns metros ao longo do caminho de sirga, evidentemente esperando serem alimentados. Não parecia haver muita esperança de que o Hotel Ravenscroft estivesse aberto. A cidade inteira conservava aquele ar desolado e abandonado dos resorts de lazer na baixa temporada. A madeira dos bangalôs estava rachando, a tinta branca estava descascando, as janelas empoeiradas exibiam os interiores vazios. Até mesmo as máquinas caça-níqueis espalhadas pelo banco estavam quebradas. Parecia haver outra ponte na outra extremidade da cidade. Gordon praguejou cordialmente.

– Que idiotas nós fomos por não entrarmos naquele pub quando tivemos a chance!

– Ai, céus! Estou morrendo de fome. É melhor voltarmos, não acha?

– Não adianta, não há pubs por onde viemos. Devemos continuar. Acho que o Hotel Ravenscroft fica do outro lado da ponte. Se for em uma estrada principal, há apenas uma chance de estar aberto. Caso contrário, estamos perdidos.

Eles se arrastaram até a ponte. Estavam completamente doloridos agora. Mas veja! Ali estava, finalmente, o que eles queriam. Logo depois da ponte, descendo uma espécie de estrada particular, ficava um hotel grande e elegante, com um gramado nos fundos que descia até o rio. Estava claramente aberto. Gordon e Rosemary avançaram ansiosamente nessa direção e depois pararam, assustados.

– Parece terrivelmente caro – disse Rosemary.

Parecia caro. Era um lugar luxuoso e pretensioso, todo pintado de dourado e branco – um daqueles hotéis que têm

cobranças em excesso e um péssimo serviço, que estava estampado em cada tijolo. Ao lado do estacionamento, dominando a estrada, uma placa esnobe anunciada em letras douradas.

HOTEL RAVENSCROFT

ABERTO A NÃO RESIDENTES

ALMOÇOS – CHÁS – JANTARES

SALÃO DE DANÇA E QUADRAS DE TÊNIS

SERVIÇO PARA FESTAS

Dois carros de dois lugares reluzentes estavam estacionados na entrada. Gordon encolheu-se. O dinheiro em seu bolso parecia encolher por tudo, aquele hotel era exatamente o oposto do pub aconchegante que eles estavam procurando. Mas ele estava com muita fome. Rosemary tocou em seu braço.

– Parece um lugar terrível. Eu voto para continuarmos a procurar.

– Mas precisamos comer alguma coisa. É nossa última chance. Não encontraremos outro pub.

– A comida é sempre tão nojenta nesses lugares. Bife terrivelmente frio com gosto de ter sido guardado por um ano. E eles cobrarão até os rins por ele.

– Ah, bem, vamos pedir pão, queijo e cerveja. Sempre custa mais ou menos o mesmo.

– Mas eles odeiam quando um cliente faz isso. Vão tentar nos obrigar a comprar um almoço adequado, você vai ver. Devemos ser firmes e dizer apenas pão e queijo.

– Tudo bem, seremos firmes. Vamos.

Eles entraram decididos a ser firmes. Mas havia um perfume

ostensivo pairando nas correntes de ar do corredor – um cheiro de chita, flores mortas, água do Tâmisa e enxágues de garrafas de vinho. Era o cheiro característico de um hotel à beira do rio. Gordon ficou ainda mais desolado. Ele sabia que tipo de lugar era: um daqueles hotéis isolados que existem ao longo das estradas e são frequentados por corretores da bolsa que exibem suas meretrizes nas tardes de domingo. Era intrínseco a esses lugares insultar os clientes e cobrar caro. Também sentindo-se intimidada, Rosemary encolheu-se para mais perto dele. Eles viram uma porta onde estava escrito "Saloon" e a abriram, pensando que deveria ser o bar. Não era um bar, mas uma sala ampla, elegante e fria, com poltronas estofadas de veludo cotelé e sofás. Você poderia tê-la confundido com uma sala de estar comum, exceto que todos os cinzeiros eram do uísque White Horse. E em volta de uma das mesas sentavam-se os donos dos carros do lado de fora – dois homens louros, de cabeça chata e gordos, vestidos de maneira excessivamente jovem, com duas moças desagradavelmente elegantes, tendo acabado de almoçar. Um garçom, curvado sobre a mesa, os servia com licores.

O casal parou na porta. As pessoas à mesa já estavam olhando para eles com olhos ofensivos de classe média alta. Gordon e Rosemary pareciam cansados e sujos, e eles sabiam disso. A ideia de pedir pão, queijo e cerveja quase desaparecera de suas mentes. Em um lugar como este, você não poderia dizer "Pão, queijo e cerveja" – "Almoço" era a única coisa que você poderia dizer. Não havia nada para fazer além de almoçar ou desaparecer dali. O garçom foi quase escancaradamente desdenhoso. De relance, ele os julgou como pobres; mas também adivinhou que desaparecer estava em suas mentes e estava determinado a detê-los antes que pudessem escapar.

– Pois não? – ele perguntou, levantando a bandeja da mesa.

É agora! Diga “Pão e queijo e cerveja”, e danem-se as consequências! Ai de mim! E perdeu a coragem. “Almoço” é o que teria que dizer. Com um gesto aparentemente descuidado, ele enfiou a mão no bolso. Apalpou seu dinheiro para ter certeza de que ainda estava lá. Sete xelins e onze pence restantes, ele verificou. O olhar do garçom acompanhou o movimento; Gordon teve uma sensação odiosa de que o homem poderia ver através do tecido e contar o dinheiro em seu bolso. Em um tom tão senhorial quanto ele conseguiria atingir, ele observou.

– Poderíamos almoçar, por gentileza?

– Almoçar, senhor? Sim, claro senhor. Por aqui.

O garçom era um jovem de cabelos escuros, com um rosto harmonioso, pálido e uma bela cútis. Suas roupas eram de alfaiataria e, no entanto, pareciam sujas, como se raramente as despisse. Ele parecia um príncipe russo; provavelmente era inglês e assumira um sotaque estrangeiro, porque isso era apropriado para um garçom. Derrotados, Rosemary e Gordon o seguiram até a sala de jantar, que ficava nos fundos, de frente para o gramado. Era como um aquário. Foi construída inteiramente de vidro esverdeado e estava tão úmida e fria que você achava que estava debaixo d’água. Era possível ver e sentir o cheiro do rio lá fora. No centro de cada pequena mesa redonda havia um vaso de flores de papel, mas de um lado, para completar a sensação de estarem em aquário, havia uma estufa forrada por sempre-vivas, palmeiras, aspidistras e assim por diante, como se fossem plantas aquáticas melancólicas. No verão, essa sala até poderia ser bastante agradável; nesse momento, com o sol escondido atrás de uma nuvem, era apenas úmida e miserável. Rosemary tinha quase tanto medo do garçom quanto Gordon. Quando eles se sentaram e ele se virou por um momento, ela fez uma careta em suas costas.

– Vou pagar meu almoço – sussurrou ela para Gordon, do outro lado da mesa.

– Não, não vai.

– Que lugar horrível! A comida certamente estará suja. Eu gostaria que não tivéssemos entrado.

– Xiu!

O garçom voltou com um menu impresso e roto. Ele o entregou a Gordon e esperou ao seu lado com o ar ameaçador de um garçom que sabe que você não tem muito dinheiro no bolso. O coração de Gordon disparou. Se fosse um almoço a preço fixo a três xelins e seis pence ou mesmo meia coroa, eles estariam perdidos. Ele cerrou os dentes e olhou o menu. Graças a Deus! Era *à la carte*. A coisa mais barata da lista era rosbife com salada por um xelim e seis pence. Ele disse, ou melhor, murmurou.

– Vamos comer rosbife, por favor.

As sobrancelhas delicadas do garçom se ergueram. Ele fingiu surpresa.

– SÓ o rosbife, senhor?

– Sim, é só isso.

– Mas não comerá MAIS NADA, senhor?

– Ah, bem. Traga-nos pão, é claro. E manteiga.

– Mas sem sopa de entrada, senhor?

– Isso. Sem sopa.

– Nem peixe, senhor? Apenas rosbife?

– Queremos algum peixe, Rosemary? Acho que não. Não. Sem peixe.

– Nem sobremesa depois, senhor? SÓ o rosbife?

Gordon tinha dificuldade em controlar suas feições. Ele pensou que nunca odiou alguém tanto quanto odiava aquele garçom.

– Avisaremos depois se quisermos mais alguma coisa – disse ele.

– E algo para beber, senhor?

Gordon pretendia pedir cerveja, mas agora não tinha coragem. Ele precisava reconquistar seu prestígio depois do caso do rosbife.

– Traga-me a carta de vinhos – disse ele categoricamente.

Mais um cardápio aos pedaços. Todos os vinhos pareciam muito caros. No entanto, no topo da carta de vinho, havia um clarete de mesa sem nome a dois xelins e nove pence a garrafa. Gordon fez cálculos apressados. Ele conseguiria gastar esse dinheiro. Indicou o vinho com o polegar.

– Traga-nos uma garrafa desse – disse ele.

As sobrancelhas do garçom se ergueram novamente. Ele tentou um golpe de ironia.

– Vai querer a garrafa TODA, senhor? Não gostaria de tomar meia garrafa antes?

– Uma garrafa inteira – pediu Gordon friamente.

Com um único e delicado movimento de desprezo, o garçom inclinou a cabeça, encolheu o ombro esquerdo e se virou. Gordon não aguentou. Ele chamou a atenção de Rosemary do outro lado da mesa. De uma forma ou de outra, eles tinham que colocar aquele garçom em seu lugar! Em pouco tempo o garçom voltou, carregando a garrafa de vinho barato pelo gargalo e escondendo-a pela metade atrás da aba do casaco, como se fosse algo um pouco indecente ou sujo. Gordon havia pensado em uma maneira de se vingar. Quando o garçom

mostrou a garrafa, ele estendeu a mão, apalpou-a e franziu a testa.

– Essa não é a maneira correta de servir vinho tinto – disse ele.

Por um momento, o garçom foi pego de surpresa.

– Senhor?

– Está quase gelado. Leve a garrafa e aqueça-a.

– Muito bem, senhor.

Mas não foi realmente uma vitória. O garçom não pareceu envergonhado. Valia a pena aquecer o vinho?, perguntou-se com a sobrancelha levantada. O garçom carregou a garrafa com um desdém natural, deixando bem claro para Rosemary e Gordon que já seria ruim o suficiente ter pedido o vinho mais barato da carta sem fazer tanto barulho depois disso.

O rosbife e a salada estavam gelados como um defunto e não pareciam comida de verdade. Tinham um gosto aguado. Os pães também, embora amanhecidos, estavam úmidos. A água perene do Tâmisa parecia ter penetrado em tudo. Não foi surpresa que, quando o vinho foi aberto, tinha gosto de lama. Mas era alcoólico, essa era a grande coisa. Foi uma grande surpresa descobrir como era estimulante, uma vez que passava pela goela e chegava ao estômago. Depois de beber um copo e meio, Gordon sentiu-se muito melhor. O garçom estava parado na porta, ironicamente paciente, com o guardanapo pendurado no braço, tentando deixar Gordon e Rosemary desconfortáveis com sua presença. A princípio ele conseguiu, mas as costas de Gordon estavam voltadas para ele, e o ignorou tanto que quase o esqueceu. Aos poucos, sua coragem voltou. O casal começou a falar com mais facilidade e em voz mais alta.

– Olhe – disse Gordon. – Aqueles cisnes nos seguiram até aqui.

Havia os dois cisnes navegando vagamente de um lado para outro sobre a água verde escura. E nesse momento o sol tornou a irromper e a sala de jantar sombria como um aquário foi inundada por uma agradável luz esverdeada. Gordon e Rosemary de repente se sentiram aquecidos e felizes. Eles começaram a tagarelar sobre nada, quase como se o garçom não estivesse lá, e Gordon pegou a garrafa e serviu mais duas taças de vinho. Por cima dos óculos, seus olhos se encontraram. Ela estava olhando para ele com uma espécie de ironia submissa. "Eu sou sua meretriz" diziam seus olhos; "que piada!". Seus joelhos se tocavam sob a mesinha; momentaneamente ela apertou o joelho de Gordon por entre seus joelhos. Algo saltou dentro dele; uma onda quente de sensualidade e ternura percorreu seu corpo. Ele tinha se lembrado! Ela era sua namorada, sua amante. Agora, quando estivessem sozinhos, em algum lugar escondido no ar quente e sem vento, ele teria seu corpo nu para ele finalmente. Verdade, durante toda a manhã ele soube disso, mas de alguma forma a certeza tinha sido irreal. Foi só agora que ele percebeu. Sem palavras, com uma espécie de certeza corporal, ele sabia que dentro de uma hora ela estaria em seus braços, nua. Enquanto estavam sentados ali na luz quente, seus joelhos se tocando, seus olhos se encontrando, eles sentiram como se tudo já tivesse sido conquistado. Havia uma profunda intimidade entre eles. Eles poderiam ter ficado sentados ali por horas, apenas olhando um para o outro e conversando sobre as coisas triviais que tinham algum significado para eles e para mais ninguém. Eles ficaram sentados lá por vinte minutos ou mais. Gordon tinha se esquecido do garçom – tinha até esquecido, momentaneamente, o desastre de ser levado àquele almoço miserável que iria tirá-lo cada centavo que tinha. Mas logo o sol se pôs, a sala ficou cinza novamente e eles perceberam que era hora de partir.

– A conta – pediu Gordon, dando meia-volta.

O garçom fez um último esforço para ser ofensivo.

– A conta, senhor? Aceitam um café, senhor?

– Não, sem café. A conta.

O garçom se retirou e voltou com um cartão dobrado em uma bandeja. Gordon abriu. Seis xelins e três pence – e ele tinha exatamente sete xelins e onze pence no mundo todo! Claro que ele sabia aproximadamente qual deveria ser a conta, mas foi um choque agora que ela veio. Ele se levantou, apalpou o bolso e tirou todo o dinheiro. O jovem garçom pálido, com a bandeja no braço, olhou para o punhado de dinheiro e adivinhou claramente que era tudo o que Gordon tinha. Rosemary também se levantou e deu a volta na mesa. Ela beliscou o cotovelo de Gordon; este foi um sinal de que ela gostaria de pagar sua parte. Gordon fingiu não notar. Ele pagou os seis xelins e três pence e, ao se virar, jogou outro xelim na bandeja. O garçom equilibrou-o por um momento em sua mão, sacudiu-o e depois o enfiou no bolso do colete com ar de quem engoliu algo indizível.

Enquanto desciam para a saída, Gordon se sentiu consternado, desamparado – quase tonto. Todo o seu dinheiro se foi de uma só vez! Foi uma coisa horrível de se ver. Se ao menos eles não tivessem vindo a este lugar maldito! O dia inteiro estava arruinado agora – e tudo por causa de alguns pratos de rosbife e uma garrafa de vinho lamacento! Em breve haveria o chá para pensar, e ele tinha apenas seis cigarros restantes, e havia as passagens de ônibus de volta para Slough e Deus sabe o que mais; e ele tinha apenas oito pence para pagar por tudo! Eles saíram do hotel sentindo-se como se tivessem sido chutados para fora e a porta batida atrás deles. Toda a intimidade calorosa do momento anterior se foi. Tudo parecia diferente agora que eles estavam do lado de fora. De repente, seu sangue pareceu esfriar ao ar livre. Rosemary

caminhava na frente dele, bastante nervosa, sem falar. Agora ela estava meio assustada com toda a ideia do passeio. Ele observou seus membros fortes e delicados se movendo. Havia seu corpo que ele desejou por tanto tempo; mas agora, quando chegou a hora, isso simplesmente o assustou. Ele queria que ela fosse sua, ele queria TÊ-LA, mas desejou que isso já tivesse passado. Era um esforço – uma coisa pela qual ele teve que se ferrar. Era estranho que aquela situação horrível da conta do hotel pudesse tê-lo perturbado tanto. O clima despreocupado e tranquilo da manhã foi destruído; em seu lugar havia voltado a coisa odiosa, perturbadora e familiar – a preocupação com o dinheiro. Em um minuto ele teria que admitir que tinha apenas oito pence sobrando; ele teria que pedir dinheiro emprestado a Rosemary para levá-lo para casa; seria sórdido e vergonhoso. Apenas o vinho dentro dele manteve sua coragem. O calor do vinho e a sensação odiosa de ter apenas oito pence restantes guerreavam juntos em seu corpo, sem que um levasse a melhor sobre o outro.

Eles caminharam bem devagar, mas logo estavam longe do rio e em um terreno mais alto novamente. Cada um procurou desesperadamente por algo para dizer e não conseguiu pensar em nada. Ele chegou perto dela, pegou sua mão e entrelaçou seus dedos nos dela. Assim eles se sentiram melhor. Mas seu coração batia dolorosamente, suas entranhas estavam contraídas. Ele se perguntou se ela sentia o mesmo.

– Parece que não há uma vivalma – disse ela por fim.

– É domingo à tarde. Estão todos dormindo sob a aspidistra, depois do rosbife e do Yorkshire.

Houve outro silêncio. Eles caminharam cerca de cinquenta metros. Com dificuldade em dominar sua voz, ele conseguiu dizer.

– Está extraordinariamente quente. Podemos sentar um

pouco se encontrarmos um lugar.

– Sim, tudo bem. Se você desejar.

Logo eles chegaram a um pequeno bosque à esquerda da estrada. Parecia morto e vazio, nada crescendo sob as árvores nuas. Mas na esquina do bosque, do outro lado, havia um grande emaranhado de abrunhos ou arbustos de abrunheiro. Ele a abraçou sem dizer nada e a virou naquela direção. Havia uma lacuna na sebe, com arame farpado estendido sobre ela. Ele abaixou o arame ela escorregou agilmente por baixo. Seu coração deu outro salto. Como ela era flexível e forte! Mas quando ele escalou o arame para segui-la, os oito pence – seis pence e duas moedas de um penny tilintaram em seu bolso, assustando-o de novo.

Quando chegaram aos arbustos, encontraram um aposento natural. Em três de suas paredes havia canteiros de espinhos, sem folhas, mas impenetráveis, e a outra parede dava para uma extensão de campos arados nus lá embaixo. No declive da colina havia uma cabana de telhado baixo, pequena como uma casa de bonecas, com chaminés sem fumaça saindo. Nenhuma criatura se mexia em lugar nenhum. Você não poderia estar mais sozinho no mundo do que em um lugar assim. A grama era musgosa e fina, como as que crescem sob as árvores.

– Devíamos ter trazido uma capa de chuva – disse ele. Gordon se ajoelhou.

– Não importa. O solo está bastante seco.

Ele puxou-a para o chão ao lado dele, beijou-a, tirou o chapéu de floppy, deitou-se em seus seios, beijou-lhe o rosto inteiro. Ela se deitou sob ele, cedendo em vez de responder. Não resistiu quando a mão dele procurou seus seios. Mas, em seu coração, ela ainda estava assustada. Ela faria isso – ah, sim! Manteria sua promessa implícita, não recuaria; mas mesmo assim estava assustada. E, no fundo, ele também

estava meio relutante. Ficou consternado ao descobrir o quão pouco ele realmente a queria. O negócio do dinheiro ainda o enervava. Como você pode fazer amor quando tem apenas oito pence no bolso e fica pensando nisso o tempo todo? No entanto, de certa forma ele a queria. Na verdade, não poderia viver sem ela. Sua vida seria diferente quando eles fossem realmente amantes. Por um longo tempo ele ficou deitado em seu seio, a cabeça dela virada de lado e o rosto dele contra seu pescoço e cabelo, sem tentar mais nada.

Então, o sol apareceu novamente. Já estava ficando baixo no céu. A luz quente derramou-se sobre eles como se uma membrana no céu tivesse se rompido. Realmente estava um pouco frio na grama, com o sol atrás das nuvens; mas agora estava quase tão quente quanto no verão. Ambos se sentaram para contemplá-lo.

– Ah, Gordon, olhe! Veja como o sol está iluminando tudo!

À medida que as nuvens se dissipavam, um feixe amarelo cada vez maior deslizou rapidamente pelo vale, dourando tudo em seu caminho. A grama que era verde fosca brilhou de repente como esmeralda. O chalé vazio abaixo ganhou cores quentes, azul-púrpura nos ladrilhos e vermelho-cereja nos tijolos. Apenas o fato de não haver pássaros cantando lembrava que era inverno. Gordon passou o braço em volta de Rosemary e puxou-a com força contra ele. Eles se sentaram lado a lado, olhando para baixo da colina. Ele a virou e a beijou.

– Você gosta de mim, não é?

– Adoro você, seu bobo.

– E você vai ser legal comigo, não é?

– Legal com você?

– Deixe-me fazer o que eu quiser com você?

– Sim, espero que sim.

– Qualquer coisa?

– Sim, tudo bem. Qualquer coisa.

Ele apertou as costas dela contra a grama. Era bem diferente agora. O calor do sol parecia ter penetrado em seus ossos.

– Tire a roupa, querida – sussurrou ele.

Ela o fez prontamente. Não tinha vergonha diante dele. Além disso, estava tão quente e o lugar era tão solitário que não importava se você se despiu. Eles espalharam suas roupas e fizeram uma espécie de cama para ela se deitar. Nua, Rosemary se deitou com as mãos atrás da cabeça, os olhos fechados, sorrindo levemente, como se tivesse assimilado tudo e estivesse em paz com a sua consciência. Por um bom tempo, ele ficou ajoelhado admirando o corpo dela. Sua beleza o surpreendeu. Ela parecia muito mais jovem nua do que vestida. Seu rosto jogado para trás, com os olhos fechados, parecia quase infantil. Ele se aproximou dela. Mais uma vez, as moedas tilintaram em seu bolso. Restavam apenas oito pence! Os problemas se mostravam sempre presentes. Mas ele não pensaria nisso agora. Vá em frente, essa é a grande hora, vá em frente e dane-se o futuro! Ele passou um braço sob ela e seus corpos ficaram um contra o outro.

– Posso? Agora?

– Sim. Tudo bem.

– Você não está com medo?

– Não.

– Serei o mais gentil que puder com você.

– Não importa.

E no momento seguinte:

– Ah, Gordon, não! Não, não, não!

‘What? What is it?’

– Não, Gordon, não! Você não deve! NÃO!

Ela colocou as mãos contra ele e o empurrou violentamente para trás. Seu rosto parecia distante, assustado, quase hostil. Era terrível sentir que ela o afastava naquele momento. Foi como se um balde de água fria tivesse caído sobre ele. Ele se afastou dela, consternado, reorganizando apressadamente as roupas.

– O que está havendo? Qual é o problema?

– Ah, Gordon! Eu pensei que você… ah, querido!

Ela jogou o braço sobre o rosto e rolou para o lado, para longe dele, subitamente envergonhada.

– O que foi? – repetiu ele.

– Como você pôde ter sido tão IMPRUDENTE?

– Como assim, imprudente?

– Ora, você sabe do que eu estou falando!

O coração dele ficou apertado. Ele sabia o que ela queria dizer; mas ele nunca tinha pensado nisso até este momento. E é claro – ah, sim! – ele deveria ter pensado nisso. Levantou-se e se afastou dela. De repente, sabia que não poderia ir muito mais longe com aquele negócio. Em um campo úmido em uma tarde de domingo – e no meio do inverno! Impossível! Parecia tão certo, tão natural apenas um minuto atrás; agora parecia apenas esquálido e feio.

– Eu não esperava ISSO – disse ele amargamente.

– Mas não pude evitar, Gordon! Você deveria… você sabe.

– Você não acha que eu gosto desse tipo de coisa, acha?

– Mas o que mais podemos fazer? Eu não posso ter um filho, posso?

– Você podia arriscar.

– Ah, Gordon, como você é impossível!

Ela ficou deitada olhando para ele, com seu rosto cheio de angústia, muito emocionada no momento até mesmo para lembrar que estava nua. Sua decepção se transformou em raiva. Aí está você, veja! Dinheiro novamente! Mesmo na ação mais secreta de sua vida você não escapa; ainda tem que estragar tudo com precauções sujas a sangue frio por causa do dinheiro. Dinheiro, dinheiro, sempre dinheiro! Mesmo no leito nupcial, o dedo do deus-dinheiro se intrometia! Nas alturas ou nas profundezas, ele está lá. Ele caminhou um ou dois passos para cima e para baixo, com as mãos nos bolsos.

– Dinheiro de novo, como você pode ver! – ele disse. – Mesmo em um momento como este, ele tem o poder de nos enfrentar e nos intimidar. Mesmo quando estamos sozinhos e a quilômetros de qualquer lugar, sem uma alma para nos ver.

– O que o DINHEIRO tem a ver com isso?

– Estou lhe dizendo que nunca passaria pela sua cabeça se preocupar com um bebê se não fosse pelo dinheiro. Você iria até QUERER o bebê se não fosse por isso. Você diz que "não pode" ter um filho. O que quer dizer com "não pode" ter um filho? Quer dizer que você não ousa; porque você perderia seu emprego e eu não tenho dinheiro e todos nós morreríamos de fome. Esse negócio de controle de natalidade! É apenas outra maneira que descobriram para nos intimidar. E você quer ser conivente com isso, ao que parece.

– Mas o que eu devo fazer, Gordon? O que eu devo fazer?

Nesse momento, o sol desapareceu por trás das nuvens. Tornou-se perceptivelmente mais frio. Afinal, a cena era

grotesca: a mulher nua deitada na grama, o homem vestido e parado – taciturno, com as mãos nos bolsos. Ela pegaria um belo de um resfriado, deitada ali assim. A coisa toda era absurda e indecente.

– Mas o que mais devo fazer? – ela repetiu.

– Acho que você pode começar colocando suas roupas – disse ele friamente.

Ele só disse isso para ventilar sua irritação; mas o resultado foi deixá-la tão dolorosa e obviamente envergonhada que teve que virar as costas para ela. Ela se vestiu em pouco tempo. Quando se ajoelhou para amarrar os sapatos, ele a ouviu fungando uma ou duas vezes. Ela estava a ponto de chorar e lutava para se conter. Ele se sentiu terrivelmente envergonhado. Gostaria de se ajoelhar ao lado dela, abraçá-la e pedir por seu perdão. Mas ele não podia fazer nada disso; a cena o deixou ranzinza e desconfortável. Era com dificuldade que ele conseguia comandar sua voz, mesmo para os comentários mais banais.

– Você está pronta? – ele perguntou sem rodeios.

– Estou.

Eles voltaram para a estrada, escalaram o arame e começaram a descer a colina sem dizer mais nada. Novas nuvens flutuavam diante do sol. Estava ficando muito mais frio. Mais uma hora e o primeiro crepúsculo teria chegado. Eles regressaram ao sopé da colina e avistaram o Hotel Ravenscroft, cenário de seu desastre.

– Aonde estamos indo? – indagou Rosemary com uma voz baixa e amuada.

– De volta a Slough, creio eu. Precisamos atravessar a ponte e dar uma olhada nas placas de sinalização.

Eles mal voltaram a falar antes de percorrerem vários

quilômetros. Rosemary estava constrangida e infeliz. Várias vezes ela se aproximou dele, com a intenção de pegar seu braço, mas ele se afastou dela; e assim eles caminharam lado a lado com quase a largura da estrada entre eles. Ela imaginou que o havia ofendido mortalmente. Supôs que era por causa da decepção – quando ela o empurrou naquele momento crítico – que ele estava com raiva dela; o teria se desculpado se ele tivesse lhe dado um quarto de chance. Mas, na verdade, ele mal pensava nisso. Sua mente se afastou desse lado das coisas. Era o negócio do dinheiro que o incomodava agora – o fato de ter apenas oito pence no bolso. Em pouco tempo ele teria que confessar. Haveria as passagens de ônibus de Farnham para Slough, chá em Slough e cigarros, e mais passagens de ônibus e talvez outra refeição quando voltassem para Londres; e apenas oito pence para cobrir tudo! Ele teria que pedir emprestado a Rosemary, afinal. E isso era tão humilhante. É odioso ter que pedir dinheiro emprestado a alguém com quem você acabou de brigar. Como invalidaria todas as suas boas atitudes! Lá estava ele, repreendendo-a, exibindo ares superiores, fingindo estar chocado porque ela considerava a contracepção algo natural; e no momento seguinte se viraria e pediria dinheiro! Mas veja você, é isso que o dinheiro pode fazer. Não há atitude que o dinheiro ou a falta dele não consiga permear.

Por volta das quatro e meia estava quase totalmente escuro. Eles vagaram por estradas enevoadas onde não havia iluminação, exceto pelas rachaduras das janelas das cabanas e no facho amarelo de um carro ocasional. Estava ficando terrivelmente frio também, mas eles haviam caminhado seis quilômetros e o exercício os aquecia. Era impossível continuar sendo antissocial. Eles começaram a falar mais naturalmente e aos poucos foram se aproximando. Rosemary segurou o braço de Gordon. Logo ela o parou e girou-o para encará-la.

– Gordon, POR QUE você é tão cruel comigo?

– E como é que sou cruel com você?

– Andando todo esse tempo sem dizer uma palavra!

– Ah, bem!

– Você ainda está com raiva de mim por causa do que acabou de acontecer?

– Não. Nunca fiquei zangado com você. VOCÊ não tem culpa.

Ela olhou para ele, tentando adivinhar a expressão de seu rosto na escuridão quase total. Ele a puxou para si e, como ela parecia prever, inclinou o rosto dela para trás e a beijou. Ela se agarrou a ele ansiosamente; seu corpo derreteu contra o dele – parecia que estava esperando por isso

– Gordon, você me ama, não é?

– Claro que amo.

– As coisas deram errado de alguma forma. Não consegui evitar. De repente, fiquei assustada.

– Não importa. Da próxima vez, tudo ficará bem.

Ela estava recostada com a cabeça em seu peito. Ele podia sentir seu coração batendo. Parecia vibrar violentamente, como se ela estivesse tomando alguma decisão.

– Não me importa – disse ela indistintamente, o rosto enterrado no casaco dele.

– Não me importo com o quê?

– Com o bebê. Vou arriscar. Pode fazer o que quiser comigo.

Com essas palavras de rendição, um desejo fraco surgiu nele e morreu imediatamente. Ele sabia por que ela havia dito isso. Não era porque, neste momento, ela realmente quisesse fazer

amor. Foi por um mero impulso generoso de deixá-lo saber que ela o amava e que correria um risco temido em vez de desapontá-lo.

– Agora? – perguntou ele.

– Sim, se você aceitar.

Ele considerou. Queria tanto ter certeza de que ela era dele! Mas o ar frio da noite fluía sobre eles. Atrás das sebes, a grama alta estaria úmida e fria. Não era a hora nem o lugar. Além disso, aquele negócio de oito pence tomou sua mente. Ele não estava mais com disposição.

– Não posso – disse ele, por fim.

– Você não pode! Mas, Gordon! Eu pensei…

– Eu sei. Mas agora tudo está diferente.

– Você ainda está chateado?

– Sim. De certa forma.

– Por quê?

Ele a empurrou um pouco para longe dele. O motivo seria o mesmo agora ou depois. No entanto, ele ficou tão envergonhado que resmungou em vez de enunciar.

– Tenho uma coisa terrível para lhe dizer. Isso tem me preocupado o tempo todo.

– O que é?

– É que… Você pode me emprestar algum dinheiro? Estou absolutamente zerado. Eu tinha dinheiro suficiente por hoje, mas aquela conta horrível do hotel atrapalhou tudo. Só me restam oito pence.

Rosemary ficou pasma. Ela escapou de seus braços em seu espanto.

– Só restam oito pence! Do que você está falando? O que importa se você só tem oito pence sobrando?

– Estou dizendo que terei de pedir dinheiro emprestado a você em um minuto. Você terá que pagar as suas passagens de ônibus, as minhas passagens de ônibus e seu chá, Deus sabe mais o quê. E eu pedi para você vir comigo! Você deveria ser minha convidada. É terrível.

– Sua CONVIDADA! Ah, Gordon. É ISSO que tem te preocupado todo esse tempo?

– Sim.

– Gordon, você É um bebê! Como você pode se preocupar com uma coisa dessas? Como se eu me importasse em lhe emprestar dinheiro! Não estou sempre dizendo que quero pagar pela minha parte quando saímos juntos?

– Sim, e você sabe como odeio que você pague. Nós discutimos isso outra noite.

– Ah, que absurdo, como você é absurdo! Você acha que há algo para se envergonhar de não ter dinheiro?

– Claro que existe! É a única coisa no mundo de que devemos nos envergonhar.

– Mas o que isso tem a ver com você e eu fazendo amor, afinal? Eu não entendo você. Primeiro quer e depois não quer. O que o dinheiro tem a ver com isso?

– Tudo.

Ele entrelaçou seu braço no dela e começou a descer a rua. Ela nunca entenderia. Mesmo assim, ele tinha que explicar.

– Você não entende que uma pessoa não é um ser humano completo… que não se SENTE um ser humano… a menos que tenha dinheiro no bolso?

– Não. Eu acho isso simplesmente bobo.

– Não é que não queira fazer amor com você. Eu quero. Mas eu digo que não posso fazer amor com você quando tenho apenas oito pence no bolso. Pelo menos não quando você está ciente que eu só tenho oito pence. Só não posso fazer isso. É fisicamente impossível.

– Mas, por quê? Por quê?

– Você descobrirá em Lempriere – disse ele de um jeito obscuro.

Isso resolveu tudo. Não falaram mais sobre isso. Pela segunda vez, ele se comportou de maneira grosseira e ainda assim a fez se sentir culpada. Eles seguiram em frente. Rosemary não o entendeu; por outro lado, ela o perdoou por tudo. Logo chegaram a Farnham Common e, depois de uma espera no cruzamento, pegaram um ônibus para Slough. Na escuridão, quando o ônibus se aproximava, Rosemary encontrou a mão de Gordon e colocou meia coroa nela, para que ele pudesse pagar as passagens e não se envergonhar em público por deixar uma mulher pagar por ele.

De sua parte, Gordon preferia caminhar até Slough e economizar nas passagens de ônibus, mas sabia que Rosemary se recusaria. Em Slough, também, ele queria pegar o trem direto de volta para Londres, mas Rosemary disse indignada que não iria sem o chá, então foram para um hotel grande, sombrio e cheio de correntes de ar perto da estação. O chá, com pequenos sanduíches murchos e bolinhos duros como massa de vidraceiro, custava dois xelins por cabeça. Foi um tormento para Gordon deixá-la pagar por sua comida. Ele ficou de mau humor, não comeu nada e, após uma discussão sussurrada, insistiu em contribuir com seus oito pence para o custo do chá.

Eram sete horas quando pegaram o trem de volta para Londres. O trem estava cheio de andarilhos cansados em

shorts cáqui. Rosemary e Gordon não conversaram muito. Eles se sentaram juntos, Rosemary com o braço entrelaçado no dele, brincando com sua mão, Gordon olhando pela janela. As pessoas no vagão os olhavam, perguntando-se sobre o que haviam discutido. Gordon observou a escuridão estrelada por lâmpadas passando. Assim terminou o dia pelo qual ele esperou. E agora estaria de volta à Willowbed Road, com uma semana sem um tostão pela frente. Durante uma semana inteira, a menos que algum milagre acontecesse, ele não poderia nem mesmo comprar um cigarro. Que idiota tinha sido! Rosemary não estava zangada com ele. Com a pressão de sua mão, ela tentou deixar claro para ele que o amava. Seu rosto pálido descontente, meio virado para longe dela, seu casaco surrado e seu cabelo desgrenhado cor de rato que queria cortar mais do que nunca, encheram-na de profunda pena. Ela sentia mais carinho por ele do que se tudo tivesse corrido bem, porque em seu jeito feminino percebeu que ele era infeliz e que a vida era difícil para ele.

– Leve-me para casa, sim? – ela disse quando desceram em Paddington.

– Se você não se incomodar de ir a pé. Eu não tenho dinheiro para a passagem.

– Mas DEIXE-ME pagar a passagem. Ah, céus! Acho que não. Mas como é que você vai até a sua casa?

– Ora, eu vou caminhar. Eu conheço o caminho. Não é muito longe.

– Odeio pensar em você caminhando todo esse percurso. Você parece muito cansado. Seja bonzinho e deixe-me pagar sua passagem para casa. Por favor!

– Não. Você já fez o suficiente por mim.

– Ah, céus! Você é tão bobo!

Eles pararam na entrada do metrô. Ele pegou a mão dela.

– Acho que devemos nos despedir por ora – disse ele.

– Adeus, querido Gordon. Muito obrigado por me levar para sair. Essa manhã foi tão divertida.

Ah, essa manhã! Foi tudo tão diferente nessa manhã. Sua mente voltou aos momentos da manhã, quando eles estavam sozinhos na estrada e ainda havia dinheiro em seu bolso. O remorso dominou-o. No geral, ele se comportou mal. Ele apertou a mão dela um pouco mais forte.

– Você não está brava comigo, está?

– Não, bobo, claro que não.

– Não quis ser cruel com você. Foi o dinheiro. É sempre o dinheiro.

– Não importa, será melhor da próxima vez. Iremos a algum lugar melhor. Vamos passar o fim de semana em Brighton ou algo assim.

– Talvez, quando eu tiver dinheiro. Você vai me escrever logo, não vai?

– Sim.

– Suas cartas são as únicas coisas que me fazem continuar. Diga-me quando você vai escrever, para que eu possa esperar por sua carta.

– Escreverei amanhã à noite e postarei na terça. Assim você receberá na última postagem, na terça à noite.

– Então, adeus, querida Rosemary.

– Adeus, querido Gordon.

Ele a deixou na bilheteria. Depois de percorrer vinte metros, sentiu uma mão pousada em seu braço. Ele se virou bruscamente. Era Rosemary. Ela enfiou um maço de Gold

Flake, que ela comprou no quiosque de tabaco, no bolso do casaco de Gordon e correu de volta para o metrô antes que ele pudesse protestar.

Ele voltou para casa através dos desertos de Marylebone e Regent's Park. Era fim do dia. As ruas estavam escuras e desoladas, com aquela estranha sensação de apatia de domingo à noite, quando as pessoas ficam mais cansadas depois de um dia de ócio do que de um dia de trabalho. Estava terrivelmente frio também. O vento aumentou quando a noite caiu. *Sopra bruscamente o vento cominador*. Gordon estava com os pés doloridos, tendo caminhado vinte quilômetros ou mais. Ele comera pouco o dia todo. De manhã, saiu correndo sem um café da manhã adequado, e o almoço no Hotel Ravenscroft não foi o tipo de refeição que lhe fez muito bem; desde então não tinha comido nenhum alimento sólido. No entanto, não havia esperança de conseguir nada quando chegasse em casa. Ele tinha dito à senhora Wisbeach que ficaria fora o dia todo.

Quando chegou à Hampstead Road, teve que esperar no meio-fio para deixar um fluxo de carros passar. Mesmo ali, tudo parecia escuro e sombrio, apesar das lâmpadas fortes e do brilho frio das vitrines das joalherias. O vento forte perfurou suas roupas finas, fazendo-o estremecer. *Sopra bruscamente o vento cominador, Os álamos curvados e desnudos*. Ele havia terminado aquele poema todo, exceto pelos dois últimos versos. Pensou novamente nas primeiras horas desta manhã – as estradas enevoadas e vazias, a sensação de liberdade e aventura, de ter o dia inteiro e todo o país diante de você para vagar à vontade. Foi o dinheiro que fez isso, é claro. Ele tinha no bolso sete xelins e onze pence nesta manhã. Foi uma breve vitória sobre o deus-dinheiro; uma apostasia matinal, um feriado nos bosques de Ashtaroth. Mas essas coisas nunca duram. Seu dinheiro vai e leva sua liberdade com ele. Cortareis o vosso prepúcio, diz o Senhor. E voltamos a baixar

a cabeça, chorando apropriadamente.

Outro grupo de carros passou nadando depressa. Um em particular chamou sua atenção, uma coisa comprida e esguia, elegante como uma andorinha, toda azul e prata reluzente; custaria uns mil guinéus, pensou ele. Um chofer vestido de azul estava sentado ao volante, ereto, imóvel como uma estátua desdenhosa. No banco de trás, no interior iluminado de rosa, estavam quatro jovens elegantes – dois rapazes e duas moças, fumavam e riam. Ele teve um vislumbre de seus rostos de coelhos elegantes; rostos arrebatadoramente suaves e rosados, iluminados por aquele brilho interno peculiar que nunca pode ser falsificado, o brilho suave e quente do dinheiro.

Ele cruzou a estrada. Sem comida naquela noite. Porém, ainda havia óleo na lâmpada, graças a Deus; ele tomaria uma xícara de chá secreta quando voltasse. Nesse momento ele viu a si mesmo e sua vida sem disfarces que a poupassem. Todas as noites a mesma coisa – de volta ao quarto frio e solitário e às folhas sujas e cheias de fuligem do poema que nunca foi adiante. Foi um beco sem saída. Ele nunca terminaria o *Prazeres de Londres*, ele nunca se casaria com Rosemary, ele nunca colocaria sua vida em ordem. Ele apenas flutuaria e afundaria, derivaria e afundaria, como os outros membros de sua família; mas pior do que eles – afundava, afundava para algum submundo terrível que ainda ele mal podia imaginar. Foi o que ele escolheu quando declarou guerra ao dinheiro. Sirva ao deus-dinheiro ou afunde; não há outra regra.

Algo lá embaixo fez estremecer os paralelepípedos da rua. O metrô, deslizando pelo meio da terra. Ele teve uma visão de Londres, do mundo ocidental; ele viu milhões de escravos labutando e rastejando pelo trono do dinheiro. A terra é arada, os navios navegam, os mineiros suam em túneis subterrâneos gotejantes, os escriturários se apressam rumo ao trem das oito

e quinze com medo de o patrão comer seus órgãos vitais. E mesmo na cama com suas esposas eles tremem e obedecem. Obedecer a quem? O sacerdócio do dinheiro, os mestres do mundo de rostos rosados. A Camada Superior. Uma confusão de jovens coelhos elegantes em automóveis de mil guinéus, de corretores da bolsa de golfe e financistas cosmopolitas, de advogados da chancelaria e maricas com a roupa da moda; de banqueiros, jornalistas, romancistas de todos os quatro sexos, pugilistas americanos, aviadoras, estrelas de cinema, bispos, poetas titulados e gorilas de Chicago.

Quando ele avançou mais cinquenta metros, a rima para a estrofe final de seu poema lhe ocorreu. Ele caminhou de volta para casa, repetindo o poema para si mesmo.

Sopra bruscamente o vento cominador,

Os álamos curvados e desnudos.

E as fitas da chaminé escuras em cor,

Voam baixo, brandidas pelo ar, sobre tudo.

Tremulam os pôsteres rasgados.

O som frio provocado,

Pelo estrondo dos trens e dos cascos batendo,

E os funcionários que se apressam para a estação,

Olham, com medo, para o sol nascendo.

Cada um suplicava: "Aí vem o inverno!

Por favor, Deus, mantenha meu emprego!"

E tristemente, enquanto o frio atingia

Suas entranhas como uma lança de gelo;

Eles pensam no aluguel, taxas, ingressos para da temporada,

Seguro, carvão, e no salário da empregada,

Botas, gastos escolares e a próxima prestação

Das duas camas de solteiro de segunda mão;

Pois se imprudentes em dias de verão,

Nos bosques de Ashtaroth nós nos deitamos,

Arrependemo-nos agora, quando os ventos sopram frios,

Diante de nosso senhor, nós ajoelhamos;

O senhor de tudo, o deus do dinheiro,

Que nos rege o sangue, as mãos e a mente,

Que dá o teto, protege do vento forasteiro,

Que nos dá e tira novamente;

Que espia com inveja, um zelo cuidadoso,

Nossos pensamentos, nossos sonhos, nossas doutrinas,

Que escolhe nossas palavras, corta nossas vestes,

E mapeia a nossa rotina;

Que tira nossa esperança, gela nossa febre,

Que compra nossa vida e paga com brinquedo,

Que reclama pela fé perdida com um sacrifício,

Insultos aceitos, alegrias em segredo;

Que amarra com correntes a sabedoria do poeta,

A força do marinheiro, o orgulho do atleta,

E abaixa o escudo estranho e elegante,

Entre a noiva e o seu amante.



CAPÍTULO 8

Quando o relógio bateu uma hora, Gordon fechou a porta da loja com tudo e saiu depressa, quase correndo, para a filial do Westminster Bank no final da rua.

Com um gesto meio consciente de cautela, ele estava agarrando-se à lapela do casaco, segurando-a com força contra si. Lá, guardado em seu bolso interno do lado direito, estava um objeto de cuja existência ele duvidava parcialmente. Era um envelope azul grosso com um selo americano; no envelope havia um cheque de cinquenta dólares; e o cheque foi feito em nome de "Gordon Comstock"!

Ele podia sentir o formato quadrado do envelope delineado contra seu corpo tão claramente como se estivesse em brasa. Durante toda a manhã ele o sentira ali, quer o tivesse tocado quer não; ele parecia ter desenvolvido uma área especial de sensibilidade na pele abaixo do seio direito. O tempo todo, pelo menos uma vez a cada dez minutos, ele tirava o cheque do envelope e o examinou ansiosamente. Afinal, cheques são coisas complicadas. Seria assustador se houvesse algum problema com a data ou a assinatura. Além disso, ele poderia perdê-lo – poderia até mesmo desaparecer por conta própria como o ouro das fadas.

O cheque viera da *Californian Review*, a revista americana para a qual, semanas ou meses antes, ele enviara desesperadamente um poema. Fazia tanto tempo, que quase

havia se esquecido do poema – até essa manhã, quando a carta apareceu do nada. E que carta! Nenhum editor escreve cartas assim. Eles ficaram "favoravelmente impressionados" com o poema dele. Eles se "esforçariam" para incluí-lo em seu próximo número. Eles pediram que Gordon os fizesse o favor de mostrar-lhes mais de seu trabalho. (Um favor? Ah, rapaz! – como Flaxman diria.) E o cheque veio com ela. Parecia a loucura mais insana, neste ano da graça de 1934, que alguém pagasse cinquenta dólares por um poema. No entanto, lá estava; e havia o cheque, que parecia perfeitamente genuíno, independentemente da frequência com que ele o inspecionava.

Ele não teria paz de espírito até que o cheque fosse descontado – pois muito possivelmente o banco o recusaria –, mas uma torrente de visões já estava fluindo em sua mente. Visões de rostos de garotas, visões de garrafas de clarete com teias de aranha e canecas de cerveja, visões de um terno novo e seu sobretudo fora do penhor, visões de um fim de semana em Brighton com Rosemary, visões de notas brilhantes de cinco libras que ele ia dar a Julia. Acima de tudo, é claro, via aquela nota de cinco de Julia. Foi quase a primeira coisa em que pensou quando o cheque chegou. O que quer que ele fizesse com o dinheiro, ele deveria dar a Julia metade dele. Era apenas a mais pura justiça, considerando o quanto ele havia "emprestado" dela em todos esses anos. A manhã inteira, as lembranças de Julia e do dinheiro que ele devia a ela surgiram em sua mente em momentos estranhos. Era um pensamento vagamente desagradável, entretanto. Ele se esquecia disso a cada meia hora, pois planejava uma dúzia de maneiras de gastar suas dez libras até o último centavo e, de repente, se lembrava de Julia. A boa e velha Julia! Julia deveria receber sua parte. No mínimo cinco xelins. Mesmo assim, não era um décimo do que devia a ela. Pela vigésima vez, com um leve mal-estar, ele registrou o pensamento: cinco libras para Julia.

O banco não teve problemas com o cheque. Gordon não tinha conta bancária, mas eles o conheciam bem, pois o senhor McKechnie era cliente de lá. Eles já haviam descontado os cheques dos editores para Gordon antes. Houve apenas um minuto de consulta, e então o caixa voltou.

– Notas, senhor Comstock?

– Cinco libras e o resto em notas de uma libra, por favor.

Notas delicadas e voluptuosas de cinco libras junto às notas de uma libra deslizaram farfalhando sob a grade de bronze. E atrás deles o caixa empurrou uma pequena pilha de meia-coroas e moedas de um penny. Em estilo senhorial, Gordon atirou as moedas no bolso sem nem mesmo contá-las. Era somente um adicional inconveniente. Ele esperava cinquenta dólares por apenas dez libras. O dólar deveria estar acima da cotação dos últimos dias. A nota de cinco libras, entretanto, ele dobrou cuidadosamente e guardou no envelope americano. Era a nota de cinco de Julia. Era sacrossanto. Ele postaria para ela em breve.

Ele não foi para casa jantar. Por que mastigar carne de couro na sala de jantar aspidistral quando se tinha dez libras no bolso – cinco libras, na verdade. Ele sempre se esquecia que metade do dinheiro já estava hipotecado para Julia. Naquele momento, ele não se preocupava em postar as cinco libras de Julia. A noite chegaria em breve. Além disso, ele gostou da sensação do dinheiro em seu bolso. Era estranho como você se sentia diferente com toda aquela quantia no bolso. Não opulento, meramente, mas tranquilizado, revivificado, renascido. Sentia-se uma pessoa diferente do que tinha sido ontem. Era uma pessoa diferente. Ele não era mais o desgraçado oprimido que fazia xícaras secretas de chá no fogão a óleo, no número 31 da Willowbed Road. Ele era Gordon Comstock, o poeta famoso nos dois lados do Atlântico. Publicações: *Ratos* (1932),

Prazeres de Londres (1935). Ele pensava no *Prazeres de Londres* com perfeita confiança agora. Em três meses, deveria ver à luz. Volume in-oitavo com encadernação branca de entretela. Não havia comparado a esse sentimento de que sua sorte havia mudado.

Ele entrou no Príncipe de Gales para comer alguma coisa. Um filé de carne e duas porções de vegetais custavam um xelim e dois pence, e meio litro de Indian Pale Ale por nove pence, você poderia comprar vinte Gold Flakes por um xelim. Mesmo depois dessa extravagância, ele ainda tinha bem mais de dez libras em mãos – ou melhor, bem mais de cinco libras. Aquecido pela cerveja, se sentou e meditou sobre as coisas que você pode fazer com cinco libras. Comprar um terno novo, passar um fim de semana no interior, fazer uma viagem de um dia a Paris, tomar cinco porres de bebida, pagar por dez jantares em restaurantes do Soho. Nesse ponto, ocorreu-lhe que ele, Rosemary e Ravelston jantariam juntos esta noite. Apenas para comemorar seu golpe de sorte; afinal, não é todo dia que dez libras – cinco libras – caem do céu em seu colo. O pensamento dos três juntos, com uma boa comida, vinho e dinheiro, não deixou margem para que qualquer outra coisa chamasse sua atenção. Ele teve apenas uma pequena pontada de cautela. Não deveria gastar TODO o dinheiro, é claro. Ainda assim, ele poderia gastar uma libra – duas libras. Em poucos minutos, ele ligou para Ravelston do pub.

– É você, Ravelston? Eu procuro pelo Ravelston! Olhe aqui, você tem que jantar comigo esta noite.

Do outro lado da linha, Ravelston hesitou ligeiramente.

– Não, corta essa! Você janta comigo.

Mas Gordon saiu por cima. Que bobagem! Ravelston tinha que jantar com ELE esta noite. Sem querer, Ravelston concordou. Tudo bem, sim, obrigado; ele gostaria muito.

Havia uma espécie de tristeza em sua voz, um tom de desculpas. Ele adivinhou o que havia acontecido. Gordon conseguira dinheiro em algum lugar e estava desperdiçando-o imediatamente; como de costume, Ravelston sentiu que não tinha o direito de interferir. Para onde eles deveriam ir? Gordon era exigente. Ravelston começou a elogiar aqueles pequenos restaurantes alegres do Soho, onde você ganha um jantar maravilhoso por meia coroa. Mas os restaurantes do Soho pareciam ordinários assim que Ravelston os mencionou. Gordon não queria ouvir falar neles. Que bobagem! Eles tinham que ir a algum lugar decente. Vamos fazer tudo de qualquer modo, foi seu pensamento particular; podia muito bem gastar duas libras – até três libras. Aonde Ravelston geralmente ia? Ao Modigliani, admitiu Ravelston. Mas o Modigliani era muito… Ah não! Nem mesmo pelo telefone Ravelston poderia usar a odiosa palavra "caro". Como lembrar Gordon de sua pobreza? Gordon pode não gostar do Modigliani, ele sugeriu eufemisticamente. Mas Gordon estava satisfeito. Modigliani? Tem razão – às oito e meia da noite. Boa! Afinal, se gastasse até três libras no jantar, ainda teria duas libras para comprar um novo par de sapatos, um colete e uma calça.

Ele tinha combinado tudo com Rosemary em outros cinco minutos. A New Albion não gostava que seus funcionários fossem chamados ao telefone, mas isso não importou nem uma vez. Desde aquela desastrosa viagem de domingo, cinco dias antes, ele tinha ouvido falar dela uma vez, mas não a tinha visto. Ela respondeu ansiosamente quando ouviu de quem era a voz. Se jantaria com ele naquela noite? Claro! Que divertido! E assim, em dez minutos, tudo estava resolvido. Ele sempre quis que Rosemary e Ravelston se conhecessem, mas de alguma forma nunca foi capaz de planejar quando. Essas coisas são muito mais fáceis quando você tem um pouco de dinheiro para gastar.

O táxi o conduziu para o oeste pelas ruas escuras. Uma jornada de cinco quilômetros – ainda assim, ele podia pagar. Por que perder tempo evitando gastos supérfluos? Ele abandonou a ideia de gastar apenas duas libras esta noite. Ele gastaria três libras, três libras e dez pence – quatro libras se tivesse vontade. Subir os padrões de qualquer forma – essa era a ideia. E, Ah! A propósito! A nota de cinco de Julia. Ele não tinha enviado ainda. Não importava. Mandaria logo pela manhã. A boa e velha Julia! Ela deveria receber a sua nota de cinco.

O quanto era voluptuoso o estofado do táxi sob sua bunda! Ele balançou para um lado e para o outro. Tinha bebido, é claro – bebeu dois goles rápidos, ou possivelmente três, antes de ir embora. O taxista era um homem corpulento e filosófico, de rosto castigado pelo tempo e olhos astutos. Ele e Gordon se entendiam. Eles haviam se empanturrado no bar onde Gordon estava tomando seus drinques. Ao se aproximarem do West End, o taxista parou, sem ser convidado, em um discreto bar de uma esquina. Ele sabia o que se passava na mente de Gordon. Gordon gostaria de algo que fizesse efeito rápido. O taxista também. Mas as bebidas eram por conta de Gordon – isso também era um entendimento tácito.

– Você leu meus pensamentos – disse Gordon, descendo do carro.

– Sim, senhor.

– Eu gostaria de algo forte.

– Presumi que sim, senhor.

– E você também poderia tomar um, não é?

– Onde há vontade, há um caminho – disse o taxista.

– Entre – disse Gordon.

Apoiaram-se displicentemente na barra de metal sob o

balcão, cotovelo com cotovelo, acendendo dois cigarros do taxista. Gordon sentia-se espirituoso e expansivo. Ele gostaria de contar ao taxista a história de sua vida. O barman de avental branco correu na direção deles.

– Sim, senhor? – disse o barman.

– Gim – pediu Gordon.

– Faça dois – acrescentou o taxista.

Mais companheiros do que nunca, eles brindaram.

– Muitas felicidades – brindou Gordon.

– É seu aniversário hoje, senhor?

– Apenas metaforicamente. Meu renascimento, por assim dizer.

– Nunca estudei muito – disse o taxista.

– Eu estava falando em parábolas – explicou Gordon.

– Inglês já basta para mim – disse o taxista.

– Era a língua de Shakespeare.

– O senhor é um cavalheiro dos livros, por acaso?

– Eu estou tão acabado assim?

– Não está acabado, senhor. Apenas parece um intelectual.

– Você está certo. Um poeta.

– Poeta! É preciso de todos os tipos de pessoas para fazer um mundo, não é? – observou o taxista.

– E é um mundo muito bom – constatou Gordon.

Seus pensamentos se moviam liricamente nessa noite. Beberam outro gim e voltaram para o táxi quase de braços dados, depois de outro gim. Isso fez com que Gordon tivesse bebido cinco gins até então. Havia uma sensação etérea em

suas veias; o gim parecia estar fluindo ali, misturado com seu sangue. Ele se recostou no canto do assento, observando os grandes sinais do céu em chamas nadando na escuridão azulada. Os malvados vermelho e azul das luzes de néon o agradavam agora. Como o táxi foi conduzido suavemente! Parece mais uma gôndola do que um carro. Era o dinheiro que fazia isso. O dinheiro lubrificava as rodas. Ele pensou na noite à sua frente; boa comida, bom vinho, boa conversa – acima de tudo, não se preocuparia com dinheiro. Nada de mesquinharias com seis pence e "Não podemos pagar por isso" e "Não podemos pagar por aquilo!", Rosemary e Ravelston tentariam impedi-lo de ser extravagante. Mas ele iria calá-los. Ele gastaria cada centavo que tivesse se quisesse. Dez libras inteiras para torrar! Ao menos cinco libras. O pensamento de Julia passou vagamente por sua mente e desapareceu novamente.

Ele estava bastante sóbrio quando chegaram ao Modigliani. O porteiro monstruoso, como uma grande estátua de cera com o mínimo de juntas, deu um passo à frente com força para abrir a porta do táxi. Seu olhar sombrio olhou de soslaio para as roupas de Gordon. Não que se esperasse que você "se arrumasse" para ir ao Modigliani. Eles eram tremendamente boêmios naquele restaurante, é claro; mas existem maneiras e maneiras de ser boêmio, e o jeito de Gordon era o errado. Gordon não se importou. Despediu-se afetuosamente do taxista e deu-lhe meia coroa de gorjeta, o que fez com que os olhos do porteiro parecessem um pouco menos sombrios. Nesse momento, Ravelston surgiu da porta. O porteiro conhecia Ravelston, é claro. Ele se espreguiçou na calçada, uma figura alta e distinta, aristocraticamente maltrapilho, seus olhos um tanto temperamentais. Já estava preocupado com o quanto esse jantar custaria a Gordon.

– Ah, aí está você, Gordon!

– Olá, Ravelston! Onde está a Rosemary?

– Talvez ela esteja nos esperando lá dentro. Eu nunca a vi, você sabe. Mas eu digo, Gordon, olhe aqui! Antes de entrarmos, eu queria…

– Ah, olhe, aí está ela!

Ela vinha na direção deles, rápida e afável. Abriu caminho por entre a multidão com o ar de um pequeno *destroier* deslizando entre grandes e desajeitados cargueiros. Estava bem vestida, como sempre. Seu chapéu estava inclinado em seu ângulo mais provocativo. O coração de Gordon disparou. Ele tinha uma namorada! Estava orgulhoso de que Ravelston a conhecesse. Rosemary estava muito feliz naquela noite. Estava estampado nela inteira que não lembraria a si mesma ou a Gordon de seu último encontro desastroso. Talvez tenha rido e falado um pouco animadamente demais quando Gordon os apresentou e eles entraram. Mas Ravelston gostou dela imediatamente. Na verdade, todos que a conheceram gostaram de Rosemary. O interior do restaurante intimidou Gordon por um momento. Era tão horrível, artisticamente sofisticado. Mesas escuras com pernas de grade, castiçais de estanho, pinturas de pintores franceses modernos nas paredes. Um, uma cena de rua, parecia um Utrillo. Gordon contraiu os ombros. Droga, do que poderia ter medo? A nota de cinco libras estava guardada em seu envelope no bolso. Eram as cinco libras de Julia, claro; ele não iria gastá-las. Ainda assim, sua presença deu-lhe apoio moral. Era uma espécie de talismã. Eles estavam indo para a mesa do canto – a mesa favorita de Ravelston – na outra extremidade. Ravelston pegou Gordon pelo braço e puxou-o um pouco para trás, fora da escuta de Rosemary.

– Gordon, olhe aqui!

– O quê?

– Olhe aqui, você vai dividir COMIGO esta noite.

– Até parece! Hoje é por minha conta.

– Eu gostaria que você me permitisse. Eu odeio ver você gastando todo esse dinheiro.

– Não vamos falar sobre dinheiro nesta noite – disse Gordon.

– Vamos dividir, então – pediu Ravelston.

– É por minha conta – disse Gordon com firmeza.

Ravelston cedeu. O garçom italiano gordo e de cabelos brancos fez uma reverência e sorriu ao lado da mesa do canto. Mas foi para Ravelston, não para Gordon, que ele sorriu. Gordon sentou-se com a sensação de que deveria se afirmar rapidamente. Ele rejeitou o menu que o garçom havia apresentado.

– Precisamos decidir o que vamos beber primeiro – disse ele.

– Cerveja para mim – pediu Ravelston, com uma espécie de pressa sombria. – Cerveja é a única bebida que me interessa.

– Para mim também – ecoou Rosemary.

– Ah, merda! Precisamos de um pouco de vinho. De qual você gosta, tinto ou branco? Traga-me a carta de vinhos – ordenou ao garçom.

– Então vamos tomar um Bordeaux simples. Medoc ou St. Julien ou algo assim – sugeriu Ravelston.

– Eu adoro o St. Julien – disse Rosemary, que pensou ter se lembrado de que St. Julien sempre foi o vinho mais barato da carta.

Em seu íntimo, Gordon amaldiçoou ambos. Aí está você, veja só! Já estavam unidos contra ele. Estavam tentando impedi-lo de gastar seu dinheiro. Haveria aquela atmosfera mortal e odiosa de "Você não pode pagar" pairando sobre tudo. Isso o deixaria ainda mais ansioso para esbanjar. Um momento atrás ele teria se comprometido com o Bordeaux.

Agora decidiu que eles deveriam tomar algo realmente caro – algo espumante, algo com um quê a mais. Champanhe? Não, nunca o deixariam tomar champanhe. Ah!

– Você tem o Asti? – perguntou ao garçom.

O garçom de repente sorriu, pensando em sua rolha. Ele percebeu agora que Gordon, e não Ravelston, era o anfitrião. Respondeu com uma mistura peculiar de francês e inglês que inventou.

– Asti, senhor? Sim, senhor. O Asti é muito bom! *Asti Spumanti. Très fin! Très vif!*

Os olhos preocupados de Ravelston procuraram os de Gordon do outro lado da mesa. "Você não pode pagar por isso!", imploraram seus olhos.

– É um daqueles vinhos frisantes? – perguntou Rosemary.

– Muito frisante, madame. Um vinho muito encorpado. *Très vif*! Pop! – Suas mãos gordas fizeram um gesto, retratando as cascatas de espuma.

– Um Asti – disse Gordon, antes que Rosemary pudesse impedi-lo

Ravelston parecia desolado. Ele sabia que o Asti custaria a Gordon dez ou quinze xelins a garrafa. Gordon fingiu não notar. Ele começou a falar sobre Stendhal – a associação com a duquesa de Sanseverina e sua "*force vin d'Asti*". Junto ao Asti veio um balde de gelo – um erro, como Ravelston poderia ter contado a Gordon. A rolha saiu. *Pop!* O vinho selvagem espumou nas grandes taças planas. Misteriosamente, a atmosfera da mesa mudou. Algo havia acontecido com os três. Mesmo antes de ser bebido, o vinho havia feito sua mágica. Rosemary havia perdido o nervosismo, Ravelston sua preocupação com as despesas, Gordon sua resolução desafiadora de ser extravagante. Comeram anchovas e pão

com manteiga, linguado frito, faisão assado com molho, pão e batatas lascadas; mas principalmente – eles estavam bebendo e conversando. E como falavam de um jeito brilhante – ou pelo menos assim lhes parecia! Falaram sobre o que era terrível na vida moderna e nos livros modernos. O que mais há para falar hoje em dia? O de costume (mas, oh! Que diferente, agora que havia dinheiro em seu bolso e ele realmente não acreditava no que dizia), Gordon desabafou sobre a morte, o horror da época em que viviam. Camisas de vênus e metralhadoras! Os filmes e o *Daily Mail*! Era uma verdade profunda que ele andava pelas ruas com alguns policiais em seu encalço, mas aquilo era uma piada neste momento. Foi tudo muito divertido. É divertido quando você tem boa comida e bom vinho dentro de você para demonstrar que vivemos em um mundo morto e putrefato. Ele estava sendo espirituoso à custa da literatura moderna; todos estavam sendo espirituosos. Com um grande desprezo dos autores desconhecidos, Gordon derrubou reputação após reputação. Shaw, Yeats, Eliot, Joyce, Huxley, Lewis, Hemingway – cada um com uma ou duas frases descuidadas foi jogado na lata de lixo. Como tudo foi divertido, se ao menos pudesse durar! E, claro, neste momento em particular, Gordon acreditava que PODERIA durar. Da primeira garrafa de Asti, Gordon bebeu três copos, Ravelston dois e Rosemary um. Gordon percebeu que uma garota na mesa oposta o observava. Uma garota alta e elegante com uma pele rosada e maravilhosos olhos amendoados. Rica, obviamente; uma daquelas intelectuais endinheirados. Ela o achou interessante – estava se perguntando quem era ele. Gordon pegou-se criando piadas especiais para chamar sua atenção. E ele estava sendo espirituoso, não havia dúvida disso. Isso também era o dinheiro. Dinheiro lubrificando as rodas – rodas do pensamento assim como rodas dos táxis.

Mas de alguma forma a segunda garrafa de Asti não foi um sucesso como a primeira. Para começar, houve um desconforto

com o seu pedido. Gordon acenou para o garçom.

– Você tem outra garrafa dessa?

O garçom sorriu abertamente.

– Sim, senhor! *Mais certainement, monsieur*!

Rosemary franziu a testa e bateu o pé no de Gordon embaixo da mesa.

– Não, Gordon, NÃO! Você não precisa.

– Não precisa o quê?

– Pedir outra garrafa. Nós não queremos mais.

– Ah, que bobagem! Pegue outra garrafa, garçom.

– Sim, senhor.

Ravelston coçou o nariz. Com olhos muito culpados para encontrar os de Gordon, ele encarou sua taça de vinho.

– Olhe aqui, Gordon. Deixe-me pagar por essa garrafa. Eu gostaria.

– Que bobagem! – repetiu Gordon.

– Então, pegue meia garrafa – sugeriu Rosemary.

– Uma garrafa inteira, garçom – disse Gordon.

Depois disso, nada mais foi o mesmo. Eles ainda conversavam, riam, discutiam, mas as coisas não eram as mesmas. A garota elegante da mesa em frente havia parado de observar Gordon. De alguma forma, ele não estava mais sendo espirituoso. Quase sempre é um erro pedir uma segunda garrafa. É como tomar banho pela segunda vez em um dia de verão. Por mais quente que seja o dia, por mais que você tenha gostado do primeiro banho, sempre se arrepende se o fizer uma segunda vez. A magia havia desaparecido do vinho. Parecia espumar e cintilar menos, era apenas um líquido

amargo e tânico que você engolia meio com nojo e meio na esperança de ficar bêbado mais rápido. Gordon estava definitivamente, embora secretamente, bêbado. Metade dele estava bêbada e a outra metade sóbria. Ele estava começando a ter aquela sensação peculiar de tontura que você tem no segundo estágio da embriaguez – como se suas feições tivessem inchado e seus dedos tivessem ficado mais grossos. Mas a metade sóbria dele ainda estava no comando da aparência externa, de qualquer maneira. A conversa foi ficando cada vez mais tediosa. Gordon e Ravelston falavam da maneira distanciada e desconfortável de pessoas que fizeram uma pequena cena e não vão admitir isso. Eles falaram sobre Shakespeare. A conversa terminou em uma longa discussão sobre o significado de *Hamlet*. Foi muito enfadonho. Rosemary reprimiu um bocejo. Enquanto a metade sóbria de Gordon falava, a metade bêbada ficava de lado e ouvia. A metade bêbada estava muito zangada. Estragaram sua noite, malditos! Com sua discussão sobre a segunda garrafa. Tudo o que ele queria agora era estar devidamente bêbado e acabar com isso. Dos seis copos da segunda garrafa, ele bebeu quatro – pois Rosemary recusou mais vinho. Mas você não poderia exigir muito dessas bebidas fracas. Meio bêbado clamava por mais bebida, e mais, e mais. Cerveja aos baldes! Uma bebida realmente boa e estimulante! E por Deus!, ele as beberia mais tarde. Ele pensou na nota de cinco libras guardada em seu bolso interno. Ele ainda tinha que torrá-la, de qualquer maneira.

O relógio musical que estava escondido em algum lugar do interior de Modigliani bateu dez da noite.

– Vamos embora? – disse Gordon.

Os olhos de Ravelston olharam suplicantes e culpados para o outro lado da mesa. “Deixe-me compartilhar a conta!”, seus olhos diziam. Gordon o ignorou.

– Eu voto para irmos ao Café Imperial – disse ele.

A conta não conseguiu deixá-lo sóbrio. Um pouco mais de duas libras no jantar e trinta contos no vinho. Ele não deixou os outros verem a conta, é claro, mas eles o viram pagar. Ele jogou quatro notas de uma libra na bandeja do garçom e disse casualmente:

– Fique com o troco.

Isso o deixou com cerca de dez xelins além das cinco libras. Ravelston estava ajudando Rosemary a vestir o casaco; ao ver Gordon jogar as notas para o garçom, seus lábios se entreabriram de consternação. Ela não fazia ideia de que o jantar custaria cerca de quatro libras. Ficou horrorizada ao vê-lo jogar dinheiro assim. Ravelston tinha uma aparência sombria e desaprovadora. Gordon amaldiçoou seus olhos novamente. Por que tinham que continuar se preocupando? Ele podia pagar, não é? Ainda tinha aquela nota de cinco. Mas, por Deus, não seria culpa dele se chegasse em casa com apenas um tostão sobrando!

Externamente ele estava bastante sóbrio e muito mais contido do que meia hora atrás.

– É melhor pegarmos um táxi para o Café Imperial – disse ele.

– Ah, vamos andar! – sugeriu Rosemary. – É muito perto.

– Não, vamos pegar um táxi.

Eles entraram no táxi e foram levados embora, Gordon sentado ao lado de Rosemary. Ele estava quase decidido a abraçá-la, apesar da presença de Ravelston. Mas, naquele momento, um redemoinho de ar noturno e frio entrou pela janela e soprou contra a testa de Gordon. Isso deu a ele um choque. Foi como um daqueles momentos da noite em que, de repente, de um sono profundo, você foi bem acordado e cheio

de uma terrível percepção – como que você está condenado a morrer, por exemplo, ou que sua vida é um fracasso. Por talvez um minuto ele ficou completamente sóbrio. Ele sabia tudo sobre si mesmo e a terrível loucura que estava cometendo – sabia que havia desperdiçado cinco libras em uma tolice absoluta e agora iria desperdiçar as outras cinco que pertenciam a Julia. Ele teve uma visão fugaz, mas terrivelmente vívida, de Julia, com seu rosto magro e cabelos grisalhos, no frio de seu triste quarto e sala. Pobre, bondosa Julia! Julia, que havia se sacrificado por ele toda a sua vida, de quem ele emprestara libra após libra; e agora ele nem teve a decência de manter seus cinco intactos! Recuou com o pensamento e fugiu para a embriaguez como um refúgio. Rápido, rápido, estamos ficando sóbrios! Bebida, mais bebida! Recapture aquele primeiro belo êxtase de imprudência! Lá fora, a vitrine multicolorida de uma mercearia italiana, ainda aberta, nadou na direção deles. Ele bateu com força no vidro atrás do motorista. O táxi parou. Gordon começou a descer, passando sobre os joelhos de Rosemary.

– Aonde vai, Gordon?'

– Recapturar aquele primeiro belo êxtase de imprudência – disse Gordon, na calçada.

– O quê?

– É hora de calibrarmos com mais um pouco de bebida. Os pubs vão fechar em meia hora.

– Não, Gordon, não! Você não vai beber mais nada. Já bebeu o bastante.

– Espere!

Ele saiu da loja carregando uma garrafa de um litro de Chianti. O dono da mercearia sacou a rolha da garrafa e a encaixou de volta, meio solta. Os outros então perceberam que

ele estava bêbado – que devia ter bebido antes de encontrá-los. Isso os deixou constrangidos. Eles entraram no Café Imperial, mas o principal pensamento de ambos era levar Gordon embora e ir para a cama o mais rápido possível. Rosemary sussurrou nas costas de Gordon.

– POR FAVOR, não o deixe beber mais!

Ravelston balançou a cabeça de um jeito obscuro. Gordon marchava à frente deles para uma mesa vazia, nem um pouco incomodado com os olhares que todos lançavam para a garrafa de vinho que ele carregava debaixo do braço. Eles se sentaram e pediram café e, com alguma dificuldade, Ravelston impediu Gordon de pedir conhaque também. Todos estavam pouco à vontade. Foi horrível no grande café pomposo, abafado e com o barulho ensurdecedor da tagarelice de várias centenas de vozes, o barulho de pratos e copos, e dos gritos intermitentes da banda. Todos os três queriam ir embora. Ravelston ainda estava preocupado com as despesas, Rosemary estava preocupada porque Gordon estava bêbado, Gordon estava inquieto e com sede. Ele queria vir ao Café, mas mal havia chegado e já queria escapar. Meio bêbado, clamava por um pouco de diversão. E a metade bêbada não seria mantida sob controle por muito mais tempo. “Cerveja, cerveja!”, choramingava a metade bêbada. Gordon odiava aquele lugar abafado. Ele teve visões de uma chopeira de um pub, com grandes barris cheios de limo e baldes de um litro cobertos de espuma. Ele ficou de olho no relógio. Eram quase dez e meia e os pubs, mesmo em Westminster, fechavam às onze. Sua cerveja não podia faltar! A garrafa de vinho ficaria para depois, quando os pubs fechassem. Rosemary estava sentada à sua frente, conversando com Ravelston desconfortavelmente, mas com a pretensão de que estava se divertindo e de que não havia nada de errado. Eles ainda estavam falando de uma forma um tanto fútil sobre Shakespeare. Gordon odiava

Shakespeare. Enquanto observava Rosemary falando, sentiu um desejo violento e perverso por ela. Ela estava inclinada para a frente, os cotovelos sobre a mesa; ele podia ver seus seios pequenos claramente através do vestido. Ocorreu-lhe uma espécie de choque, uma respiração ofegante, que mais uma vez quase o deixou sóbrio, que a tivesse visto nua no domingo. Ela era sua garota! Ele poderia tê-la quando quisesse! E, por Deus, ele a naquela esta noite! Por que não? Era um final adequado para a noite. Eles poderiam encontrar um lugar com bastante facilidade; há muitos hotéis em volta da Shaftesbury Avenue onde não fazem perguntas se você tem dinheiro para pagar a conta. Ele ainda estava com sua nota de cinco. Sentiu o pé dela debaixo da mesa, pretendendo imprimir uma carícia delicada sobre ele, e só conseguiu pisar em seu dedo do pé. Ela afastou o pé dele.

– Vamos sair daqui – disse ele abruptamente, e imediatamente se levantou.

– Ah, vamos! – disse Rosemary com alívio.

Eles estavam na Regent Street novamente. À esquerda, o Piccadilly Circus resplandecia – uma horrível porção de luz. Os olhos de Rosemary se voltaram para o ponto de ônibus em frente.

– São dez e meia – disse ela em dúvida. – Tenho que estar de volta às onze.

– Ah, merda! Vamos procurar um pub decente. Não posso perder minha cerveja.

– Ai, não, Gordon! Não há mais pubs esta noite. Não consigo beber mais. Nem você deveria.

– Não importa. Venha por aqui.

Ele a pegou pelo braço e começou a conduzi-la até o final da Regent Street, segurando-a com força, como se temesse que

ela pudesse escapar. Por enquanto, ele havia se esquecido de Ravelston. Ravelston seguiu-o, se perguntando se deveria deixá-los sozinhos ou se deveria ficar e ficar de olho em Gordon. Rosemary ficou para trás, não gostou do jeito que Gordon estava puxando seu braço.

– Para onde você está me levando, Gordon?

– Virando a esquina, onde está escuro. Eu quero beijar você.

– Não acho que quero ser beijada.

– Claro que quer.

– Não!

– Sim!

Ela o deixou levá-la. Ravelston esperou na esquina do Regent Palace, sem saber o que fazer. Gordon e Rosemary desapareceram na esquina e estavam quase imediatamente em ruas mais estreitas e escuras. Os rostos assustadores das prostitutas, como crânios revestidos de *blush* rosa, espiavam de várias portas de um jeito significativo. Rosemary encolhia-se diante deles. Gordon achou bastante divertido.

– Elas acham que você é uma delas – explicou ele.

Gordon colocou sua garrafa na calçada, cuidadosamente, contra a parede, então de repente a agarrou e a virou de costas. Ele a queria muito e não queria perder tempo com preliminares. Começou a beijar o rosto dela, desajeitadamente, mas com muita força. Ela o deixou fazer isso por um momento, mas se assustou; seu rosto, tão perto do dela, parecia pálido, estranho e distraído. Ele cheirava fortemente a vinho. Ela relutou, virando o rosto para que ele apenas beijasse seu cabelo e pescoço.

– Gordon, você não pode!

– Por que não posso?

– O que você está fazendo?

– O que acha que estou fazendo?

Ele a virou e empurrou contra a parede, tentou abrir a frente de seu vestido com os movimentos cuidadosos e preocupados de um homem bêbado. Era de um tipo que não se abre facilmente, como o que ela havia usado no domingo. Desta vez, ela estava com raiva e lutou violentamente, afastando a mão dele.

– Gordon, pare com isso imediatamente!

– Por quê?

– Se você fizer de novo, vou bater na sua cara.

– Bata na minha cara! Não venha com o Código Feminista para cima de mim.

– Me solte agora!

– Pense no domingo passado – disse ele de um jeito lascivo.

– Gordon, se você continuar, vou bater em você, sinceramente, eu vou.

– Você não vai.

Ele enfiou a mão na frente do vestido dela. O movimento foi curiosamente brutal, como se ela fosse uma estranha para ele. Ela percebeu isso pela expressão no rosto de Gordon. Ela não era mais Rosemary para ele, era apenas uma mulher, o corpo de uma mulher. Foi isso que a perturbou. Ela lutou e conseguiu se livrar dele, que foi para cima dela e novamente agarrou o seu braço. Rosemary bateu em seu rosto o mais forte que pôde e se esquivou habilmente para fora de seu alcance.

– Por que você fez isso? – perguntou Gordon, sentido pela sua bochecha, mas não ferido pelo golpe.

– Eu não vou tolerar esse tipo de comportamento. Eu estou

indo para casa. Você estará melhor amanhã.

– O cacete! Você vem comigo. Vai para cama comigo.

– Boa noite! – ela disse, e fugiu pela rua escura.

Por um momento ele pensou em segui-la, mas descobriu que suas pernas estavam pesadas demais. De qualquer forma, não parecia valer a pena. Ele vagou de volta para onde Ravelston ainda estava esperando, parecendo taciturno e sozinho, em parte porque estava preocupado com Gordon e em parte porque estava tentando não notar duas prostitutas esperançosas que estavam vagando bem atrás dele. Gordon parecia devidamente bêbado, Ravelston pensou. Seu cabelo estava caindo sobre a testa, um lado do rosto estava muito pálido e do outro havia uma mancha vermelha onde Rosemary o esbofeteou. Ravelston pensou que isso devia ser uma onda de embriaguez.

– O que você fez com Rosemary? – perguntou ele.

– Ela foi embora – respondeu Gordon, com um aceno de mão que explicou tudo. – Mas a noite ainda é uma criança.

– Escute aqui, Gordon, é hora de você ir para a cama.

– Para a cama, sim. Mas não sozinho.

Ele ficou parado na calçada olhando para o horrível sol da meia-noite. Por um momento, ele se sentiu morrer. O rosto dele estava queimando. todo o seu corpo tinha uma sensação terrível, inchada e ardente. Sua cabeça, em particular, parecia a ponto de explodir. De alguma forma, aquelas luzes malignas estavam ligadas às suas sensações. Ele observou os letreiros no céu acendendo e apagando, brilhando em vermelho e azul, subindo e descendo – o brilho horrível e sinistro de uma civilização condenada, como as luzes ainda brilhantes de um navio afundando. Ele pegou o braço de Ravelston e fez um gesto que abrangeu todo o Piccadilly Circus.

– As luzes do inferno devem ser exatamente assim.

– Devem ser mesmo…

Ravelston estava procurando um táxi livre. Ele deveria levar Gordon para casa para dormir sem mais delongas. Gordon imaginou se estava alegre ou agoniado. Aquela sensação de queimação e explosão era terrível. A metade sóbria dele não estava morta ainda. A metade sóbria ainda sabia com uma clareza fria o que ele tinha feito e o que estava fazendo. Ele havia cometido loucuras pelas quais amanhã teria vontade de se matar. Desperdiçara cinco libras em extravagâncias sem sentido, havia roubado Julia, havia insultado Rosemary. E amanhã, ah, amanhã, estaremos sóbrios! Vá para casa, vá para casa!, gritou a metade sóbria. "Vá à m…a", disse a metade bêbada com desdém. A metade bêbada ainda clamava por um pouco de diversão. E a metade bêbada era a mais forte. Um relógio iluminado demais em algum lugar oposto chamou sua atenção. 22h40. Rápido, antes que os pubs fechem! *Haro! La gorge m'ard!* Mais uma vez, seus pensamentos se moveram com um jeito lírico. Ele sentiu uma forma redonda e dura debaixo do braço, descobriu que era a garrafa de Chianti e puxou a rolha. Ravelston estava acenando para um taxista sem conseguir chamar sua atenção. Ele ouviu um grito chocado das prostitutas ao fundo. Virando-se, Ravelston viu com horror que Gordon havia virado a garrafa e estava ingerindo álcool em público.

– Oi! Gordon!

Ele saltou em sua direção e forçou seu braço para baixo. Uma gota de vinho desceu pela gola de Gordon.

– Pelo amor de Deus, tenha cuidado! Você não quer que a polícia pegue você, quer?

– Quero mais bebida – reclamou Gordon.

– Mas cale a boca! Você não pode começar a beber aqui.

– Leve-me a um pub – ordenou Gordon.

Ravelston esfregou o nariz, impotente.

– Ai, meu Deus! Acho que é melhor do que beber na calçada. Venha, iremos a um pub. Você vai poder beber lá.

Gordon tornou a tapar a garrafa com cuidado. Ravelston atravessou o circo com Gordon agarrado ao seu braço, mas não para se apoiar, pois suas pernas ainda estavam bastante firmes. Pararam na ilha, conseguiram encontrar uma brecha no trânsito e desceram o Haymarket.

No pub o ar parecia úmido de cerveja. Era tudo uma névoa de cerveja misturada com o cheiro nauseante de uísque. Ao longo do balcão, uma multidão de homens fervilhava, engolindo com a ânsia como a de Fausto os seus últimos drinques antes das onze soarem no sino. Gordon deslizou facilmente pela multidão. Ele não estava com humor para se preocupar com alguns empurrões e cotoveladas. No próximo instante, encostou-se no balcão entre um caixeiro viajante robusto que bebia Guinness e um homem alto, magro e decadente, com bigodes caídos, cuja conversa inteira parecia consistir em “Que vadia!” e “O quê, o quê!”. Gordon jogou meia coroa no bar molhado de cerveja.

– Um litro de cerveja, por favor!

– Não há baldes de um litro aqui! – exclamou a assediada garçonete, medindo cavilhas de uísque com um olho no relógio.

– Baldes de um litro na prateleira de cima, Effie! – gritou o proprietário por cima do ombro, do outro lado do balcão.

A garçonete puxou a alça do balde com pressa. Aquele monstruoso balde de vidro foi colocado diante dele. Ele o ergueu. Que peso! Um litro de água pura que pesa um litro e

duzentos. “Beba logo!” Um longo gole de cerveja escorreu agradecido por sua goela. Ele parou para respirar e se sentiu um pouco nauseado. Vamos, agora outro. Glup, bebeu novamente. A cerveja quase o sufocou dessa vez. “Aguente firme, aguente firme!” Através da cascata de cerveja que descia por sua garganta e parecia afogar seus ouvidos, ele ouviu o grito do proprietário.

– Últimos pedidos, senhores, por favor!

Por um momento, ele tirou o rosto da caneca, engasgou-se e recuperou o fôlego. Agora o último. Glup – bebeu novamente! Ah! Gordon baixou a caneca. Esvaziada em três goles – nada mal. Ele bateu no balcão.

– Oi! Dê-me a outra metade disso… rápido!

– O quê?! – exclamou o major.

– Está indo um pouco depressa, não é? – disse o caixeiro-viajante.

Ravelston, que estava do outro lado do balcão cercado por vários homens, viu o que Gordon estava fazendo e gritou:

– Oi, Gordon! – franziu a testa e balançou a cabeça, tímido demais para dizer “Não beba mais” na frente de todos.

Gordon ficou firme sobre as pernas. Ainda estava parado, mas conscientemente parado. Sua cabeça parecia ter inchado a um tamanho imenso, seu corpo inteiro tinha a mesma sensação horrível, inchada e ardente de antes. Languidamente, ele ergueu o balde de cerveja recarregado. Ele não queria bebê-lo agora. Seu cheiro o enjoou. Era apenas um líquido odioso, amarelo pálido e de gosto enjoativo. Quase como urina! Aquele balde cheio de coisas para enfiar em suas entranhas – horrível! Mas vamos lá, sem vacilar! Para que mais estamos aqui? Abaixo isso! Aqui está ele tão perto do meu nariz. Então incline para cima e para baixo que desce. *Glup* – bebeu!

No mesmo momento, algo terrível aconteceu. Sua goela fechara por conta própria ou a cerveja não acertara sua boca. Estava caindo sobre ele, uma cascata de cerveja. Ele estava se afogando em cerveja como o Peter, o irmão leigo nas *Lendas de Ingoldsby*. Socorro! Ele tentou gritar, engasgou-se e deixou cair o balde de cerveja. Houve uma agitação em torno dele. As pessoas estavam pulando para o lado para evitar o jato de cerveja. Bam! Foi-se a caneca. Gordon ficou balançando. Homens, garrafas, espelhos giravam e giravam. Ele estava caindo, perdendo a consciência. Mas vagamente visível diante dele estava uma forma vertical preta, o único ponto de estabilidade em um mundo cambaleante – a alça da caneca de cerveja. Ele agarrou, balançou, segurou firme. Ravelston avançou em sua direção.

A garçonete inclinou-se indignada sobre o balcão. O mundo que girava diminuiu a velocidade e parou. No cérebro de Gordon estava bem claro:

"Aqui! Por que você está segurando a alça de cerveja?"

– Em toda minha maldita calça! – exclamou o caixeiro-viajante.

– Por que estou segurando a alça da caneca?

– SIM! Por que você está segurando a alça da caneca?

Gordon balançou-se para o lado. O rosto alongado do major o encarou, com seus bigodes molhados caindo.

"Por que estou segurando a alça de cerveja?", foi o que ela disse.

– O quê? O quê?

Ravelston abriu caminho entre vários homens e o alcançou. Ele colocou um braço forte em volta da cintura de Gordon e o colocou de pé.

– Levante-se, pelo amor de Deus! Você está bêbado.

– Bêbado? – repetiu Gordon.

Todo mundo estava rindo deles. O rosto pálido de Ravelston ficou vermelho.

– Essas canecas custam dois xelins e três pence – disse a garçonete com amargura.

– E quanto às minhas malditas calças? – exclamou o caixeiro-viajante.

– Eu pago pela caneca – disse Ravelston. E pagou. – Agora, vamos embora. Você está bêbado.

Ele começou a conduzir Gordon até a porta, um braço em volta de seu ombro, o outro segurando a garrafa de Chianti, que havia tirado dele antes. Gordon libertou-se. Ele podia andar com perfeito equilíbrio. E perguntou de maneira digna:

– Você disse que eu estava bêbado?

Ravelston segurou seu braço novamente.

– Sim, infelizmente você está. Definitivamente.

– O cisne nadou pelo do mar, o cisne nadou pelo do mar – disse Gordon.

– Gordon, você ESTÁ bêbado. Quanto mais cedo você for para a cama, melhor.

– Tira primeiro a trave de teu olho e assim verás para tirar a palha do olho do teu irmão – disse Gordon.

A essa altura Ravelston já havia o colocado na calçada.

– É melhor chamarmos um táxi – disse ele, olhando para os dois lados da rua.

No entanto, parecia não haver táxis por perto. As pessoas saíam ruidosamente do pub, que estava prestes a fechar.

Gordon sentiu-se melhor ao ar livre. Seu cérebro nunca esteve mais claro. O brilho satânico vermelho de uma luz de néon, em algum lugar a distância, colocou uma ideia nova e brilhante em sua cabeça. Ele puxou o braço de Ravelston.

– Ravelston! Estou falando, Ravelston!

– O quê?

– Vamos pegar duas putas.

Apesar do estado de embriaguez de Gordon, Ravelston ficou escandalizado.

– Meu caro amigo! Você não pode fazer esse tipo de coisa.

– Não seja tão de classe alta. Por que não?

– Mas como você poderia? Fica quieto! Ainda mais depois de dizer boa noite a Rosemary, uma garota realmente charmosa como ela!

– À noite, todos os gatos são pardos – disse Gordon, com a sensação de expressar uma sabedoria profunda e cínica.

Ravelston decidiu ignorar esse comentário.

– É melhor irmos até o Piccadilly Circus – disse ele. – Haverá muitos táxis lá.

Os cinemas estavam se esvaziando. Multidões de pessoas e torrentes de carros fluíam de um lado para o outro sob a terrível luz cadavérica. O cérebro de Gordon estava maravilhosamente lúcido. Ele sabia a loucura e o mal que havia cometido e estava prestes a cometer. E, no entanto, não parecia ter importância. Ele viu como algo muito, muito distante, como algo visto pelo lado errado do telescópio, seus 30 anos, sua vida perdida, o futuro em branco, as cinco libras de Julia, Rosemary. E disse com uma espécie de interesse filosófico.

– Olhe para as luzes de néon! Olhe só aqueles azuis horríveis

sobre a loja de pornografia. Quando vejo essas luzes, sei que sou uma alma condenada.

– Exatamente – disse Ravelston, que não estava ouvindo. – Ah, lá vem um táxi! – ele sinalizou. – Maldição! Não me viu. Espere aqui um segundo.

Ele deixou Gordon perto da estação de metrô e atravessou a rua apressado. Por um tempo, a mente de Gordon ficou vazia. Então, ele percebeu os dois rostos duros, mas jovens, como os rostos de animais predadores, que se aproximaram do seu. Elas tinham sobrancelhas pretas e chapéus que eram versões de segunda mão do de Rosemary. Estava trocando piadas com elas. Parecia que isso já estava acontecendo há vários minutos.

– Olá, Dora! Olá, Bárbara! – ele sabia seus nomes, ao que parecia. – E como você está? E como está a mortalha da velha Inglaterra?

– Ah! Que atrevidinho você!

– E o que vocês estão fazendo a essa hora da noite?

– Ah, minha nossa, passeando.

– Como um leão, procurando alguém para devorar?

– Ah! Ele é atrevido mesmo. Que atrevimento, Bárbara? Que atrevimento o SEU?

Ravelston pegou o táxi e o levou até onde Gordon estava parado. Ele saiu e, ao ver Gordon entre as duas garotas, ficou horrorizado.

– Gordon! Ah, meu Deus! Que diabo você fez?

– Deixe-me apresentá-lo. Dora e Barbara – disse Gordon.

Por um momento, Ravelston pareceu quase zangado. Na verdade, Ravelston era incapaz de ficar devidamente zangado. Chateado, angustiado, envergonhado – sim; mas não com raiva. Ele deu um passo à frente fazendo um esforço miserável

para não notar a existência das duas meninas. E assim que as notou, o jogo acabou. Ele pegou Gordon pelo braço e o jogou no táxi.

– Vamos, Gordon, pelo amor de Deus! Aqui está o táxi. Iremos direto para casa e colocaremos você na cama.

Dora segurou o outro braço de Gordon e puxou-o para fora do alcance do amigo, como se ele fosse uma bolsa roubada.

– Isso não é da sua conta! – ela gritou ferozmente.

– Você não quer insultar essas duas senhoras, espero. – disse Gordon.

Ravelston vacilou, recuou e esfregou o nariz. Foi um momento para ser firme; mas Ravelston nunca em sua vida foi firme. Ele olhou de Dora para Gordon, de Gordon para Barbara. Isso foi fatal. Depois de olhá-las no rosto, ele se perdeu. Ah, minha nossa! O que ele poderia fazer? Elas eram seres humanos, ele não podia insultá-las. O mesmo instinto que mandou sua mão para o bolso ao ver um mendigo o deixou desamparado neste momento. Pobres moças tristes! Ele não teve coragem de enxotá-las dali naquele horário. De repente, percebeu que teria que seguir em frente com essa aventura abominável para a qual Gordon o conduzira. Pela primeira vez na vida, havia uma boa desculpa para voltar para casa com uma prostituta.

– Bom, que se lasque! – ele disse com fraqueza.

– *Allons-y* – disse Gordon.

O taxista seguiu caminho após um aceno de cabeça de Dora. Gordon deslizou para o assento do canto e pareceu imediatamente se afundou em algum abismo imenso, do qual se ergueu mais devagar e com consciência apenas parcial do que estava fazendo. Estava deslizando suavemente pela escuridão rompida pelas luzes. Ou as luzes estavam se

movendo e ele estava parado? Era como estar no fundo do oceano, entre os peixes luminosos e flutuantes. A ilusão de que era uma alma condenada ao inferno o assombrou novamente. A paisagem do inferno seria assim. Ravinas frias e malvadas de fogo, com escuridão por cima. Mas no inferno haveria tormento. Isso seria um tormento? Ele se esforçou para classificar suas sensações. O lapso momentâneo da inconsciência o deixou fraco, doente, abalado; sua testa parecia estar rachando de dor. Ele estendeu a mão. Encontrou um joelho, uma liga e uma mão pequena e macia que procurava mecanicamente a sua. Percebeu que Ravelston, sentado em frente, batia a ponta do pé com urgência e nervosismo.

– Gordon! Gordon! Acorde!

– O quê?

– Gordon! Maldição! *Causons en français. Qu'est-ce que tu as fait? Crois-tu que je veux coucher avec une sale* – oh, danação!

– *Ó, parlê vú francé!* – gritaram as meninas.

Gordon achou divertido. Trate bem de Ravelston, pensou ele. Um socialista de alta classe indo para casa com uma prostituta! A primeira ação genuinamente proletária de sua vida. Como se estivesse ciente desse pensamento, Ravelston afundou em seu canto em uma tristeza silenciosa, sentando-se o mais longe possível de Barbara. O táxi parou em um hotel em uma rua paralela; um lugar horrível, de má qualidade e de baixa categoria. A placa escrita "hotel" acima da porta parecia torta. As janelas estavam quase escuras, mas de dentro vinha o som de canções embriagadas e tristes. Gordon cambaleou para fora do táxi e procurou o braço de Dora. – Dê-nos uma mão, Dora. Cuidado com o degrau. Ora!

Chegaram a um corredor pequeno, escuro e fedorento –

atapetado de um linóleo, mesquinho, descuidado e, de alguma forma, impermanente. Vinda de uma sala em algum lugar à esquerda, a canção aumentou, triste como um órgão de igreja. Uma camareira vesga e de aparência maligna apareceu do nada. Ela e Dora pareciam se conhecer. Que horrorosa! Não havia competição ali. Do quarto à esquerda, uma única voz assumiu a música com uma ênfase supostamente jocosa.

O homem que beija uma moça bonita

E conta à sua mãe:

Deve ter os lábios cortados,

Devia…

A canção foi desaparecendo, cheia da tristeza inefável e indisfarçável da libertinagem. Parecia uma voz muito jovem, a voz de um pobre menino que em seu coração só queria ficar em casa com a mãe e as irmãs, em alguma brincadeira doméstica. Havia um grupo de jovens tolos lá dentro, festejando com uísque e garotas. A melodia fez Gordon recordar. Ele se virou para Ravelston quando entrou, seguido por Barbara.

– Onde está meu Chianti? – perguntou.

Ravelston deu-lhe a garrafa. Seu rosto parecia pálido, atormentado, quase assombrado. Com movimentos agitados e culpados, ele se manteve afastado de Barbara. Ele não podia tocá-la ou mesmo olhar para ela, mas conseguir escapar estava além de sua vontade. Seus olhos procuraram os de Gordon. “Pelo amor de Deus, não podemos sair dessa de alguma forma?”, eles sinalizaram. Gordon franziu o cenho para ele.

“Aguente firme! Sem vacilar!” Ele pegou o braço de Dora novamente.

– Vamos, Dora! Vamos agora, para as escadas. Ah! Espere um momento.

Com o braço em volta da cintura dele, apoiando-o, Dora o puxou de lado. Uma jovem desceu a escada escura e fedorenta com dificuldade, abotoando uma luva; atrás dela vinha um homem careca de meia-idade em um traje de gala – sobretudo preto e cachecol de seda branca levando o chapéu de ópera na mão. Ele passou por eles com a boca pequena e malvada apertada, fingindo não os ver. Um homem de família, pelo olhar culpado. Gordon observou a luz a gás brilhar na parte de trás de sua cabeça calva. Seu predecessor. Na mesma cama, provavelmente. O manto de Eliseu. Agora então, Dora, vamos lá! Ah, essas escadas! *Difficilis ascensus Averni*. Isso mesmo, aqui estamos!

– Cuidado com o degrau – disse Dora. Eles estavam no patamar de linóleo preto e branco como um tabuleiro de xadrez, e as portas pintadas de branco. Um cheiro de sujeira e um cheiro mais fraco de tecido velho.

Nós desse lado, vocês daquele. Na outra porta, Ravelston parou com os dedos na maçaneta. Ele não podia – não, ele não podia fazer isso. Não podia entrar naquele quarto terrível. Pela última vez, seus olhos, como os de um cachorro prestes a ser açoitado, se voltaram para Gordon. “Preciso, preciso?”, seus olhos diziam. Gordon olhou para ele com severidade. Aguente firme, Regulus! Marche para sua perdição! *Atqui sciebat quae sibi Barbara*. É uma coisa muito, mas muito mais proletária que você está fazendo. E então, com uma rapidez surpreendente, o rosto de Ravelston se desanuviou. Uma expressão de alívio, quase de alegria, tomou conta dele. Um pensamento marravilhoso lhe ocorreu. Afinal, você sempre pode pagar a garota para não fazer nada realmente! Graças a Deus! Ele endireitou os ombros, criou coragem e entrou. A porta se fechou.

Então, aqui estamos nós. Um quarto medíocre e terrível. Linóleo no chão, lareira a gás, cama de casal enorme com

lençóis vagamente encardidos. Sobre a cama, um quadro colorido emoldurado de *La Vie Parisienne*. Um engano era aquele quadro. Às vezes, os originais não são bem replicados. E, por Deus! Na mesa de bambu perto da janela, uma aspidistra! Você me encontrou, ó minha inimiga? Mas venha aqui, Dora. Vamos dar uma olhada em você.

Ele parecia já estar deitado na cama, não conseguia ver muito bem. Um rosto jovem e voraz, com sobrancelhas pintadas de preto, inclinou-se sobre ele enquanto se esparramava ali.

– Que tal meu presente? – ela exigiu, meio aduladora, meio ameaçadora.

Não importava agora. Trabalhe! Venha aqui. Não é uma boca ruim. Venha cá. Chegue mais perto. Ah!

Não. Não adianta. Impossível. A vontade, mas não o desejo. O espírito está pronto, mas a carne é fraca. Tente novamente. Não. Deve ser a bebida. Pense em Macbeth. Uma última tentativa. Não, não adianta. Não nesta noite, infelizmente.

Tudo bem, Dora, não se preocupe. Você receberá bem as suas duas libras. Não estamos pagando por resultados.

Ele fez um gesto desajeitado.

– Aqui, dê-me aquela garrafa. Aquela garrafa da penteadeira.

Dora trouxe a garrafa. Ah, assim está melhor. Isso pelo menos não falha. Com as mãos que incharam a um tamanho monstruoso, ele virou a garrafa de Chianti. O vinho desceu por sua garganta, amargo e sufocante, e um pouco subiu para o nariz. Isso o assolou. Ele estava escorregando, escorregando, caindo da cama. Sua cabeça encontrou o chão. As pernas ainda estavam na cama. Por um tempo ele ficou nessa posição. É assim que se vive? Lá embaixo, as vozes juvenis ainda cantavam com tristeza:

Pois nesta noite nós seremos felizes,

Pois nesta noite nós seremos felizes,

Pois nesta noite nós seremos felizes

E amanhã estaremos sóbrios.



CAPÍTULO 9

E, por Júpiter, pela manhã estávamos sóbrios!

Gordon emergiu de um sonho longo e doentio no qual tinha a ciência de que os livros da biblioteca estavam na direção errada. Eles estavam todos deitados de lado. Além disso, por algum motivo, suas lombadas haviam ficado brancas – brancas e brilhantes, como porcelana.

Ele abriu os olhos um pouco mais e moveu um braço. Pequenos filetes de dor, aparentemente desencadeados pelo movimento, dispararam por seu corpo em lugares inesperados – descendo pelas panturrilhas e subindo pelos lados da cabeça. Percebeu que estava deitado de lado, com um travesseiro duro sob a bochecha e um cobertor áspero que fazia coçar o queixo e enfiava seus cabelos na boca. Além das pequenas dores que o apunhalavam toda vez que se movia, havia uma espécie de dor grande e opaca que não era localizada, mas parecia pairar sobre ele.

De repente, Gordon atirou o cobertor para o lado e se sentou. Estava em uma cela da polícia. Nesse momento, um terrível espasmo de náusea o dominou. Percebendo um sanitário no canto, ele rastejou em direção a ele e vomitou violentamente, três ou quatro vezes.

Depois disso, por vários minutos, sentiu uma dor agoniante. Mal conseguia ficar de pé, a cabeça latejava como se fosse explodir e a luz parecia um líquido branco escaldante

derramando-se em seu cérebro pelas órbitas dos olhos. Gordon se sentou na cama segurando a cabeça entre as mãos. Agora, quando parte da pulsação diminuiu, ele deu outra olhada ao redor. A cela media cerca de três metros e meio de comprimento por quase dois de largura e era muito alta. As paredes eram todas de azulejo branco, horrivelmente clara e limpa. Ele se perguntou estupidamente como eles conseguiam chegar tão alto para limpar o teto. Talvez com uma mangueira, refletiu. Num dos extremos havia uma janelinha gradeada, bem no alto, e no outro extremo, por cima da porta, havia uma lâmpada elétrica inserida na parede e protegida por uma grade resistente. A coisa em que ele estava sentado não era realmente uma cama, mas uma prateleira com um cobertor e um travesseiro de lona. A porta era de aço pintada de verde, com um pequeno orifício redondo de onde saía uma aba para o lado de fora.

Tendo visto tudo isso, ele se deitou e puxou o cobertor sobre si. Já não tinha mais curiosidade sobre os arredores. Quanto ao que acontecera na noite anterior, ele se lembrava de tudo – pelo menos de tudo até o momento em que entrou com Dora no quarto da aspidistra. Deus sabia o que aconteceu depois disso. Aconteceu algum tipo de confusão que o fez parar na cadeia. O rapaz não tinha noção do que havia feito; podia até ter cometido assassinato, pelo que ele sabia. Em qualquer caso, ele não se importou, virou o rosto para a parede e puxou o cobertor sobre a cabeça para bloquear a luz.

Depois de muito tempo, o postigo da porta foi empurrado para o lado. Gordon conseguiu virar a cabeça. Os músculos de seu pescoço pareciam ranger. Através do postigo ele pôde ver um olho azul e uma parte de uma bochecha rechonchuda rosada.

– Quer uma xícara de chá? – perguntou alguém.

Gordon sentou-se e imediatamente sentiu-se muito mal de novo. Ele segurou a cabeça entre as mãos e gemeu. A ideia de uma xícara de chá quente o atraiu, mas sabia que passaria mal se ingerisse açúcar.

– Por favor – disse ele.

O policial abriu a divisória da metade superior da porta e passou uma grossa caneca branca de chá. Tinha açúcar. O policial era um jovem robusto e rosado com cerca de 25 anos, rosto amável, cílios brancos e um tórax enorme. Lembrou Gordon do peitoral de um cavalo de carroça. Ele falava com um sotaque acentuado, mas utilizava expressões vulgares. Por um minuto ou mais, o policial ficou olhando para Gordon.

– Você estava meio terrível na noite passada – disse ele finalmente.

– Estou terrível agora.

– Mas você estava pior ontem à noite. Por que você bateu no sargento?

– Eu bati no sargento?

– Se você bateu? Meu Deus! Ele ficou meio raivoso. Ele te segurou pela orelha assim, e me disse: "Agora, se aquele homem não estivesse bêbado demais para ficar em pé, eu acabava com ele". Está tudo anotado na sua ficha. Embriagado e desordeiro. Você teria respondido apenas por embriaguez se não tivesse ido para cima do sargento.

– Você sabe quanto tempo eu vou pegar por isso?

– Cinco libras ou catorze dias. Você vai ser levado ao senhor Groom, o juiz. Sorte sua não ser o senhor Walker. Ou você pegaria um mês sem fiança, com o senhor Walker. Ele é muito severo com os bêbados. É abstêmio.

Gordon havia bebido um pouco do chá. Era nauseantemente

doce, mas seu calor o fez se sentir mais forte. Ele tomou de uma vez. Nesse momento, uma voz desagradável rosnando – do sargento em quem Gordon havia batido, sem dúvidas – gritou de algum lugar do lado de fora.

– Leve aquele homem para fora e o ponha no chuveiro. O camburão sai às nove e meia.

O policial apressou-se em abrir a porta da cela. Assim que Gordon saiu, sentiu-se pior do que nunca. Em parte, isso acontecia porque estava muito mais frio no corredor do que na cela. Ele deu um ou dois passos e, de repente, sua cabeça começou a girar e girar.

– Vou vomitar! – gritou ele.

Estava caindo, estendeu a mão e se conteve apoiado na parede. O braço forte do policial o envolveu. Se pendurou no braço, como sobre um corrimão, e então cedeu, dobrado e vulnerável. Um jato de vômito saiu dele. Foi o chá, claro. Havia um esgoto correndo ao longo do chão de pedra. No final do corredor, o sargento bigodudo, de túnica e sem o cinto, o esperava com a mão na cintura, olhando com desgosto.

– Moleque imundo – murmurou ele, e se virou.

– Vamos, meu chapa – disse o policial. – Você vai ficar bom já, já.

Ele meio que conduziu e meio que arrastou Gordon até uma grande pia de pedra no final do corredor e o ajudou a se despir até a cintura. Sua gentileza era surpreendente. Ele lidou com Gordon quase como uma enfermeira lidaria com uma criança. Gordon havia recuperado força suficiente para se lavar com a água gelada e enxaguar a boca. O policial deu-lhe uma toalha rasgada para se enxugar e o levou de volta para a cela.

– Agora fique quieto até o camburão chegar. E escute o meu conselho, quando você for ao tribunal, se declare culpado e diz

que não fará isso de novo. O senhor Groom não será duro com você.

– Onde estão meu colarinho e minha gravata? – perguntou Gordon.

– Nós os pegamos ontem à noite. Você os terá de volta antes de ir ao tribunal. Um cara se enforcou com a gravata, uma vez.

Gordon sentou-se na cama. Por um momento ele se ocupou calculando a quantidade de azulejos nas paredes, depois sentou-se com os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça entre as mãos. Ele ainda estava dolorido; se sentia fraco, com frio, cansado e, acima de tudo, entediado. Desejava que aquele negócio chato de ir ao tribunal pudesse ser evitado de alguma forma. A ideia de ser colocado em algum veículo sacolejante, levado através de Londres para perambular em celas e corredores frios, e de ter que responder a perguntas e receber lições de magistrados, entediava-o de forma indescritível. Tudo o que ele queria era ficar sozinho. Mas logo se ouviu o som de várias vozes mais adiante no corredor e depois de pés se aproximando. A partição da porta foi aberta.

– Alguns visitantes para você – disse o policial.

Gordon ficou aborrecido só de pensar nos visitantes. Sem querer, ele olhou para cima e viu Flaxman e Ravelston olhando para ele. Como eles chegaram lá era um mistério, mas Gordon não sentiu a menor curiosidade a respeito. Eles o entediavam, desejou que fossem embora.

– Alô, velho amigo! – cumprimentou-o Flaxman.

– Você aqui? – disse Gordon com uma espécie de ofensiva cansada.

Ravelston parecia desolado. Estava acordado desde muito cedo, procurando por Gordon. Era a primeira vez que via o interior de uma cela da polícia. Seu rosto se contraiu de

desgosto quando ele olhou para o lugar frio de azulejos brancos com um sanitário sem cortinas no canto. Mas Flaxman estava mais acostumado a esse tipo de coisa. Ele lançou um olhar experiente para Gordon.

– Já vi piores – disse ele alegremente. – Dê a ele um ovo cru temperado e estará pronto para a próxima. Sabe como estão seus olhos, meu amigo? – ele acrescentou a Gordon. – Eles parecem terem sido retirados do seu rosto e depois fervidos em água escaldante.

– Eu estava bêbado ontem à noite – disse Gordon, com a cabeça entre as mãos.

– Eu ouvi dizer, meu velho.

– Olhe aqui, Gordon – disse Ravelston –, viemos resgatá-lo, mas parece que é tarde demais. Eles vão levá-lo ao tribunal em alguns minutos. Vai ser terrível. É uma pena que você não lhes deu um nome falso quando o trouxeram aqui ontem à noite.

– Eu disse meu nome para eles?

– Você contou tudo a eles. Por Deus, eu não queria tê-lo perdido de vista. Você saiu daquela casa de alguma forma e foi para a rua.

– Vagando pela Shaftesbury Avenue, bebendo em público – disse Flaxman com apreço. – Mas você não devia ter acertado o sargento, meu velho! Isso foi uma terrível tolice. E devo te alertar que a senhora Wisbeach está no seu encalço. Quando seu amigo apareceu nesta manhã e disse a ela que você passou a noite no xilindró, ela agiu como se você tivesse cometido um crime terrível.

– E olhe aqui, Gordon – começou Ravelston.

Havia uma nota conhecida de desconforto em seu rosto. Era algo sobre dinheiro, como sempre. Gordon ergueu os olhos. Ravelston estava olhando para longe.

– Olhe aqui.

– O quê?

– Sobre a sua fiança. É melhor você deixar isso comigo. Vou pagá-la.

– Não, não vai.

– Meu caro amigo! Eles vão mandar você para a cadeia se eu não pagar.

– Ah, que inferno, não me importa.

Ele não se importava. Nesse momento, ele não se importaria nem se o mandassem para a prisão por um ano. Claro que não poderia pagar a fiança sozinho. Ele sabia, sem nem mesmo precisar checar, que não tinha mais dinheiro. Talvez tenha entregado tudo a Dora, ou melhor, ela provavelmente pegou todo o dinheiro às escondidas. Gordon deitou-se na cama e deu as costas para os outros. No estado de mau humor e desânimo em que se encontrava, seu único desejo era se livrar deles. Eles fizeram mais algumas tentativas de conversar com Gordon, que não os respondeu, assim logo seus amigos foram embora. A voz de Flaxman ecoou alegremente pelo corredor, estava dando instruções minuciosas a Ravelston sobre como fazer uma ostra da pradaria.

O restante daquele dia foi terrível. Aliás, terrível foi o passeio de camburão, que, por dentro parecia um pouco com um banheiro público em miniatura, com cubículos de cada lado nos quais você ficava trancado e mal tinha espaço para se sentar. Mais cruel ainda foi a longa espera em uma das celas adjuntas ao tribunal. Essa cela era uma réplica exata da que passou a noite na delegacia, inclusive tinha a mesma quantidade de azulejos brancos. Divergia da cela da delegacia apenas por ser repulsivamente suja. Estava frio, mas o ar estava tão fétido que era quase irrespirável. Os prisioneiros

iam e vinham o tempo todo. Eram colocados na cela e retirados depois de uma ou duas horas para irem ao tribunal e, então, alguns eram trazidos de volta para esperar enquanto o juiz decidia sobre suas sentenças ou novas testemunhas eram ouvidas. Sempre havia cinco ou seis homens na cela e não havia nada para se sentar, exceto a cama de madeira. E o pior é que quase todos usavam o sanitário – ali, publicamente, na minúscula cela. Eles não podiam evitar, não havia outro lugar para ir. E a descarga nem mesmo funcionava direito.

Até o meio da tarde, Gordon se sentiu mal e fraco. Não teve chance de fazer a barba e seu rosto estava horrível. A princípio, ele apenas se sentou na quina da cama de tábua – na extremidade mais próxima da porta, o mais longe possível do sanitário – e não deu atenção aos outros prisioneiros. Eles o aborreciam e o enojavam; mais tarde, quando a dor de cabeça passou no entanto, ele os observou com um leve interesse. Havia um ladrão profissional, um homem magro de aparência preocupada e cabelos grisalhos, que estava muito agoniado com o que aconteceria com sua esposa e filhos se ele fosse para a prisão. Ele foi preso por "vadiagem com intenção de invasão" – um crime leve pelo qual você é condenado apenas se houver passagens anteriores pela prisão. O homem continuou andando para cima e para baixo, sacudindo os dedos da mão direita com um curioso gesto nervoso e exclamando contra a injustiça que sofreu. Havia também um deficiente auditivo que fedia como um furão e um pequeno judeu de meia-idade com um sobretudo de gola de pele, que havia comprado uma grande companhia de açougues *kosher*. Ele os fraudou em 27 libras e, de todos os lugares do mundo, escolheu fugir para Aberdeen e gastou todo seu dinheiro em prostitutas. Ele também se queixava, disse que seu caso deveria ter sido julgado no tribunal do rabino em vez de ser entregue à polícia. Havia também um dono de pub que desviou o dinheiro do tributo de Natal. Ele era um homem grande,

robusto e de aparência próspera, com cerca de 35 anos, tinha um rosto ruivo marcado e usava um sobretudo azul chamativo – o tipo de homem que, se não fosse o dono de um pub, seria um corretor de apostas. Seus parentes devolveram o dinheiro desviado, exceto por doze libras, então os membros de seu clube decidiram o processar. Havia algo nos olhos desse homem que perturbou Gordon. Ele tratava a todos com arrogância, mas o tempo todo mantinha aquele olhar vazio e fixo; ele caía em uma espécie de devaneio a cada intervalo da conversa. De alguma forma, foi terrível vê-lo. Lá estava o homem, ainda com suas roupas elegantes, com o esplendor da vida de um empresário há apenas um ou dois meses em seu passado; e agora ele estava arruinado, provavelmente para sempre. Como todos os donos de pub de Londres, ele cairia nas garras dos fornecedores de cerveja, teria os seus móveis vendidos e bens confiscados e, quando saísse da prisão, nunca mais teria um pub ou um emprego.

A manhã avançou com uma lentidão sombria. Você podia fumar – fósforos eram proibidos, mas o policial de plantão do lado de fora acendia seu cigarro pela fresta da porta. Ninguém tinha cigarros a não ser o taberneiro, que tinha os bolsos cheios e os distribuía livremente. Os prisioneiros iam e vinham. Um homem sujo e esfarrapado que alegou ter obstruído a justiça ficou na cela por meia hora. Ele falava muito, mas os outros desconfiavam profundamente dele; quando foi novamente retirado, todos declararam que ele era um “infiltrado”. Dizia-se que a polícia muitas vezes “infiltrava —se” nas celas, disfarçada de prisioneiro, para colher informações. Em algum momento houve grande agitação quando o policial sussurrou através da fresta que um assassino, ou suposto assassino, estava sendo colocado na cela ao lado. Ele era um jovem de 18 anos que apunhalou sua prostituta na barriga, e não esperavam que ela sobrevivesse. Assim que a fresta se abriu e o rosto pálido e cansado de um clérigo

apareceu. Ele viu o ladrão e disse, cansado:

– VOCÊ está aqui de novo, Jones? – e foi embora novamente. O almoço, assim era chamado, foi servido por volta do meio-dia. Tudo o que ele conseguiu foi uma xícara de chá e duas fatias de pão com margarina. Você poderia receber uma refeição, no entanto, teria que pagar por ela. O taberneiro mandou trazer um bom jantar em pratos cobertos; mas ele não tinha apetite para comer, e deu a maior parte para os outros. Ravelston ainda estava rondando pelo tribunal, esperando que o caso de Gordon fosse apresentado, mas ele não conhecia as regras bem o suficiente para mandar comida para Gordon. Logo o ladrão e o empresário foram retirados, condenados e trazidos de volta para esperar até que o camburão os levasse para a prisão. Cada um deles pegou nove meses. O taberneiro questionou o ladrão sobre como era a prisão. Houve uma conversa de indescritível obscenidade sobre a falta de mulheres ali.

O caso de Gordon foi apresentado às duas e meia da tarde e terminou tão rapidamente que parecia absurdo tê-lo esperado por tanto tempo. Depois disso, não conseguia se lembrar de nada sobre o tribunal, exceto do brasão de armas sobre a cadeira do juiz. O juiz estava julgando os bêbados a uma média de dois por minuto. Ao som de "John Smith–embriaguez–seis–xelins–suma–daqui–PRÓXIMO!" eles passavam pelas portas do tribunal, exatamente como uma multidão pegando ingressos em uma casa de apostas. O caso de Gordon, entretanto, demorou dois minutos em vez de trinta segundos, porque ele foi baderneiro e o sargento teve de testemunhar que Gordon havia socado sua orelha e o chamado de bastardo de m… Também houve uma leve agitação no tribunal porque Gordon, quando questionado na delegacia, se descreveu como um poeta. Ele devia estar muito bêbado para dizer uma coisa dessas. O juiz o encarou com desconfiança.

– Vejo que você se autodenomina POETA. Você é um poeta?

– Eu escrevo poesia – respondeu Gordon mal-humorado.

– Hum! Bem, isso não parece ter te ensinado a se comportar, não é? Você vai pagar cinco libras ou vai para a prisão por catorze dias. PRÓXIMO!

E foi só isso. Mesmo assim, em algum lugar no fundo do tribunal, um repórter entediado havia aguçado os ouvidos.

Do outro lado da corte havia uma sala onde um sargento da polícia estava sentado com um grande livro, registrando as multas dos bêbados e recebendo o pagamento. Aqueles que não podiam pagar eram levados de volta para as celas. Gordon esperava que o mesmo acontecesse com ele. Ele estava bastante resignado a ir para a prisão. Mas, quando saiu do tribunal, descobriu que Ravelston o esperava e já havia pagado a multa por ele. Gordon não protestou. Ele permitiu que Ravelston o colocasse em um táxi e o levasse de volta ao apartamento em Regent's Park. Assim que chegaram, Gordon tomou um banho quente; ele precisava de um, depois da sujeira contaminante das últimas doze horas. Ravelston emprestou-lhe uma navalha, uma camisa limpa, pijama, meias e roupas de baixo, e até saiu de casa e comprou-lhe uma escova de dentes. Ele estava estranhamente solícito em relação a Gordon, pois não conseguia se livrar do sentimento de culpa de que o que acontecera na noite anterior era principalmente sua própria culpa; deveria ter batido o pé e levado Gordon para casa assim que ele deu sinais de que estava bêbado. Gordon mal percebeu que Ravelston estava cuidando dele. Até mesmo o fato de o amigo ter pagado por sua fiança não o perturbou. Durante o resto da tarde, ele ficou deitado em uma das poltronas em frente ao fogo, lendo uma história de detetive – recusando-se a pensar no futuro. Ele ficou com sono muito cedo e, às oito horas, foi para a cama no quarto de hóspedes e

dormiu como um bebê por nove horas.

Somente na manhã seguinte que Gordon começou a pensar seriamente sobre sua situação. Ele acordou na cama larga e aconchegante, mais macia e quente do que qualquer cama em que já havia dormido, e começou a tatear em busca de fósforos. Então, se lembrou de que em lugares como este você não precisava de fósforos para acender a luz e procurou o interruptor elétrico que estava pendurado em um cabo na cabeceira da cama. Uma luz suave inundou a sala, havia um jarro de água com gás na mesinha de cabeceira. Gordon descobriu que mesmo depois de um dia e meio ainda estava com um gosto horrível em sua boca. Ele bebeu e olhou em volta.

Era uma sensação estranha, estar deitado ali com o pijama de outra pessoa, na cama de outra pessoa. Sentia que não tinha o que fazer ali, que aquele não era o tipo de lugar ao qual ele pertencia. Havia um sentimento de culpa em se omitir aqui no luxo quando, na verdade, estava falido e não tinha um centavo no mundo. Afinal, ele estava arruinado e não havia dúvidas sobre isso. Gordon parecia saber, com absoluta certeza, que seu emprego estava perdido. Deus sabia o que aconteceria a seguir. A memória daquela noite estúpida e idiota pairou sobre sua mente com uma vivacidade terrível. Ele podia se lembrar de tudo, desde o seu primeiro gim rosa antes de começar a farra, até as ligas cor de pêssego de Dora. Ele se contorceu ao pensar em Dora. POR QUE fazer essas coisas? Dinheiro de novo, sempre dinheiro! Os ricos não se comportam assim. Os ricos são graciosos até em seus vícios. Mas, se você não tem dinheiro, nem sequer sabe como gastá-lo quando o recebe. Você apenas faz alarde freneticamente, como um marinheiro em um bordel na sua primeira noite em terra.

Ele ficou no xilindró por doze horas. Pensou no fedor fecal e frio daquela cela no tribunal – um antegozo dos dias futuros. E

todos saberiam que ele tinha estado na prisão. Com sorte, poderia ser escondido de tia Angela e tio Walter, mas Julia e Rosemary provavelmente já sabiam. Com Rosemary não se importava tanto, mas Julia ficaria envergonhada e infeliz. Ele pensou em Julia. Suas costas compridas e magras enquanto ela se curvava sobre a caixa de chá; seu rosto de ganso bondoso e derrotado. Ela nunca tinha vivido de verdade. Desde a infância, ela fora sacrificada por ele – por Gordon, pelo "menino". Ele podia até ter emprestado uma centena de libras dela em todos esses anos, mas foi incapaz de guardar apenas cinco para a irmã. Guardou cinco libras para ela e depois as gastou com uma prostituta.

Apagou a luz e deitou-se de costas, bem acordado. Nesse momento, ele se viu com uma clareza assustadora e fez uma espécie de inventário de si mesmo e de seus bens. Gordon Comstock, o último dos Comstock, 30 anos e 26 dentes restantes; sem dinheiro, sem emprego; usa um pijama emprestado em uma cama emprestada; sem nada em perspectiva exceto mendigar e ficar na miséria, e nada em seu passado, a não ser decisões estupidas. Sua riqueza total era um corpo franzino e duas malas de papelão cheias de roupas surradas.

Às sete, Ravelston foi acordado por uma batida na porta. Ele se virou e disse sonolento:

– Olá?

Gordon entrou, uma figura desgrenhada quase perdida no pijama de seda emprestado. Ravelston despertou, bocejando. Teoricamente, ele se levantava às sete horas como um proletário. Na verdade, ele raramente se mexia até a senhora Beaver, a faxineira, chegar às oito. Gordon tirou o cabelo dos olhos e sentou-se ao pé da cama de Ravelston.

– Olha, Ravelston, isso é terrível. Estive pensando sobre

tudo. Tenho um milhão de coisas para pagar.

– O quê?

– Vou perder meu emprego. McKechnie não pode me manter na loja depois que fui preso. Além disso, eu deveria ter trabalhado ontem. Provavelmente a loja não abriu o dia todo.

Ravelston bocejou.

– Vai ficar tudo bem, acho. Aquele gordo – qual é o nome dele? Flaxman – ligou para McKechnie e disse que você estava gripado. Ele foi bem convincente. Disse que sua temperatura chegou a 43 graus. Claro que sua senhoria sabe da verdade. Mas acho que ela não diria nada ao McKechnie.

– Mas suponha que tenha saído dos jornais!

– Ah, senhor! Acho que isso pode acontecer. A empregada traz os jornais às oito. Mas eles relatam casos de embriaguez? Claro que não?

A senhora Beaver trouxe o *Telegraph* e o *Herald*. Ravelston a mandou buscar o *Mail* e o *Express*. Eles procuraram apressadamente as notícias do fórum. Graças a Deus! Afinal de contas, não havia "chegado aos jornais". Na verdade, não havia razão para isso, Gordon não era nenhum automobilista ou jogador de futebol profissional. Sentindo-se melhor, ele conseguiu tomar o desjejum e, depois do desjejum, Ravelston saiu. Ficou combinado que ele deveria ir até a loja, ver o senhor McKechnie, dar-lhe mais detalhes sobre a doença de Gordon e sondar o terreno. Parecia bastante natural para Ravelston perder vários dias para livrar o amigo de seus problemas. Gordon passou a manhã inteira perambulando pelo apartamento, inquieto e indisposto, fumando cigarros de maneira irrefreável. Agora que ele estava sozinho, a esperança o abandonou. Ele sabia por um instinto profundo que o senhor McKechnie teria ouvido falar de sua prisão. Não era o tipo de

coisa que você poderia manter na surdina. Ele havia perdido o emprego, e isso era tudo.

Ele se espreguiçou até a janela e olhou para fora. Um dia desolador; o céu cinza-branco parecia que nunca mais poderia ser azul; as árvores nuas choravam lentamente nas sarjetas. Numa rua vizinha, o grito do carvoeiro ecoou com tristeza. Faltavam apenas quinze dias para o Natal agora. Que proeza era ter perdido o emprego nessa época do ano! Mas esse pensamento, em vez de assustá-lo, apenas o entediava. A sensação peculiar de letargia, do peso por trás dos olhos inchados que se tem após um acesso de embriaguez, parecia ter se instalado permanentemente sobre ele. A perspectiva de procurar outro emprego o aborrecia ainda mais do que a perspectiva da pobreza. Além disso, nunca encontraria outro emprego. Não há empregos hoje em dia. Ele estava afundando, afundando no submundo dos desempregados – para baixo, para baixo, somente Deus sabe quais são as profundezas dos abrigos sujos, da fome e da futilidade. E, principalmente, estava ansioso para passar por isso com o mínimo de energia e esforço possíveis.

Ravelston voltou por volta da uma da tarde. Ele tirou as luvas e as jogou em uma cadeira. Parecia cansado e deprimido. Gordon viu de relance que o jogo havia acabado.

– Ele ouviu sobre o ocorrido, é claro – arriscou.

– Sobre tudo, receio.

– Como? Acho que aquela vaca da senhora Wisbeach se esgueirou até ele.

– Não. Afinal, estava no jornal. No jornal local. Foi assim que ele soube.

– Ah, inferno! Eu tinha me esquecido disso.

Ravelston tirou do bolso do casaco uma cópia dobrada de um

jornal quinzenal. Um que só aceitaram vender porque o senhor McKechnie fazia propaganda da livraria nele – e Gordon se esqueceu disso. Ele abriu o jornal. Deus! Que balde de água fria! Estava tudo na página central.

ASSISTENTE DE LIVRARIA PENALIZADO

MÃO DE FERRO DO JUIZ

"TUMULTO EXECRÁVEL"

Havia quase duas colunas sobre ele. Gordon nunca tinha sido tão famoso antes e nunca seria novamente. Eles devem ter ficado sem pautas para noticiar. Mas esses jornais locais têm uma noção curiosa de patriotismo. Eles são tão ávidos por notícias locais que um acidente de bicicleta na Harrow Road ocupará mais espaço em suas páginas do que a crise europeia; e notícias como "Homem de Hampstead acusado de homicídio" ou "Bebê esquartejado em uma adega em Camberwall" são exibidas com orgulho positivo.

Ravelston descreveu sua conversa com o senhor McKechnie. O senhor McKechnie, ao que parecia, estava dividido entre sua raiva de Gordon e seu desejo de não ofender um bom cliente como Ravelston. Mas é claro que, depois de um papelão desses, você dificilmente poderia esperar que ele aceitasse Gordon de volta. Esses escândalos eram ruins para o comércio e, além disso, ele estava justamente zangado com as mentiras que Flaxman lhe contara por telefone. Contudo, a ideia de SEU assistente ser um bêbado baderneiro o enraivecia mais do que tudo. Ravelston disse que a embriaguez pareceu irritá-lo de uma forma peculiar, chegou a dar a impressão de que quase preferia que Gordon afanasse dinheiro do caixa. Claro, ele próprio era abstêmio. Gordon às vezes se perguntava se ele também não era um alcoólatra secreto, no tradicional estilo escocês. Seu nariz era muito vermelho. Mas talvez fosse o rapé. Enfim, foi isso. Gordon estava jogado na rua da

amargura.

– Suponho que a Wisbeach se apossará das minhas roupas e coisas – dis-se ele.

– Não, vou lá buscá-las. Além disso, devo a ela o aluguel de uma semana.

– Ah, não se preocupe com isso. Vou cuidar do seu aluguel e tudo mais.

– Meu caro amigo, não posso deixar você pagar meu aluguel!

– Ah, que inferno! – O rosto de Ravelston ficou levemente rosado. Ele olhou miseravelmente para o nada e então disse tudo de uma vez. – Olhe aqui, Gordon, precisamos resolver isso. Você só precisa ficar aqui até o que aconteceu ser esquecido. Eu amparo você quanto ao dinheiro e tudo o mais. Não precisa pensar que está sendo um incômodo, porque não é. E, de qualquer maneira, é só até você conseguir outro emprego.

Gordon afastou-se melancolicamente dele, com as mãos nos bolsos. Já havia previsto tudo isso, é claro. Ele sabia que deveria recusar, ele QUERIA recusar, mas não tinha muita coragem.

– Não vou sugar você desse jeito – disse ele mal-humorado.

– Não use essas expressões, pelo amor de Deus! Além disso, aonde você poderia ir se não ficasse aqui?

– Não sei… Para a sarjeta, suponho. É de lá que eu sou. Quanto mais cedo eu chegar lá, melhor.

– Absurdo! Você vai ficar aqui até encontrar outro emprego.

– Mas não há emprego no mundo. Pode demorar um ano até que eu encontre um emprego. Não quero um emprego.

– Você não deve falar assim. Você encontrará um emprego

bom o suficiente. Alguma coisa está prestes a aparecer. E, pelo amor de Deus, não fale me sugar. É apenas um acordo entre amigos. Se você quiser, pode pagar tudo de volta quando tiver dinheiro.

– Sim, QUANDO!

Mas no final ele se deixou persuadir. Ele sabia que se deixaria persuadir. Ele ficou no apartamento e permitiu que Ravelston fosse até a Willowbed Road, pagasse o aluguel e recuperasse as duas malas de papelão; ele até permitiu que Ravelston "emprestasse" a ele mais duas libras para as despesas rotineiras. Seu coração adoeceu enquanto ele fez isso, estava vivendo da misericórdia de Ravelston – sugando Ravelston. Como poderia haver uma amizade real entre eles novamente? Além disso, em seu coração, não queria ser ajudado. Ele só queria ficar sozinho. Estava indo para a sarjeta; melhor alcançar a sarjeta e acabar com isso. No entanto, por ora ele ficou, simplesmente porque não tinha coragem de fazer o contrário.

Mas, quanto a esse negócio de conseguir um emprego, seria inútil desde o início. Até mesmo Ravelston, embora rico, não poderia criar empregos do nada. Gordon sabia de antemão que não havia empregos implorando por ele no comércio de livros. Durante os três dias seguintes, calçou os sapatos, indo de livreiro em livreiro. Loja após loja, ele cerrou os dentes, entrou, exigiu ver o gerente e, três minutos depois, saiu de novo com o nariz empinado. A resposta era sempre a mesma: nenhum emprego disponível. Alguns livreiros estavam contratando um homem a mais para a correria do Natal, mas Gordon não era o tipo que procuravam. Ele não era inteligente nem servil; também usava roupas surradas e falava com sotaque de cavalheiro. Além disso, algumas perguntas sempre revelavam que ele havia sido despedido de seu último emprego por embriaguez. Depois de apenas três dias, ele

desistiu. Sabia que não adiantava. Fingiu estar procurando trabalho apenas para agradar Ravelston.

À noite, ele voltou para o apartamento, com os pés doloridos e com os nervos à flor da pele devido a uma série de afrontas. Fazia todas as suas viagens a pé, para economizar as duas libras emprestadas. Quando voltou, Ravelston tinha acabado de sair do escritório e estava sentado em uma das poltronas em frente à lareira, com algumas longas provas tipográficas sobre o joelho. Ele ergueu os olhos quando Gordon entrou.

– Teve sorte? – perguntou como de costume.

Gordon não respondeu. Se ele tivesse respondido, teria sido com uma torrente de obscenidades. Sem nem mesmo olhar para Ravelston, ele foi direto para o quarto, tirou os sapatos e se jogou na cama. Ele se odiava neste momento. Por que voltou? Que direito tinha de voltar e se escorar em Ravelston quando não tinha mais a intenção de procurar emprego? Ele deveria ter ficado nas ruas, dormido em Trafalgar Square, mendigado – ou qualquer outra coisa. Mas ele ainda não tinha coragem de enfrentar as ruas. A perspectiva de calor e abrigo levou-o de volta. Gordon ficou com as mãos sob a cabeça, em uma mistura de apatia e ódio de si mesmo. Cerca de meia hora depois, ele ouviu a campainha da porta tocar e Ravelston se levantou para atender. Era aquela vadia da Hermione Slater, provavelmente. Ravelston apresentou Gordon a Hermione alguns dias atrás, e ela o tratou como lixo. Mas um momento depois, houve uma batida na porta do quarto.

– O que foi? – perguntou Gordon.

– Alguém veio ver você – informou Ravelston.

– ME ver?

– Sim. Venha para a sala.

Gordon praguejou e rolou lentamente para fora da cama. Ao

chegar na sala, descobriu que a visitante era Rosemary. Ele estava meio que esperando por ela, é claro, mas o cansava vê-la. Sabia por que ela tinha vindo; conversar com ele, ter pena dele, repreendê-lo – era tudo a mesma coisa. Em seu estado de espírito desanimado e aborrecido, ele não queria fazer o esforço de falar com ela, tudo o que queria era ser deixado sozinho. Mas Ravelston ficou feliz em vê-la. Ele havia gostado dela em seu único encontro e achou que Rosemary poderia alegrar Gordon. Achou um pretexto bobo para descer para o escritório, deixando os dois juntos.

Agora estavam sozinhos, mas Gordon não fez nenhum movimento para abraçá-la. Ele estava de pé em frente à lareira, ombros arredondados, as mãos nos bolsos do casaco, os pés enfiados em um par de chinelos de Ravelston que eram grandes demais para ele. Ela se aproximou com certa hesitação, ainda sem tirar o chapéu ou o casaco com gola de pele de cordeiro. Doeu vê-lo. Em menos de uma semana, sua aparência havia piorado estranhamente. Gordon já tinha aquela aparência inconfundível, decadente e relaxada de um homem desempregado. Seu rosto parecia ter ficado mais magro e havia olheiras em volta dos olhos. Também era óbvio que ele não havia se barbeado naquele dia.

Rosemary colocou a mão em seu braço, um tanto sem jeito, como uma mulher faz quando é ela quem deve dar o primeiro abraço.

– Gordon…

– Sim? – ele respondeu de má vontade. No momento seguinte, ela estava em seus braços. Mas foi ela quem fez o primeiro movimento, não ele. Sua cabeça estava em seu peito, e acredite! A moça estava lutando com todas as suas forças contra as lágrimas que quase a dominaram. Isso entediava Gordon terrivelmente, ele parecia levá-la às lágrimas

frequentemente! E ele não queria ver ninguém chorando; só queria ser deixado sozinho – sozinho para ficar de mau humor e se desesperar. Enquanto a segurava ali, com uma mão acariciando mecanicamente seu ombro, seu sentimento principal era o tédio. Rosemary tornou as coisas mais difíceis vindo aqui. Em seu futuro estavam sujeira, frio, fome, as ruas, o abrigo e a prisão. Era contra ISSO que ele tinha que se preparar. E poderia fazê-lo, se ela o deixasse em paz e não viesse atormentá-lo com essas emoções irrelevantes.

Gordon a empurrou um pouco longe dele, ela se recuperou rapidamente, como sempre fazia.

– Gordon, meu querido! Oh, sinto muito, sinto muito!

– Sente muito pelo quê?

– Você ter perdido o emprego e tudo mais. Você parece tão infeliz.

– Não estou infeliz. Não tenha pena de mim, pelo amor de Deus.

Ele se desvencilhou dos braços dela. Rosemary tirou o chapéu e o jogou na cadeira, tinha vindo até aqui com algo definitivo a dizer. Era algo que havia se abstido de dizer todos aqueles anos – algo que lhe parecera crucial não dizer. Mas agora tinha que ser dito, e ela iria direto ao ponto – afinal, não era da sua natureza ser prolixa.

– Gordon, você faria algo para me agradar?

– O quê?

– Você não voltaria para a New Albion?

Então era isso! Claro que ele previu isso. Ela ia começar a importuná-lo como todos os outros – se incluiria ao bando de pessoas que o preocupavam e o pressionavam para “se endireitar”. Mas o que mais você poderia esperar? Era o que

qualquer mulher diria. A maravilha era que ela nunca tinha dito isso antes. Voltar para o New Albion! A única ação significativa de sua vida foi justamente deixar a New Albion. Era sua religião, você poderia dizer, manter-se fora daquele mundo imundo do dinheiro. No entanto, naquele momento, ele não conseguia se lembrar com clareza dos motivos pelos quais havia deixado a New Albion. Tudo o que sabia era que nunca voltaria, nem se os céus caíssem, e que a discussão que previa já o aborrecia de antemão.

Gordon encolheu os ombros e desviou o olhar.

– A New Albion não me aceitaria de volta – resmungou brevemente.

– Sim, eles aceitariam. Você se lembra do que o senhor Erskine disse. Não faz muito tempo – apenas dois anos. E estão sempre à procura de bons redatores. Todos no escritório dizem isso. Tenho certeza de que eles lhe dariam um emprego se você pedisse, e te pagariam pelo menos quatro libras por semana.

– Quatro libras por semana! Esplêndido! Eu poderia me dar ao luxo de manter uma aspidistra, não é?

– Não, Gordon, não brinque com isso agora.

– Eu não estou brincando. Estou falando sério.

– Quer dizer que você não vai voltar para eles, nem mesmo se eles lhe oferecerem um emprego?

– Nem em mil anos. Nem se me pagassem cinquenta libras por semana.

– Mas, por quê? Por quê?

– Já disse o porquê – respondeu cansado.

Ela olhou para ele em desespero. Afinal, não adiantava insistir. Havia esse negócio de dinheiro atrapalhando o

caminho – esses escrúpulos sem sentido que ela nunca havia entendido, mas que aceitava simplesmente porque eram dele. Rosemary sentiu toda a impotência e ressentimento de uma mulher que vê uma ideia abstrata triunfar sobre o bom senso. Como era enlouquecedor que ele se deixasse ser empurrado para a ruína por uma coisa daquelas! Ela disse quase com raiva.

– Não entendo você, Gordon, realmente não entendo. Aqui está você: desempregado e, pelo que se sabe pode morrer de fome daqui a pouco; no entanto, quando há um bom emprego que basta conversar para conseguir, você não o quer.

– Não, você está muito certa. Não quero.

– Mas você precisa ter ALGUM tipo de emprego, não é?

– Um trabalho, mas não um "BOM emprego". Já te expliquei Deus sabe quantas vezes. Atrevo-me a dizer que arranjarei algum tipo de emprego mais cedo ou mais tarde. O mesmo tipo de trabalho que eu tinha antes.

– Mas acho que você nem está TENTANDO arrumar um emprego, está?

– Sim, estou. Passei o dia todo conversando com livreiros.

– E você nem se barbeou esta manhã! – disse ela, mudando sua estratégia de argumentação com aquela rapidez feminina.

Ele apalpou o queixo.

– Acho que não, na verdade.

– E você ainda espera que as pessoas lhe deem um emprego! Oh, Gordon!

– Ah, bem, o que isso importa? É maçante demais fazer a barba todos os dias.

– Você está se acabando – disse ela com amargura. – Parece que você NÃO QUER fazer nenhum esforço. Você quer

afundar – apenas AFUNDAR!

– Não sei, talvez. Prefiro afundar a levantar.

Houve mais discussões. Foi a primeira vez que ela falou com ele assim. Mais uma vez, as lágrimas surgiram em seus olhos, e mais uma vez as lágrimas foram seguradas. Rosemary tinha vindo vê-lo jurando para si mesma que não choraria. O terrível é que seu choro, em vez de perturbá-lo, apenas o entediou. Era como se ele não fosse capaz de se importar, mas em seu âmago, havia um coração oculto que a amparava, apenas porque ele realmente não se importava. Se ao menos o deixassem em paz! Sozinho, sozinho! Livre da consciência incômoda de seu fracasso; livre para afundar – como ela havia dito – em mundos tranquilos onde dinheiro, esforço e obrigação moral não existiam. Finalmente ele se afastou e voltou para o quarto de hóspedes, era de fato uma briga – a primeira briga realmente séria que eles tiveram. Se era a última, ele não sabia. Nesse momento, ele não se importava. Gordon trancou a porta atrás de si e se deitou na cama fumando um cigarro. Precisava sair deste lugar, e rápido! Amanhã de manhã ele iria embora. Chega de sugar Ravelston! Chega de chantagens aos deuses da decência! Para baixo, para baixo, para a lama – para as ruas, para o abrigo e para a prisão. Só lá ele poderia estar em paz.

Ravelston subiu e encontrou Rosemary sozinha, indo embora. A moça se despediu e de repente se virou para ele e pôs a mão em seu braço. Ela sentiu que o conhecia bem o suficiente para lhe confidenciar algo.

– Senhor Ravelston, por favor, o senhor VAI tentar persuadir Gordon a conseguir um emprego, não vai?

– Farei o possível. Claro que é sempre difícil. Mas espero que em breve encontremos uma espécie de emprego para ele.

– É tão horrível vê-lo assim! Ele fica totalmente em

frangalhos. E o tempo todo, você vê, há um emprego que ele poderia facilmente conseguir se quisesse – um emprego realmente BOM. Não é que ele não possa, é simplesmente que não quer.

Ela explicou sobre a New Albion. Ravelston esfregou o nariz.

– Sim. Na verdade, já ouvi tudo sobre isso. Conversamos sobre isso quando ele deixou New Albion.

– Mas você não acha que ele estava certo em deixá-los, acha? – perguntou ela, adivinhando prontamente que Ravelston CONCORDOU com Gordon.

– Bem, admito que não foi muito sábio. Mas há uma certa verdade no que ele diz. O capitalismo é corrupto e devemos ficar de fora dele – essa é a ideia de Gordon. Não é praticável, mas de certa forma é boa.

– Ah, atrevo-me a dizer que está tudo bem com a teoria! Mas quando ele está desempregado e quando poderia conseguir um bom emprego se quisesse… CERTAMENTE o senhor não acha que ele está certo em recusar, acha?

– Não do ponto de vista do bom senso. Mas, do princípio… Bem, ele está certo.

– Ah, do princípio! Pessoas como nós não podemos nos permitir ter princípios, É ISSO que Gordon parece não entender.

Gordon não saiu do apartamento na manhã seguinte. Quando alguém decide enfrentar a vida, mesmo com uma intenção genuína, quando chega a hora de fazê-lo, sob a luz fria da manhã é fácil desistir. Ele ficaria apenas mais um dia, disse a si mesmo; e então, novamente, "apenas mais um dia" se foi – até que cinco dias inteiros se passaram desde a visita de Rosemary, e ele ainda estava à espreita, morando em

Ravelston, sem nem mesmo um sinal de trabalho à vista. Gordon ainda fingia estar procurando trabalho, mas com o único intuito de livrar sua cara. Ele saía e vadiava por horas em bibliotecas públicas e depois voltava para casa para se deitar na cama do quarto de hóspedes, inteiramente vestido e descalço, fumando um cigarro atrás do outro. E com toda aquela inércia e o medo das ruas que ainda o prendiam ali, aqueles cinco dias foram horríveis, condenáveis, indescritíveis. Não há nada mais terrível no mundo do que viver na casa de outra pessoa, comer de seu pão e não oferecer em troca. E talvez seja pior quando seu benfeitor nem por um momento admite que é seu benfeitor. Nada poderia ter excedido a delicadeza de Ravelston. Ele teria morrido em vez de admitir que Gordon o sugava. Ravelston pagou a fiança de Gordon, pagou seu aluguel atrasado, hospedou-o por uma semana e, sobretudo, havia lhe "emprestado" duas libras; mas não era nada, era um mero acordo entre amigos, Gordon faria o mesmo por ele outra hora. De vez em quando, Gordon fazia esforços débeis para escapar, que sempre terminavam da mesma maneira.

– Escute aqui, Ravelston, não posso mais ficar aqui. Você me hospedou por tempo suficiente. Vou sair amanhã de manhã.

– Mas, meu caro amigo! Seja sensato. Você não…

Mas não! Nem mesmo agora, quando Gordon estava na sarjeta, Ravelston conseguia dizer: "Você não tem dinheiro". Não se pode dizer coisas assim. Ele se comprometeu:

– Onde vai morar, afinal?

– Deus sabe, eu não me importo. Existem hospedarias e locais comuns. Ainda tenho alguns trocados.

– Não seja tão idiota. É muito melhor você ficar aqui até encontrar um emprego.

– Mas pode levar meses, estou dizendo. Não posso viver assim, nas suas costas.

– Que absurdo, meu caro amigo! Gosto de ter você aqui.

Mas é claro, no fundo de seu coração, ele não gostava de ter Gordon ali. Como ele gostaria? Era uma situação impossível. Havia tensão entre eles o tempo todo. É sempre assim quando uma pessoa vive da caridade de outra. Por mais delicadamente disfarçada que seja, a caridade ainda é horrível; existe um mal-estar, quase um ódio secreto, entre quem dá e quem recebe. Gordon sabia que sua amizade com Ravelston nunca mais seria a mesma. O que quer que acontecesse depois, a memória desse tempo maligno estaria entre eles. O sentimento de sua posição dependente, de estar no caminho, ser indesejado, um incômodo, estava com ele noite e dia. Às refeições, ele mal comia, também não fumava os cigarros de Ravelston, mas comprava seus próprios com os poucos xelins restantes. Ele nem mesmo acendia a lareira a gás em seu quarto, e teria se tornado invisível se pudesse. Todos os dias, claro, as pessoas entravam e saíam do apartamento e do escritório. Todos viram Gordon e compreenderam sua situação. Outro sugador de estimação de Ravelston, todos diziam. Ele até detectou um lampejo de ciúme profissional em um ou dois dos parasitas da *Antichrist*. Três vezes durante aquela semana, Hermione Slater apareceu. Depois de seu primeiro encontro com ela, Gordon fugia do apartamento assim que ela aparecia; em uma ocasião, quando ela chegou à noite, ele teve que ficar fora de casa até depois da meia-noite. A senhora Beaver, a faxineira, também "decifrara" Gordon. Ela conhecia seu tipo, mais um daqueles jovens "escritores" imprestáveis que sugavam o pobre Senhor Ravelston. Portanto, de maneiras nada sutis, ela tornava as coisas desconfortáveis para Gordon. Seu truque favorito era expulsá-lo com vassoura e panela.

– Senhor Comstock, tenho que limpar este cômodo agora,

me dê licença – era o que ela dizia ao chegar em qualquer ambiente em que ele estivesse instalado.

Mas, no final, inesperadamente e sem esforço próprio, Gordon conseguiu um emprego. Certa manhã, chegou uma carta para Ravelston do senhor McKechnie. O senhor McKechnie cedeu – não a ponto de querer Gordon de volta, é claro, mas a ponto de ajudá-lo a encontrar outro emprego. Ele disse que o senhor Cheeseman, um livreiro em Lambeth, estava procurando uma assistente. Pelo que ele disse, era evidente que Gordon poderia conseguir o trabalho se tentasse; era igualmente evidente que havia algum problema com o trabalho. Gordon tinha ouvido falar vagamente do senhor Cheeseman – no comércio de livros todo mundo se conhece. Em seu coração, a novidade o aborrecia, Ele não queria aquele emprego. Não queria mais trabalhar; tudo o que ele queria era afundar, afundar, sem esforço, na lama. Mas não poderia desapontar Ravelston depois de tudo que o amigo fizera por ele. Então, na mesma manhã, ele desceu a Lambeth para perguntar sobre o trabalho.

A loja ficava em um trecho deserto da estrada ao sul da ponte Waterloo. Era uma loja modesta e de aparência detestável, e o nome em dourado desbotado sobre ela não era Cheeseman, mas Eldridge. Na janela, entretanto, havia alguns exemplares valiosos em fólio, com capa de couro de bezerro, e alguns mapas do século XVI que Gordon achou que deviam valer dinheiro. Evidentemente, o senhor Cheeseman se especializou em livros “raros”. Gordon criou coragem e entrou.

Quando a campainha da porta soou, uma minúscula criatura de aparência maligna, com um nariz pontudo e sobrancelhas negras e pesadas, emergiu do escritório atrás da loja e olhou para Gordon com uma espécie de malícia intrometida. Quando ele falou, foi de uma maneira extraordinariamente pausada,

como se ele estivesse mordendo cada palavra pela metade antes que escapasse dele.

– No que te ajudo? – foi mais ou menos o que deu para entender.

Gordon explicou por que tinha vindo. O senhor Cheeseman lançou um olhar significativo para ele e respondeu da mesma maneira pausada de antes.

– Ah, sim? Comstock, hein? Venha. Meu escritório é aqui. Estava te esperando.

Gordon o seguiu. O senhor Cheeseman era um homenzinho bastante sinistro, quase pequeno o suficiente para ser chamado de anão, com cabelo muito preto e ligeiramente deformado. Via de regra, um anão, quando malformado, tem o torso de tamanho normal e praticamente não tem pernas. Com o senhor Cheeseman era o contrário. Suas pernas eram de comprimento normal, mas a metade superior de seu corpo era tão curta que suas nádegas pareciam brotar quase imediatamente debaixo de seus ombros. Ele parecia uma tesoura ambulante. Tinha os ombros ossudos e acentuados de um anão, as mãos grandes e feias e movia a cabeça de forma grotesca. Suas roupas tinham aquela textura peculiar rígida e engordurada de roupas muito velhas e muito sujas. Eles estavam entrando no escritório quando a campainha da porta tocou novamente e um cliente entrou, segurando meia coroa e um livro da caixa de seis pences que ficava para o lado de fora. O senhor Cheeseman não tirou o troco da caixa registradora – aparentemente não havia caixa registradora –, mas de uma bolsa de couro muito gordurosa de algum lugar secreto sob seu colete. Ele segurou a bolsa, que quase se perdeu em suas mãos grandes, de uma forma peculiarmente escondida, como se não quisesse que ela fosse vista.

– Gosto de manter meu dinheiro no bolso – explicou ele,

olhando para cima, enquanto entravam no escritório.

Era evidente que o senhor Cheeseman proferia pausadamente por causa da noção de que palavras custam dinheiro e não devem ser desperdiçadas. Eles conversaram no escritório, e o senhor Cheeseman arrancou de Gordon a confissão de que ele havia sido demitido por embriaguez. Na verdade, ele já sabia tudo sobre isso. Tinha ouvido falar de Gordon pelo senhor McKechnie, que conhecera em um leilão alguns dias antes. Ele havia aguçado os ouvidos ao ouvir a história, pois estava à procura de um assistente, e claramente um assistente que tivesse sido despedido por embriaguez aceitaria um salário reduzido. Gordon viu que sua embriaguez seria usada como uma arma contra ele. No entanto, o senhor Cheeseman não parecia hostil, de jeito nenhum. Ele parecia ser o tipo de pessoa que iria enganá-lo se pudesse, e intimidá-lo se você lhe desse uma chance, mas que também o consideraria com seu bom humor insolente. Confiou em Gordon e falou sobre as condições do comércio se gabando aos risos de sua própria astúcia. Ele tinha uma risada peculiar, sua boca curvou-se nos cantos superiores e seu grande nariz parecia prestes a desaparecer dentro dela.

Recentemente, disse a Gordon, ele teve uma ideia de um negócio paralelo e lucrativo. Começaria uma biblioteca dupla; mas teria de ser bem longe da loja, porque um comércio popular espantaria os amantes literários que iam à loja em busca de livros “raros”. O senhor Cheeseman havia alugado um local um pouco distante dali e na hora do almoço levou Gordon para vê-lo. Eles estavam mais adiante na rua sombria, entre um açougue de presunto e carne desbotada e uma funerária presunçosa. Os anúncios na janela da funerária chamaram a atenção de Gordon. Aparentemente você pode descansar a sete palmos por apenas duas libras e dez xelins. Você pode até ser enterrado no jazigo de aluguel. Havia

também um anúncio de cremações: “Respeitosas, Higiênicas e Baratas”.

O local consistia em uma única sala estreita – um mero cubículo com uma janela tão larga quanto ele, mobiliada com uma escrivaninha barata, uma cadeira e um fichário. As prateleiras recém-pintadas estavam prontas e vazias. Este não seria, Gordon percebeu de relance, o tipo de biblioteca que ele presidiu na Livraria McKechnie. A biblioteca de McKechnie era comparativamente erudita. Não havia nada mais extraordinário do que as obras do Dell, mas tinha até livros de Lawrence e Huxley. Mas esta era uma daquelas pequenas bibliotecas baratas e sinistras, as chamadas “bibliotecas-cogumelos”, que estavam surgindo por toda Londres e eram deliberadamente destinadas aos ignorantes. Em bibliotecas como essas, não há um único livro mencionado pelas críticas ou de que alguma pessoa civilizada já tenha ouvido falar. Os livros são publicados por editoras voltadas para a classe baixa e produzidos a cada três meses por escritores falidos, tão criativos quanto salsichas e com muito menos talento. Na verdade, eram apenas novelas de quatro pences disfarçadas de romances, e custavam ao proprietário da biblioteca apenas um xelim e oito pences por volume. O senhor Cheeseman explicou que ainda não havia encomendado os livros. Ele falou em “encomendar os livros” como se estivesse falando de “encomendar uma tonelada de carvão”. Disse que começaria com quinhentos títulos variados. As prateleiras já estavam divididas em seções: “Sexo”, “Crime”, “Faroeste”, e assim por diante.

Ele ofereceu o trabalho a Gordon. Foi muito simples. Tudo que precisava fazer era permanecer ali dez horas por dia, distribuir os livros, pegar o dinheiro e matar sufocado qualquer ladrão de livros que aparecesse. O pagamento, acrescentou ele com um olhar sentencioso de soslaio, era de trinta xelins por

semana.

Gordon aceitou prontamente. O senhor Cheeseman talvez tenha ficado um pouco desapontado, pois esperava uma negociação e teria gostado de esmagar Gordon, lembrando-o de que os mendigos não podem escolher. Mas Gordon estava satisfeito. O trabalho serviria. Não havia PROBLEMAS com um trabalho como esse; sem espaço para ambição, sem esforço, sem esperança. Dez xelins a menos – dez xelins mais perto da lama. Era o que ele queria.

Ele "pegou emprestado" outras duas libras de Ravelston e alugou um quarto mobiliado, por oito xelins por semana, em um beco imundo paralelo à Lambeth Cut. O senhor Cheeseman encomendou os quinhentos títulos variados, e Gordon começou a trabalhar no dia vinte de dezembro. Acontece que esse era seu trigésimo aniversário.



CAPÍTULO 10

Debaixo da terra, debaixo da terra! No útero macio e seguro da terra, onde não há empregos ou perda de empregos, nem parentes ou amigos para te atormentar, nem esperança, medo, ambição, honra, dever – nenhum tipo de perturbação. Era onde ele desejava estar.

No entanto, não era a morte, a morte física real, que ele desejava. Era uma sensação estranha que tinha. Estava com ele desde a manhã quando acordou na cela da polícia. O mau humor rebelde que surge após a embriaguez parecia ter se tornado um hábito. Aquela noite de bebedeira marcou um período em sua vida que o arrastou para baixo com uma rapidez estranha. Antes, ele havia lutado contra o código do dinheiro, mas ainda assim se apegou ao seu miserável resquício de decência. Mas agora era precisamente da decência que ele queria escapar. Queria descer, bem no fundo, em algum mundo onde a decência não importasse mais; cortar as cordas de seu respeito próprio, submergir-se – "afundar", como disse Rosemary. Em sua mente tudo estava conectado com o pensamento de estar EMBAIXO DA TERRA. Gostava de pensar nas pessoas perdidas, nas pessoas do submundo: vagabundos, mendigos, criminosos, prostitutas. É um mundo bom, o qual eles habitam, enterrados em seus abrigos e bordéis fétidos. Também gostava de pensar que embaixo do mundo do dinheiro existe um grande submundo vadio onde o fracasso e o sucesso não têm significado; uma espécie de reino de

fantasmas onde todos são iguais. Era onde ele desejava estar, no reino dos fantasmas, ABAIXO da ambição. De alguma forma, consolava-o pensar nas favelas enfumaçadas do sul de Londres espalhando-se indefinidamente, um imenso deserto sem graça onde você poderia se perder para sempre.

E de certa forma, esse trabalho era o que ele queria; afinal, era algo próximo do que ele desejava. Lá em Lambeth, no inverno, nas ruas escuras onde os rostos dos bêbados sombreados em sépia vagavam pela névoa, você tinha uma sensação de estar SUBMERSO. Aqui embaixo você não tinha contato com o dinheiro, nem com a cultura. Nenhum cliente intelectual para quem você tivesse que agir como um intelectual; ninguém que fosse capaz de perguntar, daquele jeito arrogante que as pessoas abastadas têm: "O que você, com sua inteligência e educação, está fazendo em um trabalho como este?". Você simplesmente era parte da favela e, como todos os moradores da favela, era subestimado. Os jovens e meninas e mulheres de meia-idade que iam à biblioteca mal percebiam o fato de que Gordon era um homem culto. Ele era apenas "o cara da biblioteca", e praticamente um deles.

O trabalho em si, é claro, era de uma futilidade inconcebível. Ficava sentado lá, dez horas por dia, seis horas às quintas-feiras, distribuindo livros, registrando-os e recebendo duas moedas. Nesse meio-tempo, não havia nada para fazer, exceto ler. Não havia nada que valesse a pena observar na rua deserta lá fora. O principal acontecimento do dia era quando o rabecão se dirigia ao estabelecimento funerário ao lado. Isso despertou um leve interesse em Gordon, porque a tinta preta com a qual pintaram um dos cavalos estava desgastada e assumia, aos poucos, uma curiosa tonalidade marrom-arroxeada. A maior parte do tempo, quando não havia clientes, ele passava lendo os lixos de capa amarela que a biblioteca abrigava. Livros desse tipo você pode ler a uma velocidade de um por hora. E

eram o tipo de livro que combinava com ele hoje em dia. Uma verdadeira "literatura de fuga", esses exemplares das bibliotecas de dois pences. Nada com menos apreço à inteligência do que essas obras, havia sido concebido; até mesmo um filme, se comparado, exige um certo esforço para ser produzido. E assim, quando um cliente exigia um livro desta ou daquela categoria, fosse "Sexo", "Crime", "Faroeste ou "Romance", sempre com o sotaque muito carregado, Gordon estava pronto para dar conselhos de um especialista.

O senhor Cheeseman não era uma má pessoa para se trabalhar, contanto que você entendesse que mesmo se trabalhasse até o Dia do Juízo Final, nunca obteria um aumento de salário. Desnecessário dizer que ele suspeitava que Gordon estava roubando o dinheiro. Depois de uma ou duas semanas, o senhor Cheeseman planejou um novo sistema de reserva, com qual podia dizer quantos livros haviam sido retirados e comparar esse número com a receita do dia. Mas ainda estava, refletiu ele, sob o poder de Gordon entregar livros e não fazer nenhum registro deles; e assim a possibilidade de seu assistente estar enganando-o em seis pences ou até um xelim por dia continuou a incomodá-lo, como a ervilha embaixo do colchão da princesa. No entanto, ele não era absolutamente desagradável, em seu jeito sinistro de anão. Quando ia à noite à biblioteca para coletar os lucros do dia, depois de fechar a loja, ficava conversando com Gordon por um tempo e contava às gargalhadas sobre as fraudes particularmente astutas com as quais ele havia trabalhado ultimamente. A partir dessas conversas, Gordon montou a história do senhor Cheeseman. Ele fora criado no comércio de roupas de segunda mão, que era sua vocação espiritual, por assim dizer, e havia herdado a livraria de um tio há três anos. Naquela época, era uma daquelas livrarias horríveis em que não há nem estantes e os livros ficam espalhados em monstruosas cordilheiras empoeiradas, sem

nenhuma tentativa de classificação. Frequentada por colecionadores de livros até certo ponto, porque ocasionalmente havia um livro valioso entre as pilhas de lixo, mas continuou vendendo *thrillers* com capas de papel de segunda mão a dois pences cada, como seu principal negócio. O senhor Cheeseman herdara essa pilha de lixo, com um intenso desgosto, a princípio. Ele detestava livros e não havia percebido que havia dinheiro para ser ganho com eles. Assim, manteve seu brechó funcionando sob os cuidados de um gerente, e pretendia voltar assim que conseguisse uma boa oferta para a livraria. Mas logo ele percebeu que os livros, se devidamente manuseados, valem dinheiro. Assim que fez essa descoberta, desenvolveu uma habilidade surpreendente para o comércio de livros. Em dois anos, havia trabalhado em sua loja até se tornar uma das maiores livrarias de "relíquias" de Londres. Para ele, um livro era tão puramente um artigo de mercadoria quanto um par de calças de segunda mão; Ele nunca havia LIDO um livro na vida, nem conseguia imaginar por que alguém deveria querer fazer isso. Sua atitude para com os colecionadores que se debruçavam com tanto amor sobre suas raras edições era a de uma prostituta sexualmente fria com sua clientela. No entanto, ele parecia saber pelo simples toque se uma obra era valiosa ou não. Sua cabeça era uma mina perfeita de registros de leilões e datas da primeira edição, e ele tinha um faro maravilhoso para uma pechincha. Sua forma favorita de adquirir ações era comprar bibliotecas de pessoas que haviam acabado de morrer, especialmente clérigos. Sempre que um clérigo morria, o senhor Cheeseman estava no local com a prontidão de um abutre. Clérigos, explicou ele a Gordon, muitas vezes têm bibliotecas exímias e deixam viúvas ignorantes. Ele morava na loja, não era casado, é claro, não se divertia e, aparentemente, não tinha amigos. Gordon às vezes se perguntava o que o senhor Cheeseman fazia consigo mesmo à noite, quando não estava bisbilhotando

atrás de pechinchas. Ele teve uma imagem mental do senhor Cheeseman sentado em uma sala com fechadura dupla e venezianas nas janelas, contando as pilhas de meias coroas e maços de notas de uma libra que guardava cuidadosamente em latas de cigarro.

O senhor Cheeseman intimidava Gordon e sempre procurava uma desculpa para diminuir seu salário; no entanto, ele não mostrava ter nenhuma má-intenção em particular com Gordon. Às vezes, à noite, quando ia à biblioteca, tirava do bolso um pacote gorduroso de Batatas Fritas Smith e, estendendo-o, dizia em seu estilo pausado.

– Quer batata?

O pacote estava sempre agarrado com tanta firmeza em sua mão grande que era impossível extrair mais do que duas ou três batatas. Mas essa era sua forma de fazer um gesto amigável.

Quanto ao lugar onde Gordon morava, em Brewer's Yard – paralelo à Lambeth Cut no lado sul, era um albergue imundo. Seu quarto custava oito xelins por semana e ficava logo abaixo do telhado. O teto inclinado – era em formato de cunha – e sua claraboia, eram a coisa mais próxima do proverbial sótão do poeta em que ele já havia morado. Tinha uma grande cama, baixa com o estrado quebrado, com uma colcha de retalhos esfarrapada e lençóis que eram trocados quinzenalmente; uma escrivaninha marcada com anéis de dinastias de bules; uma cadeira de cozinha frágil; uma bacia de estanho para se lavar e; uma boca em um fogareiro por onde saía gás. As tábuas nuas do piso nunca haviam sido manchadas, mas estavam escuras de sujeira. Nas rachaduras do papel de parede rosa moravam uma multidão de insetos; no entanto, era inverno e eles estavam entorpecidos – a menos que você aquecesse demais a sala. Esperava-se que você arrumasse sua própria cama. A

senhora Meakin, dona do albergue, teoricamente “limpava” os quartos diariamente, mas em quatro de cinco dias, ela achava as escadas demais para ela. Quase todos os inquilinos cozinhavam suas próprias refeições miseráveis em seus quartos. Não havia fogão a gás, é claro; apenas aquela boca de gás e, dois lances de escada abaixo, uma grande pia fedorenta que era para uso de todos.

No sótão ao lado do Gordon vivia uma velha alta e bonita, que não era muito boa da cabeça e cujo rosto estava frequentemente tão preto quanto o de um corvo, pela sujeira. Gordon nunca conseguia descobrir de onde vinha a sujeira, parecia pó de carvão. As crianças da vizinhança gritavam “Carvão!” atrás dela enquanto a mulher caminhava pela calçada como se fosse a rainha da tragédia, falando sozinha. No andar de baixo havia uma mulher com um bebê que chorava sem parar; também um jovem casal que costumava ter brigas terríveis e reconciliações absurdas que se ouviam por toda a casa. No andar térreo, um pintor de paredes, sua esposa e cinco filhos viviam desempregados e ocasionalmente faziam um bico. A senhora Meakin morava em alguma toca ou outra, no porão. Gordon gostava da casa. Era tudo tão diferente da pensão da senhora Wisbeach. Não havia decência mesquinha de classe média baixa aqui, nenhum sentimento de ser espionado e desaprovado. Desde que pagasse o aluguel, você poderia fazer quase exatamente o que quisesse; voltar para casa bêbado e subir as escadas engatinhando, trazer mulheres a qualquer hora, passar o dia todo deitado se quisesse. A senhora Meakin não era do tipo que se intrometia, era uma velha criatura desgrenhada e mole como geleia, com a silhueta semelhante a de um pão caseiro. As pessoas diziam que em sua juventude ela não fora melhor do que isso, e provavelmente era verdade, pois tinha um jeito carinhoso com qualquer coisa que aparecesse de calças. No entanto, parecia que alguns traços de respeitabilidade permaneciam em seu

peito. No dia em que Gordon se instalou, ouviu-a bufando e lutando para subir as escadas, evidentemente carregando algum fardo. Ela bateu de leve na porta com o joelho, ou com aquela parte onde o joelho deveria estar, e ele a deixou entrar.

– Bom, aqui está – ela ofegou gentilmente ao entrar com os braços cheios. – Eu sabia que você gostaria dela. Gosto que todos os meus hóspedes se sintam confortáveis. Deixe-me colocá-la sobre a mesa para você. Veja! O quarto ficou um pouco mais aconchegante agora, não é?

Era uma aspidistra. Gordon sentiu uma pontada de dor ao vê-la. Mesmo aqui, neste último refúgio! Você me encontrou, ó minha inimiga? Mas era um espécime pobre, com ervas daninhas – na verdade, estava obviamente morrendo.

Neste lugar, ele poderia ter sido feliz se as pessoas o deixassem em paz. Era um lugar onde você PODERIA ser feliz, de um jeito desleixado. Passar seus dias em um trabalho mecânico sem sentido, trabalho que poderia ser considerado como uma espécie de coma; voltar para casa e acender o fogo quando tivesse carvão – havia sacos de seis pences na mercearia – e aquecer o sótão abafado; sentar-se à mesa para fazer uma refeição sórdida com *bacon*, pão com margarina e chá, cozinhados a gás; deitar-se na cama desarrumada, lendo um *thriller* ou fazendo Palavras-Cruzadas na revista *Tit Bits* até de madrugada; era o tipo de vida que ele queria. Todos os seus hábitos se deterioraram rapidamente. Atualmente, Gordon nunca se barbeava mais de três vezes por semana, e só lavava as partes que apareciam. Havia bons locais de banhos públicos nas proximidades, mas ele os frequentava uma vez por mês. Também nunca arrumava a cama direito, apenas afastava os lençóis e nunca lavava suas poucas louças até que todas tivessem sido usadas duas vezes. Havia uma camada de poeira em tudo. No fogareiro havia sempre uma frigideira gordurosa e alguns pratos cobertos com os restos de ovos fritos. Uma

noite, os insetos saíram de uma das rachaduras e marcharam pelo teto de dois em dois. Gordon estava deitado na cama, com as mãos sob a cabeça, observando-os com interesse. Sem arrependimento, quase intencionalmente, ele estava se deixando destruir. No fundo de todos os seus sentimentos, havia um mau humor *a je m'en fous* com a face do mundo. A vida o havia vencido; mas você ainda pode vencer a vida virando o rosto. Melhor afundar do que subir. Desça, desça para o reino dos fantasmas, o mundo sombrio onde não existe vergonha, esforço, decência!

Afundar! Como deve ser fácil, visto que há tão poucos concorrentes! Mas o estranho é que muitas vezes é mais difícil afundar do que subir. Sempre há algo que nos leva para cima. Afinal, nunca se está sozinho; sempre há amigos, amantes, parentes. Todos os que Gordon conhecia pareciam estar escrevendo cartas para ele, com pena ou intimidação. A tia Angela escrevera, o tio Walter escrevera, Rosemary escrevera infinitas cartas, Ravelston escrevera, Julia escrevera. Até Flaxman mandou uma linha para lhe desejar boa sorte. A esposa de Flaxman o perdoou e ele estava de volta a Peckham, com um êxtase aspidistral. Gordon odiava receber cartas hoje em dia. Elas eram um elo com aquele outro mundo do qual ele estava tentando escapar.

Até Ravelston se voltou contra ele. Isso foi depois de visitar Gordon em seu novo alojamento. Até a visita, ele não tinha percebido em que tipo de bairro Gordon estava morando. Quando seu táxi parou na esquina, na Waterloo Road, uma horda de meninos esfarrapados de cabelos escuros apareceu do nada, para lutar por esmola em volta da porta do táxi como peixes por uma isca. Três deles se agarraram à maçaneta e abriram a porta simultaneamente. Seus rostinhos servis e sujos, loucos de esperança, fizeram-no sentir-se mal. Ele jogou algumas moedas entre eles e fugiu pelo beco sem olhar para

trás. As calçadas estreitas estavam sujas com uma surpreendente quantidade de excrementos de cachorro, visto que não havia cães à vista. Lá embaixo, no porão, a senhora Meakin estava fervendo um hadoque, e dava para sentir o cheiro de peixe do meio da escada. No sótão, Ravelston estava sentado na cadeira bamba, com o teto inclinado logo atrás de sua cabeça. O fogo estava apagado e não havia iluminação, exceto quatro velas derretendo em um pires ao lado da aspidistra. Gordon estava deitado na cama esfarrapada, totalmente vestido, mas sem sapatos. Mal se mexeu quando Ravelston entrou. Ele apenas ficou lá, deitado de costas, às vezes sorrindo um pouco, como se houvesse alguma piada particular entre ele e o teto. Seu quarto desenvolvera o cheiro adocicado e abafado de quartos que foram habitados por muito tempo e nunca foram limpos. Havia panelas sujas jogadas no fogareiro.

– Você gostaria de uma xícara de chá? – ofereceu Gordon, impassível.

– Não, muito obrigado… Não – respondeu Ravelston, um pouco apressado.

Ele tinha visto a repulsiva pia comum no andar de baixo e as xícaras sujas de algo marrom sobre o fogareiro. Gordon sabia muito bem por que Ravelston recusou o chá. Toda a atmosfera daquele lugar deixou seu amigo em uma espécie de choque. Aquele cheiro horrível que misturava lixo e hadoque nas escadas! Ele olhou para Gordon, deitado na cama esfarrapada. E, caramba, Gordon era um cavalheiro! Em outra ocasião, teria repudiado esse pensamento; mas naquela atmosfera a fraude piedosa era impossível. Todos os instintos de classe que ele acreditava não possuir se revoltaram. Era terrível pensar em alguém com inteligência e requinte morando em um lugar como aquele. Ele queria dizer a Gordon para sair dessa, se recompor, ganhar uma renda decente e viver como um

cavalheiro. Mas é claro que ele não disse isso. Você não pode dizer essas coisas. Gordon estava ciente do que se passava na cabeça de Ravelston. Isso o divertiu, na verdade. Ele não sentia gratidão por Ravelston por vir aqui vê-lo; por outro lado, ele não tinha vergonha do que o cercava, como antes. Havia uma leve malícia divertida na maneira como falava.

– Você acha que eu sou uma farsa, é claro – ele comentou, olhando para o teto.

– Não, eu não. Por que eu acharia?

– Sim, você acha. Você acha que sou uma farsa por ficar neste lugar imundo em vez de conseguir um emprego adequado. Você acha que devo tentar conseguir aquele emprego na New Albion.

– Não, pare com isso! Nunca pensei isso. Eu entendo sua questão, com certeza. Eu te disse isso antes. Acho que você está perfeitamente certo quanto aos seus princípios.

– E você acha que os princípios estão certos, desde que não sejam postos em prática.

– Não. Mas a questão sempre é: quando alguém os COLOCA em prática?

– É muito simples. Eu declarei guerra ao dinheiro. É para onde isso me levou.

Ravelston esfregou o nariz e depois se mexeu inquieto na cadeira.

– O erro que você comete e não vê é pensar que se pode viver em uma sociedade corrupta sem ser corrupto. Afinal, o que você consegue ao se recusar a ganhar dinheiro? Você está tentando se comportar como se alguém conseguisse ficar fora de nosso sistema econômico. Mas ninguém consegue. É preciso mudar o sistema como um todo, ou não mudamos nada. Se todo mundo se esconder em seu buraco, o sistema

jamais será mudado.

Gordon espantou uma mosca com o pé.

– Claro que eu moro em um buraco, eu reconheço

– Não foi isso que eu quis dizer – disse Ravelston, angustiado.

– Mas vamos encarar os fatos. Você acha que eu deveria estar procurando um "BOM emprego", não é?

– Depende do emprego. Acho que você está certo em não se vender para essa agência de publicidade. Mas parece uma pena você continuar naquele emprego miserável em que está agora. Afinal, você tem seus talentos. Você deveria usá-los de alguma forma.

– Só tenho meus poemas – disse Gordon, sorrindo de sua piada particular.

Ravelston parecia envergonhado. Essa observação o silenciou. Claro, havia os poemas de Gordon. Havia o *Prazeres de Londres*, por exemplo. Ravelston sabia, e Gordon sabia, e cada um sabia que o outro sabia, que o *Prazeres de Londres* nunca seria finalizado. Provavelmente, Gordon nunca mais escreveria uma linha de poesia; pelo menos não enquanto ele permanecesse neste lugar vil, nesse trabalho tosco e com esse humor derrotado. Ele estava farto de tudo isso, mas não poderia revelar ao amigo, ainda. Continuava a fingir que Gordon era um poeta esforçado – o convencional poeta no sótão.

Não demorou muito para que Ravelston se levantasse para partir. Aquele lugar fedorento o oprimia, e era cada vez mais óbvio que Gordon não o queria ali. Ele se moveu hesitante em direção à porta, calçando as luvas, depois voltou, tirando a luva esquerda e batendo com ela na perna.

– Olhe aqui, Gordon, você não se importará que eu diga

isso… Este lugar é nojento, você sabe. Esta casa, esta rua – tudo.

– Eu sei. É um chiqueiro. Combina comigo.

– Mas você realmente TEM que viver em um lugar como este?

– Meu caro, você sabe quanto é meu salário? Trinta xelins por semana.

– Sim! Mas certamente existem lugares melhores! Quanto você gasta com o aluguel?

– Oito xelins.

– Oito xelins? Você poderia conseguir um quarto sem mobília bastante decente com isso. Algo um pouco melhor do que aqui, de qualquer maneira. Veja bem, por que você não pega um lugar sem mobília e me deixa te emprestar dez libras para comprar móveis?

– Emprestar-me "dez libras"! Afinal, você já não me "emprestou" o suficiente? DAR-ME dez libras, você quer dizer.

Ravelston olhou infeliz para a parede. Droga, que coisa para se dizer!

– Tudo bem, se você quiser colocar dessa maneira: te DAR dez libras – ele disse categoricamente.

– Mas acontece que não quero.

– Que inferno! Você também poderia arrumar um lugar decente para morar.

– Mas não quero um lugar decente. Eu quero um lugar indecente. Este, por exemplo.

– Mas por quê? Por quê?

– É o adequado para minha posição – disse Gordon, virando

o rosto para a parede.

Poucos dias depois, Ravelston escreveu-lhe uma espécie de carta longa e tímida, reiterando a maior parte do que ele disse na conversa. O efeito geral foi que Ravelston entendeu inteiramente a situação de Gordon e que havia muita verdade no que Gordon dissera. Gordon estava absolutamente certo em princípio, mas… Era o óbvio, o inevitável "mas". Gordon não respondeu. Vários meses se passaram antes que ele visse Ravelston novamente. Ravelston fez várias tentativas para entrar em contato. Era um fato curioso e vergonhoso do ponto de vista socialista, que o pensamento de Gordon – que tinha cérebro e era de uma família tradicional – espreitando naquele lugar vil e naquele trabalho quase servil o preocupasse mais do que os dez mil desempregados em Middlesbrough. Várias vezes, na esperança de animar Gordon, ele escreveu pedindo-lhe que enviasse contribuições à *Antichrist*. Gordon nunca respondeu. A amizade estava acabando, parecia-lhe. Os maus tempos em que ele morou em Ravelston estragaram tudo, afinal a caridade mata a amizade.

E então havia Julia e Rosemary. Ambas diferiam de Ravelston nisso, pois não eram comedidas ao falar o que pensavam. Não disseram eufemisticamente que Gordon estava "certo em seus princípios"; elas sabiam que recusar um "bom trabalho" nunca pode ser o certo. Repetidamente, elas imploraram que ele voltasse para a New Albion. O pior era que as duas o perseguiam juntas. Antes de todo o ocorrido, elas nunca haviam se encontrado, mas agora Rosemary tinha conhecido Julia de alguma forma. Elas formaram uma liga feminina contra ele. Costumavam a se reunir e conversar sobre a maneira "enlouquecedora" como Gordon estava se comportando. Era a única coisa que tinham em comum, sua raiva feminina contra seu comportamento "enlouquecedor". Simultaneamente e uma após a outa, por carta e ao

conversarem, elas o atormentavam. Era insuportável.

Graças a Deus, nenhuma das duas tinha visto seu quarto na casa da senhora Meakin ainda. Rosemary poderia até suportar, mas a visão daquele sótão imundo teria sido quase a morte de Julia. Rosemary passou várias vezes na biblioteca para vê-lo; Julia foi apenas uma vez, quando pôde inventar um pretexto para fugir da casa de chá. Mesmo isso já era ruim o suficiente. Ficaram consternadas ao ver como a biblioteca era um lugar desagradável e triste. O trabalho na McKechnie, embora mal pago, não era o tipo de trabalho do qual você realmente precisa se envergonhar. Ele colocou Gordon em contato com pessoas cultas; ao mostrar que ele mesmo era um "escritor", poderia concebivelmente "levá-lo a algo". Mas aqui, em uma rua que era quase uma favela, servindo lixo de capa amarela a trinta libras por semana – que esperança havia em um trabalho como aquele? Era apenas um trabalho de fachada, um trabalho tosco. Noite após noite, subindo e descendo a lúgubre rua enevoada depois que a biblioteca era fechada, Gordon e Rosemary discutiram a respeito. Ela falava e falava em sua cabeça. Ele voltaria para a New Albion? POR QUE não voltaria para New Albion? Ele sempre respondia a ela que a New Albion não o aceitaria de volta. Afinal, ele não se candidatou ao emprego e não havia como saber se conseguiria; assim, preferia manter essa possibilidade como incerta. Agora havia algo nele que a desanimava e assustava. Gordon parecia ter mudado e se deteriorado tão repentinamente. Rosemary previu, embora não falasse com ela sobre isso, sobre o desejo dele de escapar de todo esforço e de toda decência, de enfim se deixar afundar na lama. Não era apenas por causa do dinheiro, mas era da própria vida que ele estava se afastando. Eles não discutiam agora como discutiam nos velhos tempos, antes de Gordon perder o emprego. Naquela época, ela não prestava muita atenção às suas teorias absurdas. Suas investidas contra a moralidade do dinheiro haviam sido uma espécie de piada

entre eles. E mal parecia importar que o tempo estava passando e que a chance de Gordon ganhar uma vida decente era infinitamente remota. Ela ainda pensava em si mesma como uma jovem e o futuro poderia reservar infinitas possibilidades. Ela o viu fugir por dois anos de sua vida – dois anos da vida DELA, para falar a verdade; mas, naquela época, parecia mesquinho intervir.

Mas agora ela estava ficando assustada, pois a carruagem alada do tempo estava se aproximando. Quando Gordon perdeu o emprego, ela percebeu de repente, com a sensação de ter feito uma descoberta surpreendente, que afinal ela não era mais muito jovem. O trigésimo aniversário de Gordon havia passado; o dela não estava muito distante. E o que os esperava? Gordon estava afundando sem esforço no fracasso cinza e mortal. Ele parecia QUERER afundar. Que esperança ainda restava de que um dia eles pudessem se casar? Gordon sabia que sua namorada estava certa. A situação era impossível. E então, o pensamento não comunicado cresceu gradualmente em suas mentes, eles teriam que se separar para sempre.

Uma noite, combinaram de se encontrar sob os arcos da ferrovia. Era uma noite horrível de janeiro; pela primeira vez não havia névoa, apenas um vento vil que varria poeira e pedaços de papel em seu rosto. Ele esperou por ela, uma pequena figura desleixada, maltrapilha, quase esfarrapada, com seu cabelo soprado pelo vento. A moça foi pontual, como sempre. Correu em sua direção, puxou seu rosto e beijou sua bochecha fria.

– Gordon, querido, como você está gelado! Por que saiu sem casaco?

– Meu sobretudo está penhorado. Achei que você soubesse.

– Ah, céus! Sei.

Ela olhou para ele, com uma pequena carranca entre as sobrancelhas pretas. Gordon parecia tão abatido, tão desanimado, ali no passadouro mal iluminado sombreando seu rosto. Entrelaçou seu braço no dele e puxou-o para a luz.

– Vamos continuar caminhando. Está muito frio para ficar parado. Tenho uma coisa séria que quero dizer a você.

– O quê?

– Imagino que você ficará com muita raiva de mim.

– O que é?

– Esta tarde fui ver o senhor Erskine. Pedi licença para falar com ele por alguns minutos.

Gordon sabia onde aquela conversa levaria. Ele tentou se libertar do braço do dela, mas foi segurado.

– E então? – questionou amuado.

– Falei com ele sobre você. Perguntei se ele aceitaria você de volta. Claro que ele disse que os negócios estavam indo mal e que eles não podiam se dar ao luxo de contratar novos funcionários e tudo mais. Mas eu o lembrei do que ele te disse, e ele respondeu que sim, sempre te achou muito promissor. E no final ele disse que estaria pronto para encontrar uma vaga para você, se você voltasse. Então, como você vê, eu estava certa. Eles vão lhe dar o emprego.

Gordon não respondeu. Rosemary apertou seu braço.

– AGORA, o que você acha disso?

– Você sabe o que eu acho – respondeu ele com frieza.

Secretamente, ele estava alarmado e com raiva. Era isso o que temia, nunca havia duvidado de que ela falaria com seu antigo chefe mais cedo ou mais tarde. Isso tornou a questão mais definida e, sua própria culpa mais evidente. Ele se curvou, com as mãos ainda nos bolsos do casaco, deixando-a

agarrar-se a seu braço, mas sem olhá-la.

– Está bravo comigo? – perguntou ela.

– Não, não estou. Mas não entendo por que você fez isso… pelas minhas costas.

Isso a feriu. Rosemary teve que implorar muito antes de conseguir extorquir aquela promessa do senhor Erskine. E também precisou de toda a sua coragem para enfrentar o diretor administrativo em sua própria toca. Ela sentiu um medo mortal de ser despedida por conta disso. Mas não diria nada disso a Gordon.

– Não acho que você deva dizer que foi PELAS SUAS COSTAS. Afinal, eu só estava tentando ajudar.

– Como conseguir a oferta para um emprego, que eu não aceitaria nem sob pontapés, pode ser considerado uma ajuda?

– Quer dizer mesmo que você não vai voltar agora?

– Nunca.

– Por quê?

– VAI COMEÇAR de novo? – ele exclamou cansado.

A jovem apertou seu braço com toda a sua força e o puxou, fazendo-o encará-la. Havia uma espécie de desespero na maneira como ela se agarrou a ele. Ela fez seu último esforço e falhou. Era como se pudesse senti-lo recuar, desaparecendo como um fantasma.

– Você vai partir o meu coração se continuar assim – desabafou.

– Queria que você não se preocupasse comigo. Seria muito mais simples se você não o fizesse.

– Mas por que você tem que jogar sua vida fora?

– Já te disse que não posso evitar. Eu tenho que me ater às

minhas armas.

– Você sabe o que isso significa, não sabe?

Com um calafrio no coração e, no entanto, um sentimento de resignação, até mesmo de alívio, ele a respondeu.

– Significa que teremos que nos separar… Que não podemos nos ver mais?

Caminharam até emergir na Westminster Bridge Road. O vento os encontrou com um silvo, formando uma nuvem de poeira que os fez abaixar a cabeça. O casal parou novamente. O pequeno rosto de Rosemary estava cheio de rugas, e o vento frio e a luz fria da lamparina não o melhoravam.

– Você quer se livrar de mim – constatou Gordon.

– Não. Não. Não é exatamente isso.

– Mas você acha que devemos nos separar.

– Como podemos continuar assim? – ela disse desolada.

– É difícil, admito.

– É tudo tão triste, tão desesperador! A que isso pode levar?

– Então, você não me ama, afinal? – ele perguntou.

– Eu amo, eu amo! Você sabe que eu amo.

– De certa forma, talvez. Mas não o suficiente para continuar me amando quando tenho certeza de que nunca terei dinheiro para sustentá-la. Você me terá como marido, mas não como amante. Ainda é uma questão financeira, sabe?

– NÃO é dinheiro, Gordon! Não é isso.

– Sim, é apenas dinheiro. O dinheiro esteve entre nós desde o início. Dinheiro, sempre dinheiro!

A briga continuou, mas não por muito mais tempo. Os dois tremiam de frio. Não há emoção que importe muito quando

alguém está parado em uma esquina sob um vento cortante. Quando por fim se separaram, foi com uma despedida irrevogável. Ela simplesmente disse:

– Preciso voltar – beijou-o e atravessou a rua correndo até o ponto do bonde. Principalmente com alívio, ele a observou partir. Agora já não conseguia mais parar de se perguntar se a amava. Ele simplesmente queria fugir – para longe da rua fria, longe das brigas e demandas emocionais, de volta à solidão desmazelada de seu sótão. Se havia lágrimas em seus olhos, era apenas por causa do vento frio.

Com Julia foi quase pior. Ela pediu para ele ir vê-la uma noite. Isso foi depois de ela ter ouvido, de Rosemary, sobre a oferta de emprego do senhor Erksine. O terrível de lidar com Julia era que ela não compreendia nada, absolutamente nada, dos motivos dele. Tudo o que ela entendeu foi que um "bom" emprego foi oferecido a ele e que foi recusado. Sua irmã implorou quase de joelhos para que ele não jogasse essa chance fora. E quando ele disse a ela que já estava decidido, ela chorou, chorou de verdade. Isso foi terrível. A pobre mulher parecida com um ganso, com mechas grisalhas no cabelo, chorando sem graça ou dignidade em seu quarto e sala mobiliado com peças de segunda mão! Essa foi a morte de todas as suas esperanças. Ela tinha visto a família cair cada vez mais, sem dinheiro e sem filhos, na obscuridade cinzenta. Só Gordon tinha condições de ter sucesso; e ele, por louca perversidade, não queria. Ele sabia o que ela estava pensando, por isso teve que induzir em si mesmo uma espécie de brutalidade para permanecer firme. Era apenas por causa de Rosemary e Julia que ele se importava. Ravelston não importava, porque Ravelston entendia. Tia Angela e tio Walter, é claro, baliam fracamente para ele em cartas longas e idiotas, que ele desconsiderou.

Em desespero, Julia perguntou ao irmão o que ele pretendia

FAZER, agora que havia jogado fora sua última chance de sucesso na vida. Ele respondeu simplesmente.

– Meus poemas. Inclusive, havia dito o mesmo para Rosemary e Ravelston. Com Ravelston, a resposta foi suficiente. Rosemary não acreditava mais em seus poemas, mas ela não quis assumir. Quanto a Julia, seus poemas nunca, em nenhum momento, significaram nada para ela. "Não vejo muito sentido em escrever se você não pode ganhar dinheiro com isso", era o que ela sempre dizia. E ele mesmo não acreditava mais em seus poemas. Mas ele ainda lutou para "escrever", pelo menos às vezes. Logo depois de mudar de alojamento, Gordon passou a limpo as partes completas do *Prazeres de Londres* – não deram exatamente quatrocentos versos, ele descobriu. Até mesmo o trabalho de copiá-lo foi uma chatice mortal. No entanto, ainda trabalhava nele ocasionalmente; cortar um verso aqui, alterar outro ali, sem fazer, ou mesmo esperar fazer, qualquer progresso. Em pouco tempo, as páginas estavam como antes, um labirinto rabiscado e sujo de palavras. Ele costumava carregar o maço de manuscritos encardidos no bolso. Esse sentimento ali o sustentou um pouco; afinal, era uma espécie de conquista demonstrável a si mesmo, embora a mais ninguém. Lá estava ele, produto único de dois anos – de mil horas de trabalho, talvez. Gordon não tinha mais sentimentos sobre o poema. Todo o conceito de poesia não tinha mais sentido. Acontece que, se o *Prazeres de Londres* algum dia acabasse, seria algo arrancado do destino, algo criado FORA do mundo do dinheiro. Mas ele sabia, com muito mais clareza do que antes, que nunca seria concluído. Como era possível que algum impulso criativo permanecesse para ele, na vida que estava vivendo agora? Com o passar do tempo, até mesmo o desejo de terminar o *Prazeres de Londres* desapareceu. Ele ainda carregava o manuscrito no bolso; mas foi apenas um gesto, um símbolo de sua guerra particular. Havia largado para sempre

com aquele sonho fútil de ser um “escritor”. Afinal, não era também uma espécie de ambição? Ele queria fugir de tudo isso, ir para BAIXO de tudo isso. Para baixo, para baixo! Para o reino dos fantasmas, fora do alcance da esperança, fora do alcance do medo! Debaixo da terra, debaixo da terra! Era onde ele desejava estar.

No entanto, de certa forma, não era tão fácil. Certa noite, por volta das nove, ele estava deitado em sua cama, com a manta esfarrapada sobre os pés e as mãos sob a cabeça para manter-se aquecido. O fogo estava apagado. Havia muita poeira em tudo. A aspidistra morrera há uma semana e murchava em pé no vaso. Ele tirou um pé descalço de debaixo da colcha, ergueu-o e o olhou. Sua meia estava cheia de buracos – havia mais buracos do que meia. Então, aqui estava ele, Gordon Comstock, em um sótão de cortiço em uma cama esfarrapada, com os pés para fora das meias, com um xelim e quatro pences no mundo, com três décadas em seu passado e nada, nada realizado! Certamente, AGORA ele havia passado da redenção, não é? Certamente, por mais que tentassem, eles não poderiam tirá-lo de um buraco como este, poderiam? Ele queria alcançar a lama – bem, isso já não era estar na lama?

No entanto, ele sabia que não era assim. Esse outro mundo, o mundo do dinheiro e do sucesso, está sempre tão estranhamente próximo. Você não pode escapar apenas refugiando-se na sujeira e na miséria. Ele ficou assustado, além de zangado, quando Rosemary lhe contou sobre a oferta do senhor Erskine. Isso trazia o perigo para tão perto dele. Uma carta, uma mensagem telefônica e, dessa miséria ele poderia voltar direto para o mundo do dinheiro – voltar para as quatro libras por semana, ao esforço, à decência e à escravidão. Ir para o inferno não é tão fácil quanto parece. Às vezes, sua salvação te caça como o Cão do Paraíso.

Por um tempo, ele ficou em um estado quase inconsciente,

olhando para o teto. A absoluta futilidade de apenas ficar deitado ali, sujo e frio, confortou-o um pouco. Mas logo foi despertado por uma leve batida na porta, e não se mexeu. Provavelmente era a senhora Meakin, embora não soasse como sua batida.

– Entre – disse ele.

A porta se abriu. Era Rosemary.

Ela entrou, e então parou quando o cheiro adocicado da poeira a atingiu. Mesmo à luz fraca do lampião, ela podia ver o estado de sujeira em que se encontrava o quarto – os restos de comida e papéis sobre a mesa, a lareira cheia de cinzas frias, as panelas nojentas no fogareiro, a aspidistra morta. Ao se aproximar lentamente da cama, ela tirou o chapéu e jogou-o na cadeira.

– QUE lugar para você morar! – ela disse.

– Então, você voltou? – perguntou Gordon.

– Voltei.

Ele se afastou um pouco dela, com o braço sobre o rosto.

– Voltou para me dar mais lições de moral, suponho?

– Não.

– Então, por quê?

– Porque…

Ela se ajoelhou ao lado da cama. Afastou o braço dele, inclinou o rosto para beijá-lo, depois recuou, surpresa, e começou a acariciar o cabelo da têmpora de Gordon com a ponta dos dedos.

– Ah, Gordon!

– O quê?

– Você está com cabelos grisalhos!

– Estou? Onde?

– Aqui, na têmpora. Tem uma pequena mecha grisalha. Deve ter nascido há pouco tempo.

– “Meus cachos dourados, o tempo transformou em prata”, recitou ele com indiferença.

– Então, nós dois estamos ficando grisalhos.

A moça abaixou a cabeça para mostrar a ele os três fios de cabelo brancos no topo da cabeça. Então, se contorceu na cama ao seu lado; colocou um braço sob ele e o puxou para si, cobrindo seu rosto com beijos. Ele a deixou fazer isso. Não queria que isso acontecesse – era justamente o que menos queria naquele momento. Mas ela se contorceu embaixo dele; eles estavam peito a peito. Seu corpo parecia derreter no dele. Pela expressão de seu rosto, ele sabia o que a trouxe aqui. Afinal, ela era virgem, e não sabia o que estava fazendo. Foi misericórdia, misericórdia pura que a moveu. A desolação dele a atraiu de volta para o homem. Simplesmente porque estava sem um tostão e era um fracasso, Rosemary teria que ceder a ele, mesmo que fosse apenas uma vez.

– Tive que voltar – disse ela.

– Por quê?

– Não suportava pensar em você aqui sozinho. Pareceu tão horrível deixá-lo assim.

– Você fez muito bem em me deixar. Seria muito melhor você não ter voltado. Você sabe que nunca poderemos nos casar.

– Não me importo. Não é assim que alguém se comporta com as pessoas que ama. Eu não me importo se você se casar comigo ou não. Eu te amo.

– Isso não é inteligente – disse ele.

– Não me importo. Eu gostaria de ter feito isso anos atrás.

– Seria muito melhor que não tivesse feito.

– Sim.

– Não.

– Sim!

Afinal, ela era demais para ele. Ele a desejava há tanto tempo e não conseguia parar para pensar nas consequências. Por fim, foi feito, sem muito prazer, na cama suja da senhora Meakin. Logo Rosemary se levantou e arrumou suas roupas. O quarto, embora abafado, estava terrivelmente frio. Os dois estavam tremendo um pouco. Ela puxou a colcha ainda mais sobre Gordon, e ele ficou deitado sem se mexer, de costas para ela, o rosto escondido contra o braço. Rosemary se ajoelhou ao lado da cama, pegou a outra mão de seu amado e a colocou por um momento contra sua bochecha. Ele mal a notou. Então, a moça fechou a porta silenciosamente e desceu as escadas vazias e malcheirosas na ponta dos pés. Sentia-se desanimada, decepcionada e com muito frio.



CAPÍTULO 11

Primavera, primavera! A estação entre março e abril, quando os ramos começam a germinar! Quando os bosques se iluminam, os campos e as folhas crescem vigorosos e para além do horizonte. Quando a matilha da primavera está no encalço do inverno. Na primavera, a única época bela, os pássaros cantam, piam e assobiam, cuco e piu-piu! E assim por diante. Leia quase qualquer poeta entre a Idade do Bronze e 1805.

Mas que absurdo que mesmo agora, na era do aquecimento central e dos pêssegos em lata, mil dos que são chamados poetas continuem escrevendo no mesmo tom! Que diferença faz a primavera, o inverno ou qualquer outra época do ano para o cidadão civilizado e comum, hoje em dia? Em uma cidade como Londres, a mudança sazonal mais marcante, além da mera mudança de temperatura, está nas coisas que você vê caídas na calçada. No final do inverno, são principalmente folhas de repolho. Em julho você pisa em caroços de cereja, em novembro em fogos de artifício queimados. Perto do Natal, a casca da laranja fica mais espessa. Era uma questão diferente na Idade Média. Fazia sentido escrever poemas sobre a primavera, quando a primavera significava carne fresca e vegetais verdes, depois de meses mofando em alguma cabana sem janelas com uma dieta de peixe salgado e pão embolorado.

Se era primavera, Gordon não percebeu. Março em Lambeth não o lembrava de Perséfone. Os dias ficaram mais longos, havia ventos empoeirados horríveis e, às vezes, manchas de azul-marinho apareciam no céu. Provavelmente havia alguns botões fuliginosos nas árvores, se você quisesse procurá-los. A aspidistra, descobriu-se, afinal não morrera; as folhas secas haviam caído, mas alguns brotos verdes e opacos estavam nascendo perto de sua base.

Gordon já estava no mesmo emprego há três meses, a rotina estúpida e desleixada não o irritou. A biblioteca havia aumentado sua coleção em mil "títulos variados" e estava dando ao senhor Cheeseman um lucro claro de uma libra por semana, então ele estava feliz à sua maneira. Ele estava, no entanto, nutrindo um rancor secreto contra Gordon. Gordon fora vendido a ele, por assim dizer, como um bêbado. Ele esperava que Gordon ficasse bêbado e faltasse um dia de trabalho pelo menos uma vez, dando assim um pretexto suficiente para reduzir seu salário; mas Gordon não conseguiu mais ficar bêbado. Curiosamente, nessa época ele não tinha o impulso de beber. Teria recusado uma caneca de cerveja, mesmo se pudesse pagar. O chá parecia um veneno melhor. Todos os seus desejos e descontentamentos diminuíram. Ele estava melhor com trinta libras por semana do que antes, com duas libras. Seu salário cobria – sem sobrar muito – seu aluguel, cigarros, a conta da lavanderia de cerca de um xelim por semana, um pouco de gás e suas refeições, que consistiam quase inteiramente de *bacon*, pão com margarina e chá, e custava cerca de dois contos por dia, gás incluído. Às vezes, ele até gastava seis pences em um assento em um cinema barato, mas péssimo, perto da Westminster Bridge Road. Ele ainda carregava o manuscrito sujo do *Prazeres de Londres* de um lado para outro no bolso, mas era por mera força do hábito, afinal, havia abandonado até mesmo a pretensão de trabalhar. Todas as suas noites foram passadas da mesma forma. Lá no

sótão remoto e desleixado, perto do fogo se houvesse carvão, na cama se não, com uma xícara e cigarros à mão, lendo, sempre lendo. Ele não lia nada hoje em dia, exceto dois jornais semanais. *Pet Bits*, *Answers*, *Peg's Paper*, *The Gem*, *The Magnet*, *Home Notes*, *The Girl's Own Paper* – eram todos iguais. Ele costumava pegar uma dúzia de cada vez na loja. O senhor Cheeseman tinha grandes pilhas empoeiradas deles, sobras da época de seu tio, usadas agora como papel de embrulho. Alguns deles tinham até 20 anos.

Ele não via Rosemary havia semanas. Ela escrevera várias vezes e então, por algum motivo, parou abruptamente de escrever. Ravelston escreveu uma vez, pedindo-lhe que contribuísse com um artigo sobre duas bibliotecas públicas para a *Antichrist*. Julia havia enviado uma cartinha desolada, dando notícias da família. Tia Angela tinha pegado um resfriado forte durante todo o inverno, e tio Walter estava reclamando de problemas de bexiga. Gordon não respondeu a nenhuma de suas cartas. Ele teria esquecido a existência delas se pudesse. Seus conhecidos e sua afeição eram apenas um estorvo. Não estaria livre, livre para afundar na lama terminal, até que cortasse seus laços com todos eles, até mesmo com Rosemary.

Uma tarde, ele estava escolhendo um livro para uma garota de cabelos curtos que trabalhava em uma fábrica, quando alguém que ele só viu com o canto do olho entrou na biblioteca e hesitou logo após a porta.

– Que tipo de livro você quer? – ele perguntou à garota da fábrica.

– Ah, uma espécie de história de amor, por favor.

Gordon selecionou uma história de amor. Quando ele se virou, seu coração bateu violentamente. A pessoa que acabara de entrar era Rosemary. Ela não fez nenhum sinal, mas ficou

esperando, pálida e preocupada, com algo sinistro em sua aparência.

Ele se sentou para inserir o livro no cartão de associada da garota, mas suas mãos começaram a tremer tanto que ele mal conseguia fazer isso. Gordon pressionou o carimbo no lugar errado e a garota se foi – espiando o livro enquanto avançava. Rosemary estava observando o rosto de Gordon. Já fazia muito tempo que ela não o via à luz do dia, e ficou impressionada com a sua mudança. Ele estava maltrapilho a ponto de ficar esfarrapado, seu rosto tinha ficado muito mais magro e tinha a palidez suja e acinzentada de quem vive de pão e margarina. Parecia muito mais velho – 35 anos, no mínimo. Mas a própria Rosemary não parecia tão normal. Ela havia perdido seu porte alegre e suas roupas pareciam ter sido vestidas com pressa. Era óbvio que algo estava errado.

Ele fechou a porta atrás da garota da fábrica.

– Não estava esperando você – começou ele.

– Eu tive que vir. Saí do escritório na hora do almoço. Eu disse a eles que estava doente.

– Você não parece bem. Venha aqui, é melhor você se sentar.

Havia apenas uma cadeira na biblioteca. Ele a tirou de trás da mesa e se aproximou dela vagamente, para oferecer algum tipo de carinho. Rosemary não se sentou, mas pousou a sua mão delicada, da qual tirara a luva, no encosto da cadeira. Pela pressão de seus dedos, ele podia ver o quanto ela estava agitada.

– Gordon, tenho uma coisa horrível para lhe contar. Afinal, aconteceu.

– O que aconteceu?

– Vou ter um bebê.

– Um bebê? Ai, meu Deus!

Gordon parou bruscamente. Por um momento, ele sentiu como se alguém o tivesse golpeado com violência sob as costelas. Ele fez a pergunta estúpida de sempre.

– Tem certeza?

– Claro. Já se passaram semanas. Se você soubesse o quanto foi difícil! Continuei esperando e desejando… tomei alguns comprimidos… ah, era horrível demais!

– Um bebê! Ai, Deus, que tolos nós fomos! Como se não pudéssemos ter previsto isso!

– Eu sei. Acho que foi minha culpa. Eu…

– Droga! Está vindo alguém.

A campainha da porta tilintou. Uma mulher gorda e sardenta, com um lábio inferior feio, entrou com um andar ondulante e exigiu "algo de crime". Rosemary sentou-se e girava a luva com os dedos. A mulher gorda era exigente. Cada livro que Gordon lhe oferecia, ela recusava, alegando que "já o leu" ou "parecia insosso". A notícia mortal que Rosemary trouxera havia enervado Gordon. Com o coração batendo forte, as entranhas se contraíram, e ele teve de puxar livro após livro e garantir à mulher gorda que era exatamente essa obra que ela procurava. Por fim, depois de quase dez minutos, ele conseguiu enganá-la com algo que ela disse a contragosto que "achava que não tinha lido antes".

Ele se voltou para Rosemary.

– Bem, o que diabos vamos fazer a respeito? – ele disse assim que a porta se fechou.

– Não sei o que posso fazer. Se eu tiver esse bebê, vou perder meu emprego, é claro. Mas não é só com isso que estou preocupada. É com a minha família, se eles descobrirem.

Minha mãe… ai, céus! Simplesmente não vale a pena pensar nisso.

– Ah, sua família! Eu não tinha pensado neles. Sua família! Que íncubos amaldiçoados são todos eles!

– Minha família é boa. Eles sempre foram generosos comigo. Mas é diferente com uma coisa assim.

Ele deu um ou dois passos para cima e para baixo. Embora a notícia o tivesse assustado, ainda não tinha percebido isso. O pensamento de um bebê, seu bebê, crescendo em seu ventre não havia despertado nenhuma emoção, exceto desânimo. Não pensava no bebê como uma criatura viva; foi um desastre puro e simples. E ele já viu onde isso iria levar.

– Teremos de nos casar, suponho – disse Gordon categoricamente.

– Bem, vamos? Foi isso que vim perguntar a você.

– Mas acredito que você queira que eu me case com você, não é?

– Não, a menos que VOCÊ queira. Não vou pressionar você. Sei que se casar é contra suas ideias. Você deve decidir sozinho.

– Mas se você realmente quer ter esse bebê, não temos alternativa.

– Não necessariamente. É o que você precisa decidir. Porque afinal existe uma alternativa.

– Qual alternativa?

– Ah, você sabe. Uma garota do escritório me deu um endereço. Uma amiga dela fez isso por apenas cinco libras.

Aquilo tirou-o da inércia, pela primeira vez ele entendeu, usando de uma sabedoria popular, do que eles estavam realmente falando. As palavras “um bebê” adquiriram um

novo significado. Não significavam mais um mero desastre abstrato, significavam um brotinho de carne, um pedaço de si mesmo, lá embaixo no ventre de sua amada, vivo e crescendo. Seus olhos encontraram os dela. Eles tiveram um estranho momento empático, como nunca antes. Por um momento, ele sentiu que, de alguma forma misteriosa, eram uma só carne. Embora estivessem separados por centímetros, ele sentia como se estivessem unidos – como se algum cordão vivo e invisível se estendesse das entranhas dela às dele. Gordon soube então que era uma coisa terrível aquilo que eles estavam contemplando – uma blasfêmia, se essa palavra tivesse algum significado. No entanto, se tivesse sido colocado de outra forma, ele não teria recuado. Foi o detalhe esquálido das cinco libras que o trouxe para casa.

– Nem pensar! – disse ele. – Aconteça o que acontecer, não vamos fazer ISSO. É nojento.

– Eu sei que é. Mas não posso ter um filho sem estar casada.

– Não! Se essa for a alternativa, eu me casarei com você. Prefiro cortar minha mão direita do que fazer uma coisa dessas.

Ping! Soou a campainha. Dois idiotas feios em ternos baratos azuis brilhantes e uma garota com um ataque de riso entraram. Um dos jovens pediu, com uma espécie de ousadia tímida, por "algo mais quente – algo obsceno". Silenciosamente, Gordon indicou as prateleiras onde os livros da categoria "Sexo" eram guardados. Havia centenas deles na biblioteca. Eles tinham títulos como *Segredos de Paris* e *O homem em que ela confiava*; em suas capas amarelas esfarrapadas havia fotos de garotas seminuas deitadas em divãs com homens de paletó de pé sobre elas. As histórias lá dentro, entretanto, eram dolorosamente inofensivas. Os dois jovens e a garota se agruparam entre eles, rindo das fotos em

suas capas, a garota soltando gritinhos e fingindo estar chocada. Eles enojaram tanto Gordon, que ele lhes deu as costas até que tivessem escolhido seus livros.

Depois que o grupo se foi, ele voltou para a cadeira de Rosemary. Ficou atrás dela segurando seus ombros pequenos e firmes, então deslizou a mão dentro de seu casaco e sentiu o calor de seu seio. Gostou da sensação de força e flexibilidade em seu corpo; ele gostava de pensar que lá embaixo, como uma semente protegida, seu bebê estava crescendo. Ela ergueu a mão e acariciou a mão que estava em seu seio, mas não falou, ainda esperava que ele decidisse.

– Se eu me casar com você, terei de me tornar respeitável – disse ele pensativo.

– Você conseguiria? – ela disse com um toque de sua velha maneira.

– Quero dizer, terei de arranjar um emprego adequado e voltar para a New Albion. Acho que eles me aceitariam de volta.

Ele a sentiu ficar muito quieta e sabia que esperava por isso. No entanto, Rosemary estava determinada a jogar limpo, sem intimidá-lo ou bajulá-lo.

– Nunca disse que queria que você fizesse isso. Eu quero que você se case comigo… sim, por causa do bebê. Mas isso não significa que você precisa me sustentar.

– Não faz sentido nos casarmos se não posso sustentá-la. Suponha que eu me case com você como estou agora… sem dinheiro e sem emprego adequado. O que você faria então?

– Não sei. Eu continuaria trabalhando enquanto pudesse. E depois, quando a gravidez ficasse muito aparente… Bem, suponho que eu teria que ir para casa dos meus pais.

– Isso seria ótimo para você, não é? Mas antes você estava

tão ansiosa para que eu voltasse para a New Albion. Você mudou de ideia?

– Eu pensei sobre as coisas. Eu sei que você odiaria estar amarrado a um trabalho regular. Não culpo você. Você tem sua vida para cuidar.

Ele pensou um pouco mais.

– Tudo se resume a isso. Ou eu me caso com você e volto para a New Albion, ou você vai a um daqueles médicos imundos e se mete em uma confusão por cinco libras.

Com isso, ela se desvencilhou de seu aperto e se levantou de frente para ele. Suas palavras rudes a aborreceram. Eles deixaram a questão mais clara e indecorosa do que antes.

– Ai, por que você disse isso?

– Bem, ESSAS são as alternativas.

– Eu nunca pensei nisso assim. Eu vim aqui para ser justa. E agora parece que eu estou tentando intimidá-lo, tentando brincar com seus sentimentos, ameaçando me livrar do bebê. Uma espécie de chantagem absurda.

– Não foi isso que falei. Eu estava apenas abordando os fatos.

Seu rosto estava cheio de rugas, as sobrancelhas pretas franzidas. Mas ela jurou para si mesma que não faria uma cena. Gordon poderia adivinhar o que isso significava para Rosemary. Ele nunca conheceu sua família, mas podia imaginá-los. Tinha alguma noção do que poderia significar voltar para uma cidade do interior com um filho ilegítimo; ou, o que era quase tão ruim, com um marido que não conseguia sustentá-la. Mas ela jogaria limpo. Sem chantagem! A moça inspirou profundamente, tomando uma decisão.

– Tudo bem, então, não vou deixar isso nos seus ombros. É

muito cruel. Case-se comigo ou não, como quiser. Mas eu vou ter o bebê de qualquer jeito.

– Você faria isso? Mesmo?

– Acho que sim.

Ele a tomou nos braços. Seu casaco se abriu, seu corpo estava quente contra o dele. Ele pensou que seria um canalha se a deixasse ir embora. No entanto, a alternativa era impossível, e ele não a via com menos clareza apenas porque segurava Rosemary nos braços.

– Claro que você gostaria que eu voltasse para a New Albion – disse ele.

– Não, não gostaria. Não se você não quiser.

– Sim, você gostaria. Afinal, é natural. Você quer me ver ganhando uma renda decente novamente. Num BOM trabalho, com quatro libras por semana e uma aspidistra na janela. Não quer? Assuma.

– Tudo bem, então sim, eu gostaria. Mas é apenas algo que eu GOSTARIA de ver acontecendo, não vou OBRIGÁ-LO a isso. Eu odiaria que você fizesse algo que não quisesse. Quero que se sinta livre.

– Real e verdadeiramente livre?

– Sim.

– Sabe o que isso significa? Se eu decidisse abandonar você e o bebê?

– Bem… se você quiser fazer isso, você é livre, totalmente livre.

Depois de um tempo, ela foi embora. Mais tarde, à noite ou amanhã, ele a informaria o que decidiu. É claro que não era absolutamente certo que a New Albion lhe daria um emprego, mesmo que ele pedisse; mas provavelmente sim, considerando

o que o senhor Erskine dissera. Gordon tentou pensar e não conseguiu, pois parecia haver mais clientes do que o normal esta tarde. Toda vez que se sentava, o enlouquecia ter que pular da cadeira e lidar com algum novo influxo de tolos exigindo histórias de crimes, histórias de sexo e romances. De repente, por volta das seis horas, apagou as luzes, trancou a biblioteca e saiu. Ele tinha que ficar sozinho e a biblioteca ainda demoraria duas horas para fechar. Só Deus sabia o que o senhor Cheeseman diria quando descobrisse. Ele pode até demitir Gordon. Gordon não ligava.

Virou para o oeste, subindo o Lambeth Cut. Era um fim de tarde opaco, não frio. Havia lama sob os pés, luzes brancas e vendedores ambulantes gritando. Ele tinha que pensar sobre isso, e conseguia pensar melhor caminhando. Mas era tão difícil, tão difícil! Voltar para New Albion ou deixar Rosemary em apuros; não havia uma terceira opção. Não adiantava pensar, por exemplo, que poderia encontrar um "bom" emprego que ofenderia um pouco menos seu senso de decência. Não há tantos empregos "bons" esperando por pessoas acabadas de 30 anos. A New Albion era a única chance que ele tinha ou teria.

Gordon parou por um momento na esquina, na Westminster Bridge Road. Havia alguns pôsteres diante dele, lívidos à luz do lampião. Uma propaganda monstruosa, com pelo menos três metros de altura, anunciava o Bovex. O pessoal do Bovex largou o Pan Queca e adotou um novo rumo. Eles estavam publicando uma série de poemas de uma estrofe – eram chamados de Baladas Bovex. Havia uma foto de uma família horrivelmente eupéptica, com rostos rosados e sorridentes, sentada no café da manhã; embaixo, em letras gritantes:

Por que você deveria se contentar com a magreza?

E ter aquela sensação diária de fraqueza?

Toda noite, basta tomar Bovex quente.

É revigorante, não se sinta mais doente!

Gordon olhou para o anúncio e se esbaldou com sua estupidez. Deus, que lixo! "Quente e doente!" A incompetência disso! Não tinha nem mesmo a maldade vigorosa dos slogans que realmente pegavam. Apenas uma baboseira sem vida. Teria sido quase patético de tão estúpido, se não houvesse o fato de que aquele pôster estava pregado em toda Londres e em todas as cidades da Inglaterra, apodrecendo a mente dos homens. Ele olhou para cima e para baixo da rua sem graça. Sim, a guerra estava chegando. Não dava mais para duvidar ao ver os anúncios da Bovex. As britadeiras elétricas em nossas ruas pressagiam o barulho das metralhadoras. Só um pouco antes de os aviões chegarem. Zum, bang! Algumas toneladas de TNT lançadas para enviar nossa civilização de volta ao inferno, onde é o lugar dela.

Ele atravessou a rua e continuou andando, para o sul. Um pensamento curioso o atingiu. Não queria mais que aquela guerra acontecesse. Era a primeira vez em meses – anos, talvez – que ele pensava nela sem desejá-la.

Se voltasse para a New Albion, dentro de um mês poderia estar escrevendo as Baladas Bovex ele mesmo. Voltar àquilo! Qualquer trabalho "bom" já era ruim o suficiente, mas se envolver com esse tipo de propaganda! Minha nossa! Claro que ele não deveria voltar. Era apenas uma questão de ter coragem para permanecer firme. Mas e quanto a Rosemary? Ele pensou no tipo de vida que ela teria em casa, na residência dos pais, com um filho e sem dinheiro; e na notícia que correria por aquela família monstruosa de que Rosemary havia

se casado com um podre horrível que não conseguia nem ficar com ela. Seriam todos eles importunando-a juntos. Além disso, havia o bebê em quem pensar. O deus-dinheiro é tão astuto. Se apenas fisgasse suas armadilhas com iates e cavalos de corrida, meretrizes e champanhe, como seria fácil se esquivar dele. É quando ele o atinge por meio do seu senso de decência que te desampara.

A Balada Bovex passava pela cabeça de Gordon. Ele deveria permanecer impassível, havia declarado guerra ao dinheiro e devia resistir. Afinal, até então ele TINHA persistido, de certo modo. Ele repassou a própria vida. Não adiantava enganar a si mesmo. Tinha sido uma vida terrível – solitária, paupérrima, fútil. Viveu 30 anos e não alcançou nada exceto a miséria. Mas foi isso que ele escolheu. Era o que ele QUERIA, mesmo agora. Queria afundar na lama onde o dinheiro não domina. Mas esse negócio de bebê havia desestruturado tudo. Afinal, era uma provação bastante banal. Vícios privados, virtudes públicas – o dilema mais antigo do mundo.

Ele olhou para cima e viu que estava passando por uma livraria popular e foi acometido por um pensamento: o bebê. O que significa, afinal, ter um bebê? O que realmente estava acontecendo com Rosemary neste momento? Ele tinha apenas noções vagas e gerais do que significava uma gravidez. Sem dúvida eles teriam livros lá que o informariam sobre isso. Ele entrou. A biblioteca ficava à esquerda. Foi então que teve de perguntar pelas obras de referência.

A mulher sentada à mesa era universitária, jovem, pálida, de óculos e intensamente desagradável. Tinha uma suspeita fixa de que ninguém – pelo menos nenhum homem – jamais consultou as obras de referência, exceto em busca de pornografia. Assim que alguém se aproximava, ela o perfurava por completo com uma encarada sobre seu pincenê e o deixava saber que seu segredo sujo não era segredo para ela. Afinal,

todas as obras de referência são pornográficas, exceto talvez o *Whitaker's Almanack*. Você pode usar até mesmo o Dicionário Oxford para propósitos sujos, procurando palavras como… e… .

Gordon reconhecia o tipo dela à primeira vista, mas estava muito preocupado para se importar.

– Você tem algum livro sobre ginecologia? – perguntou.

– Algum O QUÊ? – retrucou a jovem com um clarão de triunfo inconfundível nos olhos sobre o pincenê. Como sempre! Outro macho em busca de sujeira!

– Bem, algum livro sobre obstetrícia? Sobre o nascimento de bebês e assim por diante.

– Não disponibilizamos livros com essa descrição para o público em geral – disse a jovem friamente.

– Sinto muito, há um ponto que particularmente desejo investigar.

– Você é estudante de medicina?

– Não.

– Então, eu não consigo ver muito bem o que o senhor desejaria com livros sobre obstetrícia.

"Maldita seja essa mulher!", pensou Gordon. Em outra ocasião, ele teria sentido medo dela; porém, no momento, ela apenas o entediava.

– Se você quer saber, minha esposa está grávida. Nenhum de nós sabe muito sobre isso. Quero ver se consigo descobrir algo útil.

A jovem não acreditou nele. Decidiu que aquele homem lhe parecia muito acabado e maltrapilho para ser recém-casado. No entanto, era seu trabalho emprestar livros, e ela raramente os recusava, exceto para crianças. Você sempre conseguiria o

seu livro no final, depois que você se sentisse um porco imundo. Com um ar asséptico, ela conduziu Gordon a uma mesinha no meio da biblioteca e presenteou-o com dois livros gordos de capa marrom. Depois disso, o deixou sozinho, mas o encarava de qualquer parte da biblioteca em que ela estivesse. Ele podia sentir seu pincenê sondando sua nuca a longa distância, tentando decidir por seu comportamento, se ele estava realmente procurando por informações ou apenas olhando as partes sujas.

Gordon abriu um dos livros e o folheou sem habilidade. Havia hectares de texto impresso cheio de palavras latinas. Era inútil. Ele queria algo simples – com imagens, por exemplo. Há quanto tempo essa coisa está acontecendo? Seis semanas – nove semanas, talvez. Ah! Deve ser isso.

Viu uma foto de um feto de nove semanas. Ficou chocado ao vê-lo, pois não esperava que fosse nem um pouco assim. Era uma coisa deformada, parecida com um gnomo, uma espécie de caricatura desajeitada de um ser humano, com uma enorme cabeça frágil do tamanho do resto do corpo. No meio da grande extensão vazia da cabeça havia um minúsculo botão fazendo as vezes da orelha. A coisa estava de perfil; seu braço sem ossos estava dobrado e uma das mãos, delicada como a nadadeira de um peixe, cobria seu rosto – felizmente, talvez. Abaixo havia perninhas magras, retorcidas como as de um macaco com os dedos do pé voltados para dentro. Era uma coisa monstruosa, mas estranhamente humana. O surpreendeu que eles começassem a parecer humanos tão cedo. Havia imaginado algo muito mais embrionário; uma mera bolha de núcleo, como uma ova de sapo. Mas devia ser muito pequeno, é claro. Ele olhou para as dimensões marcadas abaixo: Comprimento: 30 milímetros, do tamanho de uma semente de groselha grande.

Mas talvez não demorasse a crescer. Gordon voltou uma ou

duas páginas e encontrou a imagem de um feto de seis semanas. Uma coisa realmente horrível desta vez – uma coisa que ele mal podia suportar olhar. É estranho que nossos começos e fins sejam tão feios – o nascituro é tão feio quanto os mortos. Essa coisa parecia já estar morta. Sua enorme cabeça, parecia pesada demais para ser mantida ereta, estava inclinada em ângulos retos no lugar onde deveria estar o pescoço. Não havia nada que você pudesse chamar de rosto, apenas uma ruga representando o olho – ou seria a boca? Não tinha nenhuma semelhança humana desta vez; era mais como um cachorrinho morto. Seus braços curtos e grossos eram muito parecidos com membros caninos, as mãos sendo meras patas curtas. 15,5 milímetros de comprimento – não era maior do que uma avelã.

Ele examinou longamente as duas fotos. Sua feiura os tornava mais confiáveis e, portanto, mais comoventes. Seu bebê parecia real para ele desde o momento em que Rosemary falou em aborto; mas era uma realidade sem forma visual – algo que aconteceu no escuro e só foi importante depois de acontecer. Mas ali estava o processo real ocorrendo. Ali estava a pobre coisa feia, não maior do que uma groselha, que ele havia criado com seu ato negligente. Seu futuro, sua existência continuada talvez, dependia dele. Além disso, era um pouco dele – aliás, ERA ELE mesmo. Será que alguém ousa a se esquivar de uma responsabilidade como essa?

Mas e quanto à alternativa? Ele se levantou, entregou seus livros à desagradável jovem e saiu; então, num impulso, voltou e foi para a outra parte da biblioteca, onde os jornais eram guardados. A multidão habitual de pessoas de aparência sarnenta cochilava sobre os periódicos. Havia uma mesa separada para periódicos femininos. Ele pegou um deles ao acaso e carregou-o para outra mesa.

Era uma revista americana de tipo mais doméstico, voltada

para anúncios – com algumas histórias esporádicas entre eles. E QUE anúncios! Rapidamente ele folheou as páginas brilhantes. Lingerie, joias, cosméticos, casacos de pele, meias de seda balançavam para cima e para baixo como os fantoches em um teatrinho para crianças. Página após página, anúncio após anúncio. Batons, cuecas, comida enlatada, remédios patenteados, remédios para emagrecer, cremes faciais. Uma espécie de seção transversal do mundo do dinheiro. Um panorama de ignorância, ganância, vulgaridade, esnobismo, prostituição e doença.

E ESSE era o mundo para o qual eles queriam que ele voltasse. ESSE era o negócio em que ele tinha uma chance de se dar bem. Gordon folheou as páginas mais lentamente. Mais páginas e mais páginas. "Adorável – até ela sorrir e mostrar os dentes." "A comida que é servida por uma arma." "Você permite que o cansaço afete sua personalidade? Recupere aquela cútis de pêssego em um colchão Beautyrest." "Somente um creme facial PENETRANTE alcançará as impurezas abaixo da superfície." "Sangramento de gengiva é o problema DELA." "Como alcalinizar o estômago quase instantaneamente." "Ervas para crianças roucas." "Você é um dos quatro de cinco? O mundialmente famoso álbum de recordações Culturequick." "Apenas um baterista e ainda assim citava Dante."

Minha nossa, que porcaria!

Mas é claro que era uma revista americana. Os americanos sempre se saem melhor em qualquer tipo de burrice, veja o sorvete com refrigerante, a máfia ou a teosofia. Ele foi até a mesa das mulheres e pegou outra revista. Uma inglesa desta vez. Talvez os anúncios em uma revista inglesa não fossem tão ruins – um pouco menos ofensivos de forma cruel, talvez?

Ele abriu a revista. Mais páginas e mais páginas Os

britânicos nunca serão escravos!

Mais páginas e mais páginas. “Tenha a cintura fina de volta! Ela DISSE ‘Muito obrigada pela carona’, mas PENSOU: ‘Pobre garoto, por que ninguém conta para ele?’ Como uma mulher de 32 anos roubou o rapaz de uma garota de vinte.” “Alívio imediato para rins fracos.” “Silkyseam – o papel higiênico de toque suave.” “A asma a sufocava!”, “VOCÊ tem vergonha de suas cuecas?”, “As crianças clamam por seu Cereal da Manhã.” “Agora tenho pele de colegial no corpo todo.” “Caminhe o dia todo com apenas um tablete de Vitamalt!”

Misturar-se COM ISSO! Estar nisso e compactuar com isso! Deus, Deus, Deus!

Logo, ele saiu. O terrível é que já sabia o que iria fazer. Sua mente estava decidida – já estava decidida há muito tempo. Quando esse problema apareceu, ele trouxe a solução consigo; toda a sua hesitação tinha sido uma espécie de faz de conta. Gordon sentiu como se alguma força fora de si o estivesse empurrando. Havia uma cabine telefônica perto. Sabia o número da pensão de Rosemary e ela já deveria estar em casa. Ele entrou na cabine, apalpando o bolso. Sim, tinha exatamente dois pences. Ele os deixou cair na fenda e girou o botão.

Uma voz feminina anasalada e refinada respondeu-lhe

– Quem é, por favor?

Ele apertou o Botão A. Então a sorte foi lançada.

– A senhorita Waterlow está?

– Quem é, por favor?

– Diga que é o senhor Comstock. Ela vai saber. Ela está?

– Vou ver. Espere na linha, por favor.

Uma pausa.

– Alô! É você, Gordon?

– Alô! Alô! É você, Rosemary? Eu só queria te contar. Já pensei sobre aquilo… já me decidi.

– Ah! – houve outra pausa. – Bem, o que você decidiu? – ela acrescentou, com dificuldade para dominar a voz.

– Está tudo bem. Vou aceitar o trabalho… Se eles me derem, quero dizer.

– Ah, Gordon, estou tão feliz! Você não está com raiva de mim? Você não sente que eu meio que o obriguei a isso?

– Não, está tudo bem. É a única coisa que posso fazer. Eu pensei em tudo. Vou ao escritório vê-los amanhã.

– Estou tão feliz!

– Claro, estou confiando que vão me dar o emprego. Mas acho que sim, depois do que o velho Erskine disse.

– Tenho certeza de que sim. Mas, Gordon, só tem uma coisa. Você vai lá bem vestido, não vai? Pode fazer muita diferença.

– Eu sei. Terei que tirar meu melhor traje da loja de penhores. Ravelston vai me emprestar o dinheiro.

– Não precisa falar com o Ravelston. Eu vou te emprestar o dinheiro. Arranjei quatro libras. Vou sair correndo para transferi-las a você antes que os correios fechem. Imagino que você queira sapatos novos e uma gravata nova também. E, ah, Gordon!

– O quê?

– Use chapéu quando for ao escritório, está bem? Você fica melhor de chapéu.

– Chapéu! Meu Deus! Faz dois anos que não uso chapéu. Preciso mesmo?

– Bem… parece mais profissional, não é?

– Ah, tudo bem. Uso até mesmo um chapéu-coco, se você achar que devo.

– Acho que um chapéu mole serviria. Mas corte o cabelo, sim, querido?

– Sim, não se preocupe. Serei um jovem de negócios chique. Bem arrumado e tudo mais.

– Muito obrigado, querido Gordon. Preciso sair correndo e transferir esse dinheiro. Boa noite e boa sorte.

– Boa noite.

Ele saiu da cabine telefônica. Então, era isso, com certeza, ele havia se comprometido dos pés à cabeça agora.

Gordon afastou-se rapidamente. O que ele fez? Jogou a toalha! Quebrou todos os seus juramentos! Sua longa e solitária guerra terminou em uma derrota vergonhosa. Cortareis vosso prepúcio, diz o Senhor. Ele estava voltando ao curral, arrependido. Parecia estar andando mais rápido do que o normal. Havia uma sensação peculiar, uma sensação física real, em seu coração, em seus membros, por toda parte. O que era isso? Vergonha, miséria, desespero? Raiva por estar de volta nas garras do dinheiro? Tédio quando pensava no futuro mortal? Ele arrastou a sensação adiante, enfrentou-a, examinou-a. Foi um alívio.

Sim, essa era a verdade. Agora que a decisão estava tomada, ele não sentiu nada além de alívio; alívio por, enfim, ter acabado com a sujeira, o frio, a fome e a solidão e poder voltar a uma vida decente e totalmente humana. Suas resoluções, agora que ele as havia violado, não pareciam nada além de um peso terrível que havia jogado fora. Além disso, estava ciente de que estava apenas cumprindo seu destino. Em algum canto de sua mente, sempre soube que aconteceria. Ele pensou no

dia em que entregou seu aviso prévio à New Albion; e o rosto amável, vermelho e corpulento do senhor Erskine, aconselhando-o gentilmente a não abandonar um "bom" emprego por nada. Com que amargura ele jurou, então, que não cederia aos "bons" empregos para sempre! No entanto, estava previsto que ele voltasse, e ele já sabia disso. E não foi apenas por causa de Rosemary e do bebê que estava fazendo isso. Essa foi a causa óbvia, a causa principal, mas mesmo sem ela o fim teria sido o mesmo; se não houvesse nenhum bebê em quem pensar, outra coisa o teria forçado. Pois era o que, em seu coração, ele desejava secretamente.

Afinal de contas, ele não carecia de vitalidade, e aquela existência sem dinheiro a que se condenara o havia empurrado implacavelmente para fora da corrente da vida. Ele olhou para trás, para os últimos dois anos terríveis. Havia blasfemado contra o dinheiro, rebelado-se contra o dinheiro, tentado viver como um ermitão fora do mundo do dinheiro; e isso lhe trouxe não só a miséria, mas também um vazio assustador, uma sensação inevitável de futilidade. Abjurar o dinheiro é abjurar a vida. Não seja tão justo assim; por que você deveria morrer antes da sua hora? Agora, ele estava de volta ao mundo do dinheiro, ou logo estaria. Amanhã ele iria à New Albion, em seu melhor terno e sobretudo – não podia esquecer-se de tirar o sobretudo e o terno do penhor –, com um chapéu fedora, a exata vestimenta para se rastejar na sarjeta, bem barbeado e com o cabelo cortado curto. Seria como se tivesse nascido de novo. O poeta desleixado de hoje dificilmente seria reconhecível no jovem e elegante homem de negócios de amanhã. Eles o aceitariam de volta, com certeza; ele tinha o talento de que precisavam. Gordon se empenharia para trabalhar, venderia sua alma e manteria seu emprego.

E o futuro? Talvez descobriria que os últimos dois anos não lhe deixaram nenhuma marca. Eles foram apenas uma lacuna,

um pequeno revés em sua carreira. Muito rapidamente, agora que dera o primeiro passo, desenvolveria a mentalidade empresarial cínica e cega. Ele esqueceria seus desgostos sofisticados, deixaria de se enfurecer contra a tirania do dinheiro – até mesmo, deixaria de ter consciência disso, deixaria de se contorcer com os anúncios do Bovex e do cereal matutino. Ele venderia sua alma tão completamente que se esqueceria de que alguma vez ela tinha sido dele. Se casaria, se estabeleceria, prosperaria moderadamente, empurraria um carrinho de bebê, teria uma casa grande, um rádio e uma aspidistra. Ele seria um cidadão obediente à lei como qualquer outro – um soldado do exército de enforcamento. Provavelmente era melhor assim.

Gordon diminuiu um pouco o ritmo. Tinha 30 anos e cabelos grisalhos, mas tinha a estranha sensação de que acabara de crescer. Ocorreu-lhe que estava apenas repetindo o destino de cada ser humano. Todos se rebelam contra o código do dinheiro e, mais cedo ou mais tarde, todos se rendem. Ele tinha mantido sua rebelião um pouco mais do que a maioria, isso era tudo. Cometera um fracasso tão lamentável! Ele se perguntou se todos os ermitões em sua câmara sombria desejam secretamente estar de volta ao mundo dos homens. Talvez houvesse alguns que não o fizeram. Alguém disse que o mundo moderno só é habitável por santos e canalhas. Ele, Gordon, não era um santo. Melhor, então, ser um canalha despretensioso junto com os outros. Era o que ele secretamente desejava; agora que havia reconhecido seu desejo e se rendido a ele, estava em paz.

O rapaz estava indo mais ou menos na direção de casa. Olhou para as casas pelas quais estava passando. Era uma rua que ele não conhecia. Casas antigas, de aparência descuidada e bastante escuras, compostas, em sua maior parte, por apartamentos e quartos individuais. Áreas de cercadas, tijolos

sujos com a fumaça da chaminé, degraus brancos, cortinas encardidas de renda. Anúncios de "apartamentos" em metade das janelas, aspidistras em quase todas. Uma rua típica de classe média baixa. Mas em geral, não era o tipo de rua que ele queria ver destruída por bombas.

Ele se perguntou sobre as pessoas em casas como aquelas. Seriam elas balconistas, vendedores de lojas, caixeiros-viajantes, corretores de seguros ou condutores de bondes? ELAS sabiam que eram apenas fantoches dançando enquanto o dinheiro manipulava os cordões? Pode apostar que não. E se o soubessem, elas se importariam? Pois estavam muito ocupadas nascendo, casando-se, procriando, trabalhando, morrendo. Se você puder sentir-se como essas pessoas, pode descobrir que ser um deles não é uma coisa ruim. Nossa civilização é baseada na ganância e no medo, mas na vida dos homens comuns, a ganância e o medo são misteriosamente transmutados em algo mais nobre. As pessoas de classe média baixa lá dentro, por trás de suas cortinas de renda, com seus filhos, seus móveis velhos e suas aspidistras, vivem pelo código do dinheiro, com certeza, e ainda assim eles planejam manter sua decência. O código do dinheiro, como eles o interpretavam, não era apenas cínico e excessivo. Essas pessoas tinham seus padrões, seus pontos de honra invioláveis. Elas "se mantiveram respeitáveis" – mantiveram a aspidistra viva. Além disso, ELAS estavam vivas. Afinal, foram amarradas no feixe da vida. Elas geraram filhos, que é o que os santos e os salvadores de almas nunca fazem.

A aspidistra é a árvore da vida – pensou repentinamente.

Ele estava ciente de um peso grosso em seu bolso interno. Era o manuscrito do *Prazeres de Londres*. Gordon tirou-o e deu uma olhada sob um poste de luz. Um grande maço de papel, sujo e esfarrapado, com aquela aparência peculiar, asquerosa, suja nas bordas, que há muito tempo estava no

bolso. Cerca de quatrocentas linhas ao todo. O único fruto de seu exílio, um feto de dois anos que nunca nasceria. Bem, ele havia acabado com tudo isso. Poesia! POESIA, sim! Em 1935.

O que ele devia fazer com o manuscrito? A melhor coisa, jogar no vaso sanitário Mas estava muito longe de casa e não tinha o dinheiro necessário. Ele parou perto da grade de ferro de um bueiro. Na janela da casa mais próxima, uma aspidistra, listrada, espiava por entre as cortinas de renda amarela.

Ele desenrolou uma página do *Prazeres de Londres*, no meio dos rabiscos labirínticos, uma linha chamou sua atenção. Um arrependimento momentâneo o apunhalou. Afinal, algumas partes dele não eram tão ruins! Se ao menos pudesse ser terminado! Parecia uma pena recuar depois de todo o trabalho que havia tido. Guardar por mais um tempo, talvez? Manter com ele e terminá-lo em segredo nas horas vagas? Mesmo agora, podia levar a alguma coisa.

Não, não! Mantenha sua palavra. Renda-se ou não.

Ele dobrou o manuscrito e o enfiou entre as barras do ralo. Caiu com um baque na água lá embaixo.

Vicisti, ó aspidistra!



CAPÍTULO 12

Ravelston queria se despedir do lado de fora do cartório, mas eles não quiseram saber e insistiram em arrastá-lo para acompanhá-los no almoço. Mas não no Modigliani. Foram a um daqueles pequenos restaurantes alegres do Soho, onde você pode conseguir um almoço maravilhoso de quatro pratos por meia coroa. Comeram linguiça de alho com pão e manteiga, solha frita, *entrecôte aux pommes frites* e um pudim de caramelo aguado; também consumiram uma garrafa de Medoc Superieur, a três xelins e seis pences a garrafa.

Apenas Ravelston estava no casamento. A outra testemunha era uma pobre criatura mansa e sem dentes, uma testemunha profissional que eles pegaram do lado de fora do cartório e a quem deram meia coroa. Julia não tinha conseguido sair da casa de chá, e Gordon e Rosemary só tiveram o dia de folga do escritório com pretextos cuidadosamente engenhados muito tempo atrás. Ninguém sabia que eles se casariam, exceto Ravelston e Julia. Rosemary continuaria trabalhando no estúdio por mais um mês ou dois. Ela preferia manter seu casamento em segredo até que fosse oficializado, principalmente por causa de seus inúmeros irmãos e irmãs, nenhum dos quais tinha dinheiro para presentes de casamento. Gordon, se pudesse, teria organizado o matrimônio de maneira mais correta. Até queria se casar na igreja, mas Rosemary havia discordado dessa ideia.

Gordon estava de volta ao escritório havia dois meses. Recebia quatro libras e dez xelins por semana Seria difícil quando Rosemary parasse de trabalhar, mas havia esperança de um aumento no próximo ano. Certamente, teriam que arrancar algum dinheiro dos pais de Rosemary, quando o bebê estivesse para nascer. O senhor Clew havia deixado a New Albion um ano antes, e seu lugar fora ocupado por um senhor Warner – um canadense que trabalhou por cinco anos em uma empresa de publicidade de Nova Iorque. O senhor Warner era elétrico, mas uma pessoa bastante agradável. Ele e Gordon tinham um grande trabalho em mãos no momento. A Artigos para Toalete Rainha de Sabá Ltda. estava varrendo o país com uma campanha monstruosa para o seu desodorante, o April Dew. Haviam decidido que suor corporal e halitose estavam resolvidos, ou quase, e há muito tempo vinham quebrando a cabeça para pensar em uma nova maneira de apavorar o público. Então, algum alecrim dourado sugeriu: Que tal pés fedidos? Esse campo nunca havia sido explorado e tinha possibilidades imensas. A Rainha de Sabá passou a ideia para a New Albion. O que eles pediram foi um slogan realmente revelador; algo no patamar de "Fome noturna" – algo que se pregasse na consciência do público como uma flecha envenenada. O senhor Warner havia pensado nisso por três dias e então surgiu com a inesquecível ideia: "T.P.". "T.P." significava "Transpiração Pédica". Foi uma verdadeira sacada de gênio. Era tão simples e tão cativante. Depois de saber o que elas representavam, não seria possível ver as letras "T.P." sem um tremor de culpa. Gordon pesquisou a palavra "pédica" no Dicionário Oxford e descobriu que ela não existia. Mas o senhor Warner quem disse, caramba! O que importava, afinal? Nada mudaria com essa descoberta. A Rainha de Sabá adorou a ideia, é claro.

Eles estavam colocando cada centavo que podiam gastar na campanha. Em cada parte das Ilhas Britânicas, enormes

cartazes de acusação martelavam “T.P.” na mente do público. Todos os pôsteres eram idênticos. Eles não perderam tempo com muitas palavras, apenas exigiram com uma simplicidade sinistra:

T.P.

VOCÊ TEM?

Apenas isso – sem fotos, sem explicações. Não havia mais necessidade de dizer o que “T.P.” significava; todos na Inglaterra já sabiam. O senhor Warner estava projetando os anúncios menores para jornais e revistas, com a ajuda de Gordon. Foi o senhor Warner quem forneceu as ideias ousadas e arrebatadoras, esboçou o layout geral dos anúncios e decidiu quais fotos seriam necessárias; mas foi Gordon quem escreveu a maior parte da impressão tipográfica – escreveu as pequenas histórias angustiantes, cada uma delas um romance realista em cem palavras, sobre virgens desesperadas de 30 anos; solteiros solitários, os quais as moças inexplicavelmente haviam abandonado; e esposas sobrecarregadas que não podiam se dar ao luxo de trocar as meias uma vez por semana, por isso viam seus maridos caindo nas garras da “outra mulher”. Ele fez isso muito bem; fez muito melhor do que qualquer outra coisa em sua vida. O senhor Warner escreveu relatórios valiosos sobre seu funcionário. Não havia dúvida sobre a habilidade literária de Gordon. Ele poderia usar palavras com uma contenção que só é aprendida com anos de esforço. Portanto, talvez sua longa e agonizante luta para ser um “escritor” não tivesse sido em vão.

Eles se despediram de Ravelston do lado de fora do restaurante. O táxi levou-os embora. Ravelston insistiu em pagar pelo táxi ao cartório, então eles sentiram que poderiam pagar outro táxi. Aquecidos com vinho, o casal relaxou sob o sol poeirento de maio, que entrava pela janela do táxi. A

cabeça de Rosemary no ombro de Gordon, as mãos juntas em seu colo. Ele brincou com a aliança de casamento muito fina no dedo anelar de Rosemary. Folheada a ouro, cinco xelins e seis pences. Mas parecia bonita.

– Preciso me lembrar de tirá-la antes de ir para o escritório amanhã – disse Rosemary, pensativa.

– E pensar que somos realmente casados! Até que a morte nos separe. Finalmente nos casamos, e fomos bem corretos.

– Aterrorizante, não é?

– Mas acho que nos acostumaremos bem. Com uma casa própria, carrinho de bebê e uma aspidistra.

Ele ergueu o rosto dela para beijá-la. Pela primeira vez, viu sua esposa maquiada, mesmo que tivesse se pintado sem muita habilidade. Nenhum rosto ali resistiu muito bem ao sol da primavera. Havia rugas finas na face de Rosemary, olheiras profundas na de Gordon. Rosemary parecia ter 28 anos, talvez; Gordon parecia ter pelo menos 35. Ela também havia arrancado os três fios de cabelo brancos do topo da cabeça no dia anterior.

– Você me ama? – perguntou ele.

– Eu te adoro, bobo.

– E eu acredito que você ama. É estranho. Tenho 30 anos e estou acabado.

– Não me importo.

Eles começaram a se beijar, então se afastaram rapidamente quando viram duas mulheres magras de classe média alta, em um carro que se movia paralelo ao táxi, observando-os com um interesse malicioso.

O apartamento da Edgware Road não era tão ruim. Era um bairro monótono e uma rua bastante pobre, mas conveniente

para o centro de Londres; o silêncio dominava, afinal era um beco sem saída. No andar superior, da janela dos fundos você podia ver o telhado da estação Paddington. Vinte e um xelins e seis pences por semana, sem mobília. Um quarto, uma sala, cozinha e banheiro – com aquecedor e um sanitário. Eles já tinham seus móveis, a maior parte teve seu pagamento dividido em incontáveis parcelas. Ravelston lhes dera um conjunto completo de louças de presente de casamento – um gesto muito gentil. Julia lhes dera um aparador horrível, de nogueira envernizada com borda recortada. Gordon suplicou e implorou que ela não lhes desse nada. Pobre Julia! O Natal a deixara totalmente sem dinheiro, como sempre, e o aniversário da tia Angela fora em março. Mas teria parecido a Julia uma espécie de crime contra a natureza deixar passar um casamento sem dar um presente. Deus sabia que sacrifícios ela tinha feito para juntar trinta pratas para aquele aparador. Ainda faltavam mais roupas de cama e mesa e talheres. As coisas teriam que ser compradas aos poucos, quando tivessem alguns trocados sobrando.

O casal subiu o último lance de escada em sua empolgação para chegar ao apartamento. Estava tudo pronto para ser habitado. Durante semanas passaram as noites recebendo as mobílias. Pareceu-lhes uma tremenda aventura ter aquele lugar só para os dois. Nenhum deles jamais teve móveis antes; eles viviam em quartos mobiliados desde a infância. Assim que entraram, deram um passeio cuidadoso pelo apartamento, verificando, examinando e admirando tudo como se já não soubessem de cor todos os itens que ali estavam. Caíram em um êxtase absurdo com cada peça de mobília. A cama de casal com o lençol limpo dobrado sob o edredom rosa! A roupa de cama e as toalhas guardadas na cômoda! A mesa dobrável, as quatro cadeiras duras, as duas poltronas, o divã, a estante de livros, o tapete indiano vermelho, o caixote de cobre para carvão que compraram por uma pechincha no mercado da

Caledônia! E era tudo deles, cada pedacinho era deles – pelo menos, desde que não atrasassem as parcelas! Eles foram para a cozinha. Tudo estava pronto, nos mínimos detalhes. Fogão a gás, caixa para carne, mesa com tampo esmaltado, prateleira de pratos, panelas, chaleira, cesto de pia, esfregões, panos de cozinha – até mesmo uma lata de Panshine, um pacote de sabão em flocos e meio litro de sapólio em um pote geleia. Estava tudo pronto para ser usado, pronto para a vida. Uma refeição poderia ser cozinhada ali naquele exato momento. Eles ficaram de mãos dadas ao lado da mesa com tampo esmaltado, admirando a vista da Estação Paddington.

– Ah, Gordon, como tudo isso é divertido! Ter um lugar que seja realmente nosso e sem as senhorias interferindo!

– O que eu mais gosto é de pensar em tomarmos café da manhã juntos. Você na minha frente, do outro lado da mesa, servindo café. Que estranho! Nós nos conhecemos por todos esses anos e nunca tomamos café da manhã juntos.

– Vamos cozinhar algo agora. Estou morrendo de vontade de usar essas panelas.

Ela fez um pouco de café e o levou para a sala da frente, na bandeja laqueada vermelha que haviam comprado no Selfridge's Bargain Basement. Gordon foi até o aparador perto da janela. Lá embaixo, a rua desolada foi mergulhada em uma névoa de sol, como se um mar amarelo vítreo a tivesse inundado até profundidades. Ele pousou a xícara de café na mesa.

– É aqui que vamos colocar a aspidistra – disse ele.

– Colocar o QUÊ?

– A aspidistra.

Ela deu risada. Percebeu que Rosemary achava que ele estava brincando e acrescentou.

– Precisamos nos lembrar de sair e fazer o pedido antes que todas as floristas fechem.

– Gordon! Você não quis dizer isso, quis? Você não está REALMENTE pensando em ter uma aspidistra?

– Sim, estou. Não vamos deixar a nossa ficar empoeirada também. Dizem que uma escova de dentes velha é a melhor coisa para limpá-las.

Ela se aproximou dele e beliscou seu braço.

– Por acaso você não está falando sério, está?

– Por que eu não deveria estar?

– Uma aspidistra! Só de pensar em ter uma daquelas coisas horríveis e deprimentes aqui! Além disso, onde poderíamos colocá-la? Eu não vou permitir que seja nessa sala e no quarto seria pior. Imagine ter uma aspidistra no quarto!

– Não a queremos no quarto. Aqui é o lugar certo para manter uma aspidistra. Na janela da frente, onde as pessoas que chegam podem ver.

– Gordon, você ESTÁ brincando… só pode estar brincando!

– Não, não estou. Estou dizendo que precisamos de uma aspidistra.

– Mas, por quê?

– É a coisa certa para se ter. É a primeira coisa que se compra depois de se casar. Na verdade, é praticamente parte da cerimônia de casamento.

– Não fale um absurdo desses! Simplesmente não suportaria ter uma daquelas coisas aqui. Você pode ter um gerânio, se realmente precisar. Mas não uma aspidistra.

– Um gerânio não é bom. É uma aspidistra o que queremos.

– Bem, não vamos ter uma, é muito sem-graça.

– Sim, nós vamos. Você não prometeu me obedecer?

– Não, não prometi. Não nos casamos na igreja.

– Ah, bem, está implícito no pacote do casamento: "Amar, honrar e obedecer" e tudo o mais.

– Não, não está. De qualquer forma, não vamos ter uma aspidistra.

– Sim, nós vamos.

– Nós NÃO vamos, Gordon!

Sim.

– Não!

– Sim!

– NÃO!

Rosemary não o entendia. Ela pensou que ele estava apenas sendo maldoso. As coisas esquentaram, e eles brigaram violentamente, como de costume. Sua primeira briga como marido e mulher. Meia hora depois, foram à floricultura pedir a aspidistra.

Mas quando estavam na metade do primeiro lance de escada, Rosemary parou e agarrou-se ao corrimão. Seus lábios se separaram; ela pareceu muito esquisita por um momento. Rosemary apertou a mão contra sua cintura.

– Ai, Gordon!

– O quê?

– Eu o senti mexer!

– Sentiu o que mexer?

– O bebê. Eu o senti se mover dentro de mim.

– Sentiu?

Uma sensação estranha, quase terrível, uma espécie de convulsão quente, agitou-se em suas entranhas. Por um momento ele se sentiu como se estivesse sexualmente unido a ela, mas unido de uma forma sutil que ele nunca tinha imaginado. Ele parou um ou dois degraus abaixo da esposa e caiu de joelhos; pressionou o ouvido na barriga dela e ouviu.

– Não consigo ouvir nada – disse ele por fim.

– Claro que não, bobo! Só daqui alguns meses.

– Mas poderei ouvir mais tarde, não é?

– Acho que sim. VOCÊ pode ouvi-lo aos sete meses, eu posso senti-lo aos quatro. Acho que é assim.

– Mas ele se mexeu de verdade? Tem certeza? Realmente sentiu o movimento?

– Ah, senti. Ele se mexeu.

Por muito tempo Gordon permaneceu ajoelhado ali, com a cabeça pressionada contra a maciez da barriga de sua esposa. Ela cruzou as mãos atrás da cabeça dele e o puxou para mais perto. Gordon não conseguia ouvir nada, apenas o sangue latejando em seu próprio ouvido. Mas ela não estava enganada. Em algum lugar ali, na escuridão segura, quente e acolchoada, o bebê estava vivo e saudável.

Bem, mais uma vez, as coisas voltaram a acontecer na família Comstock.

Fim

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12

GEORGE ORWELL



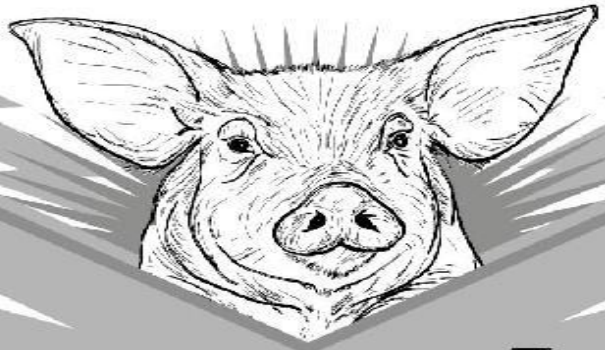
A REVOLUÇÃO DOS BICHOS





Principis

GEORGE ORWELL



A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

TRADUÇÃO
KARLA LIMA





Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Animal farm

Texto

George Orwell

Tradução
Karla Lima

Preparação
Mariana Góis

Maria Stephania da Costa Flores Revisão
Mauro de Barros
Fernanda R. Braga Simon

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

AVA Bitter/Shutterstock.com;

roompoetliar/Shutterstock.com;
Gwoeii/ Shutterstock.com;
Vlad Klok/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O79r Orwell, George, 1903-1950

A Revolução dos Bichos [recurso eletrônico] / George Orwell ; traduzido por Karla Lima. - Jandira, SP : Principis, 2021.

208 p. ; ePUB ; 2,5 MB. - (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Animal Farm

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-264-8 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Fábula. 3. Romance. 4. Sátira política. 5. Ficção. I. Lima, Karla. II. Título. III. Série.

2021-81 CDD 823
CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Fábula 823

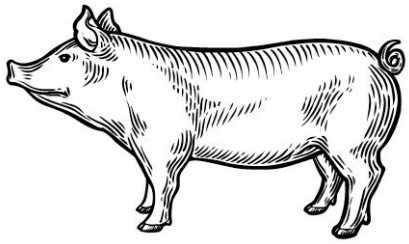
2. Literatura inglesa : Fábula 821.111-31

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



CAPÍTULO 1

O senhor Jones, da Fazenda Solar, trancou o galinheiro à noite, mas estava bêbado demais para se lembrar de fechar também as portinholas. Com o facho de luz da lanterna balançando, ele cambaleou pelo pátio, tirou as botas quando chegou à porta dos fundos, serviu-se de um último copo de cerveja do barril da copa e tomou o rumo da cama, onde a senhora Jones já ressonava.

Tão logo a luz do quarto foi apagada, um grande alvoroço começou em todas as construções da fazenda. Boatos que tinham corrido durante o dia diziam que o velho Major, um porco premiado, tivera um sonho estranho na noite anterior e queria contá-lo aos outros animais. Todos combinaram um encontro no grande celeiro assim que o senhor Jones estivesse fora do caminho. O velho Major (era assim que sempre o chamavam, apesar de na exposição ele ter sido apresentado como “Beleza de Willingdon”) era tão respeitado na fazenda que ninguém se importava em perder uma hora de sono para ouvir o que ele tinha a dizer.

Em uma ponta do grande celeiro, sobre uma espécie de plataforma elevada, Major já se instalara devidamente em sua cama de palha, debaixo de uma lanterna que pendia da trave. Estava com doze anos e nos últimos tempos se tornara bem corpulento, mas ainda tinha uma aparência imponente, sábia e

bondosa, apesar de seus caninos nunca terem sido cortados. Logo os outros animais chegaram e começaram a se acomodar, cada um à sua maneira. Primeiro vieram os três cachorros, Bluebell, Jessie e Pincher, e depois os porcos, que se ajeitaram na palha bem em frente à plataforma. As galinhas se empoleiraram nos peitoris das janelas, os pombos voaram até as vigas lá no alto, as ovelhas e vacas se deitaram atrás dos porcos e começaram a ruminar. Os dois cavalos do arado, Boxer e Clover, chegaram juntos, andando bem devagar e pousando com muito cuidado as grossas patas peludas, para não pisar em algum animalzinho escondido no meio da palha. Clover, uma égua robusta e maternal, se aproximava da meia-idade e não voltara à antiga silhueta depois da quarta cria. Boxer era um animal enorme, com mais de um metro e oitenta de altura, tão forte quanto dois cavalos comuns somados. A faixa branca em seu focinho lhe dava uma aparência um tanto boba, e de fato ele não tinha uma inteligência brilhante, mas era universalmente respeitado por sua firmeza de caráter e tremenda capacidade de trabalho. Depois dos cavalos, entrou Muriel, a cabra branca, e Benjamin, o burro. Benjamin era o animal mais velho e mais mal-humorado da fazenda. Quase nunca falava, porém, quando abria a boca, em geral soltava um comentário cínico. Dizia, por exemplo, que Deus lhe dera um rabo para espantar as moscas, mas que ele preferiria não ter rabo nem moscas. Entre os animais da fazenda, era o único que nunca ria. Quando lhe perguntavam por quê, ele dizia que não via nenhum motivo para dar risada. Apesar disso, e sem jamais admitir abertamente, era muito dedicado a Boxer; costumavam passar o domingo juntos no pequeno cercado atrás do pomar, pastando lado a lado sem jamais conversar.

Os dois cavalos tinham acabado de se deitar quando uma ninhada de patinhos, que tinha perdido a mãe, entrou em fila

no celeiro, grasnando baixinho e perambulando de um lado para outro em busca de um lugar seguro onde se ajeitar. Com uma das longas patas dianteiras, Clover fez ao redor deles uma espécie de muro. Os patinhos se aninharam naquele espaço e adormeceram no mesmo instante. No último minuto, Mollie, a égua branca, bonita e afetada que puxava a charrete do senhor Jones, entrou gingando, vaidosa, chupando um torrão de açúcar. Ocupou o espaço na frente e começou a mexer a cabeça, esperando chamar a atenção para as fitas vermelhas trançadas na crina branca. Por fim chegou a gata, que procurou, como sempre, o lugar mais quente, e afinal se espremeu entre Boxer e Clover. Ali ronronou de satisfação durante todo o discurso de Major, sem ouvir uma só palavra que ele dizia.

Finalmente todos os animais estavam presentes, exceto Moses, o corvo domesticado, que dormia em um poleiro atrás da porta dos fundos. Quando Major viu que seus convidados haviam se acomodado e aguardavam com atenção, pigarreou e começou:

– Camaradas, vocês já ouviram sobre o sonho estranho que tive ontem à noite. Mas do sonho eu vou falar daqui a pouco. Antes, tem outra coisa que quero dizer. Não acredito, camaradas, que estarei com vocês por muitos meses mais e, antes de morrer, sinto que é meu dever transmitir a sabedoria que adquiri. Tive uma vida longa e muito tempo para pensar, sozinho no meu chiqueiro, e acho que posso afirmar que compreendo a natureza da vida nesta Terra tão bem quanto qualquer outro animal. É sobre isso que quero conversar com vocês.

“Agora, camaradas, qual é a natureza desta nossa vida? Sejamos francos: nossas vidas são miseráveis, laboriosas e curtas. Nós nascemos, recebemos apenas comida suficiente

para sobreviver, e aqueles entre nós que conseguem se manter vivos são forçados a trabalhar até o último átomo de suas forças. No instante em que nossa utilidade chega ao fim, somos abatidos com uma crueldade hedionda. Depois de completar um ano de idade, nenhum animal na Inglaterra conhece o significado de felicidade ou lazer. Nenhum animal na Inglaterra é livre. A vida de um animal é miséria e escravidão, esta é a verdade nua e crua.

"Mas será isso simplesmente parte da ordem natural? Será que esta nossa terra é tão pobre que não consegue proporcionar uma vida decente aos que vivem nela? Não, camaradas, mil vezes não! O solo da Inglaterra é fértil, o clima é bom, o solo é capaz de oferecer comida em abundância para um número muitíssimo maior de animais do que os que agora a habitam. Esta nossa fazenda, sozinha, poderia sustentar uma dúzia de cavalos, vinte vacas e centenas de ovelhas, todos vivendo com um conforto e uma dignidade que agora nos parecem quase além da imaginação. Por que, então, continuamos nessa condição miserável? Porque a quase totalidade do produto do nosso trabalho é roubada de nós pelos seres humanos. Esta, camaradas, é a resposta para todos os nossos problemas. Resume-se a uma única palavra: homem. O Homem é o único inimigo que nós temos. Tirem o Homem de cena, e a causa da fome e do excesso de trabalho fica eliminada para sempre.

"O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Ele não dá leite, ele não bota ovos, ele é fraco demais para puxar o arado, ele não corre depressa o bastante para pegar os coelhos. Mesmo assim, é o senhor de todos os animais. Ele os põe para trabalhar, dá de volta o mínimo indispensável para que não morram de inanição e guarda o resto para si. Nosso trabalho cultiva este solo e nossas fezes o fertilizam, mas, apesar disso,

não há um só entre nós que possua mais do que a própria pele. Vocês, vacas aqui à minha frente: quantos milhares de galões de leite vocês deram no último ano? E o que aconteceu com aquele leite que deveria estar nutrindo e fortalecendo os seus bezerros? Cada gota dele desceu pela goela dos nossos inimigos. E vocês, galinhas? Quantos ovos vocês botaram no último ano, e quantos eclodiram e se tornaram pintinhos? Todo o resto foi negociado, virou dinheiro para o Jones e os homens dele. E quanto a você, Clover, onde estão os quatro potros que gerou e que deveriam ser o conforto e o prazer de sua velhice? Cada um foi vendido com um ano de idade, e você jamais vai vê-los de novo. Em retribuição aos seus quatro partos e todo o trabalho nos campos, o que você recebeu, exceto parcas rações e uma baia?

"Mesmo esta vida desgraçada que nós levamos não consegue chegar a seu fim natural. E não estou reclamando por mim, pois sou um dos poucos sortudos. Tenho doze anos e tive mais de quatrocentos filhos. Assim é a vida natural de um porco. Mas nenhum animal escapa da faca cruel no fim. Vocês, porcos jovens sentados à minha frente: em um ano, cada um vai gritar por suas vidas em cima de um cepo de madeira. Todos nós chegaremos a esse horror: vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todo mundo. Nem mesmo os cavalos e os cães têm um destino melhor. Você, Boxer: no mesmo dia em que esses seus músculos maravilhosos perderem a força, Jones vai vendê-lo para o carniceiro, que vai cortar sua garganta e ferver seu corpo para servir às raposas. Quanto aos cachorros, quando eles ficam velhos e desdentados, Jones amarra um tijolo em seus pescoços e os afoga no lago mais próximo.

"Portanto, camaradas, não está claro e cristalino que todos os males desta nossa vida nascem da tirania dos seres humanos? Basta nos livrarmos do Homem e o produto do nosso trabalho

poderia ser todo nosso. Praticamente de uma hora para outra, seríamos ricos e livres. O que devemos fazer, então? Ora, trabalhar noite e dia, de corpo e alma, para desbancar a raça humana! Esta é a minha mensagem para vocês, camaradas: Revolução! Não sei quando a Revolução virá, pode ser em uma semana ou em cem anos, mas sei, tão certo quanto vejo esta palha sob meus pés, que cedo ou tarde a justiça será feita. Mantenham o foco nisso, camaradas, ao longo do pouco que resta de suas vidas! E, acima de tudo, transmitam esta minha mensagem aos que vierem depois de vocês, de modo que as futuras gerações possam levar a luta adiante até a vitória.

"Lembrem-se, camaradas, de que sua determinação nunca pode falhar. Nenhum argumento deve desviá-los do caminho. Nunca deem ouvidos, quando eles disserem que o Homem e os animais têm um interesse comum e que a prosperidade de um é a prosperidade dos outros. Isso é mentira. O Homem não busca o interesse de nenhuma criatura além dele mesmo. Que entre nós, animais, haja uma perfeita união, uma perfeita camaradagem na luta. Todos os homens são inimigos. Todos os animais são camaradas."

Nesse momento começou uma grande confusão. Enquanto Major falava, quatro ratazanas saíram de seus buracos e estavam sentadas nas patas traseiras, escutando. Os cachorros de repente as viram e foi só por um giro muito ágil de volta aos buracos que elas salvaram a pele. Major ergueu a pata, pedindo silêncio.

– Camaradas, eis aqui um ponto que precisamos acertar. As criaturas selvagens, como os ratos e os coelhos, são nossas amigas ou inimigas? Vamos colocar em votação. Eu proponho a seguinte pergunta para esta reunião: os ratos são nossos camaradas?

A votação foi feita de imediato e concordou-se, por uma esmagadora maioria, que os ratos eram camaradas. Houve apenas quatro dissidentes, os três cães e a gata, que, conforme se descobriu mais tarde, tinham votado para os dois lados. O Major continuou:

– Não tenho mais muita coisa a dizer. Apenas repito: lembrem-se sempre de seu dever de inimizade com o Homem e os interesses dele. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo. Qualquer coisa que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo. Mesmo quando vocês vencerem o Homem, não adotem seus vícios. Nenhum animal deve jamais morar em uma casa, dormir em uma cama, vestir roupas, beber álcool nem fumar, tocar em dinheiro nem fazer comércio. Todos os hábitos do Homem são péssimos. Acima de tudo, nenhum animal deve jamais tiranizar um dos seus. Fracos ou fortes, astutos ou simplórios, nós somos todos irmãos. Nenhum animal deve jamais matar outro animal. Todos os bichos são iguais.

"Agora, camaradas, vou contar o meu sonho de ontem à noite. Mal posso descrevê-lo para vocês. Foi um sonho sobre como a Terra vai ser quando o Homem for banido. Mas ele me lembrou de uma coisa que eu tinha esquecido há muito tempo. Vários anos atrás, quando eu ainda era um leitãozinho, minha mãe e outras matrizes costumavam cantar uma velha canção da qual elas só conheciam a melodia e as três primeiras palavras. Eu sabia essa música na infância, mas fazia muito tempo que ela havia sumido da minha memória. Ontem à noite, porém, no sonho, ela voltou. E não só a melodia: as palavras também voltaram. Palavras que, tenho certeza, eram cantadas pelos animais no passado distante, e que caíram no esquecimento com o passar de muitas gerações. Vou cantar a canção para vocês agora, camaradas. Sou velho e minha voz é

rouca, mas quando eu tiver ensinado, vocês vão cantar sozinhos muito melhor. Chama-se ‘Animais da Inglaterra’.”

O velho Major pigarreou e começou a cantar. Como ele mesmo havia dito, a voz era rouca, mas cantou bastante bem, e a melodia era empolgante, algo entre “Clementine” e “La Cucaracha”. A letra era assim:

Animais da Inglaterra, feras da Irlanda

Bichos de toda terra e tipo de clima

Juntem-se a nós nesta ciranda

Ouçam a novidade que se aproxima.

Mais cedo ou mais tarde vai chegar o dia

Em que o Homem tirano será derrubado

E em toda a Inglaterra o campo fertilizado

Pertencerá só aos animais, que alegria!

Nossos narizes não terão mais argolas

Sumirão os arreios das nossas costas

Esporas e lâminas enferrujarão

Chicotes cruéis não mais estalarão.

Mais riquezas do que temos em mente

Como trigo, cevada, aveia e feno

Trevo, feijão e todo tipo de semente

A todos nós pertencerão igualmente.

Os campos da Inglaterra vão brilhar

E límpidas as águas vão murmurar

Mais doce ainda a brisa vai soprar

No dia em que iremos nos libertar.

Em prol deste dia trabalhar nós devemos

Ainda que morramos antes de vencermos

Vacas, cavalos e aves em pé de igualdade

Todos precisamos lutar pela justa liberdade.

Animais da Inglaterra, feras da Irlanda

Bichos de toda terra e tipo de clima

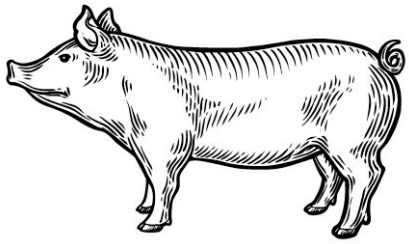
Juntem-se a nós nesta ciranda

Ouçam a novidade que se aproxima.

Cantar esta música lançou os animais em uma agitação enorme. Pouco antes de Major chegar ao fim, eles começaram a cantar sozinhos. Até os mais bobos já tinham captado a melodia e algumas palavras, enquanto os mais espertos, como os porcos e os cachorros, aprenderam a música de cor em poucos minutos. Então, depois de algumas tentativas preliminares, a fazenda inteira explodiu na cantoria de "Animais da Inglaterra" em um uníssono poderoso. As vacas mugiram a melodia, os cachorros uivaram, as ovelhas baliram, os cavalos relincharam, os patos grasnaram. Eles estavam tão deliciados com a música que a entoaram cinco vezes consecutivas, e poderiam ter continuado noite adentro se não tivessem sido interrompidos.

Infelizmente, a agitação acordou o senhor Jones, que pulou da cama certo de que uma raposa invadira o pátio. Apanhou a arma que sempre ficava no canto do quarto e disparou uma rajada de tiros de chumbinho contra a escuridão. Os petardos se alojaram na parede do celeiro e a reunião foi encerrada às pressas. Todos voltaram depressa para o lugar onde dormiam,

os pássaros voaram para o poleiro, os outros se acomodaram na palha e, um instante depois, a fazenda inteira dormia.



CAPÍTULO 2

Três noites depois, o velho Major morreu, tranquilo, durante o sono. Seu corpo foi enterrado na beira do pomar.

Era o início de março. Ao longo dos três meses seguintes, houve muita atividade secreta. O discurso de Major tinha dado aos bichos mais inteligentes da fazenda uma visão de mundo totalmente nova. Eles não sabiam quando a Revolução prevista por Major iria acontecer, nem tinham motivos para pensar que ela ocorreria durante suas vidas, mas sabiam que precisavam se preparar para ela. Era um dever. O trabalho de ensinar e organizar os demais recaiu naturalmente sobre os porcos, que eram reconhecidos por todos como os mais inteligentes entre os animais. Entre os porcos, havia dois jovens notáveis chamados Snowball e Napoleon, que o senhor Jones criava para vender. Napoleon era um leitão grande da raça Berkshire, o único Berkshire da fazenda; não era de muita conversa, tinha uma aparência feroz e fama de conseguir as coisas a seu modo. Snowball, mais alegre do que Napoleon, mais falante e criativo, tinha um porém: não era considerado tão firme de caráter. Os demais porcos machos da fazenda eram castrados. O mais popular deles era pequeno, gordinho, chamava-se Squealer. Tinha bochechas muito redondas, piscava sem parar, tinha movimentos ágeis e voz aguda. Era um comunicador brilhante e, quando expunha um argumento complicado, tinha

um jeito de pular de um lado para outro e de agitar o rabicó. Isso o tornava muito convincente. Os outros diziam que Squealer era capaz de transformar o preto em branco.

Esses três haviam consolidado os ensinamentos do Major em um sistema de pensamento completo, ao qual deram o nome de Animalismo. Diversas noites por semana, depois de o senhor Jones dormir, eles faziam reuniões secretas no celeiro e apresentavam os princípios do Animalismo para os demais. No começo, enfrentaram muita tolice e apatia. Alguns bichos falavam sobre o dever de lealdade para com o senhor Jones, a quem se referiam como "Senhor", ou faziam comentários rasteiros como "O senhor Jones nos alimenta. Se ele sumir, vamos morrer de fome". Outros faziam perguntas como "Por que deveríamos nos importar com o que acontece com o nosso corpo depois de morrer?" ou então "Se essa Revolução vai acontecer de qualquer jeito, que diferença faz trabalharmos por ela ou não?". Os porcos tinham uma dificuldade imensa de fazê-los enxergar que aquilo era contrário ao espírito do Animalismo. As perguntas mais cretinas de todas eram feitas por Mollie, a égua branca. A primeira que ela fez a Snowball foi: "Ainda vai ter açúcar, depois da Revolução?".

– Não – disse Snowball, firme. – Não temos meios de produzir açúcar nesta fazenda. Além disso, você não precisa de açúcar. Vai ter toda a aveia e todo o feno que quiser.

– Eu ainda vou poder usar fitas na crina? – perguntou Mollie.

– Camarada, esses enfeites que você tanto adora são uma das marcas da escravidão. Você não consegue entender que a liberdade vale mais do que as fitas?

Mollie concordou, mas não pareceu muito convencida.

Os porcos enfrentaram uma batalha ainda mais difícil para combater as mentiras ditas por Moses, o corvo domesticado.

Moses, o queridinho do senhor Jones, era espião e contador de lorotas, mas também um conversador muito esperto. Ele afirmava saber da existência de um país misterioso chamado Montanha de Açúcar, para onde os animais iam ao morrer. Ficava em algum lugar lá em cima no céu, um pouco depois das nuvens, dizia Moses. Na Montanha de Açúcar, todos os dias eram domingo, o trevo crescia durante o ano inteiro e, nos canteiros, brotavam torrões de açúcar e bolos de linhaça. Os animais odiavam Moses porque ele contava mentiras e não trabalhava, mas alguns acreditavam na Montanha de Açúcar, e os porcos precisaram se esforçar muito para convencê-los de que tal lugar não existia.

Seus discípulos mais fiéis eram os cavalos que puxavam o arado, Boxer e Clover. Os dois tinham muita dificuldade em pensar com a própria cabeça, porém, uma vez que aceitaram os porcos como seus professores, absorveram tudo que lhes foi dito e passaram adiante, aos outros animais, usando argumentos simples. Nunca faltavam às reuniões secretas no celeiro e puxavam a cantoria de "Animais da Inglaterra" que encerrava os encontros.

Eis que a Revolução acabou acontecendo bem mais cedo e com muito mais facilidade do que qualquer um poderia ter imaginado. Antigamente, o senhor Jones, apesar de ser um proprietário severo, fora um fazendeiro capaz, mas agora estava em franca decadência. Tinha ficado muito abalado depois de perder dinheiro em um processo e começara a beber mais do que seria razoável. Por dias inteiros permanecia afundado na cadeira Windsor da cozinha, lendo jornal, bebendo e de vez em quando dando para Moses cascas de pão encharcadas de cerveja. Os empregados se tornaram preguiçosos e desonestos, os campos ficaram cheios de ervas daninhas, as edificações careciam de reparos no telhado, a

lavoura foi negligenciada e os animais não recebiam comida suficiente.

Junho chegou e o feno estava quase pronto para ser colhido. Na véspera do solstício de verão, que caiu em um sábado, o senhor Jones foi para Willingdon e bebeu tanto no bar Leão Ruivo que não voltou até o meio-dia de domingo. Os empregados tinham ordenhado as vacas bem cedo pela manhã e depois saído para caçar coelhos, sem se dar ao trabalho de alimentar os animais. Quando o senhor Jones voltou, foi dormir no sofá da sala com o jornal *News of the World* por cima do rosto, e assim, quando a noite chegou, os animais continuavam sem comida. Por fim, decidiram que já bastava. Uma das vacas usou os chifres para quebrar a porta do galpão e todos os animais começaram a comer, servindo-se das lixeiras. Foi quando o senhor Jones acordou. No instante seguinte, ele e seus quatro funcionários estavam no galpão, empunhando chicotes e golpeando em todas as direções. Aquilo era mais do que os animais famintos poderiam suportar. De comum acordo, embora nada do tipo tivesse sido planejado de antemão, eles se lançaram contra seus algozes. Jones e seus empregados viram-se de repente sendo estapeados e chutados por todos os lados. Perderam totalmente o controle da situação – nunca tinham visto os animais se comportarem daquele jeito. A rebelião súbita de criaturas que, a seu bel-prazer, eles estavam habituados a espancar e maltratar assustou-os até quase a ponto de fazê-los perder o juízo. Após poucos instantes eles desistiram de tentar se defender e partiram em disparada. No minuto seguinte, todos os cinco fugiam em desabalada carreira pela trilha que levava à estrada principal, com os animais triunfantes em seu encalço.

A senhora Jones espiou pela janela do quarto, viu o que estava acontecendo, depressa jogou uns poucos pertences em

uma sacola de tecido e escapou da fazenda por outro caminho. Moses deixou o poleiro e voou atrás dela crocitando alto. Enquanto isso, os animais tinham expulsado Jones e seus ajudantes para a estrada e batido o portão de barras atrás deles. Assim, antes que os bichos percebessem por completo o que havia, a Revolução foi executada com sucesso: Jones estava banido e a Fazenda Solar era todinha deles.

Nos primeiros minutos, os animais mal podiam acreditar em sua sorte. Sua primeira atitude foi percorrer, juntos, os limites da fazenda, como que para se certificar de que nenhuma criatura humana estava escondida por ali; depois, voltaram rápido para as construções, a fim de eliminar os últimos traços do odioso reinado de Jones. A sala dos arreios, na ponta do estábulo, foi arrombada; os freios, as argolas de nariz, as correntes dos cachorros, as lâminas cruéis com que o senhor Jones costumava castrar porcos e cordeiros, tudo foi jogado no poço. As rédeas, os cabrestos, os tapa-olhos e os humilhantes sacos de forragem, além dos chicotes, foram lançados à fogueira de lixo que queimava no pátio. Todos os animais cabriolaram de felicidade quando viram os chicotes ardendo nas chamas. Snowball também atirou ao fogo as fitas com as quais as crinas e caudas dos cavalos eram enfeitadas nos dias de exposição.

– Fitas – ele disse – devem ser consideradas roupas, que são uma das marcas do ser humano. Todos os animais devem andar nus.

Ao ouvir isso, Boxer tirou o chapeuzinho de palha que usava no verão, para manter as moscas longe das orelhas, e o jogou na fogueira, para queimar com o resto.

Em bem pouco tempo os animais destruíram tudo que os fazia lembrar o senhor Jones. Napoleon os conduziu de volta

ao galpão e serviu para todo mundo uma ração dupla de milho, com dois biscoitos para cada cachorro. Então eles cantaram "Animais da Inglaterra" do começo ao fim diversas vezes, depois se ajeitaram para passar a noite e dormiram melhor do que nunca.

Acordaram ao alvorecer, como de costume, e, recordando de repente a coisa gloriosa que tinha acontecido, correram todos juntos para o pasto. Não muito longe do pasto havia uma pequena elevação, de onde era possível ver a fazenda inteira. Os animais correram para o topo dela e observaram o entorno à luz clara da manhã. Sim, era deles, tudo o que conseguiam enxergar era deles! Extasiados por esse pensamento, deram cambalhotas e rodopiaram no ar com grandes piruetas de excitação. Rolaram no solo orvalhado, abocanharam bocados da grama perfumada de verão, chutaram pedaços de terra e farejaram seu aroma encorpado. Depois, fizeram uma caminhada de inspeção por toda a fazenda e examinaram em muda admiração a terra lavrada, o campo de feno, o pomar, o açude, o bosque. Era como se nunca tivessem visto aquelas coisas antes, como se mesmo agora mal pudessem acreditar que tudo lhes pertencia.

Em seguida, voltaram à área construída e estancaram em silêncio do lado de fora da sede. Pertencia a eles também, mas tiveram medo de entrar. Depois de um instante, porém, Snowball e Napoleon empurraram a porta com os ombros até que ela se abriu, e os animais entraram em fila indiana, andando com máximo cuidado por receio de perturbar qualquer coisa. Avançaram pé ante pé de quarto em quarto, temerosos de falar acima de um cochicho e observando tudo com uma espécie de espanto diante do luxo inacreditável, das camas com colchões de penas, dos espelhos, do sofá de crina de cavalo, do tapete de Bruxelas, da litografia da rainha

Vitória sobre a lareira na sala de estar. O grupo vinha descendo a escada quando deu pela falta de Mollie. Retornando, descobriram que ela ficara para trás no melhor dos dormitórios. Havia apanhado um pedaço de fita azul na penteadeira da senhora Jones e o segurava na altura do ombro, apreciando o efeito no espelho, de um modo muito tolo. Os demais a repreenderam com toda a seriedade e depois deixaram o cômodo. Alguns presuntos pendurados na cozinha foram recolhidos para ser enterrados, e o barril de cerveja da copa foi tombado com um coice de Boxer. Fora isso, nada mais foi tocado na casa. Ali mesmo, e por unanimidade, foi aprovada a resolução de manter a sede preservada como um museu. Todos concordaram que nenhum animal jamais deveria morar lá.

Os animais tomaram o café da manhã e logo Snowball e Napoleon os reuniram outra vez.

– Camaradas – disse Snowball –, são seis e meia e nós temos um longo dia pela frente. Hoje, começa a colheita do feno. Mas há outra questão que precisamos resolver antes.

Os porcos então revelaram que nos três últimos meses haviam aprendido a ler e a escrever, usando um livro velho que havia pertencido aos filhos do senhor Jones antes de ser descartado no monte de lixo. Napoleon mandou buscar tinta preta e branca e liderou o grupo até o portão de cinco barras que dava para a estrada. Então Snowball (pois era ele quem escrevia melhor) segurou um pincel entre as articulações da pata, cobriu as palavras “Fazenda Solar”, que ficavam na barra superior do portão, e no lugar delas pintou “Fazenda dos Animais”. Aquele seria o nome, dali em diante. Depois disso, eles voltaram à área construída da fazenda, onde Snowball e Napoleon mandaram buscar uma escada, que apoiaram contra a parede dos fundos do grande celeiro. Eles explicaram que,

por meio dos estudos no último trimestre, os porcos tinham conseguido reduzir os princípios do Animalismo a Sete Mandamentos. Estes Sete Mandamos seriam agora inscritos na parede e iriam constituir uma lei inalterável, pela qual e sob a qual todos os animais da Fazenda dos Animais deveriam viver. Com alguma dificuldade (pois não é fácil para um porco equilibrar-se em uma escada), Snowball subiu e se pôs ao trabalho, com Squealer alguns degraus abaixo segurando o pote de tinta. Na parede preta de alcatrão, os Sete Mandamentos foram escritos em grandes letras brancas, que podiam ser lidas a mais de vinte e cinco metros de distância. Eram os seguintes:

OS SETE MANDAMENTOS

1. O que anda em duas pernas é inimigo.

2. O que anda em quatro pernas, ou tem asas, é amigo.

3. Nenhum animal deve usar roupa.

4. Nenhum animal deve dormir em cama.

5. Nenhum animal deve beber álcool.

6. Nenhum animal deve matar nenhum outro animal.

7. Todos os animais são iguais.

Foram escritos com muito capricho e, exceto que "amigo" fora grafado "amiog" e que um dos S aparecia invertido, a ortografia estava perfeita. Snowball leu em voz alta, para benefício de todos. Os animais assentiram em total concordância, e os mais inteligentes começaram na mesma hora a decorar os Sete Mandamentos.

– Agora, camaradas – gritou Snowball, soltando o pincel –, para o campo de feno! É ponto de honra que a colheita seja feita mais depressa por nós do que o Jones e os homens dele

conseguiriam.

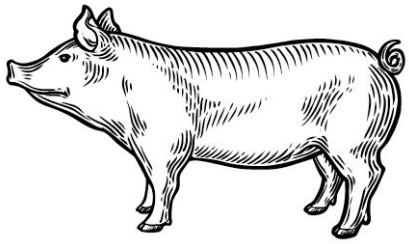
Mas nesse momento as três vacas, que tinham estado inquietas já fazia algum tempo, soltaram um mugido alto. Elas não haviam sido ordenhadas nas últimas vinte e quatro horas e seus úberes estavam quase explodindo. Após breve reflexão, os porcos mandaram buscar galões e as ordenharam com bastante sucesso, tendo patas bem adaptadas para a tarefa. Logo havia cinco galões cheios de um leite cremoso e espumante, para os quais muitos dos bichos olharam com considerável interesse.

– O que vai ser feito de todo esse leite? – perguntou alguém.

– O Jones de vez em quando misturava um pouco na nossa ração – disse uma das galinhas.

– Esqueçam o leite, camaradas! – gritou Napoleon, pondo-se na frente dos galões. – Isso vai ser tratado. A colheita é mais importante. O camarada Snowball vai liderar o caminho, eu me juntarei a vocês daqui a pouco. Avante, camaradas! O feno está à espera.

Assim, os animais marcharam rumo ao campo de feno para iniciar a colheita e, quando voltaram, no fim do dia, percebeu-se que o leite havia desaparecido.



CAPÍTULO 3

Como eles se esfalfaram e suaram para colher o feno! Mas seus esforços foram recompensados, pois a colheita foi até maior do que tinham esperado.

O trabalho, de vez em quando, se mostrou bem árduo; os implementos agrícolas tinham sido projetados para seres humanos, e não para animais. Assim, apesar dos esforços, nenhum animal foi capaz de usar ferramentas que exigissem ficar apoiado só nas patas traseiras. Mas os porcos eram tão inteligentes que conseguiam pensar em modos de contornar todas as dificuldades. Quanto aos cavalos, conheciam cada centímetro do campo e dominavam o negócio de ceifar e agrupar muito melhor do que Jones e seus homens. Os porcos não trabalhavam diretamente, e sim dirigiam e supervisionavam os demais. Com o conhecimento superior que tinham, era natural que assumissem a liderança. Boxer e Clover se atrelaram sozinhos à colheitadeira ou ao ancinho (nem freios nem rédeas eram necessários nessa época, é claro) e deram voltas e mais voltas ao redor do campo, com um porco andando atrás e gritando “Força aí, camarada!” ou então “Agora volta, camarada!”, conforme fosse o caso. Todos os bichos, até o mais humilde, trabalharam para enfardar e reunir o feno. Mesmo os patos e as galinhas labutaram o dia inteiro sob o Sol, carregando tufos miúdos nos bicos. No final,

terminaram a colheita em um prazo dois dias mais curto do que Jones e seus homens. Além disso, era a maior colheita que a fazenda já tinha visto. Não houve nenhum desperdício: as galinhas e os patos, com seus olhos afiados, haviam recolhido até o último gravetinho. E nenhum animal roubou nem mesmo uma bocada.

Durante todo o verão, o trabalho na fazenda funcionou como um relógio. Os animais eram felizes como jamais tinham imaginado ser. Cada punhado de comida dava um prazer intenso, agora que aquilo era verdadeiramente a comida deles, produzida por e para eles mesmos, não distribuída de modo mesquinho por um dono relutante. Com os seres humanos inúteis e parasitas fora do caminho, sobrava mais comida para cada um. E havia mais lazer, também, mesmo sendo os animais tão inexperientes. Eles enfrentaram muitos obstáculos; mais tarde naquele ano, por exemplo, quando chegou o momento de colher o milho, precisaram pisotear à moda antiga e soprar a casca, uma vez que a fazenda não possuía máquina de debulhar. Mas os porcos, com sua inteligência, e Boxer, com seus músculos tremendos, sempre conseguiam resolver problemas. Todos admiravam Boxer, que já trabalhava duro mesmo nos tempos de Jones, mas agora era como três cavalos em um; havia dias em que todo o trabalho da fazenda parecia depender de seus poderosos ombros. Desde cedo até à noite, ele empurrava e puxava, sempre no lugar onde o trabalho era mais árduo. Tinha feito um acordo, com um dos galos, para que o chamasse, todas as manhãs, meia hora antes dos demais, e realizava algum serviço voluntário onde quer que lhe parecesse mais necessário, antes que o dia normal de trabalho começasse. Para todos os problemas, todos os reveses, sua resposta era “Vou trabalhar mais ainda!”, o que ele adotou como lema pessoal.

Mas todos trabalhavam conforme sua capacidade. As galinhas e os patos, por exemplo, salvaram cinco baldes de milho ao juntar os grãos espalhados. Ninguém roubava, ninguém resmungava a respeito da ração; as brigas e mordidas e o ciúme, eventos cotidianos nos velhos tempos, tinham quase sumido. Ninguém se esquivava, ou quase ninguém. Mollie, verdade seja dita, não era muito boa em acordar cedo e costumava abandonar o trabalho antes da hora, alegando ter uma pedra entalada no casco. E o comportamento da gata era um tanto peculiar. Logo se percebeu que, sempre que havia trabalho a ser feito, ela nunca podia ser encontrada. Desaparecia por longas horas e reaparecia na hora das refeições ou no fim do dia, quando o trabalho estava terminado, como se nada tivesse acontecido. Mas sempre apresentava desculpas excelentes, e ronronava com tanto afeto, que era impossível não acreditar em suas boas intenções. O velho Benjamin, o burro, parecia não ter mudado nada desde a Revolução. Realizava o trabalho do mesmo modo lento e obstinado da época de Jones, nunca se esquivando, mas também nunca se oferecendo para uma tarefa extra. Sobre a Revolução e suas consequências, ele não manifestava opinião. Quando lhe perguntavam se ele não era mais feliz agora que Jones tinha ido embora, dizia apenas “Burros vivem bastante. Nenhum de vocês jamais viu um burro morto”, e os outros precisavam se dar por satisfeitos com esta resposta cifrada.

Aos domingos, não se trabalhava. O café da manhã era uma hora mais tarde do que o habitual, e depois dele ocorria uma cerimônia que era respeitada todas as semanas, sem falha. Primeiro, hasteava-se a bandeira. Snowball tinha encontrado na sala dos arreios uma velha toalha de mesa da senhora Jones, de tecido verde, e nela pintado de branco um casco e um chifre. Era içada no mastro do jardim da sede todos os

domingos de manhã. A bandeira era verde, Snowball tinha explicado, para representar os campos verdejantes da Inglaterra, ao passo que o casco e o chifre significavam a República dos Animais, que surgiria quando a raça humana fosse finalmente derrubada. Depois do hasteamento da bandeira, os animais marchavam até o grande celeiro para uma assembleia geral, conhecida como Reunião. Ali, o trabalho da semana seguinte era planejado e propostas, apresentadas e debatidas. Eram sempre os porcos que apresentavam as propostas. Os outros animais entendiam como votar, mas nunca conseguiam pensar sozinhos em nenhuma sugestão. Snowball e Napoleon eram de longe os mais ativos nos debates. Mas os demais logo perceberam que aqueles dois nunca estavam de acordo: qualquer sugestão que um fizesse, era certo que o outro seria contra. Mesmo quando se decidiu separar o pequeno pasto atrás do pomar como casa de repouso para os animais aposentados, uma coisa que em si mesma nada tinha de controversa, houve uma discussão acalorada sobre a idade adequada para a aposentadoria de cada classe de animal. A Reunião sempre terminava com o canto de "Animais da Inglaterra", e a tarde era dedicada à recreação.

Os porcos haviam reservado a sala dos arreios como escritório. Ali, à noite, estudavam carpintaria, ferraria e outras artes necessárias em livros que tinham trazido da sede. Snowball também se ocupou de organizar os outros bichos no que ele chamou de Comitês Animais. Era infatigável nessa função. Formou o Comitê de Produção de Ovos para as galinhas, a Liga das Caudas Limpas para as vacas, o Comitê de Reeducação dos Camaradas Silvestres (cujo objetivo era domesticar ratos e coelhos), o Movimento da Lã Mais Branca para as ovelhas e diversos outros, além de instituir aulas de leitura e escrita. No geral, esses projetos foram um fracasso. A

tentativa de domesticar as criaturas silvestres, por exemplo, falhou quase de imediato. Elas continuaram a se comportar como antes e, quando tratadas com generosidade, simplesmente tiravam vantagem disso. A gata se juntou ao Comitê de Reeducação e foi muito ativa por alguns dias. Foi vista, em certa ocasião, sentada em um telhado, conversando com pardais um pouco além de seu alcance. Dizia a eles que todos os animais eram camaradas agora e que qualquer pardal que assim quisesse poderia se aproximar e subir em sua pata; mas os pardais mantinham distância.

As aulas de leitura e escrita, por outro lado, foram um sucesso estrondoso. No outono, quase todos os animais da fazenda estavam alfabetizados em algum grau.

Quanto aos porcos, já sabiam ler e escrever perfeitamente. Os cachorros aprenderam a ler bastante bem, mas não estavam interessados em ler nada além dos Sete Mandamentos. Muriel, a cabra, conseguia ler um pouco melhor do que os cachorros e às vezes, à noite, lia para os outros alguns fragmentos de jornais encontrados na pilha de lixo. Benjamin conseguia ler tão bem quanto qualquer porco, mas nunca praticava essa habilidade. Até onde ele sabia, costumava dizer, não havia nada que valesse a pena ser lido. Clover aprendeu o alfabeto inteiro, mas não conseguia formar palavras. Boxer não conseguiu ir além da letra D. Era capaz de desenhar A, B, C e D com o grande casco, mas depois ficava encarando as letras, com as orelhas para trás, algumas vezes balançando o topete, tentando com todas as forças se lembrar do que vinha depois, sem nunca conseguir. Em diversas ocasiões chegou a escrever as letras E, F, G, H; mas, quando as aprendia, descobria ter desaprendido A, B, C, D. Por fim, decidiu se satisfazer com as primeiras quatro letras, e costumava escrevê-las uma ou duas vezes todos os dias, para refrescar a memória. Mollie se

recusou a aprender qualquer letra além das que formavam seu nome. Ela desenhava as letras em caprichados arranjos de gravetos, e depois os decorava com uma flor ou duas e andava ao redor, admirando o resultado.

Nenhum dos outros animais da fazenda conseguiu ir além da letra A. Descobriu-se também que os bichos mais limitados, como as ovelhas, as galinhas e os patos, eram incapazes de saber os Sete Mandamentos de cor. Após muito refletir, Snowball declarou que os Sete Mandamentos poderiam de fato ser reduzidos a uma única máxima: "Quatro pernas bom, duas pernas ruim". Isso, ele disse, continha o princípio essencial do Animalismo. Qualquer um que compreendesse totalmente aquela frase estaria a salvo de influências humanas. Os pássaros, no começo, protestaram, pois parecia-lhes que também tinham duas pernas, mas Snowball provou que eles não eram assim.

– A asa de uma ave, camaradas, é um órgão de propulsão, e não de manipulação. Portanto, deve ser considerada uma perna. A marca distintiva do homem é a *mão*, o instrumento com o qual ele executa todas as suas maldades.

Os pássaros não entenderam as palavras compridas que Snowball usou, mas aceitaram a explicação, e os bichos mais humildes se puseram a decorar a nova máxima. QUATRO PERNAS BOM, DUAS PERNAS RUIM foi inscrito na parede dos fundos do celeiro, acima dos Sete Mandamentos, e em letras maiores. Uma vez que a aprenderam de cor, as ovelhas desenvolveram uma grande afeição por esta máxima e muitas vezes, enquanto estavam nos campos, começavam a balir "Quatro pernas bom, duas pernas ruim! Quatro pernas bom, duas pernas ruim!", e assim ficavam por horas a fio, sem nunca se cansar.

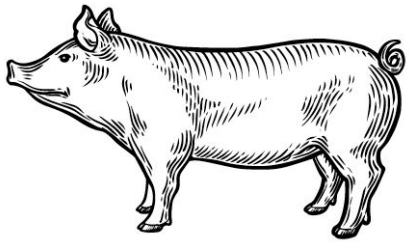
Napoleon não se interessava pelos comitês de Snowball. Dizia que a educação dos jovens era mais importante do que qualquer coisa que pudesse ser feita por aqueles que já eram adultos. Aconteceu que tanto Jessie quanto Bluebell haviam tido filhotes pouco depois da colheita do feno; juntas, pariram nove robustos cãezinhos. Assim que foram desmamados, Napoleon os tirou das mães, dizendo que seria o responsável pela educação deles. Levou-os para um sótão que só podia ser alcançado por meio de uma escada na sala dos arreios, e lá os manteve em tal isolamento que o restante dos animais depressa esqueceu que eles existiam.

O mistério do leite desaparecido logo se esclareceu: estava sendo misturado todos os dias à ração dos porcos. As primeiras maçãs já amadureciam, e o solo do pomar cobria-se de frutos derrubados pelo vento. Os animais presumiram que as maçãs seriam, é claro, repartidas igualmente; um dia, porém, veio a ordem para que todos os frutos caídos fossem recolhidos e levados à sala dos arreios, para o consumo dos porcos. Alguns animais resmungaram um pouco, mas foi inútil. Todos os porcos estavam em total acordo quanto a esse ponto, até Snowball e Napoleon. Squealer foi despachado para fornecer as devidas explicações aos demais.

– Camaradas! – ele gritou. – Vocês não pensam, espero, que nós, porcos, estamos fazendo isso em um espírito de egoísmo e privilégio! Muitos de nós nem gostam de leite e maçã. Eu mesmo não gosto. Nosso único objetivo ao pegar esses itens é preservar a nossa saúde. Leite e maçã (e isso foi provado pela Ciência, camaradas) contêm substâncias absolutamente necessárias ao bem-estar de um porco. Nós, porcos, somos trabalhadores mentais. Todo o gerenciamento e a organização desta fazenda dependem de nós. Dia e noite, nós cuidamos do seu bem-estar. É por *vocês* que tomamos aquele leite e

comemos aquelas maçãs. Vocês conseguem imaginar o que aconteceria se falhássemos em nosso dever? Jones iria voltar! Sim, Jones iria voltar! Com certeza, camaradas – Squealer gritou, quase implorando, saltitando de um lado para outro e agitando o rabicó –, com certeza não há ninguém entre vocês que queira ver o Jones de volta!

Bem, se havia uma coisa da qual todos os animais estavam completamente seguros era que não queriam a volta de Jones. Quando as coisas foram mostradas sob esse ângulo, eles nada mais tiveram a dizer. A importância de manter os porcos com boa saúde era por demais óbvia. Dessa forma ficou acordado, sem mais discussões, que o leite e as maçãs caídas (e também a safra principal de maçãs, quando elas amadurecessem) deveriam ser reservados apenas para os porcos.



CAPÍTULO 4

No fim do verão, as notícias sobre o que acontecera na Fazenda dos Animais tinham se espalhado por metade do condado. Todos os dias, Snowball e Napoleon despachavam bandos de pombos com a instrução de se misturarem aos animais das fazendas vizinhas, contarem a história da Revolução e ensinarem a eles a música "Animais da Inglaterra".

O senhor Jones passara a maior parte desse período na taberna Leão Ruivo, em Willingdon, reclamando para quem quisesse ouvir sobre a injustiça monstruosa que havia sofrido ao ser expulso de sua propriedade por um bando de bichos inúteis. Os outros fazendeiros se solidarizaram, em um primeiro momento, mas no início não lhe deram muita ajuda. Em seu íntimo, cada um secretamente perguntava se não poderia, de algum modo, tirar vantagem do infortúnio de Jones. Foi uma sorte que os donos das terras vizinhas da Fazenda dos Animais estivessem permanentemente brigados. Uma delas, chamada Foxwood, era grande, abandonada, antiga, tomada pelo mato, com todos os pastos gastos e as plantações em petição de miséria. O dono, senhor Pilkington, era um cavalheiro de modos afáveis que passava a maior parte do tempo pescando ou caçando, conforme a estação. Outra propriedade, que se chamava Pinchfield, era menor e mais

bem cuidada. O proprietário, o senhor Frederick, um homem bruto e astuto, vivia envolvido em processos, com fama de sempre se sair bem em negociações difíceis. Esses dois se detestavam tanto que era difícil concordarem sobre alguma coisa, mesmo quando na defesa dos próprios interesses.

Apesar disso, ambos ficaram igualmente assustados com a rebelião na Fazenda dos Animais e muito ansiosos para impedir que seus próprios bichos soubessem dela. No começo, deram risada, fingindo desprezo pela ideia de animais gerenciarem sozinhos uma fazenda. A coisa toda estaria terminada em quinze dias, apostaram. Diziam que os bichos da Fazenda Solar (insistiam em chamá-la de Fazenda Solar, não toleravam o nome "Fazenda dos Animais") brigavam continuamente e caminhavam depressa para a morte por falta de comida. Quando o tempo passou e os animais evidentemente não morreram de fome, Frederick e Pilkington mudaram o discurso e começaram a falar sobre a crueldade terrível que agora florescia na Fazenda dos Animais. Dizia-se que os bichos de lá praticavam canibalismo, torturavam-se uns aos outros com ferraduras em brasa e compartilhavam as fêmeas. Este era resultado de rebelar-se contra as leis da Natureza, diziam Frederick e Pilkington.

No entanto, essas histórias nunca foram levadas totalmente a sério. Boatos sobre uma fazenda maravilhosa, de onde os seres humanos tinham sido expulsos e os animais cuidavam dos próprios assuntos, continuaram a circular de forma vaga e distorcida, e ao longo daquele ano uma onda de rebeliões varreu o campo. Touros que sempre tinham sido dóceis subitamente se tornaram selvagens, ovelhas quebraram as cercas dos canteiros e devoraram os trevos, vacas chutaram o balde, os cavalos de caça refugavam diante das cercas e atiravam os cavaleiros para o lado de lá. Acima de tudo, a

melodia e até a letra de “Animais da Inglaterra” eram agora conhecidas em todos os lugares. Havia se espalhado a uma velocidade espantosa. Os seres humanos não continham a raiva quando ouviam a canção, embora fingissem considerá-la apenas ridícula. Não conseguiam entender, diziam, como até mesmo bichos se dignavam a cantar uma bobagem tão desprezível. Qualquer animal flagrado cantando aquela música era açoitado na mesma hora. Mesmo assim, ela era irreprimível. Os melros a assoviavam nas cercas, os pombos a arrulhavam nos olmos, ela penetrava no estrondo dos martelos das ferrarias e na melodia dos sinos das igrejas. E quando os seres humanos a ouviam, tremiam em segredo, percebendo na letra a profecia de sua futura desgraça.

No início de outubro, quando o milho estava cortado e ensacado, e parte dele até debulhada, uma revoada de pombos se aproximou rodopiando e pousou no pátio da Fazenda dos Animais na mais selvagem agitação. Jones e todos os homens dele, com mais meia dúzia vinda de Foxwood e Pinchfield, tinham cruzado o portão de cinco barras e subiam a trilha que levava à fazenda. Todos carregavam bastões, exceto Jones, que marchava na frente empunhando uma arma. Obviamente, eles tentariam retomar a fazenda.

Aquilo já era esperado fazia bastante tempo, e todos os preparativos tinham sido feitos. Snowball, que em um livro antigo encontrado na sede havia estudado a história das campanhas militares do imperador romano Júlio César, estava encarregado das operações de defesa. Deu suas ordens bem depressa, e em poucos minutos todos os animais estavam em posição.

Conforme os seres humanos se aproximavam das construções da fazenda, Snowball lançou seu primeiro ataque. Todos os pombos, que somavam trinta e cinco, voaram de um

lado para outro por cima das cabeças dos homens e lá de cima defecaram sobre eles; enquanto os homens lidavam com aquilo, os gansos, que até então estavam escondidos atrás da sebe, chegaram correndo e começaram a bicar violentamente as panturrilhas humanas. Aquilo, porém, era apenas uma pequena manobra para provocá-los e criar um pouco de confusão, e os homens facilmente os afastaram com os bastões. Snowball lançou então a segunda frente de ataque. Muriel, Benjamin e todas as ovelhas, com Snowball à frente, avançaram contra eles, empurrando-os e batendo de todos os lados, enquanto Benjamin se virou de costas e os atingiu com os cascos. No entanto, mais uma vez os homens, com seus bastões e botas reforçadas com metal, foram mais fortes do que os bichos; de repente, a um guincho de Snowball, que era o sinal para retirada, todos os animais fizeram meia-volta, cruzaram o portão e correram para o pátio.

Os homens deram um grito de triunfo. De acordo com o que tinham imaginado, viram os inimigos fugindo, e os perseguiram desordenadamente. Isso era exatamente o que Snowball queria. Assim que todos alcançaram o fundo do pátio, os três cavalos, as três vacas e o restante dos porcos, que estavam de tocaia no curral, apareceram de repente às costas deles e os interceptaram. Snowball então deu o sinal para o ataque. Ele mesmo partiu direto contra Jones. Jones o viu se aproximando, ergueu a arma e disparou. As balas provocaram riscos de sangue nas costas de Snowball, e uma ovelha tombou morta. Sem um instante de hesitação, Snowball lançou seus cem quilos contra as pernas de Jones, que rodopiou e caiu sobre um monte de esterco. A arma saiu voando de suas mãos. Mas o espetáculo mais aterrorizante de todos foi Boxer, empinado nas patas traseiras, atacando com os grandes cascos dianteiros como se fosse um garanhão. Seu primeiro golpe

atingiu um cavalariço de Foxwood na cabeça e o lançou sem vida na lama. Diante daquela cena, vários homens largaram os bastões e tentaram fugir, tomados pelo pânico. No momento seguinte, os animais, juntos, os perseguiam. Os humanos corriam em círculos pelo pátio. Foram chifrados, chutados, mordidos, pisoteados. Não houve um só animal na fazenda que não se vingasse deles à própria maneira. Até a gata saltou de um telhado para os ombros de um vaqueiro e fincou as garras em sua nuca, arrancando-lhe gritos medonhos. Assim que a abertura da passagem ficou livre, os homens se sentiram mais do que felizes em correr para fora dali e fugir para a estrada. Assim, cinco minutos após a invasão, eles estavam vergonhosamente batendo em retirada pelo mesmo caminho usado na ida, com um bando de gansos bicando suas panturrilhas ao longo de toda a fuga.

Todos os homens foram embora, exceto um. Lá atrás, no pátio, Boxer apalpava com a pata o cavalariço cuja cabeça estava afundada na lama, tentando girá-lo. O rapaz não se mexia.

– Está morto – anunciou Boxer, pesaroso. – Eu não tive intenção de acabar com ele. Esqueci que estava usando ferraduras. Mas quem vai acreditar que não fiz isso de propósito?

– Nada de sentimentalismos, camarada! – respondeu Snowball, com as feridas ainda vertendo sangue. – Guerra é guerra. Ser humano bom é ser humano morto.

– Não tenho nenhum desejo de acabar com uma vida, nem mesmo com uma vida humana – disse Boxer, e seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Onde está a Mollie? – perguntou alguém.

Mollie realmente não se encontrava ali. Por um momento,

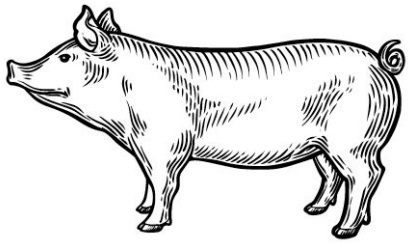
todos ficaram bem alarmados, com receio de que os homens a tivessem ferido de algum modo, ou mesmo a levado embora. No fim, porém, ela foi encontrada escondida em sua baia, com a cabeça enfiada no meio do feno do comedouro. Fugira assim que ouvira a arma disparar. E quando os outros voltaram da procura por ela, foi apenas para descobrir que o cavalariço, que de fato estava apenas desmaiado, tinha se recuperado e dado no pé.

Os animais se reuniram na maior agitação, cada um, em altos brados, recontando os próprios feitos na batalha. Imediatamente, improvisou-se uma celebração pela vitória. A bandeira foi hasteada e "Animais da Inglaterra" foi entoada vezes sem conta. A ovelha que fora morta recebeu um enterro solene e um arbusto espinheiro foi plantado em sua sepultura. Junto à cova, Snowball fez um pequeno discurso, no qual enfatizou a importância de todos os bichos estarem prontos para morrer pela Fazenda dos Animais se fosse necessário.

Eles decidiram, por unanimidade, criar uma condecoração militar, "Herói Animal, Primeira Categoria", conferida ali mesmo a Snowball e a Boxer. A condecoração consistia de uma medalha de latão (na verdade velhos pedaços de metal tirados dos cabrestos, encontrados na sala dos arreios), a ser usada nos domingos e feriados. Foi instituída também a "Herói Animal, Segunda Categoria", conferida postumamente à ovelha morta.

Houve muito debate quanto ao nome que a batalha deveria receber. No fim, foi chamada de "Batalha do Estábulo", por ter sido lá que a emboscada havia ocorrido. A arma do senhor Jones foi encontrada afundada na lama, e sabia-se que havia um estoque de munição na sede da fazenda. Ficou decidido que ela seria instalada na base do mastro da bandeira, como uma peça de artilharia, e que seria disparada duas vezes ao

ano: uma em 12 de outubro, aniversário da Batalha do Estábulo, e outra no solstício de verão, aniversário da Revolução.



CAPÍTULO 5

Com o avançar do inverno, Mollie se tornou cada vez mais problemática. Todas as manhãs, ela se atrasava para o trabalho e se justificava dizendo que havia perdido a hora; também se queixava de dores misteriosas, embora seu apetite fosse excelente. Ao menor pretexto, fugia do trabalho e se dirigia ao açude, onde ficava observando o próprio reflexo na água. Mas corriam rumores sobre uma coisa mais séria. Um dia, quando Mollie desfilava alegremente pelo pátio, agitando a longa cauda e mascando um raminho de feno, Clover a chamou de lado.

– Mollie, tenho uma coisa muito importante para lhe dizer. Hoje de manhã eu a vi espiando por cima da cerca que divide a Fazenda dos Animais da Fazenda Foxwood. Vi também um dos empregados do senhor Pilkington do lado de lá. Eu estava distante, mas tenho quase certeza de que ele conversava com você, que o deixou afagar seu focinho. O que significa isso, Mollie?

– Ele não estava lá! E não deixei que fizesse nada! Não é verdade! – gritou Mollie, começando a saltar e a patear o chão.

– Mollie! Olhe para mim. Você me dá sua palavra de honra de que aquele homem não estava afagando seu focinho?

– Não é verdade! – repetiu Mollie, mas sem conseguir

encarar Clover. No instante seguinte ela firmou os cascos e galopou para o campo a toda velocidade.

Uma ideia ocorreu a Clover. Sem dizer nada aos demais, foi até a baia de Mollie e, usando a pata, revirou a palha. Escondidos ali estavam uma pilha de torrões de açúcar e um punhado de fitas de variadas cores.

Três dias depois, Mollie desapareceu. Durante semanas, nada se soube do paradeiro dela, mas depois os pombos contaram que a tinham visto do outro lado de Willingdon, atrelada a uma charrete muito chique, pintada de vermelho e preto, estacionada em frente a um bar. Um homem gordo e de rosto rosado, vestindo calça xadrez e polainas e parecendo ser o gerente, fazia carinho nela e lhe oferecia torrões de açúcar. A pelagem parecia recentemente tosada e havia uma fita escarlate em seu topete. Ela parecia bem contente, disseram os pombos. Nenhum dos animais jamais voltou a mencionar Mollie.

Em janeiro, o clima ficou absurdamente frio. A terra era como ferro, e não se podia fazer nada nos campos. Muitas reuniões foram organizadas no grande celeiro e os porcos se ocuparam do planejamento do trabalho para a estação seguinte. Aceitou-se que os porcos, manifestamente mais inteligentes do que os outros animais, decidiriam todas as questões da política agrícola, apesar de suas decisões precisarem ser ratificadas por votação majoritária. Este arranjo teria funcionado bastante bem, se não fossem as disputas entre Snowball e Napoleon. Aqueles dois discordavam em todos os pontos em que era possível haver um desacordo. Se um deles sugerisse plantar cevada em uma área maior, era certo que o outro exigiria uma área maior semeada com aveia; e se um dissesse que tal ou tal campo era adequado para repolhos, o outro iria declarar que o dito campo era inútil para qualquer

coisa que não fossem tubérculos. Cada um tinha os próprios seguidores, e debates violentos ocorriam. Nas reuniões, Snowball com frequência conquistava a maioria por meio de seus discursos brilhantes, mas Napoleon era melhor em granjear apoio durante os intervalos. Ele era especialmente bem-sucedido com as ovelhas. Fazia algum tempo que elas tinham passado a balir "Quatro pernas bom, duas pernas ruim" o tempo todo, e com frequência interrompiam as reuniões assim. Percebeu-se que eram particularmente propensas a entoar "Quatro pernas bom, duas pernas ruim" em momentos cruciais dos discursos de Snowball. Ele havia estudado com afinco alguns números antigos da revista *Agricultura e pecuária*, encontrados na sede da fazenda, e estava cheio de planos de inovação e melhorias. Falava com conhecimento de causa sobre drenos, silos e resíduos, e havia desenvolvido um sistema complexo para que todos os animais despejassem seus excrementos diretamente nos campos, em um lugar diferente a cada dia, para poupar o trabalho do transporte até lá. Napoleon traçou o próprio sistema e resmungava entre os dentes que os planos de Snowball não dariam em nada; parecia estar ganhando tempo. Porém, de todas as controvérsias, nenhuma foi tão grave quanto a que ocorreu a respeito do moinho.

No grande pasto, não longe das edificações, havia uma pequena colina, o ponto mais alto da fazenda. Após estudar o terreno, Snowball declarou que aquele era o lugar perfeito para um moinho, que poderia acionar um dínamo e, assim, abastecer a fazenda de energia elétrica. Isso iluminaria as baias e os aqueceria no inverno, além de mover uma serra circular, um cortador de palha, um separador de joio e uma ordenhadeira elétrica. Os animais nunca tinham escutado nada desse tipo antes (pois a fazenda era antiquada e só dispunha do equipamento mais primitivo), e ouviram assombrados

enquanto Snowball invocava imagens de máquinas fantásticas que trabalhariam no lugar deles, enquanto eles pastariam com toda a calma nos campos ou aprimorariam as mentes com leituras e conversas.

Em poucas semanas, os planos de Snowball para o moinho estavam totalmente elaborados. Os detalhes mecânicos saíram principalmente dos três livros que tinham pertencido ao senhor Jones: *Mil coisas úteis para fazer em uma casa*, *Todo homem é o próprio pedreiro* e *Eletricidade para principiantes*. Snowball usou como escritório um abrigo que antes tinha servido de incubadora e cujo piso, de uma madeira macia, era muito adequado para receber desenhos. Ele passava horas fechado ali. Com os livros mantidos abertos por uma pedra e com um pedaço de giz preso entre as articulações da pata, Snowball se movia depressa de um lado para outro, desenhando linhas e soltando pequenos guinchos de excitação. Pouco a pouco, os esboços se transformaram em uma massa complicada de manivelas e rodas dentadas que cobriam metade do chão, um resultado que os outros bichos achavam totalmente incompreensível, mas muito impressionante. Todos eles iam espiar os esboços de Snowball ao menos uma vez por dia. Até as galinhas e os patos iam, e muito precisavam se esforçar para não apagar as marcas de giz quando andavam. Só Napoleon se mantinha distante. Havia se declarado contrário ao moinho desde o início. Um dia, entretanto, chegou de modo inesperado para examinar os desenhos. Andou gravemente ao redor do abrigo, observou de perto cada detalhe dos planos e fungou de desprezo uma ou duas vezes; depois ficou parado um instante, contemplando o projeto com o rabo do olho; por fim, de repente levantou a pata e urinou em tudo, e partiu sem dizer uma palavra.

A fazenda inteira ficou profundamente dividida quanto ao

assunto do moinho. Snowball não negou que aquela seria uma tarefa desafiadora. Eles precisariam carregar pedras colina acima para a construção dos muros, depois teriam de produzir o tecido das pás e em seguida haveria necessidade de dínamos e cabos. (Como eles seriam arranjados, Snowball não disse.) Mas o porco sustentava que tudo poderia ser feito em um ano. E após isso, declarou, tanto trabalho seria poupado que os animais só precisariam trabalhar três dias por semana. Napoleon, por sua vez, argumentava que a maior necessidade do momento era aumentar a produção de comida e que, se eles desperdiçassem tempo na construção de um moinho, acabariam morrendo de fome. Os animais se agruparam em duas facções, sob os lemas "Vote em Snowball pela jornada de três dias" e "Vote em Napoleon por refeições garantidas". Benjamin foi o único animal que não tomou o partido de nenhuma das facções. Recusava-se a acreditar que a comida se tornaria mais abundante e que o moinho diminuiria o trabalho. Com moinho ou sem moinho, ele disse, a vida continuaria como sempre, ou seja, ruim.

Além das disputas acerca do moinho, havia a questão da defesa da fazenda. Era claro que, embora os seres humanos tivessem sido derrotados na Batalha do Estábulo, eles poderiam fazer uma nova tentativa, e mais determinada, de recapturar a fazenda e reinstalar o senhor Jones. Tinham ainda mais motivos para fazer isso depois que a notícia sobre sua derrota se espalhou por toda a área rural, tornando os animais das fazendas vizinhas mais rebeldes do que nunca. Como sempre, Snowball e Napoleon divergiam. De acordo com Napoleon, o que os animais deveriam fazer era conseguir armas de fogo e praticar seu manuseio. De acordo com Snowball, eles deveriam enviar mais e mais pombos para incitar a Revolução entre os animais das outras fazendas. Um

argumentava que, se eles não fossem capazes de se defender, estariam condenados à derrota; o outro argumentava que, se rebeliões acontecessem em todos os lugares, ninguém teria necessidade de se defender. Os animais ouviam primeiro o que dizia Napoleon, depois o que dizia Snowball, e não conseguiam decidir qual estava certo; a verdade é que sempre concordavam com quem falava em dado momento.

Por fim, chegou o dia em que os projetos de Snowball ficaram prontos. Na Reunião do domingo seguinte, o tema de começar ou não o trabalho no moinho seria posto em votação. Quando os animais estavam reunidos no grande celeiro, Snowball se pôs de pé e, embora interrompido algumas vezes pelo balido das ovelhas, apresentou suas razões em defesa da construção do moinho. Depois Napoleon se levantou para contra-argumentar. Disse com muita calma que o moinho era uma bobagem e que aconselhava que ninguém votasse a favor da construção, e logo se sentou de novo; tinha falado por parcos trinta segundos e parecia quase indiferente quanto ao resultado que iria obter. Diante disso, Snowball se levantou de um salto e, gritando para que as ovelhas, que tinham recomeçado a balir, ficassem quietas, explodiu em um apelo apaixonado em favor do moinho. Até aquele momento, os animais tinham se dividido quase meio a meio em suas simpatias, mas em um instante a eloquência de Snowball os conquistou. Com frases inspiradas, ele descreveu como a Fazenda dos Animais poderia ficar quando o trabalho sórdido fosse retirado do lombo dos bichos. Sua imaginação estava agora muito além dos cortadores de palha e extratores de rabanetes. A eletricidade, ele disse, poderia colocar em funcionamento debulhadoras, arados, rastelos, laminadores, segadeiras e enfardadeiras, além de dotar todas as baias de luz própria, água fria e quente e aquecimento. Quando ele acabou

de falar, não restava dúvida sobre como seria a votação. Mas bem nessa hora Napoleon ficou de pé e, olhando de soslaio para Snowball, soltou um guincho agudo de um tipo que ninguém ali ouvira antes.

Com isso, chegou lá de fora um latido horrível, e nove cachorros enormes, usando coleiras com tachas de metal, entraram correndo no celeiro. Partiram diretamente contra Snowball, que mal teve tempo de fugir de seu lugar e evitar as mandíbulas que se fechavam. No instante seguinte ele partiu, com os cães em seu encalço. Surpresos e temerosos demais para falar, os animais se reuniram junto da porta para assistir à perseguição. Snowball corria pelo grande pasto que levava à estrada. Corria como só um porco consegue correr, mas os cachorros estavam em seus calcanhares. De repente ele escorregou, e parecia inevitável que fosse apanhado. Mas então se levantou e correu mais depressa do que nunca. Mas em seguida os cachorros ganharam terreno e se aproximaram mais uma vez. Um deles chegou a fechar os dentes no rabicó de Snowball, mas o porco o sacudiu e desviou no último segundo. Então fez um esforço extra e, ao conseguir uma vantagem de poucos centímetros, enfiou-se em um buraco na cerca e não mais foi visto.

Silenciosos e apavorados, os animais retornaram ao celeiro. Logo depois os cachorros voltaram. Primeiro, ninguém conseguiu imaginar de onde aquelas criaturas tinham surgido, mas não demorou para que a dúvida se resolvesse: eram os filhotes que Napoleon tinha tirado das mães e criado em particular. Apesar de não estarem ainda totalmente crescidos, os cães eram imensos e tinham uma aparência feroz como a dos lobos. Mantiveram-se perto de Napoleon. Observou-se que abanavam o rabo para ele do mesmo jeito como os outros cachorros costumavam fazer para o senhor Jones.

Napoleon, acompanhado dos cachorrões, subiu então na plataforma elevada onde, antes, Major havia se posicionado para fazer seu discurso. Anunciou que, dali em diante, as reuniões das manhãs de domingo não aconteceriam mais. Eram desnecessárias, ele disse, e um desperdício de tempo. No futuro, todas as questões relativas ao trabalho na fazenda seriam decididas por um comitê especial de porcos, presidida por ele mesmo. Eles se reuniriam em privado e depois comunicariam as decisões para os outros. Os bichos ainda iriam se reunir nas manhãs de domingo para saudar a bandeira, cantar "Animais da Inglaterra" e receber as ordens da semana, mas não haveria mais debates.

Apesar do choque que a expulsão de Snowball havia provocado, os animais ficaram desanimados diante do anúncio. Diversos entre eles teriam protestado, se tivessem conseguido encontrar os argumentos certos. Até mesmo Boxer estava vagamente perturbado. Jogou as orelhas para trás, agitou o topete algumas vezes e tentou dominar seus pensamentos, mas acabou não conseguindo pensar em nada para dizer. Alguns dos porcos, porém, eram mais articulados. Quatro leitões na fileira da frente verbalizaram guinchos de desaprovação, e todos os quatro se levantaram e começaram a falar ao mesmo tempo. De repente, os cachorros sentados ao redor de Napoleon soltaram rosnados profundos e ameaçadores. Então os jovens se calaram e se sentaram. Daí, as ovelhas irromperam em um poderoso balido de "Quatro pernas bom, duas pernas ruim!", que continuou por quase um quarto de hora, e puseram fim a qualquer possibilidade de discussão.

Mais tarde, Squealer foi despachado para explicar o novo arranjo para todos na fazenda.

– Camaradas, creio que todos os animais aqui reconhecem o

sacrifício que o Camarada Napoleon fez ao assumir esse trabalho extra. Não pensem, camaradas, que a liderança é um prazer! Ao contrário, é uma responsabilidade profunda e séria. Ninguém acredita com mais firmeza do que o Camarada Napoleon que todos os bichos são iguais. Ele ficaria mais do que feliz em deixar que vocês tomassem as próprias decisões. Mas algumas vezes vocês poderiam tomar as decisões erradas, camaradas, e então o que aconteceria? Suponham que decidissem seguir Snowball e aquele delírio sobre o moinho. Snowball que, como sabemos agora, não passava de um criminoso!

– Ele lutou bravamente na Batalha do Estábulo – disse alguém.

– Bravura não basta – retorquiu Squealer. – Lealdade e obediência são mais importantes. E quanto à Batalha do Estábulo, acredito que chegará o tempo em que vamos descobrir que o papel desempenhado por Snowball foi bastante exagerado. Disciplina, camaradas, disciplina de ferro! Esta é a palavra de ordem para hoje. Um passo em falso, e nossos inimigos cairão sobre nós. É claro, camaradas, que vocês não querem o Jones de volta, certo?

Aquele argumento era irrespondível. Era óbvio que os animais não queriam o Jones de volta. Se a manutenção dos debates dominicais poderia favorecer o retorno dele, então os debates deveriam ser suspensos. Boxer, que nesse intervalo havia tido o tempo necessário para refletir, verbalizou o sentimento geral ao dizer:

– Se o Camarada Napoleon diz, deve estar certo.

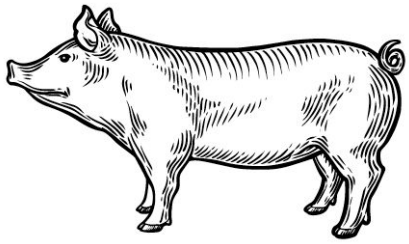
E dali em diante ele adotou a máxima "Napoleon está sempre certo" em acréscimo ao seu lema particular "Vou trabalhar mais ainda".

Àquela altura, o clima tinha melhorado, e o cultivo da primavera começara. O abrigo onde Snowball havia esboçado seus projetos para o moinho fora trancado, e presumiu-se que os desenhos tivessem sido apagados do chão. Todo domingo de manhã, às dez horas, os animais se reuniam no celeiro para receber as ordens da semana. O crânio do velho Major, agora sem vestígios de carne, foi desenterrado do pomar e instalado sobre um toco na base do mastro, ao lado da arma. Após o hasteamento da bandeira, exigia-se dos animais que passassem em fila e com modos reverentes diante do crânio, antes de entrarem no celeiro. Agora, eles já não se sentavam mais todos juntos, como faziam no passado. Napoleon, Squealer e um outro porco chamado Minimus, que tinha um talento admirável para compor canções e poemas, sentavam na frente da plataforma elevada, com os nove cachorros formando um semicírculo em volta deles, e os outros porcos acomodados atrás. O resto dos animais sentava-se de frente para eles, no espaço principal do celeiro. Napoleon lia as ordens da semana em um estilo militar áspero, e depois de cantarem "Animais da Inglaterra" uma única vez, os animais se dispersavam.

No terceiro domingo após a expulsão de Snowball, foi com grande surpresa que os animais ouviram Napoleon anunciar que o moinho seria construído, afinal. Ele não apresentou nenhum motivo para ter mudado de ideia: simplesmente informou os bichos que a tarefa extra significaria um trabalho bastante árduo; talvez, inclusive, fosse necessário reduzir as rações. Os planos, no entanto, estavam totalmente feitos, tudo contemplado até o último detalhe. Um comitê especial de porcos havia se debruçado sobre o projeto nas três semanas anteriores. Estimava-se que a construção do moinho, enriquecida por várias melhorias, levaria dois anos.

Naquela noite, Squealer explicou em particular para os

outros bichos que Napoleon jamais fora de fato contra o moinho. Ao contrário, o defendera desde o começo. O plano que Snowball havia rascunhado no chão do abrigo, alegou, fora roubado dos documentos de Napoleon. O moinho era, na verdade, uma criação do próprio Napoleon. Mas então, perguntou alguém, por que ele tinha falado com tanta veemência contra o plano? Squealer fez uma expressão astuta e respondeu que ali estava a perspicácia de Napoleon. Ele parecera se opor ao moinho simplesmente como manobra para se livrar de Snowball, que tinha um feitio perigoso e era má influência. Agora que Snowball estava fora do caminho, o plano poderia avançar sem a interferência dele. Aquilo, acrescentou Squealer, era o que se chamava de tática. E repetiu algumas vezes: “Tática, camaradas, tática!”, saltando de um lado para outro, agitando o rabicó e rindo alegremente. Os animais não sabiam muito bem o que aquela palavra significava, mas Squealer falava de um jeito tão convincente que os outros acabaram aceitando a explicação sem mais questionamentos.



CAPÍTULO 6

Durante todo aquele ano, os animais trabalharam como escravos. Mas estavam felizes, não reclamavam de nenhum esforço nem dos sacrifícios, cientes de que tudo o que faziam era em benefício deles mesmos e dos que viriam depois, e não em favor de um bando de seres humanos preguiçosos e ladrões.

Ao longo da primavera e do verão, eles cumpriram jornadas de sessenta horas semanais, e em agosto Napoleon anunciou que passariam a trabalhar nas tardes de domingo também. Esse trabalho seria estritamente voluntário, mas todo animal que se ausentasse teria sua ração reduzida à metade. Mesmo assim, foi necessário deixar certas tarefas por fazer. A safra foi um pouco menos bem-sucedida do que no ano anterior, e dois campos que deveriam ter sido semeados com raízes não o foram, porque o terreno não havia sido arado com antecedência suficiente. Era possível prever que o inverno seguinte seria muito duro.

O moinho revelou dificuldades inesperadas. Existia na fazenda uma pedreira de calcário e em algumas edificações mais afastadas havia abundância de areia e cimento, de modo que todos os materiais para a construção estavam disponíveis. Mas o problema que no início os animais não conseguiram resolver foi como quebrar as pedras em pedaços de tamanho

adequado. Parecia não haver maneira de obter isso, a não ser com picaretas e pés de cabra, que nenhum animal conseguia usar, porque nenhum deles era capaz de se manter apenas nas patas traseiras. Foi só depois de muitas semanas de esforços inúteis que a ideia ocorreu a um deles: usar a força da gravidade. Imensas pedras arredondadas, grandes demais para serem usadas como eram, estavam espalhadas no leito da pedreira. Os animais lançaram cordas ao redor delas e então todos juntos, vacas, cavalos, ovelhas, qualquer bicho que conseguisse segurar uma corda, com a ajuda até dos porcos, nos momentos críticos, arrastaram-nas com uma lentidão desesperadora ladeira acima, até o alto da pedreira, onde foram empilhadas na beirada para se espatifarem em pedaços menores lá embaixo. Depois que as pedras foram quebradas, transportá-las foi comparativamente simples. Os cavalos as levaram em carrinhos de carga, as ovelhas as arrastaram de uma em uma, até Muriel e Benjamin atrelaram-se a uma carroça e fizeram sua parte. No fim do verão, um estoque suficiente de pedras estava reunido e então, sob a supervisão dos porcos, a construção teve início.

Mas era um processo lento e árduo. Com frequência, levava um dia inteiro de esforços exaustivos para que uma única pedra fosse rebocada até o topo da pedreira, e algumas vezes, quando empurrada lá do alto, ela caía e não se quebrava. Nada teria sido alcançado sem Boxer, cuja força parecia igual à de todos os demais bichos somados. Quando uma pedra começava a escorregar e os animais gritavam de desespero, vendo-se arrastados colina abaixo, era sempre Boxer quem puxava a corda e interrompia o deslizar da pedra. Vê-lo labutando encosta acima, centímetro a centímetro, com a respiração se acelerando, a ponta dos cascos sulcando o chão e os flancos largos cobertos de suor, enchia todos de admiração.

De vez em quando, Clover o aconselhava a ter cuidado para não se exaurir, mas ele nunca lhe dava ouvidos. Seus dois lemas, “Vou trabalhar mais ainda” e “Napoleon está sempre certo”, pareciam a ele resposta suficiente para todos os problemas. Boxer combinou com o galo que o despertasse três quartos de hora mais cedo pela manhã, em vez de meia hora. E em seus momentos de folga, que naquele tempo já não eram muitos, ele ia sozinho à pedreira, recolhia um lote de pedras partidas e o transportava, sem ajuda, até o local do moinho.

Os animais não passaram aquele verão em más condições, apesar da dureza do trabalho. Se não dispunham de mais comida do que na época de Jones, também não tinham menos. A vantagem de terem apenas a si mesmos para alimentar, sem a necessidade de sustentar também cinco seres humanos inúteis, era tão grande que muitos fracassos seriam necessários para neutralizá-la. E em muitos aspectos o método animal de fazer as coisas era mais eficiente e poupava muito trabalho. Tarefas como a eliminação das ervas daninhas, por exemplo, podiam ser executadas com um rigor impossível aos seres humanos. E, como nenhum animal roubava, era desnecessário instalar cercas que separassem o pasto do terreno arável, poupando assim todo o trabalho de manutenção das cercas e dos portões. Apesar disso, conforme o verão chegava ao fim, começou a haver muita escassez não prevista. Havia necessidade de óleo de parafina, pregos, cordas, biscoitos para os cachorros e ferro para as ferraduras, e nada daquilo podia ser produzido na fazenda. Mais tarde, passou a haver carência de sementes e adubo artificial, além de várias ferramentas e, por fim, do maquinário para o moinho. Como tudo aquilo seria conseguido, ninguém era capaz de imaginar.

Certo domingo de manhã, quando os animais estavam reunidos para receber as ordens da semana, Napoleon

anunciou que tinha adotado uma nova política. Dali em diante, a Fazenda dos Animais faria negócios com as fazendas vizinhas: não com intenções comerciais, é claro, mas simplesmente como forma de obter certos materiais urgentemente necessários. As necessidades do moinho deveriam se sobrepor a qualquer outra coisa. Portanto, ele vinha fazendo preparativos para vender uma pilha de feno e uma parte da safra de trigo daquele ano, e posteriormente, caso mais dinheiro fosse necessário, viria da venda de ovos, para os quais sempre havia mercado em Willingdon. As galinhas, disse Napoleon, deveriam saudar esse sacrifício com alegria, como sendo sua contribuição especial para a construção do moinho.

Mais uma vez, os animais tiveram consciência de um ligeiro desconforto. Nunca tratar com seres humanos, nunca fazer comércio, nunca usar dinheiro: estas resoluções não estavam entre as primeiras a serem aprovadas depois da Reunião triunfal, na sequência da expulsão de Jones? Todos os animais se lembravam da aprovação destas resoluções, ou ao menos achavam que se lembravam. Os quatro leitões que haviam protestado quando Napoleon aboliu as reuniões elevaram as vozes timidamente, mas foram silenciados de imediato por um rosnado tremendo dos cachorros. Depois, como de costume, as ovelhas começaram a balir “Quatro pernas bom, duas pernas ruim” e a estranheza do momento se dissipou. Por fim, Napoleon levantou a pata para pedir silêncio e anunciou que já tinha feito os preparativos. Não seria necessário que nenhum dos animais entrasse em contato com seres humanos, o que seria claramente muitíssimo indesejável. Ele pretendia assumir pessoalmente todo o fardo. Um tal senhor Whymper, advogado residente em Willingdon, havia concordado em atuar como intermediário entre a Fazenda dos Animais e o

mundo exterior e visitaria a fazenda toda segunda-feira de manhã para receber instruções. Napoleon encerrou o discurso com o habitual grito “Vida longa à Fazenda dos Animais!” e, após cantarem “Animais da Inglaterra”, os bichos foram dispensados.

Mais tarde, Squealer fez um giro pela fazenda para tranquilizar os animais. Ele lhes garantiu que a resolução contra o comércio e o uso de dinheiro nunca tinha sido aprovada, nem mesmo sugerida. Era pura fantasia e provavelmente havia começado com as mentiras espalhadas por Snowball. Alguns animais ainda se sentiam um tanto em dúvida, mas Squealer lhes perguntou, ardilosamente:

– Vocês têm certeza de que isso não foi um sonho, camaradas? Têm algum registro dessa tal resolução? Ela está escrita em algum lugar?

E como era indiscutivelmente verdade que nada do tipo existia por escrito, os animais foram persuadidos de que estavam enganados.

Toda segunda-feira o senhor Whymper visitava a fazenda, conforme tinha sido combinado. Homenzinho de aparência astuta, usava costeletas e era um advogado bem medíocre, mas esperto o suficiente para perceber, antes de qualquer outro, que a Fazenda dos Animais precisaria de um intermediário e que as comissões valeriam a pena. Os bichos observavam suas idas e vindas com uma espécie de pavor e o evitavam tanto quanto possível. Apesar disso, a visão de Napoleon, apoiado nas quatro patas, dando ordens a Whymper, de pé em duas pernas, lhes dava prazer e em parte os acalmava com relação àquele novo arranjo. A relação deles com a raça humana não era exatamente a mesma de antes. Os seres humanos não odiavam menos a Fazenda dos Animais, agora que ela prosperava; na

verdade, odiavam-na mais do que nunca. Cada ser humano tinha para si, como artigo de fé, que cedo ou tarde a propriedade iria à falência e que, acima de tudo, o moinho seria um fracasso. Os homens se encontravam nos bares e provavam um para o outro, por meio de desenhos, que o moinho estava fadado a desmoronar e que, caso se mantivesse firme, jamais funcionaria. Ainda assim, e contra a própria vontade, acabaram desenvolvendo certo respeito pela eficiência com que os animais cuidavam dos próprios assuntos. Um sintoma disso era que tinham começado a chamar a Fazenda dos Animais por seu devido nome e parado de fingir que ainda se chamava Fazenda Solar. Também abandonaram sua exaltação a Jones, que nesse intervalo desistira de reconquistar sua fazenda e fora morar em outra parte do condado. Exceto por Whymper, ainda não havia contato entre a Fazenda dos Animais e o mundo exterior, mas corriam boatos constantes sobre Napoleon estar prestes a entrar em um acordo definitivo ou com o senhor Pilkington, de Foxwood, ou com o senhor Frederick, de Pinchfield, porém nunca, foi observado, com ambos ao mesmo tempo.

Foi mais ou menos por essa época que os porcos se mudaram para a sede da fazenda e lá fixaram residência. Mais uma vez os animais tiveram a impressão de se lembrar de uma resolução contra isso, aprovada muito tempo antes, e mais uma vez Squealer foi capaz de convencê-los de que estavam enganados. Era absolutamente necessário, ele disse, que os porcos, que eram o cérebro da fazenda, tivessem um lugar tranquilo onde trabalhar. Além disso, era mais apropriado para a dignidade do Líder (pois fazia algum tempo que ele tinha começado a falar de Napoleon como o “Líder”) morar em uma casa do que em um chiqueiro. Mesmo assim, alguns dos animais se incomodaram quando souberam que os porcos não

apenas faziam as refeições na cozinha e usavam a sala de estar como espaço de recreação, mas também dormiam nas camas. Boxer reagiu a isso, como sempre, com "Napoleon está sempre certo!", mas Clover, que pensava lembrar-se de uma decisão definitiva contra camas, foi até o celeiro e tentou destrinchar os Sete Mandamentos escritos na parede dos fundos. Percebendo que era incapaz de ler mais do que cada letra separadamente, recorreu à cabra.

– Muriel – pediu –, leia para mim o Quarto Mandamento. Ele não fala algo sobre nunca dormir em uma cama?

Com alguma dificuldade, Muriel leu.

– Diz aqui: "Nenhum animal deve dormir em cama com lençol" – anunciou por fim.

Estranhamente, Clover não se lembrava de que o Quarto Mandamento mencionava lençóis; porém, como estava na parede, devia ter sido sempre assim. E Squealer, que por acaso passava por ali naquele momento, acompanhado por dois ou três cachorros, foi capaz de colocar tudo na devida perspectiva.

– Ah, camaradas, então vocês ouviram que os porcos agora estão dormindo nas camas da sede? E por que não? Vocês não achavam, claro, que existia uma regra contra *camas*? Uma cama é simplesmente um lugar onde se dorme. Bem analisadas as coisas, um monte de palha em uma baia é uma cama. A regra era contra *lençóis*, isso sim uma invenção humana. Nós tiramos os lençóis das camas da sede, e dormimos entre cobertores. E são camas bem confortáveis! Mas não mais confortáveis do que precisamos, eu lhes asseguro, camaradas, com todo o trabalho intelectual que fazemos atualmente. Vocês não desejam nos roubar de nosso repouso, não é, camaradas? Vocês não nos querem cansados demais para cumprir nossos

deveres, certo? E certamente nenhum de vocês quer ver o Jones aqui de volta, não é?

Os animais garantiram imediatamente que não, e nada mais foi dito sobre os porcos dormirem nas camas da sede. E quando, alguns dias mais tarde, foi anunciado que, dali em diante, os porcos acordariam pela manhã uma hora mais tarde do que os outros animais, nenhuma reclamação foi feita sobre isso também.

O outono chegou e os animais estavam cansados, mas felizes. Tinham tido um ano duro e, mesmo com a venda de uma parcela do feno e do milho, os estoques de comida para o inverno não eram exatamente abundantes, mas o moinho compensava tudo. Estava quase na metade, agora. Depois da colheita, houve um período de clima seco e claro, e os animais labutaram com mais afinco do que nunca, raciocinando que bem valeria a pena todo aquele esforço de carregar pedras de um lado a outro durante o dia inteiro, se isso significasse subir a parede mais um metro. Boxer trabalhava até mesmo à noite, durante uma ou duras horas, à luz da lua. Em seus momentos de lazer, os bichos andavam ao redor do moinho semiacabado, admirando a firmeza e a perpendicularidade das paredes, maravilhados por terem sido capazes de construir uma coisa tão imponente. Só o velho Benjamin se recusava a ficar entusiasmado com o moinho, apesar de, como sempre, não dizer nada além daquela observação enigmática sobre burros viverem bastante.

Novembro chegou trazendo ventos sudeste furiosos. A construção precisou parar, porque estava úmido demais para preparar o cimento. Por fim, certa noite a ventania estava tão violenta que as edificações da fazenda tremeram nas bases e diversas telhas saíram voando do telhado do celeiro. As galinhas acordaram berrando de pavor porque todas haviam ao

mesmo tempo sonhado que uma arma era disparada ao longe. Pela manhã, os animais saíram de suas baias e descobriram que o mastro tinha sido derrubado e que o olmo no início do pomar fora arrancado como se fosse um rabanete. Tinham acabado de notar isso quando um grito desesperado irrompeu da garganta de todos. Uma visão terrível se estendia à sua frente: o moinho estava em ruínas.

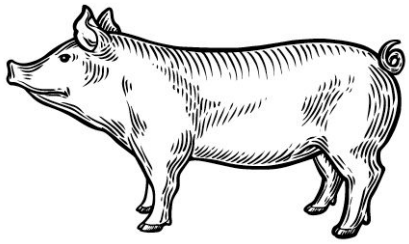
De comum acordo, eles correram para o local. Napoleon, que raramente dava mais que uns poucos passos, correu na frente de todos. Sim, lá estava ele, o fruto de tantos esforços, arrasado até a fundação; as pedras que com tanto custo eles tinham quebrado e carregado, espalhadas por todo lado. Incapazes de falar, todos ficaram olhando pesarosos para as pedras em desordem. Napoleon andava de um lado para outro em silêncio, de vez em quando farejando o chão. O rabicó estava esticado e balançava rígido, o que indicava intensa atividade mental. De repente, ele parou como se tivesse tomado uma decisão.

– Camaradas – disse, calmamente –, vocês sabem quem é o responsável por isso? Vocês sabem quem é o inimigo que, na calada da noite, veio aqui e derrubou nosso moinho? SNOWBALL! – rugiu subitamente, com voz de trovão. – Snowball fez isso! Por absoluta maldade, desejando prejudicar nossos planos e se vingar por sua expulsão ignominiosa, esse traidor se imiscuiu aqui, protegido pela escuridão noturna, e destruiu nosso trabalho de quase um ano. Camaradas, aqui e agora eu profiro a sentença de morte de Snowball. Uma condecoração "Herói Animal, Segunda Categoria" e meio cesto de maçãs para qualquer bicho que o traga perante a justiça. E um cesto cheio para quem o capturar vivo!

Os animais ficaram extraordinariamente chocados ao saber que até Snowball poderia ser culpado por tal ato. Houve gritos

de indignação e todo mundo começou a pensar em modos de capturar Snowball caso ele voltasse. Quase ao mesmo tempo, pegadas de porco foram descobertas na grama, a pouca distância da colina. Só era possível acompanhá-las por uns poucos metros, mas pareciam levar a um buraco na cerca. Napoleon inspirou profundamente diante delas e declarou que pertenciam a Snowball. Opinou que Snowball tinha provavelmente vindo da direção da Fazenda Foxwood.

– Sem mais delongas, camaradas! – gritou Napoleon, ao ver os demais examinando as pegadas. – Há trabalho a ser feito. Agora mesmo, de manhã, nós começaremos a reconstruir o moinho, e construiremos ao longo de todo o inverno, sob sol ou sob chuva. Ensinaremos àquele traidor miserável que ele não pode destruir nosso trabalho com tanta facilidade. Lembrem-se, camaradas, não pode haver alteração nos nossos planos: deveremos executá-lo à risca! Adiante, camaradas! Vida longa ao moinho! Vida longa à Fazenda dos Animais!



CAPÍTULO 7

Foi um inverno cruel. Ao clima tempestuoso seguiram-se granizo e neve, e depois uma geada forte que não cedeu até quase o fim de fevereiro. Os animais prosseguiram o melhor que puderam com a reconstrução do moinho, cientes de que o mundo lá fora os observava e que os invejosos seres humanos iriam se alegrar e comemorar se o moinho não fosse terminado a tempo.

Por despeito, os seres humanos fingiam não acreditar que tinha sido Snowball a destruir o moinho: eles diziam que a queda se devia ao fato de a estrutura ser muito frágil. Os animais sabiam que não tinha sido por isso. Mesmo assim, ficou decidido que as novas paredes teriam um metro de espessura e não mais quarenta e cinco centímetros, como as primeiras, e isso significava recolher uma quantidade muito maior de pedras. Por um longo período, a pedreira ficou coberta de flocos de neve e não foi possível fazer nada. Um progresso modesto foi possível durante o clima de geada seca que se seguiu, mas era um trabalho atroz, e os animais não conseguiam mais se sentir tão esperançosos quanto antes. Sentiam frio o tempo todo, além da fome. Apenas Boxer e Clover nunca perdiam o ânimo. Squealer fazia discursos excelentes sobre a alegria de servir e a dignidade do trabalho, mas os animais encontravam mais inspiração na força de

Boxer e em sua infalível declaração “Vou trabalhar mais ainda!”.

Em janeiro, a comida escasseou. A ração de milho foi reduzida drasticamente e anunciou-se que uma ração extra de batatas seria providenciada para compensar. Em seguida, descobriu-se que a maior parte da safra de batata havia congelado, pois as pilhas não tinham sido protegidas por uma cobertura grossa o suficiente. As batatas se tornaram moles e desbotadas, e poucas ainda eram comestíveis. Por vários dias consecutivos os animais não tiveram nada para comer além de palha e joio. A fome parecia encará-los de perto.

Era absolutamente necessário esconder este fato do mundo externo. Encorajados pelo colapso do moinho, os seres humanos andavam inventando novas mentiras sobre a Fazenda dos Animais. Mais uma vez, dizia-se que os bichos estavam morrendo de inanição e doenças, que lutavam continuamente entre si e que haviam recorrido ao canibalismo e ao infanticídio. Napoleon, ciente das consequências negativas que ocorreriam caso a verdadeira situação da comida se tornasse conhecida, decidiu usar o senhor Whymper para espalhar a impressão oposta. Até então, os bichos haviam tido pouco ou nenhum contato com Whymper em suas visitas semanais. Agora, porém, uns poucos animais escolhidos, a maioria ovelhas, foram instruídos a comentar casualmente, na presença dele, que as rações tinham ficado maiores. Em complemento, Napoleon ordenou que barris, praticamente vazios, fossem preenchidos até quase a borda com areia, e então completados com o que restava dos grãos e rações. Mediante um pretexto adequado, Whymper foi levado até o galpão dos mantimentos, para que visse os barris. Ele foi ludibriado e continuou a relatar ao mundo externo que não havia escassez de comida na Fazenda dos Animais.

Apesar disso, no fim de janeiro ficou evidente a necessidade de obter mais grãos em algum lugar. Naqueles dias, Napoleon raramente aparecia em público: passava a maior parte do tempo na sede da fazenda, cujas portas eram vigiadas por cães de guarda de aparência feroz. Quando ele afinal surgiu, foi de um jeito pomposo, fazendo-se acompanhar por seis cachorros, que o cercavam muito de perto e rosnavam para qualquer um que se aproximasse demais. Com frequência, ele não aparecia nem nas manhãs de domingo. Enviava suas ordens por meio de outros porcos, em geral Squealer.

Certo domingo de manhã, Squealer anunciou que as galinhas, que tinham acabado de botar de novo, precisariam abrir mão de seus ovos. Por meio de Whymper, Napoleon havia aceitado um contrato de quatrocentos ovos por semana. O preço por eles pagaria por grãos e rações suficientes para manter a fazenda até que o verão chegasse e as condições climáticas fossem melhores.

Quando ouviram isso, as galinhas cacarejaram terrivelmente. Haviam sido avisadas de que esse sacrifício talvez fosse necessário, mas não tinham acreditado que ele aconteceria de verdade. Estavam se aprontando para chocar as ninhadas de primavera, e protestaram dizendo que pegar os ovos agora seria assassinato. Pela primeira vez desde a expulsão de Jones, houve algo parecido com um motim. Lideradas por três frangas pretas da raça Minorca, as galinhas fizeram um esforço para frustrar as intenções de Napoleon. O método que utilizaram foi voar até as vigas e lá botar os ovos, que caíam e se espatifavam no chão. Napoleon agiu depressa e impiedosamente. Ordenou que as rações das galinhas fossem suspensas e decretou que qualquer animal que lhes desse milho, nem que fosse um único grão, seria punido com a morte. Os cães se certificaram do cumprimento da ordem. Por

cinco dias as galinhas resistiram, depois capitularam e voltaram aos nichos onde chocavam. Nesse intervalo, nove galinhas morreram. Os corpos foram enterrados no pomar e espalhou-se a notícia de que elas haviam morrido de coccidiose. Whymper nada soube do caso e os ovos eram devidamente entregues, a caminhonete do merceeiro passando na fazenda uma vez por semana para levá-los embora.

Durante todo esse tempo, nada mais se soube de Snowball. Boatos diziam que ele estava escondido em uma das fazendas vizinhas, ou Foxwood ou Pinchfield. Nessa época, a relação de Napoleon com os outros fazendeiros estava um pouco melhor do que antes. Acontece que havia no pátio uma pilha de tábuas, estocadas ali dez anos antes, quando um bosque de faias foi derrubado. A madeira estava em boas condições e Whymper aconselhou Napoleon a vendê-la. Napoleon, porém, hesitava entre os dois possíveis compradores, incapaz de tomar uma decisão. Observou-se que, sempre que ele parecia a ponto de chegar a um acordo com Frederick, declarava-se que Snowball estava se escondendo em Foxwood, ao passo que, quando ele se inclinava em favor de Pilkington, dizia-se que Snowball estava escondido em Pinchfield.

De repente, no início da primavera, uma coisa assustadora foi descoberta: Snowball frequentava a fazenda em segredo durante a noite! Os bichos ficaram tão perturbados que mal conseguiam dormir em suas baias. Todas as noites, dizia-se, ele invadia a fazenda se arrastando, protegido pela escuridão, e executava todo tipo de maldade. Roubava o milho, tombava os galões de leite, quebrava os ovos, pisoteava os canteiros de sementes, mastigava a casca das árvores frutíferas. Quando alguma coisa corria mal, tornou-se costume atribuí-la a Snowball. Se uma janela se partia ou um cano ficava entupido, era certo que alguém culparia Snowball de ter feito aquilo

durante a noite. Quando a chave do galpão de mantimentos se perdeu, a fazenda inteira foi convencida de que Snowball a jogara no poço. Curiosamente, todos continuaram a acreditar nisso mesmo depois que a chave extraviada foi encontrada debaixo de um saco de ração. As vacas declararam unanimemente que Snowball se enfiava em suas baias e as ordenhava durante o sono. Os ratos, que tinham causado problemas durante o inverno, foram acusados de conluio com Snowball.

Napoleon decretou que haveria uma investigação completa acerca das atividades de Snowball. Acompanhado dos cachorros, ele partiu para um circuito de inspeção cuidadosa pelas construções da fazenda, os outros animais seguindo-o a uma distância respeitosa. A cada poucos passos, Napoleon parava e farejava o solo em busca de vestígios das pegadas de Snowball, as quais, segundo disse, conseguia detectar pelo cheiro. Farejou cada canto do celeiro, do estábulo, do galinheiro, da horta, e encontrou vestígios de Snowball em quase todos eles. Napoleon aproximava o focinho do chão, inspirava profundamente diversas vezes e exclamava, com uma voz terrível, “O Snowball esteve aqui! Sinto o cheiro dele!”. Ao ouvir a palavra “Snowball”, os cães soltavam um rosnado de gelar o sangue e exibiam os dentes.

Os bichos estavam completamente apavorados. Parecia que Snowball era uma espécie de influência invisível, que permeava o ar ao redor deles, ameaçando-os com todo tipo de perigo. No fim do dia, Squealer os reuniu e, com uma expressão alarmada, informou que tinha notícias sérias a relatar.

– Camaradas! – gritou, dando pulinhos nervosos. – Uma coisa terrível foi descoberta: Snowball vendeu a si mesmo para o Frederick, da Fazenda Pinchfield, e está neste preciso

instante tramando para nos atacar e tirar a fazenda de nós! Snowball vai servir de guia quando a investida começar. E tem mais: nós achávamos que a revolta do Snowball se devia apenas à sua vaidade e à sua ambição. Mas nos enganamos, camaradas. E sabem qual foi a verdadeira razão? Snowball estava aliado a Jones desde o princípio! Ele foi o agente secreto do Jones todo esse tempo! Tudo isso foi provado por documentos que ele deixou para trás e que nós acabamos de descobrir. Na minha opinião, isso explica muita coisa, camaradas. Pois nós não vimos com nossos próprios olhos como ele tentou, felizmente sem sucesso, que fôssemos derrotados e destruídos na Batalha do Estábulo?

Os animais ficaram estupefatos. Aquilo era uma maldade que ultrapassava muitíssimo a destruição do moinho provocada por Snowball. Mas levou alguns minutos antes que eles conseguissem absorver tudo aquilo. Todos se lembravam, ou achavam que se lembravam, de como tinham visto Snowball se lançando à frente deles na Batalha do Estábulo, como ele tinha combatido e encorajado os demais a todo momento, como não hesitara um minuto, nem mesmo quando as balas da arma de Jones o feriram nas costas. No começo, foi um pouco difícil entender como tudo isso se encaixava com a notícia de ele ser aliado de Jones. Até Boxer, que raramente fazia perguntas, ficou confuso. Deitou-se, recolheu as patas dianteiras sob o corpo, fechou os olhos e, com grande esforço, conseguiu colocar seus pensamentos em palavras.

– Eu não acredito nisso – falou. – Snowball lutou bravamente na Batalha do Estábulo. Eu mesmo vi. E nós não demos pra ele a "Herói Animal, Primeira Categoria" logo em seguida?

– Este foi o nosso erro, camarada. Pois sabemos agora, porque tudo está anotado nos documentos secretos que

encontramos, que na realidade Snowball tentava nos levar à derrota.

– Mas ele foi ferido – disse Boxer. – Todos nós vimos o sangue escorrendo.

– Aquilo era parte da encenação! – gritou Squealer. – Os tiros do Jones só provocaram arranhões. Eu provaria isso agora mesmo, na letra dele, se vocês soubessem ler. O plano era que Snowball, no momento crítico, daria um sinal de recuo e fuga para o campo inimigo. E ele quase conseguiu; eu chego mesmo a afirmar, camaradas, que ele *teria* conseguido, se não fosse pelo nosso heroico Líder, o Camarada Napoleon. Vocês não se lembram como, no mesmo instante em que Jones e seus homens entraram no pátio, o Snowball de repente se virou e fugiu, e que muitos animais foram atrás? E vocês não se lembram, também, que foi bem nessa hora, quando o pânico se espalhara e tudo parecia perdido, que o Camarada Napoleon avançou de um pulo, gritou "Morte à Humanidade!" e enterrou os dentes na perna do Jones? Com certeza vocês se lembram *disso*, hein, camaradas? – exclamou Squealer, remexendo-se.

Quando Squealer descrevia a cena com imagens tão vívidas, os animais tinham a impressão de que se lembravam. Fosse como fosse, eles se lembravam de que em um momento crítico da batalha Snowball tinha se virado para fugir. Mas Boxer ainda estava um pouco incomodado.

– Não acredito que o Snowball fosse um traidor, no começo – disse, por fim. – O que ele fez desde então é diferente. Mas eu acredito que na Batalha do Estábulo ele era um bom camarada.

– Nosso Líder, Camarada Napoleon – anunciou Squealer, falando bem devagar e com firmeza –, afirmou categoricamente, categoricamente, camarada, que Snowball

foi um agente do Jones desde o comecinho e, até, desde muito antes de a Revolução ser imaginada.

– Ah, então é diferente! – falou Boxer. – Se o Camarada Napoleon diz, deve ser verdade.

– Este é o espírito correto, camarada! – exclamou Squealer, mas observou-se que ele lançou um olhar muito reprovador para Boxer, com aqueles olhos miúdos e que piscavam sem parar. Então ele se virou para partir, mas parou e acrescentou, de modo muito impressionante: – Aconselho cada bicho desta fazenda a manter os olhos bem abertos. Pois temos razões para pensar que um dos agentes secretos de Snowball está espreitando entre nós neste exato instante!

Quatro dias depois, no fim da tarde, Napoleon ordenou que todos os animais fossem para o pátio. Quando os viu reunidos, Napoleon surgiu da sede, usando ambas as medalhas (pois havia, pouco tempo antes, concedido a si mesmo a "Herói Animal, Primeira Categoria" e a "Herói Animal, Segunda Categoria"), acompanhado de seus nove cachorrões, que o rodeavam agitados e rosnando de um jeito que dava calafrios na espinha dos outros animais. Todos se encolheram em silêncio aos respectivos lugares, parecendo saber de antemão que alguma coisa horrorosa estava prestes a acontecer.

Napoleon observou gravemente a plateia, e depois soltou um guincho agudo. Imediatamente, os cães saltaram à frente, apanharam os quatro leitões pelas orelhas e os arrastaram, berrando de dor e medo, até os pés de Napoleon. As orelhas dos porquinhos estavam sangrando, os cães tinham provado o sangue, e por alguns momentos pareciam ter ficado loucos. Para assombro de todos, três deles se atiraram sobre Boxer. Boxer os viu se aproximando e estendeu a grande pata, pegou um dos cães em pleno ar e o prendeu ao chão. O cachorro

uivou por misericórdia e os outros dois deram no pé, com os rabos entre as pernas. Boxer olhou para Napoleon para saber se deveria matar o cachorro esmagado ou soltá-lo. O semblante de Napoleon pareceu se alterar e, bruscamente, ele ordenou que Boxer soltasse o cachorro. Boxer levantou a pata e o cão se afastou, dolorido e gemendo.

O tumulto cedeu. Os quatro leitões esperavam, tremendo, com a culpa inscrita em cada linha de suas expressões. Napoleon os chamou para que confessassem seus crimes. Eram os mesmos quatro porquinhos que haviam protestado quando Napoleon abolira as reuniões de domingo. Sem que nenhum outro incentivo fosse verbalizado, eles confessaram que haviam estado secretamente em contato com Snowball desde a expulsão dele, que tinham colaborado na destruição do moinho e feito um acordo com ele para passar ao senhor Frederick o controle da Fazenda dos Animais. Acrescentaram ainda que Snowball admitira, em particular, ter sido um agente secreto de Jones por muitos anos. Assim que os porquinhos terminaram sua confissão, os cachorros rasgaram suas gargantas, e em uma voz horrível Napoleon perguntou se mais alguém tinha alguma coisa a confessar.

As três galinhas que haviam liderado a tentativa de motim por causa dos ovos foram para a frente e afirmaram que Snowball havia aparecido para elas em sonho, incitando-as a desobedecer às ordens de Napoleon. Também foram massacradas. Então se aproximou um ganso, confessando que, na safra do ano anterior, tinha surrupiado seis espigas de milho e comido em segredo à noite. Depois, uma ovelha confessou ter urinado no açude e feito isso, segundo disse, por ordem de Snowball, e duas outras ovelhas confessaram ter matado um velho carneiro, um seguidor especialmente devotado de Napoleon, ao persegui-lo vezes sem conta ao redor de uma

fogueira quando ele estava doente, com tosse. Foram todas mortas ali mesmo. E assim prosseguiram as confissões e as execuções, até que se formou uma pilha de cadáveres diante dos pés de Napoleon, e o ar ficou pesado com um cheiro de sangue que não era sentido desde a expulsão de Jones.

Quando tudo acabou, os animais restantes, exceto os porcos e os cachorros, partiram furtivamente e em conjunto. Estavam trêmulos e infelizes. Não sabiam o que era mais chocante: a traição dos animais que haviam se aliado a Snowball ou a reação perversa que tinham acabado de testemunhar. No passado, cenas de derramamento de sague igualmente terríveis ocorriam com frequência, mas parecia a todos que dessa vez havia sido muito pior, por acontecer entre eles. Desde que Jones deixara a fazenda até aquele dia, nenhum animal havia assassinado outro animal. Nem mesmo um rato fora morto.

Eles seguiram caminho rumo à pequena colina onde ficava o moinho semiacabado e, sem combinar, se deitaram como que se aconchegando em busca de conforto: Clover, Muriel, Benjamin, as vacas, as ovelhas, os bandos de gansos e galinhas; todos, exceto a gata, que havia desaparecido pouco antes de Napoleon ordenar que os animais se reunissem. Por algum tempo, ninguém falou. Só Boxer permaneceu de pé. Andou de um lado para outro, inquieto, abanando a longa cauda contra os flancos e de vez em quando soltando um gemido. Por fim, disse:

– Eu não entendo. E nunca acreditaria que uma coisa dessas pudesse acontecer na nossa fazenda. Deve ser culpa de alguma falha nossa. A solução, pelo que vejo, é trabalhar mais ainda. De agora em diante, acordarei todas as manhãs uma hora inteira mais cedo.

Então se afastou, em um trote pesaroso, rumo à pedreira.

Chegando lá, transportou duas cargas seguidas de pedra e as arrastou até o moinho antes de se recolher para a noite.

Os animais se aninharam ao redor de Clover sem nada dizer. A colina onde estavam deitados proporcionava uma visão ampla de toda a zona rural. A maior parte da Fazenda dos Animais estava ao alcance da vista: o grande pasto que chegava até a estrada principal, o campo de feno, o bosque, o açude, os campos arados onde o trigo novo era grosso e verde e os telhados vermelhos das construções, com espirais de fumaça saindo das chaminés. Era um entardecer claro de primavera. O gramado e as sebes brotando estavam banhados pelos raios dourados do sol. Nunca a fazenda (e com uma espécie de surpresa eles se lembraram de que era a fazenda *deles*, cada centímetro lhes pertencia) tinha parecido aos animais um lugar tão encantador. Clover olhou colina abaixo e seus olhos se encheram de lágrimas. Se ela pudesse verbalizar seus pensamentos, diria que não era aquilo que todos tinham em mente quando, anos antes, haviam se mobilizado para derrubar a raça humana. Aquelas cenas de terror e massacre não eram o que ansiavam conquistar na noite em que o velho Major pela primeira vez os incitou a se rebelar. Ela mesma, se tivesse formado alguma imagem do futuro, seria a de uma sociedade de animais livres da fome e do chicote, todos iguais, cada um trabalhando segundo sua capacidade, os fortes protegendo os fracos – como ela havia protegido os patinhos órfãos com a pata dianteira, na noite em que o Major discursara. Em vez disso, e Clover não sabia por quê, eles tinham chegado a uma época em que ninguém se atrevia a dizer o que pensava, em que cães ferozes rosnavam o tempo todo, a uma época em que você assistia seus camaradas serem destroçados depois de confessarem crimes chocantes. Não havia em sua mente ideias de rebelião nem de desobediência.

Ela sabia que, mesmo sendo como eram, as coisas ainda estavam muito melhores do que na época do Jones, e acima de tudo era necessário impedir a volta dos seres humanos. Independentemente do que acontecesse, Clover se manteria leal, trabalharia duro, cumpriria as ordens que lhe fossem dadas e aceitaria a liderança de Napoleon. Mesmo assim, não era isso que ela e todos os outros animais esperavam, e não era por isso que tanto haviam se esforçado. Não era por isso que tinham construído o moinho e enfrentado os disparos de Jones. Tais eram seus pensamentos, embora Clover não tivesse as palavras para expressá-los.

Por fim, sentindo que talvez funcionasse como um substituto para as palavras que ela era incapaz de encontrar, Clover começou a cantar "Animais da Inglaterra". Os bichos sentados ao redor se juntaram e o grupo cantou três vezes; muito afinados, porém lenta e tristemente, de um modo como nunca haviam cantado antes.

Tinham acabado de cantar pela terceira vez quando Squealer, acompanhado de dois cachorros, se aproximou, com ares de quem tinha algo importante a dizer. Então anunciou que, por um decreto especial do Camarada Napoleon, "Animais da Inglaterra" tinha sido abolida. Dali em diante, era proibido cantar aquela música.

Os animais ficaram surpresos.

– Por quê? – indagou Muriel.

– Porque esta canção não é mais necessária, camarada – foi a resposta firme. – "Animais da Inglaterra" era a música da Revolução. Mas a Revolução está completa agora. A execução dos traidores, hoje à tarde, foi o ato final. Os inimigos, tanto externos quanto internos, foram derrotados. Em "Animais da Inglaterra", nós expressamos nosso desejo por uma sociedade

melhor no futuro. Mas esta sociedade já está estabelecida. Por isso esta música não tem mais razão de ser.

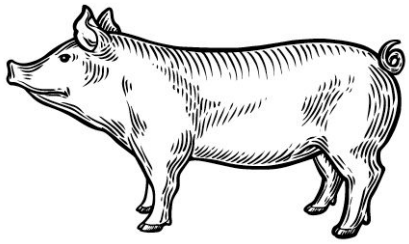
Apesar de muito assustados, alguns dos bichos poderiam, talvez, ter protestado, se nesse momento as ovelhas não tivessem dado início ao balido habitual, “Quatro pernas bom, duas pernas ruim”, que se estendeu por vários minutos e pôs um fim à questão.

Assim, “Animais da Inglaterra” nunca mais foi ouvida. Em seu lugar, Minimus, o poeta, compôs outra música, que começava assim:

Fazenda dos Animais, Fazenda dos Animais

Por minha causa não sofrerás jamais!

Era entoada todos os domingos de manhã depois do hasteamento da bandeira. Por alguma razão, porém, para os bichos, nem as palavras nem a melodia pareciam comparáveis a “Animais da Inglaterra”.



CAPÍTULO 8

Alguns dias depois, quando o pavor causado pelas execuções havia diminuído, alguns dos animais se lembraram, ou achavam que se lembravam, que o Sexto Mandamento determinava: "Nenhum animal deve matar nenhum outro animal". E apesar de ninguém se arriscar a mencioná-lo na presença dos porcos e dos cães, existia uma sensação de que os assassinatos ocorridos não combinavam com ele. Clover pediu a Benjamin para ler para ela o Sexto Mandamento, e quando Benjamin, como sempre, respondeu que se recusava a se meter com tais assuntos, ela pediu a Muriel. Muriel leu o Mandamento. Dizia: "Nenhum animal deve matar nenhum outro animal *sem motivo*". Por uma razão ou outra, aquelas últimas duas palavras tinham sumido da lembrança dos animais. Mas eles compreenderam que o Mandamento não tinha sido desrespeitado, pois era claro que havia uma boa razão para matar traidores que tivessem se aliado a Snowball.

Ao longo de todo aquele ano, os animais trabalharam ainda mais duro do que no ano anterior. Reconstruir o moinho, com paredes duas vezes mais grossas do que antes, terminá-lo no prazo, paralelamente ao trabalho normal da fazenda, era um esforço tremendo. Em certos momentos, eles tinham a impressão de trabalhar mais e de comer menos do que na época de Jones. Nos domingos de manhã, Squealer, segurando

com a pata uma longa tira de papel, lia listas com números, provando que a produção de todos os tipos de alimento havia aumentado duzentos por cento, trezentos por cento ou quinhentos por cento, conforme o caso. Os animais não viam motivo para não acreditar nele, principalmente porque já não se lembravam com muita clareza de como eram as coisas antes da Revolução. Fosse como fosse, havia dias em que eles sentiam que prefeririam ter menos números e mais comida.

Todas as ordens eram agora anunciadas por Squealer ou um dos outros porcos. O próprio Napoleon não era visto em público com mais frequência do que uma vez a cada quinze dias. Quando aparecia, era acompanhado não só de sua comitiva de cachorros, mas também por um galo preto que andava à sua frente e atuava como uma espécie de corneteiro, soltando um "cocoricó" altíssimo antes que Napoleon falasse. Até mesmo na sede da fazenda, dizia-se, Napoleon ocupava cômodos separados dos demais. Fazia as refeições sozinho, servido por dois cães, e sempre usava o elegante aparelho de jantar Crown Derby, que ficava na cristaleira da sala de jantar. Foi anunciado também que a arma seria disparada todos os anos no aniversário de Napoleon, bem como nos outros dois aniversários.

Agora, Napoleon nunca era referido simplesmente como "Napoleon". Era sempre citado em estilo formal como "nosso Líder, o Camarada Napoleon", e os demais porcos gostavam de inventar para ele títulos como Pai de Todos os Animais, Terror da Humanidade, Protetor do Rebanho de Ovelhas, Amigo dos Patinhos e outros do tipo. Em seus discursos, Squealer falava, com lágrimas escorrendo pelas bochechas, sobre a sabedoria de Napoleon, a bondade de seu coração e o amor profundo que ele nutria pelos animais do mundo todo, até mesmo e em especial pelos bichos infelizes que ainda

viviam na ignorância e na escravidão em outras fazendas. Tornara-se comum dar crédito a Napoleon por todas as conquistas e todos os golpes de sorte. Ouvia-se com frequência uma galinha comentar com outra: "Sob a orientação do nosso Líder, o Camarada Napoleon, eu botei cinco ovos em seis dias", ou duas vacas, enquanto tomavam água no açude, exclamarem: "Graças à liderança do Camarada Napoleon, esta água tem um gosto maravilhoso!". O sentimento geral na fazenda estava bem representado por um poema chamado "Camarada Napoleon", composto por Minimus e que dizia assim:

Amigo dos órfãos!

Provedor dos grãos!

Fonte de contentamento!

Ah, como a minha alma se inflama

Ante sua mirada calma e soberana

Como o Sol no firmamento,

Camarada Napoleon!

Você concede a fartura

Amada por toda criatura;

Palha pra deitar, barriga cheia todo dia

Todos os bichos, grandes ou pequenos,

Dormem em suas baias tão serenos,

Pois você com tamanho zelo tudo vigia,

Camarada Napoleon!

Se eu tivesse um leitãozinho

Antes que ele virasse adulto

E crescesse como um inculto

Ele acima de tudo aprenderia

A lhe ser leal e ter o devido carinho

E desde o primeiro guincho diria

"Camarada Napoleon!"

Napoleon aprovou o poema e o fez ser inscrito na parede do grande celeiro, no canto oposto aos Sete Mandamentos. A composição foi coroada por um retrato de Napoleon, de perfil, pintado por Squealer com tinta branca.

Enquanto isso, por intermédio de Whymper, Napoleon envolvia-se em complicadas negociações com Frederick e Pilkington. A pilha de tábuas ainda não fora vendida. Dos dois, Frederick era o mais ansioso por colocar as mãos nela, mas não oferecia um preço razoável. Ao mesmo tempo, corriam boatos renovados segundo os quais Frederick e seus homens estavam tramando um ataque contra a Fazenda dos Animais e a destruição do moinho, cuja construção provocava nele uma inveja violenta. Sabia-se que Snowball ainda estava escondido na Fazenda Pinchfield. No meio do verão, os bichos ficaram assustados ao ouvir que três galinhas haviam se apresentado para confessar que, inspiradas por Snowball, tinham entrado em um complô para assassinar Napoleon. Elas foram executadas imediatamente, e novas precauções quanto à segurança de Napoleon foram tomadas. Quatro cachorros vigiavam sua cama à noite, um em cada canto, e um jovem leitão chamado Pinkeye recebeu a tarefa de provar toda a comida de Napoleon antes que ele comesse, para se certificar de não estar envenenada.

Mais ou menos na mesma época, foi anunciado que Napoleon acertara a venda da madeira para o senhor

Pilkington; ele também celebraria um acordo de longo prazo para a troca de certos produtos entre a Fazenda dos Animais e Foxwood. As relações entre Napoleon e Pilkington, embora sempre intermediadas por Whymper, eram agora quase amistosas. Os animais não confiavam em Pilkington, por ser um humano, mas preferiam-no a Frederick, a quem tanto temiam quanto odiavam. Com o passar do verão e o moinho quase pronto, os rumores sobre um iminente ataque traiçoeiro cresciam cada vez mais. Frederick, dizia-se, planejava investir contra os bichos acompanhado de vinte homens, todos com armas de fogo, e já tinha subornado os juízes e a polícia, de modo que, se conseguisse pôr as mãos nos títulos de propriedade da Fazenda dos Animais, não haveria perguntas. Além disso, vazavam de Pinchfield histórias pavorosas sobre as crueldades que Frederick praticava contra seus animais. Que ele tinha açoitado um cavalo velho até a morte, que matava as vacas de fome, que tinha morto um cão jogando-o na fornalha, que se divertia à noite obrigando os galos a brigar usando lascas de lâminas amarradas às esporas. O sangue dos bichos fervia de raiva quando ouviam sobre as coisas que eram feitas contra seus camaradas, e algumas vezes gritavam, pedindo permissão para atacar a Fazenda Pinchfield em conjunto, expulsar os humanos e libertar os animais. Mas Squealer os aconselhava a evitar atitudes precipitadas e a confiarem na estratégia do Camarada Napoleon.

Ainda assim, o repúdio a Frederick seguia imenso. Certo domingo de manhã, Napoleon apareceu no celeiro e explicou que nunca, jamais, tivera a menor intenção de vender as tábuas de faia para Frederick; que considerava abaixo de sua dignidade lidar com um patife daqueles. Os pombos, que ainda voavam para espalhar as notícias da Revolução, eram proibidos de pousar em qualquer ponto de Foxwood, e tinham

sido instruídos a substituir o antigo lema “Morte à Humanidade” por “Morte a Frederick”. No fim do verão, mais uma das maquinações de Snowball foi revelada. A safra de trigo estava cheia de ervas daninhas, e descobriu-se que em uma de suas visitas noturnas Snowball havia misturado sementes da praga às sementes de milho. Um ganso que tinha conhecimento da tramoia confessou sua culpa a Squealer e imediatamente cometeu suicídio, engolindo um punhado de bagas fatais de beladona. Os animais também aprenderam que Snowball jamais havia recebido, como muitos deles acreditavam até então, a ordem de “Herói Animal, Primeira Categoria”. Aquilo era apenas uma lenda, espalhada pouco depois da Batalha do Estábulo pelo próprio Snowball. Bem ao contrário de ter sido condecorado por bravura, ele tinha sido censurado por covardia durante a batalha. Mais uma vez, alguns dos animais ouviram isso com certo espanto, mas Squealer logo conseguiu convencê-los de que suas lembranças estavam incorretas.

No outono, um esforço tremendo, exaustivo, pois a safra precisava ser colhida quase ao mesmo tempo em que o moinho foi terminado. O maquinário ainda precisava ser instalado e Whymper negociava a compra, mas a estrutura estava completa. Apesar de todas as dificuldades, apesar da inexperiência, dos implementos primitivos, do azar e da traição de Snowball, o trabalho foi encerrado pontualmente, precisamente no dia marcado! Cansados até os ossos, mas muito orgulhosos, os animais deram voltas e mais voltas ao redor de sua obra-prima, que parecia mais linda aos seus olhos agora do que na primeira construção. Além disso, as paredes tinham o dobro da espessura das anteriores. Nada abaixo de dinamite poderia derrubá-las! E quando eles recordaram quanto haviam trabalhado, os reveses que tinham superado e a

enorme diferença que ocorreria em suas vidas quando as pás estivessem girando e o dínamo, trabalhando, quando recordaram tudo isso, o cansaço cedeu e todos deram pulos e piruetas em volta do moinho, soltando gritos de triunfo. Napoleon, acompanhado de seus cachorros e do galo, foi pessoalmente inspecionar o trabalho concluído; cumprimentou cada animal por aquela conquista e anunciou que o moinho se chamaria Moinho Napoleon.

Dois dias depois, os animais foram chamados para uma reunião extraordinária no celeiro. Ficaram mudos de surpresa quando Napoleon anunciou que havia vendido a madeira para Frederick. No dia seguinte, as carroças de Frederick chegariam e o transporte teria início. Ao longo de todo o período de sua aparente amizade com Pilkington, Napoleon havia negociado em segredo um acordo com Frederik.

Todas as relações com Foxwood foram rompidas; mensagens ofensivas tinham sido enviadas a Pilkington. Os pombos receberam a orientação de evitar a Fazenda Pinchfield e a alterar seu lema de “Morte a Frederick” para “Morte a Pilkington”. Ao mesmo tempo, Napoleon garantiu aos bichos que as histórias sobre um ataque iminente à Fazenda dos Animais eram totalmente inverídicas e que os relatos sobre a crueldade de Frederick com seus animais tinham sido em grande medida exagerados. Todos aqueles boatos deviam ser obra de Snowball e seus agentes. Parecia agora que Snowball, afinal, não se escondia na Fazenda Pinchfield e que, de fato, nunca estivera lá em toda a sua vida: estava morando, e com razoável luxo, dizia-se, em Foxwood, e era hóspede de Pilkington fazia já uns bons anos.

Os porcos extasiaram-se com a astúcia de Napoleon. Ao demonstrar amizade com Pilkington, ele tinha forçado Frederick a elevar o preço em doze libras. Mas a principal

qualidade da mente de Napoleon, disse Squealer, era demonstrada pelo fato de ele não confiar em ninguém, nem mesmo em Frederick, que desejava pagar pela madeira com uma coisa chamada “cheque”, um mero pedaço de papel com uma promessa de pagamento escrita nele. Mas Napoleon, esperto demais para cair nessa, exigira o pagamento em cédulas de cinco libras, que deveriam ser entregues antes que as tábuas fossem retiradas. Frederick já havia pago, e a soma era exatamente a necessária para a compra do motor do moinho.

Enquanto isso, a carga foi posta na carroça e transportada em alta velocidade. Quando tudo tinha sido levado, outra reunião extraordinária foi organizada no celeiro, para que os animais inspecionassem as notas de Frederick. Sorrindo beatificamente e usando suas duas condecorações, Napoleon repousava em uma cama de palha em cima da plataforma elevada, com o dinheiro a seu lado, empilhado com todo o capricho em um prato da cozinha da sede. A fila de animais passou lentamente diante das notas, todos se deixando preencher por aquela visão. Boxer esticou o focinho para farejar, e aquelas coisas brancas e frágeis se mexeram e farfalharam com a respiração dele.

Três dias mais tarde, ocorreu um tumulto terrível. Whymper, com o rosto mortalmente pálido, subiu a trilha correndo de bicicleta, jogou-a no chão e seguiu correndo a pé até a sede da fazenda. No instante seguinte, um rugido de raiva sufocada irrompeu dos aposentos de Napoleon. A notícia sobre o ocorrido se espalhou como fogo por toda a fazenda. As cédulas eram falsas! Frederick conseguira a madeira em troca de nada!

Napoleon reuniu os animais imediatamente e com uma voz assustadora proclamou uma sentença de morte contra

Frederick. Quando fosse capturado, Frederick devia ser jogado vivo em água fervente. Ele e seus homens poderiam realizar a qualquer momento o ataque há muito planejado. Sentinelas posicionaram-se em todos os pontos de acesso à fazenda. Além disso, quatro pombos foram enviados a Foxwood com um recado conciliador que, esperava-se, poderia restabelecer as boas relações com Pilkington.

Logo na manhã seguinte, o ataque aconteceu. Os animais estavam tomando o café da manhã quando os vigias chegaram correndo com a notícia de que Frederick e seus seguidores já haviam passado do portão de cinco barras. Bravamente, os bichos se adiantaram, indo ao encontro dos inimigos, mas dessa vez não tiveram a vitória fácil da Batalha do Estábulo. Eram quinze homens, com meia dúzia de armas, e abriram fogo assim que avançaram pouco mais de quarenta metros. Os animais não conseguiram enfrentar as explosões terríveis e a munição perfurante; a despeito dos esforços de Napoleon e de Boxer para reuni-los, eles logo recuaram. Uma quantidade deles já estava ferida. Todos se refugiaram nas construções da fazenda e ficaram espiando, cautelosos, por frinchas e vãos. Todo o pasto grande, incluindo o moinho, estava nas mãos do inimigo. Por um momento, até Napoleon pareceu perdido. Andava de um lado para outro sem dizer nada, o rabicó muito esticado, balançando rígido. Olhares ansiosos foram lançados na direção de Foxwood. Se os homens de Pilkington os ajudassem, o dia ainda poderia ser salvo. Mas nesse momento os quatro pombos, que tinham sido enviados em missão no dia anterior, voltaram, e um deles trazia um bilhete de Pilkington. No papel estavam escritas a lápis as seguintes palavras: “Bem feito”.

Enquanto isso, Frederick e seus homens tinham subido até o moinho. Os animais observavam; soltaram um murmúrio de

desânimo. Um homem segurava um pé de cabra e outro, uma marreta. Iam destruir o moinho.

– Impossível! – gritou Napoleon. – Nós construímos paredes grossas demais para isso. Eles não conseguiriam derrubá-las nem em uma semana. Coragem, camaradas!

Benjamin observava atentamente os movimentos dos homens. Os dois que seguravam as ferramentas cavavam um buraco perto da base do moinho. Devagar, e com um ar quase divertido, Benjamin mexeu o longo focinho.

– Foi o que eu pensei – ele disse. – Vocês não percebem o que eles estão fazendo? Mais um instante e vão encher aquele buraco de pólvora.

Apavorados, os animais aguardaram. Era impossível arriscar-se para fora do abrigo das construções. Poucos minutos depois, os homens foram vistos correndo em todas as direções. E em seguida houve um estrondo ensurdecedor. Os pombos giraram no ar e todos os animais, exceto Napoleon, se jogaram de bruços no chão, protegendo a cabeça. Quando tornaram a se levantar, viram uma gigantesca nuvem de fumaça preta onde antes ficava o moinho. Lentamente, a brisa a dissipou. O moinho deixara de existir!

Diante daquela visão, a coragem voltou aos animais. O medo e o desespero que haviam sentido um minuto antes desapareceram sob a fúria que sentiam contra aquele ato cruel e desprezível. Um poderoso grito de vingança se elevou e, sem esperar uma ordem, os bichos se reuniram e partiram em bloco para cima do inimigo. Dessa vez, não se importaram com as rajadas cruéis, que os atingiam como uma saraivada de granizo. Foi um combate amargo e selvagem. Os homens dispararam muitas e muitas vezes e, quando os animais chegaram mais perto, atacaram com bastões e as pesadas

botinas. Uma vaca, três ovelhas e dois gansos foram mortos, e quase todos saíram feridos. Até Napoleon, que ficou na retaguarda comandando a operação, teve a ponta do rabicó arrancada por um tiro. Mas os homens também não escaparam ilesos. Três deles tiveram a cabeça esmagada pelas patas de Boxer, um foi atingido na barriga pelo chifre de uma vaca, outro teve a calça quase arrancada por Jessie e Bluebell. E quando os nove cães da guarda particular de Napoleon, a quem ele ordenou que fizessem um desvio sob a proteção da sebe, apareceram de repente pelas laterais, latindo ferozmente, o pânico tomou conta dos homens. Eles perceberam que corriam o risco de ser cercados. Frederick gritou que fossem embora enquanto ainda era possível, e no instante seguinte o inimigo, acovardado, fugia para salvar sua vida. Os animais os perseguiram até o fim do campo, e ainda desferiram uns chutes finais enquanto os humanos forçavam passagem pelo meio da cerca viva.

Eles tinham vencido, mas estavam cansados e sangrando. Lentamente, começaram a mancar de volta à fazenda. Alguns foram levados às lágrimas pela visão dos companheiros mortos esticados sobre a grama. Por um breve momento eles pararam, em pesaroso silêncio, no local onde antes ficava o moinho. Sim, a construção havia sumido; todo o trabalho que tinham feito desaparecera até quase o último vestígio! A fundação estava parcialmente destruída. E para a reconstrução eles agora não poderiam, como antes, usar as pedras caídas. Porque as pedras tinham virado pó. A força da explosão lançara-as a centenas de metros. Era como se o moinho nunca tivesse existido.

Quando os animais se aproximaram da fazenda, Squealer, que tinha estado inexplicavelmente ausente durante a luta, foi recebê-los saltitando, agitando o rabicó e resplandecendo de

satisfação. E os bichos escutaram, vindo das edificações, o disparo solene de uma arma.

– Por que a arma foi disparada? – perguntou Boxer.

– Para celebrar nossa vitória! – gritou Squealer.

– Que vitória? – replicou Boxer. Seus joelhos sangravam, ele havia perdido uma ferradura e rachado o casco, e uma dúzia de projéteis estava alojada em sua pata traseira.

– Que vitória, camarada? Pois nós não expulsamos o inimigo do nosso solo, o solo sagrado da Fazenda dos Animais?

– Mas eles destruíram o moinho. E nós trabalhamos ali por dois anos!

– Que importa? Construiremos outro moinho. Construiremos seis moinhos, se quisermos. Você não está conseguindo avaliar, camarada, a coisa poderosa que fizemos hoje. O inimigo ocupava este exato pedaço de chão, onde estamos agora. E graças à liderança do Camarada Napoleon, nós reconquistamos cada centímetro dele!

– Então conquistamos de volta o que já tínhamos antes – comentou Boxer.

– Esta é a nossa vitória – disse Squealer.

Eles avançaram para o pátio, Boxer coxeando. As balas alojadas sob a pele da pata provocavam muita dor. Boxer anteviu todo o trabalho árduo de reconstrução do moinho desde a fundação, e mentalmente já se preparou para a tarefa. Pela primeira vez, porém, ocorreu-lhe que tinha onze anos e que talvez seus músculos maravilhosos já não fossem o que costumavam ser.

Mas quando os animais viram a bandeira verde hasteada, ouviram o ruído de disparos mais uma vez (foram sete

disparos, no total) e escutaram o discurso que Napoleon fez, cumprimentando-os por sua conduta, pareceu-lhes que, afinal, tinham conquistado uma grande vitória. Os animais tombados em batalha receberam um enterro solene. Boxer e Clover puxaram o suporte que serviu de carro fúnebre, e o próprio Napoleon andou à frente do cortejo. Dois dias inteiros foram dedicados às cerimônias. Houve canto, discurso e mais disparos da arma, e uma maçã foi oferecida como prenda especial a cada bicho, com sessenta gramas de milho para cada pássaro e três biscoitos para cada cachorro. Foi anunciado que a batalha se chamaria Batalha do Moinho e que Napoleon havia criado uma nova condecoração, a Ordem da Flâmula Verde, que ele conferiu a si mesmo. Em meio ao contentamento geral, o lamentável caso das cédulas foi esquecido.

Poucos dias depois disso os porcos por acaso encontraram uma caixa de uísque no porão da sede. Ninguém havia reparado nela, quando os porcos se mudaram para lá. Naquela noite, chegou da casa um som alto de cantoria à qual, para surpresa de todos, misturavam-se trechos de "Animais da Inglaterra". Por volta das vinte e uma horas e trinta minutos, Napoleon, usando um velho chapéu do senhor Jones, foi visto saindo pela porta dos fundos, galopando depressa ao redor do pátio e sumindo lá para dentro de novo. Pela manhã, um silêncio profundo envolvia a sede. Nem um só porco parecia se mexer no interior. Eram quase nove horas da manhã quando Squealer surgiu abatido, andando devagar, com os olhos embaçados, o rabicó pendendo frouxo, e com toda a aparência de estar gravemente enfermo. Ele reuniu os animais e anunciou que tinha uma notícia horrível para dar. O Camarada Napoleon estava morrendo!

Um grito de lamento se elevou. Palha foi depositada ao redor

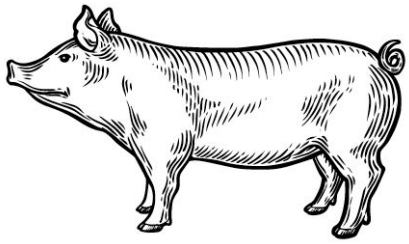
da sede e os animais passaram a andar na ponta dos pés. Com lágrimas nos olhos, perguntavam uns aos outros o que fariam se o Líder lhes fosse tirado. Surgiu o rumor de que Snowball havia conseguido, afinal, colocar veneno na comida de Napoleon. Às onze horas, Squealer saiu de novo para fazer outro anúncio: em seu último ato sobre a Terra, o Camarada Napoleon tinha proclamado um decreto solene: o consumo de álcool seria punido com a morte.

Ao cair da tarde, porém, Napoleon parecia um pouco melhor, e na manhã seguinte Squealer pôde contar aos demais que ele estava a caminho da franca recuperação. Naquela noite, Napoleon voltou a suas tarefas e, no dia seguinte, soube-se que instruíra Whymper a comprar em Willingdon alguns livretos sobre fermentação e destilação. Uma semana depois, Napoleon deu ordens para que o pequeno pasto atrás do pomar, que anteriormente tinha sido reservado como casa de repouso para os animais aposentados, deveria ser cultivado. Divulgou-se que o pasto estava exaurido e precisava ser semeado de novo, mas logo se descobriu que a intenção de Napoleon era usá-lo para plantar cevada.

Mais ou menos nessa época, ocorreu um estranho incidente que quase ninguém foi capaz de entender. Certa madrugada, por volta da meia-noite, houve um estrondo alto no pátio, e os animais partiram correndo de suas baias. Era noite de luar. Junto à base da parede dos fundos do grande celeiro, onde os Sete Mandamentos estavam escritos, havia uma escada partida em dois pedaços. Squealer, temporariamente zonzo, esparramava-se ao lado dela, e perto de sua mão estavam uma lanterna, um pincel e um galão de tinta branca virado. Os cachorros na mesma hora formaram um círculo ao redor de Squealer, e o acompanharam de volta à sede tão logo ele foi capaz de andar. Nenhum dos animais conseguiu formular uma

ideia sobre o significado daquilo, exceto o velho Benjamin, que balançou o longo focinho com um ar entendido e pareceu compreender tudo, porém não disse nada.

Alguns dias depois, Muriel, relendo os Sete Mandamentos para si mesma, percebeu que havia mais um dentre eles que os bichos tinham decorado com erro. Eles pensavam que o Quinto Mandamento era "Nenhum animal deve beber álcool", mas tinham se esquecido de duas palavras. O Mandamento na verdade dizia: "Nenhum animal deve beber álcool *em excesso*".



CAPÍTULO 9

O casco fendido de Boxer levou muito tempo para cicatrizar. Os animais começaram a reconstrução do moinho no dia seguinte ao fim das comemorações pela vitória. Boxer se recusou a tirar um só dia de licença, e tomou como ponto de honra não permitir que fosse visto sofrendo. Ao final da jornada, ele admitia em particular para Clover que o casco o incomodava muito. Clover cuidava do machucado com emplastros de ervas que preparava mascando as folhas, e tanto ela quanto Benjamin insistiam para Boxer trabalhasse com menos afinco. “Os pulmões de um cavalo não duram para sempre”, ela dizia. Mas Boxer não lhe dava ouvidos e dizia que lhe restava uma única verdadeira ambição: ver a construção do moinho bem encaminhada antes de atingir a idade da aposentadoria.

No começo, quando as leis da Fazenda dos Animais foram elaboradas, a idade para aposentadoria tinha sido determinada assim: para cavalos e porcos, doze anos; para vacas, quatorze; para cães, nove; para ovelhas, sete; para galinhas e gansos, cinco anos. Pensões generosas haviam sido combinadas. Até o momento, nenhum animal se aposentara, mas o assunto vinha sendo debatido com frequência crescente. Agora que o pequeno pasto atrás do pomar estava reservado para o plantio de cevada, ventilava-se que um canto do pasto grande seria

cercado e transformado em pastagem para os animais idosos. Disseram que, para um cavalo, a aposentadoria seria de dois quilos de milho por dia e, no inverno, seis quilos de feno, acrescidos de uma cenoura ou, talvez, de uma maçã nos feriados. O décimo segundo aniversário de Boxer seria no fim do verão seguinte.

Enquanto isso a vida seguia, estafante. O inverno foi tão frio quanto o anterior, e a comida era ainda mais escassa. Mais uma vez todas as rações foram reduzidas, exceto a dos porcos e dos cachorros. Uma igualdade rígida demais nas porções, Squealer explicou, teria sido contrária aos princípios do Animalismo. De todo modo, ele não teve dificuldade nenhuma para provar aos outros animais que eles *não* estavam de verdade recebendo pouca comida, mesmo que parecesse que sim. No momento, certamente, tinha-se considerado necessário fazer um reajuste nas rações (Squealer sempre dizia "reajuste", nunca "redução"), mas, em comparação com a época de Jones, as melhoras eram imensas. Lendo números em voz rápida e esganiçada, ele provou para os outros, detalhadamente, que tinham mais aveia, mais feno e mais nabos do que antes; que trabalhavam menos horas, a água que bebiam era de melhor qualidade, eles viviam mais tempo, uma parcela maior dos filhotes sobrevivia à infância, tinham mais palha em suas baias e sofriam menos com as moscas. Os animais acreditaram em cada palavra. A verdade é que Jones e tudo que ele representava praticamente haviam desaparecido da lembrança de todos. Eles sabiam que a vida agora era difícil e cheia de necessidades não atendidas, que com frequência tinham fome e frio e que, quando não estavam dormindo, em geral estavam trabalhando. Mas sem dúvida tinha sido pior na época de Jones, e todos ficavam contentes por acreditar nisso. Além do mais, antigamente eram escravos e agora eram livres, e isso

fazia toda a diferença, conforme Squealer não deixava de realçar.

Havia muitas bocas extras para alimentar. No outono, as quatro porcas pariram quase simultaneamente e, ao todo, tiveram trinta e um filhotes. Os jovens porquinhos eram malhados e, sendo Napoleon o único macho da fazenda, foi possível adivinhar quem era o pai. Anunciou-se que mais tarde, quando madeira e tijolos fossem comprados, uma escola seria construída no jardim. Por enquanto, os leitões seriam ensinados pelo próprio Napoleon na cozinha da sede. Exercitavam-se no jardim e eram desencorajados a brincar com outros animais jovens. Mais ou menos nessa época, também, baixaram uma norma segundo a qual, quando um porco e outro animal se cruzassem no caminho, o outro animal é que deveria ceder a passagem. Também decretou-se que todos os porcos, qualquer que fosse sua posição, teriam o privilégio de usar fitas verdes nos rabicós aos domingos.

A fazenda obteve razoável sucesso naquele ano, mas ainda faltava dinheiro. Tijolos, areia e cal para a escola precisavam ser comprados, e seria preciso começar a poupar de novo para o motor do moinho. Fora isso, havia os lampiões a óleo e as velas para a casa, açúcar para a mesa de Napoleon (açúcar este que ele proibia aos demais porcos, alegando que os deixaria gordos) e todas as substituições corriqueiras de ferramentas, pregos, cordas, carvão, ferro e biscoitos de cachorro. Um fardo de feno e parte da colheita de batata foram vendidos, e o contrato para o fornecimento de ovos aumentou para seiscentos por semana, de modo que naquele ano as galinhas mal chocaram pintinhos suficientes para manter o nível da população. As rações, já reduzidas em dezembro, foram reduzidas de novo em fevereiro, e as lamparinas das baias foram proibidas porque era necessário economizar óleo. Mas

os porcos pareciam bem confortáveis e estavam até, na verdade, ganhando peso. Certa tarde, no fim de fevereiro, um aroma quente, suculento e apetitoso, como os animais nunca tinham sentido, flutuou através do pátio, saindo da pequena cervejaria do lado oposto do terreno. A cervejaria tinha caído em desuso já na época de Jones, e ficava depois da cozinha. Alguém disse que era cheiro de cevada sendo cozida. Os animais farejaram o ar, famintos, e se perguntaram se uma refeição quente estava sendo preparada para o jantar. Mas nenhuma refeição quente apareceu, e no domingo seguinte foi anunciado que dali em diante toda a cevada seria reservada aos porcos. O campo atrás do pomar já tinha sido semeado com cevada. E logo vazaram notícias segundo as quais todos os porcos recebiam agora um copo de cerveja por dia, sendo para Napoleon três vezes mais e servida sempre na terrina de sopa do aparelho de jantar Crown Derby.

No entanto, se havia dificuldades a suportar, elas eram em parte compensadas pelo fato de que a vida, agora, tinha muito mais dignidade do que antes. Havia mais músicas, mais discursos, mais desfiles. Napoleon dera ordens de que, uma vez por semana, fosse organizada uma coisa chamada Demonstração Espontânea, cujo objetivo era comemorar as lutas e as conquistas da Fazenda dos Animais. No horário marcado, os animais deveriam abandonar o trabalho e marchar em volta da sede em formação militar, com os porcos liderando e a seguir os cavalos, depois as vacas, então as ovelhas e por último as aves. Os cachorros ladeavam o desfile e na frente de todos ia o galo preto de Napoleon. Boxer e Clover sempre levavam entre si a grande bandeira verde com o casco e o chifre e a legenda “Vida longa ao Camarada Napoleon!”. Depois, ocorriam a declamação de poemas compostos em homenagem a Napoleon e um discurso de

Squealer com detalhes sobre os últimos aumentos na produção de itens alimentícios; de vez em quando, a arma era disparada. As ovelhas eram as maiores entusiastas da Demonstração Espontânea; se alguém reclamava (como uns poucos de fato faziam, quando não havia porcos nem cães por perto) que aquilo era uma perda de tempo e que ficar parado ali no frio era um custo alto demais, as ovelhas calavam os queixosos soltando um balido tremendo de "Quatro pernas bom, duas pernas ruim!". Mas a maioria dos animais se divertia naquelas celebrações. Achavam reconfortante lembrar que, afinal, eram os próprios patrões, e todo o trabalho que realizavam era em benefício próprio. De maneira que, com as canções, os desfiles, a lista de números de Squealer, o estrondo da arma, o cocoricó do galo e o tremular da bandeira, eles conseguiam se esquecer, ao menos por um período, que suas barrigas estavam vazias.

Em abril, a Fazenda dos Animais foi proclamada uma República, e se tornou necessário eleger um presidente. Houve só um candidato, Napoleon, que foi eleito por unanimidade. No mesmo dia, divulgou-se que novos documentos tinham sido descobertos, revelando ainda mais detalhes sobre a cumplicidade de Snowball com Jones. Parecia agora que, ao contrário do que os animais tinham pensado antes, Snowball não havia apenas tentado perder a Batalha do Estábulo por meio de estratagema, mas que tinha combatido abertamente ao lado de Jones. Na verdade, fora o verdadeiro líder das forças humanas e se lançara ao ataque aos gritos de "Vida Longa à Humanidade!". As feridas em suas costas, que uns poucos animais ainda se lembravam de ter visto, tinham de fato sido infligidas pelos dentes de Napoleon.

No meio do verão, Moses, o corvo, subitamente reapareceu na fazenda, após uma ausência de vários anos. Não havia

mudado quase nada: ainda não trabalhava e ainda falava do mesmo jeito de sempre sobre a Montanha de Açúcar. Pousava sobre um toco, agitava as penas da cauda e tagarelava por horas a qualquer um que se dispusesse a ouvir.

– Lá em cima, camaradas – dizia solenemente, apontando para o céu com o grande bico –, lá em cima, do lado de lá desta grande nuvem escura que vocês estão vendo, bem ali fica a Montanha de Açúcar, o país feliz onde nós, pobres animais, iremos descansar para sempre da nossa labuta!

Ele até alegava já ter estado lá certa madrugada, e haver visto os campos de trevos perpétuos e os bolos de semente de linhaça e os torrões de açúcar crescendo nos canteiros. Muitos animais acreditavam, refletindo que sua vida presente era, afinal, de fome e trabalho; não seria, portanto, correto e justo que um mundo melhor existisse em algum lugar? Uma coisa difícil de determinar era a atitude dos porcos com relação a Moses. Eles declaravam, cheios de desprezo, que aquelas histórias sobre a Montanha de Açúcar eram mentiras, mas ainda assim permitiam que o corvo permanecesse na fazenda, sem trabalhar, e com direito a uma dose diária de cerveja.

Depois que o ferimento no casco cicatrizou, Boxer trabalhou com mais afinco do que nunca. De fato, todos os animais trabalharam como escravos naquele ano. Além das tarefas normais da fazenda e da reconstrução do moinho, havia ainda a escola para os porcos jovens, iniciada em março. Às vezes, era difícil suportar as longas horas com comida insuficiente, mas Boxer nunca falhava. Em nada do que ele dizia ou fazia havia o menor sinal de que sua força já não fosse como costumava ser. Era só sua aparência que estava ligeiramente mudada; o pelo era menos lustroso do que antes e os flancos pareciam ter encolhido. Os outros diziam: “O Boxer vai se recuperar quando a primavera trouxer grama fresca”, mas a

primavera chegou e Boxer não ganhou peso. Algumas vezes, na encosta que levava ao alto da pedreira, quando ele forçava os músculos contra o peso de alguma pedra enorme, parecia que nada o sustentava sobre as patas, exceto sua vontade de prosseguir. Nessas ocasiões, era possível ver seus lábios formando as palavras "Vou trabalhar mais ainda"; ele já não tinha voz. Mais uma vez, Clover e Benjamin o alertaram para cuidar da saúde, mas Boxer não lhes deu atenção. Seu décimo segundo aniversário se aproximava. Ele não se importava com o que pudesse acontecer, desde que um bom estoque de pedras fosse acumulado antes de sua aposentadoria.

Certa noite de verão, já bem tarde, um boato repentino correu a fazenda, dando conta de que algo acontecera a Boxer. Ele tinha saído sozinho para arrastar uma carga de pedras até o moinho. E o boato tinha fundamento. Após alguns minutos, dois pombos chegaram apressados trazendo a notícia:

– O Boxer caiu! Está tombado de lado e não consegue se levantar!

Cerca de metade dos animais da fazenda partiu correndo para a colina do moinho. Lá estava Boxer, entre as hastes da carroça, com o pescoço esticado, incapaz até mesmo de erguer a cabeça. Os olhos estavam vidrados e os flancos, encharcados de suor. Um fiozinho de sangue pingava de sua boca. Clover se ajoelhou ao lado dele.

– Boxer! Como você está?

– É o meu pulmão – ele respondeu, com a voz fraca. – Mas não faz mal. Acho que vocês vão conseguir terminar o moinho sem mim. Já tem uma boa quantidade de pedras estocadas. De qualquer forma, eu só tinha mesmo mais um mês de trabalho. Para dizer a verdade, eu estava ansioso pela minha aposentadoria. E, como o Benjamin também está ficando

velho, talvez eles autorizem que ele se aposente ao mesmo tempo e me faça companhia.

– Precisamos ir buscar ajuda agora mesmo – disse Clover. – Alguém vá correndo contar ao Squealer o que aconteceu.

Todos os outros animais voltaram imediatamente rumo à sede, para dar a notícia a Squealer. Apenas Clover permaneceu, e Benjamin, que se deitou ao lado de Boxer e, sem falar nada, usou o longo rabo para manter as moscas afastadas. Depois de aproximadamente um quarto de hora, Squealer apareceu, cheio de solidariedade e preocupação. Ele disse que o Camarada Napoleon tinha recebido com profunda tristeza a notícia sobre o infortúnio ocorrido com um dos trabalhadores mais leais da fazenda e já estava tomando providências para enviar Boxer ao hospital em Willingdon. Os animais se sentiram um pouco inquietos ao ouvir isso. Exceto por Mollie e Snowball, nenhum outro bicho jamais havia saído da fazenda, e eles não gostavam de imaginar o camarada doente entregue a mãos humanas. Entretanto, Squealer os convenceu com facilidade de que o cirurgião veterinário em Willingdon poderia cuidar de Boxer mais satisfatoriamente do que seria possível na fazenda. E meia hora depois, quando Boxer havia se recuperado um pouco, conseguiu com dificuldade se levantar e cambalear de volta para sua baia, onde Clover e Benjamin haviam preparado uma boa cama de palha para que se deitasse.

Nos dois dias seguintes, Boxer permaneceu na baia. Os porcos mandaram entregar uma grande garrafa de um remédio cor-de-rosa que haviam encontrado no armário de medicamentos do banheiro, e Clover ministrava a dose a Boxer duas vezes ao dia, após as refeições. À noite, ela ficava na baia para lhe fazer companhia, enquanto Benjamin espantava as moscas. Boxer afirmava não lamentar o ocorrido.

Caso conseguisse se recuperar bem, ainda poderia viver mais três anos, e ansiava pelos dias de paz que teria no canto do pasto grande. Seria a primeira vez que teria tempo livre para estudar e se aprimorar. Ele contou que pretendia dedicar o resto de sua vida ao aprendizado das vinte e duas letras restantes do alfabeto.

No entanto, Benjamin e Clover só podiam estar com Boxer depois do trabalho, e foi no meio do dia que a caminhonete veio buscá-lo. Os animais estavam todos no campo, semeando nabo sob a supervisão de um porco, quando foram surpreendidos por Benjamin, que se aproximava galopando, vindo da construção da fazenda e zurrando a plenos pulmões. Era a primeira vez que viam Benjamin agitado; de fato, era a primeira vez que alguém o via galopar.

– Rápido! Rápido! – ele gritava. – Venham agora mesmo, estão levando o Boxer embora!

Sem esperar pelas ordens do porco, os animais saíram correndo a toda velocidade no sentido da construção. E lá estava, no pátio, uma grande caminhonete fechada, puxada por dois cavalos, com um letreiro na lateral e um homem de aparência ardilosa, usando um chapéu-coco de copa baixa, sentado no banco do condutor. E a baia de Boxer estava vazia.

Os animais rodearam a caminhonete.

– Tchau, Boxer! – disseram em coro. – Tchau!

– Tolos! Tolos! – berrou Benjamin, dando pulos em volta deles e pisoteando o solo com os pequenos cascos. – Seus tolos, vocês não estão vendo o que está escrito na lateral da caminhonete?

Aquilo imobilizou os bichos e todos ficaram calados. Muriel começou a decifrar as palavras. Mas Benjamin a empurrou

para o lado e em meio a um silêncio mortal leu:

– “Alfred Simmonds, Abatedor de cavalos e produtor de cola, Willingdon. Representante de couros e farinha de ossos. Fornecemos para canis”. Vocês não entendem o que isso significa? Eles estão mandando o Boxer para o matadouro!

Um grito de horror irrompeu de todos os animais. Nesse momento, o condutor açoitou os cavalos e a caminhonete se afastou do pátio em marcha acelerada. Todos os animais a seguiram, gritando com força total. Clover abriu caminho para chegar à frente. A caminhonete ganhava velocidade. Clover forçou os membros fortes para ir mais depressa e conseguiu um galope.

– Boxer! – ela gritou. – Boxer! Boxer! Boxer!

Bem nesse momento, como se tivesse ouvido a confusão do lado de fora, o rosto de Boxer surgiu, a faixa branca do focinho aparecendo pela minúscula janela traseira da caminhonete.

– Boxer! – Clover gritou com uma voz terrível. – Boxer, sai daí! Sai depressa! Estão levando você para ser morto!

Todos os animais se juntaram ao grito de “Sai, Boxer, sai daí! Estão levando você para ser morto!”. Mas a caminhonete ia muito depressa e se afastava deles. Não era possível saber se Boxer tinha entendido o que Clover dissera. Mas um instante mais tarde o rosto dele sumiu da janelinha e houve um barulho de um tremendo golpe de cascos dentro da caminhonete. Ele estava tentando chutar a porta para sair. Longe ia a época em que uns poucos coices de Boxer bastariam para transformar a caminhonete em uma pilha de palitos de fósforo. Agora, coitado! Sua força o abandonara; e logo depois o som dos golpes enfraqueceu até sumir. Em desespero, os animais começaram a apelar aos dois cavalos que puxavam a

caminhonete para que parassem.

– Camaradas, camaradas! – eles gritavam. – Não levem nosso irmão para a morte!

Mas as bestas estúpidas, ignorantes demais para entender o que estava acontecendo, simplesmente baixaram as orelhas e apertaram o passo. O rosto de Boxer não voltou a aparecer na janela. Tarde demais, alguém teve a ideia de correr na frente e fechar o portão de cinco barras; mas no segundo seguinte a caminhonete tinha passado por ele e desaparecia rapidamente estrada abaixo. Boxer nunca mais foi visto.

Três dias depois, foi anunciado que ele morrera no hospital em Willingdon, apesar de haver recebido todos os cuidados que um cavalo poderia ter. Squealer veio anunciar as novidades para os demais. Ele havia presenciado, disse, as últimas horas de Boxer.

– Foi a cena mais comovente que já vi! – Squealer comentou, erguendo a pata para afastar uma lágrima. – Fiquei ao lado da cama dele até o último momento. No fim, fraco demais para falar, cochichou no meu ouvido que sua única tristeza era partir antes que o moinho ficasse pronto. “Adiante, camaradas!”, ele murmurou. “Adiante em nome da Revolução. Vida longa à Fazenda dos Animais! Vida longa ao Camarada Napoleon! Napoleon está sempre certo.” Estas foram as últimas palavras, camaradas.

Então, os modos de Squealer subitamente mudaram. Ele se calou por um instante e lançou olhares de desconfiança de um lado a outro, antes de continuar.

Tinha chegado a seu conhecimento, ele disse, que um rumor bobo e malvado havia circulado no momento da remoção de Boxer. Alguns animais repararam que a caminhonete que levou Boxer embora tinha “abatedor de cavalos” escrito na

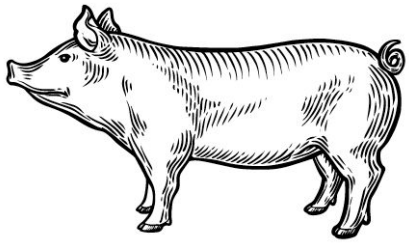
lateral, e a partir disso concluíram que Boxer estava sendo levado ao matadouro. Era quase inacreditável, disse Squealer, que um animal pudesse ser tão idiota. Com certeza, gritou, indignado, sacudindo o rabicó e dando pulinhos, com certeza eles sabiam que seu amado Líder, Camarada Napoleon, jamais faria aquilo. A explicação era na verdade muito simples. Antes, a caminhonete tinha pertencido a um carniceiro, mas havia sido comprada pelo cirurgião veterinário, que ainda não apagara a inscrição antiga. E foi assim que o engano surgiu.

Os animais ficaram imensamente aliviados ao ouvir isso. E conforme Squealer prosseguiu dando detalhes do leito de morte de Boxer e descrevendo os cuidados incríveis que havia recebido, como também os remédios caríssimos pelos quais Napoleon pagara sem nem pensar no custo, suas últimas dúvidas sumiram e a tristeza que tinham sentido pela morte do camarada foi suavizada pela ideia de que, pelo menos, ele morrera feliz.

Napoleon compareceu pessoalmente à reunião matinal do domingo seguinte e fez uma pequena oração em homenagem a Boxer. Não tinha sido possível, ele falou, trazer de volta para a fazenda os restos mortais do querido camarada, mas ele havia mandado que uma coroa enorme fosse confeccionada com os louros do jardim da sede e enviada para ser colocada na sepultura de Boxer. E dentro de uns poucos dias os porcos planejavam organizar um banquete fúnebre em memória de Boxer. Napoleon encerrou o discurso com um lembrete das duas máximas favoritas do cavalo: “Vou trabalhar mais ainda” e “O Camarada Napoleon está sempre certo”. Estas máximas, disse Napoleon, cada bicho faria bem em adotar como se fossem as suas.

No dia marcado para o banquete, o furgão da mercearia veio de Willingdon e entregou uma grande caixa de madeira na

sede. Naquela noite, ouviu-se um barulho muito alto de cantoria, seguido pelo que pareceu ser uma briga violenta que terminou, por volta das vinte e três horas, com um tremendo estrondo de vidro. Não se ouviu o menor ruído vindo da sede até o meio-dia do dia seguinte, e correu o rumor segundo o qual, de um jeito ou de outro, os porcos tinham conseguido dinheiro para comprar para si mesmos mais uma caixa de uísque.



CAPÍTULO 10

Muitos anos se passaram. As estações começavam e terminavam, a curta vida dos animais se esvaía. Chegou uma época em que ninguém mais se lembrava dos velhos tempos pré-Revolução, exceto Clover, Benjamin, o corvo Moses e alguns porcos.

Muriel estava morta; Bluebell, Jessie e Pincher estavam mortos. Jones estava morto também, havia falecido em um lar para alcoólatras em outra parte do condado. Snowball foi esquecido. Boxer foi esquecido, exceto pelos poucos que o conheceram. Clover era agora uma égua idosa e pesada, com articulações enrijecidas e uma tendência a acumular secreção nos olhos. Tinha dois anos além da idade da aposentadoria, mas a verdade é que nenhum bicho jamais havia se aposentado. A conversa sobre reservar um canto do pasto para os animais velhos tinha sido abandonada muito tempo antes. Napoleon ficara enorme, pesando agora mais de cento e cinquenta quilos. Squealer também engordara tanto que mal conseguia enxergar. Só o velho Benjamin continuava praticamente igual, exceto pelo focinho um pouco grisalho e, desde a morte de Boxer, ainda mais taciturno e melancólico do que nunca.

Havia muito mais criaturas na fazenda agora, embora o aumento não fosse tão grande quanto se tinha esperado. Para

muitos animais nascidos ali, a Revolução era apenas uma tradição meio apagada, passada de boca em boca, e os que foram comprados nunca tinham ouvido falar de Revolução nenhuma antes de chegarem lá. A fazenda tinha agora três cavalos, além de Clover. Eram belas bestas de carga, trabalhadores dedicados e bons camaradas, mas muito estúpidos. Nenhum deles foi capaz de aprender o alfabeto para além da letra B. Aceitavam tudo que lhes era dito sobre a Revolução e os princípios do Animalismo, especialmente quando quem falava era Clover, por quem nutriam um respeito quase filial; mas era duvidoso se entendiam muito bem aquilo.

A fazenda era próspera e bem organizada: tinha até sido aumentada em dois campos, comprados do senhor Pilkington. O moinho fora completado com sucesso, finalmente, e lhe faziam companhia uma debulhadora e uma empilhadeira de feno. Diversas novas edificações foram acrescentadas. Whymper comprou uma charrete. O moinho, porém, acabou não sendo usado para a geração de energia elétrica. Era usado para moer milho, e dava muito lucro. Os bichos trabalhavam duro para construir um segundo moinho; quando este estivesse pronto, disseram, então os dínamos seriam instalados. Mas as comodidades com que Snowball os tinha ensinado a sonhar, como baias com luz elétrica e água fria e quente e a jornada de três dias de trabalho por semana, já nem eram mencionadas. Napoleon tinha denunciado aquelas ideias como contrárias ao espírito do Animalismo. A verdadeira felicidade, ele disse, estava no trabalho árduo e na vida frugal.

De alguma forma, parecia que a fazenda havia enriquecido sem, no entanto, tornar mais ricos os animais, exceto, é claro, os porcos e os cachorros. Talvez aquilo se devesse, em parte, ao fato de haver tantos porcos e cães. Não que essas criaturas não trabalhassem, à sua moda. Conforme Squealer nunca se

cansava de explicar, a supervisão e a organização da fazenda constituíam um trabalho interminável. Grande parte desse trabalho era de um tipo que os outros bichos, ignorantes demais, não seriam capazes de compreender. Squealer contou a eles que os porcos gastavam horas e horas, todos os dias, elaborando coisas misteriosas chamadas "arquivos", "relatórios", "minutas" e "memorandos". Eram grandes pedaços de papel que precisavam ser totalmente preenchidos com escrita e, assim que ficavam completos, eram queimados na fornalha. Essa atividade era da máxima importância para o bem-estar da fazenda, Squealer dizia. Mesmo assim, nem porcos nem cães produziam comida nenhuma com o próprio esforço, e eles eram muitos e tinham sempre muito apetite.

Quanto aos demais, a vida, até onde eles sabiam, seguia conforme sempre tinha sido. Viviam praticamente famintos, dormiam sobre palha, tomavam água no açude, lavravam os campos; no inverno, eram incomodados pelo frio; no verão, pelas moscas. De vez em quando, os mais velhos vasculhavam o que restava de suas lembranças, tentando determinar se nos primeiros dias depois da Revolução, quando a expulsão do Jones ainda era recente, as coisas tinham sido melhores ou piores do que eram agora. Eles não conseguiam recordar. Não havia nada que pudessem comparar com a vida atual: não tinham nada em que se basear, a não ser as listas de números de Squealer, que invariavelmente demonstravam que tudo estava sempre melhorando. Os animais consideravam aquele um problema insolúvel; de todo modo, agora dispunham de pouco tempo para especular sobre tais coisas. Apenas o velho Benjamin afirmava se lembrar de cada detalhe de sua longa vida e de saber que as coisas nunca tinham sido, nem jamais viriam a ser, muito melhores nem muito piores: fome, esforço e decepção sendo, conforme dizia, a lei imutável da vida.

Apesar disso, os animais nunca perderam as esperanças. Mais do que isso, nunca perderam, nem por um instante, o sentimento de honra e de privilégio por serem membros da Fazenda dos Animais. Ainda eram a única fazenda em todo o condado (em toda a Inglaterra!) que pertencia a animais e era gerenciada por eles. Nem um único bicho, nem os mais jovens, nem mesmo os que tinham sido trazidos de fazendas a dez ou vinte quilômetros, jamais deixava de se maravilhar com isso. E quando eles ouviam a arma sendo disparada e a bandeira verde esvoaçando no mastro, seus corações inchavam de orgulho imperecível, e a conversa sempre voltava aos velhos dias heroicos, à expulsão de Jones, à redação dos Sete Mandamentos, às grandes batalhas nas quais os invasores humanos tinham sido derrotados. Nenhum dos velhos sonhos fora abandonado. A República dos Animais que Major previra, na qual os verdes campos da Inglaterra não seriam tocados por pés humanos, ainda era levada a sério. Aconteceria, algum dia: talvez não logo, talvez não durante a vida dos que já tinham nascido, mas aconteceria. Mesmo a canção "Animais da Inglaterra" talvez fosse murmurada em segredo vez por outra; em todo caso, os animais da fazenda a conheciam, embora ninguém se atrevesse a cantá-la em voz alta. Podia ser que suas vidas fossem duras e que nem todas as esperanças tivessem se realizado; mas eles tinham consciência de não serem como os outros bichos. Se passavam fome, não era por alimentar seres humanos tirânicos; se trabalhavam em demasia, ao menos o faziam em benefício próprio. Nenhuma criatura entre eles andava em duas pernas. Nenhuma criatura chamava nenhuma outra criatura de "senhor". Todos os animais eram iguais.

Certo dia, no começo do verão, Squealer mandou que as ovelhas o seguissem e as conduziu à ponta oposta da fazenda,

até um terreno abandonado e infestado de mudas de bétula. As ovelhas passaram o dia todo lá, pastando sob a supervisão de Squealer. Ao entardecer, ele voltou para a sede. Porém, como o clima estava agradável, disse às ovelhas que ficassem ali. Acabou que elas ficaram lá por uma semana inteira, e nesse período nenhum dos outros animais as viu. Squealer ficava com elas por muitas horas todos os dias. Dizia que lhes ensinava uma música nova, e que isso exigia privacidade.

Foi logo depois de as ovelhas terem voltado, numa tarde amena quando os bichos haviam terminado o trabalho no campo e estavam voltando para o pátio, que se ouviu um cavalo relinchando assustado. Em pânico, os animais estancaram de imediato. Era a voz de Clover. Ela relinchou de novo e todos os animais saíram em disparada rumo ao pátio. Então, viram o que Clover tinha visto.

Era um porco andando nas patas traseiras.

Sim, era Squealer. Um pouco desajeitado, como se não acostumado a sustentar todo o seu considerável peso naquela posição, mas com um equilíbrio perfeito, ele perambulava pelo pátio. E um instante mais tarde, da porta da sede saiu uma longa fila de porcos, todos andando nas patas traseiras. Alguns se saíam melhor do que outros, e um ou dois estavam um tiquinho instáveis, parecendo que fariam bom uso do apoio de uma bengala, mas cada um completou com sucesso sua volta pelo pátio. Por fim, houve um latido tremendo dos cachorros e um cocoricar esganiçado do galo preto, e lá veio o próprio Napoleon, majestosamente ereto, lançando olhares altivos de um lado para outro enquanto seus cães davam piruetas ao redor.

Em uma das patas dianteiras, ele trazia um chicote.

Fez-se um silêncio mortal. Assombrados e apavorados,

agrupando-se em desordem, os animais observaram a longa fila de porcos marchando lentamente pelo pátio. Era como se o mundo tivesse virado de ponta-cabeça. Depois chegou o momento em que o primeiro choque havia passado e, apesar de tudo (apesar da paúra que tinham dos cães e apesar do hábito, desenvolvido ao longo de muitos anos, de jamais reclamar nem criticar, independentemente do que acontecesse), chegou o momento em que eles poderiam ter murmurado uma palavrinha de protesto. Mas bem nesse instante, como se obedecendo a um sinal, as ovelhas irromperam em um balido poderoso:

– Quatro pernas bom, duas pernas *melhor*! Quatro pernas bom, duas pernas *melhor*! Quatro pernas bom, duas pernas *melhor*!

Aquilo continuou por cinco minutos sem parar. E quando as ovelhas por fim se calaram, a oportunidade de verbalizar algum protesto tinha passado, pois os porcos haviam marchado de volta para a sede.

Benjamin sentiu um focinho se esfregando em seu ombro. Ele girou a cabeça. Era Clover. Seus velhos olhos pareciam mais opacos do que nunca. Sem nada dizer, ela o puxou de leve pela crina e o levou até a parede traseira do celeiro, onde estavam escritos os Sete Mandamentos. Por um minuto ou dois, eles ficaram imóveis em frente à parede preta com o letreiro branco.

– Minha vista está falhando – ela disse, por fim. – Mesmo quando era jovem, eu não conseguia ler o que estava escrito aí. Mas agora me parece que a parede está diferente. Os Sete Mandamentos são os mesmos de antes, Benjamin?

Pela primeira vez, Benjamin concordou em quebrar sua regra, e leu para ela em voz alta o que estava escrito. Agora,

não havia na parede nada além de um único Mandamento. Ele dizia:

TODOS OS ANIMAIS SÃO IGUAIS

MAS ALGUNS ANIMAIS SÃO MAIS IGUAIS DO QUE OUTROS

Depois disso, não pareceu estranho que, no dia seguinte, os porcos que supervisionavam o trabalho na fazenda levassem, todos, um chicote. Não pareceu estranho saber que os porcos haviam comprado um equipamento sem fio para si próprios e planejavam instalar um telefone e tinham feito assinaturas das revistas *O touro John* e *Fofocas picantes* e do jornal *Daily Mirror*. Não pareceu estranho quando Napoleon foi visto passeando pelo jardim da sede com um cachimbo na boca e ninguém protestou, nem mesmo quando os porcos tiraram dos armários as roupas do senhor Jones e as vestiram. Napoleon então surgiu de casaca preta, calças curtas e perneiras de couro, enquanto sua porca favorita usava o vestido de seda azul que a senhora Jones costumava colocar aos domingos.

Certa tarde, uma semana depois, uma boa quantidade de charretes se dirigiu à fazenda. Uma comitiva de fazendeiros vizinhos tinha sido convidada a fazer um giro de fiscalização. Eles inspecionaram a propriedade de alto a baixo e expressaram enorme admiração por tudo o que viram, em especial o moinho. Os bichos estavam capinando o campo de nabos. Trabalhavam com diligência, mal levantando a cabeça do solo, sem saber se deviam ter mais medo dos porcos ou dos visitantes humanos.

Naquela noite, altas gargalhadas e rompantes de cantoria chegaram da sede. O som de todas aquelas vozes misturadas despertou a curiosidade dos animais. O que poderia estar acontecendo lá, agora que pela primeira vez bichos e seres

humanos se encontravam em igualdade de condições? De comum acordo, eles começaram a se aproximar o mais silenciosamente possível do jardim da sede.

Junto ao portão, estancaram, meio receosos de continuar, mas Clover os liderou para dentro. Avançaram pé ante pé até a casa, e os animais que tinham altura suficiente para isso espiaram pela janela da sala de jantar. Ali, ao redor da grande mesa, estavam sentados meia dúzia de fazendeiros e meia dúzia dos porcos mais eminentes, Napoleon à cabeceira, no lugar de honra. Os porcos pareciam totalmente à vontade nas respectivas cadeiras. O grupo se divertia jogando cartas, mas a partida foi interrompida naquele instante, para que pudessem fazer um brinde. Uma grande jarra circulou e as canecas foram reabastecidas com cerveja. Ninguém reparou nos rostos curiosos dos animais que espreitavam pela janela.

O senhor Pilkington, de Foxwood, tinha se levantado segurando a caneca. Dali a instantes, ele disse, pediria ao grupo que fizesse um brinde. Antes disso, porém, diria umas poucas palavras que, sentia, tinha o dever de falar.

Era motivo de grande satisfação para ele, começou, e com certeza para todos os demais presentes, sentir que um longo período de desconfianças e equívocos tinha agora chegado ao fim. Houvera uma época, não que ele ou algum outro ali do grupo partilhasse de tais sentimentos, mas houvera uma época em que os respeitáveis proprietários da Fazenda dos Animais tinham sido considerados, ele não diria com hostilidade, mas talvez com algum nível de suspeita, por seus vizinhos humanos. Incidentes infelizes haviam acontecido e ideias enganosas, circulado. Sentia-se que a existência de uma fazenda pertencente a porcos e administrada por eles era de algum modo anormal e passível de provocar efeitos desestabilizadores na vizinhança. Uma grande quantidade de

fazendeiros havia suposto, sem a devida investigação, que em tal fazenda o espírito predominante seria de imoralidade e indisciplina. Eles haviam se incomodado com a influência disso sobre seus animais e até mesmo sobre os empregados humanos. Mas agora todas aquelas dúvidas tinham se dissipado. Hoje, ele e os amigos inspecionaram cada recanto da Fazenda dos Animais com os próprios olhos, e o que viram? Não apenas os métodos mais atuais, mas também uma disciplina e uma ordem que deveriam servir de exemplo a todos os fazendeiros, em todos os lugares. Ele acreditava estar certo ao afirmar que os bichos inferiores da Fazenda dos Animais executavam mais trabalho e recebiam menos comida do que quaisquer outros do condado. Na verdade, ele e os amigos visitantes tinham observado muitas características que pretendiam implementar imediatamente nas respectivas fazendas.

Encerraria suas observações, disse, enfatizando mais uma vez os sentimentos amigáveis que existiam, e deveriam continuar existindo, entre a Fazenda dos Animais e seus vizinhos. Entre porcos e seres humanos não havia nem precisava haver conflito de interesses, pois suas lutas e dificuldades eram as mesmas. O problema do trabalho, afinal, não era idêntico em todo lugar? Neste ponto, pareceu que o senhor Pilkington estava prestes a dizer, a respeito do grupo visitante, algumas palavras espirituosas cuidadosamente planejadas, mas por um instante ficou tão dominado pela diversão antecipada que não conseguiu pronunciá-las. Depois de muitos risos engasgados, durante os quais seus múltiplos queixos ficaram roxos, ele afinal conseguiu pôr para fora:

– Se você tem seus bichos inferiores com quem lutar, nós temos as nossas classes baixas!

A comparação provocou rugidos por toda a mesa, e o senhor

Pilkington mais uma vez cumprimentou os porcos pela pouca comida que forneciam, pela longa jornada que exigiam e pela total ausência de confortos que haviam observado na Fazenda dos Animais. E agora, ele disse por fim, pedia ao grupo que se levantasse e tratasse de encher os copos.

– Cavalheiros – o senhor Pilkington concluiu –, proponho um brinde à prosperidade da Fazenda dos Animais!

Houve aplausos entusiasmados e pisadas fortes. Napoleon ficou tão satisfeito que saiu de seu lugar e circundou a mesa para bater sua caneca na do senhor Pilkington, antes de esvaziá-la. Quando os vivas diminuíram, Napoleon, que permanecera em pé, anunciou que também tinha umas palavrinhas a dizer.

Como todos os discursos de Napoleon, aquele foi curto e direto ao ponto. Ele disse que também estava feliz com o fim do período de mal-entendidos. Por um longo tempo, haviam circulado rumores, espalhados por algum inimigo maligno, sobre haver algo de subversivo e até de revolucionário em sua aparência e na dos colegas porcos. A eles fora atribuída uma tentativa de promover uma rebelião entre os animais das fazendas vizinhas. Nada poderia estar mais longe da verdade! O único desejo deles, tanto agora quanto no passado, era viver em paz e manter relações comerciais normais com os vizinhos. A propriedade que ele tinha a honra de controlar era uma cooperativa. Os títulos de propriedade, que estavam em sua posse, pertenciam aos porcos em conjunto.

Ele não acreditava que alguma das antigas suspeitas ainda restasse, mas certas mudanças recentemente postas em prática na rotina da fazenda teriam como resultado a consolidação daquela confiança. Até então, os animais dali tinham mantido um costume bastante tolo de chamarem uns aos outros de

“camarada”. Aquilo seria suspenso. Existia também o hábito esquisito, de origem desconhecida, de toda manhã de domingo marchar diante do crânio de um porco, preso a um poste no jardim. Isso seria igualmente extinto, e o crânio já havia até sido enterrado. Os visitantes talvez tivessem observado também a bandeira verde tremulando no mastro. Se observaram, provavelmente notaram que o casco e o chifre brancos que existiam antes tinham sido removidos. A partir de agora, seria uma bandeira verde lisa.

Napoleon comentou que tinha apenas uma crítica a fazer ao maravilhoso e fraterno discurso do senhor Pilkington. O vizinho se referira todo o tempo à “Fazenda dos Animais”. Ele não poderia saber, é claro, pois Napoleon naquele instante anunciaria, pela primeira vez, que o nome “Fazenda dos Animais” tinha sido abolido. Dali em diante, a fazenda seria conhecida como “Fazenda Solar”, que, ele acreditava, era o nome correto e original.

– Cavalheiros – concluiu Napoleon –, proponho o mesmo brinde de antes, mas de outra forma. Encham seus copos até a borda. Cavalheiros, aqui está meu brinde: à prosperidade da Fazenda Solar!

Repetiu-se a celebração calorosa de antes, e as canecas foram totalmente esvaziadas. Porém, enquanto os animais do lado de fora olhavam para a cena, pareceu-lhes que uma coisa estranha acontecera. Algo havia mudado na cara dos porcos. Os velhos olhos baços de Clover iam de uma cara para outra. Algumas pareciam ter cinco queixos, algumas tinham quatro, algumas tinham três. Mas o que parecia estar se fundindo e mudando? Então, tendo as palmas chegado ao fim, o grupo pegou as cartas e retomou o jogo do ponto em que tinha parado, enquanto os animais se afastavam em silêncio.

Mas não haviam avançado nem vinte metros quando estancaram. Um rugido alto de vozes vinha da sede. Eles se apressaram de volta e espiaram pela janela de novo. Sim, havia uma briga violenta em curso. Havia gritos, socos na mesa, olhares de profunda desconfiança, negativas furiosas. A fonte do problema parecia ser o fato de Napoleon e o senhor Pilkington terem, cada um, jogado um ás de espadas ao mesmo tempo.

Doze vozes berravam com raiva e todas soavam iguais. Não havia dúvida, agora, sobre o que tinha acontecido com a cara dos porcos. As criaturas do lado de fora olharam de porco para homem, de homem para porco e de porco para homem de novo, mas já era impossível saber qual era qual.

GEORGE ORWELL



DENTRO DA BALEIA E OUTROS ENSAIOS





Principis

GEORGE ORWELL



DENTRO DA BALEIA E OUTROS ENSAIOS



TRADUÇÃO
KARLA LIMA



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Inside the whale and other essays
Texto
George Orwell
Tradução
Karla Lima
Preparação
Fernanda R. Braga Simon
Revisão
Valquíria Della Pozza
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Diagramação
Fernando Laino Editora
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
Babich Alexander/Shutterstock.com;
svekloid/Shutterstock.com;
OlgaChernyak/Shutterstock.com;
Black Creator 24/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O79d Orwell, George, 1903-1950

Dentro da baleia e outros ensaios [recurso eletrônico] / George Orwell ; traduzido por Karla Lima. - Jandira, SP : Principis, 2021.

208 p. ; ePUB ; 2,5 MB. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Inside the whale and other essays

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-267-9 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Ensaio. I. Lima, Karla. II. Título. III. Série.

2021-79 CDD 823
CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa 823

2. Literatura inglesa 821.111-31

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Nota bibliográfica

"Dentro da baleia" apareceu pela primeira vez no livro *Dentro da baleia* (1940); "Mina abaixo", em *O caminho para Wigan Pier* (1937), "Inglaterra, sua Inglaterra", em *O leão e o unicórnio* (1941). Os três ensaios foram incluídos na seleção *Inglaterra, sua Inglaterra* (1953).

"O abate de um elefante" apareceu pela primeira vez no periódico *New Writing*, primeira série, número 2 (outono de 1936); "Lear, Tolstói e o Bobo", na *Polemic* número 7 (março de 1947); "Política *versus* literatura: uma análise de *As viagens de Gulliver*", na *Polemic* número 5 (setembro de 1946); "A política e a língua inglesa", na *Horizon* número 76 (abril de 1946); "A prevenção contra a literatura", na *Polemic* número 2 (1945/6). Esses cinco ensaios foram incluídos na seleção *O abate de um elefante* (1950).

"Semanário de meninos" apareceu pela primeira vez na *Horizon* número 3 (março de 1940) e foi incluído em *Dentro da baleia* (1940) e em *Critical Essays* (1946).



Dentro da baleia

1

Quando o romance de Henry Miller *Trópico de câncer* apareceu, em 1935, foi recebido com elogios bastante cautelosos, obviamente condicionados em alguns casos pelo receio de parecer que se estava apreciando pornografia. Entre as pessoas que o elogiaram estavam T. S. Eliot, Herbert Read, Aldous Huxley, John dos Passos, Ezra Pound – no geral, não os escritores que estão na moda atualmente. E de fato o assunto do livro, e em certa medida sua atmosfera intelectual, pertence aos anos 1920 mais do que aos 1930.

Trópico de câncer é um romance em primeira pessoa, ou uma autobiografia na forma de um romance, dependendo de como se olhe para ele. O próprio Miller insiste em que é pura autobiografia, mas o ritmo e o método de contar a história são os do romance. É uma história da Paris norte-americana, mas não exatamente no sentido habitual, porque os norte-americanos que aparecem nela são pessoas sem dinheiro. Durante os anos de prosperidade, quando os dólares eram abundantes e o câmbio do franco estava baixo, Paris foi invadida por um tal enxame de artistas, escritores, estudantes, diletantes, turistas, libertinos e francos vagabundos como o

mundo provavelmente nunca tinha visto. Em alguns bairros da cidade, a quantidade dos assim chamados artistas deve até ter superado a dos trabalhadores; de fato, calculou-se que no final dos anos 1920 havia trinta mil pintores em Paris, a maior parte impostores. A população se tornou tão indiferente aos artistas que lésbicas de voz grossa e calças de veludo, e rapazes em trajes gregos ou medievais, podiam andar pelas ruas sem atrair sequer um olhar e, na margem do Sena perto da Notre-Dame, era quase impossível abrir passagem por entre os banquinhos dos que desenhavam. Foi a era dos azarões e dos gênios negligenciados; a frase em todos os lábios era "*Quand je serai lancé*". No fim, ninguém foi "*lancé*", a derrocada baixou como uma nova Era do Gelo, a multidão cosmopolita de artistas desapareceu, e os enormes cafés de Montparnasse, que apenas dez anos atrás ficavam lotados até as primeiras horas da manhã por hordas de *poseurs* tagarelas, transformaram-se em túmulos sombrios nos quais não existem nem mesmo fantasmas. Este é o mundo – descrito, entre outros romances, no *Tarr*, de Wyndham Lewis – sobre o qual Miller escreve, porém abordando apenas seu lado de baixo: as franjas do lumpemproletariado que foi capaz de sobreviver à derrocada por ser composta em parte por artistas genuínos, em parte por patifes genuínos. Os gênios negligenciados e os paranoicos que estão sempre "prestes a" escrever o romance que vai deixar Proust no chinelo estão presentes, mas eles só são gênios nos raros momentos em que não estão à caça da próxima refeição. Em grande parte, é uma história de quartos infestados de percevejos em hotéis para operários, de brigas, de surtos de bebedeira, bordéis baratos, refugiados russos, mendicância, trapaça e empregos temporários. E toda a atmosfera dos bairros pobres de Paris, tal como um estrangeiro os vê – as ruelas de paralelepípedos, o cheiro azedo de lixo, os bistrôs com seus balcões de zinco engordurados e pisos de

pedras gastas, as águas esverdeadas do Sena, os casacos azuis da Guarda Republicana, os urinóis de ferro carcomido, o cheiro adocicado característico das estações de metrô, os cigarros que se desfazem, os pombos nos jardins de Luxemburgo –, tudo está ali ou, de qualquer modo, a sensação está.

Em face disso, nenhuma matéria-prima poderia ser menos promissora. Quando *Trópico de câncer* foi publicado, os italianos marchavam sobre a Abissínia e os campos de concentração de Hitler já estavam entupidos. Os centros intelectuais do mundo eram Roma, Moscou e Berlim. Não parecia ser o momento em que seria escrito um romance de valor excepcional sobre norte-americanos combalidos mendigando bebidas no Quartier Latin. É claro que um romancista não é obrigado a escrever diretamente sobre história contemporânea, mas um que simplesmente desconsidere os eventos públicos de maior alcance no momento é, geralmente, ou um louco ou um rematado idiota. Com base em um mero relato sobre o tema de *Trópico de câncer*, a maior parte das pessoas provavelmente pensaria não se tratar de nada além de um pouco da lascívia que restou dos anos 1920. Na verdade, quase todos que o leram viram de imediato que não é nada do tipo, e sim um livro admirável. Como ou por que é admirável? Nunca é fácil responder a essa pergunta. É melhor começar descrevendo a impressão que *Trópico de câncer* deixou em mim.

Quando abri o volume pela primeira vez e vi que era cheio de palavras impublicáveis, minha reação imediata foi uma recusa a deixar-me impressionar. Seria a reação da maioria, creio. Apesar disso, depois de certo tempo a atmosfera do livro, além de seus incontáveis detalhes, pareceu ter ficado gravada na minha lembrança de um modo peculiar. Um ano

mais tarde, foi publicado o segundo livro de Miller, *Primavera negra*. Àquela altura, *Trópico de câncer* estava muito mais vívido na minha memória do que quando o li pela primeira vez. Minha impressão de *Primavera negra* foi que ele mostrava um declínio, e é fato que não tem a mesma unidade do outro livro. Mesmo assim, depois de passado mais um ano, havia muitas passagens em *Primavera negra* que também tinham criado raízes na minha memória. Evidentemente, esses são livros do tipo que deixam um rastro de sabor, livros que "criam um mundo próprio", como se diz. Os livros que fazem isso não são necessariamente bons, podem ser bons livros ruins, como *Raffles*, de Ernest William Hornung, ou as histórias de Sherlock Holmes, ou livros perversos e mórbidos como *O morro dos ventos uivantes* ou *The house with the green shutters*, de George Douglas Brown. Mas de quando em quando aparece um romance que descortina um mundo novo não ao revelar o que é estranho, mas ao revelar o que é familiar. O aspecto verdadeiramente notável de *Ulisses*, por exemplo, é a trivialidade do conteúdo. Claro que há mais no livro do que isso, porque Joyce é um tipo de poeta e também um pedante elefantino, mas sua verdadeira conquista foi conseguir colocar o banal no papel. Ele ousou – pois é uma questão de *ousadia* tanto quanto de técnica – expor as imbecilidades da mente interna e, ao fazer isso, descobriu uma América que estava debaixo do nariz de todo mundo. Lá está um mundo de coisas que você julgava incomunicáveis pela própria natureza, mas que alguém conseguiu comunicar. O efeito é romper, ainda que momentaneamente, a solidão em que os seres humanos vivem. Quando você lê certas passagens de *Ulisses*, sente que sua mente e a de Joyce são uma só, que ele sabe tudo a seu respeito, embora nunca tenha ouvido nem o seu nome, que existe fora do tempo e do espaço um universo no qual você e ele estão unidos. E, apesar de não se parecer

com Joyce de nenhuma outra forma, há um traço desse tipo em Henry Miller. Não em todo lugar, porque o trabalho dele é bastante irregular e de vez em quando, principalmente em *Primavera negra*, tende a sair dos trilhos e cair na mera verborragia ou no universo pantanoso dos surrealistas. Mas leia cinco páginas, dez páginas, e você sentirá aquele alívio característico que vem não tanto da compreensão, mas de *ser compreendido*. "Ele sabe tudo sobre mim", você sente; "ele escreveu isso especialmente para mim." É como se pudesse ouvir uma voz falar com você, uma voz norte-americana amigável, sem tapeação, sem objetivos morais, simplesmente uma suposição implícita de que nós somos todos iguais. Por um instante, você escapa das mentiras e das simplificações, da qualidade estilizada e manipuladora da ficção comum, mesmo a boa ficção, e lida com experiências reconhecíveis de seres humanos.

Mas que tipo de experiência? E que tipo de ser humano? Miller escreve sobre o homem na rua e, a propósito, é uma pena que seja uma rua cheia de bordéis. Essa é a penalidade por abandonar sua terra natal. Significa transferir suas raízes para um solo mais raso. O exílio é provavelmente mais danoso para um romancista do que para um pintor ou mesmo um poeta, porque o efeito é arrancá-lo do contato com a vida de trabalho e estreitar seu escopo à rua, ao café, à igreja, ao bordel e ao apartamento diminuto. Em geral, nos livros de Miller você lerá sobre pessoas levando uma vida de expatriado, pessoas bebendo, conversando, meditando e fornicando, não sobre pessoas trabalhando, casando e criando os filhos; uma pena, porque ele teria descrito o segundo conjunto de atividades tão bem quanto o primeiro. Em *Primavera negra*, há um flashback maravilhoso de Nova Iorque, a Nova Iorque fervilhante de irlandeses da época de O.

Henry, mas as cenas de Paris são as melhores e, dada sua absoluta inutilidade como tipos sociais, os bêbados e os vagabundos dos cafés são tratados com uma sensibilidade para o personagem e uma mestria na técnica rigorosamente únicas em qualquer romance recente. Cada um é não apenas verossímil, mas completamente familiar; você tem a sensação de que todas as aventuras deles aconteceram com você. Não que elas sejam de alguma forma extraordinárias. Henry consegue um emprego com um estudante indiano melancólico, consegue outro emprego em uma escola francesa medonha durante uma onda de frio, quando os encanamentos do banheiro congelam, sai para beber no Le Havre com o amigo Collins, o capitão do mar, vai a bordéis onde há negras maravilhosas, conversa com o amigo Van Norden, escritor, que tem na cabeça o grande romance do mundo, mas nunca chega a começar a escrevê-lo. O amigo Karl, à beira de morrer de inanição, é acolhido por uma viúva rica que quer se casar com ele. Há conversas intermináveis ao estilo de Hamlet, nas quais Karl tenta decidir o que é pior: passar fome ou dormir com uma velha. Com grande riqueza de detalhes ele descreve as visitas à viúva, como foi ao hotel usando suas melhores roupas, como antes de entrar deixou de urinar e como, por isso, a noite toda é um longo e crescente tormento, etc., etc. E, no fim, nada daquilo é verdade, e a viúva nem mesmo existe: Karl simplesmente a inventou para se fazer de importante. O livro inteiro segue mais ou menos essa linha. Por que é que essas monstruosas trivialidades são tão absorventes? Só porque toda a atmosfera é profundamente familiar, porque durante toda a leitura você tem a sensação de que aquelas coisas estão acontecendo com *você*. E você tem essa sensação porque alguém decidiu abandonar a linguagem empolada do romance comum e arrastar para o ar livre a *realpolitik* da mente interior. No caso de Miller, não é tanto uma questão de

explorar os mecanismos da mente, mas, sim, de incorporar os fatos e as emoções cotidianos. Pois a verdade é que muitas pessoas comuns, talvez até a maioria, falam e se comportam do jeito como é retratado ali. A grosseria indiferente com que os personagens de *Trópico de câncer* falam é muito rara na ficção, mas extremamente comum na vida real; vezes sem conta eu mesmo ouvi conversas assim entre pessoas que nem mesmo tinham consciência de estar conversando grosseiramente. Vale notar que *Trópico de câncer* não é o livro de um jovem. Miller tinha mais de quarenta quando ele foi publicado e, embora depois disso tenha escrito outros três ou quatro, é óbvio que este primeiro foi acalentado por anos. É um desses livros que são lentamente maturados na pobreza e na obscuridade, por pessoas que sabem o que devem fazer e por isso são capazes de esperar. A prosa é um espanto e, em partes de *Primavera negra*, ainda melhor. Infelizmente não posso reproduzir; palavras impublicáveis estão em quase toda parte. Mas ponha as mãos em *Trópico de câncer*, ponha as mãos em *Primavera negra* e leia em especial as cem primeiras páginas. Elas lhe darão uma ideia do que ainda pode ser feito, mesmo atualmente, com a prosa em inglês. Nelas, o inglês é tratado como uma língua falada, mas falada *sem medo*, isto é, sem medo da retórica ou da palavra incomum ou poética. O adjetivo está de volta, depois de um exílio de dez anos. É uma prosa fluida, farta, uma prosa com ritmo, algo muito diferente das declarações monocórdicas e cautelosas e dos dialetos de botequim tão em moda hoje em dia.

Quando surge um livro como *Trópico de câncer*, é natural que a primeira coisa em que as pessoas reparam seja a obscenidade. Dadas as noções atuais do que seja decência literária, não é assim tão fácil abordar com distanciamento um livro impublicável. A pessoa ou fica chocada e enojada, ou

morbidamente excitada, ou decide não se deixar impressionar. Esta última é provavelmente a reação mais comum, o que resulta em livros impublicáveis com frequência receberem menos atenção do que merecem. Está na moda dizer que nada é mais fácil de escrever do que um livro obsceno, que as pessoas só fazem isso para virar assunto e fazer dinheiro, etc., etc. O que evidencia que este não é o caso é o fato de livros obscenos no sentido policial-jurídico serem claramente incomuns. Se fosse fácil ganhar dinheiro por meio de palavras sujas, muito mais gente estaria fazendo isso. Porém, como livros "obscenos" não surgem com muita frequência, existe uma tendência para agrupá-los; de modo geral, injustificadamente. *Trópico de câncer* foi de um modo vago associado a dois outros livros, *Ulisses* e *Viagem ao fim da noite*, de Louis-Ferdinand Céline, mas em nenhum dos dois casos há grande semelhança. O que Miller tem em comum com Joyce é uma disposição para mencionar os fatos inócuos e miseráveis da vida cotidiana. Deixando de lado as diferenças de técnica, a cena do funeral em *Ulisses*, por exemplo, poderia se encaixar em *Trópico de câncer*; o capítulo inteiro é uma espécie de confissão, uma *exposé* da indiferença interior horrorosa do ser humano. Mas as semelhanças terminam aí. Como romance, *Trópico de câncer* é bastante inferior a *Ulisses*. Joyce é um artista em um sentido que Miller não é e provavelmente não desejaria ser, e de qualquer forma ele almeja muito mais. Ele está explorando os diferentes estados de consciência, sonho, devaneio (o capítulo do "bronze por ouro"), embriaguez, etc. e encaixando todos eles em um imenso e complexo padrão, quase como uma "trama" vitoriana. Miller é simplesmente uma pessoa embrutecida falando sobre a vida, um homem de negócios norte-americano comum, com coragem intelectual e um dom para as palavras. Talvez seja significativo que ele tenha a *aparência* exata do

que todo mundo imagina ser um homem de negócios americano. Quanto à comparação com *Viagem ao fim da noite*, ela se afasta ainda mais do ponto. Ambos os livros usam palavras impublicáveis, ambos são em alguma medida autobiográficos, mas é só isso. *Viagem ao fim da noite* é um "livro com um objetivo", e este objetivo é protestar contra o horror e a falta de sentido da vida moderna; na verdade, meramente, da *vida*. É um grito de aversão intolerável, um grito saído da privada. *Trópico de câncer* é quase o oposto. A coisa se tornou tão incomum que parece quase anômala, mas é um livro de um homem que é feliz. Assim também *Primavera negra*, embora um pouco menos, porque em certos trechos se tinge de nostalgia. Tendo atrás de si anos de lumpemproletariado, fome, vagabundagem, sujeira, fracasso, noites ao relento, batalhas contra agentes de imigração, lutas infinitas por um pouco de dinheiro, Miller descobre que está se divertindo. Precisamente os aspectos da vida que enchem Céline de horror são os que mais o atraem. Assim, longe de protestar, ele está aceitando. E a própria palavra "aceitação" invoca sua verdadeira afinidade, outro norte-americano: Walt Whitman.

Mas há certa estranheza em ser o Whitman dos anos 1930. Não está claro que, se estivesse vivo no momento, escreveria qualquer coisa minimamente semelhante a *Folhas de relva*. Afinal, o que ele está dizendo é "eu aceito", e há uma diferença radical entre a aceitação agora e na época. Whitman escreveu em um período de prosperidade ímpar, mas, acima disso, escreveu em um país onde a liberdade era algo mais do que uma palavra. A democracia, a igualdade e a camaradagem da qual ele está sempre falando não são ideais remotos, mas coisas que existiam diante de seus olhos. Nos Estados Unidos de meados do século XIX, os homens se sentiam livres e

iguais e *eram* livres e iguais, tanto quanto é possível fora de uma sociedade de comunismo puro. Existiam pobreza e até mesmo distinção de classe, porém, exceto pelos negros, não havia nenhuma classe permanentemente submersa. Todos tinham dentro de si, como um tipo de âmago, o conhecimento de que poderiam ganhar o bastante para uma vida decente, sem precisar puxar o saco de ninguém. Quando se lê sobre os balseiros e timoneiros do Mississippi em Mark Twain ou sobre os mineradores de ouro de Bret Harte, eles parecem mais distantes do que os canibais da Era da Pedra. A razão é simplesmente que eles são seres humanos livres. Mas o mesmo ocorre até com os Estados Unidos pacíficos e domesticados da Costa Leste, os Estados Unidos dos romances *Mulherzinhas* e *Helen's babies*, e do poema *Riding down from Bangor*. A vida tem uma qualidade alegre e despreocupada que você sente durante a leitura, como uma sensação física no estômago. É isso que Whitman está comemorando, embora na verdade faça isso muito mal, porque é um desses escritores que lhe dizem como você deveria se sentir, em vez de levá-lo a sentir-se daquele jeito. Talvez felizmente para suas crenças ele morreu cedo demais para ver a deterioração da vida norte-americana que veio com a ascensão da indústria em larga escala e com a exploração da mão de obra imigrante barata.

O ponto de vista de Miller é profundamente correlato ao de Whitman, e quase todo mundo que o leu reparou nisso. *Trópico de câncer* termina com uma passagem particularmente whitmanesca, na qual, depois das luxúrias, trapaças, brigas, bebedeiras e imbecilidades, ele simplesmente se senta e observa o Sena passar, em uma espécie de aceitação mística das coisas como elas são. Porém, o que ele está aceitando? Em primeiro lugar, não os Estados Unidos, e sim o velho monte de ossos da Europa, onde cada grão de terra passou por

incontáveis corpos humanos. Em segundo lugar, não uma época de expansão e liberdade, mas uma de medo, tirania e alistamento. Dizer "eu aceito" em uma época como a nossa é dizer que você aceita campos de concentração, cassetetes de borracha, Hitler, Stálin, bombas, aviões, comida enlatada, metralhadoras, golpes, expurgos, lemas, esteiras de linha de produção, máscaras contra gás, submarinos, espiões, arruaceiros, censura à imprensa, prisões clandestinas, aspirinas, filmes de Hollywood e assassinatos políticos. Não *apenas* essas coisas, é claro, mas elas entre outras. E no geral essa é a atitude de Henry Miller. Não sempre, porque de vez em quando ele emite sinais de um tipo bastante comum de nostalgia literária. Há uma longa passagem no começo de *Primavera negra* em honra à Idade Média que, como texto em prosa, deve ser uma das obras mais formidáveis dos últimos anos, mas que demonstra uma atitude não muito diferente da de G. K. Chesterton. Em *Max and the white phagocytes*, há um ataque à civilização norte-americana moderna (cereais em flocos no café da manhã, celofane, etc.) do ponto de vista costumeiro do homem de letras que odeia o industrialismo. Mas no geral a atitude é "vamos engolir tudo". E daí a aparente preocupação com a indecência e o lado menos asseado da vida. É só aparente, pois a verdade é que a vida cotidiana comum consiste muito mais de horrores do que os autores de ficção geralmente se dão ao trabalho de admitir. O próprio Whitman "aceitou" muito do que seus contemporâneos julgaram inadmissível. Pois ele não escreve apenas sobre pradarias, ele também perambula pela cidade e observa o crânio estilhaçado do suicida, "o rosto cinzento dos onanistas", etc., etc. Mas inquestionavelmente nossa própria era, no mínimo na Europa Ocidental, é menos saudável e menos esperançosa do que a época em que Whitman escreveu. Ao contrário de Whitman, nós vivemos em um mundo que está

encolhendo. As "vistas democráticas" terminaram em arame farpado. Há menos sensação de criação e crescimento, cada vez menos ênfase no berço, balançando interminavelmente, e cada vez mais ênfase no bule de chá, interminavelmente soltando vapor. Aceitar a civilização *como ela é* praticamente significa aceitar o declínio. Deixou de ser uma atitude extenuante e se tornou uma atitude passiva – até "decadente", se é que esta palavra ainda significa alguma coisa.

Precisamente porque, de certo modo, Miller é passivo à experiência, ele consegue chegar mais perto do homem comum do que conseguem os escritores mais ativos. Pois o homem comum também é passivo. Dentro de um círculo restrito (vida doméstica e talvez o sindicato ou a política local), ele se sente no comando do próprio destino, mas, diante de eventos grandiosos, ele é tão vulnerável quanto diante das forças da natureza. Muito longe de tentar influenciar o futuro, ele simplesmente se deita e permite que as coisas lhe aconteçam. Nos últimos dez anos, a literatura se envolveu mais e mais profundamente na política, disso resultando haver menos espaço nela para o homem comum agora do que em qualquer momento dos últimos dois séculos. Pode-se ver a mudança na atitude literária predominante ao se comparar os livros sobre a Guerra Civil Espanhola com os que tratam da guerra de 1914-1918. O que imediatamente salta aos olhos acerca dos livros sobre a guerra espanhola, pelo menos os escritos em inglês, são a aridez e a falta de qualidade chocantes. Mas o mais significativo é que quase todos eles, sejam de direita ou de esquerda, são redigidos de um ângulo político, por seguidores pretensiosos que dizem ao leitor o que pensar, ao passo que os livros sobre a Grande Guerra foram escritos por soldados comuns ou oficiais subalternos que nem mesmo fingiam entender do que tudo aquilo se tratava. Livros

como *Nada de novo no front*, *Le feu*, *Adeus às armas*, *Death of a hero*, *Good-bye to all that*, *Memoirs of an infantry officer* e *A subaltern on the Somme* foram escritos não por propagandistas, mas por *vítimas*. Eles estão na verdade dizendo: "Que diabos é tudo isso? Sabe Deus. Só o que podemos fazer é aguentar". E, embora ele não esteja escrevendo sobre a guerra nem, no geral, sobre infelicidade, isso é mais próximo da atitude de Miller do que a onisciência que agora está em moda. *Booster*, um periódico que teve vida breve do qual ele foi editor associado, costumava descrever a si mesmo em seus anúncios como "não político, não educacional, não progressista, não cooperativista, não ético, não literário, não consistente, não contemporâneo"; o próprio trabalho de Miller poderia ser descrito quase que nos mesmos termos. É a voz que vem da multidão, do subordinado, do vagão de terceira classe, do homem comum, não político, não moral, passivo.

Venho usando a expressão "homem comum" com prodigalidade e presumindo que o "homem comum" existe, algo atualmente negado por algumas pessoas. Não estou dizendo que as pessoas sobre quem Miller escreve constituem a maioria, menos ainda que ele está se referindo aos proletários. Nenhum romancista inglês nem norte-americano já tentou a sério fazer isso. Mesmo assim, as pessoas em *Trópico de câncer* chegam muito perto de serem comuns, na medida em que são preguiçosas, desonradas e mais ou menos "artísticas". Como afirmei antes, isso é uma pena, mas é o resultado inevitável da expatriação. O "homem comum" de Miller não é nem o operário braçal nem o chefe de família suburbano, e sim o desamparado, o *déclassé*, o aventureiro, o intelectual americano sem raízes e sem dinheiro. Ainda assim, mesmo as experiências desse tipo se sobrepõem

significativamente às das pessoas mais normais. Miller conseguiu extrair o máximo do material relativamente limitado de que dispunha porque teve a coragem de se identificar com ele. Ao homem comum, ao "homem sensual médio", foi concedido o poder da fala, tal como à jumenta de Balaão[1].

Veremos como isto é coisa ultrapassada ou, no mínimo, fora de moda. O homem sensual médio saiu de moda. Preocupação com sexo e com a veracidade da vida interior saíram de moda. A Paris americana saiu de moda. Um livro como *Trópico de câncer*, publicado em uma época dessas, deve ser ou um preciosismo modorrento ou algo incomum, e creio que a maioria das pessoas que o leram concordaria que não é a primeira hipótese. Vale a pena tentar descobrir o que significa esse escape da atual moda literária. Mas para fazer isso é preciso vê-lo em contexto, isto é, vê-lo no desenvolvimento geral da literatura inglesa nos vinte anos passados desde a Grande Guerra.

2

Quando se diz que um escritor está na moda, na prática se está dizendo que ele é admirado por pessoas abaixo dos trinta. No início do período ao qual me refiro, os anos durante e imediatamente após a guerra, o escritor que tinha o domínio mais profundo sobre o jovem pensante foi quase certamente Alfred Edward Housman. Entre os que foram adolescentes de 1910 a 1925, Housman exerceu uma influência enorme que mesmo agora não é fácil de entender. Em 1920, quando eu tinha dezessete anos, é provável que conhecesse de cor todos os poemas da *Shropshire Lad*. Eu me pergunto que impressão *Shropshire Lad* provoca hoje em um menino mais ou menos da mesma idade e com mentalidade parecida. Sem dúvida ele já ouviu falar e até já viu a coletânea; talvez lhe pareça de uma esperteza barata e provavelmente nada além. Ainda assim,

esses são os poemas que eu e meus contemporâneos costumávamos recitar para nós mesmos, vezes sem conta, em um tipo de êxtase, exatamente como as gerações anteriores recitavam *Amor no vale*, de Meredith, ou *Jardim de Proserpina*, de Swinburne, etc.

De dor meu coração está carregado

Pois eu tinha bons companheiros

E muitas moças de lábio rosado

E tantos rapazes de pés ligeiros

Junto a rios muito largos para um salto

Os rapazes adormecem

E repousam as moças de lábio rosado

Nos campos em que as rosas fenecem

Simplesmente tilinta. Mas não parecia tilintar em 1920. Por que a bolha sempre estoura? Para responder a essa pergunta, é preciso considerar as condições *externas* que tornam certos escritores populares em determinadas épocas. Os poemas de Housman não chamaram muita atenção quando foram publicados pela primeira vez. O que havia neles que atraiu tão profundamente uma única geração, aquela nascida por volta de 1900?

Em primeiro lugar, Housman é um poeta "rural". Seus poemas são repletos do charme dos vilarejos afastados, da nostalgia dos nomes dos lugares, Clunton e Clunbury, Knighton, Ludlow, "em Wenlock Edge", "no verão em Bredon", telhados de palha e o retinido das serralherias, o junco nos pastos, "lembranças das montanhas azuladas". À parte os poemas de guerra, os versos ingleses do período 1910-1925 são majoritariamente "rurais". Sem dúvida, a razão era

que a classe dos que viviam profissionalmente da renda de locação estava deixando de uma vez por todas de ter qualquer relação real com a terra; seja como for, predominava então, muito mais do que agora, um tipo de esnobismo por pertença ao campo e desprezo pela cidade. A Inglaterra daquela época dificilmente era um país mais agrícola do que agora, porém, antes que as indústrias de bens de consumo começassem a se disseminar, era mais fácil pensar que sim. A maioria dos meninos de classe média crescia tendo uma fazenda ao alcance da vista, e naturalmente era o aspecto pitoresco da vida ali que os atraía: lavrar, colher, empilhar o refugo e assim por diante. A menos que tenha de executá-lo pessoalmente, não é provável que um menino perceba quão penoso é o trabalho de capinar entre os nabos, ordenhar vacas de tetas rachadas às quatro da manhã, etc., etc. Logo antes, logo depois e, aliás, durante a guerra, foi a grande era do "poeta da natureza", o ápice de Richard Jefferies e W. H. Hudson. O poema de Rupert Brooke *Grantchester*, a grande estrela de 1913, não é nada além de um jorro de sentimento "rural", uma espécie de vômito acumulado em um estômago entupido de topônimos. Analisado como poema, *Grantchester* está abaixo de desprezível, mas, como exemplo do que o jovem pensante de classe média da época *sentia*, é um documento valioso.

Housman, entretanto, não se entusiasmava com as rosas trepadeiras no espírito dominical de Brooke e os demais. O tema "rural" está presente o tempo todo, mas principalmente como pano de fundo. A maior parte dos poemas tem um tema semi-humano, uma espécie de homem rústico idealizado, na realidade um Strephon[2] ou um Corydon[3] atualizados. Isso por si só já exerce uma atração profunda. A experiência demonstra que pessoas hipercivilizadas gostam de ler sobre grupos rústicos (termo-chave: gente da terra) porque imaginam que eles são mais primitivos e passionais do que elas. Daí o

romance “terra profunda” de Sheila Kaye-Smith, etc. E naquela época um menino de classe média, com seu viés “rural”, iria se identificar com um trabalhador campesino mais do que com um citadino. A maioria tinha na cabeça uma visão idealizada de um lavrador, cigano, caçador ou guarda-florestal, sempre retratado como selvagem e livre, um rapaz nômade que sobrevive caçando coelhos e vive entre rinhas de galos, cavalos, cerveja e mulheres. O poema de John Masefield *Misericórdia eterna*, outro valioso trabalho de época e imensamente popular entre meninos nos anos de guerra, apresenta essa visão de um modo bastante cru. Mas os Maurices e Terences de Housman poderiam ser levados a sério, ao passo que o Saul Kane de Masefield não pode; nesse aspecto, Housman era Masefield com um traço de Teócrito[4]. Além disso, todos os seus temas são adolescentes: assassinato, suicídio, amor não correspondido, morte precoce. Eles lidam com desastres simples e compreensíveis que dão ao leitor a sensação de estar enfrentando os “fatos fundamentais” da vida:

No monte pelo sol queimado

Agora o sangue já secou

Maurice no feno está deitado

Minha faca em seu flanco ficou

E de novo:

Levam-nos para Shrewsbury, a prisão

Soam apitos distantes nas paragens

Noite afora gemem nos trilhos os trens

Pelos homens que amanhã morrerão

É tudo mais ou menos na mesma sintonia. Todas as coisas se desfazem. “Ned enterrado no cemitério e Tom, na cadeia.” E notem também a autopiedade requintada, o sentimento de

“ninguém me ama”:

O diamante cai, adorna daí

A cova rasa, anfitriã

São as lágrimas da manhã

Que choram, mas não por ti

Rapaz, mas que falta de sorte! Tais poemas poderiam ter sido expressamente escritos para adolescentes. E o invariável pessimismo sexual (a mocinha sempre morre ou se casa com outro) soava como sabedoria para os meninos amontoados em internatos, semipropensos a pensar em mulheres como algo inatingível. Duvido que Housman tenha alguma vez tido o mesmo apelo para meninas. Em seus poemas, o ponto de vista feminino não é levado em conta: a mulher é meramente a ninfa, a sereia, criatura ardilosa e semi-humana que primeiro o atrai e depois foge de você.

Mas Housman não teria sido tão atraente para quem era jovem em 1920 se não fosse por outro traço dele: sua qualidade blasfema, inconformada, “cínica”. O embate que sempre ocorre entre as gerações foi excepcionalmente amargo no final da Grande Guerra; isso se deveu, em parte, pela guerra em si e, em parte, como resultado indireto da Revolução Russa, mas um confronto intelectual estava de qualquer forma fadado a ocorrer naquele período. Provavelmente em razão da facilidade e da segurança da vida na Inglaterra, que mesmo a guerra mal chegou a perturbar, muitas pessoas cujas ideias foram formadas nos anos 1880, ou antes, levaram-nas praticamente inalteradas até 1920. Enquanto isso, no que dizia respeito às gerações mais jovens, as crenças oficiais estavam se dissolvendo como castelos de areia. O declínio na crença religiosa, por exemplo, foi espetacular. Por muitos anos, o antagonismo entre velhos e jovens assumiu a forma de

verdadeiro ódio. O que restara da geração da guerra emergiu do massacre para descobrir que seus pais ainda mugiam os lemas de 1914, e que uma geração apenas um pouco mais jovem de rapazes se contorcia sob professores celibatários de mente suja. Era esses que Housman encantava, com sua revolta sexual implícita e sua mágoa pessoal contra Deus. Ele era patriótico, verdade, mas de um modo inofensivo e antigo, mais alinhado às casacas vermelhas e "Deus salve a rainha" do que a capacetes de aço e "Enforquem o *Kaiser*". E era também satisfatoriamente anticristão; ele defendia um tipo de paganismo amargo e desafiador, uma convicção de que a vida é curta e os deuses estão contra você, que combinava perfeitamente com o estado de espírito dominante entre os jovens, e tudo isso em versos delicados e charmosos compostos quase inteiramente de palavras de uma sílaba.

Será notado que abordei Housman como se ele fosse meramente um propagandista, um emissor de máximas e de trechos citáveis. Obviamente, ele era mais do que isso. Não há necessidade de subestimá-lo agora, por ele ter sido superestimado alguns anos atrás. Embora possa causar problemas dizer isto hoje em dia, há uma quantidade de seus poemas ("No meu coração um ar que mata", por exemplo, e "Meu time está sendo reprovado?") que provavelmente não permanecerá em desgraça por muito tempo. Mas ao fim e ao cabo é sempre a tendência de um escritor, seu "propósito", sua "mensagem", que o torna apreciado ou não. A prova disso é a extrema dificuldade de se enxergar mérito em um livro que abale a sério as nossas crenças mais profundas. E nenhum livro jamais é verdadeiramente neutro. Uma tendência ou outra é sempre discernível, tanto em verso quanto em prosa, mesmo que ela não faça nada além de determinar a forma e a escolha das imagens. Mas poetas que conquistam vasta popularidade,

como Housman, são, em regra, escritores definitivamente sentenciosos.

Depois da guerra, depois de Housman e dos poetas da natureza, surge um grupo de escritores de tendência totalmente diferente: J. Joyce, T. S. Eliot, E. Pound, D. H. Lawrence, Wyndham Lewis, Aldous Huxley, Lytton Strachey. Em meados e fins dos anos 1920, eles são "o movimento", tão certo quanto o grupo de W. H. Auden e S. Spender têm sido "o movimento" nos últimos anos. É verdade que nem todos os escritores talentosos do período podem ser encaixados no padrão. E. M. Forster, por exemplo, embora tenha escrito seu melhor livro em 1923 ou por ali, era essencialmente pré-guerra, e W. B. Yeats não parece pertencer aos anos 1920 em nenhuma de suas fases. Outros que ainda eram vivos, G. Moore, J. Conrad, E. A. Bennett, H. G. Wells e Norman Douglas, já haviam dado seu melhor antes mesmo que a guerra acontecesse. Em contrapartida, um escritor que deveria ser acrescentado ao grupo, embora no sentido literário estrito ele mal "pertença", é Somerset Maugham. É claro que as datas não se encaixam com exatidão; a maioria desses escritores já tinha publicado antes da guerra, mas eles podem ser classificados como pós-guerra no mesmo sentido em que os jovens que escrevem agora são pós-declínio. Da mesma forma, claro, você poderia ler a maioria dos jornais literários da época sem perceber que aquelas pessoas são "o movimento". Mais naquela época do que na maior parte das outras, os figurões do jornalismo literário estavam ocupados fingindo que a era anterior não tinha chegado ao fim.

J. C. Squire comandava a revista *London Mercury*, Gibbs e Walpole eram os deuses das bibliotecas circulantes, havia um culto à alegria e à masculinidade, à cerveja e ao críquete, aos cachimbos talhados em urze e à monogamia, e a qualquer

momento era possível ganhar uns trocados escrevendo um artigo que denunciasse os "intelectuais". Apesar disso, eram os desprezados intelectuais que haviam conquistado os jovens. O vento soprava da Europa e muito antes de 1930 tinha arrasado com a escola cerveja-e-críquete, exceto quanto aos títulos de nobreza.

A primeira coisa que se poderia observar a respeito do grupo de escritores que mencionei acima é que eles não parecem um grupo. Mais que isso: muitos deles teriam fortes objeções ao ser associados a muitos dos demais. Lawrence e Eliot não gostavam um do outro, Huxley adorava Lawrence, mas era repelido por Joyce, a maioria teria esnobado Huxley, L. Strachey e Maugham; e Lewis, por sua vez, atacava todos os outros; na verdade, sua reputação como escritor repousa em grande medida sobre esses ataques. Ainda assim, existe certa semelhança de temperamento que agora é suficientemente óbvia, embora, uns doze anos atrás, não fosse. Ela se define por *pessimismo de perspectiva*. Mas é preciso deixar claro o que quero dizer com pessimismo.

Se a ideia básica dos poetas georgianos era a "beleza da natureza", a dos escritores do pós-guerra seria "o sentido trágico da vida". O espírito por trás dos poemas de Housman, por exemplo, não é trágico, apenas lamentoso; é hedonismo desapontado. O mesmo se aplica a T. Hardy, embora seja preciso fazer uma exceção para *The Dynasts*. Mas o grupo Joyve-Eliot chegou mais tarde, o puritanismo não constitui seu principal adversário, eles desde o princípio são capazes de "enxergar através" da maior parte das coisas pelas quais seus predecessores precisaram lutar. Todos eles têm um temperamento hostil à noção de "progresso"; o sentimento é de que não apenas o progresso não acontece, como *nem deveria* mesmo acontecer. Observada essa semelhança geral,

existem, é claro, diferenças de abordagem entre os escritores que listei, assim como variados graus de talento. O pessimismo de Eliot é em parte o pessimismo cristão, o que implica certa indiferença ao sofrimento humano, e em parte um lamento sobre a decadência da civilização ocidental ("Nós somos os homens ocos, somos os homens empalhados", etc., etc.), um sentimento do tipo crepúsculo dos deuses que por fim o conduz, por exemplo em *Sweeney agonistes*, a alcançar a difícil proeza de tornar a vida moderna pior do que ela é de fato. Com Strachey, é meramente um ceticismo oitocentista educado, misturado a certo gosto pela ridicularização. Com Maugham, é um tipo de resignação estoica, a boca severa do autêntico *sahib*[5] em algum ponto a leste de Suez, executando seu trabalho sem acreditar nele, como um Imperador Antônio. Lawrence, à primeira vista, não parece ser um escritor pessimista porque, como Dickens, ele é um homem que muda de atitude e opinião e que constantemente insiste que a vida aqui e agora seria muito boa se você olhasse para ela de um jeito um pouquinho diferente. Mas o que ele exige é um movimento que nos afaste da civilização mecanizada, e isso não vai acontecer. Assim, sua irritação com o presente se volta mais uma vez para a idealização do passado, desta vez um passado mítico seguro, a Era do Bronze. Quando Lawrence escolhe os etruscos (os etruscos *dele*) em detrimento de nós mesmos, é difícil não concordar com ele; apesar disso, no fim, é uma espécie de derrotismo, porque essa não é a direção em que o mundo se move. O tipo de vida para a qual ele aponta, a vida concentrada em mistérios simples – sexo, solo, fogo, água, sangue –, é simplesmente uma causa perdida. Portanto, a única coisa que ele foi capaz de produzir é um desejo de que as coisas acontecessem de um jeito como elas claramente não vão acontecer. "Uma onda de generosidade ou uma onda de morte", ele diz, mas é óbvio que não há onda de generosidade

nenhuma deste lado do horizonte. Assim, ele parte para o México e morre aos 45 anos, pouco antes de a onda de morte ter início. Será observado que mais uma vez estou falando dessas pessoas como se elas não fossem artistas, como se fossem meras propagandistas transmitindo uma "mensagem". E mais uma vez é óbvio que todas são mais do que isso. Seria absurdo, por exemplo, olhar para *Ulisses* como *apenas* uma demonstração do horror da vida moderna, da "era do *Daily Mail* imundo", como diz Pound. Na verdade, Joyce é mais um "artista puro" do que a maioria dos escritores. Mas *Ulisses* não poderia ter sido escrito por alguém que estivesse meramente brincando com padrões de palavras; é produto de uma visão especial da vida, a visão de um católico que perdeu a fé. O que Joyce está dizendo é "Eis a vida sem Deus. Olhem só para ela!" e suas inovações técnicas, por mais importantes que sejam, servem em primeiro lugar a esse propósito.

Mas o que chama atenção em relação a todos esses escritores é que a "proposta" que têm está bastante indefinida. Não se dá atenção aos problemas urgentes do momento, acima de tudo, nada de política no sentido mais estrito. Nossos olhos são levados para Roma, Bizâncio, Montparnasse, México, os etruscos, o subconsciente, o plexo solar – para todo lado, menos os lugares onde as coisas estão realmente acontecendo. Quando se recua o olhar até os anos 1920, nada é mais estranho do que o modo como todos os eventos importantes da Europa escaparam à atenção da *intelligentsia* inglesa. A Revolução Russa, por exemplo, desaparece da consciência inglesa entre a morte de Lênin e a fome da Ucrânia – cerca de dez anos. Ao longo de todos esses anos, Rússia significa Tolstói, Dostoiévski e condes exilados dirigindo táxis. Itália significa galerias de arte, ruínas, igrejas e museus – mas não os camisas-negras. Alemanha significa filmes, nudismo e

psicanálise – mas não Hitler, de quem poucos tinham ouvido falar até 1931. Nas rodas "cultas", a arte-pela-arte se estendeu praticamente até a adoração do sem sentido. Esperava-se que a literatura consistisse apenas da manipulação de palavras. Avaliar um livro por seu conteúdo era pecado imperdoável, e mesmo ter ciência do conteúdo era considerado falta de gosto. Por volta de 1928, em uma das três piadas realmente engraçadas que a revista *Punch* criou desde a Grande Guerra, um jovem insuportável é retratado informando à tia que pretende "escrever". "E sobre o que você vai escrever, querido?", pergunta a tia. "Minha tia querida", responde o jovem, esmagadoramente, "não se escreve *sobre* alguma coisa, simplesmente se *escreve.*" Os melhores escritores dos anos 1920 não endossaram essa doutrina, na maioria dos casos seu "propósito" era bem evidente, mas é em geral um "propósito" de cunho moral-religioso-cultural. E também, quando pode ser traduzido para termos políticos, não é de "esquerda" em nenhum caso. Em uma forma ou outra, a inclinação de todos os escritores desse grupo é conservadora. Lewis, por exemplo, passou anos perseguindo freneticamente, pelo faro, "bruxas do bolchevismo", que ele era capaz de detectar em lugares bastante improváveis. Recentemente ele mudou algumas de suas opiniões, talvez influenciado pelo tratamento que Hitler dispensa aos artistas, mas é uma aposta segura que ele não se moverá muito mais à esquerda. Pound parece ter uma queda definitiva pelo fascismo, ao menos em sua variação italiana. Eliot permaneceu indiferente; porém, se obrigado pela mira de uma pistola a escolher entre o fascismo e alguma forma mais democrática de socialismo, provavelmente escolheria o fascismo. Huxley começa com o habitual desespero com a vida, sob a influência do "abdome escuro" de Lawrence, tenta algo chamado Adoração da Vida e por fim chega ao pacifismo, uma postura defensável e, nesse momento, honrosa, mas que

no longo prazo provavelmente vai envolver uma rejeição ao socialismo. Também é de observar que a maioria dos escritores nesse grupo nutre certa afeição pela Igreja Católica, embora em geral não do tipo que um católico ortodoxo aceitaria.

A conexão mental entre o pessimismo e uma perspectiva reacionária é sem dúvida óbvia o bastante. O que talvez seja menos óbvio é *por que* os principais escritores dos anos 1920 são predominantemente pessimistas. Por que há sempre essa sensação de decadência, esses crânios e cactos, essa aflição pela fé perdida e por civilizações impossíveis? Não seria, quem sabe, justamente *porque* essas pessoas escreveram em uma época de conforto excepcional? É só em períodos assim que o "desespero cósmico" pode florescer. Pessoas de barriga vazia nunca se desesperam pelo universo, nem, aliás, pensam sobre o universo. Todo o período de 1910-1930 foi próspero, e mesmo os anos de guerra foram toleráveis, para quem não foi combatente em algum dos países Aliados. Quanto aos anos 1920, foram a época de ouro do intelectual que vivia de renda, um período de irresponsabilidade como o mundo jamais vira. A guerra terminara, os novos Estados totalitários não haviam ainda surgido, tabus morais e religiosos de todos os tipos tinham sido varridos, e o dinheiro estava entrando. "Desilusão" estava na crista da onda. Qualquer um que contasse com quinhentas libras garantidas por ano se tornava intelectual e começava a se exercitar no *taedium vitae*. Foi uma época de fartura financeira e sexual, desesperos complacentes, Hamlets de quintal, passagens baratas para o trecho da volta no fim de noite. Em alguns romances menores característicos do período, como *Told by an idiot*, de R. Macaulay, a autopiedade pelo desespero com a vida atinge uma atmosfera de banho turco. Mesmo os melhores autores da

época podem ser condenados por uma atitude olímpica demais, uma prontidão grande demais para lavar as mãos diante dos problemas práticos imediatos. Eles veem a vida de um modo bastante abrangente, muito mais do que os que vieram logo antes ou logo depois, porém olham para ela pela ponta errada do telescópio. Não que isso invalide seus livros enquanto livros. O primeiro teste de qualquer trabalho artístico é a sobrevivência, e é fato que uma grande parte do que foi escrito entre os anos 1910 e 1930 sobreviveu e parece continuar sobrevivendo. Basta pensar em *Ulisses*, em *Escravos do desejo*, na maior parte do trabalho inicial de Lawrence, em especial os contos, e virtualmente em todos os poemas de Eliot até mais ou menos 1930, para se perguntar o que, do que está sendo escrito atualmente, vai envelhecer tão bem.

Mais eis que de repente, nos anos 1930-1935, algo acontece. A atmosfera literária muda. Um novo grupo de escritores, Auden, Spender e o resto deles, entra em cena e, apesar de quanto à técnica deverem algo aos antecessores, sua "tendência" é totalmente diversa. Subitamente, saímos do crepúsculo dos deuses e entramos em um tipo de clima escoteiro, com joelhos à mostra e cantorias em grupo. O literato típico deixa de ser um expatriado cultural com inclinação para a Igreja e se torna um menino ávido com inclinação para o comunismo. Se a ideia básica dos escritores dos anos 1920 é "o sentido trágico da vida", para os novos escritores é "o propósito sério".

As diferenças entre as duas escolas são debatidas em alguma medida no livro do senhor Louis MacNeice *Modern poetry*. É claro que este livro é escrito inteiramente do ponto de vista do grupo mais jovem e assume como garantida a superioridade de seus padrões. De acordo com o senhor MacNeice:

Os poetas da antologia New signatures[6]*, ao contrário de*

Yeats e Eliot, tomam partido em termos emocionais. Yeats se propôs a dar as costas ao desejo e ao ódio; Eliot recuou e observou os sentimentos das outras pessoas com tédio e uma autopiedade irônica… Em contrapartida, toda a poesia de Auden, Spender e Day-Lewis pressupõe que eles têm desejos e ódios próprios e, mais além, que acreditam que certas coisas devam ser desejadas, e outras, odiadas.

E outra vez:

Os poetas da New signatures voltaram (...) à preferência grega por informação ou afirmação. A primeira exigência é ter algo a dizer, e depois disso você deve se expressar o melhor que puder.

Em outras palavras, o "propósito" está de volta, os jovens escritores "entraram na política". Conforme já apontei, Eliot & Cia. não são tão apartidários como o senhor MacNeice parece sugerir. Mesmo assim, é em grande medida verdade que nos anos 1920 a ênfase literária estava mais na técnica e menos no tema do que agora.

As figuras mais importantes desse grupo são Auden, Spender, Day—Lewis e MacNeice, e há uma longa fila de escritores mais ou menos da mesma tendência, como Christopher Isherwood, John Lehmann, Arthur Calder-Marshall, Edward Upward, Alec Brown, Philip Henderson e muitos outros. Como antes, eu os estou agrupando simplesmente de acordo com a tendência. É óbvio que há enorme variação no talento. Mas, quando comparamos esses escritores à geração Joyce-Eliot, o que imediatamente impressiona é a facilidade para juntá-los em um grupo. Tecnicamente eles são próximos, politicamente são quase indistinguíveis, e as críticas que fazem aos trabalhos uns dos outros foram sempre, para dizer em temos suaves, bondosas. Os escritores de destaque dos anos 1920 eram de variadas

origens, poucos passaram pelo moedor do sistema educacional comum inglês (aliás, os melhores entre eles, salvo Lawrence, não eram ingleses), e a maioria precisou em algum momento lutar contra a pobreza, abandono e até perseguição explícita. No entanto, quase todos os jovens escritores se encaixam facilmente no padrão escola particular – universidade – Bloomsbury[7]. Os poucos que têm origem proletária são do tipo que é desclassificado cedo na vida, primeiro por meio de bolsas de estudo e depois pelo banho descolorante da "cultura" londrina. É significativo que muitos escritores desse grupo foram não apenas alunos, mas, na sequência, professores em escolas particulares. Alguns anos atrás, descrevi Auden como "uma espécie de R. Kipling covarde". Como crítica, foi bastante injustificada; de fato, não passou de um comentário rancoroso, mas é fato que no trabalho de Auden, principalmente nos primeiros, certa atmosfera de exaltação – algo como o poema *Se* de Kipling ou *Play up, play up and play the game!*, de H. J. Newbolt – nunca parece muito distante. Vejamos, por exemplo, um poema como *You're leaving now, and it's up to you boys*, de Day-Lewis. É o puro líder dos escoteiros falando, o tom exato daquela conversa franca de dez minutos sobre os perigos da masturbação. Sem dúvida há um elemento intencional de paródia, mas há também uma semelhança mais profunda que ele não pretendia. E é claro que a observação pedante comum à maioria desses escritores é um sintoma de liberação. Ao lançar fora a "arte pura", eles se libertaram do medo de serem alvo de escárnio e ampliaram significativamente seu escopo. O aspecto profético do marxismo, por exemplo, é material novo para a poesia e abre grandes possibilidades.

Não somos nada

Nós caímos

Na escuridão e seremos destruídos.

Pensem, porém, que nesta escuridão

Possuímos o eixo secreto de uma ideia

Cuja roda viva ensolarada se revolve nos anos futuros lá fora

(Spender, Trial of a judge)

Ao mesmo tempo, ao ser marxizada, a literatura não se tornou mais próxima das massas. Ainda que descontando o lapso de tempo, Auden e Spender estão até mais longe de serem escritores populares do que Joyce e Eliot, para não falar de Lawrence. Como antes, existem muitos escritores contemporâneos que estão fora da corrente, mas não paira muita dúvida sobre qual é a corrente atual. No meio e no fim dos anos 1930, Auden, Spender & Cia. são "o movimento" exatamente como Joyce, Eliot & Cia. foram nos anos 1920. E o movimento é em direção a algo um tanto vagamente definido como comunismo. Já em 1934 ou 1935, não ser mais ou menos de "esquerda" era considerado excêntrico nos círculos literários. Entre 1935 e 1939, o Partido Comunista exercia um fascínio quase irresistível sobre qualquer escritor abaixo dos quarenta. Tornou-se tão corriqueiro ouvir que Fulano tinha se "filiado" quanto fora, poucos anos antes, quando o catolicismo romano estava em moda, ouvir que Sicrano tinha sido "chamado". De fato, por cerca de três anos, o fluxo central da literatura inglesa esteve mais ou menos diretamente sob controle comunista. Como foi possível que uma coisa dessas acontecesse? Ao mesmo tempo, o que quer dizer "comunismo"? É melhor responder à segunda pergunta primeiro.

O movimento comunista na Europa Ocidental começou como um movimento pela derrubada violenta do capitalismo, e

em poucos anos degenerou em um instrumento da política externa russa. Isso era provavelmente inevitável, uma vez que o fermento revolucionário que se seguiu à Grande Guerra havia perdido força. Até onde eu sei, o único histórico abrangente sobre esse tema, em inglês, é o livro de Franz Borkenau *A Internacional Comunista*. O que os fatos elencados por Borkenau deixam claro, até mais do que suas deduções, é que o comunismo nunca teria se desenvolvido em suas linhas atuais se existisse nos países industrializados algum sentimento revolucionário. Na Inglaterra, por exemplo, é óbvio que tal sentimento não existe há muitos anos. As figuras patéticas afiliadas a todos os partidos extremistas demonstram isso claramente. Portanto, é apenas natural que o movimento comunista inglês seja controlado por pessoas mentalmente subservientes à Rússia e que não tenham nenhum objetivo real a não ser manipular a política externa britânica conforme o interesse russo. É claro que tal objetivo não pode ser assumido abertamente, e é esse fato que dá ao Partido Comunista seu caráter muito singular. O tipo mais sonante de comunista é, com efeito, um agente publicitário russo posando de socialista internacional. É uma pose facilmente mantida em tempos normais, mas que se torna difícil em momentos de crise, devido ao fato de que a URSS não é mais escrupulosa em sua política externa do que o resto das Grandes Potências. Alianças, alterações no *front*, etc., que só fazem sentido como parte do jogo de forças políticas, precisam ser explicadas e justificadas em termos do socialismo internacional. Cada vez que Stálin muda de parceiro, o "marxismo" precisa ser moldado à força em um novo formato. Isso implica mudanças de "linha" súbitas e violentas, expurgos, denúncias, destruição sistemática da literatura partidária, etc., etc. Na verdade, qualquer comunista está o tempo todo sujeito a precisar alterar suas convicções mais fundamentais – ou sair do partido. O

dogma inquestionável da segunda-feira pode tornar-se uma heresia execrável na terça. Isso aconteceu ao menos três vezes nos últimos dez anos. Disso decorre que em qualquer país do Ocidente um partido comunista seja sempre instável e normalmente bem pequeno. No fundo, os membros de longo prazo consistem em um círculo interno de intelectuais, que se identificam com a burocracia russa, e um corpo um pouco maior de membros da classe trabalhadora, que sente lealdade pela Rússia soviética sem necessariamente entender sua política. Fora disso, existe apenas uma filiação mutável, um lote chegando e outro partindo a cada mudança de "linha".

Em 1930, o Partido Comunista Inglês era uma organização minúscula, mal dentro da legalidade, cuja principal atividade era difamar o Partido Trabalhista. Mas em 1935 a face da Europa mudara, e políticos de esquerda mudaram junto. Hitler havia subido ao poder e começado a se rearmar, os planos quinquenais da Rússia tinham obtido sucesso, a Rússia reaparecia como grande potência militar. Como os três alvos do ataque de Hitler eram, segundo todas as aparências, Grã-Bretanha, França e URSS, os três países foram forçados a uma espécie de *rapprochement* desconfortável. Isso significou que o comunista inglês ou francês foi obrigado a se tornar um bom patriota e imperialista – ou seja, foi forçado a defender precisamente as coisas que tinha atacado durante os quinze anos anteriores. Os lemas do Comintern de repente desbotaram do vermelho para o rosa. "Revolução mundial" e "Social-fascismo" deram lugar a "Defesa da democracia" e "Parem Hitler". Os anos 1935-1939 foram o período de antifascismo e da Frente Popular, o ápice do Clube dos Livros de Esquerda, quando duquesas vermelhas e reitores de "mente aberta" percorriam os campos de batalha da Guerra Civil Espanhola e Winston Churchill era o menino dos olhos azuis no jornal

Daily Worker. Desde então, claro, ocorreu ainda mais uma mudança de "linha". Mas o que é importante para meu objetivo aqui é que foi durante a fase antifascista que os jovens escritores ingleses gravitaram na direção do comunismo.

O cabo de guerra entre fascismo e democracia era sem dúvida um atrativo em si mesmo, mas a conversão deles estava fadada a ocorrer, de qualquer forma, por volta dessa época. Era óbvio que o capitalismo *laissez—faire* estava acabado e que precisaria haver algum tipo de reconstrução; no mundo de 1935, dificilmente era possível permanecer politicamente indiferente. Mas por que esses jovens se voltaram para algo tão alheio quanto o comunismo russo? Por que *escritores* haveriam de se sentir atraídos por uma forma de socialismo que torna impossível a honestidade intelectual? A explicação repousa de fato sobre algo que já havia se feito sentir antes do declínio e antes de Hitler: o desemprego da classe média.

Desemprego não é meramente uma questão de não haver trabalho. A maior parte das pessoas *consegue* um trabalho de algum tipo, mesmo na pior das épocas. O problema era que por volta de 1930 não havia atividade, exceto talvez a pesquisa científica, as artes e a política de esquerda, na qual uma pessoa pensante poderia acreditar. A derrocada da civilização ocidental havia atingido o clímax, e a "desilusão" estava imensamente disseminada. Quem, agora, consideraria seguro levar a tradicional vida de classe média, sendo soldado, religioso, corretor de ações, um funcionário público indiano ou coisa do tipo? E quantos dos valores que nortearam nossos avós ainda poderiam ser levados a sério? Patriotismo, religião, o Império, a família, a santidade do casamento, a gravata do uniforme da escola de elite, nascimento, criação, honra, disciplina – qualquer um com um nível comum de instrução poderia virar a maioria deles de cabeça para baixo em três

minutos. Mas o que é que você consegue, afinal, depois de se livrar de coisas primordiais como patriotismo e religião? Você não necessariamente se livrou da necessidade de acreditar em algo. Poucos anos antes tinha ocorrido uma espécie de falsa promessa, quando vários jovens intelectuais, incluindo diversos escritores bastante talentosos (Evelyn Waugh, Christopher Hollis e outros), se refugiaram na Igreja Católica. É significativo que essas pessoas foram quase invariavelmente para a Igreja romana e não, por exemplo, para a Igreja da Inglaterra, da Grécia ou para as seitas protestantes. Ou seja, elas foram para a Igreja com organização mundial, aquela com disciplina rígida, a que tinha poder e prestígio atrás de si. Talvez seja ainda mais digno de nota que o único convertido recente que era de fato um talento de primeira categoria, Eliot, tenha abraçado não o romanismo, mas o anglo-catolicismo, o equivalente eclesiástico do trotskismo. Mas não creio que seja preciso olhar além desse ponto em busca da razão pela qual os jovens escritores dos anos 1930 debandaram para o Partido Comunista ou em direção a ele. Era meramente algo em que acreditar. Lá estavam uma igreja, um exército, uma ortodoxia. Lá estava uma pátria mãe e, ao menos desde 1935, aproximadamente, um *Führer*. Todas as lealdades e superstições que a intelectualidade havia na aparência banido podiam voltar correndo sob o mais tênue dos disfarces. Patriotismo, religião, império, glória militar – tudo em uma palavra: Rússia. Pai, rei, líder, herói, salvador – tudo em uma palavra: Stálin. Deus: Stálin. Diabo: Hitler. Paraíso: Moscou. Inferno: Berlim. Todas as lacunas foram preenchidas. Dessa forma, o "comunismo" dos intelectuais ingleses é algo totalmente explicável. É o patriotismo dos desenraizados.

Mas há outra coisa que sem dúvida contribuiu para o culto da Rússia entre a *intelligentsia* inglesa durante aqueles anos: a

tranquilidade e a segurança da vida na própria Inglaterra. Com todas as suas injustiças, a Inglaterra ainda é a terra do *habeas corpus*, e a esmagadora maioria da população não tem experiência nenhuma com a violência ou a ilegalidade. Se você cresceu em um ambiente desse tipo, não é nem um pouco fácil imaginar como é um regime despótico. Quase todos os principais escritores dos anos 1930 pertenciam à classe média emancipada e bonachona, e eram jovens demais para ter memórias concretas da Grande Guerra. Para pessoas desse tipo, coisas como expurgos, polícia secreta, execuções sumárias, prisão sem julgamento, etc., etc., são remotas demais para serem apavorantes. Elas conseguem engolir o totalitarismo porque não têm outra experiência além do liberalismo. Vejamos, por exemplo, este excerto do poema *Spain*, do senhor Auden (aliás, este poema é uma das poucas coisas decentes que foram escritas sobre a Guerra Espanhola):

Amanhã para os jovens, os poetas explodindo como bombas,

Os passeios às margens do lado, as semanas de perfeita comunhão;

Amanhã as corridas de bicicleta

Pelos subúrbios em noites de verão. Mas hoje a batalha.

Hoje o aumento deliberado das chances de morte,

A aceitação consciente da culpa no assassinato necessário:

Hoje o emprego das forças

No panfleto superficial e efêmero e na reunião monótona.

A segunda estrofe pretende ser uma espécie de resumo da vida de "um bom membro do partido". Pela manhã alguns assassinatos políticos, um intervalo de dez minutos para

sufocar o remorso “burguês”, depois um almoço apressado e uma tarde e noite ocupadas com pichação de muros e distribuição de folhetos. Tudo muito edificante. Mas reparem na expressão “assassinato necessário”. Ela só poderia ser escrita por uma pessoa para quem o assassinato é, no máximo, uma *palavra*. Pessoalmente, eu não falaria com tanta leveza a respeito. Acontece que eu vi corpos de muitos homens assassinados, e não estou dizendo mortos em batalha, estou dizendo assassinados. Portanto, tenho alguma noção do que assassinato significa: o terror, o ódio, os parentes uivando, as autópsias, o sangue, os cheiros. Para mim, assassinato é algo a ser evitado. É assim para qualquer pessoa comum. Os Hitlers e Stálins acham o assassinato necessário, mas eles não apregoam sua insensibilidade e não se referem a ele como assassinato; é “liquidação”, “eliminação” ou outra expressão suavizada qualquer. A marca de amoralidade do senhor Auden só é possível se você é o tipo de pessoa que está sempre em outro lugar quando o gatilho é acionado. Muito do pensamento de esquerda é um tipo de brincadeira com fogo feita por gente que nem sabe que fogo é quente. O espírito de guerra ao qual a *intelligentsia* inglesa se entregou no período de 1935-1939 era amplamente baseado em uma percepção de imunidade pessoal. A atitude era muito diferente na França, onde é difícil escapar do serviço militar, e mesmo os literatos sabem quanto pesa a carga das costas.

Quase no fim do mais recente livro do senhor Cyril Connolly, *Enemies of promise*, há uma passagem interessante e reveladora. A primeira parte do livro é mais ou menos uma avaliação da literatura atual. O senhor Connolly pertence exatamente à geração de escritores do “movimento” e, sem muitas exceções, os valores deles são os valores dele. É interessante observar que entre os autores de prosa ele admira principalmente os especializados em violência, os aspirantes à

linha dura norte-americana, Ernest Hemingway, etc. A parte final do livro, porém, é autobiográfica e consiste em um relato, fascinantemente preciso, da vida em uma escola preparatória e em Eton[8] nos anos 1910-1920. O senhor Connolly encerra dizendo:

> *Se fosse para deduzir alguma coisa a partir dos meus sentimentos quando saí de Eton, seria algo chamado A teoria da adolescência permanente. É a teoria segundo a qual as experiências vividas pelos meninos nas grandes escolas particulares são tão intensas que dominam suas vidas e impedem seu desenvolvimento.*

Quando você lê a segunda frase desse trecho, tem o impulso natural de procurar por um erro de impressão. Presumivelmente, faltou um "não" ou coisa assim. Mas não, de jeito nenhum! Ele quer dizer exatamente o que disse! E mais: ele está falando nada além da verdade, só para variar. A vida "culta" da classe média atingiu tal abismo de suavidade que cinco anos em um internato particular – cinco anos de imersão em cálido esnobismo – podem de fato ser vistos, em retrospecto, como um período cheio de acontecimentos. Para quase todos os escritores de alguma relevância durante os anos 1930, o que mais aconteceu, além do que o senhor Connolly registra em *Enemies of promise*? É o mesmo padrão o tempo todo: escola particular, universidade, algumas viagens ao exterior e depois Londres. Fome, privação, solidão, exílio, guerra, prisão, perseguição, trabalho braçal – raridades até como palavras. Não admira que a grande tribo conhecida como "os esquerdistas certos" ache tão fácil fechar os olhos aos expurgos e Ogpu[9] do regime russo e aos horrores do primeiro Plano Quinquenal. Eles eram gloriosamente incapazes de entender o que tudo isso significava.

Em 1937, a totalidade da *intelligentsia* estava mentalmente

em guerra. O pensamento de esquerda havia se restringido ao antifascismo, isto é, a uma negativa, e da imprensa jorrava uma torrente de literatura de ódio contra a Alemanha e contra os políticos supostamente simpáticos à Alemanha. O que, para mim, foi verdadeiramente assustador em relação à guerra na Espanha não foi tanto a violência que testemunhei, nem mesmo as contendas partidárias atrás das linhas, e sim o reaparecimento imediato, nos círculos da esquerda, da atmosfera mental da Grande Guerra. Precisamente as mesmas pessoas que, por vinte anos, se orgulharam da própria superioridade em relação à histeria de guerra foram as que voltaram correndo para a indigência mental de 1915. Todas as conhecidas idiotices dos tempos de guerra, caçar espiões, farejar ortodoxia (Fung, fung. Você é um bom antifascista?), o varejo de histórias de atrocidades, entraram de novo em voga como se os anos de intervalo nunca houvessem existido. Antes do fim da Guerra Espanhola, e mesmo antes de Munique, alguns dos melhores escritores de esquerda começavam a se contorcer. Nem Auden nem, de forma geral, Spender escreveram sobre a guerra na Espanha com a verve que se esperava deles. Desde então, houve uma mudança de sentimento, muito desânimo e confusão, porque o atual curso dos eventos transformou em bobagem a ortodoxia de esquerda nos últimos anos. Mas tampouco era necessária muita perspicácia para ver que a maior parte era bobagem desde o início. Não há garantia, portanto, de que a próxima ortodoxia a surgir será melhor do que a última.

De forma geral, toda a história literária dos anos 1930 parece justificar a opinião segundo a qual um escritor faz bem ao manter-se afastado da política. Pois qualquer escritor que aceite ou aceite parcialmente a disciplina de um partido político será cedo ou tarde confrontado com a alternativa:

obedeça ou cale a boca. É claro que é possível obedecer e seguir escrevendo – de certa forma. Qualquer marxista consegue demonstrar com a maior facilidade que a liberdade de pensamento "burguesa" é uma ilusão. Porém, uma vez encerrada sua demonstração, restará o *fato* psicológico de que sem essa liberdade "burguesa" a força criativa morre. No futuro, poderá surgir uma literatura totalitária, mas ela será bastante diversa de qualquer coisa que possamos imaginar hoje. A literatura tal como a conhecemos é uma coisa individual, que exige honestidade intelectual e um mínimo de censura. E isso é ainda mais verdadeiro em relação à prosa do que ao verso. Provavelmente não é coincidência que os melhores escritores dos anos 1930 tenham sido poetas. O ambiente de ortodoxia é sempre danoso à prosa, e acima de tudo é completamente desastroso para o romance, a mais anárquica de todas as formas de literatura. Quantos católicos romanos foram bons romancistas? Mesmo a meia dúzia que se poderia citar foi, em geral, de maus católicos. O romance é praticamente uma forma de arte protestante; é produto da mente livre, da autonomia do indivíduo. Nenhuma década dos últimos cento e cinquenta anos foi tão estéril de prosa criativa quanto a de 1930. Houve bons poemas, bons trabalhos sociológicos, panfletos brilhantes, mas praticamente nenhuma ficção de algum valor. De 1933 em diante, o clima mental era cada vez mais contra ela. Qualquer um com sensibilidade suficiente para ser tocado pelo *Zeitgeist* estava também envolvido na política. Nem todos, claro, estavam definitivamente *no* esquema político, mas praticamente todos estavam na periferia dele e mais ou menos envolvidos nas campanhas de propaganda e em controvérsias sórdidas. Comunistas e quase-comunistas tinham uma influência desproporcional nas resenhas literárias. Foi um período de rótulos, lemas e evasões. Nos piores momentos, esperava-se

que você se trancasse em uma jaulinha sufocante de mentiras; nos melhores, uma espécie de censura voluntária ("Será que devo dizer isto? Isto é pró-fascismo?") estava em funcionamento na cabeça de praticamente todo mundo. É quase inconcebível que bons romances sejam escritos sob tal clima. Bons romances não são escritos por farejadores de ortodoxia nem por pessoas cuja consciência pesa por causa de sua heterodoxia. Bons romances são escritos por pessoas que *não estão amedrontadas*. E isso me traz de volta a Henry Miller.

3

Se este fosse um momento provável para o lançamento de "escolas" de literatura, Henry Miller poderia ser o ponto de partida de uma nova "escola". De qualquer forma, ele marca uma oscilação inesperada do pêndulo. Em seus livros, o leitor se afasta imediatamente do "animal político" e volta a um ponto de vista não apenas individualista, mas totalmente passivo; o ponto de vista de um homem que acredita que os rumos do mundo estão além de seu controle e que, seja como for, não os deseja controlar.

Conheci Miller no fim de 1936, quando eu estava passando por Paris a caminho da Espanha. O que mais me intrigou nele foi descobrir que não tinha o menor interesse pela guerra na Espanha. Ele meramente me disse, em termos bastante enfáticos, que ir para a Espanha naquela altura era a atitude de um idiota. Ele entendia que alguém fosse para lá por motivos puramente egoístas, por curiosidade, por exemplo, mas envolver-se em tais coisas *por um sentido de dever* era franca estupidez. Fosse como fosse, minhas ideias sobre combater o fascismo, defender a democracia, etc., etc., eram conversa-fiada. Nossa civilização estava destinada a ser varrida e

substituída por uma coisa tão diferente que mal a consideraríamos humana – uma perspectiva que não o incomodava, ele disse. Algumas dessas perspectivas estão implícitas em seu trabalho inteiro. Por todo lado existe essa sensação de proximidade do cataclismo e, em quase todo lado, a crença tácita de que não importa. A única declaração política que ele já fez por escrito, até onde eu sei, foi uma totalmente negativa. Cerca de um ano atrás, uma revista norte-americana, a *Marxist Quarterly*, enviou um questionário a vários escritores daquele país, pedindo que definissem sua posição em relação à guerra. Miller respondeu em termos de pacifismo extremo, uma recusa individual a lutar, sem nenhum desejo aparente de converter alguém à mesma opinião; na prática, de fato, uma declaração de irresponsabilidade.

No entanto, existe mais de um tipo de irresponsabilidade. Como regra, escritores que não desejam identificar-se com o processo histórico do momento ou o ignoram ou lutam contra ele. Se não conseguem ignorar, eles provavelmente são tolos. Se conseguem compreendê-lo bem o bastante para querer combatê-lo, eles provavelmente têm visão suficiente para perceber que não têm como vencer. Vejamos, por exemplo, um poema como *The scholar gipsy*, de M. Arnold, com sua investida contra "a estranha doença da vida moderna" e o magnífico símile derrotista na estrofe final. Ela expressa uma das atitudes literárias comuns, talvez até mesmo a atitude prevalente dos últimos cem anos. Contudo, existem os "progressistas", os que dizem amém, o tipo B. Shaw-Wells, sempre saltando adiante para acolher as projeções ególatras que eles equivocadamente presumem ser o futuro. De maneira geral, os escritores dos anos 1920 assumiram a primeira postura, e os dos 1930, a segunda. Em qualquer dado momento, é claro, existe uma tribo enorme de J. M. Barries,

W. Deepings e E. M. Dells, que simplesmente não percebe o que está acontecendo. O trabalho de Miller é sintomaticamente importante ao evitar qualquer uma dessas atitudes. Ele não está nem empurrando adiante os rumos do mundo nem tentando arrastá-los para trás, mas, ao mesmo tempo, ele de forma nenhuma os ignora. Devo dizer que ele acredita na ruína iminente da civilização ocidental com muito mais firmeza do que a maioria dos escritores "revolucionários"; apenas não se sente convocado a fazer coisa nenhuma a respeito. Ele toca violino enquanto Roma queima e, ao contrário da imensa maioria das pessoas que fazem isso, toca de frente para as chamas.

Em *Max and the white phagocytes*, há uma dessas passagens reveladoras, em que um escritor conta ao leitor um bocado sobre si mesmo, enquanto fala sobre outra pessoa. O livro inclui um longo ensaio sobre os diários de Anaïs Nin, que eu nunca li exceto por uns fragmentos, e acredito não terem sido publicados. Miller alega que eles constituem o único verdadeiro texto feminino que alguma vez já surgiu, seja lá o que isso signifique. Mas a passagem interessante é uma em que ele compara Anaïs Nin, evidentemente uma escritora totalmente subjetiva e introvertida, com Jonas na barriga da baleia. Por alto, ele cita um ensaio que Aldous Huxley escreveu alguns anos atrás sobre o quadro de El Greco "O sonho de Filipe II". Huxley observa que as pessoas nos quadros de El Greco têm sempre a aparência de quem está na barriga de uma baleia, e afirma achar particularmente horrível a ideia de estar em uma "prisão visceral". Miller responde que, ao contrário, há muitas coisas piores do que ser engolido por uma baleia, e a passagem deixa claro que ele pessoalmente considera a ideia até atraente. Aqui, ele está resvalando no que é provavelmente uma fantasia amplamente disseminada.

Talvez valha a pena notar que todo mundo, ou pelo menos todo mundo falante de inglês, invariavelmente fala de Jonas e a *baleia*. É claro que a criatura que engoliu Jonas era um peixe, e como tal foi descrito na *Bíblia* (Jonas 1:17), mas as crianças naturalmente o confundem com uma baleia, e este fragmento de fala infantil é normalmente levado pela vida afora, um sinal, talvez, da força que o mito de Jonas exerce sobre nossa imaginação. Pois o fato é que estar dentro de uma baleia é uma ideia muito confortável, aconchegante e caseira. O Jonas histórico, se é que se pode chamá-lo assim, ficou bastante aliviado por escapar, mas, na imaginação, no devaneio, inúmeras pessoas o invejaram. É claro que é bastante óbvio por quê. A barriga da baleia é somente um útero grande o suficiente para um adulto. Lá está você no ambiente escuro e acolchoado que o abriga com perfeição, com metros de gordura entre si e a realidade, apto a manter uma atitude da mais extrema indiferença, *independentemente* do que ocorra. Uma tempestade que afundaria todos os navios de guerra do mundo mal chegaria a você como um eco. Até os movimentos da própria baleia provavelmente seriam imperceptíveis para você. Ela pode estar brincando nas ondas da superfície ou mergulhando na escuridão dos oceanos médios (uma milha de profundidade, de acordo com Herman Melville), mas você nunca perceberia a diferença. Excetuando estar morto, este é o estágio final, insuperável, da irresponsabilidade. E, seja qual for o caso com Anaïs Nin, não há dúvida de que o próprio Miller está dentro da baleia. Suas melhores e mais características passagens são escritas do ponto de vista de Jonas, um Jonas voluntário. Não que ele seja especialmente introvertido, bem ao contrário. No caso dele, por acaso a baleia é transparente. Apenas ele não sente nenhum impulso de alterar ou controlar o processo pelo qual está passando. Ele executou o ato essencial de Jonas ao

permitir-se ser engolido, permanecendo passivo, *aceitando*.

Veremos adiante o que isso significa. É uma espécie de quietismo, acarretando ou uma completa descrença ou um nível de crença que chega a misticismo. A atitude é "*Je m'en fous*" ou "Embora Ele me mate, ainda assim esperarei Nele", conforme você prefira encarar; para fins práticos, ambos são idênticos, em qualquer dos casos a moral sendo "deixe-se estar". Mas, em tempos como os nossos, essa é uma atitude defensável? Observe como é quase impossível deixar de fazer essa pergunta. No momento em que escrevo, ainda vivemos numa época em que é considerado ponto pacífico que livros devam sempre ser positivos, sérios e "construtivos". Uma dúzia de anos atrás, essa ideia teria sido recebida com risinhos. ("Minha tia querida, não se escreve *sobre* alguma coisa, simplesmente se *escreve*"). Então o pêndulo se afastou da noção frívola de que a arte é meramente técnica, mas oscilou para muito longe, a ponto de afirmar que um livro só pode ser "bom" se for baseado em uma visão "verdadeira" da vida. Naturalmente, as pessoas que acreditam nisso acreditam também estar, elas mesmas, de posse da verdade. Críticos católicos, por exemplo, tendem a afirmar que livros são "bons" apenas quando são de tendência católica. Críticos marxistas fazem a mesma afirmação, com mais ênfase, sobre livros marxistas. Por exemplo, diz o senhor Edward Upward ("Uma interpretação marxista da literatura", em *The mind in chains*):

> *A crítica literária que se pretende marxista deve (...) proclamar que nenhum livro escrito atualmente pode ser "bom", a menos que escrito de um ponto de vista marxista ou quase marxista.*

Vários outros escritores fizeram afirmações parecidas ou comparáveis. O senhor Upward destaca *escrito atualmente* porque percebe que não se pode dispensar *Hamlet*, por exemplo, com base em Shakespeare não ter sido marxista.

Apesar disso, seu interessante ensaio se debruça muito pouco sobre essa dificuldade. Muito da literatura passada que chegou até nós é permeado por, e de fato fundado sobre, crenças (na imortalidade da alma, por exemplo) que agora nos parecem falsas e, em alguns casos, miseravelmente tolas. Ainda assim, é literatura "boa", se a sobrevivência serve de teste. O senhor Upward sem dúvida responderia que uma crença que era adequada vários séculos atrás pode agora ser inadequada e, portanto, néscia. Mas isso não leva ninguém muito longe, porque pressupõe que em qualquer dado período haverá *um* corpo de crenças aceito como a aproximação atual à verdade, e que a melhor literatura da época estará em relativa harmonia com ele. Na realidade, tal uniformidade jamais existiu. Na Inglaterra do século XVII, por exemplo, havia uma cisão religiosa e política que lembrava claramente o antagonismo atual entre esquerda e direita. Olhando para trás, a maioria das pessoas de hoje sentiria que o ponto de vista burguês-puritano era uma aproximação melhor da verdade do que o ponto de vista católico-feudal. Mas entre os melhores escritores da época nem todos eram puritanos; nem mesmo a maioria era. Além disso, existem "bons" escritores cujas visões de mundo seriam reconhecidas como falsas e tolas em *qualquer* época. Edgar Allan Poe é um exemplo. Sua perspectiva é, na melhor das hipóteses, a de um romantismo desbragado e, na pior, não distante de ser louca em um sentido literal e clínico. Por que, então, histórias como "O gato preto", "O coração delator", "A queda da casa de Usher", e outras, que poderiam muito bem ter sido escritas por um louco, não transmitem uma sensação de falsidade? Porque são verdadeiras dentro de certa estrutura, sustentam as regras do próprio mundo peculiar, como um quadro japonês. Mas parece que para escrever bem a respeito de um mundo desses você precisa acreditar nele. Vê-se a diferença imediatamente, ao se compararem os contos de Poe

com o que é, na minha opinião, uma tentativa insincera de construir uma atmosfera semelhante, o "Minuit", de Julian Green. O que de pronto chama atenção em "Minuit" é que não há razão para que um único daqueles eventos aconteça. Tudo é completamente arbitrário; não existe continuidade emocional. E isso é exatamente o que *não* se sente lendo as histórias de Poe. A lógica maníaca, em seu próprio contexto, é bastante convincente. Por exemplo, quando o bêbado pega o gato preto e arranca o olho dele com o canivete, sabe-se precisamente por que ele fez aquilo, até o ponto de sentir que se teria feito o mesmo. Portanto, aparentemente, para um escritor criativo, a posse da "verdade" é menos importante do que a sinceridade emocional. Nem mesmo o senhor Upward afirmaria que um escritor não precisa de nada além de treinamento marxista. Ele precisa de talento também. Mas talento, pelos vistos, é uma questão de ser capaz de se *importar*, de realmente *acreditar* nas suas crenças, sejam elas verdadeiras ou falsas. A diferença entre, por exemplo, Céline e Evelyn Waugh é de intensidade emocional. É a diferença entre o desespero genuíno e um desespero que é ao menos em parte fingimento. E assim chegamos a uma conclusão que talvez seja menos óbvia: que há ocasiões em que uma crença "inverídica" tem mais probabilidade de ser sentida sinceramente do que uma crença "verídica".

Quando se olha para os livros de memórias pessoais escritos sobre a guerra de 1914-1918, percebe-se que quase todos os que se mantiveram legíveis depois de certo tempo são escritos de um ângulo passivo, negativo. Eles são o registro de uma coisa totalmente sem sentido, um pesadelo que ocorre no vazio. Isso não era realmente verdade a respeito da guerra, mas era a verdade sobre a reação individual. O soldado avançando contra uma barragem de artilharia ou de pé em uma trincheira, com lama até a cintura, sabia apenas que aquilo era

uma experiência pavorosa na qual ele estava praticamente indefeso. Era mais provável que ele produzisse um bom livro a partir de sua vulnerabilidade e incompreensão do que a partir de uma falsa capacidade de enxergar a coisa toda em perspectiva. Quanto aos livros que foram escritos durante a guerra em si, os melhores são quase sempre trabalho de pessoas que simplesmente se viraram de costas e tentaram não perceber que havia uma guerra em curso. O senhor E. M. Forster descreveu como, em 1917, ele leu *Prufrock* e outros poemas iniciais de Eliot e como o consolou, naquele momento, ter contato com poemas que eram "livres do espírito público":

> *Eles cantavam sobre asco de si e falta de autoconfiança, e sobre pessoas que pareciam autênticas por serem fracas ou não serem atraentes… Ali estava um protesto, um protesto débil, apropriado justamente por ser débil… Aquele que conseguia se afastar para reclamar de mulheres e salas de visita preservava um pingo do nosso autorrespeito; ele levava adiante a herança humana.*

Isso tudo está muito bem colocado. O senhor MacNeice, no livro ao qual já me referi, cita essa passagem e acrescenta, um tanto presunçosamente:

> *Dez anos mais tarde, protestos menos débeis seriam feitos por poetas e a herança humana, levada adiante de outro modo… Contemplar um mundo em pedaços se torna enfadonho, e os sucessores de Eliot estão mais interessados em deixar tudo limpo e arrumado.*

Comentários parecidos estão espalhados ao longo do livro do senhor MacNeice inteiro. Ele espera que acreditemos que os "sucessores" de Eliot (querendo dizer o senhor MacNeice e seus amigos) de alguma forma "protestaram" mais eficazmente do que protestou Eliot ao publicar *Prufrock* no momento em que os exércitos Aliados estavam atacando a

Linha Hindenburg. Exatamente onde tais "protestos" poderiam ser encontrados, desconheço. Mas no contraste entre o comentário do senhor Forster e as mentiras do senhor MacNeice repousa a diferença entre um homem que sabe como a guerra de 1914-1918 foi e um que mal se lembra dela. A verdade é que em 1917 não havia nada que um indivíduo pensante e sensível pudesse fazer além de permanecer humano, se possível. E um gesto de impotência, até de frivolidade, poderia ser o melhor modo de fazê-lo. Se eu tivesse sido um soldado combatendo na Grande Guerra, preferiria pôr as mãos em *Prufrock* a *The first hundred thousand*, de J. H. Beith, ou *Letters to the boys in the trenches*, de Horatio Bottomley. Tal como o senhor Forster, eu teria sentido que, simplesmente ao se manter indiferente e em contato com as emoções pré-guerra, Eliot estava levando adiante a herança humana. Que alívio teria sido, em tais circunstâncias, ler sobre as inseguranças de um intelectual de meia-idade a caminho da calvície! Tão diferente das investidas com baioneta! Depois das bombas e das filas por comida e dos cartazes de recrutamento, uma voz humana! Que alívio!

Mas, no fim, a guerra de 1914-1918 foi apenas um momento de pico em uma crise quase contínua. Atualmente, mal se precisa de uma guerra para demonstrar a desintegração da nossa sociedade e o crescente desamparo de todas as pessoas decentes. É por essa razão que eu considero justificada a atitude passiva e não cooperativa no trabalho de Henry Miller. Seja ou não uma expressão do que as pessoas *deveriam* sentir, provavelmente se aproxima da expressão do que elas *de fato* sentem. Mais uma vez, trata-se da voz humana em meio às bombas explodindo, uma voz americana amigável, "livre do espírito público". Nada de sermão, meramente a verdade subjetiva. E nesse sentido, aparentemente, ainda é possível que

um bom romance seja escrito. Não necessariamente um romance edificante, mas um que vale a pena ser lido e provavelmente será lembrado após a leitura.

Enquanto escrevo estas linhas, outra guerra irrompeu na Europa. Ela ou bem vai durar muitos anos e destruir a civilização ocidental, ou bem chegará ao fim de modo inconclusivo, e assim preparará o caminho para mais uma guerra, que, então, fará o trabalho de uma vez por todas. Mas guerra é só "paz intensificada". O que bastante claramente vai ocorrer, com ou sem guerra, é o colapso do capitalismo *laissez-faire* e da cultura cristã-liberal. Até recentemente, não se anteviam as implicações completas disso, porque de forma geral se supunha que o socialismo conseguiria preservar e até ampliar a atmosfera de liberalismo. Agora, começa-se a perceber como essa ideia era falsa. Com quase toda a certeza, nós estamos nos encaminhando para uma era de ditaduras totalitárias, uma era em que a liberdade de pensamento será, primeiro, um pecado mortal e, em seguida, uma abstração sem nenhum sentido. O indivíduo autônomo será banido para fora da existência. Mas isso significa que a literatura, na forma como a conhecemos, vai sofrer ao menos uma morte temporária. A literatura do liberalismo está chegando ao fim, e a literatura do totalitarismo ainda não surgiu e mal pode ser imaginada. Quanto ao escritor, ele está sentado sobre um *iceberg* derretendo: ele é apenas um anacronismo, uma ressaca da era burguesa, condenado tão certamente quanto o hipopótamo. Miller me parece um homem incomum porque ele enxergou e anunciou esse fato muito antes da maioria de seus contemporâneos; em uma época, na verdade, quando muitos deles estavam inclusive tagarelando sobre o renascimento da literatura. Wyndham Lewis dissera, muitos anos antes, que a história principal da língua inglesa estava

terminada, mas ele estava se baseando em razões diferentes e bastante triviais. Mas de agora em diante o fato mais importante para o escritor criativo será que este não é um mundo de escritores. Isso não significa que ele não possa ajudar a trazer para a existência uma nova sociedade, mas que ele não pode participar do processo *como escritor*. Pois, *como escritor*, ele é um liberal, e o que está acontecendo é a destruição do liberalismo. Parece provável, portanto, que, nos anos que restam de liberdade de expressão, qualquer romance que valha a pena ser lido seguirá em maior ou menor medida as linhas seguidas por Miller; não me refiro à técnica ou ao tema, mas ao ponto de vista adotado. A atitude passiva vai voltar, e será mais conscientemente passiva do que antes. Progresso e reação se transformaram em fraudes. Aparentemente, nada resta além de quietismo, despojar a realidade de seus terrores pela simples submissão a ela. Entrar na baleia ou, antes, admitir que você está dentro da baleia (pois você *está*, é claro). Entregar-se aos rumos do mundo, parar de lutar contra eles ou fingir que os controla; simplesmente aceitá-los, suportá-los, registrá-los. Essa parece ser a fórmula que qualquer romancista sensível vai provavelmente adotar. Um romance de traços mais positivos, "construtivos", e não emocionalmente simulado, é no momento muito difícil de se imaginar.

Quero eu com isso dizer que Miller é um "grande autor", uma nova esperança para a prosa em inglês? De jeito nenhum. O próprio Miller seria o último a alegar ou a desejar tal coisa. Sem dúvida, ele continuará escrevendo – qualquer um que tenha começado sempre continua escrevendo – e ligada a ele há uma quantidade de escritores de uma tendência bem parecida, Lawrence Durrell, Michael Fraenkel e outros, quase constituindo uma "escola". Mas ele mesmo parece a mim ser

um homem de um livro só. Minha expectativa é que cedo ou tarde ele decaia para a ininteligibilidade ou para o charlatanismo: já há sinais de ambos em seu trabalho mais recente. Seu último livro, *Trópico de capricórnio*, eu nem mesmo li. Não porque eu não quisesse, mas porque a polícia e as autoridades alfandegárias conseguiram até o momento impedir-me de conseguir um exemplar. Mas eu ficaria surpreso se ele chegasse aos pés de *Trópico de câncer* ou dos capítulos de abertura de *Primavera negra*. Como certos outros romancistas autobiográficos, ele tinha dentro de si fazer uma única coisa com perfeição, e ele a fez. Considerando-se como foi a ficção dos anos 1930, é notável.

Os livros de Miller são publicados pela Obelisk Press de Paris. O que acontecerá à editora Obelisk, agora que a guerra começou e Jack Kathane, o editor, está morto, eu não sei, mas, de qualquer forma, os livros ainda são encontráveis. Aconselho seriamente a quem ainda não o tenha feito que leia, ao menos, *Trópico de câncer*. Com alguma engenhosidade, ou pagando um pouco acima do preço de capa, você consegue um exemplar e, ainda que certas partes o enojem, elas ficarão em sua memória. Trata-se também de um livro "importante", em um sentido diferente daquele em que esta palavra é geralmente usada. Como regra, diz-se que romances são "importantes" quando são ou uma "acusação terrível" de uma coisa ou outra, ou quando apresentam alguma inovação técnica. Nenhum deles se aplica a *Trópico de câncer*. Sua importância é meramente sintomática. Aqui está, na minha opinião, o único escritor de prosa criativo e com um mínimo de valor a surgir entre as raças falantes de inglês nos últimos anos. Mesmo que se objete que esta afirmação é exagerada, provavelmente se poderá admitir que Miller é um escritor fora do comum e que vale mais do que uma espiada; e, afinal, ele é um escritor completamente negativo, desconstrutivo e amoral, um mero

Jonas, um aceitador passivo do mal, uma espécie de Whitman entre cadáveres. Sintomaticamente, isso é mais significativo do que o mero fato de que cinco mil romances são publicados na Inglaterra todos os anos, e 4.900 deles são bobagens. É uma demonstração da *impossibilidade* de qualquer literatura de vulto, até que o mundo tenha se acomodado a seu novo formato.

1940

Referência bíblica: *Números 22*. (N.T.)

Personagem apaixonado do poema satírico *O camarim da senhora*, do irlandês Jonathan Swift (1667-1745). (N.T.)

Típico rapaz rústico enamorado, personagem das *Éclogas* de Virgílio (70 a.C.-19 a.C.). (N.T.)

Poeta grego (310 a.C.-250 a.C.) considerado o fundador do estilo pastoral. (N.T.)

Na Índia colonial, título usado para dirigir-se a um europeu, uso depois estendido como forma de tratamento respeitosa e formal a qualquer homem. (N.T.)

Publicada em 1932. (N.A.)

Área residencial elegante em Londres. (N.T.)

Internato de elite, fundado em 1440, para meninos de 13 a 18 anos. (N.T.)

Polícia secreta soviética de 1923 a 1934. (N.T.)



Mina abaixo

Nossa civilização, com o devido respeito a Chesterton, é baseada em carvão[10] mais completamente do que nos damos conta, até que paramos para pensar nisso. As máquinas que nos mantêm vivos, e as máquinas que produzem máquinas, são todas direta ou indiretamente dependentes de carvão. No metabolismo do mundo ocidental, o minerador de carvão só perde em importância para o homem que semeia o solo. Ele é uma espécie de cariátide[11] sobre cujos ombros repousa quase tudo o que não é sujo. Por essa razão, o verdadeiro processo pelo qual o carvão é extraído é digno de observação, se você tiver oportunidade e estiver disposto a dar-se ao trabalho.

Quando se desce em uma mina de carvão, é importante tentar chegar à face de extração quando os “enchedores” estão trabalhando. Isso não é fácil, porque, quando a mina está em atividade, visitas incomodam e não são incentivadas; porém, se você chegar em qualquer outro momento, é possível que saia de lá com uma impressão totalmente errada. Em um domingo, por exemplo, uma mina parece ser quase pacífica. O momento de ir lá é quando as máquinas estão rugindo e o ar está escuro de poeira de carvão, e pode-se ver o que os mineiros têm de fazer. Nessas horas o lugar parece o inferno ou, pelo menos, a imagem mental que eu tenho do inferno. A

maior parte das coisas que se imagina existir no inferno está presente: calor, barulho, confusão, escuridão, ar viciado e, acima de tudo, um espaço insuportavelmente apertado. Tudo exceto as chamas, pois não há chama lá embaixo a não ser pelos débeis raios das lanternas Davy e dos maçaricos elétricos, que mal atravessam as nuvens de pó de carvão.

Quando finalmente chega lá – e chegar já é trabalhoso por si só, como explicarei em um instante –, você atravessa, rastejando, a última fila de estacas de apoio e vê à sua frente uma parede preta brilhante medindo entre noventa e cento e vinte centímetros. Essa é a face de extração. Acima, está o teto liso feito da rocha da qual o carvão foi cortado; abaixo, é rocha de novo, de modo que a galeria onde você está tem apenas a altura do veio de carvão em si, provavelmente não muito mais que um metro. A primeira impressão, que ofusca todo o resto por um período, é o estrondo contínuo, apavorante e ensurdecedor da correia transportadora que leva embora o carvão. Não se enxerga muito longe, porque a névoa de poeira reflete de volta a luz da lanterna, mas é possível ver, de cada lado, a fila de homens seminus ajoelhados, um a cada três ou quatro metros, enfiando as pás sob o carvão caído e lançando-o agilmente sobre o ombro esquerdo. Eles estão abastecendo a correia transportadora, uma esteira móvel de borracha com cerca de meio metro de largura que corre um ou dois metros atrás deles. Por essa correia flui constantemente um rio brilhante de carvão. Em uma mina grande, várias toneladas de carvão são transportadas por minuto. A correia transportadora leva o carvão até algum ponto das galerias principais, onde ele é lançado em carrinhos coletores que suportam meia tonelada; daí arrastados para elevadores-gaiola e içados para o mundo exterior.

É impossível observar os “enchedores” em atividade sem

sentir uma pontada de inveja por sua resistência. O trabalho que realizam é espantoso, quase sobre-humano pelos padrões de uma pessoa comum. Pois eles estão não só transferindo quantidades monstruosas de carvão, como fazendo isso em uma posição que duplica ou triplica o esforço. Eles precisam ficar ajoelhados todo o tempo – mal conseguiriam se levantar sem bater no teto – e, se você fizer uma tentativa, vai perceber rapidamente o esforço tremendo que isso implica. Escavar é relativamente fácil se você está de pé, pois pode usar o joelho e a coxa para direcionar a pá; ajoelhado, toda a tensão é jogada para os músculos dos braços e da barriga. E os demais aspectos tampouco facilitam as coisas. Há o calor – que varia, mas em algumas minas é sufocante – e a poeira de carvão, que penetra na garganta e nas narinas e se acumula nos cílios, e o barulho interminável da correia transportadora, que naquele espaço confinado se parece bastante com disparos de uma metralhadora. Mas os "enchedores" trabalham como se fossem de ferro. Eles têm mesmo a aparência do ferro, de estátuas de ferro forjado, por baixo da fina camada de pó de carvão que gruda neles da cabeça aos pés. É só quando vê os mineiros seminus lá embaixo na mina que você percebe os homens esplêndidos que eles são. A maioria é baixa (homens altos estão em desvantagem neste trabalho), mas quase todos têm o corpo mais nobre: ombros largos que se estreitam até a cintura fina e maleável, pequenos glúteos salientes e coxas fortes, sem um grama de carne sobrando em lugar nenhum. Nas minas mais quentes, eles usam cuecas leves, tamancos e joelheiras; nas mais quentes de todas, só tamancos e joelheiras. Só de olhar para eles, dificilmente seria possível saber se são jovens ou velhos. Podem ter qualquer idade, até 60 ou 65, mas, quando estão enegrecidos e nus, parecem todos idênticos. Ninguém poderia executar essa atividade se não tivesse o corpo de um jovem, e tão adequado para ela quanto o de um

soldado para a Guarda Real britânica; uns poucos gramas de gordura acumulados na cintura já tornariam impossíveis as constantes inclinações. Uma vez que tenha visto esse espetáculo, você jamais o esquece: a fileira de corpos curvados e ajoelhados, totalmente cobertos de fuligem, manuseando pás enormes sob o carvão com força e velocidade estupendas. Eles trabalham por sete horas e meia, em teoria sem pausa, pois não há intervalo de descanso. Na verdade, eles surrupiam um quarto de hora, mais ou menos, em algum momento do turno, para comer a refeição que trouxeram – normalmente, um filão de pão encharcado em gordura e uma garrafa de chá gelado. Da primeira vez que estive observando o trabalho dos "enchedores", apoiei a mão sobre uma coisa horrivelmente viscosa no meio da fuligem. Era um naco de tabaco mastigado. Quase todos os mineiros mascam tabaco, o qual, segundo dizem, é bom para combater a sede. Provavelmente, você precisará descer a diversas minas de carvão antes de conseguir apreender a maior parte dos processos acontecendo ao seu redor. Isso ocorre principalmente porque o mero esforço de se deslocar de um lugar ao outro dificulta muito notar qualquer outra coisa. Em certos aspectos é até decepcionante ou, no mínimo, é diferente do que você esperava. Entra-se na gaiola, que é uma caixa de aço com a largura de uma cabine telefônica e duas ou três vezes seu comprimento. Ela aguenta dez homens apertados como sardinhas em lata, e um sujeito alto não consegue ficar ereto. A porta de aço se fecha sobre sua cabeça, e alguém no comando das engrenagens lá em cima joga você no vazio. Sente-se por um momento aquele tradicional frio na barriga e pressão nos ouvidos, mas não se nota muito o movimento em si, até que se chega ao fundo, quando então a gaiola desacelera tão abruptamente que você poderia jurar que ela está subindo de novo. Durante o percurso, a gaiola provavelmente atinge cem quilômetros por

hora; em algumas das minas mais profundas, até mais. Quando, ao chegar ao fundo, você se arrasta para fora, está a quase quatrocentos metros de profundidade. Isso equivale a dizer que há uma montanha de tamanho razoável acima de você; centenas de metros de rocha sólida, ossos de animais extintos, terra, sílex, raízes de coisas que crescem, capim verde e vacas pastando nele – tudo isso suspenso acima da sua cabeça e sustentado apenas por estacas de madeira da espessura da sua panturrilha. Mas, por causa da velocidade em que a gaiola foi levada para baixo e da completa escuridão em que viajou, você mal sente estar a uma profundidade maior do que a da estação Piccadilly do metrô.

O que de fato surpreende, em contrapartida, é a imensidão das distâncias horizontais que precisam ser percorridas no subsolo. Antes de ter descido a uma mina, eu imaginava vagamente que o mineiro saía da gaiola e começava a trabalhar em um veio de carvão a poucos metros dali. Não havia me dado conta de que, antes de chegar ao local de trabalho, ele pode ter precisado se arrastar por uma distância tão grande quanto a que separa London Bridge de Oxford Circus. É claro que, no começo, o poço que leva à mina é escavado em um ponto próximo ao veio de carvão. Porém, conforme esse veio se esgota e novos passam a ser explorados, o local de trabalho vai ficando cada vez mais longe. Um quilômetro e meio da base do poço até a face de extração é provavelmente a distância-padrão; 4.800 quilômetros ainda é bastante normal; e dizem que em algumas poucas minas o percurso atinge oito quilômetros. Mas essas distâncias não têm semelhança com aquelas acima, na superfície. Pois, ao longo de sejam lá quantos forem os quilômetros, mal existe qualquer lugar fora da galeria principal, e mesmo nela não muitos, onde um homem consiga ficar reto de pé.

Você não nota o efeito disso até haver percorrido algumas centenas de metros. Curvando-se ligeiramente, você começa a descer a galeria mal iluminada, de dois ou três metros de largura, um e meio de altura, e paredes feitas de placas de xisto como as de Derbyshire. A cada um ou dois metros ficam as estacas de madeira que sustentam as travas e vigas mestras; algumas vigas cederam, formando curvas fantásticas sob as quais você precisa passar abaixado. Em geral, o chão sob seus pés também é ruim, com poeira grossa ou pedaços pontudos de xisto e, nas minas onde há água, lamacento como um pátio de fazenda. Há também os trilhos dos carrinhos coletores, como uma ferrovia em miniatura, com dormentes a cada trinta ou sessenta centímetros, sobre os quais é cansativo andar. Tudo é cinzento pelo pó de xisto e paira um cheiro poeirento, cáustico, que parece ser o mesmo em todas as minas. Surgem máquinas misteriosas cuja função você nunca aprenderá, trouxas de ferramentas amarradas juntas em fios e, de vez em quando, ratos fugindo em disparada da luz das lanternas. Eles são surpreendentemente comuns, em especial nas minas onde há ou houve cavalos. Seria interessante saber como eles foram parar lá; possivelmente, caindo no poço, pois dizem que um rato pode cair de qualquer altura sem se ferir, graças à sua área de superfície ser tão grande em relação a seu peso. Você se pressiona contra a parede para dar passagem a fileiras de carrinhos, que trepidam lentamente rumo ao poço, puxados por infinitos cabos de aço operados a partir da superfície. Você se arrasta através de cortinas de saco de aniagem e portas de madeira grossa que, quando abertas, liberam correntes de ar violentas. Essas portas são parte importante do sistema de ventilação. O ar viciado é sugado para fora de um poço por meio de ventiladores, e o ar fresco entra automaticamente por outro. Porém, se deixado por conta própria, o ar sai pelo caminho mais curto, deixando sem ventilação os locais de

trabalho mais profundos; assim, todos os atalhos precisam ser isolados.

No começo, andar curvado é divertido, mas a graça acaba logo. Sou prejudicado por ser excepcionalmente alto, mas, quando o teto baixa para um metro e vinte ou menos, fica difícil para qualquer um que não seja criança ou anão. Você não apenas tem de se curvar duas vezes mais, precisa também manter a cabeça erguida o tempo todo, de modo a ver as traves e vigas e desviar-se delas quando surgem. Você sente, portanto, uma cãibra constante na nuca, mas isso não é nada comparado à dor nos joelhos e coxas. Depois de oitocentos metros, torna-se, e não estou exagerando, uma agonia insuportável. Você começa a se perguntar se em algum momento chegará ao fim e, pior ainda, como diabos fará o caminho de volta. Seu ritmo se torna cada vez mais lento. Chega-se a um estirão de algumas centenas de metros onde tudo é excepcionalmente baixo, e você precisa avançar agachado. Então, de repente, o teto se abre e alcança uma altura misteriosa, palco de um antigo desmoronamento, provavelmente, e durante dezoito metros inteirinhos você consegue andar com as costas retas. O alívio é impressionante. Mas depois disso vêm outros dezoito metros muito baixos, e na sequência uma sucessão de travas que você precisa atravessar por baixo. Você fica de quatro e até isso é um alívio, depois de andar de cócoras. Mas, quando chega ao fim da sequência de travas e tenta se levantar de novo, descobre que seus joelhos estão temporariamente travados e se recusam a sustentá-lo. Envergonhado, pede uma pausa e diz que gostaria de descansar por um ou dois minutos. Seu guia, um mineiro, é solidário. Ele sabe que seus músculos não são como os dele. “Só mais trezentos e sessenta metros”, ele diz, para encorajá-lo; você sente que daria no mesmo se ele tivesse dito trezentos

e sessenta quilômetros. Mas por fim você consegue de algum jeito se arrastar até a face de extração. Você percorreu um quilômetro e meio e gastou quase uma hora; um mineiro faria o mesmo em cerca de vinte minutos. Lá chegando, você precisa deitar-se para recuperar as forças e passa vários minutos esparramado na poeira de carvão antes de conseguir observar o trabalho em andamento com um mínimo de discernimento.

Voltar é pior do que ir, não só porque você já está exausto, mas porque o caminho de retorno ao poço é ligeiramente em aclive. Você cruza os trechos baixos na velocidade de uma tartaruga, e agora não sente nenhuma vergonha ao pedir uma pausa, quando seus joelhos pifam. Até a lanterna que carrega se torna um fardo e provavelmente, ao tropeçar, vai deixá-la cair; portanto, se for uma Davy, vai se apagar. Passar por baixo das vigas se torna mais e mais custoso, e às vezes você se esquece de se abaixar. Você experimenta andar de cabeça baixa como os mineiros, mas então bate as costas. Até os próprios mineiros batem as costas com relativa frequência. É por essa razão que, nas minas muito quentes, onde é preciso transitar seminu, a maioria deles tem o que eles chamam de "botões nas costas", ou seja, cicatrizes permanentes em cada vértebra. Quando o caminho é em descida, os mineiros às vezes encaixam os tamancos (que têm solas ocas) aos trilhos dos carrinhos, e escorregam para baixo. Nas minas onde a "viagem" é muito ruim, todos os mineiros levam bastões de setenta a oitenta centímetros, vazados abaixo da empunhadura. Nos lugares normais, você mantém a mão no alto do bastão e, nos pontos mais baixos, desliza a mão para baixo até o buraco. Esses bastões são uma grande ajuda, e os capacetes de proteção de madeira, uma invenção relativamente recente, são uma bênção. Eles parecem um capacete de aço francês ou

italiano, mas são feitos de um tipo de cortiça e muito leves, e tão resistentes que você pode receber um golpe violento na cabeça e nem sentir. Quando por fim volta à superfície, você esteve no subterrâneo por talvez três horas e percorreu pouco mais de três quilômetros, e está mais exausto do que ficaria após uma caminhada de quarenta quilômetros na superfície. Ao longo da semana seguinte, suas coxas estão tão endurecidas que descer escadas é um feito complicado; você precisa descer de um modo oblíquo peculiar, sem dobrar os joelhos. Seus amigos mineiros notam a rigidez dos seus passos e caçoam de você. ("Que tal ir trabalhar lá embaixo, hein?", etc.) Até mesmo um mineiro que tenha ficado bastante tempo afastado do trabalho – por doença, por exemplo –, quando volta à mina, sofre muito nos primeiros dias.

Pode parecer que estou exagerando, embora provavelmente ninguém que tenha estado em uma mina antiga (a maioria das minas na Inglaterra é antiga) e chegado até a face de extração do carvão diria isso. Mas o que quero enfatizar é isto: todo esse negócio assustador de se arrastar de um lado a outro, que para qualquer pessoa normal constituiria por si só um dia de trabalho árduo, não é absolutamente parte do trabalho do mineiro; é apenas um extra, como o trajeto diário de metrô que o trabalhador urbano faz. O mineiro faz todo esse percurso de ida e de volta e ensanduichado entre ambos estão sete horas e meia de trabalho cruel. Eu nunca viajei muito além de um quilômetro e meio até a face de extração, mas com frequência a distância é três vezes maior, caso em que eu, e a maioria das pessoas exceto os mineiros, jamais conseguiríamos nem mesmo chegar lá. Esse é um aspecto que se pode facilmente deixar escapar. Quando pensa em minas de carvão, você pensa em profundidade, calor, escuridão, figuras enegrecidas perfurando paredes de carvão com picaretas; você não pensa,

necessariamente, naqueles quilômetros percorridos de cócoras. E há também a questão do tempo. O turno de sete horas e meia de um mineiro não parece assim tão longo, mas é preciso acrescentar a isso ao menos uma hora por dia de "viagem", com mais frequência duas horas, às vezes três. É claro que tecnicamente a "viagem" não é trabalho, e o mineiro não é remunerado por ela; mas é tão parecida com trabalho que na prática não faz diferença. É fácil dizer que os mineiros não se importam com tudo isso. Com certeza, não é para eles o mesmo que seria para você ou para mim. Eles fazem isso desde a infância, os músculos certos se enrijeceram, e eles conseguem mover-se nas profundezas com uma agilidade espantosa e quase assustadora. Um mineiro baixa a cabeça e sai correndo em longas passadas ondulantes por lugares onde eu mal consigo cambalear. Quando estão em atividade, você os vê de quatro, contornando as estacas quase como cães. Mas é um erro imaginar que eles se divertem. Conversei sobre isso com dezenas de mineiros e todos eles admitem que a "viagem" é estafante; tanto é que, quando você os escuta conversar entre si sobre uma mina, a "viagem" é sempre um dos assuntos. Diz-se que a volta para casa é sempre mais rápida do que a ida para o trabalho; no entanto, todos os mineiros afirmam que o caminho de regresso, depois de um dia de trabalho duro, é particularmente penoso. É parte da atividade deles, e eles estão à altura dela, mas certamente se trata de um esforço. Pode ser comparado, talvez, à escalada de uma pequena colina antes e depois do seu dia de trabalho.

Depois de ter estado em duas ou três minas, você começa a ter alguma compreensão dos processos que ocorrem no subterrâneo. (Devo dizer, aliás, que não sei nada de nada sobre o aspecto técnico da mineração: estou meramente descrevendo o que vi.) O carvão se encontra em filões estreitos entre

enormes camadas de rocha, de modo que, em essência, o processo de obtê-lo é como o de servir-se da camada central de um sorvete napolitano. No passado, os mineiros costumavam talhar diretamente o carvão, usando picareta e pé de cabra; um trabalho bem vagaroso porque o carvão, em seu estado virgem, é quase tão duro quanto rocha. Hoje em dia, o trabalho preliminar é realizado por um cortador elétrico que, grosso modo, é uma serra de fita muitíssimo resistente e potente, que circula na vertical em vez de na horizontal, com dentes medindo alguns centímetros e tendo uma polegada ou polegada e meia de espessura. O cortador elétrico pode mover-se para a frente ou para trás sozinho, e os homens que o operam conseguem controlar a rotação. Ele produz um dos ruídos mais horríveis que já ouvi e lança nuvens de poeira de carvão que tornam impossível enxergar além de cinquenta centímetros ou um metro, e quase impossível respirar. A máquina é movida ao longo da face de extração e corta a base do veio, assim enfraquecendo um metro e meio ou dois do carvão; depois disso, é relativamente fácil extrair o carvão até a profundidade à qual ele foi minado. Nos pontos em que, apesar disso, o carvão é "difícil de sair", ele precisa ser solto também com explosivos. Um homem com uma perfuratriz elétrica, ou antes uma versão em miniatura das britadeiras que consertam ruas, faz furos intervalados no carvão, insere pólvora, veda com argila, recua até um canto se existe algum nas proximidades (é suposto que ele se afaste vinte e dois metros) e aciona a descarga de corrente elétrica. O objetivo disso não é extrair o carvão, apenas fazê-lo soltar-se. É claro que ocasionalmente a descarga é forte demais, e então ela não apenas traz o carvão para fora como traz também o teto para baixo.

Depois da detonação, os "enchedores" podem rolar o carvão

para fora, parti-lo e jogá-lo com as pás na correia transportadora. Eles saem primeiro em pedras monstruosas, que podem pesar até vinte toneladas. A correia os joga nos carrinhos coletores, e esses carrinhos são empurrados para a galeria principal e engatados a um cabo de aço que circula interminavelmente e os arrasta até a gaiola, de onde são içados. Na superfície, o carvão é classificado ao ser passado por várias peneiras e, se preciso, é lavado também. Na medida do possível, a "sujeira", ou seja, o xisto, é usado para fazer as galerias lá embaixo. Tudo que não pode ser aproveitado é mandado para a superfície e descartado; daí vêm as enormes pilhas de lixo, como montanhas cinzentas hediondas, que são partes típicas da paisagem em áreas de mineração de carvão. Quando o carvão foi extraído até a profundidade cortada pela máquina, a face de extração avançou um metro e meio. Novas estacas são instaladas para sustentar o teto recentemente exposto, e durante o turno seguinte a correia transportadora é despontada, movida adiante um metro e meio e remontada. Na medida do possível, as três operações (cortar, detonar e extrair) são feitas em três turnos distintos, o corte à tarde, a explosão à noite (existe uma lei, nem sempre cumprida, que proíbe detonações quando há outros homens trabalhando por perto) e pela manhã o "enchimento", que dura das seis horas às treze e trinta.

Mesmo que pare para observar o processo de extração do carvão, você provavelmente fará isso apenas por um breve período, e é só quando começar a fazer contas que vai perceber a tarefa extraordinária que os "enchedores" estão executando. Normalmente, cada homem precisa limpar um espaço medindo de três metros e meio a quatro metros e meio de largura. O cortador elétrico debilitou o carvão até um metro e meio de profundidade; assim, se o veio de carvão tiver

por volta de um metro de altura, cada homem tem que cortar, quebrar e jogar na esteira de transporte algo entre cinco e nove metros cúbicos de carvão. Considerando que o metro cúbico de carvão pesa, arredondando, 1.800 quilos, isso significa dizer que cada homem desloca quase duas toneladas de carvão por hora. Tenho suficiente experiência com picareta e pá para apreender o significado disso. Quando estou cavando valas no meu jardim, se eu movimento duas toneladas de terra durante a tarde, sinto que fiz por merecer minha xícara de chá. Mas a terra é uma coisa dócil quando comparada ao carvão, eu não preciso trabalhar ajoelhado, trezentos metros abaixo do solo, em um calor sufocante e engolindo pó de carvão toda vez que respiro; nem preciso andar mais de um quilômetro e meio, curvado ao meio, antes de começar. O trabalho do mineiro estaria tão além da minha capacidade quanto fazer acrobacias em um trapézio ou vencer a competição nacional de hipismo na corrida de obstáculos. Não sou um trabalhador braçal e queira Deus que nunca me torne, mas há certos tipos de trabalho manual que eu poderia fazer, se precisasse. Poderia ser um gari razoável, um jardineiro algo ineficiente ou um ajudante de décima categoria em uma fazenda. Mas com nenhuma dose concebível de esforço ou treinamento eu poderia me tornar um mineiro de carvão; o trabalho me mataria em poucas semanas.

Ao observar mineiros em ação, você percebe momentaneamente os universos distintos que as pessoas habitam. Lá embaixo, onde o carvão é escavado, existe uma espécie de mundo à parte do qual se pode facilmente passar a vida sem ouvir falar. No entanto, ele é uma contrapartida absolutamente necessária ao nosso mundo aqui em cima. Praticamente tudo o que fazemos, de comer a cruzar o Atlântico, de assar pão a escrever um romance, envolve o uso

direto ou indireto de carvão. Para todas as artes da paz, precisa-se de carvão; se a guerra estoura, precisa-se ainda mais. Em tempos de revolução, o mineiro precisa continuar trabalhando ou a revolução chega ao fim, pois tanto a revolução quanto a reação precisam de carvão. O que quer que esteja acontecendo na superfície, a extração e a remoção precisam continuar sem pausa ou, pelo menos, sem uma pausa maior do que poucas semanas, no máximo. Para que Hitler possa marchar naquele passo de ganso, para que o papa possa denunciar o bolchevismo, os torcedores de críquete possam se reunir em estádios e os poetas possam alisar as costas uns dos outros, o carvão precisa continuar chegando. Mas no geral não temos ciência disso; todos sabemos que "precisamos de carvão", mas raramente ou nunca nos lembramos do que está envolvido em sua obtenção. Cá estou eu sentado em frente à minha aconchegante lareira a carvão. Estamos em abril, mas ainda preciso de fogo. Uma vez a cada quinze dias, a carroça de carvão passa aqui na porta e homens em jaquetas de couro trazem o carvão para dentro, em sacos grandes que cheiram a alcatrão, e o despejam com ruído do depósito sob a escada. É muitíssimo raro, apenas quando faço um esforço mental decidido, que consigo relacionar esse carvão com o trabalho nas lonjuras das minas. É só "carvão" – algo que preciso ter; uma coisa preta que chega misteriosamente de nenhum lugar específico, como um maná, exceto que pelo carvão é preciso pagar. Com toda a facilidade você poderia dirigir pelo norte da Inglaterra e jamais, nem uma só vez, lembrar que, centenas de metros abaixo da estrada onde você está, mineiros estão extraindo carvão. Apesar disso, de certa forma são eles que estão movimentando o seu carro para a frente. O mundo iluminado por lâmpadas lá embaixo é tão necessário ao mundo ensolarado da superfície quanto uma raiz é para a flor.

Não faz muito tempo que as condições nas minas eram piores do que agora. Ainda estão vivas umas poucas mulheres muito velhas que, na juventude, trabalharam no subterrâneo, com arreios na cintura e uma corrente entre as pernas, que rastejavam de quatro puxando carrinhos coletores de carvão. Elas costumavam fazer isso mesmo quando estavam grávidas. E mesmo agora, se o carvão não pudesse ser extraído sem que mulheres grávidas rastejassem de um lado a outro, tenho a impressão de que preferiríamos deixá-las fazer isso a nos privar de carvão. Mas na maior parte do tempo, claro, nós preferiríamos esquecer que elas estavam fazendo isso. Assim é com todos os tipos de trabalho manual; ele nos mantêm vivos e nós nos esquecemos de sua existência. Talvez mais do que qualquer outra pessoa, o mineiro é o trabalhador braçal clássico, não apenas por seu trabalho ser desmesuradamente horrível, mas também por ser tão vitalmente necessário e ainda assim tão distante da nossa experiência, tão invisível, como era, que somos capazes de nos esquecer dele como do sangue em nossas veias. De certa forma, é até humilhante observar mineiros de carvão trabalhando. Provoca em você uma dúvida momentânea sobre seu *status* de "intelectual" e de pessoa superior de forma geral. Porque ao observá-los ocorre a você, ao menos durante a observação, que é somente porque aqueles mineiros suam e se esfalfam que pessoas superiores podem permanecer superiores. Você, eu, o editor do suplemento literário do *Times*, os poetas e o arcebispo de Canterbury e o Camarada X, autor de *Marxismo para crianças*, todos nós *realmente* devemos a relativa decência da nossa vida aos pobres trabalhadores subterrâneos de olhos enegrecidos e garganta impregnada de pó, que manejam as pás com seus músculos de aço nos braços e abdome.

1937

Segundo o escritor inglês G. K. Chesterton (1874-1936), "a civilização é baseada em abstrações". (N.T.)

Em arquitetura, escultura em forma de figura feminina que substitui uma coluna e sustenta a parte superior da construção. (N.T.)



Inglaterra, sua Inglaterra

1

Enquanto escrevo, seres humanos extremamente civilizados estão sobrevoando minha cabeça, tentando me matar.

Eles não sentem nenhuma animosidade contra mim enquanto indivíduo, tampouco eu contra eles. Estão apenas "fazendo seu trabalho", como se diz. A maioria, não tenho dúvida, é de homens bondosos e cumpridores da lei e jamais pensaria em cometer um assassinato em sua vida privada. No entanto, se algum deles obtiver sucesso em me fazer em pedacinhos pela explosão de uma bomba bem lançada, também não há de dormir pior por isso. Ele está servindo a seu país, e isso tem o poder de absolvê-lo do mal.

Não se pode entender o mundo moderno a menos que se reconheça a força esmagadora do patriotismo, da lealdade nacional. Em dadas circunstâncias ele pode esfriar, em certos níveis de civilização ele não existe, mas como força *positiva* não existe nada equivalente. A cristandade e o socialismo internacional são fracos como palha em comparação a ele. Hitler e Mussolini chegaram ao poder nos respectivos países, em grande medida, porque conseguiram entender esse fato, e seus oponentes, não.

Além disso, é preciso admitir que as separações entre uma nação e outra se fundamentam em diferenças reais de perspectiva. Até recentemente, considerava-se adequado fingir que todos os seres humanos são muito parecidos, mas na verdade qualquer um capaz de usar os olhos sabe que o comportamento humano médio difere enormemente de país para país. Coisas que poderiam acontecer em um não poderiam acontecer em outro. O expurgo que Hitler promoveu em junho, por exemplo, não poderia ter ocorrido na Inglaterra. E, no que diz respeito aos povos ocidentais, os ingleses são altamente diversos. Há uma espécie de admissão indireta desse fato no desgosto que quase todos os estrangeiros sentem pelo nosso estilo de vida nacional. Poucos europeus suportam viver na Inglaterra, e mesmo norte-americanos com frequência se sentem mais em casa na Europa.

Quando você volta para a Inglaterra vindo de qualquer país estrangeiro, tem imediatamente a sensação de respirar um ar diferente. Já nos primeiros minutos dúzias de pequenas coisas conspiram para provocar essa sensação. A cerveja é mais amarga, as moedas são mais pesadas, a grama é mais verde, as propagandas são mais espalhafatosas. As multidões nas grandes cidades, com seus rostos encaroçados, dentes ruins e modos gentis, são diferentes das multidões europeias. Em seguida a vastidão da Inglaterra o engole, e por um momento você perde a sensação de que o país inteiro tem um único caráter identificável. Existem mesmo essas coisas, as nações? Não seremos quarenta e seis milhões de indivíduos, todos diferentes? E a variedade, o caos! O bater de tamancos nas cidades fabris do condado de Lancashire, o vaivém dos caminhões na Great North Road entre a Inglaterra e a Escócia, as filas nas agências públicas de emprego, os barulhos dos fliperamas nos *pubs* do Soho, as velhas empregadas indo de

bicicleta receber a Sagrada Eucaristia em meio à névoa matutina de outono – todos esses não são apenas fragmentos, mas fragmentos *característicos* da paisagem da Inglaterra. Como é possível estabelecer um padrão a partir de tamanha desordem?

Mas converse com estrangeiros, leia livros ou jornais estrangeiros, e você é jogado de volta àquele pensamento. Sim, existe *algo* distinto e diferenciável na civilização inglesa. É uma cultura tão singular quanto a espanhola, unida de alguma forma por cafés da manhã pesados e domingos sombrios, cidades enfumaçadas e estradas sinuosas, campos verdejantes e pilares de correio vermelhos. Tem um sabor próprio. Além disso, é contínua, estende-se ao futuro e ao passado, há algo nela que persiste, como em uma criatura viva. O que a Inglaterra de 1940 pode ter em comum com a Inglaterra de 1840? Da mesma forma, o que você tem em comum com aquela criança de cinco anos cuja fotografia sua mãe mantém na lareira? Nada, exceto que por acaso vocês são a mesma pessoa.

Acima de tudo, esta é a *sua* civilização, ela é *você*. Por mais que você a odeie ou zombe dela, jamais será feliz se ficar longe por muito tempo. O pudim de rins de carneiro e os pilares de correio vermelhos penetraram na sua alma. Bem ou mal, este país é seu, você pertence a ele e, deste lado da cova, você nunca vai se livrar das marcas que ele lhe fez.

Ao mesmo tempo, a Inglaterra, bem como o resto do mundo, está mudando. E, como qualquer outra coisa, ela só pode mudar em determinadas direções, e elas, até certo ponto, podem ser antevistas. Isso não quer dizer que o futuro está dado, apenas que certas alternativas são possíveis e que outras não são. Uma semente pode brotar ou não, mas, seja como for, de um nabo não nasce uma cenoura. Portanto, é da mais

profunda importância testar e determinar o que a Inglaterra *é*, antes de adivinhar que papel ela *pode desempenhar* nos eventos colossais que estão ocorrendo.

2

Não é fácil definir características nacionais e, uma vez definidas, elas com frequência são trivialidades ou aparentam não ter conexão entre si. Os espanhóis são cruéis com os animais, os italianos não conseguem fazer nada sem produzir um barulho ensurdecedor, os chineses são viciados em apostas. Obviamente, essas coisas não têm importância por si mesmas. Ainda assim, nada é sem razão, e até o fato de os ingleses terem dentes ruins pode contar alguma coisa sobre as realidades da vida na Inglaterra.

Aqui vão algumas generalizações que seriam aceitas por quase todos os observadores. A primeira é que os ingleses não são artisticamente dotados. Eles não são musicais como os alemães ou os italianos, e a pintura e a escultura nunca floresceram na Inglaterra como floresceram na França. Outra é que, em comparação aos europeus, os ingleses não são intelectuais. Eles têm horror ao pensamento abstrato, não sentem necessidade de nenhuma filosofia ou de uma "visão de mundo" sistematizada. Tampouco isso se dá por eles serem "práticos", conforme tão orgulhosamente gostam de alegar sobre si. Basta olhar para seus métodos de planejamento urbano ou de fornecimento de água, sua obstinação a preservar tudo que é ultrapassado e incômodo, para uma ortografia que desafia qualquer análise, e um sistema de pesos e medidas só inteligível para colecionadores de livros de aritmética, para perceber quão pouco se importam com a simples eficiência. Mas eles têm certa capacidade de agir sem pensar antes. Sua famosa hipocrisia – a atitude dúbia em relação ao império, por

exemplo – é baseada nisso. Além disso, em momentos de crise aguda, a nação inteira pode de repente se unir e agir com base em uma espécie de instinto, na verdade um código de conduta compreendido por quase todo mundo, apesar de nunca formulado. A frase que Hitler cunhou sobre os alemães, "um povo sonâmbulo", teria sido mais bem aplicada aos ingleses. Não que haja nada de que se orgulhar em ser chamado de sonâmbulo.

Mas vale a pena mencionar uma pequena peculiaridade inglesa que é muito acentuada, embora não muito comentada: o amor pelas flores. Essa é uma das primeiras coisas que se notam quando se chega à Inglaterra vindo do exterior, especialmente quando se vem da parte sul da Europa. Isso não contradiz a indiferença inglesa pelas artes? Na verdade, não, porque ele é encontrado em pessoas que não têm nenhuma sensibilidade estética. Aquilo a que este amor se liga de fato é outro traço inglês característico, tão parte de nós que mal o notamos, que é o vício em passatempos e ocupações para os momentos livres, a *privacidade* da vida inglesa. Somos uma nação de amantes de flores, mas também uma nação de colecionadores de selos, aficionados a pombos, carpinteiros amadores, cortadores de cupons promocionais, jogadores de dardos, fãs de palavras cruzadas. Tudo que há de mais verdadeiramente nativo na cultura está concentrado ao redor de coisas que, mesmo quando comunais, não são oficiais: o *pub*, a partida de futebol, o jardim dos fundos, a lareira e "uma boa xícara de chá". Ainda se acredita na liberdade do indivíduo, quase como no século XIX.

Mas isso não tem nada a ver com liberdade econômica, com o direito de explorar terceiros para lucrar. É a liberdade de ter a sua casa, fazer o que quiser no seu tempo livre e escolher os próprios passatempos, em vez de tê-los escolhidos, em seu

nome, por alguém acima de você. Para ouvidos ingleses, a palavra mais detestável é “enxerido”. É óbvio que mesmo essa liberdade puramente particular é uma causa perdida. Como todos os outros povos modernos, os ingleses estão no processo de serem numerados, rotulados, alistados, “coordenados”. Mas a força de seus impulsos vai em outra direção, e o tipo de recrutamento que pode ser imposto sobre eles será alterado, em consequência. Nada de comícios partidários, Movimento Jovem, camisas coloridas, espancamento de judeus nem demonstrações “espontâneas”. Nada de Gestapo também, com toda a probabilidade.

Em todas as sociedades, porém, as pessoas comuns precisam em alguma medida viver *contra* a ordem vigente. A cultura genuinamente popular da Inglaterra existe sob a superfície, é não oficial e relativamente malvista pelas autoridades. Uma coisa que se observa, ao se olhar diretamente para as pessoas comuns, em especial nas grandes cidades, é que elas não são puritanas. São apostadoras inveteradas, bebem tanto quanto seus salários permitem, dedicam-se a piadas obscenas e usam provavelmente a linguagem mais porca do mundo. Elas precisam satisfazer essas necessidades em face de leis espantosas e hipócritas (leis de licenciamento, leis da loteria, etc., etc.), que são feitas para interferir em tudo, mas na prática permitem que tudo aconteça. Além do mais, as pessoas comuns não possuem uma crença religiosa definida, e assim têm sido por séculos. A Igreja Anglicana nunca as dominou de fato, foi sempre uma salvaguarda da nobreza latifundiária, e as seitas não conformistas influenciaram apenas as minorias. Mesmo assim, as pessoas comuns ainda retiveram um matiz profundamente cristão, ao mesmo tempo que quase se esqueceram do nome de Cristo. A adoração ao poder, que é a nova religião da Europa e que infectou a *intelligentsia* inglesa,

nunca atingiu as pessoas comuns. Elas nunca acompanharam a política do poder. O "realismo" defendido nos jornais japoneses e italianos lhes causaria horror. Pode-se aprender um bocado sobre o espírito inglês a partir dos postais cômicos coloridos exibidos nas vitrines das papelarias baratas. Essas coisas são uma espécie de diário em que o povo inglês inconscientemente registrou a si mesmo. A aparência antiga, as gradações de esnobismo, a mescla de obscenidade e hipocrisia, a extrema gentileza, a atitude profundamente moral diante da vida, está tudo refletido ali.

A gentileza da civilização da Inglaterra é talvez sua característica mais marcante. Você nota isso no instante em que põe os pés em solo inglês. É uma terra onde os motoristas de ônibus têm bom gênio e os policiais não carregam revólveres. Em nenhum outro país habitado por homens brancos é mais fácil empurrar alguém para fora da calçada. E isso leva a algo sempre descrito por observadores europeus como "decadência" ou hipocrisia, o ódio inglês à guerra e ao militarismo. Esse ódio tem raízes históricas profundas e é forte tanto na classe média baixa quanto na classe trabalhadora. Guerras sucessivas o abalaram, mas não destruíram. Bem viva na memória está a lembrança de os "casaca-vermelhas[12]" serem vaiados nas ruas, e de os proprietários de lugares respeitáveis se recusarem a admitir soldados em suas propriedades. Em tempos de paz, mesmo havendo dois milhões de desempregados, é difícil preencher as fileiras do diminuto exército permanente, que é abastecido de oficiais pelos latifundiários e por um estrato especializado da classe média, e de soldados rasos por trabalhadores rurais e proletários de cortiços. O povo não tem conhecimento nem tradição militar, e sua atitude em relação à guerra é invariavelmente defensiva. Nenhum político conseguiria

chegar ao poder prometendo-lhes conquistas ou "glórias" militares, e nenhum Hino de Ódio jamais os atraiu. Na última guerra, as canções que os soldados inventavam e cantavam, por iniciativa própria, não eram vingativas, e sim bem-humoradas, comicamente derrotistas[13]. O único inimigo que eles alguma vez nomearam foi o subtenente.

Na Inglaterra, toda demonstração de orgulho e agitação de bandeira, todo aquele negócio de "Rule Britannia[14]", é executado por pequenas minorias. O patriotismo das pessoas comuns não é verbal, nem mesmo consciente. Elas não guardam em suas lembranças históricas o nome de uma única vitória militar. A literatura inglesa, como a de outras nacionalidades, é repleta de poemas de batalhas, mas vale a pena notar que os que conquistaram alguma popularidade são sempre os que relatam derrotas e recuos. Não há poemas populares sobre Trafalgar[15] ou Waterloo[16], por exemplo. O exército de Sir John Moore, na Corunha espanhola, combatendo desesperadamente em uma ação de retaguarda antes de escapar por mar (exatamente como em Dunquerque!), tem mais apelo do que uma vitória brilhante. Em inglês, o poema de batalha mais envolvente é sobre uma brigada de cavalaria que avançou na direção errada. E, quanto à última guerra, os quatro nomes que realmente se inscreveram na memória popular são Mons, Ypres, Gallipoli e Passchendaele, desastres todas as vezes[17]. Os nomes dos grandes combates que finalmente derrotaram os exércitos alemães são simplesmente desconhecidos do público geral.

A razão pela qual o antimilitarismo inglês desagrada aos observadores estrangeiros é que o antimilitarismo ignora a existência do Império Britânico. Parece franca hipocrisia. Afinal, os ingleses incorporaram um quarto da Terra e o mantiveram por meio de uma marinha enorme. Como então

eles se atrevem a dar as costas e dizer que a guerra é perversa?

É bem verdade que os ingleses são hipócritas em relação a seu Império. Na classe trabalhadora, esta hipocrisia assume a forma do não conhecimento de que o Império existe. Mas o desgosto deles por exércitos permanentes é perfeitamente instintivo. Uma marinha emprega relativamente poucas pessoas, e é uma arma externa que não pode afetar diretamente a política doméstica. Ditaduras militares existem em todo lugar, mas uma ditadura naval é algo que não existe. O que os ingleses de quase todas as classes desprezam do fundo do coração é o oficial do tipo arrogante, o tilintar das esporas e o barulho feito pelas botas. Décadas antes de se ouvir falar de Hitler, a palavra "prussiano" tinha na Inglaterra praticamente o mesmo significado que "nazista" tem hoje. O sentimento é tão enraizado que nos últimos cem anos os oficiais do exército britânico usam sempre trajes civis quando não estão de serviço.

Um guia rápido, mas bastante confiável, para a atmosfera social de um país é o passo de desfile de seu exército. Uma parada militar é na verdade um tipo de dança ritual, algo como um balé, que expressa certa filosofia de vida. O passo de ganso, por exemplo, é uma das visões mais horríveis do mundo, muito mais assustadora do que um bombardeiro de mergulho. Simplesmente, é uma afirmação de puro poder; contida nela, com bastante consciência e intencionalidade, está a visão de uma bota esmagando um rosto. Sua feiura é parte de sua essência, pois o que ela diz é "Sim, eu *sou* feia, e você não ousa rir de mim", como o valentão que faz caretas para sua vítima. Por que o passo de ganso não é usado na Inglaterra? Deus sabe que há vários oficiais do exército que ficariam mais do que satisfeitos de incorporar tal coisa. Esse passo não é usado, porque as pessoas nas ruas dariam risada. Além de

certo ponto, a exibição militar só é possível nos países em que as pessoas comuns não ousam rir do exército. Os italianos adotaram o passo de ganso por volta da época em que a Itália passou definitivamente para o controle alemão e, conforme era de esperar, o executam menos bem do que os alemães. O governo de Vichy, caso sobreviva, está fadado a introduzir, nos desfiles do que resta do exército francês, uma disciplina mais rígida. No exército britânico, as manobras são rígidas e complicadas, cheias de lembranças do século XVIII, mas sem bravatas explícitas; a marcha é meramente um caminhar formalizado. Pertence a uma sociedade regida pela espada, sem dúvida, mas uma espada que nunca deve ser tirada da bainha.

Ainda assim, a gentileza da civilização inglesa é misturada a barbaridades e anacronismos. Nossa lei penal é tão desatualizada quanto os mosquetes na Torre[18]. Contra as tropas de choque do nazismo, você precisa contrapor aquela figura tipicamente inglesa, o juiz de enforcamentos, um valentão velho, sofrendo de gota e com a mente plantada no século XIX, expedindo sentenças selvagens. Na Inglaterra, as pessoas ainda são penduradas pelo pescoço e açoitadas com o chicote de nove cordas. Ambas essas punições são tão obscenas quanto cruéis, mas nunca houve um só clamor público contra elas. As pessoas as aceitam (bem como as prisões de Dartmoor e Borstal) quase como aceitam as mudanças climáticas. Fazem parte da "lei", tida como inalterável. Aqui se chega a um traço inglês fundamental: o respeito pelo constitucionalismo e pela legalidade, a crença "na lei" como algo acima do Estado e do indivíduo, algo cruel e estúpido, claro, mas, de qualquer forma, *incorruptível*.

Não é que alguém imagine que a lei seja justa. Todo mundo sabe que existe uma lei para os ricos e outra para os pobres.

Mas ninguém aceita as implicações disso, todos tomam como garantido que a lei, tal como é, será respeitada, e sentem indignação quando ela não é. Comentários como "Eles não podem me prender, eu não fiz nada errado", ou "Eles não podem fazer isso, é contra a lei" são parte da atmosfera da Inglaterra. Nos inimigos confessos da sociedade esse sentimento é tão forte quanto em qualquer um. Vê-se isso em livros sobre prisões, como no *Walls have mouths* de Wilfred Macartney, e no *Jail journey,* de Jim Phelan, nas idiotices solenes proferidas nos julgamentos dos objetores de consciência, nas cartas que professores marxistas enviam aos jornais para denunciar este ou aquele "desvio da Justiça britânica". Todo mundo acredita do fundo do coração que a lei pode ser, deve ser e, no geral, há de ser imparcialmente administrada. A ideia totalitária de que não existe isso de lei, que só existe poder, nunca se estabeleceu. Até mesmo a *intelligentsia* só a aceitou em teoria.

Uma ilusão pode tornar-se uma meia verdade, uma máscara pode alterar a fisionomia de um rosto. Os velhos argumentos sobre a democracia ser "tão boa quanto" ou "tão ruim quanto" o totalitarismo nunca levam esse fato em conta. Ao fim e ao cabo, tais argumentos se reduzem a afirmar que meio pão é igual a nenhum pão. Na Inglaterra, ainda se acredita em conceitos como justiça, liberdade e verdade objetiva. Podem ser ilusões, mas são ilusões poderosas. A crença nesses conceitos influencia a conduta, e a vida nacional é diferente por causa deles. Se quer uma prova, olhe ao redor. Onde estão os cassetetes de borracha, onde está o óleo de rícino? A espada ainda está na bainha e, enquanto permanecer ali, a corrupção não poderá avançar além de certo ponto. O sistema eleitoral inglês, por exemplo, é uma fraude quase escancarada. De uma dúzia de modos evidentes, ele é manipulado para favorecer os

interesses das classes endinheiradas. Mas, até que uma mudança profunda ocorra na mente do público, ele não poderá ser *completamente* corrompido. Você não chega à cabine de votação e encontra homens armados lhe dizendo em quem votar, nem os votos são mal contados nem ocorrem subornos explícitos. Até a hipocrisia é uma salvaguarda poderosa. O juiz dos enforcamentos, aquele velho de manto escarlate e peruca de pelo de cavalo, a quem nada abaixo de dinamite vai conseguir ensinar em qual século está vivendo, mas que ainda assim vai interpretar a lei com todo o rigor e sob nenhuma circunstância aceitará suborno, é uma das figuras simbólicas da Inglaterra. Ele é o símbolo da estranha mistura entre realidade e ilusão, democracia e privilégio, embuste e decência, a teia sutil de compromissos que preserva a nação em sua forma conhecida.

3

Eu falei o tempo todo sobre "a nação", "Inglaterra" e "britânico" como se quarenta e cinco milhões de almas pudessem de alguma forma ser tratados como unidade. Mas a Inglaterra não é notoriamente duas nações, os ricos e os pobres? Alguém ousaria fingir que existe qualquer coisa em comum entre pessoas com cem mil libras esterlinas ao ano e pessoas com uma libra por semana? Até leitores galeses e escoceses provavelmente se ofenderam porque usei a palavra "inglês" com mais frequência do que "britânico", como se a população inteira habitasse Londres e seus arredores e nem o norte nem o oeste tivessem uma cultura própria.

Obtém-se uma visão melhor dessa questão quando se considera o aspecto menor em primeiro lugar. É bem verdade que as assim chamadas raças da Bretanha sentem que são muito diferentes umas das outras. Um escocês, por exemplo,

não vai lhe agradecer se você o chamar de inglês. Nossa hesitação a esse respeito pode ser observada no fato de chamarmos nossas ilhas por nada menos do que seis nomes diferentes: Inglaterra, Bretanha, Grã-Bretanha, Ilhas Britânicas, Reino Unido e, em momentos de grande exaltação, Albion. Mesmo as diferenças entre o norte e o sul da Inglaterra assomam como grandes aos nossos próprios olhos. Mas de alguma forma essas distinções desaparecem no instante em que dois bretões são comparados por um europeu. É muito raro encontrar um estrangeiro, além do norte-americano, que consiga distinguir ingleses de escoceses e até ingleses de irlandeses. Para um francês, o bretão e o auvérnio parecem criaturas muito diferentes, e o sotaque de Marselha é uma piada clássica em Paris. Ainda assim, nós dizemos a "França" e "os franceses", reconhecendo a França como uma entidade, uma civilização única, como de fato é. Da mesma forma com nós próprios. Observados de fora, até os sotaques de Londres e de York guardam uma forte semelhança familiar.

Mesmo a distinção entre ricos e pobres se reduz um pouco quando se observa a nação a partir de fora. Não há dúvida sobre a desigualdade de riqueza na Inglaterra. É mais gritante do que em qualquer país europeu, e você só precisa olhar para a rua mais próxima para enxergar. Economicamente, a Inglaterra é com certeza duas nações, se não três ou quatro. Mas ao mesmo tempo a ampla maioria das pessoas sente que elas são uma nação única, e têm consciência de se parecer mais uma com a outra do que com estrangeiros. O patriotismo em geral é mais forte do que o ódio de classe, e sempre mais forte do que qualquer tipo de internacionalismo. Exceto por um curto período nos anos 1920 (o movimento "Tirem as mãos da Rússia"), a classe trabalhadora britânica nunca pensou ou agiu internacionalmente. Durante dois anos e meio,

ela observou seus camaradas espanhóis serem lentamente estrangulados, e jamais os ajudou nem mesmo com uma única greve[19]. Mas, quando seu próprio país (o país de lorde Nuffield e do senhor Montagu Norman[20]) estava em perigo, sua atitude foi muito diferente. No instante em que pareceu provável que a Inglaterra poderia ser invadida, o conservador Anthony Eden usou o rádio para apelar por voluntários para a defesa local. Ele conseguiu um quarto de milhão de homens nas primeiras vinte e quatro horas, e mais um milhão no mês seguinte. Basta comparar esses números com, por exemplo, a quantidade dos objetores de consciência, para ver como as lealdades tradicionais são fortes quando comparadas às recentes.

Na Inglaterra, o patriotismo assume diferentes formas em diferentes classes sociais, mas funciona como um fio condutor que atravessa quase todas. Só a *intelligentsia* europeizada é realmente imune a ele. Como emoção positiva, é mais forte na classe média do que na classe alta – as escolas particulares baratas, por exemplo, são mais dadas a demonstrações patrióticas do que as caras –, mas o número de homens ricos realmente traiçoeiros, o tipo Quisling-Laval[21], é provavelmente muito pequeno. Na classe trabalhadora, o patriotismo é profundo, porém inconsciente. O coração do proletário não pula de emoção diante da bandeira. Mas as famosas "insularidade" e "xenofobia" dos ingleses são muito mais fortes na classe trabalhadora do que na burguesia. Em todos os países, os pobres são mais nacionalistas do que os ricos, mas na Inglaterra a classe trabalhadora se destaca por seu horror aos hábitos estrangeiros. Mesmo quando são obrigados a viver no exterior por muitos anos, eles se recusam tanto a se acostumar à comida local quanto a aprender o idioma. Quase todos os ingleses de origem trabalhadora consideram efeminado pronunciar corretamente uma palavra estrangeira.

Durante a guerra de 1914-1918, o proletariado inglês esteve em contato com estrangeiros em um nível que raramente é possível. O único resultado disso foi que voltaram para casa com ódio de todos os europeus, exceto os alemães, a quem admiram pela coragem. Quatro anos em solo francês, e eles não adquiriram nem mesmo gosto pelo vinho. A insularidade dos ingleses, sua recusa em levar estrangeiros a sério, é uma insanidade que periodicamente cobra um preço alto. Mas ela desempenha um papel na mística inglesa, e os intelectuais que tentaram rompê-la geralmente fizeram mais mal do que bem. No fundo, trata-se da mesma qualidade do caráter inglês que repele o turista e afasta o invasor.

Aqui, voltam à tona as duas características inglesas que assinalei, aparentemente ao acaso, no início da última seção. Uma é a falta de habilidade artística. Esta é talvez outra forma de dizer que os ingleses estão fora da cultura europeia. Pois existe uma arte na qual demonstraram abundância de talento: a literatura. Mas esta é também a única arte que não consegue atravessar fronteiras. A literatura, em especial a poesia, e a poesia lírica acima de todas, é um tipo de piada familiar, com pouco ou nenhum valor fora do próprio grupo linguístico. Excetuando-se Shakespeare, os melhores poetas ingleses mal são conhecidos na Europa, mesmo seus nomes. Os únicos poetas amplamente lidos são Byron, que é admirado pelas razões erradas, e Oscar Wilde, que é lamentado como uma vítima da hipocrisia inglesa. E associada a isso, embora de um modo não muito óbvio, está a falta de aptidão filosófica, a ausência de necessidade, em quase todos os ingleses, de um sistema ordenado de pensamento ou mesmo de uso da lógica.

Até certo ponto, a sensação de unidade nacional funciona como um substituto para uma “visão de mundo”. Apenas porque o patriotismo é tudo, menos universal, e porque nem

mesmo os ricos deixam de ser influenciados por ele, podem ocorrer momentos em que toda a nação de repente se aproxima e faz a mesma coisa, como um rebanho encarando um lobo. Houve um momento assim, inequivocamente, por ocasião do desastre na França. Depois de oito meses se perguntando vagamente sobre o que era a guerra, as pessoas de repente se deram conta do que deveriam fazer: primeiro, tirar o exército de Dunquerque e, em segundo lugar, evitar uma invasão. Foi como o despertar de um gigante. Rápido! Perigo! Os filisteus estão nos seus calcanhares, Sansão! E então uma ação ágil e unânime e depois, lamentavelmente, uma recaída imediata no sono. Em uma nação dividida, essa teria sido a ocasião ideal para o surgimento de um grande movimento pela paz. Mas isso significa que o instinto dos ingleses sempre vai dizer a eles para fazer a coisa certa? Absolutamente; vai apenas lhes dizer para fazer a mesma coisa. Nas eleições gerais de 1931, por exemplo, todos fizemos a coisa errada em perfeito uníssono. Agimos com a mesma mentalidade única dos porcos de Gérasa[22]. Mas, sinceramente, eu duvido que possamos dizer que fomos empurrados ladeira abaixo contra a nossa vontade.

Disso decorre que a democracia britânica é menos fraudulenta do que às vezes parece. Um observador estrangeiro vê apenas a imensa desigualdade de riqueza, o sistema eleitoral injusto, o controle da imprensa, do rádio e da educação pela classe governante, e conclui que democracia é simplesmente um nome suave para ditadura. Mas isso ignora o acordo considerável que infelizmente existe entre líderes e liderados. Por mais que se odeie admitir, é quase certo que entre 1931 e 1940 o governo nacional representava a vontade da maioria da população. Esse governo tolerava os cortiços, o desemprego e uma política externa covarde. Sim, mas a opinião pública também. Foi um período de estagnação e seus

líderes naturais eram medíocres.

A despeito das campanhas de uns poucos esquerdistas, é razoável supor que a maioria dos ingleses apoiava a política externa de Chamberlain[23]. Mais que isso, é razoável supor que a mesma luta travada na cabeça de Chamberlain ocorria na cabeça das pessoas comuns. Seus adversários afirmavam ver nele um conspirador sombrio e astuto tramando a venda da Inglaterra para Hitler, mas é muito mais provável que ele fosse apenas um velho burro fazendo o melhor que podia com as parcas luzes de que dispunha. Do contrário, é difícil explicar as contradições de sua política, sua falha em compreender qualquer um dos caminhos que estavam abertos para ele. Como a maioria do povo, ele não queria pagar o preço nem pela paz nem pela guerra. E a opinião pública esteve com ele o tempo todo, em políticas que eram totalmente incompatíveis entre si. Apoiaram-no quando ele foi a Munique, quando ele tentou chegar a um entendimento com a Rússia, quando deu garantias à Polônia, quando as honrou e quando, sem muito ânimo, conduziu a guerra. Só quando os resultados de sua política se tornaram evidentes é que a opinião pública se voltou contra ele, o que quer dizer que se voltou contra a própria letargia dos sete anos anteriores. Assim, as pessoas escolheram um líder mais próximo de seu estado de espírito, Churchill[24], que, pelo menos, foi capaz de entender que guerras não são vencidas sem luta. Mais tarde, quem sabe, será escolhido um líder que consiga entender que apenas nações socialistas podem combater eficazmente.

Quero eu com isso dizer que a Inglaterra é uma autêntica democracia? Não; nem mesmo um leitor do *Daily Telegraph* engoliria isso.

A Inglaterra é o país mais classista sob o sol. É uma terra de esnobismo e privilégios, dominada em grande medida pelos

velhos e tolos. Mas em qualquer avaliação sobre ela é preciso levar em consideração sua unidade emocional, a tendência de quase todos os habitantes a ter sentimentos parecidos e a agir juntos em momentos de crise extrema. É o único grande país da Europa que não é forçado a conduzir centenas de milhares de seus cidadãos para o exílio ou campos de concentração. Neste momento, após um ano de guerra, jornais e panfletos insultando o governo, elogiando o inimigo e clamando pela rendição estão sendo vendidos nas ruas quase sem interferência. Isso se deve menos por respeito à liberdade de expressão do que pela simples percepção de que essas coisas não têm importância. É seguro permitir que um jornal como o *Peace News* seja vendido porque é certo que noventa e cinco por cento da população jamais vai desejar lê-lo. A nação se mantém unida por uma corrente invisível. Em qualquer período normal, a classe dirigente vai roubar, administrar mal, sabotar, meter-nos em problemas; mas deixemos que a opinião pública se faça ouvir, deixemos que eles recebam um puxão vindo de baixo e que não possam evitar sentir, e será difícil que não reajam. Os escritores de esquerda que denunciam a totalidade da classe dominante como "pró-fascista" estão fazendo uma simplificação grosseira. Mesmo no núcleo duro dos políticos que nos trouxeram até a presente situação é duvidoso que haja algum traidor *consciente*. A corrupção que ocorre na Inglaterra raramente é desse tipo. Quase sempre, é da categoria do autoengano, como a mão direita ignora o que a esquerda faz. E, por ser inconsciente, é limitada. Vê-se isso da forma mais óbvia na imprensa. Todos os jornais que importam vivem de anúncios, e os anunciantes exercem uma censura indireta sobre as notícias. Mesmo assim, não creio que exista um só jornal na Inglaterra que possa ser explicitamente subornado com dinheiro vivo. Na França da Terceira República, é notório que todos eles, exceto uns poucos,

poderiam ser negociados no balcão, como pedaços de queijo. A vida pública na Inglaterra nunca foi *abertamente* escandalosa. Não alcançou o nível de desintegração em que a farsa pode ser abandonada. A Inglaterra não é a ilha preciosa da tão citada passagem de Shakespeare, também não é o inferno descrito pelo doutor Goebbels. Mais do que com qualquer uma dessas coisas, ela se parece com uma família, uma família vitoriana sufocante, com não muitas ovelhas desgarradas, mas com os armários explodindo de esqueletos. Tem parentes ricos diante dos quais se curva e parentes pobres sobre os quais se senta, e há uma conspiração silenciosa profunda acerca da fonte de seu dinheiro. É uma família em que os jovens são em geral frustrados e a maior parte do poder está nas mãos de tios irresponsáveis e tias acamadas. Ainda assim, é uma família. Tem sua linguagem particular, suas recordações compartilhadas e, à aproximação de um inimigo, cerra fileiras. Uma família com os membros errados no comando – e esse, talvez, seja o mais perto que se pode chegar de descrever a Inglaterra em uma frase.

4

Provavelmente, a Batalha de Waterloo *foi* vencida nos campos de jogo de Eton, mas as batalhas iniciais de todas as guerras seguintes foram perdidas ali. Um dos fatos marcantes da vida na Inglaterra durante os últimos três quartos de século foi a queda na capacidade da classe dominante.

Entre os anos 1920 e 1940, esse declínio ocorreu na velocidade de uma reação química. Como a faca que tem dois gumes novos e três cabos novos, as franjas superiores da sociedade inglesa ainda são quase o que costumavam ser em meados do século XIX. Depois de 1832, a velha aristocracia proprietária de terras perdeu poder continuamente; porém, em

vez de desaparecerem ou se tornarem um fóssil, eles se casaram com os comerciantes, industriais e financistas que os substituíram, e logo se transformaram em cópias exatas de si mesmos. O proprietário rico de um navio ou de um moinho de algodão criou para si um álibi de cavalheiro rural, enquanto seus filhos aprenderam os maneirismos certos em escolas particulares que foram pensadas precisamente com esse propósito. A Inglaterra era governada por uma aristocracia constantemente recrutada entre os novos-ricos. E, considerando toda a energia que possuíam os homens que venciam por esforço próprio, e considerando que eles estavam comprando o acesso a uma classe que de qualquer forma já tinha tradição no serviço público, era de esperar que dirigentes capazes fossem produzidos, de alguma forma.

Apesar disso, a classe dominante decaiu, perdeu sua capacidade, sua ousadia e por fim até mesmo sua crueldade, até que chegou uma época em que presunçosos como Eden[25] e Halifax[26] conseguiram se destacar como homens de talento excepcional. Quanto a Baldwin[27], não se pode dignificá-lo nem mesmo com o rótulo de presunçoso. Ele era simplesmente um buraco no ar. A má condução dos problemas domésticos da Inglaterra durante os anos 1920 tinha sido suficientemente ruim, mas a política externa britânica entre 1931 e 1939 é uma das maravilhas do mundo. Por quê? O que aconteceu? O que fez com que, em todos os momentos decisivos, os estadistas britânicos fizessem a coisa errada com uma determinação tão imperturbável?

O fato subentendido era que toda a posição da classe endinheirada havia desde muito antes deixado de ser justificável. Lá estavam eles, sentados no centro de um vasto império e de uma teia financeira mundial, obtendo juros e lucros e gastando em – em quê? É justo dizer que a vida no

Império Britânico era de muitas formas melhor do que a vida fora dele. Mesmo assim, o império era subdesenvolvido, a Índia dormia na Idade Média, os Territórios jaziam vazios, com os estrangeiros ciumentamente barrados, e mesmo a Inglaterra era cheia de cortiços e desemprego. Apenas meio milhão de pessoas, aquelas nas casas de campo, beneficiava-se de fato do sistema existente. Além do mais, a tendência dos pequenos negócios para se fundir em negócios grandes despojou cada vez mais a classe endinheirada de sua função, transformando-a em simples *dona*, enquanto o trabalho era feito em seu lugar por gerentes e técnicos assalariados. Por muito tempo, havia existido na Inglaterra uma classe totalmente sem função, vivendo da renda de um dinheiro investido mal sabiam eles onde, os "ricos ociosos", as pessoas cujas fotografias você consegue ver nas revistas *Tatler* e *Bystander*, sempre supondo que você vá querer. A existência dessas pessoas era por qualquer critério injustificável. Eram meros parasitas, menos úteis à sociedade do que moscas são para um cachorro.

Em 1920, havia muitas pessoas cientes disso. Em 1930, milhões estavam cientes. Mas a classe dominante inglesa obviamente não podia admitir para si mesma que sua utilidade tinha acabado. Se tivessem feito isso, teriam precisado abdicar. Pois para eles não seria possível transformar-se em meros bandidos como os milionários americanos, agarrando-se conscientemente a privilégios injustos e derrotando a oposição com base em suborno e bombas de gás lacrimogêneo. Afinal, eles pertenciam a uma classe de certa tradição, tinham frequentado escolas particulares nas quais o dever de morrer pelo seu país, se necessário, era definido como o primeiro e maior dos mandamentos. Eles precisavam se sentir verdadeiros patriotas, mesmo enquanto saqueavam os próprios

conterrâneos. Claramente, só havia uma saída: a estupidez. Eles só poderiam manter a sociedade na forma vigente se fossem incapazes de compreender que qualquer evolução era possível. Apesar de difícil, eles conseguiram, e conseguiram, em grande medida, por fixar os olhos no passado e se recusar a perceber as mudanças que estavam ocorrendo à sua volta.

Isso explica muito da Inglaterra. Explica a decadência da vida no campo em função da manutenção de um falso feudalismo que expulsa da terra os trabalhadores mais entusiasmados. Explica a estagnação das escolas particulares, que mal sofreram qualquer tipo de alteração desde os anos 1880. Explica a incompetência militar que tantas e tantas vezes espantou o mundo. Desde os anos 1850, todas as guerras nas quais a Inglaterra se envolveu começaram com uma série de desastres após os quais a situação foi salva por pessoas comparativamente mais abaixo na escala social. O alto-comando, saído da aristocracia, nunca poderia ter se preparado para a guerra moderna porque, para fazer isso, precisaria antes admitir para si próprio que o mundo estava mudando. Eles sempre se agarraram a armas e métodos obsoletos, porque inevitavelmente viam cada guerra como uma repetição da anterior. Antes da Guerra dos Bôeres (1899-1902), eles se prepararam para a Guerra dos Zulus (1879); antes de 1914, prepararam-se para a Guerra dos Bôeres; antes da guerra atual, para a de 1914. Mesmo agora, centenas de milhares de homens na Inglaterra estão sendo treinados com baionetas, uma arma totalmente inútil a não ser para abrir as latas de comida. Vale a pena notar que a marinha e, mais recentemente, a força aérea sempre foram mais eficientes do que o exército. Mas a marinha está apenas parcialmente, e a força aérea não está, na órbita da classe dominante.

Deve-se admitir que, enquanto as coisas estavam pacíficas,

os métodos da classe dominante britânica lhes serviram bastante bem. Seu próprio povo claramente os tolerava. Por mais que a Inglaterra fosse organizada de um modo injusto, não era dilacerada pela luta de classes nem assombrada pela polícia secreta. O Império era pacífico como nenhum território de tamanho comparável jamais tinha sido. Em toda a sua vasta extensão, quase um quarto do planeta, havia menos homens armados do que um pequeno Estado nos Bálcãs teria considerado necessário. Como pessoas a obedecer, e olhando para elas de um ponto de vista meramente liberal, negativo, a classe dirigente britânica tinha seus méritos. Eram preferíveis aos homens verdadeiros modernos, os nazistas e fascistas. Mas fazia tempo que era óbvio que eles seriam impotentes contra qualquer ataque sério vindo de fora.

Eles não podiam lutar contra o nazismo ou o fascismo porque não os compreendiam. Tampouco poderiam ter lutado contra o comunismo, se o comunismo tivesse sido uma força séria na Europa Ocidental. Para entender o fascismo, eles teriam precisado estudar a teoria do socialismo, o que os teria obrigado e perceber que o sistema econômico sob o qual viviam era injusto, ineficiente e ultrapassado. Mas foi precisamente esse fato que eles haviam treinado a si próprios para nunca encarar. Lidaram com o fascismo como a cavalaria de generais de 1914 lidou com as metralhadoras: ignorando-o. Após anos de agressões e massacres, eles entenderam um único fato, que Hitler e Mussolini eram hostis ao comunismo. Portanto, argumentou-se, eles deviam ser amigáveis em relação aos britânicos, que viviam de renda. Daí o espetáculo verdadeiramente assustador dos deputados conservadores celebrando loucamente a notícia de que navios britânicos levando comida para o governo republicano espanhol tinham sido bombardeados por aviões italianos. Na época da Guerra

Civil Espanhola, qualquer um que tivesse tanto conhecimento político quanto se pode obter em um folheto socialista de seis pence sabia que, se Franco vencesse, o resultado seria estrategicamente desastroso para a Inglaterra, e, mesmo assim, generais e almirantes que tinham dedicado a vida ao estudo da guerra foram incapazes de apreender esse fato. Essa veia de ignorância política atravessa o centro da vida oficial inglesa, incluindo ministros do gabinete, embaixadores, cônsules, juízes, magistrados, policiais. O policial que prende "os vermelhos" não entende as teorias que "os vermelhos" estão pregando; se entendesse, sua posição como guarda-costas da classe endinheirada talvez lhe parecesse menos atraente. Há razão para se pensar que até mesmo a espionagem militar é irremediavelmente atrapalhada pelo desconhecimento das novas doutrinas econômicas e das ramificações dos partidos clandestinos.

A classe dirigente britânica não estava de todo errada ao pensar que o fascismo estava a seu lado. É um fato que qualquer homem rico, a menos que seja judeu, tem menos a temer do fascismo do que tanto do comunismo quanto do socialismo democrático. É preciso não esquecer isso, pois quase toda a propaganda alemã e italiana é pensada para ocultar esse fato. O instinto natural de homens como Simon[28], Hoare[29], Chamberlain, etc. era chegar a um acordo com Hitler. Porém, e aqui entra em cena a característica peculiar da vida inglesa que mencionei antes, a solidariedade nacional, eles só poderiam fazer isso se fracionassem o império e vendessem o próprio povo para a semiescravidão. Uma classe verdadeiramente corrupta teria feito isso sem hesitação, como na França. Mas as coisas não chegaram tão longe na Inglaterra. Políticos capazes de fazer discursos estridentes sobre "o dever de lealdade para com os nossos

conquistadores" dificilmente são encontrados na vida pública inglesa. Estando já divididos entre suas rendas e seus princípios, era impossível que homens como Chamberlain fizessem alguma coisa diferente de piorar ambos os mundos.

Uma coisa que sempre demonstrou que a classe dominante inglesa é razoavelmente honrada, *moralmente* falando, é que em tempos de guerra ela está pronta a ser morta. Diversos duques, condes e assemelhados foram mortos na recente campanha em Flandres. Isso não poderia acontecer se essas pessoas fossem os patifes cínicos que algumas vezes se afirma que são. É importante não se enganar quanto às suas motivações, ou não será possível prever suas ações. O que há de se esperar deles não é traição ou covardia física, e sim burrice, sabotagem inconsciente, um instinto infalível para fazer a coisa errada. Eles não são maus, ou não são de todo maus; são apenas incapazes de aprender. Só quando seu dinheiro e poder acabarem é que os mais jovens entre eles vão começar a entender em que século estão vivendo.

5

A estagnação do império no período entreguerras atingiu todos na Inglaterra, mas teve um efeito especialmente direto sobre duas importantes subseções da classe média. Uma foi a classe média militar e imperialista, geralmente referida por Blimps, e a outra foi a *intelligentsia* de esquerda. Esses dois tipos aparentemente hostis, opostos simbólicos – o coronel aposentado com meio soldo, com seu pescoço de touro e cérebro diminuto, como um dinossauro, e o intelectual de testa redonda projetada e pescoço duro de arrogância –, são mentalmente próximos e interagem o tempo todo um com o outro; em grande medida, são também nascidos nas mesmas famílias.

Trinta anos atrás, a classe dos Blimps já vinha perdendo vitalidade. As famílias de classe média celebradas por Kipling[30], as prolíficas famílias incultas cujos filhos eram oficiais no exército e na marinha e invadiam todos os lugares despovoados da Terra desde Yukon até Irrawaddy, estavam em declínio antes de 1914. O que os matou foi o telégrafo. Em um mundo cada vez mais estreito e cada vez mais governado a partir do centro administrativo de Whitehall, havia a cada ano menos espaço para a iniciativa individual. Homens como Clive, Nelson, Nicholson, Gordon[31] não teriam espaço no Império Britânico moderno. Em 1920, quase cada centímetro do império colonial estava sob o controle de Whitehall. Homens bem-intencionados e supercivilizados, de terno escuro e chapéu preto de feltro, com guarda-chuva caprichosamente enrolado apoiado no antebraço esquerdo, estavam impondo sua visão obstruída da vida sobre a Malásia e a Nigéria, Mombaça [Quênia] e Mandalay [Mianmar]. Os antigos construtores do império foram reduzidos à condução de escriturários, enterrados cada vez mais profundamente sob pilhas de papelada e burocracia. No início dos anos 1920 era possível ver, por todo o império, os oficiais mais velhos, que haviam conhecido dias mais confortáveis, contorcendo-se de impotência ante as mudanças que estavam ocorrendo. Daquele momento em diante, tornou-se praticamente impossível convencer rapazes entusiasmados a ter qualquer participação na administração imperial. E o que valia para o universo militar valia também para o comercial. Os grandes monopólios engoliram hostes de pequenos comerciantes. Em vez de sair para negociar aventureiramente nas Índias, ia-se ocupar uma cadeira em Mumbai ou Singapura. E a vida em Mumbai ou em Singapura era até mais monótona e segura do que em Londres. O sentimento imperialista permaneceu forte na classe média graças, principalmente, à tradição familiar, mas o trabalho de

administrar o império perdeu atratividade. Poucos homens capazes iam mais a leste do que Suez, se houvesse qualquer forma de evitar.

Mas o enfraquecimento do imperialismo, e em certa medida de todo o moral britânico, que aconteceu durante os anos 1930 foi parcialmente o trabalho da *intelligentsia* de esquerda, em si mesma um tumor nascido da estagnação do império.

Deve-se registrar que não existe atualmente uma *intelligentsia* que não seja, em algum sentido, de "esquerda". O último intelectual de direita foi, talvez, T. E. Lawrence[32]. Desde mais ou menos 1930, todo mundo passível de ser descrito como "intelectual" viveu em um estado de descontentamento crônico com a ordem vigente. E seria assim inevitavelmente, porque a sociedade, tal como era constituída, não tinha lugar para ele. Em um império meramente estagnado, nem se desenvolvendo nem ruindo, e em uma Inglaterra comandada por pessoas cuja principal qualidade era a estupidez, ser "esperto" era ser suspeito. Se você tivesse o tipo de cabeça apta a entender os poemas de T. S. Eliot ou as teorias de Karl Marx, os mandachuvas cuidariam para que você fosse mantido longe de qualquer trabalho importante. Os intelectuais conseguiram encontrar uma função para si apenas das resenhas literárias e nos partidos políticos de esquerda.

A mentalidade da *intelligentsia* inglesa de esquerda pode ser estudada em meia dúzia de publicações semanais e mensais. A primeira coisa que chama atenção nessas publicações é a atitude geralmente negativa, lamurienta, a completa ausência, todo o tempo, de qualquer tipo de sugestão construtiva. Existe pouca coisa nessas publicações, além da reclamação irresponsável de pessoas que nunca estiveram e nunca esperam estar em uma posição de poder. Outra característica marcante é a superficialidade emocional de pessoas que vivem em um

mundo de ideias e têm pouco contato com a realidade física. Muitos intelectuais de esquerda foram pacifistas frouxos até 1935, guincharam contra a Alemanha entre 1935-1939, e depois esfriaram os ânimos prontamente, quando a guerra começou. É uma verdade disseminada, embora não exata, que as pessoas mais "antifascistas" durante a Guerra Civil Espanhola são agora as mais derrotistas. E embutido nisso está o fato realmente importante sobre tantos na *intelligentsia* inglesa: seu rompimento com a cultura comum do país.

Ao menos na intenção, a *intelligentsia* inglesa é europeizada. Eles extraem sua culinária de Paris e sua opinião de Moscou. No patriotismo geral do país, eles formam uma espécie de ilha do pensamento dissidente. A Inglaterra é talvez a única grande nação cujos intelectuais têm vergonha da própria nacionalidade. Em círculos de esquerda, paira sempre a sensação de haver algo ligeiramente embaraçoso em ser inglês, e que é uma obrigação escarnecer de todas as instituições inglesas, das corridas de cavalo aos pudins de rim de carneiro. É um fato estranho, mas inquestionavelmente verdadeiro, que quase todo intelectual inglês sentiria mais vergonha por ficar em posição de sentido para ouvir "Deus salve a rainha" do que por roubar de uma caixa de esmolas. Durante os anos críticos, muitos esquerdistas estavam podando o moral inglês, tentando disseminar um ponto de vista que era algumas vezes frouxamente pacifista, algumas vezes violentamente pró-Rússia, mas sempre antibritânico. É questionável quanto efeito isso produziu, mas certamente produziu algum. Se o povo inglês sofreu durante vários anos um declínio do estado de espírito, a ponto de as nações fascistas julgarem que ele estava "decadente" e que era seguro entrar em guerra, a sabotagem intelectual da esquerda foi em parte responsável. Tanto a revista *New Statesman* quanto o jornal *News Chronicle*

protestaram contra o acordo de Munique, mas mesmo eles fizeram alguma coisa para torná-lo possível. Dez anos sistematicamente ludibriando os Blimps afetaram até os próprios Blimps e tornaram ainda mais difícil do que antes conseguir que jovens inteligentes entrassem para as forças armadas. Dada a estagnação do império, a classe média militar teria decaído de qualquer forma, mas a disseminação de um esquerdismo raso acelerou o processo.

Está claro que a posição especial dos intelectuais ingleses nos últimos dez anos, como criaturas puramente *negativas*, meramente anti-Blimps, foi um subproduto da estupidez da classe dominante. A sociedade não tinha como aproveitá-los, e eles não tinham em si a capacidade de ver que a devoção ao próprio país implica "para o bem e para o mal". Tanto os Blimps quanto os intelectuais assumiram como verdade, como se fosse uma lei da natureza, o divórcio entre o patriotismo e a inteligência. Se você fosse patriota, leria a *Blackwood's Magazine* e agradeceria publicamente a Deus por não ser "cerebral". Se você fosse um intelectual, desprezaria a bandeira e interpretaria a coragem física como selvageria. É óbvio que essa convenção irracional não pode continuar. O intelectual de Bloomsbery, com sua zombaria mecânica, está tão ultrapassado quanto o coronel de cavalaria. Uma nação moderna não pode se dar ao luxo de ter nenhum deles. O patriotismo e a inteligência vão precisar se aproximar de novo. É o fato de estarmos em uma guerra, e em uma guerra de um tipo muito particular, que pode tornar essa união possível.

6

Um dos desenvolvimentos mais importantes na Inglaterra nos últimos vinte anos é a ampliação da classe média para cima e para baixo. Aconteceu em tal escala que tornou a antiga

classificação da sociedade em capitalistas, proletários e *petit bourgeois* (pequena burguesia) quase obsoleta.

A Inglaterra é um país em que a propriedade e o poder financeiro estão concentrados em bem poucas mãos. Pouca gente na Inglaterra moderna possui alguma coisa, exceto roupas, móveis e, talvez, uma casa. A classe camponesa desapareceu há muito, os varejistas independentes estão sendo destruídos, os pequenos negócios estão diminuindo em quantidade. Mas, ao mesmo tempo, a indústria moderna é tão complicada que não consegue ir adiante sem um grande número de gerentes, vendedores, engenheiros, químicos e técnicos de todos os tipos, que obtêm salários razoavelmente polpudos. E isso, por sua vez, traz à existência uma classe profissional de médicos, advogados, professores, artistas, etc., etc. A tendência do capitalismo avançado, portanto, tem sido ampliar a classe média e não acabar com ela, como antes pareceu provável que faria.

Mas bem mais importante do que isso é a disseminação das ideias e dos hábitos da classe média entre a classe trabalhadora. Em quase todos os aspectos, a classe trabalhadora britânica está melhor agora do que trinta anos atrás. Isso se deve em parte aos esforços dos sindicatos, mas em parte ao mero avanço da ciência física. Nem sempre se percebe que, dentro de certos limites estreitos, o padrão de vida de um país pode subir sem que haja um aumento correspondente nos salários. Até determinado ponto, uma civilização pode elevar-se por seus próprios meios. Por mais que a sociedade seja injustamente organizada, alguns avanços técnicos são fadados a beneficiar a comunidade inteira, porque certos tipos de bens são necessariamente possuídos em conjunto. Um milionário não pode, por exemplo, iluminar a rua para si próprio ao mesmo tempo que a escurece para as

outras pessoas. Quase todos os cidadãos de países civilizados desfrutam agora de boas estradas, água livre de germes, proteção policial, bibliotecas gratuitas e provavelmente algum tipo de educação pública. A educação privada na Inglaterra vem sofrendo uma escassez cruel de dinheiro, mas ainda assim melhorou, em grande medida graças aos dedicados esforços dos professores, e o hábito da leitura se tornou imensamente mais difundido. Cada vez mais, os ricos e os pobres leem os mesmos livros, assistem aos mesmos filmes e ouvem os mesmos programas de rádio. E as diferenças em seu modo de vida foram reduzidas pela produção em massa de roupas baratas e melhorias na habitação. Pelo menos quanto à aparência, as roupas dos ricos e dos pobres, em especial no caso das mulheres, diferem muito menos do que há trinta ou quinze anos. Quanto à habitação, a Inglaterra ainda tem cortiços que são uma nódoa na civilização, mas muita construção foi erguida nos últimos dez anos, a maioria pelas autoridades locais. A *council house*[33] moderna, com banheiro e luz elétrica, é menor do que a casa de campo do corretor de valores, mas ainda é reconhecidamente o mesmo tipo de casa, algo que a cabana do agricultor não é. É mais provável que uma pessoa criada em uma casa social do governo desenvolva uma visão de mundo de classe média – como de fato desenvolve, perceptivelmente – do que uma criada em um cortiço.

O efeito de tudo isso é um abrandamento generalizado dos modos. Isso é intensificado pelo fato de que os métodos industriais modernos tendem a demandar menos esforço muscular e, portanto, a deixar as pessoas com mais energia no fim do dia de trabalho. Muitos trabalhadores das indústrias de bens de consumo são na verdade menos trabalhadores braçais do que um médico ou um quitandeiro. Em seus gostos,

hábitos, modos e pontos de vista, as classes trabalhadora e média estão se aproximando. As distinções injustas permanecem, mas as diferenças reais diminuem. O "proletário" à moda antiga – de uniforme sem colarinho, barba por fazer e músculos torneados pelo trabalho pesado – ainda existe, mas está constantemente decrescendo em quantidade; ele só predomina nas áreas de indústria pesada do norte da Inglaterra.

Depois de 1918, começou a aparecer uma coisa que nunca tinha existido na Inglaterra: pessoas de classe social indeterminada. Em 1910, todo ser humano nessas ilhas poderia ser "encaixado" em um instante através de suas roupas, seus modos e seu sotaque. Não é mais o caso. Acima de tudo, não é o caso nas grandes cidades que se desenvolveram como resultado dos carros motorizados baratos e da mudança da indústria para o sul. As sementes da futura Inglaterra devem ser procuradas nas áreas onde estão as indústrias de bens de consumo e ao longo das principais rodovias. Em Slough, Dagenham, Barnet, Letchworth, Hayes – por todo lado, nos subúrbios das grades cidades –, o velho padrão está aos poucos se transformando em algo novo. Nessas vastas novas selvas de vidro e tijolo, as distinções acentuadas do tipo mais antigo de cidade, com seus cortiços e mansões, ou do campo, com seus solares e cabanas esquálidas, não existem mais. Existem ainda amplas variações de renda, mas é o mesmo tipo de vida sendo vivido em diferentes níveis, em apartamentos de baixa manutenção ou em casas sociais ao longo das estradas de concreto e na democracia nua das piscinas. É uma vida sem descanso e sem cultura, concentrada ao redor de comida em lata, da revista *Picture Post* e do motor de combustão interna. É uma civilização na qual as crianças crescem com um conhecimento íntimo de magnetos e em completo

desconhecimento da *Bíblia*. A essa civilização pertencem as pessoas que se sentem mais em casa no mundo moderno e que mais definitivamente *são dele*: os técnicos e trabalhadores especializados com altos salários, os pilotos e seus mecânicos, os peritos em rádio, produtores de filmes, jornalistas populares e químicos industriais. Eles formam o estrato indeterminado diante do qual as velhas distinções de classe estão começando a se desfazer.

Esta guerra, a menos que sejamos derrotados, vai acabar com a maior parte dos atuais privilégios de classe. A cada dia, há menos pessoas que desejam mantê-los. Tampouco precisamos recear que, com a mudança de padrão, a vida na Inglaterra vá perder seu sabor singular. As novas cidades vermelhas[34] da Grande Londres são certamente cruas, mas essas coisas são apenas os percalços que acompanham a mudança. Qualquer que seja a forma que a Inglaterra terá ao emergir da guerra, será profundamente marcada pelas características que mencionei antes. Os intelectuais que esperam vê-la "russianizada" ou germanizada ficarão desapontados. A gentileza, a hipocrisia, a irreflexão, a reverência pela lei e o ódio às fardas vão permanecer, junto com os pudins de rim de carneiro e o céu enevoado. É preciso algum grande desastre, como uma prolongada subjugação por um inimigo externo, para destruir uma cultura nacional. A Bolsa de Valores será derrubada, o arado a cavalo cederá lugar ao trator, as casas de campo serão transformadas em acampamentos de férias para crianças, as disputas de críquete entre Eton e Harrow serão esquecidas, mas a Inglaterra ainda será a Inglaterra, um animal eterno se alongando para o futuro e para o passado e, como toda criatura viva, tendo o poder de se transformar para além de qualquer reconhecimento e, ainda assim, permanecer o mesmo.

“Casaca-vermelha” é uma forma depreciativa de fazer referência aos soldados britânicos. (N.T.)

Por exemplo: “Eu não quero me juntar ao maldito exército, eu não quero ir para a guerra; não quero mais perambular, prefiro ficar em casa vivendo a uma puta ganhar”. Mas este não era o espírito com o qual combatiam. (N.A.)

Canção patriótica britânica do século XVIII. (N.T.)

Batalha de Trafalgar, 1805, Espanha. (N.T.)

Batalha de Waterloo, 1815, Bélgica. (N.T.)

Combates ocorridos na Primeira Guerra Mundial: Batalha de Mons, 1914, Bélgica; Primeira Batalha de Ypres, 1914, Bélgica; Batalha de Gallipoli, 1915-1916, Império Otomano; Batalha de Passchendaele, ou Terceira Batalha de Ypres, 1917, Bélgica. (N.T.)

Modo como é conhecido o Palácio e Fortaleza Real de Sua Majestade da Torre de Londres, construção iniciada no século XI. (N.T.)

É fato que até certo ponto eles os ajudaram com dinheiro. Mesmo assim, os valores arrecadados para os diversos fundos de ajuda à Espanha não atingiriam nem cinco por cento do volume movimentado pelas loterias esportivas no mesmo período. (N.A.)

William Richard Morris (1877-1963), primeiro-visconde de Nuffield, foi um industrial e filantropo inglês. Montagu Collet Norman, primeiro-barão Norman (1871-1950), foi um banqueiro inglês. (N.T.)

Pierre Jean Marie Laval (1883-1945), político francês, apoiou a anexação da Abissínia por Mussolini. Vidkun Quisling (1887-1945) foi um militar norueguês apoiador do nazismo; nas línguas escandinavas e em inglês, seu sobrenome é usado como sinônimo de “colaboracionista”. (N.T.)

Segundo a tradição bíblica, dois mil porcos desceram correndo uma colina e se afogaram em um lago, por estarem possuídos por demônios. (N.T.)

Arthur Neville Chamberlain (1869-1940), primeiro-ministro do Reino Unido entre 1937 e 1940. (N.T.)

Sir Winston Leonard Spencer-Churchill (1874-1965) foi primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial e de novo entre 1951 e 1955. (N.T.)

Robert Anthony Eden (1897-1977), primeiro conde de Avon, foi por três vezes secretário para assuntos estrangeiros e posteriormente primeiro-ministro do Reino Unido. (N.T.)

Edward Frederick Lindley Wood (1881-1959), primeiro conde de Halifax, foi um dos arquitetos do acordo de apaziguamento com Hitler. (N.T.)

Stanley Baldwin (1867-1947), primeiro conde Baldwin de Bewdley, foi por três vezes primeiro-ministro do Reino Unido. (N.T.)

Sir Simon Allsebrook Simon (1873-1954) foi um político britânico que ocupou diversos cargos no governo entre o início da Primeira Guerra mundial e o fim da Segunda Guerra Mundial. (N.T.)

Samuel John Gurney Hoare (1880-1959), primeiro-visconde de Templewood, foi um político conservador britânico que exerceu várias funções no governo entre

1922 e 1940. (N.T.)

Joseph Rudyard Kipling (1865-1936) foi um escritor britânico. (N.T.)

Robert Clive (1725-1774), militar britânico, trabalhou na Companhia das Índias Orientais. Horatio Nelson (1758-1805) foi vice-almirante da marinha real. John Nicholson (1822-1857) atuou na Índia Britânica. Charles George Gordon (1833-1885), oficial do exército britânico, participou, entre outras, da Guerra da Crimeia (1853-1856). (N.T.)

Thomas Edward Lawrence (1888-1935), mais conhecido como Lawrence da Arábia, foi um arqueólogo, militar, agente secreto, diplomata e escritor britânico. (N.T.)

Designação dada às casas pertencentes ao poder público local e alugadas à população por um valor baixo. (N.T.)

Presumivelmente, referência às cidades surgidas após 1919. (N.T.)



O abate de um elefante

Em Moulmein, na Baixa Birmânia, fui odiado por grande quantidade de gente – a única vez na vida que fui importante o suficiente para que isso acontecesse comigo. Eu era oficial da polícia subdivisional da cidade e o sentimento antieuropeu indistinto e um tanto mesquinho era muito pronunciado. Ninguém tinha coragem de começar uma rebelião, mas, se uma mulher europeia fosse sozinha ao bazar, alguém provavelmente cuspiria suco de bétel em seu vestido. Como oficial de polícia, eu era um alvo óbvio e era prejudicado sempre que parecia seguro. Quando um birmanês ágil me passava uma rasteira no campo de futebol e o árbitro (também birmanês) olhava para o outro lado, a multidão dava risadas horríveis. Isso aconteceu mais de uma vez. Por fim, os rostos amarelos que em todos os lugares me olhavam com desdém e as vaias gritadas às minhas costas quando eu estava a uma distância segura acabaram abalando meus nervos. Os jovens sacerdotes budistas eram os piores de todos. Havia vários milhares deles na cidade e nenhum parecia ter nada a fazer exceto postar-se nas esquinas e ridicularizar os europeus.

Tudo isso era desconcertante e irritante. Pois àquela altura eu já havia concluído que o imperialismo era uma coisa ruim e que, quanto mais cedo eu pedisse as contas e saísse dali,

melhor. Em teoria – e em segredo, é claro – eu era totalmente pró-birmaneses e totalmente contra seus opressores, os britânicos. Quanto ao trabalho que estava realizando, eu o odiava mais do que consigo expressar. Em um serviço como aquele, vê-se de perto o trabalho sujo do império. Os desgraçados dos prisioneiros amontoados nas jaulas fétidas das cadeias, os rostos cinzentos e acovardados dos condenados a sentenças longas, os traseiros cobertos de cicatrizes dos açoitados com bambu – tudo isso me oprimia com um intolerável sentimento de culpa. E eu não conseguia extrair sentido das coisas. Eu era jovem e ignorante e precisei refletir sobre os meus problemas no silêncio absoluto que é imposto a todo homem inglês no Oriente. Eu não sabia que o Império Britânico está morrendo, e menos ainda sabia que ele é muito melhor do que os impérios mais novos que o substituirão. Só o que eu sabia era que estava empacado entre meu ódio pelo império ao qual eu servia e minha raiva contra as pequenas bestas do mal que tentavam tornar meu trabalho impossível. Com uma parte da cabeça, eu pensava no *raj*[35] britânico como uma tirania indestrutível, como algo imposto, *saecula saeculorum*, ao arbítrio de povos prostrados; com a outra parte, eu pensava que a maior alegria do mundo seria enfiar uma baioneta na garganta de um sacerdote budista. Sentimentos como esses são subprodutos comuns do imperialismo; pergunte a qualquer oficial anglo-indiano, se você o encontrar de folga.

Um dia, aconteceu uma coisa que, de forma indireta, foi esclarecedora. Foi em si um incidente pequeno, mas me deu uma visão melhor do que eu tinha antes sobre a verdadeira natureza do imperialismo – os motivos reais pelos quais governos despóticos agem. Bem cedo certa manhã, o subinspetor de uma delegacia de polícia na outra ponta da

cidade me telefonou e disse que um elefante estava destruindo o bazar. Eu poderia por favor ir até lá e fazer algo a respeito? Eu não sabia o que poderia fazer, mas queria ver o que estava acontecendo, então montei em um pônei e parti. Peguei meu rifle, um velho Winchester.44 pequeno demais para matar um elefante, mas pensei que o barulho poderia ser útil *in terrorem*. Vários birmaneses me pararam no caminho e me contaram sobre as atividades do elefante. Não era, claro, um elefante selvagem, e sim um domesticado, que tinha tido um surto de testosterona. Ele havia sido acorrentado, como elefantes domesticados sempre são quando seus ataques hormonais estão próximos, mas na noite anterior tinha quebrado a corrente e escapado. Seu *mahout*, a única pessoa que conseguia controlá-lo quando estava nesse estado, havia saído em seu encalço, porém tomado a direção errada, e estava agora a doze horas de distância, e pela manhã o elefante tinha subitamente reaparecido na cidade. A população birmanesa não possuía armas e se via bastante vulnerável ao animal. Ele já havia destruído a cabana de bambu de alguém, matado uma vaca, invadido umas barracas de frutas e devorado todo o estoque; tinha também encontrado a van municipal de coleta de lixo e, quando o motorista saltou e fugiu, virou-a de ponta-cabeça e lhe infligiu violências.

O subinspetor birmanês e alguns guardas indianos estavam à minha espera no bairro onde o elefante fora visto. Era um bairro muito pobre, um labirinto de frágeis cabanas de bambu, com telhados de folha de palmeira, serpenteando ao longo da encosta íngreme de uma colina. Eu me lembro que era uma manhã nublada e abafada no início das monções. Começamos a questionar as pessoas sobre o caminho que o elefante tinha tomado e, como sempre, fracassamos em obter qualquer informação definitiva. Esse é invariavelmente o caso, no

Oriente; uma história sempre soa clara a distância, porém quanto mais perto se chega da cena, mais vaga ela se torna. Algumas das pessoas disseram que ele tinha ido em uma direção, outras que tinha tomado em outra, algumas afirmaram nem ter ouvido falar de elefante nenhum. Eu estava quase convencido de que a história toda não passava de uma grande lorota, quando ouvimos gritos a pouca distância. Houve um berro alto e horrorizado de "Vá embora, criança! Saia daqui agora mesmo!", e uma mulher velha com uma vara na mão surgiu, rodeando o casebre e expulsando violentamente um bando de crianças nuas. Outras mulheres apareceram em seguida, estalando a língua e gritando; evidentemente, havia ali algo que as crianças não deveriam ter visto. Eu contornei o casebre e vi o cadáver de um homem espalhado na lama. Era um indiano, um culi dravidiano[36] negro, quase nu, e ao que parecia ele tinha morrido fazia poucos minutos. As pessoas disseram que o elefante tinha se aproximado do homem de repente, depois de dar a volta no casebre, agarrado-o com a tromba, posto a pata em suas costas e o afundado na terra. Era a estação das chuvas e o solo estava fofo; o rosto dele tinha escavado uma trincheira de trinta centímetros de profundidade e alguns metros de comprimento. Ele estava de bruços com os braços abertos e a cabeça inclinada em ângulo agudo para um lado. O rosto estava coberto de lama; os olhos, esbugalhados; os dentes, à mostra, em um esgar que expressava uma agonia insuportável. (A propósito, nunca me diga que os mortos parecem em paz. A maioria dos corpos que eu vi tinha uma aparência diabólica.) A fricção da pata da fera tinha arrancado a pele de suas costas com a precisão com que se esfola um coelho. Assim que vi o morto, despachei um ordenança à casa de um amigo ali perto para tomar emprestado um rifle de elefante. Eu já enviara de volta o pônei, não querendo que ele enlouquecesse de medo e me jogasse longe caso farejasse o

elefante. O ordenança voltou em alguns minutos com um rifle e cinco cartuchos, e nesse intervalo alguns birmaneses que tinham chegado nos contaram que o elefante estava na plantação de arroz abaixo, a poucas centenas de metros dali. Quando comecei a avançar, praticamente toda a população do bairro saiu de suas casas e me seguiu. Eles tinham visto o rifle e gritavam, muito agitados, que eu ia atirar no elefante. Não haviam demonstrado muito interesse pelo animal enquanto ele estava meramente destruindo suas casas, mas era diferente agora que ele estava prestes a levar um tiro. Era uma pequena diversão para as pessoas, como teria sido para uma multidão de ingleses; além do mais, elas queriam a carne. Aquilo me deixou ligeiramente inquieto. Eu não tinha intenção de atirar no elefante e mandara buscar o rifle apenas para me defender caso fosse necessário, e é sempre enervante ter uma multidão seguindo você. Marchei colina abaixo parecendo um bobo e me sentindo um, com o rifle no ombro e um exército crescente se acotovelando nos meus calcanhares. Na base da colina, quando se afastava dos casebres, você chegava a uma rua de cascalho e, depois dela, a uma vastidão enlameada de campos de arroz, com novecentos metros de largura, ainda não semeada, mas empapada das primeiras chuvas e pontilhada de mato. O elefante estava parado a pouco mais de sete metros da rua, o flanco esquerdo virado para nós. Ele não deu o menor sinal de ter percebido a aproximação da multidão. Estava arrancando tufos de capim, batendo-os contra as pernas para tirar a terra e enfiando na boca. Eu tinha estancado na rua. Assim que vi o elefante, soube com completa certeza que não deveria atirar nele. É uma questão muito séria atirar em um elefante de trabalho – é comparável a destruir uma máquina grande e cara – e obviamente não se deve fazer isso se for possível evitar. Àquela distância, alimentando-se calmamente, o elefante não parecia mais perigoso do que uma vaca. Eu

pensei então, e penso agora, que o pico de testosterona já tinha passado; nesse caso, ele iria apenas perambular inofensivamente até que o *mahout* voltasse e o recolhesse. Além do mais, eu não tinha a menor vontade de atirar nele. Decidi então que o observaria por um período para me certificar de que ele não se tornaria agressivo de novo, e depois voltaria para casa.

Mas naquele momento olhei em volta para a multidão que havia me seguido. Era uma multidão imensa, no mínimo duas mil pessoas, e crescendo a cada minuto. Bloqueava os dois lados da rua por um trecho enorme. Olhei para o mar de rostos amarelos acima das roupas espalhafatosas, rostos alegres e excitados com aquele bocado de diversão, todos certos de que o elefante levaria um tiro. Eles me observavam como observariam um prestidigitador prestes a executar um truque. Eles não gostavam de mim, mas com o rifle mágico em mãos eu era momentaneamente digno de ser observado. E subitamente percebi que precisaria atirar no elefante, afinal. As pessoas esperavam isso de mim e eu teria que fazer aquilo; eu conseguia sentir duas mil vontades me pressionando em frente, irresistivelmente. E foi nesse momento, enquanto eu estava de pé segurando o rifle, que eu pela primeira vez compreendi a superficialidade, a futilidade do domínio do homem branco no Oriente. Lá estava eu, o homem branco com sua arma, de pé diante de uma população nativa desarmada – aparentemente, o ator principal da peça, mas, na realidade, apenas uma marionete absurda, manipulada de um lado a outro segundo a vontade daqueles rostos amarelos atrás de mim. Percebi naquele momento que, quando o homem branco se torna um tirano, é a própria liberdade que ele destrói. Ele se transforma em uma espécie de manequim oco e de poses estudadas, a figura consagrada de um *sahib*. Pois é um

requisito de sua dominância que ele passe a vida tentando impressionar os "nativos", e assim, a cada crise, ele precisa fazer o que os "nativos" esperam dele. Ele usa uma máscara e seu rosto se ajusta a ela. Eu tinha que atirar no elefante. Eu havia me comprometido a isso quando mandei buscar o rifle. Um *sahib* precisa agir como um *sahib*; ele precisa mostrar que é resoluto, que conhece a própria mente e faz coisas definitivas. Chegar até aquele ponto, de rifle em punho, com duas mil pessoas marchando nos meus calcanhares, e depois me arrastar debilmente de volta sem ter feito nada – não, isso era impossível. A multidão zombaria de mim. E toda a minha vida, a vida de todo homem branco no Oriente, era uma longa batalha para não ser zombado.

Mas eu não queria atirar no elefante. Eu o observei bater o maço de grama contra os joelhos, com aquele ar cioso de avós que os elefantes têm. Parecia-me que atirar nele seria assassinato. Naquela época eu não tinha tantas restrições à matança de animais, mas nunca havia atirado em um elefante nem querido fazê-lo. (De alguma forma, sempre parece pior matar um animal *grande*.) Além disso, havia o dono do animal a ser levado em conta. Vivo, o elefante valia ao menos cem libras; morto, teria apenas o valor de suas presas, cinco libras, talvez. Mas eu precisava agir rápido. Eu me virei para alguns birmaneses de aparência experiente que já estavam lá quando cheguei e perguntei como o elefante vinha se comportando. Todos disseram a mesma coisa: ele nem repararia em você, se você o deixasse em paz, mas poderia atacar, caso você se aproximasse demais.

Estava perfeitamente claro para mim o que eu deveria fazer. Deveria me aproximar do elefante por, digamos, uns vinte metros, e assim testar sua reação. Se ele atacasse, eu poderia atirar; se ele não me desse atenção, seria seguro deixá-lo até

que o *mahout* voltasse. Mas eu sabia também que não ia fazer nada disso. Eu atirava mal com rifle, e o solo era um lamaçal fofo, no qual um homem afundaria a cada passo. Se o elefante atacasse e eu errasse o tiro, teria tanta chance quanto um sapo sob um rolo compressor. Mas mesmo na ocasião eu não estava pensando especialmente em mim, e sim nos rostos amarelos que me observavam de trás. Pois naquele momento, com a multidão me observando, eu não estava com medo no sentido comum, como estaria se estivesse sozinho. Um homem branco não deve ter medo na frente de "nativos"; assim, de forma geral, ele não tem medo. O único pensamento que eu tinha era que, se algo corresse mal, aqueles dois mil birmaneses me veriam ser perseguido, capturado, esmagado e reduzido a um cadáver com um esgar como aquele indiano no alto da colina. E se isso acontecesse era bastante provável que alguns deles dariam risada. Não, não poderia ser. Só havia uma opção. Eu enfiei os cartuchos na câmara de repetição do rifle e desci a rua para conseguir um ângulo melhor.

A multidão ficou muito quieta e de inumeráveis gargantas saiu um suspiro profundo, baixo e feliz, como o da plateia que vê as cortinas subir afinal. Eles teriam, enfim, seu bocado de diversão. O rifle era uma bela peça alemã, com mira em cruz. Eu não sabia na ocasião que, ao atirar em um elefante, é preciso cortar uma barra imaginária que fosse de orelha a orelha. Portanto, como o elefante estava de perfil, eu deveria ter mirado diretamente em seu ouvido; mas o que eu fiz foi mirar vários centímetros adiante, imaginando que o cérebro estaria um pouco além.

Quando puxei o gatilho, não ouvi o estrondo nem senti o coice – nunca se sente, quando o tiro acerta o alvo –, mas ouvi o rugido de alegria diabólica que subiu da multidão. Naquele instante, em um intervalo até curto demais, seria possível

pensar, para que o projétil chegasse lá, uma mudança misteriosa, horrível, ocorreu no elefante. Ele não se moveu nem caiu, mas cada linha de seu corpo se alterou. Ele pareceu subitamente atingido, encolhido, imensamente velho, como se o impacto terrível do projétil o tivesse paralisado sem o derrubar. Por fim, depois do que pareceu muito tempo – podem ter sido cinco segundos, eu me arriscaria a dizer –, ele flacidamente arqueou os joelhos. Sua boca babou. Uma enorme senilidade pareceu cair sobre ele. Seria possível imaginar que tivesse milhares de anos. Eu atirei de novo no mesmo lugar. A este segundo disparo ele não desabou, mas, sim, endireitou-se com uma lentidão desesperadora sobre as patas e fracamente se manteve ereto, com as pernas flácidas e a cabeça pendendo. Disparei pela terceira vez. Foi o tiro de misericórdia para ele. Dava para ver a agonia dominando seu corpo e arrancando de suas pernas o último vestígio de força. Mas ao cair ele pareceu por um momento se levantar, pois, quando suas pernas traseiras vergaram debaixo dele, ele pareceu se avolumar como uma enorme rocha desmoronando, o corpo se alçando aos céus, como uma árvore. Ele soltou um barrido pela primeira e última vez. Então tombou, com a barriga virada para mim, com um estrondo que pareceu sacudir a terra até mesmo no ponto onde eu estava.

Eu me pus de pé. Os birmaneses já passavam por mim, correndo na lama. Era óbvio que o elefante jamais se levantaria de novo, mas não estava morto. Ele estava respirando ritmadamente em longos arquejos ruidosos, a grande elevação de uma de suas laterais dolorosamente subindo e descendo. A boca estava escancarada – eu conseguia ver o interior profundo da caverna rosada que era sua garganta. Esperei muito tempo até que ele morresse, mas aquela respiração não perdeu força. Por fim, disparei os últimos dois

tiros no lugar onde supus que ficasse o coração. O sangue espesso jorrou para fora como veludo vermelho, mas ele ainda não morrera. O corpo nem mesmo estremeceu quando os tiros o acertaram, e a respiração torturada prosseguiu sem pausa. Ele estava morrendo, muito lentamente e em grande agonia, mas em algum mundo remoto, distante de mim, onde nem mesmo um projétil poderia feri-lo ainda mais. Senti que precisava pôr um fim àquele barulho terrível. Era aterrador ver a grande besta deitada ali, incapaz de se mover e incapaz de morrer, e não ser capaz nem mesmo de acabar com ela. Mandei buscar meu rifle pequeno e descarreguei um tiro após o outro em seu coração e em sua garganta. Não pareceram fazer efeito. Os arquejos torturados continuaram regulares como o tiquetaque de um relógio.

No final, eu não aguentei mais e fui embora. Mais tarde, ouvi que levou meia hora até que ele morresse. Os birmaneses estavam levando *dahs* e cestos mesmo antes que eu partisse, e me contaram que estriparam o corpanzil quase até os ossos naquela mesma tarde.

Mais tarde, é claro, houve discussões intermináveis sobre o abate do elefante. O proprietário estava furioso, mas ele era só um indiano e nada pôde fazer. Além disso, legalmente eu tinha feito a coisa certa, pois um elefante enlouquecido precisa ser morto, tal como um cachorro louco, se o dono falha em mantê-lo sob controle. Entre os europeus, as opiniões se dividiram. Os homens mais velhos disseram que eu estava certo, os mais jovens disseram que era uma maldita vergonha matar um elefante por ele ter matado um culi, porque um elefante valia muito mais do que qualquer maldito culi. E depois eu fiquei muito aliviado pelo culi ter sido morto; isso me punha juridicamente do lado certo e fornecia pretexto suficiente para ter atirado no elefante. Eu com frequência me perguntei se

alguém entre os outros percebeu que eu tinha feito aquilo apenas para evitar parecer um bobo.

1936

Domínio da Coroa Britânica no subcontinente indiano (1858-1947). (N.T.)

Culi: originalmente, “trabalhador”; historicamente, termo depreciativo para indicar trabalhador braçal, peão. Dravidiano: grupo étnico e família linguística do sul do subcontinente indiano. (N.T.)



Lear, Tolstói e o Bobo

Os panfletos de Tolstói são a parte menos conhecida de seu trabalho, e o ataque a Shakespeare[37] não é um documento fácil de se obter, ao menos em tradução para o inglês. Talvez seja útil, portanto, oferecer um resumo do panfleto antes de tentar discutir sobre ele.

Tolstói começa dizendo que, ao longo de toda a sua vida, Shakespeare lhe causou "uma repulsa e um tédio irresistíveis". Ciente de que a opinião do mundo civilizado está contra ele, Tolstói fez uma tentativa após a outra, lendo e relendo os trabalhos de Shakespeare em russo, inglês e alemão; mas "eu passava invariavelmente pelas mesmas sensações; repulsa, fastio e incredulidade". Agora, aos setenta e cinco anos, ele mais uma vez releu a obra completa de Shakespeare, incluindo as peças históricas, e:

> *Eu tive, com ainda mais força, os mesmos sentimentos – desta vez, porém, não de espanto, mas de uma convicção firme e indubitável de que a inquestionável glória de grande gênio da qual Shakespeare desfruta, e que compele os escritores da nossa época a imitá-lo e leitores e espectadores a descobrir nele méritos não existentes – com isso distorcendo sua compreensão estética e ética – é um grande mal, pois é uma total inverdade.*

Shakespeare, Tolstói continua, não apenas não é um gênio, mas não é nem mesmo "um autor mediano", e para demonstrar esse fato ele vai analisar a peça *Rei Lear*, que, conforme mostra com citações de Hazlitt, Brandes e outros, foi elogiada com exagero e pode ser tomada como exemplo do melhor de Shakespeare.

Tolstói faz a seguir uma espécie de apresentação do enredo de *Rei Lear*, em cada etapa julgando-a estúpida, verborrágica, antinatural, incompreensível, bombástica, vulgar, tediosa e repleta de episódios inverossímeis, "loucos desvarios", "piadas sem graça", anacronismos, irrelevâncias, obscenidades, convenções dramatúrgicas ultrapassadas e outras faltas tanto morais quanto estéticas. *Lear* é, de qualquer forma, plágio de uma peça mais antiga e muito melhor, *Rei Leir*, de autoria desconhecida, que Shakespeare roubou e arruinou. Vale a pena citar um parágrafo típico para ilustrar o modo como Tolstói trabalha. Ato III, cena 2 (na qual Lear, Kent e o Bobo estão juntos na tempestade) é assim resumida:

> *Lear caminha pelo pântano e diz palavras que visam a expressar seu desespero: ele deseja que os ventos soprem com tanta força que eles (os ventos) rachem seus rostos e que a chuva inunde tudo, que raios chamusquem sua cabeça branca e que o trovão arrase o mundo e destrua todos os germes "que constituem o homem ingrato"! O bobo prossegue verbalizando ainda mais palavras insensatas. Entra Kent. Lear diz que por alguma razão durante essa tempestade todos os criminosos devem ser encontrados e condenados. Kent, ainda não reconhecido por Lear, tenta persuadi-lo a se abrigar em uma choupana. Neste momento, o bobo faz uma profecia de forma nenhuma relacionada à situação, e todos partem.*

O veredicto final de Tolstói sobre *Lear* é que nenhum observador não hipnotizado, se um observador assim existisse,

conseguiria ler a peça até o fim com nenhum sentimento exceto "aversão e fastio". E exatamente o mesmo é verdade sobre "todos os outros louvados dramas de Shakespeare, para não falar dos contos sem sentido que foram dramatizados, *Péricles*, *Noite de reis*, *A tempestade*, *Cimbelino*, *Troilo e Créssida*.

Depois de abordar *Lear*, Tolstói delineia uma acusação mais genérica contra Shakespeare. Ele acha que Shakespeare tem alguma habilidade técnica, devida em parte a seu passado como ator, mas absolutamente nenhum outro mérito. Não tem nenhuma capacidade de construir um personagem ou de fazer com que palavras e ações surjam naturalmente das situações, a linguagem é uniformemente exagerada e ridícula, ele constantemente enfia os próprios pensamentos aleatórios na boca de qualquer personagem que por acaso esteja à mão, demonstra "uma ausência completa de senso estético", e suas palavras "não têm nada em comum com a arte nem a poesia".

"Shakespeare pode ter sido o que você quiser", Tolstói conclui, "mas ele não era um artista". Além disso, suas opiniões não são originais nem interessantes, e sua tendência é "do tipo mais baixo e imoral". Curiosamente, Tolstói não baseia esse último julgamento nas palavras do próprio Shakespeare, e sim nas afirmações de dois críticos, Gervinus e Brandes. De acordo com Gervinus (ou, pelo menos, de acordo com a interpretação que Tolstói faz de Gervinus), "Shakespeare ensinou… que uma pessoa *pode ser boa demais*", ao passo que, de acordo com Brandes, "o princípio fundamental de Shakespeare… é que *o fim justifica os meios*". Tolstói acrescenta por conta própria que Shakespeare era um patriota xenófobo do pior tipo, mas exceto por isso ele considera que Gervinus e Brandes fizeram uma descrição verdadeira e adequada da visão de Shakespeare sobre a vida.

Tolstói então recapitula em uns poucos parágrafos a teoria da arte que ele próprio já havia expressado, em uma versão estendida, em outro lugar. Reduzindo-a ainda mais, ela se resume a uma exigência por dignidade no tema, sinceridade e perícia. Um grande trabalho de arte precisa lidar com um assunto que seja "importante para a vida da humanidade", expressar algo que o autor genuinamente sinta e usar os métodos técnicos que produzam o efeito desejado. Como Shakespeare tem uma visão degradada, uma execução desleixada e é incapaz de ser sincero mesmo que só por um instante, ele obviamente está condenado.

Mas aqui surge uma questão espinhosa. Se Shakespeare é tudo que Tolstói mostrou que ele é, como foi que se tornou tão amplamente admirado? Evidentemente, a resposta só pode estar em uma espécie de hipnose das massas ou em uma "sugestão epidêmica". Todo o mundo civilizado vem sendo de algum modo induzido a pensar que Shakespeare é um bom escritor, e nem mesmo a mais explícita demonstração do contrário provoca efeito, porque não se está lidando com uma opinião refletida, e sim com algo aparentado da fé religiosa. Ao longo de toda a História, diz Tolstói, existiu uma série dessas "sugestões epidêmicas" – por exemplo, as Cruzadas, a busca pela Pedra Filosofal, o cultivo maníaco de tulipas que certa vez varreu a Holanda, e assim por diante. Como exemplo contemporâneo ele cita, bastante significativamente, o caso Dreyfus, a respeito do qual o mundo inteiro se agitou violentamente sem que houvesse suficiente razão. Há também surtos de loucura curtos e súbitos por novas teorias políticas e filosóficas, ou por este ou aquele escritor, artista ou cientista – por exemplo, Darwin, que (em 1903) começa a ser esquecido. E em alguns casos um ídolo popular bastante irrelevante pode permanecer valorizado por séculos, pois "também ocorre que

tais manias, surgindo em consequência de razões específicas que por acaso favorecem que se estabeleçam, correspondam em tal grau aos pontos de vista disseminados na sociedade, em especial nos círculos literários, que são mantidas por um longo período". As peças de Shakespeare continuaram admiradas por tanto tempo porque "elas refletem o contexto mental irreligioso e imoral das classes altas da época dele e da nossa".

Quanto ao modo como a fama de Shakespeare *começou*, Tolstói explica que ela foi "promovida" por acadêmicos alemães no fim do século XVIII. Sua reputação "surgiu na Alemanha e de lá foi transferida para a Inglaterra". Os alemães decidiram exaltar Shakespeare porque, numa época em que não havia dramaturgia alemã que valesse a pena debater e a literatura clássica francesa estava começando a parecer insípida e artificial, eles foram cativados pelo "desenvolvimento espirituoso de cenas" em Shakespeare, assim como encontraram nele uma boa expressão de sua própria atitude em relação à vida. Goethe afirmou que Shakespeare era um grande poeta, e a partir disso todos os outros críticos foram atrás como um bando de papagaios, e a obsessão vem durando desde então. O resultado foi um agravamento da degradação da dramaturgia – Tolstói toma o cuidado de incluir as próprias peças ao condenar as encenações contemporâneas – e um aumento na corrupção dos pontos de vista morais dominantes. Disso decorre que "a falsa glorificação de Shakespeare" é um mal importante, que Tolstói sente ser seu dever combater.

Essa é, então, a essência do panfleto de Tolstói. O primeiro sentimento que se tem é de que, ao descrever Shakespeare como um mau escritor, ele está dizendo algo demonstravelmente inverídico. Mas não se trata disso. Na verdade, não existe nenhum tipo de evidência ou argumento

pelo qual se possa demonstrar que Shakespeare, ou qualquer outro escritor, seja "bom". Tampouco há qualquer modo de provar definitivamente que, por exemplo, Warwick Deeping seja "ruim". Em última instância, não existe teste de mérito literário a não ser a sobrevivência, o que, por si, é um indicador da opinião da maioria. Teorias artísticas como a de Tolstói são bastante inúteis porque não apenas partem de princípios arbitrários como dependem de termos vagos ("sincero", "importante", etc.), que podem ser interpretados de qualquer forma que se queira. A rigor, não há como *responder* ao ataque de Tolstói. A questão interessante é: por que ele o cometeu? De passagem, deve-se notar que ele usa muitos argumentos fracos ou desonestos. Alguns deles merecem ser identificados, não porque invalidem a principal crítica dele, mas por serem, por assim dizer, evidências de malícia.

Para começar, a análise que ele faz de *Rei Lear* não é "imparcial", como duas vezes ele alega ser. Ao contrário, é um longo exercício de distorção. É óbvio que, quando resume *Rei Lear* para alguém que não leu a peça, você não está realmente sendo imparcial se apresenta uma fala importante (a de Lear, quando Cordélia repousa morta em seus braços) desta maneira: "De novo começam os terríveis desvarios de Lear, do qual uma pessoa chega a sentir vergonha, assim como das piadas malsucedidas". Em uma longa série de exemplos, Tolstói altera ligeiramente ou tinge as passagens que está criticando, sempre de forma a fazer o enredo parecer um pouco mais complicado e improvável, ou a linguagem um pouco mais exagerada. Por exemplo, somos informados de que Lear "não tem necessidade nem motivação para abdicar", embora suas razões para a abdicação (que ele está velho e deseja se afastar das preocupações de Estado) tenham sido claramente indicadas na primeira cena. Veremos que, na

passagem que citei antes, Tolstói propositalmente entendeu mal uma frase e modificou de leve o sentido de outra, transformando em bobagem uma observação que, no contexto, faz bastante sentido. Nenhuma dessas interpretações equivocadas é por si muito grosseira, mas o efeito cumulativo é exagerar a incoerência psicológica da peça. Mais uma vez, Tolstói não é capaz de explicar por que as peças de Shakespeare ainda estavam sendo impressas e encenadas duzentos anos depois de sua morte (ou seja, *antes* do início da "sugestão epidêmica); e toda a avaliação que ele faz da ascensão de Shakespeare à fama é um trabalho de adivinhação pontuado por declarações falsas explícitas. E de novo muitas de suas acusações se contradizem mutuamente: por exemplo, Shakespeare é um mero anfitrião do teatro de variedades e "não a sério", mas está constantemente colocando os próprios pensamentos na boca dos personagens. De modo geral, é difícil sentir que as críticas de Tolstói são feitas de boa-fé. Seja como for, é impossível que ele acreditasse completamente na própria tese principal – ou seja, que acreditasse que, por um século ou mais, todo o mundo civilizado tenha sido engolfado por uma mentira enorme e palpável que ele, e somente ele, tenha sido capaz de perceber. Com certeza sua aversão por Shakespeare é real, mas as razões para isso podem ser diferentes, ou parcialmente diferentes, daquelas que ele declara, e é nisso que reside o interesse por seus panfletos.

A essa altura, uma pessoa é obrigada a começar a fazer adivinhações. No entanto, existe uma possível pista, ou ao menos uma pergunta que pode indicar o caminho para uma pista. É a seguinte: por que, com trinta ou mais peças entre as quais escolher, Tolstói pegou *Rei Lear* como alvo especial? Sim, é verdade que *Rei Lear* é tão conhecida e foi tão elogiada que poderia com justiça ser tomada como representativa do

melhor trabalho de Shakespeare; mesmo assim, para o propósito de uma análise hostil, Tolstói provavelmente escolheria a peça de que mais desgostasse. Não seria possível que ele tivesse uma animosidade especial em relação a esta em particular por reconhecer, consciente ou inconscientemente, as semelhanças entre a história de Lear e a dele mesmo? Mas será melhor abordar essa pista a partir da ponta oposta, ou seja, examinando a peça em si e as qualidades dela que Tolstói deixa de mencionar.

Uma das primeiras coisas que um leitor inglês vai observar no panfleto de Tolstói é que ele mal trata de Shakespeare como poeta. Shakespeare é tratado como dramaturgo e, na medida em que sua popularidade não é espúria, considera-se que isso se deve a truques de encenação que oferecem boas oportunidades a atores talentosos. Agora, no que diz respeito a países de língua inglesa, isso não é verdade. Muitas das peças mais valorizadas por admiradores de Shakespeare (por exemplo, *Tímon de Atenas*) são raramente ou nunca encenadas, enquanto algumas das mais encenadas, como *Sonho de uma noite de verão*, são menos apreciadas. Aqueles que mais gostam de Shakespeare valorizam nele, em primeiro lugar, o uso que faz da linguagem, a "música verbal" que até Bernard Shaw, outro crítico hostil, admite ser "irresistível". Tolstói ignora isso e parece não perceber que um poema pode ter um valor especial para quem fala a língua em que ele foi escrito. No entanto, mesmo que alguém se coloque no lugar de Tolstói e tente pensar em Shakespeare como um poeta estrangeiro, ainda é nítido que existe algo que Tolstói deixou de fora. Poesia, aparentemente, não é uma questão de sonoridade e associação, sem valor fora do próprio grupo linguístico: do contrário, como se explica que alguns poemas, incluindo poemas escritos em línguas mortas, consigam cruzar

fronteiras? É claro que uma letra como a de *Tomorrow is daint Valentine's day*[38] não poderia ser traduzida satisfatoriamente, mas nas obras principais de Shakespeare existe alguma coisa que pode ser descrita como poesia e que pode ser separada das palavras. Tolstói está certo ao dizer que *Lear* não é uma peça muito boa, enquanto peça. É longa demais e tem excesso de personagens e de subtramas. Uma filha malvada seria mais do que suficiente, Edgar é um personagem supérfluo: na verdade, provavelmente seria uma peça melhor se Gloucester e os dois filhos fossem eliminados. Apesar disso, algo, um tipo de padrão, ou quem sabe apenas uma atmosfera, sobrevive às complicações e às *longueurs*. *Lear* pode ser imaginada como um espetáculo de marionetes, uma mímica, um balé, uma série de fotografias. Parte de sua poesia, talvez a parte mais essencial, é inerente à história e não depende nem de um conjunto particular de palavras nem de uma apresentação de carne e osso.

Feche os olhos e pense em *Rei Lear*, se possível sem evocar nada do diálogo. O que você vê? Eis o que eu, pelo menos, vejo: um homem velho, majestoso, com um longo manto preto, de cabelos e barba brancos esvoaçantes, uma figura saída dos desenhos de Blake (e ao mesmo tempo, curiosamente, bastante parecida com Tolstói), vagando em meio à tempestade e amaldiçoando os céus em companhia do Bobo e de um louco. Logo a cena muda e o velho, ainda praguejando e ainda sem entender nada, está segurando nos braços uma moça morta, enquanto o Bobo balança na forca em algum ponto em segundo plano. Esse é o esqueleto da peça, e mesmo aqui Tolstói quer deixar de fora a maior parte do que é essencial. Ele faz objeções à tempestade como sendo desnecessária, ao Bobo por, a seus olhos, ser simplesmente um fardo tedioso e uma desculpa para piadas ruins, e à morte de

Cordélia por, segundo sua visão, despojar a peça de sua moral. De acordo com Tolstói, a peça anterior, *Rei Leir*, que Shakespeare adaptou,

> *Termina mais naturalmente e mais de acordo com as demandas do espectador do que a de Shakespeare; especificamente, com o rei da Gália conquistando os maridos das irmãs mais velhas, e por Cordélia, em vez de ser morta, devolver Leir à sua antiga posição.*

Em outras palavras, a tragédia deveria ter sido uma comédia ou, quem sabe, um melodrama. É questionável se o senso de tragédia é compatível com a crença em Deus: seja como for, ele não é compatível com a descrença na dignidade humana nem com o tipo de "exigência moral" que ele sente ter sido traída quando a virtude fracassa em triunfar. Uma situação trágica existe precisamente quando a virtude *não* triunfa, mas quando ainda se sente que o homem é mais nobre do que as forças que o destroem. Talvez seja ainda mais significativo que Tolstói não veja justificativa para a presença do Bobo. O Bobo é parte integrante da peça. Ele age não apenas como um tipo de coro, que torna a situação principal mais clara ao comentar sobre ela com mais inteligência do que os outros personagens, mas também como realce ao frenesi de Lear. Suas piadas, charadas e fragmentos de rimas, suas intermináveis provocações à generosa insensatez de Lear, que vão do mero escárnio a um tipo de poesia melancólica ("Todos os outros títulos vós cedestes; com este vós nascestes"), são como um fiapo de sanidade que percorre toda a peça, um lembrete de que em um lugar ou outro, a despeito das injustiças, crueldade, intrigas, logros e equívocos que estão sendo encenados ali, a vida segue como de costume. Na impaciência de Tolstói com o Bobo, tem-se um vislumbre de sua discordância profunda com Shakespeare. Ele reclama, com

alguma razão, da imperfeição das peças de Shakespeare, das irrelevâncias, dos argumentos inverossímeis, da linguagem exagerada: mas no fundo o que mais o incomoda é uma espécie de exuberância, uma tendência a ter, não tanto um prazer, mas simplesmente um interesse pelo processo real da vida. É um erro desconsiderar Tolstói como sendo um moralista atacando um artista. Ele nunca disse que arte, como arte, é perversa ou sem sentido, nem afirmou que o virtuosismo técnico seja desimportante. Mas seu principal objetivo, nos últimos anos de vida, foi estreitar o alcance da consciência humana. Os interesses de uma pessoa, seus pontos de contato com o mundo físico e com as lutas do dia a dia, devem ser tão reduzidos, e não tão numerosos, quanto possível. A literatura deve ser feita de parábolas, despojada de detalhes e quase independente de linguagem. As parábolas, e aqui é onde Tolstói diverge do puritano vulgar médio, devem ser elas mesmas obras de arte, mas o prazer e a curiosidade precisam ser extraídos. A ciência também precisa ser separada da curiosidade. O negócio da ciência, ele diz, não é descobrir o que acontece, mas ensinar aos homens como viver. E o da história e da política também. Muitos problemas (por exemplo, o caso Dreyfus) simplesmente não valem a pena ser resolvidos, e ele está disposto a deixá-los como pontas soltas. Na verdade, toda a sua teoria sobre “manias” e “sugestões epidêmicas”, na qual ele reúne coisas como as Cruzadas e a paixão holandesa pelo cultivo de tulipas, demonstra uma disposição para considerar diversas atividades humanas como a mera azáfama das formigas de um lado a outro: inexplicáveis e desinteressantes. É claro que ele não poderia ter paciência com um escritor caótico, detalhista e discursivo como Shakespeare. A reação dele é a de um velho sendo atormentado por uma criança barulhenta. “Por que você fica pulando desse jeito? Por que não senta quieto como eu?” De

certa forma, o velho tem razão, mas o problema é que a criança tem em seus membros uma energia que o velho já perdeu. E se o velho sabe da existência dessa energia, o efeito é apenas aumentar sua irritação: ele tornaria as crianças senis, se pudesse. Tolstói talvez não saiba o que está perdendo em Shakespeare, mas ele tem ciência de estar perdendo algo, e está decidido a que os outros também sejam privados daquilo. Por natureza, ele era tanto imperioso quanto egoísta. Bem depois de ser adulto, ele de vez em quando ainda batia no criado em momentos de raiva, e mais tarde, de acordo com seu biógrafo inglês Derrick Leon, ele sentia "um desejo frequente, diante da mais discreta provocação, de estapear o rosto daqueles de quem discordava". Uma pessoa não necessariamente se livra desse tipo de temperamento ao passar por uma conversão religiosa, e de fato é óbvio que a ilusão de ter renascido pode permitir que os vícios originais de uma pessoa floresçam mais livremente do que nunca, embora talvez de formas mais sutis. Tolstói era capaz de repudiar a violência física e de enxergar o que isso implica, mas não era capaz de tolerância nem de humildade, e, mesmo sem conhecer nenhum de seus outros textos, uma pessoa poderia deduzir sua tendência à intimidação espiritual a partir desse único panfleto.

No entanto, Tolstói não está simplesmente tentando privar os outros de um prazer que ele não sente. Ele está fazendo isso, mas sua rixa com Shakespeare vai além. É a rixa entre as atitudes religiosas e as humanistas diante da vida. Aqui, voltamos ao tema central de *Rei Lear*, o qual Tolstói não menciona, apesar de apresentar o enredo com algum nível de detalhe.

Lear é uma das poucas peças de Shakespeare que são inequivocamente sobre alguma coisa. Como Tolstói acertadamente reclama, muita bobagem foi escrita sobre

Shakespeare como filósofo, como psicólogo, como "grande professor de moral" e assemelhados. Shakespeare não era um pensador sistemático, suas reflexões mais sérias são expressas de modo irrelevante ou indireto, e nós não sabemos em que medida ele escreveu com um "propósito" ou mesmo quanto do trabalho atribuído a ele foi de fato escrito por ele. Nos sonetos, ele nunca se refere às peças como parte de suas conquistas, embora faça o que parece ser uma alusão um pouco envergonhada à carreira de ator. É perfeitamente possível que ele encarasse ao menos metade das peças como uma forma de fazer dinheiro rápido e mal se preocupasse com propósito ou probabilidade, desde que conseguisse juntar alguma coisa, geralmente a partir de material roubado, capaz de se manter mais ou menos de pé quando em cena. Além disso, cerca de uma dúzia de suas peças, escritas em sua maior parte depois de 1600, tem inquestionavelmente um significado e até uma moral. Elas giram em torno de um tema central que em muitos casos pode ser reduzido a uma única palavra. Por exemplo, *Macbeth* é sobre ambição, *Otelo* é sobre ciúme, *Tímon de Atenas* é sobre dinheiro. O tema de *Lear* é renúncia, e é só por cegueira voluntária que uma pessoa pode deixar de enxergar o que Shakespeare está dizendo.

Lear renuncia ao trono, mas espera que todos continuem a tratá-lo como rei. Ele não percebe que, se abre mão do poder, outras pessoas vão tirar vantagem de sua fraqueza, nem que aqueles que mais descaradamente o bajulam, isto é, Regan e Goneril, são exatamente os que vão se virar contra ele. No momento em que ele descobre que não consegue mais fazer com que as pessoas lhe obedeçam como antes, mergulha em uma fúria que Tolstói descreve como "estranha e antinatural", mas que na verdade combina perfeitamente com o personagem. Em meio à loucura e ao desespero, ele passa por dois estados de ânimo que, de novo, são bastante naturais

dadas as circunstâncias, apesar de em um deles ser provável que o personagem esteja sendo usado, em parte, como porta-voz das opiniões do próprio Shakespeare. Um estado de espírito é a aversão com que Lear se arrepende, por assim dizer, de ter sido rei, e compreende pela primeira vez a podridão da justiça formal e da moralidade vulgar. O outro é uma fúria impotente durante a qual ele executa vinganças imaginárias contra aqueles que o trataram injustamente. "Ter mil espetos em brasa lançados assoviando sobre eles!" e:

Que ardiloso estratagema ferrar

Uma tropa de cavalos com feltro: porei à prova;

E quando eu tiver me aproximado desses genros,

Então matar, matar, matar, matar, matar, matar!

Somente no fim ele percebe, como um homem lúcido, que poder, vingança e vitória não valem a pena:

Não, não, não, não! Venha, vamos para a prisão…

... e nos desgastaremos

Em uma prisão murada, bandos e seitas dos grandes

Que fluem e refluem sob a lua.

Mas quando ele faz essa descoberta já é tarde demais, pois sua morte e a de Cordélia já estão decididas. Esta é a história e, desconsiderando alguma falta de habilidade ao contar, é uma história muito boa.

Mas não é também, curiosamente, parecida com a história do próprio Tolstói? Existe uma semelhança geral que dificilmente não se vê, porque o episódio mais impressionante na vida de Tolstói, assim como na de Lear, foi um ato imenso e gratuito de renúncia. Em sua velhice, ele renunciou às propriedades, aos títulos e direitos autorais, e fez uma tentativa – uma tentativa sincera, apesar de não bem-sucedida – de escapar de

sua posição privilegiada e levar a vida de um camponês. Mas a semelhança mais profunda repousa no fato de que Tolstói, como Lear, agiu por motivos equivocados e fracassou em obter os resultados esperados. De acordo com Tolstói, o objetivo de todo ser humano é a felicidade, e a felicidade só pode ser obtida pelo cumprimento da vontade de Deus. Mas fazer a vontade de Deus significa abrir mão de todos os prazeres e ambições terrenos e dedicar a vida aos outros. Em última instância, portanto, Tolstói renunciou ao mundo na expectativa de que isso o faria mais feliz. Porém se existe alguma certeza a respeito de seus últimos anos de vida é que ele não foi feliz. Ao contrário, ele foi levado quase à beira da loucura pelo comportamento das pessoas ao seu redor, que o perseguiam precisamente por causa de sua renúncia. Tal como Lear, Tolstói não era humilde nem um bom avaliador de caráter. Ele era às vezes propenso a reassumir as atitudes de um aristocrata, a despeito de seus trajes de camponês, e ele ainda teve dois filhos em quem acreditava e que acabaram por se voltar contra ele – embora, claro, de um modo menos sensacional do que Regan e Goneril. Sua repugnância exagerada pela sexualidade também é claramente parecida com a de Lear. Tolstói comenta que o casamento é "escravidão, saciedade e repulsa" e significa suportar a proximidade de "feiura, sujeira, cheiros, feridas" é equivalente à conhecida explosão de Lear:

Acima da cintura os deuses herdam,

Abaixo, o diabo;

Lá está o inferno, lá a escuridão, lá o poço sulfuroso

A queimação, a fervura, o fedor, o definhamento, etc., etc.

E, embora Tolstói não pudesse ter previsto isso quando escreveu o ensaio sobre Shakespeare, até mesmo o fim de sua

vida – a fuga súbita e não planejada pelo país, acompanhado apenas de uma filha leal, a morte em uma cabana em um vilarejo estranho – parece conter em si uma espécie de reminiscência fantasma de *Lear*.

É claro que não se pode supor que Tolstói estivesse ciente dessa semelhança nem que a teria admitido caso lhe tivesse sido apontada. Mas sua atitude em relação à peça deve ter sido influenciada pelo tema. Renunciar ao poder, doar suas terras, era um assunto que ele tinha razão para sentir com intensidade. Provavelmente, portanto, ficaria mais raivoso e perturbado pela moral que Shakespeare delineia do que ficaria em relação a alguma outra peça – digamos, *Macbeth* – que não tocasse tão de perto sua própria vida. Mas *qual é*, exatamente, a moral de *Lear*? Existem duas, é claro: uma explícita e a outra implícita na história.

Shakespeare começa pressupondo que se tornar sem poder é atrair um ataque. Isso não significa que *todo mundo* vai se voltar contra você (Kent e o Bobo permanecem leais a Lear do início ao fim), mas que com toda a probabilidade *alguém* vai. Se você atira longe as suas armas, uma pessoa menos escrupulosa vai apanhá-las. Se você oferece a outra face, vai receber um golpe mais forte do que o primeiro. Isso nem sempre acontece, mas precisa ser esperado, e você não deve reclamar se acontecer. O segundo golpe é, por assim dizer, parte do ato de oferecer a outra face. Em primeiro lugar, portanto, está a moral vulgar, comum, verbalizada pelo Bobo: "Não ceda o poder, não doe suas terras". Mas existe também outra moral. Shakespeare nunca a verbaliza em tantas palavras, e não importa muito se ele estava totalmente consciente dela. Está contida na história que, afinal, ele criou, ou alterou para servir a seus objetivos. É esta: "Doe suas terras se quiser, mas não espere conseguir felicidade ao fazer isso.

Provavelmente você não conseguirá felicidade. Se você vai viver pelos outros, precisa viver *para os outros*, e não como um caminho alternativo para conseguir um benefício para si".

Obviamente, nenhuma dessas conclusões teria sido agradável para Tolstói. A primeira delas expressa o egoísmo comum, rasteiro, do qual ele estava genuinamente tentando escapar. A outra entra em conflito com seu desejo de comer o bolo e ainda retê-lo – ou seja, destruir o próprio egoísmo e ao fazer isso ganhar a vida eterna. *Lear*, claro, não é um sermão em favor do altruísmo. A peça simplesmente mostra os resultados de se praticar a abnegação por motivos egoístas. Shakespeare tinha traços consideráveis de mundanismo em si e, se fosse obrigado a escolher um lado na própria peça, provavelmente ficaria com o Bobo. Mas ao menos ele conseguia ver o assunto como um todo e tratá-lo no nível da tragédia. O vício é punido, mas a virtude não é recompensada. A moral das últimas tragédias de Shakespeare não é religiosa no sentido comum, e com toda a certeza não é cristã. Só duas delas, *Hamlet* e *Otelo*, passam-se supostamente na era cristã e, mesmo nelas, exceto pela bufonaria do fantasma em *Hamlet*, não há indicação de um "outro mundo" onde tudo será corrigido. Todas essas tragédias partem do pressuposto humanista de que a vida, com todas as suas dores, vale a pena ser vivida e que o Homem é um animal nobre – uma crença de que Tolstói, em sua velhice, não compartilhava.

Tolstói não era um santo, mas tentou com muito empenho transformar-se em um, e os padrões que aplicava à literatura pertenciam ao outro mundo. É importante notar que a diferença entre um santo e um homem comum é uma diferença de tipo, e não de grau. Ou seja, um não deve ser considerado uma forma imperfeita do outro. O santo, ou ao menos o tipo de santo de Tolstói, não está tentando realizar uma evolução da

vida terrena: ele está tentando acabar com ela e colocar algo diferente no lugar. Uma manifestação óbvia disso é a alegação de que o celibato é "superior" ao casamento. Se pelo menos, Tolstói de fato afirma, parássemos de procriar, brigar, lutar e desfrutar, se conseguíssemos ao menos nos livrar não só dos nossos pecados, mas de todo o resto que nos prende à superfície da terra, incluindo o amor, então todo esse processo doloroso se encerraria e o Reino dos Céus chegaria. Mas um ser humano normal não deseja o Reino dos Céus: ele deseja que a vida na terra continue. Isso não é só porque ele é "fraco", "pecador" e ansioso por "diversão". A maioria das pessoas extrai da vida uma boa dose de diversão, mas em compensação vida é sofrimento, e apenas os muito jovens ou muito tolos imaginam o contrário. Em última análise, é a atitude cristã que é egoísta e hedonista, uma vez que seu objetivo é sempre escapar da luta sofrida da vida terrena e encontrar a paz eterna em algum tipo de Paraíso ou Nirvana. A atitude humanista é que a luta precisa continuar e que a morte é o preço da vida. "Os homens devem suportar a vida futura como a suportaram até aqui: o amadurecimento é tudo" – e isso é um sentimento anticristão. Com frequência há uma aparente trégua entre o humanista e o crente, mas na verdade suas atitudes não podem ser conciliadas: é preciso escolher entre este mundo e o outro. E a imensa maioria dos seres humanos, se entendesse a questão, escolheria este mundo. Eles fazem essa escolha quando continuam trabalhando, procriando e morrendo, em vez de mutilar suas faculdades na esperança de obter uma nova existência em outro lugar.

Não sabemos muito sobre as crenças religiosas de Shakespeare, e usando seus textos como evidência seria difícil provar que ele tinha alguma. De qualquer forma, ele não era santo nem queria ser: ele era um ser humano e em alguns

sentidos nem mesmo um muito bom. Está claro, por exemplo, que ele gostava de circular entre os ricos e poderosos, e que por eles era capaz das bajulações mais servis. Era também notavelmente cauteloso, para não dizer covarde, em seu modo de expressar opiniões impopulares. Quase nunca ele põe um comentário subversivo ou cético na boca de um personagem passível de ser identificado com ele próprio. Ao longo de todas as suas peças, os críticos sociais mais argutos, as pessoas que não engolem as falácias aceitas, são bufões, vilões, loucos ou pessoas que demonstram insanidade ou estão em um estado de histeria violenta. *Lear* é uma peça em que essa tendência é particularmente bem marcada. Contém uma boa dose de crítica social velada – um aspecto que Tolstói deixa passar –, mas tudo é verbalizado ou pelo Bobo, ou por Edgar quando ele está fingindo estar louco, ou por Lear durante seus rompantes de loucura. Em seus momentos de sanidade, Lear quase nunca faz um comentário inteligente. Apesar disso, o próprio fato de que Shakespeare precisou usar esses subterfúgios demonstra a amplitude de seus pensamentos. Ele não conseguiu se impedir de comentar sobre quase todas as coisas, embora ponha uma série de máscaras para fazer isso. Quem alguma vez leu Shakespeare com atenção não consegue com facilidade passar um dia sem citá-lo, porque não há muitos assuntos importantes que ele não aborde ou ao menos mencione em um ou outro lugar, à sua maneira não sistemática, porém reveladora. Mesmo as irrelevâncias que abundam em cada uma de suas peças – os trocadilhos e enigmas, as listas de nomes, os rascunhos de "reportagem" como a conversa dos carregadores em *Henrique IV*, as piadas sujas, os fragmentos recuperados de baladas antigas – são meramente produtos do excesso de vitalidade. Shakespeare não era um filósofo nem um cientista, mas ele tinha curiosidade, amava a superfície da terra e o processo da vida – o que, vale repetir, *não* é a mesma coisa

que desejar divertir-se e permanecer vivo por tanto tempo quanto possível. Claro, não é pela qualidade de seus pensamentos que Shakespeare sobreviveu, e talvez nem fosse lembrado como dramaturgo se não fosse também poeta. Sua principal influência sobre nós se dá pela linguagem. A profundidade do fascínio do próprio Shakespeare pela música das palavras pode provavelmente ser inferida a partir das falas de Pistol. O que Pistol diz é em grande medida sem sentido, mas, se alguém considera suas falas isoladamente, elas constituem uma magnífica poesia retórica. Evidentemente, trechos de bobagens retumbantes ("Que as inundações aumentem e demônios por alimento uivem", etc.) apareciam por vontade própria e o tempo todo na mente de Shakespeare, e um personagem semilunático precisou ser criado para aproveitá-las.

A língua materna de Tolstói não era o inglês e não se pode culpá-lo por não se comover com os versos de Shakespeare, nem mesmo, talvez, por sua recusa a acreditar que a habilidade de Shakespeare com palavras era algo fora do comum. Mas ele teria rejeitado da mesma forma toda a ideia de valorizar a poesia por sua textura – valorizá-la, por assim dizer, como um tipo de música. Se de algum modo tivesse sido provado a Tolstói que toda a explicação que ele deu sobre a ascensão de Shakespeare à fama está equivocada; que, ao menos dentro do mundo falante de inglês, a popularidade de Shakespeare é genuína; que sua mera habilidade em posicionar uma sílaba depois da outra proporcionou um prazer agudo a uma geração após a outra de pessoas falantes de inglês – tudo isso não teria sido considerado mérito de Shakespeare, e sim o contrário. Teria sido simplesmente mais uma prova da irreligiosidade e do caráter terreno de Shakespeare e seus admiradores. Tolstói teria dito que a poesia deve ser julgada por seu significado, e

que sonoridades sedutoras apenas fazem com que significados enganosos passem despercebidos. Em todos os níveis, é a mesma questão – este mundo contra o próximo: e certamente a música das palavras é algo que pertence a este.

Uma espécie de dúvida sempre pairou ao redor do caráter de Tolstói, assim como ao redor do caráter de Gandhi. Ele não era um hipócrita vulgar, como alguns declaram que ele era, e provavelmente teria imposto a si mesmo sacrifícios ainda maiores do que os que de fato impôs se não tivesse sido impedido a cada etapa pelas pessoas à sua volta, especialmente a esposa. No entanto, é perigoso analisar Tolstói através da avaliação de seus discípulos. Existe sempre a possibilidade – a probabilidade, de fato – de que eles não tenham feito mais do que trocar uma forma de egoísmo por outra. Tolstói renunciou à riqueza, fama e prosperidade; ele abriu mão da violência em todas as suas formas e estava pronto a sofrer por isso; mas não é fácil acreditar que ele abriu mão do princípio da coerção ou, ao menos, do *desejo* de coagir os outros. Há famílias em que o pai diz ao filho "Você vai levar um tapa se fizer isso de novo", enquanto a mãe, com os olhos marejados, toma a criança nos braços e murmura, docemente, "Bem, meu amor, é certo com a mamãe ter feito isso?". E quem sustentaria que o segundo método é menos tirânico do que o primeiro? A distinção que realmente importa não é entre a violência e a não violência, mas entre ter e não ter apetite por poder. Existem pessoas seguras da perversidade tanto dos exércitos quanto das forças policiais, mas que, apesar disso, são muito mais intolerantes e inquisitoriais do que a pessoa comum, que acredita que sob certas circunstâncias é necessário empregar violência. Elas não vão dizer a alguém "Faça isso e aquilo ou você vai preso", mas, se puderem, elas entrarão na mente desse alguém e ditarão até os mais ínfimos detalhes o que aquela pessoa deve

pensar. Credos como o pacifismo e o anarquismo, que na superfície aparentam implicar uma renúncia completa ao poder, na verdade encorajam esse hábito mental. Pois, se você abraçou um credo que aparenta ser livre de toda a sujeira comum à política, um credo do qual você não espere extrair nenhuma vantagem material, então com certeza isso prova que você está do lado certo, não? E, quanto mais você está certo, mais natural que todas as outras pessoas sejam pressionadas a pensar do mesmo jeito.

Se é para acreditarmos no que Tolstói diz no panfleto, ele nunca conseguiu ver nenhum mérito em Shakespeare e sempre se assombrava ao descobrir que seus colegas escritores, Turguêniev[39], Fet[40] e os outros, pensavam de outro modo. Podemos ter certeza de que, na época anterior à sua regeneração, a conclusão de Tolstói teria sido "Você gosta de Shakespeare, eu não gosto, vamos deixar assim". Depois, quando foi abandonado pela percepção de que todos os tipos são necessários para construir o mundo, ele passou a ver os textos de Shakespeare como algo perigoso para si mesmo. Quanto mais prazer as pessoas extraíam de Shakespeare, menos elas dariam ouvidos a Tolstói. Portanto, ninguém deveria ter *permissão* para apreciar Shakespeare, assim como ninguém deveria poder beber álcool nem fumar tabaco. Verdade, Tolstói não os impediria à força. Ele não está exigindo que a polícia confisque todos os exemplares das obras de Shakespeare. Mas ele fará um jogo sujo, se puder. Ele vai tentar entrar na mente de todos os admiradores de Shakespeare e matar o entusiasmo usando todos os truques que puder imaginar, incluindo – conforme demonstrei no resumo que fiz do panfleto dele – argumentos que são contraditórios entre si ou até mesmo de honestidade duvidosa.

No fim, porém, o que mais impressiona é como tudo isso faz

pouca diferença. Como afirmei antes, não se pode *responder* ao panfleto de Tolstói, ao menos não a seus pontos principais. Não existe argumento pelo qual se possa defender um poema. Ele defende a si mesmo por sobreviver, ou é indefensável. E se esse teste é válido, acho que o veredicto do caso de Shakespeare deve ser "inocente". Como qualquer outro escritor, Shakespeare será cedo ou tarde esquecido, mas é improvável que uma acusação mais pesada venha a ser feita contra ele. Tolstói foi talvez o literato mais admirado de sua época e certamente não o menos capaz entre os panfletários. Ele concentrou todas as suas forças de denúncia contra Shakespeare, como todos os canhões de um navio de guerra rugindo simultaneamente. E com qual resultado? Quarenta anos depois, Shakespeare segue completamente não afetado, e da tentativa de demoli-lo nada resta senão as páginas amareladas de um panfleto que pouca gente leu, e que seria totalmente esquecido se Tolstói não tivesse sido também o autor de *Guerra e paz* e *Anna Kariênina*.

1947

Shakespeare and the drama [*Shakespeare e a arte dramática*], escrito por volta de 1903 como introdução a outro panfleto, *Shakespeare and the working classes* [*Shakespeare e as classes trabalhadoras*], de Ernest Crosby. (N.A.)

Música cantada pela personagem Ofélia em *Hamlet*, ato 4, cena 5. (N.T.)

Ivan Sergeiévitch Turguêniev (1818-1883) foi um romancista, poeta, dramaturgo e tradutor russo. (N.T.)

Afanasi Afanasievich Fet (1820-1892) foi um poeta russo. (N.T.)



Política versus literatura: uma análise de As viagens de Gulliver

Em *As viagens de Gulliver* [41], a humanidade é atacada ou criticada por no mínimo três ângulos diferentes, e assim o caráter implícito do próprio Gulliver necessariamente se altera um pouco no processo. Na Parte I, ele é o típico viajante do século XVIII, corajoso, prático e não romântico, sua perspectiva doméstica é habilmente marcada no leitor pelos detalhes biográficos do início, por sua idade (ele é um homem de 40 anos e dois filhos, quando as aventuras começam) e pelo inventário das coisas em seus bolsos, especialmente os óculos, que fazem diversas aparições. Na Parte II, ele tem no geral o mesmo caráter, mas, nos momentos em que a história exige, tem uma tendência a mergulhar em uma imbecilidade capaz de exaltar "nossa nobre nação, amante das artes e das armas, flagelo da França", etc., etc., e ao mesmo tempo trair todos os fatos escandalosos disponíveis sobre o país que ele alega amar. Na Parte III ele é praticamente o mesmo que era na Parte I, apesar de, por seu convívio com membros da corte e homens cultos, ter-se a impressão de que ele ascendeu na escala social. Na Parte IV, ele exprime um horror à raça humana que não é

aparente, ou é só intermitentemente aparente, nas partes anteriores, e se altera para um tipo de anacoreta não religioso cujo único desejo é viver em algum lugar desolado, onde possa dedicar-se a meditar sobre a bondade dos *houyhnhnms*. No entanto, essas inconsistências se impõem sobre Swift pelo fato de que Gulliver está ali principalmente para servir de contraponto. É necessário, por exemplo, que ele pareça sensato na Parte I e ao menos ocasionalmente tolo na Parte II, porque em ambas a manobra essencial é a mesma, isto é, fazer o ser humano parecer ridículo ao imaginá-lo como uma criatura de quinze centímetros de altura. Sempre que Gulliver não está fazendo papel de bobo, existe uma espécie de coesão em seu caráter, que se evidencia especialmente em sua desenvoltura e em suas observações dos pormenores físicos. Ele é em grande medida o mesmo tipo de pessoa, com o mesmo estilo de prosa, quando conquista os navios de guerra de Blefuscu, quando rasga a barriga do rato monstruoso e quando parte navegando em seu barco de pesca feito de pele de *yahoos*. Além disso, é difícil não sentir que, nas situações em que é mais briguento, Gulliver não é simplesmente o próprio Swift, e há ao menos um incidente no qual Swift parece estar dando vazão às próprias queixas conta a sociedade contemporânea. Deve-se lembrar que, quando o palácio do imperador de Lilipute pega fogo, Gulliver o apaga urinando sobre ele. Em vez de ser cumprimentado por sua presença de espírito, ele descobre que cometeu uma ofensa mortal ao urinar nos arredores do palácio e:

> *Garantiram-me em particular que a imperatriz, ciente do ato repugnante que eu cometera, mudara-se para a parte mais agastada da corte, firmemente decidida que aquelas construções jamais estariam à altura de seu uso; e, na presença de seus principais confidentes, não pôde evitar de jurar vingança.*

De acordo com o professor G. M. Trevelyan (*England under Queen Anne*), parte da razão para o fracasso de Swift em obter um título honorífico foi que a rainha ficou escandalizada pelo *Conto de uma banheira*, um panfleto no qual Swift provavelmente sentiu ter prestado um grande serviço à Coroa inglesa, uma vez que a história escarifica os Dissidentes e mais ainda os Católicos, ao mesmo tempo em que deixa em paz a Igreja Estabelecida. Seja como for, ninguém negaria que *As viagens de Gulliver* é um livro tão rancoroso quanto pessimista, e que especialmente nas Partes I e II ele muitas vezes descamba para um partidarismo político do tipo mais bitolado. Mesquinhez e magnanimidade, republicanismo e autoritarismo, amor à razão e falta de curiosidade, tudo se mistura ali. O ódio ao corpo humano ao qual Swift é especialmente associado só é dominante na Parte IV, mas de algum modo essa nova preocupação não surge como surpresa. Sente-se que todas essas aventuras e mudanças de humor poderiam ter acontecido à mesma pessoa, e a interconexão entre as lealdades políticas de Swift e seu extremo desespero é um dos aspectos mais interessantes do livro. Politicamente, Swift era uma dessas pessoas que são levadas a uma espécie de *torianismo*[42] perverso graças à insensatez do partido progressista do momento. A Parte I de *As viagens de Gulliver*, ostensivamente uma sátira à grandeza humana, pode ser vista, caso se olhe mais profundamente, como um simples ataque à Inglaterra, ao domínio dos Whigs[43] e sobre a guerra contra a França, que – por piores que tenham sido os motivos dos Aliados – de fato salvaram a Europa de ser tiranizada por uma potência reacionária única. Swift não era jacobita[44] nem, falando estritamente, um Tory, e seu objetivo declarado na guerra foi apenas um acordo de paz moderado, e não uma derrota total da Inglaterra. Mesmo assim, há traços de colaboracionismo em sua atitude, que surgem no final da Parte I e interferem ligeiramente na alegoria. Quando Gulliver foge

de Lilipute (Inglaterra) para Blefuscu (França), a suposição de que um ser humano com quinze centímetros de altura é inerentemente desprezível parece cair por terra. Enquanto o povo de Lilipute se comportou em relação a Gulliver do modo mais traiçoeiro e perverso, o de Blefuscu se porta com generosidade e franqueza, e de fato essa parte do livro termina em um tom diferente da desilusão generalizada dos capítulos anteriores. Evidentemente, a disposição de Swift é, em primeiro lugar, contra a Inglaterra. São "os seus nativos" (isto é, os conterrâneos de Gulliver) a quem o rei de Brobdingnag considera serem "a mais perniciosa raça de pequenos vermes odiosos que a natureza alguma vez fez rastejar sobre a superfície da terra", e a longa passagem no fim, denunciando a colonização e a conquista estrangeira, é claramente dirigida à Inglaterra, embora o contrário seja elaboradamente afirmado. Os holandeses, aliados da Inglaterra e alvo de um dos mais famosos panfletos de Swift, também são mais ou menos descaradamente atacados na Parte II. Há até mesmo o que parece um comentário pessoal na passagem em que Gulliver registra sua satisfação com o fato de que os vários países que descobriu não podem ser transformados em colônias da Coroa britânica:

> *Os houyhnhnms, de fato, parecem não estar tão bem preparados para a guerra, uma ciência à qual são perfeitos estranhos, especialmente na forma de armas em missivas. No entanto, supondo que eu fosse um ministro de Estado, jamais poderia aconselhar invadi-los… Imaginem vinte mil deles invadindo a névoa de um exército europeu, confundindo as tropas, revirando as carruagens, esmagando o rosto dos guerreiros até o estado de polpa, com seus cascos traseiros…*

Considerando que Swift não desperdiça palavras, esta frase, "esmagando o rosto dos guerreiros até o estado de polpa",

provavelmente indica um desejo secreto de ver os exércitos invencíveis do duque de Marlborough tratados de forma parecida. Há traços parecidos em outros lugares. Até o país mencionado na Parte III, em que "a maioria do povo consiste, de certa forma, totalmente de descobridores, testemunhas, informantes, acusadores, promotores, evidências, jurados, juntamente com seus diversos instrumentos subservientes e subalternos, todos sob as influências, a conduta e o pagamento dos ministros de Estado", é chamado de Langdon, nome que está a uma letra de ser um anagrama de *England*. (Como as primeiras edições do livro contêm erros tipográficos, a intenção talvez tenha sido um anagrama completo.) A repulsa *física* de Swift para com a humanidade é com certeza real o bastante, mas tem-se a sensação de que sua ridicularização da grandeza humana, suas diatribes contra os lordes, políticos, protegidos da corte etc. têm uma aplicação principalmente local, e surge do fato de ele ter pertencido ao partido derrotado. Ele denuncia a injustiça e a opressão, mas não dá evidências de gostar da democracia. Apesar de seus poderes muito maiores, sua posição implícita é muito parecida com a de inúmeros conservadores capazes e bobos dos nossos dias – pessoas como Sir Alan Herbert, professor G. M. Young, lorde Elton, o Comitê Reformista Tory ou a longa fila de católicos apologistas de W. H. Mallock em diante: pessoas que se especializam em fazer piadinhas hábeis à custa de tudo que seja "moderno" e "progressista", e cujas opiniões são com frequência mais extremadas porque sabem que não podem influenciar o curso real dos eventos. Afinal, um panfleto como *Um argumento para provar que a abolição da cristandade* etc. é bem parecido com "Timothy Shy" se divertir um pouco com Custódia do Cérebro ou o padre Ronald Knox denunciar os erros de Bertrand Russell. Afinal, o desembaraço com que Swift foi perdoado – e perdoado, às vezes, por crentes devotos

– pelas blasfêmias de *Conto de uma banheira* demonstra com suficiente clareza a debilidade dos sentimentos religiosos quando comparados aos sentimentos políticos.

No entanto, a estrutura reacionária da mente de Swift não se revela especialmente em suas afiliações políticas. O importante é sua atitude em relação à ciência e, mais amplamente, em relação à curiosidade intelectual. A famosa Academia de Lagado, descrita na Parte III de *As viagens de Gulliver*, é sem dúvida uma sátira justificada à maioria dos assim chamados cientistas da época de Swift. Significativamente, as pessoas que trabalham lá são descritas como "projetistas", ou seja, pessoas alheias e desinteressadas na pesquisa, meramente em busca de dispositivos que possam diminuir o trabalho e aumentar o lucro. Mas não há um sinal de que a ciência "pura" teria parecido a Swift uma atividade válida – e, de fato, ao longo do livro, há muitos sinais contrários a isso. O tipo mais sério de cientista já tinha levado chutes nos fundilhos na Parte II, em que os "acadêmicos" patrocinados pelo rei de Brobdingnag tentam esclarecer a pequena estatura de Gulliver:

> *Após muito debate, eles concluíram por unanimidade que eu era apenas um relplum scalcath, que é interpretado literalmente, lusus naturae; uma definição perfeitamente de acordo com a filosofia europeia moderna, cujos professores, desprezando a velha evasiva das causas ocultas, por meio das quais os seguidores de Aristóteles procuraram em vão disfarçar sua ignorância, inventaram essa solução maravilhosa para todas as dificuldades, para o indizível avanço do conhecimento humano.*

Caso isso se mantivesse de pé sozinho, seria possível supor que Swift é meramente inimigo da *impostura* científica. Em numerosos pontos, porém, ele sai dessa trilha e proclama a inutilidade de qualquer conhecimento ou especulação que não

seja dirigido a uma finalidade prática:

> *O conhecimento (dos brobdingnags) é muito falho, consistindo tão somente de moralidade, história, poesia e matemática, no que são excelentes. Mas este último é integralmente aplicado ao que pode ser útil na vida, à melhoria na agricultura e a todas as perícias mecânicas, de modo que, entre nós, seria pouco estimado. Quanto a ideias, entidades, abstrações, transcendências, eu nunca conseguiria colocar a menor concepção em suas cabeças.*

Os *houyhnhnms*, as criaturas ideais de Swift, estão atrasados até mesmo no sentido mecânico. Eles não têm familiaridade com os metais, nunca ouviram falar de barcos, não praticam, falando apropriadamente, a agricultura (somos informados de que a aveia da qual vivem "cresce naturalmente") e parecem não ter inventado a roda[45]. Não possuem um alfabeto e evidentemente não têm muita curiosidade sobre o mundo físico. Não acreditam que exista algum país povoado exceto o deles e, embora entendam os movimentos do Sol e da Lua, a natureza dos eclipses, "este é o auge do avanço de sua *astronomia*". Em oposição, os filósofos da ilha voadora de Laputa se veem tão continuamente absortos em especulações matemáticas que antes de falar com eles uma pessoa precisa chamar sua atenção batendo-lhes nas orelhas com uma bexiga. Eles catalogaram dez mil estrelas fixas, estabeleceram a periodicidade de noventa e três cometas e descobriram, antes dos astrônomos da Europa, que Marte tem duas luas – todas informações que Swift, evidentemente, considera ridículas, inúteis e desinteressantes. Como se pode esperar, ele acredita que o lugar do cientista, se é que um cientista tem um lugar, é no laboratório, e que o conhecimento científico não se relaciona com questões políticas:

> *O que eu (...) achei totalmente inexplicável foi a forte disposição que observei possuírem em relação a notícias e*

política, perpetuamente investigando os assuntos públicos, emitindo julgamentos quanto a questões de Estado e disputando apaixonadamente cada centímetro da posição do partido. Eu de fato observei a mesma disposição entre a maioria dos matemáticos que conheci na Europa, embora nunca tenha descoberto a menor analogia entre as duas ciências; a menos que aquelas pessoas suponham que, por o menor círculo conter tantos graus quanto o maior, a regulação e o gerenciamento do mundo requeiram não mais habilidades do que o manuseio e o giro de um globo terrestre.

Não existe algo de familiar na frase "embora nunca tenha descoberto a menor analogia entre as duas ciências"? Tem exatamente o mesmo tom dos apologistas católicos que demonstram surpresa quando um cientista verbaliza uma opinião sobre a existência de Deus e a imortalidade da alma. O cientista, somos informados, é um especialista apenas em um campo restrito: por que suas opiniões teriam valor em qualquer outro? A implicação é que a teologia é uma ciência tão exata quanto, por exemplo, a química, e que o sacerdote também é um especialista cujas conclusões em certos temas devem ser aceitas. Swift faz a mesma alegação quanto à política, mas ele vai mais longe, no sentido de não permitir que o cientista – nem o cientista "puro" nem o *ad hoc* – seja uma figura útil no discurso dele mesmo. Mesmo que ele não tivesse escrito a Parte III de *As viagens de Gulliver*, seria possível inferir a partir do resto do livro que, tal como Tolstói e Blake, ele odeia a própria ideia de estudar os processos da natureza. A "razão" que ele tanto admira nos *houyhnhnms* não significa primariamente a capacidade de extrair inferências lógicas a partir de fatos observados. Embora ele nunca a defina, na maioria dos contextos ela parece significar ou senso comum – isto é, aceitação do óbvio e desprezo por sofismas e abstrações – ou ausência de paixão e superstição. No geral, ele presume

que nós já sabemos tudo o que precisamos saber, e meramente usamos nosso conhecimento equivocadamente. A medicina, por exemplo, é uma ciência inútil, pois, se levássemos uma vida mais natural, não existiriam doenças. Swift, no entanto, não é um simplório nem um admirador do Bom Selvagem. Ele é a favor da civilização e dos modos civilizados. Não apenas reconhece o valor de boas maneiras, boa conversa e até do conhecimento de um tipo literário e histórico, ele também enxerga que a agricultura, a navegação e a arquitetura precisam ser estudadas e poderiam, com benefício, ser aprimoradas. Mas seu objetivo implícito é a civilização estática e não curiosa – o mundo de sua época, um pouco mais limpo, um pouco mais lúcido, sem nenhuma mudança radical e sem incursões no desconhecido. Mais do que se poderia esperar de alguém tão liberto das falácias aceitas, ele reverencia o passado, especialmente a Antiguidade clássica, e acredita que o homem moderno se degenerou acentuadamente nos últimos cem anos[46]. Na ilha dos feiticeiros, onde os espíritos dos mortos podem ser invocados à vontade:

> *Desejei que o Senado de Roma aparecesse à minha frente em uma ampla câmara, e um representante da opinião contrária, em outra. O primeiro pareceu uma assembleia de heróis e semideuses, o outro, um bando de mascates, punguistas, salteadores e valentões.*

Embora Swift use este trecho da Parte III para atacar a veracidade da história registrada, seu espírito crítico o abandona assim que ele começa a lidar com gregos e romanos. Ele comenta, claro, sobre a corrupção da Roma imperial, mas tem uma admiração quase irracional por algumas personalidades de destaque do mundo antigo:

> *Fui tomado de profunda veneração ao ver Brutus, e descobri facilmente a mais consumada virtude, a mais extraordinária intrepidez e firmeza mental, o mais*

verdadeiro amor por seu país e benevolência geral pela humanidade em cada linha de seu semblante… Tive a honra de conversar muito com Brutus e fui informado de que seus ancestrais Júnio, Sócrates, Epaminondas, Cato, o Jovem, Sir Thomas More e ele próprio estavam continuamente juntos: um sextumvirato ao qual nem todas as eras do mundo poderão acrescentar um sétimo.

Note-se que, dessas seis pessoas, apenas uma é cristã. Esse é um ponto importante. Se somarmos o pessimismo de Swift, sua reverência pelo passado, sua falta de curiosidade e seu horror ao corpo humano, chegaremos a uma atitude comum entre reacionários religiosos – ou seja, pessoas que defendem uma ordem injusta da sociedade alegando que este mundo não pode ser substancialmente melhorado e que só o "outro mundo" importa. No entanto, Swift não dá nenhum sinal de ter alguma crença religiosa, pelo menos não no sentido normal da palavra. Ele não demonstra acreditar seriamente na vida após a morte, e sua ideia de bondade está atrelada a republicanismo, amor à liberdade, coragem, "benevolência" (significando no fundo espírito público), "razão" e outras qualidades pagãs. Isso nos lembra da existência de outra tensão em Swift, não exatamente congruente com sua descrença no progresso e seu ódio generalizado pela humanidade.

Para começo de conversa, há momentos em que ele é "construtivo" e até mesmo "avançado". Ser inconsistente de vez em quando é quase um sinal de vitalidade nos livros de utopia, e Swift às vezes insere em um trecho uma palavra ou um elogio que é pura sátira. Assim, suas ideias sobre a educação dos jovens são adotadas pelos liliputianos, que têm sobre esse assunto as mesmas opiniões dos *houyhnhnms*. Os liliputianos também têm várias instituições sociais e jurídicas (por exemplo, existe uma pensão para os velhos, as pessoas são recompensadas por cumprir a lei e punidas por

desobedecer a ela) que Swift gostaria de ver triunfando em seu próprio país. No meio dessa passagem, Swift se lembra de sua intenção satírica e acrescenta: "Em relação a estas e às próximas leis, devo ser interpretado como citando apenas as instituições originais, e não as mais escandalosamente corruptas, nas quais esse povo caiu pela degeneração da natureza do homem": mas, como Lilipute supostamente representa a Inglaterra, e as leis das quais ele está falando nunca tiveram paralelo na Inglaterra, fica claro que o impulso de criar construções sugestivas foi excessivo para ele. Mas a maior contribuição de Swift ao pensamento político, no sentido mais estrito das palavras, é seu ataque, em especial na Parte III, sobre o que seria atualmente chamado de totalitarismo. Ele faz uma previsão extraordinariamente precisa da "polícia de Estado" dominada por espiões, com suas intermináveis perseguições aos hereges e julgamentos por traição, tudo na verdade pensado para neutralizar o descontentamento popular pela transformação dele em histeria de guerra. E deve-se lembrar que aqui Swift está inferindo o todo a partir de uma parte bem pequena, pois os governos fracos de sua época não forneciam referências prontas. Por exemplo, aqui está o professor da Escola de Projetistas Políticos que "me mostrou um grande documento com instruções para descobrir complôs e conspirações", e que alegava que se pode descobrir os pensamentos secretos das pessoas examinando seus excrementos:

> *Porque os homens nunca são mais sérios, pensativos e intensos do que quando estão no vaso sanitário, o que ele descobriu por experimentos frequentes: pois em tais conjunturas, quando estava meramente testando uma consideração sobre qual seria o melhor modo de assassinar o rei, seu excremento teve tons esverdeados; mas era muito diferente quando ele pensava apenas em começar uma insurreição ou incendiar a metrópole.*

Dizem que o professor e sua teoria foram sugeridos a Swift pelo fato – do nosso ponto de vista – não particularmente espantoso nem repugnante de que, em um julgamento, cartas encontradas na privada de alguém foram arroladas como evidência. Mais tarde no mesmo capítulo, parecemos estar decididamente no meio dos expurgos russos:

> *No Reino de Tribnia, chamado pelos nativos de Langdon… a maioria do povo consiste, de certa forma, totalmente de descobridores, testemunhas, informantes, acusadores, promotores, evidências, jurados… Eles primeiro concordam, e em seguida estabelecem entre si quais pessoas suspeitas serão acusadas de tramar uma conspiração: depois, cuidados eficazes são tomados para obter todas as suas cartas e documentos e acorrentar os donos. Esses papéis são entregues a um grupo de artistas muito destros em descobrir os significados misteriosos de palavras, sílabas e letras… Onde este método falha, eles têm outros dois mais eficazes, que os cultos entre eles chamam de acrósticos e anagramas. Primeiro, eles conseguem traduzir todas as letras iniciais em significados políticos. Assim, N significa complô, B é um regimento a cavalo e L é uma frota no mar. Ou, em segundo lugar, transpondo as letras do alfabeto em qualquer papel suspeito, eles podem revelar os mais misteriosos planos de um partido insatisfeito. Assim, por exemplo, se eu disser em uma carta a um amigo, "Nosso irmão Tom pena com hemorroida - CL", um decifrador habilidoso descobriria que as mesmas letras que compõem esta frase podem ser lidas como "Resistam, ora, o complô no caminho dorme". E esse é o método anagramático.*

Outros professores da mesma escola inventam linguagens simplificadas, escrevem livros com máquinas, educam os alunos ao inscrever a lição em um *wafer* e fazê-los engolir, ou

propõem abolir por completo a individualidade cortando uma parte do cérebro de um homem e enxertando-o na cabeça de outro. Existe um traço incomodamente familiar na atmosfera desses capítulos, porque, misturada a muita bobagem, existe a percepção de que um dos objetivos do totalitarismo não é apenas garantir que as pessoas vão ter os pensamentos certos, mas na verdade torná-las *menos conscientes*. E depois, mais uma vez, os retratos que Swift faz do líder, que geralmente é encontrado governando uma tribo de *yahoos*, e do "preferido", que age primeiro como executor de serviços sujos e mais tarde como bode expiatório, encaixam-se admiravelmente bem no padrão da nossa própria época. Mas será que devemos inferir, a partir disso, que Swift foi o primeiro e mais destacado inimigo da tirania e defensor da inteligência livre? Não: seus próprios pontos de vista, na medida em que se consegue discerni-los, não são especialmente liberais. Não há dúvida de que ele detesta lordes, reis, bispos, generais, mulheres elegantes, ordens, títulos e frivolidades em geral, mas ele não parece ter uma opinião melhor sobre as pessoas comuns do que a que tem sobre os governantes, nem ser inclinado à igualdade social nem ter grande entusiasmo pelas instituições representativas. Os *houyhnhnms* são organizados em uma espécie de sistema de castas de caráter racial; os cavalos que fazem o trabalho humilde são de cor diferente da cor dos cavalos dos mestres e não cruzam com eles. O sistema educacional que Swift admira nos liliputianos presume a existência de distinções de classe hereditárias, e os filhos das classes mais pobres não vão à escola porque "o trabalho deles é existir apenas até lavrar e semear a terra… Portanto, sua educação é de pouca consequência para a sociedade". Tampouco ele parece ter sido fortemente favorável à liberdade de expressão e de imprensa, apesar da tolerância com que seus próprios textos foram recebidos. O rei de Brobdingnag fica

assombrado com a multiplicidade de seitas religiosas e políticas na Inglaterra e considera que aqueles cujas "opiniões são prejudiciais ao povo" (no contexto, isso parece significar apenas opiniões heréticas), embora não sejam obrigados a mudá-las, deveriam ser forçados a escondê-las: pois "assim como seria tirania se qualquer governo exigisse o primeiro, igualmente seria fraqueza não impingir o segundo". Há uma indicação mais sutil da atitude do próprio Swift no modo pelo qual Gulliver vai embora da terra dos *houyhnhnms*. Intermitentemente, pelo menos, Swift foi uma espécie de anarquista, e a Parte IV de *As viagens de Gulliver* é o retrato de uma sociedade anarquista, não governada pela lei no sentido comum, mas pelo que dita a "Razão", que é voluntariamente aceita por todo mundo. A Assembleia Geral dos *Houyhnhnms* "exorta" o mestre de Gulliver a livrar-se dele, e os vizinhos acrescentam pressão para fazê-lo consentir. Duas razões são dadas. Uma é que a presença daquele *yahoo* incomum pode perturbar o resto da tribo, e a outra é que um relacionamento amigável entre um *houyhnhnm* e um *yahoo* "não concorda com a Razão nem com a Natureza, e é algo de que nunca se ouviu falar". O mestre de Gulliver não está muito inclinado a obedecer, mas a "exortação" (um *houyhnhnm*, somos informados, nunca é obrigado a fazer algo, ele é meramente "exortado" ou "aconselhado) não pode ser desconsiderada. Isso ilustra muito bem a tendência totalitária que é explícita na visão anarquista ou pacifista da sociedade. Em uma sociedade na qual não há lei, e em teoria obrigatoriedade, o único árbitro do comportamento é a opinião pública. Mas a opinião pública, devido à tremenda necessidade de conformidade presente nos animais gregários, é menos tolerante do que qualquer sistema jurídico. Quando seres humanos são governados por "tu não hás de", o indivíduo pode praticar certo nível de excentricidade: quando eles são

supostamente governados por “amor” ou “razão”, ele está sob a pressão contínua de se comportar e pensar exatamente do mesmo jeito que todas as demais pessoas. Os *houyhnhnms*, somos informados, são unânimes em quase todos os aspectos. A única questão que eles *debateram* foi como lidar com os *yahoos*. Fora dela, não havia espaço para divergência entre eles, porque a verdade é sempre autoevidente ou, pelo contrário, indetectável e desimportante. Aparentemente, em seu idioma não existia uma palavra para “opinião” e, em suas conversas, não havia “diferença de sentimentos”. Eles haviam de fato alcançado o mais alto nível de organização totalitária, o estágio em que a conformidade é tão generalizada que não há necessidade de força policial. Swift aprova esse tipo de coisa porque entre seus muito predicados nem curiosidade nem benevolência estavam incluídas. A discordância sempre parecia a ele franca perversidade. “Entre os *houyhnhnms*, a ‘Razão’”, ele nos diz, “não é um ponto problemático, como conosco, em que os homens podem discutir plausivelmente sobre os dois lados de uma questão; ela os atinge como convicção imediata, como deve ser, quando não é manchada, obscurecida ou descolorida por paixões e interesses.” Em outras palavras, nós já conhecemos tudo, então por que opiniões dissidentes deveriam ser toleradas? A sociedade totalitária dos *houyhnhnms*, onde não pode haver liberdade nem desenvolvimento, desdobra-se naturalmente a partir disso.

Estamos corretos em pensar em Swift como rebelde e iconoclasta, mas, a não ser por certos temas secundários, como sua insistência em que as mulheres deveriam receber a mesma educação dada aos homens, ele não pode ser rotulado de “esquerdista”. Ele é um anarquista conservador, que despreza a autoridade ao mesmo tempo que descrê da liberdade, e preserva o ponto de vista aristocrático ao mesmo tempo que

enxerga claramente que a aristocracia existente é degenerada e desprezível. Quando Swift verbaliza uma de suas diatribes características contra os ricos e poderosos, deve-se, conforme afirmei antes, dar um desconto pelo fato de que ele pertencia à parte menos bem-sucedida e se sentia pessoalmente desapontado. Os "excluídos", por razões óbvias, são sempre mais radicais do que os "incluídos"[47]. Mas a coisa mais essencial em Swift é sua inabilidade em acreditar que a vida – a vida comum na terra firme, não uma versão racionalizada e desodorizada dela – poderia ser tornada digna de ser vivida. Claro, nenhuma pessoa honesta alega que a felicidade é hoje em dia a condição normal entre seres humanos adultos; mas talvez ela pudesse ser tornada normal, e de fato é para essa questão que toda controvérsia política séria se volta. Swift tem muito em comum – mais do que foi observado, creio – com Tolstói, outro descrente da possibilidade de felicidade. Em ambos os homens você tem a mesma perspectiva anarquista envolvendo um tipo autoritário de mente; em ambos, uma hostilidade parecida contra a ciência, a mesma impaciência com os oponentes, a mesma inabilidade de enxergar a importância de qualquer questão que não os interesse diretamente; e em ambos os casos uma espécie de horror pelo processo real da vida, apesar de no caso de Tolstói ele ter chegado mais tarde e de um jeito diferente. A infelicidade sexual dos dois homens não era do mesmo tipo, mas havia em comum entre ambos um asco sincero misturado a um fascínio mórbido. Tolstói era um libertino regenerado que acabou pregando o celibato absoluto, ao mesmo tempo que praticou o oposto até uma idade extremamente avançada. Swift era presumivelmente impotente, e tinha um pavor exagerado das fezes humanas: ele também pensava nisso incessantemente, conforme se torna óbvio através de seus trabalhos. Pessoas assim não são propensas a desfrutar nem mesmo da pequena

quantidade de felicidade que cabe à maioria dos seres humanos, e, por motivos óbvios, não são propensas a admitir que a vida terrena é passível de grandes melhorias. Sua falta de curiosidade e, portanto, sua intolerância brotam da mesma raiz.

O desgosto, o rancor e o pessimismo de Swift fariam sentido como contraponto ao "próximo mundo", do qual este é um prelúdio. Como ele não parece acreditar seriamente em tal coisa, torna-se necessário construir um paraíso supostamente existente na face da Terra, mas algo bastante diferente de qualquer coisa que conheçamos, com tudo o que ele desaprova – mentira, loucura, mudança, entusiasmo, prazer, amor e sujeira – eliminado. Como criatura ideal ele escolhe o cavalo, um animal cujo esterco não é ofensivo. Os *houyhnhnms* são bestas assustadoras – isso é tão amplamente aceito que nem merece elaboração. O gênio de Swift pode torná-los críveis, mas haverá bem poucos leitores em quem eles provocarão qualquer sentimento além de antipatia. E isso não vem da vaidade ferida de ver animais preferidos aos homens, uma vez que, dos dois, os *houyhnhnms* são muito mais parecidos com os seres humanos do que os *yahoos*, e o horror de Gulliver aos *yahoos*, juntamente com seu reconhecimento de que são o mesmo tipo de criatura que ele próprio, contém um absurdo lógico. Esse horror surge sobre ele logo à primeira vista deles. "Nunca, em minhas viagens", ele diz, "encontrei um animal tão desagradável, nem um pelo qual eu naturalmente tenha desenvolvido uma antipatia tão forte." Mas os *yahoos* são repugnantes em comparação com o quê? Não com os *houyhnhnms*, porque a esta altura Gulliver ainda não viu um *houyhnhnm*. Pode ser apenas em comparação com ele próprio, isto é, com um ser humano. Mais tarde, no entanto, somos informados de que os *yahoos são* seres humanos, e a sociedade

humana se torna insuportável para Gulliver porque todos os homens são *yahoos*. Nesse caso, por que ele não desenvolveu sua antipatia pela humanidade mais cedo? Na verdade, somos informados de que os *yahoos* são fantasticamente diferentes dos homens, mas, ainda assim, iguais. Swift superou a si mesmo em sua fúria e está berrando para seus companheiros de espécie: "Vocês são mais imundos do que são!". No entanto, é impossível sentir muita empatia pelos *yahoos*, e não é porque oprimem os *yahoos* que os *houyhnhnms* se tornam desagradáveis. Eles são desagradáveis porque a "Razão" pela qual são governados é na verdade um desejo por morte. Eles não estão isentos de amor, amizade, curiosidade, medo, pesar – exceto em seus sentimentos em relação aos *yahoos*, que ocupam o mesmo lugar em sua comunidade que os judeus na Alemanha nazista –, raiva e ódio. "Eles não têm carinho pelos potros e outros filhotes, mas os cuidados que tomam ao educá-los procedem inteiramente dos ditames da *Razão*". Eles têm "amizade" e "benevolência", mas "elas não são restritas a objetos em particular, e sim universais em relação à raça inteira". Eles também valorizam a conversa, mas em suas conversas não há diferenças de opinião, e "nada fluía que não fosse útil, expresso com o mínimo de palavras entre as mais significativas". Eles praticam um controle de natalidade rígido, cada casal produzindo duas crias e dali em diante se abstendo de copular. Os casamentos são arranjados pelos pais com base em princípios de eugenia, e o idioma não tem uma palavra para "amor" no sentido sexual. Quando alguém morre, eles continuam vivendo exatamente como antes, sem nenhum lamento. Vê-se que seu objetivo é ser o mais parecido possível com um cadáver, ao mesmo tempo que se retém a vida física. Uma ou duas de suas características, verdade seja dita, não parecem ser estritamente "razoável" no sentido que eles dão à palavra. Assim, eles atribuem imenso valor não apenas à

coragem física, mas ao atletismo, e são dedicados à poesia. Mas essas exceções são menos arbitrárias do que aparentam. Swift provavelmente enfatiza a força física dos *houyhnhnms* como forma de deixar claro que eles nunca poderiam ser conquistados pela detestada raça humana, ao passo que um gosto por poesia pode figurar entre suas qualidades porque a poesia surge para Swift como antítese da ciência, do ponto de vista dele, a mais inútil de todas as buscas. Na Parte III, ele cita "imaginação, elegância e invenção" como faculdades desejáveis totalmente ausentes entre os matemáticos laputanos (apesar de seu amor pela música). Deve-se ter em mente que, embora Swift fosse um autor admirável de versos cômicos, o tipo de poesia que ele considerava ter valor seria provavelmente poesia didática. A poesia dos *houyhnhnms*, ele diz:

> *Deve ser reconhecida como superior à de todos os outros mortais, uma vez que a precisão de suas comparações e a caracterização e a exatidão de suas descrições são, de fato, inimitáveis. Seus versos abundam de ambas; e geralmente contêm ou algumas noções exaltadas de amizade e benevolência, ou elogios àqueles que venceram nas corridas e outros exercícios físicos.*

Infelizmente, nem mesmo o gênio de Swift esteve à altura de produzir um exemplo pelo qual pudéssemos julgar a poesia dos *houyhnhnms*. Mas parece que seria algo frio (supõe-se que em dísticos heroicos) e não seriamente em conflito com os princípios da "Razão".

É notoriamente difícil descrever a felicidade, e retratos de uma sociedade justa e bem organizada raramente são atraentes ou convincentes. A maioria dos criadores de utopias "favoráveis", no entanto, preocupa-se em mostrar como a vida poderia ser se vivêssemos mais plenamente. Swift advoga uma

simples recusa da vida, e justifica isso alegando que "Razão" consiste em distorcer nossos instintos. Os *houyhnhnms*, criaturas sem história, continuam geração após geração a viver com prudência, mantendo a população exatamente no mesmo nível, evitando todas as paixões, sem sofrer de nenhuma doença, recebendo a morte com indiferença, treinando os jovens nos mesmos princípios – e tudo isso para quê? Para que o mesmo processo possa continuar indefinidamente. As noções de que a vida aqui e agora é digna de ser vivida, ou que poderia ser tornada digna de viver, ou que precisa ser sacrificada em nome de algum bem futuro, estão todas ausentes. O triste mundo dos *houyhnhnms* é uma utopia tão boa quanto Swift pôde conceber, dado que ele nem acreditava no "outro mundo" nem conseguia extrair prazer nenhum de certas atividades normais. Mas esse mundo não é estabelecido como algo desejável em si mesmo, e sim como mera justificativa para mais um ataque contra a humanidade. O objetivo, como de costume, é humilhar o Homem ao recordá-lo de que ele é fraco e ridículo e, acima de tudo, fede; em última instância, a motivação é provavelmente um tipo de inveja, a inveja que o fantasma sente dos viventes, do homem que sabe que não pode ser feliz, pois outros – assim ele teme – talvez sejam um pouquinho mais felizes do que ele mesmo. A expressão política de tal perspectiva precisa ser ou reacionária ou niilista, porque a pessoa que a detém quer impedir a sociedade de se desenvolver em uma direção em que seu pessimismo seja desbancado. Pode-se fazer isso ou destruindo tudo ou evitando a mudança social. Swift, a rigor, destruiu tudo em pedacinhos do único jeito que era factível antes da bomba atômica – ou seja, ele ficou louco –, mas, conforme tentei demonstrar, seus objetivos políticos eram, no geral, reacionários.

A partir do que escrevi, pode parecer que sou *contra* Swift e que meu objetivo é refutá-lo e até minimizá-lo. Em um senso político e moral sou contra ele, na medida em que o compreendo. Ainda assim, curiosamente, ele é um dos escritores que admiro com menos restrições, e *As viagens de Gulliver*, em particular, é um livro do qual pareço incapaz de me cansar. Eu o li pela primeira vez aos 8 anos – um dia antes de completar 8, para ser exato, pois roubei e li às escondidas o exemplar que me seria dado no dia seguinte, no meu oitavo aniversário – e certamente não o li menos do que uma dúzia de vezes desde então. Seu fascínio parece inexaurível. Se eu tivesse de fazer uma lista dos seis livros que seriam preservados quando todos os demais fossem destruídos, eu com toda a certeza incluiria *As viagens de Gulliver*. Isso levanta a questão: qual é a relação entre concordar com as opiniões de um escritor e apreciar seu trabalho?

Se uma pessoa é capaz de distanciamento intelectual, é capaz de *perceber* mérito em um escritor de quem ela discorde profundamente, mas *apreciar* é outra coisa. Supondo que exista isso de arte boa e arte ruim, então a bondade ou a ruindade deve estar no trabalho de arte em si – não de forma independente do observador, de fato, mas independentemente do estado de ânimo do observador. De certa forma, portanto, não pode ser verdade que um poema é bom na segunda-feira e ruim na terça. Mas, se uma pessoa julga um poema com base na apreciação que ele desperta, então certamente pode ser verdade, porque a apreciação, ou o desfrute, é uma condição subjetiva que não pode ser controlada. Durante grande parte de sua vida acordado, mesmo o homem mais erudito não tem sensações estéticas de nenhum tipo, e sua capacidade de tê-las é facilmente destruída. Se você está com medo ou fome, sofrendo com dor de dente ou enjoo em alto-mar, *Rei Lear* não

parecerá melhor, do seu ponto de vista, do que *Peter Pan*. Você pode saber, em um sentido intelectual, que ele é melhor, mas isso é só um fato que você recorda: você não vai *sentir* o mérito de *Rei Lear* até estar normal de novo. O julgamento estético pode ser afetado da mesma forma desastrosa – mais desastrosa, porque a causa é menos prontamente identificada –, por discordância política ou moral. Se um livro o irrita, fere ou assusta, você não vai apreciá-lo, sejam quais forem os méritos dele. Se ele lhe parecer um livro realmente pernicioso, propenso a influenciar outras pessoas de algum modo indesejável, você provavelmente vai então construir uma teoria estética para demonstrar que ele *não* tem méritos. A crítica literária atual consiste em grande medida desse tipo de esquiva de um lado a outro entre dois conjuntos de padrões. Apesar disso, o processo contrário também pode acontecer: a apreciação pode vencer a desaprovação, mesmo que uma pessoa reconheça claramente que está apreciando algo prejudicial. Swift, cuja visão de mundo é tão peculiarmente inaceitável, mas que apesar disso é um escritor extremamente popular, é um bom exemplo disso. Por que não nos importamos de ser chamados de *yahoos*, apesar de firmemente convencidos de *não* sermos *yahoos*?

Não basta dar a resposta habitual sobre obviamente Swift estar errado, de fato ser insano, porém "um bom autor". É verdade que a qualidade literária de um livro é em alguma pequena medida separável de seu tema. Algumas pessoas têm um talento natural para usar palavras, assim como algumas pessoas têm naturalmente um "olho bom" para apostas. É em grande parte uma questão de ritmo e de saber instintivamente quanta ênfase usar. Como exemplo à mão, olhe de novo para a passagem que citei antes, começando com "No Reino de Tribnia, chamado pelos nativos de Langdon". Ela extrai muito

de sua força da sentença final: “E esse é o método anagramático”. Falando estritamente, essa sentença é desnecessária, pois já vimos o anagrama decifrado, mas a repetição falsamente solene, na qual parece que ouvimos a voz do próprio Swift pronunciando as palavras, realça a idiotice das atividades descritas, como um golpe final em um prego. Mas nem toda a força e simplicidade da prosa de Swift, nem o esforço imaginativo capaz de criar, não um mundo impossível, mas toda uma série de deles, mais crível do que a maioria dos que aparecem em livros de História, nada disso nos permitiria apreciar Swift se seus pontos de vista fossem verdadeiramente ofensivos ou chocantes. Milhões de pessoas em diversos países devem ter gostado de *As aventuras de Gulliver* ao mesmo tempo que mais ou menos percebiam as implicações anti-humanas: e mesmo a criança que aceita as Partes I e II como uma simples história capta o absurdo, ao pensar em seres humanos com quinze centímetros de altura. A explicação deve ser que a visão de mundo de Swift não é totalmente falsa – ou talvez seja mais exato dizer não falsa o tempo todo. Swift é um escritor mórbido. Ele fica permanentemente em um estado deprimido que na maior parte das pessoas é apenas intermitente, como se alguém sofrendo de icterícia ou das sequelas de influenza tivesse energia para escrever livros. Mas todos conhecemos esse estado, e algo em nós reage à manifestação dele. Tome, por exemplo, um de seus trabalhos mais característicos, *O toucador da dama*: pode-se acrescentar um poema aparentado, *Acerca de uma bela jovem ninfa indo para a cama*. O que é mais verdadeiro: os pontos de vista expressos nesses poemas ou o ponto de vista implícito na frase de Blake “A nudez da forma feminina humana divina”? Sem dúvida, Blake está mais próximo da verdade, mas, mesmo assim, quem pode deixar de sentir uma espécie de prazer ao ver aquela fraude, a delicadeza feminina, ser destruída, só por

uma vez? Swift falsifica sua reprodução do mundo ao recusar-se a ver qualquer coisa na vida humana além de sujeira, loucura e maldade, mas a parte que ele abstrai a partir do todo realmente existe, e é algo que todos nós conhecemos, ao mesmo tempo que nos contemos para não mencioná-la. Partes da nossa mente – em qualquer pessoa normal, é a parte dominando – acreditam que o homem é um animal nobre e que a vida vale a pena: mas existe também uma espécie de eu interior que, pelo menos de vez em quando, fica perturbado diante do horror da existência. Do modo mais estranho, prazer e repulsa estão ligados. O corpo humano é belo: é também repulsivo e ridículo, um fato que pode ser comprovado em qualquer piscina. Os órgãos sexuais são objetos de desejo e também de asco, tanto que em muitas línguas, se não em todas, seus nomes são usados como palavras de insulto. Carne é uma delícia, mas um açougue faz a pessoa sentir enjoo: e de fato toda a nossa comida provém, em última instância, de esterco e corpos mortos, as duas coisas, dentre todas, que nos parecem as mais horríveis. Uma criança, quando já passou do estágio infantil, mas ainda encara o mundo com o olhar fresco, é impactada pelo horror quase tão frequentemente quanto pelo deslumbramento – horror de ranho e cuspe, do excremento de cães na rua, do sapo morto cheio de vermes, do cheiro de suor dos adultos, da feiura dos homens velhos, com suas cabeça careca e nariz bulboso. Em sua interminável insistência em doença, da sujeira e da deformidade, Swift não está inventando nada, está meramente excluindo alguma coisa. O comportamento humano também, especialmente na política, é tal como ele descreve, embora contenha outros fatores importantes que ele se recusa a admitir. Até onde podemos ver, tanto o horror quanto o sofrimento são necessários à continuidade da vida neste planeta e, portanto, há abertura para que pessimistas como Swift digam: “Se o horror e o

sofrimento devem sempre estar conosco, como a vida pode ser significativamente melhorada?". Sua atitude é com efeito a atitude cristã, descontado o suborno de um "outro mundo" – o qual, entretanto, provavelmente tem menos influência sobre a mente dos crentes do que a convicção de que este é um vale de lágrimas e a cova é um local de descanso. Essa é, estou seguro, uma atitude errada, e que poderia ter efeitos nocivos sobre o comportamento; mas algo em nós responde a ela, assim como responde às palavras tristes em um funeral e ao cheiro adocicado de cadáveres em um cemitério.

Muitas vezes se argumenta, ao menos pelas pessoas que admitem a importância do assunto, que um livro não pode ser "bom" se expressa uma visão palpavelmente falsa da vida. Somos informados de que em nossa própria época, por exemplo, qualquer livro que tenha méritos literários genuínos será de tendência mais ou menos "progressista". Isso ignora o fato de que ao longo da história uma batalha parecida entre progresso e retrocesso vem se desenrolando ferozmente, e que os melhores livros de uma era sempre foram escritos de vários pontos de vista diferentes, alguns palpavelmente mais falsos do que outros. Na medida em que um escritor é um propagandista, o máximo que se pode pedir dele é que acredite genuinamente no que está dizendo, e que não seja algo flagrantemente tolo. Hoje, por exemplo, pode-se imaginar um bom livro sendo escrito por um católico, um comunista, um fascista, um pacifista, um anarquista, talvez por um liberal à moda antiga ou um conservador comum: não se pode imaginar um bom livro sendo escrito por um espiritualista, um buchamanista[48] ou um membro da Ku-Klux-Klan. As opiniões de um escritor devem ser compatíveis com a sanidade, no sentido médico, e com a capacidade do pensamento contínuo: além disso, o que pedimos dele é talento, que provavelmente é

outro nome para convicção. Swift não tinha uma sensatez comum, mas ele possuía uma intensidade de visão terrível, capaz de escolher uma única verdade oculta e depois ampliá-la e distorcê-la. A longevidade de *As viagens de Gulliver* vem demonstrar que, se tem a força da crença atrás de si, uma visão de mundo que mal passa pelo teste de sanidade é suficiente para produzir uma grande obra de arte.

1946

Livro do irlandês Jonathan Swift (1667-1745) publicado em 1726. (N.T.)

Relativo aos Tories; Tory, partido político conservador. (N.T.)

Whig, partido político historicamente favorável ao progresso e à reforma. (N.T.)

Partidário do rei Jaime II da Inglaterra. (N.T.)

Os *houyhnhnms* velhos demais para caminhar são transportados em "trenós" ou em "um tipo de veículo semelhante a um trenó". Supostamente, sem rodas. (N.A.)

A decadência física que Swift alega ter observado bem pode ter sido um fato naquele período. Ele atribui isso à sífilis, que era então uma doença nova na Europa e pode ter sido mais virulenta do que é agora. Bebidas destiladas também eram novidade no século XVII e no início devem ter levado a um grande aumento no alcoolismo. (N.A.)

No fim do livro, como espécimes típicos da loucura e da maldade humanas, Swift lista "um advogado, um punguista, um coronel, um louco, um lorde, um apostador, um político, um cafetão, um médico, uma testemunha, um subornador, um advogado, um traidor ou algo parecido". Vê-se aqui a violência irresponsável dos impotentes. A lista reúne os que rompem os códigos convencionados e os que os mantêm. Por exemplo, se você automaticamente condena um coronel por ser um coronel, em que bases condena um traidor? Ou, por outro lado, se você quer eliminar os punguistas, precisa ter leis, o que significa que precisa ter advogados. Mas toda a passagem de encerramento, na qual o ódio é tão autêntico, e a razão dada para ele, tão inadequada, de alguma forma não convence. Tem-se a sensação de que animosidade pessoal está em cena.

Buchmanismo é outro nome para "rearmamento moral", um movimento mundial pela renovação moral e espiritual fundado em 1938 pelo norte-americano Franklin Nathaniel Daniel Buchman (1878-1961). (N.T.)



A política e a língua inglesa

A maioria das pessoas que se dão ao trabalho de pensar no assunto admitiria que a língua inglesa está em mau estado, mas em geral se supõe que, por meio de ações conscientes, nada podemos fazer a respeito. Nossa civilização está em decadência, e nossa língua – assim diz o argumento – deve inevitavelmente compartilhar do colapso geral. Decorre que qualquer esforço contra o abuso da língua é um arcaísmo sentimental, como preferir velas a luz elétrica ou charretes a aviões. Por baixo disso, repousa a crença semiconsciente de que a língua é um produto natural, e não um instrumento que moldamos para nossos próprios objetivos.

Agora, é claro que o declínio da língua deve em última análise ter causas políticas e econômicas: não é devido simplesmente à má influência deste ou daquele escritor individual. Mas um efeito pode tornar-se uma causa, reforçando a causa original e produzindo o mesmo efeito de modo intensificado, e assim indefinidamente. Um homem pode começar a beber por se sentir um fracassado e depois fracassar ainda mais pelo fato de beber. É relativamente a mesma coisa que está acontecendo com a língua inglesa. Ela se torna feia e imprecisa porque nossos pensamentos são tolos, mas o desleixo da nossa linguagem também torna mais fácil

termos pensamentos tolos. O ponto é que o processo é reversível. O inglês moderno, especialmente o inglês escrito, é cheio de maus hábitos, que se disseminam por imitação e podem ser evitados se uma pessoa se dispuser a enfrentar a questão. Ao livrar-se de tais hábitos, pode-se pensar com mais clareza, e pensar com mais clareza é um necessário primeiro passo rumo à regeneração política: então a luta contra o mau inglês não é frívola nem uma preocupação exclusiva de escritores profissionais. Voltarei a isso em breve, e espero que até lá o sentido do que afirmei tenha se tornado mais claro. Enquanto isso, aqui vão cinco espécimes da língua inglesa conforme são normalmente escritos agora.

Essas cinco passagens não foram escolhidas por serem especialmente ruins – eu citaria outras bem piores, se quisesse –, mas por ilustrarem vários dos vícios mentais dos quais nós agora sofremos. Elas ficam um pouco abaixo da média, mas são amostras bastante representativas. Vou numerá-las para poder me referir a elas quando necessário:

1. *Eu, de fato, não estou seguro de não ser verdadeiro dizer que o Milton que antes parecia não dessemelhante a um Shelley do século XVII não havia se tornado, a partir de uma experiência a cada ano mais amarga, mais alheio [sic] ao fundador daquela seita jesuíta que nada poderia induzi-lo a tolerar.*

 Professor Harold Laski *(Ensaio em Freedom of Expression)*

Acima de tudo, nós não podemos desperdiçar uma bateria de expressões idiomáticas que prescreve tais colocações egrégias de vocábulos, como o básico aguentar por tolerar ou perdido por desnortear.

Professor Lancelot Hogben (*Interglossa*)

2. *De um lado, temos a personalidade livre: por definição, ela não é neurótica, pois não possui conflito nem sonho. Seus desejos, tais como são, são transparentes, pois são exatamente o que a aprovação institucional mantém no primeiro plano da consciência; outro padrão institucional alteraria sua quantidade e intensidade; há pouco neles que é natural, irredutível ou culturalmente perigoso. Mas por outro lado o vínculo social em si é nada além do reflexo mútuo dessas integridades autoconfiantes. Lembrem-se da definição de amor. Não é o retrato exato de um pequeno acadêmico? Onde há um lugar, nesse salão de espelhos, seja para a personalidade ou para a fraternidade?*

Ensaio sobre psicologia em *Politics* (Nova Iorque)

3. *Todas as "melhores pessoas" dos clubes de cavalheiros, e todos os desarvorados capitães fascistas, unidos pelo ódio comum ao socialismo e ao horror bestial à maré crescente do movimento revolucionário das massas, voltaram-se para atos de provocação, ao incendimento sórdido, às lendas medievais de poços envenenados, à legalização da própria destruição das organizações proletárias, ao incitamento da pequena burguesia ao fervor chauvinista em favor da crença na luta contra o modo revolucionário de sair da crise.*

Panfleto comunista

4. *Se um novo espírito há de ser infundido neste velho país, há uma reforma espinhosa e contenciosa que deve ser abordada, e é a humanização e a*

> *galvanização da BBC. Contenção, aqui, vai indicar câncer e atrofia da alma. O coração da Grã-Bretanha pode ser sadio e de batimento forte, por exemplo, mas o rugido do leão britânico no presente é como o de Bottom em* Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare – tão delicado quanto qualquer filhote de pomba. Uma nova Grã-Bretanha viril não pode continuar indefinidamente a ser traduzida aos olhos, ou melhor, aos ouvidos do ***mundo, pelos langores esgotados de Langham Place, descaradamente mascarados de "inglês padrão". Quando o "Voz da Grã-Bretanha" é ouvido às nove horas, muito melhor e infinitamente menos burlesco seria ouvir agás sendo honestamente pronunciados do que o atual zurro arquejado pedante, inflado, inibido, escolar, de miantes donzelas inocentes!*
>
> Carta no *Tribune*

Cada uma dessas passagens tem falhas próprias, mas, à parte a feiura evitável, duas qualidades são comuns a todas. A primeira é o mofo das imagens; a outra é a falta de precisão. O escritor ou tem um objetivo e não consegue expressá-lo, ou ele inadvertidamente diz algo distinto, ou é quase indiferente ao fato de suas palavras significarem alguma coisa ou não. Essa mistura de imprecisão e franca incompetência é a característica mais marcada da prosa inglesa moderna, e em especial em qualquer tipo de texto político. Assim que certos tópicos são levantados, o concreto se funde ao abstrato e ninguém parece capaz de pensar em mudanças de discurso que não estejam desgastadas: a prosa consiste cada vez menos de palavras escolhidas pelo que significam e cada vez mais de frases encaixadas como partes pré-fabricadas de um

galinheiro. Listarei a seguir, com notas e exemplos, vários dos truques por meio dos quais o trabalho de construção da prosa é habitualmente evitado:

METÁFORAS AGONIZANTES. Uma metáfora recentemente inventada ajuda o pensamento ao evocar uma imagem visual, enquanto, em contrapartida, uma metáfora que esteja tecnicamente "morta" (por exemplo: determinação de ferro) voltou de fato a ser uma palavra comum e pode geralmente ser usada sem perda de vivacidade. Mas entre essas duas categorias existe um estoque de metáforas desgastadas, que perderam todo o seu poder evocativo, e são usadas meramente porque poupam às pessoas o trabalho de inventar novas. Exemplos: *trocar seis por meia dúzia*, *até as últimas consequências*, *seguir a manada*, *fazer o que dá na telha*, *estar ombro a ombro com*, *dar murro em ponta de faca*, *moedor de gente*, *boi de piranha*, *pescando em águas turvas*, *na ordem do dia*, *calcanhar de Aquiles*, *canto do cisne*, *viveiro*. Muitas dessas expressões são usadas sem o conhecimento do que significam (o que é "joio", por exemplo?) e metáforas incompatíveis são com frequência misturadas, um sinal claro de que o autor não está interessado no que está dizendo. Algumas metáforas agora comuns tiveram seu sentido original distorcido sem que aqueles que as usam tenham ciência do fato. Por exemplo, algumas vezes se escreve *pensando em águas fundas* em lugar de *pescando em águas turvas*. Outro exemplo é *o martelo e a bigorna*, agora sempre usada implicando que a bigorna leva a pior. Na vida real, é sempre a bigorna que racha o martelo, nunca o contrário: um escritor que parasse para pensar no que está dizendo teria ciência disso e evitaria subverter a frase original.

OPERADORES OU FALSAS MULETAS VERBAIS. Evitam o trabalho de escolher verbos e substantivos adequados e ao mesmo tempo estofam cada frase com

sílabas extras que dão uma aparência de simetria. Frases características são: tornar inoperante, militar contra, fazer contato com, estar sujeito a, dar ensejo a, dar razões para, ter o efeito de, desempenhar um papel (função) fundamental em, fazer-se sentir, produzir efeito, exibir tendência a, servir ao propósito de, etc., etc. A tônica é a eliminação dos verbos simples. Em vez de ser uma palavra única, como quebrar, parar, estragar, remendar, matar, um verbo se torna uma frase, feita de um substantivo ou um adjetivo engatado a alguns verbos de uso geral como provar, servir, formar, jogar, tornar. Além disso, a voz passiva é sempre que possível usada no lugar da ativa, e construções substantivas são usadas em lugar dos gerúndios (pelo exame de em vez de examinando). A quantidade dos verbos é ainda mais reduzida pelas formações com izar e de, e afirmações banais ganham uma aparência de profundidade pelo uso de construções com não in-. Simples conjunções e preposições são substituídas por frases como com respeito a, em referência a, ao fato de que, por força de, em vista de, no interesse de, na hipótese de; e o final das frases é salvo do anticlímax por lugares-comuns retumbantes como altamente desejável, não pode ser desconsiderado, um desdobramento esperado para o futuro próximo, merecendente de sérias considerações, levado até uma conclusão satisfatória, e assim por diante.

ESTILO PRETENSIOSO. Palavras como *fenômeno*, *elemento*, *individual (como substantivo)*, *objetivo (como adjetivo)*, *categórico*, *efetivo*, *virtual*, *básico*, *primário*, *promover*, *constituir*, *exibir*, *explorar*, *utilizar*, *eliminar*, *liquidar* são usadas para enfeitar afirmações simples e dar ares de imparcialidade científica a julgamentos enviesados. Adjetivos como *memorável*, *épico*, *histórico*, *inesquecível*, *triunfante*, *antiquíssimo*, *inevitável*, *inexorável*, *verídico* são usados para dignificar os processos sórdidos da política

internacional, enquanto textos que visam a glorificar a guerra normalmente assumem uma coloração arcaica, sendo palavras características: *reino*, *trono*, *carruagem*, *punho armado*, *tridente*, *espada*, *escudo*, *carapaça*, *estandarte*, *domínio*, *trombeta*. Palavras e expressões estrangeiras tais como *cul de sac*, *ancien régime*, *deus ex machina*, *mutatis mutandis*, *status quo*, *Gleichschaltung*, *Weltanschauung* são usadas para dar um ar de cultura e elegância. Exceto pelas abreviações úteis, *i.e.*, *e.g.*, e *etc.*, não existe necessidade real para nenhuma das centenas de frases estrangeiras agora em uso em inglês. Escritores ruins, e em especial escritores de conteúdo científico, político e sociológico, são quase sempre perseguidos pela ideia de que palavras latinas ou gregas são mais grandiosas do que as saxãs, e palavras desnecessárias como *expedito*, *aperfeiçoar*, *predizer*, *extrínseco*, *desenraizar*, *clandestino* e *subaquático* e centenas de outras estão constantemente roubando terreno de suas contrapartes anglo-saxônicas[49]. O jargão típico do texto marxista (*hiena*, *carrasco*, *canibal*, *pequeno-burguês*, *baixa nobreza*, *lacaio*, *pelego*, *cão raivoso*, *Guarda Branca*, etc.) consiste em grande medida de palavras e frases traduzidas do russo, alemão ou francês; mas o modo normal de cunhar uma nova palavra é usar uma raiz latina ou grega com o acréscimo adequado e, onde necessário, a terminação *ize*. Também é com frequência mais fácil criar palavras desse tipo (*desregionalizar*, *impermissível*, *extramarital*, *não fragmentário,* e assim por diante) do que pensar em palavras em inglês que transmitam o sentido. O resultado, em geral, é um aumento no desleixo e na imprecisão.

PALAVRAS SEM SENTIDO. Em certos tipos de texto, em particular na crítica de arte e na crítica literária, é normal encontrar longas passagens quase totalmente desprovidas de sentido[50]. Palavras como *romântico*, *valores plásticos*,

humano, *morto*, *sentimental*, *vitalidade natural*, tal como usadas na crítica de arte, são estritamente inexpressivas, no sentido de que não apenas elas não apontam para nenhum objeto discernível, mas também que o leitor não espera que elas façam isso. Quando um crítico escreve "O traço mais marcante do trabalho do senhor X é sua vivacidade" e outro escreve "O que imediatamente chama atenção no trabalho do senhor X é sua apatia", o leitor aceita isso como uma simples diferença de opinião. Se palavras como *preto* e *branco* estivessem envolvidas, em lugar dos jargões *vivacidade* e *apatia*, ele perceberia de imediato que a língua estava sendo usada de um modo impróprio. Muitas palavras políticas são abusadas de forma semelhante. A palavra *fascismo* não tem significado agora além de "uma coisa não desejável". As palavras *democracia*, *socialismo*, *liberdade*, *patriótico*, *realista*, *justiça* têm, cada uma, vários significados diferentes, que não podem ser reconciliados um com o outro. No caso de uma palavra como *democracia*, não apenas não há definição consensual como a tentativa de estabelecer uma definição enfrenta resistência de todos os lados. É quase universal a percepção de que, ao chamarmos um país de democrático, estamos fazendo um elogio; consequentemente, os defensores de todo tipo de regime alegam que se trata de uma democracia, e temem que precisariam parar de usar essa palavra se ela estivesse amarrada a um significado. Palavras desse tipo são com frequência usadas de um modo conscientemente desonesto. Ou seja, a pessoa que a utiliza tem a própria definição particular para ela, mas permite que o interlocutor pense que ela quer dizer algo bem diferente. Afirmações como *O marechal Pétain era um verdadeiro patriota*, *A imprensa russa é a mais livre do mundo*, *A Igreja Católica se opõe à perseguição* são quase sempre feitas com a intenção de enganar. Outras palavras empregadas com sentido variável, na

maioria dos casos mais ou menos desonesto, são: *classe*, *totalitário*, *ciência*, *progressista*, *reacionário*, *burguês*, *igualdade*.

Agora que fiz este catálogo de trapaças e perversões, deixem-me dar outro exemplo do tipo de texto ao qual elas levam. Desta vez ele precisa, pela própria natureza, ser imaginário. Vou traduzir uma passagem de inglês bom em inglês moderno do pior tipo. Aqui está um verso bem conhecido do Eclesiastes:

> *Eu voltei e vi sob o sol que a corrida não é para os velozes, nem a batalha, para os fortes; nem ainda o pão para os sábios, nem ainda as riquezas para os homens instruídos, nem os favores aos homens hábeis; mas que o tempo e o acaso afetam a todos.*

E aqui em inglês moderno:

> *Considerações objetivas de fenômenos contemporâneos compelem à conclusão de que o sucesso ou o fracasso em atividades competitivas não exibe nenhuma tendência a ser comensurável com a capacidade inata, mas que um elemento considerável de imprevisibilidade deverá inevitavelmente ser levado em consideração.*

Isso é uma paródia, mas não muito grosseira. A amostra (3), acima, por exemplo, contém vários trechos do mesmo tipo de inglês. Note-se que eu não fiz uma tradução integral. O começo e o fim da sentença seguem o significado original bem de perto, mas, no meio, as imagens concretas – corrida, batalha, pão – se dissolvem na frase vaga "sucesso ou fracasso em atividades competitivas". Isso precisava ser assim, porque nenhum escritor moderno do tipo que estou abordando – nenhum capaz de usar frases como "considerações objetivas de fenômenos contemporâneos – iria jamais tabular seus pensamentos daquele modo preciso e detalhado. Toda a

tendência da prosa moderna se afasta da concretude. Agora, analise essas duas sentenças mais de perto. A primeira contém [em inglês] quarenta e nove palavras, mas apenas sessenta sílabas, e todas são palavras cotidianas. A segunda contém trinta e oito palavras e noventa sílabas: dezoito de suas palavras têm raízes latinas e uma, grega. A primeira sentença contém seis imagens vívidas e só uma frase (tempo e acaso) que poderia ser chamada de "vaga". A segunda não contém uma só frase fresca e envolvente e, apesar de suas noventa sílabas, oferece apenas uma versão resumida do significado contido na primeira. Ainda assim, sem dúvida, é o segundo tipo de sentença que vem ganhando terreno no inglês moderno. Eu não quero exagerar. Esse tipo de texto ainda não é universal, e afloramentos de simplicidade vão ocorrer aqui e ali mesmo na página mais mal escrita. Mesmo assim, se dissessem a você ou a mim para escrever umas poucas linhas acerca das incertezas da sorte humana, nós provavelmente chegaríamos muito mais perto da minha sentença imaginária do que daquela do Eclesiastes.

Conforme tentei demonstrar, o texto moderno, no que tem de pior, não consiste na escolha de palavras com base no que significam e na criação de imagens que tornem o significado mais claro. Consiste na colagem de longas filas de palavras que já foram postas em ordem por outra pessoa, e em tornar os resultados apresentáveis por meio do mais explícito embuste. O apelo desse modo de escrever é que é fácil. É mais fácil – até mais rápido, uma vez que se adquira o hábito – dizer *Na minha opinião, não é um pressuposto injustificado que* do que dizer *Eu acho*. Se você usa frases prontas, não apenas não precisa caçar palavras: você também não precisa se incomodar com o ritmo de suas sentenças, já que essas frases são em geral combinadas de modo a ser mais ou menos eufônicas. Quando

se está escrevendo com pressa – quando está ditando para um estenógrafo, por exemplo, ou fazendo um discurso em público –, é natural cair em um estilo latinizado, pretensioso. Lugares-comuns como *uma consideração que faríamos bem em manter em mente* ou *uma conclusão com a qual todos nós concordaríamos prontamente* vão poupar muitas frases de uma queda súbita. Ao usar metáforas, símiles e expressões idiomáticas desgastadas, você poupa muito esforço mental, ao custo de deixar vago o sentido pretendido, não só para o leitor, mas também para si mesmo. Essa é a consequência de metáforas misturadas. O único propósito de uma metáfora é evocar uma imagem visual. Quando essas imagens trombam – como em *O polvo fascista entoou o canto do cisne*, ou *a brutalidade caiu no caldeirão* –, pode-se dar como certo que o escritor não está vendo a imagem mental dos objetos que está mencionando; em outras palavras, ele não está de fato refletindo. Olhe de novo os exemplos que dei no início deste ensaio. O professor Laski (1) usa cinco negativas em cinquenta e três palavras [em inglês]. Uma delas é supérflua, tornando absurda a passagem inteira, e para piorar há o deslize de "alheio" em lugar de "próximo", agravando o absurdo, e diversas outras partes canhestras evitáveis que aumentam a imprecisão geral. O professor Hogben desperdiça uma bateria que é capaz de redigir prescrições e, ao mesmo tempo em que desaprova o cotidiano "aguentar", não está disposto e procurar "egrégio" no dicionário para ver o que significa. O (3), se assumirmos uma atitude não caritativa em relação a ele, é simplesmente sem sentido: provavelmente, seria possível extrair o significado pretendido, caso se lesse o artigo inteiro em que ele aparece. No (4), o escritor sabe mais ou menos o que quer dizer, mas um acúmulo de frases desgastadas o entope como folhas de chá entupindo o ralo da pia. No (5), palavras e significados quase romperam relações. Pessoas que

escrevem desse jeito geralmente têm um propósito emocional geral: elas desgostam de uma coisa e querem expressar simpatia pela outra, mas não estão interessadas no detalhe do que estão dizendo. Um escritor escrupuloso, em cada frase que escreve, vai fazer a si mesmo ao menos quatro perguntas, quais sejam: *O que estou tentando dizer? Quais palavras vão expressar isso? Qual imagem ou expressão tornará isso mais claro? Essa imagem tem frescor suficiente para produzir efeito?* E ele provavelmente fará ainda outras duas: *Consigo resumir? Falei algo feio que pode ser evitado?* Mas você não é obrigado a ter todo esse trabalho. Você consegue se esquivar dele simplesmente escancarando a cabeça e deixando que as frases feitas a inundem. Elas vão construir suas sentenças por você – e até seus pensamentos, em certa medida – e, se necessário, prestarão o importante serviço de esconder parcialmente sua intenção até de você mesmo. É neste ponto que a conexão especial entre a política e a depreciação da língua se torna clara.

É amplamente verdadeiro que em nossa época o texto político é um texto ruim. Onde isso não é verdadeiro em geral se descobre que o escritor é um tipo de rebelde, expressando opiniões pessoais, e não a "linha do partido". A ortodoxia de qualquer matiz parece exigir um estilo sem vida e imitativo. Os dialetos políticos encontrados em panfletos, artigos de destaque, manifestos, documentos oficiais e discursos de subsecretários variam, é claro, de partido para partido, mas eles são todos parecidos no sentido de quase nunca se encontrar neles o tom de um discurso fresco, vibrante e caseiro. Quando se observa um charlatão cansado na tribuna, repetindo mecanicamente frases conhecidas – *atrocidades bestiais*, *tacão de ferro*, *tirania manchada de sangue*, *povos livres do mundo*, *estar ombro a ombro* –, tem-se com

frequência a curiosa sensação de estar vendo não um ser humano vivo, mas um tipo de manequim: uma sensação que de repente se torna mais forte nos momentos em que a luz bate nos óculos do orador e os transforma em discos vazios atrás dos quais parece não haver olhos. E isso não é de todo falso. Um orador que usa esse tipo de fraseologia avançou uma boa distância na direção de se transformar em uma máquina. Os sons adequados saem de sua laringe, mas seu cérebro não está envolvido como estaria se ele estivesse escolhendo pessoalmente as palavras. Se o discurso que ele está fazendo é um que ele está acostumado a repetir vezes sem conta, ele pode estar quase inconsciente do que está dizendo, como alguém que repete respostas na igreja. E esse estado reduzido de consciência, se não é indispensável, é no mínimo favorável à conformidade política.

Em nossa época, o discurso e o texto político são em grande medida a defesa do indefensável. Coisas como a continuidade do domínio britânico na Índia, os expurgos e deportações na Rússia, o lançamento de bombas atômicas sobre o Japão podem de fato ser defendidas, mas apenas por argumentos brutais demais para que a maioria das pessoas os encare, e que não se coadunam com os objetivos declarados dos partidos políticos. Assim, a linguagem política precisa se compor em grande medida de eufemismos, afirmações falaciosas e imprecisões abertamente nebulosas. Vilarejos indefesos são bombardeados do ar; os habitantes, expulsos para o campo; o gado, metralhado; as choupanas, queimadas por projéteis incendiários: isso se chama *pacificação*. Milhões de camponeses são roubados de suas terras e enviados marchando pelas estradas com não mais do que o que conseguem carregar: isso é chamado de *transferência de população* ou *retificação de fronteiras*. As pessoas ficam presas por anos sem julgamento, ou são baleadas na nuca ou enviadas para

morrer de escorbuto em campos de extração de madeira no Ártico: isso é chamado de *eliminação de elementos não confiáveis*. Tal fraseologia é necessária quando se quer dar nome às coisas sem evocar as respectivas imagens mentais. Considere por exemplo um acadêmico inglês de vida econômica confortável defendendo o totalitarismo russo. Ele não pode dizer abertamente "Acredito em matar seus oponentes se você puder obter bons resultados ao fazer isso". Portanto, ele provavelmente dirá algo parecido com isto:

"Ao mesmo tempo que concebemos livremente que o regime soviético exibe certos traços que os humanistas podem se sentir inclinados a deplorar, nós devemos, eu acho, concordar que certa redução ao direito de oposição política é um acompanhamento inevitável dos períodos de transição, e que os rigores aos quais o povo russo foi convocado a se submeter foram amplamente justificados na esfera das conquistas concretas".

O estilo inchado é em si mesmo um tipo de eufemismo. Uma massa de palavras latinas cai sobre os fatos como neve, borrando os contornos e encobrindo todos os detalhes. O grande inimigo da linguagem clara é a insinceridade. Quando existe um hiato entre os objetivos reais e os objetivos declarados de uma pessoa, ela se volta instintivamente para palavras compridas e expressões desgastadas, como um molusco esguichando tinta. Em nossa época, não existe "manter-se fora da política". Todas as questões são questões políticas, e a política em si é uma massa de mentiras, evasivas, loucura, ódio e esquizofrenia. Quando a atmosfera geral é ruim, a língua sofre. Eu esperaria descobrir – este é um palpite que não tenho suficiente conhecimento para checar – que as línguas alemã, russa e italiana se deterioraram nos últimos dez ou quinze anos em resultado da ditadura.

Mas se o pensamento corrompe a língua, a língua também pode corromper o pensamento. Um mau uso pode espalhar-se por tradição e imitação, mesmo entre pessoas que deveriam saber mais e agir melhor. A língua depreciada que venho abordando é de algumas maneiras muito conveniente. Frases como *uma presunção não de todo injustificada deixa muito a desejar*, *não serviria a nenhum bom propósito*, *uma consideração que faríamos bem em manter em mente* são uma tentação contínua, uma caixa de aspirinas sempre à mão. Releia este ensaio e é certo que você descobrirá que repetidas vezes eu cometi exatamente as mesmas falhas contra as quais estou protestando. Junto com o jornal, eu recebi na manhã de hoje um panfleto sobre as condições na Alemanha. O autor me conta que "se sentiu impelido" a escrevê-lo. Abro-o ao acaso e eis quase a primeira frase que vejo: "(Os Aliados) têm a oportunidade não apenas de conseguir uma transformação radical da estrutura social e política da Alemanha de forma a evitar uma reação nacionalista na própria Alemanha, mas de ao mesmo tempo lançar as fundações para uma Europa cooperativa e unificada". Veja, ele "se sente impelido" a escrever – supostamente, sente que tem algo inédito a dizer –; no entanto, suas palavras, como os animais da cavalaria reagindo ao clarim, agrupam-se automaticamente no temerário padrão conhecido. Essa invasão da mente pelas frases prontas (lançar as fundações, conseguir uma transformação radical) só pode ser evitada se a pessoa se proteger constantemente contra elas, e cada frase dessa anestesia uma parte de seu cérebro.

Afirmei anteriormente que a decadência da nossa linguagem provavelmente tem cura. Aqueles que negam isso argumentariam, se chegassem a produzir um argumento, que a língua meramente reflete as condições sociais existentes, e que não podemos influenciar seu desenvolvimento por nenhum

tipo de ajuste direto nas palavras e nas construções. No que se refere ao tom ou ao espírito geral da língua, isso pode ser verdade, mas não é verdade no detalhe. Palavras e expressões bobas muitas vezes sumiram, não através de algum processo evolutivo, mas graças à ação consciente de uma minoria. Dois exemplos recentes, *explorar todas as possibilidades* e *não deixar pedra sobre pedra*, foram mortos pela sátira de uns poucos jornalistas. Há uma longa lista de metáforas imprestáveis que poderiam ser eliminadas de modo parecido se um número suficiente de pessoas estivesse interessado no trabalho; também deveria ser possível expulsar da existência, por meio da risada, a formação *não des-*[51], reduzir a quantidade de latim e de grego na sentença comum, banir frases estrangeiras e termos científicos deslocados e, no geral, fazer da pretensão algo brega. Mas todos esses são aspectos menores. A defesa da língua inglesa implica mais do que isso, e talvez seja melhor começar dizendo o que ela *não* implica.

Para começar, ela não tem nada a ver com arcaísmo, com o resgate de palavras e lugares-comuns obsoletos, nem com o estabelecimento de um "inglês padrão" do qual nunca se afastar. Ao contrário, ela se preocupa especialmente com a eliminação de todas as palavras ou expressões cuja utilidade se esgotou. Não tem nada a ver com gramática ou sintaxe corretas, pois isso não tem importância desde que a intenção fique clara, nem com evitar americanismos ou com ter o que é chamado de "um bom estilo de prosa". Em contrapartida, ela não se preocupa com a falsa simplicidade nem a tentativa de tornar coloquial o inglês escrito. Tampouco ela implica em todos os casos preferir a palavra saxã à latina, embora implique, sim, usar o menor número de palavras, e as mais curtas, capazes de transmitir o sentido. O que é necessário, acima de tudo, é deixar que o significado escolha a palavra, e não o inverso. Em prosa, a pior coisa que alguém pode fazer

com as palavras é render-se a elas. Quando você pensa em um objeto concreto, pensa sem palavras e depois, se quer descrever a coisa que visualizou, provavelmente vai procurar até encontrar as palavras exatas que pareçam se encaixar. Quando você pensa em algo abstrato, está mais propenso a usar palavras desde o início, e, a menos que faça um esforço consciente para evitar isso, o dialeto já existente vai entrar correndo em cena e fazer o trabalho por você, ao custo de borrar ou até alterar sua intenção. Provavelmente é melhor abrir mão de usar palavras tanto quanto possível, e por meio de imagens e sensações tornar o significado o mais claro que se conseguir. Então se pode escolher, não apenas *aceitar*, as frases que melhor vão dar conta do sentido, e depois mudar de enfoque e decidir que impressão suas palavras vão provocar em outra pessoa. Esse último esforço mental elimina todas as imagens desgastadas ou misturadas, as frases pré-fabricadas, repetições desnecessárias e farsas e imprecisões em geral. Mas pode haver dúvidas sobre o efeito de uma palavra ou frase, então são necessárias regras que possamos usar quando os instintos falham. Creio que estas regras cobrem a maior parte dos casos:

– Nunca use uma metáfora, símile ou outra figura de linguagem que esteja acostumado a ver impressa.

– Nunca use uma palavra longa quando uma curta bastar.

– Se for possível cortar uma palavra, corte sempre.

– Nunca use a voz passiva onde puder usar a ativa.

– Nunca use uma expressão estrangeira, palavra científica ou um jargão se puder pensar em um equivalente cotidiano em inglês.

– Quebre qualquer uma dessas regras antes de dizer uma total barbaridade.

Essas regras parecem elementares e são, mas exigem uma profunda mudança de atitude de qualquer um que tenha se acostumado a escrever no estilo agora em moda. Ainda é possível segui-las e escrever em inglês ruim, mas não se poderia escrever o tipo de coisa que citei nos cinco exemplares do início deste artigo.

Eu não considerei aqui o uso literário da linguagem, mas apenas a língua como instrumento de expressão do pensamento, e não de ocultação ou impedimento a ele. Stuart Chase e outros chegaram perto de alegar que todas as palavras abstratas são sem sentido e usaram isso como pretexto para advogar um tipo de quietismo político. Já que você não sabe o que é fascismo, como pode lutar contra o fascismo? Não é preciso engolir absurdos como este, mas seria necessário reconhecer que o atual caos político está conectado com a decadência da língua e que provavelmente se consegue obter alguma melhoria começando pelo aspecto verbal. Se você simplifica o seu inglês, fica livre das piores loucuras da ortodoxia. Você não pode falar nenhum dos dialetos necessários e, quando fizer um comentário estúpido, a estupidez dele ficará óbvia, até para você mesmo. A linguagem política – e com variações isso é verdade para todos os partidos políticos, dos conservadores aos anarquistas – é projetada para fazer mentiras soar verdadeiras e tornar o assassinato respeitável e dar uma aparência de solidez ao mais puro vento. No momento não se pode mudar isso, mas pode-se ao menos modificar os próprios hábitos, e de tempos em tempos pode-se até, se a pessoa rir alto o suficiente, mandar algumas frases inúteis e desgastadas – algum *tacão*, algum *calcanhar de Aquiles*, um *viveiro*, *caldeirão*, *teste ácido*, *verdadeiro inferno* ou outro amontoado de refugo verbal – para a lixeira à qual elas pertencem.

Um exemplo interessante que ilustra isso é o modo como os nomes de flores inglesas usados até bem recentemente foi desbancado por nomes gregos, a *boca-de-leão* se tornando *antirrhinum*, *não-me-esqueças* virando *miosótis*, etc. É difícil enxergar alguma razão prática para essa mudança: ela se deve provavelmente a um recuo instintivo da palavra mais caseira em uma sensação vaga de que a palavra grega é científica. (N.A.)

Exemplo: "A catolicidade da percepção e imagem de Comfort, estranhamente whitmanesca em alcance, quase o exato oposto em compulsão estética, continua a evocar aquela alusão atmosférica acumulativa trêmula de uma atemporalidade cruel, inexoravelmente serena… Wrey Gardiner acerta ao mirar com precisão em alvos simples. Só que eles não são tão simples, e através de sua tristeza contente corre mais do que a superfície agridoce da resignação. (N.A.)

Uma pessoa pode curar-se da formação *não des-* ao memorizar esta sentença: Um cachorro não despreto estava perseguindo um coelho não despequeno por um campo não desverde. (N.A.)



A prevenção contra a literatura

Cerca de um ano atrás, participei de um encontro do PEN Club[52], sendo o motivo o tricentenário da *Areopagítica* de Milton[53] – um panfleto, deve-se lembrar, em defesa da liberdade de imprensa. A famosa frase de Milton sobre o pecado de "matar" um livro estava impressa nos folhetos que anunciavam o encontro e haviam circulado de antemão.

Havia quatro oradores no tablado. Um deles fez um discurso que abordava a liberdade de imprensa, mas só em relação à Índia; outro disse, com hesitação e em termos muito gerais, que a liberdade era uma coisa boa; o terceiro atacou as leis relacionadas à obscenidade na literatura. O quarto dedicou a maior parte de sua fala à defesa dos expurgos russos. Entre os participantes na plateia, alguns voltaram à questão da obscenidade e das leis que tratam dela, outros foram simples louvores à Rússia soviética. A liberdade moral – a liberdade de discutir francamente as questões sexuais na imprensa – pareceu gozar de aprovação geral, mas a liberdade política não foi mencionada. Em meio àquela confluência de várias centenas de pessoas, das quais talvez metade estivesse diretamente relacionada ao negócio da escrita, não houve uma

única capaz de chamar atenção para o fato de que a liberdade de imprensa, se é que significa alguma coisa, significa a liberdade de criticar e se opor. Significativamente, nenhum orador citou o panfleto que estava sendo ostensivamente comemorado. Tampouco foram mencionados os vários livros "mortos" neste país e nos Estados Unidos durante a guerra. Ao fim e ao cabo, o efeito do encontro foi uma demonstração em favor da censura[54].

Não houve nada especialmente surpreendente nisso. Em nossa época, a ideia de liberdade intelectual está sob ataque em duas frentes. De um lado estão seus inimigos teóricos, os apologistas do totalitarismo, e do outro, seus inimigos práticos imediatos, o monopólio e a burocracia. Qualquer escritor ou jornalista que queira preservar sua integridade vê-se impedido pela propensão geral da sociedade mais do que pela perseguição ativa. As coisas que estão trabalhando contra ele são a concentração da imprensa nas mãos de uns poucos homens ricos, o monopólio do rádio e dos filmes, a falta de disposição do público para gastar dinheiro com livros, tornando necessário a quase todo escritor obter uma parte de sua renda escrevendo por encomenda, a intromissão de órgãos oficiais como o Ministério da Informação o British Council, que ajudam a manter o escritor vivo, mas também desperdiçam o tempo dele e ditam suas opiniões e a contínua atmosfera de guerra dos últimos dez anos, de cujos efeitos tortuosos ninguém conseguiu escapar. Tudo em nosso tempo conspira para transformar o escritor, bem como todos os outros tipos de artista, em um funcionário menor, que desenvolve temas passados a ele por instâncias superiores que nunca lhe revelam o que a ele parece ser a verdade completa. Mas ao lutar contra esse destino ele não obtém nenhuma ajuda do próprio lado: isto é, não existe um grande corpo opinativo que lhe assegure estar certo. No passado, ou ao menos durante os

séculos de protestantismo, a ideia de rebelião e a ideia de integridade intelectual eram mescladas. Um herético – político, moral, religioso ou estético – era quem se recusava a violentar a própria consciência. Sua perspectiva era resumida nas palavras do hino revivalista[55]:

Ouse ser um Daniel

Ouse resistir sozinho;

Ouse ter firmeza de propósito,

Ouse tornar isso conhecido.

Para atualizar esse hino, seria necessário acrescentar um "não" ao início de cada verso. Pois é a peculiaridade da nossa época que os rebeldes contra a ordem existente, ao menos os mais numerosos e típicos entre eles, estejam se rebelando também contra a ideia de integridade individual. "Ousar resistir sozinho" é criminoso na ideologia assim como perigoso na prática. A independência do escritor e do artista é devorada por forças econômicas vagas e ao mesmo tempo corroída por aqueles que deveriam ser seus defensores. É o segundo processo que estou abordando aqui.

A liberdade de pensamento e a de imprensa são normalmente atacadas com argumentos que nem vale a pena mencionar. Qualquer um que tenha experiência em conferências e debates já os conhece de trás para a frente. Aqui, não estou tentando responder à famosa alegação segundo a qual a liberdade é uma ilusão, ou à alegação de que existe mais liberdade em países totalitários do que em democráticos; estou tentando lidar com a proposição muito mais convincente e perigosa de que a liberdade é indesejável e que a honestidade intelectual é uma forma de egoísmo antissocial. Embora outros aspectos da questão normalmente fiquem em primeiro plano, a controvérsia sobre liberdade de expressão e de imprensa é, no

fundo, uma controvérsia sobre a conveniência ou, ao contrário, de contar mentiras. O que está realmente em pauta é o direito de relatar os eventos contemporâneos veridicamente, ou tão veridicamente quanto for compatível com a ignorância, o viés e o autoengano de que cada observador inevitavelmente sofre. Quando digo isso, pode parecer que estou dizendo que a "reportagem" franca e honesta é o único ramo da literatura que importa: mas tentarei mostrar adiante que em todos os níveis literários, e provavelmente em cada uma das artes, a mesma questão surge de formas mais ou menos sutis. Antes, porém, é necessário remover as irrelevâncias nas quais essa controvérsia geralmente é envolvida.

Os inimigos da liberdade intelectual sempre tentam apresentar seu caso como uma questão de disciplina *versus* individualismo. O aspecto verdade *versus* inverdade é mantido em segundo plano tanto quanto possível. Embora o nível de ênfase possa variar, o escritor que se recusa a vender suas opiniões é sempre rotulado como um mero *egoísta*. Ou seja, ele é acusado ou de querer se trancar em uma torre de marfim, ou de fazer uma demonstração exibicionista da própria personalidade, ou de resistir ao inevitável curso da história em uma tentativa de se agarrar a privilégios injustificados. Os católicos e os comunistas são semelhantes na suposição de que um oponente não pode ser ao mesmo tempo honesto e inteligente. Cada um deles alega tacitamente que "a verdade" já foi revelada e que o herético, se não for apenas um tolo, está secretamente ciente da "verdade" e resiste a ela meramente por razões egoístas. Na literatura comunista, o ataque à liberdade intelectual vem geralmente mascarado pela oratória acerca do "individualismo pequeno-burguês", das "ilusões do liberalismo do século XIX", etc., e apoiado por palavras abusivas como "romântico" e "sentimental", às quais, por não

terem um significado consensual, é difícil responder. Assim, a controvérsia é manobrada para longe da questão real. Pode-se aceitar, e a maioria das pessoas esclarecidas aceitaria, a tese comunista de que a liberdade pura só existe em uma sociedade sem classes, e que se está mais perto de ser livre quando se trabalha para criar tal sociedade. Mas disfarçada no meio disso está a alegação bastante infundada de que o partido comunista está mirando o estabelecimento de uma sociedade sem classes, e que na URSS esse objetivo está prestes a ser realizado. Se aceitarmos que a primeira alegação acarreta a segunda, não restará praticamente nenhum ataque ao bom senso e à decência comum que não possa ser justificado. Enquanto isso, o ponto importante foi contornado. Liberdade do intelecto significa liberdade para relatar o que se viu, ouviu e sentiu, e não ser obrigado a fabricar fatos e sentimentos imaginários. Os conhecidos discursos contra o "escapismo", "individualismo", "romantismo", e assim por diante, são um mero dispositivo forense, cujo objetivo é fazer a deturpação da história parecer respeitável.

Quinze anos atrás, quando uma pessoa defendia a liberdade intelectual, defendia-a contra conservadores, contra católicos e em certa medida – pois eles não tinham grande importância na Inglaterra – contra fascistas. Hoje, é preciso defendê-la contra comunistas e "simpatizantes". Não se deve superestimar a influência direta do pequeno Partido Comunista Inglês, mas não pode restar dúvida sobre o efeito pernicioso do *mito* russo sobre a vida intelectual inglesa. Por causa dele, fatos conhecidos são suprimidos e distorcidos a um ponto que torna duvidoso se uma história verdadeira da nossa época poderá em algum momento ser escrita. Deixem-me dar-lhes apenas um exemplo dentre as centenas que poderiam ser citadas. Quando a Alemanha entrou em colapso, descobriu-se que grandes

quantidades de russos soviéticos – a maioria, sem dúvida, por motivos não políticos – haviam mudado de lado e estavam combatendo pelos alemães. Fora isso, uma pequena, mas não irrisória, porção dos prisioneiros russos e de pessoas refugiadas se recusou a voltar à URSS, e pelo menos alguns foram repatriados contra a própria vontade. Esses fatos, conhecidos por muitos jornalistas que estavam lá, passaram quase sem menção da imprensa britânica, enquanto os propagandistas russófilos na Inglaterra continuaram a justificar os expurgos e as deportações de 1936-1938 alegando que a URSS "não tinha colaboracionistas". A névoa de mentiras e desinformação que cerca temas como a fome na Ucrânia, a Guerra Civil Espanhola, a política russa na Polônia, e assim por diante, não se deve inteiramente à desonestidade consciente, mas qualquer escritor ou jornalista que seja totalmente simpático à URSS – simpático, quer dizer, do modo como os próprios russos querem que ele seja – precisa concordar com a falsificação deliberada de assuntos importantes. Tenho diante de mim o que deve ser um panfleto muito raro, escrito por Maxim Litvinoff em 1918, delineando os eventos recentes na Revolução Russa. Não menciona Stálin, mas faz muitos elogios a Trótski e a Zinoviev, Kamenev e outros. Qual poderia ser a atitude até do mais intelectualmente escrupuloso comunista em relação a esse panfleto? No melhor dos casos, a atitude obscurantista de dizer que é um documento indesejável que seria melhor suprimir. E se, por alguma razão, fosse decidido imprimir uma versão deturpada do panfleto, denegrindo Trótski e inserindo referências a Stálin, nenhum comunista que permanecesse fiel ao partido poderia protestar. Falsificações quase tão grosseiras quanto essa foram cometidas em anos recentes. Mas o importante não é que elas aconteçam, e sim que, mesmo quando elas se tornam conhecidas, não provoquem nenhuma reação da

intelligentsia de esquerda como um todo. O argumento de que contar a verdade "seria inoportuno" ou "favoreceria o jogo" de alguém é considerado irrespondível, e poucas pessoas se incomodam com a perspectiva de as mentiras que elas toleram irem para os jornais e livros de História.

A mentira organizada praticada por Estados totalitários não é, como algumas vezes se afirma, um expediente temporário da mesma natureza da artimanha militar. É algo inerente ao totalitarismo, algo que continuaria mesmo se os campos de concentração e as forças da polícia secreta deixassem de ser necessários. Corre entre comunistas inteligentes uma lenda subterrânea segundo a qual, embora o governo russo seja obrigado *agora* a lidar com propaganda mentirosa, julgamentos de fachada e assim por diante, está em segredo registrando os fatos verdadeiros e vai publicá-los em algum momento no futuro. Creio que podemos estar seguros de que não será esse o caso, porque a mentalidade implícita nessa ação é a de um historiador liberal que acredita que o passado não pode ser alterado e que um conhecimento correto da história é valioso por si mesmo. Do ponto de vista totalitário, a história é algo a ser criado mais do que estudado. Um Estado totalitário é com efeito uma teocracia, e sua casta dominante, para preservar sua posição, precisa ser considerada infalível. Mas como, na prática, ninguém é infalível, é frequentemente necessário rearranjar os eventos passados de modo a mostrar que este ou aquele erro não foi cometido, ou que este ou aquele triunfo imaginário aconteceu de fato. Então, mais uma vez, toda mudança de vulto na política exige uma mudança correspondente na doutrina e a reavaliação de pessoas históricas proeminentes. Esse tipo de coisa acontece em todo lugar, mas é claramente mais provável que desemboque em falsificações em sociedades onde apenas *uma* opinião é

permitida em qualquer dado momento. O totalitarismo exige, na verdade, uma alteração contínua do passado e, no longo prazo, provavelmente exige uma descrença na própria existência da verdade objetiva. Os amigos do totalitarismo neste país tendem em geral a argumentar que, como a verdade absoluta não é atingível, uma mentira grande não é pior do que uma pequena. Argumentam que *todos* os registros históricos são tendenciosos e imprecisos ou, por outro lado, que a física moderna provou que o que nos parecia o mundo real é uma ilusão, de modo que acreditar na evidência dos sentidos é simplesmente um filisteísmo[56] vulgar. Uma sociedade totalitária que tivesse sucesso em se perpetuar estabeleceria provavelmente um sistema de pensamento esquizofrênico, no qual as leis do senso comum, válidas na vida cotidiana e em certas ciências exatas, poderiam ser desprezadas pelos políticos, os historiadores e os sociólogos. Já existem incontáveis pessoas que considerariam um escândalo falsificar um texto científico, mas que nada veriam de errado em falsificar um fato histórico. É no ponto em que literatura e política se cruzam que o totalitarismo exerce a maior pressão sobre o intelectual. As ciências exatas não estão, neste momento, ameaçadas por nada nem parecido em extensão. Isso explica em parte o fato de em todos os países ser mais fácil para os cientistas do que para os escritores alinhar-se aos respectivos governos.

Para manter a questão em perspectiva, vou repetir o que afirmei no início deste ensaio: que na Inglaterra os inimigos *imediatos* da verdade, e portanto da liberdade de pensamento, são os barões da imprensa, os magnatas dos filmes e os burocratas, mas no longo prazo o enfraquecimento do desejo por liberdade entre os próprios intelectuais é o sintoma mais sério de todos. Pode parecer que venho falando dos efeitos da

censura, não sobre a literatura como um todo, mas meramente em um departamento de jornalismo político. Dado que a Rússia soviética representa uma espécie de território proibido na imprensa britânica, dado que temas como a Polônia, a Guerra Civil Espanhola e o pacto germano-soviético, entre outros, estão excluídos do debate sério, e que se você tiver informações conflitantes com a ortodoxia dominante espera-se que você ou as distorça ou se cale a respeito – dado tudo isso, por que haveria a literatura, em sentido amplo, de ser afetada? Todo escritor é um político, e cada livro é necessariamente um trabalho de "reportagem" honesta? Mesmo sob a ditadura mais rigorosa, o escritor individual não pode permanecer livre dentro de sua própria cabeça, ou disfarçar suas ideias não ortodoxas de tal modo que as autoridades serão estúpidas demais para reconhecê-las? De toda forma, se o escritor estivesse de acordo com a ortodoxia dominante, por que ela exerceria um efeito restritivo sobre ele? A literatura, ou qualquer uma das artes, não tem mais probabilidade de florescer em sociedades nas quais não existam grandes conflitos de opinião nem distinções agudas entre o artista e seu público? Deve-se presumir que todo escritor é um rebelde, ou mesmo que um escritor é uma pessoa excepcional?

Sempre que se tenta defender a liberdade intelectual contra as reivindicações do totalitarismo, enfrenta-se esse tipo de argumento de uma forma ou outra. Eles se baseiam em um completo mal-entendido sobre o que a literatura é, e como – ou talvez se deva dizer *por que* – ela existe. Eles supõem que um escritor é ou meramente um criador de entretenimento ou, pelo contrário, uma pena de aluguel capaz de pular de uma linha de propaganda para outra com a mesma facilidade com que um organista troca de música. Mas, afinal, como é que livros acabam sendo escritos? Acima de um nível bastante

básico, a literatura é uma tentativa de influenciar o ponto de vista dos contemporâneos do autor por meio do registro da experiência. E, no que diz respeito à liberdade de expressão, não há muita diferença entre um mero jornalista e o mais "apolítico" escritor imaginativo. O jornalista não é livre e tem consciência da falta de liberdade quando é forçado a escrever mentiras ou a suprimir o que a ele parecem notícias importantes: o escritor imaginativo não é livre quando precisa falsificar os sentimentos subjetivos que, de seu ponto de vista, são fatos. Ele pode distorcer e caricaturar a realidade de forma a tornar mais claros seus objetivos, mas não pode adulterar seu cenário mental: ele não consegue dizer com convicção que gosta do que não gosta, ou que acredita no que desacredita. Se ele for forçado a fazer isso, o único resultado será que suas faculdades criativas vão secar. Tampouco ele consegue resolver o problema ao manter-se afastado dos temas controversos. Literatura genuinamente apolítica é coisa que não existe, menos ainda em uma época como a nossa, quando medos, ódios e lealdades de um tipo claramente político estão próximos da superfície na consciência de todas as pessoas. Mesmo um único tabu pode conduzir a mente a um estado incapacitante, porque sempre existe o risco de seguir livremente uma linha de raciocínio e desembocar em uma ideia proibida. Disso decorre que a atmosfera do totalitarismo é fatal para qualquer tipo de escritor de prosa, embora um poeta, ou pelo menos um poeta lírico, talvez consiga achá-la respirável. E, em qualquer sociedade totalitária que sobreviva por mais que um punhado de gerações, é provável que a prosa literária, do tipo que existe há quatrocentos anos, precise *chegar ao fim*.

A literatura algumas vezes floresceu sob regimes despóticos, porém, conforme foi assinalado com frequência, os

despotismos do passado não eram totalitaristas. Seu aparato repressivo foi sempre ineficiente, as classes dominantes eram geralmente ou corruptas ou apáticas ou semiliberais nos pontos de vista, e as doutrinas religiosas prevalentes em geral trabalhavam contra o aperfeiçoamento e a noção de infalibilidade humana. Mesmo assim, é em grande medida verdade que a prosa literária atingiu seus níveis mais altos nos períodos de democracia e livre reflexão. O que é novo no totalitarismo é que suas doutrinas são não apenas indiscutíveis, mas também instáveis. Elas precisam ser aceitas sob pena de retaliação, mas estão sempre sujeitas a alterações em qualquer dado instante. Considerem, por exemplo, as várias atitudes, completamente incompatíveis uma com a outra, que um inglês comunista ou "simpatizante" precisou adotar em relação à guerra entre a Grã-Bretanha e a Alemanha. Por muitos anos antes de setembro de 1939, esperava-se dele que estivesse continuamente preocupado com "os horrores do nazismo" e que transformasse tudo o que escrevia em uma denúncia contra Hitler: depois de setembro de 1939, durante vinte meses, ele precisou acreditar que a Alemanha era mais a vítima do que a perpetradora dos erros, e a palavra "nazismo", ao menos no que dizia respeito à imprensa, precisou ser eliminada de seu vocabulário. Imediatamente após ouvir o noticiário das oito horas na manhã de 22 de junho de 1941, ele precisou voltar a acreditar que o nazismo era o mal mais hediondo que o mundo tinha alguma vez visto. Agora: é fácil para um político fazer essas trocas; para um escritor, o caso é um tanto diferente. Se é para trocar de lealdades exatamente no momento certo, ele precisa ou mentir sobre seus sentimentos subjetivos ou suprimi-los como um todo. Em qualquer dos casos, ele destruiu seu dínamo. Não apenas as ideias vão se recusar a surgir, mas as próprias palavras que ele usar vão parecer congelar ao toque. O texto político da nossa

época consiste quase inteiramente de frases pré-fabricadas encaixadas como peças de um brinquedo infantil. É o resultado inevitável da autocensura. Para escrever em linguagem clara e vigorosa, é preciso pensar sem medo, e quem pensa sem medo não pode ser politicamente ortodoxo. Pode ser de outra forma em uma "era de fé", quando a ortodoxia dominante está estabelecida há bastante tempo e não é levada muito a sério. Nesse caso seria possível, ou talvez pudesse ser possível, que grandes áreas mentais de uma pessoa permanecessem não afetadas por aquilo em que a pessoa acreditasse oficialmente. Ainda assim, vale a pena notar que a prosa literária quase desapareceu durante a única era de fé que a Europa já teve. Ao longo de toda a Idade Média, quase não existiu prosa literária imaginativa, e bem pouco texto histórico: e os líderes intelectuais da sociedade expressavam seus mais profundos pensamentos em uma língua morta que mal se alterou durante mil anos.

O totalitarismo, no entanto, não promete tanto uma era de fé quanto uma era de esquizofrenia. Uma sociedade se torna totalitária quando suas estruturas se tornam flagrantemente artificiais, ou seja, quando a classe dirigente perdeu sua função, mas consegue se agarrar ao poder pela força ou por fraude. Tal sociedade, não importa quanto persista, nunca pode dar-se ao luxo de se tornar nem tolerante nem intelectualmente estável. Nunca pode permitir o registro verídico dos fatos nem a sinceridade emocional que a criação literária exige. Mas para ser corrompida pelo totalitarismo uma pessoa não precisa viver em um país totalitário. A mera prevalência de certas ideias pode disseminar um tipo de veneno que torna um tema após o outro impossível para propósitos literários. Onde quer que exista uma ortodoxia impingida – ou mesmo duas ortodoxias, como frequentemente ocorre –, o bom texto some.

Isso foi bem ilustrado pela Guerra Civil Espanhola. Para muitos intelectuais ingleses, a guerra foi uma experiência profundamente comovente, mas não uma experiência sobre a qual eles pudessem escrever com sinceridade. Havia apenas duas coisas que se tinha permissão para dizer, e ambas eram mentiras palpáveis: como resultado, a guerra gerou quilômetros de texto, mas quase nada que valesse a pena ler.

Não está claro se os efeitos do totalitarismo sobre a poesia são necessariamente tão fatais quanto sobre a prosa. Há toda uma série de razões convergentes pelas quais é um pouco mais fácil para um poeta do que para um prosador sentir-se à vontade em uma sociedade autoritária. Para começar, burocratas e outros homens "práticos" em geral desprezam demais o poeta para terem grande interesse no que ele está dizendo. Em segundo lugar, o que o poeta está dizendo – ou seja, o que o poema "significa", quando convertido em prosa – é relativamente sem importância até para ele mesmo. A ideia contida em um poema é sempre simples, e não é mais o propósito primário do poema do que o incidente é o propósito primário do quadro. Um poema é uma combinação de sons e associações como uma pintura é uma combinação de pinceladas. Para fragmentos curtos, na verdade, como no refrão de uma música, a poesia pode até mesmo abrir mão totalmente do significado. Portanto, é relativamente fácil para um poeta manter-se distante de temas perigosos e evitar expressar heresias: e mesmo quando as expressa, elas podem passar despercebidas. Mas acima de tudo o bom poema, diferentemente da boa prosa, não é necessariamente um produto individual. Certos tipos de poemas, como as baladas ou, em contrapartida, formas versificadas muito artificiais, podem ser composto colaborativamente por várias pessoas. Se as antigas baladas inglesas e escocesas foram originalmente

criadas por indivíduos ou por grandes grupos é incerto; mas, seja como for, elas são não individuais, no sentido de se alterarem constantemente na transmissão boca a boca. Mesmo quando impressas, duas versões da mesma balada nunca são exatamente iguais. Muitos povos primitivos compõem versos em comunidade. Alguém começa a improvisar, provavelmente fazendo-se acompanhar de um instrumento musical, outra pessoa contribui com um verso ou uma rima quando o primeiro para, e assim o processo continua até que passa a existir uma música ou uma balada inteira que não tem um autor identificável.

Em prosa, esse tipo de colaboração íntima é perto de impossível. A prosa séria, pelo menos, precisa ser composta em solidão, ao passo que o entusiasmo de ser parte de um grupo é na verdade uma ajuda em certos tipos de versificação. A poesia – e talvez poesia boa, a seu modo, embora não do melhor tipo – pode sobreviver até mesmo sob o regime mais inquisitorial. Mesmo em uma sociedade em que a liberdade e a individualidade foram extintas, ainda haveria necessidade de músicas patrióticas e baladas heroicas que comemorassem conquistas, ou de elaborados exercícios de bajulação: e esses são os tipos de poema que podem ser escritos por encomenda, ou compostos conjuntamente, sem que necessariamente lhes falte valor artístico. Prosa é outra questão, já que o escritor de prosa não pode estreitar seu escopo de raciocínio sem matar sua criatividade. Mas a história das sociedades totalitárias, ou dos grupos de pessoas que adotaram a visão totalitária, sugere que a perda de liberdade é inimiga de *todas* as formas de literatura. A literatura alemã quase desapareceu durante o governo de Hitler, e a situação não foi muito melhor na Itália. A literatura russa, até onde se pode avaliar a partir das traduções, deteriorou-se marcadamente desde os primeiros

dias da Revolução, embora alguns poemas pareçam ser melhores do que a prosa. Poucos romances russos que podem ser levados a sério, se é que algum pode, foram traduzidos em cerca de quinze anos. Na Europa Ocidental e na América, grandes parcelas da *intelligentsia* literária ou passaram pelo Partido Comunista ou lhe foram calorosamente simpáticas, mas todo esse movimento para a esquerda produziu extraordinariamente poucos livros dignos de se ler. O catolicismo ortodoxo, de novo, parece ter um efeito esmagador sobre certas formas literárias, em especial o romance. Durante um período de trezentos anos, quantas pessoas foram ao mesmo tempo boas romancistas e boas católicas? O fato é que certos temas não podem ser celebrados em palavras, e a tirania é um deles. Ninguém jamais escreveu um bom livro em louvor à Inquisição. A poesia pode sobreviver em uma era totalitária e certas artes, ou meias artes, como a arquitetura, podem até achar a tirania benéfica, mas o escritor de prosa não teria escolha entre o silêncio e a morte. A literatura em prosa, tal como a conhecemos, é resultado da racionalidade, dos séculos protestantes, do indivíduo autônomo. E a destruição da liberdade intelectual mutila o jornalista, o escritor sociólogo, o historiador, o romancista, o crítico e o poeta, nessa ordem. No futuro, é possível que um novo tipo de literatura, não envolvendo sentimentos individuais de verdadeira observação, possa surgir, mas tal coisa não é imaginável no presente. Parece muito mais provável que, se a cultura liberal em que vivemos desde o Renascimento chegar ao fim, a arte literária vai perecer com ela.

Claro, o texto impresso continuará a ser usado, e é interessante especular sobre os tipos de assunto que sobreviveriam em uma sociedade rigidamente totalitária. Os jornais presumivelmente vão continuar, até que a técnica

televisiva atinja níveis mais altos, mas para além de jornais é duvidoso, mesmo agora, se grandes massas da população dos países industrializados sentem necessidade de algum tipo de literatura. De qualquer forma, eles não estão dispostos a gastar em material de leitura nada nem perto do que gastam em diversas outras diversões. É provável que romances e contos sejam completamente substituídos por filmes e programas de rádio. Ou talvez sobreviva algum tipo de ficção sentimental de baixa categoria, produzida por uma espécie de linha de montagem que reduza a atividade humana ao mínimo.

Provavelmente não estaria além da engenhosidade humana escrever livros através de máquinas. Mas um tipo de processo de mecanização já pode ser visto em funcionamento no cinema e no rádio, na publicidade e na propaganda, nos níveis mais baixos de jornalismo. Os filmes da Disney, por exemplo, são produzidos essencialmente por um processo fabril, o trabalho sendo feito em parte mecanicamente, em parte por grupos de artistas que precisam sujeitar seu estilo individual. Peças de rádio são frequentemente escritas por redatores exaustos a quem o tema e o modo de tratamento são ditados de antemão; mesmo assim, o que eles escrevem é meramente um material bruto, que será fatiado e formatado por produtores e censores. Assim também com incontáveis livros e panfletos encomendados por departamentos do governo. Ainda mais parecida com um processo mecanizado é a produção de contos, seriados e poemas para as revistas mais baratas. Em jornais como o *Writer* abundam anúncios de escolas de literatura, todas oferecendo enredos prontos por poucos xelins por hora. Algumas, junto com o enredo, fornecem as frases de abertura e de encerramento de cada capítulo. Outras fornecem uma espécie de fórmula algébrica por meio da qual você pode construir pessoalmente seus enredos. Outras oferecem pacotes

de cartões com anotações sobre personagens e situações, basta embaralhar e distribuir para produzir histórias engenhosas automaticamente. É provavelmente de um jeito parecido que a literatura de uma sociedade totalitária seria produzida caso ainda se sentisse que a literatura era necessária. A imaginação – e até a consciência, na medida do possível – seria eliminada do processo de escrita. Em suas linhas gerais, os livros seriam planejados por burocratas, e depois passariam por tantas mãos que, uma vez terminados, não seriam mais um produto individual do que um carro da Ford ao fim da linha de montagem. Nem é preciso dizer que algo produzido assim seria uma porcaria; mas qualquer coisa que não fosse uma porcaria colocaria em risco a estrutura do Estado. Quanto à literatura que sobrevivesse do passado, precisaria ser suprimida ou, no mínimo, elaboradamente reescrita. Ao mesmo tempo, o totalitarismo não triunfou plenamente em nenhum lugar. Nossa própria sociedade ainda é, em termos gerais, liberal. Para exercer seu direito à liberdade de expressão, você precisa lutar contra a pressão econômica e contra parcelas poderosas da opinião pública, mas não, ainda, contra a polícia secreta. Você pode dizer ou imprimir quase qualquer coisa, desde que esteja disposto a fazer isso furtivamente. Mas o que é sinistro, como afirmei no início deste ensaio, é que os inimigos conscientes da liberdade são aqueles para quem a liberdade deveria ser mais significativa. O grande público não se importa com a questão, de uma forma ou de outra. Eles não são a favor da perseguição aos heréticos e eles não vão se mexer para protegê-los. Eles são ao mesmo tempo lúcidos demais e estúpidos demais para desenvolverem o ponto de vista totalitário. O ataque direto e consciente contra a decência intelectual vem dos próprios intelectuais.

É possível que a *intelligentsia* russófila, se não tivesse

sucumbido a este mito em particular, teria sucumbido a outro basicamente do mesmo tipo. Mas de toda forma o mito russo está aí, e a corrupção que ele provoca fede. Quando se veem homens altamente educados olhando com indiferença para a opressão e a perseguição, fica-se em dúvida sobre o que desprezar mais, se seu cinismo ou sua visão curta. Muitos cientistas, por exemplo, são admiradores acríticos da URSS. Eles parecem pensar que a destruição da liberdade não tem importância, desde que a própria linha de trabalho não sofra consequências no momento. A URSS é um país enorme e em rápido desenvolvimento, que tem uma necessidade aguda de cientistas e, por isso, trata-os com generosidade. Desde que se mantenham afastados de temas sensíveis como a psicologia, cientistas são pessoas privilegiadas. Escritores, por sua vez, são ferozmente perseguidos. É verdade que prostitutas literárias como Iliya Ehrenburg ou Alexei Tolstói[57] são remuneradas regiamente, mas a única coisa que tem algum valor real para o escritor como tal – sua liberdade de expressão – é tirada deles. Alguns cientistas ingleses, pelo menos, que falam tão entusiasticamente sobre as oportunidades desfrutadas pelos cientistas na Rússia são capazes de entender isso. Mas seu reflexo parece ser: “Escritores são perseguidos na Rússia. E daí? Eu não sou escritor”. Eles não enxergam que qualquer ataque à liberdade intelectual, e ao conceito de verdade objetiva, ameaça no longo prazo todas as áreas do pensamento.

Por enquanto, o Estado totalitário tolera o cientista porque precisa dele. Mesmo na Alemanha nazista, os cientistas, se não fossem judeus, foram relativamente bem tratados, e a comunidade científica alemã, como um todo, não ofereceu resistência a Hitler. Nesse ponto da História, mesmo o governante mais autocrático é forçado a levar em conta a

realidade física, em parte pela permanência dos hábitos mentais liberais, em parte pela necessidade de se preparar para a guerra. Enquanto a realidade física não puder ser totalmente ignorada, enquanto dois e dois precisarem ser quatro quando se está, por exemplo, projetando um avião, os cientistas têm sua função e podem até gozar de certo grau de liberdade. Seu despertar virá mais tarde, quando o Estado totalitário estiver firmemente estabelecido. Enquanto isso, se ele quer salvaguardar a integridade da ciência, é seu dever desenvolver algum tipo de solidariedade para com os colegas literários e não considerar com indiferença que escritores sejam silenciados ou levados ao suicídio, e os jornais, sistematicamente falsificados.

Porém, seja lá como for em relação às ciências naturais, ou com a música, a pintura e a arquitetura, é certo que, conforme tentei demonstrar, a literatura está condenada, se a liberdade de pensamento perecer. Não apenas está condenada em qualquer país que tenha uma estrutura totalitária; mas qualquer escritor que adote um ponto de vista totalitário, que encontre desculpas para a perseguição e a falsificação da realidade, destrói a si mesmo como escritor. Não há escapatória para isso. Nenhuma tirada contra o "individualismo" e "a torre de marfim", nenhuma platitude piedosa no sentido de que "a verdadeira individualidade só é obtida por meio da identificação com a comunidade" pode contornar o fato de que uma mente vendida é uma mente estragada. A menos que a espontaneidade entre em um ou outro ponto, a criação literária é impossível, e a linguagem em si se torna ossificada. E, algum momento futuro, se a mente humana se transformar em algo totalmente diferente do que é hoje, talvez possamos aprender a separar a criação literária da honestidade intelectual. No momento, sabemos apenas que a imaginação,

como certos animais selvagens, não sobrevive em cativeiro. Qualquer escritor ou jornalista que negue esse fato – e quase todos os elogios à União Soviética contêm ou implicam essa negativa – está, na verdade, exigindo a própria destruição.

1945-1946

Clube internacional de escritores fundado em Londres em 1921. PEN corresponde e *poets, essayists and novelists*, ou poetas, ensaístas e romancistas. (N.T.)

John Milton, intelectual inglês (1608-1674). A obra *Areopagítica* é de 1644. (N.T.)

É justo dizer que as comemorações do PEN Club, que duraram uma semana ou mais, nem sempre mantiveram exatamente o nível. Eu por acaso participei em um dia ruim. Mas uma análise dos discursos (impressos sob o título *Liberdade de expressão*) demonstra que quase ninguém em nossa própria época é capaz de falar francamente em favor da liberdade intelectual quanto Milton falou, trezentos anos atrás – e isso apesar de Milton escrever em um período de guerra civil. (N.A.)

Revivalismo é um fenômeno social que busca resgatar tradições, princípios antigos para enfrentar desafios da própria época. (N.T.)

Termo depreciativo; atitude de não se importar ou não valorizar as artes. (N.T.)

Aleksei Tolstói (1883-1945), escritor russo, parente distante de Liev Tolstói (1828-1910).



Semanário de meninos

Nunca se vai muito longe em nenhum bairro pobre de qualquer cidade grande sem encontrar uma lojinha de jornaleiro. A aparência geral dessas lojinhas é sempre parecida: cartazes do *Daily Mail* e do *News of the World*, uma vitrine apertada com potes de doces e maços de Players e um interior escuro cheirando a balas de alcaçuz e enfeitado do chão ao teto com jornais de dois pence vergonhosamente mal impressos, a maioria com ilustrações sensacionalistas em três cores na capa.

Exceto pelos jornais matutinos e vespertinos, o estoque dessas lojinhas mal repete o das lojas maiores. Sua principal linha de produtos é o semanário de dois pence, e a quantidade e a variedade são quase inacreditáveis. Cada passatempo e atividade de lazer – pássaros de gaiola, arabescos, marcenaria, apicultura, pombos-correios, mágicas caseiras, filatelia, xadrez – tem ao menos um jornal dedicado a ele e, geralmente, mais de um. Jardinagem e criação de gado devem ter ao menos vinte. Depois vêm os jornais de esportes, os de rádio, as histórias em quadrinhos para crianças, os de recortar, como o *Tit-bits*, o amplo escopo dos jornais dedicados ao cinema e todos mais ou menos explorando as pernas femininas, os vários jornais de negócios, os jornais femininos (*Oracle*,

Secrets, *Peg's Paper*, etc.), os jornais de trabalhos manuais com agulhas – tão numerosos que só para exibi-los seria necessária uma vitrine inteira – e, além disso, a longa série de "Yank Mags" (histórias de luta, de ação, contos de faroeste, etc.), revistas desbotadas importadas da América e vendidas a dois pence e meio ou três. E os periódicos propriamente ditos se fundem às novelas de quatro pence, *Aldine boxing novels*, *Boy's friend library*, *Schoolgirl's own library* e muitas outras.

Provavelmente, o sortimento dessas lojinhas é o melhor indicador disponível do que a massa dos ingleses realmente sente e pensa. Com certeza, nada tão revelador existe sob a forma documentária. Romances campeões de venda, por exemplo, revelam muita coisa, mas o romance é dirigido quase exclusivamente a pessoas acima do nível de quatro libras esterlinas por semana. Os filmes são provavelmente um guia pouco confiável para o gosto popular, porque a indústria cinematográfica é virtualmente um monopólio, o que significa que ela não é nem um pouco obrigada a estudar de perto o seu público. O mesmo se aplica em alguma medida aos jornais diários e, acima de tudo, ao rádio. Mas isso não se aplica ao semanário de pequena circulação e tema especializado. Jornais como o *Exchange and Mart*, por exemplo, ou *Cage-birds*, *Oracle*, *Prediction* ou *Matrimonial Times* só existem porque existe uma demanda clara por eles, e refletem a mente de seus leitores de um modo como um grande diário nacional, com uma circulação de milhões, nunca poderia refletir.

Estou tratando aqui de um único tipo de jornal, os semanários de dois pence para meninos, descritos frequente e imprecisamente como "de horror barato". No momento, caem estritamente nessa categoria dez jornais, o *Gem*, *Magnet*, *Modern Boy*, *Triumph* e *Champion*, todos de propriedade da Amalgamated Press, e o *Wizard*, *Rover*, *Skipper*, *Hotspur* e

Adventure, todos da D. C. Thomson & Co. Qual é a circulação desses jornais, eu não sei. Os editores e proprietários se recusam a indicar qualquer número e, de toda forma, a circulação de publicações com histórias seriadas está fadada a flutuar bastante. Mas não resta dúvida de que o público combinado dos dez jornais é muito amplo. Eles estão à venda em todas as cidades da Inglaterra, e quase todos os meninos que leem passam pela fase de ler um ou mais entre eles. O *Gem* e o *Magnet*, os mais antigos desses jornais, são de um tipo diferente dos outros, e claramente perderam um pouco de popularidade ao longo dos últimos anos. Atualmente, uma boa parte dos meninos os considera antiquados e "lentos". Apesar disso, quero abordá-los em primeiro lugar, porque são psicologicamente mais interessantes do que os demais e porque sua mera sobrevivência até os anos 1930 é um fenômeno bastante surpreendente.

O *Gem* e o *Magnet* são jornais irmãos (personagens de um com frequência aparecem no outro) e ambos foram fundados há mais de trinta anos. Naquela época, junto com *Chums* e o velho *B.O.P.*, eram os jornais líderes para meninos e continuaram dominantes até bem recentemente. Cada um traz a cada semana uma história ficcional juvenil de quinze mil ou vinte mil palavras, completa em si mesma, mas em geral mais ou menos relacionada à da semana anterior. O *Gem*, em complemento a essa história, traz uma ou mais aventuras seriadas. Fora isso, os dois jornais são tão parecidos que podem ser tratados como um só, embora o *Magnet* tenha sido sempre o mais conhecido dos dois, provavelmente por ter um personagem de primeira categoria na figura do menino gordo Billy Bunter.

As histórias tratam do que pretende ser a vida em uma escola particular, e as escolas (Greyfriars no *Magnet*, St. Jim no *Gem*)

são representadas como instituições antigas e respeitáveis como Eton ou Winchester. Todos os personagens principais são quartanistas de 14 ou 15 anos, meninos mais velhos ou mais novos só aparecendo em papéis muito pequenos. Como Sexton Blake e Nelson Lee, esses meninos continuam, semana após semana e ano após ano, sem nunca envelhecer. Muito ocasionalmente, um menino novo chega ou um personagem sem importância sai, mas de qualquer forma nos últimos vinte e cinco anos o elenco mal sofreu alguma alteração. Todos os personagens importantes nos dois jornais – Bob, Cherry, Tom Merry, Harry Wharton, Johnny Bull, Billy Bunter e o restante – estavam em Greyfriars ou em St. Jim muito antes da Primeira Guerra, exatamente com a mesma idade de hoje em dia, vivendo o mesmo tipo de aventuras e conversando quase exatamente no mesmo dialeto. E não apenas os personagens, mas toda a atmosfera tanto do *Gem* quanto do *Magnet* foi preservada inalterada, em parte por meio de uma elaborada estilização. As histórias no *Magnet* são assinadas por "Frank Richards", e as do *Gem*, por "Martin Clifford", mas uma série que dura trinta anos dificilmente poderia ser o trabalho da mesma pessoa toda semana[58]. Consequentemente, elas precisam ser escritas em um estilo que seja facilmente imitável – um estilo extraordinário, artificial, repetitivo, muito diferente de qualquer coisa existente na atual literatura inglesa. Alguns excertos servirão para ilustrar. Aqui está um tirado de *Magnet*:

Lamúria!

"Cala a boca, Bunter!"

Lamúria!

Calar a boca não era muito o estilo de Billy Bunter. Ele raramente se calava, apesar de sempre lhe pedirem que se calasse. No terrível momento presente, o gordo Coruja de Greyfriars estava menos inclinado do que nunca a se calar.

E ele não se calou! Ele lamentou e lamentou e continuou lamentando.

Mesmo resmungar não expressava totalmente os sentimentos de Bunter. Seus sentimentos eram, na verdade, inexprimíveis.

Havia seis deles encrencados! Só um dos seis fazia sons de angústia e lamento. Mas aquele um, William George Bunter, fazia o suficiente pelo grupo todo e mais um pouco.

Harry Wharton & Co. formavam um grupo enraivecido e preocupado. Eles foram despejados e abandonados, roubados, esfolados e encaçapados! Etc., etc., etc.

E aqui um trecho do *Gem*:

"Ai, caramba!"

"Ai, droga!"

"Aaaaargh!"

"Uuurrrgh!"

Arthur Augustus se sentou, zonzo. Apanhou o lenço e o pressionou contra o nariz ferido. Tom Merry se sentou, ofegante. Eles olharam um para o outro.

"Por Júpiter! Isso é que é peleja, meu rapaz!", gorgolejou Arthur Augustus. "Fui jogado numa baita confusão! Aaargh, os malandros! Os rufiões! Esses intrusos malditos! Uau!" Etc., etc.

Esses dois trechos são totalmente típicos: você encontraria algo parecido em quase todos os capítulos de todas as edições, hoje ou vinte e cinco anos atrás. A primeira coisa que qualquer pessoa nota é o extraordinário volume de tautologia (a primeira dessas duas passagens contém [em inglês] cento e vinte e cinco palavras que poderiam ser reduzidas a cerca de

trinta), aparentemente pensado para fazer a história render, mas na verdade exercendo a função de criar a atmosfera. Pela mesma razão, várias expressões jocosas são repetidas vezes sem conta; “enraivecido”, por exemplo, é um grande favorito, e assim como “roubados, esfolados e encaçapados”. “Aaaai!”, “Uuurrrgh!” e “Aaaargh!” (gritos estilizados de dor) se repetem constantemente, e também “Hahaha!”, sempre em uma linha exclusiva, de modo que algumas vezes um quarto da coluna, aproximadamente, consiste de “Hahaha!”. A gíria (“Vá catar coquinho!”, “Com a breca!” e “Seu velhaco!”) nunca foi alterada, então os meninos de hoje usam gírias que são ultrapassadas há pelo menos trinta anos. Além disso, vários apelidos são enfiados em todas as ocasiões possíveis. A cada poucas linhas, somos relembrados que Harry Wharton & Co. são “os Cinco Famosos”, Bunter é sempre “o gordo Coruja” ou “o Coruja da classe anterior”, Vernon-Smith é sempre “o salafrário de Greyfriars”, Gussy (o nobre Arthur Augustus D’Arcy) é sempre “o formidável de St. Jim”, e assim por diante. Há um esforço constante, incansável, para manter a atmosfera intacta e garantir que todo novo leitor aprenda imediatamente quem é quem. O resultado foi transformar Greyfriars e St. Jim em um extraordinário mundinho próprio, um mundo que não pode ser levado a sério por ninguém acima de 15 anos, mas que de qualquer forma não é esquecido facilmente. Pela deterioração da técnica de Dickens, uma série de “personagens” estereotipados foi construída, em diversos casos com bastante sucesso. Billy Bunter, por exemplo, deve ser uma das figuras mais conhecidas da ficção inglesa; pois a mera quantidade de pessoas que o conhece se equipara à que conhece Sexton Blake, Tarzan, Sherlock Holmes e um punhado de personagens de Dickens.

É desnecessário dizer que essas histórias são fantasticamente

diferentes da vida em uma escola particular real. Elas se baseiam em ciclos de tipos bem variados, mas em geral são do tipo divertido e barulhento, com o interesse centrado em brincadeiras rudes, pegadinhas, trotes, lutas, sovas, futebol, críquete e comida. Uma história recorrente é aquela em que um menino é acusado de algum malfeito cometido por outro e é nobre demais para revelar a verdade. Os meninos "bons" são "bons" na tradição do inglês de vida pura – eles se esforçam, lavam atrás das orelhas, nunca golpeiam abaixo da cintura, etc., etc. – e como contraponto há uma série de meninos "maus", Racke, Crooke, Loder e outros, cuja maldade consiste em fazer apostas, fumar e frequentar bares. Todos esses meninos estão constantemente à beira da expulsão, porém, como uma expulsão de fato significaria uma mudança no elenco, nunca algum deles é flagrado cometendo algo realmente sério. Roubo, por exemplo, mal existe como tema. Sexo é um tabu completo, especialmente na forma sob a qual de fato surge em escolas particulares. De vez em quando, meninas entram nas histórias e, muito raramente, há algo que se aproxima de um leve flerte, mas é inteiramente em espírito de brincadeira saudável. Um menino e uma menina se divertem andando juntos de bicicleta – isso é o máximo a que se chega. Beijar, por exemplo, seria considerado "piegas". Mesmo os meninos maus são presumidamente assexuados. Quando o *Gem* e o *Magnet* foram lançados, é provável que tenha havido uma intenção deliberada de eliminar a atmosfera repleta de culpa e sexo que permeava tanto da literatura anterior dirigida a meninos. Nos anos 1890, o *Boy's Own Paper*, por exemplo, costumava ter a seção de cartas cheia de avisos aterradores contra a masturbação, e livros como *St. Winifred's* e *Tom Brown's schooldays* eram carregados de sentimentos homossexuais, embora, sem dúvida, seus autores não estivessem plenamente cientes disso. No *Gem* e no

Magnet, sexo simplesmente não existe como problema. A religião também é um tabu; nos trinta anos de produção dos dois jornais, a palavra "Deus" provavelmente não aparece, exceto em "Deus salve o rei". No entanto, sempre existiu uma pressão muito grande por "temperança". Beber e, por associação, fumar são considerados infames mesmo entre adultos ("sombrio" é a palavra comum), mas ao mesmo tempo como algo irresistivelmente fascinante, uma espécie de substituto para o sexo. Em sua atmosfera moral, *Gem* e *Magnet* têm muito em comum com o movimento escotista, que começou mais ou menos na mesma época.

Toda literatura desse tipo é parcialmente plágio. Sexton Blake, por exemplo, começou bastante claramente como uma imitação de Sherlock Holmes, e ainda se parece bastante com ele; Blake tem rosto de falcão, mora na Baker Street, fuma desbragadamente e põe o robe quando precisa refletir. O *Gem* e *Magnet* provavelmente devem algo aos antigos autores de ficção juvenil que estavam no auge quando eles começaram, Gunby Hadath, Desmond Coke e os outros, mas eles devem mais aos modelos do século XIX. Na medida em que Greyfriars e St. Jim se parecem com escolas reais, estão muito mais próximas de Tom Brown e Rugby do que de uma escola particular moderna. Nenhuma delas tem, por exemplo, treinamento para oficiais do exército, os jogos não são obrigatórios e os meninos têm permissão até para vestir as roupas que quiserem. Mas sem dúvida a principal fonte desses jornais é *Stalky & Co.*[59]. Este livro teve uma influência enorme sobre a literatura para meninos, e é um daqueles que têm uma espécie de reputação tradicional entre pessoas que nunca viram um exemplar dele. Mais de uma vez em semanários para meninos eu encontrei referências a *Stalky & Co.* em que a palavra estava grafada "Storky". Até o nome do principal

professor cômico de Greyfriars, o senhor Prout, é tirado de *Stalky & Co.*, assim como muitas das expressões: “caçoada”, “levemente bêbado”, “leviano”, “troço”, “peleja”, a troca de plurais por singulares – todas já antiquadas mesmo quando o *Gem* e o *Magnet* começaram. Há também traços de origens mais antigas. O nome “Greyfriars” foi provavelmente tirado de Thackeray, e Gosling, o porteiro da escola em *Magnet*, fala em uma imitação do dialeto de Dickens.

Com tudo isso, o suposto “glamour” da vida em uma escola particular é exibido com força total. Há toda a parafernália habitual (castigo em salas trancadas, chamadas, disputas entre turmas, trote em calouros, bedéis, o chá aconchegante junto à lareira, etc., etc.) e uma referência constante à “velha escola”, às “velhas pedras cinzentas” (ambas as escolas foram fundadas no início do século XVI), o “espírito de equipe” dos “homens de Greyfriars”. O apelo ao esnobismo é totalmente descarado. Cada escola tem um ou dois meninos cujos títulos são constantemente esfregados no rosto do leitor; outros meninos têm nomes de conhecidas famílias aristocráticas, Talbot, Manners, Lowther. Somos incansavelmente lembrados que Gussy é o nobre Arthur A. D’Arcy, filho de lorde Eastwood, que Jack Blake é herdeiro de “vastas terras”, que Hurree Jamset Ram Singh (apelidado de Inly) é o Nababo de Bhanipur, que o pai de Vernon-Smith é milionário. Até recentemente, as ilustrações em ambos os jornais mostravam os meninos em roupas que imitavam as de Eton; nos últimos anos, Greyfriars mudou para jaquetas e calças de flanela, mas St. Jim ainda mantém o casaco de Eton, e Gussy se apega à sua cartola. Na revista da escola que toda semana aparece como parte do *Magnet*, Harry Wharton escreve um artigo debatendo o dinheiro miúdo recebido pelos “companheiros da turma anterior” e revela que alguns recebem até cinco libras

por semana! Esse tipo de coisa é um estímulo perfeitamente deliberado à fantasia de riqueza. E aqui vale a pena mencionar algo deveras curioso, que é o fato de a história da escola ser uma coisa peculiar à Inglaterra. Até onde eu sei, existem raríssimas histórias sobre escolas em línguas estrangeiras. A razão, obviamente, é que na Inglaterra a educação é principalmente uma questão de *status*. A linha que mais claramente divide a pequena burguesia da classe trabalhadora é que a primeira paga por sua educação, e dentro da burguesia há outro hiato intransponível entre a escola particular de elite e as outras escolas particulares. É evidente que existem dezenas de milhares de pessoas para quem cada detalhe da vida em uma escola particular elitista é muitíssimo emocionante e romântico. Acontece que essas pessoas estão fora do mundo místico dos pátios quadrangulares e das edificações coloridas, mas podem ansiar por eles, devanear com eles, viver ali, mentalmente, durante horas seguidas. A pergunta é: quem são essas pessoas? Quem lê o *Gem* e o *Magnet*?

É óbvio que nunca se pode ter certeza sobre esse tipo de coisa. Só o que posso afirmar a partir da minha observação pessoal é o seguinte: meninos que provavelmente irão para escolas de elite em geral leem o *Gem* e o *Magnet*, mas quase sempre suspendem a leitura quando têm por volta de 12 anos; eles podem prosseguir por mais um ano por força do hábito, mas a essa altura já deixaram de levar os jornais a sério. Em contrapartida, meninos de escolas particulares baratas, escolas pensadas para pessoas que não podem pagar por uma escola de elite, mas que consideram as escolas públicas "inferiores", continuam a ler ambos por muitos anos a mais. Alguns anos atrás, fui professor em duas dessas escolas. Descobri que não apenas virtualmente todos os meninos liam o *Gem* e o *Magnet*, mas que ainda os levavam bastante a sério quando atingiam 15 ou mesmo 16 anos. Esses meninos eram filhos de

comerciantes, funcionários públicos, pequenos proprietários e profissionais autônomos, e obviamente é para essa classe que o *Gem* e o *Magnet* se destinam. Mas são com certeza lidos pelos meninos da classe trabalhadora também. Os semanários em geral são vendidos nos bairros mais pobres das grandes cidades, e soube que são lidos por meninos de quem se esperaria que fossem totalmente imunes ao "glamour" da escola de elite. Vi um jovem mineiro de carvão, por exemplo, um rapaz que já trabalhava no subterrâneo havia um ou dois anos, ler avidamente o *Gem*. Há pouco tempo, ofereci um calhamaço de jornais ingleses a legionários britânicos da Legião Estrangeira Francesa no norte da África; eles pegaram o *Gem* e o *Magnet* primeiro. Ambos os jornais são muito lidos por meninas[60], e o departamento de troca de correspondência entre leitores do *Gem* mostra que ele é lido em todos os cantos do Império Britânico, por australianos, canadenses, judeus palestinos, malaios, árabes, chineses do Estreito de Malaca, etc., etc. Os editores claramente esperam que os leitores tenham por volta de 14 anos, e os anúncios (chocolate ao leite, selos postais, pistolas de água, cura para a ruborização, mágicas caseiras, pó de mico, o anel Phine Phun que enfia uma agulha na mão do seu amigo, etc., etc.) indicam grosso modo a mesma idade; mas há também anúncios do Almirantado, no entanto, que convocam jovens entre 17 e 22. E não resta dúvida de que esses jornais também são lidos por adultos. É bastante comum que leitores escrevam ao editor dizendo que leram todas as edições do *Gem* ou do *Magnet* nos últimos trinta anos. Aqui está, por exemplo, a carta de uma senhora em Salisbury:

> *Posso dizer de seus esplêndidos contos de Harry Wharton & Co., de Greyfriars que eles nunca falham em atingir um alto nível. Sem dúvida, são as melhores histórias do tipo no mercado atualmente, e isso é dizer muito. Elas parecem colocar o leitor face a face com a*

natureza. Eu comecei a ler o Magnet desde o início e acompanho as aventuras com interesse agudo. Não tenho filhos, mas duas filhas, e há sempre uma corrida para ver quem será a primeira a ler o excelente velho jornal. Meu marido também era um leitor fiel do Magnet, até que foi subitamente arrancado de nós.

Vale mesmo a pena pegar alguns exemplares do *Gem* e do *Magnet*, especialmente o *Gem*, apenas para dar uma olhada na seção de cartas. O que realmente espanta é o imenso interesse com que os mais ínfimos detalhes da vida em Greyfriars e St. Jim são acompanhados. Aqui estão, como exemplos, algumas perguntas enviadas por leitores:

"Qual a idade de Dick Roylance?", "Há quanto tempo St. Jim existe?", "Vocês podem me dar uma lista do Shell e seus alunos?", "Quanto custou o monóculo de D'Arcy?", "Como é que sujeitos como o Crooke estão na turma intermediária e rapazes decentes como você próprio estão apenas no quarto ano?", "Quais são as três principais obrigações do representante de classe?", "Quem é o professor de Química em St. Jim?", (De uma menina) "Onde se localiza St. Jim? Vocês poderiam me dizer como chegar lá, já que eu adoraria ver o edifício? Vocês meninos são só 'impostores', como eu acho que são?"

Fica claro que muitos dos meninos e meninas que escrevem essas cartas estão vivendo uma vida totalmente fantasiosa. Algumas vezes, por exemplo, um menino escreve informando sua idade, altura, peso, medidas do peito e do bíceps, e pergunta com qual membro da classe intermediária ou do quarto ano ele se parece mais. O pedido por uma lista dos alunos da turma intermediária, com um relato preciso de quantos estudam em qual, é muito frequente. Os editores, é claro, fazem tudo que está em seu poder para manter a ilusão.

No *Gem*, Jack Blake é quem supostamente responde aos leitores, e no *Magnet* algumas páginas sempre são cedidas à revista da escola (a *Greyfriars Herald*, editada por Harry Wharton), e há outra página em que um ou outro personagem é descrito a cada semana. As histórias ocorrem em ciclos, sendo dois ou três personagens mantidos em primeiro plano por várias semanas de cada vez. Primeiro, haverá uma série de histórias divertidas e movimentadas, estreladas pelos Cinco Famosos e Billy Blunter; depois, uma sequência de histórias centradas em identidade trocada, com Wibley (o mago da maquiagem) em destaque; depois, algumas histórias mais sérias nas quais Vernon-Smith estremece, à beira da expulsão. E aqui se chega ao verdadeiro segredo do *Gem* e do *Magnet* e à razão provável pela qual eles continuam a ser lidos, apesar de estarem evidentemente ultrapassados.

É que os personagens são tão cuidadosamente matizados que dão a quase qualquer tipo de leitor um personagem com quem ele consiga se identificar. A maioria das publicações para meninos tenta fazer isso, daí o assistente masculino (o Tinker de Sexton Blake, o Nipper de Nelson Lee, etc.) que em geral acompanha o explorador, detetive ou assemelhado em suas aventuras. Mas nesses casos existe apenas um rapaz. E quase sempre é o mesmo tipo de rapaz. Mas no *Gem* e no *Magnet* existe um modelo para quase todo mundo. Há um menino comum, atlético e espirituoso (Tom Merry, Jack Blake, Frank Nugent), uma versão ligeiramente mais arruaceira desse tipo (Bob Cherry), uma versão mais aristocrática (Talbot, Manners), uma mais tranquila e séria (Harry Wharton) e uma versão impassível, tenaz (Johnny Bull). Depois vêm o tipo estouvado e atrevido (Vernon-Smith), o definitivamente esperto e estudioso (Mark Linley, Dick Penfold) e o menino excêntrico que não é bom em esportes, mas tem algum talento

especial (Skinner Wibley). E há o menino tipo bolsista (Tom Redwing), uma figura importante nesse tipo de história porque possibilita a meninos de lares muito pobres projetarem-se para a atmosfera de uma escola de elite. Além deles, há australianos, irlandeses, escoceses, de Manx, Yorkshire e Lancashire, para explorar o patriotismo local. Mas a sutileza da caracterização vai mais fundo do que isso. Ao se analisar a seção de cartas, vê-se que provavelmente não existe nenhum personagem no *Gem* e no *Magnet* com o qual um leitor não se identifique, exceto os cômicos absolutos Coker, Billy Bunter, Fisher T. Fish (o menino americano ganancioso) e, claro, os professores. Bunter, embora no início provavelmente inspirado do menino gordo em *Pickwick*, é uma criação real. Suas calças apertadas contra as quais botas e bengalas estão sempre batendo, sua astúcia na caça por comida, sua ordem postal que nunca chega o tornaram famoso em qualquer lugar em que a bandeira nacional tremule. Mas ele não é tema para devaneios. Entretanto, outra figura aparentemente divertida, Gussy (o nobre Arthur A. D'Arcy, "o formidável de St. Jim"), é evidentemente muito admirado. Como todo o resto no *Gem* e no *Magnet*, ele está pelo menos trinta anos desatualizado. Ele é o "almofadinha" no início do século XX ou o "traquinas" dos anos 1890 ("Por Júpiter, caro rapaz!" e "Ora bem, vejo-me compelido a aplicar-lhe uma sova!"), o idiota de monóculo que se saiu bem em campo nas batalhas de Mons e Le Cateau. E sua popularidade evidente mostra como é profundo o apelo esnobe desse tipo. Os ingleses são grandes admiradores de tolos titulados (vejam Lorde Peter Wimsey) que sempre revelam trunfos inesperados nos momentos de emergência. Aqui está uma carta de uma das fãs de Gussy:

Eu acho que você é muito severo com o Gussy. Eu me pergunto se ele ainda existe, dado o modo como você o

trata. Ele é meu herói. Sabia que eu escrevo canções? O que acha deste – na melodia de "Goody Goody"?

Ponho minha máscara antigás e me juntarei à ARP [61]

Pois estou bem atenta às bombas lançadas por você.

Vou cavar pra mim uma trincheira

No jardim, bem depois da roseira.

Vou vedar as janelas com latão

E os gases entrar não poderão.

Meu canhão, que da rua me acode

Tem um aviso: Hitler, não incomode!

E se eu cair em mãos nazistas,

Antes mesmo de você perceber,

Ponho minha máscara antigás e me juntarei à ARP.

PS: Você se dá bem com meninas?

Cito esta carta (datada de abril de 1939) integralmente porque é interessante como a provável primeira menção a Hitler no *Gem*. No *Gem* também existe um menino gordo heroico, Fatty Wynn, um contraponto a Bunter. Vernon-Smith, "o salafrário da classe anterior", personagem byroniano, sempre no limite da expulsão, é outro grande favorito. E mesmo alguns dos vilões provavelmente têm seguidores. Loder, por exemplo, "o podre do sexto ano", é um vilão, mas ele é também intelectual e propenso a dizer coisas sarcásticas sobre futebol e espírito de equipe. Os meninos das turmas anteriores só o consideram mais vilão por isso, mas certo tipo de menino provavelmente se identificaria com ele. Mesmo Racke, Crooke & Co. provavelmente têm a admiração dos meninos mais novos que consideram fumar cigarro algo

diabolicamente perverso. (Uma pergunta frequente na seção de cartas: “Que marca de cigarro o Rack fuma?”)

É claro que, politicamente, o *Gem* e o *Magnet* são conservadores, mas em um estilo totalmente pré-1914, sem nenhum laivo de fascismo. Na realidade, suas suposições políticas se resumem a: nada muda, nunca; estrangeiros são engraçados. No *Gem* de 1939, os franceses ainda são Froggies, e os italianos, Dagos. Mossoo, o professor de francês em Greyfriars, é o Frog usual dos jornais satíricos, com barbicha pontuda, calça em forma de pião, etc. Inky, o menino indiano, embora seja um rajá e, portanto, tenha um apelo esnobe, é também o senhor hindu na tradição da revista *Punch*. (“‘Altercações não são travessuras apropriadas, meu estimado Bob’, disse Inky. ‘Deixe que os cães se regozijem com latidos e mordidas, todavia a reação branda é superior, pois cão que late não morde, como bem observa o ditado inglês.’”) Fisher T. Fish é o ianque à moda antiga (“Waal, creio que”, etc.), que remonta a um período de ciúme anglo-americano. Wun Lung, o menino chinês (ele anda sumido ultimamente, sem dúvida porque alguns leitores do *Magnet* são chineses do Estreito), é uma pantomima do chinês do século XIX, com o chapéu em forma de pires, trança longa e inglês *pidgin*. Todo o tempo, o pressuposto é não apenas que estrangeiros são cômicos e foram postos lá como alvo para nosso riso, mas que eles podem ser classificados praticamente da mesma forma que insetos. É por isso que em todos os jornais para meninos, não apenas no *Gem* e no *Magnet*, um chinês é invariavelmente retratado com trança. É por meio dela que você o reconhece, como o cavanhaque do francês ou o realejo do italiano. Em jornais desse tipo, às vez acontece de, sendo o cenário de uma história um país estrangeiro, haver uma tentativa de descrever os nativos como seres humanos individuais, mas como regra presume-se que os estrangeiros de qualquer raça são todos parecidos, e vão se ajustar mais ou menos exatamente aos

seguintes padrões:

Francês: irritável. Usa barba, gesticula loucamente.

Espanhol, mexicano, etc.: sinistro, traiçoeiro.

Árabe, afegão, etc.: sinistro, traiçoeiro.

Chinês: sinistro, traiçoeiro. Usa trança.

Italiano: irritável. Toca realejo ou carrega estilete.

Sueco, dinamarquês: gentil, inocente.

Negro: engraçado, muito crédulo.

A classe trabalhadora só aparece no *Gem* e no *Magnet* como personagens cômicos ou semivilões (palpiteiros nas corridas de cavalos, etc.). Quanto à tensão entre as classes, sindicalismo, greves, recessão, desemprego, fascismo e guerra civil, nem uma palavra. Em um ponto ou outro dos trinta anos de edição dos dois jornais, você poderia talvez encontrar a palavra "socialismo", mas precisaria gastar muito tempo procurando. Se a Revolução Russa não é referida em lugar nenhum, ela será, indiretamente, pela palavra "bolshy" (indicando uma pessoa de hábitos violentamente desagradáveis). Hitler e os nazistas mal estão começando a surgir, no tipo de referência que citei antes. A crise de setembro de 1938 provocou impressão suficiente para gerar uma história em que o senhor Vernon-Smith, o pai milionário do salafrário, lucrou a partir do pânico generalizado ao comprar casas de campo para revendê-las a "fugitivos da crise". Mas isso é provavelmente o mais perto que o *Gem* e o *Magnet* vão chegar de reconhecer a situação da Europa, até o início efetivo da guerra[62]. Isso não significa que essas publicações sejam antipatrióticas – muito pelo contrário! Ao longo de toda a Primeira Guerra Mundial, o *Gem* e o *Magnet* foram talvez os jornais mais consistente e alegremente

patrióticos da Inglaterra. Quase toda semana, os meninos capturavam um espião ou empurravam um objetor de consciência para o exército, e, durante o período de racionamento, "coma menos pão" foi impresso em letras grandes em cada página. Mas seu patriotismo não tem absolutamente nada a ver com a política do poder ou com questões "ideológicas". Está mais próximo da lealdade familiar e de fato oferece uma pista valiosa quanto à atitude das pessoas comuns, especialmente o grande e intocado grupo de classe média e da classe operária em melhor situação. Essas pessoas são patrióticas até os ossos, mas não sentem que o que acontece em países estrangeiros seja de sua conta. Quando a Inglaterra está ameaçada, correm automaticamente para defendê-la, mas entre uma ameaça e outra não estão interessadas. Afinal, a Inglaterra está sempre certa, e a Inglaterra sempre vence, então, por que se preocupar? É uma atitude que vem sofrendo abalos nos últimos vinte anos, mas não tão profundos quanto algumas vezes se supõe. O fracasso em entender isso é uma das razões pelas quais os partidos políticos de esquerda raramente são capazes de produzir uma política externa aceitável.

O mundo mental do *Gem* e do *Magnet*, portanto, é algo mais ou menos assim: o ano é 1910 – ou 1940, mas dá no mesmo. Você está em Greyfriars, um menino de 14 anos e faces rosadas, em roupas elegantes feitas sob medida, sentado para o chá do estúdio da turma mais jovem, depois de uma partida de futebol excitante, vencida por um gol marcado no último meio minuto. A lareira aconchegante está acesa na sala, e lá fora o vento assovia. A hera se agrupa densamente em volta das velhas pedras cinzentas. O rei está no trono, e uma libra vale uma libra. Lá na Europa, estrangeiros engraçados estão tagarelando e gesticulando, mas os navios de guerra cinza e

sombrios da marinha britânica estão percorrendo o Canal da Mancha e, nos postos avançados do império, senhores ingleses de monóculo mantêm os negros a distância. O lorde Mauleverer conseguiu mais uma cédula de cinco, e nós estamos nos preparando para mais um tremendo lanche de salsichas, sardinhas, biscoitos, carne em conserva, geleia e bolinhos. Depois do chá, vamos nos sentar no estúdio junto à lareira e dar boas risadas com Billy Bunter e combinar a composição do time para a partida da próxima semana contra o Rookwood. Tudo é seguro, sólido e inquestionável. Tudo continuará igual para todo o sempre. Essa, aproximadamente, é a atmosfera.

Mas agora mude do *Gem* e do *Magnet* para os jornais mais atuais que surgiram desde a Grande Guerra. A coisa verdadeiramente significativa é que eles têm mais pontos em comum com o *Gem* e o *Magnet* do que pontos de diferença. Mas será melhor comentar as diferenças primeiro.

Há oito desses novos jornais, *Modern Boy*, *Triumph*, *Champion*, *Wizard*, *Rover*, *Skipper*, *Hotspur* e *Adventure*. Todos eles apareceram depois da Grande Guerra, mas, exceto pelo *Modern Boy,* nenhum tem menos de cinco anos de existência. Dois jornais que também devem ser mencionados brevemente aqui, embora não sejam rigorosamente do mesmo tipo dos outros, são *Detective Weekly* e *Thriller*, ambos propriedade da Amalgamated Press. O *Detective Weekly* encampou Sexton Blake. Ambos admitem certo nível de interesse sexual em suas histórias e, apesar de certamente lidas por meninos, não se dirigem exclusivamente a eles. Todos os demais são pura e simplesmente jornais para meninos e são suficientemente parecidos para serem avaliados juntos. Não parece haver nenhuma diferença perceptível entre os publicados pela Thomson e os que saem pela Amalgamated

Press.

Assim que se olha para esses jornais, vê-se sua superioridade técnica em relação ao *Gem* e ao *Magnet*. Para começar, eles têm a grande vantagem de não serem escritos integralmente por uma pessoa só. Em vez de uma história comprida e completa, um número de *Wizard* ou de *Hotspurs* consiste em meia dúzia ou mais de histórias seriadas, e nenhuma delas continua para sempre. Em consequência, há muito mais variedade, muito menos enrolação e nada da estilização e dos chistes cansativos do *Gem* e do *Magnet*. Vejamos, por exemplo, estes dois excertos:

Billy Bunter gemeu.

Um quarto de hora havia passado, das duas horas extras de aula de francês atribuídas a Bunter.

Em um quarto de hora havia apenas quinze minutos! Mas cada um daqueles minutos parecia estranhamente longo a Bunter. Eles pareciam rastejar como lesmas cansadas.

Olhando para o relógio na sala de aula número 10, o gordo Coruja mal podia crer que apenas quinze minutos tinham se passado. Pareciam mais quinze horas, se não quinze dias!

Outros rapazes estavam em aulas extras de francês, assim como Bunter. Eles não se importavam. Bunter, sim! (*Magnet*)

Depois de uma escalada terrível, a cada passo da subida abrindo no gelo fofo apoios onde encaixar as mãos, o sargento Lionheart Logan, da Polícia Montada Real, estava agora agarrado como uma mosca humana à encosta do penhasco gelado, tão liso e traiçoeiro quanto um painel de vidro gigante.

Uma nevasca ártica golpeava seu corpo com toda a fúria, jogando a neve cegante em seu rosto, procurando tirar seus dedos das cavidades de apoio e lançá-lo para a morte nas pedras pontudas na base do penhasco, trinta metros abaixo. Encolhidos no meio das pedras estavam onze caçadores cruéis que tinham feito tudo para abater Lionheart e seu companheiro, Constable Jim Rogers, até que a nevasca escondera a ambos da vista dos vilões lá embaixo.

O segundo excerto o leva um pouco adiante na história, o primeiro usa cem palavras para lhe contar que Bunter está de castigo. Além do mais, ao não se concentrar em ficção escolar (em relação à quantidade, a ficção passada em escolas tem ligeiro predomínio em todos esses jornais, exceto no *Thriller* e no *Detective Weekly*), o *Wizard*, *Hitspur*, etc. têm muito mais oportunidades para sensacionalismo. Meramente olhando para as ilustrações das capas dos jornais que tenho na mesa à minha frente, eis o que vejo. Em uma, há um caubói apoiado só com a ponta dos pés na asa de um avião em pleno ar, atirando com o revólver contra outro avião. Em outra, há um chinês nadando em um esgoto para salvar a própria pele, com uma multidão de ratos famintos nadando em seu encalço. Em uma terceira capa, um mecânico está acendendo uma banana de dinamite enquanto um robô de aço o persegue com suas garras. Em outra, um homem em trajes de aviador está lutando com as mãos nuas contra um rato um pouco maior do que um burro. Na seguinte, um homem quase nu, com músculos incrivelmente desenvolvidos, acaba de agarrar um leão pela cauda e atirá-lo rodopiando a trinta metros de distância por cima do muro da arena, com as palavras “Pegue de volta seu maldito leão!”. Claramente, nenhuma história de escola pode competir com esse tipo de coisa. De tempos em tempos, o prédio da escola pode pegar fogo ou o professor de francês

pode acabar se revelando o chefe de uma gangue anarquista internacional, mas de modo geral o interesse precisa concentrar-se em críquete, rivalidades entre turmas, trotes, etc. Não há muito espaço para bombas, raios mortais, submetralhadoras, aviões, cavalos selvagens, polvos, ursos-pardos ou gângsteres.

A análise de uma grande quantidade desses jornais mostra que, deixando de lado as histórias de escolas, os assuntos favoritos são Oeste Selvagem, Norte Congelado, Legião Estrangeira, crimes (sempre do ponto de vista do detetive), a Grande Guerra (força aérea ou serviço secreto, não infantaria), o tema de Tarzan sob variadas formas, futebol profissional, exploração dos trópicos, romance histórico (*Robin Hood*, *Cavaliers e Roundheads*[63], etc.) e invenções científicas. O Oeste Selvagem ainda lidera, pelo menos como cenário, embora os Peles-Vermelhas pareçam estar desaparecendo. O único tema realmente novo é o científico. Raios mortais, marcianos, homens invisíveis, robôs, helicópteros e foguetes interplanetários aparecem bastante: aqui e ali soam até mesmo rumores distantes sobre psicoterapia e glândulas endócrinas. Enquanto o *Gem* e o *Magnet* derivam de Dickens e Kipling, *Wizard*, *Champion*, *Modern Boy,* etc. devem muito a H. G. Wells, que, mais do que Júlio Verne, é o pai da "ficção científica". Naturalmente, é o aspecto mágico marciano da ciência que é mais explorado, mas um ou dois jornais incluem artigos sérios sobre assuntos científicos, além de uma enorme quantidade de resumos informativos. (Exemplos: Uma árvore Keuri de Queensland, Austrália, tem mais de doze mil anos; ocorrem quase cinquenta mil tempestades todos os dias; 28.316,84 litros de gás hélio custam uma libra; existem mais de quinhentas variedades de aranhas na Grã-Bretanha; os bombeiros de Londres usam 52.995.735,36 de litros de água

todos os anos, etc.) Há um notável avanço na curiosidade intelectual e, em geral, na exigência feita à atenção do leitor. Na prática, o *Gem*, o *Magnet* e os jornais do pós-guerra são lidos basicamente pelo mesmo público, mas a idade mental almejada parece ter subido um ou dois anos – uma evolução provavelmente correspondente à melhora na educação elementar desde 1909.

A outra coisa que surgiu nos jornais pós-guerra dirigidos a meninos, embora nem de perto na extensão que seria de esperar, é a adoração aos valentões e o culto à violência.

Quando se comparam o *Gem* e o *Magnet* a jornais autenticamente modernos, o que imediatamente chama atenção é a ausência do princípio do líder. Não existe um personagem central dominante; em seu lugar, existem quinze ou vinte personagens, todos em relativa condição de igualdade, com quem diferentes tipos de leitor podem identificar-se. Em jornais mais modernos, normalmente não é assim. Em vez de se identificar com um estudante mais ou menos de sua idade, o leitor de *Skipper*, *Hotspur*, etc. é levado a se identificar com um agente do FBI, um membro da Legião Estrangeira, com alguma variação de Tarzan, um ás dos ares, um grande espião, um explorador, um pugilista – de qualquer forma, com um personagem único e todo-poderoso que domina todos ao redor e cujo método habitual de resolver qualquer problema é desferir um soco no queixo. Esse personagem é pensado para ser um super-homem, e, como a força física é a forma de poder que os meninos conseguem entender melhor, ele é em geral uma espécie de gorila humano; nas histórias do tipo Tarzan, ele às vezes é de fato um gigante, com dois metros e meio ou três de altura. Ao mesmo tempo, as cenas de violência são em quase todas as histórias admiravelmente inofensivas e não convincentes. Há uma grande diferença de tom entre até mesmo o mais sanguinolento jornal inglês e as revistas norte-

americanas de três pence, *Fight Stories*, *Action Stories*, etc. (que não se dirigem estritamente a meninos, mas são amplamente lidas por eles). Nas "Yank Mags", veem-se uma real sede de sangue, descrições verdadeiramente sangrentas de lutas ao estilo vai-com-tudo-contra-os-testículos-dele, escritas em um jargão que foi aperfeiçoado por pessoas que refletem infinitamente sobre violência. Uma publicação como *Fight Stories*, por exemplo, teria bem pouco apelo, exceto a sádicos e masoquistas. Percebe-se a gentileza comparativa da sociedade inglesa pelo modo amador como as lutas de boxe são descritas nos semanários para meninos. Não existe um vocabulário especializado. Vejamos esses quatro excertos, dois ingleses, dois americanos:

> *Quando o gongo soou, os dois homens estavam respirando com dificuldade, e ambos tinham marcas vermelhas no peito. O peito de Bill sangrava e Ben tinha um corte acima do olho direito. Caíram exaustos nos respectivos corners, mas, quando o gongo soou de novo, levantaram-se com agilidade e partiram como tigres um contra o outro. (Rover)*

> *Ele entrou impassível e esmagou meu rosto como se empunhasse um bastão. Sangue esguichou e eu recuei nos calcanhares, mas reagi e soltei um de direita abaixo do coração. Outro de direita arrasou a boca já ferida de Ben e, cuspindo fragmentos de um dente, ele cravou um do meu lado esquerdo. (Fight Stories)*

> *Era impressionante observar Black Panther em ação. Seus músculos ondulavam e deslizavam sob a pele escura. Toda a potência e graça de um gato gigante estavam em seu ataque ágil e terrível. Ele desferiu golpes a uma velocidade estonteante para um camarada tão grande. Em um instante, Ben estava apenas bloqueando com as luvas o melhor que conseguia. Ben era um verdadeiro mestre da*

defesa. Tinha muitas vitórias incríveis atrás de si. Mas a direita e a esquerda do Negro entravam por aberturas que dificilmente outro lutador teria encontrado. (Wizard)

Golpes arrasadores, que concentravam o peso de sequoias tombando sob o machado, arremessavam os corpos dos dois pesos-pesados enquanto eles trocavam socos. (Fight Stories)

Observe como os trechos americanos parecem ter mais conhecimento de causa. Eles são escritos para devotos dos ringues, os outros não são. Fora isso, é necessário enfatizar que, nesse nível, o código moral dos jornais ingleses para meninos é muito decente. O crime e a desonestidade nunca são elevados à admiração, não há nada do cinismo nem da corrupção da história americana de gângster. As enormes vendas das "Yank Mags" na Inglaterra demonstram que existe demanda para esse tipo de coisa, mas bem poucos escritores ingleses parecem capazes de produzi-la. Quando o ódio a Hitler se tornou um sentimento majoritário na América, foi interessante observar como prontamente o "antifascismo" foi adaptado para usos pornográficos pelos editores das "Yank Mags". Uma revista que tenho à minha frente é dedicada a uma história longa e completa, "Quando o inferno chegou à América", na qual agentes de um ditador europeu louco e sanguinário tentam conquistar os Estados Unidos com raios mortais e aviões invisíveis. Existe o mais explícito apelo ao sadismo, cenas em que os nazistas amarram bombas às costas de mulheres e as lançam das alturas para observá-las explodirem no ar, e outras em que eles amarram moças nuas pelo cabelo e as perfuram com facas para fazê-las dançar, etc., etc. O editor faz comentários solenes a respeito e usa isso como apelo em favor de mais restrições contra imigrantes. Em outra página da mesma publicação, "A vida das coristas de

Hotcha" revela todos os segredos íntimos e os passatempos fascinantes das famosas dançarinas da Broadway Hotcha. "Nada é omitido. Preço: 10c." "Como amar. 10c." "Anel com foto embutida. 25c." "Decalques de nus safados. Por fora do vidro você vê uma moça linda vestida inocentemente. Vire e olhe através do vidro e oh! Quanta diferença! Conjunto de três decalques por 25c.", etc., etc. Não há nada parecido com isso em nenhum jornal inglês passível de ser lido por meninos. Mas o processo de americanização continua ainda assim. O ideal americano, o "homem másculo", o "sujeito durão", o gorila que resolve tudo socando todo mundo no queixo agora aparecem provavelmente na maioria dos jornais para meninos. Em uma história seriada saindo agora no *Skipper*, ele é sempre retratado de modo ameaçador, balançando um cassetete de borracha.

A evolução do *Wizard*, *Hotspur*, etc. em comparação aos jornais anteriores se resume ao seguinte: técnica aprimorada, mais interesse científico, mais derramamento de sangue, mais adoração do líder. Mas, no fim, é a *ausência* de evolução o que mais causa espanto.

Para começar, não há nenhuma evolução política. O mundo do *Skipper* e do *Champion* ainda é o mundo pré-1914 do *Magnet* e do *Gem*. A história do Oeste Selvagem, com seus ladrões de gado, execuções sumárias e outras parafernálias do século XIX, parece curiosamente arcaica. Vale notar que em publicações desse tipo é sempre pressuposto que aventuras só acontecem nos confins da Terra: florestas tropicais, vastidões do Ártico, desertos africanos, pradarias do oeste, antros de ópio chineses – em qualquer lugar, na verdade, exceto aqueles em que as coisas *realmente* acontecem. Essa é uma crença que remonta a trinta ou quarenta anos, quando os novos continentes estavam no processo de abertura. Hoje em dia, é

claro, se você quer mesmo aventura, o lugar onde procurá-la é a Europa. Porém, à parte o lado pitoresco da Grande Guerra, a história contemporânea é cuidadosamente excluída. E excetuando-se que os americanos são agora alvo de admiração e não de riso, os estrangeiros são as mesmas figuras de humor que sempre foram. Se um personagem chinês aparece, ele ainda é o contrabandista de ópio sinistro e de trança retratado por Sax Rohmer[64]; não há nenhuma indicação de que as coisas tenham se alterado na China desde 1912 – nenhuma indicação de haver uma guerra em andamento lá, por exemplo. Se um espanhol aparece, ele ainda será um "dago" ou um "greaser" que enrola cigarros e esfaqueia pessoas pelas costas; nenhuma indicação das coisas que vêm acontecendo na Espanha. Hitler e os nazistas ainda não surgiram, ou mal fizeram alguma aparição. Haverá bastante sobre eles dentro em breve, mas será de um ponto de vista estritamente patriótico (Grã-Bretanha *versus* Alemanha), com o real significado da batalha mantido fora da vista tanto quanto possível. Em relação à Revolução Russa, é extremamente difícil encontrar uma referência em qualquer dessas publicações. Quando a Rússia eventualmente é mencionada, é em geral em um resumo informativo (exemplo: "Há 29 mil centenários na URSS"), e qualquer referência à Revolução é indireta e vinte anos atrasada. Em uma história do *Rover*, por exemplo, alguém tem um urso domesticado, e como o animal é russo, seu apelido é Trótski – obviamente um eco do período 1917-1923, e não das controvérsias mais recentes. O relógio parou em 1910. A Grã-Bretanha domina os mares, e ninguém ouviu falar de crise financeira, bombas, desemprego, ditaduras, expurgos nem campos de concentração.

E da perspectiva social mal houve uma evolução qualquer. O esnobismo é um pouco menos explícito do que no *Gem* e no

Magnet – e isso é o máximo que se pode dizer. Para começar, a ficção escolar, sempre parcialmente dependente do apelo esnobe, não foi de forma nenhuma eliminada. Todas as edições de um semanário para meninos incluem ao menos uma história de escola, sendo elas ligeiramente mais numerosas do que as que tratam do Velho Oeste. A vida fantasiosa e muito elaborada do *Gem* e do *Magnet* não é imitada aqui e há mais ênfase em aventuras extrínsecas, mas a atmosfera social (as velhas pedras cinzentas) é quase a mesma. Quando uma escola nova é apresentada no início de uma história, somos frequentemente informados, exatamente com estas palavras, de que se tratava de "uma escola muito bacana". De tempos em tempos aparece uma história que é ostensivamente *contra* o esnobismo. O menino bolsista (como Tom Redwing no *Magnet*) aparece com razoável frequência, e o que é em essência o mesmo tema é às vezes apresentado desta forma: há uma grande rivalidade entre duas escolas, cada uma se considerando mais "bacana" do que a outra, e ocorrem lutas, trotes, disputas de futebol, etc., sempre terminando com a derrota dos esnobes. Ao se olhar superficialmente para algumas dessas histórias, pode-se imaginar que um espírito democrático se infiltrou nos semanários para meninos, mas, quando se olha com mais atenção, vê-se que eles meramente refletem a inveja amarga que existe na classe trabalhadora burocrática. Sua real função é permitir que o menino que frequenta uma escola particular barata (*não* uma escola pública) sinta que sua escola é tão "bacana" aos olhos de Deus quanto Winchester ou Eton. O sentimento de lealdade escolar ("Nós somos melhores do que os sujeitos da rua de baixo"), uma coisa quase desconhecida das classes trabalhadoras reais, ainda é preservado. Como essas histórias são escritas por muitas mãos diferentes, elas variam bastante, é claro. Algumas são razoavelmente livres de esnobismo, em outras o dinheiro e

os títulos são explorados ainda mais descaradamente do que no *Gem* e no *Magnet*. Em uma que vi, a *maioria* dos meninos citados era nobre.

Quando personagens da classe trabalhadora aparecem, em geral são ou alvo de riso (piadas sobre vagabundos, condenados, etc.) ou como lutadores de boxe, acrobatas, caubóis, jogadores profissionais de futebol e legionários – em outras palavras, aventureiros. Os fatos da vida da classe trabalhadora não são encarados nem, aliás, uma vida de *trabalho* de qualquer tipo. Muito ocasionalmente, pode-se encontrar uma descrição realista do trabalho em, digamos, uma mina de carvão, mas com toda a probabilidade ela estará lá apenas como pano de fundo para outra aventura emocionante. Seja como for, não é provável que o protagonista seja mineiro. Quase todo o tempo, o menino que lê esses jornais – em nove casos a cada dez, um menino que passará a vida trabalhando em uma loja, em uma fábrica ou em um posto subalterno em um escritório – é levado a se identificar com pessoas em posições de comando, acima de tudo com pessoas que nunca são perturbadas por falta de dinheiro. A figura do lorde Peter Wimsey, o aparente idiota que fala afetado e usa monóculo, mas está sempre em destaque nos momentos de perigo, surge de novo e de novo. (Esse personagem é um grande favorito nas histórias de serviço secreto.) E, como sempre, todos os personagens heroicos falam como na BBC: eles podem falar como escoceses ou irlandeses ou americanos, mas nenhum em papel de destaque jamais pronuncia um "h". Aqui, vale a pena comparar a atmosfera social dos semanários para meninos com os dirigidos a moças, o *Oracle*, o *Family Star*, *Peg's Paper*, etc.

Os jornais femininos são dirigidos a um público mais velho e lidos em sua maior parte por moças que trabalham para viver.

Em consequência, são na superfície muito mais realistas. Pressupõe-se, por exemplo, que quase todo mundo tenha de morar em uma cidade grande e trabalhar em um emprego mais ou menos enfadonho. Sexo, bem longe de ser um tabu, é *o* assunto. Os contos completos, característica especial dessas publicações, são em geral do tipo "raiou o dia": a heroína escapa por um triz de perder o rapaz para uma rival, ou o rapaz fica sem trabalho e precisa adiar o casamento, mas logo encontra um emprego melhor. A fantasia da troca de bebês (uma menina criada em um lar pobre é, "na verdade", filha de pais ricos) é outro clássico. Quando o sensacionalismo entra em cena, geralmente nas histórias seriadas, surge a partir de tipos mais domésticos de crime, como bigamia, falsificação ou às vezes assassinato; nada de marcianos, raios mortais ou gangues anarquistas internacionais. Seja como for, esses jornais estão buscando credibilidade e têm um vínculo com a vida real em sua seção de cartas, onde problemas genuínos são debatidos. A coluna de aconselhamento de Ruby M. Ayres, no *Oracle*, por exemplo, é extremamente sensata e bem escrita. Mesmo assim, o mundo do *Oracle* e do *Peg's Paper* é um mundo de pura fantasia. É a mesma fantasia o tempo inteiro: fingir ser mais rico do que se é. A principal impressão que se tem de quase toda história nesses jornais é de um "refinamento" assustador e opressivo. Ostensivamente, os personagens são pessoas da classe trabalhadora, mas seus costumes, o interior de suas casas, suas roupas, opiniões e, acima de tudo, seu discurso são completamente de classe média. Todos vivem muito acima de seus rendimentos. Desnecessário dizer, essa é exatamente a intenção. A ideia é dar à operária entediada ou à exausta mãe de cinco uma vida de sonhos na qual ela possa se ver, não tanto como uma duquesa (essa convenção ficou para trás), mas como, digamos, a esposa de um gerente de banco. Não apenas o padrão de

cinco ou seis libras por semana é estabelecido como o ideal, mas é implicitamente presumido que esse é o rendimento que a classe trabalhadora *realmente* tem. Os fatos principais simplesmente não são encarados. Admite-se, por exemplo, que as pessoas às vezes percam seus empregos; mas as nuvens escuras se afastam, e elas conseguem empregos melhores. Não há menção ao desemprego como algo permanente e inevitável, não há menção ao auxílio-desemprego, não há menção ao sindicalismo. Nenhuma sugestão em lugar nenhum de que possa haver algo errado com o sistema *enquanto sistema*; existem apenas infortúnios pessoais, em geral devidos à perversidade de alguém e que podem, de toda forma, ser revertidos no último capítulo. Sempre as nuvens escuras se afastam, o empregador gentil aumenta o salário do Alfred, há emprego para todo mundo, exceto os bêbados. Ainda é o mundo do *Wizard* e do *Gem*, exceto que há flores de laranjeira em vez de submetralhadoras.

O ponto de vista inculcado por todos esses jornais é o de um membro excepcionalmente estúpido da Liga Naval de 1910. Sim, pode-se dizer, mas que importa? E, seja como for, o que mais você espera?

É claro que ninguém em seu juízo perfeito iria querer transformar o assim chamado horror barato em um romance realista ou em um panfleto sobre o socialismo. Porém, conforme tentei esclarecer, a irrealidade do *Wizard* e do *Gem* não é tão inocente quanto parece. Esses jornais existem por causa de uma demanda específica, porque meninos de certa idade sentem necessidade de ler sobre marcianos, raios mortais, ursos-pardos e gângsteres. Eles obtêm o que buscam, mas embrulhado nas ilusões que seus futuros empregadores julgam adequado para eles. Em que medida as pessoas formam suas ideias a partir da ficção é questionável. Pessoalmente,

acredito que a maioria é influenciada, muito mais do que admite, por romances e histórias seriadas, filmes e assim por diante, e que desse ponto de vista os piores livros são com frequência os mais importantes, porque em geral são os que são lidos mais cedo na vida. É provável que muitas pessoas que se consideram extremamente sofisticadas e "avançadas" estejam na verdade carregando pela vida afora um pano de fundo imaginativo adquirido na infância a partir de, por exemplo, Sapper[65] e Ian Hay[66]. Se for mesmo assim, os semanários de dois pence para meninos são da maior importância. Aqui está o que é lido entre os 12 e os 18 anos por uma parcela enorme, talvez a maioria, dos meninos ingleses, incluindo muitos que jamais lerão qualquer outra coisa além de jornais noticiosos; e com isso eles estão absorvendo um conjunto de crenças que seria considerado inapelavelmente antiquado no escritório central do Partido Conservador. Tanto melhor por ser feita indiretamente, vem sendo injetada neles a convicção de que os maiores problemas de nosso tempo não existem, que não há nada de errado com o capitalismo *laissez-faire*, que estrangeiros são cômicos desimportantes e que o Império Britânico é uma espécie de empreitada caritativa que vai durar para sempre. Considerando que são os proprietários dessas publicações, é difícil acreditar que isso seja sem intenção. Dos doze jornais que venho tratando (isto é, doze incluindo o *Thriller* e o *Detective Weekly*), sete pertencem à Amalgamated Press, que é um dos maiores conglomerados de imprensa do mundo e controla mais de cem jornais. O *Gem* e o *Magnet*, portanto, estão intimamente ligados ao *Daily Telegraph* e ao *Financial Times*. Isso por si só bastaria para levantar certas suspeitas, mesmo que não fosse óbvio que as histórias nos semanários de meninos são politicamente examinadas. Então parece que, se você tem necessidade de uma vida de fantasia na qual viaje a

Marte e enfrente leões de mãos desarmadas (e qual menino não tem?), só vai conseguir isso ao se render, mentalmente, a pessoas como lorde Camrose. Pois não existe concorrência. Considerados todos esses jornais, as diferenças são mínimas, e nesse nível não existem outros. Isso levanta a pergunta: por que não existe algo como um jornal de esquerda para meninos?

À primeira vista, essa ideia meramente causa enjoo. É tão horrivelmente fácil imaginar como um jornal de esquerda para meninos seria se existisse algum. Eu me lembro de em 1920 ou 1921 algum otimista distribuindo panfletos comunistas entre um grupo de meninos em idade escolar. O que eu recebi era do tipo perguntas e respostas:

"P: Um menino comunista pode ser escoteiro, camarada?

R: Não, camarada.

P: Por quê, camarada?

R: Porque, camarada, um escoteiro precisa saudar a bandeira britânica, que é o símbolo da tirania e da opressão", etc., etc.

Agora, suponha que neste momento alguém lançasse uma publicação de esquerda intencionalmente dirigida a meninos de 12 ou 14 anos. Não estou sugerindo que todo o conteúdo seria exatamente como o do panfleto que reproduzi acima, mas alguém duvida de que seria algo *parecido* com ele? Inevitavelmente, um jornal assim seria ou um enaltecimento monótono ou um alvo da influência comunista e propenso à bajulação da Rússia soviética; em qualquer dos casos, nenhum menino normal sequer olharia para ele. Excetuando a literatura erudita, toda a imprensa de esquerda que existe, desde que seja vigorosamente "esquerdista", é um longo panfleto. O único

jornal socialista na Inglaterra que poderia sobreviver por mérito próprio, *enquanto jornal*, é o *Daily Herald*: e quanto socialismo há no *Daily Herald*? Hoje em dia, portanto, um jornal de inclinação esquerdista e ao mesmo tempo atraente para adolescentes comuns é algo quase além de qualquer esperança.

Mas disso não decorre que seja impossível. Não há nenhuma razão para que toda história de aventura precise necessariamente ser misturada a esnobismo e patriotismo rasteiro. Afinal, as histórias no *Hotspur* e no *Modern Boy* não são panfletos conservadores; são meramente histórias de aventura com um viés conservador. É relativamente fácil imaginar o processo sendo invertido. É possível, por exemplo, imaginar um jornal tão emocionante e vibrante quanto o *Hotspur*, mas com temas e uma "ideologia" um pouquinho mais atualizados. É até possível imaginar (embora isso levante outras dificuldades) um jornal feminino do mesmo nível literário do *Oracle*, veiculando aproximadamente o mesmo tipo de história, porém levando mais em consideração a realidade da vida da classe trabalhadora. Essas coisas já foram feitas, embora não na Inglaterra. Nos últimos anos da monarquia espanhola, surgiu na Espanha uma grande quantidade de romances de esquerda, alguns deles com evidente origem anarquista. Infelizmente, na época em que apareceram, eu não percebi seu significado social e perdi a coleção deles que possuía, mas sem dúvida ainda se consegue encontrar exemplares. Em aparência e estilo de história, eles eram muito parecidos com os romances ingleses de quatro pence, a não ser por sua inspiração ser de "esquerda". Se, por exemplo, uma história descrevesse a polícia perseguindo anarquistas pelas montanhas, seria do ponto de vista do anarquista, e não da polícia. Um exemplo mais à mão é o filme

soviético “Chapaiev”, várias vezes exibido em Londres. Tecnicamente, pelos padrões da época em que foi feito, “Chapaiev” é um filme de primeira categoria, mas mentalmente, apesar do contexto russo desconhecido, não fica tão longe de Hollywood. O que o torna fora do comum é o desempenho admirável do ator que faz o papel do policial Branco (o gordo): um desempenho que parece bastante uma inspirada interpretação de improviso. Fora isso, a atmosfera é familiar. Toda a parafernália habitual está lá: embates heroicos contra todas as probabilidades, escapadas no último momento, cenas de cavalos galopando, interesse amoroso, alívio cômico. O filme é de fato bastante comum, a não ser por sua tendência de “esquerda”. Em um filme de Hollywood sobre a Guerra Civil Russa, os Brancos provavelmente seriam anjos, e os Vermelhos, demônios. Na versão russa, os Vermelhos são anjos, e os Brancos, demônios. Isso também é mentira, porém, no longo prazo, é uma mentira menos perniciosa do que a outra.

Aqui, vários problemas difíceis se apresentam. Sua natureza geral é suficientemente óbvia, e eu não quero abordá-los. Estou apenas indicando o fato de que, na Inglaterra, a literatura criativa popular é um campo que o pensamento de esquerda nunca nem começou a adentrar. *Toda* a ficção, dos romances populares para baixo, é censurada segundo os interesses da classe dominante. E a ficção para meninos acima de todas, o estilo “sangue e trovão” que quase todo menino devora em uma fase ou outra, está encharcada das piores ilusões de 1910. Esse fato só é desimportante se a pessoa acreditar que as leituras feitas na infância não deixam marcas. Lorde Camrose e seus colegas evidentemente não acreditam em nada do tipo e, afinal, lorde Camrose deve saber.

1939

1945. Isto está incorreto. Essas histórias foram escritas ao longo de todo o período por Frank Richards e Martin Clifford, que são a mesma e única pessoa! Ver artigos em *Horizon*, maio de 1940, e *Summer Pie*, verão de 1944. (N.A.)

Livro de J. R. Kipling sobre um internato para adolescentes, publicado em 1899.

Existem muitos jornais equivalentes para meninas. O *Schoolgirl* é um jornal-irmão do *Magnet,* e as histórias são escritas por "Hilda Richards". Os personagens são em certa medida intercambiáveis. Bessie Bunter, irmã de Billy Bunter, aparece no *Schoolgirl*.

Sigla de Precauções contra Ataques Aéreos. Brigada de emergência e conjunto de normas de conduta instituídas no Reino Unido com o objetivo de proteger civis contra ataques aéreos.

Isto foi escrito alguns meses antes da eclosão da guerra. Até o fim de setembro de 1939, nenhuma menção à guerra apareceu em nenhum dos jornais. (N.A.)

Durante a Guerra Civil Inglesa (1642-1651), Cavaliers eram os defensores da monarquia; Roundheads eram os defensores do Parlamento.

Arthur Henry Sarsfield Ward, mais conhecido como Sax Rohmer (1883-1959), foi o romancista inglês que criou o personagem Dr. Fu Manchu, gênio do crime. (N.T.)

Pseudônimo do autor britânico Herman Cyril McNeile (1888-1937).

Pseudônimo do autor britânico John Hay Beith (1876-1952).

GEORGE ORWELL



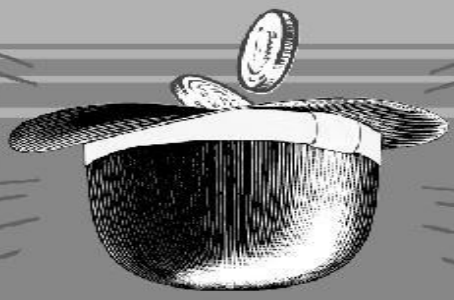
NA PIOR EM PARIS E LONDRES





Principis

GEORGE ORWELL



NA PIOR EM PARIS E LONDRES





TRADUÇÃO
DÉBORA ISIDORO

Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Down and out in Paris and London
Texto
George Orwell
Tradução
Débora Isidoro
Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
Fandorina Liza/Shutterstock.com;
Channarong Pherngjanda/Shutterstock.com;
Uncle Leo/Shutterstock.com;
Nevena Radonja/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O79n Orwell, George, 1903-1950

Na pior em Paris e Londres [recurso eletrônico] / George Orwell ; traduzido por Débora Isidoro. - Jandira, SP : Principis, 2021.

224 p. ; ePUB ; 2,7 MB. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Down and out in Paris and London

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-385-0 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Memórias. I. Isidoro, Débora. II. Título. III. Série.

2021-808 CDD 823
CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa 823

2. Literatura inglesa 821.111-31

1ª edição em 2020

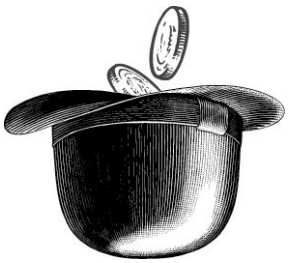
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Oh, mal destrutivo, condição da pobreza!

CHAUCER



Capítulo 1

Rue du Coq d'Or, Paris, sete da manhã. Uma sucessão de gritos furiosos, sufocantes na rua. Madame Monce, que cuidava do hotelzinho na frente do meu, tinha ido à calçada para falar com uma hóspede no terceiro andar. Ela calçava tamancos nos pés sem meias, e o cabelo grisalho esta-va solto.

Madame Monce: *"Salope! Salope!* Quantas vezes já falei para não esmagar insetos no papel de parede, hein? Por que não pode jogá-los pela janela, como todo mundo? *Putain! Salope!"*

A mulher no terceiro andar: *"Vache!"*

Seguiu-se um coro variado de gritos, com janelas se abrindo de todos os lados e meio quarteirão se juntando à discussão. A gritaria cessou repentinamente dez minutos mais tarde, quando um pelotão da cavalaria passou por ali, e as pessoas pararam de berrar para olhar para eles.

Relato essa cena apenas para dar uma ideia do espírito da Rue du Coq d'Or. Não que discussões fossem as únicas coisas que aconteciam por lá, mas, mesmo assim, raramente passávamos a manhã sem pelo menos uma explosão como essa descrita. Discussões, gritos desanimados dos vendedores ambulantes, a gritaria das crianças que corriam atrás de casca de laranja pelas pedras do calçamento e, à noite, a

cantoria e o cheiro de azedo das carroças de lixo, tudo isso compunha a atmosfera da rua.

Era uma rua muito estreita, uma ravina de casas altas, enfermas, inclinadas umas para as outras em posições bizarras, como se todas tivessem sido congeladas no ato do colapso. Todas as casas eram hotéis, e eles estavam lotados de hóspedes, principalmente poloneses, árabes e italianos. Embaixo deles havia pequenos bistrôs, onde se podia ficar bêbado pelo equivalente a um xelim. Nas noites de sábado, cerca de um terço da população masculina do quarteirão se embriagava. Havia brigas por mulheres, e os marinheiros árabes que ficavam nos hotéis mais baratos costumavam promover disputas misteriosas, e brigavam com cadeiras e, às vezes, revólveres. À noite, os policiais só percorriam a rua em duplas. Era um lugar bem turbulento. No entanto, em meio ao barulho e à sujeira, viviam os habituais e respeitáveis franceses, lojistas, padeiros e lavadeiras, gente assim, pessoas que não se misturavam e, em silêncio, acumulavam pequenas fortunas. Era um cortiço em Paris.

Meu hotel era o Hôtel des Trois Moineaux. Era uma toca de coelho, um labirinto escuro de cinco andares dividido em quarenta quartos por divisórias de madeira. Os quartos eram pequenos e inveteradamente sujos, porque não havia camareiras, e Madame F., a *patronne*, não tinha tempo para varrer nada. As paredes eram finas como madeira de fósforo e, para esconder as rachaduras, haviam sido cobertas com camadas e mais camadas de papel de parede cor de rosa, que se soltava e servia de abrigo para inúmeros insetos. Perto do teto, longas fileiras deles marchavam o dia todo como colunas de soldados, e à noite desciam famintos, de forma que era preciso se levantar de madrugada e matá-los em hecatombes.

Às vezes, quando os insetos eram muitos, costumava-se queimar enxofre e espantá-los para o quarto vizinho; lá, o hóspede recorria ao enxofre também e mandava os insetos de volta. Era um lugar sujo, mas parecia um lar, porque Madame F. e o marido eram boas pessoas. O aluguel dos quartos variava entre trinta e cinquenta francos por semana.

Os hóspedes eram uma população flutuante, estrangeiros, na maioria, que chegavam sem bagagem, ficavam uma semana e desapareciam. Eram de todos os ofícios, sapateiros, pedreiros, assentadores de tijolos, marinheiros, estudantes, prostitutas, catadores de pano. Alguns eram tremendamente pobres. Em um dos sótãos havia um estudante búlgaro que fazia sapatos chiques para o mercado norte-americano. Das seis ao meio-dia ele ficava sentado em sua cama, fazendo uma dúzia de pares de sapatos e ganhando trinta e cinco francos; durante o resto do dia ele assistia às aulas na Sorbonne. Estudava para a Igreja, e livros de teologia eram deixados abertos com as páginas para baixo no chão coberto de couro em seu quarto. Em outro quarto moravam uma russa e o filho, que se dizia artista. A mãe trabalhava dezesseis horas por dia, cerzindo meias a 25 centavos por meia, enquanto o filho, bem-vestido, vadiava pelos cafés de Montparnasse. Um quarto era ocupado por dois hóspedes diferentes, um deles trabalhava durante o dia, o outro, à noite. Em outro quarto, uma viúva dividia a cama com duas filhas adultas, ambas tuberculosas.

Havia personagens excêntricos no hotel. Os cortiços de Paris eram local de reunião de pessoas excêntricas, gente que havia caído nas valas solitárias e meio loucas da vida e desistido de tentar ser normal ou decente. A pobreza as liberta dos padrões comuns de comportamento, como o dinheiro liberta as pessoas do trabalho. Alguns hóspedes de nosso hotel tinham vidas que

palavras não podiam descrever.

Havia os Rougiers, por exemplo, um casal de anões esfarrapados que tinham um ofício extraordinário. Eles costumavam vender cartões-postais no Boulevard St. Michel. O curioso era que os cartões eram vendidos em pacotes fechados como pornográficos, mas, na verdade, eram fotos do castelo no Loire; os compradores só descobriam quando era tarde demais e, é claro, nunca reclamavam. Os Rougiers ganhavam cerca de cem francos por semana e, com economia austera, conseguiam estar sempre meio famintos e meio bêbados. A imundície no quarto deles era tamanha que se podia sentir o cheiro no andar de baixo. De acordo com Madame F., nenhum dos Rougiers tirava a roupa há quatro anos.

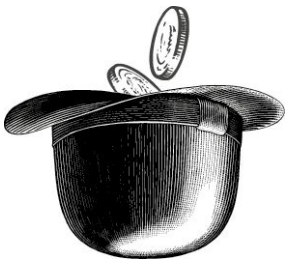
Ou tinha o Henri, que trabalhava nos esgotos. Ele era um homem alto, melancólico, com cabelo encaracolado, dono de uma aparência meio romântica naquelas botas de canos longos de homem do esgoto. A peculiaridade de Henri era não falar por dias consecutivos, exceto para os propósitos do trabalho. Um ano atrás, ele era motorista, tinha um bom emprego e economizava dinheiro. Um dia ele se apaixonou e, quando a jovem o rejeitou, ele perdeu a cabeça e deu um chute nela. Ao ser chutada, a moça se apaixonou desesperadamente por Henri, e eles moraram juntos por duas semanas e gastaram mil francos do dinheiro de Henri. Depois a moça o traiu; Henri cravou uma faca no braço dela e foi condenado a seis meses de prisão. Assim que foi esfaqueada, a garota se apaixonou ainda mais que antes por Henri, e os dois se reconciliaram e decidiram que, quando saísse da cadeia, Henri compraria um táxi, e eles se casariam. Mas, quinze dias depois, a moça foi infiel de novo e, quando Henri saiu da cadeia, ela estava

grávida, e Henri não a esfaqueou de novo. Sacou todas as economias do banco e se meteu em uma bebedeira que terminou em mais um mês na cadeia; depois disso, ele foi trabalhar nos esgotos. Nada fazia Henri falar. Se você perguntasse por que trabalhava nos esgotos, ele não respondia, apenas cruzava os punhos para sugerir algemas e acenava com a cabeça em direção ao sul, para a prisão. A má sorte parecia tê-lo deixado idiota em um único dia.

Ou havia o R., um inglês que passava seis meses do ano em Putney com os pais e seis meses na França. Durante a estadia na França, ele bebia quatro litros de vinho por dia e seis litros aos sábados; uma vez viajou até Açores, porque o vinho lá é mais barato que em qualquer lugar na Europa. Ele era uma criatura gentil, mansa, nunca era barulhento ou briguento, e nunca estava sóbrio. Ele ficava na cama até meio-dia, e daí até a meia-noite podia ser encontrado em seu canto no bistrô, bebendo quieto e de maneira metódica. Enquanto bebia, ele falava com um som refinado e feminino sobre móveis antigos. R. era o único inglês no quarteirão, além de mim.

Havia muito mais gente cujas vidas eram tão excêntricas quanto essas: Monsieur Jules, o romeno, que tinha um olho de vidro e não admitia, Furex, o pedreiro, Roucolle, o sovina – mas ele morreu antes de eu chegar – o velho Laurent, o comerciante de retalhos, que costumava copiar sua assinatura de um pedaço de papel que levava no bolso. Seria divertido escrever algumas dessas biografias, para quem tivesse tempo. Estou tentando descrever as pessoas em nosso quarteirão, não por mera curiosidade, mas porque elas fazem parte da história. Pobreza é sobre o que estou escrevendo, e tive meu primeiro contato com ela nesse cortiço. O cortiço, com suas vidas sujas e esquisitas, foi primeiro uma aula prática sobre pobreza, e

depois o cenário de minhas próprias experiências. É por isso que tento dar uma ideia de como era a vida lá.



Capítulo 2

A vida naquela região. Nosso bistrô, por exemplo, embaixo do Hôtel des Trois Moineaux. Um pequeno cômodo de assoalho de lajotas, meio subterrâneo, com mesas manchadas de vinho e a fotografia de um funeral com a legenda: "*Crédit est mort"*; e funcionários que usavam faixas vermelhas e cortavam linguiça com grandes canivetes; e Madame F., uma esplêndida camponesa de Auvergne com o rosto de uma vaca determinada, bebia Málaga todos os dias "para o estômago"; e jogos de dados como *apéritifs*; e canções sobre *"Les Praises et Les Framboises"*, e sobre Madelon, que disse *"Comment épouser un soldat, moi qui aime tout le régiment?"*; e demonstrações físicas de afeto extraordinariamente públicas. Metade do hotel costumava se encontrar no bistrô à noite. Queria que fosse possível encontrar um *pub* em Londres com um quarto daquela animação.

Ouviam-se conversas estranhas no bistrô. Como exemplo, trago a fala de Charlie, uma das curiosidades locais.

Charlie era um jovem de família e boa educação que tinha fugido de casa e vivia de remessas ocasionais. Imagine-o rosado e jovem, com o rosto fresco e o cabelo castanho e macio de um menininho agradável e lábios excessivamente vermelhos e molhados, como cerejas. Os pés eram pequenos, os braços, curtos a ponto de parecerem anormais, as mãos

tinham covinhas como as de um bebê. Ele tem um jeito de dançar e se balançar enquanto fala, como se fosse feliz demais e muito cheio de vida para ficar quieto por um instante. São três da tarde, e não tem ninguém no bistrô além de Madame F. e um ou dois homens desempregados; mas não faz diferença para Charlie com quem ele fala, desde que possa falar sobre si mesmo. Ele declama como um orador sobre um palco, rolando as palavras na língua e gesticulando com os braços curtos. Os olhos pequenos, que parecem de porco, cintilam entusiasmados. É extremamente desagradável de ver.

Ele está falando de amor, seu assunto favorito.

Ah, l'amour, l'amour! Ah, que les femmes m'Ont tué! *A propósito,* messieurs et dames*, as mulheres têm sido minha ruína, além de toda esperança, minha ruína. Aos 22 anos, estou completamente esgotado e acabado. Mas que coisas aprendi, em que abismos de sabedoria não mergulhei! Que grande coisa é ter adquirido a verdadeira sabedoria, ter me tornado um homem civilizado no sentido mais elevado da palavra, ter me tornado* raffiné, vicieux*, etc., etc.*

Messieurs et daffies*, percebo que estão tristes.* Ah, mais la vie est belle… *não devem ficar tristes. Sejam mais alegres, eu imploro!*

Fill high ze bowl vid Samian vine,

Ve vill not sink of semes like zese[1]!

Ah, que lá vie est belle! *Escutem,* Messieurs et dames*, do alto de minha experiência, falo a vocês sobre amor. Vou explicar qual é o verdadeiro significado do amor, o que é a verdadeira sensibilidade, o mais elevado, mais refinado prazer conhecido apenas pelos homens civilizados. Falarei a vocês sobre o dia mais feliz de minha vida. Ah, já passei*

do tempo quando podia conhecer felicidade assim. Foi-se para sempre… a possibilidade, até o desejo de tê-la, tudo se foi.

Ouçam, então. Foi há dois anos; meu irmão estava em Paris – ele é advogado – e meus pais tinham dito a ele para me procurar e me levar para jantar. Nós nos odiávamos, meu irmão e eu, mas preferíamos não desobedecer aos meus pais. Jantamos, e nesse jantar ele ficou muito bêbado com três garrafas de Bordeaux. Eu o levei de volta ao hotel e, no caminho, comprei uma garrafa de conhaque e, quando chegamos, fiz meu irmão beber um copo cheio, disse que era algo que o deixaria mais sóbrio. Ele bebeu, e caiu imediatamente como se sofresse um colapso, completamente bêbado. Eu o levantei e apoiei suas costas na cama; depois revirei seus bolsos. Encontrei mil e cem francos. Peguei o dinheiro e desci a escada correndo, entrei em um táxi e fugi. Meu irmão não sabia qual era meu endereço, eu estava seguro.

Aonde um homem vai quando tem dinheiro? Aos bordels*, naturalmente. Mas não pensem que eu ia perder meu tempo em alguma devassidão vulgar que só servia para marinheiros. Não, sou um homem civilizado! Era meticuloso e exigente, com mil francos no bolso. Quando encontrei o que procurava, era meia-noite. Eu tinha conhecido um jovem muito inteligente de 18 anos vestido* em smoking*, com o cabelo cortado* a l'américaine*, e conversávamos em um bistrô tranquilo longe dos* boulevards*. Aquele jovem e eu nos entendíamos bem. Falávamos disso e daquilo e discutíamos maneiras de se distrair. Acabamos pegando um táxi juntos e fomos a outro lugar.*

O táxi parou em uma rua estreita e vazia com uma única lâmpada a gás em uma extremidade. Havia poças escuras entre as pedras. De um lado havia o muro alto e vazio de um convento. Meu guia levou-me a uma casa alta e arruinada com janelas de venezianas, em cuja porta bateu várias vezes. Por fim, ouvimos o som alto de passos e o ranger de trancas, e a porta se abriu um pouco. Vi a mão que a segurava; era grande e torta, e em instantes ela passou pela fresta com a palma voltada para cima, pedindo dinheiro.

Meu guia encaixou o pé entre a porta e a soleira. "Quanto você quer?", perguntou.

"Mil francos", respondeu uma voz de mulher. "Pague imediatamente, ou não vai entrar."

Pus os mil francos na mão estendida e entreguei os cem restantes ao meu guia: ele se despediu e me deixou lá. Ouvi a voz do outro lado da porta contando as notas, depois uma mulher magra e vestida de preto, parecida com um corvo velho, pôs o nariz para fora e olhou para mim desconfiada antes de me deixar entrar. Estava muito escuro lá dentro; não conseguia ver nada além de um maçarico flamejante que iluminava um trecho de uma parede, lançando todo o resto em sombras mais profundas. O cheiro era de ratos e poeira. Sem falar, a velha acendeu uma vela no maçarico e seguiu mancando na minha frente por um corredor de pedra e subiu uma escada de degraus de pedra.

"Voilà!"*, ela disse, "entre e faça o que quiser. Não vejo nada, não ouço nada, não sei nada. Você é livre, sabe… perfeitamente livre."*

Ah, messieurs*, não preciso descrever,* forcément*, todos vocês conhecem, aquele arrepio que é meio terror e meio alegria, que percorre alguém nesses momentos? Fui andando devagar, tateando o caminho; ouvia minha respiração e o som dos meus sapatos nas pedras, mas, além disso, tudo era silêncio. Desci a escada do outro lado e, no fim dela, minha mão tocou um interruptor. Apertei o botão, e um grande lustre de doze lâmpadas vermelhas encheu o porão de luz. E atenção, não era um porão, mas um quarto, um grande, rico e luxuoso quarto vermelho do teto ao chão. Imaginem,* messieurs e dames*! Tapete vermelho no chão, papel vermelho nas paredes, veludo vermelho nas cadeiras, até o teto era vermelho; tudo vermelho, queimando os olhos. Era um vermelho pesado, sufocante, como se a luz iluminasse vasilhas de sangue. Do outro lado havia uma enorme cama quadrada coberta por uma colcha vermelha, como o restante, e nela havia uma garota deitada com um vestido de veludo vermelho. Ao me ver, ela tentou recuar e esconder os joelhos embaixo do vestido curto.*

Eu estava parado na porta. "Vem cá, franguinha", chamei.

Ela deixou escapar um gemido de medo. Um movimento rápido, e eu estava ao lado da cama; ela tentou me evitar, mas a segurei pelo pescoço – assim, estão vendo? – com força! Ela sufocou, começou a gritar por misericórdia, mas eu a segurava firme, empurrei sua cabeça para trás e a encarei. Devia ter uns 20 anos; o rosto era largo e sem graça, como o de uma criança estúpida, mas estava coberto de maquiagem, e os olhos azuis e estúpidos, cintilando à luz vermelha, tinham aquela expressão

chocada e distorcida que não se vê em nenhum outro lugar, além dos olhos dessas mulheres. Devia ser uma camponesa, sem dúvida, cujos pais a venderam para ser escravizada.

Sem dizer mais nada, eu a puxei de cima da cama e joguei no chão. E caí sobre ela como um tigre! Ah, a alegria, o incomparável arrebatamento daquele momento! Isso, messieurs et dames*, é o que eu tinha para contar a vocês;* voilà l'amour! *Aí está o verdadeiro amor, a única coisa no mundo pela qual vale a pena lutar; em comparação a isso, todas as suas artes e ideias, filosofias e credos, todas as suas belas palavras e nobres atitudes empalidecem, apagam-se como cinzas. Quando se tem amor experiente – o verdadeiro amor –, o que há no mundo que pareça ser mais que a mera sombra da alegria?*

Repeti o ataque com selvageria cada vez maior. De novo e de novo a garota tentou escapar; gritou novamente por misericórdia, mas eu ri.

"Misericórdia!", exclamei. "Acha que vim aqui para ter misericórdia? Acha que paguei mil francos para isso?" Juro, messieurs et dames*, que, se não fosse por aquela maldita lei que nos rouba a liberdade, eu a teria matado naquele momento.*

E como ela gritava, gritos amargurados de agonia. Mas não havia ninguém para ouvi-la; lá embaixo, sob as ruas de Paris, estávamos tão seguros quanto no coração de uma pirâmide. Lágrimas corriam pelo rosto da menina, lavando a maquiagem e deixando longas manchas sujas. Ah, aquele tempo irrecuperável! Vocês, messieurs et dames*, vocês que*

não cultivaram as mais requintadas sensibilidades do amor, para vocês esse é um prazer além do concebível. E para mim também, agora que minha juventude se foi – ah, juventude! – nunca mais verei vida tão bela quanto aquela. Acabou.

Ah, sim, acabou para sempre. Ah, a pobreza, a brevidade, o desapontamento da alegria humana! Porque, na verdade – car en réalité*, qual é a duração do momento supremo do amor? Não é nada, um instante, um segundo, talvez. Um segundo de êxtase, e depois… pó, cinzas, nada.*

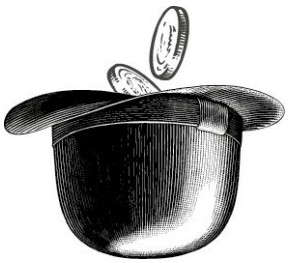
E assim, só por um instante, capturei a suprema felicidade, a mais elevada e mais refinada emoção que os seres humanos podem alcançar. E no mesmo momento acabou, e fui deixado… com o quê? Toda a minha selvageria, minha paixão, espalhada como as pétalas de uma rosa. Fui deixado frio e lânguido, cheio de arrependimentos vãos; ao me retrair subitamente, senti até uma espécie de pena da menina que chorava no chão. Não é nauseante que sejamos presa de emoções tão cruéis? Não olhei para a menina de novo; meu único pensamento era sair dali. Subi rapidamente a escada e saí. Estava escuro e muito frio, as ruas estavam vazias, as pedras ecoavam meus passos com uma nota vazia, solitária. Todo o meu dinheiro tinha acabado, não tinha nem o necessário para pegar um táxi. Voltei a pé e sozinho para o meu quarto frio, vazio.

Mas pronto, messieurs et dames*, isso é o que prometi expor a vocês. Isso é Amor. Aquele foi o dia mais feliz da minha vida.*

Charlie era um espécime curioso. Eu o descrevo apenas para

mostrar que personagens diversos podem ser encontrados desabrochando no quarteirão da Coq d'Or.

[1] Trecho do poema "The Isles of Greece", de George G. Byron, declamado em inglês com sotaque francês. (N.T.)



Capítulo 3

Morei no quarteirão da Coq d'Or por um ano e meio, mais ou menos. Um dia, no verão, descobri que só me restavam quatrocentos e cinquenta francos, além disso só os trinta e seis francos por semana que ganhava dando aulas de inglês. Até então, não havia pensado no futuro, mas percebi que precisava fazer alguma coisa imediatamente. Decidi começar a procurar um emprego e – por sorte, como descobri – tomei a precaução de pagar duzentos francos por um mês de aluguel adiantado. Com os outros 250 francos, mais as aulas de inglês, poderia viver por um mês, e em um mês eu encontraria um emprego, provavelmente. Pretendia me tornar guia de uma das empresas de turismo, ou talvez intérprete. Porém, um golpe de má sorte impediu tudo isso.

Um dia, apareceu no hotel um jovem italiano que dizia ser compositor. Era uma pessoa bem ambígua, porque usava costeletas, que são a marca de um apache ou de um intelectual, e ninguém sabia ao certo em que categoria o encaixar. Madame F. não gostou do jeito dele e exigiu o pagamento adiantado de uma semana de aluguel. O italiano pagou e passou seis noites no hotel. Durante esse tempo, ele conseguiu copiar algumas chaves, e na última noite roubou uns dez quartos, inclusive o meu. Por sorte, ele não encontrou o dinheiro que estava nos meus bolsos, e eu não fiquei sem nada. Restaram 47 francos – ou melhor, sete xelins e dez pence.

Isso punha um fim nos meus planos de procurar emprego. Agora teria que viver na proporção de seis francos por dia, e era difícil demais para deixar espaço para pensar muito em qualquer outra coisa. Foi então que começaram minhas experiências de pobreza – por seis francos por dia, se não era pobreza de fato, estava no limite dela. Seis francos são um xelim, e você pode viver com um xelim por dia em Paris, se souber como. Mas é complicado.

Esse primeiro contato com a pobreza é curioso. Você pensou muito sobre pobreza, ela é a coisa de que você teve medo durante toda a vida, o que você sabia que aconteceria mais cedo ou mais tarde; e ela é prosaica e completamente diferente. Você pensava que ela seria bem simples; é extremamente complicada. Pensava que seria terrível; é só esquálida e tediosa. É a peculiar baixeza da pobreza que você descobre primeiro; as mudanças que promove em você, a mesquinharia complicada, a economia de migalhas.

Você descobre, por exemplo, o sigilo ligado à pobreza. De repente, você se vê reduzido a uma renda de seis francos por dia. Mas, é claro, não se atreve a admitir, precisa fingir que continua vivendo como de costume. Desde o início, ela o enreda em uma teia de mentiras, e, mesmo mentindo, é difícil administrar a situação. Você deixa de mandar as roupas para lavar, e a lavadeira o encontra na rua e pergunta por quê; você resmunga alguma coisa, e ela, pensando que você está mandando as roupas para outro lugar, torna-se sua inimiga para o resto da vida. O vendedor da tabacaria insiste em perguntar por que você parou de fumar. Há cartas que gostaria de responder, mas não pode, porque os selos custam muito caro. E tem suas refeições – as refeições são a maior de todas

as dificuldades. Todos os dias, você sai na hora das refeições, ostensivamente sugerindo que vai a um restaurante, e passava uma hora andando pelos Jardins de Luxemburgo, observando os pombos. Depois leva sua comida para casa nos bolsos. A comida é pão e margarina, ou pão e vinho, e até a natureza do alimento é comandada por mentiras. Você tem que comprar pão de centeio, em vez de pão caseiro, porque as baguetes de centeio, embora mais caras, são menores e redondas e cabem nos bolsos. Isso representa um desperdício de um franco por dia. Às vezes, para preservar as aparências, você precisa gastar sessenta centavos em um drinque, e deixa de gastar essa mesma quantia em comida. As roupas de cama ficam imundas, e você fica sem sabonete e lâminas de barbear. O cabelo precisa de um corte, e você tenta cortar sozinho, e o resultado é tão horrível que você acaba sendo forçado a ir ao barbeiro, afinal, e gasta o equivalente a um dia de alimentação. Você passa todos os dias contando mentiras, e são mentiras caras.

Você descobre a extrema precariedade de seus seis francos diários. Pequenos desastres acontecem e o privam de comer. Você gastou seus últimos oitenta centavos em meio litro de leite, que ferve sobre uma espiriteira. Enquanto espera o leite ferver, um inseto passa por cima do seu braço; você o tira de lá com um peteleco, e ele cai, *poft*! Exatamente no leite. Não há nada a fazer senão jogar o leite fora e ficar sem comida.

Você vai à padaria comprar meio quilo de pão e espera enquanto a atendente corta meio quilo para outro cliente. Ela é desajeitada, corta mais de meio quilo. "*Pardon, monsieur"*, diz, "Imagino que não se importe por ter que pagar dois centavos a mais". Um quilo de pão custa um franco, e você tem exatamente um franco. Quando pensa que pode acontecer também com você, e que, nesse caso, teria que confessar que

não tem dois centavos extras, você entra em pânico. Horas passam antes que se atreva a entrar de novo em uma padaria.

Você vai a uma quitanda para gastar um franco em um quilo de batatas. Mas uma das moedas que compõem o franco é belga, e o vendedor a recusa. Você sai da quitanda e nunca mais é capaz de voltar lá.

Você foi parar em um bairro respeitável e vê um amigo próspero se aproximar. Para evitá-lo, entra depressa no café mais próximo. Uma vez lá dentro, tem que comprar alguma coisa e gasta seus últimos cinquenta centavos em um copo de café puro com uma mosca morta nele. Esses desastres podem se multiplicar por cem. Eles fazem parte do processo de endurecimento.

Você descobre o que é sentir fome. Com pão e margarina no estômago, você sai e vai olhar as vitrinas das lojas. Em todos os lugares há comida o insultando em imensas pilhas de desperdício; porcos inteiros mortos, cestos de baguetes quentes, grandes e amarelos blocos de manteiga, fileiras de linguiças, montanhas de batatas, queijos *gruyère* grandes como rebolos. Uma autopiedade chorosa o invade diante da visão de tanta comida. Você planeja pegar uma baguete e correr, comer tudo antes que o peguem; e se contém por puro desânimo.

Você descobre que o tédio é inseparável da pobreza; muitas vezes não tem nada para fazer e, mal alimentado, não consegue se interessar por nada. Passa metade do dia deitado em sua cama, sentindo-se como o *jeune squelette* no poema de Baudelaire. Só comida é capaz de animá-lo. Você descobre que um homem que passou uma semana a pão e margarina não é mais um homem, é só uma barriga com alguns órgãos acessórios.

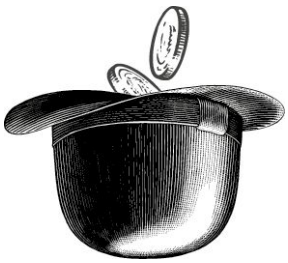
Essa – e seria possível continuar descrevendo, mas é tudo mais do mesmo – é a vida com seis francos por dia. Milhares de pessoas em Paris vivem desse jeito – artistas e estudantes sem recursos, prostitutas em períodos de má sorte, desempregados de todos os tipos. São as regiões da pobreza, por assim dizer.

Continuei nesse estilo de vida por umas três semanas. Os 47 francos logo chegaram ao fim, e tive que fazer o que podia com os 36 francos por semana que ganhava com as aulas de inglês. Inexperiente, administrava mal o dinheiro, e às vezes enfrentava um dia sem comida. Quando isso acontecia, eu costumava vender algumas roupas, tirando-as do hotel em pequenos pacotes para levar a uma loja de segunda mão na Rue de la Montagne St. Geneviève. O dono da loja era um judeu ruivo, um homem extraordinariamente desagradável, que costumava ter acessos de fúria diante de um cliente. Quem via suas maneiras podia supor que o ofendíamos indo à loja. "*Merde!*", ele costumava gritar. "Você aqui de novo? O que acha que isto aqui é? Uma cozinha de sopa comunitária?" E ele pagava muito pouco. Deu cinco francos por um chapéu que comprei por 25 xelins e quase nem usei; cinco francos por um bom par de sapatos; pelas camisas, um franco cada. Ele preferia sempre trocar, em vez de comprar, e tinha um truque de colocar um objeto inútil qualquer na mão de uma pessoa e depois fingir que a pessoa o havia aceitado. Uma vez o vi pegar um bom sobretudo de uma senhora, colocar duas bolas brancas de bilhar nas mãos dela e a empurrar para fora da loja antes que ela pudesse protestar. Teria sido um prazer arrebentar o nariz daquele judeu, se eu pudesse me dar a esse luxo.

Essas três semanas foram minguadas e incômodas, e ia

piorar, evidentemente, porque em breve venceria o aluguel. Mesmo assim, as coisas não eram nem um quarto de quanto eu esperava que fossem ruins. Porque, quando você encontra a pobreza, faz uma descoberta que supera algumas outras. Você descobre o tédio, as pequenas complicações e o começo da fome, mas também descobre a grande característica redentora da pobreza: ela aniquila o futuro. Dentro de certos limites, é verdade que, quanto menos dinheiro você tem, menos se preocupa. Quando tem cem francos, você fica propenso ao mais terrível pânico. Quando só tem três francos, fica indiferente; porque três francos garantem alimentação até o dia seguinte, e você não pode pensar além disso. Fica aborrecido, mas não sente medo. Você pensa vagamente: "Talvez eu passe fome em um ou dois dias… chocante, não?" E depois a mente vaga para outros assuntos. Uma dieta de pão e margarina fornece seu próprio anódino, em certa medida.

E tem outro sentimento que é um grande consolo na pobreza. Creio que todo mundo que enfrentou dificuldades já sentiu isso. É um sentimento de alívio, quase de prazer, por saber, finalmente, que se está arrasado. Você falou muitas vezes em chegar ao fundo do poço, e, bem, aí está o fundo do poço, e você chegou lá, e consegue suportar. Isso remove boa parte da ansiedade.



Capítulo 4

Um dia, minhas aulas de inglês pararam bruscamente. O calor aumentava, e um de meus alunos, que se sentia desanimado demais para continuar com as aulas, me dispensou. O outro desapareceu de seu endereço sem aviso, ficou me devendo doze francos. Fiquei com trinta centavos e nenhum tabaco. Passei um dia e meio sem nada para comer ou fumar, e depois, faminto demais para continuar adiando, enfiei as roupas que me restavam na mala e as levei a uma loja de penhores. Isso pôs fim a todo fingimento de ainda ter dinheiro, porque eu não poderia tirar minhas roupas do hotel sem pedir autorização à Madame F. Lembro, porém, como ela ficou surpresa por eu ter pedido sua permissão, em vez de tirar as roupas às escondidas, o que era comum em nossa região.

Era a primeira vez que eu visitava uma loja de penhores francesa. Passava-se por grandiosos portais de pedra (marcados, é claro, com a inscrição "*Liberté, Egalité, Fraternité",* eles escreviam isso até nas delegacias de polícia da França) para uma grande sala grande e vazia, como uma sala de aula, com um balcão e fileiras de bancos. Quarenta ou cinquenta pessoas esperavam. Alguém entregou um pedido no balcão e foi sentar. Quando o atendente avaliava os pedidos, dizia: "*Numéro* tal e tal, aceita cinquenta francos?" Às vezes eram só quinze francos, ou dez, ou cinco, qualquer que fosse o valor, a sala inteira sabia. Quando entrei, o atendente dizia

como se estivesse ofendido: "*Numéro* 83, aqui!" E assobiou e acenou, como se chamasse um cachorro. O *numéro* 83 aproximou-se do balcão. Era um velho barbudo com um casaco abotoado até o pescoço e calça de bainhas desfiadas. Sem dizer nada, o atendente jogou o pacote em cima do balcão. Evidentemente, não valia nada. O pacote caiu no chão e abriu, exibindo quatro ceroulas masculinas de lã. Ninguém conseguiu segurar o riso. O pobre *numéro* 83 pegou suas ceroulas e saiu resmungando.

As roupas que eu penhorava junto com a mala custaram mais de vinte libras, e estavam em boas condições. Eu achava que deviam valer dez libras, e um quarto disso (um quarto do valor é o que se espera receber em uma loja de penhores) eram duzentos e cinquenta ou trezentos francos. Esperei tranquilo, certo de que receberia duzentos francos, na pior das hipóteses.

Finalmente, o atendente chamou meu número: "*Numéro* 97!"

"Sim." Fiquei em pé.

"Setenta francos?"

Setenta francos por roupas que valiam dez libras! Mas era inútil discutir; já tinha visto alguém tentar argumentar, e o atendente havia recusado imediatamente a solicitação. Peguei o dinheiro e o recibo de penhor e saí. Agora não tinha mais roupas, exceto a que vestia – um casaco bem danificado no cotovelo, um sobretudo moderadamente empenhável e uma camisa extra. Mais tarde, quando já era tarde demais, descobri que era melhor ir a uma loja de penhores à tarde. Os atendentes eram franceses e, como a maioria dos franceses, ficavam de mau humor antes do almoço.

Quando cheguei em casa, Madame F. estava varrendo o chão do bistrô. Ela subiu a escada para me encontrar. Vi nos olhos

dela a inquietação por causa do meu aluguel.

"Então, quanto conseguiu pelas roupas? Não muito, não é?"

"Duzentos francos", respondi prontamente.

"*Tiens!*", ela exclamou surpresa, "Ora, nada mal. Essas roupas inglesas devem ser caras!"

A mentira evitou muitos problemas e, estranhamente, acabou se tornando verdade. Alguns dias mais tarde, recebi exatamente duzentos francos que me eram devidos por um artigo de jornal e, embora tenha sido doloroso, usei cada centavo para pagar o aluguel. Assim, embora tenha chegado perto de morrer de fome nas semanas seguintes, não fiquei sem teto.

Agora era absolutamente necessário encontrar trabalho, e me lembrei de um amigo, um garçom russo chamado Boris, que talvez pudesse me ajudar. Eu o conheci na ala pública de um hospital, onde ele fazia um tratamento para artrite na perna esquerda. Ele me disse para procurá-lo se algum dia tivesse dificuldades.

Preciso falar sobre Boris, porque ele era um personagem curioso e foi meu amigo próximo por muito tempo. Era um homem grande, do tipo militar, de cerca de 35 anos, e havia sido bonito, mas, desde que adoeceu, ele engordou muito por ficar deitado na cama. Como muitos refugiados russos, ele teve uma vida de aventuras. Os pais, mortos na Revolução, eram ricos, e ele serviu na guerra na Segunda Divisão Siberiana de Rifles, que, de acordo com ele mesmo, era o melhor regimento do Exército russo. Depois da guerra, ele trabalhou primeiro em uma fábrica de escovas, depois como carregador no Les Halles, depois se tornou lavador de pratos, e finalmente foi promovido a garçom. Quando adoeceu, ele

estava no Hôtel Scribe e ganhava cem dólares por dia em gorjetas. Sua ambição era se tornar *maître d'hôtel*, economizar cinquenta mil francos e abrir um pequeno e seleto restaurante na Margem Direita.

Boris sempre falava sobre a guerra como se tivesse sido o período mais feliz de sua vida. Guerra e exército eram suas paixões; ele havia lido inúmeros livros sobre estratégia e história militar e podia contar tudo sobre as teorias de Napoleon, Kutuzof, Clausewitz, Moltke e Foch. Qualquer coisa que tivesse relação com soldados o agradava. Seu café favorito era o Gloserie des Lilas em Montparnasse, simplesmente por causa da estátua do Marechal Ney do lado de fora. Mais tarde, Boris e eu fomos algumas vezes à Rue de Commerce. Se íamos de metrô, Boris sempre descia na estação Cambronne, em vez da Commerce, embora a Commerce fosse mais próxima; ele gostava da associação com o General Cambronne, que, chamado a render-se em Waterloo, respondeu simplesmente: *"Merde!"*

As únicas coisas que a Revolução deixou para Boris foram as medalhas e algumas fotografias de seu antigo regimento; ele as havia guardado quando todo o resto foi para a loja de penhores. Quase todos os dias, espalhava as fotos sobre a cama e falava sobre elas:

> Voilà, mon ami. *Aqui você me vê no comando de minha companhia. Homens grandes, não? Não são como esses ratinhos dos franceses. Capitão aos 20 anos… Nada mal, hein? Sim, capitão da Segunda Siberiana de Rifles; e meu pai era coronel.*
>
> Ah, mais mon ami*, os altos e baixos da vida! Um capitão no exército russo, e então, puf! A revolução, e cada*

centavo se foi. Em 1916, passei uma semana no Hôtel Édouard Sept; em 1920, estive lá para tentar conseguir um emprego de vigia noturno. Já fui vigia noturno, adegueiro, lavador de chão, lavador de pratos, carregador, atendente de lavatório. Dei gorjeta a garçons e recebi gorjetas de garçons.

Ah, mas eu soube o que é viver como um cavalheiro, mon ami. *Não digo isso para me gabar, mas outro dia estava tentando contar quantas amantes tive na vida, e concluí que foram mais de duzentas. Sim, pelo menos duzentas… Ah, bem,* ça reviendra. *A vitória é daquele que luta por mais tempo. Coragem!*

Boris tinha uma natureza estranha, mutante. Sempre quis voltar ao exército, mas também havia sido garçom por tempo suficiente para adquirir o jeito de garçom. Embora nunca tivesse economizado mais que alguns mil francos, tinha certeza de que, no fim, conseguiria montar o próprio restaurante e enriquecer. Mais tarde descobri que todos os garçons falam e pensam nisso; é o que os torna resignados com o trabalho de garçom. Boris falava de um jeito interessante sobre a vida no Hôtel:

"Servir é um jogo", costumava dizer, "você pode morrer pobre, e pode fazer fortuna em um ano. Não tem salário, depende de gorjetas – dez por cento da conta e uma comissão das vinícolas sobre rolhas de champanhe. Às vezes as gorjetas são enormes. O barman *no Maxim's, por exemplo, ganha quinhentos francos por dia. Mais de quinhentos, na alta temporada… eu ganhava duzentos francos por dia. Foi no Hôtel em Biarritz, na alta temporada. Todo o estafe, do gerente aos* plongeurs*, todos trabalhavam vinte e uma horas por dia. Vinte e uma horas*

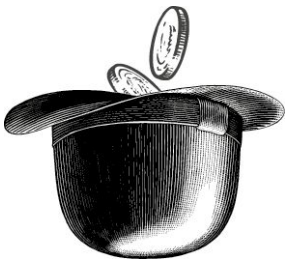
de trabalho e duas horas e meia na cama, por um mês inteiro. Mas, por duzentos francos por dia, valia a pena.

"Você nunca sabe quando vai haver um golpe de sorte. Uma vez, quando eu estava no Hôtel Royal, um cliente americano mandou me chamar antes do jantar e pediu vinte e quatro coquetéis de conhaque. Levei todos eles em uma bandeja, em vinte e quatro copos. "Agora, guarçon*", disse o cliente (ele estava bêbado), "eu vou beber doze, e você vai beber doze, e se conseguir andar até a porta depois disso, ganha cem francos." Eu andei até a porta, e ele me deu cem francos. E durante seis dias, todas as noites, ele fez a mesma coisa; doze coquetéis de conhaque, depois cem francos. Alguns meses mais tarde, ouvi dizer que ele havia sido extraditado pelo governo americano por fraude. Tem alguma coisa boa nesses americanos, não acha?"*

Eu gostava de Boris, e tivemos momentos interessantes juntos, jogando xadrez e falando sobre a guerra e Hôtels. Boris sempre sugeria que eu devia ser garçom. "Essa vida combinaria com você", costumava dizer; "quando está trabalhando, ganhando cem francos por dia e tem uma boa amante, não é ruim. Você diz que gosta de escrever. Escrever é bobagem. Só tem um jeito de ganhar dinheiro com livros, e é se casando com a filha do dono de uma editora. Mas você seria um bom garçom se raspasse esse bigode. É alto e fala inglês, e essas são as duas coisas principais de que um garçom precisa. Espere até eu conseguir dobrar essa maldita perna, *mon ami*. Então, se ainda estiver desempregado, venha me procurar".

Agora que estava sem dinheiro para o aluguel e passando fome, me lembrei da promessa de Boris e decidi ir procurá-lo imediatamente. Não tinha esperança de me tornar garçom com

aquela facilidade que ele havia prometido, mas é claro que sabia lavar pratos, e ele poderia arrumar um emprego para mim na cozinha, sem dúvida. Uma vez ele tinha dito que empregos de lavador de pratos estavam sempre disponíveis, durante o verão. Foi um grande alívio lembrar que eu tinha um amigo influente, afinal, a quem recorrer.



Capítulo 5

Pouco tempo atrás, Boris me deu um endereço na Rue du Marché des Blancs Manteaux. Tudo que disse na carta foi que "as coisas não iam tão mal", e presumi que ele havia voltado ao Hôtel Scribe ganhando seus cem francos por dia. Fiquei cheio de esperança e me perguntei por que tinha cometido a bobagem de não ir procurar Boris antes. Eu me vi em um restaurante aconchegante, com cozinheiros alegres cantando canções de amor enquanto quebravam ovos em uma panela, comendo cinco refeições por dia. Até gastei dois francos e cinquenta centavos em um maço de Gaulois Bleu, antecipando o salário.

De manhã, me dirigi à Rue du Marché des Blancs Manteaux; chocado, descobri que era uma rua secundária tão ruim quanto a minha. O hotel de Boris era o mais sujo da cidade. Passava pela porta escura um cheiro horrível, azedo, mistura de coisas derramadas e sopa industrializada – Bouillon Zip, vinte e cinco centavos o pacote. Fiquei apreensivo. Pessoas que tomavam Bouillon Zip estavam passando fome, ou perto disso. Boris podia estar ganhando cem francos por dia? Um *patron* carrancudo sentado no escritório me disse que sim, o russo estava em casa, no sótão. Subi seis lances de escada estreita e encurvada, e o cheiro de Bouillon Zip ficava mais forte à medida que eu subia. Boris não respondeu quando bati à porta, por isso a abri e entrei.

O quarto era um sótão de três metros quadrados iluminado apenas por uma claraboia, e os móveis eram uma cama estreita de ferro, uma cadeira e um lavatório com uma perna desnivelada. Uma longa fila em S de insetos marchava lentamente pela parede acima da cama. Boris dormia nu, e sua barriga formava um monte embaixo do lençol sujo.

O peito era marcado por mordidas de insetos. Quando entrei, ele acordou, esfregou os olhos e gemeu profundamente.

"Em nome de Jesus Cristo", exclamou. "Jesus Cristo, minhas costas! Inferno, acho que quebrei as costas!"

"Que foi?", perguntei.

"Minhas costas estão destruídas, só isso. Passei a noite no chão. Em nome de Jesus Cristo! Se soubesse como estão minhas costas!"

"Meu caro Boris, está doente?"

"Doente não, só faminto… sim, vou morrer de fome se continuar assim por muito mais tempo. Além de dormir no chão, faz semanas que vivo com dois francos por dia. Veio em um mau momento, *mon ami*."

Achei que não fazia muito sentido perguntar se Boris ainda trabalhava no Hôtel Scribe. Desci a escada correndo e comprei um pão. Boris devorou metade dele, e depois disso se sentiu melhor, sentou na cama e me contou o que estava acontecendo com ele. Não conseguiu encontrar um emprego depois que saiu do hospital, porque ainda estava muito fraco, e gastou todo o seu dinheiro e penhorou tudo que tinha, e finalmente passava fome há vários dias. Durante uma semana, ele dormiu no cais sob a Pont d'Austerlitz, entre alguns barris de vinho vazios. Fazia duas semanas que estava naquele quarto, junto

com um judeu, um mecânico. Pelo que entendi (ele deu uma explicação complicada), o judeu devia trezentos francos a Boris e pagava a dívida deixando-o dormir no chão e dando a ele dois francos por dia para a comida. Dois francos eram suficientes para uma xícara de café e três pãezinhos. O judeu saía para trabalhar às sete da manhã, e então Boris trocava o lugar onde dormia (que ficava embaixo da claraboia, o que o deixava na chuva) pela cama. Também não dormia muito nela, por causa dos insetos, mas era melhor que o chão para suas costas.

Foi uma grande decepção ir procurar Boris para pedir ajuda e encontrá-lo em situação pior que a minha. Expliquei que só me restavam sessenta francos e que precisava arrumar um emprego imediatamente. A essa altura, porém, Boris tinha comido o que restava do pão e se sentia animado e falante. Ele disse despreocupado:

– Céus, por que está preocupado? Sessenta francos, isso é uma fortuna! Por favor, pegue aquele sapato, *mon ami*. Vou matar uns insetos, se eles se aproximarem de mim.

– Mas acha que existe alguma chance de arrumar um emprego?

– Chance? Certeza! Na verdade, já tenho alguma coisa. Tem um novo restaurante russo que foi aberto há alguns dias na Rue du Commerce. É *une chose entendue* que serei o *maître d'hôtel*. Posso arrumar um emprego para você na cozinha sem nenhuma dificuldade. Quinhentos francos por mês e a comida – e gorjetas também, se tiver sorte.

– Mas até lá? Logo vou ter que pagar meu aluguel.

– Ah, vamos achar alguma coisa. Tenho algumas cartas na manga. Pessoas que me devem dinheiro, por exemplo, Paris

está cheia delas. Não vai demorar para alguém pagar. E pense em todas as mulheres que foram minhas amantes! Uma mulher nunca esquece, você sabe… só preciso pedir, e elas vão me ajudar. Além do mais, o judeu disse que vai roubar uns magnetos da oficina onde trabalha, e podemos ganhar cinco francos por dia limpando as peças antes de ele as vender. Só isso já nos manteria. Não se preocupe, *mon ami*. Nada é mais fácil que arrumar dinheiro.

– Bem, vamos sair agora e procurar um emprego.

– Logo, *mon ami*. Não tenha medo, não vamos morrer de fome. Isso é só o desenrolar da guerra, já estive em situação pior muitas vezes. É só uma questão de persistir. Lembre-se do lema de Foch: '*Attaquez! Attaquez! Attaquez!*'

Era meio-dia quando Boris decidiu levantar. Toda as roupas que ele ainda tinha eram um terno, uma camisa, colarinho e gravata, e um par de sapatos quase arruinado, além de um par de meias cheio de buracos. Também havia um sobretudo que seria penhorado em caso de extrema necessidade. Boris tinha uma mala, uma coisa de papelão em péssimo estado de vinte francos, mas muito importante, porque o *patron* do hotel acreditava que ela estava cheia de roupas. Sem isso, ele provavelmente teria posto Boris na rua. O que a mala realmente continha eram medalhas e fotografias, objetos variados e enormes maços de cartas de amor. Apesar de tudo isso, Boris conseguia manter uma boa aparência. Fazia a barba sem espuma e com uma lâmina que usava há dois meses, dava o nó na gravata de forma a esconder os furos e recheava cuidadosamente as solas dos sapatos com jornal. Finalmente, quando terminou de se vestir, ele pegou um frasco de tinta e pintou a pele do tornozelo que aparecia pelos buracos das meias. E quando ficou pronto, ninguém imaginaria que ele

havia dormido embaixo das pontes do Sena recentemente.

Fomos a um pequeno café na Rue de Rivoli, um conhecido local de encontro de gerentes e funcionários de hotel. No fundo dele havia uma sala escura onde se via todo tipo de trabalhadores de hotel – jovens garçons elegantes, outros nem tão elegantes e evidentemente famintos, cozinheiros gordos e rosados, lavadores de pratos engordurados, faxineiras velhas e cansadas. Havia um copo intocado de café puro diante de cada um deles. O lugar era, na verdade, uma agência de empregos, e o dinheiro gasto com bebidas era a comissão do *patron*. De vez em quando um homem forte, de aparência importante, obviamente um *restaurateur*, entrava e falava com o barman, e o barman chamava uma das pessoas na sala dos fundos do café. Mas ele nunca me chamou, nem Boris, e fomos embora depois de duas horas, porque a etiqueta determinava que só se podia ficar duas horas por uma bebida. Mais tarde, tarde demais, soubemos que era preciso subornar o barman; quem podia dispor de vinte francos, geralmente arrumava um emprego.

Fomos ao Hôtel Scribe e esperamos uma hora na calçada, torcendo para o gerente sair, mas ele não saiu. Depois nos arrastamos até a Rue du Commerce, onde descobrimos que o novo restaurante russo, que passava por uma reformulação, estava fechado, e o *patron* estava fora. Já era noite. Tínhamos andado quatorze quilômetros, e estávamos tão cansados que fomos obrigados a gastar um franco e cinquenta para voltar para casa de metrô. Andar era um tormento para Boris com sua perna manca, e o otimismo dele foi desaparecendo com o passar do dia. Quando saiu do metrô na Place d'Italie, ele estava deprimido. Começou a dizer que era inútil procurar trabalho, que só restava o crime.

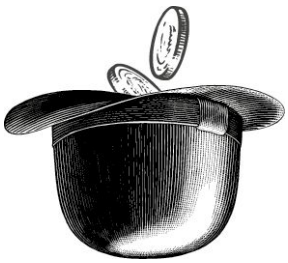
– Melhor roubar que morrer de fome, *mon ami.* Muitas vezes planejei algo assim. Um americano gordo, rico… um canto escuro em uma viela em Montparnasse… uma pedra dentro de uma meia… pá! Depois é revirar os bolsos dele e correr. Não acha que é viável? Eu não hesitaria. Já fui um soldado, lembre-se. – No fim ele desistiu do plano, porque nós dois éramos estrangeiros e fáceis de reconhecer.

Quando voltamos ao meu quarto, gastamos mais um franco e cinquenta em pão e chocolate. Boris devorou a parte dele e se animou imediatamente como num passe de mágica; a comida parecia agir em seu organismo tão rapidamente quanto um coquetel. Ele pegou um lápis e começou a fazer uma lista de pessoas que, provavelmente, nos dariam um emprego. Havia dezenas delas, disse.

– Amanhã encontraremos alguma coisa, *mon ami*, eu sinto. A sorte sempre muda. Além do mais, nós dois somos inteligentes, um homem inteligente não morre de fome. O que se pode fazer com inteligência! Inteligência cria dinheiro do nada. Uma vez tive um amigo, um polonês, um verdadeiro gênio; e o que acha que ele costumava fazer? Comprava um anel de ouro e o penhorava por quinze francos. Depois, você sabe como os funcionários são descuidados quando preenchem os recibos, onde o funcionário tinha escrito "*en or"*, ele acrescentava "*et diamants"* e mudava "quinze francos" para "mil e quinhentos". Inteligente, não? Depois disso, ele conseguia um empréstimo de mil francos com a garantia do recibo. Isso é o que eu chamo de inteligência…

Boris passou o resto da noite esperançoso, falando do tempo que passaríamos juntos quando fôssemos garçons em Nice ou Biarritz, em como teríamos bons quartos e dinheiro suficiente para ter amantes. Ele estava cansado demais para andar três

quilômetros até seu hotel, por isso dormiu no chão do meu quarto, com os sapatos embrulhados no casaco fazendo as vezes de travesseiro.



Capítulo 6

No dia seguinte, não conseguimos arrumar emprego de novo, e três semanas passaram antes que a sorte mudasse. Graças aos meus duzentos francos, não tive problemas com o aluguel, mas todo o resto estava tão ruim quanto era possível. Todos os dias, Boris e eu percorríamos Paris, andando três quilômetros por hora no meio das pessoas, entediados e com fome, e não encontrávamos nada. Lembro que um dia atravessamos o Sena onze vezes. Passávamos horas do lado de fora de entradas de serviço e, quando o gerente saía, o abordávamos humildes, de chapéu na mão. Sempre recebíamos a mesma resposta: eles não queriam um homem deficiente e outro sem experiência. Uma vez, quase fomos contratados. Enquanto conversávamos com o gerente, Boris se manteve ereto, sem se apoiar na bengala, e o gerente não viu que ele tinha uma deficiência.

– Sim – ele disse –, precisamos de dois homens na adega. Talvez vocês sirvam. Venham, entrem. – Então Boris se moveu, e o jogo acabou. – Ah – disse o gerente –, você manca. *Malheureusement*…

Fizemos inscrições em agências e respondemos a anúncios, mas andar a pé para todos os lados nos tornava lentos, e era como se perdêssemos todas as vagas por meia hora. Uma vez, quase conseguimos trabalho varrendo vagões de trem, mas fomos preteridos no último momento por um francês. Uma vez

respondemos a um anúncio que pedia ajudantes para um circo. O trabalho era mudar os bancos de lugar e recolher o lixo e, durante o espetáculo, ficar em pé sobre dois tocos e deixar um leão saltar entre suas pernas. Quando chegamos ao local, uma hora antes do horário determinado, já havia uma fila de espera de quinze homens. Os leões têm alguma atração, evidentemente.

Uma vez, uma agência em que eu tinha feito inscrição meses antes enviou um *petit bleu* informando sobre um cavalheiro italiano que queria aulas de inglês. O *petit bleu* dizia "Apresente-se imediatamente" e prometia vinte francos por hora. Boris e eu ficamos desesperados. Era uma chance esplêndida, e eu não podia agarrá-la, porque não podia ir à agência com o paletó rasgado no cotovelo. Então pensamos que eu poderia usar o paletó de Boris. Não combinava com minha calça, mas a calça era cinza e podia passar por flanela, a uma distância curta. O casaco era tão grande para mim que tive de usá-lo desabotoado e manter uma das mãos no bolso. Saí apressado e gastei setenta e cinco centavos em uma passagem de ônibus para chegar à agência. Quando cheguei lá, descobri que o italiano tinha mudado de ideia e deixado Paris.

Uma vez Boris sugeriu que eu deveria ir ao Les Halles e procurar um emprego de carregador. Cheguei lá às quatro e meia da manhã, quando o trabalho estava começando. Vi um homem baixinho de chapéu-coco orientando alguns carregadores, me aproximei dele e pedi um emprego. Antes de responder, ele segurou minha mão direita e apalpou a palma.

– Você é forte, hein? – disse.

– Muito forte – menti.

– *Bien*. Levanta aquilo ali, quero ver.

Era um enorme cesto de vime cheio de batatas. Segurei o cesto e descobri que, muito longe de levantá-lo, eu não conseguia nem tirar o cesto do lugar. O homem de chapéu-coco me observava e, dando de ombros, ele se afastou. Fui embora. Eu tinha me afastado bem quando olhei para trás e vi quatro homens carregando o cesto para uma carroça. Devia pesar uns trezentos quilos. O homem havia percebido que eu não teria utilidade ali e usou o subterfúgio para se livrar de mim.

Às vezes, em seus momentos de esperança, Boris gastava cinquenta centavos em um selo e escrevia para uma de suas ex-amantes pedindo dinheiro. Só uma delas respondeu. Era uma mulher que, além de ter sido sua amante, devia a ele duzentos francos. Quando Boris viu a carta e reconheceu a caligrafia, ficou muito esperançoso. Pegamos a carta e corremos ao quarto dele para ler, como uma criança com doces roubados. Boris leu a carta, depois a entregou a mim em silêncio. Ela dizia:

Meu Lobinho de Cheshire:

Com que alegria abri tua carta encantadora, que me lembrava de nossos dias de amor perfeito e dos beijos tão queridos que recebi de teus lábios. Essas lembranças ficam para sempre no coração, como o perfume de uma flor que está morta.

Quanto ao teu pedido de duzentos francos, ah! É impossível. Tu não sabes, meu querido, como estou arrasada com a notícia de tuas dificuldades. Mas o que se pode fazer? Nesta vida tão triste, problemas acontecem a todos. Também tenho os meus. Minha irmãzinha esteve enferma (ah, a pobrezinha, como sofreu!) e fomos

obrigadas a pagar nem sei quanto ao médico. Todo o nosso dinheiro se foi e estamos vivendo, te asseguro, dias muito difíceis.

Coragem, meu lobinho, tem sempre coragem! Lembra-te de que os maus dias não são eternos, e o problema que parece tão terrível vai desaparecer, afinal.

Tem certeza, meu caro, de que me lembrarei de ti para sempre. E recebe os mais sinceros abraços daquela que nunca deixou de te amar, tua

Yvonne

A carta desapontou Boris de tal maneira que ele foi para a cama e não voltou a procurar emprego naquele dia. Meus sessenta francos duraram uns quinze dias. Eu tinha desistido de fingir que ia a restaurantes, e comia em meu quarto, um de nós sentado na cama, o outro, na cadeira. Boris contribuía com seus dois francos, e eu com três ou quatro, e comprávamos pão, batatas, leite e queijo, e fazíamos sopa na minha espiriteira. Tínhamos uma panela, uma caneca de café e uma colher; todos os dias havia uma disputa cheia de cortesia sobre quem comeria da panela e quem ficaria com a caneca (na panela cabia mais), e todos os dias, para minha raiva secreta, Boris cedia primeiro e ficava com a panela. Às vezes tínhamos mais pão à noite, às vezes, não. A roupa de cama estava ficando imunda, e fazia três semanas que eu não tomava um banho; Boris disse que não tomava banho há meses. Era o tabaco que tornava tudo tolerável. Tínhamos muito tabaco, porque, algum tempo atrás, Boris havia conhecido um soldado (os soldados têm cigarros de graça) e comprado vinte ou trinta maços por cinquenta centavos cada.

E isso era muito pior para o Boris do que para mim. Andar

tanto e dormir no chão causavam dor constante na perna e nas costas, e com seu vasto apetite russo, ele era atormentado pela fome, embora nunca emagrecesse. De maneira geral, estava surpreendentemente alegre, e tinha uma enorme capacidade de manter a esperança. Ele costumava dizer muito sério que tinha um santo padroeiro que olhava por ele, e, quando as coisas ficavam muito ruins, ia procurar dinheiro na sarjeta, afirmando que o santo sempre deixava uma nota de dois francos por lá. Um dia, estávamos esperando na Rue Royale; havia um restaurante russo perto dali, e íamos lá pedir emprego. De repente, Boris decidiu entrar na Madeleine e acender uma vela de cinquenta centavos para seu santo padroeiro. Depois, ao sair, ele anunciou que era melhor garantir e aproximou o fósforo de um selo de cinquenta centavos, como um sacrifício para os deuses imortais. Talvez deuses e santos não se dessem bem; de qualquer maneira, não conseguimos o emprego.

Em algumas manhãs, Boris desabava no mais completo desânimo. Ficava deitado na cama quase chorando, amaldiçoando o judeu com quem morava. Recentemente, o judeu se recusava a pagar os dois francos diários e, pior, começou a adotar ares insuportáveis de superioridade. Boris disse que eu, um inglês, não poderia imaginar que tortura era para um russo de família ficar à mercê de um judeu.

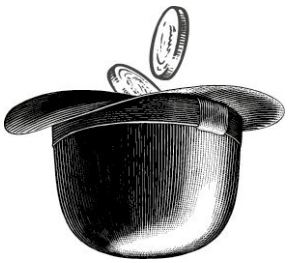
– Um judeu, *mon ami*, um judeu de verdade! E ele não tem nem a decência de se envergonhar disso. E pensar que eu, um capitão do exército russo… já contei, *mon ami*, que fui capitão da Segunda Siberiana de Rifles? Sim, fui capitão, e meu pai era coronel. E estou aqui, comendo o pão de um judeu. Um judeu…

“Vou lhe dizer como são os judeus. Uma vez, nos primeiros meses da guerra, estávamos em marcha e tínhamos parado em

um vilarejo para passar a noite. Um horrível velho judeu, um homem com uma barba vermelha como a de Judas Iscariotes, apareceu no meu alojamento. Perguntei o que ele queria. 'Excelência', ele disse, 'trouxe uma garota, uma bela e jovem garota de apenas 17 anos. São só cinquenta francos'. 'Obrigado', respondi, 'pode levá-la embora. Não quero pegar nenhuma doença'. 'Doença!', exclamou o judeu, '*mais, monsieur le capitaine*, não há risco. É minha filha!' Esse é o caráter do judeu.

"Já lhe contei, *mon ami*, que, no antigo exército russo, era condenável cuspir em um judeu? Sim, achávamos que a saliva de um oficial russo era preciosa demais para ser desperdiçada com judeus…"

Nesses dias, Boris anunciou que estava doente demais para sair e procurar emprego. Ficava deitado até o anoitecer nos lençóis encardidos, cheios de insetos, fumando e lendo jornais velhos. Às vezes jogávamos xadrez. Não tínhamos tabuleiro, mas escrevíamos os movimentos em um pedaço de papel, e depois criamos um tabuleiro com a lateral de uma caixa de embalagem. As peças eram botões, moedas belgas, coisas assim. Como muitos russos, Boris tinha paixão por xadrez. Ele costumava dizer que as regras do xadrez eram as mesmas regras do amor e da guerra, e que se você consegue ganhar um deles, pode ganhar nos outros. Mas ele também dizia que, se você tem um tabuleiro de xadrez, não se importa com a fome, o que certamente não era verdade, no meu caso.



Capítulo 7

Meu dinheiro minguou – para oito francos, para quatro francos, para um franco, para vinte e cinco centavos; e vinte e cinco centavos são inúteis, porque não compram nada além de um jornal. Passamos vários dias comendo pão puro, e depois eu passei dois dias e meio sem nada para comer. Foi uma experiência feia. Tem gente que faz jejuns de cura de três semanas ou mais, e essas pessoas dizem que jejuar é bem agradável, depois do quarto dia; não sei, nunca fui além do terceiro. Provavelmente, é diferente quando se faz jejum voluntariamente e não se estava malnutrido antes disso.

No primeiro dia, inerte demais para procurar emprego, pedi uma vara emprestada e fui pescar no Sena, usando moscas varejeiras como isca. Esperava pegar o suficiente para uma refeição, mas é claro que não consegui. O Sena é cheio de peixes, mas eles se tornaram esquivos durante o cerco a Paris, e nenhum deles foi pescado desde então, exceto com redes. No segundo dia, pensei em penhorar meu casaco, mas achei que a loja de penhores ficava muito longe para ir a pé e passei o dia na cama, lendo *As memórias de Sherlock Holmes.* Era tudo que eu me sentia capaz de fazer, sem comida. A fome reduz o indivíduo a uma condição de fraqueza e total ausência de inteligência, mais parecida com as consequências de uma forte gripe que qualquer outra coisa. É como ser transformado em água-viva, ou como ter todo o sangue drenado do corpo e

substituído por água morna. A inércia completa é minha principal lembrança da fome. Isso é a necessidade de cuspir frequentemente, um cuspe curiosamente branco e viscoso. Não sei por que é assim, mas todo mundo que passou fome vários dias notou isso.

Na terceira manhã, eu me sentia muito melhor. Percebi que tinha que fazer alguma coisa imediatamente, e decidi ir pedir os dois francos de Boris emprestados por um ou dois dias. Quando cheguei, encontrei Boris na cama, furioso. Assim que entrei, ele explodiu quase sufocando:

– Ele pegou de volta, o ladrão sujo! Ele pegou de volta!

– Quem pegou o quê? – perguntei.

– O judeu! Pegou meu dois francos, o cachorro, ladrão! Ele me roubou enquanto eu dormia!

Aparentemente, na noite anterior o judeu se recusara abertamente a pagar os dois francos diários. Eles discutiram e brigaram, e no fim o judeu concordara em dar o dinheiro; e o entregara, sendo Boris, da maneira mais ofensiva, fazendo um discurso sobre como era generoso e exigindo gratidão. E depois, de manhã, roubara o dinheiro de volta antes de Boris acordar.

Esse foi um duro golpe. Fiquei terrivelmente desapontado, porque tinha permitido à minha barriga esperar comida, um grande erro para quem está com fome. Porém, para minha surpresa, Boris estava longe de se desesperar. Ele sentou na cama, acendeu o cachimbo e analisou a situação.

– Escute bem, *mon ami*, isso é complicado. Só temos 25 centavos juntos, e duvido que o judeu volte a pagar meus dois francos. De qualquer maneira, o comportamento dele está

ficando insuportável. Acredita que outro dia ele teve a indecência de trazer uma mulher aqui, enquanto eu estava deitado no chão? O animal rastejante! E tenho uma coisa pior para contar. O judeu pretende ir embora daqui. Ele deve uma semana de aluguel, e a intenção é não pagar e me empurrar essa dívida ao mesmo tempo. Se o judeu fugir, vou ficar sem teto, e o *patron* vai confiscar minha mala para cobrir o aluguel, maldito! Temos que tomar uma atitude drástica.

– Certo. Mas o que podemos fazer? Acho que a única solução é penhorar os casacos e comprar comida.

– Vamos fazer isso, é claro, mas primeiro tirar minhas coisas daqui antes. Quando penso em minhas fotografias confiscadas! Bem, tenho um plano. Vou me adiantar ao judeu e fugir antes. *F... le camp...* retirada, sabe? Acho que essa é a atitude correta, não?

– Mas, meu querido Boris, como vai conseguir, à luz do dia? Vai acabar sendo pego.

– Ah, isso exige estratégia, é claro. Nosso *patron* está sempre vigiando para não deixar ninguém sair sem pagar o aluguel; já aconteceu antes. Ele e a esposa se revezam na recepção noite e dia, os franceses miseráveis! Mas pensei em um jeito de sair, se você ajudar.

Não me sentia com muita disposição para ser prestativo, mas perguntei a Boris qual era o plano. Ele explicou detalhadamente.

– Escute bem. Temos que começar penhorando os casacos. Primeiro, você volta ao seu quarto e pega o sobretudo, depois volta aqui e pega o meu, e o leva para fora escondido embaixo do seu. Leve os dois à loja de penhores na Rue des Francs Bourgeois. Vai conseguir uns vinte francos pelos dois, com

sorte. Depois, desça às margens do Sena e encha os bolsos com pedras, e as traga aqui para pôr na minha mala. Está entendendo a ideia? Vou embrulhar todas as minhas coisas que eu conseguir carregar em um jornal, descer e perguntar ao *patron* onde fica a lavanderia mais próxima. Vou me comportar de um jeito bem casual e ousado, e é claro que o *patron* vai pensar que o pacote só tem roupa suja. Ou, se desconfiar de alguma coisa, ele vai fazer o que sempre faz, o mesquinho dissimulado; vai subir ao meu quarto e testar o peso da mala. E, quando sentir o peso das pedras, vai deduzir que ela ainda está cheia. Estratégico, não? Mais tarde eu volto e tiro as outras coisas daqui nos bolsos.

– E a mala?

– Ah, vamos ter que abandonar. É uma coisa miserável, só custou vinte francos. Além do mais, sempre é preciso abandonar alguma coisa em uma retirada. Pense em Napoleão no Beresina! Ele abandonou seu exército inteiro.

Boris estava tão satisfeito com seu plano (que ele chamava de *une ruse de guerre*) que quase esqueceu que estava com fome. O principal ponto fraco, o fato de que não teria um lugar para dormir depois da fuga, ele ignorava.

No início, o *ruse de guerre* funcionou bem. Fui para casa e peguei meu casaco (o que significou nove quilômetros a pé de barriga vazia), depois tirei o casaco de Boris do quarto dele com sucesso. Então, houve um problema. O atendente da loja de penhores, um homenzinho horroroso, de cara amarrada e intrometido, um típico funcionário francês, recusou os casacos por não estarem embrulhados. Disse que tinham de ser postos em uma valise ou caixa de papelão. Isso estragou tudo, porque não tínhamos nenhum tipo de caixa, e com apenas vinte e

cinco centavos não podíamos comprar uma.

Voltei para dar a má notícia a Boris.

– *Merde!* – ele disse. – Isso complica tudo. Bem, não importa, sempre existe uma saída. Vamos pôr os casacos na minha mala.

– Mas como vai passar pelo *patron* com a mala? Ele está sentado quase na porta do escritório. É impossível!

– Você se desespera com muita facilidade, *mon ami*! Onde está aquela obstinação inglesa de que ouvi falar? Coragem! Vamos conseguir.

Boris pensou um pouco e criou outro plano ardiloso. A principal dificuldade era desviar a atenção do *patron* por cinco segundos, talvez, enquanto passávamos com a mala. Mas acontece que o *patron* tinha um ponto fraco: ele se interessava por *Le Sport* e estava sempre pronto a conversar com quem tocasse no assunto. Boris leu um artigo sobre provas de ciclismo em uma edição antiga do *Petit Parisien*, depois desceu a escada e conseguiu puxar conversa com o *patron*. Enquanto isso, eu esperava ao pé da escada, com os sobretudos embaixo de um braço e a mala embaixo do outro. Boris tossiria quando identificasse um momento favorável. Esperei tremendo, porque, a qualquer momento, a esposa do *patron* poderia sair da sala na frente do escritório, e então o jogo chegaria ao fim. No entanto, Boris tossiu. Passei rapidamente pelo escritório e saí, aliviado por meus sapatos não rangerem. O plano poderia ter falhado, se Boris fosse mais magro, porque seus ombros grandes bloqueavam a porta do escritório. Sua tranquilidade também foi maravilhosa; ele continuou rindo e conversando normalmente, e tão alto que encobria qualquer barulho que eu fizesse. Quando me afastei

bastante, ele foi me encontrar na esquina, e nós fugimos.

E, depois de todo esse trabalho, o atendente da loja de penhores recusou os casacos de novo. Ele me disse (e era possível ver sua alma francesa se revelando na arrogância da declaração) que eu não tinha documentos suficientes para me identificar; minha *carte d'identité* não era suficiente, e eu precisava mostrar um passaporte ou envelopes endereçados. Boris tinha envelopes endereçados aos montes, mas sua *carte d'identité* estava vencida (ele nunca a renovou para não ter que pagar a taxa), por isso não pudemos penhorar os casacos no nome dele. Só nos restou andar até meu quarto, pegar os documentos necessários e levar os casacos à loja de penhores na Boulevard Port Royal.

Deixei Boris no meu quarto e fui à loja de penhores. Quando cheguei lá, a encontrei fechada e descobri que só voltaria a abrir às quatro da tarde. Era uma e meia, e eu tinha andando doze quilômetros depois de sessenta horas sem comer. O destino parecia estar fazendo uma série de piadas extremamente sem graça.

Então, a sorte mudou como que por milagre. Eu voltava para casa pela Rue Broca quando, de repente, vi brilhar entre as pedras do calçamento uma moeda de cinco francos. Peguei o dinheiro, corri para casa e comprei meio quilo de batatas. Só havia álcool suficiente na espiriteira para escaldar as batatas, e não tínhamos sal, mas devoramos todas elas com casca e tudo. Depois disso nos sentimos novos homens e ficamos jogando xadrez até a loja de penhores abrir.

Às quatro da tarde eu voltei à loja de penhores. Não tinha muita esperança, porque, se havia conseguido só setenta francos antes, o que poderia esperar por dois sobretudos

velhos em uma mala de papelão? Boris tinha calculado uns vinte francos, mas eu achava que seriam dez, ou até cinco. Pior ainda, talvez fossem recusados, como o pobre *Numéro* 83 anteriormente. Sentei no banco da frente para não ver as pessoas rir quando o atendente oferecesse cinco francos. Finalmente, o balconista chamou meu número:

– *Numéro* 117!

– Sim. – Fiquei em pé.

– Cinquenta francos?

Foi um choque quase tão grande quanto os setenta francos anteriores. Acredito agora que o atendente confundiu meu número com o de outra pessoa, porque não podia vender os casacos por cinquenta francos. Corri para casa e entrei no quarto com as mãos para trás, sem dizer nada. Boris brincava com o tabuleiro de xadrez. Ele levantou a cabeça ansioso.

– Quanto conseguiu? – perguntou. – Que foi, não foram vinte francos? Conseguiu pelo menos dez francos, certamente. *Nom de Dieu*, cinco francos… é muito pouco. *Mon ami*, não me diga que foram cinco francos. Se disser que foram cinco francos, vou começar realmente a pensar em suicídio.

Joguei a nota de cinquenta francos em cima da mesa. Boris ficou branco como papel, depois levantou com um pulo, agarrou minha mão e a apertou até quase quebrar meus ossos. Saímos depressa, compramos pão e vinho, um pedaço de carne, álcool para o fogão improvisado, e nos empanturramos.

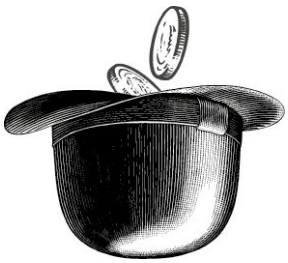
Depois de comer, Boris ficou otimista como eu nunca o tinha visto.

– O que foi que eu disse? – perguntou. – A sorte da guerra! Hoje de manhã tínhamos vinte e cinco centavos, e agora, olhe

para nós. Sempre disse isso, não tem nada mais fácil que conseguir dinheiro. E isso me faz lembrar, tenho um amigo na Rue Fondary que podemos ir procurar. Ele me enganou, roubou quatrocentos francos, o ladrão. É o maior ladrão que existe quando está sóbrio, mas é curioso, ele fica honesto quando bebe. Acho que às seis da tarde ele já deve estar bêbado. Vamos procurá-lo. É bem provável que ele pague uns cem dessa conta. *Merde!* Ele pode pagar uns duzentos. *Allons-y!*

Fomos à Rue Fondary e encontramos o homem, que estava bêbado, mas não conseguimos nossos cem francos. Assim que ele e Boris se encontraram, houve uma terrível discussão na calçada. O outro homem declarou que não devia nada a Boris, nem um centavo, pelo contrário, Boris devia a ele quatrocentos francos, e ambos insistiam em pedir minha opinião. Não consegui entender direito como era a história. Os dois discutiram muito, primeiro na rua, depois em um bistrô, depois em um restaurante de *prix fixe* onde fomos jantar, depois em outro bistrô. Finalmente, depois de um ter chamado o outro de ladrão por duas horas, eles se meteram juntos em uma bebedeira que acabou com o dinheiro de Boris até o último centavo.

Naquela noite, Boris dormiu na casa de um sapateiro, outro refugiado russo, no quarteirão do Commerce. Enquanto isso, eu ainda tinha oito francos e cigarros suficientes e estava entupido de comida e bebida. Era uma mudança maravilhosa, depois de dois dias ruins.



Capítulo 8

Tínhamos agora uns vinte e oito francos e podíamos começar a procurar emprego de novo. Boris ainda dormia na casa do sapateiro, por algum arranjo misterioso, e tinha conseguido mais vinte francos emprestados com um amigo russo. Ele tinha amigos, a maioria ex-oficiais como ele, espalhados por toda Paris. Alguns eram garçons e lavadores de louça, alguns dirigiam táxis, alguns viviam sustentados por mulheres, alguns tinham conseguido trazer dinheiro da Rússia e eram donos de oficinas ou salões de dança. De maneira geral, os russos refugiados em Paris são pessoas trabalhadoras e lidam com sua má sorte muito melhor do que se pode imaginar para um inglês da mesma classe em situação idêntica. Há exceções, é claro. Boris me falou sobre um duque russo exilado que ele havia conhecido, um homem que frequentava restaurantes caros. O duque descobria se havia um oficial russo entre os garçons e, depois de comer, o chamava à sua mesa de um jeito simpático.

"Ah", dizia o duque, "então já foi soldado, como eu? Foram dias ruins, não foram? Bem, bem, os soldados russos não têm medo de nada. E qual era seu regimento?"

"Regimento tal e tal", respondia o garçom.

"Ah, um regimento muito valente! Eu os inspecionei em 1912. A propósito, deixei minha carteira em casa, infelizmente. Sei que um oficial russo vai me emprestar

trezentos francos.”

E o garçom entregava os trezentos francos, se os tivesse, é claro, e nunca mais os via. O duque ganhou muito desse jeito. Provavelmente, os garçons não se incomodavam com o golpe. Um duque é um duque, mesmo no exílio.

Foi por intermédio de um desses refugiados russos que Boris soube de uma coisa que parecia prometer dinheiro. Dois dias depois de penhorarmos os casacos, Boris disse com ar misterioso:

– Diga-me, *mon ami*, você tem opiniões políticas?

– Não – respondi.

– Eu também não. É claro, sempre se é patriota; mesmo assim… Moisés não disse alguma coisa sobre mimar os egípcios? Você é inglês, deve ter lido a Bíblia. O que quero saber é se você se oporia a ganhar dinheiro de comunistas.

– Não, é claro que não.

– Bem, parece que existe uma sociedade secreta em Paris que pode fazer alguma coisa por nós. São comunistas; na verdade, são agentes dos Bolcheviques. Eles se comportam como uma sociedade amistosa, entram em contato com russos exilados e tentam convencê-los a se tornar bolcheviques. Meu amigo ingressou nessa sociedade, e ele acha que o grupo nos ajudaria, se fôssemos procurá-los.

– Mas o que podem fazer por nós? De qualquer maneira, não vão me ajudar, não sou russo.

– É justamente esse o ponto. Parece que são correspondentes de um jornal de Moscou, e eles querem alguns artigos sobre a política inglesa. Se formos até lá imediatamente, talvez

contratem você para escrever os artigos.

– Eu? Mas não sei nada sobre política.

– *Merde!* Eles também não sabem. Quem sabe alguma coisa sobre política? É fácil. Tudo que precisa fazer é copiar os jornais ingleses. Não tem um *Daily Mail* em Paris? Copie tudo de lá.

– Mas o Daily Mail é um jornal conservador. Eles odeiam comunistas.

– Bem, então é só dizer o contrário do que diz o *Daily Mail*, não tem como errar. Não podemos desperdiçar essa chance, *mon ami*. Ela pode significar centenas de francos.

Não gostei da ideia, porque a polícia de Paris é muito dura com comunistas, especialmente se forem estrangeiros, e eu já estava sob suspeita. Alguns meses atrás, um detetive tinha me visto sair da redação de um jornal semanal comunista, e enfrentei muitos problemas com a polícia. Se me pegarem indo a essa sociedade secreta, posso ser deportado. No entanto, a chance parecia ser boa demais para desperdiçar. Naquela tarde, o amigo de Boris, outro garçom, chegou para nos levar ao encontro. Não consigo lembrar o nome da rua, era uma das que saíam da margem do Sena e levavam ao sul, em algum lugar perto da Câmara de Deputados. O amigo de Boris insistiu na necessidade de sermos muito cautelosos. Andamos pela rua de um jeito casual, marcamos a porta por onde deveríamos entrar, uma lavanderia, e depois fizemos o caminho contrário, analisando todas as janelas e cafés. Se o lugar fosse conhecido como covil de comunistas, provavelmente era vigiado, e seria melhor ir embora, se víssemos alguém com jeito de detetive. Eu estava com medo, mas Boris gostava desses procedimentos conspiratórios, e

escreveu completamente que se preparava para negociar com os assassinos dos pais dele.

Quando tivemos certeza de que a área estava limpa, passamos rapidamente pela porta. Tinha uma francesa passando roupas na lavanderia, e ela nos disse que "os cavalheiros russos" moravam do outro lado do pátio, subindo a escada. Subimos vários lances de escada e chegamos a um patamar. Um rapaz forte e mal encarado, cujos cabelos nasciam bem baixo na testa, estava em pé no alto da escada. Quando subi, ele me olhou desconfiado, bloqueou a passagem com um braço e disse alguma coisa em russo.

– *Mot d'Ordre!* – falou incisivo quando não respondi.

Parei assustado. Não esperava que solicitassem uma senha.

– *Mot d'Ordre!* – repetiu o russo.

O amigo de Boris, que vinha atrás de nós, adiantou-se e disse alguma coisa em russo, uma senha ou explicação. O rapaz mal encarado se deu por satisfeito e nos deixou entrar em uma sala pequena, velha e com janelas foscas. Era como um escritório assolado pela pobreza, com cartazes de propaganda em letras russas e uma grande foto de Lenin presos às paredes. Havia um russo sentado à mesa, um homem com a barba por fazer em mangas de camisa, cuidando de uma pilha de embrulhos feitos com jornal diante dele. Quando entrei, ele falou comigo em francês com uma pronúncia ruim.

– Isso é muito descuido! – exclamou agitado. – Por que vieram sem trazer um pacote para lavar?

– Lavar?

– Todo mundo que vem traz coisas para lavar. Dá a impressão de que vão à lavanderia lá embaixo. Na próxima

vez, traga um pacote grande. Não queremos a polícia no nosso rastro.

Isso era ainda mais conspiratório do que eu esperava. Boris sentou-se na única cadeira vazia, e houve uma conversa animada em russo. Na verdade, só o homem atrás da mesa falava, o mal encarado estava encostado à parede com os olhos cravados em mim, como se ainda tivesse alguma desconfiança. Era estranho estar naquela salinha secreta com seus pôsteres revolucionários, ouvindo uma conversa da qual eu não entendia uma só palavra. Os russos falavam depressa e agitados, sorrindo e dando de ombros. Queria saber o que significava tudo aqui. Deviam estar se chamando de "paizinho", pensei, e "pombinho", e "Ivan Alexandrovitch", como os personagens nos romances russos. E falavam sobre revoluções. O homem com a barba por fazer devia estar dizendo com firmeza: "Nós nunca discutimos. O tempo da controvérsia já passou. Nossos argumentos são atitudes". Mas deduzi que não era exatamente isso. Eram exigidos vinte francos, uma taxa de ingresso, aparentemente, e Boris prometia pagar (tínhamos apenas dezessete francos). Finalmente, Boris pegou nossa preciosa quantia e pagou cinco francos como adiantamento.

Depois disso, o homem mal encarado parecia menos desconfiado, e sentou-se na beirada da mesa. O barbudo começou a me interrogar em francês, fazendo anotações em um pedaço de papel. Eu era comunista? Respondi por compaixão: nunca tinha ingressado em nenhuma organização. Eu entendia a situação política na Inglaterra? Oh, é claro, é claro. Mencionei o nome de vários ministros e fiz alguns comentários desdenhosos sobre o Partido Trabalhista. E quanto a *Le Sport*? Eu seria capaz de escrever artigos sobre *Le*

Sport? (Futebol e Socialismo têm alguma conexão misteriosa no Continente.) Oh, é claro, repeti. Os dois homens assentiram sérios. O barbudo disse:

– *Évidemment*, tem um vasto conhecimento sobre as condições na Inglaterra. Poderia se encarregar de escrever uma série de artigos para um jornal semanal de Moscou? Daremos todos os detalhes.

– Certamente.

– Então, camarada, terá notícias nossas pela primeira remessa de mensagens amanhã. Ou pela segunda, talvez. Pagamos cento e cinquenta francos por artigo. Não se esqueça de trazer um pacote para a lavanderia na próxima vez que vier. *Au revoir*, camarada.

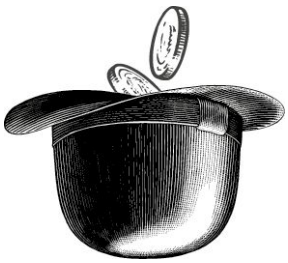
Descemos, olhamos com atenção para fora da lavanderia para ver se havia alguém na rua e saímos. Boris estava louco de alegria. Em uma espécie de êxtase sacrificial, ele correu à tabacaria mais próxima e gastou cinquenta centavos em um charuto. Saiu batendo com a bengala na calçada e radiante.

– Finalmente! Finalmente! Agora, *mon ami*, nossa sorte realmente mudou. Você os conquistou. Ouviu o homem chamar você de camarada? Cento e cinquenta francos por artigo… *nom de Dieu*, que sorte!

Na manhã seguinte, quando ouvi o carteiro, desci correndo ao bistrô para pegar minha carta; foi uma decepção descobrir que não tinha nada para mim. Fiquei em casa esperando a segunda remessa; ainda nada. Três dias passaram sem que eu tivesse notícias da sociedade secreta, e nós perdemos a esperança, decidimos que eles tinham encontrado outra pessoa para escrever os artigos.

Dez dias depois, fizemos outra visita ao escritório da sociedade secreta, tomando o cuidado de levar um pacote que parecia roupas para lavar. E a sociedade secreta tinha desaparecido! A mulher na lavanderia não sabia de nada, disse simplesmente que *"ces messieurs"* haviam partido alguns dias antes, depois de enfrentarem problemas com o aluguel. Parecíamos idiotas ali com nosso pacote! Mas era um consolo termos pago apenas cinco francos, em vez dos vinte.

E essa foi a última vez que ouvimos falar da sociedade secreta. Quem ou o que realmente eram, ninguém soube. Pessoalmente, acho que não tinham nada a ver com o Partido Comunista; acho que eram só vigaristas que extorquiam refugiados russos cobrando taxas de ingresso em uma sociedade imaginária. Era bem seguro, e eles ainda estavam fazendo a mesma coisa em outra cidade, sem dúvida. Eram espertos e desempenhavam seu papel de maneira admirável. O escritório parecia o de uma sociedade secreta comunista, e insistir no pacote de roupas sujas era um toque genial.



Capítulo 9

Passamos mais três dias andando em busca de trabalho, voltando para casa e para refeições cada vez mais minguadas de pão e sopa em meu quarto. Havia agora duas fontes de esperança. Em primeiro lugar, Boris tinha ouvido falar de uma possibilidade de emprego no Hôtel X, perto da Place de la Concorde, e em segundo, o *patron* do novo restaurante na Rue du Commerce tinha voltado, finalmente. Fomos até lá à tarde e o vimos. No caminho, Boris falou sobre as grandes fortunas que acumularíamos, se conseguíssemos esse emprego, e sobre a importância de dar uma boa impressão ao *patron.*

– Aparência… aparência é tudo, *mon ami*. Se me der um terno novo, consigo um empréstimo de mil francos antes da hora do jantar. Pena eu não ter comprado um colarinho quando tínhamos dinheiro. Virei o meu ao contrário hoje de manhã; mas não adianta, os dois lados estão igualmente sujos. Acha que pareço faminto, *mon ami*?

– Está pálido.

– Maldição, o que se pode fazer com pão e batatas? Parecer faminto é fatal. Faz as pessoas quererem chutar você. Espere.

Ele parou diante da vitrine de uma joalheira e deu tapas vigorosos nas bochechas para ativar a circulação. Depois, antes de o rubor desaparecer, entrou apressado no restaurante e

apresentou-se ao *patron*.

O *patron* era um homem baixo, meio gorducho e muito digno, com cabelos grisalhos e ondulados, vestido com um elegante terno de flanela de paletó transpassado e cheirando a perfume. Boris me contou que ele também era um ex-coronel do Exército russo. A esposa dele também estava lá, uma francesa horrível, gorda, com um rosto pálido de morte e lábios vermelhos, o que me fez pensar em vitela fria e tomates. O *patron* cumprimentou Boris com simpatia, e eles conversaram em russo por alguns minutos. Fiquei um pouco afastado, me preparando para contar mentiras sobre minha experiência como lavador de pratos.

O *patron* se aproximou de mim. Eu me mexi incomodado, tentando parecer prestativo. Boris tinha me convencido de que um *plongeur* é escravo do escravo, e eu esperava que o *patron* me tratasse como lixo. Para minha surpresa, ele apertou minha mão com entusiasmo.

– Então você é inglês! – exclamou. – que encantador! Não preciso nem perguntar, então, se é um golfista?

– *Mais certainement* – respondi, percebendo que era essa a resposta esperada de mim.

– Sempre quis jogar golfe. Será, meu caro *monsieur*, que terá a gentileza de me mostrar algumas das tacadas principais?

Aparentemente, esse era o jeito russo de fazer negócios. O *patron* ouvia atentamente enquanto eu explicava a diferença entre um driver e um iron, e depois, de repente, informou que estava tudo *entendu*: Boris seria o *maitre d'hôtel* quando o restaurante abrisse, e eu, o *plongeur*, com possibilidade de promoção para ajudante de lavatório, se os negócios fossem bons. Quando o restaurante seria aberto? Foi o que perguntei.

“Daqui a duas semanas, exatamente”, respondeu o *patron* com grandiosidade (ele tinha um jeito de balançar a mão e bater as cinzas do cigarro ao mesmo tempo, o que criava essa impressão grandiosa), daqui a duas semanas, exatamente, para o almoço.

Depois, com orgulho evidente, ele nos mostrou o restaurante.

Era um lugar pequeno, composto por um bar, um salão e uma cozinha que não era maior que um banheiro comum. O *patron* decorava tudo com um estilo “pitoresco” imprestável (ele chamava de “*le Normand*”, uma coisa de grãos falsos incrustados no gesso, por aí) e pretendia dar ao lugar o nome de Auberge de Jehan Cottard, para criar um efeito medieval. Ele tinha panfletos cheios de mentiras sobre as associações históricas da região, e esse texto afirmava, entre outras coisas, que no passado havia uma hospedaria no local do restaurante, e que era frequentada por Carlos Magno. O *patron* estava muito satisfeito com esse toque. Ele também decorava o bar com quadros indecentes de um artista do Salon. Finalmente, ele deu a cada um de nós um cigarro caro e, depois de conversar mais um pouco, foi embora.

Eu tinha uma forte sensação de que não sairia nada de bom desse restaurante. O *patron* olhara para mim como se eu fosse uma mentira, e pior, uma mentira incompetente, e eu tinha visto dois inconfundíveis avisos de cobrança perto da porta dos fundos. Mas Boris, que já se via novamente como um *maitre d’hôtel*, não se deixava desanimar.

– Conseguimos… só precisamos aguentar por duas semanas. O que são quinze dias? *Je m’en f...* E pensar que em apenas três semanas terei minha amante! Será morena ou loira? Não importa, só não pode ser muito magra.

Os dois dias seguintes foram ruins. Tínhamos apenas sessenta centavos, e os gastamos em um quarto de quilo de pão e um dente de alho para esfregar nele. Esfregar alho no pão serve para criar um sabor duradouro, que dá à pessoa a ideia de ter-se alimentado recentemente. Passamos a maior parte daquele dia sentados no Jardin des Plantes. Boris jogava pedras nos pombos mansos, mas sempre errava, e depois disso escrevemos cardápios de jantar no verso de envelopes. Estávamos com tanta fome que nem tentávamos pensar em outra coisa que não fosse comida. Me lembro do jantar que Boris finalmente escolheu para ele. Uma dúzia de ostras, sopa *borsch* (uma sopa vermelha e doce de beterrabas com creme por cima), lagostim, galeto *en casserole*, filé com molho de ameixas, batatas novas, uma salada, pudim e queijo *roquefort*, com um litro de Burgundy e um pouco de conhaque envelhecido. Boris tinha gostos internacionais para comida. Mais tarde, quando nos tornamos prósperos, de vez em quando eu o via comer refeições quase tão grandes sem dificuldade.

Quando nosso dinheiro acabou, parei de procurar emprego e passei mais um dia sem comer. Não acreditava que o Auberge de Jehan Cottard seria realmente inaugurado, e não conseguia ver nenhuma outra perspectiva, mas estava letárgico demais para fazer qualquer coisa além de ficar deitado na cama. Então, a sorte mudou de repente. À noite, mais ou menos dez horas, ouvi um grito furioso na rua. Levantei e fui olhar pela janela. Boris estava lá, balançando a bengala e sorrindo. Antes de falar, ele tirou uma baguete dobrada do bolso e jogou para cima, para mim.

– *Mon ami, mon cher ami*, estamos salvos! Adivinhe?

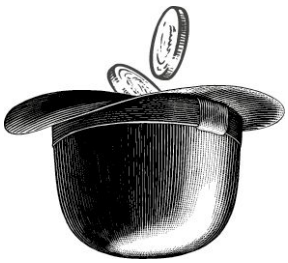
– Com certeza não arrumou um emprego!

– No Hôtel X, perto da Place de la Concorde, quinhentos francos por mês e comida. Passei o dia todo lá, trabalhando. Em nome de Jesus Cristo, como eu comi!

Depois de dez ou doze horas de trabalho, e com aquela perna manca, a primeira coisa em que ele pensou foi vir a pé até o meu hotel e me dar a boa notícia! E mais, ele me disse para ir encontrá-lo no Tuileries no dia seguinte, durante seu intervalo vespertino, porque ia tentar roubar comida para mim. Encontrei Boris em um banco público na hora marcada. Ele abriu a jaqueta e tirou dela um grande e amassado embrulho de jornal; nele havia vitela moída, uma fatia de queijo *camembert*, pão e um ecler, tudo junto.

– *Voilà!* – disse Boris. – Só consegui pegar isso para você. O porteiro é um porco traiçoeiro.

É desagradável comer de um jornal sentado em um banco público, especialmente no Tuileries, que geralmente é cheio de moças bonitas, mas estava com fome demais para me importar. Enquanto eu comia, Boris explicou que estava trabalhando na *cafeterie* do hotel, isto é, em inglês, na despensa. Aparentemente, a *cafeterie* era o posto mais baixo do hotel e um terrível retrocesso para um garçom, mas teria que servir até o Auberge de Jehan Cottard ser inaugurado. Até lá, eu encontraria Boris no Tuileries todos os dias, e ele traria toda a comida que ousasse roubar. Mantivemos esse arranjo por três dias, e eu sobrevivia inteiramente de comida roubada. Então, todos os nossos problemas terminaram, porque um dos *plongeurs* saiu do Hôtel X, e eu consegui o emprego graças à recomendação de Boris.



Capítulo 10

O Hôtel X era um lugar enorme e grandioso, como uma fachada clássica e uma portinha lateral escura que parecia um buraco de rato, e era a entrada de serviço. Cheguei quinze minutos antes das sete da manhã. Uma fileira de homens de calças engorduradas entrava correndo e era verificada por um porteiro que ficava em um pequeno escritório. Esperei, até que o *chef du personnel*, uma espécie de assistente da gerência, chegou e começou a me fazer perguntas. Ele era um italiano de rosto redondo e pálido, abatido pelo excesso de trabalho. Perguntou se eu era um lavador de pratos experiente, e eu disse que sim; ele olhou minhas mãos e viu que eu estava mentindo, mas, quando soube que eu era inglês, mudou o tom e me contratou.

– Estamos procurando alguém com quem possamos praticar nosso inglês – disse. – Todos os clientes são americanos, e a única frase em inglês que sabemos é… – Ele repetiu uma coisa que os meninos escrevem nos muros em Londres. – Você pode ser útil. Venha comigo.

Descemos uma escada curva para um corredor estreito no subsolo, um cômodo tão baixo que, em alguns trechos, eu precisa me encolher. Era um lugar quente, abafado e muito escuro, com poucas lâmpadas fracas e afastadas. Era como se houvesse quilômetros de corredores escuros, um verdadeiro

labirinto – na verdade, acho que eram algumas poucas centenas de metros –, uma configuração que trazia à lembrança os deques inferiores de um navio; havia ali o mesmo calor, a mesma falta de espaço e o mesmo cheiro de comida, e um ruído baixo e constante, como uma vibração (que vinha das fornalhas da cozinha), um ronronar de motores. Passamos por portas que às vezes deixavam escapar palavrões e gritos, às vezes a luz vermelha do fogo, uma vez um sopro gelado de uma câmara fria. No meio dessa caminhada, alguma coisa bateu violentamente em minhas costas. Era um bloco de gelo de cinquenta quilos carregado por um funcionário de avental azul. Atrás dele vinha um menino com um grande pedaço de vitela sobre um ombro, com o rosto colado na carne úmida, esponjosa. Eles me empurraram para o lado com um grito de "*Sauve-toi, idiot!"* e seguiram em frente. Na parede, embaixo de uma das lâmpadas, alguém tinha escrito com uma caligrafia bem precisa: "É mais fácil encontrar um céu sem nuvens no inverno que uma virgem no Hôtel X". Parecia ser um lugar estranho.

Um dos corredores tinha uma saída lateral para uma lavanderia, onde uma mulher velha e magra me deu um avental azul e uma pilha de panos de pratos. Então, o *chef du personnel* me levou a uma pequena alcova subterrânea – uma adega embaixo de uma adega, era isso – onde havia uma pia e alguns fornos a gás. O teto era tão baixo que eu não conseguia ficar ereto, e a temperatura devia girar em torno de uns quarenta e cinco graus Celsius. O *chef du personnel* explicou que meu trabalho era servir as refeições dos altos funcionários do hotel, que se alimentavam em um pequeno refeitório lá em cima, limpar a sala deles e lavar a louça que usavam. Quando ele foi embora, um garçom, outro italiano, enfiou a cabeça

pela fresta da porta e me olhou de cima.

– Inglês, é? – disse. – Bem, eu sou o encarregado aqui. Se trabalhar bem… – Ele fez um gesto de levantar uma garrafa e beber ruidosamente. Se não… – E chutou várias vezes o batente da porta. – Para mim, torcer seu pescoço não seria mais que cuspir no chão. E, se houver algum problema, eles vão acreditar em mim, não em você. Portanto, tome cuidado.

Depois disso, comecei a trabalhar apressado. Com exceção de um intervalo de uma hora, mais ou menos, trabalhei das sete da manhã até nove e quinze da noite; primeiro lavando louça, depois esfregando mesas e chão do refeitório dos funcionários, depois polindo copos e facas, depois servindo refeições, depois lavando louça de novo, depois servindo mais refeições e lavando mais louça. Era trabalho fácil, e eu fazia tudo com facilidade, exceto quando ia à cozinha buscar as refeições. A cozinha era diferente de tudo que eu já tinha visto ou imaginado – um inferno abafado e de teto baixo em um porão vermelho de tantos fogos, ensurdecedor com os gritos e o barulho de panelas e frigideiras. Era tão quente que todos os metais, exceto os fogões, tinham que ser cobertos com tecido. No meio havia fornalhas, onde doze cozinheiros andavam de um lado para o outro com o rosto pingando suor, apesar dos chapéus brancos. Em volta dessa área havia balcões onde uma multidão de garçons e *plongeurs* circulavam com bandejas. Ajudantes de cozinha de peito nu atiçavam os fogos e esfregavam panelas enormes com areia. Todo mundo parecia estar com pressa e com raiva. O cozinheiro-chefe, um homem de rosto vermelho, ficava no meio de tudo gritando o tempo todo: "*Ça marche dex œufs brouillés! Ça marche un Chateaubriand aux pommes sautées!*" Ele só parava para xingar um *plongeur*. Havia três balcões, e na primeira vez que

entrei na cozinha eu levei minha bandeja ao balcão errado. O cozinheiro-chefe se aproximou de mim, torceu os bigodes e me olhou com ar superior. Depois chamou o cozinheiro de café da manhã e apontou para mim.

– Está vendo isso? Esse é o tipo de *plongeur* que mandam para nós hoje em dia. De onde você é, idiota? De Charenton, imagino? – (Tem um grande hospício em Charenton.)

– Da Inglaterra – respondi.

– Eu devia saber. Bem, *mon cher monsieur l'anglais,* posso lhe dizer que você é um filho da puta? E agora… vá para o outro balcão, seu lugar é lá.

Eu era recebido desse jeito cada vez que ia à cozinha, porque sempre cometia algum erro; esperavam que eu conhecesse o trabalho, e me xingavam como de acordo com essa expectativa. Por curiosidade, contei quantas vezes fui chamado de *maquereau* durante o dia, e foram trinta e nove.

Às quatro e meia, o italiano me disse que eu podia parar de trabalhar, mas que não valia a pena sair, porque começaríamos às cinco. Fui ao banheiro fumar; fumar era estritamente proibido, e Boris havia me prevenido sobre o banheiro ser o único lugar seguro. Depois disso, trabalhei novamente até às nove e quinze da noite, quando o garçom apareceu na porta e disse para eu deixar o restante da louça. Para meu espanto, depois de ter passado o dia todo me chamando de porco, peixe, etc., de repente ele ficou muito simpático. Percebi que os xingamentos a que tinha sido submetido eram só uma espécie de teste.

– Já chega, *mon p'tit* – avisou o garçom. – *Tu n'es pas débrouillard,* mas trabalha bem. Suba e vá jantar. O hotel permite dois litros de vinho para cada um de nós, e roubei

mais uma garrafa. Vamos tomar um belo porre.

Tivemos um jantar excelente com as sobras dos altos funcionários. O garçom, mais simpático, me contou histórias sobre seus romances e sobre dois homens que havia esfaqueado na Itália, e sobre como ele havia escapado do serviço militar. Depois de conhecê-lo melhor, achei que era um bom sujeito; ele me lembrava Benvenuto Cellini, de algum jeito. Eu estava cansado e encharcado de suor, mas me sentia um novo homem depois de um dia de boa alimentação. O trabalho não era difícil, e senti que me daria bem nesse emprego. Não era certo, porém, que eu continuasse, porque havia sido contratado como um "extra" por um dia só, por vinte e cinco francos. O porteiro carrancudo contou o dinheiro, menos cinquenta centavos que disse ser para o seguro (mais tarde descobri que era mentira). Depois saiu do escritório para o corredor, me fez tirar o casaco e me revistou cuidadosamente em busca de comida roubada. Depois disso, o *chef du personnel* apareceu e falou comigo. Como o garçom, era mais simpático, agora que tinha visto que eu estava disposto a trabalhar.

– Vamos contratar você, se quiser – ele disse. – O garçom-chefe falou que vai gostar de aprender uns palavrões em inglês. Aceita um contrato de um mês?

Finalmente um emprego, e eu estava pronto para aceitá-lo. Mas me lembrei do restaurante russo, que seria inaugurado em quinze dias. Não seria justo aceitar um contrato de um mês e ir embora no meio dele. Expliquei que tinha outro emprego em vista e perguntei se poderiam me contratar por quinze dias. O *chef du personnel* deu de ombros e disse que o hotel só fazia contratos de um mês. Evidentemente, eu tinha perdido a chance de um emprego.

Como havíamos combinado, Boris estava me esperando no Arco da Rue de Rivoli. Quando contei o que havia acontecido, ele ficou furioso. Pela primeira vez desde que o conheci, ele esqueceu as boas maneiras e me chamou de idiota.

– Idiota! Seu grande idiota! De que adianta eu arrumar um emprego para você, se joga tudo fora em seguida? Como pôde ser idiota a ponto de mencionar o outro restaurante? Só precisava prometer que trabalharia durante um mês.

– Achei mais honesto avisar que talvez tivesse que ir embora – expliquei.

– Honesto! Honesto! Quem já ouviu falar de um *plongeur* sendo honesto? *Mon ami*... – De repente, ele me agarrou pela lapela e falou com toda sinceridade –, *mon ami,* você trabalhou o dia todo. Viu como é o trabalho no hotel. Acha que um *plongeur* pode se dar ao luxo de ser honrado?

– Não, talvez não.

– Muito bem, então, volte depressa e diga ao *chef du personnel* que está preparado para trabalhar por um mês. Diga que vai recusar o outro emprego. Depois, quando nosso restaurante abrir, é só irmos embora.

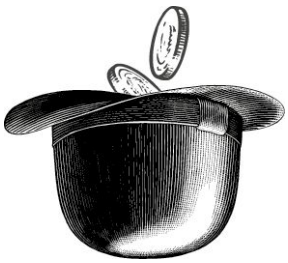
– Mas e meu salário, se eu quebrar o contrato?

Boris bateu com a bengala na calçada e gritou ao ouvir essa bobagem.

– Peça para receber por dia, e assim não vai perder nem um centavo. Acha que processariam um *plongeur* por quebra de contrato? Um *plongeur* é pequeno demais para ser processado.

Voltei correndo, encontrei o *chef du personnel* e disse a ele que aceitava trabalhar por um mês, na posição que ele

quisesse. Essa foi minha primeira lição sobre moralidade do *plongeur*. Mais tarde entendi como fora tolice ter escrúpulos, porque os grandes hotéis são impiedosos com seus empregados. Contratam ou dispensam funcionários de acordo com a demanda do trabalho, e todos cortam dez por cento ou mais do quadro de empregados no fim da temporada. Também não têm dificuldade alguma para substituir quem se demite sem aviso prévio, porque Paris é lotada de trabalhadores que perderam o emprego em um ou outro hotel.



Capítulo 11

No fim, não quebrei o contrato, porque seis semanas passaram sem nenhum sinal de inauguração do Auberge de Jehan Cottard. Nesse ínterim, trabalhei no Hôtel X, quatro dias por semana na *cafeterie*, um dia ajudando o garçom no quarto andar, e um dia substituindo a mulher que lavava a louça do restaurante. Meu dia de folga era domingo, felizmente, mas às vezes alguém adoecia, e eu tinha que trabalhar nesse dia também. O horário era das sete da manhã até duas da tarde, e das cinco da tarde até nove da noite, onze horas de expediente; mas era um dia de quatorze horas de trabalho quando eu lavava a louça do restaurante. Pelos padrões normais de um *plongeur* de Paris, esse era um expediente excepcionalmente curto. A única grande dificuldade era o calor temeroso e o clima abafado daquele labirinto de porões. Exceto por isso, o hotel, que era grande e bem organizado, era considerado confortável.

Nossa *cafeterie* era um porão escuro que media seis metros por dois e dois e meio de altura, e era tão lotado de urnas de café, cortadores de pão e coisas do tipo que quase não era possível se mexer sem bater em alguma coisa. O espaço era iluminado por uma lâmpada fraca e quatro ou cinco bocas de gás que produziam um sopro vermelho de fogo. Havia um termômetro ali, e a temperatura nunca ficava abaixo de quarenta e três graus Celsius, e se aproximava de cinquenta e

cinco em alguns momentos do dia. De um lado havia cinco elevadores de serviço, e do outro um armário refrigerado onde guardávamos leite e manteiga. Quando se entrava no armário refrigerado, a temperatura caía trinta e oito graus em um passo; aquilo me lembrava o hino sobre as montanhas geladas da Groenlândia e as praias de corais da Índia. Além de mim e Boris, mais dois homens trabalhavam na *cafeterie*. Um deles era Mario, um italiano grande e agitado – ele parecia um policial urbano com gestos teatrais –, e o outro era um animal grosseiro e cabeludo que chamávamos de Húngaro; acho que ele era da Transilvânia, ou algum lugar mais distante. Com exceção do Húngaro, éramos todos grandes e nos atropelávamos sem parar nos horários de maior movimento.

O trabalho na *cafeterie* era espasmódico. Nunca ficávamos ociosos, mas o verdadeiro trabalho acontecia apenas em explosões de duas horas por vez; chamávamos cada explosão de *"um coup de feu"*. O primeiro *coup de feu* acontecia às oito horas, quando os hóspedes começavam a acordar e pedir o café. Às oito, uma pancada e um grito repentinos sacudiam todo o porão; campainhas tocavam por todos os lados; homens de aventais azuis corriam pelos corredores, nossos elevadores de serviço desciam com um estrondo simultâneo, e os garçons dos cinco andares começavam a gritar palavrões em italiano pelos poços. Não me lembro de todas as nossas funções, mas elas incluíam fazer chá, café e chocolate, ir buscar refeições na cozinha, vinhos na adega e frutas e outras coisas no restaurante, fatiar pão, fazer torrada, enrolar bastões de manteiga, medir geleia, abrir latas de leite, contar torrões de açúcar, cozinhar ovos, preparar mingau, quebrar gelo, moer café – tudo isso para cem a duzentos hóspedes. A cozinha ficava a trinta metros de distância, e o restaurante, a sessenta

ou setenta metros. Tudo que mandávamos para cima pelos elevadores de serviço tinha que ser coberto por uma comanda, e a comanda tinha que ser preenchida com cuidado, e havia problema se um torrão de açúcar era perdido. Além disso, tínhamos que servir pão e café para os funcionários e servir as refeições para os garçons lá em cima. No geral, era um trabalho complicado.

Eu calculava que era preciso andar e correr cerca de vinte e cinco quilômetros por dia, mas a carga do trabalho era mais mental que física. Nada podia ser mais fácil, diante disso, que esse trabalho idiota de ajudante de cozinha, mas ele é surpreendentemente difícil quando se está com pressa. É preciso correr de um lado para o outro entre uma coleção de tarefas – é como separar as cartas de um baralho correndo contra o relógio. Por exemplo, você está fazendo torrada, e pá! Lá vem o elevador de serviço com um pedido de chá, pãezinhos e três tipos diferentes de geleia, e ao mesmo tempo, pá! O outro elevador desce com um pedido de ovos mexidos, café e toranja; você corre à cozinha para pegar os ovos, ao restaurante para pegar a fruta, vai como um raio para voltar antes de aquela torrada queimar, e não pode esquecer o chá e o café, além de meia dúzia de outras tarefas que continuam pendentes; e ao mesmo tempo, um garçom está andando atrás de você e criando problema por causa de uma garrafa de água com gás que sumiu, e você está discutindo com ele. É preciso ter mais cérebro do que se pode imaginar. Mario disse que demora um ano para formar um *cafetier* confiável, e é verdade, sem dúvida.

O horário entre as oito e as dez e meia era uma espécie de delírio. Às vezes corríamos como se só tivéssemos cinco minutos de vida; às vezes havia hiatos repentinos quando os

pedidos cessavam e tudo parecia quieto por um momento. Então, varríamos o chão, jogávamos serragem nova e engolíamos galões de vinho, café ou água, qualquer coisa, desde que fosse líquido. Muitas vezes, quebrávamos lascas de gelo para chupar enquanto trabalhávamos. O calor entre as bocas de gás era nauseante; bebíamos litros de líquidos durante o dia, e, depois de algumas horas, até o avental ficava encharcado de suor. Às vezes atrasávamos o trabalho, e alguns hóspedes poderiam ter saído sem café da manhã, mas Mario sempre nos salvava. Ele havia trabalhado na *cafeterie* por catorze anos e tinha a habilidade de nunca desperdiçar um segundo entre uma tarefa e outra. O Húngaro era muito burro e inexperiente, e Boris às vezes fugia, em parte por causa da perna manca, em parte porque se envergonhava de trabalhar na *cafeterie*, depois de ter sido garçom; mas Mario era maravilhoso. O jeito como ele estendia os grandes braços pela *cafeterie* para encher um bule de café com uma das mãos e cozinhar um ovo com a outra, ao mesmo tempo em que cuidava da torrada e gritava instruções para o Húngaro, cantando trechos de *Rigoletto* entre um grito e outro, era algo para lá de louvável. O *patron* conhecia seu valor, e ele recebia mil francos por mês, em vez de quinhentos, como todos nós.

O pandemônio do café da manhã parava às dez e meia. Então, limpávamos as mesas da *cafeterie*, varríamos o chão e políamos os metais, e nas melhores manhãs íamos ao banheiro fumar um cigarro. Esse era nosso tempo livre, ou relativamente livre, porque tínhamos só dez minutos para o almoço e nunca comíamos sem sermos interrompidos. A hora do almoço dos clientes, entre meio-dia e duas horas, era outro período de tumulto, como o do café da manhã. A maior parte do trabalho era ir buscar refeições na cozinha, o que

significava constantes *engueulades* dos cozinheiros. A essa altura, os cozinheiros suavam na frente de suas fornalhas por quatro ou cinco horas e estavam de cabeça quente.

Às duas éramos homens repentinamente livres. Trocávamos o avental pelo casaco, saíamos correndo e, quando tínhamos dinheiro, íamos ao bistrô mais próximo. Era estranho sair daqueles porões iluminados pelo fogo e chegar à rua. O ar limpo e frio era ofuscante, como um verão ártico; e como era doce o cheiro de gasolina, depois da mistura de comida e suor! Às vezes encontrávamos alguns dos nossos cozinheiros e garçons nos bistrôs, e eles eram simpáticos e pagavam bebidas para nós. Lá dentro éramos seus escravos, mas era uma etiqueta entre os trabalhadores de hotel, nos intervalos todos eram iguais, e as *engueulades* eram esquecidas.

Às quatro e quarenta e cinco, voltávamos ao hotel. Não havia pedidos até seis e meia, e usávamos esse tempo para polir a prataria, limpar as urnas de café e fazer outros serviços aleatórios. E então começava o grande tumulto do dia – a hora do jantar. Queria poder ser Zola por um tempinho, só para descrever aquela hora do jantar. O resumo da situação era que cem ou duzentas pessoas pediam refeições diferentes de cinco ou seis pratos, e cinquenta ou sessenta pessoas tinham que cozinhar para servir essas refeições e limpar tudo depois; qualquer um com experiência na área de refeições sabe o que isso significa. E nesse horário, quando o trabalho era dobrado, toda a equipe estava cansada, e vários funcionários estavam bêbados. Eu poderia escrever páginas sobre o cenário sem dar uma ideia real dele. A movimentação pelos corredores estreitos, as colisões, os gritos, o transporte de caixotes, bandejas e blocos de gelo, o calor, a penumbra, as discussões furiosas que nem tínhamos tempo para terminar, tudo vai além

do que se pode descrever. Quem entrasse no porão pela primeira vez pensaria ter invadido um covil de transtornados. Só mais tarde, quando entendi o trabalho em um hotel, pude ver ordem em todo esse caos.

Às oito e meia, o trabalho cessava de repente. Não podíamos sair antes das nove, mas costumávamos deitar no chão e ficar lá descansando as pernas, cansados demais até para ir buscar uma bebida no armário refrigerado. Às vezes o *chef du personnel* aparecia com garrafas de cerveja, porque o hotel fornecia uma cerveja a mais quando tínhamos um dia duro. A comida que nos davam não era mais que comível, mas o *patron* não era sovina com a bebida; cada um de nós podia consumir dois litros de vinho por dia, pois ele sabia que, se um *plongeur* não tivesse direito a dois litros, roubaria três. Também podíamos consumir o que sobrava nas garrafas dos clientes, o que significava que era comum bebermos demais, o que era bom, porque se trabalhava mais depressa quando parcialmente embriagado.

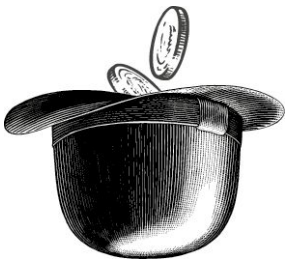
Quatro dias da semana passavam assim; dos outros dois dias de trabalho, um era melhor, e o outro, pior. Depois de uma semana nessa vida, senti que precisava de uma folga. Era noite de sábado, e as pessoas em nosso bistrô estavam ocupadas se embebedando, e, com um dia livre pela frente, eu estava pronto para me juntar a elas. Fomos todos para a cama às duas da manhã, bêbados e dispostos a dormir até meio-dia. Às cinco e meia, fui acordado de repente. Um vigia noturno enviado pelo hotel estava parado ao lado da minha cama. Ele afastou as cobertas e me sacudiu com força.

– Levanta! – disse. – *Tu t'es bien saoulé la gneule, eh?* Bem, não importa. Um funcionário do hotel faltou. Você precisa ir trabalhar hoje.

– Por quê? É meu dia de folga.

– Dia de folga coisa nenhuma! O trabalho tem que ser feito. Levante!

Levantei e saí, mas me sentia como se tivesse as costas quebradas e a cabeça cheia de blocos de concreto quentes. Não me considerava capaz de enfrentar um dia de trabalho. No entanto, depois de apenas uma hora no porão, descobri que estava bem. Aparentemente, no calor daquele subsolo, como em um banho turco, era possível suar qualquer quantidade de drinque. *Plongeurs* sabem disso e contam com isso. A possibilidade de engolir litros de vinho e depois suar todo o álcool antes que ele possa causar muito estrago é uma das compensações da vida deles.



Capítulo 12

De longe, meu melhor período no hotel foi quando fui ajudar o garçom no quarto andar. Trabalhávamos em uma pequena cozinha que se comunicava com a *cafeterie* por elevadores de serviço. Era deliciosamente fresco, depois dos porões, e o trabalho era, basicamente, polir prata e copos, o que é um trabalho humano. Valenti, o garçom, era um tipo decente e me tratava quase como um igual quando estávamos sozinhos, embora tivesse de falar com tom duro quando havia mais alguém presente, porque não é bom um garçom ser amigo de *plongeurs*. Às vezes, quando tínhamos um bom dia, ele me dava cinco francos de gorjeta. Era jovem de boa aparência, 24 anos, mas parecia ter dezoito, e, como a maioria dos garçons, tinha uma boa postura e sabia se vestir. Com seu casaco de fraque e gravata branca, rosto barbeado e cabelo castanho e liso, parecia um garoto da Eton; mas trabalhava desde os 12 anos e progrediu literalmente desde a sarjeta. Atravessou a fronteira italiana sem passaporte, vendeu castanhas a granel nos *boulevards* ao norte, cumpriu cinquenta dias de detenção em Londres por trabalhar sem permissão e foi amante de uma velha rica em um quarto de hotel, uma mulher que deu a ele um anel de diamante, depois o acusou de tê-lo roubado. Tudo isso fazia parte de suas experiências. Eu gostava de conversar com ele nas horas de folga, quando sentávamos para fumar perto do poço do elevador.

Meus dias ruins foram quando lavei a louça na hora do jantar. Eu não lavava os pratos, o que era feito na cozinha, só lavava os talheres, os copos e outros objetos; mesmo assim, eram treze horas de trabalho, e eu usava entre trinta e quarenta esponjas de limpeza durante o dia. Os métodos antiquados utilizados na França duplicavam o trabalho do lavador. Não se ouvia falar em escorredores de pratos, e não havia sabão em pó, só as barras macias que não faziam espuma com a água dura de Paris. Eu trabalhava em um espaço sujo e apertado, uma mistura de cozinha e copa com passagem direta para o salão do restaurante. Além de lavar a louça, eu tinha que ir buscar a comida dos garçons e servi-los à mesa; muitos eram insuportavelmente insolentes, e tive que usar os punhos mais de uma vez para garantir civilidade comum. A pessoa que lavava a louça normalmente era uma mulher, e eles faziam da vida dela um inferno.

Era divertido olhar a copa imunda e pensar que havia apenas uma porta dupla a separando do restaurante. Do outro lado os consumidores sentavam em todo o seu esplendor, com toalhas de mesa impecáveis, vasos de flores, espelhos, cornijas douradas e querubins pintados; e aqui, a poucos passos de distância, a imundície era repugnante. Porque, na verdade, era uma imundície repugnante. Não havia tempo para varrer o chão até a noite, e escorregávamos em uma mistura de água e sabão, folhas de alface, papel rasgado e comida pisoteada. Uma dezena de garçons sem paletó, exibindo as axilas suadas, sentava-se à mesa misturando salada e enfiando os dedos nas panelas de creme. O lugar tinha um cheiro sujo, mistura de comida e sujeira. Em todos os lugares dos armários, atrás das pilhas de utensílios, havia estoques de comida roubada pelos garçons. Eram só duas pias, não havia bacia, e não era

incomum ver um garçom lavar o rosto na água limpa em que a louça era enxaguada. Mas os clientes não viam nada disso. Havia um capacho de fibra de coco e um espelho do lado de fora da porta para o restaurante, e os garçons se arrumavam e saíam exibindo a imagem da limpeza.

É instrutivo ver um garçom entrar no salão de um restaurante. Quando passa pela porta, acontece nele uma repentina mudança. A posição dos ombros se altera; toda a sujeira, a pressa e a irritação desaparecem em um instante. Ele desliza pelo tapete com um ar solene de sacerdote. Eu me lembro do nosso assistente de *maître d'hôtel*, um italiano feroz, parado na porta do salão para abordar um aprendiz que havia quebrado uma garrafa de vinho. Sacudindo o punho sobre sua cabeça, ele gritava (por sorte a porta era mais ou menos à prova de som):

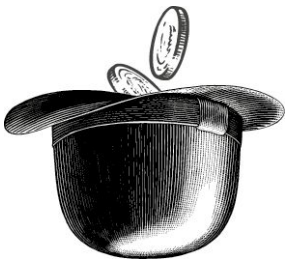
– *Tu me fais…* E você se diz garçom, garoto filho da mãe? Você, um garçom! Não serve nem para lavar o chão do bordel de onde sua mãe saiu. *Maquereau!*

Sem palavras, ele se virou para a porta e, ao abri-la, proferiu um último insulto como Squire Western em *Tom Jones*.

Depois disso, ele entrou no salão e a atravessou com o prato na mão, gracioso como um cisne. Dez segundos depois, ele se curvava reverente para um cliente. E não se podia deixar de pensar, ao vê-lo se curvar e sorrir aquele sorriso benevolente de garçom treinado, que o cliente era intimidado ao ser servido por alguém tão aristocrata.

Ser lavador era um trabalho absolutamente odioso, não era duro, mas tedioso e mais bobo do que se pode explicar. É terrível pensar que algumas pessoas passam décadas inteiras em ocupações como essa. A mulher que substituí tinha 60 anos

e passava treze horas por dia diante da pia, seis dias por semana, o ano inteiro; como se não bastasse, os garçons a submetiam a um *bullying* terrível. Ela deixou escapar que já havia sido atriz – na verdade, imagino, uma prostituta; a maioria das prostitutas acaba como faxineira. Era estranho ver que, apesar da idade e da vida que levava, ela ainda usava uma peruca loira e brilhante, e escurecia os olhos e pintava o rosto como uma jovem de 20 anos. Então, aparentemente, até um emprego de setenta e oito horas semanais ainda pode deixar um pouco de vitalidade para o trabalhador.



Capítulo 13

Em meu terceiro dia no hotel, o *chef du personnel*, que geralmente falava comigo de um jeito agradável, me chamou e falou com tom seco:

– Ei, você, vai raspar esse bigode imediatamente! *Nom de Dieu*, onde já se viu um *plongeur* de bigode?

Ameacei protestar, mas ele me interrompeu.

– Um *plongeur* de bigode… absurdo! Não quero ver você com isso amanhã.

A caminho de casa, perguntei a Boris o que isso significava. Ele deu de ombros.

– Você deve fazer o que ele diz, *mon ami*. Ninguém no hotel usa bigode, exceto os cozinheiros. Pensei que tivesse notado. Motivo? Não tem motivo. É o costume.

Vi que era uma etiqueta, como não usar gravata branca com um *dinner jacket*, e raspei o bigode. Mais tarde, encontrei a explicação para o costume: garçons em bons hotéis não usam bigode e, para mostrar sua superioridade, decretam que *plongeurs não devem usar também; e os cozinheiros usam bigode para demonstrar seu desprezo pelos garçons.*

Isso dá uma ideia do elaborado sistema de castas que existe em um hotel. Nosso estafe, que tem umas cento e dez pessoas,

tem seu prestígio classificado com a mesma precisão adotada por militares, e um cozinheiro ou garçom era tão superior a um *plongeur* quanto um capitão sobre um cabo. Acima de todos estava o gerente, que podia demitir qualquer um, inclusive os cozinheiros. Nunca vimos o *patron*, e tudo que sabíamos sobre ele era que suas refeições tinham que ser preparadas com mais cuidado que as dos clientes; toda disciplina do hotel dependia do gerente. Ele era um homem consciente e estava sempre atento a qualquer falta de empenho, mas éramos espertos demais para ele. Havia no hotel um sistema de campainhas de serviço, e toda a equipe usava esse sistema para trocar sinais. Um toque longo e um curto, seguidos por mais dois toques longos, significavam que o gerente estava chegando, e, quando ouvíamos esse sinal, tratávamos de parecer ocupados.

Abaixo do gerente havia o *maître d'hôtel*. Ele não servia as mesas, a menos que se tratasse de um lorde ou alguém desse nível, mas dirigia os outros garçons e ajudava com o serviço. Entre gorjetas e o bônus que ganhava dos fornecedores de champanhe (eram dois francos para cada rolha que devolvesse a eles), ele ganhava uns duzentos francos por dia. Sua posição se destacava de todas as outras do estafe, e ele fazia suas refeições em uma sala privada, com talheres de prata e dois aprendizes de paletó branco e limpo para servi-lo. Um pouco abaixo do chefe dos garçons vinha o cozinheiro-chefe, que ganhava uns cinco mil francos por mês; ele jantava na cozinha, mas em uma mesa separada, e um dos aprendizes de cozinheiro o servia. Depois vinha o *chef du personnel*; ele ganhava só 1.500 francos por mês, mas usava paletó preto e não fazia trabalho braçal, e podia demitir *plongeurs* e multar garçons. A seguir vinham os outros cozinheiros, que ganhavam entre 3.750 francos por mês; depois os garçons, que

faziam uns setenta francos por dia em gorjetas, além de receberem um pequeno valor fixo por contrato; depois vinham as lavadeiras e costureiras; depois os aprendizes de garçom, que não ganhavam gorjetas, mas tinham um salário de 750 francos por mês; depois os *plongeurs*, também com um salário de 750 francos; depois as camareiras, que ganhavam uns quinhentos ou seiscentos francos por mês; e finalmente os *cafetiers*, cujo salário era quinhentos francos por mês. Nós da *cafeterie* éramos a escória do hotel, desprezados e *tutoied* por todo mundo.

Havia muitos outros – os empregados do escritório, chamados de *couriers*, o almoxarife, o adegueiro, alguns carregadores e atendentes, o homem do gelo, os padeiros, o vigia noturno, o porteiro. Trabalhos diferentes eram feitos por diferentes nacionalidades. Os empregados do escritório, os cozinheiros e as costureiras eram franceses, os garçons eram italianos e alemães (praticamente não existe um garçom francês em Paris), os *plongeurs* eram de todas as raças da Europa, e também árabes e negros. Francês era a língua dominante, até os italianos a adotavam entre eles.

Todos os departamentos tinham suas regalias especiais. Em todos os hotéis de Paris, é costume vender o pão quebrado para os padeiros por oito centavos meio quilo, e os criadores de porcos podem levar os restos da cozinha por uma ninharia, e esse dinheiro era dividido entre os *plongeurs*. Também havia muito furto. Todos os garçons roubavam comida – na verdade, eu raramente via um garçom comer a ração fornecida pelo hotel – e os cozinheiros roubavam em maior escala na cozinha, e na *cafeterie* nós bebíamos litros ilícitos de chá e café. O adegueiro roubava conhaque. Uma regra do hotel proibia que os garçons tivessem acesso aos estoques de bebidas; eles

tinham que ir pedir ao adegueiro cada bebida dos clientes. Enquanto servia as bebidas, o adegueiro separava uma colher de chá de cada copo, talvez, e assim reunia grandes quantidades. Ele vendia o conhaque roubado por cinco centavos o gole se sentisse que podia confiar no interessado.

Havia ladrões na equipe, e quem deixava dinheiro nos bolsos do casaco geralmente era roubado. O porteiro, que pagava nossas diárias e revistava cada funcionário em busca de comida roubada, era o maior ladrão do hotel. Dos meus quinhentos francos por mês, esse conseguiu roubar cento e quatorze francos em seis semanas. Pedi para receber todos os dias, e o porteiro me pagava dezesseis francos todas as noites, e como não me pagava aos domingos (o que, é claro, era errado, porque eu tinha que receber), embolsou 64 francos. Às vezes eu trabalhava em um domingo, o que, embora eu não soubesse, me garantia um extra de 25 francos. O porteiro nunca me pagou esse extra, e assim ganhou mais 75 francos. Só percebi que estava sendo enganado em minha última semana e, como não podia provar nada, só 25 francos foram reembolsados. O porteiro fazia a mesma coisa com qualquer empregado que fosse bobo o bastante para cair no truque. Ele dizia ser grego, mas na verdade era armênio. Depois que o conheci, entendi a força do provérbio: “Melhor confiar em uma cobra do que em um judeu, melhor confiar em um judeu do que em um grego, mas não confie em um armênio”.

Havia personagens estranhos entre os garçons. Um deles era um cavalheiro, um jovem que havia cursado a universidade e tinha um emprego bem remunerado em uma empresa. Ele havia contraído uma doença venérea e perdido o emprego, havia ficado sem nenhuma perspectiva, e agora se considerava um homem de sorte por ser um garçom. Muitos garçons

entraram na França sem passaporte, e um ou dois eram espiões. É uma profissão que os espiões costumam adotar. Um dia houve uma briga pavorosa no refeitório dos garçons entre Morandi, um homem de aparência perigosa e olhos bem afastados, e outro italiano. Aparentemente, Morandi tinha saído com a mulher do outro. Esse outro homem, um covarde evidentemente apavorado com Morandi, ameaçava em vão.

Morandi riu para ele.

– Bom, o que vai fazer? Dormi com a sua garota, dormi com ela três vezes. Foi bom. O que pode fazer, hein?

– Posso denunciar você para a polícia secreta. Você é um espião italiano.

Morandi não negou. Só tirou uma navalha do bolso traseiro e fez dois movimentos rápidos no ar, como se cortasse o rosto do oponente. Daí em diante, o outro garçom não quis mais brigar.

O tipo mais estranho que vi no hotel foi um "extra". Ele foi contratado por vinte e cinco francos ao dia para substituir o Húngaro, que estava doente. Era sérvio, um sujeito forte e ágil de uns 25 anos que falava seis idiomas, inclusive inglês. Ele parecia saber tudo sobre o trabalho em um hotel e trabalhou como um escravo até o meio-dia. Depois disso, ficou carrancudo, fugia do trabalho, roubou vinho e, finalmente, coroou a mudança vagabundeando por lá com um cachimbo na boca. Fumar era proibido, é claro, e passível de penalidades severas. O gerente soube da transgressão e desceu para falar com o sérvio, espumando de raiva.

– De onde tirou a ideia de fumar aqui? – gritou.

– De onde tirou a ideia de ter uma cara como essa? – o sérvio

respondeu tranquilo.

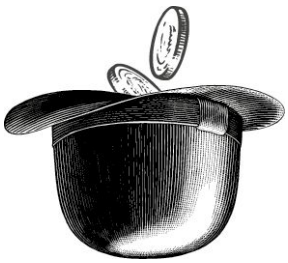
Não vou conseguir transmitir a blasfêmia desse comentário. Se um *plongeur* falasse desse jeito com um cozinheiro-chefe, seria agredido com uma panela de sopa quente na cara. O gerente disse instantaneamente:

– Está demitido!

E, às duas horas, o sérvio recebeu seus vinte e cinco francos e foi dispensado. Antes de ele sair, Boris perguntou em russo que jogo era aquele. Ele contou que o sérvio respondeu:

– Olha aqui, *mon vieux*, eles têm que me pagar a diária se eu trabalhar até meio-dia, não é verdade? É a lei. E qual é o sentido de trabalhar, depois de ter direito à diária? Então, é isso que faço. Entro em um hotel e consigo um trabalho como extra, e trabalho duro até meio-dia. Depois, assim que o relógio marca doze horas, começo a criar tanto problema que não há nada a fazer além de me demitir. Bom, não é? Na maior parte dos dias, sou dispensado meio-dia e meia; hoje foi às duas; mas não faz mal; economizei quatro horas de trabalho. O único problema é que não posso usar o truque no mesmo hotel duas vezes.

Aparentemente, ele tinha feito esse jogo na metade dos hotéis e restaurantes de Paris. Provavelmente, é um jogo fácil de fazer no verão, embora os hotéis se protejam contra esse tipo de coisa criando uma lista negra.



Capítulo 14

Em poucos dias, eu tinha aprendido os principais conceitos que norteiam a administração de um hotel. O que mais surpreende quem entra pela primeira vez na área de serviço de um hotel é o barulho e a confusão nos horários de maior movimento. É algo tão diferente do trabalho contínuo em uma loja ou fábrica que à primeira vista parece apenas má administração. Mas é inevitável, na verdade, e tem um motivo. O trabalho no hotel não é particularmente duro, mas, por natureza, vem em ondas e não pode ser economizado. Não se pode, por exemplo, grelhar um filé duas horas antes de ele ser pedido; você tem que esperar até o último momento, e nessa hora uma montanha de várias outras tarefas se acumulou, e é preciso fazer tudo ao mesmo tempo, em um ritmo frenético. O resultado é que, na hora das refeições, todo mundo faz o trabalho de dois homens, o que é impossível sem barulho e discussão. De fato, as discussões são parte necessária do processo, porque o ritmo nunca seria mantido se todos não acusassem todo mundo de estar fazendo corpo mole. Era por isso que, na hora do *rush*, toda a equipe berrava e xingava como demônios. Nesses momentos, praticamente não havia outro verbo no hotel além de *foutre*. Uma garota de dezesseis que trabalhava na padaria usava palavrões que teriam envergonhado um motorista de táxi. (Hamlet não disse alguma coisa sobre “praguejar como um lavador de pratos”? Sem

dúvida, Shakespeare os viu trabalhar.) Mas não estamos perdendo a cabeça e desperdiçando tempo; estamos só estimulando uns aos outros para o esforço de condensar quatro horas de trabalho em duas.

O que mantém um hotel funcionando é o orgulho que os empregados sentem por seu trabalho, por mais braçal e tolo que seja. Se um homem foge do esforço, outro logo o descobre e conspira por sua demissão. Cozinheiros, garçons e *plongeurs* têm aparências muito diferentes, mas são muito parecidos no orgulho que sentem de sua eficiência.

Sem dúvida, a categoria mais trabalhadora, e a menos servil, é a dos cozinheiros. Eles não ganham tanto quanto os garçons, mas têm mais prestígio e mais estabilidade no emprego. O cozinheiro não se considera um empregado, mas um trabalhador habilidoso; geralmente é chamado de *"un ouvrier"*, coisa que um garçom nunca é. Ele conhece seu poder, sabe que sozinho por construir ou destruir um restaurante e que, se ele se atrasar cinco minutos, tudo desanda. Ele despreza todos que não são cozinheiros e faz questão de ofender todo mundo abaixo do chefe dos garçons. E tem um autêntico orgulho de artista por seu trabalho, que exige grande habilidade. Não é cozinhar que é tão difícil, mas fazer tudo no tempo certo. Entre o café da manhã e o almoço, o cozinheiro-chefe do Hôtel X recebia pedidos de centenas de pratos, todos a serem servidos em horários diferentes; ele mesmo preparava poucos, mas dava instruções sobre todos e os inspecionava, antes de mandar servi-los. Sua memória era maravilhosa. As comandas eram presas em um quadro, mas o cozinheiro-chefe raramente olhava para elas; tudo era gravado em sua mente, e pontualmente, quando cada prato tinha que sair, ele dizia: "*Faites marcher une côtelette de veau"* (ou o

que fosse). Era um encrenqueiro insuportável, mas também era um artista. É pela pontualidade, não por alguma superioridade na técnica, que os cozinheiros homens, não as mulheres, são preferidos.

O jeito do garçom é bem diferente. Ele também se orgulha de seu ofício, de certa forma, mas sua habilidade é, basicamente, ser servil. O trabalho dá a mentalidade de um esnobe, não de um trabalhador. Ele vive sempre à vista dos ricos, fica ao lado de suas mesas, ouve suas conversas, os bajula com sorrisos e piadinhas discretas. Tem o prazer de gastar dinheiro por procuração. Além do mais, existe sempre a possibilidade de ele se tornar rico, porque, embora a maioria dos garçons morra pobre, às vezes eles têm longos períodos de sorte. Em alguns cafés do Grand Boulevard é possível ganhar tanto dinheiro que os garçons chegam a pagar ao *patron* pelo emprego. O resultado é que, entre ver o dinheiro constantemente e ter a esperança de ganhá-lo, o garçom passa a se identificar, em alguma medida, com seus empregadores. Ele se esforça para servir uma refeição com estilo, porque sente que participa dela.

Lembro de Valenti me falando de um banquete em Nice, no qual ele trabalhou, e de como ele custou duzentos mil francos e foi comentado durante meses.

– Foi esplêndido, *mon p'tit, mais magnifique!* Jesus Cristo! O champanhe, a prata, as orquídeas… nunca vi nada parecido, e já vi algumas coisas. Ah, foi glorioso!

– Mas você estava lá só para servir? – perguntei.

– Oh, é claro. Mesmo assim, foi esplêndido.

A moral da história é: nunca sinta pena de um garçom. Às vezes, quando você está em um restaurante, ainda se

empanturrando meia hora depois do horário de fechamento, sente que o garçom cansado a seu lado certamente o despreza. Mas não é verdade. Enquanto olha para você, ele não está pensando: "Que palhaço esganado". Ele pensa: "Um dia, quando tiver economizado dinheiro suficiente, vou poder imitar esse homem". Ele distribui uma espécie de prazer que entende perfeitamente e admira. E é por isso que garçons raramente são socialistas, não têm um sindicato eficiente e trabalham doze horas por dia – em muitos cafés eles trabalham quinze horas, sete dias por semana. São esnobes e acham que a natureza servil de seu ofício é inerente a ele.

Os *plongeurs* também têm um jeito diferente. O trabalho deles não oferece muitas perspectivas, é intensamente exaustivo e, ao mesmo tempo, não tem um traço de habilidade ou interesse; o tipo de trabalho que seria sempre feito por mulheres se elas tivessem força suficiente. O que se espera deles é que estejam sempre correndo e que suportem longos expedientes e um clima sufocante. Eles não têm como escapar dessa vida, porque não podem economizar um centavo do que ganham, e trabalhar de sessenta a cem horas por semana não permite que estudem para mais nada, não há tempo. O melhor que podem esperar é encontrar um trabalho ligeiramente mais brando como vigia noturno ou ajudante de lavatório.

No entanto, os *plongeurs,* mesmo em posição tão inferior, têm também uma espécie de orgulho. É o orgulho do burro de carga – o homem que cumpre a tarefa, seja qual for a quantidade de trabalho. Nesse nível, a simples capacidade de continuar trabalhando como um boi é praticamente a única virtude possível de alcançar. Todo *plongeur* quer ser chamado de *débrouillard.* Um *débrouillard* é um homem que, mesmo quando orientado a fazer o impossível, vai *se débrouiller* – vai

cumprir a tarefa, de algum jeito. Um dos *plongeurs* da cozinha do Hôtel X, um alemão, era bem conhecido por ser um *débrouillard.* Certa noite, um lorde inglês chegou ao hotel, e os garçons se desesperaram, porque o lorde pediu pêssegos, e não havia nenhum no estoque; era tarde da noite, e os mercados estavam fechados. "Deixe comigo", disse o alemão. Ele saiu e, dez minutos depois, estava de volta com quatro pêssegos. Tinha ido a um restaurante vizinho e roubado as frutas. Isso é o que significa ser um *débrouillard.* O lorde inglês pagou vinte francos por cada pêssego.

Mario, que era o encarregado da *cafeterie*, tinha a mentalidade típica do burro de carga. Só pensava em fazer o *"boulot"*, e nada era demais para ele. Catorze anos no subsolo o tinham deixado com tanta preguiça natural quanto uma haste de pistão. *"Faut être dur"*, ele costumava dizer quando alguém reclamava. É comum ouvir *plongeurs* se gabar: *"Je suis dour"*, como se fossem soldados, não faxineiras do sexo masculino.

Portanto, todos no hotel tinham sua honra, e, quando a pressão do trabalho chegava, estávamos sempre prontos para fazer um esforço concentrado e enfrentá-la. A guerra constante entre os diferentes departamentos também contribuía para a eficiência, pois cada um se apegava aos próprios privilégios e tentava impedir os outros de vagabundear e roubar.

Esse é o lado bom do trabalho do hotel. Em um hotel, uma enorme e complicada máquina é mantida em ação por uma equipe inadequada, porque cada homem tem um trabalho bem definido e o faz escrupulosamente. Mas há um ponto fraco: o trabalho que a equipe está fazendo não é necessariamente aquele pelo qual o cliente paga. O cliente paga, em sua opinião, por um bom serviço; o empregado é pago, em sua

opinião, pelo *boulot* – o que significa, via de regra, uma imitação de bom serviço. O resultado é que, embora os hotéis sejam milagres de pontualidade, são piores que as piores casas particulares nas coisas que importam.

A limpeza, por exemplo. A sujeira do Hôtel X, assim que se penetrava nas áreas de serviço, era revoltante. Nossa cafeteria tinha sujeira de um ano em todos os cantos escuros, e a caixa de pão estava infestada de baratas. Uma vez sugeri ao Mario matar aqueles bichos.

– Por que matar os pobres animais? – ele disse com tom de reprovação. Os outros riam quando eu queria lavar as mãos antes de tocar na manteiga. Mas éramos limpos onde reconhecíamos a limpeza como parte do *boulot*. Esfregávamos as mesas e políamos os metais regularmente, porque recebíamos ordens para fazer isso; mas não recebíamos ordens para sermos limpos de verdade e, de qualquer modo, não tínhamos tempo para isso. Estávamos simplesmente cumprindo nossos deveres; e, como nosso primeiro dever era a pontualidade, economizávamos tempo sendo sujos.

Na cozinha, a sujeira era pior. Não é força de expressão, é só a afirmação de um fato dizer que um cozinheiro francês cuspirá na sopa, isto é, se ele mesmo não for tomá-la. Ele é um artista, mas sua arte não é a limpeza. Em alguma medida, ele é sujo porque é artista, porque a comida, para parecer elegante, precisa de um tratamento sujo. Por exemplo, quando um filé é levado para a inspeção do cozinheiro-chefe, ele não o pega com um garfo. Ele o pega entre os dedos e dá um tapa, passa o polegar pelo prato e lambe para provar o molho, gira e lambe novamente, depois dá um passo para trás e contempla o pedaço de carne como um artista julgando um quadro, então o coloca amorosamente no lugar com os dedos gordos e rosados,

todos lambidos centenas de vezes naquela manhã. Quando fica satisfeito, ele pega um pano, limpa as impressões digitais do prato e o entrega ao garçom. E o garçom, é claro, mergulha os dedos no molho, aqueles dedos asquerosos e gordurosos que ele passa o tempo todo no cabelo cheio de brilhantina. Sempre que se paga mais que, digamos, dez francos por um prato de carne em Paris, pode-se ter certeza de que ele foi manuseado dessa maneira. Em restaurantes muito baratos é diferente; lá não se tem o mesmo trabalho com a comida, que é simplesmente tirada da frigideira com um garfo e jogada em um prato, sem manipulação. De maneira geral, quanto mais se paga pela comida, mais suor e saliva se é obrigado a comer com ela.

Sujeira faz parte de hotéis e restaurantes, porque a comida saudável é sacrificada por pontualidade e apresentação. O funcionário do hotel está ocupado demais preparando a comida para lembrar que ela vai ser comida. Uma refeição é simplesmente "*une commande*" para ele, assim como um homem morrendo de câncer é simplesmente "*um caso*" para o médico. Um cliente pede, por exemplo, uma torrada. Alguém sob a pressão do trabalho em um porão tem que prepará-la. Como ele pode parar e pensar: "Esta torrada vai ser comida… devo torná-la comestível?" Tudo que ele sabe é que deve parecer boa e ficar pronta em três minutos. Algumas gotas grandes de suor caem de sua testa na torrada. Por que ele deveria se preocupar? Logo a torrada cai na serragem imunda no chão. Por que se preocupar em fazer outra? É muito mais rápido limpar a serragem. A caminho do andar de cima, a torrada cai de novo, com a manteiga voltada para baixo. Outra limpeza é tudo de que ela precisa. E é assim com tudo. A única comida no Hôtel X que era preparada com higiene era a dos

funcionários e do *patron*. A máxima repetida por todos era: "Cuide do *patron, e os clientes*, *s'en f- pas mal*!" Todos os lugares das áreas de serviço eram infestados de sujeira – um veio secreto de sujeira correndo pelo hotel luxuoso como os intestinos pelo corpo de um homem.

Além da sujeira, o *patron* enganava os clientes. Na maior parte dos casos, os ingredientes da comida eram muito ruins, embora os cozinheiros soubessem como servi-la com estilo. A carne era, na melhor das hipóteses, comum, e, quanto aos vegetais, nenhuma boa dona de casa teria olhado para eles no mercado. O creme era diluído com leite, uma especificação do pedido. O chá e o café eram de qualidade inferior, e a geleia era industrializada, comprada em enormes latas sem rótulo. Todos os vinhos mais baratos, segundo Boris, eram *vin ordinaire* envasado em garrafas com rolha. Havia uma regra de que os funcionários deviam pagar por tudo que estragassem e, consequentemente, as coisas danificadas raramente eram jogadas fora. Certa vez, o garçom do terceiro andar derrubou um frango assado no poço do nosso elevador de serviço, onde ele caiu sobre restos de pedaços de pão, papel rasgado e outras coisas. Simplesmente o limpamos com um pano e mandamos para cima de novo. No andar de cima, havia histórias sujas de lençóis usados uma vez que não eram lavados, apenas umedecidos, passados a ferro e colocados de volta nas camas. O *patron* era tão mesquinho conosco quanto com os clientes. Em todo o vasto hotel não havia, por exemplo, uma escova e um balde; era preciso resolver tudo com uma vassoura e um pedaço de papelão. E o banheiro dos funcionários era digno da Ásia Central, e não havia lugar para lavar as mãos, exceto as pias usadas para lavar louças.

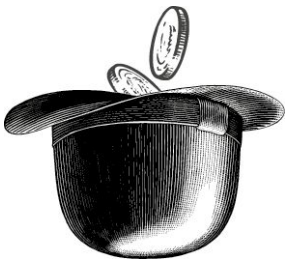
Apesar de tudo isso, o Hôtel X era um dos doze hotéis mais

caros de Paris, e os clientes pagavam preços assustadores. A tarifa normal para uma noite de hospedagem, sem café da manhã, era duzentos francos. Todo vinho e tabaco eram vendidos pelo dobro dos preços nas lojas, embora, é claro, o *patron* comprasse pelo preço de atacado. Se um cliente tivesse um título ou reputação de milionário, todos os preços aumentavam automaticamente para ele. Certa manhã, no quarto andar, um americano que estava de dieta quis apenas sal e água quente para o café da manhã. Valenti ficou furioso.

– Jesus Cristo! – ele disse. – E os meus dez por cento? Dez por cento de sal e água!

E cobrou vinte e cinco francos pelo café da manhã. O cliente pagou sem reclamar.

Segundo Boris, o mesmo tipo de coisa acontecia em todos os hotéis de Paris, ou pelo menos em todos os hotéis grandes e caros. Mas imagino que os clientes do Hôtel X eram especialmente fáceis de enganar, porque eram americanos, em sua maioria, com alguns poucos ingleses, nenhum francês, e pareciam não saber absolutamente nada sobre comida boa. Eles se enchiam de repugnantes "cereais" americanos e comiam geleia no chá, bebiam vermute depois do jantar e pediam um *poulet à la reine* por cem francos, para depois regá-lo com molho inglês. Um cliente de Pittsburg pedia todas as noites em seu quarto o jantar de cereal matinal, ovos mexidos e chocolate quente. Talvez não tenha muita importância se essas pessoas são enganadas ou não.



Capítulo 15

Eu ouvia histórias esquisitas no hotel. Havia histórias sobre dependentes de drogas, sobre velhos pervertidos que frequentavam hotéis procurando por jovens camareiros bonitos, sobre roubos e chantagens. Mario me contou sobre um hotel em que havia trabalhado, no qual uma camareira roubou de uma senhora americana um anel de diamante de valor inestimável. Durante dias, a equipe foi revistada ao sair do trabalho e dois detetives vasculharam o hotel de cima a baixo, mas o anel nunca foi encontrado. A camareira tinha um amante na padaria, e ele assou um pãozinho com o anel dentro, e lá ele ficou escondido até as buscas terminarem.

Uma vez, Valenti, em um momento de folga, me contou uma história sobre ele mesmo.

– Sabe, *mon p'tit*, esta vida de hotel é muito boa, mas é o diabo quando você fica desempregado. Imagino que saiba o que é ficar sem comer, não? *Forcément*, ou não estaria lavando pratos. Bem, eu não sou um pobre *plongeur* miserável; sou um garçom, e uma vez passei cinco dias sem comer. Cinco dias sem nem um pedaço de pão duro… Jesus Cristo! Vou lhe dizer, aqueles cinco dias foram o diabo. A única coisa boa era que eu pagava meu aluguel adiantado. Morava em um hotelzinho sujo e barato na Rue Sainte Eloise, no bairro latino. O nome do lugar era Hotel Suzanne May, em homenagem a

alguma prostituta famosa da época do Império. Eu estava morrendo de fome, e não havia nada que pudesse fazer. Não podia nem ir aos cafés onde os donos dos hotéis vão contratar garçons, porque não tinha o dinheiro para a bebida. Tudo que eu podia fazer era ficar na cama cada vez mais fraco e observar os insetos correndo pelo teto. Não quero passar por isso de novo, garanto.

"Na tarde do quinto dia, fiquei meio louco; pelo menos, é a impressão que tenho agora. Havia uma velha gravura desbotada de uma cabeça de mulher pendurada na parede do meu quarto, e comecei a me perguntar quem poderia ser; e depois de cerca de uma hora decidi que devia ser Santa Eloise, a padroeira do bairro. Eu nunca tinha reparado naquilo antes, mas agora, enquanto estava deitado olhando para ela, uma ideia extraordinária surgiu em minha cabeça.

"'*Écoute, mon cher*', disse a mim mesmo, 'você vai morrer de fome, se isso continuar por muito mais tempo. Tem que fazer alguma coisa. Por que não tenta rezar para Sainte Éloise? Ajoelhe-se e peça a ela para mandar algum dinheiro. Mal não pode fazer, afinal. Tente!'

"Louco, não é? Mas um homem faz qualquer coisa quando está com fome. Além disso, como falei, mal não faria. Saí da cama e comecei a rezar. Eu disse:

"'Querida Sainte Éloise, se você existe, por favor, me mande algum dinheiro. Não peço muito, só o suficiente para comprar pão e uma garrafa de vinho e recuperar as forças. Três ou quatro francos bastariam. Não sabe como ficarei grato, Sainte Éloise, se me ajudar desta vez. E pode ter certeza, se me mandar alguma coisa, a primeira coisa que farei será acender uma vela para você, na sua igreja no fim da rua. Amém.'

“Falei esse negócio sobre a vela porque tinha ouvido dizer que os santos gostam de velas acesas em sua homenagem. Eu pretendia cumprir a promessa, é claro. Mas sou ateu e não acreditava que isso poderia dar algum resultado.

“Bem, voltei para a cama, e cinco minutos depois alguém bateu à porta. Era uma garota chamada Maria, uma camponesa grande e gorda que morava no nosso hotel. Ela era uma garota muito estúpida, mas boa, e não me incomodei muito por ela me ver naquele estado.

“Ela gritou ao me ver. ‘*Nom de Dieu*!’, disse, ‘qual é o problema? O que está fazendo na cama a essa hora do dia? *Quelle mine que tu as!* Parece mais um cadáver que um homem.’

“Eu devia ter uma aparência péssima. Havia passado cinco dias sem comer, a maior parte do tempo na cama, e fazia três dias que não me lavava ou me barbeava. O quarto também era um chiqueiro.

“‘Qual é o problema?’, Maria repetiu.

“‘O problema!’, eu disse; ‘Jesus Cristo! Estou faminto. Não como há cinco dias. Esse é o problema.’

“Maria ficou horrorizada. ‘Não come há cinco dias?’ ela disse. ‘Mas por quê? Não tem nenhum dinheiro, então?’

“‘Dinheiro!’, eu disse. ‘Acha que eu estaria morrendo de fome se tivesse dinheiro? Tenho apenas cinco centavos e já penhorei tudo. Olhe para este quarto e veja se tem mais alguma coisa que eu possa vender ou penhorar. Se conseguir encontrar algo que valha cinquenta centavos, você é mais esperta do que eu.’

“Maria começou a olhar o quarto. Mexeu aqui e ali no meio

de um monte de lixo espalhado, e de repente ficou muito animada. A boca grande de lábios grossos estava aberta de espanto.

"'Seu idiota!', ela gritou. 'Imbecil! O que é isto, então?'

"Vi que ela segurava um *bidon* vazio de óleo que ficava em um canto. Eu o havia comprado semanas antes, para substituir uma lamparina a óleo que tinha antes de vender minhas coisas. 'O que é?', falei. 'Isso é um *bidon* de óleo. E daí?'

"'Imbecil! Não pagou um depósito de três francos e cinquenta centavos por ele?'

"Sim, é claro que tinha pagado os três francos e cinquenta centavos. Eles sempre cobram um depósito pelo *bidon*, e você recebe o dinheiro de volta quando o *bidon* é devolvido. Mas eu tinha esquecido disso.

"'Sim…', comecei.

"'Idiota!', Maria gritou de novo. Estava tão empolgada que começou a dançar pelo quarto até eu pensar que seus tamancos iam atravessar o chão. 'Idiota! *T'es fou! T'es fou!* O que mais tem que fazer, além de levar isso de volta à loja e pegar seu depósito? Morrendo de fome, com três francos e cinquenta centavos bem na sua frente! Imbecil!'

"Agora, mal posso acreditar que, naqueles cinco dias, não pensei em levar o *bidon* de volta à loja. Três francos e cinquenta centavos em dinheiro vivo, e nem pensei nisso! Sentei na cama. 'Depressa!', gritei para Maria: 'leve para mim. Leve à mercearia na esquina, corra. E traga comida!'

"Maria não precisou ouvir mais nada. Pegou o *bidon* e desceu a escada fazendo o barulho de uma manada de elefantes, e três minutos depois estava de volta com um quilo

de pão embaixo de um braço e meio litro de vinho embaixo do outro. Não parei para agradecer; só peguei o pão e cravei os dentes nele. Você já reparou no sabor que tem o pão quando se está com fome há muito tempo? Frio, úmido, denso, quase como cera. Mas, Jesus Cristo, como era bom! Quanto ao vinho, bebi tudo de uma vez, e foi como se ele entrasse direto nas minhas veias e escorresse pelo corpo como sangue novo. Ah, aquilo fez diferença!

"Comi o quilo de pão sem parar para respirar. Maria ficou com as mãos na cintura, me observando enquanto eu comia. 'Bem, agora se sente melhor?', ela perguntou quando terminei.

"'Melhor!', repeti. 'Eu me sinto perfeito! Não sou o mesmo homem de cinco minutos atrás. Só preciso de uma coisa no mundo agora, um cigarro.'

"Maria pôs a mão no bolso do avental. 'Impossível, disse ela. 'Não tenho dinheiro. Isso é tudo que sobrou dos seus três francos e cinquenta: sete centavos. Não é suficiente; os cigarros mais baratos custam doze centavos o maço.'

"'Então não é impossível!', anunciei. 'Jesus Cristo, que sorte! Tenho cinco centavos, o suficiente.'

"Maria pegou os doze centavos e já estava saindo para ir à tabacaria. Então, algo que eu havia esquecido durante todo esse tempo invadiu minha cabeça. Lá estava aquela maldita Sainte Éloise! Eu tinha prometido a ela uma vela, se me mandasse dinheiro; e realmente, quem poderia dizer que meu pedido não foi atendido? Tinha pedido três ou quatro francos, e no momento seguinte apareceram três francos e cinquenta centavos. Não havia como escapar disso. Eu teria que gastar meus doze centavos com uma vela.

"Chamei Maria de volta. 'Não adianta', disse. 'Tem a Sainte

Éloise, prometi que acenderia uma vela para ela. Os doze centavos serão para isso. Que loucura, não é? Não posso ter meus cigarros, afinal.

“‘Sainte Éloise?’ disse Maria. ‘O que tem Sainte Éloise?’

“‘Rezei para ela pedindo dinheiro e prometi que acenderia uma vela’, falei. ‘Ela atendeu ao meu pedido, o dinheiro apareceu. Vou ter que comprar aquela vela. É um aborrecimento, mas tenho que cumprir minha promessa.’

“‘Mas o que fez você pensar em Sainte Éloise?’, Maria perguntou.

“‘A imagem dela’, e expliquei tudo. ‘Está ali, viu?’, e apontei para a imagem na parede.

“Maria olhou para a foto e, para minha surpresa, começou a gargalhar. Ela ria cada vez mais, andando pelo quarto e segurando os flancos gordos como se fossem explodir. Achei que ela tivesse enlouquecido. Dois minutos passaram antes que ela conseguisse falar.

“‘Idiota!’, ela gritou finalmente. ‘*T’es fou! T’es fou!* Está me dizendo que ajoelhou e rezou para aquela imagem? Quem disse que é de Sainte Éloise?’

“‘Eu tinha certeza de que era Sainte Éloise!’, respondi.

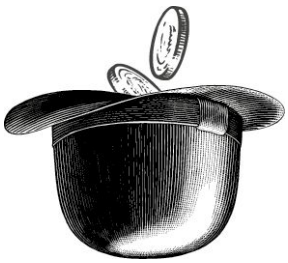
“‘Imbecil! Não é Sainte Éloise. Quem você acha que é?’

“‘Quem?’, perguntei.

“‘É Suzanne May, a mulher de quem este hotel empresta o nome.’

“Eu rezei para Suzanne May, a famosa prostituta do Império…

“Mas, não me arrependi, no fim. Maria e eu rimos muito disso, depois discutimos o assunto e fingimos que eu não devia nada a Sainte Éloise. Obviamente, não foi ela quem respondeu à oração, e não havia necessidade de comprar uma vela. E foi assim que eu tive meu maço de cigarros, afinal.”



CAPÍTULO 16

O tempo passava, e o Auberge de Jehan Cottard não dava sinais de abrir. Boris e eu fomos até lá um dia, durante nosso intervalo da tarde, e descobrimos que nenhuma das alterações tinha sido feita, exceto os quadros indecentes, e havia três cobradores, em vez de dois. O *patron* nos cumprimentou com a amabilidade de sempre e, no instante seguinte, olhou para mim (seu futuro lavador de pratos) e pediu cinco francos emprestados. Depois disso, tive certeza de que o restaurante nunca seria mais que conversa fiada. O *patron*, no entanto, novamente anunciou a inauguração para "exatamente quinze dias a partir de hoje", e nos apresentou à mulher que iria cozinhar, uma russa do Báltico com um metro e meio de altura e um metro de largura. Ela nos contou que já havia sido cantora antes de começar a cozinhar, era muito artística e adorava a literatura inglesa, especialmente *La Case de l'Oncle Tom*.

Em quinze dias, acostumei-me tanto com a rotina de *plongeur* que mal conseguia imaginar algo diferente. Era uma vida sem muitas variações. Às quinze para as seis, acordava de repente, vestia roupas duras de gordura e saía apressado, de cara suja e com os músculos protestando. Era madrugada e as janelas estavam escuras, exceto nos cafés dos trabalhadores. O céu era como uma vasta parede plana de cobalto, com telhados e espirais de papel preto colados nela. Homens sonolentos

varriam as calçadas com vassouras rústicas de três metros, e famílias esfarrapadas vasculhavam as latas de lixo. Trabalhadores e meninas com um pedaço de chocolate em uma das mãos e um *croissant* na outra entravam nas estações do metrô. Os bondes, cheios de mais trabalhadores, passavam ruidosos e sombrios. Eu descia apressado para a estação, lutava por um lugar – é preciso literalmente lutar no metrô de Paris às seis da manhã – e ficava preso no meio da massa móvel de passageiros, nariz com nariz com algum horrível rosto francês, respirando vinho azedo e alho. Depois descia para o labirinto do porão do hotel e esquecia a luz do dia até as duas da tarde, quando o sol estava forte e a cidade era negra de gente e carros.

Depois da primeira semana no hotel, sempre passava o intervalo da tarde dormindo ou, quando tinha dinheiro, em um bistrô. Exceto por alguns garçons ambiciosos que iam a aulas de inglês, toda a equipe ocupava o tempo de descanso dessa maneira; a preguiça depois da manhã de trabalho era grande demais para fazer algo melhor. Às vezes, uns cinco ou seis *plongeurs* davam uma festa e iam a um bordel abominável na Rue de Sieyès, cujo preço era só cinco francos e vinte e cinco centavos – dez centavos e meio. O lugar tinha um apelido, "*le prix fixe*", e eles costumavam descrever suas experiências lá como uma ótima piada. Era o ponto de encontro favorito dos trabalhadores do hotel. O salário dos *plongeurs* não permitia que eles se casassem e, sem dúvida, trabalhar no porão não incentiva sentimentalismo.

Passava mais quatro horas no porão e depois saía suando para a rua fresca. A luz era artificial, aquele estranho brilho púrpura das lâmpadas de Paris, e além do rio a Torre Eiffel brilhava de cima a baixo com luzes em zigue-zague, como

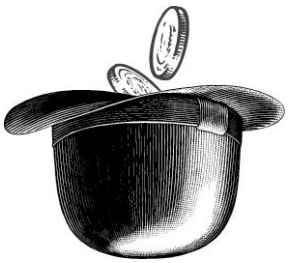
enormes serpentes de fogo. Fileiras de carros deslizavam silenciosamente de um lado para outro, e as mulheres, de aparência requintada na penumbra, passeavam para cima e para baixo pela arcada. Às vezes uma mulher olhava para Boris ou para mim e, percebendo nossas roupas engorduradas, desviava o olhar rapidamente. Depois de mais uma batalha no metrô, eu chegava em casa às dez. Geralmente, entre dez e meia-noite eu ia a um bistrô na nossa rua, um lugar subterrâneo frequentado por marinheiros árabes. Era um lugar ruim para brigar, e às vezes eu via garrafas sendo arremessadas, uma vez com um resultado terrível, mas em geral os árabes brigavam entre eles e deixavam os cristãos em paz. Raki, a bebida árabe, era muito barata, e o bistrô estava aberto a qualquer hora, pois os árabes, homens de sorte, tinham a capacidade de trabalhar o dia inteiro e beber a noite toda.

Era a vida típica de um *plongeur*, e não parecia uma vida ruim, na época. Eu não tinha sensação de pobreza, pois, mesmo depois de pagar o aluguel e reservar o suficiente para os cigarros, os transportes e a alimentação aos domingos, ainda tinha quatro francos por dia para beber, e quatro francos eram uma fortuna. Havia… é difícil explicar… uma espécie de contentamento pesado, o tipo de satisfação que um animal bem alimentado poderia sentir, em uma vida que se tornara tão simples. Pois nada poderia ser mais simples do que a vida de um *plongeur*. Ele vive num ritmo entre trabalho e sono, sem tempo para pensar, quase sem consciência do mundo exterior; sua Paris encolheu, se resume ao hotel, ao metrô, a alguns bistrôs e sua cama. Se ele se afasta, vai apenas a algumas ruas de distância, em uma jornada com uma garota que é empregada doméstica e senta no colo dele para devorar ostras

e cerveja. Em seu dia de folga, ele fica na cama até o meio-dia, veste uma camisa limpa, joga dados em troca de bebida e volta para a cama depois do almoço. Nada é totalmente real para ele, exceto o *boulot*, as bebidas e o sono; e desses, o sono é o mais importante.

Uma noite, de madrugada, houve um assassinato bem embaixo da minha janela. Acordei com um tumulto terrível, fui até a janela e vi um homem caído nas pedras lá embaixo; vi os assassinos, três deles, fugindo no fim da rua. Alguns de nós descemos e descobrimos que o homem estava morto, com o crânio rachado por um pedaço de cano de chumbo. Me lembro da cor do sangue, curiosamente púrpura, como vinho; ainda estava nas pedras quando voltei para casa naquela noite, e disseram que as crianças tinham vindo de muitos quilômetros no entorno para vê-lo. Mas o que me impressiona ao pensar nisso é que eu estava na cama e dormindo de novo três minutos depois do assassinato. Foi assim com a maioria das pessoas na rua; só verificamos que o homem estava morto e voltamos direto para a cama. Éramos trabalhadores, e qual era o sentido de desperdiçar tempo de sono por causa de um assassinato?

O trabalho no hotel me ensinou o verdadeiro valor do sono, assim como a fome me ensinou o verdadeiro valor da comida. O sono deixou de ser uma mera necessidade física; era algo voluptuoso, mais uma farra do que um alívio. Não tive mais problemas com os insetos. Mário havia me falado de um remédio seguro contra eles: pimenta espalhada generosamente sobre a roupa de cama. Aquilo me fazia espirrar, mas todos os insetos odiaram e migraram para outros quartos.



CAPÍTULO 17

Com trinta francos por semana para gastar em bebidas, eu podia participar da vida social do bairro. Tivemos algumas alegres noites de sábado no pequeno bistrô embaixo do Hôtel des Trois Moineaux.

A sala de piso de tijolos, de uns cinco metros quadrados, ficava lotada com vinte pessoas, e a fumaça escurecia o ar. O barulho era ensurdecedor, pois todo mundo falava o mais alto que podia ou cantava. Às vezes era apenas um barulho confuso de vozes; às vezes, todos cantavam juntos a mesma música – a *Marseillaise*, ou *Internationale*, ou *Madelon*, ou *Les Fraises et les Fram-boises*. Azaya, uma jovem camponesa grande e bastante roliça que trabalhava catorze horas por dia em uma fábrica de vidro, cantava uma canção sobre "*Il a perdu ses pantalons, tout en dansant le Charleston*". Sua amiga Marinette, uma garota magra e morena de virtude obstinada, unia os joelhos e dançava a *danse du ventre*. Dois velhos Rougiers entravam e saíam, mendigando bebidas e tentando contar uma longa e complicada história sobre alguém que uma vez os havia enganado por um estrado de cama. R., cadavérico e silencioso, sentava-se em seu canto e bebia em silêncio. Charlie, bêbado, dançava e cambaleava de um lado para outro com um copo de absinto falsificado em uma das mãos gordas, beliscando os seios das mulheres e declamando poesia. As pessoas jogavam dardos e dados apostando bebida. Manuel,

um espanhol, arrastava as meninas até o bar e sacudia a caixa de dados contra a barriga delas para dar sorte. Madame F. ficava no bar enchendo rapidamente *chopines* de vinho com um funil de estanho, mantendo um pano de prato molhado sempre à mão, porque todos os homens na sala tentavam fazer amor com ela. Duas crianças, filhos bastardos do grande Luís, o pedreiro, ficavam sentadas a um canto, compartilhando um copo de *sirop*. Todos eram muito felizes, absolutamente certos de que o mundo era um bom lugar, e nós, um conjunto notável de pessoas.

Durante uma hora, o barulho quase não diminuiu. Então, por volta da meia-noite, houve um grito agudo de "*Citoyens*!" e o barulho de uma cadeira caindo. Um operário loiro de rosto vermelho levantou-se e bateu com uma garrafa na mesa. Todo mundo parou de cantar; a notícia circulou, "Sh! Furex vai começar!" Furex era uma criatura estranha, um pedreiro de Limousin que trabalhava duro a semana inteira e se embriagava em uma espécie de surto aos sábados. Ele havia perdido a memória e não conseguia se lembrar de nada antes da guerra, e teria se arruinado com bebida se Madame F. não tivesse cuidado dele. Nas tardes de sábado, por volta das cinco horas, ela dizia a alguém: "Segure o Furex antes que ele gaste seu salário" e, quando o continha, ela tirava seu dinheiro, deixando só o suficiente para um bom drinque. Uma semana ele escapou e, andando bêbado e às cegas na Place Monge, foi atropelado por um carro e ferido gravemente.

O estranho em Furex era que, embora fosse comunista sóbrio, tornava-se violentamente patriota quando estava bêbado. Ele começou a noite com bons princípios comunistas, mas, depois de quatro ou cinco litros, tornou-se um chauvinista descarado, denunciando espiões, desafiando todos

os estrangeiros a brigar e, se não fosse impedido, jogando garrafas. Era nesse estágio que ele fazia seu discurso – porque ele fazia um discurso patriótico todos os sábados à noite. O discurso era sempre o mesmo, palavra por palavra. Assim:

> *Cidadãos da República, tem algum francês aqui? Se houver franceses aqui, me levanto para lembrá-los… para lembrá-los, na verdade, dos dias gloriosos da guerra. Quando se olha para trás, para aquele tempo de camaradagem e heroísmo… realmente se olha para trás, para aquele tempo de camaradagem e heroísmo. Quando alguém se lembra dos heróis que estão mortos… lembra, de fato, dos heróis que estão mortos. Cidadãos da República, eu fui ferido em Verdun…*

Nesse ponto ele se despia parcialmente e mostrava o ferimento que havia sofrido em Verdun. Havia gritos e aplausos. Achávamos que nada no mundo poderia ser mais engraçado que esse discurso de Furex. Ele era um espetáculo conhecido no bairro; as pessoas costumavam vir de outros bistrôs para vê-lo, quando esse surto começava.

Havia uma combinação para provocar Furex. Com uma piscadela para os outros, alguém pedia silêncio e sugeria que ele cantasse a *Marseillaise*. Ele cantava bem, com uma bela voz grave, com ruídos patrióticos gorgolejantes que brotavam bem do fundo do peito quando ele chegava em "*Aux arrmes, citoyens! Forrmez vos bataillons!*" Lágrimas sinceras corriam por seu rosto; ele estava bêbado demais para ver que todos riam dele. Então, antes que ele terminasse, dois trabalhadores fortes agarravam seus braços e o seguravam, enquanto Azaya gritava "*Vive l'Allemagne*!" fora do alcance dele. O rosto de Furex ficava roxo com a infâmia. Todos no bistrô começavam a gritar juntos "*Vive l'Allemagne! À bas la France!*", enquanto

Furex lutava para alcançá-los. Mas de repente ele estragava a diversão. O rosto ficava pálido e triste, os membros ficaram moles e, antes que alguém pudesse impedir, ele vomitava na mesa. Então, Madame F. o levantava como um saco e o carregava para a cama. De manhã, ele reaparecia calmo e educado e comprava um exemplar de *L'humanité*.

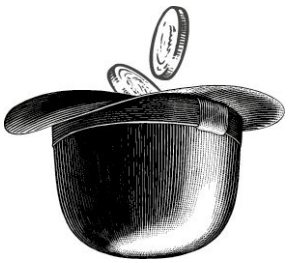
A mesa era limpa com um pano, Madame F. trazia mais garrafas e pães, e nos acomodávamos para beber de verdade. Havia mais músicas. Um cantor itinerante chegava com seu banjo e se apresentava por moedas de cinco centavos. Um árabe e uma garota do bistrô no fim da rua faziam uma coreografia, o homem empunhando um falo pintado de madeira do tamanho de um rolo de massa. Havia hiatos no barulho agora. As pessoas começavam a falar sobre seus casos de amor, e a guerra, e a pesca no Sena, e a melhor maneira de *faire la révolution*, e a contar histórias. Charlie, sóbrio novamente, dominava a conversa e falava sobre sua alma por cinco minutos. As portas e janelas eram abertas para resfriar a sala. A rua estava se esvaziando e, a distância, podia-se ouvir o solitário carro do leite retumbando pelo Boulevard St. Michel. O ar soprava frio em nossas testas, e o rústico vinho africano ainda tinha um sabor bom: ainda estávamos felizes, mas reflexivos, depois de toda a gritaria e o humor hilariante.

À uma hora não estávamos mais felizes. Sentíamos que a alegria da noite estava se esgotando e pedíamos rapidamente mais garrafas, mas Madame F. agora misturava água no vinho, e o sabor não era mais o mesmo. Os homens se tornavam beligerantes. As meninas eram beijadas com violência e tinham os seios apalpados, e iam embora antes que algo pior acontecesse. Louis, o pedreiro, estava bêbado e rastejava pelo chão latindo e fingindo ser um cachorro. Os outros se

cansavam dele e o chutavam quando ele passava. As pessoas seguravam o braço umas das outras e começavam longas confissões incoerentes, e ficavam zangadas quando não eram ouvidas. O público diminuía. Manuel e outro homem, ambos jogadores, iam para o bistrô árabe, onde se jogavam cartas até o amanhecer. Charlie de repente fazia um empréstimo de trinta francos com Madame F. e desaparecia, provavelmente para um bordel. Os homens começavam a esvaziar os copos, despediam-se com rápidos "*sieurs, dames*!" e iam para a cama.

Por volta de uma e meia, a última gota de prazer tinha evaporado, deixando nada mais que dores de cabeça. Percebíamos que não éramos esplêndidos habitantes de um mundo esplêndido, mas um bando de trabalhadores mal remunerados que se embriagaram de forma miserável e deprimente. Continuávamos a beber o vinho, mas era apenas por hábito, e de repente o líquido parecia nauseante. A cabeça estava inchada como um balão, o chão balançava, a língua e os lábios estavam manchados de roxo. Por fim, não adiantava mais continuar ali. Vários homens saíram para o pátio atrás do bistrô e vomitavam. Rastejávamos para a cama, caíamos nela meio vestidos e ficávamos lá por dez horas.

A maior parte das minhas noites de sábado era assim. De maneira geral, as duas horas de perfeita e incontrolável felicidade pareciam compensar a dor de cabeça subsequente. Para muitos homens do bairro, homens solteiros e sem um futuro em que pensar, a bebedeira semanal era a única coisa que fazia a vida valer a pena.



CAPÍTULO 18

Charlie nos contou uma boa história numa noite de sábado no bistrô. Tente imaginá-lo bêbado, mas sóbrio o suficiente para falar consecutivamente. Ele bate no balcão de zinco e grita pedindo silêncio:

– Silêncio, *messieurs et dames*, silêncio, eu imploro! Ouçam essa história que vou contar. Uma história memorável, uma história instrutiva, uma das lembranças de uma vida requintada e civilizada. Silêncio, *messieurs et dames*!

"Aconteceu em um momento em que eu estava duro. Você sabe como é isso, que desgraça é um homem refinado estar nessa condição. Meu dinheiro não tinha sido enviado de casa; eu havia penhorado tudo e não tinha nenhuma perspectiva, exceto trabalhar, que é uma coisa que não farei. Eu morava com uma garota na época, Yvonne era o nome dela, uma grande camponesa meio estúpida como Azaya ali, com cabelos amarelos e pernas gordas. Nós dois não comíamos nada havia três dias. *Mon Dieu*, que sofrimento! A menina andava de um lado para o outro com as mãos na barriga, uivando como um cachorro que estava morrendo de fome. Era terrível.

"Mas, para um homem inteligente, nada é impossível. Perguntei a mim mesmo: 'Qual é a maneira mais fácil de ganhar dinheiro sem trabalhar?' E imediatamente tive a resposta: 'Para ganhar dinheiro com facilidade, é preciso ser

mulher. Toda mulher não tem algo para vender?' E então, enquanto refletia sobre as coisas que faria se fosse mulher, tive uma ideia. Me lembrei das maternidades do Governo… conhecem as maternidades do Governo? São lugares onde as mulheres que estão *enceinte* recebem refeições gratuitas e nenhuma pergunta é feita. Serve para incentivar a procriação. Qualquer mulher pode ir lá e exigir uma refeição, e a recebe imediatamente.

"'*Mon Dieu!*', pensei, 'se eu fosse mulher! Comeria nesses lugares todos os dias. Quem pode dizer se uma mulher está *enceinte* ou não, sem um exame?'

"Eu disse a Yvonne. 'Pare com essa choradeira insuportável.' E contei: 'Pensei em uma maneira de conseguir comida'.

"'Como?', ela perguntou.

"'É simples', respondi. "Vá à maternidade do governo. Diga que está grávida e peça comida. Eles vão servir uma boa refeição sem fazer perguntas.'

"Yvonne ficou chocada. '*Mais, mon Dieu*', gritou, 'não estou grávida!'

"'Quem se importa?' Retruquei. 'Isso é fácil de resolver. De que precisa, além de uma almofada… duas almofadas, se for necessário? É uma inspiração do céu, *ma chère*. Não a desperdice.'

"Bem, no fim, eu a convenci, e então pegamos uma almofada emprestada e eu a preparei e a levei até a maternidade. Eles a receberam de braços abertos. Serviram sopa de repolho, um *ragoût* de carne, *purée* de batatas, pão, queijo e cerveja, e deram todos os tipos de conselhos sobre o

bebê. Yvonne empanturrou-se até quase estourar e conseguiu enfiar um pouco do pão e do queijo no bolso para mim. Eu a levei lá todos os dias até ter dinheiro novamente. Minha inteligência nos salvou.

"Tudo correu bem até um ano mais tarde. Eu estava com Yvonne de novo, e um dia caminhávamos pelo Boulevard Port Royal, perto do quartel. De repente, Yvonne abriu a boca e começou a ficar vermelha e branca, e vermelha novamente.

"'*Mon Dieu!*' ela gritou, "olha só quem vem ali! É a enfermeira que cuidava da maternidade. Estou arruinada!'

"'Rápido!', falei, 'corra!' Mas era tarde demais. A enfermeira reconheceu Yvonne e veio em nossa direção sorrindo. Ela era uma mulher grande e gorda com um *pince-nez* dourado e bochechas vermelhas como uma maçã. Um tipo de mulher maternal e intrometida.

"'Espero que esteja bem, *ma petite*', ela disse com tom gentil. 'E seu bebê também está bem? É menino, como você esperava?' Yvonne começou a tremer tanto que tive que segurá-la pelo braço. 'Não', ela respondeu finalmente. 'Ah, então, *évidemment*, é menina?'

"A partir daí, Yvonne, a idiota, perdeu a cabeça completamente. 'Não', ela repetiu!

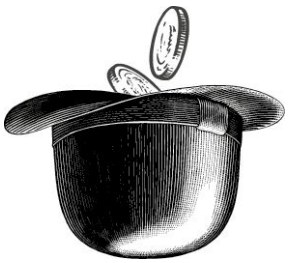
"A enfermeira ficou surpresa. '*Comment*!', ela exclamou, 'nem menino, nem menina! Mas como pode ser isso?'

"Imaginem, *messieurs et dames*, que foi um momento perigoso. Yvonne estava da cor de uma beterraba e parecia prestes a cair no choro; mais um segundo, e ela teria confessado tudo. Deus sabe o que poderia ter acontecido. Mas mantive a calma, interferi e resolvi a situação.

“‘Eram gêmeos’, falei com tranquilidade.

“‘Gêmeos!’, exclamou a enfermeira. E ficou tão satisfeita que segurou Yvonne pelos ombros e a beijou nas duas faces em público.

“Sim, gêmeos…”



CAPÍTULO 19

Um dia, quando estávamos no Hôtel X havia cinco ou seis semanas, Boris desapareceu sem avisar. À noite, eu o encontrei esperando por mim na Rue de Rivoli. Ele bateu no meu ombro com animação.

– Finalmente livre, *mon ami*! Pode se demitir. O Auberge abre amanhã.

– Amanhã?

– Bem, vamos precisar de um ou dois dias para organizar as coisas. Mas, de qualquer maneira, chega de cafeteria! *Nous sommes lancés, mon ami!* Já tirei meu paletó de fraque do penhor.

Suas maneiras eram tão cordiais que tive certeza de que havia algo errado, e não queria, de forma alguma, deixar meu trabalho seguro e confortável no hotel. No entanto, eu havia prometido a Boris, então me demiti e na manhã seguinte, às sete, fui ao Auberge de Jehan Cottard. Estava trancado, e fui procurar Boris, que mais uma vez havia fugido de onde se hospedava e alugado um quarto na Rue de la Groix Nivert. Eu o encontrei dormindo com uma garota que ele tinha encontrado na noite anterior e que disse ser "de temperamento muito simpático". Quanto ao restaurante, ele disse que estava tudo arranjado; só faltava cuidar de alguns pequenos detalhes,

antes da inauguração.

Às dez, consegui tirar Boris da cama, e abrimos a porta do restaurante. De relance, vi o que significavam as "pequenas coisas". Resumindo, as alterações não tinham progredido desde nossa última visita. Os fogões para a cozinha não tinham chegado, a água e a eletricidade não tinham sido ligadas, e havia todo tipo de pintura, polimento e carpintaria para fazer. Nada menos que um milagre poderia garantir a inauguração do restaurante em dez dias e, aparentemente, ele poderia desabar antes mesmo de abrir. O que havia acontecido era evidente. O *patron* estava sem dinheiro e contratou o estafe (éramos quatro) para trabalharmos como operários. Ele teria nossos serviços quase de graça, pois os garçons não recebem salário e, embora tivesse de me pagar, não forneceria minha alimentação até que o restaurante abrisse. Na verdade, ele nos extorquiu várias centenas de francos quando mandou nos chamar antes de abrir o restaurante. Tínhamos abandonado um bom emprego por nada.

Mas Boris estava cheio de esperança. Tinha apenas uma ideia na cabeça, a de que finalmente havia uma chance de ser garçom e vestir um fraque novamente. Por isso, ele estava disposto a trabalhar dez dias sem remuneração, com a possibilidade de acabar desempregado, no final.

– Paciência! – ficava repetindo. – Isso vai se ajeitar. Espere até o restaurante abrir, e vamos recuperar tudo. Paciência, *mon ami*!

Precisávamos de paciência, pois dias se passaram e o restaurante não fez nenhum progresso na direção da inauguração. Limpamos os porões, consertamos as prateleiras, pintamos as paredes, polimos a madeira, caiamos o teto,

enceramos o chão; mas o trabalho principal, encanamento, gás e eletricidade, ainda não havia sido feito, porque o *patron* não podia pagar as contas. Evidentemente, ele estava quase sem dinheiro nenhum, pois recusava até as menores cobranças e desaparecia rapidamente quando lhe pediam dinheiro. Era muito difícil lidar com essa sua mistura de inconstância e maneiras aristocráticas. Os idiotas melancólicos iam procurá-lo a qualquer hora e, seguindo suas instruções, sempre dizíamos que ele estava em Fontainebleau, ou Saint Cloud, ou em algum outro lugar bem distante. Enquanto isso, eu sentia cada vez mais fome. Tinha saído do hotel com trinta francos e fui forçado a voltar imediatamente a uma dieta de pão seco. Boris havia conseguido tirar um adiantamento de sessenta francos do *patron* no início, mas gastara a metade para resgatar as roupas de garçom do penhor, e a outra metade com a moça de temperamento simpático. Ele fazia empréstimos diários de três francos com Jules, o segundo garçom, e gastava esse dinheiro com pão. Em alguns dias não tínhamos dinheiro nem para o tabaco.

Às vezes, a cozinheira vinha ver como estavam as coisas e chorava quando via que a cozinha ainda estava vazia, sem panelas e utensílios. Jules, o segundo garçom, recusou-se firmemente a ajudar no trabalho. Ele era húngaro, um rapazinho moreno, de feições bem definidas, de óculos e muito falante; havia sido estudante de medicina, mas abandonou a faculdade por falta de dinheiro. Ele gostava de conversar enquanto outras pessoas trabalhavam, e me contou tudo sobre si mesmo e suas ideias. Aparentemente, ele era comunista e tinha várias teorias estranhas (conseguia provar por meio de números que era errado trabalhar), e ele também era, como a maioria dos húngaros, muito orgulhoso. Homens orgulhosos e

preguiçosos não são bons garçons. O maior orgulho de Jules era, uma vez, ao ser insultado por um cliente de um restaurante, ter derramado um prato de sopa quente no pescoço do homem e saído de lá imediatamente, sem nem mesmo esperar para ser demitido.

A cada dia que passava, Jules ficava cada vez mais furioso com o golpe que o *patron* tinha aplicado em nós. Ele tinha um jeito eloquente de falar. Costumava andar para cima e para baixo brandindo o punho e tentando me convencer a não trabalhar:

– Largue essa escova, seu idiota! Você e eu pertencemos a raças orgulhosas; não trabalhamos de graça, como esses malditos servos russos. Vou dizer, ser enganado desse jeito é uma tortura para mim. Houve momentos em minha vida quando alguém tirou só cinco centavos de mim e eu vomitei, sim, vomitei de raiva.

"Além disso, *mon vieux*, não se esqueça de que sou comunista. *À bas la bourgeoisie*! Alguém alguma vez me viu trabalhando quando eu podia evitar? Não. E não só não me canso trabalhando como vocês, idiotas, mas roubo, só para mostrar minha independência. Certa vez, estive em um restaurante onde o *patron* achou que poderia me tratar como um cachorro. Bem, para me vingar, encontrei um jeito de roubar leite das latas e lacrá-las de novo para que ninguém notasse. Vou lhe contar, eu bebia aquele leite noite e dia. Bebia quatro litros de leite todos os dias, além de meio litro de creme. O *patron* estava ficando maluco para tentar descobrir para onde ia o leite. Não que eu quisesse leite, entenda, porque odeio leite; era uma questão de princípio, só princípio.

“Bem, depois de três dias, comecei a sentir dores horríveis na barriga e fui ao médico. ‘O que você tem comido?’, ele perguntou. Eu respondi: ‘Bebo quatro litros de leite e meio litro de creme por dia’. ‘Quatro litros!’ ele disse. ‘Então pare imediatamente. Você vai explodir se continuar’. ‘Por que me importaria?’, disse a ele. ‘Para mim, o princípio é tudo. Vou continuar bebendo esse leite, mesmo que exploda.’

“Bem, no dia seguinte o *patron* me pegou roubando leite. ‘Você está demitido’, disse ele. ‘Fica apenas até o fim da semana.’ ‘*Pardon, monsieur*’, respondi, ‘eu saio hoje.’ ‘Não, não sai’, ele insistiu, ‘preciso de você aqui até sábado.’ ‘Muito bem, *mon patron’,* pensei comigo mesmo, ‘vamos ver quem cansa disso primeiro.’ E então me dediquei a quebrar a louça. Quebrei nove pratos no primeiro dia e treze no segundo; depois disso, o *patron* ficou feliz por me ver pelas costas.

“Ah, não sou um dos seus *moujiks* russos…”

Dez dias passaram. Foi uma época ruim. Meu dinheiro estava quase acabando, e meu aluguel estava vários dias atrasado. Vagávamos pelo restaurante vazio e escuro, com fome demais até para continuar com o trabalho que faltava. Só Boris ainda acreditava que o restaurante iria abrir. Ele tinha decidido que seria *maître d’hôtel* e inventou a teoria de que o dinheiro do *patron* estava preso em ações, e ele esperava um momento favorável para vender os papéis. No décimo dia eu não tinha nada para comer ou fumar, e disse ao *patron* que não poderia continuar trabalhando sem um adiantamento do meu salário. Com a mesma tranquilidade de sempre, o *patron* prometeu o adiantamento e depois, como costumava fazer, desapareceu. Percorri a pé parte do caminho para casa, mas não me sentia disposto para enfrentar uma cena com Madame F. pelo atraso do aluguel, e passei a noite em um banco no

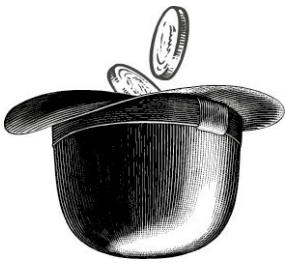
boulevard. Era muito desconfortável – o braço do assento machuca as costas – e muito mais frio do que eu esperava. Tive muito tempo, naquelas longas horas enfadonhas entre o amanhecer e o trabalho, para pensar se havia sido idiota ao me colocar nas mãos daqueles russos.

Então, pela manhã, a sorte mudou. Evidentemente, o *patron* havia conseguido fazer um acordo com seus credores, pois chegou com dinheiro no bolso, deu andamento às alterações e me deu o adiantamento. Boris e eu compramos macarrão e um pedaço de fígado de cavalo e fizemos nossa primeira refeição quente em dez dias.

Os operários chegaram, e as obras foram feitas rapidamente e sem nenhum cuidado ou qualidade. As mesas, por exemplo, deveriam ser cobertas com baeta, mas, quando o *patron* descobriu que baeta era um tecido caro, comprou cobertores do exército que não eram mais usados e tinham um cheiro entranhado de suor. As toalhas de mesa (xadrez, para combinar com as decorações "normandas") os escondiam, é claro. Na última noite ficamos trabalhando até as duas da manhã, deixando tudo pronto. A louça só chegou às oito e, por ser nova, precisava ser lavada. Os talheres só chegaram na manhã seguinte, assim como as toalhas de mesa e os panos e guardanapos, e tivemos que enxugar a louça com uma camisa do *patron* e uma fronha velha que tinha sido do *concierge*. Boris e eu fizemos todo o trabalho. Jules se esquivava, e o *patron* e sua esposa estavam sentados no bar com um credor e alguns amigos russos, bebendo ao sucesso do restaurante. A cozinheira estava na cozinha com a cabeça apoiada na mesa, chorando, porque teria que cozinhar para cinquenta pessoas, e não havia panelas e frigideiras nem para dez. Por volta da meia-noite, houve uma terrível discussão

com alguns cobradores, que chegaram com a intenção de apreender oito panelas de cobre que o *patron* havia comprado no crédito. Eles foram subornados com meia garrafa de conhaque.

Jules e eu perdemos o último metrô para casa e tivemos que dormir no chão do restaurante. A primeira coisa que vimos pela manhã foram dois ratos grandes sentados na mesa da cozinha, comendo um presunto que estava ali. Parecia um mau presságio, e eu tive mais certeza que nunca de que o Auberge de Jehan Cottard seria um fracasso.



CAPÍTULO 20

O *patron* me contratou como *plongeur* de cozinha; isto é, meu trabalho era lavar a louça, manter a cozinha limpa, preparar vegetais, fazer chá, café e sanduíches, cozinhar as coisas mais simples e cuidar de várias tarefas na rua. As condições eram, como sempre, quinhentos francos por mês e comida, mas eu não tinha dias de folga nem horário fixo de trabalho. No Hôtel X, eu tinha visto o melhor serviço, com dinheiro ilimitado e boa organização. Agora, no Auberge, aprendia como as coisas eram feitas em um restaurante totalmente ruim. Vale a pena descrevê-lo, pois há centenas de restaurantes semelhantes em Paris, e todo visitante se alimenta em um deles, de vez em quando.

Aliás, preciso dizer que o Auberge não era o tipo comum de restaurante barato frequentado por estudantes e operários. Não fornecíamos uma refeição razoável por menos de vinte e cinco francos e éramos pitorescos e artísticos, o que elevava nossa posição social. Havia os quadros indecentes no bar e as decorações normandas – vigas falsas nas paredes, lâmpadas elétricas travestidas de castiçais, cerâmica "camponesa" e até um degrau para montaria na porta – e o *patron* e o garçom eram russos oficiais, e muitos clientes levavam refugiados russos. Resumindo, éramos decididamente chiques.

No entanto, as condições além da porta da cozinha eram

próprias de um chiqueiro. Porque a configuração da área de serviço era assim.

A cozinha media cinco metros de comprimento por dois e meio de largura, e metade desse espaço era ocupado por fogões e mesas. Todas as panelas tinham que ser mantidas em prateleiras fora do alcance e só havia espaço para uma lata de lixo. Essa lata de lixo costumava estar transbordando ao meio-dia, e o chão normalmente tinha uns três centímetros de uma mistura de comida pisoteada.

Para cozinhar, tínhamos só três bocas de gás, sem fornos, e todas as carnes tinham que ser assadas na padaria.

Não havia despensa. O que havia no lugar dela era um galpão semicoberto no quintal, com uma árvore crescendo no meio dele. A carne, os vegetais e todo o resto ficavam lá na terra nua, atacados por ratos e gatos.

Não havia água quente encanada. A água para lavar a louça tinha que ser aquecida em panelas e, como não havia lugar para elas nos fogões durante o preparo das refeições, a maior parte dos pratos tinha que ser lavada em água fria. Isso, com sabão macio e a água dura de Paris, significava ter que raspar a gordura com pedaços de jornal.

Faltavam tantas panelas, que eu tinha que lavar cada uma assim que acabava de ser usada, em vez de deixá-las lá até o fim da tarde. Só isso, provavelmente, significava um desperdício de uma hora por dia.

Devido a alguma fraude na instalação para reduzir os gastos, a luz elétrica geralmente apagava às oito da noite. O *patron* só nos permitia três velas na cozinha, e a cozinheira dizia que o número três dava azar, então tínhamos apenas duas.

Nosso moedor de café era emprestado de um bistrô próximo, e a lata de lixo e as vassouras eram do *concierge*. Depois da primeira semana, uma parte das roupas não voltou da lavanderia, porque a conta não foi paga. Estávamos em apuros com o fiscal do trabalho, que descobrira que o estafe não incluía franceses; ele teve várias reuniões privadas com o *patron*, que, creio eu, foi obrigado a suborná-lo. A companhia elétrica ainda estava nos cobrando, e, quando os cobradores descobriram que seriam subornados com aperitivos, passaram a aparecer todas as manhãs. Estávamos endividados na mercearia, e o crédito teria sido suspenso se a mulher do dono (uma bigoduda de 60 anos) não gostasse de Jules, que era enviado todas as manhãs para bajulá-la. Da mesma forma, eu tinha que perder uma hora todos os dias pechinchando pelos vegetais na Rue du Commerce para economizar alguns centavos.

Isso é o que acontece quando se abre um restaurante com capital insuficiente. E, nessas condições, a cozinheira e eu tínhamos que servir trinta ou quarenta refeições por dia, e mais tarde serviríamos cem. Desde o primeiro dia isso foi demais para nós. O horário de trabalho da cozinheira era das oito da manhã à meia-noite, e o meu, das sete da manhã à meia-noite e meia – dezessete horas e meia, quase sem intervalo. Só tínhamos tempo para sentar às cinco da tarde e, mesmo assim, não havia lugar para sentar, exceto em cima da lata de lixo. Boris, que morava perto e não precisava pegar o último metrô para casa, trabalhava das oito da manhã às duas da manhã seguinte – dezoito horas por dia, sete dias por semana. Esses expedientes, embora não sejam habituais, não são nada extraordinários em Paris.

A vida se encaixou imediatamente em uma rotina que fez o

Hôtel X parecer um feriado. Todas as manhãs, às seis, eu saía da cama, não fazia a barba, às vezes me lavava, corria para a Place d'Italie e lutava por um lugar no metrô. Por volta das sete, estava na desolação da cozinha fria e imunda, com cascas de batatas, ossos e rabos de peixe espalhados pelo chão e uma pilha de pratos grudados na gordura uns dos outros, esperando desde a noite anterior. Eu não podia começar a lavar os pratos ainda, porque a água estava fria e eu tinha que ir buscar leite e fazer café, pois os outros chegavam às oito e esperavam encontrar o café pronto. Além disso, sempre havia várias panelas de cobre para limpar. Essas panelas de cobre são a ruína da vida de um *plongeur*. Têm que ser esfregadas com areia e tufos de metal, dez minutos cada uma, e depois polidas por fora com Brasso. Felizmente, a arte de fabricá-las se perdeu e, aos poucos, elas estão desaparecendo das cozinhas francesas, embora ainda seja possível comprá-las de segunda mão.

Quando eu começava a lavar pratos, o cozinheiro me interrompia e mandava descascar as cebolas, e quando eu começava as cebolas o *patron* chegava e me mandava comprar repolhos. Quando eu voltava com os repolhos, a mulher do *patron* me mandava a alguma loja a oitocentos metros de distância para comprar um pote de *rouge*; quando eu voltava, havia mais vegetais esperando, e os pratos ainda não estavam limpos. Assim, nossa incompetência empilhava tarefa sobre tarefa ao longo do dia, tudo atrasado.

Até as dez, as coisas eram relativamente fáceis, embora trabalhássemos com rapidez e ninguém perdesse a paciência. A cozinheira encontrava tempo para falar sobre sua natureza artística, perguntar se eu não achava Tolstói *épatant*, e cantava com uma bela voz de soprano enquanto picava carne na tábua.

Mas às dez os garçons começavam a clamar pela comida, pois almoçavam cedo, e às onze os primeiros clientes chegavam. De repente, tudo virava pressa e mau humor. Não havia a mesma agitação furiosa e os gritos, como no Hôtel X, mas uma atmosfera de confusão, rancor mesquinho e exasperação. O desconforto era a base de tudo. A cozinha era insuportavelmente apertada, a louça tinha de ser posta no chão, e era preciso pensar constantemente em não pisar nelas. As enormes nádegas da cozinheira batiam em mim quando ela se movia para lá e para cá. Um coro incessante e irritante de ordens emanava dela:

– Idiota indizível! Quantas vezes já disse para não sangrar as beterrabas? Rápido, preciso chegar à pia! Guarde essas facas; continue com as batatas. O que você fez com minha peneira? Oh, deixe essas batatas. Eu não mandei você desnatar o *bouillon*? Tire aquela lata de água do fogão. Esqueça a lavagem, pique este aipo. Não, assim não, seu tolo, assim. Isso! Olhe só, está deixando essas ervilhas ferver! Agora comece a trabalhar e tirar as escamas desses arenques. Olhe, você acha que esse prato está limpo? Limpe com o avental. Ponha essa salada no chão. É isso mesmo, ponha onde vou pisar! Cuidado, aquela panela está fervendo! Pegue aquela panela no alto. Não, a outra. Ponha na grelha. Jogue fora essas batatas. Não perca tempo, jogue no chão. Pise nelas. Agora jogue um pouco de serragem; esse chão parece um rinque. Olhe, seu idiota, aquele bife está queimando! *Mon Dieu*, por que me mandaram um idiota como *plongeur*? Com quem pensa que está falando? Sabe que minha tia era uma condessa russa? – e assim por diante.

Isso se estendia até as três horas sem muita variação, com exceção de uma pequena *crise de nerfs* e uma torrente de

lágrimas que a cozinheira derramava por volta das onze. Os garçons tinham folga das três às cinco, mas a cozinheira ainda estava ocupada, e eu trabalhava o mais rápido que podia, pois havia uma pilha de pratos sujos esperando e era uma correria para lavar todos, ou parte deles antes de o jantar começar. A tarefa era duplicada pelas condições primitivas – um escorredor apertado, água morna, panos encharcados e uma pia que entupia uma vez por hora. Por volta das cinco, a cozinheira e eu estávamos meio tontos, sem comer ou sentar desde as sete. Costumávamos desabar, ela na lata de lixo e eu no chão, beber uma garrafa de cerveja e pedir desculpas por algumas coisas que tínhamos falado pela manhã. O chá era o que nos fazia continuar. Cuidávamos para ter sempre um bule cheio e bebíamos canecas durante o dia.

Às cinco e meia recomeçavam a correria e as brigas, piores do que antes, porque todos estavam cansados. A cozinheira tinha uma *crise de nerfs* às seis e outra às nove; eram tão regulares que se podia controlar o horário pelos episódios. Ela desmoronava sobre a lata de lixo, começava a chorar de maneira histérica e gritava que nunca, não, nunca havia pensado em ter uma vida como essa; seus nervos não suportariam; ela havia estudado música em Viena; tinha um marido acamado para sustentar, etc. etc. Em outras circunstâncias, alguém teria sentido pena dela, mas, cansados como estávamos, sua voz chorosa só nos enfurecia. Jules costumava parar na porta e imitar seu choro. A esposa do *patron* resmungava, e Boris e Jules brigavam o dia todo, porque Jules fugia do trabalho, e Boris, como garçom-chefe, ficava com a maior parte das gorjetas. Já no segundo dia depois da inauguração do restaurante, eles começaram a brigar na cozinha por causa de uma gorjeta de dois francos, e a

cozinheira e eu tivemos de separá-los. A única pessoa que nunca esquecia suas maneiras era o *patron*. Ele mantinha o mesmo horário que todos nós, mas não tinha trabalho para fazer, pois era a esposa dele quem realmente administrava tudo. Sua única função, além de encomendar os suprimentos, era ficar no bar fumando e parecendo um cavalheiro, e isso ele fazia com perfeição.

A cozinheira e eu geralmente achávamos tempo para jantar entre dez e onze horas. À meia-noite, a cozinheira roubava um pacote de comida para o marido, enfiava-o debaixo das roupas e fugia, choramingando que esse horário a mataria e que ela se demitiria pela manhã. Jules também saía à meia-noite, geralmente depois de uma briga com Boris, que tinha que cuidar do bar até as duas. Entre meia-noite e meia-noite e meia, eu fazia o possível para terminar de lavar a louça. O tempo não era suficiente para tentar fazer o trabalho direito, e eu costumava simplesmente esfregar a gordura dos pratos com guardanapos. Quanto à sujeira no chão, deixava lá, ou varria o pior para baixo dos fogões.

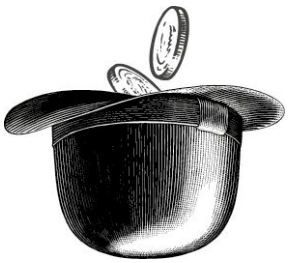
À meia-noite e meia, eu vestia meu casaco e saía correndo. O *patron*, calmo como sempre, me parava quando eu passava pelo corredor do bar.

– *Mais, mon cher monsieur*, como parece cansado! Por favor, aceite este copo de conhaque.

Ele me entregava a taça de conhaque com grande cortesia, como se eu fosse um duque russo, não um *plongeur*. Era assim que tratava todos nós. Essa era nossa remuneração por dezessete horas diárias de trabalho.

Via de regra, o último metrô ficava quase vazio, uma grande vantagem, porque se podia sentar e dormir por quinze minutos.

Geralmente, à uma e meia eu estava na cama. Às vezes perdia o trem e tinha que dormir no chão do restaurante, mas isso nem tinha muita importância, porque àquela hora eu seria capaz de dormir sobre paralelepípedos.



CAPÍTULO 21

Essa vida durou umas duas semanas, com um ligeiro aumento de trabalho à medida que mais clientes descobriam o restaurante. Eu poderia ter economizado uma hora por dia alugando um quarto perto do restaurante, mas era impossível encontrar tempo para mudar de endereço – ou, na verdade, para cortar o cabelo, olhar um jornal ou até me despir completamente. Depois de dez dias, consegui ter quinze minutos livres e escrevi para meu amigo B. em Londres perguntando se ele poderia me arranjar algum tipo de emprego, qualquer coisa, desde que me permitisse mais de cinco horas de sono. Simplesmente não me sentia capaz de continuar com uma jornada de dezessete horas, embora muita gente não pense como eu. Quando se está sobrecarregado, um bom remédio para a autopiedade é pensar nos milhares de pessoas nos restaurantes de Paris que trabalham nesse mesmo ritmo e vão continuar trabalhando, não por algumas semanas, mas por anos. Havia uma garota em um bistrô perto do meu hotel que trabalhou das sete da manhã à meia-noite durante um ano inteiro, sentando apenas para fazer suas refeições. Lembro-me de uma vez que a convidei para ir a um baile, ela riu e disse que fazia vários meses que não ia além da esquina. Ela estava tuberculosa e morreu mais ou menos na época em que deixei Paris.

Depois de apenas uma semana, estávamos todos

neurastênicos de fadiga, exceto Jules, que fugia do trabalho de maneira persistente. As brigas, a princípio intermitentes, se tornaram contínuas. Alguém passava horas sustentando um fluxo constante de resmungos inúteis, que se transformava em tempestades de abuso em intervalos regulares de alguns minutos.

– Pega essa panela, idiota! – gritava a cozinheira (ela não era alta o suficiente para alcançar as prateleiras onde as panelas eram guardadas).

– Pega você, sua puta velha – eu respondia.

Esses comentários pareciam ser gerados espontaneamente pelo ar da cozinha.

Discutíamos por coisas de uma mesquinhez inconcebível. A lata de lixo, por exemplo, era uma fonte interminável de brigas – se deveria ser colocada onde eu queria, que era no caminho da cozinheira, ou onde ela queria, que era entre mim e a pia. Certa vez, ela me importunou e me importunou até que, por fim, por puro rancor, peguei a lata de lixo e a pus no meio da cozinha, onde ela certamente tropeçaria.

– Agora, sua vaca – falei – tire daí você mesma.

Pobre velha, a lata era pesada demais para ela levantar, e ela se sentou, apoiou a cabeça na mesa e começou a chorar. E eu debochei dela. Esse é o tipo de efeito que a fadiga exerce sobre o comportamento de uma pessoa.

Depois de alguns dias, a cozinheira parou de falar sobre Tolstói e sua natureza artística, e ela e eu não conversávamos mais, exceto sobre coisas do trabalho, e Boris e Jules não estavam se falando, e nenhum dos dois falava com a cozinheira. Até Boris e eu mal falávamos um com o outro.

Tínhamos combinado de antemão que os *engueulades* do horário de expediente não fariam diferença fora do trabalho; mas tínhamos chamado um ao outro de coisas muito ruins para serem esquecidas, e, além disso, não havia mais nada fora do trabalho. Jules foi ficando cada vez mais preguiçoso e roubava comida constantemente, por uma noção de dever, dizia. Ele chamava os outros de *jaune* – pelego – quando se recusavam a roubar com ele. Jules tinha um espírito curioso, maligno. Ele me disse, como se fosse motivo de orgulho, que às vezes torcia um pano de prato sujo na sopa de um cliente antes de levá-la, só para se vingar de um membro da burguesia.

A cozinha ficou mais suja, e os ratos, mais ousados, embora tivéssemos capturado alguns nas ratoeiras. Olhando para aquele lugar imundo, com carne crua jogada em meio ao lixo no chão, panelas frias, com sujeira grudada, espalhadas por toda parte e a pia entupida e coberta de gordura, eu me perguntava se poderia haver no mundo um restaurante tão ruim quanto o nosso. Mas os outros três disseram que já haviam estado em lugares mais sujos. Jules sentia prazer em ver as coisas sujas. À tarde, quando não tinha muito o que fazer, ele ficava parado na porta da cozinha zombando de nós por trabalharmos demais:

– Idiota! Por que você lava esse prato? Limpa na calça. Quem se preocupa com os clientes? Eles não sabem o que está acontecendo. O que é trabalhar em restaurante? Você está cortando uma galinha e ela cai no chão. Você se desculpa, se curva, se retira; e em cinco minutos você volta por outra porta com a mesma galinha. Isso é trabalhar em restaurante. – E coisas assim.

E, é estranho dizer, apesar de toda essa imundície e incompetência, o Auberge de Jehan Cottard era realmente um

sucesso. Nos primeiros dias, todos os nossos clientes eram russos, amigos do *patron*, e depois deles vieram os americanos e outros estrangeiros – nenhum francês. Certa noite, houve uma tremenda comoção, porque nosso primeiro francês havia chegado. Por um momento, esquecemos nossas brigas e nos unimos no esforço de servir um bom jantar. Boris entrou na cozinha na ponta dos pés, apontou o polegar por cima do ombro e sussurrou com tom conspirador:

– *Sh! Attention, un Français!*

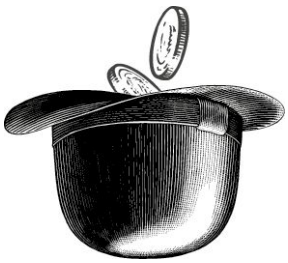
Um momento depois, a esposa do *patron* entrou e sussurrou:

– *Attention, un Français!* Sirvam para ele o dobro da porção de vegetais.

Enquanto o francês comia, a esposa do *patron* ficou atrás da grade da porta da cozinha observando sua expressão. Na noite seguinte, o francês voltou com dois outros franceses. Isso significava que estávamos construindo um bom nome; o sinal mais seguro de que um restaurante é ruim é ser frequentado apenas por estrangeiros. Provavelmente, parte do motivo de nosso sucesso era que o *patron*, com o único vislumbre de bom senso que demonstrara ao equipar o restaurante, comprara facas de mesa muito afiadas. Facas afiadas, é claro, são o segredo de um restaurante de sucesso. Fico feliz por isso ter acontecido, pois destruiu uma de minhas ilusões, a de que os franceses conhecem uma boa comida quando a veem. Ou talvez fôssemos um restaurante bastante bom para os padrões de Paris; nesse caso, os ruins devem estar além do que se pode imaginar.

Poucos dias depois de eu ter escrito para B., ele respondeu contando que podia arrumar um emprego para mim. O trabalho era cuidar de um imbecil congênito, o que parecia um

esplêndido tratamento de repouso, depois do Auberge de Jehan Cottard. Imaginei-me andando à toa por ruas do interior, batendo nas flores com a bengala, me alimentando de cordeiro assado e torta de melaço e dormindo dez horas por noite em lençóis com cheiro de lavanda. B. me mandou uma nota de cinco dólares para pagar a passagem e tirar minhas roupas do penhor e, assim que o dinheiro chegou, avisei com um dia de antecedência e saí do restaurante. Minha partida repentina deixou o *patron* em uma situação constrangedora, porque, como sempre, ele estava sem dinheiro e teve que pagar trinta francos menos do que me devia. No entanto, ele me serviu uma taça de conhaque Courvoisier ‘48, e acho que sentiu que isso fez a diferença. Eles contrataram um tcheco, um *plongeur* totalmente competente para ficar no meu lugar, e a pobre velha cozinheira foi demitida algumas semanas depois. Mais tarde eu soube que, com duas pessoas de primeira linha na cozinha, o trabalho do *plongeur* fora reduzido para quinze horas por dia. Nada poderia reduzir o expediente a menos que isso, exceto modernizar a cozinha.



CAPÍTULO 22

Não sei se vai servir para alguma coisa, mas quero dar minha opinião sobre a vida de um *plongeur* de Paris. Quando se pensa nisso, é estranho que milhares de pessoas em uma grande cidade moderna passem suas horas de vigília limpando pratos em buracos quentes e subterrâneos. A questão que estou levantando aqui é por que essa vida continua – a que propósito ela serve, e quem quer que continue sendo assim, e por que não estou assumindo a atitude meramente rebelde, *fainéant*. Estou tentando considerar a importância social da vida de um *plongeur*.

Acho que se deve começar dizendo que o *plongeur* é um dos escravos do mundo moderno. Não que haja alguma necessidade de chorar por ele, pois está em melhor situação do que muitos trabalhadores braçais, mas, mesmo assim, não é mais livre do que se fosse comprado e vendido. Seu trabalho é servil e sem arte; ele recebe apenas o suficiente para sobreviver; só tem férias quando é demitido. Ele é privado do casamento ou, se casar, sua esposa também tem que trabalhar. Exceto por um golpe de sorte, ele não tem como escapar dessa vida, a menos que seja preso. Neste momento, há homens com um diploma universitário lavando pratos em Paris durante dez ou quinze horas por dia. Não se pode dizer que é mera preguiça da parte deles, porque um homem preguiçoso não pode ser *plongeur*; eles simplesmente foram aprisionados por

uma rotina que torna impossível pensar. Se os *plongeurs* pensassem, já teriam criado um sindicato e entrado em greve por um tratamento melhor. Mas eles não pensam, porque não têm tempo livre para isso; a vida que levam fez deles escravos.

A questão é: por que essa escravidão continua? As pessoas costumam presumir que todo trabalho é realizado com um firme propósito. Elas veem outra pessoa fazer um trabalho desagradável e pensam que resolveram tudo dizendo que o trabalho é necessário. A mineração de carvão, por exemplo, é um trabalho árduo, mas é necessário – precisamos de carvão. Trabalhar nos esgotos é desagradável, mas alguém tem que trabalhar nos esgotos. E é assim também com o trabalho de um *plongeur*. Algumas pessoas precisam se alimentar em restaurantes e, portanto, outras pessoas precisam lavar os pratos oitenta horas por semana. É obra da civilização, portanto, inquestionável. Este ponto é digno de consideração.

O trabalho de um *plongeur* é realmente necessário para a civilização? Temos a sensação de que deve ser trabalho "honesto", porque é difícil e desagradável, e criamos uma espécie de fetiche do trabalho braçal. Vemos um homem cortar uma árvore e temos certeza de que ele está atendendo a uma necessidade social, só porque usa os músculos; não nos ocorre que talvez ele esteja cortando uma bela árvore só para dar lugar a uma estátua horrível. Acredito que seja assim também com um *plongeur*. Ele ganha o pão com o suor de seu rosto, mas isso não quer dizer que esteja fazendo algo útil; ele pode estar apenas oferecendo um luxo que, muitas vezes, não é um luxo.

Como exemplo do que quero dizer com luxos que não são luxos, vejamos um caso extremo, como dificilmente se vê na Europa. Vamos pensar em um puxador de riquixá indiano, ou

um pônei atrelado a um *gharry*. Em qualquer cidade do Extremo Oriente, há centenas de puxadores de riquixás, negros desgraçados pesando cinquenta quilos e vestidos com uma tanga. Alguns estão doentes; alguns têm 50 anos. Eles trotam por quilômetros e quilômetros sob sol ou chuva, de cabeça baixa, puxando os veículos com o suor escorrendo dos bigodes grisalhos. Quando vão muito devagar, o passageiro os chama de *bahinchut*. Eles ganham trinta ou quarenta rúpias por mês e tossem até quase cuspir os pulmões depois de alguns anos. Os pôneis dos *gharry* são coisas magras e judiadas que foram vendidas por um preço baixo por terem poucos anos de trabalho restantes. O dono considera o chicote um substituto da comida. O trabalho se traduz em uma espécie de equação: chicote mais comida é igual a energia; geralmente é cerca de sessenta por cento de chicote e quarenta por cento de comida. Às vezes, uma grande ferida contorna o pescoço, de modo que puxam o carrinho o dia todo em carne viva. Mas ainda é possível fazê-los trabalhar; é apenas uma questão de espancá-los com tanta força que a dor da parte de trás supere a dor da parte da frente. Depois de alguns anos, até o chicote perde o efeito, e o pônei é sacrificado. Esses são exemplos de trabalho desnecessário, porque não há uma real necessidade de *gharries* e riquixás; eles só existem porque os orientais consideram vulgar andar a pé. São luxos e, como sabe qualquer um que os tenha utilizado, luxos muito pobres. Eles oferecem um mínimo de conveniência, que não pode compensar o sofrimento dos homens e dos animais.

É semelhante com o *plongeur*. Ele é um rei, comparado a um puxador de riquixá ou a um pônei de *gharry*, mas seu caso é parecido. É escravo de um hotel ou restaurante, e sua escravidão é mais ou menos inútil. Afinal, onde está a real

necessidade de grandes hotéis e restaurantes elegantes? Eles deveriam fornecer luxo, mas na verdade só oferecem uma imitação barata e de má qualidade. Quase todo mundo odeia hotéis. Alguns restaurantes são melhores que outros, mas é impossível conseguir uma refeição tão boa em um restaurante quanto se conseguiria, pelo mesmo preço, em uma casa particular. Sem dúvida, hotéis e restaurantes precisam existir, mas não há necessidade de escravizar centenas de pessoas. O que dá tanto trabalho neles não é o essencial; são as fraudes que supostamente representam o luxo. Requinte, como é chamado, significa, na verdade, apenas que a equipe trabalha mais e os clientes pagam mais; ninguém se beneficia, exceto o proprietário, que em breve vai comprar uma *villa* em Deauville. Em essência, um hotel "requintado" é um lugar onde cem pessoas trabalham como demônios para que duzentas possam pagar caro por coisas que realmente não querem. Se o absurdo fosse eliminado dos hotéis e restaurantes, e o trabalho fosse feito com eficiência simples, os *plongeurs* poderiam trabalhar seis ou oito horas por dia, em vez de quinze.

Suponha que se admita que o trabalho de um *plongeur* é mais ou menos inútil. Então surge a pergunta: Por que alguém quer que ele continue trabalhando? Estou tentando ir além da causa econômica imediata e pensar que prazer alguém pode sentir pensando em homens esfregando pratos pelo resto da vida. Pois não há dúvida de que as pessoas – pessoas em uma situação confortável – encontram prazer nesses pensamentos. Um escravo, disse Catão, deve trabalhar quando não está dormindo. Não importa se seu trabalho é necessário ou não, ele tem que trabalhar, porque o trabalho em si é bom – para escravos, pelo menos. Esse sentimento ainda sobrevive e

acumulou montanhas de esforço inútil.

Acredito que esse instinto de perpetuar o trabalho inútil é, no fundo, simplesmente medo da turba. A turba (é o pensamento corrente) é formada por animais tão baixos que seriam perigosos, se tivessem lazer; é mais seguro mantê-los ocupados demais para pensar. Um homem rico que passa a ser intelectualmente honesto, quando questionado sobre a melhoria das condições de trabalho, geralmente diz algo assim:

> *Sabemos que a pobreza é desagradável; na verdade, já que é tão distante, preferimos nos atormentar pensando como ela é desagradável. Mas não espere que façamos algo a respeito. Sentimos muito por vocês, classes inferiores, assim como sentimos por um gato com sarna, mas lutaremos como demônios contra qualquer melhora de sua condição. Sentimos que você está muito mais seguro como é. A situação atual é adequada para nós, e não vamos correr o risco de libertá-los, nem mesmo por mais uma hora por dia. Então, queridos irmãos, já que evidentemente vocês devem suar para pagar nossas viagens à Itália, suem e que se danem.*

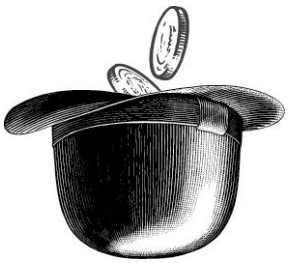
Essa é particularmente a atitude de pessoas inteligentes e cultas; é possível ler sua essência em uma centena de ensaios. Pouquíssimas pessoas cultas ganham menos de (digamos) quatrocentas libras por ano e, naturalmente, ficam do lado dos ricos, porque imaginam que qualquer liberdade concedida aos pobres é uma ameaça à sua própria liberdade. Prevendo alguma utopia marxista sombria como alternativa, o homem culto prefere manter as coisas como estão. Possivelmente ele não gosta muito de seus companheiros ricos, mas supõe que mesmo os mais vulgares entre eles são menos hostis aos seus

prazeres, mais seu tipo de gente, do que os pobres, e que é melhor ele ficar ao lado deles. É esse medo de uma turba supostamente perigosa que torna quase todas as pessoas inteligentes conservadoras em suas opiniões.

O medo da turba é um medo supersticioso. Baseia-se na ideia de que existe alguma diferença misteriosa e fundamental entre ricos e pobres, como se fossem duas raças diferentes, como negros e brancos. Mas, na verdade, essa diferença não existe. A massa de ricos e pobres se diferencia por renda e nada mais, e o milionário mediano é apenas o lavador de pratos mediano vestido com um terno novo. Inverta as posições, e pronto, quem é a justiça, quem é o ladrão? Todo mundo que convive com pobres sabe disso muito bem. Mas o problema é que pessoas inteligentes e cultas, as mesmas pessoas de quem se espera que tenham opiniões liberais, nunca se misturam com os pobres. Pois o que a maioria das pessoas instruídas sabe sobre a pobreza? Em minha cópia dos poemas de Villon, o editor realmente achou necessário explicar o verso *'Ne pain ne voyent qu'aux fenestres'* com uma nota de rodapé; até a fome é muito distante da experiência do homem educado.

Dessa ignorância resulta naturalmente um medo supersticioso da turba. O homem educado imagina uma horda de sub-homens, que só querem um dia de liberdade para saquear sua casa, queimar seus livros e colocá-lo para trabalhar cuidando de uma máquina ou varrendo um banheiro. "Qualquer coisa", pensa ele, "qualquer injustiça, a deixar a turba sol". Ele não vê que, uma vez que não existe diferença entre a massa de ricos e pobres, não há dúvida ou questão sobre soltar a turba. A turba está solta agora, de fato, e – na forma de homens ricos – usa seu poder para construir enormes moinhos de tédio, como hotéis "requintados".

Para resumir. Um *plongeur* é um escravo, e um escravo desperdiçado, que faz um trabalho estúpido e muito desnecessário. Ele é mantido no trabalho, em última análise, em razão de uma vaga sensação de que seria perigoso, se tivesse tempo livre. E as pessoas educadas, que deveriam estar ao seu lado, consentem no processo, porque nada sabem sobre ele e, consequentemente, têm medo dele. Digo isso sobre o *plongeur* porque é o caso dele que venho considerando; mas, isso se aplicaria igualmente a inúmeros outros tipos de trabalhadores. Estas são apenas minhas ideias pessoais sobre os fatos básicos da vida de um *plongeur*, postas sem referência a questões econômicas imediatas e, sem dúvida, em grande parte banalidades. Eu as apresento como uma amostra dos pensamentos que o trabalho em um hotel planta na cabeça do indivíduo.



CAPÍTULO 23

Assim que deixei o Auberge de Jehan Cottard, fui para a cama e dormi por vinte e três horas. Depois escovei os dentes pela primeira vez em quinze dias, tomei banho, cortei o cabelo e tirei as roupas do penhor. Tive dois dias gloriosos de vadiagem. Até fui ao Auberge vestido com meu melhor terno, encostei-me no balcão e gastei cinco francos numa garrafa de cerveja inglesa. É uma sensação curiosa ser cliente do mesmo lugar de que se foi escravo. Boris lamentou que eu tivesse saído do restaurante justamente no momento em que éramos *lancés* e havia uma chance de ganhar dinheiro. Tive notícias dele desde então, e ele me disse que ganha cem francos por dia e arranjou uma garota que é *très serieuse* e nunca cheira a alho.

Passei um dia andando pelo nosso bairro, me despedindo de todos. Foi nesse dia que Charlie me contou sobre a morte do velho Roucolle, o avarento, que morava na vizinhança. Muito provavelmente Charlie estava mentindo como sempre, mas era uma boa história.

Roucolle morreu aos 74 anos, um ou dois antes de eu ir para Paris, mas as pessoas no bairro ainda falavam dele quando estive lá. Ele nunca se igualou a Daniel Dancer ou qualquer pessoa desse tipo, mas era um personagem interessante. Ia a Les Halles todas as manhãs para pegar vegetais passados e

comia carne de gato, usava jornal em vez de roupa de baixo, usava o lambris do quarto como lenha e fazia a própria calça com um saco, tudo isso com meio milhão de francos investidos. Eu gostaria muito de tê-lo conhecido.

Como muitos avarentos, Roucolle teve um resultado ruim ao colocar seu dinheiro em um esquema arriscado. Um dia, um judeu apareceu no bairro, um rapaz alerta e profissional que tinha um plano de primeira para contrabandear cocaína para a Inglaterra. Claro que é fácil comprar cocaína em Paris, e o contrabando seria bastante simples, só que sempre tem um espião que denuncia o plano à alfândega ou à polícia. Diz-se que os delatores muitas vezes são as próprias pessoas que vendem a cocaína, porque o contrabando está nas mãos de um grande grupo que não quer concorrência. O judeu, porém, jurou que não havia perigo. Ele conhecia uma maneira de conseguir cocaína direto de Viena, não pelos canais habituais, e não teria que pagar nenhum chantagista. Ele entrou em contato com Roucolle por meio de um jovem polonês, um estudante da Sorbonne, que colocaria quatro mil francos no esquema se Roucolle colocasse seis mil. Com isso, poderiam comprar quase cinco quilos de cocaína, o que valeria uma pequena fortuna na Inglaterra.

O polonês e o judeu tiveram que fazer um esforço tremendo para tirar o dinheiro das garras do velho Roucolle. Seis mil francos não eram muita coisa, ele tinha mais que isso dentro do colchão de seu quarto, mas era uma agonia para ele se separar de um centavo. O polonês e o judeu ficaram atrás dele por semanas, explicando, intimidando, persuadindo, discutindo, ajoelhando e implorando para que fornecesse o dinheiro. O velho estava meio frenético, dividido entre a ganância e o medo. As entranhas doíam com a ideia de lucrar,

talvez, uns cinquenta mil francos, mas ele não conseguia arriscar o dinheiro. Sentava-se em um canto com a cabeça entre as mãos e gemendo, às vezes gritando em agonia, e muitas vezes se ajoelhava (ele era muito religioso) e orava pedindo forças, mas nem assim conseguia. No fim, mais por exaustão do que qualquer outra coisa, ele cedeu de repente; abriu o colchão onde o dinheiro estava escondido e entregou mais de seis mil francos ao judeu.

O judeu entregou a cocaína no mesmo dia e desapareceu imediatamente. Enquanto isso, e de maneira nada surpreendente, depois do rebuliço provocado por Roucolle, o caso foi divulgado por todo o bairro. Na manhã seguinte, o hotel foi invadido pela polícia e revistado.

Roucolle e o polonês ficaram aflitos. A polícia estava lá embaixo, subindo e revistando todos os cômodos, e lá estava aquele grande pacote de cocaína sobre a mesa, sem lugar que servisse de esconderijo e sem chance de escaparem pela escada. O polonês sugeriu que jogassem pela janela, mas Roucolle não quis nem ouvir falar nisso. Charlie me disse que estava lá. Ele contou que, quando tentaram tirar o pacote de Roucolle, ele o apertou contra o peito e lutou como um louco, embora tivesse 74 anos. Estava apavorado, mas preferia ir para a prisão a jogar dinheiro fora.

Por fim, quando a polícia estava revistando o andar de baixo, alguém teve uma ideia. Um homem no andar de Roucolle tinha uma dúzia de latas de pó facial que estava vendendo por encomenda; ele sugeriu que a cocaína fosse colocada nas latas, onde passaria por pó facial. O pó foi jogado pela janela às pressas e substituído pela cocaína, e as latas foram deixadas à vista sobre a mesa de Roucolle, como se ali não houvesse nada a esconder. Poucos minutos depois, a polícia foi revistar o

quarto de Roucolle. Bateram nas paredes, olharam a chaminé, reviraram as gavetas e examinaram as tábuas do chão e então, quando estavam quase desistindo sem encontrar nada, o inspetor notou as latas em cima da mesa.

– *Tiens* – disse ele –, dê uma olhada nessas latas. Eu não as tinha notado. O que tem nelas, hein?

– Pó para o rosto – disse o polonês com toda a calma de que era capaz. Mas, no mesmo instante, Roucolle soltou um gemido alto, alarmado, e a polícia suspeitou imediatamente. Abriram uma das latas e despejaram o conteúdo e, após cheirar, o inspetor disse suspeitar de que era cocaína. Roucolle e o polonês começaram a jurar por todos os santos que era só pó facial; mas não adiantou, quanto mais eles protestavam, mais desconfiada a polícia ficava. Os dois homens foram presos e conduzidos à delegacia, seguidos por metade do bairro.

Na delegacia, Roucolle e o polonês foram interrogados pelo *commissaire,* enquanto uma lata da cocaína era enviada para análise. Charlie disse que a cena que Roucolle fez foi indescritível. Ele chorou, rezou, deu declarações contraditórias e denunciou o polonês imediatamente, tão alto que se podia ouvir tudo a meia rua de distância. Os policiais quase explodiram de tanto rir dele.

Depois de uma hora, um policial voltou com a lata de cocaína e um bilhete do analista. Ele ria.

– Isto não é cocaína, *monsieur* – disse ele.

– O quê, não é cocaína? – disse o *commissaire*. – *Mais, alors*… o que é, então?

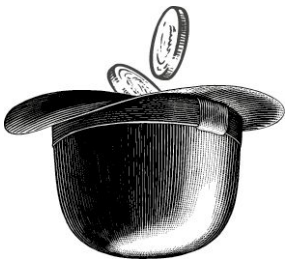
– É pó facial.

Roucolle e o polonês foram liberados imediatamente, totalmente inocentados, mas muito zangados. O judeu os havia enganado. Depois, quando toda a comoção acabou, soube-se que ele dera o mesmo golpe em duas outras pessoas no quarteirão.

O polonês estava feliz por ter escapado, embora tivesse perdido seus quatro mil francos, mas o pobre Roucolle ficou completamente arrasado. Ele foi para a cama imediatamente, e durante todo aquele dia e metade da noite foi possível ouvi-lo se debatendo, resmungando e, às vezes, gritando com toda a força da voz:

– Seis mil francos! *Nom de Jésus-Christ!* Seis mil francos!

Três dias depois, ele teve uma espécie de derrame e, em quinze dias, estava morto – morreu de tristeza, disse Charlie.



CAPÍTULO 24

Viajei para a Inglaterra de terceira classe via Dunquerque e Tilbury, que é a forma mais barata, e não a pior, de atravessar o Canal da Mancha. Você teve que pagar a mais por uma cabine, então dormi no salão, junto com a maioria dos passageiros da terceira classe. Meu diário tem este registro daquele dia:

> *Dormindo no salão, vinte e sete homens, dezesseis mulheres. Das mulheres, nenhuma lavou o rosto esta manhã. A maioria dos homens foi ao banheiro; as mulheres só abriram estojos e cobriram a sujeira com pó. Pergunta: uma diferença sexual secundária?*

Durante a viagem, conheci dois romenos, praticamente crianças, que estavam indo para a Inglaterra em viagem de lua de mel. Eles fizeram inúmeras perguntas sobre a Inglaterra, e eu contei algumas mentiras surpreendentes. Estava tão feliz por voltar para casa, depois de passar meses de dificuldade em uma cidade estrangeira, que a Inglaterra me parecia uma espécie de paraíso. Há, de fato, muitas coisas na Inglaterra que deixam a pessoa feliz em voltar para casa; banheiros, poltronas, molho de hortelã, batatas novas cozidas corretamente, pão preto, geleia, cerveja de verdadeiros lúpulos, tudo esplêndido, se puder pagar por isso. A Inglaterra é um país muito bom quando não se é pobre; e, claro,

cuidando de um imbecil manso, eu não seria pobre. A ideia de não ser pobre me tornava muito patriota. Quanto mais perguntas os romenos faziam, mais eu elogiava a Inglaterra; o clima, a paisagem, a arte, a literatura, as leis – tudo na Inglaterra era perfeito.

"A arquitetura na Inglaterra era boa?", perguntaram os romenos.

– Esplêndida! – eu disse. – E vocês deveriam ver as estátuas de Londres! Paris é vulgar – metade grandiosidade e metade cortiços. Mas Londres…

Então o barco atracou no cais de Tilbury. O primeiro prédio que vimos na orla foi um daqueles enormes hotéis, todos de estuque e pináculos, que espiam da costa inglesa como idiotas olhando por cima de um muro de hospício. Vi os romenos, educados demais para falar qualquer coisa, olhando para o hotel.

– Construído por arquitetos franceses – garanti; e mesmo mais tarde, quando o trem estava entrando em Londres pelos cortiços do leste, continuei falando sobre as belezas da arquitetura inglesa. Nada parecia bom demais para ser dito sobre a Inglaterra, agora que eu estava voltando para casa e não estava mais duro.

Fui ao escritório de B., e as primeiras palavras dele fizeram tudo desmoronar.

– Sinto muito – ele disse. – Seus empregadores viajaram para o exterior e levaram o paciente. No entanto, estarão de volta em um mês. Suponho que possa aguentar até lá.

Eu estava na rua antes mesmo de pensar em pedir mais dinheiro emprestado. Teria que esperar um mês e tinha

exatamente dezenove xelins e seis pence. A notícia me tirou o fôlego. Por um longo tempo, não consegui decidir o que fazer. Passei o dia andando pelas ruas e, à noite, sem ter a menor noção de como encontrar uma cama barata em Londres, fui para um hotel "familiar", cujo preço era sete xelins e seis pence. Depois de pagar a conta, fiquei com dez xelins e dois pence.

De manhã, eu tinha traçado planos. Mais cedo ou mais tarde, teria que ir procurar B. e pedir mais dinheiro, mas não parecia decente fazer isso já, e até lá eu teria que existir em algum tipo de buraco ou canto. A experiência me impedia de penhorar meu melhor terno. Deixaria as minhas coisas no vestiário da estação, exceto meu segundo melhor terno, que poderia trocar por algumas poucas roupas baratas e talvez uma libra. Se teria que viver por um mês com trinta xelins, melhor estar com roupas ruins – na verdade, quanto pior, melhor. Se trinta xelins durariam um mês era algo que eu não sabia, pois não conhecia Londres como conhecia Paris. Talvez eu pudesse mendigar ou vender cadarços de sapato, e me lembrei de artigos que li nos jornais de domingo sobre mendigos que têm duas mil libras costuradas em suas calças. De qualquer forma, era notoriamente impossível morrer de fome em Londres, então não havia nada com que me preocupar.

Para vender minhas roupas, fui a Lambeth, onde as pessoas são pobres e há muitos brechós. Na primeira loja em que tentei, o proprietário foi educado, mas inútil; na segunda ele foi rude; na terceira, o homem era surdo como uma pedra, ou fingia ser. O quarto vendedor era um jovem alto e louro, todo corado como uma fatia de presunto. Ele olhou para as roupas que eu estava usando e as tocou com desdém, sentindo o tecido entre o polegar e o indicador.

– Coisa de má qualidade – disse – bem ruim. – (Era um terno muito bom.) – O que quer pelas peças?

Expliquei que queria algumas roupas mais velhas e todo o dinheiro que ele pudesse pagar. O rapaz pensou por um momento, depois recolheu alguns trapos de aparência suja e os jogou sobre o balcão

– E o dinheiro? – perguntei, esperando uma libra. Ele franziu os lábios, pegou um xelim e o colocou ao lado das roupas. Não discuti – até ia, mas, quando abri a boca, ele estendeu a mão como se fosse pegar o xelim de volta; vi que não havia o que fazer. Ele permitiu que eu trocasse de roupa em uma pequena sala atrás da loja.

As roupas eram um casaco, que um dia foi marrom escuro, uma calça preta de algodão grosseiro, um lenço e um boné de pano. Eu tinha guardado minha camisa, meias e botas, e tinha um pente e navalha no bolso. Dá uma sensação muito estranha usar essas roupas. Eu já tinha usado roupas ruins antes, mas nada parecido com isso; não eram apenas sujas e sem forma, mas tinham… como alguém pode expressar isso? Tinham uma falta de elegância, uma pátina de imundície antiga, o que era bem diferente de serem baratas. Eram o tipo de roupa que se vê em um vendedor de cadarços para sapato ou em um vagabundo. Uma hora depois, em Lambeth, vi um desgraçado, obviamente um vagabundo, vindo em minha direção e, quando olhei de novo, era eu mesmo refletido na vitrine de uma loja. A sujeira já cobria meu rosto. A sujeira respeita muito as pessoas; deixa em paz quem está bem vestido, mas basta desaparecer o colarinho, e ela vem de todas as direções.

Fiquei nas ruas até tarde da noite, sempre em movimento. Vestido como estava, tinha medo de que a polícia me

prendesse como vagabundo e não ousava falar com ninguém, imaginando que notariam uma disparidade entre meu sotaque e minhas roupas. (Mais tarde, descobri que isso nunca aconteceu.) Minhas novas roupas me colocaram instantaneamente em um novo mundo. O comportamento das pessoas parecia ter mudado bruscamente. Ajudei um vendedor ambulante a pegar um carrinho de mão que ele havia tombado.

– Obrigado, amigo – disse ele com um sorriso. Ninguém tinha me chamado de amigo antes na minha vida; foram as roupas que fizeram isso. Pela primeira vez, percebi também como a atitude das mulheres varia com as roupas dos homens. Quando um homem mal vestido passa por elas, afastam-se dele com um movimento de nojo evidente, como se ele fosse um gato morto. As roupas têm poder. Vestido com roupas de vagabundo, é muito difícil, pelo menos no primeiro dia, não se sentir genuinamente degradado. Você pode sentir a mesma vergonha, irracional, mas muito real, em sua primeira noite na prisão.

Por volta das onze, comecei a procurar uma cama. Tinha lido sobre albergues (eles nunca são chamados de albergues, aliás) e imaginei que pudesse conseguir uma cama por quatro pence, ou algo assim. Ao ver um homem, um marinheiro ou coisa parecida, parado no meio-fio da Waterloo Road, parei e pedi informações. Disse que estava sem dinheiro e queria a cama mais barata que pudesse encontrar.

– Oh – ele disse –, tente aquela casa do outro lado da rua, aquela com a placa “Camas boas para homens solteiros”. Lá é um bom lugar para dormir, é sim. Eu mesmo fiquei lá algumas vezes. Vai ver que é barato e limpo.

Era uma casa alta, de aparência malcuidada, com luzes

fracas em todas as janelas, algumas delas remendadas com papel pardo. Entrei em um corredor de pedra, e um garotinho abatido com olhos sonolentos apareceu em uma porta que dava para um porão. Sons murmurantes vinham do porão, acompanhados por uma onda de ar quente e queijo. O menino bocejou e estendeu a mão.

– Quer um canto? Vai custar um xelim, chefe.

Paguei o xelim, e o menino me levou por uma escada instável e meio escura até um quarto. Tinha um cheiro adocicado de elixir paregórico e lençol sujo; as janelas pareciam estar bem fechadas, e o ar era quase sufocante, no início. Havia uma vela acesa, e vi que o quarto media uns cinco metros quadrados por uns dois e meio de altura, e tinha oito camas. Seis inquilinos já ocupavam as camas, formas estranhas e salientes cobertas com todas as roupas que tinham, inclusive as botas. Alguém tossia de um jeito horroroso em um canto.

Quando me deitei, descobri que o colchão era duro como uma tábua, e o travesseiro era só um cilindro duro como um bloco de madeira. Era bem pior que dormir em cima de uma mesa, porque a cama não tinha um metro e oitenta de comprimento e era muito estreita, e o colchão era convexo, de modo que era preciso se segurar para não cair. Os lençóis fediam tanto a suor que eu não os suportava perto do nariz. Além disso, a roupa de cama consistia apenas em lençóis e uma colcha de algodão, de modo que, embora abafado, não era muito quente. Vários ruídos ocorreram durante a noite. Mais ou menos uma vez a cada hora, o homem à minha esquerda, um marinheiro, acho, acordava, praguejava violentamente e acendia um cigarro. Outro homem, portador de uma doença na bexiga, levantou e usou o penico de maneira ruidosa meia

dúzia de vezes durante a noite. O homem no canto tinha um ataque de tosse a cada vinte minutos, uma coisa tão regular que se passava a escutá-la como se escuta o próximo latido de um cachorro latindo para a lua. Era um som indizivelmente repelente; um borbulhar e espasmos de ânsia nauseantes, como se as entranhas do homem estivessem sendo revolvidas dentro dele. Uma vez, quando ele riscou um fósforo, vi que era um homem muito velho, com um rosto cinzento e encovado como o de um cadáver, e que usava a calça enrolada na cabeça como touca de dormir, coisa que por algum motivo me enojou muito. Cada vez que ele tossia ou o outro homem praguejava, uma voz sonolenta de uma das outras camas gritava:

– Cale a boca! Ah, pelo amor de Deus, cale a boca!

Dormi mais ou menos uma hora, no geral. De manhã, fui acordado por uma vaga impressão de alguma coisa grande e marrom vindo em minha direção. Abri os olhos e vi que era um dos pés do marinheiro, fora da cama e perto do meu rosto. Era marrom escuro, bem escuro como o de um índio, mas de sujeira. As paredes eram leprosas, e os lençóis, três semanas depois da lavagem, eram quase cor de âmbar. Levantei, me vesti e desci. No porão, havia uma fileira de bacias e duas toalhas escorregadias presas aos ganchos na parede. Eu tinha um pedaço de sabão no bolso e ia me lavar, quando percebi que todas as bacias estavam encardidas, uma imundície sólida, pegajosa, preta como graxa para sapatos. Saí sem me lavar. De maneira geral, o albergue não correspondia à descrição de barato e limpo. No entanto, como descobri mais tarde, era uma hospedaria bem representativa.

Atravessei o rio e andei muito em direção ao leste, e finalmente entrei em um café em Tower Hill. Uma cafeteria londrina comum, como milhares de outras, parecia esquisita e

estranha, depois de Paris. Era uma salinha abafada com bancos de espaldar alto que haviam estado na moda na década de 1940, o cardápio do dia era escrito em um espelho com um pedaço de sabão, e uma menina de 14 anos cuidava da louça. Os marinheiros comiam direto de pacotes de jornal e bebiam chá em enormes canecas sem pires, como tigelas de porcelana. Sozinho em um canto, um judeu devorava *bacon* com ar culpado e a cara enfiada no prato.

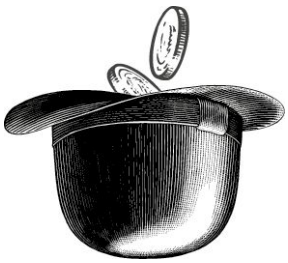
– Um pouco de chá, e pão com manteiga, por favor – eu disse à garota.

Ela me encarou.

– Não tem manteiga, só margarina – disse ela, surpresa. E repetiu a ordem com a frase que é para Londres o que o eterno *coup de rouge* é para Paris:

– Chá grande e duas fatias!

Na parede ao lado do meu banco havia um aviso: "Não é permitido guardar açúcar no bolso", e embaixo dele algum cliente poético havia escrito *"Aquele que leva o açúcar será chamado de ... sujo",* mas outra pessoa teve o trabalho de riscar a penúltima palavra. Isso era a Inglaterra. O chá e as duas fatias custaram três pence e meio, e eu fiquei com oito xelins e dois pence.



CAPÍTULO 25

Os oito xelins duraram três dias e quatro noites. Depois da minha experiência ruim na Waterloo Road, eu me mudei para o leste e passei a noite seguinte em uma pensão em Pencefields. Esta era uma pensão típica, como muitas outras em Londres. Tinha acomodações para cinquenta a cem homens e era administrada por um "ajudante" – isto é, um assistente do proprietário, porque essas hospedarias são negócios lucrativos e pertencem a homens ricos. Dormimos quinze ou vinte em um dormitório; as camas eram novamente frias e duras, mas os lençóis não ficavam mais de uma semana sem serem lavados, o que era uma melhoria. O preço era nove pence ou um xelim (no dormitório de um xelim, as camas ficavam a dois metros de distância, em vez de um), e a condição era dinheiro às sete da noite, ou rua.

No andar de baixo havia uma cozinha comum a todos os hóspedes, com fogo liberado e um estoque de panelas, chaleiras e garfos para tostar. Havia dois grandes fogões de tijolos que ficavam acesos dia e noite durante o ano todo. O trabalho de cuidar dos fogões, varrer a cozinha e fazer as camas era realizado pelos inquilinos, que se revezavam. Um dos mais antigos, um estivador de aparência normanda chamado Steve, era conhecido como o "chefe da casa", e era o árbitro de disputas e quem punha para fora aqueles que não pagavam.

Gostei da cozinha. Era um porão de teto baixo, muito quente e sonolento com a fumaça de carvão, iluminado apenas pelas labaredas que lançavam sombras negras e aveludadas nos cantos. Roupas velhas eram penduradas em cordas do teto depois de lavadas. Homens iluminados pela luminosidade, principalmente estivadores, moviam-se ao redor das fogueiras com panelas; alguns estavam despidos, pois tinham lavado as roupas e esperavam que secassem. À noite, havia jogos de cartas e tabuleiro, e canções – "Sou um sujeito que foi maltratado pelos pais" era uma das favoritas, assim como outra canção popular sobre um naufrágio. Às vezes, tarde da noite, os homens chegavam com um balde de mariscos que haviam comprado barato e dividiam com todos. A comida era compartilhada, e era um acordo tácito alimentar os homens que estavam sem trabalho. Uma criaturinha pálida e definhada, obviamente perto da morte, de quem sempre alguém dizia "pobre Brown, já esteve no médico e foi aberto três vezes", era regularmente alimentada pelos outros.

Dois ou três dos inquilinos eram aposentados. Até conhecê-los, eu nunca havia me dado conta de que existem pessoas na Inglaterra que vivem apenas com uma aposentadoria por idade, muitas vezes xelins por semana. Nenhum desses velhos tinha qualquer outro recurso. Um deles era falante, e perguntei como ele conseguia sobreviver. Ele disse:

– Bem, são nove pence por noite para ter onde dormir, já são cinco xelins e três pence por semana. Depois, três pence no sábado para fazer a barba, são cinco xelins e seis pence. Depois, digamos que você corte o cabelo uma vez por mês por seis pence, são mais três pence por semana. Sobram uns quatro xelins e quatro pence para comida e tabaco.

Ele não conseguia imaginar outras despesas. Sua comida era

pão com margarina e chá, no final da semana era pão seco e chá sem leite, e talvez ele conseguisse roupas em obras de caridade. Ele parecia contente, valorizava a cama e o fogo mais do que a comida. Mas, com uma renda de dez xelins por semana, gastar dinheiro com a barba… é espantoso.

Eu passava o dia todo vagando pelas ruas, até Wapping a leste, até Whitechapel a oeste. Era estranho, depois de Paris; tudo era muito mais limpo, silencioso e sombrio. Sentia-se falta do grito dos bondes, da vida barulhenta e empesteada das ruas secundárias e dos homens armados fazendo barulho nas praças. As multidões eram mais bem vestidas, e os rostos, mais atraentes, suaves e parecidos, sem aquela individualidade feroz e a malícia dos franceses. Havia menos embriaguez, menos sujeira, menos brigas e mais ócio. Havia grupos de homens em todos os cantos, ligeiramente desnutridos, mas mantidos pelo chá e as duas fatias que o londrino engole a cada duas horas. Respirava-se um ar menos febril do que em Paris. Era a terra do botijão de chá e da agência de emprego, como Paris é a terra do *bistro* e da exploração do trabalhador.

Era interessante observar as pessoas. As mulheres do leste de Londres são bonitas (é a mistura de sangue, talvez), e Limehouse é salpicada de orientais – chineses, lascares da cidade portuária de Bangladesh, dravidianos vendendo lenços de seda, até alguns *sikhs*, sabe Deus como. Aqui e ali havia reuniões na rua. Em Whitechapel, alguém chamado O Evangelho Cantante prometia salvar a pessoa do inferno por seis pence. Na East India Dock Road, o Exército da Salvação estava realizando uma cerimônia. Eles cantavam “Alguém aqui gosta de espiar Judas?” no ritmo de “O que fazer com um marinheiro bêbado?”. Em Tower Hill, dois mórmons tentavam falar com as pessoas ali reunidas. Em volta da plataforma, um

grupo de homens gritava e interrompia. Alguém os denunciava por poligamia. Um homem aleijado e barbudo, evidentemente ateu, tinha ouvido a palavra Deus e protestava furioso. Havia um confuso retumbar de vozes.

– Meus queridos amigos, se vocês nos deixarem terminar de falar…

– Isso mesmo, deem a palavra a eles. Não comecem a discutir!

– Não, não, responda. Você pode me mostrar Deus? Você me mostra, e aí eu vou acreditar nele.

– Ah, cale a boca, pare de interromper!

– Interrompam vocês mesmos!

– Polígamos!

– Bem, há muito o que se dizer sobre poligamia. Vejam…

– Tirar as mulheres da indústria, de qualquer maneira.

– Meus queridos amigos, se vocês…

– Não, não, não mude de assunto. você já viu Deus? Você tocou nele? Apertou a mão dele?

– Ah, não comece a discutir, pelo amor de Deus, não discuta! – E assim por diante.

Eu ouvi durante vinte minutos, ansioso para aprender alguma coisa sobre o mormonismo, mas a reunião não foi além dos gritos. É o que acontece com todas as reuniões de rua.

Na Middlesex Street, em meio às pessoas que enchiam o mercado, uma mulher suja e desarrumada puxava um pirralho de 5 anos pelo braço. Ela brandia uma trombeta de metal no rosto dele. A criança berrava.

– Divirta-se! – gritou a mãe. – Por que acha que trouxe você aqui, e ainda comprei uma corneta? Quer que eu ponha você sobre os meus joelhos? Seu pequeno filho da mãe, você vai se divertir!

Algumas gotas de saliva caíram da trombeta. A mãe e a criança desapareceram, ambas aos berros. Era tudo muito estranho, depois de Paris.

Na última noite que passei na pensão dos Pencefields, houve uma briga entre dois inquilinos, uma cena horrível. Um dos hóspedes mais velhos, um homem de cerca de 70 anos, nu da cintura para cima (tinha lavado suas roupas), xingava violentamente um estivador baixo e atarracado, que estava de costas para o fogo. Eu via o rosto do velho à luz do fogo, e ele estava quase chorando de tristeza e raiva. Evidentemente, algo muito sério havia acontecido.

O hóspede idoso: – Seu…!'

O estivador: – Cale a boca, velho… antes que eu te pegue!

O hóspede idoso: – Experimente! Sou trinta anos mais velho que você, mas não me custa muito te acertar e te jogar em um balde cheio de mijo!

O estivador: – Ah, e talvez eu não te arrebentasse depois, seu velho…!

E foi assim por cinco minutos. Os inquilinos ficaram sentados ali em volta insatisfeitos, tentando ignorar a briga. O estivador parecia aborrecido, mas o velho ficava cada vez mais furioso. Ele continuou avançando no outro, aproximando o rosto do dele e gritando a alguns centímetros de distância, como um gato em cima de um muro, e cuspindo. Estava tentando criar coragem para partir para a agressão física, mas

não tinha muito sucesso. Finalmente ele explodiu:

– Um… é isso que você é, um…! Enfia isso na sua boca suja e chupa, seu…! Por… vou te arrebentar antes de acabar com você. Um… é isso é o que você é, um filho da… puta. Lambe isso, seu… Isso é o que eu penso de você, seu… seu… seu PRETO FILHO DA MÃE!

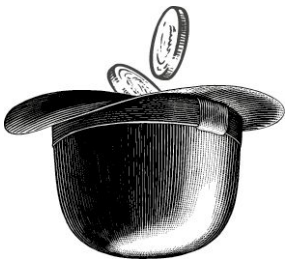
E nesse momento ele desmoronou de repente no banco, apoiou o rosto nas mãos e começou a chorar. O outro homem, vendo que a opinião pública estava contra ele, saiu.

Mais tarde, ouvi Steve explicar a causa da briga. Aparentemente, tudo se resumia a um xelim de comida. De alguma forma, o velho havia perdido seu estoque de pão e margarina e, portanto, não teria nada para comer nos próximos três dias, exceto o que os outros lhe dessem por caridade. O estivador, que estava empregado e bem alimentado, zombou dele; daí a briga.

Quando meu dinheiro se resumia a um xelim e quatro pence, fui passar uma noite em uma pensão em Bow, onde o preço era só oito pence. Era preciso atravessar uma espécie de beco e descer até um porão profundo e abafado de três metros quadrados. Dez homens, a maioria marinheiros, estavam sentados à luz forte do fogo. Era meia-noite, mas o filho do assistente, uma criança pálida e pegajosa de 5 anos, estava ali brincando no colo dos marinheiros. Um velho irlandês assobiava para um pássaro cego em uma gaiola minúscula. Havia outros pássaros canoros ali, coisas minúsculas e desbotadas que viveram a vida toda no subsolo. Os inquilinos costumavam urinar na lareira, para economizar a viagem até o banheiro. Quando me sentei à mesa, senti algo se mexer perto dos meus pés e, olhando para baixo, vi uma onda de coisas

pretas movendo-se lentamente pelo chão; eram besouros pretos.

Havia seis camas no dormitório, e os lençóis, marcados com letras enormes com “Roubado do número …, rua …”, tinham um cheiro nojento. Na cama ao lado da minha havia um velho, um artista de rua, que tinha uma corcova extraordinária que projetava sua coluna para fora da cama, a uns trinta centímetros do meu rosto. Costas nuas, marcadas por curiosos redemoinhos de sujeira que faziam pensar em uma mesa de mármore. Durante a noite, um homem entrou bêbado e vomitou no chão, perto da minha cama. Também havia insetos – nada tão sério quanto em Paris, mas o suficiente para manter uma pessoa acordada. Era um lugar imundo. No entanto, o ajudante e sua esposa eram pessoas simpáticas e dispostas a fazer uma xícara de chá a qualquer hora do dia ou da noite.



CAPÍTULO 26

De manhã, depois de pagar pelo habitual chá e duas fatias e comprar quinze gramas de tabaco, eu tinha só meio centavo. Não queria pedir ainda mais dinheiro a B., então não me restava alternativa senão procurar um abrigo público. Eu não tinha ideia de como fazer isso, mas sabia que havia um abrigo em Romton, então fui até lá, aonde cheguei às três ou quatro da tarde. Havia um irlandês velho e enrugado encostado nos chiqueiros do mercado em Romton, obviamente um vagabundo. Aproximei-me dele e ofereci um pouco de tabaco. Ele abriu a caixa e olhou para o tabaco com espanto:

– Por Deus – disse ele –, tem uns seis centavos de tabaco bom aqui! Onde você conseguiu isso? Não está na rua há muito tempo.

– Por que, não tem tabaco na rua? – perguntei.

– Ah, tem. Veja.

Ele me mostrou uma lata enferrujada que antes continha caldo em cubos. Nele havia vinte ou trinta bitucas de cigarro recolhidas na calçada. O irlandês disse que raramente conseguia tabaco de outra forma; e acrescentou que, com cuidado, era possível recolher cinquenta gramas de tabaco por dia nas calçadas de Londres.

– Saiu de um dos abrigos de Londres, é? – ele me perguntou.

Respondi que sim, pensando que isso o faria me aceitar como alguém da rua, e perguntei como era o abrigo em Romton. Ele disse:

– Bom, é um abrigo de chocolate quente. Tem os de chá, os de chocolate, e os de grude. Eles não dão grude em Romton, graças a Deus. Pelo menos, não deram na última vez que estive lá. Estive em York e na região de Gales depois disso.

– O que é grude? – perguntei.

– Grude? É uma lata de água quente com um pouco de aveia no fundo; isso é grude. Os abrigos do grude são sempre os piores.

Ficamos conversando por uma ou duas horas. O irlandês era um velho simpático, mas cheirava muito mal, o que não era surpreendente quando se sabia quantas doenças tinha. Parecia (ele descreveu os sintomas detalhadamente) que, examinando da cabeça aos pés, ele tinha os seguintes problemas: na cabeça, que era careca, ele tinha eczema; era míope e não usava óculos; tinha bronquite crônica; uma dor nas costas não diagnosticada; dispepsia; uretrite; varizes, joanetes e pés chatos. Com esse conjunto de doenças, fazia quinze anos que ele andava pelas ruas. Por volta das cinco, o irlandês disse:

– Gostaria de tomar uma xícara de chá? O abrigo não abre antes das seis horas.

– Acho que gostaria.

– Bem, tem um lugar onde dão uma xícara de chá e um pãozinho de graça. O chá é bom. Eles fazem você rezar muito depois, mas inferno! Tudo serve para passar o tempo. Você vem comigo.

Ele mostrou o caminho até um pequeno galpão de telhado de

zinco em uma rua secundária, um lugar que parecia o pavilhão de críquete de uma vilarejo. Cerca de 25 outros vagabundos estavam esperando. Alguns deles eram os velhos e sujos vagabundos habituais, a maioria formada por homens do norte de aparência decente, provavelmente mineiros ou operários do algodão desempregados. Logo a porta se abriu e uma senhora com um vestido de seda azul, usando óculos dourado e um crucifixo, nos deu as boas-vindas. Lá dentro havia trinta ou quarenta cadeiras duras, um harmônio e uma litografia muito sombria da crucificação.

Pouco à vontade, tiramos nossos bonés e sentamos. A senhora distribuiu o chá e, enquanto comíamos e bebíamos, ela andava de um lado para o outro, falando com benevolência. Ela falava sobre temas religiosos, sobre Jesus Cristo sempre preferir os homens pobres e rudes como nós, e sobre como o tempo passava depressa quando se estava na igreja, e que diferença fazia para um homem das ruas fazer suas preces regularmente. Nós odiamos aquilo. Sentamos com as costas contra a parede, mexendo em nossos bonés (um vagabundo se sente indecentemente exposto sem o boné), e coramos e tentamos resmungar alguma coisa quando a senhora se dirigiu a nós. Não havia dúvida de que ela falava com gentileza. Quando se aproximou de um dos rapazes do norte do país com o prato de pães, ela disse:

– E você, meu menino, quanto tempo faz que não se ajoelha e conversa com seu Pai Celestial?

Pobre rapaz, não conseguiu pronunciar nem uma palavra; mas a barriga respondeu por ele com um ronco vergonhoso provocado pela visão da comida. Depois disso, ele ficou tão constrangido que mal conseguia engolir o pão. Só um homem conseguiu responder à senhora à maneira dela, e era um sujeito

ágil, de nariz vermelho, alguém que parecia um cabo que tinha perdido a posição por embriaguez. Ele conseguia pronunciar as palavras “o querido Senhor Jesus” com menos vergonha que qualquer pessoa que já vi. Sem dúvida, havia aprendido na prisão.

O chá acabou, e vi os mendigos se olhando furtivamente. Um pensamento silencioso era compartilhado por todos: poderíamos fugir antes que as orações começassem? Alguém se mexeu na cadeira sem se levantar, na verdade, só olhando para a porta, como se sugerisse a ideia de sair. A senhora o conteve com um olhar. Ela disse com um tom mais bondoso que nunca:

– Não acho que já tenha que ir. O abrigo só abre às seis, e temos tempo para nos ajoelhar e dizer algumas palavras ao nosso pai antes disso. Acho que todos vamos nos sentir melhor depois disso, não é?

O homem de nariz vermelho foi muito prestativo, colocando o harmônio no lugar e distribuindo os livros de orações. Mantinha-se de costas para a senhora enquanto cuidava disso, e sua ideia de piada era lidar com os livros como se fossem um baralho, sussurrando para cada homem enquanto os distribuía:

– Pronto, companheiro, uma carta para você! Quatro ases e um rei! – E continuava assim.

Com a cabeça descoberta, ajoelhamos entre as xícaras de chá sujas e começamos a resmungar que tínhamos deixado por fazer as coisas que devíamos ter feito e feito aquelas que não devíamos ter feito, e que não havia saúde em nós. A senhora orava com muito fervor, mas seus olhos vagavam entre nós o tempo todo, verificando se todos estavam presentes. Quando ela não estava olhando, sorríamos, piscávamos um para o

outro e murmurávamos piadas obscenas, só para mostrar que não nos importávamos; mas tudo isso ficava um pouco preso na garganta. Ninguém, exceto o homem de nariz vermelho, era confiante o suficiente para recitar as respostas mais alto que um sussurro. Foi um pouco melhor com o canto, exceto por um mendigo velho que não conhecia nenhuma canção além de "Avante, soldados cristãos" e voltava a ela às vezes, arruinando a harmonia.

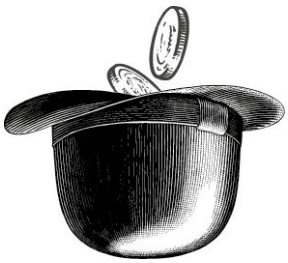
As orações duraram meia hora e, depois de um aperto de mão à porta, partimos.

– Bem – disse alguém assim que nos afastamos de lá –, o problema acabou. Pensei que as orações nunca terminariam.

– Comeu seu pão – disse outro. – Tinha que pagar por ele.

– Rezar por ele, você quer dizer. Ah, não se ganha muito por nada. Não podem nem dar uma xícara de chá sem que você tenha que se ajoelhar por isso.

Os outros concordaram. Evidentemente, os mendigos não eram gratos pelo chá. E, no entanto, era um chá excelente, tão diferente do chá de cafeteria quanto o bom Bordeaux é distinto daquela coisa que chamam de *claret* colonial, e todos ficávamos contentes com isso. Também tenho certeza de que foi dado de boa vontade, sem intenção de nos humilhar; então, seria justo que ficássemos gratos, mas, mesmo assim, não ficamos.



CAPÍTULO 27

Por volta de quinze minutos antes das seis horas, o irlandês me levou até o abrigo. Era um cubo sombrio e esfumaçado de tijolos amarelos, construído em um canto do terreno da casa de caridade e trabalho. Com suas fileiras de minúsculas janelas gradeadas, muro alto e portões de ferro separando-o da rua, parecia uma prisão. Já havia uma longa fila de homens maltrapilhos esperando os portões serem abertos. Eram de todos os tipos e idades. O mais novo era um garoto de 16 anos; o mais velho, uma múmia encurvada e desdentada de 75 anos. Alguns eram mendigos endurecidos, reconhecíveis por seus bastões, recipientes de latas e rostos escurecidos pela poeira; alguns eram operários desempregados, lavradores, um era escriturário de colarinho e gravata, dois certamente eram imbecis. Vistos em grupo, descansando ali, eram uma visão repulsiva; nada perverso ou perigoso, mas uma população sarnenta e deselegante, quase toda maltrapilha e visivelmente desnutrida. Eles eram amigáveis, porém, e não fizeram perguntas. Muitos me ofereceram tabaco – bitucas de cigarro, claro.

Encostamos na parede fumando, e os mendigos começaram a falar sobre os abrigos em que estiveram recentemente. Pelo que disseram, todos são diferentes, cada um com seus méritos e deméritos peculiares, e é importante saber disso quando você está na rua. Um veterano pode relacionar as peculiaridades de

cada abrigo na Inglaterra, por exemplo: no A você tem permissão para fumar, mas há insetos nos dormitórios; no B as camas são confortáveis, mas o porteiro é encrenqueiro e intimidador; no C, eles deixam você sair de manhã cedo, mas o chá é intragável; no D, os funcionários roubam seu dinheiro, se você tiver algum, e assim por diante, interminavelmente. Existem caminhos conhecidos onde os abrigos estão a um dia de caminhada um do outro. Fui informado de que a rota Barnet-St Albans é a melhor, e me alertaram para ficar longe de Billericay e Chelmsford, e também de Ide Hill, em Kent. Chelsea era considerado o abrigo mais luxuoso da Inglaterra; alguém que elogiava o lugar disse que os cobertores de lá pareciam mais com os de uma prisão do que de um albergue. Os mendigos vão para longe no verão e, no inverno, circulam o máximo possível em torno das grandes cidades, onde é mais quente e tem mais caridade. Mas eles precisam estar sempre em movimento, pois não se pode entrar em nenhum albergue, ou em quaisquer dois albergues de Londres, mais de uma vez por mês, sob pena de ficar confinado por uma semana.

Algum tempo depois das seis, os portões se abriram e começamos a entrar um a um. No pátio havia um escritório onde um funcionário registrava em um livro nossos nomes, profissões e idades, também os lugares de onde vínhamos e para onde íamos, uma tentativa de controlar a movimentação dos mendigos. Eu disse que era “pintor”; já pintei aquarelas – quem nunca pintou? O funcionário também perguntou se tínhamos dinheiro, e todos disseram que não. É ilegal entrar no albergue com mais de oito pence, e qualquer quantia inferior a este valor deve ser entregue no portão. Mas, via de regra, os mendigos preferem contrabandear seu dinheiro, amarrando bem as moedas com um pedaço de pano para que não façam

barulho. Geralmente, eles colocam o dinheiro no saquinho de chá e açúcar que todo mendigo carrega, ou entre seus "papéis". Os "papéis" são considerados sagrados e nunca são revistados.

Depois de nos registrarmos no escritório, fomos conduzidos ao interior do albergue por um colaborador conhecido como Mendigo-Mor (seu trabalho é supervisionar os acolhidos eventuais, e geralmente é um indigente da casa de acolhimento e trabalho) e um porteiro intimidador e grande que vestia um uniforme azul e nos tratava como se fôssemos gado. O albergue consistia simplesmente em um banheiro e um lavatório e, no mais, longas fileiras duplas de celas de pedra, talvez uma centena delas, no total. Era um lugar estéril e sombrio de pedra e cal, limpo de má vontade, com um cheiro que, de alguma forma, eu havia previsto pela aparência; um cheiro de sabonete mole, desinfetante de creolina e latrinas – um odor frio, desanimador, de prisão.

O porteiro conduziu todos nós para um corredor, depois disse para entrarmos no banheiro seis de cada vez, para sermos revistados antes do banho. Procuravam dinheiro e tabaco, pois Romton era um dos albergues onde se podia fumar, depois de entrar com o tabaco, mas onde ele era confiscado, se fosse encontrado em você. Os veteranos tinham contado que o porteiro nunca revistava do joelho para baixo, por isso, antes de entrar, todos tínhamos escondido o tabaco no cano das botinas. Depois, enquanto nos despíamos, guardávamos o tabaco no casaco, que podia ficar conosco para servir de travesseiro.

A cena no banheiro era extraordinariamente repulsiva. Cinquenta homens sujos e nus se acotovelando em um cômodo de seis metros quadrados, com apenas duas banheiras e duas

toalhas de rolo grudentas para dividir. Jamais esquecerei o fedor de pés sujos. Menos da metade dos mendigos tomou banho de verdade (ouvi alguns dizer que a água quente "enfraquece" o organismo), mas todos lavaram o rosto e os pés, e também os horríveis trapinhos gordurosos conhecidos como panos de dedos, que eles amarravam em volta dos dedos dos pés. Água corrente só era permitida para homens que estavam tomando banho completo, por isso muitos tiveram que se lavar na água onde outros tinham lavado os pés. O porteiro nos empurrava de um lado para o outro e falava duro com quem perdia tempo. Quando chegou minha vez de tomar banho, perguntei se poderia enxaguar a banheira, que estava suja, antes de usá-la. Ele respondeu simplesmente:

– Cale a boca e tome logo esse banho!

Isso definiu o tom social do lugar, e não falei mais nada.

Quando terminamos o banho, o funcionário amarrou nossas roupas em feixes e nos deu camisas da casa de trabalho, peças de algodão cinza de higiene duvidosa, como pijamas improvisados. Fomos imediatamente mandados para as celas, e logo o porteiro e o Mendigo-Mor trouxeram a refeição feita na casa de trabalho. A ração de cada homem era uma fatia de duzentos gramas de pão com margarina e meio litro de chocolate quente sem açúcar em uma caneca de lata. Sentados no chão, devoramos tudo em cinco minutos e, por volta das sete horas, as portas das celas foram trancadas por fora e assim permaneceriam até as oito da manhã.

Cada homem podia dormir com um amigo ou companheiro, pois as celas comportavam duplas. Eu não tinha companheiro e fui colocado em uma cela com outro sujeito solitário, magro de rosto enrugado e levemente estrábico. A cela media dois

metros e meio por um metro e meio e tinha cinco metros de altura, era feita de pedra e tinha uma janela minúscula gradeada no alto da parede e um visor na porta, exatamente como uma cela de prisão. Nela havia seis cobertores, um penico, um cano de água quente e mais nada. Olhei em volta com a vaga sensação de que faltava alguma coisa. E então, chocado, percebi o que era e exclamei:

– Mas puxa, onde estão as camas?

– Camas? – repetiu o outro homem surpreso. – Não tem camas! O que esperava? Aqui se dorme no chão. Cristo! Ainda não se acostumou com isso?

Aparentemente, a ausência de camas era uma condição normal nos abrigos. Enrolamos nossos casacos e os apoiamos no cano de água quente, e nos acomodamos da melhor maneira possível. O lugar ficou bem abafado, mas não esquentou o suficiente para que pudéssemos deitar sobre todos os cobertores, de forma que usávamos só um para não deitar no chão duro. Estávamos a trinta centímetros de distância, respirando no rosto um do outro, com nossos membros nus se tocando constantemente e encostando um no outro sempre que adormecíamos. Mesmo mudando de lado constantemente, era inútil; para qualquer lado que se virasse, haveria primeiro uma sensação de entorpecimento, depois uma dor aguda quando a dureza do chão penetrava o cobertor. Dava para dormir, mas não por mais de dez minutos seguidos.

Por volta da meia-noite, o outro homem começou a tentar investidas homossexuais contra mim – uma experiência desagradável em uma cela trancada e escura como breu. O sujeito era uma criatura frágil e consegui lidar com ele com facilidade, mas é claro que foi impossível voltar a dormir.

Ficamos acordados o resto da noite, fumando e conversando. O homem me contou sua história de vida, ele era montador e fazia três anos que não encontrava trabalho. Disse que a esposa o abandonou prontamente quando ele perdeu o emprego, e que estava há tanto tempo longe das mulheres que tinha quase esquecido como elas eram. A homossexualidade é comum entre os mendigos de longa data, disse.

Às oito, o porteiro apareceu no corredor destrancando as portas e gritando "Todo mundo para fora!" As portas se abriram, deixando passar um odor rançoso e fétido. Imediatamente, o corredor se encheu de figuras esquálidas de camisa cinza, cada um de penico na mão e correndo para o banheiro. De manhã só havia uma banheira de água para todos nós, e, quando cheguei lá, vinte mendigos já tinham lavado o rosto. Dei uma olhada na espuma negra flutuando na água e não me lavei.

Depois disso, serviram um café da manhã idêntico ao jantar da noite anterior, devolveram nossas roupas e nos mandaram trabalhar no quintal. O trabalho era descascar batatas para o jantar dos pobres, mas era mera formalidade, para nos manter ocupados até que o médico viesse nos inspecionar. A maioria dos mendigos enrolava descaradamente. O médico apareceu por volta das dez horas, e nos mandaram voltar para as celas, tirar a roupa e esperar no corredor pela inspeção.

Nus e tremendo, nos perfilamos no corredor. Você não pode imaginar que imagem fracassada e degenerada oferecíamos ali de pé à luz impiedosa da manhã. As roupas de um mendigo são ruins, mas escondem coisas muito piores; para enxergá-lo como realmente é, sem disfarces, é preciso vê-lo nu. Pés chatos, barriga inchada, tórax oco, músculos flácidos – todo tipo de podridão física está lá. Quase todos eram subnutridos,

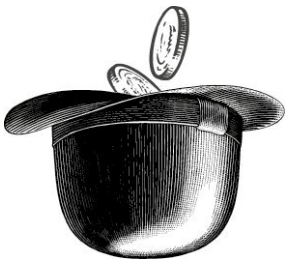
e alguns eram evidentemente doentes; dois homens usavam suportes para hérnia, e, quanto à velha criatura de 75 anos que mais parecia uma múmia, não dava para entender como ele conseguia fazer suas caminhadas diárias. Olhando para nossos rostos barbudos e marcados pela noite sem dormir, a impressão que se tinha era de que todos nós estávamos nos recuperando de uma semana de bebedeira.

O exame servia apenas para detectar casos de varíola e não tomava conhecimento de nossa condição geral. Um jovem estudante de medicina caminhava rapidamente ao longo da fila fumando um cigarro, olhando cada um de nós da cabeça aos pés, sem perguntar a ninguém se estava bem ou doente. Quando meu companheiro de cela se despiu, vi que seu peito estava coberto de erupções vermelhas e, depois de passar a noite a alguns centímetros dele, entrei em pânico com a possibilidade de ser varíola. O médico, porém, examinou a erupção e disse que era só consequência da subnutrição.

Depois do exame, nos vestimos e fomos mandados para o pátio, onde o porteiro nos chamou pelo nome, devolveu os pertences que havíamos deixado no escritório e distribuiu vales-refeição. Valiam seis pence cada um e eram encaminhados para os cafés na rota que havíamos declarado na noite anterior. Foi interessante ver que um grande número de mendigos não sabia ler e teve que recorrer a mim e a outros "estudados" para decifrar seus vales.

Os portões foram abertos e nos dispersamos rapidamente. Como é doce o cheiro do ar – mesmo que seja o de uma rua secundária no subúrbio – depois do odor estagnado e quase fecal do albergue! Agora eu tinha um companheiro, pois, enquanto descascávamos batatas, fiz amizade com um mendigo irlandês chamado Paddy Jaques, um homem pálido e

melancólico que parecia limpo e decente. Ele estava a caminho do Albergue Edbury e sugeriu que fôssemos juntos. Nós fomos, e chegamos lá às três da tarde. Era uma caminhada de dezenove quilômetros, mas para nós ela teve vinte e dois quilômetros, porque nos perdermos em meio às favelas desoladas do norte de Londres. Nossos vales-refeição podiam ser descontados em um café em Ilford. Quando chegamos lá, a atendente viu os vales, deduziu que éramos mendigos e balançou a cabeça com desprezo, e demorou muito para nos servir. Finalmente, ela deixou sobre a mesa "chás grandes" e quatro fatias de pão com alguma gordura derretida – ou seja, oito centavos de comida. Aparentemente, a loja costumava roubar dos mendigos dois centavos ou mais em cada vale; como tinham os vales, em vez de dinheiro, os mendigos não podiam reclamar ou ir a outro lugar.



CAPÍTULO 28

Paddy foi meu companheiro por cerca de quinze dias, e, como ele foi o primeiro mendigo que eu conheci mais de perto, quero fazer um relato sobre ele. Acredito que Paddy era um mendigo típico, e há dezenas de milhares como ele na Inglaterra.

Ele era um homem alto de uns 35 anos, cabelos louros ficando grisalhos e olhos azuis. As feições eram boas, mas as bochechas eram flácidas e tinham aquela aparência acinzentada e suja que resultam de uma dieta de pão com margarina. Ele se vestia um pouco melhor que a maioria dos mendigos, com um paletó de *tweed* e uma calça velha de traje de gala ainda com o galão. Evidentemente, ele considerava o galão um fragmento persistente de respeitabilidade e tinha o cuidado de costurá-lo novamente quando se soltava. Era muito cuidadoso com sua aparência e carregava uma navalha e uma escova de sapatos que não queria vender, embora já tivesse vendido seus "papéis" e até mesmo seu canivete. Mesmo assim, era possível identificar sua condição de mendigo a cem metros de distância. Havia algo no jeito de andar sem rumo e em como inclinava os ombros para a frente, algo que era essencialmente miserável. Ao vê-lo andar, sentia-se instintivamente que ele preferia levar um golpe a desferir um.

Ele foi criado na Irlanda, serviu dois anos na guerra e depois

trabalhou em uma fábrica de polimento de metal, emprego que havia perdido dois anos antes. Tinha uma vergonha horrível de ser mendigo, mas havia aprendido todos os costumes de um. Ele percorria as calçadas incessantemente, nunca deixava de ver uma bituca de cigarro, ou mesmo um maço de cigarros vazio, pois usava o papel de seda para enrolar cigarros. Quando estávamos a caminho de Edbury, ele viu um embrulho de jornal na calçada, pulou em cima dele e descobriu que continha dois sanduíches de carneiro já meio destruídos, que insistiu em dividir comigo. Ele nunca passava por uma máquina automática sem dar um puxão na manivela, pois dizia que às vezes elas não estavam funcionando direito e ejetavam moedas, quando a manivela era puxada. No entanto, ele não tinha estômago para o crime. Quando estávamos nos arredores de Romton, Paddy viu uma garrafa de leite na porta de uma casa, evidentemente deixada lá por engano. Ele parou e olhou faminto para a garrafa.

– Cristo! – disse –, que desperdício de alimento bom. Alguém poderia esvaziar aquela garrafa, hein? Sem nenhuma dificuldade.

Entendi que ele estava pensando em “esvaziar” a garrafa. Ele olhou para um lado e para o outro; era uma rua residencial tranquila e não havia ninguém à vista. O rosto doente e abatido de Paddy ansiava pelo leite. Então ele virou e disse desanimado:

– Melhor deixar para lá. Não é bom roubar a um homem. Meu Deus, nunca roubei nada até hoje.

Era o desânimo, consequência da fome, que o mantinha virtuoso. Com apenas duas ou três boas refeições na barriga, ele teria encontrado coragem para roubar o leite.

Ele tinha dois assuntos: a vergonha e a derrota de ser um mendigo e a melhor maneira de conseguir uma refeição grátis. Enquanto andávamos pelas ruas, ele mantinha um monólogo nesse estilo, adotando uma voz irlandesa chorosa e cheia de autopiedade:

– É um inferno viver na rua, não é? É de partir o coração ter que recorrer a esses malditos albergues. Mas o que mais um homem pode fazer, hein? Faz uns dois meses que não como uma boa refeição com carne, e minhas botas estão ficando bem ruins, e… Cristo! E se fôssemos pedir uma xícara de chá em um dos conventos no caminho para Edbury? Na maioria das vezes, esses lugares não recusam uma xícara de chá. Ah, o que um homem faria sem religião, hein? Já tomei chá de conventos, dos Batistas, da Igreja da Inglaterra, de todos os lugares. E sou católico. Quero dizer, não me confesso há uns dezessete anos, mas ainda tenho meus sentimentos religiosos, sabe como é. Um convento é sempre um bom lugar para uma xícara de chá… – E ele continuava assim o dia todo, quase sem parar.

Sua ignorância era ilimitada e terrível. Certa vez, ele me perguntou, por exemplo, se Napoleão viveu antes de Jesus Cristo ou depois. Outra vez, quando eu estava olhando a janela de uma livraria, ele ficou muito perturbado porque um dos livros se chamava *Imitação de Cristo*. Ele interpretou como uma blasfêmia.

– Por que diabos querem imitá-lo? – perguntou com raiva. Ele sabia ler, mas tinha uma espécie de aversão aos livros. No caminho de Romton para Edbury, parei em uma biblioteca pública e, embora Paddy não quisesse ler, sugeri que ele entrasse e descansasse as pernas. Mas ele preferiu esperar na calçada.

– Não – disse. – Ver todo aquele monte de coisas impressas me deixa doente.

Como a maioria dos mendigos, ele era egoísta com fósforos. Tinha uma caixa quando o conheci, mas nunca o vi riscar nenhum, e ele costumava me acusar de extravagância quando eu usava um dos meus. Seu método era pedir fogo a estranhos, e às vezes ele passava meia hora sem fumar para não ter que riscar um fósforo.

A autopiedade era a indicação de seu caráter. Ele não deixava de pensar em sua má sorte nem por um instante. Rompia longos períodos de silêncio para exclamar do nada:

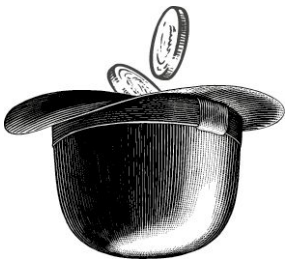
– É um inferno quando suas roupas começam a ficar imprestáveis! – Ou: – Aquele chá no albergue parece mijo. – Como se não tivesse mais nada em que pensar. E ele tinha uma inveja baixa, rastejante, de qualquer pessoa em situação melhor que a dele. Não dos ricos, porque estes estavam além de seu horizonte social, mas dos homens que trabalhavam. Ele ansiava por trabalho como um artista anseia pela fama. Se visse um velho trabalhando, dizia com amargura: – Olha só aquele velho, deixando homens saudáveis sem trabalho. – Ou, se fosse um menino: – São esses demônios jovens que tiram o pão de nossas bocas. – E todos os estrangeiros para ele eram "malditos gringos", pois, de acordo com sua teoria, os estrangeiros eram responsáveis pelo desemprego.

Ele olhou para as mulheres com uma mistura de desejo e ódio. Mulheres jovens e bonitas estavam muito acima de suas possibilidades para entrar em seus pensamentos, mas ele ficava com água na boca com as prostitutas. Uma dupla de velhas de lábios pintados de vermelho passava, e Paddy ficava vermelho, virava para trás e olhava com avidez para as

mulheres.

– Delícia! – resmungava, como um menino na vitrine de uma confeitaria. Uma vez ele me contou que não tinha relações com uma mulher fazia dois anos, isto é, desde que perdeu o emprego, e que havia esquecido que alguém pode querer mais do que prostitutas. Ele tinha a personalidade habitual de um mendigo: abjeto, invejoso, o caráter de um chacal.

Mesmo assim, era um bom sujeito, generoso por natureza e capaz de dividir seu último pedaço de pão com um amigo; na verdade, ele realmente dividiu seu último pedaço de pão comigo mais de uma vez. Provavelmente, também era capaz de trabalhar, se fosse bem alimentado por alguns meses. Mas dois anos de pão e margarina baixaram irremediavelmente seus padrões. Ele havia sobrevivido dessa imitação de comida até que mente e corpo passassem a ser um composto de coisas inferiores. Foi a desnutrição, e não qualquer vício original, que destruiu sua masculinidade.



CAPÍTULO 29

No caminho para Edbury, contei a Paddy que tinha um amigo que, eu tinha certeza, me daria algum dinheiro, e sugeri que fôssemos direto para Londres, em vez de enfrentar outra noite em um albergue. Mas Paddy não tinha estado em Edbury recentemente e, como um mendigo, não perderia uma noite de hospedagem gratuita. Combinamos de ir a Londres na manhã seguinte. Eu tinha apenas meio pence, mas Paddy tinha dois xelins, o que garantiria uma cama para cada um e algumas xícaras de chá.

O albergue de Edbury não diferia muito daquele de Romton. O pior ali era que todo tabaco era confiscado no portão, e fomos avisados de que qualquer homem pego fumando era expulso imediatamente. De acordo com a Lei da Mendicância, os mendigos podem ser processados por fumar no albergue; na verdade, eles podem ser processados por quase qualquer coisa, mas as autoridades geralmente evitam o trabalho de um processo expulsando os desobedientes. Não havia trabalho a fazer, e as celas eram bem confortáveis. Dormíamos dois em cada cela, “um em cima, um embaixo”, ou seja, um em uma prateleira de madeira e o outro no chão, com colchonetes de palha e muitos cobertores, sujos, mas sem insetos. A comida era a mesma de Romton, mas havia chá, em vez de chocolate. Era possível conseguir mais chá de manhã, pois o Mendigo-Mor vendia a bebida por meio pence a caneca, uma transação

ilícita, sem dúvida. Deram a cada um de nós um pedaço de pão e queijo para levar e comer na hora do almoço.

Quando chegamos a Londres, faltavam oito horas para os albergues abrirem. É curioso como não se notam as coisas. Eu tinha estado em Londres inúmeras vezes e, no entanto, até aquele dia, nunca havia notado uma das piores coisas de Londres: é preciso pagar até para sentar. Em Paris, se você não tivesse dinheiro e não conseguisse encontrar um banco público, era só sentar na calçada. Só Deus sabe o que poderia acontecer com quem sentasse na calçada em Londres. Prisão, provavelmente. Por volta das quatro da tarde, fazia cinco horas que estávamos em pé, e nossos pés estavam em brasa por causa da dureza das pedras. Estávamos com fome, pois tínhamos comido nossa ração assim que saímos do albergue, e eu estava sem fumo. Paddy se importava menos com isso, pois pegava bitucas de cigarro. Tentamos entrar em duas igrejas, mas estavam trancadas. Depois tentamos uma biblioteca pública, mas não havia cadeiras vazias. Como última esperança, Paddy sugeriu que tentássemos um abrigo Rowton; pelas regras, não nos deixariam entrar antes das sete, mas podíamos passar despercebidos. Caminhamos até a porta magnífica (os abrigos Rowton são realmente magníficos) e muito casualmente, tentando parecer inquilinos regulares, fomos entrando. Imediatamente, um homem que estava na porta, um sujeito de rosto atento, evidentemente em posição de autoridade, impediu nossa passagem.

– Vocês dormiram aqui ontem à noite?

– Não.

– Então… fora.

Obedecemos e ficamos mais duas horas na esquina. Foi

desagradável, mas serviu para aprender a não usar a expressão "vagabundo de esquina", então ganhei alguma coisa com isso.

Às seis, fomos para um albergue do Exército de Salvação. Não podíamos reservar camas até as oito e não era certo que haveria vagas, mas um funcionário, que nos chamou de "Irmão", nos deixou entrar, com a condição de que pagássemos por duas xícaras de chá. O salão principal do abrigo era uma espécie de celeiro grande e caiado de branco, opressivamente limpo e vazio, sem nenhum fogo aceso. Duzentas pessoas de aparência decente e contida estavam sentadas em longos bancos de madeira. Um ou dois policiais uniformizados andavam para cima e para baixo. Na parede havia fotos do General Booth e avisos de que era proibido cozinhar, beber, cuspir, falar palavrões, brigar e jogar. Para dar um exemplo desses avisos, copio um deles aqui literalmente:

> *Qualquer homem encontrado apostando ou jogando cartas será expulso e não será admitido em nenhuma circunstância.*
>
> *Uma recompensa será concedida por informações que levem à descoberta dessas pessoas.*
>
> *Os funcionários encarregados apelam a todos os abrigados para que os ajudem a manter este albergue livre do MAL DETESTÁVEL DO JOGO.*

"Apostar ou jogar cartas" é uma expressão deliciosa. Na minha opinião, esses abrigos do Exército de Salvação, embora limpos, são muito mais tristes do que as piores pensões comuns. Há uma grande desesperança em algumas pessoas ali, sujeitos decentes e destruídos que penhoraram as camisas sociais, mas ainda estão tentando arrumar emprego em escritórios. Ir a um abrigo do Exército de Salvação, onde há

limpeza, pelo menos, é sua última tentativa de se agarrar à respeitabilidade. Na mesa ao lado da minha havia dois estrangeiros, ambos maltrapilhos, mas evidentemente cavalheiros. Eles estavam jogando xadrez verbalmente, sem nem mesmo anotar os movimentos. Um deles era cego, e os ouvi dizer que já fazia muito tempo que economizavam para comprar um tabuleiro que custava meia coroa, mas nunca conseguiam. Aqui e ali havia desempregados pálidos e taciturnos. Em um desses grupos, um jovem alto, magro e muito pálido falava com animação. Ele batia com o punho na mesa e se gabava de um jeito estranho, inflamado. Quando os funcionários se afastaram, ele começou a dizer blasfêmias chocantes:

– Vou dizer uma coisa, rapazes, vou conseguir esse emprego amanhã. Não faço parte dessa sua maldita brigada dos que se ajoelham. Sei cuidar de mim mesmo. Olhem para isso, vejam ali! "O Senhor proverá!" Grande coisa Ele já me deu. Vocês não vão me ver confiando no… Senhor. Deixem comigo, rapazes. Vou conseguir esse emprego. – E continuava por aí.

Eu o observei, impressionado com seu jeito descontrolado e agitado de falar; ele parecia histérico, ou talvez um pouco bêbado. Uma hora depois, fui a uma salinha separada do salão principal, destinada à leitura. Não havia livros nem jornais ali, então poucos abrigados entravam nela. Quando abri a porta, vi o jovem; ele estava de joelhos, rezando. Antes de fechar a porta novamente, tive tempo de ver seu rosto e parecia agoniado. De repente percebi, pela expressão em seu rosto, que ele estava morrendo de fome.

Cobravam oito pence pelas camas. Paddy e eu tínhamos cinco pence sobrando e gastamos esse dinheiro no "bar", onde a comida era barata, embora não tão barata quanto em algumas

pensões comuns. O chá parecia ser feito com pó de chá, que imagino ter sido doado ao Exército de Salvação, embora eles o vendessem por três pence e meio a xícara. Era uma coisa horrível. Às dez horas, um oficial passou pela sala tocando um apito. Imediatamente todos se levantaram.

– O que é isso? – perguntei espantado a Paddy.

– Isso significa que você tem que ir para a cama. E tem que prestar atenção a isso também.

Obedientes como ovelhas, os duzentos homens foram para a cama sob o comando dos funcionários.

O dormitório era um grande sótão que parecia um alojamento militar, com sessenta ou setenta camas. Eram limpas e razoavelmente confortáveis, mas muito estreitas e muito próximas umas das outras, de modo que se respirava direto no rosto do vizinho. Dois funcionários dormiam no quarto, para ver se não havia fumo e conversas depois que as luzes eram apagadas. Paddy e eu mal dormimos, pois havia um homem perto de nós que tinha algum problema nervoso, consequência de choque, talvez, que o fazia gritar "Pip!" em intervalos irregulares. Era um barulho alto e surpreendente, parecido com o toque de uma buzina. Nunca se sabia quando ia acontecer, e era impossível dormir com isso. Aparentemente, Pip, como os outros o chamavam, dormia regularmente no abrigo e devia manter dez ou vinte pessoas acordadas todas as noites. Ele era um exemplo do tipo de coisa que impede uma pessoa de dormir o suficiente quando os homens são tratados como rebanho, como acontece nesses albergues.

Às sete, ouvimos outro apito, e os funcionários fizeram a ronda sacudindo os que não se levantavam imediatamente.

Desde então, dormi em vários abrigos do Exército de Salvação e descobri que, embora as casas tenham pequenas diferenças, essa disciplina semimilitar é a mesma em todas elas. São baratas, certamente, mas são muito parecidas com os abrigos para indigentes, para o meu gosto. Em algumas existe até um culto religioso obrigatório uma ou duas vezes por semana, ao qual os hóspedes devem comparecer, ou sair da casa. O fato é que o Exército de Salvação se considera uma obra de caridade em tal extensão que não consegue nem administrar uma pensão sem que ela tenha o cheiro de caridade.

Às dez, fui ao escritório de B. e pedi uma libra emprestada. Ele me deu duas libras e me disse para voltar quando fosse necessário, e assim Paddy e eu ficamos livres de problemas com dinheiro por uma semana, pelo menos. Passamos o dia em Trafalgar Square, procurando um amigo de Paddy que nunca apareceu, e à noite fomos para uma pensão em um beco perto do Strand. O preço desse lugar era onze pence, mas a pensão era escura e malcheirosa, além de conhecido refúgio de "bichinhas". No andar de baixo, na cozinha escura, três jovens de aparência ambígua vestidos com elegantes ternos azuis estavam sentados em um banco à parte, ignorados pelos outros hóspedes. Suponho que eram "bichinhas". Eram parecidos com os garotos apaches que se veem em Paris, mas sem as costeletas. Em frente ao fogo, um homem totalmente vestido e outro totalmente nu discutiam os termos de um negócio. Eram vendedores de jornais. O homem vestido estava vendendo suas roupas para o homem nu. Ele disse:

– Aqui está, as melhores roupas que você já teve. Meia coroa pelo casaco, dois xelins pela calça, um xelim e meio pelas botas e um xelim pelo chapéu e o cachecol. São sete xelins.

– Muita coisa! Dou um xelim e meio pelo casaco, um xelim

pela calça e dois xelins pelo resto. Quatro xelins e meio.

– Pode ficar com tudo por cinco e meio, companheiro.

– Certo, pode tirar tudo. Preciso sair para vender minha última edição.

O homem vestido se despiu e, em três minutos, as posições se inverteram: o homem nu estava vestido, e o outro improvisava um *kilt* com uma folha do *Daily Mail*.

O dormitório era escuro e fechado, e havia quinze camas nele. Pairava ali um cheiro horrível de urina, um cheiro tão horroroso que, no início, se tentava respirar com inspirações curtas, sem encher os pulmões. Quando eu estava deitado na cama, um homem surgiu da escuridão, inclinou-se sobre mim e começou a balbuciar com uma voz educada e meio bêbada:

– Foi aluno da escola pública, é? – Ele me ouviu dizer alguma coisa a Paddy. – Não encontro muitos da antiga escola por aqui. Sou ex-Etoniano. Sabe… vinte anos desde aqueles tempos. – E começou a cantar com voz trêmula, mas sem desafinar, o hino da equipe de remo da Eton:

Bom tempo para remar, e para colher feno…

– Pare com esse barulho! – gritaram vários hóspedes.

– Gente baixa – disse o ex-Etoniano – muito baixa. É um lugar estranho para nós, não é? Sabe o que meus amigos me dizem? Eles falam: "M., você não tem mais jeito". E é verdade, não tenho mais jeito. Caí muito no mundo; não como estes aqui, que não poderiam descer mais de onde estavam, nem que tentassem. Nós, os que descemos, deveríamos passar um tempo juntos. A juventude ainda pode ser vista em nosso rosto… sabe como é. Posso oferecer uma bebida?

Ele pegou uma garrafa de conhaque e, no mesmo momento, perdeu o equilíbrio, caindo sobre minhas pernas. Paddy, que começava a se despir, o levantou.

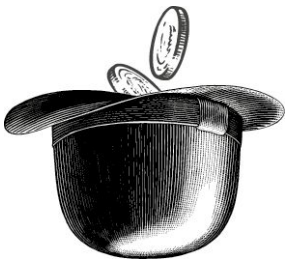
– Volte para a sua cama, idiota!

O ex-Etoniano foi cambaleando até a cama dele e se enfiou embaixo dos lençóis completamente vestido, sem tirar nem os sapatos. Durante a noite, eu o ouvi resmungar várias vezes: "M., você não tem mais jeito", como se gostasse da frase. De manhã ele estava dormindo totalmente vestido, abraçado à garrafa. Era um homem de seus 50 anos, com um rosto refinado e envelhecido e, curiosamente, vestido com elegância. Era estranho ver seus bons sapatos de couro para fora daquela cama imunda. Também me ocorreu que o conhaque devia custar o equivalente a quinze dias de hospedagem, de modo que ele não devia estar em situação muito difícil. Talvez frequentasse hospedarias comuns em busca dos "bichinhas".

Não havia mais de meio metro de espaço entre as camas. Por volta da meia-noite, acordei e descobri que o homem na cama ao meu lado tentava roubar o dinheiro debaixo do meu travesseiro. Ele fingia estar dormindo enquanto deslizava a mão para baixo do travesseiro com a sutileza de um rato. De manhã, vi que era um corcunda com braços longos como os de um macaco. Contei a Paddy sobre a tentativa de roubo. Ele riu e disse:

– Cristo! Você tem que se acostumar com isso. Essas pensões estão cheias de ladrões. Em algumas delas, só há segurança para quem dorme completamente vestido. Já vir roubarem a perna de pau de um aleijado. Uma vez vi um homem de uns noventa quilos entrar em uma pensão com

quatro libras e dez centavos. Ele guardou o dinheiro embaixo do colchão. “É isso”, disse ele, “quem quiser pôr a mão nesse dinheiro, vai ter que passar por cima do meu corpo.” Mas pegaram o dinheiro dele mesmo assim. De manhã, ele acordou no chão. Quatro homens pegaram o colchão pelos cantos e o levantaram como se tivesse o peso de uma pena. Ele nunca mais viu suas quatro libras e dez.



CAPÍTULO 30

Na manhã seguinte, voltamos a procurar o amigo de Paddy, que se chamava Bozo e era um artista de rua, desenhava no chão das calçadas. Endereços não existiam no mundo de Paddy, mas ele tinha uma vaga ideia de que Bozo poderia ser encontrado em Lambeth, e no fim nós o encontramos no Embankment, onde ele havia se estabelecido não muito longe da ponte Waterloo. Bozo estava ajoelhado na calçada com uma caixa de giz, copiando de um caderno um esboço de Winston Churchill. A semelhança não era de todo ruim. Bozo era um homem pequeno, moreno, de nariz adunco, com cabelos cacheados e curtos. Sua perna direita era terrivelmente deformada, com o calcanhar voltado para a frente de um jeito que era horrível de se ver. Pela aparência, ele poderia ser confundido com um judeu, mas costumava negar vigorosamente. Dizia que o nariz adunco era “romano” e se orgulhava da semelhança com algum imperador de Roma, Vespasiano, eu acho.

Bozo tinha um jeito estranho de falar, mas muito lúcido e expressivo. Era como se tivesse lido bons livros, mas nunca tivesse se preocupado com a correção da gramática. Por um tempo, Paddy e eu ficamos no Embankment, conversando, e Bozo falou sobre o ofício de desenhista de rua. Repito o que ele disse mais ou menos com suas próprias palavras.

“Sou o que chamam de desenhista de rua sério. Não desenho com giz em quadro-negro, como os outros, uso as cores adequadas como os pintores usam; são muito caras, especialmente as tintas vermelhas. Uso o equivalente a cinco xelins em um dia longo, e nunca menos que o equivalente a dois xelins[2]. Minha linha é a dos quadrinhos, sabe? Políticos, críquete, essas coisas. Olha aqui”, ele me mostrou seu caderno, “’aqui estão os retratos de todos os políticos, desenhei copiando dos jornais. Faço um desenho diferente todos os dias. Por exemplo, quando estavam discutindo o orçamento, desenhei Winston tentando empurrar um elefante com a palavra “Dívida” e, embaixo, escrevi: ‘Ele vai se mexer nisso?’ Entende? Você pode fazer caricaturas sobre qualquer partido, mas não deve acrescentar nada a favor do socialismo, porque a polícia não admite. Uma vez fiz um desenho de uma jiboia com a inscrição Capital engolindo um coelho com a inscrição Trabalho. O policial se aproximou, viu e disse: ‘Apaga isso, e presta atenção nesse negócio’. Tive que apagar. O policial tem o direito de levar você por vadiagem, e não vale a pena retrucar.” Perguntei ao Bozo quanto dava para ganhar com os desenhos. Ele disse:

“Nesta época do ano, quando não chove, faço umas três libras entre sexta e domingo. As pessoas recebem o salário na sexta-feira. Não posso trabalhar quando chove; as cores são lavadas imediatamente. Durante o ano todo, ganho cerca de uma libra por semana, porque não se pode fazer muito no inverno. No dia da corrida de barcos e no dia da Final do Campeonato, ganho até quatro libras. Mas você tem que arrancar isso deles, sabe? Não ganha um xelim se ficar sentado olhando para eles. Meio pence é o que costumam dar, e você não ganha nem isso, a menos que os entretenha com um pouco

de conversa fiada. Depois que respondem, eles ficam com vergonha de não dar nada. O melhor é continuar sempre mudando o desenho, porque, quando virem você desenhando, vão parar para olhar. O problema é que os mendigos aparecem assim que você passa o chapéu. É preciso ter um assistente nesse jogo. Você continua trabalhando e reunindo uma multidão para olhar para você, e o ajudante aparece como se estivesse atrás deles. Eles não sabem que ele é o ajudante. Então, de repente, ele tira o chapéu e os pega de surpresa. Você nunca vai conseguir tirar nada de um rico. É dos miseráveis que se tira mais proveito, e dos estrangeiros. Já ganhei até seis pence de japoneses, pretos e outros assim. Eles não são mesquinhos como um inglês. Outra coisa que precisa lembrar é de manter seu dinheiro guardado, exceto, talvez, por um pence no chapéu. As pessoas não vão lhe dar nada se virem que você já tem um ou dois xelins."

Bozo tinha o mais profundo desprezo pelos outros desenhistas do Embankment. Ele os chamava de "pratos de salmão". Naquela época, havia um desenhista de rua a cada vinte e cinco metros ao longo do Embankment, e vinte e cinco metros era a distância mínima reconhecida entre dois pontos ocupados. Bozo apontou com desdém para um velho desenhista de barba branca a cinquenta metros de distância.

"Está vendo aquele velho idiota? Ele faz o mesmo retrato todos os dias há dez anos. 'Um amigo fiel', é assim que ele chama o desenho. É um cachorro tirando uma criança da água. O velho idiota não consegue desenhar melhor que uma criança de 10 anos. Ele aprendeu só aquele desenho pela regra de ouro, como se aprende a montar um quebra-cabeça. Há muitos assim por aqui. Eles vêm espiar minhas ideias, às vezes, mas não me importo; os idiotas não conseguem pensar em nada por

conta própria, por isso estou sempre à frente deles. Essa coisa das caricaturas exige que se esteja sempre bem informado, atualizado. Uma vez uma criança ficou com a cabeça presa entre as barras da grade da ponte Chelsea. Bem, eu ouvi essa história, e meu desenho estava na calçada antes que eles tirassem a cabeça da criança da grade. Sou rápido."

Bozo parecia um homem interessante, e eu estava ansioso para saber mais dele. Naquela noite, desci ao Embankment para encontrá-lo, pois ele havia combinado de nos levar a uma pensão ao sul do rio. Bozo lavou seus desenhos da calçada e contou os ganhos, cerca de dezesseis xelins, dos quais ele disse que doze ou treze seriam lucro. Fomos andando para Lambeth. Bozo ia mancando devagar, com um andar esquisito de caranguejo, meio de lado, arrastando o pé esmagado atrás de si. Ele carregava uma vara em cada mão e pendurava a caixa de tintas no ombro. Quando estávamos atravessando a ponte, ele parou em um dos recuos para descansar. Ficou em silêncio por um ou dois minutos e, para minha surpresa, vi que olhava para as estrelas. Ele tocou meu braço e apontou para o céu com a bengala improvisada.

– Olhe só: Aldebarã! Olhe a cor. Parece uma… uma grande laranja sanguínea!

Ele falava como um crítico em uma galeria de arte. Fiquei surpreso. Confessei que não sabia qual delas era Aldebarã, na verdade nunca tinha percebido que as estrelas tinham cores diferentes. Bozo começou a me dar algumas informações elementares sobre astronomia, apontando as principais constelações. Ele parecia preocupado com minha ignorância. Reagi surpreso:

– Parece que você sabe muito sobre estrelas.

– Não muito. Mas sei um pouco. Recebi duas cartas do Astrônomo Real me agradecendo por escrever sobre meteoros. De vez em quando, saio à noite e procuro meteoros. As estrelas são um *show* gratuito; não custa nada usar seus olhos.

– Que boa ideia! Eu nunca teria pensado nisso.

– Bem, você precisa se interessar por alguma coisa. Não entendo que um homem pense só em chá e duas fatias de pão só porque vive nas ruas.

– Mas não é muito difícil se interessar por coisas… coisas como estrelas, vivendo essa vida?

– Desenhando na calçada, você quer dizer? Não necessariamente. Não precisa se tornar uma porcaria de coelho, isto é, não se você decidir que não vai ser assim.

– Parece que é esse o efeito na maioria das pessoas.

– Claro. Veja o Paddy, um velho parasita que bebe chá e só serve para recolher bitucas de cigarro. É assim que a maioria deles acaba. Eu os desprezo. Mas você não precisa ficar assim. Se você estudou, teve alguma educação, não importa se vai passar o resto da vida nas ruas.

– Bom, descobri exatamente o contrário – respondi. – Parece que, quando você tira o dinheiro de um homem, ele não serve para mais nada.

– Não, não necessariamente. Se você se dedicar, pode viver a mesma vida, sendo rico ou pobre. Pode continuar com seus livros e suas ideias. Só precisa dizer a si mesmo: "Eu sou um homem livre aqui" – ele bateu na testa –, e vai ficar bem.

Bozo continuou falando no mesmo tom, e eu escutei com atenção. Ele parecia um desenhista de rua muito incomum, e

era, além disso, a primeira pessoa que ouvia dizer que a pobreza não tinha importância. Eu o encontrei várias vezes nos dias seguintes, porque choveu várias vezes, e ele não pôde trabalhar. Bozo me contou sua história de vida, e ela era curiosa.

Filho de um livreiro falido, ele foi trabalhar como pintor de paredes aos 18 anos, depois serviu três anos na França e na Índia durante a guerra. Depois da guerra, arranjou um emprego de pintor de paredes em Paris, onde passou vários anos. Considerava a França mais adequada que a Inglaterra (ele desprezava os ingleses) e estava indo bem em Paris, economizando dinheiro e noivo de uma garota francesa. Um dia, a garota morreu esmagada sob as rodas de um ônibus. Bozo bebeu durante uma semana, depois voltou ao trabalho muito abalado; na mesma manhã, ele despencou de uma plataforma onde estava trabalhando a doze metros de altura, caiu na calçada e sofreu várias fraturas no pé direito. Por algum motivo, só recebeu sessenta libras de indenização. Ele voltou para a Inglaterra, gastou seu dinheiro procurando empregos, tentou vender livros no mercado da Middlesex Street, depois tentou vender brinquedos como ambulante e, finalmente, estabeleceu-se como desenhista de rua. Desde então vivia de maneira precária, meio morto de fome durante todo o inverno, dormindo frequentemente em albergues ou no Embankment.

Quando o conheci, ele não tinha nada além das roupas que vestia, seus materiais de desenho e alguns livros. As roupas eram os trapos usuais de mendigo, mas ele usava colarinho e gravata, dos quais se orgulhava bastante. A gola, com um ano ou mais de idade, estava sempre puída em volta do pescoço, e Bozo costumava remendá-la com pedaços cortados da bainha

da camisa, de modo que quase não restava comprimento na camisa. A perna machucada estava piorando e provavelmente teria que ser amputada, e seus joelhos, por ele estar sempre ajoelhado nas pedras, tinham almofadas de pele da espessura de solas de sapatos. Claramente, não havia outro futuro para ele, exceto a mendicância e a morte na casa de indigentes.

Mesmo assim, ele não tinha medo, nem arrependimento, nem vergonha, nem autopiedade. Ele enfrentava a situação e construiu uma filosofia para si mesmo. Ser mendigo, disse, não era culpa dele, e se recusava a sentir vergonha ou se deixar consumir por isso. Era inimigo da sociedade e estava pronto para entrar no crime se surgisse uma boa oportunidade. Por princípio, recusava-se a ser econômico. No verão ele não economizava nada, gastava o excedente em bebida, já que não se importava com mulheres. Se estava sem um tostão quando o inverno chegava, a sociedade tinha que cuidar dele. Estava pronto para tirar cada centavo que pudesse da caridade, desde que não fosse obrigado a agradecer por isso. Mas evitava a caridade das instituições religiosas, porque dizia que não conseguia engolir essa coisa de trocar hinos por pãezinhos. Ele tinha vários outros pontos de honra; por exemplo, gabava-se de nunca em sua vida, mesmo quando estava morrendo de fome, ter pegado uma bituca de cigarro. Considerava-se em uma categoria superior à dos mendigos comuns, que, ele disse, formavam um bando abjeto, destituídos até da decência de serem ingratos.

Ele falava francês razoavelmente e tinha lido alguns romances de Zola, todas as peças de Shakespeare, *As viagens de Gulliver* e vários ensaios. Era capaz de descrever suas aventuras com palavras que seriam lembradas. Por exemplo, falando sobre funerais, ele me disse:

– Você já viu um cadáver queimado? Eu vi, na Índia. Eles colocaram o velho no fogo, e no momento seguinte eu quase tive um ataque, porque ele começou a espernear. Eram apenas os músculos se contraindo com o calor; mesmo assim, aquilo me abalou. Bem, ele se contorceu um pouco como um arenque na brasa, depois sua barriga explodiu, e explodiu com um estrondo que se poderia ter ouvido a cinquenta metros de distância. Isso me indispôs contra a cremação.

Ou ainda, sobre seu acidente:

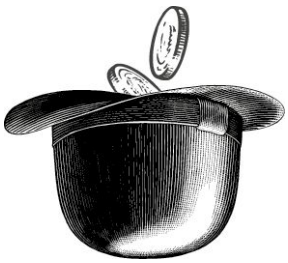
– O médico me disse: "Você caiu em cima de um pé só, meu caro. E foi muita sorte não ter caído sobre os dois pés. Porque, se tivesse caído sobre os dois pés, teria se acabado como uma sanfona, com os ossos da coxa saindo pelas orelhas!".

Obviamente, a frase não era do médico, mas do próprio Bozo. Ele tinha um dom para frases. Conseguia manter o cérebro intacto e alerta, e assim nada o fazia sucumbir à pobreza. Ele podia estar maltrapilho e com frio, ou mesmo morrendo de fome, mas, se pudesse ler, pensar e observar os meteoros, era, como disse, livre dentro da própria cabeça.

Ele era um ateu amargurado (o tipo de ateu que não só não acredita em Deus como tem uma antipatia pessoal por Ele) e sentia uma espécie de prazer por pensar que as questões humanas nunca melhorariam. Às vezes, disse ele, quando dormia no Embankment, encontrava consolo ao olhar para Marte ou Júpiter e pensar que, provavelmente, também lá havia pessoas dormindo no Embankment. Ele tinha uma teoria curiosa sobre isso. A vida na Terra, dizia, é dura porque o planeta é pobre em relação ao que é necessário para a existência. Marte, com seu clima frio e água escassa, deve ser muito mais pobre, e a vida lá é correspondentemente mais

dura. Enquanto na Terra você é apenas preso por roubar seis pence, em Marte você é fervido vivo, provavelmente. Esse pensamento animava Bozo, não sei por quê. Ele era um homem excepcional.

[2] Artistas de rua compram suas tintas em pó e as transformam em pasta usando leite condensado. (N.T.)



CAPÍTULO 31

O preço da pensão onde Bozo estava hospedado era nove pence por pernoite. Era um lugar grande e lotado, com acomodação para quinhentos homens e conhecido ponto de encontro de vagabundos, mendigos e criminosos baratos. Todas as raças, até negros e brancos, se misturaram em situação de igualdade. Havia indianos lá, e, quando falei com um deles em urdu ruim, ele me chamou de *tum,* uma palavra que teria feito qualquer pessoa se arrepiar, se fosse na Índia. Estávamos abaixo da linha do preconceito de cor. Vislumbravam-se ali vidas curiosas. O velho "vovô", um mendigo de 70 anos que ganhava a vida, ou boa parte dela, recolhendo bitucas de cigarro e vendendo o fumo a três pence trinta gramas. "O Doutor", um médico de verdade, que teve seu registro cassado por alguma ofensa e, além de vender jornais, dava orientações médicas por alguns centavos por conversa. Um lascar de Chittagong, descalço e faminto, que havia abandonado seu navio e vagado durante dias por Londres, tão perdido e desamparado que nem sabia o nome da cidade em que estava. Ele achava que era Liverpool, até eu dizer que não. Um escritor de cartas de súplicas, amigo de Bozo, que escrevia pedidos patéticos de ajuda para pagar o funeral da esposa e, quando uma carta surtia efeito, mergulhava em enormes orgias solitárias de pão e margarina. Ele era uma criatura desagradável, uma espécie de hiena.

Conversei com ele e descobri que, como a maioria dos vigaristas, acreditava em grande parte nas próprias mentiras. A pensão era uma Alsácia para tipos como esses.

Enquanto estive com Bozo, ele me ensinou alguma coisa sobre a técnica da mendicância em Londres. É mais complexo do que se poderia supor. Os mendigos variam muito entre si, e há uma linha social nítida entre aqueles que apenas pedem e aqueles que tentam dar alguma coisa importante pelo dinheiro. As quantias que se podem ganhar com as diferentes "solicitações" também variam. As histórias nos jornais de domingo sobre mendigos que morrem com duas mil libras costuradas nas calças são, é claro, mentiras; mas os mendigos de melhor classe têm épocas de sorte, quando ganham um salário digno por semanas seguidas. Os mendigos mais prósperos são acrobatas e fotógrafos de rua. Em um ponto bom, como uma fila de teatro, por exemplo, um acrobata de rua geralmente ganha cinco libras por semana. Os fotógrafos de rua podem ganhar quase a mesma coisa, mas dependem do bom tempo. Eles têm uma estratégia astuta para estimular os negócios. Ao ver uma provável vítima se aproximar, um deles corre para trás da câmera e finge tirar uma foto. Então, quando a vítima chega perto, eles exclamam:

– Aí está, senhor, sua foto ficou linda. Custa só um centavo.

– Mas eu não pedi para você tirar foto nenhuma – protesta a vítima.

– O quê, não queria a foto? Ora, achamos que estivesse acenando com a mão. Bem, desperdiçamos uma placa. São seis pence, então.

A vítima geralmente fica com pena e diz que vai ficar com a foto, afinal. Os fotógrafos examinam a chapa e dizem que está

danificada e que vão fazer uma nova de graça. Claro, eles não tiraram a primeira foto, na verdade; e assim, se a vítima se recusar a ser fotografada, não têm nenhum prejuízo.

Os músicos de rua, como os acrobatas, são considerados artistas, não mendigos. Um tocador de órgão manual chamado Shorty, amigo de Bozo, me contou tudo sobre o ofício. Ele e um companheiro "trabalhavam" nos cafés e *pubs* em torno de Whitechapel e da Commercial Road. É um erro pensar que os músicos desse tipo ganham a vida nas ruas; noventa por cento de sua renda é ganha em cafeterias e *pubs*, e só nos *pubs* baratos, porque eles não podem entrar nos melhores. A técnica de Shorty era parar do lado de fora de um *pub* e tocar uma música, e depois dela seu companheiro, que tinha uma perna de pau e era capaz de despertar compaixão, aparecia e passava o chapéu. Era ponto de honra para Shorty sempre tocar outra música depois de receber as "contribuições", um bis, por assim dizer; a ideia aqui era que ele era um artista de verdade, não alguém que era pago para ir embora. Ele e o companheiro ganhavam duas ou três libras por semana, mas, como tinham de pagar quinze xelins por semana pelo aluguel do órgão, sobrava só uma libra por semana cada um, mais ou menos. Ficavam nas ruas das oito da manhã às dez da noite, e até mais tarde aos sábados.

Os desenhistas de calçada às vezes são chamados de artistas, às vezes não. Bozo me apresentou a alguém que era um artista "de verdade", isto é, havia estudado arte em Paris e enviado quadros para o Salon em sua época. Sua linha eram cópias de Velhos Mestres, o que fazia maravilhosamente, considerando que desenhava na pedra da calçada. Ele me contou como começou desenhar em calçadas:

– Minha esposa e meus filhos estavam morrendo de fome.

Eu voltava para casa tarde da noite, com um monte de quadros que tinha levado aos mercadores de arte e me perguntando como poderia conseguir algum dinheiro. Então, vi um sujeito na Strand ajoelhado na calçada, desenhando, e as pessoas davam moedas para ele. Quando passei, ele se levantou e entrou em um *pub*. "Puxa", pensei, "se ele pode ganhar dinheiro com isso, eu também posso". Então, no impulso, ajoelhei-me e comecei a desenhar com o giz dele. Só Deus sabe como cheguei a isso; devia estar atordoado de fome. O curioso é que eu nunca tinha usado pastéis antes. Tive que aprender a técnica à medida que desenhava. Bem, as pessoas começaram a parar e dizer que meu desenho não era ruim, e me deram nove pence. Nesse momento, o outro sujeito saiu do bar. "O que… o que está fazendo no meu ponto?", ele perguntou. Expliquei que estava com fome e precisava ganhar alguma coisa. "Ah", disse ele, "venha tomar uma cerveja comigo". Tomei uma cerveja, e desde aquele dia tenho desenhado nas calçadas. Ganho uma libra por semana. Não se pode sustentar os filhos com uma libra por semana, mas felizmente minha esposa ganha um pouco costurando.

"A pior coisa nessa vida é o frio, e a segunda pior é a interferência que você tem que suportar. No começo, sem saber muito sobre o que fazia, às vezes copiava um nu na calçada. A primeira vez foi na frente da igreja de St. Martin's-in-the-Fields. Um sujeito de preto, imagino que devia ser um chefe de igreja, ou algo assim, saiu de lá furioso. "Acha que podemos ter essa obscenidade fora da santa casa de Deus?", gritou. E eu tive que lavar o desenho. Era uma cópia da Vênus de Botticelli. Outra vez copiei a mesma foto no Embankment. Um policial que passava olhou para ele e, sem dizer uma palavra, aproximou-se e apagou tudo os grandes pés chatos."

Bozo contava a mesma história sobre interferência policial. Na época em que eu estava com ele, houve um caso de "conduta imoral" no Hyde Park, e a polícia se comportou muito mal. Bozo fez um desenho do Hyde Park com policiais escondidos entre as árvores e a legenda "Quebra-cabeça, encontre os policiais". Eu disse que teria sido muito mais eloquente escrever: "Quebra-cabeça, encontre a conduta imoral", mas Bozo não quis nem ouvir falar nisso. Disse que qualquer policial que visse o desenho o tiraria de lá, e ele perderia o ponto para sempre.

Abaixo dos desenhistas estão as pessoas que cantam hinos, ou vendem fósforos, ou cadarços de sapatos, ou envelopes contendo alguns grãos de lavanda – chamados, eufemisticamente, de perfume. Todas essas pessoas são francamente mendigos, exploram uma aparência de miséria, e nenhuma delas ganha em média mais do que meia coroa por dia. O motivo pelo qual precisam fingir que vendem fósforos e outras coisas, em vez de mendigar abertamente, é que isso é exigido pelas absurdas leis inglesas sobre mendicância. Como a lei determina agora, se você abordar um estranho e pedir dois pence, ele pode chamar a polícia, e você passa sete dias preso por mendigar. Mas, se você atormenta o ambiente cantando "Mais perto, meu Deus, de Ti", ou rabisca a calçada com alguns tocos de giz, ou fica parado com uma bandeja com fósforos, resumindo, se você se torna um estorvo, isto é considerado um ofício legítimo, não mendicância. Vender fósforos e cantar na rua são simplesmente crimes legalizados. Crimes não lucrativos, entretanto; não existe um só cantor ou vendedor de fósforos em Londres que possa ter certeza de cinquenta libras por ano, um retorno ruim para quem fica oitenta e quatro horas por semana no meio-fio, com os carros

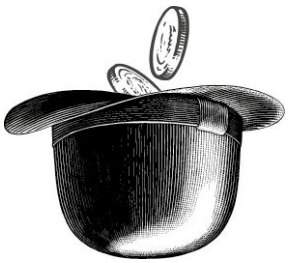
roçando no traseiro.

Vale a pena falar um pouco sobre a posição social dos mendigos, porque, quando se associa a eles e se descobre que são seres humanos comuns, é impossível não se impressionar com a atitude curiosa que a sociedade tem em relação a eles. As pessoas parecem sentir que há alguma diferença essencial entre mendigos e homens comuns "trabalhadores". Eles são uma raça à parte – párias, como criminosos e prostitutas. Os trabalhadores "trabalham", os mendigos não "trabalham"; são parasitas, imprestáveis por natureza. É um dado aceito por todos que um mendigo não "ganha" a vida, como um pedreiro ou um crítico literário "ganha" a dele. Ele é uma mera excrescência social, tolerada porque vivemos em uma época humana, mas essencialmente desprezível.

No entanto, se olharmos com atenção, veremos que não há diferença essencial entre o jeito de ganhar a vida de um mendigo e o de inúmeras pessoas respeitáveis. Dizem que mendigos não trabalham; mas o que é trabalho? Um operário pode trabalhar empunhando uma picareta. Um contador trabalha somando números. Um mendigo trabalha na rua em todos os climas e desenvolvendo varizes, bronquite crônica, etc. É um ofício como qualquer outro; bem inútil, é claro, mas muitos ofícios respeitáveis são totalmente inúteis. E, como um perfil social, um mendigo pode ser comparado a muitos outros. É honesto, comparado aos vendedores da maioria dos remédios de uso livre; é nobre, comparado ao proprietário de um jornal de domingo; amável, comparado a vendedor de bens financiados; resumindo, um parasita, mas um parasita inofensivo. Raramente tira da comunidade mais que o mero sustento e, o que serve como justifica de acordo com nossas ideias éticas, ele paga por isso muitas e muitas vezes com

sofrimento. Não acho que exista alguma coisa em um mendigo que o coloque em uma categoria diferente das outras pessoas ou que dê à maioria dos homens modernos o direito de desprezá-lo.

Então, surge a pergunta: Por que os mendigos são desprezados? Porque eles são desprezados, universalmente. Acredito que é pelo simples fato de não conseguirem ganhar uma vida decente. Na prática, ninguém se importa se o trabalho é útil ou inútil, produtivo ou explorador; a única exigência é que seja lucrativo. Que significado existe em toda essa conversa moderna sobre energia, eficiência, serviço social e tudo o mais, exceto "ganhe dinheiro, ganhe legalmente e ganhe muito"? O dinheiro se tornou o grande teste da virtude. Um teste no qual os mendigos são reprovados, e por isso são desprezados. Se alguém pudesse ganhar até dez libras por semana mendigando, essa se tornaria uma profissão respeitável imediatamente. Um mendigo, examinado com realismo, é simplesmente um homem de negócios, ganhando a vida, como qualquer outro homem de negócios, da maneira que pode. Ele não vendeu sua honra, não mais do que a maioria das pessoas modernas; simplesmente cometeu o erro de escolher um ramo no qual é impossível ficar rico.



CAPÍTULO 32

Quero acrescentar algumas notas bem breves sobre gírias e palavrões em Londres. Seguem (omitindo aquelas que todos conhecem) algumas palavras vulgares usadas atualmente em Londres:

Gagger – mendigo ou artista de rua de qualquer tipo. *Moocher* – aquele que implora abertamente, sem pretensão de fazer alguma troca. *Nobbier* – aquele que recolhe moedas para um mendigo. *Chanter* – cantor de rua. *Clodhopper* – uma dançarina de rua. *Mugfaker* – fotógrafo de rua. *Glimmer* – cuida de automóveis vazios. *Gee* (ou Gi, como se pronuncia) – cúmplice de ambulante, estimula as vendas fingindo comprar alguma coisa. *Split* – detetive. *Flattie* – policial. *Dideki* – cigano. *Toby* – vagabundo.

Drop – dinheiro dado a um mendigo. *Fuhkum* – lavanda ou outro perfume vendido em envelopes. *Boozer* – bar. *Slang* – licença de vendedor ambulante. *Kip* – abrigo, lugar para dormir ou hospedagem noturna. *Smoke* – Londres. *Judy* – uma mulher. *Spike* – albergue. *Lump* – albergue. *Tosheroon* – dinheiro, equivale a meia coroa. *Deaner* – um xelim. *Hog* – um xelim. *Sprowsie* – seis pence. *Clods* – moedas de cobre de valor baixo. *Drum* – bule de lata. *Shackles* – sopa. *Chat* – piolho.

Hard-up – cigarro feito com fumo tirado de bitucas. *Stick* ou

cane – pé de cabra usado por ladrões. *Peter* – cofre. *Bly* – maçarico de oxiacetileno.

Bawl – chupar ou engolir. *Knock off* – roubar. *Skipper* – dormir ao relento.

Cerca de metade dessas palavras está nos grandes dicionários. É interessante adivinhar a derivação de algumas, embora uma ou duas – por exemplo, *funkum* e *tosheroon* – estejam além do que alcança a suposição. *Deaner* provavelmente vem de *denier*, ou aquele que nega. *Glimmer* (e o verbo *to glim*, vislumbrar) pode ter alguma coisa a ver com a antiga palavra *glim*, que significa uma fonte de luz, ou outra palavra antiga *glim*, que significa vislumbre; mas é um exemplo de formação de palavras novas, pois em seu sentido atual dificilmente pode ser mais antigo que automóveis. *Gee* é uma palavra curiosa: é possível que tenha surgido de *gee*, que significa cavalo, no sentido de *stalking horse,* o cavalo que serve de esconderijo para o caçador. A derivação de *screever,* o desenhista de rua, é um mistério. Em última análise, provavelmente vem de *scribo*, mas não houve nenhuma palavra semelhante em inglês nos últimos 150 anos; também não pode ter vindo diretamente do francês, porque os artistas de calçada são desconhecidos na França. *Judy* e *bawl* são palavras do East End, não encontradas a oeste da Tower Bridge. *Smoke* é uma palavra usada apenas por vagabundos. *Kip* é dinamarquês. Até recentemente, a palavra *doss*[3] era usada neste sentido, mas agora é obsoleta.

A gíria e o dialeto londrino parecem mudar muito rapidamente. O antigo sotaque londrino descrito por Dickens e Surtees, com v para w, w para v, e assim por diante, agora desapareceu completamente. O sotaque *cockney*, tal como o conhecemos, parece ter surgido na década de 1840 (é

mencionado pela primeira vez em um livro americano, *White Jacket,* de Herman Melville), e o *cockney* já está mudando; poucas pessoas ainda dizem *fice* em vez de *face*, *nawce* para *nice,* e assim por diante, como era comum há vinte anos. A gíria muda com o sotaque. Vinte e cinco ou trinta anos atrás, por exemplo, a "gíria de rima" estava na moda em Londres. Na "gíria de rima", tudo era chamado de um jeito que rimava com o nome – *hit or miss* para *kiss*, *plates of meet* para *feet*, etc. Era tão comum que era reproduzido até em romances; agora é algo quase extinto[4]. É possível que todas as palavras que mencionei acima tenham desaparecido em mais vinte anos.

Os palavrões também mudam, ou estão sujeitos à moda, pelo menos. Por exemplo, há vinte anos, as classes trabalhadoras de Londres costumavam usar a palavra *bloody*. Agora a abandonaram completamente, embora os romancistas ainda os representem usando o termo. Nenhum londrino nativo (é diferente de pessoas de origem escocesa ou irlandesa) fala *bloody* hoje em dia, a menos que seja um homem com algum nível de educação. Na verdade, a palavra subiu na escala social e deixou de ser um palavrão usado pelas classes trabalhadoras. O adjetivo atual de Londres, agora adicionado a cada substantivo, é –[5]. Sem dúvida, com o tempo –[dl], como *bloody*, encontrará o caminho para a sala de estar e será substituída por alguma outra palavra.

Toda a questão do palavrão, especialmente em inglês, é misteriosa. Por sua própria natureza, xingar é tão irracional quanto mágico; na verdade, é uma espécie de mágica. Mas há também um paradoxo nisso, que é: nossa intenção ao xingar é chocar e ferir, o que conseguimos ao mencionar algo que deve ser mantido em segredo, geralmente alguma coisa relacionada

às funções sexuais. Mas o estranho é que, quando uma palavra está bem estabelecida como palavrão, parece perder seu significado original; ou seja, ela perde aquilo que a transformou em um palavrão. Uma palavra se torna um xingamento porque significa uma determinada coisa e, porque se tornou um xingamento, deixa de significar aquela coisa. Por exemplo –[d2]. Os londrinos não usam atualmente, ou usam muito raramente, essa palavra com seu significado original; eles a repetem o tempo todo, mas é um mero palavrão e não significa nada. Da mesma forma com –[d3], que está perdendo rapidamente seu sentido original. Pode-se pensar em exemplos semelhantes em francês, como por exemplo –[d4], que agora é um palavrão sem sentido.

[d2] A palavra é *fuck.* (N.T.)

[d3] A palavra é *bugger*. (N.T.)

[d4] A palavra é *foutre.* (N.T.)

[d5] A palavra é *bougre.* (N.T.)

A palavra –[d5] ainda é usada ocasionalmente em Paris, mas as pessoas que a usam, ou a maioria delas, não têm ideia do que significava antes. Aparentemente, a regra é que os palavrões aceitos como palavrões têm algum caráter mágico que os diferencia e os torna inúteis para uma conversa normal.

Palavras usadas como insultos parecem ser regidas pelo mesmo paradoxo que palavrões. Uma palavra se torna um insulto, poderíamos supor, porque significa algo ruim; mas, na prática, seu valor ofensivo tem pouco a ver com o significado real. Por exemplo, o pior insulto que se pode fazer a um londrino é chamá-lo de *bastard*, o que, levando em consideração seu significado, bastardo, não é nada ofensivo. E o pior insulto que se pode fazer a uma mulher, em Londres ou

em Paris, é *cow,* um nome que pode até ser um elogio, já que as vacas estão entre os animais mais simpáticos. Evidentemente, uma palavra é um insulto simplesmente porque pretende ser um insulto, sem referência ao seu significado no dicionário; palavras, especialmente os xingamentos, são o que a opinião pública decide fazer delas. Nesse contexto, é interessante ver como um palavrão pode mudar de caráter ao atravessar uma fronteira. Na Inglaterra, você pode publicar "*Je m'en fous"* sem ninguém protestar. Na França, você tem que imprimir "*Je m'en f–"*. Ou, para dar outro exemplo, vejamos a palavra *barnshoot*, uma corruptela da palavra hindustâni *bahinchut*. Um insulto vil e imperdoável na Índia, esta palavra é uma brincadeira inofensiva na Inglaterra. Eu até a vi em um livro escolar; estava em uma das peças de Aristófanes, e o comentarista sugeriu que era uma interpretação de algum jargão falado por um embaixador persa. Presume-se que o comentarista sabia o que significava *bahinchut*. Mas, por ser uma palavra estrangeira, havia perdido sua qualidade mágica de palavrão e podia ser publicada.

Mais uma coisa notável sobre os palavrões em Londres: os homens geralmente não xingam na frente das mulheres. Em Paris é bem diferente. Um operário parisiense pode preferir não falar um palavrão na frente de uma mulher, mas não se trata de escrúpulo, e as próprias mulheres xingam à vontade. Os londrinos são mais educados, ou mais melindrosos, em relação a isso.

Essas são algumas anotações que fiz mais ou menos ao acaso. É uma pena que alguém capaz de lidar com o assunto não mantenha um registro anual de gírias e palavrões londrinos, registrando as mudanças com precisão. Isso poderia lançar uma luz sobre a formação, o desenvolvimento e a

obsolescência das palavras.

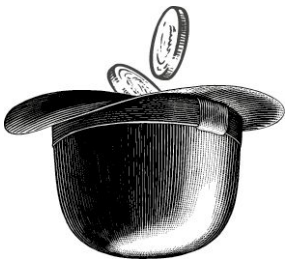
[3] Dormir em acomodações ruins. (N.T.)

[4] Sobrevive em algumas abreviações, como em “use your twopenny”, ou “use a cabeça”. “Twopenny” apareceu deste jeito: head – loaf of bread – twopenny loaf – twopenny (cabeça – bengala de pão – bengala de dois pence – dois pence). (N.T.)

[5] Victor Gollancz escreve: “A lacuna nesta página apareceu na edição original, que tive o prazer de publicar. O texto censurado não pôde ser recuperado, porque o manuscrito e as provas originais desapareceram. As palavras escritas por George Orwell eram, sem dúvida, do tipo que um editor não podia publicar na época sem correr o risco de ser preso; e, mesmo que ele decidisse correr esse risco, nenhuma gráfica o teria apoiado. O código era muito rígido: Gerald Gould divulgou um poema (sobre um julgamento da época por obscenidade) com o seguinte refrão:

> *... Once aboard the lugger / Uma vez a bordo do navio*
>
> *Straight from the quarter-deck the fiat falls: / O decreto bem direto do tombadilho*
>
> *You may say bloody but not say bugger, / Podem chamar de maldito, mas não de homossexual*
>
> *You may say bottom but may not say balls. / Podem falar bunda, mas não bolas.* (N.A.)

[d1] De acordo com “He Complete Works of George Orwell”, editado por Peter Hobley Davison, publicado por Secker & Warburg em 1998 (URL: http://orwell.ru/people/davison/), a palavra é *fucking.* Esta nota e as notas d2, d3, d4 e d5 foram acrescentadas por Dag, março de 2003. (N.T.)



CAPÍTULO 33

As duas libras que B. me deu duraram uns dez dias. Duraram tanto graças a Paddy, que aprendera a ser econômico na rua e considerava até uma refeição saudável por dia uma extravagância louca. Comida, para ele, passara a ser simplesmente pão e margarina – o eterno chá e duas fatias, que engana a fome por uma ou duas horas. Ele me ensinou como viver, ter comida, cama, cigarro e tudo, pelo preço de meia coroa por dia. E ele conseguia ganhar alguns xelins extras mendigando à noite. Era um trabalho precário, porque ilegal, mas rendia um pouco e complementava nosso dinheiro.

Uma manhã, tentamos um emprego de homem-sanduíche. Chegamos às cinco em uma viela atrás de alguns escritórios, mas já havia uma fila de trinta ou quarenta homens esperando e, depois de duas horas, fomos informados de que não havia trabalho para nós. Não perdemos muita coisa, porque o trabalho de homem-sanduíche não tem nada de invejável. São mais ou menos três xelins por dia por dez horas de trabalho, um trabalho duro, especialmente quando venta, e não há como se esconder, pois um inspetor aparece com frequência para ver se os homens estão trabalhando. Para piorar, eles são contratados por dia, ou por três dias, às vezes, nunca por semana, de modo que têm que esperar horas pelo trabalho todas as manhãs. A quantidade de desempregados prontos a aceitar o trabalho os torna impotentes para lutar por um

tratamento melhor. O trabalho que todo homem-sanduíche quer é distribuir folhetos, que paga o mesmo valor. Quando você vir um homem distribuindo folhetos, pode ajudá-lo aceitando um, pois ele termina o serviço quando distribui toda a sua cota.

Enquanto isso, continuávamos com a vida de pensionista, uma vida minguada e sem acontecimentos, de um tédio esmagador. Durante dias seguidos, não havia nada a fazer além de sentar na cozinha no subsolo, ler o jornal do dia anterior ou uma edição antiga do *Union Jack,* quando alguém arrumava uma. Chovia muito nessa época, e todos que entravam estavam molhados e espalhando vapor, de modo que a cozinha fedia horrivelmente. A única animação que se tinha era o periódico chá com duas fatias. Não sei quantos homens vivem esta vida em Londres – devem ser milhares, pelo menos. Quanto a Paddy, essa era a melhor vida que ele havia conhecido nos últimos dois anos, na verdade. Seus interlúdios de perambulação, os momentos em que, de algum jeito, tinha posto as mãos em alguns xelins, tudo sempre tinha sido assim; a vadiagem propriamente dita havia sido um pouco pior. Ao ouvir sua voz chorosa – ele estava sempre choramingando quando não estava comendo –, percebia-se a tortura que o desemprego devia ser para ele. As pessoas se enganam quando pensam que um homem desempregado só se preocupa com a perda do salário; pelo contrário, um homem analfabeto, que tem o hábito do trabalho profundamente arraigado, precisa de trabalho ainda mais que de dinheiro. Um homem educado pode tolerar a ociosidade forçada, que é um dos piores males da pobreza. Mas um homem como Paddy, sem meios de preencher o tempo, sente-se tão infeliz sem trabalho quanto um cachorro acorrentado. É por isso que é tão absurdo

pressupor que aqueles que “decaíram no mundo” são mais dignos de piedade que todos os outros. O homem que realmente merece piedade é aquele que é inferior desde o início e enfrenta a pobreza com uma mente vazia e sem recursos.

Foi uma época enfadonha, e pouco dela persiste em minha mente, exceto as conversas com Bozo. Uma vez a pensão foi invadida por um grupo de visitantes. Paddy e eu tínhamos saído e, quando voltamos à tarde, ouvimos música no andar de baixo. Descemos e encontramos três pessoas educadas e bem-vestidas realizando um culto religioso em nossa cozinha. O grupo era formado por um senhor sério e respeitável vestido com sobrecasaca, uma senhora sentada diante de um harmônio portátil e um jovem sem queixo que brincava com um crucifixo. Aparentemente, eles entraram e começaram a cerimônia, sem que ninguém os tivesse convidado.

Foi um prazer ver como os hóspedes lidaram com essa invasão. Não cometeram a menor grosseira com os intrusos; apenas os ignoraram. Por consenso, todos na cozinha – uns cem homens, talvez – se comportavam como se aquelas pessoas nem existissem. Lá estavam eles cantando e exortando pacientemente, sem receber nenhuma atenção. O cavalheiro de sobrecasaca fez um sermão, mas nenhuma palavra foi ouvida; a pregação foi abafada pelo barulho habitual de canções, palavrões e panelas. Os homens sentavam-se para comer ou jogar cartas a um metro de distância do harmônio, ignorando-o pacificamente. Logo os visitantes desistiram e foram embora, sem serem insultados de forma alguma, apenas ignorados. Sem dúvida, eles se consolaram pensando em como foram corajosos “aventurando-se espontaneamente nos mais baixos antros”, etc., etc.

Bozo disse que essas pessoas iam à pensão várias vezes por mês. Tinham influência na polícia, e o "assistente" não podia expulsá-los. É curioso como as pessoas acham que têm o direito de pregar e orar por você assim que sua renda cai abaixo de um determinado nível.

Depois de nove dias, as duas libras de B. foram reduzidas a uma e nove pence. Paddy e eu reservamos dezoito pence para pagar por nossas camas e gastamos três pence no costumeiro chá com duas fatias, que dividimos – um aperitivo, em vez de uma refeição. À tarde, estávamos com uma fome terrível, e Paddy se lembrou de uma igreja perto da estação King's Cross onde ofereciam aos mendigos um chá gratuito uma vez por semana. Esse era o dia do chá, e decidimos ir até lá. Bozo, apesar do tempo chuvoso e de estar quase sem nenhum dinheiro, não foi conosco, disse que igrejas não eram seu estilo.

Do lado de fora da igreja havia uma centena de homens esperando, tipos sujos que vieram de longe ao ouvir a notícia de um chá grátis, como aves de rapina voando em círculo sobre um búfalo morto. Logo as portas se abriram, e um clérigo e algumas meninas nos conduziram até uma galeria no alto da igreja. Era uma igreja evangélica, sem enfeite e propositadamente feia, com textos sobre sangue e fogo gravados nas paredes e um hinário contendo mil duzentos e cinquenta e um hinos; depois de ler alguns, concluí que o livro serviria para representar uma antologia de versos ruins. Haveria um culto depois do chá, e a congregação regular estava sentada nos bancos da igreja, lá embaixo. Era dia de semana, e havia apenas algumas dúzias de pessoas, em sua maioria velhas de cabelo grudento que pareciam muito bravas. Recebemos nosso chá nos bancos da galeria; era um pote de

meio quilo geleia cheio de chá para cada um, com seis fatias de pão e margarina. Assim que o chá acabou, uns dez mendigos que ficaram perto da porta fugiram para evitar o serviço; o resto ficou, menos por gratidão do que por falta de coragem para ir embora.

O órgão emitiu algumas notas preliminares, e o serviço começou. E instantaneamente, como se respondessem a um sinal, os mendigos começaram a se comportar de um jeito ultrajante. Era impossível imaginar cenas como aquelas em uma igreja. Por toda a galeria, os homens recostavam-se nos bancos, riam, conversavam, se inclinavam e jogavam bolinhas de pão na congregação; tive de impedir o homem ao meu lado de acender um cigarro, mais ou menos à força,. Os mendigos tratavam o culto como um espetáculo cômico. Foi, de fato, um culto bem ridículo, do tipo em que há gritos repentinos de "aleluia!" e orações improvisadas intermináveis, mas o comportamento deles ultrapassava todos os limites. Havia um velho na congregação – irmão Bootle, ou alguma coisa assim – que era chamado frequentemente para nos guiar em oração, e, sempre que ele se levantava, os mendigos começavam a bater os pés no chão como se estivessem em um teatro; disseram que em uma ocasião anterior ele havia rezado de improviso por vinte e cinco minutos, até ser interrompido pelo ministro. Uma vez, quando o irmão Bootle se levantou, um mendigo gritou: "Dois contra um como não vai passar de sete!", e falou tão alto que toda a igreja deve ter ouvido. Não demorou muito para que estivéssemos fazendo muito mais barulho do que o ministro. Às vezes, alguém lá embaixo soltava um "Shhh!" indignado, mas ninguém se importava. Tínhamos decidido alegrar a cerimônia, e nada poderia nos deter.

Era uma cena esquisita e muito desagradável. Lá embaixo

havia um punhado de pessoas simples e bem-intencionadas, se esforçando muito para rezar; e no andar de cima estavam os cem homens que eles tinham alimentado, deliberadamente empenhados em impedir a oração. Um círculo de rostos sujos e barbudos sorria para eles da galeria, debochando abertamente. O que algumas mulheres e velhos poderiam fazer contra cem mendigos hostis? Eles estavam com medo de nós, e nós os intimidávamos francamente. Era nossa vingança por nos terem humilhado oferecendo alimentação.

O ministro era um homem corajoso. Retumbava com firmeza fazendo um sermão sobre Joshua, e quase conseguia ignorar as risadinhas e a conversa lá em cima. Mas no final, talvez provocado além do que era suportável, disse em voz alta:

– Vou dirigir os últimos cinco minutos do meu sermão aos pecadores não salvos!

E olhou para a galeria e falou durante cinco minutos olhando para nós, para que não houvesse nenhuma dúvida sobre quem eram os salvos e quem eram os não salvos. Mas não ligamos muito! Enquanto o ministro ameaçava com o fogo do inferno, enrolávamos cigarros e, no último amém, descemos a escada aos gritos, muitos combinando voltar para mais um chá grátis na próxima semana.

A cena despertou meu interesse. Era muito diferente do comportamento comum dos mendigos, da gratidão rastejante com a qual normalmente aceitavam caridade. A explicação, claro, era que estávamos em maior número que a congregação e, portanto, não tínhamos medo deles. Um homem que recebe caridade quase sempre odeia seu benfeitor – é uma característica imutável da natureza humana; e, quando tem outros cinquenta ou cem para apoiá-lo, ele a exibe.

À noite, depois do chá grátis, Paddy inesperadamente ganhou outros dezoito pence mendigando. Era exatamente o valor para outra noite de hospedagem, e nós separamos esse dinheiro e ficamos com fome até as nove da noite seguinte. Bozo, que poderia ter nos dado alguma coisa para comer, ficou fora o dia todo. As calçadas estavam molhadas e ele foi ao Elephant and Castle, onde conhecia um ponto sob uma cobertura. Felizmente eu ainda tinha um pouco de tabaco, ou o dia poderia ter sido pior.

Às oito e meia, Paddy me levou ao Embankment, onde um clérigo distribuía vales-refeição uma vez por semana. Embaixo da ponte Charing Cross, cinquenta homens esperavam refletidos nas poças trêmulas. Alguns deles eram espécimes realmente terríveis. Dormiam no Embankment, e o Embankment traz à tona coisas piores do que os albergues. Um deles, eu me lembro, estava vestido com um sobretudo sem botões, amarrado com corda, calça esfarrapada e botas que expunham os dedos dos pés, mais nada. Era barbudo como um faquir e havia conseguido desenhar listras no peito e nos ombros com uma horrível sujeira preta que lembrava óleo de trem. O que se podia ver do rosto e do cabelo embaixo da sujeira era pálido como papel, resultado de alguma doença maligna. Eu o ouvi falar, e ele se expressava bem, como um funcionário de escritório ou comerciante.

Logo o clérigo apareceu, e os homens se organizaram em uma fila por ordem de chegada. O clérigo era um homem simpático, rechonchudo e jovem e, curiosamente, muito parecido com Charlie, meu amigo em Paris. Era tímido e envergonhado e não falou quase nada, exceto um breve boa-noite; simplesmente percorreu a fila entregando um vale a cada homem, sem esperar pelos agradecimentos. O resultado

era que, pela primeira vez, houve gratidão autêntica, e todos disseram que o clérigo era um bom homem. Alguém (que ele podia ouvir, imagino) gritou:

– Bem, ele nunca será um bispo! – Isso, é claro, pretendia ser um elogio afetuoso.

Os vales eram de seis pence cada um e podiam ser usados em um restaurante não muito longe dali. Quando chegamos lá, descobrimos que o proprietário, sabendo que os mendigos não poderiam ir para outro lugar, estava roubando, dando apenas quatro pence de comida por vale. Paddy e eu juntamos nossos vales e recebemos comida que poderíamos comprar por sete ou oito pence na maioria das cafeterias. O clérigo distribuíra bem mais de uma libra em vales, o que significava que o proprietário estava roubando dos mendigos uns sete xelins ou mais por semana. Este tipo de tratamento é parte normal da vida de um mendigo e não vai mudar, enquanto as pessoas continuarem dando vale-refeição, em vez de dinheiro.

Paddy e eu voltamos para a hospedaria e, ainda com fome, ficamos na cozinha, fazendo do calor do fogo um substituto para a comida. Às dez e meia, Bozo chegou cansado e abatido, pois a perna mutilada transformava as caminhadas em um tormento. Ele não ganhara um centavo desenhando, todos os pontos sob a cobertura estavam ocupados, e durante várias horas ele mendigou abertamente, de olho nos policiais. Tinha conseguido oito pence – um a menos do que precisava para pagar a hospedagem. Já havia passado muito da hora de pagar, e ele só conseguiu entrar escondido quando o assistente não estava olhando; a qualquer momento ele poderia ser notado e posto para fora, e teria que ir dormir no Embankment. Bozo tirou as coisas dos bolsos e examinou-as, pensando no que vender. Escolheu a navalha, levou-a para a cozinha e, em

poucos minutos, a vendeu por três pence – o suficiente para pagar a hospedagem, comprar uma caneca de chá e guardar meio pence.

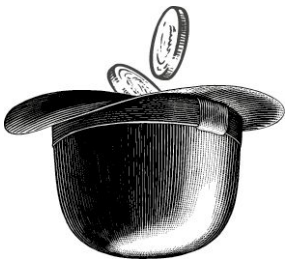
Bozo pegou sua caneca de chá e sentou-se perto do fogo para secar a roupa. Enquanto bebia o chá, vi que ria sozinho, como se tivesse ouvido uma boa piada. Surpreso, perguntei do que ele estava rindo.

– É muito engraçado! – disse ele. – É engraçado demais. O que acha que acabei de fazer?

– O quê?

– Vendi minha navalha sem me barbear primeiro. Que idiota!

Ele não comia desde aquela manhã, havia caminhado vários quilômetros com a perna deformada, as roupas estavam encharcadas e só havia meio pence entre ele e a fome. E, mesmo com tudo isso, ele conseguia rir de ter perdido a navalha. Não se podia deixar de admirá-lo.



CAPÍTULO 34

Na manhã seguinte, já quase sem dinheiro, Paddy e eu fomos para o albergue. Seguimos rumo ao sul pela Old Kent Road, em direção a Cromley; não podíamos ir a um albergue em Londres, porque Paddy estivera em um recentemente e não queria correr o risco de ir de novo. Foi uma caminhada de vinte e cinco quilômetros no asfalto, e estávamos com bolhas nos calcanhares e com muita fome. Paddy andava pela calçada, acumulando pontas de cigarro para o tempo que passaria no abrigo. No final, sua perseverança foi recompensada, pois ele encontrou um pence. Compramos um grande pedaço de pão amanhecido e o devoramos enquanto caminhávamos.

Quando chegamos a Cromley, era muito cedo para ir até o abrigo, e andamos mais alguns quilômetros até uma plantação ao lado de uma campina, onde se podia sentar. Era uma área de acampamento de mendigos – podia-se dizer pela grama gasta, pelos jornais encharcados e pelas latas enferrujadas que eles deixavam para trás. Outros mendigos chegavam sozinhos ou em duplas. O clima de outono era agradável. Perto dali crescia um canteiro profundo de margaridas amarelas; tenho a impressão de que ainda sinto o perfume forte daquelas margaridas, disputando a primazia com o mau cheiro dos mendigos. Na campina, dois cavalos de tração de pelo prateado e crina e cauda brancas pastavam perto de um portão.

Deitamos no chão, suados e exaustos. Alguém conseguiu encontrar gravetos secos e acender uma fogueira, e todos nós tomamos chá sem leite de um "tambor" de lata que circulava entre todos.

Alguns mendigos começaram a contar histórias. Um deles, Bill, era um tipo interessante, um autêntico mendigo da antiga linhagem, forte como Hércules e inimigo declarado do trabalho. Ele se gabava de conseguir trabalho de estivador sempre que queria, graças à sua grande força, mas, assim que recebia o pagamento pela primeira semana, bebia demais e era demitido. Entre um trabalho e outro ele mendigava, principalmente entre lojistas. Ele falava assim:

– Eu não vou muito longe em… Kent. Kent é um território fechado, é sim. Tem muita gente mendigando por aí. Os… padeiros preferem jogar o pão fora a dar para quem pede. Oxford, esse é o lugar para quem quer pedir, Oxford. Quando eu estava em Oxford, pedia pão, *bacon* e carne, e todas as noites pedia moedas aos estudantes para pagar um lugar para dormir. Na última noite, faltavam dois pence para pagar uma cama, então fui pedir três pence a um pároco. Ele me deu os três pence e, no momento seguinte, me denunciou por mendigar. "Você está mendigando", disse o policial. "Não, não estou", respondi, "estava perguntando as horas ao cavalheiro". O policial começou a me revistar e encontrou meio quilo de carne e dois pães nos bolsos do meu casaco. "Bem, o que é tudo isso, então?", ele perguntou. "É melhor vir comigo para a delegacia". Peguei sete dias. Não peço mais nada… a párocos. Mas, Cristo! Quem se importa com sete dias de descanso?

Sua vida inteira parecia ser assim – uma rodada de mendicância, bebida e prisão. Ele ria quando falava disso, como se fosse tudo uma tremenda piada. E não parecia ganhar

mundo mendigando, porque usava só um conjunto de calça e blusa de algodão grosseiro, cachecol e boné, não tinha meias nem roupa de cama. Mas era gordo e alegre, e até cheirava a cerveja, um aroma bem incomum entre os mendigos hoje em dia.

Dois mendigos estiveram no abrigo de Cromley recentemente e contaram uma história de fantasmas relacionada ao lugar. Anos antes, disseram, aconteceu um suicídio lá. Um mendigo conseguiu contrabandear uma navalha para dentro da cela e cortou a própria garganta. De manhã, quando o Mendigo-Mor apareceu, o corpo estava atrás da porta e, para abri-la, foi preciso quebrar o braço do morto. Para se vingar, o homem morto assombrava aquela cela, e qualquer um que dormisse lá certamente morreria dentro de um ano; havia muitos exemplos, é claro. Se a porta de uma cela emperrava quando se tentava abri-la, era preciso evitá-la como se fosse a praga, pois era a cela mal-assombrada.

Dois mendigos, ex-marinheiros, contaram outra história sinistra. Um homem (eles juravam que o conheciam) planejara embarcar em um barco com destino ao Chile. O barco estava carregado de produtos manufaturados acondicionados em grandes engradados de madeira e, com a ajuda de um estivador, o clandestino conseguiu se esconder em um deles. Mas o estivador cometeu um erro quanto à ordem em que as caixas deveriam ser carregadas. O guindaste levantou o caixote com o clandestino e o depositou bem no fundo do porão, embaixo de centenas de engradados. Ninguém descobriu nada até o fim da viagem, quando encontraram o clandestino em decomposição, morto por sufocamento.

Outro mendigo contou a história de Gilderoy, o ladrão escocês. Gilderoy foi condenado à forca, escapou, capturou o

juiz que o havia condenado e (grande sujeito!) o enforcou. Os mendigos gostaram da história, é claro, mas o interessante foi ver que entenderam tudo errado. A versão deles era que Gilderoy havia escapado para a América e, na verdade, ele foi recapturado e executado. A história foi corrigida, sem dúvida deliberadamente; assim como as crianças alteram as histórias de Sansão e Robin Hood, dando a elas finais felizes totalmente imaginários.

Isso fez os mendigos conversar sobre a história, e um homem muito velho declarou que a "lei da mordida" era um resquício dos dias em que os nobres caçavam homens, em vez de veados. Alguns riram dele, mas o homem estava convicto disso. Ele também tinha ouvido falar das Leis do Milho e do *jus primae noctis* (e acreditava que realmente existia); também sabia da Grande Rebelião, que ele pensava ser uma rebelião dos pobres contra os ricos – talvez a confundisse com as revoltas camponesas. Duvido que o velho soubesse ler, e certamente não estava repetindo artigos de jornal. Seus fragmentos de história eram passados de geração a geração de mendigos, talvez ao longo de séculos, em alguns casos. Era a tradição oral que persistia, como um eco fraco da Idade Média.

Paddy e eu fomos para o abrigo às seis da tarde, e saímos às dez da manhã. Era muito parecido com Romton e Edbury, e não vimos nem sinal do fantasma.

Entre os hóspedes casuais havia dois jovens chamados William e Fred, ex-pescadores de Norfolk, uma dupla animada que gostava de cantar. Eles tinham uma música chamada "Infeliz Bella", que vale a pena escrever. Eu os ouvi cantar essa canção meia dúzia de vezes durante os dois dias seguintes e consegui decorá-la, com exceção de uma ou duas linhas, que deduzi. É assim:

Bella era jovem e Bella era linda

Com olhos azuis brilhantes e cabelos dourados, oh, oh, Bella infeliz!

Seu passo era leve e seu coração era alegre,

Mas ela não tinha juízo, e um belo dia

Ela foi desencaminhada

Por um mentiroso perverso, sem coração e cruel.

A pobre Bella era jovem, não acreditava

Que o mundo é duro e os homens mentem, oh, Bella infeliz!

Ela disse: "Meu homem fará o que é justo,

Ele vai se casar comigo agora, porque deve";

Seu coração estava cheio de amorosa confiança

Por um mentiroso perverso, sem coração e cruel.

Ela foi para a casa dele; aquele lixo imundo

Tinha feito as malas e caído no mundo, oh, Bella infeliz!

A senhoria disse: "Fora, sua rameira,

Não vou permitir que denigra minha soleira".

Pobre Bella, sofria por um mentiroso perverso, sem coração e cruel.

A noite toda ela pisou na gelada neve,

O que deve ter sofrido ninguém sabe, oh, infeliz Bella!

E, quando a manhã chegou tão vermelha,

Ai, infelizmente, a pobre Bella estava morta,

Enviada tão jovem para seu descanso solitário

Por um mentiroso perverso, sem coração e cruel.

Então, você sabe, o que quer que se faça,

Os frutos do pecado ainda estão em desgraça, oh, Bella infeliz!

Quando no túmulo eles a deitaram,

Os homens disseram: "Infelizmente, a vida é assim",

Mas as mulheres cantavam com voz doce e baixa,

"Todos os homens são uns bastardos imundos!"

Escrito por uma mulher, talvez.

William e Fred, os cantores dessa canção, eram verdadeiros patifes, o tipo de homem que justifica a má fama dos mendigos. Por acaso, sabiam que o Mendigo-Mor em Cromley tinha um estoque de roupas velhas, que deviam ser dadas aos abrigados quando fosse necessário. Antes de entrar, William e Fred tiraram as botas, rasgaram as costuras e cortaram as solas, deixando-as mais ou menos arruinadas. Depois solicitaram dois pares de botas, e o Mendigo-Mor, vendo como os calçados deles estavam em péssimas condições, deu a eles novos pares. William e Fred mal saíram do abrigo de manhã e venderam as botas por um xelim e nove pence. Acharam que valeu a pena praticamente inutilizar as próprias botas para ganhar um xelim e nove pence.

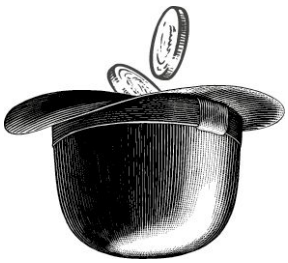
Quando saímos do abrigo, fomos todos para o sul, uma longa procissão maltrapilha, para Lower Binfield e Ide Hill. No caminho houve uma briga entre dois mendigos. Eles brigaram durante a noite (houve algum *casus belli* bobo sobre um ter falado *bull shit*, "bobagem", e outro ter confundido com

bolchevique – um insulto mortal), e eles lutaram em um campo. Havia uns dez homens assistindo à briga. A cena ficou gravada em minha mente por uma razão: o homem que apanhava caiu, perdeu o boné, e vi que ele tinha o cabelo bem branco. Depois disso, alguns homens intercederam e acabaram com a briga. Enquanto isso, Paddy fazia perguntas e descobria que a verdadeira causa da briga era, como sempre, alguns centavos em comida.

Chegamos a Lower Binfield bem cedo, e Paddy ocupou o tempo pedindo trabalho em portas dos fundos. Em uma casa, deram a ele alguns caixotes para cortar e transformar em madeira para fogo e, dizendo que tinha um companheiro do lado de fora, ele me levou para dentro e fizemos o trabalho juntos. Quando terminamos, o dono da casa mandou a empregada servir uma xícara de chá para nós. Eu me lembro de como ela estava apavorada quando saiu e, perdendo a coragem, deixou as xícaras no chão e voltou correndo para dentro, trancando-se na cozinha. Como é assustador o nome "mendigo". Ganhamos seis pence cada um e compramos um pão de três pence e quinze gramas de tabaco, e sobraram cinco pence.

Paddy achou mais sensato enterrar nossos cinco pence, pois o Mendigo-Mor em Lower Binfield tinha fama de tirano e poderia se recusar a nos receber, se tivéssemos algum dinheiro. É uma prática comum entre os mendigos enterrar dinheiro. Se pretendem contrabandear uma grande quantia para dentro de um abrigo, geralmente costuram o dinheiro nas roupas, o que pode significar prisão, se forem pegos, é claro. Paddy e Bozo tinham uma boa história sobre isso. Um irlandês (Bozo disse que era um irlandês; Paddy disse que era inglês), que não era mendigo e tinha trinta libras, foi parar em uma

pequena aldeia onde não conseguia encontrar lugar para dormir. Ele consultou um mendigo, que o aconselhou a ir para o albergue. Se não se pode conseguir uma cama em outro lugar, é bastante comum que se procure hospedagem em uma casa de indigentes, pagando uma quantia razoável por isso. O irlandês, entretanto, achou que era esperto e que conseguiria uma cama de graça e se apresentou na casa para indigentes como um abrigado comum. Ele havia costurado as trinta libras nas roupas. Nesse ínterim, o mendigo a quem ele tinha pedido informações identificou uma chance e, naquela noite, pediu permissão ao Mendigo-Mor para deixar o abrigo na manhã seguinte bem cedo, porque ia procurar emprego. Às seis da manhã, ele foi liberado e saiu – com roupas de irlandês. O irlandês reclamou do roubo e passou trinta dias na cadeira por ter se hospedado em uma casa de indigentes sob falsos pretextos.



CAPÍTULO 35

Chegamos a Lower Binfield e ficamos deitados por muito tempo no gramado, vigiados por moradores que nos observavam dos portões dos chalés. Um clérigo e sua filha se aproximaram e nos examinaram em silêncio por algum tempo, como se fôssemos peixes de aquário, e depois foram embora. Éramos algumas dezenas li esperando. William e Fred estavam lá, ainda cantando, e os homens que haviam brigado, e Bill, o pedinte. Ele tinha ido mendigar aos padeiros e levava uma grande quantidade de pão amanhecido entre o casaco e o corpo nu. Ele compartilhou esse pão e todos nós ficamos felizes. Havia uma mulher entre nós, a primeira mendiga que vi. Era uma mulher de 60 anos, gorda, maltratada e muito suja, com uma saia preta e comprida. Ela exibia grandes ares de dignidade e, se alguém sentasse perto dela, ela bufava e se afastava.

– Para onde vai, senhora? – um dos mendigos perguntou.

A mulher bufou e olhou para o outro lado.

– Vamos, senhora – disse ele –, anime-se. Seja agradável. Estamos todos no mesmo barco aqui.

– Obrigada – disse ela com tom amargo. – Quando eu quiser me envolver com um bando de mendigos, eu aviso.

Gostei do jeito como ela disse mendigos. Era como se, em

um *flash*, mostrasse toda a alma do outro; uma pequena alma feminina e ofuscada que não aprendera nada em anos nas ruas. Ela era, sem dúvida, uma viúva respeitável, que se tornou mendiga por algum acidente grotesco.

O abrigo abriu às seis horas. Era sábado, e deveríamos ficar confinados durante o fim de semana, que é a prática habitual; não sei por quê, a menos que seja por um vago sentimento de que o domingo merece algo desagradável. Quando nos registramos, disse que era "jornalista". Era mais verdadeiro que "pintor", pois às vezes eu ganhava dinheiro escrevendo artigos de jornal, mas foi uma coisa boba de se dizer, porque certamente provocaria questionamentos. Assim que entramos no abrigo e fomos perfilados para a revista, o Mendigo-Mor me chamou pelo nome. Ele era um homem austero e de ares militares de 40 anos, não parecia ser o autoritário intimidador que todos diziam, mas tinha a aspereza de um velho soldado. Ele disse com tom seco:

– Qual de vocês é o Blank? – (Esqueci que nome tinha dado.)

– Eu, senhor.

– Então, você é jornalista?

– Sim, senhor – respondi meio inseguro. Algumas perguntas revelariam que era mentira, e eu poderia ser preso. Mas o Mendigo-Mor só me olhou de cima a baixo e disse:

– Então é um cavalheiro?

– Suponho que sim.

Ele me examinou novamente sem pressa.

– Bem, isso é um tremendo azar, chefe – disse ele. – Um

tremendo azar, é sim. – E depois disso ele passou a me tratar com um favoritismo injusto e até com uma espécie de deferência. Não me revistou e, no banheiro, me deu uma toalha limpa, um luxo inédito. Como é poderosa a palavra "cavalheiro" no ouvido de um velho soldado.

Por volta das sete, havíamos devorado nosso pão e chá e estávamos nas celas. Dormimos um em cada cela, e havia estrados de cama e colchonetes de palha, de modo que deveria ter sido uma boa noite de sono. Mas nenhum abrigo é perfeito, e a deficiência específica em Lower Binfield era o frio. Os canos quentes não funcionavam, e os dois cobertores que recebemos eram de algodão fino, quase inúteis. Ainda era outono, mas o frio era intenso. Passei a longa noite de doze horas virando de um lado para o outro, dormindo por alguns minutos e acordando tremendo. Não podíamos fumar, pois o fumo, que havíamos conseguido contrabandear, estava em nossas roupas, e só as teríamos de volta de manhã. Era possível ouvir gemidos no corredor, e às vezes alguém gritando um palavrão. Imagino que ninguém tenha conseguido dormir mais de uma ou duas horas.

De manhã, depois do desjejum e do exame médico, o Mendigo-Mor levou todos nós para o refeitório e trancou a porta. Era uma sala caiada com chão de pedra, indescritivelmente lúgubre, mobiliada com peças e bancos de tábuas e cheirando a prisão. As janelas gradeadas eram altas demais para se olhar por elas, e não havia enfeites, exceto um relógio e uma cópia das regras da casa de indigentes. Espremidos lado a lado nos bancos, já estávamos entediados, embora fossem só oito da manhã. Não havia nada para fazer, nada para falar, nem mesmo espaço para se mover. O único consolo era que se podia fumar, porque fumar era permitido,

desde que não houvesse flagrante. Scotty, um mendigo cabeludo com um sotaque horrível, fruto de um *cockney* de Glasgow, não tinha tabaco, porque sua lata de bitucas tinha caído do cano da botina durante a revista e sido confiscada. Dei a ele os ingredientes para um cigarro. Fumávamos furtivamente, enfiando os cigarros no bolso, como colegiais, quando ouvimos o Mendigo-Mor chegar.

A maioria dos mendigos passou dez horas seguidas nessa sala sem alma e sem conforto. Só Deus sabe como aguentaram. Tive mais sorte que os outros, pois às dez horas o Mendigo-Mor escolheu alguns homens para trabalhos aleatórios e me escolheu para ajudar na cozinha da casa de indigentes, a função mais cobiçada de todas. Mais um encantamento produzido pela palavra "cavalheiro", como a toalha limpa.

Não havia trabalho a fazer na cozinha, e me esgueirei para um pequeno galpão usado para armazenar batatas, onde alguns moradores da casa se escondiam para fugir da cerimônia matinal de domingo. Havia caixas confortáveis para sentar e alguns números velhos do *Family Herald*, e até mesmo um exemplar da *Raffles* tirado da biblioteca da casa. Os indigentes falavam de um jeito interessante sobre a vida em uma casa como aquela. Contaram, entre outras coisas, que o que realmente detestavam era o uniforme, por ser um estigma da caridade; se os homens pudessem usar as próprias roupas, ou mesmo seus bonés e suas echarpes, não se importariam de ser indigentes. Comi à mesa da casa de indigentes, e foi uma refeição digna de uma jiboia – a maior que comi desde meu primeiro dia no Hôtel X. Os pobres disseram que costumavam se fartar no domingo e passavam fome durante o resto da semana. Depois do almoço, a cozinheira me pôs para lavar a

louça e disse para jogar fora a comida que sobrou. O desperdício era surpreendente e, naquelas circunstâncias, terrível. Pedaços de carne deixados pela metade, cestos de pão partido e vegetais foram jogados fora como lixo e depois contaminados com folhas de chá. Enchi cinco latas de lixo até a borda com comida muito comestível. E, enquanto eu fazia isso, cinquenta mendigos estavam no abrigo com a barriga meio cheia do almoço de pão e queijo, e talvez duas batatas cozidas e frias cada um, homenagem ao domingo. De acordo com os indigentes, jogar a comida fora, em vez de dar aos mendigos, era uma política deliberada.

Às três horas voltei para o abrigo. Os mendigos estavam lá sentados desde as oito, quase sem espaço para mover um cotovelo, e agora meio loucos de tédio. Até o tabaco estava no fim, pois o fumo de um mendigo é tirado de bitucas de cigarro, e ele morre de fome se ficar mais do que algumas horas longe da calçada. A maioria dos homens estava entediada demais até para falar; apenas permaneciam ali amontoados nos bancos, olhando para o nada, os rostos esqueléticos divididos ao meio por enormes bocejos. A sala fedia a tédio.

Paddy, que sentia dor no traseiro por causa do banco duro, estava choramingando, e, para passar o tempo, conversei com um mendigo muito superior, um jovem carpinteiro que usava colarinho e gravata e estava na rua, disse ele, por não ter um conjunto de ferramentas. Ele se mantinha um pouco afastado dos outros mendigos e se comportava mais como um homem livre do que como um abrigado. Também tinha gostos literários e levava no bolso um exemplar de *Quentin Durward*. Ele me disse que nunca procurava um abrigo: a menos que fosse impelido pela fome, preferia dormir embaixo de sebes e atrás de fardos. Ao longo da costa sul, ele passava várias

semanas mendigando durante o dia e dormindo em cabanas de banho.

Conversamos sobre a vida nas ruas. Ele criticou o sistema que faz um mendigo passar quatorze horas por dia no abrigo e as outras dez andando, evitando a polícia. Falou da própria história – seis meses à custa do estado por não ter o equivalente a algumas libras em ferramentas. Era idiotice, disse ele.

Contei sobre o desperdício de comida na cozinha da casa de indigentes e falei o que pensava disso. Ele mudou de tom instantaneamente. Vi que havia acordado o empreendedor que dorme em todo trabalhador inglês. Embora estivesse faminto como os outros, ele entendeu imediatamente por que a comida devia ser descartada, em vez de ser doada aos mendigos. E me advertiu com severidade.

– Têm que ser assim – disse. – Se tornassem esses lugares muito confortáveis, eles seriam invadidos por toda a escória do país. É só a comida ruim que mantém toda essa escória longe. Esses vagabundos aqui são preguiçosos demais para trabalhar, isso é tudo que há de errado neles. Não se pode incentivar. Eles são uma escória.

Ofereci argumentos para provar que ele estava errado, mas ele não quis ouvir. Só repetia:

– Não pode ter nenhuma piedade desses vagabundos, escória, é isso que eles são. Não pode julgá-los pelos mesmos padrões usados para homens como você e eu. Eles são escória, apenas escória.

Era interessante ver a sutileza com que ele se desassociava "desses vagabundos". Estava na rua havia seis meses, mas parecia sugerir que, aos olhos de Deus, ele não era um

vagabundo nem um mendigo. Imagino que haja muitos mendigos que agradecem a Deus por não serem mendigos. São como os viajantes que dizem coisas horríveis sobre viajantes.

Três horas se passaram. Às seis serviram o jantar, que se revelou intragável; o pão, que já era firme pela manhã (fora cortado em fatias na noite de sábado), agora estava duro como pedra. Felizmente, tinha sido coberto por um molho gorduroso, e raspamos essa cobertura e a comemos pura, o que era melhor do que nada. Às seis e quinze nos mandaram para a cama. Chegavam novos mendigos, e, para não misturar os abrigados de dias diferentes (por medo de doenças infecciosas), os novos foram colocados nas celas, e nós, nos dormitórios. Nosso dormitório era um salão com jeito de celeiro, com trinta camas bem próximas e uma banheira que servia de penico para todos. O cheiro era abominável, e os homens mais velhos tossiram e se levantaram a noite toda. Mas tantos homens juntos e próximos mantinham o quarto aquecido, e dormimos um pouco.

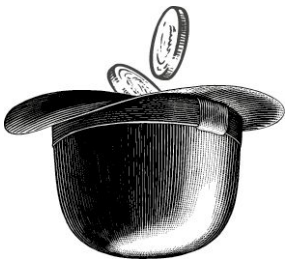
Saímos às dez da manhã, depois de um novo exame médico, levando um pedaço de pão e queijo para a refeição do meio do dia. William e Fred, fortalecidos pela posse de um xelim, empalaram o pão nas estacas da grade – em sinal de protesto, disseram. Esse era o segundo abrigo em Kent que decretaram ruim demais para eles, e achavam que isso era uma ótima piada. Eram muito alegres, para mendigos. O imbecil (há um imbecil em cada grupo de mendigos) disse que estava cansado demais para andar e se agarrou às grades, até que o Mendigo-Mor teve de tirá-lo de lá e colocá-lo para andar com um chute. Paddy e eu seguimos rumo ao norte, para Londres. Os outros, ou a maioria deles, iam para Ide Hill, considerado o abrigo da Inglaterra[6].

Mais uma vez, o tempo de outono era bom, e a estrada estava tranquila, com poucos carros passando. O ar parecia ter cheiro de erva-doce, depois da mistura de cheiros de suor, sabão e esgoto. Aparentemente, nós dois éramos os únicos mendigos na rua. Então ouvi passos apressados atrás de nós e alguém chamando. Era o pequeno Scotty, o mendigo de Glasgow, que corria atrás de nós ofegante. Ele tirou uma lata enferrujada do bolso. Exibia um sorriso simpático, como alguém que retribui um favor.

– Aqui está, companheiro – disse de um jeito cordial. – Eu lhe devo algumas pontas de cigarro. Você me deu um cigarro ontem. O Mendigo-Mor devolveu minha caixa de bitucas de cigarro quando saímos de lá, nesta manhã. Uma boa ação merece outra. Aqui está.

E ele colocou quatro pontas de cigarro encharcadas, destruídas e repugnantes na minha mão.

[6] Estive lá depois disso, e não é tão ruim. (N.T.)



CAPÍTULO 36

Quero fazer algumas observações gerais sobre os mendigos. Quando se pensa nisso, mendigos são um produto estranho e digno de consideração. É estranho que uma tribo de homens, dezenas de milhares deles, esteja andando para cima e para baixo na Inglaterra como tantos judeus errantes. Mas, embora o caso obviamente deva ser considerado, não se pode nem mesmo começar a pensar nele antes de nos livrarmos de alguns preconceitos. Esses preconceitos têm por base a ideia de que todo mendigo, *ipso facto*, é desprezível. Na infância, fomos ensinados que os mendigos são desprezíveis e, consequentemente, existe em nossas mentes uma espécie de mendigo ideal ou típico – uma criatura repulsiva e bastante perigosa, que prefere morrer a trabalhar ou tomar banho, e só quer pedir, beber e roubar galinheiros. Este mendigo-monstro não é mais fiel à vida real do que o sinistro Chinaman das histórias de revista, mas é muito difícil se livrar dele. A própria palavra "mendigo" evoca sua imagem. E a crença nele obscurece as verdadeiras questões da mendicância.

Para responder a uma pergunta fundamental sobre a mendicância: por que existem mendigos? É curioso, mas poucas pessoas sabem o que leva um mendigo para a rua. E, por causa da crença no mendigo-monstro, são sugeridos os motivos mais fantásticos. Diz-se, por exemplo, que os mendigos andam por aí para evitar o trabalho, para mendigar

com mais facilidade, para buscar oportunidades no crime, até – o menos provável dos motivos – porque gostam de vagar. Eu até li em um livro de criminologia que a mendicância é um atavismo, um retorno ao estágio nômade da humanidade. E, enquanto isso, a causa óbvia da mendicância está diante do nosso nariz. Claro que a mendicância não é um atavismo nômade – seria possível dizer também que uma viagem comercial é um atavismo. Um mendigo anda por aí não porque gosta, mas pelo mesmo motivo que um carro mantém a direita; porque existe lei que o obriga a isso. Um homem pobre, se não for sustentado pela paróquia, só consegue ajuda nos albergues, e, como cada albergue só o recebe por uma noite, ele é automaticamente mantido em movimento. O mendigo anda porque, no estado legal, é isso ou passar fome. Mas as pessoas foram educadas para acreditar no mendigo-monstro e, por isso, preferem pensar que deve haver algum motivo mais ou menos vil para ele vagar por aí.

Na verdade, muito pouco do mendigo-monstro sobreviverá a uma investigação. Pense na ideia geralmente aceita de que os mendigos são personagens perigosos. Independentemente da experiência, pode-se dizer *a priori* que bem poucos mendigos são perigosos, porque, se fossem, seriam tratados de acordo. Um albergue geralmente admite cem mendigos em uma noite, e eles são coordenados por uma equipe de, no máximo, três funcionários. Cem bandidos não poderiam ser controlados por três homens desarmados. De fato, quando se vê como os mendigos se deixam intimidar pelos funcionários da casa de indigentes, fica evidente que são as criaturas mais dóceis e domesticadas que se pode imaginar. Ou pense na ideia de que todos os mendigos são bêbados – uma ideia ridícula diante de tudo isso. Sem dúvida, muitos mendigos beberiam, se tivessem

a chance, mas, pela natureza das coisas, eles não têm essa chance. Neste momento, uma substância líquida e clara chamada cerveja custa sete pence o litro na Inglaterra. Ficar bêbado de cerveja custaria pelo menos meia coroa, e um homem que pode gastar meia coroa muitas vezes não é um mendigo. A ideia de que os mendigos são parasitas sociais impudentes ("mendigos inveterados") não é absolutamente infundada, mas só é verdadeira em uma pequena porcentagem dos casos. Parasitismo deliberado e cínico, como o que se lê nos livros de Jack London sobre a mendicância americana, não está no caráter inglês. Os ingleses são um povo orientado pela consciência, com uma forte noção da pecaminosidade da pobreza. Não se pode imaginar o inglês comum transformando-se deliberadamente em parasita, e esse caráter nacional não muda necessariamente porque um homem perde o emprego. Na verdade, se lembrarmos que um mendigo é só um inglês desempregado, forçado por lei a viver como um vagabundo, o mendigo-monstro desaparece. Não estou dizendo, é claro, que a maioria dos mendigos são personagens ideais; estou dizendo apenas que são seres humanos comuns, e, se são piores que as outras pessoas, isso é resultado, não a causa de seu modo de vida.

Conclui-se que a atitude de "é bem feito para eles", que normalmente é adotada para com os mendigos, não é mais justa do que seria com aleijados ou inválidos. Quando alguém percebe isso, começa a se colocar no lugar de um mendigo e entender como é a vida dele. É uma vida extraordinariamente fútil e muito desagradável. Descrevi o albergue – a rotina diária de um mendigo –, mas existem três males especiais nos quais é preciso insistir. O primeiro é a fome, que é o destino quase geral dos mendigos. O albergue dá a eles uma ração que

provavelmente nem é suficiente, e qualquer coisa além disso tem que ser obtida mendigando – isto é, infringindo a lei. O resultado é que quase todos os mendigos são prejudicados pela desnutrição; se quer uma prova disso, basta olhar para os homens enfileirados do lado de fora de qualquer albergue. O segundo grande mal da vida de um mendigo – parece muito menor à primeira vista, mas é um bom segundo lugar – é que ele fica totalmente privado do contato com as mulheres. Este ponto precisa ser elaborado.

Os mendigos são isolados das mulheres, em primeiro lugar, porque há muito poucas mulheres nesse nível da sociedade. Pode-se imaginar que, entre as pessoas destituídas, a distribuição por gênero seria tão equilibrada quanto em outros lugares. Mas não é assim; na verdade, é quase possível dizer que, abaixo de um certo nível, a sociedade é inteiramente masculina. Os dados a seguir, publicados pelo L.C.C. (Conselho do Condado de Londres) e obtidos em um censo noturno realizado em 13 de fevereiro de 1931, mostra os números relativos de homens destituídos e mulheres destituídas[7]:

Passam a noite nas ruas 60 homens, 18 mulheres.

Em abrigos e casas não licenciados, como pensões comuns, 1.057 homens, 137 mulheres.

Na cripta da Igreja de St. Martin's-in-the-Fields, 88 homens, 12 mulheres.

Nos abrigos e albergues do L.C.C., 674 homens, 15 mulheres.

Percebe-se a partir desses números que, no nível de caridade, os homens superam as mulheres em algo como dez para um. O motivo é, presumivelmente, que o desemprego afeta menos as

mulheres do que os homens; além disso, qualquer mulher apresentável pode, em último caso, envolver-se com algum homem. O resultado, para um mendigo, é que ele está condenado ao celibato perpétuo. Pois é claro que nem é preciso dizer que, se um mendigo não encontra mulheres em seu nível, as que estão acima – mesmo que só um pouco acima – são tão inacessíveis para ele quanto a lua. Não vale a pena discutir os motivos, mas não há dúvida de que as mulheres nunca, ou quase nunca, têm condescendência com homens muito mais pobres que elas. Um mendigo, portanto, é celibatário desde o momento em que vai para a rua. Não tem nenhuma esperança de encontrar uma esposa, uma amante ou qualquer tipo de mulher, exceto – muito raramente, quando consegue juntar alguns xelins – uma prostituta.

Os prováveis resultados disso são óbvios: homossexualidade, por exemplo, e casos ocasionais de estupro. Mas, mais profundo que isso, existe a degradação que acontece em um homem que sabe que não é considerado apto nem para o casamento. O impulso sexual, para não o colocar em um lugar ainda maior, é um impulso fundamental, e essa falta de saciedade é como uma fome que pode ser quase tão desmoralizante quanto a fome física. O mal da pobreza não é tanto fazer o homem sofrer, mas degradá-lo espiritual e fisicamente. E não pode haver dúvida de que a fome sexual contribui para esse processo de degradação. Alienado de toda a classe feminina, o mendigo se sente rebaixado à categoria de aleijado ou lunático. Nenhuma humilhação poderia causar mais danos ao autorrespeito de um homem.

O outro grande mal da vida de um mendigo é o ócio forçado. Pelas nossas leis de vadiagem, as coisas são organizadas de tal forma que, quando ele não está andando na rua, está sentado

em uma cela; ou, entre um e outro, deitado no chão esperando a abertura do albergue. É óbvio que esse é um modo de vida desanimador e desmoralizador, especialmente para um homem sem instrução.

Além desses, podem-se enumerar dezenas de males menores – para citar apenas um, o desconforto, que é inseparável da vida na rua; vale lembrar que o mendigo comum não tem roupas além das que está vestindo, usa sapatos que nem sempre são do seu número e não se senta em uma cadeira há meses. Mas o ponto importante é que os sofrimentos de um mendigo são totalmente inúteis. Ele vive uma vida tremendamente desagradável e a vive sem nenhum propósito. Não se poderia, de fato, inventar uma rotina mais fútil do que andar de prisão em prisão, passando talvez dezoito horas por dia na cela e na rua. Deve haver pelo menos várias dezenas de milhares de mendigos na Inglaterra. Todos os dias, eles gastam uma energia imensa – o suficiente para arar milhares de acres, construir quilômetros de estradas e dezenas de casas – em simples e inúteis caminhadas. Todos os dias eles perdem juntos, possivelmente, dez anos olhando para as paredes das células. Custam ao país pelo menos uma libra por semana por homem e não dão nada em troca. Eles dão voltas e mais voltas, num interminável e tedioso jogo das cadeiras que é inútil e nem mesmo pretende ser de qualquer utilidade para ninguém. A lei mantém esse processo, e estamos tão acostumados a ele que não nos surpreendemos. Mas é muito tolo.

Considerando a futilidade da vida de um mendigo, a questão é se algo poderia ser feito para melhorá-la. Obviamente, seria possível, por exemplo, tornar os albergues um pouco mais habitáveis, e isso está sendo feito em alguns casos. No ano passado, alguns albergues foram melhorados – tornaram-se

irreconhecíveis, se os relatos correspondem à realidade – e fala-se em fazer o mesmo com todos. Mas isso não aborda o centro do problema. O problema é como transformar o mendigo de mendigo entediado e meio vivo em um ser humano que se preze. Um pouco mais de conforto não tem esse poder. Mesmo que os albergues se tornassem positivamente luxuosos (nunca serão)[8], a vida de um mendigo ainda seria desperdiçada. Ele ainda seria um indigente, banido do casamento e da vida doméstica, e um peso morto para a comunidade. O que é preciso é tirá-lo da condição de indigência, e isso só pode ser feito pelo trabalho – não o trabalho pelo trabalho, mas um trabalho de cujo benefício ele possa desfrutar. No momento, na grande maioria dos albergues e abrigos, os mendigos não fazem nenhum tipo de trabalho. Houve um tempo em que eram obrigados a quebrar pedras para se alimentar, mas isso parou quando eles quebraram pedra suficiente para os anos seguintes e deixaram os quebradores de pedra sem trabalho. Hoje em dia, eles ficam ociosos, porque aparentemente não há nada para fazerem. No entanto, há uma maneira óbvia de torná-los úteis: cada albergue poderia administrar uma pequena fazenda, ou pelo menos uma horta, e todo mendigo apto que se apresentasse poderia ser obrigado a cumprir um bom dia de trabalho. Os produtos da fazenda ou da horta poderiam ser usados para alimentar os mendigos e, na pior das hipóteses, seria melhor que a dieta de pão, margarina e chá. É claro que os abrigos nunca poderiam ser totalmente autossuficientes, mas poderiam progredir muito nessa direção, e os preços provavelmente se beneficiariam em longo prazo. É preciso lembrar que, no sistema atual, os mendigos representam um prejuízo mortal para o país, pois não só não trabalham, como vivem de uma dieta que certamente prejudicará sua saúde; o sistema, portanto, perde vidas e

dinheiro. Valeria a pena tentar pôr em prática um esquema que os alimentasse decentemente e os fizesse produzir pelo menos uma parte da própria comida.

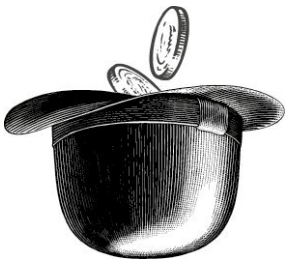
Pode-se argumentar que uma fazenda, ou mesmo uma horta, não pode ser administrada com mão de obra ocasional. Mas não há razão real para que os mendigos fiquem apenas um dia em cada albergue; eles poderiam ficar um mês, ou até um ano, se houvesse trabalho para fazerem. A circulação constante de mendigos é algo muito artificial. No momento, um mendigo é uma despesa, e o objetivo de cada casa de indigente é, portanto, empurrá-lo para a casa seguinte; daí a regra de que ele só pode ficar por uma noite. Se voltar no período de um mês, ele é penalizado com uma semana de confinamento e, como isso é o mesmo que estar na prisão, naturalmente ele continua em movimento. Mas, se ele trabalhasse para a casa de indigentes, e a casa de indigentes representasse uma boa alimentação para ele, seria outra história. Os abrigos se tornariam instituições parcialmente autossustentáveis, e os mendigos, estabelecendo-se aqui ou ali de acordo com a necessidade, deixariam de ser mendigos. Eles estariam fazendo algo relativamente útil, assegurando alimentação decente e levando uma vida estável. Aos poucos, se o esquema funcionasse bem, poderiam até deixar de ser considerados indigentes, se casar e ocupar um lugar respeitável na sociedade.

Essa é apenas uma ideia geral à qual existem algumas objeções óbvias. No entanto, sugere uma maneira de melhorar o *status* dos mendigos sem aumentar as despesas do estado. E a solução deve, em qualquer caso, ser algo desse tipo. Pois a questão é: o que fazer com os homens subnutridos e ociosos? E a resposta – fazê-los cultivar os próprios alimentos – se

apresenta automaticamente.

[7] Deve ser subestimado. Mesmo assim, as proporções se sustentam bem. (N.T.)

[8] Para ser justo, é preciso acrescentar que alguns albergues foram melhorados recentemente, pelo menos do ponto de vista das acomodações para dormir. Mas a maioria deles continua como sempre foi, e não houve nenhuma melhoria real na comida. (N.T.)



CAPÍTULO 37

Uma palavra sobre as acomodações disponíveis para um sem-teto dormir em Londres. Atualmente, é impossível conseguir uma cama em qualquer instituição que não seja de caridade em Londres por menos de sete pence por noite. Se você não pode pagar sete pence por uma cama, tem que enfrentar um dos seguintes substitutos:

1. O Embankment. A seguir o relato de Paddy sobre dormir no Embankment:

"A questão toda com o Embankment é dormir cedo. Você tem que estar no seu banco às oito horas, porque não tem muitos bancos e, às vezes, estão todos ocupados. E você tem que tentar dormir imediatamente. Faz muito frio, e fica difícil dormir muito depois da meia-noite, e a polícia chega às quatro da manhã. Não é fácil dormir, cara, e os malditos bondes passam voando por cima da sua cabeça o tempo todo, e os sinais suspensos sobre o rio acendendo e apagando na sua cara. O frio é cruel. Quem dorme lá geralmente se embrulha em jornal, mas não adianta muito. É muita sorte conseguir dormir por três horas."

Dormi no Embankment e descobri que é exatamente como Paddy descreveu. É, no entanto, muito melhor do que não dormir, que é a alternativa, se você pernoitar na rua, em outro lugar que não seja o Embankment. De acordo com a lei de

Londres, você pode passar a noite sentado, mas a polícia tem de expulsá-lo se o vir dormindo; o Embankment e um ou dois outros lugares (tem um atrás do Lyceum Theatre) são exceções especiais. Essa lei é evidentemente uma ofensiva intencional. O objetivo, dizem, é impedir que as pessoas morram por exposição ao frio; mas é claro que, se um homem não tem casa e vai morrer de exposição, morrerá, dormindo ou acordado. Em Paris, essa lei não existe. Lá, as pessoas dormem por conta própria sob as pontes do Sena, e nas portas, e nos bancos das praças, e ao redor dos poços de ventilação do metrô, e mesmo dentro das estações do metrô. Não causa nenhum dano aparente. Ninguém vai passar uma noite na rua se puder evitar, e, se tem que ficar na rua, melhor dormir, se puder.

2. O Twopence Hangover. É um pouco melhor que o Embankment. No Twopence Hangover (Cabana de Dois Pence), os hóspedes se sentam em fila em um banco; tem uma corda na frente deles, e eles se apoiam na corda como se estivessem debruçados sobre uma cerca. Um homem, chamado ironicamente de “camareiro”, corta a corda às cinco da manhã. Eu mesmo nunca estive lá, mas Bozo esteve muitas vezes. Perguntei a ele se alguém conseguia dormir nessas condições, e ele disse que era mais confortável do que parecia – de qualquer forma, era melhor do que chão duro. Existem abrigos semelhantes em Paris, mas o preço lá é só 25 centavos (meio pence), em vez de dois pence.

3. O Coffin (caixão), a quatro pence por noite. No Coffin você dorme em uma caixa de madeira, com uma lona para se cobrir. É frio, e o pior são os percevejos, dos quais, fechados em uma caixa, não se pode escapar.

Acima dessas opções estão as pensões comuns, com preços que variam entre sete pence e um xelim e um pence por noite.

As melhores são as Rowton Houses, onde o preço é um xelim, que dá direito a um cubículo só para você e ao uso de excelentes banheiros. Você também pode pagar meia coroa por um "especial", que é praticamente uma acomodação em um hotel. As Rowton Houses são edifícios esplêndidos, e a única objeção a elas é a disciplina rígida, com regras contra cozinhar, jogar cartas, etc. Talvez a melhor propaganda das Rowton Houses seja o fato de estarem sempre lotadas. As Casas Bruce, por um pence, também são excelentes.

Em segundo lugar, em termos de limpeza, estão os albergues do Exército de Salvação, por sete ou oito pence. Eles variam (já estive em um ou dois que não eram muito diferentes de pensões comuns), mas a maioria é limpa e tem bons banheiros; você tem que pagar a mais por um banho, entretanto. É possível conseguir um cubículo por um xelim. Nos dormitórios de oito pence, as camas são confortáveis, mas são tantas (em regra, pelo menos quarenta por quarto), e tão juntas, que é impossível ter uma noite tranquila. As inúmeras restrições cheiram a prisão e caridade. Os albergues do Exército de Salvação só atrairiam pessoas que colocam a limpeza acima de tudo.

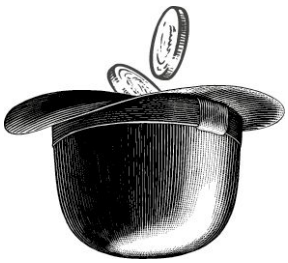
Além disso, tem as pensões comuns. Não importa se custa sete pence ou um xelim, todas são abafadas e barulhentas, e as camas são sujas e desconfortáveis. O que as redime é a atmosfera *laissez-faire* e as cozinhas aconchegantes e caseiras, onde se pode relaxar a qualquer hora do dia ou da noite. São covis esquálidos, mas é possível ter algum tipo de vida social nelas. As pensões femininas são geralmente piores do que as masculinas, e há poucas casas com acomodação para casais. Na verdade, não é nada incomum um morador de rua dormir em uma pensão, e sua esposa, em outra.

Atualmente, pelo menos quinze mil pessoas em Londres vivem em pensões comuns. Para um homem solteiro que ganha duas libras por semana, ou menos, uma pensão é uma grande conveniência. Ele dificilmente conseguiria um quarto mobiliado tão barato, e a pensão oferece fogo de graça, algum tipo de banheiro e muita companhia. Quanto à sujeira, é um mal menor. O pior defeito das pensões é que são lugares onde se paga para dormir e onde é impossível dormir profundamente. Tudo o que se obtém com o pagamento é uma cama medindo um metro e oitenta por setenta e cinco centímetros, com um colchão duro e convexo e um travesseiro que mais parece um bloco de madeira, coberto por uma colcha de algodão e dois lençóis cinza fedorentos. No inverno há cobertores, mas nunca o suficiente. E essa cama fica em um quarto onde nunca há menos de cinco, às vezes cinquenta ou sessenta camas, separadas por um ou dois metros. Claro, ninguém pode dormir profundamente nessas circunstâncias. Os únicos outros lugares onde as pessoas são agrupadas desse jeito são os quartéis e os hospitais. Nas enfermarias públicas de um hospital, ninguém espera dormir bem. Nos quartéis, os alojamentos são lotados, mas as camas são boas, e os soldados são saudáveis; em uma pensão comum, quase todos os hóspedes têm tosse crônica, e grande parte deles tem doenças da bexiga que os fazem acordar de hora em hora, a noite toda. O resultado é uma algazarra perpétua que torna o sono impossível. Até onde observei, ninguém em uma pensão dorme mais que cinco horas por noite – um tremendo prejuízo, quando se pagam sete pence ou mais.

Nessa área, a legislação pode fazer alguma coisa. Atualmente, existe todo tipo de leis do L.G.C. sobre pensões, mas não para defender os interesses dos hóspedes. O L.G.C. só

se empenha para proibir bebida, jogo, briga, etc., etc. Não há nenhuma lei que diga que as camas em uma pensão devem ser confortáveis. Isso seria algo muito fácil de impor – muito mais fácil, por exemplo, do que restrições ao jogo. Os donos das pensões deveriam ser obrigados a providenciar roupas de cama adequadas e colchões melhores e, sobretudo, a dividir seus dormitórios em cubículos. Por menor que seja o cubículo, o importante é que o homem esteja sozinho enquanto dorme. Essas poucas modificações, estritamente aplicadas, fariam uma enorme diferença. Não é impossível fazer uma pensão razoavelmente confortável e cobrar as tarifas habituais. Na pensão municipal de Groydon, onde o preço é de apenas nove pence, há cubículos, boas camas, cadeiras (um luxo muito raro em pensões) e cozinhas no nível da rua, não no porão. Não há razão para que cada pensão de nove pence não corresponda a esse padrão.

Naturalmente, os proprietários de pensões se oporiam em bloco a qualquer melhoria, pois têm um negócio que hoje é imensamente lucrativo. A casa média arrecada cinco ou dez libras por noite, sem risco de dívidas e inadimplência (o crédito é estritamente proibido) e, com exceção do aluguel, as despesas são pequenas. Qualquer melhoria significaria menos aglomeração e, portanto, menos lucro. Mesmo assim, a excelente pensão municipal em Croydon mostra como alguém pode ser bem servido por nove pence. Algumas leis bem aplicadas poderiam tornar essas condições gerais. Se as autoridades vão se preocupar com pensões, devem começar por torná-las mais confortáveis, não por meio de restrições tolas que jamais seriam toleradas em um hotel.



CAPÍTULO 38

Depois que saímos do abrigo em Lower Binfield, Paddy e eu ganhamos meia coroa capinando e varrendo o jardim de alguém, passamos a noite em Cromley e voltamos para Londres. Separei-me de Paddy um ou dois dias depois. B. me emprestou as duas últimas libras e, como eu tinha que aguentar só mais oito dias, esse foi o fim dos meus problemas. Meu imbecil manso acabou se mostrando pior do que eu esperava, mas não o suficiente para me fazer querer voltar ao albergue ou ao Auberge de Jehan Cottard.

Paddy foi para Portsmouth, onde tinha um amigo que talvez pudesse arrumar emprego para ele, e nunca mais o vi desde então. Pouco tempo atrás, fiquei sabendo que ele foi atropelado e morreu, mas meu informante pode tê-lo confundido com outra pessoa. Tive notícias de Bozo há três dias. Ele está em Wandsworth – quatorze dias mendigando. Não creio que a prisão o preocupe muito.

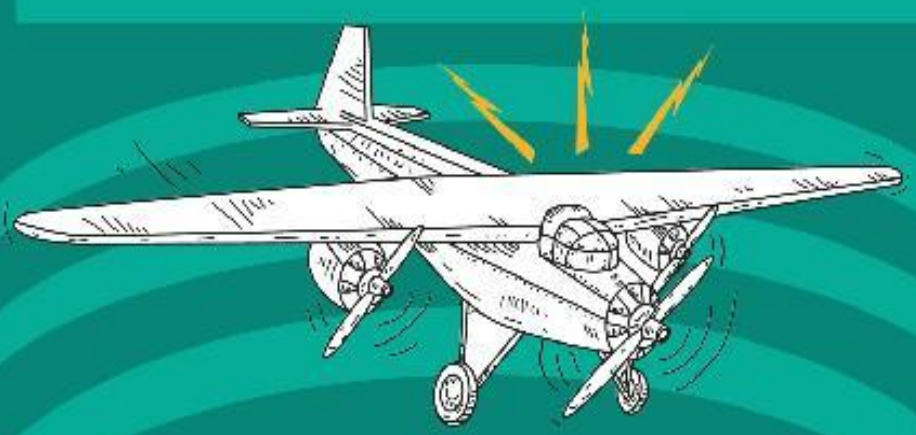
Minha história termina aqui. É uma história bastante trivial, e só posso esperar que tenha sido interessante da mesma forma que um diário de viagem é interessante. Posso pelo menos dizer: este é o mundo que espera por você, se ficar sem um tostão. Em alguns dias, quero explorar esse mundo mais profundamente. Gostaria de conhecer pessoas como Mario e Paddy e Bill, o pedinte, não por encontros casuais, mas de

maneira mais próxima; gostaria de entender o que realmente acontece na alma dos *plongeurs*, mendigos e homens que dormem no Embankment. No momento, sinto que não vi mais que as franjas da pobreza.

Ainda assim, posso apontar uma ou duas coisas que definitivamente aprendi na pobreza. Nunca mais pensarei que todos os mendigos são patifes bêbados, nem vou esperar que um mendigo agradeça quando eu der um centavo, nem ficarei surpreso se homens sem trabalho não tiverem energia, nem vou me inscrever no Exército da Salvação, nem penhorar minhas roupas, nem recusar um folheto, nem desfrutar de uma refeição em um restaurante elegante. Já é um começo.

1933

GEORGE ORWELL



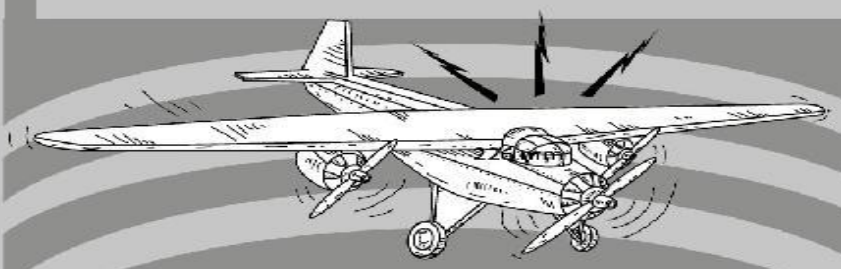
UM POUCO DE AR, POR FAVOR





Principis

GEORGE ORWELL



UM POUCO DE AR, POR FAVOR

TRADUÇÃO
PETÊ RISSATI

Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Coming up for air
Texto
George Orwell
Tradução
Petê Rissati
Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
Natsmith1/Shutterstock.com;
Tuleedin/Shutterstock.com;
pimchawee/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O79p Orwell, George, 1903-1950

Um pouco de ar, por favor [recurso eletrônico] / George Orwell ; traduzido por Petê Rissati. - Jandira, SP : Principis, 2021.

256 p. ; ePUB ; 3 MB. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Coming up for air

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-381-2 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. I. Rissati, Petê. II. Título. III. Série.

2021-812 CDD 823.91
CDU 821.111-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Ficção 823.91

2. Literatura inglesa : Ficção 821.111-3

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

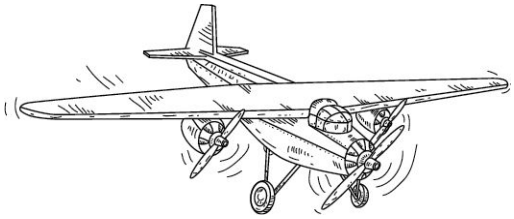
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

“Ele está morto, mas não vai se deitar.”

Música popular

PARTE 1



Capítulo 1

A ideia realmente surgiu no dia em que fiz meus novos dentes postiços.

Lembro-me bem daquela manhã. Por volta das quinze para as oito, pulei da cama e entrei no banheiro bem a tempo de fechar as crianças para fora. Era uma manhã horrível de janeiro, com um céu sujo de cinza-amarelado. Lá embaixo, pelo pequeno quadrado da janela do banheiro, eu conseguia ver os nove metros por quatro e meio de grama, com uma cerca viva de alfeneiro em volta e um pedaço de terra no meio – que chamamos de jardim dos fundos. O mesmo jardim nos fundos, os mesmos alfeneiros e a mesma grama existem atrás de cada casa na Ellesmere Road. A única diferença: onde não há crianças, não há um pedaço de terra vazio no meio.

Eu estava tentando me barbear com uma lâmina cega, enquanto a água corria dentro da banheira. Meu rosto me encarou pelo espelho e, embaixo dele, em um copo d'água na pequena prateleira acima da pia, estavam os dentes que pertenciam àquele rosto. Era a prótese temporária que Warner, meu dentista, havia me dado para usar enquanto os novos estavam sendo confeccionados. Não tenho uma cara tão ruim, de fato. É um daqueles rostos vermelho-tijolo que combinam com o cabelo cor de manteiga e olhos azul-claros. Nunca fiquei grisalho ou careca, graças a Deus, e, quando coloco meus dentes, provavelmente não aparento a minha idade, que é

quarenta e cinco.

Fazendo uma nota mental para comprar lâminas de barbear, entrei na banheira e comecei a me ensaboar. Ensaboei os braços (tenho aqueles braços meio gorduchos que têm sardas até o cotovelo), peguei a escova para as costas e ensaboei meus ombros, que normalmente não consigo alcançar. É incômodo, mas tem várias partes do meu corpo que, hoje em dia, não consigo alcançar. A verdade é que tenho inclinação para ser um pouco gordo. Não quero dizer que sou uma atração de um espetáculo secundário em um parque de diversões. Meu peso não passa de 88 quilos. E, da última vez que medi minha cintura, estava com um metro ou um metro e dez, esqueci quanto. E não sou o que chamam de gordo "nojento", não tenho uma daquelas barrigas que despencam quase até os joelhos. Apenas tenho as ancas um pouco mais largas, com tendência a ter forma de barril. Sabe aquele tipo de homem gordo e amável, o tipo atlético e saltitante que é apelidado de Gordinho ou Roliço e que é sempre a vida e a alma da festa? Sou desse tipo. Quase sempre me chamam de "Gordinho". Gordinho Bowling. George Bowling é meu nome verdadeiro.

Mas, naquele momento, eu não me sentia a vida e a alma da festa. E me dei conta de que, hoje em dia, quase sempre tenho uma espécie de sentimento melancólico nas primeiras horas das manhãs, embora durma bem e minha digestão seja boa. Eu sabia o que era, claro – eram aqueles malditos dentes postiços. Aquela coisa era ampliada pela água no copo e sorria para mim como os dentes de uma caveira. Dá uma sensação horrível ter as gengivas se tocando, uma espécie de sensação de constrição, de boca amarrada, como quando se morde uma maçã azeda. Além disso, diga o que quiser, dentes postiços são

um marco. Quando seu último dente natural se for, a época que você pode se enganar, pensando que é um xeque de Hollywood, está definitivamente no fim. E eu era gordo e tinha 45 anos. Quando me levantei para ensaboar a virilha, dei uma olhada em minha figura. É ridículo dizerem que homens gordos são incapazes de verem seus pés, mas é verdade que, quando fico em pé, só consigo ver a parte dianteira dos meus. Nenhuma mulher, pensei enquanto passava o sabonete em volta da barriga, jamais olhará duas vezes para mim novamente, a menos que receba para isso. Não que naquele momento eu, particularmente, quisesse que qualquer mulher olhasse duas vezes para mim.

Mas, naquela manhã, me ocorreu que havia motivos pelos quais eu deveria estar com o humor melhor. Para começar, não trabalharia naquele dia. O carro velho, com o qual "cubro" meu distrito (devo dizer que estou no ramo de seguros. A Flying Salamander. Vida, incêndio, roubo, gêmeos, naufrágio – tudo) estava temporariamente na oficina e, embora eu tivesse que dar uma passada no escritório de Londres para entregar alguns papéis, eu realmente estava tirando o dia de folga para buscar meus novos dentes postiços. Além disso, havia outro assunto que estava indo e voltando da minha mente havia algum tempo. Era que eu tinha dezessete libras das quais ninguém mais tinha ouvido falar – ninguém da família, quero dizer. Foi assim que aconteceu. Um sujeito de nossa firma, chamado Mellors, tinha conseguido um livro chamado "Astrologia Aplicada às Corridas de Cavalos", o qual provava que tudo é uma questão de influência dos planetas nas cores que o jóquei usa. Bem, em uma corrida ou outra, havia uma égua chamada "A Noiva do Corsário". Uma azarona completa, mas a cor de seu jóquei era verde, que parecia ser justamente a

cor para os planetas que, por acaso, estavam em ascensão. Mellors, que estava profundamente deslumbrado por esse negócio de astrologia, apostou várias libras no cavalo e implorou para eu fazê-lo também. No final, principalmente para calá-lo, arrisquei dez contos. Embora, normalmente, eu não aposte. Ironicamente, a Noiva do Corsário ganhou com os pés nas costas. Esqueci as probabilidades exatas, mas minha aposta virou dezessete libras. Por uma espécie de instinto – um tanto esquisito, e provavelmente indicando outro marco em minha vida –, eu simplesmente coloquei o dinheiro no banco e não disse nada a ninguém. Nunca tinha feito algo desse tipo antes. Um bom marido e pai teria gastado em um vestido para Hilda (é a minha esposa) e sapatos para as crianças. Mas tenho sido um bom marido e pai há quinze anos e estava começando a ficar farto disso.

Depois de me ensaboar inteiro, me senti melhor e me deitei na banheira para pensar sobre minhas dezessete libras e em como gastá-las. Parecia que as alternativas eram ou um fim de semana com uma mulher ou gastar aos poucos com pequenas coisas, como charutos e uísques duplos. Eu tinha acabado de abrir um pouco mais a água quente e estava pensando em mulheres e charutos quando ouvi um barulho parecido com uma manada de búfalos descendo os dois degraus que levavam ao banheiro. Eram as crianças, claro. Duas crianças em uma casa do tamanho da nossa é como um litro de cerveja em uma caneca de quinhentos mililitros. Veio uma batida frenética do lado de fora e, em seguida, um berro de agonia.

– Papai! Quero entrar!

– Ora, você não pode. Vá embora!

– Mas, papai! Quero ir a um lugar!

– Então, vá para outro lugar. Ande logo. Estou tomando banho.

– Pa-PAAI! Eu quero IR A-UM-LU-GAR!

Não adiantava! Eu conhecia o sinal de perigo. O vaso sanitário fica no banheiro – ficaria, claro, em uma casa como a nossa. Tirei o tampão da banheira e me sequei parcialmente o mais rápido que pude. Quando abri a porta, o pequeno Billy – meu caçula, de 7 anos – passou disparado por mim, esquivando-se do cafuné que faria em sua cabeça. Só quando estava quase vestido e procurando uma gravata é que descobri que meu pescoço ainda estava ensaboado.

É um horror ficar com o pescoço ensaboado. Dá uma sensação pegajosa desagradável. E estranho que, por mais que nos esfreguemos cuidadosamente com uma esponja, depois de descobrir que o pescoço está ensaboado, ficamos nos sentindo pegajosos pelo resto do dia. Desci as escadas de péssimo humor e pronto para arranjar confusão.

Nossa sala de jantar – como as outras salas de jantar da Ellesmere Road – é um lugar pequeno e apertado. Quatro metros por três e meio, ou talvez sejam três e meio por três. E o aparador de carvalho japonês – com os dois decantadores vazios e o porta-ovos de prata, que a mãe da Hilda nos deu de presente de casamento – não deixa muito espaço sobrando. A velha Hilda estava desolada atrás do bule, em seu estado usual de alarme e consternação, porque o jornal *News Chronicle* havia anunciado que o preço da manteiga estava subindo, ou algo assim. Ela não tinha acendido o fogareiro a gás e, embora as janelas estivessem fechadas, fazia um frio terrível. Abaixei-me e coloquei um fósforo no fogo, respirando alto pelo nariz (abaixar sempre me faz inspirar e arfar) como uma espécie de

dica para Hilda. Ela lançou o olhar de soslaio que sempre me dá quando pensa que estou fazendo algo extravagante.

Hilda tem 39 anos e, quando a conheci, parecia uma lebre. Ainda parece, mas está muito magra e um tanto enrugada, com uma expressão taciturna e preocupada nos olhos. E, quando está mais chateada do que o normal, ela faz o truque de arquear os ombros e cruzar os braços sobre o peito, como uma velha cigana sobre o fogo. É uma daquelas pessoas que curtem a vida ao prever desastres. Apenas pequenos desastres, claro. Quanto a guerras, terremotos, pragas, fome e revoluções, ela não dá a mínima. A manteiga está encarecendo, a conta do gás está enorme, as botas das crianças estão desgastadas e há outra prestação do rádio – é a ladainha de Hilda. Consegue o que eu, finalmente, concluí ser o prazer de balançar-se para a frente e para trás com os braços cruzados sobre o peito, me encarando e dizendo:

– Mas, George, é muito SÉRIO! Não sei o que vamos FAZER! Não sei de onde vamos tirar o dinheiro! Você parece não perceber o quão sério ISSO É! – e assim por diante. Está cravado com firmeza em sua cabeça que vamos acabar no abrigo. O engraçado é que, se algum dia tivermos que ir para o abrigo, Hilda não se importará nem um quarto do quanto eu me importarei. Na verdade, ela provavelmente vai gostar da sensação de segurança.

As crianças já estavam lá embaixo, de banho tomado e vestidas na velocidade da luz, como sempre fazem quando não há chance de manter ninguém fora do banheiro. Quando cheguei à mesa do café da manhã, estavam tendo uma discussão que ia ao som de:

– Sim, você fez!

– Não, não fiz!

– Sim, você fez!

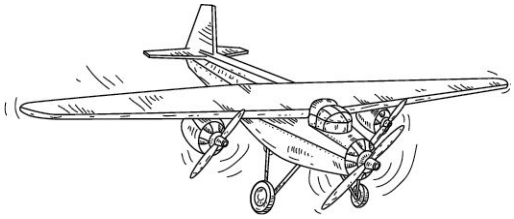
– Não, não fiz!

E parecia que continuariam pelo resto da manhã, até que eu disse para pararem. Temos apenas os dois, Billy, de 7 anos, e Lorna, de 11. É um sentimento peculiar o que eu tenho pelas crianças. Na maioria das vezes, mal consigo manter os olhos neles. Quanto às suas conversas, são simplesmente insuportáveis. Estão naquela idade melancólica em que a mente de uma criança gira em torno de coisas como réguas, caixas de lápis e quem tirou as melhores notas em Francês. Outras vezes, especialmente quando estão dormindo, tenho uma sensação bem diferente. Às vezes, fico parado diante das camas deles – nas noites de verão quando está claro – e os vejo dormindo, com rostos redondos e cabelos cor de madeira, vários tons mais claros que os meus. E isso me dá aquela sensação que se lê na Bíblia: "suas entranhas comovem-se". Nessas horas, sinto que sou apenas uma espécie de vagem seca, que não vale dois centavos, e que minha única importância tem sido trazer essas criaturas ao mundo e alimentá-las enquanto estão crescendo. Mas isso se dá apenas em alguns momentos. Na maioria das vezes, minha própria existência parece muito importante para mim. Sinto que ainda há vida no velho sabujo e muitos bons momentos pela frente, e a noção de mim mesmo como uma espécie de vaca leiteira domesticada para muitas mulheres e crianças perseguirem para cima e para baixo não me atrai.

Não conversamos muito no café da manhã. Hilda estava em seu humor "Eu não sei o que vamos FAZER!", em parte por causa do preço da manteiga e parte porque as férias de Natal

estavam quase acabando e ainda havia cinco libras para pagar pelas taxas escolares do último semestre. Comi meu ovo cozido e espalhei marmelada Golden Crown em uma fatia de pão. Hilda vai persistir em comprar as coisas. Custa cinco pence e meia libra, e o rótulo informa, com a letra miúda que a lei permite, que contém "uma certa proporção de suco de fruta neutro". Isso me fez começar, da maneira um tanto irritante que tenho feito às vezes, a falar sobre árvores frutíferas neutras, imaginando como eram e em que países cresciam. Até que finalmente Hilda ficou com raiva. Não que se importe que eu a ridicularize, é só que, de alguma forma obscura, ela pensa que é de mau gosto fazer piadas sobre qualquer coisa em que você economizou dinheiro.

Dei uma olhada no jornal, mas não havia muitas novidades. Na Espanha e na China, estavam se matando como de costume. As pernas de uma mulher foram encontradas na sala de espera de uma ferrovia, e o casamento do rei Zog estava dividindo opiniões. Finalmente, por volta das dez horas, um pouco mais cedo do que pretendia, parti para a cidade. As crianças foram brincar nos jardins públicos. Foi uma manhã terrível. Quando saí pela porta da frente, uma fraca e desagradável rajada de vento apanhou a parte ensaboada do meu pescoço e, de repente, me fez sentir que minhas roupas não serviam e que eu estava todo pegajoso.



CAPÍTULO 2

Você conhece a rua em que moro – Ellesmere Road, no West Bletchley? Mesmo que não saiba, você conhece cinquenta outras exatamente como ela.

Você sabe como essas ruas alastram por todos os subúrbios, do centro ao interior. Sempre as mesmas. Longas, longas fileiras de pequenas casas geminadas – os números da Ellesmere Road chegam até o 212, e o nosso é o 191 – semelhantes às habitações populares e geralmente mais feias. A frente de estuque, o portão coberto por creosoto, a cerca de alfeneiro, a porta da frente verde. Laurels, Myrtles, Hawthorns, Mon Abri, Mon Repos, Belle Vue. Talvez, em uma casa em cinquenta outras, há algum tipo antissocial que, provavelmente, acabará na casa de detenção porque pintou a porta da frente de azul, em vez de verde.

Aquela sensação pegajosa em volta do meu pescoço me deixou com um humor meio desmoralizado. É curioso como se fica cabisbaixo quando está com o pescoço grudento. Parece que você vai perder todo o vigor, como quando você descobre, de repente, em um lugar público, que a sola de um de seus sapatos está descolando. Eu não tinha ilusões sobre mim naquela manhã. Era quase como se eu pudesse ficar a distância e me ver descendo a rua, com meu rosto gordo e vermelho, meus dentes postiços e minhas roupas vulgares. Um sujeito como eu é incapaz de parecer um cavalheiro. Mesmo se

você me visse a duzentos metros de distância, saberia imediatamente – talvez não que eu estivesse no ramo de seguros, mas que sou um tipo de agenciador ou vendedor. As roupas que eu vestia eram praticamente o uniforme da tribo. Terno cinza da cor do osso de arenque, um pouco desgastado, sobretudo azul que custa cinquenta xelins, chapéu-coco e sem luvas. E tenho uma aparência peculiar às pessoas que vendem coisas por comissão, uma espécie de aparência grosseira e descarada. Nos meus melhores momentos, quando tenho um terno novo ou quando estou fumando um charuto, posso passar por um agenciador de apostas ou um taberneiro. E, quando as coisas estão muito ruins, posso estar anunciando aspiradores de pó, mas, em momentos normais, você me posicionaria corretamente. “Cinco a dez libras por semana”, você diria assim que me visse. Econômica e socialmente, estou no nível médio da Ellesmere Road.

Eu tinha a rua praticamente só para mim. Os homens madrugaram para pegar o trem das 8h21, e as mulheres estavam lidando com os fogões a gás. Quando você tem tempo para olhar ao seu redor, e quando acontece de você estar de bom humor, é uma coisa que faz rir por dentro: andar por essas ruas nos subúrbios do centro e do interior e pensar na vida de quem mora ali. Porque, afinal, o que É uma rua como a Ellesmere Road? Apenas uma prisão com as celas enfileiradas. Uma linha de câmaras de tortura semidivididas, onde os pobres que tiram razoavelmente de cinco a dez libras por semana tremem e estremecem. Cada um deles com seus chefes torcendo o rabo, as esposas montando neles como um pesadelo, e os filhos sugando seu sangue como sanguessugas. Tem muita besteira sendo falada sobre o sofrimento da classe operária. Não lamento tanto pelos proletários. Você já

conheceu um marinheiro que fica acordado pensando na demissão? O proletário sofre fisicamente, mas é um homem livre quando não está trabalhando. Mas, em cada uma dessas caixinhas de estuque, há um pobre diabo que NUNCA está livre, exceto quando está profundamente adormecido e sonhando que colocou o chefe no fundo de um poço e está despejando pedaços de carvão nele.

Claro, o problema básico com pessoas como nós, eu disse a mim mesmo, é que todos imaginamos que temos algo a perder. Para começar, nove décimos das pessoas na Ellesmere Road têm a impressão de que são donas de suas casas. A Ellesmere Road e todo o bairro ao redor dela até chegar à High Street fazem parte de um enorme esquema chamado Hesperides Estate, a propriedade da Sociedade de Crédito Imobiliário Cheerful. As sociedades de crédito imobiliário são provavelmente o esquema mais esperto dos tempos modernos. Minha própria área, a de seguros, é uma fraude, admito, mas é uma fraude aberta com as cartas na mesa. Porém, a beleza das fraudes da sociedade civil é que suas vítimas pensam que você está lhes fazendo uma gentileza. Você os golpeia, e eles lambem sua mão. Às vezes, penso que gostaria que a Hesperides Estate tivesse em seu topo uma estátua enorme em homenagem ao deus das sociedades imobiliárias. Seria um tipo estranho de deus. Entre outras coisas, seria bissexual. A metade superior seria um diretor administrativo, e a metade inferior seria uma esposa, no sentido familiar. Em uma das mãos, carregaria uma chave enorme – a chave da casa de correção, é claro. E na outra, como eles chamam essas coisas como chifres com presentes saindo deles? Uma cornucópia, que estaria derramando rádios portáteis, apólices de seguro de vida, dentaduras, aspirinas, preservativos e rolos compressores

de concreto para jardim.

Na verdade, na Ellesmere Road não somos donos de nossas casas, mesmo quando acabamos de pagar por elas. Elas não são propriedades alodiais, apenas arrendadas. São precificadas em quinhentos e cinquenta, pagáveis ao longo de um período de dezesseis anos. E são uma classe de casas que, se você as comprasse à vista, custaria cerca de trezentos e oitenta. Isso representa um lucro de cento e setenta para o Crédito Cheerful, mas nem é preciso dizer que o Crédito Cheerful fatura muito mais a prazo que à vista. Trezentos e oitenta inclui o lucro do construtor, mas o Crédito Cheerful, sob o nome de Wilson & Bloom, constrói as casas por conta própria e leva os lucros do construtor. Tudo o que precisa pagar são os materiais. Mas também obtém o lucro sobre os materiais, porque, sob o nome de Brookes & Scatterby, eles vendem tijolos, ladrilhos, portas, caixilhos de janelas, areia, cimento e, eu acho, vidros. E não me surpreenderia completamente saber que, sob outro pseudônimo, eles mesmos vendem a madeira para fazer as portas e caixilhos das janelas. Além disso – e isso era algo que realmente poderíamos ter previsto, embora nos tenha baqueado quando descobrimos –, o Crédito Cheerful nem sempre cumpre com sua parte no acordo. Quando a Ellesmere Road foi construída, ela dava para alguns campos abertos – nada muito maravilhoso, mas bom para as crianças brincarem – conhecidos como Platt's Meadows. Não havia nada em preto e branco, mas sempre foi entendido que não era para haver construções em Platt's Meadows. No entanto, West Bletchley era um subúrbio em crescimento. A fábrica de geleias Rothwell havia sido inaugurada em 1928 e a fábrica anglo-americana de bicicletas de aço começou em 1933. Assim, a população estava crescendo, e os aluguéis estavam subindo.

Eu nunca vi Sir Herbert Crum, ou qualquer outro dos grandes figurões do Crédito Cheerful em pessoa, mas em minha mente eu podia ver sua boca salivando. De repente, os construtores chegaram, e as casas começaram a ser construídas em Platt's Meadows. Ouviu-se um uivo de agonia da Hesperides, e foi criada uma associação de defesa dos inquilinos. Inútil! Os advogados de Crum nos arrancaram as vísceras em cinco minutos e construíram em Platt's Meadows. Mas a fraude realmente sutil, que me faz sentir que o velho Crum merecia seu título de baronete, é a psicológica. Meramente por causa da ilusão de que somos donos de nossas casas e temos o que é chamado de "uma cota no país". Nós, pobres babacas nos Hesperides, e de todos os lugares como esse, somos transformados em escravos devotos do Crum para sempre. Somos todos provedores da família respeitáveis – ou seja, conservadores, condescendentes e vagabundos. Não ousam matar o ganso que põe os ovos dourados! E o fato de não sermos, realmente, provedores da família, de estarmos todos no meio do pagamento de nossas casas e consumidos pelo medo horrível de que algo possa acontecer antes de termos feito o último pagamento, apenas aumenta o efeito. Todos fomos comprados e, pior ainda, com nosso dinheiro. Cada um desses pobres diabos oprimidos, suando até pagar o dobro do preço adequado por uma casa de boneca de tijolos que se chama Belle Vue – que não tem vista e não é bela –, cada um desses pobres otários morreria no campo de batalha para salvar seu país do bolchevismo.

Virei na Walpole Road e entrei na High Street. Há um trem para Londres às dez e catorze. Eu estava passando pelo Bazar Baratinho quando me lembrei da nota mental que fizera naquela manhã, para comprar um pacote de lâminas de

barbear. Quando cheguei ao balcão do sabonete, o gerente do andar, ou qualquer que seja o seu cargo, estava xingando a garota que estava responsável por aquela área. Geralmente não há muitas pessoas no Baratinho àquela hora da manhã. Às vezes, se você entrar logo após o horário de abertura, verá todas as garotas enfileiradas e recebendo seu esporro matinal, apenas para mantê-las na linha durante o turno. Dizem que essas grandes cadeias de lojas têm caras com poderes especiais de sarcasmo e abuso, que são enviados de área em área para irritar as garotas. O gerente do andar era um diabinho feio, baixo, com ombros muito quadrados e um bigode grisalho pontudo. Acabara de atacá-la por alguma coisa. Algum erro no troco, evidentemente. E a estava afrontando com uma voz de serra circular.

– Ah, não! Claro que você não poderia contar! CLARO que não poderia. Seria muito difícil. Ah, não!

Antes que eu pudesse me conter, atraí a atenção da garota. Não era tão bom para ela ter um homem gordo de meia-idade com o rosto vermelho olhando enquanto ela recebia um esporro. Eu me virei o mais rápido que pude e fingi estar interessado em algumas coisas do balcão ao lado, ilhós para cortinas ou algo assim. Ele estava atrás dela novamente. Era uma daquelas pessoas que se viram e de repente se atiram contra você, como uma libélula.

– CLARO que você não conseguiu contar! Não importa para VOCÊ se estivermos desfalcados em dois contos. Não importa mesmo. O que são dois contos para VOCÊ? Não poderia pedir a VOCÊ que se desse ao trabalho de contar corretamente. Oh, não! Nada importa aqui, exceto a SUA vontade. Não pensa nos outros, pensa?

Isso durou cerca de cinco minutos, em uma voz que você podia ouvir do outro lado da loja. Ele continuou se virando para longe a fim de fazê-la pensar que ele tinha terminado e, então, se atirando para outra rodada de xingamentos. Quando me afastei um pouco mais, dei uma olhada neles. A garota era uma criança de cerca de 18 anos, bastante gorda, com uma espécie de rosto lunar, do tipo que nunca acertaria o troco de primeira. Ela ficou rosa pálido e estava se contorcendo, na verdade se contorcendo de dor. Era exatamente como se ele a tivesse chicoteando. As garotas dos outros balcões fingiam não ouvir. Ele era um diabinho feio com a postura enrijecida. O tipo de homem pavoneado que estufa o peito e coloca as mãos sob as caudas do casaco. O tipo que só não é um sargento-mor porque não é alto o suficiente. Percebe com que frequência eles põem homens baixos para esses cargos de intimidação? Ele estava quase enfiando o rosto, com bigode e tudo, no dela para gritar melhor. E a garota toda rosa e se contorcendo.

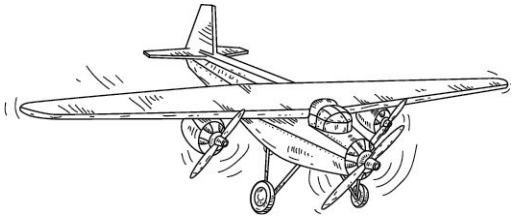
Finalmente, ele decidiu que já tinha falado o suficiente e se pavoneou como um almirante no tombadilho, e eu fui até o balcão pegar minhas lâminas de barbear. Ele sabia que eu tinha ouvido cada palavra, e ela também. E os dois sabiam que eu sabia que eles sabiam. Mas o pior de tudo é que, para minha conveniência, ela fingiu que nada havia acontecido e assumiu a atitude reservada de manter a distância que uma vendedora deve manter dos clientes do sexo masculino. Tinha que agir como adulta meio minuto depois de eu vê-la ser xingada como uma escrava! Seu rosto ainda estava rosa, e suas mãos tremiam. Pedi lâminas de um centavo, e ela começou a mexer na bandeja de três centavos. Então, o diabinho do gerente se virou em nossa direção e, por um momento, nós dois pensamos que ele estava voltando para começar de novo. A

garota encolheu-se como um cachorro que vê o chicote. Mas ela estava olhando para mim de soslaio. Eu pude ver isso porque eu a vi xingar, ela me odiava como ao diabo. Que estranha!

Saí com minhas lâminas de barbear. Por que elas aguentam isso? Fiquei pensando. Puro medo, é claro. Uma resposta atravessada e você sai. É o mesmo em todos os lugares. Pensei no rapaz que às vezes me atende na rede de supermercados que atendemos. Grande e robusto, 20 anos, com bochechas rosa e braços enormes, deveria estar trabalhando em uma oficina de ferreiro. E lá está ele em seu paletó branco, dobrado sobre o balcão, esfregando as mãos com seu "Sim, senhor! É verdade, senhor! Clima agradável para esta época do ano, senhor! O que posso ter o prazer de lhe arrumar hoje, senhor?", praticamente pedindo para você chutar a bunda dele. Ordens, é claro. O cliente tem sempre razão. O que você pode ver em seu rosto é um pavor mortal de você denunciá-lo por impertinência e fazer com que seja demitido. Além disso, como vai saber que você não é um dos clientes ocultos que a empresa manda? Medo! Nós nadamos nele. É nosso hábitat. Todo mundo que não tem tanto medo de perder o emprego tem muito pavor de guerra, ou do fascismo, ou do comunismo, ou algo assim. Judeus suando quando pensam em Hitler. Passou pela minha cabeça que aquele desgraçadinho com o bigode pontudo provavelmente tinha muito mais medo de perder seu trabalho do que a garota. Provavelmente tinha uma família para sustentar. E, talvez, quem sabe, em sua casa ele seja manso e brando. Talvez cultive pepinos no quintal, deixe sua esposa sentar-se no seu colo e seus filhos puxar seu bigode. E, na mesma moeda, ninguém nunca leu sobre um Inquisidor Espanhol ou um desses figurões da polícia secreta russa e

soube que, na vida privada, ele era um homem gentil, o melhor marido e pai, devotado a seu canário domesticado e assim por diante.

A garota do balcão de sabonete ficou me procurando quando saí pela porta. Teria me assassinado se pudesse. Como ela me odiava por causa do que eu tinha visto! Muito mais do que odiava o gerente.



CAPÍTULO 3

Havia um avião bombardeiro voando baixo. Por um ou dois minutos, pareceu acompanhar o ritmo do trem. Dois tipos de caras vulgares em sobretudos surrados, obviamente proletários do tipo mais baixo, provavelmente colportores de jornal, estavam sentados à minha frente. Um deles lia o *Mail*, e o outro lia o *Express*. Pude ver pelos trejeitos deles que me viam como alguém de sua espécie. Na outra ponta do vagão, dois escreventes de advogados com malas pretas mantinham uma conversa cheia de bobagens jurídicas, com o objetivo de impressionar o restante de nós e mostrar que não pertenciam ao gado comum.

Eu estava observando o fundo das casas passar pela janela. A linha de West Bletchley atravessa quase todas as favelas, mas é meio que pacífica, os vislumbres de pequenos quintais com pedaços de flores presos em caixas e os telhados planos onde as mulheres prendem a roupa lavada e a gaiola na parede. O grande avião bombardeiro preto balançou um pouco no ar e continuou voando, de forma que eu não conseguia mais vê-lo. Eu estava sentado de costas para a locomotiva. Um dos colportores olhou para ele por apenas um segundo. Eu sabia em que ele estava pensando. Na verdade, é no que todo mundo estava pensando. Você não precisa ser um intelectual para ter esses pensamentos hoje em dia. Dentro de dois anos, dentro de um ano, o que faremos quando virmos uma dessas coisas?

Mergulhar no porão, molhando nossas bolsas com o susto.

O sujeito colportor largou o *Daily Mail*.

– Chegou o vencedor do Templegate – disse ele.

Os escreventes dos advogados estavam vomitando alguma podridão erudita sobre a taxa simples e as pimentas-pretas. O outro colportor apalpou o bolso do colete e tirou um cigarro Woodbine dobrado. Apalpou o outro bolso e se inclinou para mim.

– Tem fósforo, Gordinho?

Tateei o corpo em busca dos fósforos. "Gordinho", entende? É realmente interessante. Por cerca de alguns minutos, parei de pensar em bombas e comecei a pensar na minha figura, quando o examinei no banho naquela manhã.

É bem verdade que sou gordinho; na verdade, minha metade superior tem quase exatamente o formato de uma banheira. Mas o que é interessante, eu acho, é que simplesmente porque você é um pouco gordo, quase qualquer pessoa, mesmo um total estranho, vai, certamente, lhe dar um apelido que é um comentário insultuoso sobre sua aparência pessoal. Suponha que um sujeito fosse corcunda ou tivesse estrabismo ou lábio leporino. Você daria a ele um apelido para lembrá-lo disso? Mas todo homem gordo é rotulado, como se fosse algo natural. Sou o tipo que as pessoas automaticamente dão tapinhas nas costas e socos nas costelas, e quase todas acham que eu gosto disso. Nunca entro em um bar do Crown, em Pudley (passo por ali uma vez por semana a negócios), sem aquele imbecil do Waters, que viaja pelo pessoal da Seafoam Soap, mas que é mais ou menos uma figura carimbada no bar do Crown. Ele me cutuca nas costelas e canta "Aqui está um enorme vulto, pobre Tom Bowling!". O que é uma piada da qual os idiotas

do bar nunca se cansam. Waters tem um dedo que parece uma barra de ferro. Todos pensam que um homem gordo não tem sentimentos.

O ambulante pegou outro fósforo meu para palitar os dentes e jogou a caixa de volta. O trem passou zunindo sobre uma ponte de ferro. Lá embaixo, pude ter o vislumbre de uma perua de padeiro e uma longa fila de caminhões carregados de cimento. O estranho, eu estava pensando, é que de certa forma eles estão certos sobre homens gordos. É fato que um homem gordo, especialmente um homem gordo desde o nascimento – isto é, desde a infância – não é exatamente como os outros homens. Ele passa sua vida em um plano diferente, uma espécie de plano de comédia leve, ainda que, no caso de caras em espetáculos secundários em parques de diversão, ou na verdade qualquer pessoa com mais de cento e vinte quilos, não seja tanto uma comédia leve quanto uma farsa de baixo nível. Fui gordo e magro em minha vida e sei a diferença que a gordura faz em sua figura. Meio que impede você de levar as coisas muito a ferro e fogo. Duvido que um homem que nunca foi nada além de gordo, um homem que é chamado de Gorducho desde que começou a andar, saiba da existência de emoções realmente profundas. Como poderia? Ele não tem experiência nessas coisas. Nunca pôde estar presente em uma cena trágica, porque uma cena em que há um homem gordo presente não é trágica, é cômica. Imagine um Hamlet gordo, por exemplo! Ou Oliver Hardy atuando como Romeu. Curiosamente, eu estava pensando em algo desse tipo apenas alguns dias antes, quando estava lendo um romance que peguei na biblioteca da farmácia Boots. *Paixão desperdiçada* era o título. O cara da história descobre que sua garota saiu com outro cara. Ele é um desses caras que a gente encontra

nos romances, com rosto pálido e sensível, cabelos escuros e rendimentos pessoais. Lembro-me mais ou menos de como era a passagem:

> *David andava de um lado para o outro na sala, as mãos pressionadas na testa. A notícia parecia tê-lo surpreendido. Por muito tempo, não conseguiu acreditar. Sheila, desleal com ele! Não podia ser! De repente, a compreensão o invadiu, e ele viu o fato em todo o seu horror. Era demais. Ele se jogou no chão em um estertor de choro.*

De qualquer forma, era algo assim. E, mesmo na época, isso me fez começar a pensar. Aí está, veja só. É assim que as pessoas – algumas pessoas – devem se comportar. Mas e um sujeito como eu? Suponha que Hilda saia para um fim de semana com outra pessoa – não que eu me importe, na verdade preferiria que eu descobrisse que ela ainda tem um frisson como esse dentro nela –, mas suponha que eu me importasse, eu me atiraria no chão em um estertor de choro? Alguém esperaria isso de mim? Ninguém esperaria isso de uma figura como a minha. Seria totalmente obsceno.

O trem estava correndo ao longo de um barranco. Um pouco abaixo de nós, dava para ver os telhados das casas estendendo-se um após o outro. Os telhados vermelhos onde cairão as bombas, um pouco iluminados neste momento porque um raio de sol os alcançava. Engraçado como continuamos pensando em bombas. É claro que não há dúvida de que isso acontecerá em breve. Você pode dizer o quanto estão perto pelo conteúdo alegre sobre o qual eles estão falando no jornal. Eu estava lendo um artigo no *News Chronicle* outro dia, no qual dizia que aviões bombardeiros não podem causar nenhum dano hoje em dia. Os canhões antiaéreos ficaram tão bons que o

bombardeiro tem que ficar a vinte mil pés. O camarada pensa, percebe, que se um avião estiver alto o suficiente, as bombas não atingem o solo. Ou, mais provavelmente, o que ele realmente quis dizer é que eles não acertarão o Arsenal Woolwich e apenas atingirão lugares como a Ellesmere Road.

Mas, no geral, pensei, não é tão ruim ser gordo. Uma coisa sobre um homem gordo é que ele sempre é popular. Não existe nenhum tipo de companhia, de corretores de apostas a bispos, onde um homem gordo não se enquadre e se sinta em casa. Quanto às mulheres, os homens gordos têm mais sorte com elas do que as pessoas parecem acreditar. É bobagem imaginar, como algumas pessoas fazem, que uma mulher olha para um homem gordo apenas como piada. A verdade é que uma mulher não vê NINGUÉM como uma piada se ele pode enganá-la, dizendo que está apaixonado por ela.

Veja bem, nem sempre fui gordo. Estou gordo há oito ou nove anos e acho que desenvolvi a maioria das características. Mas também é um fato que internamente, mentalmente, não sou totalmente gordo. Não! Não me entenda mal. Não estou tentando me exibir como uma espécie de flor terna, o coração dolorido por trás do rosto sorridente e assim por diante. Ninguém consegue entrar no negócio de seguros se for assim. Sou vulgar, sou insensível e me adapto ao meu ambiente. Enquanto em qualquer lugar do mundo as coisas estiverem sendo vendidas por comissão e o sustento for obtido com pura insolência e falta de sentimentos mais refinados, caras como eu estarão fazendo isso. Em quase todas as circunstâncias consegui sobreviver – sempre sobreviver e nunca fazer uma fortuna – e, mesmo na guerra, revolução, peste e fome, me empenhei para permanecer vivo mais tempo do que a maioria das pessoas. Sou desses. Mas também tenho algo a mais

dentro de mim, principalmente uma ressaca do passado. Contarei sobre isso mais tarde. Estou gordo, mas sou magro por dentro. Já lhe ocorreu que há um homem magro dentro de cada gordo, assim como dizem que há uma estátua dentro de cada bloco de pedra?

O cara que pegou meus fósforos emprestados estava dando uma boa palitada nos dentes sobre o *Express*.

– O caso das pernas não parece que será levado muito mais adiante – disse ele.

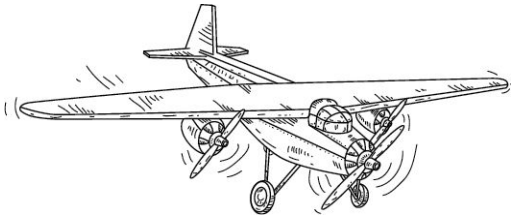
– Eles nunca vão pegá-lo – disse o outro. – Ora, você poderia identificar um par de pernas? Todas sangram do mesmo jeito, não é?

– Dá para rastreá-las pela folha de papel em que embrulharam – respondeu o primeiro.

Lá embaixo, você podia ver os telhados das casas se estendendo um após o outro, torcendo-se para um lado e para outro com as ruas. Mas se estendendo continuamente, como uma planície enorme na qual era possível cavalgar. Qualquer que seja o caminho que se atravesse Londres, são três quilômetros de casas quase sem interrupção. Minha nossa! Como os bombardeiros vão nos errar quando vierem? Simplesmente somos um grande alvo. E sem aviso, provavelmente. Porque quem vai ser tão idiota a ponto de declarar guerra hoje em dia? Se eu fosse Hitler, enviaria meus bombardeiros no meio de uma conferência de desarmamento. Numa manhã tranquila, quando os funcionários estão correndo pela London Bridge, e o canário cantando, e a velha pendurando as calçolas no varal – *zum, pá, bam*! Casas pelos ares, calçolas encharcadas de sangue, canários cantando sobre os cadáveres.

De alguma forma, parece uma pena, pensei. Olhei para o grande mar de telhados se estendendo um após o outro. Quilômetros e quilômetros de ruas, lojas de peixe frito, capelas de lata, casas de pintura, pequenas gráficas em becos, fábricas, blocos de apartamentos, barracas de frutos do mar, laticínios, estações de energia – e assim por diante. Enorme! E a tranquilidade disso! Como um grande deserto sem feras. Sem armas de fogo, ninguém atirando granadas, ninguém batendo em ninguém com cassetete de borracha. Se pensar bem, em toda a Inglaterra, neste momento, provavelmente não há uma única janela de quarto da qual alguém esteja disparando uma metralhadora.

Mas, e daqui a cinco anos? Ou dois anos? Ou um ano?



CAPÍTULO 4

Deixei meus documentos no escritório. Warner é um desses dentistas americanos baratos e tem seu consultório, ou "sala", como gosta de chamar, no meio de um grande bloco de escritórios, entre um fotógrafo e um atacadista de produtos de borracha. Cheguei cedo para minha consulta, mas era hora de fazer uma boquinha. Não sei o que passou pela minha cabeça para entrar em um café. São lugares que geralmente evito. Nós, que faturamos entre cinco e dez libras por semana, não estamos bem servidos em termos de lugares para comer em Londres. Se sua ideia de quanto gastar numa refeição é um ou três pence, é no Lyons, no Express Dairy ou no ABC, ou então é o petisco de funeral que servem nas tavernas, uma caneca de cerveja e uma fatia de torta fria, tão fria que é mais fria que a cerveja. Na frente da leiteria, os garotos anunciavam aos gritos as primeiras edições dos jornais da noite.

Atrás do balcão vermelho brilhante, uma garota com um boné alto e branco mexia em uma geladeira e, em algum lugar no fundo, um rádio tocava, plonk-tiddle-tiddle-plonk, uma espécie de som metálico. *Por que diabos estou entrando aqui?*, pensei comigo mesmo ao entrar. Há uma espécie de atmosfera nesses lugares que me deixa para baixo. Tudo liso, brilhante e simples; espelhos, esmalte e placa de cromo para todo lado que se olhe. Tudo gasto na decoração, e nada na comida. Sem comida de verdade. Apenas listas de coisas com

nomes americanos, uma espécie de coisa fantasma que não se pode provar e dificilmente se pode acreditar na existência. Tudo sai de uma caixa ou lata, ou é puxado de uma geladeira, esguichado de uma torneira ou espremido de um tubo. Sem conforto, sem privacidade. Banquinhos altos para sentar-se, uma espécie de prateleira estreita para comer, espelhos ao redor. Uma espécie de propaganda flutuando ao redor, misturada ao barulho do rádio, no sentido de que a comida não importa, o conforto não importa, nada importa exceto a lisura, o brilho e a simplicidade. Tudo é simplificado hoje em dia, até mesmo a bala que Hitler está guardando para você. Pedi um grande café e algumas salsichas. A garota de boné branco as lançou para mim com tanto interesse quanto você jogaria ração para um peixinho dourado.

Do lado de fora da porta, um jornaleiro gritou:

– ÓLHAOJORNAAAL!

Eu vi o cartaz batendo nos joelhos dele: PERNAS. DESCOBERTAS FRESCAS. Apenas "pernas", entende? Tinha chegado a esse ponto. Dois dias antes, encontraram as pernas de uma mulher na sala de espera de uma ferrovia, embrulhadas em um pacote de papel pardo. E com as sucessivas edições dos jornais, toda a nação deveria estar tão apaixonadamente interessada nessas malditas pernas que não precisaram de nenhuma introdução adicional. Eram as únicas pernas que eram notícia no momento. É estranho, pensei, enquanto comia um pedaço de pão, como os assassinatos estão ficando enfadonhos hoje em dia. Todo esse cortar de pessoas e deixar pedacinhos delas pelo campo. Nem um pouco dos velhos dramas de envenenamento doméstico, Crippen, Seddon, Mrs. Maybrick; a verdade é, suponho, que não se pode cometer um bom assassinato a menos que acredite que

vai torrar no inferno por isso.

Nesse momento mordi uma das minhas salsichas e – Minha nossa!

Não posso dizer com sinceridade que esperava que a coisa tivesse um sabor agradável. Esperava que não tivesse gosto de nada, como o pão. Mas isso – bem, foi uma experiência e tanto. Deixe-me tentar descrever para você.

A salsicha tinha uma pele emborrachada, claro, e meus dentes postiços não estavam prontos para isso. Tive de fazer uma espécie de movimento de serra antes de conseguir enfiar os dentes na pele. E então de repente – *pop*! A coisa explodiu em minha boca como uma pêra podre. Uma coisa horrível e macia escorria pela minha língua. Mas o gosto! Por um momento, simplesmente não consegui acreditar. Então rolei a língua em volta dele novamente e fiz outra tentativa. Era PEIXE! Uma salsicha, uma coisa que se autodenomina salsicha, recheada de peixe! Levantei-me e saí sem tocar no café. Deus sabe o gosto que deveria ter.

Lá fora, o jornaleiro empurrou o *Standard* na minha cara e gritou:

– Pernas! Leiam as revelação horrorosa! Todos os vencedores! Pernas! Pernas!

Eu ainda estava enrolando a coisa na minha língua, imaginando onde poderia cuspir. Lembrei-me de uma reportagem que li no jornal em algum lugar sobre essas fábricas de alimentos na Alemanha, onde tudo é feito de outra coisa. *Ersatz*, eles chamam. Lembrei-me de ter lido que ELES faziam salsichas com peixe e, peixe, sem dúvida, de algo diferente. Isso me deu a sensação de que havia entrado no mundo moderno e descoberto do que ele realmente era feito. É

assim que estamos hoje em dia. Tudo liso e simples, tudo feito de outra coisa. Celuloide, borracha, aço cromo por toda parte, lâmpadas de arco voltaico acesas a noite toda, tetos de vidro sobre a cabeça, os rádios todos tocando a mesma música, sem vegetação sobrando, tudo cimentado, tartarugas de mentira comendo sob as árvores frutíferas neutras. Mas, quando se chega às vias de fato e se enfia os dentes em algo sólido, uma salsicha, por exemplo, é isso que você recebe. Peixe podre em pele de borracha. Bombas de sujeira explodindo dentro da boca.

Quando coloquei os novos dentes, me senti muito melhor. Eles se acomodaram bem e suavemente sobre as gengivas e, embora pareça absurdo dizer que dentes postiços podem fazer você se sentir mais jovem, é verdade. Tentei sorrir para mim mesmo na vitrine de uma loja. Não eram tão ruins. O Warner, embora barato, é meio artista e não pretende fazer a pessoa parecer que está em um anúncio de pasta de dente. Ele tem armários enormes cheios de dentes postiços – ele me mostrou certa vez –, todos classificados de acordo com o tamanho e a cor, e ele os escolhe como um joalheiro faz com pedras para um colar. Nove em cada dez pessoas considerariam meus dentes naturais.

Tive um vislumbre de mim mesmo em outra vitrine pela qual estava passando, e me ocorreu que realmente eu não era uma figura tão ruim de homem. Um pouco gordo, é certo, mas nada ofensivo. Apenas o que os alfaiates chamam de “corpo cheio”, e algumas mulheres gostam de um homem de rosto vermelho. O velho sabujo ainda tem vida, pensei. Lembrei-
-me de minhas dezessete libras e definitivamente decidi que gastaria com uma mulher. Tive tempo de beber uma cerveja antes que os bares fechassem. Só para batizar os dentes, e me

sentindo rico por causa das minhas dezessete libras, parei em uma tabacaria e comprei um charuto de seis centavos de um tipo de que gosto bastante. Eles têm vinte centímetros de comprimento e folha de Havana pura por toda parte. Suponho que os repolhos crescem em Havana da mesma forma que em qualquer outro lugar.

Quando saí do bar, me senti bem diferente.

Bebi algumas canecas, elas me aqueceram por dentro, e a fumaça do charuto vazando em volta dos meus novos dentes me deu uma sensação de frescor, limpeza e paz. De repente, me senti meio pensativo e filosófico. Em parte, porque não tinha nenhum trabalho a fazer. Minha mente voltou aos pensamentos sobre a guerra que eu estava tendo no início daquela manhã, quando o avião bombardeiro sobrevoou o trem. Eu me senti em uma espécie de humor profético, o humor no qual você prevê o fim do mundo e se anima com isso.

Eu estava subindo a Strand em direção ao oeste e, embora estivesse frio, fui devagar para aproveitar meu charuto. A multidão de sempre, pela qual você dificilmente consegue passar, estava subindo pela calçada. Todos eles com aquela expressão fixa insana no rosto que as pessoas têm nas ruas de Londres, e havia o congestionamento normal com os grandes ônibus vermelhos abrindo caminho entre os carros, os motores rugindo e as buzinas soando. Barulho suficiente para acordar os mortos, mas não para acordar todos, pensei. Eu me sentia como se fosse a única pessoa acordada em uma cidade sonâmbula. Era uma ilusão, é claro. Quando se caminha por uma multidão de estranhos, é quase impossível não imaginar que eles são todos bonecos de cera, mas, provavelmente, estão pensando a mesma coisa de você. E esse tipo de sentimento

profético continua me dominando, a sensação de que a guerra está chegando e que, de todas as coisas, isso não me parece peculiar. Todos nós temos isso, mais ou menos. Suponho que mesmo entre as pessoas que passaram por aquele momento pode ter havido caras que estavam vendo imagens mentais de projéteis e da lama. Qualquer pensamento que você tenha, sempre há um milhão de pessoas tendo pensamentos iguais ao mesmo tempo. Mas foi assim que me senti. Estamos todos no convés em chamas e ninguém sabe disso, exceto eu. Olhei para os rostos entorpecidos que passavam. Como perus em novembro, pensei. Nenhuma noção do que está chegando para eles. Era como se eu tivesse olhos de raios X e pudesse ver os esqueletos andando.

Olhei alguns anos adiante. Vi como essa rua será daqui a cinco anos, digamos, ou a três anos (dizem que está programado para 1941), depois que a luta começar.

Não, nem tudo estilhaçado em pedaços. Só um pouco alteradas, meio lascadas e sujas, as vitrines quase vazias e tão empoeiradas que você não consegue ver dentro delas. Em uma rua lateral há uma enorme cratera de bomba e um quarteirão de edifícios queimados, de forma que parece um dente oco. Termite. Está tudo curiosamente quieto e todos estão muito magros. Um pelotão de soldados vem marchando rua acima. São magros como ancinhos, e suas botas se arrastam. O sargento tem o bigode em forma de saca-rolhas e se mantém ereto como uma vareta, mas também é magro e tem uma tosse que quase o dilacera. Entre tosses, ele tenta gritar com eles no velho estilo de desfile. “Então, Jones! Levanta a cabeça! Por que fica olhando para o chão? Todas as pontas de cigarro foram recolhidas anos atrás”. De repente, um acesso de tosse o pega. Ele tenta impedir, não consegue, dobra-se como uma

régua e quase tosse as entranhas para fora. Seu rosto fica rosa e roxo, o bigode amolece e a água escorre dos olhos.

Consigo ouvir as sirenes de ataque aéreo soando e os alto-falantes berrando que nossas gloriosas tropas fizeram cem mil prisioneiros. Vejo as costas do último andar de um prédio em Birmingham e uma criança de 5 anos gritando e uivando por um pedaço de pão. E, de repente, a mãe não aguentou mais e gritou:

– Cale a matraca, seu filho da mãe! – e aí levanta o camisolão da criança e bate com força no seu traseiro, porque não tem pão e não vai haver pão. Eu vejo tudo isso. Vejo os cartazes e as filas de comida, e o óleo de rícino, os cassetetes de borracha e as metralhadoras cuspindo das janelas dos quartos.

Vai acontecer? Sei lá. Em alguns dias, é impossível acreditar. Em alguns dias, eu digo a mim mesmo que é só um medo levantado pelos jornais. Em alguns dias, sei, lá dentro de mim, que não há como escapar.

Quando desci perto de Charing Cross, os meninos anunciavam uma edição posterior dos jornais vespertinos. Havia mais baboseiras sobre o assassinato. PERNAS. DECLARAÇÃO DO CIRURGIÃO FAMOSO. Então, outro cartaz chamou minha atenção: CASAMENTO DO REI ZOG ADIADO. Rei Zog! Que nome é esse? É quase impossível acreditar que um cara com um nome assim não seja um preto retinto.

Mas exatamente naquele momento uma coisa estranha aconteceu. O nome do rei Zog – mas suponho que, como já tinha visto o nome várias vezes naquele dia, estava misturado com algum som no trânsito ou com o cheiro de esterco de

cavalo ou algo assim – tinha despertado lembranças em mim.

O passado é uma coisa curiosa. Está com você o tempo todo. Suponho que nunca passe uma hora sem que você pense em coisas que aconteceram há dez ou vinte anos e, ainda assim, na maioria das vezes, não é real, é apenas um conjunto de fatos que você viu, como um monte de coisas em um livro de História. Então, alguma visão, som ou cheiro, especialmente o cheiro, o desperta, e o passado não apenas volta para você, você realmente está NO passado. Foi assim nesse momento.

Eu estava de volta à igreja paroquial em Lower Binfield, e isso foi há trinta e oito anos. Suponho que, pelo cenário, eu ainda estava caminhando pelo Strand, gordo e com 45 anos, com dentes postiços e um chapéu-coco. Mas dentro de mim eu era Georgie Bowling, de 7 anos, filho mais novo de Samuel Bowling, comerciante de milho e sementes, da 57 High Street, Lower Binfield. E era domingo de manhã, e eu consegui sentir o cheiro da igreja. Como eu podia sentir o cheiro! Você conhece o cheiro das igrejas, um tipo de cheiro peculiar, úmido, empoeirado, decadente e adocicado. Há um toque de óleo de vela nele, e talvez um cheiro de incenso e um rastro de ratos, e nas manhãs de domingo é um pouco coberto por sabonete amarelo e vestidos de sarja, mas predominantemente é aquele cheiro doce, empoeirado e mofado que é como o cheiro de morte e vida misturados. São cadáveres em pó, na verdade.

Naquela época, eu tinha um metro e vinte de altura. Eu estava de pé na almofada para ver por cima do banco da frente e podia sentir o vestido de sarja preto de mamãe embaixo da minha mão. Também podia sentir minhas meias puxadas até os joelhos – costumávamos usá-las assim – e a gola Eton que eles costumavam abotoar no meu pescoço nas manhãs de domingo.

E eu podia ouvir o chiado do órgão e duas vozes enormes berrando o salmo. Em nossa igreja havia dois homens que lideravam a cantoria; na verdade, cantavam tanto que ninguém mais tinha muita chance. Um era Shooter, o peixeiro, e o outro era o velho Wetherall, o marceneiro e coveiro. Costumavam sentar-se frente a frente em cada lado da nave, nos bancos mais próximos do púlpito. Shooter era um homem baixo e gordo com um rosto muito rosado e suave, um nariz grande, bigode caído e um queixo que meio que despencava sob a boca. Wetherall era bem diferente. Era um velho demônio grande, magro e poderoso, de cerca de 60 anos, com um rosto semelhante à cabeça da morte e o cabelo grisalho crespo de pouco mais de um centímetro de comprimento em toda a cabeça. Nunca vi um homem vivo que se parecesse tanto com um esqueleto. Dava para ver cada linha do crânio naquele rosto, a pele parecia um pergaminho e a grande mandíbula em forma de lanterna cheia de dentes amarelos se movia para cima e para baixo, como a mandíbula de um esqueleto em um museu de anatomia. E, no entanto, com toda a sua magreza, parecia forte como um touro, como se fosse viver até os 100 anos e fazer caixões para todos na igreja antes de morrer. As vozes também eram bem diferentes.

Shooter soltava uma espécie de grave desesperado e agonizante, como se alguém tivesse uma faca em sua garganta e ele estivesse dando seu último grito de socorro. Mas Wetherall tinha um som tremendo, turbulento e estrondoso que acontecia internamente nele, como enormes barris sendo rolados de um lado para outro no subsolo. Por mais som que ele emitisse, sempre se saberia que tinha muito mais guardado. As crianças apelidaram-no de Barrigarroncante.

Eles costumavam ter uma espécie de efeito antifonal,

especialmente nos salmos. Era sempre Wetherall quem dava a última palavra. Acho que realmente eram amigos na vida privada, mas, do jeito de criança, eu costumava imaginar que eram inimigos mortais e tentavam acabar um com o outro aos gritos. Shooter rugia "O Senhor é meu pastor", e então Wetherall chegava com "E nada, nada me faltará", afogando-o completamente. Sempre era possível saber qual dos dois era o mestre. Eu costumava aguardar ansiosamente aquele salmo que falava sobre Siom, rei dos Amorreus, e Ogue, rei de Basã (era disso que o nome do rei Zog me lembrava). Shooter começava com "Siom, rei dos Amorreus", então, talvez por meio segundo, seria possível ouvir o resto da congregação cantando o "e", e então o enorme baixo de Wetherall viria como um maremoto e engoliria todos com "Ogue, o rei de Basã". Eu gostaria de poder fazer você ouvir o tremendo barulho de barril subterrâneo que conseguia usar na palavra "Ogue". Até costumava modular o "gue" da palavra, de modo que, quando eu era muito pequeno, olhava de um lado para o outro, pensando que ele dizia "Olhe, o rei de Basã". Mais tarde, porém, quando acertei os nomes, formei uma imagem em minha mente de Siom e Ogue. Eu os via como um par daquelas grandes estátuas egípcias das quais eu tinha visto fotos na enciclopédia barata, enormes estátuas de pedra de nove metros de altura, sentadas em seus tronos frente a frente, com as mãos nos joelhos e um leve sorriso misterioso no rosto.

Como voltou tudo para mim! Aquele sentimento peculiar – era apenas um sentimento, não dava para descrever como uma atividade – que chamávamos de "Igreja". O cheiro adocicado de cadáver, o farfalhar dos vestidos de domingo, o chiado do órgão e as vozes estrondosas, o ponto de luz do orifício da janela subindo lentamente pela nave. De alguma forma, os

adultos poderiam dizer que esse espetáculo extraordinário era necessário. Considerávamos natural, assim como aceitávamos a Bíblia, da qual recebíamos grandes doses naqueles dias. Havia textos em todas as paredes, e sabíamos de cor capítulos inteiros do Antigo Testamento. Mesmo agora, minha cabeça está cheia de partes da Bíblia. E os filhos de Israel tornaram a fazer o que era mau aos olhos do Senhor. E Aser em suas enseadas ficou. Seguiu-os desde Dã até chegar a Bersebá. Feriu-o sob a quinta costela, de modo que ele morreu. Ninguém entendia, nem se tentava nem se queria, era só uma espécie de remédio, uma coisa de gosto esquisito que tínhamos que engolir e sabia que era de alguma forma necessária. Uma lenga-lenga extraordinária sobre pessoas com nomes como Simei e Nabucodonosor e Aitofel e Hasbadadá; pessoas com roupas compridas e rígidas e barbas assírias, montando em camelos e apeando deles entre templos e cedros e fazendo coisas extraordinárias. Sacrificando oferendas queimadas, andando em fornalhas ardentes, sendo pregadas em cruzes, sendo engolidas por baleias. E tudo misturado com o cheiro adocicado de cemitério e os vestidos de sarja e o chiado do órgão.

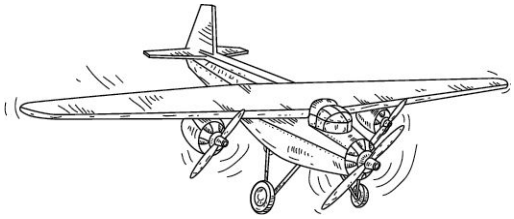
Esse foi o mundo para o qual voltei quando vi o cartaz sobre o rei Zog. Por um momento, não lembrei apenas, eu estava DENTRO. É claro que essas impressões não duram mais que alguns segundos. Um momento depois, foi como se eu tivesse aberto os olhos de novo com 45 anos, e havia um engarrafamento no Strand. Mas isso havia deixado uma espécie de efeito colateral. Às vezes, quando se sai de uma linha de pensamento, sente como se estivesse saindo de águas profundas, mas dessa vez era o contrário, era como se fosse em 1900 que eu estivesse respirando ar de verdade. Mesmo

agora, com meus olhos abertos, por assim dizer, com todos aqueles malditos idiotas indo e vindo, e os cartazes e o fedor de gasolina e o rugido dos motores, pareciam-me menos reais do que a manhã de domingo em Lower Binfield, trinta e oito anos atrás.

Joguei fora meu charuto e caminhei lentamente. Podia sentir o cheiro de cadáver. Por assim dizer, posso sentir o cheiro agora. Estou de volta a Lower Binfield, no ano de 1900. Ao lado do cocho para cavalos no mercado, o cavalo do carregador está com seu embornal. Na loja de doces da esquina, a Mãe Wheeler está pesando um pouquinho de trufas de conhaque. A carruagem de Lady Rampling está passando, com o criado de libré sentado atrás com suas ceroulas e braços cruzados. Tio Ezekiel está amaldiçoando Joe Chamberlain. O sargento de recrutamento, de jaquetão escarlate, macacão azul justo e chapéu de gala, marcha de um lado para o outro, torcendo o bigode. Os bêbados estão vomitando no quintal atrás do George. Vicky está em Windsor, Deus está no céu, Cristo está na cruz, Jonas na baleia, Sadraque, Mesaque e Abednego estão na fornalha ardente, e Siom, rei dos Amorreus, e Ogue, o rei de Basã, estão sentados em seus tronos, olhando uns para os outros – sem fazer nada exatamente, apenas existindo, mantendo seu lugar designado, como um cavalete de lareira, ou o Leão e o Unicórnio.

Isso desapareceu para sempre? Não sei ao certo. Mas digo que era um bom mundo para se viver. Eu pertenço a ele. Você também.

PARTE 2



CAPÍTULO 1

O mundo de que me lembrei por instantes quando vi o nome do rei Zog no cartaz era tão diferente do mundo em que vivo agora que pode ser um pouco difícil de acreditar que algum dia pertenci a ele.

Suponho que a esta altura você tenha uma espécie de imagem minha na cabeça – um sujeito gordo de meia-idade com dentes postiços e rosto vermelho – e, inconscientemente, imaginou que eu era assim quando estava no berço. Mas quarenta e cinco anos é muito tempo e, embora algumas pessoas não mudem e se desenvolvam, outras mudam. Eu mudei muito e tive meus altos e baixos, principalmente altos. Pode parecer estranho, mas meu pai provavelmente ficaria muito orgulhoso de mim se pudesse me ver agora. Acharia maravilhoso que um filho tivesse um carro e morasse em uma casa com banheiro. Mesmo agora estou um pouco acima da minha origem, e outras vezes alcancei níveis com os quais nunca deveríamos ter sonhado naqueles velhos tempos antes da guerra.

Antes da guerra! Eu me pergunto quanto tempo vamos continuar dizendo isso. Quanto tempo levará para a resposta ser “Qual guerra?”. No meu caso, a Terra do Nunca em que as pessoas pensam quando dizem “antes da guerra” pode ser quase antes da Guerra dos Bôeres. Eu nasci em 1893 e consigo até me lembrar da eclosão da Guerra dos Bôeres, por causa da

briga de primeira que meu pai e o tio Ezequiel tiveram sobre isso. Tenho várias outras lembranças que datam de cerca de um ano antes disso.

A primeira coisa de que me lembro é do cheiro da palha do sanfeno. A gente subia a passagem de pedra que levava da cozinha à loja, e o cheiro de sanfeno ficava mais forte. Minha mãe colocava um portão de madeira na entrada para impedir que Joe e eu (Joe era meu irmão mais velho) entrássemos na loja. Ainda me lembro de estar ali segurando as barras, e o cheiro de sanfeno misturado ao cheiro úmido de gesso que pertencia à passagem. Só anos depois é que de alguma forma consegui quebrar o portão e entrar na loja quando ninguém estava lá. Um camundongo que estava tentando chegar às prateleiras de farinha, de repente, saltou e correu entre meus pés. Estava bastante branco de farinha. Deve ter acontecido quando eu tinha cerca de 6 anos.

Quando se é muito jovem, parece que de repente se torna consciente de coisas que estão sob o nariz há muito tempo. As coisas ao redor entram na mente uma de cada vez, mais ou menos como quando a pessoa acorda. Por exemplo, só quando eu tinha quase 4 anos que percebi de repente que tínhamos um cachorro. Nailer era seu nome. Um velho terrier inglês branco, raça que sumiu hoje em dia. Eu o encontrei embaixo da mesa da cozinha e, de alguma forma, eu parecia saber, só tendo entendido naquele momento, que ele nos pertencia e que seu nome era Nailer. Da mesma forma, um pouco antes, descobri que além do portão, no final do corredor, havia um lugar de onde vinha o cheiro de sanfeno. E a própria loja, com as balanças enormes e as medidas de madeira e a pá de lata, e as letras brancas na vitrine, e o dom-fafe na gaiola – que não dava para ver muito bem nem da calçada, porque a vitrine

estava sempre empoeirada –, todas essas coisas se encaixaram em minha mente uma a uma, como partes de um quebra-cabeça.

O tempo passa, você fica mais forte das pernas e, aos poucos, começa a dominar a geografia. Suponho que Lower Binfield fosse como qualquer outra cidade mercantil com cerca de dois mil habitantes. Ficava em Oxfordshire – eu continuo dizendo FICAVA, perceba, embora o lugar ainda exista –, a cerca de oito quilômetros do Tâmisa. Ficava em um pequeno vale, com uma ondulação baixa de colinas entre ela e o Tâmisa, e colinas mais altas atrás. No topo das colinas havia bosques em uma espécie de massa azul-escura, entre as quais se podia ver uma grande casa branca com uma colunata. Essa era a Casa Binfield ("O Salão", como todo mundo a chamava), e o topo da colina era conhecido como Upper Binfield, embora não tivesse nenhuma vila lá havia cem anos ou mais. Eu devia ter quase 7 anos quando percebi a existência de Binfield House. Quando você é muito pequeno, não olha para o longe. Mas, naquela época, eu conhecia cada centímetro da cidade, que tinha a forma de uma cruz com o mercado no meio. Nossa loja ficava na High Street, um pouco antes do mercado, e, na esquina, ficava a doceria da senhora Wheeler, onde se gastava meio centavo quando se tinha um. Mãe Wheeler era uma bruxa velha e suja, e as pessoas suspeitavam de que ela chupava o licor das balinhas e o devolvia para a garrafa, embora isso nunca tenha sido provado. Mais abaixo ficava a barbearia com o anúncio dos cigarros Abdulla – aquele com os soldados egípcios, e curiosamente usam o mesmo anúncio até hoje – e o cheiro forte e inebriante de pós-barba e tabaco tipo latakia. Atrás das casas era possível ver as chaminés da cervejaria. No meio da praça do mercado ficava o cocho de

pedra, e sobre a água sempre havia uma fina camada de poeira e palha.

Antes da guerra, e especialmente antes da Guerra dos Bôeres, era verão o ano todo. Sei muito bem que isso é um delírio. Estou apenas tentando dizer como as coisas voltam para mim. Se fecho os olhos e penso em Lower Binfield antes de ter, digamos, 8 anos, é sempre do verão que me lembro. Ou é do mercado na hora do almoço, com uma espécie de silêncio empoeirado e sonolento sobre tudo, e o cavalo do carregador com o nariz bem enfiado no embornal, mastigando. Ou é uma tarde quente nos grandes prados verdejantes da cidade. Ou está quase anoitecendo na alameda atrás dos loteamentos, e há um cheiro de fumo de cachimbo e dos goivos pairando através da sebe. Mas, em certo sentido, lembro-me de estações diferentes, porque todas as minhas lembranças estão ligadas a coisas para comer, que variavam em diferentes épocas do ano. Especialmente as coisas encontradas geralmente nas sebes. Em julho havia amoras, mas são muito raras, e as amoras estavam ficando vermelhas o suficiente para comer. Em setembro, havia abrunhos e avelãs. As melhores avelãs estavam sempre além do alcance. Mais tarde, havia amêndoas de faia e maçãs silvestres. Depois, havia o tipo de comida secundária que costumávamos comer quando não havia nada melhor acontecendo. Bagas de espinheiro, mas não são muito bons, e cinorródio, que têm um gosto agradável se você limpar os pelinhos. Angélica é boa no início do verão, especialmente quando se está com sede, assim como os caules de vários tipos de grama. Depois vêm a vinagreira, que fica boa com pão com manteiga, e nozes de nogueira-branca, e uma espécie de trevo de madeira com gosto ácido. Mesmo as sementes de tanchagem são melhores do que nada quando você está muito

longe de casa e com muita fome.

Joe era dois anos mais velho que eu. Quando éramos muito pequenos, minha mãe costumava pagar a Katie Simmons dezoito pence por semana para nos levar para passear à tarde. O pai de Katie trabalhava na cervejaria e tinha catorze filhos, de modo que a família estava sempre em busca de fazer bicos. Tinha apenas 12 anos quando Joe tinha 7 e eu 5, e seu nível mental não era muito diferente do nosso. Costumava me arrastar pelo braço e me chamar de "Bebê", e tinha autoridade suficiente sobre nós para evitar que fôssemos atropelados por pequenas carruagens ou perseguidos por touros, mas, até onde a conversa ia, estávamos quase em pé de igualdade. Costumávamos fazer longas caminhadas – sempre, é claro, colhendo e comendo coisas por todo o caminho –, descendo a alameda passando pelos lotes, passando por Roper's Meadows e descendo até a Fazenda do Moinho, onde havia uma lagoa com tritões e pequenas carpas (Joe e eu costumávamos pescar lá quando éramos um pouco mais velhos), e voltávamos pela Upper Binfield Road para passar pela loja de doces que ficava na periferia da cidade. Essa loja estava em um estado tão ruim que qualquer pessoa que a comprasse faliria e, até onde eu sabia, foi três vezes uma confeitaria, uma vez uma mercearia e uma vez uma oficina de bicicletas, mas causava um fascínio peculiar nas crianças. Mesmo quando não tínhamos dinheiro, íamos lá colar o nariz na janela. Katie não se opunha nem um pouco em dividir seu dinheiro para os doces e não brigava por sua parte. Era possível comprar coisas que valiam a pena por pouco dinheiro naquela época. Cento e vinte gramas da maioria dos doces custava um centavo. E havia até um negócio chamado Mistura Paraíso, a maioria de doces quebrados de outros potes, que custava seis. Depois, havia as Fitas

Doces, que tinham um metro de comprimento e não podia ser comido em meia hora. Doces em forma de ratinhos e porcos custavam oito por um centavo. Assim como as pistolas de alcaçuz, a pipoca custava meio centavo por um saco grande, e o pacote premiado – que continha vários tipos de doces, um anel de ouro e às vezes um apito – custava um centavo. Você não vê pacotes premiados hoje em dia. Muitos dos tipos de doces que comíamos naquela época acabaram. Havia uma espécie de doce branco achatado com lemas estampados, e também uma espécie de coisa rosada e pegajosa em uma caixa oval de fósforo com uma colherzinha de lata para comê-la, que custava meio centavo. Os dois desapareceram. O mesmo aconteceu com as sementes de cominho confeitadas e os cachimbos de chocolate e palitos de fósforo de açúcar, e até mesmo os granulados coloridos você quase nunca vê. Granulados coloridos eram uma ótima opção quando se tinha pouco dinheiro. E quanto aos Centavo Monsters? Alguém já viu um Centavo Monster hoje em dia? Era uma garrafa enorme, contendo mais de um litro de limonada com gás, tudo por um centavo. Essa é outra coisa que a guerra matou de uma vez por todas.

Sempre parece verão quando olho para trás. Posso sentir a grama ao meu redor, tão alta quanto eu, e o calor saindo da terra. E a poeira no caminho e a luz quente esverdeada passando pelos ramos de avelaneira. Posso ver nós três caminhando, comendo coisas da cerca viva, com Katie puxando meu braço e dizendo:

– Vamos, Bebê! – E às vezes gritando para Joe: – Joe! Volte aqui neste minuto! Você vai ver uma coisa!

Joe era um menino robusto com cabeça grande e protuberante e panturrilhas enormes, o tipo de menino que está

sempre aprontando algo perigoso. Aos sete já vestia calças curtas, com as meias pretas grossas puxadas até o joelho e as botas pesadas que os meninos tinham de usar naquela época. Eu ainda estava de sobrecasaca – uma espécie de macacão holandês que mamãe costumava fazer para mim. Katie usava uma paródia horrível e esfarrapada de um vestido de adulto que passava de irmã para irmã em sua família. Usava um chapéu ridículo com as marias-
-chiquinhas penduradas atrás dele, uma saia longa e arrastada, que deixava um rastro no chão, e botas grosseiras com os saltos gastos. Ela era pequenina, não muito mais alta que Joe, mas não era ruim em "cuidar" de crianças. Em uma família como a dela, uma criança está "cuidando" de outras crianças assim que desmama. Às vezes, tentava ser adulta e feminina, e tinha um jeito de interromper as pessoas com um provérbio que, para ela, era algo irrespondível. Se você dissesse "Não me importo", ela responderia imediatamente:

Não me importo foi feito para se importar,

Não me importo foi enforcado,

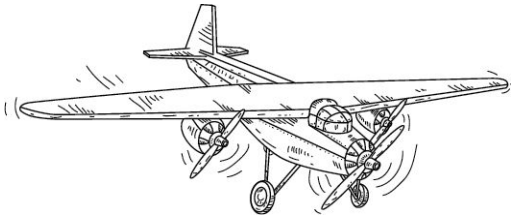
Não importa parou na panela

E fervido até ficar acabado.

Ou, se você a chamasse de nomes feios, seria "Palavras duras não quebram ossos", ou, quando você se gabava, "O orgulho vem antes da queda". Foi muito verdadeiro um dia, quando eu estava me pavoneando, fingindo ser um soldado, e caí no esterco de vaca. A família dela vivia em um buraco de rato pequeno e imundo na rua miserável atrás da cervejaria. O lugar fervilhava de crianças como uma espécie de animais daninhos. A família inteira conseguiu evitar a ida à escola, o que era bastante fácil de fazer naquela época, e começou a

fazer serviços e bicos assim que aprendiam a andar. Um dos irmãos mais velhos pegou um mês por roubar nabos. Ela parou de nos levar para passear um ano depois, quando Joe tinha 8 anos e estava ficando difícil demais para uma garota aguentar. Ele descobriu que na casa de Katie eles dormiam cinco em uma cama e costumava a zombar dela sobre isso.

Pobre Katie! Teve seu primeiro filho quando tinha 15 anos. Ninguém sabia quem era o pai, e provavelmente nem Katie sabia ao certo. A maioria das pessoas acredita que foi um dos irmãos. O pessoal do abrigo levou o bebê, e Katie começou a trabalhar em Walton. Algum tempo depois, ela se casou com um funileiro, o que, mesmo para os padrões de sua família, era um fracasso. A última vez que a vi foi em 1913. Eu estava pedalando por Walton e passei por alguns barracos de madeira horríveis ao lado da linha férrea, com cercas em volta feitas de varas de barril, onde os ciganos costumavam acampar em certas épocas do ano, quando a polícia deixava. Uma mulher enrugada, com o cabelo solto e um rosto esfumado, aparentando ter pelo menos 50 anos, saiu de uma das cabanas e começou a sacudir um tapete de trapos. Era Katie, que devia ter 27 anos.



CAPÍTULO 2

Quinta-feira era dia de mercado. Sujeitos com rostos redondos e vermelhos como abóboras e aventais sujos e enormes botas cobertas de esterco de vaca seco, carregando longos galhos cor de avelã, costumavam levar seus animais ao mercado cedinho. Durante horas, havia um alvoroço terrível: cachorros latindo, porcos guinchando, caras em carroças de comerciantes que queriam passar pela confusão estalando seus chicotes e xingando, e todos que tinham alguma coisa a ver com o gado gritando e batendo varas. Sempre havia um grande barulho quando traziam um touro para o mercado. Mesmo com aquela idade, me ocorreu que a maioria dos touros eram brutos inofensivos e obedientes à lei que só queriam chegar a suas baias em paz, mas um touro não seria considerado um touro se metade da cidade não tivesse que sair e persegui-lo. Às vezes, algum animal aterrorizado, geralmente uma novilha quase adulta, costumava se soltar e disparar por uma rua lateral, e então qualquer um que estivesse no caminho ficava no meio da rua e balançava os braços para trás como as velas de um moinho de vento gritando:

– Uôa! Uôa!

Era para ter uma espécie de efeito hipnótico em um animal e certamente o assustava.

No meio da manhã, alguns dos fazendeiros entravam na loja

e passavam amostras de sementes pelos dedos. Na verdade, papai fazia poucos negócios com os fazendeiros, porque não tinha uma carroça de entrega e não conseguia dar um crédito de longo prazo. Na maioria das vezes, ele fazia negócios um tanto insignificantes, ração para aves e forragem para os cavalos dos comerciantes, e assim por diante. O velho Brewer, da Fazenda do Moinho, que era um velho desgraçado e mesquinho com barba grisalha, costumava ficar lá por meia hora, dedilhando amostras de milho de galinha e deixando-as cair em seu bolso de uma maneira distraída, depois do que, claro, ele finalmente conseguia fugir sem comprar nada. À noite, os bares ficavam cheios de bêbados. Naquela época, a cerveja custava dois pence o litro e, ao contrário da cerveja de hoje, aquela tinha alguma sustância. Durante toda a Guerra dos Bôeres, o sargento de recrutamento costumava ficar no bar de quatro tipos de cerveja do George, todas as quintas e sábados à noite, vestido com esmero e muito generoso com seu dinheiro. Às vezes, na manhã seguinte, você o via conduzir um grande e tímido rosto vermelho de um cara de fazenda que havia pegado o xelim quando o sargento estava bêbado demais para ver e que descobria de manhã que lhe custariam vinte libras para se livrar disso. As pessoas costumavam ficar na porta e balançar a cabeça quando os viam passar, quase como se fosse um funeral.

– Ora, ora! Alistado para soldado. Pense só! Um bom rapaz desses!

Isso apenas os chocava. Alistar-se para soldado, aos olhos deles, era o equivalente exato de uma garota indo para as ruas. A atitude deles em relação à guerra e ao Exército era muito curiosa. Tinham as boas e velhas noções inglesas de que os casacos vermelhos são a escória da terra e qualquer um que se

juntasse ao Exército morreria com a bebida e iria direto para o inferno. Mas, ao mesmo tempo, eram bons patriotas, colavam bandeiras da Inglaterra nas janelas e consideravam um artigo de fé que os ingleses nunca tinham sido derrotados em batalha nem poderiam sê-lo. Naquela época, todo mundo, até mesmo os não conformistas, costumava cantar canções sentimentais sobre a fina linha vermelha e o menino soldado que morreu no campo de batalha distante. Esses meninos soldados sempre morriam "quando tiro e projétil estavam voando", eu lembro. Isso me intrigava quando criança. Tiros eu conseguia entender, mas produzia uma imagem estranha em minha mente pensar em projéteis de amêijoas voando pelo ar. Quando Mafeking foi liberada, as pessoas quase gritaram até arrancarem o telhado, e houve momentos em que acreditaram nas histórias sobre os bôeres jogando bebês para o alto e empalando-os com as baionetas. O velho Brewer ficou tão farto das crianças gritando "Kruuuger!"[1] atrás dele que, no final da guerra, ele raspou a barba. A atitude do povo em relação ao governo era realmente a mesma. Eram todos ingleses legítimos e juravam que Vicky era a melhor rainha que já existiu e os estrangeiros eram sujos, mas, ao mesmo tempo, ninguém pensava em pagar um imposto, nem mesmo uma licença para cães, se houvesse jeito de se esquivar disso.

Antes e depois da guerra, Lower Binfield era um eleitorado liberal. Durante a guerra, houve uma eleição parcial que os conservadores venceram. Eu era muito jovem para entender do que se tratava, só sabia que era conservador porque gostava mais das fitas azuis do que das vermelhas, e me lembro principalmente por causa de um homem bêbado que caiu com o nariz na calçada fora do George. Na agitação geral, ninguém reparou nele, e ele ficou ali durante horas ao sol quente com o

sangue secando em volta dele, e, quando secou, ficou púrpura. Quando veio a eleição de 1906, eu tinha idade suficiente para entender mais ou menos, e dessa vez eu era liberal porque todo mundo era. As pessoas perseguiram o candidato conservador por oitocentos metros e o jogaram em um lago cheio de lentilha-d'água. As pessoas levavam a política a sério naquela época. Costumavam armazenar ovos podres semanas antes das eleições.

Bem cedo na vida, quando eclodiu a Guerra dos Bôeres, lembro-me da grande briga entre meu pai e o tio Ezequiel. O tio Ezequiel tinha uma pequena loja de botas em uma das ruas paralelas à High Street e também fazia alguns consertos em botas. Era um pequeno negócio e tendia a diminuir, o que não importava muito, porque tio Ezequiel não era casado.

Era apenas meio-irmão e muito mais velho do que papai, vinte anos mais velho pelo menos, e, pelos quinze anos mais ou menos em que eu o conhecia, ele sempre parecia exatamente o mesmo. Ele era um velho de boa aparência, bastante alto, com cabelos brancos e os bigodes mais brancos que já vi – branco como penugem de cardo. Ele tinha um jeito de estapear o avental de couro e ficar em pé muito ereto – uma reação de curvar-se sobre o oponente, eu suponho – depois do que ele vociferava suas opiniões na sua cara, terminando com uma espécie de gargalhada fantasmagórica. Era um verdadeiro liberal do século XIX, do tipo que não só costumava perguntar o que Gladstone dizia em 1878, mas poderia lhe dar a resposta, e uma das poucas pessoas em Lower Binfield que manteve as opiniões durante todo o tempo de guerra. Estava sempre denunciando Joe Chamberlain e uma gangue de pessoas que ele chamava de "ralé de Park Lane". Posso ouvi-lo agora, tendo uma de suas discussões com papai.

– Eles e seu vasto Império! Para mim, não conseguem ir longe demais. Hehehe!

E então a voz do meu pai, um tipo de voz calma, preocupada, conscienciosa, voltando-se para ele com o fardo do homem branco e nossa merda aos pobres negros que esses bôeres tratavam como algo vergonhoso. Por uma semana ou mais, depois que tio Ezequiel revelou que ele era um pró-bôeres e um *Little Englander*, ou liberal, eles mal se falavam. Tiveram outra briga quando as histórias de atrocidade começaram. Meu pai estava muito preocupado com as histórias que ouvira e abordou o tio Ezequiel a respeito. *Little Englander* ou não, com certeza não acharia certo esses bôeres jogarem bebês para o alto e fincá-los com suas baionetas, mesmo que fossem somente bebês negros? Mas tio Ezequiel apenas riu na cara dele. Papai entendeu tudo errado! Não foram os bôeres que jogaram bebês para o alto, foram os soldados britânicos! Ele continuou me agarrando – eu devia ter uns 5 anos – para ilustrar.

– Eles os jogam para o alto e os espetam como sapos, estou dizendo! Do mesmo jeito que eu poderia jogar este jovem aqui!

E, então, ele me chacoalhou e quase me largou, e eu tive uma imagem vívida de mim mesmo voando e caindo na ponta de uma baioneta.

Meu pai era bem diferente do tio Ezequiel. Não sei muito sobre meus avós, eles já haviam morrido antes de eu nascer. Só sei que meu avô era sapateiro e tarde na vida se casou com a viúva de um semeador, foi assim que surgiu a loja. Era um trabalho que realmente não combinava com meu pai, embora ele conhecesse o negócio do avesso e sempre estivesse

trabalhando. Exceto no domingo e muito ocasionalmente nas noites da semana, nunca me lembro dele sem farinha nas costas das mãos, nas rugas do rosto e no que restara do cabelo. Casou-se quando tinha 30 e poucos anos e devia ter quase 40 na minha primeira lembrança dele. Era um homem pequeno, uma espécie de homenzinho grisalho e quieto, sempre com camisas sem manga e avental branco e sempre parecendo empoeirado por causa da farinha. Tinha uma cabeça redonda, um nariz achatado, um bigode bastante espesso, óculos e cabelos cor de manteiga, da mesma cor que os meus, mas tinha perdido a maior parte e sempre estava enfarinhado. Meu avô havia se aprimorado bastante ao se casar com a viúva do semeador, e meu pai fora educado na Escola Walton de Alfabetização, para onde os fazendeiros e os comerciantes mais abastados mandavam os filhos, enquanto o tio Ezequiel gostava de se gabar de nunca ter estado na escola na vida e ter aprendido sozinho a ler com uma vela de sebo após o expediente. Mas ele era um homem de raciocínio muito mais rápido do que meu pai. Podia discutir com qualquer pessoa e costumava citar Carlyle e Spencer no quintal. Meu pai tinha uma mente lenta, nunca gostara de "aprender nos livros", como dizia, e seu inglês não era bom. Nas tardes de domingo, o único momento em que realmente pegava leve, ele se acomodava perto da lareira da sala para fazer o que chamava de uma "boa leitura" do jornal de domingo. Seu jornal favorito era *The People;* mamãe preferia o *News of the World*, que ela considerava ter mais assassinatos. Consigo vê-los agora. Uma tarde de domingo – verão, claro, sempre verão –, um cheiro de porco assado e verduras ainda pairando no ar. A mãe de um lado da lareira, começando a ler sobre o último assassinato, mas aos poucos adormecendo com a boca aberta, e o pai do outro, de chinelos e óculos, abrindo caminho lentamente pelos

metros de impressões borradas. E a sensação suave do verão ao redor, o gerânio na janela, um estorninho arrulhando em algum lugar, e eu debaixo da mesa com meu jornal infantil, o *The Boy's Own Paper*, fazendo de conta que a toalha de mesa era uma tenda. Depois, no chá, enquanto mastigava rabanetes e cebolinhas, papai falava e ruminava sobre as coisas que vinha lendo, os incêndios, naufrágios, escândalos na alta sociedade, essas novas máquinas voadoras e o sujeito (percebo que até hoje ele aparece nos jornais de domingo uma vez a cada três anos) que foi engolido por uma baleia no Mar Vermelho e retirado três dias depois, vivo, mas alvejado pelo suco gástrico da baleia. Meu pai sempre foi um pouco cético em relação a essa história e às novas máquinas voadoras, mas, tirando isso, acreditava em tudo que lia. Até 1909, ninguém em Lower Binfield acreditava que os seres humanos aprenderiam a voar. A doutrina oficial era que, se Deus quisesse que voássemos, Ele nos teria dado asas. Tio Ezequiel não pôde deixar de replicar que, se Deus quisesse que andássemos como trens, Ele teria nos dado rodas, mas mesmo assim ele não acreditava nas novas máquinas voadoras.

Só nas tardes de domingo, e talvez na única noite da semana em que ele passava no George para tomar meia cerveja, meu pai se concentrava nessas coisas. Outras vezes, ficava mais ou menos sobrecarregado pelos negócios. Não havia muito o que fazer, mas ele parecia estar sempre ocupado, fosse no palheiro atrás do quintal, lutando com sacos e fardos, fosse no tipo de cubículo empoeirado atrás do balcão da loja, adicionando cifras a um caderno com um toco de lápis. Era um homem muito honesto e prestativo, muito ansioso para fornecer coisas boas e não enganar ninguém, o que, mesmo naquela época, não era a melhor maneira de se fazer negócios. Teria sido o

homem certo para algum pequeno trabalho oficial, um agente postal, por exemplo, ou chefe de uma estação rural. Mas não teve a coragem e a iniciativa para pedir dinheiro emprestado e expandir o negócio, nem a imaginação para pensar em novas linhas de vendas. Era típico que o único traço de imaginação que ele mostrou, a invenção de uma nova mistura de sementes para pássaros domésticos (se chamava Mistura do Bowling e era famosa em um raio de quase oito quilômetros), foi realmente devido ao tio Ezequiel. Tio Ezequiel até era apreciador de pássaros e tinha muitos pintassilgos em sua lojinha escura. Segundo ele, os pássaros domésticos perdem a cor devido à falta de variação em sua dieta. No quintal atrás da loja, o pai tinha um pequeno terreno no qual costumava cultivar cerca de vinte tipos de ervas sob uma rede de arame e costumava secá-las e misturar suas sementes com as sementes comuns de canário. Jackie, a dom-fafe que pendurava da vitrine, era para ser uma propaganda da Mistura do Bowling. Certamente, ao contrário da maioria dos dom-fafes em gaiolas, Jackie nunca ficou preta.

Mamãe era gorda desde que me lembro dela. Sem dúvida é dela que herdei minha deficiência na glândula pituitária, ou o que quer que faça você engordar.

Ela era uma mulher corpulenta, um pouco mais alta que o pai, com cabelos bem mais claros do que os dele e uma tendência a usar vestidos pretos. Mas, exceto aos domingos, nunca me lembro dela sem avental. Seria um exagero, mas não muito grande, dizer que nunca me lembro dela sem estar cozinhando. Quando você olha para trás, por um longo período, parece ver seres humanos sempre fixados em algum lugar especial e com alguma atitude característica. Parece que sempre fizeram exatamente a mesma coisa. Bem, assim como

quando penso no pai, me lembro dele sempre atrás do balcão, com os cabelos bagunçados, escrevendo cifras com um toco de lápis que umedecia entre os lábios. E, assim como me lembro do tio Ezequiel, com seu bigode branco fantasmagórico, endireitando-se e batendo no avental de couro. Então, quando penso em mamãe, me lembro dela na mesa da cozinha, com os antebraços cobertos de farinha, desenrolando um pedaço de massa.

Você sabe o tipo de cozinha que as pessoas tinham naquela época. Um lugar enorme, bastante escuro e baixo, com uma grande viga atravessando o teto e um piso de pedra e porões embaixo. Tudo enorme, ou assim me parecia quando eu era criança. Uma grande pia de pedra que não tinha torneira, mas uma bomba de ferro, uma cômoda cobrindo uma parede e subindo até o teto, uma gigantesca fogueira que queimava meia tonelada por mês e só Deus sabe quanto tempo levava para virar pó. A mãe na mesa estendendo uma enorme massa. E eu rastejando por ali, brincando com feixes de lenha e pedaços de carvão e armadilhas de lata para escaravelho (tínhamos em todos os cantos escuros e costumavam ser iscados com cerveja) e, de vez em quando, subia na mesa para tentar pegar um pouco de comida. A mãe "não tolerava" comermos entre as refeições. Geralmente recebíamos a mesma resposta:

– Saia daqui agora! Não vai estragar o jantar. Seu olho é maior que sua barriga.

Muito ocasionalmente, porém, ela cortava uma fina tira de casca caramelada.

Eu gostava de ver mamãe enrolando massa. Sempre há um fascínio em ver alguém fazer um trabalho que realmente

entende. Observe uma mulher – uma mulher que realmente sabe cozinhar, quero dizer – enrolando massa. Ela tem um ar peculiar, solene, introvertido, um tipo de ar satisfeito, como uma sacerdotisa celebrando um rito sagrado. E em sua mente, é claro, é exatamente o que ela é. A mãe tinha antebraços gordos, rosados e fortes, geralmente manchados de farinha. Quando estava cozinhando, todos os seus movimentos eram maravilhosamente precisos e firmes. Em suas mãos, batedeiras de ovo, picadores e rolos de macarrão faziam exatamente o que deviam fazer. Quando nós a víamos cozinhar, sabíamos que ela estava no mundo dela, entre coisas que ela realmente entendia. Exceto pelos jornais de domingo e um pouco de fofoca ocasional, o mundo exterior realmente não existia para ela. Embora lesse com mais facilidade do que papai e, ao contrário dele, costumava ler romances e, também, jornais, era incrivelmente ignorante. Percebi isso quando tinha 10 anos. Ela certamente não conseguiria dizer a você se a Irlanda ficava a leste ou a oeste da Inglaterra, e eu duvido que em qualquer época até a eclosão da Grande Guerra ela poderia ter lhe contado quem era o primeiro-ministro. Além disso, não tinha o menor desejo de saber essas coisas. Mais tarde, quando li livros sobre os países orientais onde praticam a poligamia e os haréns secretos onde as mulheres são trancadas com eunucos negros montando guarda para elas, eu costumava pensar como mamãe ficaria chocada se tivesse ouvido falar disso. Quase consigo ouvir a voz dela, “Ora essa! Trancando as esposas assim! IMAGINE!”. Não que ela soubesse o que era um eunuco. Mas, na realidade, viveu sua vida em um espaço que deve ter sido tão pequeno e quase tão privado quanto uma zenana comum. Mesmo em nossa casa, havia partes onde ela nunca havia posto os pés. Nunca entrava no palheiro atrás do quintal e muito raramente na loja. Acho que nunca me lembro

dela servindo um cliente. Não saberia onde qualquer uma das coisas era guardada e, até que fossem moídas em farinha, provavelmente não sabia a diferença entre trigo e aveia. Por que deveria? A loja era o negócio do papai, era "trabalho de homem", e, mesmo sobre o dinheiro, ela não tinha muita curiosidade. Seu trabalho, "o trabalho da mulher", era cuidar da casa, das refeições, da lavanderia e dos filhos. Teria um ataque se visse meu pai ou qualquer outra pessoa do sexo masculino tentando pregar um botão para si mesmo.

No que diz respeito às refeições e assim por diante, a nossa era uma daquelas casas onde tudo funciona como um relógio. Ou não, não como um relógio, o que sugere algo mecânico. Era mais como uma espécie de processo natural. Sabíamos que o café da manhã estaria na mesa de manhã da mesma forma que sabíamos que o sol nasceria. Durante toda a vida, mamãe foi para a cama às nove e levantava-se às cinco, e ela teria achado isso vagamente perverso – meio decadente, estrangeiro e aristocrático – ficar até tarde acordado ou dormindo. Embora não se importasse de pagar a Katie Simmons para levar Joe e a mim para passear, nunca toleraria a ideia de ter uma mulher para ajudar nos trabalhos domésticos. Acreditava firmemente que uma empregada sempre varre a sujeira para baixo da cômoda. Nossas refeições estavam sempre prontas na hora. Refeições enormes – carne cozida e bolinhos, rosbife e pãezinhos Yorkshire, carneiro cozido e alcaparras, cabeça de porco, torta de maçã, bolinho com passas e rocambole – dávamos graças antes e depois. As velhas ideias sobre a criação de filhos ainda se mantinham, embora estivessem se apagando rapidamente. Em teoria, as crianças ainda eram espancadas e colocadas para dormir com pão e água, e certamente você estava sujeito a ser mandado embora da mesa

se fizesse muito barulho ao comer, ou se engasgasse ou recusasse algo que era “bom para você” ou “respondesse”. Na prática, não havia muita disciplina em nossa família, e dos dois a mãe era mais firme. O pai, embora sempre falasse “Poupe a vara e estrague a criança”, era realmente muito leve conosco, especialmente com Joe, que foi um caso difícil desde o início. Ele sempre “daria” uma boa surra a Joe e costumava nos contar histórias, que agora acredito serem mentiras, sobre as surras terríveis que seu pai costumava lhe dar com uma tira de couro, mas nunca deu em nada. Aos 12 anos, Joe era forte demais para que mamãe o colocasse de joelhos, e depois disso nada mais acontecia com ele.

Naquela época, ainda era considerado adequado os pais dizerem “não” aos filhos o dia todo. Era comum ouvir um homem se gabar de que “tiraria a vida” do filho se o pegasse fumando, roubando maçãs ou roubando o ninho de um pássaro. Em algumas famílias, essas surras realmente aconteciam. O velho Lovegrove, o seleiro, pegou seus dois filhos, brutamontes de 16 e 15 anos, fumando no galpão do jardim e os espancou de modo que era possível ouvir por toda a cidade. Lovegrove era um fumante inveterado. As surras pareciam nunca surtir efeito, todos os meninos roubavam maçãs, roubavam ninhos de passarinhos e, mais cedo ou mais tarde, aprendiam a fumar, mas ainda circulava a ideia de que as crianças deviam ser maltratadas. Praticamente tudo que valia a pena fazer era proibido, pelo menos em teoria. Segundo minha mãe, tudo o que um menino quer fazer é “perigoso”. Nadar era perigoso, subir em árvores era perigoso, assim como escorregar, jogar bola de neve, se pendurar atrás de carroças, usar estilingues e lancinhas e até pescar. Todos os animais eram perigosos, exceto Nailer, os dois gatos e Jackie, a dom-

fafe. Cada animal tinha métodos especiais reconhecidos para atacar as pessoas. Cavalos mordiam, morcegos entravam nos cabelos, tesourinhas entravam nos ouvidos, cisnes quebravam sua perna com um golpe de suas asas, touros jogavam as pessoas longe e cobras “picavam”. Todas as cobras picavam, segundo mamãe, e quando citei a enciclopédia centavobarata para dizer que não picavam, mas mordiam, ela apenas me disse para não responder para ela. Lagartos, vermes lentos, sapos, rãs e tritões também picavam. Todos os insetos picavam, exceto moscas e besouros cascudos. Praticamente todos os tipos de comida, exceto a comida que se comia nas refeições, eram venenosas ou “ruins para você”. Batatas cruas eram um veneno mortal, assim como cogumelos, a menos que você os comprasse na mercearia. Groselhas cruas causavam cólicas, e framboesas cruas causavam erupções na pele. Caso se tomasse banho depois de uma refeição, se morria de cãibra, um corte entre o polegar e o indicador deixava a pessoa travada, e lavar as mãos na água na qual ovos eram fervidos fazia brotar verrugas. Quase tudo na loja era venenoso, motivo pelo qual mamãe colocou o portão na entrada. Ração para gado era venenoso, assim como milho de galinha, e também sementes de mostarda e especiarias de frango Karswood. Doces faziam mal e comer entre as refeições fazia mal, embora, curiosamente, houvesse certos tipos de comida entre as refeições que mamãe sempre permitia. Quando estava fazendo geleia de ameixa, costumava nos deixar comer o melado que era retirado de cima, e nos empanturrávamos com ele até enjoar. Embora quase tudo no mundo fosse perigoso ou venenoso, havia certas coisas que tinham virtudes misteriosas. Cebola crua era a cura para quase tudo. Uma meia amarrada em volta do pescoço era a cura para dor de garganta. O enxofre na água potável de um cachorro agia como um tônico,

e a velha tigela de Nailer atrás da porta dos fundos sempre continha um torrão de enxofre que permanecia ali ano após ano, sem se dissolver.

Costumávamos tomar chá às seis. Às quatro, mamãe geralmente terminava o serviço doméstico e, entre as quatro e as seis, tomava uma xícara de chá em silêncio e "lia o jornal", como dizia. Na verdade, não costumava ler o jornal, exceto aos domingos. Os jornais da semana só traziam as notícias do dia, e só ocasionalmente acontecia um assassinato. Mas os editores dos jornais de domingo perceberam que as pessoas realmente não se importam se seus assassinatos eram recentes e, quando não havia nenhum novo assassinato em mãos, misturavam um antigo, às vezes tão antigo quanto do doutor Palmer e senhora Manning. Acho que mamãe pensava no mundo fora de Lower Binfield, principalmente como um lugar onde se cometiam assassinatos. Os assassinatos exerciam um fascínio terrível sobre ela, porque, como costumava dizer, ela simplesmente não sabia como as pessoas podiam ser tão perversas. Cortando a garganta de suas esposas, enterrando seus pais sob o chão de cimento, jogando bebês em poços! Como alguém poderia FAZER tais coisas? O susto de Jack, o Estripador, acontecera na época em que papai e mamãe se casaram, e as grandes venezianas de madeira que costumávamos fechar nas vitrines todas as noites datavam dessa época. As venezianas estavam se abrindo, a maioria das lojas da High Street não as tinha, mas mamãe se sentia segura atrás delas. O tempo todo, dizia ela, tinha a terrível sensação de que Jack, o Estripador, estava escondido em Lower Binfield. O caso Crippen – mas isso foi anos depois, quando eu estava quase crescido – a aborreceu muito. Eu posso ouvir a voz dela agora. "Estripou a pobre mulher dele e a enterrou no

porão de carvão! IMAGINE! O que eu faria com aquele homem se o pegasse!" E, curiosamente, quando ela pensava na terrível maldade daquele pequeno médico americano que esquartejou sua esposa (e fez um trabalho muito bom tirando todos os ossos e jogando a cabeça no mar, se bem me lembro), as lágrimas lhe vinham aos olhos.

Mas o que ela lia principalmente nos dias de semana era *Hilda's Home Companion*. Naquela época, fazia parte da mobília de qualquer casa como a nossa. Na verdade, isso ainda existe, embora tenha ficado um pouco jogado para o lado pelos jornais femininos mais simples que surgiram desde a guerra. Dei uma olhada em uma edição outro dia. Mudou, mas menos do que a maioria das coisas. Ainda existem as mesmas enormes histórias em série que duram seis meses (e tudo dá certo no final com flores de laranjeira a seguir), e as mesmas Dicas de Casa, e os mesmos anúncios de máquinas de costura e remédios para pernas ruins. Em princípio, são a impressão e as ilustrações que mudaram. Naquela época, a heroína tinha que se parecer com um *timer* de ovos, e agora precisa se parecer com um cilindro. Mamãe lia devagar e acreditava em tirar seus três centavos do *Hilda's Home Companion.* Sentada na velha poltrona amarela ao lado da lareira, com os pés na proteção de ferro e com o pequeno bule de chá forte fervendo no fogão, ela avançava continuamente de capa a capa, atravessava a série, os dois contos, as dicas para a família, os anúncios de creme Zam-Buk e as respostas aos leitores. O *Hilda's Home Companion* geralmente durava uma semana, e em algumas semanas ela nem mesmo o terminava. Às vezes, o calor do fogo ou o zumbido das moscas varejeiras nas tardes de verão a faziam cochilar, e, por volta das quinze para as seis, ela acordava com um tremendo sobressalto, olhando para o

relógio na lareira, e depois começava um ensopado porque o chá ia atrasar. Mas o chá nunca atrasava.

Naquela época – até 1909, para ser exato –, papai ainda tinha dinheiro para pagar um menino de recados e costumava deixar a loja com ele e entrar para o chá com as costas das mãos cheias de farinhas. Então, a mãe parava de cortar fatias de pão por um momento e dizia:

– Se você der graças, pai.

E o pai, enquanto todos nós inclinávamos nossas cabeças sobre o peito, resmungava com reverência:

– Pelo que estamos prestes a receber. Senhor, que sejamos muito gratos. Amém.

Mais tarde, quando Joe já era um pouco mais velho, seria:

– VOCÊ dá graças hoje, Joe.

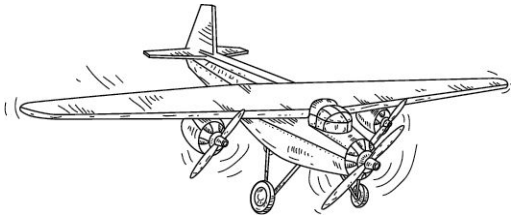
E Joe cantaria. Mãe nunca dava graças: tinha que ser alguém do sexo masculino.

Sempre havia moscas varejeiras zumbindo nas tardes de verão. A nossa não era uma casa com instalações sanitárias, poucas e preciosas casas em Lower Binfield eram. Suponho que a cidade continha quinhentas casas e que, certamente, não pode ter havido mais de dez com banheiros ou cinquenta com o que agora devemos descrever como um banheiro. No verão, nosso quintal sempre cheirava a latas de lixo. E todas as casas tinham insetos nelas. Tínhamos besouros cascudos nos lambris e grilos em algum lugar atrás do fogão da cozinha, além, é claro, das minhocas da loja. Naquela época, mesmo uma mulher orgulhosa de sua casa como mamãe não via nada contra os besouros cascudos. Eles faziam parte da cozinha tanto quanto a cômoda ou o rolo de massa. Mas havia insetos e

insetos. As casas na rua ruim atrás da cervejaria, onde Katie Simmons morava, foram invadidas por insetos. Mamãe, ou qualquer uma das esposas dos lojistas, teria morrido de vergonha se tivesse insetos em casa. Na verdade, foi considerado adequado dizer que você nem mesmo conhecia um inseto de vista.

As grandes moscas azuis costumavam entrar pairando na despensa e pousar lentamente nas coberturas de arame sobre a carne. “Droga, moscas!”, as pessoas costumavam dizer, mas as moscas eram um ato de Deus e, à parte as tampas de carne e os papéis para moscas, não se podia fazer muito a respeito. Eu disse, há pouco, que a primeira coisa de que me lembro é o cheiro de sanfeno, mas o cheiro de latas de lixo também é uma lembrança bem antiga. Quando penso na cozinha de mamãe, com chão de pedra e armadilhas para escaravelhos e a proteção de aço e o fogão de cabeceira preta, sempre pareço ouvir as varejeiras zunindo e sentir o cheiro da lata de lixo e, também, do velho Nailer, que tinha um cheiro muito forte de cachorro. E Deus sabe que há cheiros e sons piores. O que você preferiria ouvir: uma varejeira ou um avião bombardeiro?

[1] Terceiro presidente da República da África do Sul, declarou guerra à Inglaterra em 1899, que durou até 1902. Tinha uma longa barba branca em 1900. (N.T.)



CAPÍTULO 3

Joe começou a frequentar a Escola Walton de Alfabetização dois anos antes de mim. Nenhum de nós a frequentou até os 9 anos. Significava um passeio de bicicleta de seis quilômetros e meio pela manhã e à noite. E mamãe estava com medo de nos deixar entrar no trânsito, que naquela época incluía poucos automóveis.

Durante vários anos, frequentamos a escola de damas mantida pela velha senhora Howlett. A maioria dos filhos dos lojistas ia para lá, para salvá-los da vergonha e do fracasso de ir ao colégio interno, embora todos soubessem que a Mãe Howlett era uma velha impostora e pior do que inútil como professora. Ela tinha mais de 70 anos, era muito surda, mal conseguia ver com os óculos, e tudo o que possuía em termos de equipamento era uma bengala, um quadro-negro, alguns livros de gramática com orelhas e algumas dezenas de pranchetas fedorentas. Podia simplesmente cuidar das meninas, mas os meninos simplesmente riam dela e faltavam às aulas sempre que lhes apetecia. Uma vez houve um escândalo horrível, porque um menino enfiou a mão no vestido de uma menina, coisa que não entendi na época. Mãe Howlett conseguiu abafar tudo. Quando se fazia algo particularmente ruim, a fórmula dela era “Vou contar a seu pai”, e, em ocasiões muito raras, ela o fazia. Mas fomos bastante perspicazes para ver que ela não ousava fazer isso

com muita frequência, e, mesmo quando ela batia em você com a bengala, era tão velha e desajeitada que era fácil desviar.

Joe tinha apenas 8 anos quando entrou para um grupo de meninos durões que se autodenominavam Mão Negra. O líder era Sid Lovegrove, o filho mais novo do seleiro, que tinha cerca de 13 anos. E havia dois outros filhos de lojistas, um menino de recados da cervejaria e dois meninos da fazenda que, às vezes, conseguiam escapar do trabalho e sair com a gangue por um algumas horas. Os camponeses eram brutamontes que saíam com calças de veludo cotelê, com sotaques muito fortes e bastante desprezados pelo resto da turma, mas eram tolerados porque sabiam duas vezes mais sobre animais do que qualquer um dos outros. Um deles, apelidado de Vermelho, ocasionalmente até pegava um coelho nas mãos. Se via um caído na grama, costumava se jogar como uma águia de asas abertas. Havia grande distinção social entre os filhos dos lojistas e os filhos dos trabalhadores e camponeses, mas os meninos locais geralmente não prestavam muita atenção a isso até os 16 anos. A gangue tinha uma senha secreta e uma "provação", que incluía cortar o dedo e comer uma minhoca, e eles se anunciavam como sendo meliantes temíveis. Certamente conseguiram fazer confusão, quebravam janelas, perseguiam vacas, arrancavam as aldravas das portas e roubavam frutas às sacas. Às vezes, no inverno, conseguiam emprestar dois furões e saíam à caça, quando os fazendeiros permitiam. Todos tinham estilingues e lancinhas e sempre economizavam para comprar uma pistola de salão, que naquela época custava cinco xelins, mas as economias nunca ultrapassaram três pence. No verão, costumavam pescar e fazer ninhos de pássaros. Quando Joe estava na casa da

senhora Howlett, costumava matar aula pelo menos uma vez por semana e, mesmo na Escola de Alfabetização, conseguia fazer isso a cada quinze dias. Havia um menino na Escola de Alfabetização, filho de um leiloeiro, que copiava qualquer caligrafia e, por um centavo, falsificava uma carta de sua mãe dizendo que você tinha estado doente no dia anterior. Claro que eu estava louco para me juntar ao Mão Negra, mas Joe sempre me impedia, dizendo que eles não queriam nenhuma criança maldita saindo com eles.

Era a ideia de ir pescar que realmente me atraía. Aos 8 anos, ainda não tinha pescado, exceto com uma rede de um centavo, com a qual às vezes era possível pegar um esgana-gata. Minha mãe sempre teve medo de nos deixar chegar perto da água. Ela "proibia" a pesca, como os pais naquela época "proibiam" quase tudo, e eu ainda não tinha percebido que os adultos não enxergavam além. Mas a ideia de pescar me deixava louco de empolgação. Muitas vezes, eu passava pela lagoa na Fazenda do Moinho e observava a pequena carpa se aquecendo na superfície, e às vezes sob o salgueiro na esquina, uma grande carpa em forma de diamante que, aos meus olhos, parecia enorme – quinze centímetros de comprimento, suponho – de repente subiria à superfície, engoliria uma larva e afundaria novamente. Passei horas com o nariz colado à janela do Wallace's, na High Street, onde eram vendidos equipamentos de pesca, armas e bicicletas. Eu costumava ficar acordado nas manhãs de verão, pensando nas histórias que Joe me contava sobre pesca, como se misturava pasta de pão, como a boia dá uma sacudidela e mergulha e se sente a vara dobrando-se e os peixes puxando a linha. Será que adianta falar sobre isso, eu me pergunto – sobre o tipo de encantamento que peixes e equipamentos de pesca têm aos olhos de uma criança?

Algumas crianças pensam o mesmo em relação a armas e tiros, outras a respeito de motos, aviões ou cavalos. Não é algo que se possa explicar ou racionalizar, é apenas magia. Certa manhã – era junho e eu devia ter 8 anos – eu sabia que Joe ia matar aula e sair para pescar, e decidi acompanhá-lo. De alguma forma, Joe adivinhou o que eu estava pensando e começou a me aborrecer enquanto nos vestíamos.

– Muito bem, jovem George! Não pense que vai acompanhar a gangue hoje. Você fica em casa.

– Não, eu não. Não pensei em nada disso.

– Sim, pensou! Pensou que ia com a gangue.

– Não pensei!

– Sim, pensou!

– Não pensei!

– Sim, você pensou. Você fica em casa. Não queremos nenhuma criança maldita por perto.

Joe acabara de aprender a palavra "maldito" e sempre a usava. O pai ouviu-o uma vez e jurou que arrancaria a vida de Joe, mas, como sempre, não o fez. Depois do café da manhã, Joe começou a andar de bicicleta, com sua mochila e seu boné da Escola de Alfabetização, cinco minutos mais cedo, como sempre fazia quando pretendia matar a aula, e, quando chegou a hora de eu ir para a casa da Mãe Howlett, escapei e me escondi na pista atrás dos loteamentos. Eu sabia que a gangue estava indo para o lago da Fazenda do Moinho, e eu os seguiria mesmo se me assassinassem por isso. Provavelmente me dariam uma surra e, provavelmente, eu não voltaria para a casa para jantar, e então mamãe saberia que matei as aulas e eu levaria outra surra, mas não me importava. Estava desesperado

para ir pescar com a gangue. Também fui astuto. Dei a Joe tempo para fazer um desvio e chegar à Fazenda do Moinho pela estrada, e então segui pela faixa e contornei os prados do outro lado da cerca viva, de modo que cheguei ao lago antes de a gangue me ver. Era uma manhã maravilhosa de junho. Os ranúnculos estavam na altura do meu joelho. Uma rajada de vento agitava o topo dos olmos, e as grandes nuvens verdes de folhas eram macias e belas como seda. E eram nove da manhã, eu tinha 8 anos, e ao meu redor era o início do verão, com grandes sebes emaranhadas onde as roseiras selvagens ainda estavam floridas, e pedaços de nuvem branca e macia flutuavam no alto, e ao longe havia colinas baixas e as massas de um azul escuro em volta de Upper Binfield. E não dei a mínima para nada disso. Só pensava na lagoa verde, nas carpas e na turma com seus anzóis, linhas e pasta de pão. Era como se estivessem no paraíso e tivesse que me juntar a eles. Logo consegui me esgueirar até eles – quatro deles, Joe e Sid Lovegrove e o menino de recados e o filho de outro lojista, Harry Barnes, acho que era o nome dele.

Joe se virou e me viu.

– Minha nossa! – disse ele. – É o garoto.

Ele se aproximou de mim como um gato vira-lata que vai começar uma briga.

– Ora essa, você veio! O que eu lhe disse? Volta pr’a casa bem rápido.

Joe e eu tínhamos a mania de juntar palavras quando estávamos nervosos. Eu me afastei dele.

– Não vou voltar pr’a casa.

– Sim, você vai.

– Puxe a orelha dele, Joe – disse Sid. – Não queremos crianças por perto.

– Você já está indo pr'a casa? – disse Joe

– Não.

– Certo, garoto! Certinho!

Então, ele começou a me aborrecer. No minuto seguinte, estava me perseguindo, me pegando com um beliscão após o outro. Mas não fugi da lagoa, corri em círculos. Logo ele me pegou e me derrubou, então se ajoelhou em meus braços e começou a puxar minhas orelhas, que era sua tortura favorita e que eu não suportava. Eu estava chorando a essa altura, mas ainda não desistiria e prometeria ir para casa. Queria ficar e ir pescar com a turma. E, de repente, os outros se viraram a meu favor e disseram a Joe para se levantar do meu peito e me deixar ficar se eu quisesse. Por fim, eu fiquei.

Os outros tinham alguns ganchos, e linhas, e flutuadores e um pedaço de pasta de pão em um trapo, e todos nós cortamos galhos de salgueiro da árvore no canto da lagoa. A casa da fazenda ficava a apenas duzentos metros de distância, e era preciso ficar fora de vista, porque o velho Brewer gostava muito de pescar. Não que isso fizesse diferença para ele, só usava a lagoa para dar água ao gado, mas odiava meninos. Os outros ainda tiveram inveja de mim e ficavam me dizendo para sair da luz e me lembrando que eu era apenas uma criança e não sabia nada sobre pesca. Disseram que eu estava fazendo tanto barulho que assustaria todos os peixes, embora na verdade eu estivesse fazendo cerca da metade do barulho do que qualquer outra pessoa ali. Finalmente, eles não me deixaram sentar ao lado deles e me mandaram para outra parte da lagoa, onde a água era mais rasa e não havia tanta sombra.

Disseram que uma criança como eu sempre jogaria água e espantaria os peixes. Era uma parte podre da lagoa, uma parte aonde normalmente nenhum peixe chegaria. Eu sabia. Eu parecia saber, por uma espécie de instinto, os lugares onde um peixe ficaria.

Ainda assim, eu estava pescando no fim das contas. Estava sentado na margem da grama com a vara nas mãos – com as moscas zumbindo ao redor e o cheiro de hortelã selvagem capaz de derrubar uma pessoa –, observando o vermelho flutuar na água verde, e eu estava feliz como pinto no lixo, embora as marcas de lágrimas misturadas à sujeira ainda estivessem por todo o meu rosto.

Deus sabe quanto tempo ficamos sentados lá. A manhã estendia-se cada vez mais, e o sol ficou cada vez mais alto e ninguém teve uma fisgada. Era um dia quente e calmo, claro demais para pescar. Os flutuadores caíam na água sem tremer. Era possível ver o fundo da água como se estivesse olhando para uma espécie de vidro verde-escuro. Lá fora, no meio da lagoa, era possível ver os peixes caídos logo abaixo da superfície, tomando sol e, às vezes, nas ervas daninhas, perto da lateral, uma salamandra vinha deslizando para cima e parava ali com os dedos nas ervas daninhas e o nariz recém-saído da água. Mas os peixes não estavam fisgando. Os outros gritavam que tinham recebido uma fisgada, mas sempre era mentira. E o tempo se estendia, se estendia, e ficou cada vez mais quente, e as moscas comiam a gente vivo, e a hortelã selvagem sob o banco cheirava como a confeitaria da Mãe Wheeler. Eu estava ficando cada vez mais faminto, ainda mais porque não sabia ao certo de onde vinha meu jantar. Mas fiquei imóvel como um rato, sem tirar os olhos do flutuador. Os outros me deram um pedaço de isca do tamanho de uma

bola de gude, me dizendo que isso teria que servir para mim, mas por um longo tempo eu nem ousei voltar a iscar meu anzol, porque, toda vez que eu puxava minha linha, eles juravam que eu estava fazendo barulho suficiente para assustar todos os peixes em um raio de oito quilômetros.

Suponho que devíamos estar lá havia cerca de duas horas quando, de repente, meu flutuador estremeceu. Eu sabia que era um peixe. Deve ter sido um peixe que estava passando por acidente e viu minha isca. Não há como confundir o movimento que seu flutuador dá quando é uma fisgada real. É bem diferente da maneira como ele se move quando você torce sua linha por acidente. No momento seguinte, deu uma sacudida acentuada e quase afundou. Eu não consegui mais me segurar. Gritei para os outros:

– Fisgou aqui!

– Ratos! – gritou Sid Lovegrove, no mesmo instante.

Mas, no momento seguinte, não havia dúvida. O flutuador mergulhou, eu ainda podia vê-lo sob a água, meio vermelho escuro, e senti a vara puxar minha mão. Minha nossa, esse sentimento! A linha sacudindo e esticando e um peixe do outro lado dela! Os outros viram minha vara se dobrar e, no momento seguinte, todos jogaram as suas no chão e correram para mim. Dei um puxão incrível, e o peixe – um peixe enorme e prateado – veio voando pelo ar. No mesmo momento, todos nós gritamos de agonia. O peixe escorregou do anzol e caiu na hortelã sob a margem. Mas havia caído em águas rasas, onde não conseguia se virar, e por talvez um segundo ficou deitado de lado, indefeso. Joe se jogou na água, espirrando em nós todos, e agarrou-o com as duas mãos.

– Peguei ele! – ele gritou.

No momento seguinte, jogou o peixe na grama, e todos nos ajoelhamos ao redor dele. Como nos regozijamos! O pobre animal agonizante abria e fechava as guelras, e suas escamas brilhavam com todas as cores do arco-íris. Era uma carpa enorme, com pelo menos dezoito centímetros de comprimento, e devia pesar duzentos e cinquenta gramas. Como gritávamos para vê-la! Mas, no momento seguinte, foi como se uma sombra tivesse caído sobre nós. Olhamos para cima, e lá estava o velho Brewer parado diante de nós, com seu chapéu-coco alto – um daqueles chapéus que costumavam usar, que era uma mistura de cartola e chapéu-coco – e suas polainas de couro e um grosso galho de avelã na mão.

De repente, nos encolhemos como perdizes quando há um falcão lá em cima. Ele olhou de um para o outro. Tinha uma boca velha e perversa, sem dentes, e, como havia raspado a barba, seu queixo parecia um quebra-nozes.

– O que vocês, rapazes, estão fazendo aqui?– perguntou ele.

Não havia muita dúvida sobre o que estávamos fazendo. Ninguém respondeu.

– Estou sabendo que vocês vêm pescar na minha lagoa! – rugiu ele de repente e, no momento seguinte, estava sobre nós, golpeando em todas as direções.

A Mão Negra se separou e fugiu. Deixamos para trás todas as varas e também o peixe. O velho Brewer nos perseguiu até a metade do prado. Suas pernas eram rígidas, e ele não conseguia se mover rápido, mas deu alguns bons golpes antes que estivéssemos fora de seu alcance. Nós o deixamos no meio do campo, gritando atrás de nós que ele sabia todos os nossos nomes e contaria aos nossos pais. Eu estava na parte de trás, e a maioria das pancadas recaiu sobre mim. Eu tinha alguns

vergões vermelhos feios nas panturrilhas quando chegamos ao outro lado da cerca.

Passei o resto do dia com a turma. Eles não haviam decidido se eu era realmente um membro ainda, mas, por enquanto, me toleravam. O garoto de recados, que tivera a manhã de folga sob algum pretexto mentiroso, teve de voltar para a cervejaria. O resto de nós deu uma caminhada longa, sinuosa e difícil, o tipo de caminhada que os meninos fazem quando estão fora de casa o dia todo e especialmente, quando estão fora sem permissão. Foi a primeira caminhada de menino de verdade que fiz, bem diferente das caminhadas que costumávamos fazer com Katie Simmons. Nós comemos em uma vala seca na periferia da cidade, cheia de latas enferrujadas e erva-doce selvagem. Os outros me deram pedaços da sua comida, e Sid Lovegrove tinha um centavo, então alguém foi buscar um Centavo Monster que dividimos entre nós. Estava muito quente, a erva-doce cheirava muito forte, e o gás do Centavo Monster nos fez arrotar. Depois, vagamos pela estrada empoeirada e branca para Upper Binfield, a primeira vez que estive assim, creio, e entramos na floresta de faias com os tapetes de folhas mortas e os grandes troncos lisos que vão até o céu, de forma que os pássaros nos galhos superiores pareciam pontos. Era possível ir aonde se quisesse na floresta naquela época. A Casa Binfield estava fechada, eles não criavam mais faisões e, na pior das hipóteses, só se encontraria um carroceiro com um carregamento de madeira. Havia uma árvore serrada, e os anéis do tronco pareciam um alvo, e atiramos neles com pedras. Em seguida, os outros atiraram em pássaros com seus estilingues, e Sid Lovegrove jurou que tinha acertado um tentilhão e ele ficou cravado em uma forquilha da árvore. Joe disse que estava mentindo, e eles

discutiram e quase brigaram. Então, descemos para uma depressão cheia de camadas de folhas mortas e gritamos ao ouvir o eco. Alguém gritou um palavrão, e depois repetimos todos os palavrões que conhecíamos, e os outros zombaram de mim porque eu só sabia três. Sid Lovegrove disse que sabia como os bebês nasciam e era igual aos coelhos, exceto que o bebê saía do umbigo da mulher. Harry Barnes começou a esculpir a palavra —- em uma árvore de faia, mas cansou depois das duas primeiras letras. Depois demos uma volta pelo chalé da Casa Binfield. Corria o boato de que em algum lugar no terreno havia um lago com peixes enormes, mas ninguém jamais ousou entrar porque o velho Hodges, o guardião da pousada que era uma espécie de zelador, estava "mal" com os meninos.

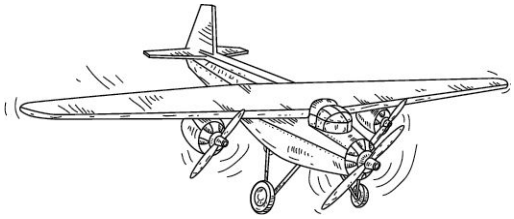
Ele estava cavando em sua horta ao lado da cabana quando passamos. Nós o afrontamos por cima da cerca até que ele nos expulsou, e então fomos para a Walton Road e enfrentamos os carroceiros, permanecendo do outro lado da cerca para que eles não pudessem nos alcançar com seus chicotes. Ao lado da Walton Road, havia um lugar que tinha sido uma pedreira e depois um depósito de lixo e, finalmente, foi coberto por arbustos de amora-preta. Havia grandes montes de latas velhas e enferrujadas, quadros de bicicletas, panelas com buracos e garrafas quebradas com mato crescendo por toda parte. E passamos quase uma hora e ficamos sujos da cabeça aos pés desbravando mourões de ferro, porque Harry Barnes jurou que o ferreiro em Lower Binfield pagaria seiscentos pence por saca de ferro velho. Então, Joe encontrou um ninho de tordo morto, com filhotes meio crescidos em um arbusto de amora-preta. Depois de muita discussão sobre o que fazer com eles, tiramos os pintinhos, atiramos neles com pedras e finalmente os

pisamos. Havia quatro deles, e cada um de nós tinha um para pisar. Já estava quase na hora do chá. Sabíamos que o velho Brewer cumpriria sua palavra e que havia um esconderijo à nossa frente, mas estávamos ficando com muita fome para ficar fora por muito mais tempo. Finalmente voltamos para casa, com mais uma tarefa no caminho, porque, quando estávamos passando pelos lotes, vimos um rato e o perseguimos com galhos, e o velho Bennet, o chefe da estação, que trabalhava em seu lote todas as noites e tinha muito orgulho disso, veio atrás de nós com uma raiva dilacerante porque nós pisamos em seu canteiro de cebolas.

Eu tinha caminhado dezesseis quilômetros e não estava cansado. O dia todo segui a gangue e tentei fazer tudo que faziam, e eles me chamavam de "a criança" e me esnobavam o máximo que podiam, mas eu mais ou menos mantive minha promessa. Tive um sentimento maravilhoso dentro de mim, um sentimento que você pode não conhecer a menos que o tenha, mas, se você for homem, terá em algum momento. Eu sabia que não era mais uma criança, finalmente era um garoto. E é uma coisa maravilhosa ser um garoto. Andar por aí onde os adultos não o podem pegar, perseguir ratos, matar pássaros e filhotes tímidos, afrontar carroceiros e gritar palavrões. É uma espécie de sentimento forte e crescente, um sentimento de saber tudo e não temer nada, e está tudo relacionado a quebrar regras e matar coisas. As estradas empoeiradas e brancas, a sensação de suor quente das roupas, o cheiro de erva-doce e hortelã selvagem, os palavrões, o fedor azedo do depósito de lixo, o gosto de limonada com gás e o gás que fazia arrotar, o pisar nos pássaros novos, a sensação do peixe se debatendo na linha – tudo fazia parte. Graças a Deus sou um homem, porque nenhuma mulher jamais teve esse sentimento.

Resoluto, o velho Brewer mandou avisar a todos. Papai parecia muito sombrio, pegou uma tira de couro da loja e disse que "mataria" Joe. Mas meu irmão lutou, gritou e chutou e deu alguns golpes nele. Contudo, ele apanhou de bengala do diretor da Escola de Alfabetização, no dia seguinte. Eu tentei lutar também, mas era pequeno o bastante para mamãe me pegar, e ela me bateu com a tira. Então, tive que me esconder três vezes naquele dia, uma vez do Joe, uma do velho Brewer e uma da mamãe. No dia seguinte, a turma decidiu que eu não era realmente um deles, que teria que passar pela "provação" (uma palavra que eles aprenderam nas histórias dos índios vermelhos). Insistiam muito que era preciso morder a minhoca na frente deles. Além disso, como eu era o mais novo e eles estavam com inveja por eu ter sido o único que pegou alguma coisa, todos eles concordaram que o peixe que eu peguei não era, de fato, um dos grandes. De modo geral, a tendência dos peixes, quando as pessoas falam sobre eles, é ficar cada vez maiores, mas esse foi ficando cada vez menor, até que, ao ouvir os outros falarem, você pensaria que não era maior que um vairão.

Mas não importava. Eu pesquei. Eu tinha visto o flutuador mergulhar na água e senti o peixe puxar a linha, e, por mais mentiras que eles contassem, não podiam tirar isso de mim.



CAPÍTULO 4

Nos sete anos seguintes, dos 8 aos 15, o que mais me lembro é de pescar.

Não pense que não fiz mais nada. É apenas que, quando olhamos para trás por um longo período, certas coisas parecem inchar até ofuscar todo o resto. Saí da casa da Mãe Howlett e fui para a Escola de Alfabetização, com uma bolsa de couro e um boné preto com listras amarelas, e ganhei minha primeira bicicleta e, muito tempo depois, minhas primeiras calças compridas. Minha primeira bicicleta foi de roda fixa – as bicicletas de roda livre eram muito caras. Quando você descia a colina, você colocava os pés nos apoios dianteiros e deixava os pedais girar zunindo. Essa foi uma das vistas características do início do século XIX – um menino descendo uma ladeira com a cabeça para trás e os pés no ar. Fui para a Escola de Alfabetização tremendo de medo, por causa das histórias terríveis que Joe me contara sobre o velho Whiskers (seu nome era Wicksey), o diretor. Que certamente era um homenzinho de aparência horrível, com um rosto de lobo, e, no fundo da grande sala de aula, tinha uma caixa de vidro com bengalas, que às vezes tirava e agitava no ar de uma maneira assustadora. Mas, para minha surpresa, fui realmente bem na escola. Nunca me ocorreu que eu pudesse ser mais inteligente que Joe, que era dois anos mais velho que eu e me intimidava desde que conseguia andar. Na verdade, Joe era um completo

idiota, apanhava de bengala cerca de uma vez por semana e ficava sempre entre os piores da escola até os 16 anos. Em meu segundo semestre, ganhei um prêmio em Aritmética e outro em alguma coisa esquisita que se referia, principalmente, à flores prensadas e era conhecida pelo nome de Ciência. E, quando eu tinha 14 anos, Whiskers falava de bolsas de estudo e sobre a Reading University. Meu pai, que tinha ambições para mim e Joe naquela época, estava muito ansioso para que eu fosse para a "faculdade". Circulou por aí a ideia de que eu seria professor, e Joe, leiloeiro.

Mas não tenho muitas lembranças relacionadas à escola. Quando me misturei com caras das classes superiores, como fiz durante a guerra, fiquei impressionado com o fato de que eles nunca superam os testes horríveis que fazem nas escolas públicas. Ou isso os torna completamente estúpidos ou passam o resto das vidas lutando contra esse fato. Não era assim com os meninos de nossa classe, filhos de lojistas e fazendeiros. As pessoas eram mandadas para a Escola de Alfabetização e ficavam lá até os 16 anos só para mostrar que não eram proletários, mas a escola era, em princípio, um lugar do qual se queria fugir. Não tínhamos nenhum sentimento de lealdade, nenhum sentimento bobo sobre as velhas pedras cinzentas (e ERAM velhas, com certeza, a escola tinha sido fundada pelo cardeal Wolsey), e não havia gravata no uniforme, nem mesmo uma canção escolar. Passávamos metade dos feriados consigo mesmo, porque os esportes não eram obrigatórios e, com frequência, os negligenciávamos. Jogávamos futebol e, embora fosse considerado adequado jogar críquete de uniforme, usávamos camisa e calças normais. O único jogo com que eu me importava era o taco, que costumávamos jogar no pátio de cascalho durante o intervalo, com bastões feitos de

caixa e uma bola comum.

Mas eu me lembro do cheiro da grande sala de aula, um cheiro de tinta e poeira e botas de couro. E das pedras do pátio, que era um bloco de montagem e usada para afiar facas. E da pequena padaria em frente, onde vendiam uma espécie de pão de Chelsea, duas vezes maior que o pão de Chelsea que se compra hoje em dia, que se chamava Lardy Busters e custava meio centavo. Eu fiz todas as coisas que você faz na escola. Risquei meu nome em uma mesa e apanhei de bengala por isso – sempre se era punido quando pego, mas era regra riscar o nome. E sujei os dedos com tinta, roí minhas unhas, fiz dardos com porta-canetas, brinquei com bolinhas de gude, contei histórias picantes, aprendi a me masturbar, a infernizar o velho Blowers, o professor inglês, e a assustar o pequeno Willy Simeon, o filho do agente funerário, que era idiota e acreditava em tudo que se dissesse a ele. Nosso truque favorito era mandá-lo às lojas para comprar coisas que não existiam. Os artigos: um punhado de selos de um centavo, o martelo de borracha, a chave de fenda para canhotos, o pote de tinta listrada – o pobre Willy caía em todos eles. Certa tarde, nos divertimos muito, colocando-o numa banheira e dizendo-lhe para se levantar pelas alças. Acabou em um asilo, o pobre Willy. Mas era nas férias que se vivia de verdade.

Havia coisas boas para fazer naquela época. No inverno, pegávamos emprestados dois furões – mamãe nunca deixava que Joe e eu mantivéssemos em casa "coisas fedorentas e desagradáveis", como ela os chamava – e íamos para as fazendas e pedíamos licença para caçar ratos. Às vezes, eles deixavam, às vezes nos diziam para sumir e que éramos mais arteiros que os ratos. Mais tarde, no inverno, seguiríamos a debulhadora e ajudaríamos a matar os ratos enquanto ela

passava a colheita para sacas. Deve ter sido no inverno de 1908, o Tâmisa inundou e depois congelou e houve patinação por semanas a fio, e Harry Barnes quebrou a clavícula no gelo. No início da primavera, fomos atrás de esquilos com varas com chumbo nas pontas e, mais tarde, íamos atrás de ninhos de pássaros. Tínhamos uma teoria de que os pássaros não conseguem contar, e está tudo bem se você deixar um ovo, mas éramos feras cruéis e às vezes simplesmente derrubávamos o ninho e pisoteávamos os ovos ou filhotes. Havia outro jogo quando os sapos estavam desovando. Costumávamos pegar sapos, enfiar a bomba de bicicleta em suas nádegas e enchê-los até explodirem. Os meninos são assim, não sei por quê. No verão, costumávamos andar de bicicleta pela represa Burford e nos banhar. Wally Lovegrove, o jovem primo de Sid, morreu afogado em 1906. Ele se enroscou nas plantas do fundo da represa e, quando os ganchos de arrasto trouxeram seu corpo à superfície, seu rosto estava totalmente preto.

Mas pescar era o que havia de real. Fomos muitas vezes à velha lagoa do Brewer e pegamos carpas e tencas minúsculas de lá. E, uma vez, uma enguia colossal, e havia outros lagos ao lado de pastagens com peixes, que ficavam a curta distância nas tardes de sábado. Mas, depois de comprarmos bicicletas, começamos a pescar no Tâmisa, na represa Burford. Parecia mais adulto do que pescar em lagos de pastagens. Não havia fazendeiros perseguindo você, e há peixes enormes no Tâmisa – embora, pelo que eu saiba, ninguém jamais tenha pegado um.

É estranho, o sentimento que eu tinha por pescar – e ainda tenho, de verdade. Não posso me chamar de pescador. Nunca na minha vida peguei um peixe de sessenta centímetros de

comprimento, e já faz trinta anos que não pego uma vara nas mãos. No entanto, quando olho para trás, toda a minha infância dos 8 aos 15 anos parece ter girado em torno dos dias em que íamos pescar. Cada detalhe ficou claro na minha memória. Lembro-me de dias e de peixes individuais, não existe um lago ou um remanso que eu não possa enxergar se fechar os olhos e pensar. Poderia escrever um livro sobre técnicas de pesca. Quando éramos crianças, não tínhamos muito o que fazer, tudo custava muito caro, e a maior parte de nossos três pence por semana (que era a mesada usual naquela época) acabava em doces e pães. Crianças muito pequenas geralmente pescam com um alfinete entortado, que é muito cego para ser útil. Mas é possível fazer um anzol muito bom (embora é claro que não tenha farpa) dobrando uma agulha na chama de uma vela com um alicate. Os rapazes da fazenda sabiam como trançar crina de cavalo para que ficasse quase tão boa quanto tripa, e dava para pegar um peixe pequeno em uma única crina. Mais tarde, começamos a ter varas de pescar de dois xelins e até mesmo molinetes. Deus, quantas horas passei olhando pela janela do Wallace! Mesmo os revólveres e pistolas de salão não me emocionaram tanto quanto o equipamento de pesca. E a cópia do catálogo de Gamage que peguei em algum lugar, em um depósito de lixo, acho, que estudei como se fosse a Bíblia! Mesmo agora eu poderia lhe dar todos os detalhes sobre substituto das tripas, linhas de pesca, ganchos de Limerick, batedores e removedores de anzol, carretilhas de Nottingham e Deus sabe quantas outras tecnicalidades.

Então, havia os tipos de isca que costumávamos usar. Em nossa loja havia sempre muitas larvas de farinha, que eram boas, mas não muito boas. Moscas eram melhores. Era preciso

implorar para o velho Gravitt, o açougueiro, para nos dar algumas, e a turma costumava tirar a sorte ou par ou ímpar para decidir quem deveria ir e pedir, porque Gravitt geralmente não gostava muito disso. Era um velho demônio grande, de rosto áspero e voz de mastim, e, quando berrava, como geralmente fazia quando falava com meninos, todas as facas e aços em seu avental azul retiniam. Entrávamos com uma lata de melaço vazia na mão, ficávamos por ali até que todos os clientes saíssem e então dizíamos com muita humildade:

– Por favor, senhor Gravitt, o senhor tem alguma larva hoje?

Geralmente ele rugia:

– O quê? Larvas? Larvas na minha loja! Não vejo uma coisa dessas faz anos. Acha que tenho mosquitos na minha loja?

Ele tinha, é claro. Estavam por toda parte. Ele costumava pegá-las com uma tira de couro na ponta de uma vara, com a qual podia alcançar distâncias enormes e transformar uma mosca em pasta. Às vezes, saíamos sem nenhuma larva, mas, via de regra, ele gritava atrás de você assim que você estivesse indo:

– Espere! Vá até o quintal e dê uma olhada. Talvez consiga encontrar uma ou duas se procurar com cuidado.

Dava para encontrá-las em pequenos grupos em todo canto. O quintal de Gravitt cheirava a campo de batalha. Naquela época, os açougueiros não tinham geladeiras. As larvas vivem mais tempo se forem mantidas em serragem.

Larvas de vespa são boas, embora seja difícil fazê-las grudar no anzol, a menos que você as cozinhe primeiro. Quando alguém encontrava um ninho de vespas, saíamos à noite,

jogávamos terebintina nele e tapávamos o buraco com lama. No dia seguinte, as vespas estariam todas mortas e você poderia cavar o ninho e pegar as larvas. Uma vez algo deu errado, jogamos a terebintina, mas erramos o buraco ou algo assim, e, quando tiramos a tampa, as vespas, que haviam ficado fechadas a noite toda, saíram todas juntas rapidamente. Não ficamos muito feridos, mas era uma pena que não houvesse ninguém por perto com um cronômetro. Gafanhotos são praticamente a melhor isca que existe, especialmente para pegar cavala. Você os enfia no gancho de uma vez e apenas os balança de um lado para o outro na superfície – "rodadinha", como eles chamam. Mas você nunca consegue mais do que dois ou três gafanhotos de uma vez. As varejeiras-verdes, que também são difíceis de pegar, são a melhor isca para a caça, especialmente em dias claros. Você quer colocá-las vivas no anzol, para que se mexam. Uma cavala pode até fisgar uma vespa, mas é um trabalho delicado colocar uma vespa viva no anzol.

Deus sabe quantas outras iscas havia. Pasta de pão que você faz espremendo água no pão branco em um pano. Depois, há pasta de queijo e pasta de mel e pasta com sementes de anis. Trigo cozido não é ruim para pardelhas-dos-alpes. Minhocas são boas para gobiões. Você as encontra em montes de esterco muito velhos. E também encontra outro tipo de verme chamado minhoca vermelha, que é listrada e cheira a tesourinha, e é uma isca muito boa para perca. Minhocas comuns também são boas para pescas. Precisa colocá-las no musgo para mantê-las frescas e vivas. Se você tentar mantê-las na terra, elas morrem. Essas moscas marrons que você encontra no esterco de vaca são muito boas para pardelhas-dos-alpes.

Dá para pegar cavala com cereja, é o que dizem, e já vi uma pardelha-dos-alpes pega com uma groselha dentro de um pãozinho.

Naquela época, de 16 de junho (quando começa a temporada de pesca de rio) até o meio do inverno, não era comum eu ficar sem uma lata de minhocas ou de larvas no bolso. Tive algumas brigas com mamãe por causa disso, mas no fim ela cedeu e tirou a pesca da lista de proibições, e meu pai me deu uma vara de pescar de dois xelins no Natal de 1903. Joe mal tinha 15 anos quando começou a ir atrás de meninas e, a partir de então, raramente saía para pescar, o que ele dizia ser brincadeira de criança. Mas havia cerca de meia dúzia de outros que eram tão loucos por pesca quanto eu. Minha nossa, aqueles dias de pesca! As tardes quentes e pegajosas na sala de aula quando estava esparramado em minha mesa – com a voz do velho Blowers reclamando de predicados e subjuntivos e cláusulas relativas – e tudo o que estava em minha mente é o remanso perto da represa Burford e da lagoa verde sob os salgueiros com as carpas deslizando para lá e para cá. E então a incrível corrida de bicicleta depois do chá, até Chamford Hill e rio abaixo para pescar uma hora antes de escurecer. A noite tranquila de verão, o leve respingo da represa, o ondular na água onde os peixes estão subindo, os mosquitos comendo você vivo, os cardumes de carpa fervilhando em volta do seu anzol sem fisgar. E o tipo de paixão com que observávamos as costas pretas dos peixes enxameando em volta, esperando e rezando (sim, literalmente rezando) para que um deles mudasse de ideia e agarrasse sua isca antes que escurecesse demais. E então era sempre “Vamos ficar mais cinco minutos”, e, em seguida, “Só mais cinco minutos”, até que, no final, tínhamos que levar nossas bicicletas até a cidade, porque

Towler, o policial, estava rondando e você poderia ser levado por pedalar à noite. E, às vezes, nas férias de verão, quando saíamos para aproveitar o dia com ovos cozidos, pão com manteiga e uma garrafa de limonada, pescávamos e tomávamos banho, depois pescávamos de novo e, ocasionalmente, pegávamos alguma coisa. À noite, voltávamos para casa com as mãos imundas, com tanta fome que comíamos o que restava de sua pasta de pão, com três ou quatro carpas fedorentas embrulhadas no lenço. Minha mãe sempre se recusava a cozinhar os peixes que eu trouxe para casa. Ela jamais permitiria que comêssemos peixes de rio, exceto truta e salmão. "Coisas enlameadas e nojentas", ela os chamava. Os peixes de que mais me lembro são aqueles que não peguei. Principalmente o peixe monstruoso que sempre se via quando se passeava pela trilha nas tardes de domingo e não se tinha uma vara. Não havia pesca aos domingos, nem mesmo o Conselho de Preservação do Tâmisa permitia. Aos domingos, era preciso fazer o que se chamava "passeio agradável" em seu terno preto, grosso e a gola branca que cortava o pescoço. Foi num domingo que vi um peixe lúcio de um metro adormecido na água perto da margem e quase o acertei com uma pedra. E nas lagoas verdes à beira dos juncos, dava para ver uma truta passar. As trutas crescem muito, mas praticamente nunca são capturadas. Dizem que um dos verdadeiros pescadores do Tâmisa – os velhos com nariz de garrafa que se vê abafados no sobretudo, sentados em um banquinho de acampamento com uma vara de barata de seis metros em todas as estações do ano – abriria mão de bom grado de um ano de vida para pegar uma truta do Tâmisa. Não o culpo, entendo a situação deles, e melhor ainda, eu vi isso acontecer, no fim das contas.

Claro que outras coisas estavam acontecendo. Cresci sete centímetros em um ano, comprei minhas calças compridas, ganhei alguns prêmios na escola, fui para a catequese, contei histórias picantes, comecei a ler e tinha loucura por ratos brancos, madeiras entalhadas e selos postais. Mas é sempre da pesca de que me lembro. Os dias de verão, os prados planos, as colinas azuis ao longe, os salgueiros subindo pelo remanso e pelas lagoas como uma espécie de vidro verde profundo. Noites de verão, peixes pulando na água, noitibós espreitando em volta da sua cabeça, o cheiro de damas-da-noite e latakia síria. Não se engane com o que eu estou falando. Não estou tentando transmitir alguma daquelas coisas poéticas da infância. Sei que isso é tudo bobagem. O velho Porteous (um amigo meu, diretor de escola aposentado, falarei dele mais tarde) é ótimo com poesia infantil. Às vezes, lê para mim coisas assim nos livros. Wordsworth. Lucy Gray. Houve um tempo de prado, bosque e tudo isso. Nem é preciso dizer que ele não tem filhos. A verdade é que as crianças não são poéticas de forma alguma, são apenas animaizinhos selvagens, exceto que nenhum animal tem um quarto do egoísmo delas. Um menino não está interessado em prados, bosques e assim por diante. Nunca olha para uma paisagem, não dá a mínima para flores, e, a menos que elas o afetem de alguma forma, como ser comestível, ele não distingue uma planta da outra. Matar coisas – isso é o mais próximo da poesia que um menino tem. E, no entanto, o tempo todo existe aquela intensidade peculiar, o poder de desejar coisas que você não pode desejar quando é adulto e a sensação de que o tempo se estende muito adiante, e que tudo o que você está fazendo poderia continuar para sempre.

Eu era um menino bastante feio, com cabelos cor de

manteiga que sempre ficavam curtos, exceto por um topete na frente. Não idealizo minha infância e, ao contrário de muitas pessoas, não desejo ser jovem novamente. A maioria das coisas com que eu costumava me importar não me causava nada além de um friozinho. Não me importo se nunca mais vir uma bola de críquete, e não daria três pence por cem quilos de doces. Mas ainda tenho, sempre tive, aquela sensação peculiar pela pesca. Você vai achar que é uma besteira, sem dúvida, mas na verdade tenho meio que o desejo de ir pescar mesmo agora, estando gordo, com 45 anos, dois filhos e uma casa no subúrbio. Por quê? Porque, por assim dizer, SOU sentimental com relação à minha infância – não minha infância particular, mas a civilização em que cresci e que agora, suponho, está quase no último suspiro. E a pesca é, de certa forma, típica dessa civilização. Assim que você pensa em pescar, pensa em coisas que não pertencem ao mundo moderno. A própria ideia de ficar sentado o dia todo sob um salgueiro ao lado de uma lagoa tranquila – e ser capaz de encontrar uma lagoa tranquila para sentar-se – pertence ao tempo antes da guerra, antes do rádio, antes dos aviões, antes de Hitler. Há uma espécie de paz até mesmo nos nomes dos peixes de rio. Pardelha-dos-alpes, escardínio-de-olho-vermelho, escalo, pargo, barbo, sargos, gobião, lúcio, cavala, carpa, tenca. São nomes sólidos. As pessoas que os escolheram não ouviam falar de metralhadoras, não viviam com medo de saques ou perdiam o tempo engolindo aspirinas, indo ao cinema e imaginando como se manter fora do campo de concentração.

Será que alguém ainda vai pescar hoje em dia? Em qualquer lugar a cento e cinquenta quilômetros de Londres, não há mais peixes para pescar. Alguns clubes de pesca sombrios se enfileiram ao longo das margens dos canais, e milionários vão

pescar trutas em águas particulares ao redor de hotéis escoceses. Uma espécie de jogo esnobe de pegar peixes criados à mão com moscas artificiais. Mas quem ainda pesca em riachos, fossos ou bebedouros de vacas? Onde estão os peixes de rio ingleses agora? Quando eu era criança, todo lago e riacho tinha peixes. Agora todos os tanques estão drenados e, quando os riachos não estão envenenados com produtos químicos das fábricas, ficam cheios de latas enferrujadas e pneus de motocicleta.

Minha melhor lembrança de pescaria é sobre alguns peixes que nunca peguei. Isso é bastante normal, creio eu.

Quando eu tinha cerca de 14 anos, meu pai fez uma grande gentileza ao velho Hodges, o zelador da Casa Binfield. Eu esqueci o que era – deu a ele um remédio que curou suas aves dos vermes, ou algo assim. Hodges era um velho demônio rabugento, mas não esquecia uma boa ação. Um dia, um pouco depois, quando ele desceu à loja para comprar milho de galinha, me encontrou do lado de fora da porta e me parou com seu jeito rude. Tinha um rosto parecido com algo esculpido em um pedaço de raiz e apenas dois dentes, que eram castanho-escuro e muito longos.

– Ei, jovem! Pescador, não é?

– Sim.

– Achei que fosse. Escute, então. Se você quiser, pode trazer sua linha e tentar pescar na lagoa atrás do galpão. Há bastante sargo e xaréu lá. Mas não diga a ninguém que eu lhe disse. E não vá trazer algum daqueles outros molecotes, ou vou arrancar o couro deles.

Tendo dito isso, saiu mancando com seu saco de milho pendurado no ombro, como se achasse que tinha falado

demais. No sábado seguinte, à tarde, pedalei até a Casa Binfield com os bolsos cheios de minhocas e moscas e procurei o velho Hodges no chalé. Naquela época, a Casa Binfield já estava vazia havia dez ou vinte anos. O senhor Farrel, o proprietário, não tinha dinheiro para morar ali e também não podia ou não queria deixar o lugar. Morou em Londres com a renda de suas fazendas e mandou a casa e os terrenos para os diabos. Todas as cercas estavam verdes e podres, o parque era uma massa de ervas daninhas, as plantações ficaram como uma selva, e mesmo os jardins voltaram a ser matagais, com apenas algumas roseiras retorcidas que indicavam onde estavam os canteiros. Mas era uma casa muito bonita, especialmente ao longe. Um lugar grande e branco com colunatas e janelas compridas, que foi construído, suponho, na época da rainha Anne por alguém que viajou pela Itália. Se eu fosse lá agora, provavelmente teria um certo prazer vagando pela desolação comum e pensando sobre a vida que costumava haver lá, e as pessoas que construíram tais lugares porque imaginaram que os dias bons durariam para sempre. Quando menino, eu não ligava para a casa ou para o terreno. Eu desentocava o velho Hodges, que tinha acabado de terminar seu jantar e estava um pouco mal-humorado, e pedia a ele que me mostrasse o caminho até a lagoa. Ficava a várias centenas de metros atrás da casa e toda envolta por bosques de faias, mas era uma lagoa de bom tamanho, quase cento e cinquenta metros de diâmetro. Era surpreendente. E mesmo naquela idade eu ficava espantado que lá, a dezenove quilômetros de Reading e nem a oitenta quilômetros de Londres, seria possível ter tamanha solidão. Dava para sentir a solidão de alguém que está às margens do rio Amazonas. A lagoa era totalmente circundada por enormes faias, que em um lugar desciam até a borda e eram refletidas na água. Do outro

lado havia um gramado onde havia uma depressão com canteiros de hortelã selvagem e, em uma das extremidades da lagoa, uma velha casa de barcos de madeira apodrecia entre os juncos.

A lagoa fervilhava de sargos, pequenos, com cerca de dez a quinze centímetros de comprimento. De vez em quando, era possível ver um deles se virar e brilhar em um marrom avermelhado sob a água. Também havia lúcios ali, e deviam ser grandes. Ninguém os via, mas, às vezes, um que estava se aquecendo no meio do mato se virava e mergulhava com um estalo, que era como um tijolo sendo jogado na água. Não adiantava tentar pegá-los, embora é claro que eu sempre tentasse cada vez que ia lá. Eu os provocava com carpas e vairões que pegava no Tâmisa e os mantinha vivos em uma jarra de geleia, ou, até mesmo, usando uma fiandeira feita de um pedaço de lata. Mas estavam fartos de comer peixes e não fisgavam e, de qualquer forma, teriam quebrado qualquer equipamento que eu possuísse. Nunca voltava da lagoa sem pelo menos uma dúzia de pequenos sargos. Às vezes, nas férias de verão, eu ficava lá o dia inteiro, com minha vara de pescar e um exemplar do *Chums* ou do *Union Jack* ou algo assim, e um pedaço de pão com queijo que mamãe preparava para mim. E eu pescava por horas e depois me deitava na grama e lia o *Union Jack*, e então o cheiro da minha pasta de pão e o *plop* de um peixe pulando em algum lugar me deixavam maluco novamente, e eu voltava para a água e tentava outra vez. E assim por diante, durante todo o dia de verão. E o melhor de tudo era ficar sozinho, totalmente sozinho, embora a estrada não ficasse a quinhentos metros de distância. Eu tinha idade suficiente para saber que é bom ficar sozinho, de vez em quando. Com as árvores ao redor, era

como se a lagoa me pertencesse e nada jamais se mexesse, exceto os peixes rondando a água e os pombos passando por cima. No entanto, nos dois anos ou mais em que fui pescar lá, quantas vezes eu realmente fui, me pergunto? Não mais do que uma dúzia. Era uma viagem de bicicleta de cinco quilômetros de casa e durava pelo menos uma tarde inteira. E, às vezes, outras coisas apareciam, e, em outras, quando eu pretendia ir, chovia. Você sabe como as coisas acontecem.

Uma tarde, os peixes não estavam fisgando, e comecei a explorar a lagoa mais distante da Casa Binfield. Havia um pouco de água que transbordava e o solo era pantanoso, e era preciso abrir caminho para atravessar uma espécie de selva de arbustos de amora silvestre e galhos que haviam caído das árvores. Andei cerca de cinquenta metros, e, de repente, apareceu uma clareira, e cheguei a outra lagoa que nunca soube que existia. Era uma pequena lagoa de não mais que vinte metros de largura, com os ramos que a pendiam sobre ela. Mas tinha uma água clara e era extremamente profunda. Dava para ver entre três a quatro metros e meio para dentro dela. Pendurei-me um pouco, aproveitando a umidade e o cheiro pantanoso e pútrido, do jeito que um garoto faz. E, então, vi algo que quase me fez desmaiar.

Era um peixe enorme. Não exagero quando digo que era enorme. Era quase o comprimento do meu braço. Deslizava pela lagoa, no fundo da água, e então virou uma sombra e desapareceu na parte mais escura do outro lado. Senti como se uma espada tivesse me atravessado. Era, de longe, o maior peixe que eu já vi, vivo ou morto. Fiquei parado sem respirar e, por um momento, outra forma enorme e espessa deslizou pela água, depois outra e mais duas juntas. A lagoa estava cheia deles. Eram carpas, suponho. Possivelmente eram sargos

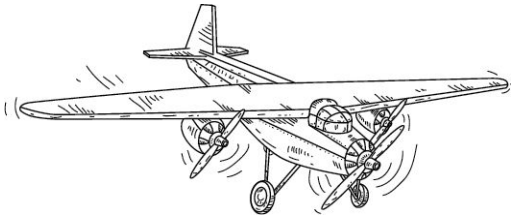
ou tencas, mas mais provavelmente carpas. Sargos ou tencas não cresceriam tanto. Eu sabia o que tinha acontecido. Em algum momento, essa lagoa foi conectada com a outra, e então o riacho secou e a mata se fechou ao redor da lagoa menor, e ela, simplesmente, foi esquecida. É algo que acontece às vezes. Uma lagoa é esquecida de alguma forma, ninguém pesca nela por anos e décadas, e os peixes crescem até tamanhos monstruosos. Os brutamontes que eu estava observando podiam ter 100 anos. E nenhuma alma no mundo sabia sobre eles, exceto eu. Muito provavelmente, já fazia vinte anos que ninguém sequer olhava para a lagoa, e, provavelmente, até o velho Hodges e o administrador do senhor Farrel haviam esquecido sua existência.

Bem, você pode imaginar o que eu senti. Depois de um tempo, eu não conseguia nem suportar o tormento de assistir. Corri de volta para a outra lagoa e juntei minhas coisas de pesca. Não adiantava tentar pescar aqueles brutamontes colossais com o equipamento que eu tinha. Eles o quebrariam como se fosse um fio de cabelo. E eu não podia mais continuar pescando os sargos pequeninos. A visão da grande carpa me deu uma sensação no estômago, quase como se fosse vomitar. Peguei minha bicicleta e desci a colina correndo para casa. Era um segredo maravilhoso para um menino. Lá estavam o lago escuro escondido na floresta e os peixes monstruosos navegando em volta dele – peixes que nunca haviam sido pescados e que agarrariam a primeira isca que você lhes oferecesse. Era apenas uma questão de segurar uma linha forte o suficiente para segurá-los. Fiz todos os planos. Compraria o equipamento que os seguraria, mesmo se tivesse que roubar o dinheiro do caixa. De alguma forma, sabe-se lá deus como, eu conseguiria meia coroa e compraria um pedaço de linha de

seda para pescar salmão e um pouco de tripas grossas ou linha comum e anzóis número 5. E voltaria com queijos, doces, pasta, larvas-da-farinha, minhocas vermelhas, gafanhotos e cada isca mortal que uma carpa poderia olhar. No sábado da tarde seguinte, eu voltaria e tentaria encontrá-los.

Mas aconteceu que nunca mais voltei. Nunca se volta. Nunca roubei o dinheiro do caixa, nunca comprei um pedaço de linha para pescar salmão ou tentei fisgar aquelas carpas. Quase imediatamente depois, algo apareceu para me impedir, mas, se não fosse isso, teria sido diferente. É assim que as coisas acontecem.

Eu sei, é claro, que você acha que estou exagerando sobre o tamanho desses peixes. Provavelmente pensa que eram apenas peixes médios (com trinta centímetros de comprimento, digamos) e que incharam gradualmente na minha memória. Mas não é assim. As pessoas contam mentiras sobre os peixes que pescaram e ainda mais sobre os peixes que são fisgados e fogem, mas nunca peguei nenhum desses, nem tentei pegá-los, e não tenho motivo para mentir. Eu digo que eram enormes.



CAPÍTULO 5

Pescaria!

Aqui vou fazer uma confissão, ou melhor, duas. A primeira é que, quando olho para trás em minha vida, não posso dizer com sinceridade que qualquer coisa que já fiz me trouxe uma animação tão forte quanto pescar. Todo o resto foi um fracasso em comparação, até as mulheres. Não pretendo ser um daqueles homens que não se importam com as mulheres. Passei muito tempo perseguindo-as, e o faria mesmo agora, se tivesse chance. Mesmo assim, se você me desse a escolha de ter qualquer mulher que você queira mencionar, mas, digo, QUALQUER mulher, ou pegar uma carpa de cinco quilos, a carpa venceria todas as vezes. E a outra confissão é que, depois dos 16 anos, nunca mais pesquei.

Por quê? Porque é assim que as coisas acontecem. Porque nesta vida que nós levamos – não me refiro à vida humana em geral, quero dizer a vida nesta época em particular e neste país em particular –, não fazemos as coisas que queremos fazer. Não é porque estamos sempre trabalhando. Mesmo um lavrador ou um alfaiate judeu nem sempre está trabalhando. É porque existe algum demônio em nós que nos leva de um lado para outro em idiotices sem fim. Há tempo para tudo, exceto para as coisas que valem a pena. Pense em algo com que você realmente se importa. Em seguida, some hora por hora e calcule a fração de sua vida que você realmente gastou

fazendo isso. E então calcule o tempo que você gastou em coisas como fazer a barba, andar de um lado para outro de ônibus, esperar na ferrovia, cruzamentos, trocar histórias picantes e ler jornais.

Depois dos 16 anos, não pesquei mais. Nunca parecia haver tempo. Eu estava no trabalho, estava perseguindo garotas, usando minhas primeiras botas de abotoar e meus primeiros colarinhos altos (e para os colarinhos de 1909 você precisava de um pescoço de girafa), estava fazendo cursos por correspondência de vendas e contabilidade e "aprimorando a minha mente". Os grandes peixes planavam na lagoa atrás da Binfield House. Ninguém sabia sobre eles, exceto eu. Estavam armazenados na minha mente; algum dia, talvez algum feriado bancário, eu voltaria e os pegaria. Mas nunca mais voltei. Havia tempo para tudo, exceto para isso. Curiosamente, o único momento entre aquela época e agora em que quase fui pescar foi durante a guerra.

Foi no outono de 1916, pouco antes de eu ser ferido. Tínhamos saído das trincheiras para uma aldeia atrás da linha de batalha e, embora fosse apenas setembro, estávamos cobertos de lama da cabeça aos pés. Como de costume, não sabíamos ao certo quanto tempo ficaríamos lá ou aonde iríamos depois. Felizmente, o oficial no comando estava um pouco lívido, com um toque de bronquite ou algo assim, e por isso não se preocupou em nos conduzir pelos desfiles habituais, inspeções de equipamentos, jogos de futebol, entre outras coisas que deveriam manter elevado o espírito das tropas quando estavam fora da linha. Passamos o primeiro dia esparramados em pilhas de palha nos celeiros onde ficávamos alojados e raspando a lama de nossas vestimentas, e, à noite, alguns dos caras começaram a fazer fila para se aproveitar de

um par de prostitutas miseráveis e gastas que estavam instaladas em uma casa no final da aldeia. De manhã, embora fosse contra as ordens deixar a aldeia, consegui fugir e vagar pelas desolações medonhas que um dia foram campos. Era uma manhã úmida e invernal. Em volta, é claro, havia a sujeira medonha e escombros de guerra, o tipo de bagunça sórdida e imunda que é realmente pior do que um campo de batalha com cadáveres. Árvores com galhos arrancados, velhos buracos de balas que haviam se enchido parcialmente de novo, latas, cocô, lama, ervas daninhas, pedaços de arame farpado enferrujado com mato crescendo através deles. Você conhece a sensação quando saía da linha de batalha. Uma sensação de enrijecimento em todas as articulações e, por dentro, uma espécie de vazio, uma sensação de que nunca mais teria interesse em nada. Em parte, era medo e exaustão, mas principalmente tédio. Naquela época, ninguém viu nenhuma razão para que a guerra não durasse para sempre. Hoje, amanhã ou no dia seguinte, você estaria voltando para a linha, e talvez na próxima semana uma bomba explodiria, e você viraria carne moída, mas isso não era tão ruim quanto o horrível tédio da guerra se estendendo para sempre.

Eu estava vagando pela lateral de uma cerca viva quando encontrei um sujeito em nossa unidade de cujo sobrenome não me lembro, mas cujo apelido era Nobby. Era um sujeito de pele escura, desleixado, de aparência cigana. Um sujeito que, mesmo de uniforme, sempre dava a impressão de estar carregando dois coelhos roubados. Por profissão, era ambulante da parte leste de Londres, mas daqueles que ganham parte da vida colhendo lúpulo, pegando pássaros, caçando e, furtivamente, roubando frutas em Kent e Essex. Era um grande especialista em cães, furões, pássaros de gaiola,

galos de briga e esse tipo de coisa. Assim que me viu, meneou a cabeça para mim. Ele tinha um jeito astuto e carregado de falar:

– Opa, George! – os caras ainda me chamavam de George, eu não era gordo naquela época. – George! Já viu aquele monte de choupos do outro lado do campo?

– Vi.

– Bem, tem uma lagoa do outro lado e está transbordando de peixes enormes.

– Peixes? Desembuche!

– Estou falando que está transbordando peixes. Percas. O melhor peixe em que eu botei a mão. Venha ver com seus olhos.

Caminhamos juntos pela lama. Com certeza, Nobby estava certo. Do outro lado dos choupos havia uma lagoa de aparência suja com margens arenosas. Obviamente, tinha sido uma pedreira e foi enchida com água. E estava fervilhando de percas. Dava para ver suas costas listradas de azul escuro deslizando por toda parte logo abaixo da água, e alguns deles deveriam pesar meio quilo. Suponho que em dois anos de guerra eles não foram perturbados e tiveram tempo para se multiplicar. Provavelmente você não pode imaginar o que a visão daquelas percas fez comigo. Era como se, de repente, elas tivessem me trazido à vida. É claro que havia apenas um pensamento em nossas mentes: como conseguir uma vara e uma linha.

– Minha nossa! – eu disse. – Vamos comer algumas dessas.

– Pode apostar que vamos para c—. Vamos voltar pra aldeia e pegar uns equipamentos.

– Tudo bem. Mas você precisa ficar de olho. Se o sargento ficar sabendo, vamos ser punidos.

– Ah, que se f–- o sargento. Podem me enforcar, matar e me esquartejar, se quiserem. Vou jantar alguns daqueles malditos peixes.

Não dá para saber o quanto estávamos alvoroçados para pegar aqueles peixes. Ou talvez dê, se você já esteve em uma guerra. Você conhece o tédio frenético da guerra e a maneira como qualquer um se agarra a quase qualquer tipo de diversão. Já vi dois caras brigar como demônios por metade de uma revista barata. Mas não é apenas isso. Era a ideia de escapar, talvez por um dia inteiro, para longe da atmosfera de guerra. Estar sentado sob os choupos, pescando percas, longe da unidade, longe do barulho, do fedor, dos uniformes, e oficiais, da saudação e da voz do sargento! A pesca é o oposto da guerra. Mas não tinha certeza se conseguiríamos. Foi esse pensamento que nos deixou com uma espécie de ansiedade. Se o sargento descobrisse, ele nos impediria, tão certo quanto dois mais dois são quatro, e qualquer um dos oficiais também, e o pior de tudo é que não havia como saber quanto tempo ficaríamos na aldeia. Podíamos ficar lá uma semana, podíamos partir em duas horas. Enquanto isso, não tínhamos nenhum tipo de equipamento de pesca, nem mesmo um alfinete ou um pedaço de barbante. Tínhamos que começar do zero. E a lagoa estava fervilhando de peixes! A primeira coisa foi uma vara. Uma varinha de salgueiro é melhor, mas é claro que não havia salgueiro em nenhum lugar daquele lado do horizonte. Nobby pegou um dos choupos e cortou um pequeno ramo que não era bom, mas era melhor do que nada. Laminou com o canivete até que se parecesse com uma vara de pescar, e então, a escondemos no mato perto da margem e conseguimos voltar

furtivamente para a aldeia sem sermos vistos.

Em seguida, uma agulha para fazer um anzol. Ninguém tinha agulha. Um sujeito tinha algumas agulhas de cerzir, mas eram muito grossas e tinham pontas cegas. Não ousamos deixar ninguém saber o porquê de querermos aquilo, por medo de que o sargento ouvisse. Por fim, pensamos nas putas do final da aldeia. Com certeza tinham uma agulha. Quando chegamos lá, era preciso dar a volta pela porta dos fundos por um quintal sujo –, a casa estava fechada, e as prostitutas dormiam um sono que sem dúvida mereciam. Batemos o pé, gritamos e batemos na porta até que, cerca de dez minutos depois, uma mulher gorda e feia de robe desceu e gritou conosco em francês. Nobby gritou com ela:

– Agulha! Agulha! Você tem uma agulha?

Claro que ela não sabia do que ele estava falando. Em seguida, Nobby tentou em seu dialeto inglês, que ele esperava que ela, como estrangeira, entendesse:

– Arrume agulha! Coser roupa! Igual a essa!

Ele fez gestos que deveriam representar costura. A prostituta o entendeu mal e abriu um pouco mais a porta para nos deixar entrar. Finalmente, nós a fizemos entender e pegamos uma agulha dela. Já era hora do jantar.

Depois do jantar, o sargento deu a volta no celeiro onde estávamos alojados à procura de homens para montar guarda. Conseguimos evitá-lo bem a tempo, passando por baixo de uma pilha de palha. Quando ele se foi, acendemos uma vela, aquecemos a agulha e conseguimos dobrá-la em uma espécie de anzol. Não tínhamos ferramentas, exceto canivetes, e queimamos os dedos de verdade. A próxima coisa era uma linha. Ninguém tinha nenhum fio, exceto de material grosso,

mas finalmente encontramos um sujeito que tinha um carretel de linha de costura. Não quis entregá-la, e tivemos que trocar por um pacote inteiro de cigarros. O fio era muito fino, mas Nobby cortou em três pedaços, amarrou-os a um prego na parede e trançou-os cuidadosamente. Enquanto isso, depois de procurar por toda a aldeia, consegui encontrar uma rolha, cortei-a ao meio e enfiei um fósforo para fazê-la flutuar. Já era fim de tarde e escurecia.

Tínhamos o essencial agora, mas precisávamos de algumas tripas. Não parecia haver muita esperança de conseguir, até que pensamos no enfermeiro do hospital. A tripas para sutura cirúrgica não faziam parte do equipamento dele, mas era possível que ele pudesse ter algumas. Claro, quando perguntamos a ele, descobrimos que tinha um monte de tripas para sutura na mochila. Tinha afanado de algum grande hospital ou outro lugar. Trocamos outro pacote de cigarros por dez pedaços de tripa. Era uma coisa podre e quebradiça, em pedaços de cerca de quinze centímetros de comprimento. Depois de escurecer, Nobby os enxarcou até que estivessem flexíveis e os amarrou de ponta a ponta. Então agora tínhamos tudo – anzol, haste, linha, flutuador e tripas. Podíamos desenterrar minhocas de qualquer lugar. E a lagoa estava fervilhando de peixes! Uma enorme carpa listrada implorando para ser fisgada! Deitamo-nos para dormir com tanta ansiedade que nem tiramos as botas. Amanhã! Se pudéssemos chegar ao amanhã! Se a guerra nos esquecesse por apenas um dia! Decidimos que, assim que terminasse a chamada, juntaríamos tudo e ficaríamos fora o dia todo, mesmo que nos dessem a pior punição quando voltássemos.

Bem, espero que você possa adivinhar o resto. Na chamada, as ordens eram fazer as malas e estar prontos para marchar em

vinte minutos. Marchamos catorze quilômetros pela estrada e depois pegamos os caminhões e partimos para outra parte do *front*. Quanto ao lago sob os choupos, nunca mais vi ou ouvi falar dele. Acho que foi envenenado com gás mostarda mais tarde.

Desde então, nunca mais pesquei. Nunca tive a chance. Houve o cessar da guerra, e então, como todo mundo, eu estava lutando por um emprego, e depois consegui um emprego, e o emprego me pegou. Eu era um jovem promissor em uma seguradora – um daqueles jovens empresários com mandíbulas firmes e boas perspectivas sobre os quais você costumava ler nos anúncios da Clark's College – e então fui rebaixado para o típico "cinco-a-dez-libras por semana" em uma casa geminada nos subúrbios. Essas pessoas não vão pescar, assim como os corretores da bolsa não vão colher flores. Não seria adequado. Eles têm outros passatempos.

Claro que tenho férias de quinze dias todo verão. Você conhece esse tipo de feriado. Margate, Yarmouth, Eastbourne, Hastings, Bournemouth, Brighton. Há uma ligeira variação, dependendo se estamos ou não com os bolsos cheios naquele ano. Com uma mulher como Hilda por perto, a principal característica de um feriado é uma aritmética mental interminável para decidir o quanto o dono da pensão está enganando você. Isso e dizer às crianças que não, eles não podem pegar mais um balde de areia. Alguns anos atrás, estávamos em Bournemouth. Numa bela tarde, descemos ao píer, que deve ter cerca de oitocentos metros de comprimento, e ao longo de todo o caminho, os homens pescavam com varas marítimas grossas, com sininhos na ponta e as linhas se estendendo por cinquenta metros mar adentro. É um tipo de pescaria enfadonho, e eles não estavam pegando nada. Ainda

assim, estavam pescando. As crianças logo ficaram entediadas e pediram para voltar à praia, Hilda viu um cara enfiar uma lagarta no anzol e disse que isso a deixava enjoada, mas eu continuei vagando para cima e para baixo por mais algum tempo. E, de repente, houve um tremendo toque de um sino e um sujeito estava enrolando sua linha. Todos pararam para assistir. Claro, vieram a linha molhada e o pedaço de chumbo e, na ponta, um grande peixe achatado (uma solha, eu acho) pendurado e se contorcendo. O sujeito jogou-o nas tábuas do píer, e ele se debateu para cima e para baixo, todo molhado e reluzente, com o dorso cinza e verrugoso, a barriga branca e o cheiro fresco e salgado do mar. E algo meio que mudou dentro de mim.

Enquanto nos afastávamos, eu disse casualmente, apenas para testar a reação de Hilda:

– Estou pensando em pescar um pouco enquanto estivermos aqui.

– O quê? VOCÊ vai pescar, George? Mas você nem sabe pescar, não é?

– Ah, eu costumava ser um grande pescador – eu disse a ela.

Ela foi vagamente contra, como sempre, mas não tinha uma ideia bem formada, exceto que, se eu fosse pescar, ela não iria comigo para me ver colocar aquelas coisas nojentas e moles no anzol. Então, de repente, percebeu que, se eu fosse pescar, o que precisaria, vara e molinete e assim por diante, custaria cerca de uma libra. A vara sozinha custaria dez contos. Ficou irritada na mesma hora. Você não viu a velha Hilda quando se fala em desperdiçar dez contos. Ela explodiu comigo:

– IMAGINE desperdiçar todo esse dinheiro em uma coisa dessas! Absurdo! E como se atrevem a cobrar dez xelins por

uma daquelas varas de pescar idiotas! É uma vergonha. E imagine você indo pescar na sua idade! Um homem adulto como você. Você não é mais CRIANÇA, George.

Então, as crianças entraram na dela. Lorna se aproximou de mim e perguntou daquele jeito bobo e atrevido que ela tem:

– Você é criança, papai?

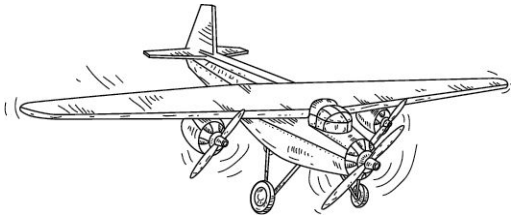
E o pequeno Billy, que naquela época não falava muito claramente, anunciou ao mundo em geral:

– Papai é criança.

Então, de repente, os dois estavam dançando ao meu redor, sacudindo os baldes de areia e entoando:

– Papai é criança! Papai é criança!

Desgraçados anormais!



CAPÍTULO 6

E, além da pesca, havia a leitura.

Eu exagerei se dei a impressão de que pescar era a ÚNICA coisa com que me importava. A pesca certamente vinha primeiro, mas a leitura era uma boa segunda opção. Eu devia ter 10 ou 11 anos quando comecei a ler – ler voluntariamente, quero dizer. Nessa idade é como descobrir um novo mundo. Sou um leitor considerável até agora; na verdade, não passo muitas semanas sem ler um ou dois romances. Sou o que se pode chamar de um típico membro da biblioteca da Boots, sempre me apaixono pelo *best-seller* do momento (*Os bons companheiros*, *Lanceiros da Índia*, *O castelo do homem sem alma* – me apaixonei por cada um deles) e sou um membro do Clube do Livro da Esquerda por mais de um ano. E, em 1918, quando eu tinha 25 anos, tive uma espécie de desvio de leitura que fez uma certa diferença na minha perspectiva. Mas nada é como aqueles primeiros anos, quando, de repente, você descobre que pode abrir um jornal semanal e mergulhar direto nos bairros perigosos, nos antros de ópio chineses, nas ilhas da Polinésia e nas florestas do Brasil.

Foi dos meus 11 anos até os 16 que me diverti mais lendo. No começo, eram sempre os semanários baratos para meninos – jornaizinhos finos com uma impressão horrível e uma ilustração em três cores na capa – e, pouco depois, vieram os livros. Sherlock Holmes, Dr. Nikola, *O pirata de ferro*,

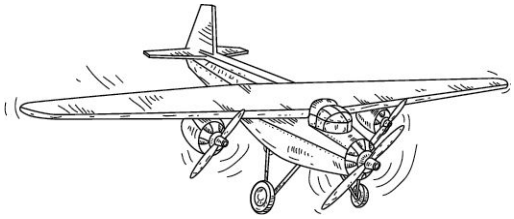
Drácula, *Raffles*. E Nat Gould, Ranger Gull e um sujeito cujo nome esqueci que escreveu histórias de boxe quase tão rapidamente quanto Nat Gould escrevia histórias de corrida. Suponho que, se meus pais tivessem um pouco mais de educação, teriam me enfiado "bons" goela abaixo, Dickens, Thackeray, e assim por diante, e, de fato, eles nos conduziram ao Quentin Durward na escola, e tio Ezekiel, às vezes, tentava me incitar a ler Ruskin e Carlyle. Mas praticamente não havia livros em casa. Meu pai nunca tinha lido um livro na vida, exceto a Bíblia e a *Ajude-*
-se, de Smiles, e só li um "bom" livro muito tempo depois. Não lamento que tenha acontecido dessa forma. Li as coisas que queria ler e tirei mais proveito delas do que jamais tirei das coisas que me ensinaram na escola.

Os gibis de um centavo já estavam saindo de linha quando eu era criança, e mal me lembro deles, mas havia uma linha regular de semanários para meninos, alguns dos quais ainda existem. As histórias de Buffalo Bill já acabaram, eu acho, e Nat Gould provavelmente não é mais lido, mas Nick Carter e Sexton Blake parecem ser os mesmos de sempre. *The Gem and the Magnet*, se bem me lembro, começou por volta de 1905. O *The Boy's Own Paper* ainda era bastante politicamente incorreto naquela época, mas o *Chums*, que eu acho que deve ter começado por volta de 1903, era esplêndido. Em seguida, havia uma enciclopédia – não lembro seu nome exato – que era publicada em fascículos e vendida por centavos. Nunca parecia valer a pena comprar, mas um menino na escola costumava distribuir edições antigas, às vezes. Se agora sei a extensão do rio Mississippi ou a diferença entre um polvo e uma siba, ou a composição exata do metal de sino, foi aí que aprendi.

Joe nunca lia. Era um daqueles meninos que conseguem passar por anos de escolaridade e, ao final, não conseguem ler dez linhas consecutivas. A visão da impressão fazia-o se sentir mal. Eu o vi pegar uma das minhas edições de *Chums*, ler um ou dois parágrafos e depois se virar com o mesmo movimento de nojo de um cavalo quando sente o cheiro de feno velho. Tentou me fazer largar da leitura, mas mamãe e papai, que haviam decidido que eu era "o inteligente", me apoiaram. Ficaram bastante orgulhosos por eu ter mostrado gosto pelo "aprendizado nos livros", como chamavam. Mas era típico dos dois ficarem vagamente chateados por eu ler coisas como *Chums* e o *Union Jack*, pensavam que eu deveria ler algo "que melhorasse a pessoa", mas não sabiam o suficiente sobre livros para ter certeza sobre quais livros "melhoravam as pessoas". Finalmente, mamãe conseguiu um exemplar de segunda mão do O *livro dos mártires*, de John Foxe, que não li, embora as ilustrações não fossem de todo ruins.

Durante todo o inverno de 1905, gastava dinheiro com o *Chums* toda semana. Eu acompanhava uma história em série, "Donovan, o Destemido". Donovan, o Destemido, era um explorador que tinha sido contratado por um milionário americano para buscar coisas incríveis em vários cantos da Terra. Às vezes, eram diamantes, do tamanho de bolas de golfe, nas crateras de vulcões na África; às vezes, eram presas de mamutes petrificados das florestas congeladas da Sibéria; às vezes, eram tesouros incas enterrados das cidades perdidas do Peru. Donovan fazia uma nova jornada todas as semanas e sempre se dava bem. Meu lugar favorito para ler era o palheiro atrás do quintal. Exceto quando papai estava pegando novos sacos de grãos, era o lugar mais silencioso da casa. Havia enormes pilhas de sacos para se deitar, uma espécie de cheiro

de plástico misturado com o cheiro de sanfeno, inúmeras teias de aranha em todos os cantos e, logo acima do lugar onde eu costumava ficar, havia um buraco no teto e uma ripa saindo do gesso. Consigo sentir a sensação disso agora. Um dia de inverno, quente o suficiente para deitar quieto. Estou deitado de bruços com *Chums* aberto na minha frente. Um rato sobe pela lateral de um saco como um brinquedo de corda, então de repente para e me observa com seus olhinhos que parecem minúsculas contas de azeviche. Tenho 12 anos, mas sou Donovan, o Destemido. Três mil quilômetros subindo o Amazonas, acabei de armar minha barraca, e as raízes da misteriosa orquídea que floresce uma vez a cada cem anos estão seguras na caixa de lata sob minha cama de campanha. Nas florestas ao redor, os índios Hopi-Hopi, que pintam os dentes de escarlate e esfolam vivos os homens brancos, estão batendo seus tambores de guerra. Estou observando o camundongo, e o camundongo está me observando, e posso sentir o cheiro da poeira, do sanfeno e do gesso frio e estou no alto da Amazônia, e é um êxtase, um êxtase puro.



CAPÍTULO 7

Isso é tudo, na verdade.

Tentei dizer-lhe alguma coisa sobre o mundo antes da guerra, o mundo que senti quando vi o nome do rei Zog no pôster, e é provável que não tenha lhe contado nada. Ou você se lembra de antes da guerra e não precisa que lhe falem sobre ela, ou não se lembra e não adianta contar. Até agora, só falei sobre as coisas que aconteceram comigo antes dos 16 anos. Até então, tudo ia muito bem com a família. Foi um pouco antes do meu aniversário de 16 anos que comecei a ter vislumbres do que as pessoas chamam de "vida real", o que significa: coisas desagradáveis.

Cerca de três dias depois de eu ter visto a grande carpa na Casa Binfied, papai entrou para o chá muito preocupado e ainda mais grisalho e farinhento do que o normal. Ele comeu muito sério durante o chá e não falou muito. Naquela época, ele tinha uma maneira bastante inquieta de comer, e seu bigode costumava subir e descer com movimentos laterais, porque não tinha muitos dentes sobrando. Eu estava me levantando da mesa quando ele me chamou de volta.

– Espere um minuto, George, meu garoto. Quero lhe falar uma coisa. Sente-se um minuto. Mãe, você ouviu o que eu tenho a dizer ontem à noite.

A mãe, atrás do enorme bule marrom, cruzou as mãos no

colo e parecia séria. O pai continuou falando muito sério, mas, estragando o impacto ao tentar tirar uma migalha que se alojou em algum lugar do que restou de seus dentes de trás:

– George, meu filho, tenho muito a dizer. Eu estive pensando sobre isso, e é hora de você deixar a escola. Receio que você tenha que trabalhar agora e começar a ganhar um pouco para trazer para casa, para sua mãe. Escrevi ao senhor Wicksey ontem à noite e disse-lhe que deveria tirar você de lá.

Claro que isso estava de acordo com o precedente – o que ele escreveu para o senhor Wicksey antes de me contar, quero dizer. Naquela época, os pais, é claro, sempre organizavam tudo independentemente da vontade dos filhos.

Meu pai passou a dar explicações bastante murmurantes e preocupadas. Ele tinha "tido maus momentos ultimamente", as coisas tinham "estado um pouco difíceis", e o resultado foi que Joe e eu teríamos de começar a ganhar a vida. Naquela época, eu não sabia ou me importava muito se o negócio estava realmente indo mal ou não. Eu não tinha nem instinto comercial suficiente para ver a razão pela qual as coisas estavam "difíceis". O fato é que papai fora atingido pela concorrência. Os Sarazins, os grandes agricultores de sementes do varejo que tinham filiais em todos os condados, enfiaram um tentáculo em Lower Binfield. Seis meses antes, eles alugaram uma loja no mercado e a embonecaram até que, com tinta verde brilhante, letras douradas, ferramentas de jardinagem pintadas de vermelho e verde e enormes anúncios de ervilhas-de-cheiro, você a enxergava a uma distância de cem metros. Os Sarazins, além de vender sementes de flores, descreviam-se como "fornecedores universais de aves e gado" e, além de trigo e aveia, e assim por diante, vendiam misturas para aves, sementes para pássaros embaladas em pacotes

sofisticados, biscoitos para cães de todas as formas e cores, medicamentos, relaxantes musculares e condicionadores em pó e ramificavam para coisas como armadilhas para ratos, coleiras de cães, incubadoras, ovos, ninhos de pássaros, lâmpadas, herbicida, inseticida e, até mesmo, em alguns corredores, o que eles chamam de "departamento de criação", coelhos e pintinhos recém-nascidos. Papai, com sua velha loja empoeirada e sua recusa em estocar novas coisas, não podia competir com aquele tipo de mercado e não queria. Os comerciantes com suas carroças e os fazendeiros que lidavam com os semeadores de varejo lutaram acanhados contra os Sarazins, mas, em seis meses, eles alcançaram a vizinhança nobre, que, naquela época, tinha carruagens ou charretes e, portanto, cavalos. Isso significou uma grande perda de clientes para papai e o outro comerciante de milho, Winkle. Não entendia nada disso na época. Eu tinha um comportamento de menino em relação a tudo isso. Nunca me interessei pelo negócio. Eu nunca, ou quase nunca, trabalhei na loja e, quando ocasionalmente acontecia, meu pai queria que eu fizesse alguma coisa ou ajudasse com algo, como içar sacos de grãos para o sótão ou para baixo novamente, e eu evitava sempre que possível. Os meninos de nossa classe não são bebês completos como os meninos de escolas de primeira; sabem que trabalho é trabalho e seis pence são seis pence, mas parece natural para um menino considerar o negócio do pai um saco. Até então, varas de pescar, bicicletas, limonadas com gás, e assim por diante, pareciam-me muito mais reais do que qualquer coisa que acontecesse no mundo adulto.

Meu pai já tinha falado com o velho Grimmett, o dono da mercearia, que queria um rapaz inteligente e estava disposto a me levar para a loja imediatamente. Enquanto isso, papai se

livraria do menino de recados, e Joe voltaria para casa e ajudaria na loja até conseguir um emprego permanente. Joe tinha saído da escola algum tempo antes e estava mais ou menos vadiando desde então. Meu pai às vezes falava em "colocá-lo" no departamento de contabilidade da cervejaria e, antes, até pensara em transformá-lo em leiloeiro. Os dois estavam completamente perdidos porque Joe, aos 17 anos, escrevia em garranchos e não conseguia decorar a tabuada. Ele deveria estar "aprendendo sobre o ofício" em uma grande bicicletaria nos arredores de Walton. Mexer com bicicletas combinava com Joe, que, como a maioria dos ignorantes, tinha uma ligeira inclinação para mecânico, mas era totalmente incapaz de trabalhar de forma constante e passava o tempo todo vadiando com macacões engordurados, fumando Woodbines, se metendo em brigas, bebendo (ele começou cedo), flertando com uma garota após a outra e pedindo dinheiro ao meu pai. Meu pai estava preocupado, confuso e vagamente ressentido. Ainda posso vê-lo, com farinha na cabeça calva e um pouco de cabelo grisalho sobre as orelhas, os óculos e bigode encanecido. Não conseguia entender o que estava acontecendo com ele. Durante anos, seus lucros aumentaram, lenta e continuamente, dez libras este ano, vinte libras naquele ano, e agora, de repente, tiveram uma queda brusca. Não conseguia entender. Herdou o negócio de seu pai, fez um comércio honesto, trabalhou duro, vendeu produtos, não enganou ninguém – e seus lucros estavam caindo. Disse várias vezes, enquanto chupava os dentes para tirar a migalha, que os tempos eram muito ruins, o comércio parecia muito devagar, não conseguia imaginar o que havia com as pessoas, os cavalos precisavam comer. Talvez fossem aqueles motores, ele concluiu por fim. Essas "coisas fedorentas desagradáveis". A mãe interveio. Estava um pouco preocupada e sabia

que deveria estar mais. Uma ou duas vezes, enquanto o pai estava falando, um olhar distante a dominava, e eu sabia que ela estava falando porque seus lábios se moviam. Estava tentando decidir se, no dia seguinte, faria carne com cenouras ou coxa de carneiro. Exceto quando havia algo que lhe cabia e precisaria de uma previsão, como comprar roupas de cama ou panelas, não era capaz de pensar em nada além das refeições do dia seguinte. A loja estava dando problemas, e papai estava preocupado – até onde ela havia percebido. Nenhum de nós tinha ideia do que estava acontecendo. Papai teve um ano ruim e perdeu dinheiro, mas ele estava realmente assustado com o futuro? Acho que não. Isso foi em 1909, lembre-se. Não sabia o que estava acontecendo com ele, não era capaz de prever que aquele povo do Sarazins sistematicamente venderia mais do que ele, o arruinaria e o comeria vivo. Como poderia saber? As coisas não aconteciam assim quando ele era jovem. Tudo o que sabia era que os tempos estavam ruins, o comércio estava muito "devagar", muito "lento" (ele repetia essas frases), mas provavelmente as coisas "melhorariam agora".

Seria bom se eu pudesse dizer a você que fui uma grande ajuda para meu pai em seus tempos de dificuldade. Que, de repente, me provei um homem e desenvolvi qualidades que ninguém suspeitou em mim – e assim por diante, como as coisas que você costumava ler nos romances inspiradores de trinta anos atrás. Ou, por outro lado, gostaria de ser capaz de registrar que me ressentia amargamente de ter que deixar a escola, que minha mente jovem e ansiosa, ávida por conhecimento e refinamento, recuou do trabalho mecânico sem alma para o qual estavam me empurrando – e assim por diante, como as coisas que você lê nos romances inspiradores

de hoje. Ambos seriam uma besteira completa. A verdade é que fiquei satisfeito e animado com a ideia de ir trabalhar, especialmente quando percebi que o velho Grimmett me pagaria salários reais, doze xelins por semana, dos quais eu poderia ficar com quatro para mim. A grande carpa na Casa Binfield, que ocupava minha mente há três dias, desapareceu imediatamente. Eu não me oporia a deixar a escola alguns semestres antes. Geralmente acontecia da mesma forma com os meninos da nossa escola. Um menino estava sempre "indo" para a Universidade de Reading, estudar engenharia, "entraria no comércio" em Londres ou fugiria para o mar – e então, de repente, com dois dias de aviso, ele desaparecia da escola, e quinze dias depois você o encontraria de bicicleta, entregando verduras. Cinco minutos depois de meu pai me dizer que eu deveria deixar a escola, eu estava pensando sobre o novo terno que deveria usar para ir ao trabalho. Imediatamente comecei a exigir um "terno adulto", como um tipo de paletó que estava na moda naquela época, um "fraque", como acho que se chamava. Claro que tanto a mãe quanto o pai ficaram escandalizados e disseram que "nunca ouviram falar de tal coisa". Por algum motivo que nunca compreendi totalmente, os pais naquela época sempre tentaram evitar o máximo possível que seus filhos usassem roupas de adulto. Em todas as famílias, havia uma briga de socos antes que um menino tivesse seus primeiros colarinhos altos ou uma menina prendesse o cabelo.

Assim, a conversa se desviou dos problemas dos negócios de papai e degenerou em um tipo de discussão bastante longa e importuna, com papai gradualmente ficando com raiva e repetindo sem parar – soltando uma queixa de vez em quando, como costumava fazer quando ficava com raiva:

– Bem, você não vai ter isso. Esqueça, você não pode comprar.

Então, eu não tive meu "fraque", mas comecei a trabalhar, pela primeira vez, com um terno preto de lojas comuns, com uma gola larga na qual eu parecia um caipira que cresceu demais. Qualquer angústia que sentia com todo o negócio realmente surgiu daí. Joe foi ainda mais egoísta nesse sentido. Ficou furioso por ter que deixar a loja de bicicletas e, no pouco tempo que permaneceu em casa, apenas vadeou, virou um estorvo e não ajudou em nada meu pai.

Trabalhei na loja do velho Grimmett por quase seis anos. Grimmett era um velho bom, aprumado, de bigodes brancos, como uma versão mais robusta do tio Ezequiel e, como o tio Ezequiel, um bom liberal. Mas ele era menos agitado e mais respeitado na cidade. Ele se adaptou durante a Guerra dos Bôeres, era um inimigo ferrenho dos sindicatos e, uma vez, demitiu um assistente por possuir uma fotografia de Keir Hardie, e era um "crente" – na verdade, era influente, literalmente, na Capela Batista, conhecida localmente como Tin Tab – enquanto minha família era "da igreja anglicana", e tio Ezequiel era um infiel. O velho Grimmett era conselheiro municipal e funcionário do Partido Liberal local. Com seus bigodes brancos, sua conversa hipócrita sobre a liberdade de consciência e o Grande Velho, seu saldo bancário gordo e as orações improvisadas que, às vezes, você podia ouvi-lo soltar quando passava no Tin Tab. Era um lendário merceeiro não conformista na história – você já ouviu, espero:

– James!

– Sim, senhor?

– Você ralou o açúcar?

– Sim, senhor!

– Regou o melaço?

– Sim, senhor!

– Então, venha fazer as orações.

Só Deus sabe quantas vezes ouvi essa história sussurrada na loja. Na verdade, começávamos o dia com uma oração antes de abrir as venezianas. Não que o velho Grimmett ralasse o açúcar. Ele sabia que não compensava. Mas era um homem inteligente nos negócios, fornecia para toda a alta classe de Lower Binfield e do interior ao redor da cidade e tinha três assistentes na loja além do menino de recados, o homem da carroça e sua filha (ele era viúvo), que era caixa. Fui o menino de recados nos meus primeiros seis meses. Então, um dos assistentes saiu para "se estabelecer" em Reading, e eu me mudei para a loja e usei meu primeiro avental branco. Aprendi a fazer embrulhos, a embalar um saco de passas, a moer café, a mexer no fatiador de toucinho, a cortar o presunto, a afiar facas, varrer o chão, tirar o pó dos ovos sem parti-los, vender um artigo vagabundo por um bom, limpar uma janela, medir meio quilo de queijo a olho, abrir uma caixa de embalagem, dar forma a um pedaço de manteiga e – o que era bem mais difícil – lembrar onde cada item era guardado. Não tenho lembranças tão detalhadas da mercearia quanto tenho da pesca, mas me lembro de muitas coisas. Até hoje conheço o truque de romper um pedaço de barbante com os dedos. Se me colocasse na frente de um fatiador de *bacon*, eu poderia trabalhar melhor nele do que em uma máquina de escrever. Conseguiria apresentar a você alguns detalhes técnicos bastante justos sobre as qualidades do chá da China e do que a margarina é feita, o peso médio dos ovos e o preço dos sacos de papel por

milhar.

Bem, por mais de cinco anos esse fui eu – um jovem alerta com um rosto redondo, rosado, esnobe e cabelo cor de manteiga (não mais curto, mas cuidadosamente untado e penteado para trás no que as pessoas costumavam chamar de "lambido"), correndo atrás do balcão em um avental branco com um lápis atrás da orelha, amarrando sacos de café como um raio e manobrando o cliente junto com "Sim, senhora! Certamente, senhora! E o próximo pedido, senhora?", em uma voz com apenas um traço de sotaque *cockney*. O velho Grimmett nos exauria muito, era uma jornada de onze horas diárias, exceto às quintas e aos domingos, e a semana de Natal era um pesadelo. No entanto, é um bom momento para olhar para trás. Não pense que eu não tinha ambições. Eu sabia que não permaneceria como assistente de mercearia para sempre, estava apenas "aprendendo o ofício". Algum dia, de uma forma ou de outra, haveria dinheiro suficiente para eu "me estabelecer" sozinho. Era assim que as pessoas se sentiam naquela época. Isso foi antes da guerra, lembre-se, e antes das crises e antes do desemprego. O mundo era grande o suficiente para todos. Qualquer um podia "abrir um negócio", sempre havia lugar para outra loja. E o tempo estava passando. 1909, 1910, 1911. O rei Eduardo morreu, e os jornais saíram com uma borda preta nas margens. Dois cinemas abriram em Walton. Os carros ficaram mais comuns nas estradas, e os ônibus intermunicipais começaram a circular. Um avião – uma coisa frágil e de aparência frágil, com um sujeito sentado no meio em uma espécie de cadeira – sobrevoou Lower Binfield, e toda a cidade saiu correndo de suas casas para gritar com ele. As pessoas começaram a dizer vagamente que esse imperador alemão estava ficando grande demais e "aquilo" (que significa

guerra com a Alemanha) “chegaria uma hora ou outra”. Meu salário foi aumentando gradualmente, até que finalmente, pouco antes da guerra, eles estavam a vinte e oito xelins por semana. Pagava a mamãe dez xelins por semana pela minha pensão e, mais tarde, quando as coisas pioraram, quinze xelins, e mesmo assim me sentia mais rico do que jamais estive desde então. Cresci mais três centímetros, meu bigode começou a crescer, usei botas de abotoar e colarinhos de sete centímetros de altura. Aos domingos, na igreja, com meu elegante terno cinza-escuro, meu chapéu-coco e luvas pretas de couro, eu parecia o cavalheiro perfeito, de modo que mamãe mal conseguia conter o orgulho de mim. Entre o trabalho e a “saída” às quintas-feiras, e pensando em roupas e garotas, tive acessos de ambição e me vi me transformando em um Grande Homem de Negócios como Lever ou William Whiteley. Entre 16 e 18 anos, fiz grandes esforços para “aprimorar minha mente” e me treinar para uma carreira empresarial. Eu me curei do sotaque caipira e me livrei da maior parte do meu sotaque *cockney*. (No Vale do Tâmisa, os sotaques do interior estavam em baixa. Exceto os rapazes da fazenda, quase todo mundo que nasceu depois de 1890 falava *cockney*). Fiz um curso por correspondência na Escola de Comércio de Littleburns, aprendi contabilidade e inglês para negócios, li religiosamente um livro com asneiras terríveis chamado *A arte da venda*, melhorei minha aritmética e até minha caligrafia. Quando eu tinha 17 anos, ficava acordado até tarde da noite com a língua para fora da boca, praticando caligrafia ao lado da pequena lamparina a óleo na mesa do quarto. Às vezes, eu lia muito, geralmente histórias de crimes e aventuras, e às vezes, livros encapados com papel que eram furtivamente passados entre os camaradas na loja e descritos como “picantes”. (Eram traduções de Maupassant e Paul de Kock.)

Mas, quando eu tinha 18 anos, de repente, me tornei um intelectual, consegui um ingresso para a Biblioteca do Condado e comecei a folhear livros de Marie Corelli, Hall Caine e Anthony Hope. Foi mais ou menos nessa época que entrei para o Círculo de Leitura de Lower Binfield, dirigido pelo vigário e que se reunia uma noite por semana durante todo o inverno para o que era chamado de "discussão literária". Sob pressão do vigário, li trechos de *Sesame and Lilies* e até mesmo experimentei Browning.

E o tempo estava passando. 1910, 1911, 1912. E os negócios de meu pai estavam caindo – não caindo de repente na sarjeta, mas estavam caindo. Nem meu pai nem minha mãe foram os mesmos depois que Joe fugiu de casa. Isso aconteceu não muito depois de eu ir trabalhar para o Grimmett.

Joe, aos 18 anos, havia se tornado um rufião feioso. Era um sujeito corpulento, muito maior que o resto da família, com ombros enormes, cabeça grande e um rosto meio carrancudo e abatido, no qual já tinha um bigode respeitável. Quando não estava na sala do George, ficava vagando pela porta da loja, com as mãos enfiadas nos bolsos, carrancudo para as pessoas que passavam, exceto quando eram meninas, como se fosse derrubá-las. Se alguém entrasse na loja, ele se afastava apenas o suficiente para deixá-las passar e, sem tirar as mãos dos bolsos, gritaria por cima dos ombros "Pa-ai! Loja!". Isso foi o mais perto que ele conseguiu ajudar. O pai e a mãe diziam desesperadamente que "não sabiam o que fazer com ele", e que estava dando muito trabalho com a bebida e o fumo sem fim. Tarde da noite, ele saiu de casa e nunca mais se ouviu falar dele. Abriu a caixa registradora e pegou todo o dinheiro que estava lá, felizmente não muito, cerca de oito libras. Era o suficiente para conseguir uma passagem na terceira classe para

a América. Ele sempre quis ir para a América e acho que provavelmente foi, embora nunca soubéssemos com certeza. Isso causou um certo escândalo na cidade. A teoria oficial era que Joe fugiu porque emprenhou uma jovem. Havia uma garota, Sally Chivers, que morava na mesma rua que os Simmons e teria um bebê, e Joe certamente esteve com ela, mas também estiveram outros doze, e ninguém sabia de quem era o bebê. A mãe e o pai aceitaram a teoria do bebê e até mesmo, em particular, a usaram para desculpar seu "pobre menino" por roubar as oito libras e fugir. Não eram capazes de entender que Joe havia sumido porque não suportava uma vida decente e respeitável em uma pequena cidade do interior e queria uma vida de vagabundagem, brigas e mulheres. Nunca mais ouvimos falar dele. Talvez tenha ido totalmente para o lado do mal, talvez ele tenha sido morto na guerra, talvez ele simplesmente não tenha se preocupado em escrever. Felizmente o bebê nasceu morto, então não houve complicações. Quanto ao fato de Joe ter roubado as oito libras, mamãe e papai conseguiram manter segredo até morrerem. Aos olhos deles, era uma desgraça muito pior do que o bebê de Sally Chivers.

O problema com Joe envelheceu muito meu pai. Perder Joe era apenas uma perda, mas o machucou e o deixou envergonhado. Daquele momento em diante, seu bigode ficou muito mais grisalho e ele parecia ter ficado muito menor. Talvez minha lembrança dele como um pequeno homem grisalho, de rosto redondo, enrugado, ansioso e óculos empoeirados, date realmente dessa época. Aos poucos, estava se envolvendo cada vez mais em preocupações financeiras e cada vez menos interessado em outras coisas. Falava menos sobre política e jornais de domingo e mais sobre a maldade do

comércio. Mamãe parecia ter encolhido um pouco também. Na minha infância, eu a via como alguém vasto e transbordante, com os cabelos loiros, o rosto radiante e os seios enormes, uma espécie de criatura grande e opulenta, como a figura de proa de um encouraçado. Agora estava menor, mais ansiosa e mais velha do que antes. Era menos altiva na cozinha, fazia mais pescoço de carneiro, preocupava-se com o preço do carvão e começou a usar margarina, coisa que antigamente nunca deixava entrar em casa. Depois que Joe foi embora, meu pai teve de contratar um menino de recados novamente, mas, a partir de então, passou a empregar meninos muito novos que mantinha apenas por um ano ou dois e que não podiam levantar muito peso. Às vezes, eu o ajudava quando estava em casa. Eu era muito egoísta para fazer isso regularmente. Ainda consigo vê-lo abrindo caminho lentamente pelo quintal, quase curvado ao meio e quase escondido sob um enorme saco, como um caracol sob a concha. O saco enorme e monstruoso, pesando setenta quilos, suponho, pressionando o pescoço e os ombros quase até o chão, e o rosto ansioso de óculos, olhando por baixo deles. Em 1911, ele se machucou e teve que passar semanas no hospital e contratar um gerente temporário para a loja, que fez outro rombo em seu capital. Um pequeno lojista falindo é uma coisa horrível de se observar, mas não é repentino e óbvio, como o destino de um trabalhador que é demitido e prontamente se vê desempregado. É apenas uma redução gradual do comércio, com pequenos altos e baixos, uns poucos xelins aqui, alguns pence ali. Alguém que comprou com você por anos, de repente deserta e vai para a loja dos Sarazins. Outra pessoa compra uma dúzia de galinhas e lhe faz um pedido semanal de milho. Você ainda consegue continuar. Ainda é “seu próprio patrão”, sempre um pouco mais preocupado e um pouco mais miserável, com seu capital

encolhendo o tempo todo. Você pode continuar assim por anos, pelo resto da vida, se tiver sorte. Tio Ezequiel morreu em 1911, deixando cento e vinte libras, o que deve ter feito bastante diferença para papai. Foi só no ano de 1913 que ele teve que hipotecar sua apólice de seguro de vida. O que eu não ouvi falar na hora, ou teria entendido o que significava. Do jeito que aconteceu, acho que nunca fui além de perceber que meu pai "não estava indo bem", o comércio estava "devagar", teria de esperar um pouco mais antes de eu ter o dinheiro para "me estabelecer". Como meu papai, eu via a loja como algo permanente e estava um pouco inclinado a ficar com raiva dele por não administrar as coisas de um jeito melhor. Eu não era capaz de ver, e nem ele, nem ninguém mais, que ele estava se arruinando aos poucos, que seu negócio nunca retomaria e, se ele vivesse até os 70 anos, certamente terminaria no asilo. Muitas vezes, passei pela loja dos Sarazins no mercado e apenas pensei no quanto preferia suas vitrines elegantes à loja empoeirada de papai, com o "S. Bowling", que mal dava para ler com as letras brancas lascadas e os pacotes desbotados de sementes de pássaros. Não me ocorreu que os Sarazins eram tênias que o estavam comendo vivo. Às vezes, costumava repetir para ele algumas das coisas que estava lendo em meus livros didáticos de cursos por correspondência sobre vendas e métodos modernos. Ele nunca prestou muita atenção. Herdou um negócio antigo, sempre trabalhou duro, fez um negócio honesto e forneceu produtos, e as coisas melhorariam logo. É fato que muito poucos lojistas naquela época acabavam no asilo. Com sorte, você morreria com algum dinheiro. Era uma corrida entre a morte e a falência e, graças a Deus, a morte pegou o pai primeiro e a mãe também.

1911, 1912, 1913. Digo que foi um bom momento para estar

vivo. Era fim de 1912 e, no Círculo de Leitura do vigário, conheci Elsie Waters. Até esse momento, contudo, como os outros garotos da cidade, eu saía para procurar garotas e, por fim, conseguia conversar com essa garota ou aquela, e "sair" algumas tardes de domingo. Nunca tive uma garota para mim de verdade. É um negócio estranho ir atrás de garotas quando você tem cerca de 16 anos.

Em alguma parte conhecida da cidade, os meninos caminhavam para cima e para baixo em pares, observando as meninas, e as meninas caminhavam para baixo e para cima em pares, fingindo não notar os meninos. E logo algum tipo de contato era estabelecido e, em vez de dois, estavam andando em quatro, todos os quatro totalmente mudos. A principal característica dessas caminhadas – e era pior na segunda vez, quando você saía sozinho com a garota – era o terrível fracasso em manter qualquer tipo de conversa. Mas Elsie Waters parecia diferente. A verdade é que eu estava crescendo.

Não quero contar a minha história e a de Elsie Waters, mesmo que haja alguma história para contar. Só que ela é parte da imagem, parte de "antes da guerra". Antes da guerra era sempre verão – uma ilusão, como já observei, mas é assim que lembro. A estrada branca e empoeirada que se estende entre as castanheiras, o cheiro das flores silvestres, as lagoas verdes sob os salgueiros, os respingos da represa Burford – é o que vejo quando fecho os olhos e penso em "antes da guerra" e, no final, Elsie Waters faz parte disso.

Não sei se Elsie seria considerada bonita agora. Ela era. Era alta para uma menina, quase tão alta quanto eu, com cabelos dourados claros. O tipo de cabelo pesado, que ela usava de alguma forma trançado e enrolado em volta da cabeça, e um rosto delicado e curiosamente gentil. Era uma daquelas garotas

que sempre ficam bem de preto, especialmente os vestidos pretos muito simples que a faziam usar na loja de cortinas – ela trabalhava na Lilywhite, loja de tecidos, embora ela fosse originalmente de Londres. Acho que ela era dois anos mais velha do que eu.

Sou grato a Elsie, porque ela foi a primeira pessoa que me ensinou a me importar com uma mulher. Não me refiro às mulheres em geral, quero dizer uma mulher específica. Eu a conheci no Círculo de Leitura e mal a notei, e então, um dia, entrei na Lilywhite durante o horário de trabalho, algo que normalmente não seria capaz de fazer, mas aconteceu que estávamos sem gaze de musselina para manteiga, e o velho Grimmett me mandou comprar algumas. Você conhece a atmosfera de uma loja de tecidos. É algo peculiarmente feminino. Há uma sensação de silêncio, uma luz suave, um cheiro fresco de pano e um zumbido fraco das bolas de madeira com troco que rolam de um lado para outro. Elsie estava encostada no balcão, cortando um pedaço de pano com a tesoura grande. Havia algo sobre seu vestido preto e a curva de seus seios contra o balcão – não consigo descrever, algo curiosamente macio, curiosamente feminino. Assim que a via, você sabia que poderia tomá-la nos braços e fazer o que quisesse com ela. Era profundamente feminina, muito gentil, muito submissa, o tipo que sempre faria o que um homem diria a ela, embora não fosse pequena ou fraca. Nem era ignorante, apenas bastante quieta e, às vezes, terrivelmente refinada. Mas, naquela época, eu também era bastante refinado.

Moramos juntos por cerca de um ano. Claro, em uma cidade como Lower Binfield você só poderia viver junto no sentido figurado. Oficialmente, estávamos “saindo”, o que era um

costume reconhecido, e não exatamente o mesmo que estar noivo. Havia uma estrada, que se ramificava da estrada para Upper Binfield, e corria sob a borda das colinas. Havia um longo trecho, quase um quilômetro, bastante reto e orlado de enormes castanheiras-da-índia, e, na grama ao lado, havia uma trilha sob os galhos que era conhecida como Beco dos Namorados. Costumávamos ir lá nas noites de maio, quando as castanheiras davam flores. Então, vieram as noites curtas, e ficava claro por horas depois que saíamos da loja. Você conhece a sensação de uma noite de junho. O tipo de crepúsculo azul que continua e continua, e o ar roçando em seu rosto como seda. Às vezes, nas tardes de domingo, íamos para Chamford Hill e descíamos para os prados encharcados ao longo do Tâmisa. 1913! Meu Deus! 1913! A quietude, a água verde, o barulho da represa! Isso nunca vai voltar. Não quero dizer que 1913 nunca mais voltará. Quero dizer a sensação dentro de você, a sensação de não estar com pressa e de não estar com medo, a sensação que você teve e não precisa ser contada, ou não teve e nunca terá a chance conhecer.

Foi só no final do verão que começamos o que é chamado de morar junto. Eu era muito tímido e desajeitado para dar o primeiro passo, e muito ignorante para perceber que existiram outros antes de mim. Numa tarde de domingo, fomos para um bosque de faias em torno de Upper Binfield. Lá em cima, sempre é possível ficar sozinho. Eu a queria muito e sabia muito bem que ela estava apenas esperando que eu começasse. Algo, não sei o quê, colocou na minha cabeça de entrar no terreno da Casa Binfield. O velho Hodges, que já tinha mais de 70 anos e estava ficando muito rabugento, era capaz de nos expulsar, mas provavelmente estaria dormindo em uma tarde de domingo. Deslizamos por uma abertura na cerca e

descemos a trilha entre as faias até a grande lagoa. Fazia quatro anos ou mais desde que eu estivera ali. Nada havia mudado. Ainda existia a solidão absoluta, a sensação de estar escondido com as grandes árvores ao seu redor, a velha casa de barcos apodrecendo entre os juncos. Deitamo-nos na pequena depressão de grama ao lado da hortelã-pimenta selvagem e ficamos tão sozinhos como se estivéssemos na África Central. Eu a beijei, Deus sabe quantas vezes, e então me levantei e estava vagando de novo. Eu a queria muito e queria mergulhar, mas estava meio assustado. E, curiosamente, havia outro pensamento em minha mente ao mesmo tempo. De repente, percebi que durante anos eu pretendia voltar aqui e nunca tinha vindo. Agora que estava tão perto, parecia uma pena não descer ao outro tanque e dar uma olhada na grande carpa. Senti que depois me arrependeria se perdesse a chance; na verdade, não conseguia imaginar por que não tinha voltado antes. As carpas estavam guardadas em minha mente, ninguém sabia delas exceto eu, eu as pegaria algum dia. Eram praticamente MINHAS carpas. Na verdade, comecei a vagar ao longo da margem naquela direção e, então, quando andei cerca de dez metros, voltei. Precisava abrir caminho através de uma espécie de selva de espinheiros e galhos podres, e eu estava vestido com minha melhor roupa de domingo. Terno cinza escuro, chapéu-coco, botas de botão e uma gola que quase cortava minhas orelhas. Era assim que as pessoas se vestiam para caminhadas nas tardes de domingo naquela época. E eu queria muito a Elsie. Eu voltei e fiquei ao lado dela por um momento. Ela estava deitada na grama com o braço sobre o rosto e não se mexeu quando me ouviu chegar. Em seu vestido preto ela parecia – não sei como, meio macia, meio maleável, como se seu corpo fosse um tipo de coisa maleável com a qual você poderia fazer o que quisesse. Era

minha, e eu poderia tê-la neste minuto, se quisesse. De repente, parei de ter medo, joguei meu chapéu na grama (quicou, eu me lembro), ajoelhei-me e a segurei. Ainda posso sentir o cheiro da hortelã selvagem. Foi a minha primeira vez, mas não foi a primeira dela, e não fizemos a bagunça que você poderia esperar. Então, foi isso. A grande carpa sumiu de minha mente de novo e, de fato, durante anos depois disso, quase não pensei nelas.

1913. 1914. A primavera de 1914. Primeiro o abrunheiro, depois o espinheiro, depois as castanheiras floridas. As tardes de domingo ao longo do caminho de sirga, e o vento agitando os canteiros de junco de modo que eles balançavam todos juntos em grandes massas espessas e pareciam, de alguma forma, com o cabelo de uma mulher. As intermináveis noites de junho, o caminho sob as castanheiras, uma coruja piando em algum lugar e o corpo de Elsie contra o meu. Foi um mês de julho quente naquele ano. Como suávamos na loja, e como cheirava a queijo e a café moído! E aí o frio da noite lá fora, o cheiro de flores silvestres e tabaco de cachimbo na alameda atrás dos loteamentos, a poeira macia sob os pés e os noitibós caçando os besouros.

Minha nossa! De que adianta dizer que não se deve ser sentimental com o "antes da guerra"? EU SOU sentimental com essa época. Você também, caso você se lembre. É bem verdade que, se olhar para trás para qualquer período, você tende a se lembrar dos momentos agradáveis. Isso é verdade mesmo na guerra. Mas também é verdade que as pessoas naquela época tinham algo que não temos agora.

O quê? Acontecia, simplesmente, que eles não pensavam no futuro como algo para se assustar. Não que a vida fosse mais suave do que agora. Na verdade, era mais dura. As pessoas em

geral trabalharam mais, viveram com menos conforto e morreram de forma mais dolorosa. Os camponeses trabalhavam durante horas terríveis por catorze xelins por semana e acabavam aleijados, exaustos, com uma pensão de cinco xelins por idade e uma meia coroa ocasional dada pela paróquia. E o que era chamado de pobreza "respeitável" era ainda pior. Quando o pequeno Watson, um pequeno carpinteiro do outro lado da High Street, "faliu", após anos de luta, seu patrimônio era de duas libras, nove pence e seis xelins, e ele morreu quase imediatamente do que foi chamado de "problema gástrico", mas o médico revelou que era inanição. Mesmo assim, ele se agarrou à sobrecasaca até o fim. O velho Crimp, o assistente do relojoeiro, trabalhador habilidoso que estava no ramo, de menino a homem feito, havia cinquenta anos, teve catarata e precisou ir para o abrigo. Seus netos uivaram na rua quando o levaram. Sua esposa saiu para receber caridade e, com esforços desesperados, conseguia enviar-lhe um xelim por semana como mesada. Você via coisas horríveis acontecendo às vezes. Pequenos negócios falindo, comerciantes sólidos indo aos poucos à bancarrota, pessoas morrendo de câncer e doenças hepáticas, maridos bêbados fazendo juramentos todas as segundas-feiras e quebrando-o todos os sábados, meninas arruinadas para o resto da vida por um bebê ilegítimo. As casas não tinham banheiro, você quebrava o gelo da sua bacia nas manhãs de inverno, as ruas de trás fediam como o diabo no tempo quente, e o cemitério ficava cheio no meio da cidade, de modo que você nunca passava um dia sem se lembrar de como teria que morrer. E, no entanto, o que as pessoas tinham naquela época? Uma sensação de segurança, mesmo quando não estavam seguros. Mais exatamente, era uma sensação de continuidade. Todos sabiam que morreriam, e acho que alguns deles sabiam

que iriam à falência, mas o que não sabiam é que a ordem das coisas poderia mudar. O que quer que acontecesse com eles mesmos, as coisas continuariam como as conheciam. Não acredito que tenha feito muita diferença que o que se chama de crença religiosa ainda prevalecesse naqueles dias. É verdade que quase todo mundo ia à igreja, pelo menos no interior – Elsie e eu ainda íamos à igreja naturalmente, mesmo quando estávamos vivendo no que o vigário teria chamado de pecado –, e, se você perguntasse às pessoas se elas acreditavam em uma vida após a morte, geralmente respondiam que sim. Mas nunca conheci alguém que me desse a impressão de realmente acreditar em uma vida futura. Acho que, no máximo, as pessoas acreditam nesse tipo de coisa da mesma forma que as crianças acreditam no Papai Noel. Mas é precisamente em um período estabelecido, em que a civilização parece estar sobre suas quatro patas como um elefante, que coisas como uma vida futura não importam. É fácil morrer se as coisas com que você se preocupa vão sobreviver. Você teve sua vida, está ficando cansado, é hora de ir para baixo da terra – é assim que as pessoas costumavam pensar. Individualmente estavam acabados, mas seu modo de vida continuaria. Seu bem e mal permaneceriam bons e maus. Não sentiram o chão em que pisaram se mexendo sob seus pés.

Meu pai estava falindo e não sabia disso. Acontece apenas que os tempos estavam muito ruins, o comércio parecia diminuir e diminuir, suas contas estavam cada vez mais difíceis de pagar. Graças a Deus, ele nunca soube que estava arruinado, nunca realmente faliu, porque morreu repentinamente (foi a gripe que se transformou em pneumonia) no início de 1915. No final, ele acreditava que, com parcimônia, trabalho duro e negociações justas, um

homem não pode dar errado. Deve ter havido muitos pequenos lojistas que levaram essa crença não apenas para leitos de morte falidos, mas até mesmo para o abrigo. Mesmo Lovegrove, o seleiro, com carros e furgões motorizados encarando-o, não percebeu que estava tão desatualizado quanto rinocerontes. E mamãe também – mamãe nunca viveu para saber que a vida para a qual ela fora criada, a vida de filha de um lojista decente e temente a Deus, e de uma esposa decente de um lojista temente a Deus no reinado da boa rainha Victoria, estava acabada para sempre. Os tempos eram difíceis, e o comércio estava ruim, papai se preocupava e isso era "irritante", mas a gente continuava como de costume. A mesma velha ordem de vida inglesa não podia mudar. Para todo o sempre, mulheres decentes e tementes a Deus, cozinhavam pudim de Yorkshire e bolinhos de maçã em enormes fornos de carvão, usavam roupas de baixo de lã e dormiam sobre penas, faziam geleia de ameixa no mês de julho e picles em outubro e liam Hilda's Home Companion à tarde, com moscas zumbindo ao redor, em uma espécie de pequeno e aconchegante submundo de chá fervido, pernas ruins e finais felizes. Não digo que o pai ou a mãe foram exatamente iguais até o fim. Eles estavam um pouco abalados e, às vezes, um pouco desanimados. Mas pelo menos nunca viveram para saber que tudo em que acreditaram era apenas lixo. Viveram o final de uma época, quando tudo estava se dissolvendo em uma espécie de fluxo medonho, e não sabiam disso. Eles pensaram que duraria pela eternidade. Não dava para culpá-los. Era assim que parecia.

Então, veio o final de julho, e até Lower Binfield percebeu que coisas estavam acontecendo. Durante dias, houve uma agitação vaga e tremenda, e intermináveis artigos importantes

nos jornais, que o pai, de fato, trouxe da loja para ler em voz alta para a mãe. E de repente os pôsteres em todos os lugares:

ULTIMATO ALEMÃO. FRANÇA SE MOBILIZANDO

Por vários dias (quatro dias, não foram? esqueci as datas exatas) havia uma estranha sensação de sufocamento, uma espécie de silêncio ansioso, como o momento antes de uma tempestade irromper, como se toda a Inglaterra estivesse em silêncio e à espreita. Estava muito quente, eu lembro. Na loja, era como se não conseguíssemos trabalhar, embora já todos na vizinhança que tinham cinco contos de sobra estivessem correndo para comprar enlatados, farinha e aveia em quantidade. Era como se estivéssemos com muita febre para trabalhar, apenas suávamos e esperávamos. À noite, as pessoas iam à estação ferroviária e lutavam como demônios pelos jornais noturnos que chegavam no trem de Londres.

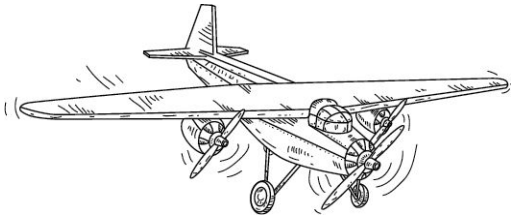
E então, uma tarde, um menino desceu correndo a High Street com uma braçada de jornais, e as pessoas estavam entrando em suas portas para gritar do outro lado da rua. Todo mundo estava gritando “Nós entramos! Nós entramos!”. O menino pegou um cartaz do seu pacote e o colocou na frente da loja:

INGLATERRA DECLARA GUERRA À ALEMANHA

Corremos para a calçada, os três assistentes, e comemoramos. Todo mundo estava comemorando. Sim, comemorando. Mas o velho Grimmett, embora já tivesse se saído muito bem com o susto da guerra, ainda se apegou a um pouco de seus princípios liberais, “não apoiou” a guerra e

disse que seria um péssimo negócio.

Dois meses depois, eu estava no Exército. Sete meses depois, eu estava na França.



CAPÍTULO 8

Só fui ferido no final de 1916.

Tínhamos acabado de sair das trincheiras e estávamos marchando por um trecho de estrada com cerca de um quilômetro e meio, que deveria ser seguro, mas que os alemães deviam ter alcançado algum tempo antes. De repente, começaram a disparar algumas granadas – eram alto explosivos pesados, e disparavam apenas cerca de um por minuto. Vinha o usual *"zuiii"* e, então, *"BUM!"* em um campo em algum lugar à direita. Acho que foi a terceira granada que me pegou. Soube assim que a ouvi chegando, que tinha meu nome escrito nela. Dizem que a gente sempre sabe. Não dizem o que uma granada comum diz. Ela diz: "Estou atrás de você, seu b—, VOCÊ, seu b—, VOCÊ! – tudo isso no espaço de três segundos. E, por fim, você era a explosão.

Senti-me como se uma enorme mão de ar me arrastasse. E logo caí, com uma sensação de estouro, estraçalhamento, entre um monte de latas velhas, lascas de madeira, arame farpado enferrujado, cocô, cartuchos vazios e outras sujeiras, na vala ao lado da estrada. Quando tiraram a sujeira de cima de mim, descobriram que eu não estava muito ferido. Era apenas um monte de pequenos estilhaços no meu traseiro e na parte de trás das minhas pernas. Mas, por sorte, eu quebrei a costela na queda, o que era ruim o suficiente para me levarem de volta à Inglaterra. Passei aquele inverno em um hospital de campanha

perto de Eastbourne.

Você se lembra daqueles hospitais de campanha em tempos de guerra? As longas filas de cabanas de madeira, que pareciam galinheiros, presas bem no topo daquelas colinas geladas bestiais – a "Costa Sul", as pessoas costumavam chamá-la assim, o que me fez imaginar como seria a Costa Norte –, onde o vento parece soprar em você de todas as direções ao mesmo tempo. E a multidão de caras em seus ternos de flanela azul-claro e gravatas vermelhas, vagando para cima e para baixo procurando um lugar protegido do vento sem encontrar um. Às vezes, as crianças das escolas para meninos em Eastbourne costumavam ser conduzidas em carrinhos para distribuir cigarros e cremes de hortelã aos "soldados feridos", como nos chamavam. Um garoto de rosto rosado, de cerca de 8 anos, caminhou até um grupo de homens feridos sentados na grama, abriu um pacote de Woodbines e prontamente entregou um cigarro a cada homem, era exatamente como alimentar os macacos no zoológico. Qualquer um que fosse forte o suficiente costumava vagar por quilômetros nas colinas na esperança de encontrar garotas. Nunca havia o suficiente para todos. No vale abaixo do acampamento havia uma espécie de pequeno bosque e, muito antes do anoitecer, você via um casal colado a cada árvore e, às vezes, se fosse uma árvore grossa, um de cada lado. Minha principal lembrança daquela época é sentar-me contra um arbusto de tojo, no vento gélido, com meus dedos tão frios que eu não conseguia dobrá-los ou sentir o gosto de creme de hortelã na boca. Esse é uma típica lembrança de um soldado. Mas eu estava me livrando da vida de soldado ao mesmo tempo. O comandante indicou meu nome para uma patente pouco antes de eu ter sido ferido. Nessa época,

estavam desesperados por oficiais, e qualquer um que não fosse iletrado podia ter uma patente se quisesse. Fui direto do hospital para um campo de treinamento de oficiais perto de Colchester. São muito estranhas as coisas que a guerra fez às pessoas. Fazia menos de três anos que eu era um vendedor jovem e ágil, curvando-me sobre o balcão com meu avental branco e dizendo "Sim, senhora! Certamente, madame! E o próximo pedido, senhora?", com uma vida de comerciante pela frente e com tanta perspectiva de me tornar um oficial do Exército quanto de conseguir um título de cavaleiro. E ali estava eu, arrogante com um chapéu exagerado e um colarinho amarelo e, mais ou menos, fazendo minha parte entre uma multidão de outros oficiais temporários e alguns que nem eram temporários. E – essa é realmente a questão – não sentia nada estranho. Nada parecia estranho naquela época.

Era como uma máquina enorme que se apoderava de você. Não tínhamos a sensação de agir por vontade própria e, ao mesmo tempo, nenhuma ideia para tentar resistir. Se as pessoas não tivessem esse sentimento, nenhuma guerra duraria três meses. Os exércitos simplesmente fariam as malas e iriam para casa. Por que entrei para o Exército? Ou o milhão de outros idiotas que se alistaram antes do recrutamento? Em parte, por brincadeira e, em parte, por causa da Inglaterra, minha Inglaterra e os britânicos nunca, nunca, e todas essas coisas. Mas quanto tempo isso durou? A maioria dos caras que eu conhecia havia se esquecido completamente disso muito antes de chegarem à França. Os homens nas trincheiras não eram patriotas, não odiavam o *Kaiser*, não ligavam a mínima para a pequena e galante Bélgica, e os alemães estuprando freiras nas mesas (era sempre "nas mesas", como se isso tornasse tudo pior) nas ruas de Bruxelas. Por outro lado, não

lhes ocorreu tentar escapar. A máquina pegava você e poderia fazer o que quisesse. Ela o erguia e o jogava entre lugares e coisas com que você nunca sonhou, e se tivesse jogado você na superfície da lua não teria parecido especialmente estranho. No dia em que entrei para o Exército, a vida antiga acabou. Era como se isso não me preocupasse mais. Eu me pergunto, você acreditaria que, daquele dia em diante, eu só voltei uma vez para Lower Binfield, e foi para o funeral de mamãe? Parece incrível agora, mas parecia bastante natural na época. Em parte, admito, foi por causa de Elsie, para quem, é claro, parei de escrever depois de dois ou três meses. Sem dúvida ela ficou com outra pessoa, mas eu não queria encontrá-la. Do contrário, talvez, quando eu estivesse de licença, teria ido visitar minha mamãe, que teve um ataque quando entrei para o Exército, mas teria orgulho de um filho de uniforme.

Meu pai morreu em 1915. Na época, eu estava na França. Não exagero quando digo que a morte de papai me entristece mais agora do que antes. Na época eram apenas más notícias que aceitei quase sem interesse, do jeito meio vazio e apático com que se aceita tudo nas trincheiras. Lembro-
-me de rastejar até a porta do abrigo para obter luz suficiente e ler a carta, e me lembro das manchas de lágrimas de mamãe na carta, da sensação de dor nos joelhos e do cheiro de lama. A apólice de seguro de vida do meu pai estava hipotecada pela maior parte de seu valor, mas havia um pouco de dinheiro no banco, e os Sarazins comprariam as ações e até pagariam uma pequena quantia por caridade. Enfim, mamãe tinha pouco mais de duzentas libras, além dos móveis. Por algum tempo, ela foi se hospedar com a prima, esposa de um pequeno empresário, que estava se saindo muito bem durante a guerra, perto de Doxley, a alguns quilômetros do outro lado de Walton. Foi

apenas “por um tempo”. Havia uma sensação temporária em tudo. Nos velhos tempos, que na verdade mal tinham um ano, a coisa toda teria sido um desastre terrível. Com meu pai morto, a loja vendida e mamãe sozinha no mundo com duzentas libras, era possível ver se desenvolver diante dos olhos uma espécie de tragédia em quinze atos, sendo o último ato o funeral de uma indigente. Mas agora a guerra e a sensação de não ser o próprio dono obscureciam tudo. As pessoas dificilmente pensavam em coisas como falência e abrigo por muito tempo. Foi o que aconteceu até com mamãe, que, Deus sabe, tinha apenas noções muito vagas sobre a guerra. Além disso, ela já estava morrendo, embora nenhum de nós soubesse disso.

Ela veio me ver no hospital em Eastbourne. Fazia mais de dois anos desde que eu a tinha visto, e sua aparência me deu um choque. Ela parecia ter desbotado e, de alguma forma, encolhido. Em parte, porque nessa época eu já era adulto, tinha viajado e tudo parecia menor para mim, mas não havia dúvida de que ela havia emagrecido e também estava mais amarelada. Ela falava à velha maneira desconexa sobre tia Martha (era a prima com quem ela estava morando), das mudanças em Lower Binfield desde a guerra, de todos os meninos que tinham “ido” (ou seja, se juntou ao Exército), sua indigestão que era “agravante”, da lápide do pobre pai e do cadáver adorável que ele fora. Era a velha conversa, a conversa que eu ouvia fazia anos, mas, de alguma forma, era como um fantasma falando. Isso não me preocupava mais. Eu a conhecia como um tipo grande e esplêndido de criatura protetora. Um pouco como a figura de proa de um navio e um pouco como uma galinha choca e, afinal, ela era apenas uma velhinha de vestido preto. Tudo estava mudando e desbotando. Essa foi a

última vez que a vi em vida. Recebi um telegrama dizendo que ela estava gravemente doente, quando eu estava na escola de treinamento em Colchester, e imediatamente pedi uma licença urgente de uma semana. Mas era tarde demais. Ela estava morta quando cheguei a Doxley. O que ela e todos os outros imaginaram ser indigestão foi algum tipo de crescimento de massa interno, e uma fisgada repentina no estômago deu o toque final. O médico tentou me animar dizendo que o tumor era "benigno", o que me pareceu estranho chamá-lo, visto que a tinha matado.

Bem, nós a enterramos ao lado de papai, e esse foi meu último vislumbre de Lower Binfield. Mudou muito, mesmo em três anos. Algumas das lojas estavam fechadas, algumas com nomes diferentes. Quase todos os homens que eu conheci quando meninos haviam partido, e alguns deles estavam mortos. Sid Lovegrove estava morto, morto no Somme. Ginger Watson, o fazendeiro que pertencera à Mão Negra anos atrás, aquele que costumava pegar coelhos vivos, morrera no Egito. Um dos caras que trabalhavam comigo no Grimmett tinha perdido as duas pernas. O velho Lovegrove tinha fechado sua loja e estava morando em uma cabana perto de Walton com uma pequena aposentadoria. O velho Grimmett, por outro lado, estava se saindo bem com a guerra, havia se tornado patriota e era membro do conselho local que julgava objetores conscienciosos. O que, mais do que qualquer outra coisa, dava à cidade uma aparência vazia e desamparada, era que praticamente não havia mais cavalos. Cada cavalo que valesse a pena pegar havia sido confiscado muito tempo antes. A charrete da estação ainda existia, mas o animal que a conduzia não teria sido capaz de ficar em pé se não fosse pelas traves. Durante mais ou menos uma hora em que estive lá,

antes do funeral, vaguei pela cidade, dizendo como vai às pessoas e exibindo meu uniforme. Felizmente, não encontrei Elsie. Vi todas as mudanças, mas era como se eu não as tivesse visto. Minha mente estava voltada para outras coisas, principalmente o prazer de ser visto com meu uniforme de oficial, com minha braçadeira preta (uma coisa que fica bem bonita sobre o tecido cáqui) e minhas novas calças de lã. Lembro claramente que ainda estava pensando naquelas calças de lã quando paramos ao lado do túmulo. E então jogaram um pouco de terra no caixão e, de repente, percebi o que significava sua mãe estar deitada com dois metros de terra em cima dela, e algo meio que se contraiu atrás dos meus olhos e nariz, mas, mesmo assim, as calças de lã não tinham saído por completo da minha mente.

Não pense que não senti pela morte de mamãe. Eu senti. Eu não estava mais nas trincheiras, podia sentir por uma morte. Mas o que eu não me importava nem um pouco, nem mesmo percebia que estava acontecendo, era o fim da velha vida que eu conhecia. Após o funeral, tia Martha, que estava bastante orgulhosa de ter um "oficial de verdade" como sobrinho e teria feito um barulho no funeral se eu a deixasse, voltou para Doxley no ônibus, e eu peguei a charrete até a estação para pegar o trem para Londres e depois para Colchester. Passamos pela loja. Ninguém a havia comprado desde que meu pai morrera. Estava fechada, a vidraça estava preta de poeira, e eles queimaram o "S. Bowling" da placa com um maçarico. Bem, havia a casa onde fui criança, garoto e um jovem adulto. Onde rastejei pelo chão da cozinha e cheirei o sanfeno e li "Donovan, o Destemido". Onde fiz meu dever de casa para a Escola de Alfabetização, misturei pasta de pão, consertei perfurações na bicicleta e experimentei meu primeiro

colarinho alto. Tinha sido tão permanente para mim quanto as pirâmides, e agora seria apenas um acaso se eu colocasse os pés nela novamente. Pai, mãe, Joe, os meninos de recados, o velho Nailer, o terrier, Spot – que veio depois de Nailer, Jackie, o dom-fafe, os gatos, os ratos do sótão, tudo sumira, nada sobrou além de poeira. E eu não me importei nem um pouco. Lamentei que mamãe estivesse morta, lamentei até que meu pai estivesse morto, mas o tempo todo minha mente estava em outras coisas. Fiquei um pouco orgulhoso de ser visto andando de táxi, algo com que ainda não tinha me acostumado, e estava pensando na posição de minhas novas calças de algodão e nas minhas belas perneiras de oficial – tão diferentes das coisas ásperas que os soldados tinham de usar –, nos outros sujeitos em Colchester, nas sessenta libras que mamãe tinha deixado, nas celebrações que faríamos com elas. Além disso, estava agradecendo a Deus por não ter encontrado Elsie por acaso.

A guerra fez coisas extraordinárias com as pessoas. E o que era mais extraordinário do que a maneira como matava pessoas era como às vezes não as matava. Era como uma grande enchente que o empurrava para a morte e, de repente, atirava você em algum lugar isolado, onde você se pega fazendo coisas incríveis e inúteis e ganhando dinheiro extra por elas. Havia batalhões de trabalho fazendo estradas através do deserto que não levavam a lugar nenhum, havia caras abandonados em ilhas oceânicas para cuidar de navios alemães que haviam sido afundados anos antes, havia ministérios disso e daquilo com exércitos de escriturários e datilógrafos que continuaram existindo anos após o fim de sua função, por uma espécie de inércia. Pessoas eram empurradas para empregos sem sentido e depois esquecidas pelas autoridades por anos a

fio. Foi o que aconteceu comigo, ou muito provavelmente eu não estaria aqui. Toda a sequência de eventos é bastante interessante.

Um pouco depois de minha convocação, houve uma chamada por oficiais do Corpo de Exército. Assim que o comandante do campo de treinamento soube que eu sabia algo sobre o comércio de alimentos (não contei que realmente estava atrás do balcão), ele me disse para enviar meu nome. Deu certo, e eu estava prestes a partir para outra escola de treinamento para oficiais do Corpo do Exército em algum lugar no interior, quando houve uma demanda por um jovem oficial com conhecimento no comércio de alimentos para atuar como uma espécie de secretário de Sir Joseph Cheam, que era uma grande figura no Corpo do Exército. Deus sabe por que me escolheram, mas, de qualquer forma, foi o que aconteceu. Desde então, penso que provavelmente trocaram meu nome com o de outra pessoa. Três dias depois, eu estava me apresentando no escritório de Sir Joseph. Era um velho magro, com postura e bastante bonito, com cabelos grisalhos e um nariz sério, o que imediatamente me impressionou. parecia o soldado profissional perfeito, o Cavaleiro do Império, condecorado por mérito com uma placa, e poderia ser irmão gêmeo do sujeito do anúncio do De Reszke, embora na vida privada fosse presidente de uma das grandes cadeias de mercearias e famoso em todo o mundo para algo chamado Sistema Cheam para Cortes de Salários. Quando entrei, ele parou de escrever e me olhou.

– Você é um cavalheiro?

– Não, senhor.

– Ótimo. Então, talvez possamos trabalhar um pouco.

Em cerca de três minutos, ele arrancou de mim que eu não tinha experiência como secretário, não sabia taquigrafia, não podia usar uma máquina de escrever e havia trabalhado em uma mercearia por vinte e oito xelins por semana. No entanto, disse que sim, havia muitos cavalheiros neste maldito Exército, e ele estava procurando alguém que pudesse contar além de dez. Eu gostava dele e ansiava por trabalhar para ele, mas, naquele momento, os poderes misteriosos que pareciam estar comandando a guerra nos separaram novamente. Uma coisa chamada Força de Defesa da Costa Oeste estava sendo formada, ou melhor, estava sendo discutida, e havia uma vaga ideia de estabelecer depósitos de rações e outros depósitos em vários pontos ao longo da costa. Sir Joseph supostamente era o responsável pelos lixões no canto sudoeste da Inglaterra. Um dia depois de entrar em seu escritório, ele me mandou conferir as lojas em um lugar chamado Twelve Mile Dump, na costa norte da Cornualha. Ou melhor, meu trabalho era descobrir se existia alguma loja. Ninguém parecia certo sobre isso. Eu acabara de chegar lá e descobri que "as lojas" consistiam em onze latas de carne, quando um telegrama chegou do Escritório de Guerra me dizendo para cuidar das lojas no Twelve Mile Dump e permanecer lá até um novo aviso. Eu telegrafei de volta: "Não há lojas em Twelve Mile Dump". Tarde demais. No dia seguinte veio a carta oficial informando que eu era o Comandante Oficial de Twelve Mile Dump. E esse é realmente o fim da história. Permaneci Comandante Oficial de Twelve Mile Dump pelo resto da guerra.

Deus sabe do que se tratava. Não adianta me perguntar o que era a Força de Defesa da Costa Oeste ou o que deveriam fazer. Mesmo naquela época ninguém fingia saber. Em qualquer caso, não existia. Era apenas um esquema que havia flutuado

na mente de alguém, seguindo algum rumor vago de uma invasão alemã na Irlanda, suponho. E os depósitos de comida que deveriam existir ao longo da costa também eram imaginários. A coisa toda existiu por cerca de três dias, como uma espécie de bolha, e então foi esquecida, e eu fui esquecido com ela. Meus onze enlatados foram deixados para trás por alguns oficiais que estiveram lá antes em alguma outra missão misteriosa. Também abandonaram um velho muito surdo chamado soldado Lidgebird. Nunca descobri o que Lidgebird deveria estar fazendo lá. Eu me pergunto se você acreditará que eu permaneci guardando aqueles onze enlatados da metade de 1917 até o início de 1919. Provavelmente não, mas é a verdade. E, na época, nem isso parecia particularmente estranho. Em 1918, o indivíduo simplesmente perdeu o hábito de esperar que as coisas acontecessem de maneira razoável.

Uma vez por mês eles me enviavam um enorme formulário oficial solicitando que eu declarasse o número e o estado de picaretas, ferramentas de entrincheiramento, rolos de arame farpado, cobertores, lençóis impermeáveis, equipamentos de primeiros socorros, folhas de ferro corrugado, latas de ameixa e geleia de maçã sob meus cuidados. Acabei por inserir “novo” em tudo e devolvi o formulário. Nunca aconteceu nada. Em Londres, alguém estava preenchendo os formulários em silêncio, e enviando mais formulários, e preenchendo-os, e assim por diante. Era assim que as coisas estavam acontecendo. Os misteriosos chefões que comandavam a guerra haviam se esquecido da minha existência. Eu não refresquei suas memórias. Estava em um retrocesso que não levava a lugar nenhum e, depois de dois anos na França, meu patriotismo não era tão fervoroso a ponto de querer sair disso.

Era uma parte solitária da costa onde nunca se via uma alma,

exceto alguns caipiras que mal tinham ouvido falar que havia uma guerra. A quatrocentos metros de distância, descendo uma pequena colina, o mar estrondeava e subia sobre enormes planícies de areia. Nove meses do ano chovia, e nos outros três, um vento forte soprava do Atlântico. Não havia nada lá, exceto o soldado Lidgebird, eu, duas cabanas do Exército – uma delas uma cabana decente de dois cômodos onde eu habitava – e os onze enlatados de carne. Lidgebird era um velho demônio ranzinza, e eu nunca consegui tirar muito dele, exceto o fato de que ele era um agricultor antes de entrar para o Exército. Foi interessante ver como ele estava voltando rapidamente à profissão. Mesmo antes de eu chegar a Twelve Mile Dump, ele cavou um canteiro ao redor de uma das cabanas e começou a plantar batatas, no outono ele cavou outro canteiro até ter cerca de meio acre para cultivo, no início de 1918 ele começou criando galinhas que já eram bem numerosas no final do verão, e no final do ano ele arrumou repentinamente um porco, sabe Deus de onde. Acho que não passou pela cabeça dele se perguntar o que diabos estávamos fazendo lá, ou o que era a Força de Defesa da Costa Oeste, e se realmente existia. Não me surpreenderia saber que ele ainda está lá, criando porcos e batatas no local onde Twelve Mile Dump costumava ser. Eu espero que ele esteja. Boa sorte para ele.

Enquanto isso, eu estava fazendo algo que nunca tive a chance de fazer como um trabalho de tempo integral: ler.

Os oficiais que estiveram lá antes deixaram alguns livros para trás, a maioria edições baratas e quase todos eles o tipo de bobagem que as pessoas liam naquela época. Ian Hay e Sapper e as histórias de Craig Kennedy, e assim por diante. Mas, em algum momento ou outro, alguém que sabia quais livros valem

a pena ler e quais não, esteve lá. Na época, eu mesmo não sabia nada do gênero. Os únicos livros que li voluntariamente foram histórias de detetive e, de certa forma, um livro obsceno sobre sexo. Deus sabe que não sou um intelectual nem agora, mas se você me perguntasse LÁ ATRÁS o nome de um "bom" livro, eu teria respondido *The Woman Thou Gavest Me*, ou (em memória do vigário) *Sesame and Lilies*. Em qualquer caso, um "bom" livro era um livro que não se tinha a pretensão de ler. Mas lá estava eu, em um trabalho no qual havia menos do que nada para fazer, com o mar estrondoso na praia e a chuva escorrendo pelas vidraças – e toda uma fileira de livros me encarando na estante temporária que alguém havia pregado na parede da cabana. Naturalmente, comecei a lê-la de ponta a ponta, com, no início, quase tanta vontade de discriminá-los quanto um porco abrindo caminho em um balde de lixo.

Mas entre eles havia três ou quatro livros que eram diferentes dos outros. Não, você entendeu errado! Não fique com a ideia de que de repente descobri Proust ou Henry James ou alguém assim. Eu não os teria lido mesmo se tivesse. Esses livros de que estou falando não eram nem um pouco intelectuais. Mas, de vez em quando, acontece de encontrarmos um livro que está exatamente no nível mental que estamos no momento, tanto que parece ter sido escrito especialmente para nós. Um deles era *As aventuras do Sr. Polly*, de H. G. Wells, em uma edição barata que estava caindo aos pedaços. Eu me pergunto se você pode imaginar o efeito que teve sobre mim, ser criado como eu fui criado, o filho de um lojista em uma cidade do interior, e então encontrar um livro como esse. Outro era a *Sinister Street*, de Compton Mackenzie. Tinha sido o escândalo da temporada alguns anos atrás, e eu até ouvi rumores vagos sobre ele em Lower

Binfield. Outro era o *Vitória,* de Conrad. Mas livros como esse faziam pensar. E havia um número posterior de alguma revista com capa azul que trazia um conto de D. H. Lawrence nele. Não me lembro do nome dele. Era a história de um recruta alemão que empurra seu sargento-mor da borda de uma fortificação e, em seguida, sai sem avisar a ninguém e é pego no quarto de sua garota. Isso me intrigou muito. Eu não conseguia entender do que se tratava, mas ainda assim me deixou com uma vaga sensação de que gostaria de ler outros como ele.

Bem, por vários meses eu tive um apetite por livros que era quase como uma sede física. Foi a primeira leitura real que eu fiz desde meus dias de Dick Donovan. No começo, eu não tinha ideia de como começar a conseguir livros. Achei que a única maneira era comprá-los. Isso é interessante, eu acho. Mostra a diferença que a educação faz. Suponho que as crianças das classes médias, as classes médias de quinhentas libras por ano, saibam tudo sobre Mudie's e o Clube do Livro do *The Times* quando estão no berço. Um pouco depois, soube da existência de bibliotecas que emprestavam e fiz uma assinatura na Mudie's e outra em uma biblioteca em Bristol. E o quanto eu li durante o ano seguinte! Wells, Conrad, Kipling, Galsworthy, Barry Pain, W. W. Jacobs, Pett Ridge, Oliver Onions, Compton Mackenzie, H. Seton Merriman, Maurice Baring, Stephen McKenna, May Sinclair, Arnold Bennett, Anthony Hope, Elinor Glyn, O. Henry, Stephen Leacock, e até Silas Hocking e Jean Stratton Porter. Quantos nomes dessa lista você conhece? eu me pergunto. Metade dos livros que as pessoas levavam a sério naquela época estão esquecidos agora. Mas no começo engoli todos como uma baleia que se meteu em uma espicha de camarões. Apenas me deleitei com eles.

Depois de um tempo, é claro, fiquei mais intelectual e comecei a distingui-los entre imbecis e não imbecis. Eu peguei *Filhos e amantes,* de Lawrence, e meio que gostei, e me diverti muito com *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e *As novas mil e uma noites*, de Stevenson. Wells foi o autor que mais me impressionou. Li *Esther Waters*, de George Moore, e gostei, experimentei vários romances de Hardy e sempre fiquei preso no meio do caminho. Cheguei a ir a Ibsen, que me deixou com a vaga impressão de que na Noruega está sempre chovendo.

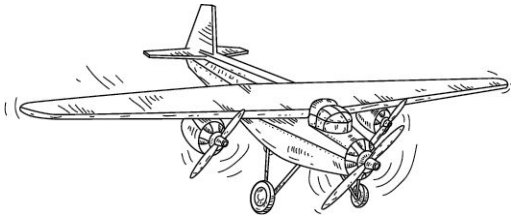
Era estranho, de verdade. Mesmo na época, isso me pareceu estranho. Eu era um oficial de segunda classe, sem quase nenhum sotaque *cockney*, e já conseguia distinguir entre Arnold Bennett e Elinor Glyn, mas apenas quatro anos antes eu cortava queijo atrás do balcão com meu avental branco e ansiava pelos dias em que seria um dono da mercearia. Se eu fizer a conta, devo admitir que a guerra me fez bem e mal. De qualquer forma, aquele ano de leitura de romances foi a única educação real, no sentido de aprender com livros, que já tive. Isso fez certas coisas em minha mente. Deu-me uma atitude, uma espécie de atitude questionadora, que provavelmente não teria se tivesse passado a vida de uma forma normal e sensata. Mas – me pergunto se você consegue entender isso – o que realmente me mudou, realmente me impressionou, não foram os livros que li, mas a horrível falta de sentido da vida que levava.

Realmente, aquela época, em 1918, era indescritivelmente sem sentido. Aqui estava eu, sentado ao lado do fogão em uma cabana do Exército, lendo romances, e, a algumas centenas de quilômetros de distância, na França, os canhões rugiam, e bandos de crianças infelizes, molhando suas calças de medo, estavam sendo empurradas para a barreira de metralhadoras,

do mesmo modo que você atiraria um pedaço de carvão em uma fornalha. Fui um dos sortudos. Os superiores haviam tirado os olhos de mim, e aqui estava eu, em um pequeno buraco confortável, recebendo pagamento por um trabalho que não existia. Às vezes, eu entrava em pânico e tentava fazer com que se lembrassem de mim e me desenterrassem, mas isso nunca aconteceu. Os formulários oficiais, em papel cinza áspero, chegavam uma vez por mês, e eu os preenchia e devolvia, e mais formulários chegavam, e os preenchia e devolvia, e assim por diante. A coisa toda tinha tanto sentido quanto o sonho de um lunático. O efeito de tudo isso, mais os livros que estava lendo, foi me deixar com um sentimento de descrença em tudo.

Eu não era o único. A guerra estava cheia de pontas soltas e cantos esquecidos. Nessa época, milhões de pessoas estavam presas em locais isolados de um tipo e de outro. Exércitos inteiros apodreciam em frentes cujos nomes as pessoas haviam esquecido. Havia ministérios enormes com hordas de funcionários e datilógrafos, todos tirando duas libras por semana ou mais para empilhar montes de papel. Além disso, sabiam perfeitamente que tudo o que faziam era empilhar montes de papel. Ninguém acreditava mais nas histórias de atrocidade e nas coisas da pequena Bélgica galante. Os soldados achavam que os alemães eram bons sujeitos e odiavam os franceses como a um veneno. Cada oficial subalterno considerava os membros do Estado-Maior Geral deficientes mentais. Uma espécie de onda de descrença estava se espalhando pela Inglaterra e chegou até Twelve Mile Dump. Seria um exagero dizer que a guerra transformou as pessoas em intelectuais, mas, naquele momento, os transformou em niilistas. Pessoas que normalmente teriam passado a vida com

tanta tendência a pensar por si mesmas quanto um pudim seboso foram transformadas em bolcheviques apenas com a guerra. O que eu seria agora se não fosse pela guerra? Não sei, mas algo diferente do que sou. Se a guerra não matou você, certamente fez com que começasse a pensar. Depois daquela confusão idiota indescritível, não seria possível continuar considerando a sociedade como algo eterno e inquestionável, como uma pirâmide. Você sabia que era apenas uma confusão.



CAPÍTULO 9

A guerra me tirou da velha vida que eu conhecia, mas, no período estranho que se seguiu, eu a esqueci quase completamente.

Sei que, de certo modo, nunca se esquece de nada. Você se lembra daquele pedaço de casca de laranja que viu na sarjeta há treze anos e daquele cartaz colorido de Gim Torquay que, uma vez, você viu na sala de espera de uma ferrovia. Mas estou falando de um tipo diferente de lembrança. Em certo sentido, lembrei-me da antiga vida em Lower Binfield. Lembrei-me da minha vara de pescar e do cheiro de sanfeno e de mamãe atrás do bule marrom e de Jackie, a dom-fafe, e do cocho de cavalos na praça do mercado. Mas nada disso ficou vivo em minha mente por muito tempo. Era algo muito distante, algo que eu concluí. Nunca teria me ocorrido que algum dia eu poderia querer voltar a essa época.

Foi uma época estranha, aqueles anos logo após a guerra, quase mais estranha do que a própria guerra, embora as pessoas não se lembrem disso tão vividamente. De uma forma bastante diferente, a sensação de descrença em tudo era mais forte do que nunca. Milhões de homens foram repentinamente expulsos do Exército para descobrir que o país pelo qual lutaram não os queria, e Lloyd George e seus amigos estavam dando trabalho a qualquer ilusão que ainda existisse. Bandos de ex-militares marchavam para cima e para baixo sacudindo

caixas de esmola, mulheres mascaradas cantavam nas ruas e colegas em túnicas de oficiais tocavam realejo. Todos na Inglaterra pareciam estar lutando por empregos, inclusive eu. Mas eu tive mais sorte do que a maioria. Recebi uma pequena gratificação pelo ferimento e, com isso e o pouco de dinheiro que guardei durante o último ano de guerra (não tendo tido muitas oportunidades de gastá-lo), saí do Exército com nada menos do que trezentos e cinquenta libras. É bastante interessante, eu acho, notar minha reação. Aqui estava eu, com dinheiro suficiente para fazer o que fui criado para fazer e o que sonhei por anos, ou seja, abrir uma loja. Eu tinha capital suficiente. Se você esperar e mantiver os olhos abertos, poderá encontrar pequenos negócios muito bons por trezentas e cinquenta libras. E, no entanto, se acreditar em mim, a ideia nunca me ocorreu. Não só não fiz qualquer movimento para abrir uma loja, mas só anos depois, por volta de 1925 na verdade, que me passou pela cabeça que poderia ter feito isso. O fato é que eu havia saído da órbita do comércio. Foi isso que o Exército fez comigo. Transformou-me em um cavalheiro de imitação e me deu uma ideia fixa de que sempre haveria um pouco de dinheiro vindo de algum lugar. Se a pessoa tivesse me sugerido, em 1919, que eu deveria abrir uma loja – uma tabacaria e doceria, digamos, ou um armazém em alguma aldeia esquecida por Deus –, eu teria rido. Eu usava emblemas no ombro e meu padrão social havia aumentado. Ao mesmo tempo, não compartilhava da ilusão, bastante comum entre os ex-oficiais, de que poderia passar o resto da vida bebendo gim rosa. Eu sabia que precisava de um emprego. E o trabalho, é claro, seria “nos negócios” – exatamente que tipo de trabalho eu não sabia, mas algo com prestígio e importância, algo com carro, telefone e, se possível, uma secretária com permanente nos cabelos. Durante o último ano de guerra, muitos de nós

tivemos visões como essa. O cara que tinha sido um vendedor ambulante se via como um caixeiro-viajante, e o cara que tinha sido um caixeiro-viajante se via como diretor administrativo. Era o efeito da vida no Exército, o efeito de usar emblemas, ter um talão de cheques e chamar a refeição da noite de jantar. O tempo todo havia uma ideia circulando – e isso se aplicava aos homens de patente, bem como aos oficiais – de que, quando saíssemos do Exército, haveria empregos esperando por nós que trariam pelo menos tanto quanto o Exército paga. Claro, se ideias como essa não circulassem, nenhuma guerra seria travada.

Bem, eu não consegui esse trabalho. Parecia que ninguém estava ansioso para me pagar duas mil libras por ano para sentar-me junto a mobília de escritório simplificada e ditar cartas para uma loira platinada. Eu estava descobrindo o que três quartos dos caras que haviam sido oficiais estavam descobrindo – que, do ponto de vista financeiro, estávamos melhor no Exército do que provavelmente estaríamos novamente. Tínhamos subitamente mudado de cavalheiros que mantinham o posto em nome de Sua Majestade para miseráveis desempregados que ninguém queria. Minhas ideias logo caíram de duas mil por ano para três ou quatro libras por semana. Mas mesmo os empregos do tipo três ou quatro libras por semana pareciam não existir. Todo trabalho de reles mortais já estava preenchido, ou por homens que eram alguns anos velhos demais para lutar ou por garotos que eram alguns meses jovens demais. Os pobres coitados que nasceram entre 1890 e 1900 foram deixados de fora. E ainda assim nunca me ocorreu voltar ao negócio de mercearia. Provavelmente eu poderia ter conseguido um emprego como assistente de mercearia; o velho Grimmett, se ainda estivesse vivo e nos

negócios (eu não estava em contato com Lower Binfield e não sabia), teria me dado boas referências. Mas passei para uma órbita diferente. Mesmo que minhas ideias sociais não tivessem surgido, eu dificilmente poderia imaginar, depois do que vi e aprendi, voltar à velha existência segura atrás do balcão. Eu queria estar viajando e ganhando muito dinheiro. Queria principalmente ser caixeiro-viajante, o que eu sabia que me serviria.

Mas não havia empregos para caixeiros-viajantes, ou seja, empregos com salário vinculado. O que havia, no entanto, eram trabalhos por comissão. Essa agitação estava apenas começando em grande escala. É um método lindamente simples de aumentar suas vendas e anunciar seus produtos sem correr riscos, e ele sempre floresce em tempos difíceis. Eles o mantêm sob controle, sugerindo que talvez haja um emprego assalariado em três meses, e, quando você fica farto, sempre há algum outro pobre-diabo pronto para assumir. Claro, não demorou muito para que eu tivesse um trabalho comissionado; na verdade, tive um bom número em rápida sucessão. Graças a Deus, nunca cheguei a vender aspiradores de pó ou dicionários. Mas viajei com talheres, sabão em pó, com uma linha de saca-rolhas, abridores de lata e dispositivos semelhantes e, finalmente, com uma linha de acessórios de escritório – clipes de papel, papel carbono, fitas de máquina de escrever, e assim por diante. Também não me saí tão mal. Sou do tipo que CONSEGUE vender coisas por comissão. Tenho disposição e maneiras. Mas nunca cheguei perto de ter uma vida decente. Você não consegue, em empregos como esse – e, claro, você não foi feito para isso.

Fiquei cerca de um ano nisso. Foi uma época estranha. As viagens pelo país, os lugares sem Deus que busquei, os

subúrbios das cidades do interior que nunca se ouviria falar em uma centena de vidas comuns. As horríveis pousadas onde os lençóis sempre cheiram levemente a restos e o ovo frito no café da manhã tem uma gema mais clara que limão. E os outros pobres-diabos dos vendedores que sempre se encontra, pais de família de meia-idade em sobretudos roídos pelas traças e chapéus-coco, que honestamente acreditam que mais cedo ou mais tarde o comércio vai ter uma reviravolta e eles aumentarão seus ganhos em até cinco libras por semana. E as perambulações de loja em loja, e as discussões com lojistas que não querem ouvir, e dar um passo atrás e se encolher quando um cliente chega. Não pense que isso me preocupava especialmente. Para alguns sujeitos, esse tipo de vida é uma tortura. Há sujeitos que não conseguem nem entrar em uma loja e abrir a sacola de amostras sem trocar os pés pelas mãos, como se estivessem exagerando. Mas não sou assim. Sou durão, posso convencer as pessoas a comprar coisas que não querem e, mesmo que batam a porta na minha cara, isso não me incomoda. Vender coisas por comissão é o que gosto de fazer, desde que eu consiga ver como ganhar um pouco de dinheiro com isso. Não sei se aprendi muito naquele ano, mas desaprendi muito. Aquilo me tirou as bobagens do Exército, e as noções que adquiri durante o ano ocioso, quando estava lendo romances, foram enfiadas no fundo da minha cabeça. Acho que não li um único livro, exceto histórias de detetive, o tempo todo em que estive na estrada. Não era mais um intelectual. Eu estava mergulhado nas realidades da vida moderna. E quais são as realidades da vida moderna? Bem, o principal é uma luta frenética e eterna para vender coisas. Para a maioria das pessoas, isso assume a forma de se vender – ou seja, conseguir um emprego e mantê-lo. Suponho que não tenha havido um único mês desde a guerra, em qualquer

profissão que você queira citar, em que não houvesse mais homens do que empregos. Isso trazia um sentimento peculiar e horrível à vida. É como um navio afundando quando há dezenove sobreviventes e catorze salva-vidas. Mas haverá algo de especialmente moderno nisso?, você pergunta. Tem alguma coisa a ver com a guerra? Bem, parece que sim. Aquela sensação de que você tem que estar lutando e se esforçando eternamente, que você nunca conseguirá nada – a menos que você pegue de outra pessoa –, que sempre há alguém atrás do seu trabalho, no próximo mês ou no mês seguinte, eles estarão reduzindo o pessoal e é você quem vai pagar o pato – ISSO, eu juro, não existia na velha vida antes da guerra.

Mas, enquanto isso, eu não estava me saindo mal. Estava ganhando um pouco e ainda tinha muito dinheiro no banco, quase duzentas libras, e não tinha medo do futuro. Sabia que mais cedo ou mais tarde conseguiria um emprego regular. E, com certeza, depois de cerca de um ano, por um golpe de sorte, aconteceu. Digo por um golpe de sorte, mas o fato é que estava fadado a me prejudicar. Não sou do tipo que morre de fome. Tenho a mesma probabilidade de acabar no abrigo que na Câmara dos Lordes. Sou do tipo mediano, do tipo que gravita por uma espécie de lei natural em direção ao nível de cinco libras por semana. Contanto que haja qualquer emprego, eu me virarei para conseguir um.

Aconteceu quando eu vendia clipes de papel e fitas de máquina de escrever. Eu tinha acabado de entrar em um enorme conjunto de escritórios na Fleet Street, na verdade, um prédio no qual os ambulantes não podiam entrar, mas consegui dar ao atendente do elevador a impressão de que minha bolsa de amostras era apenas uma pasta de documentos. Eu estava andando por um dos corredores, procurando os escritórios de

uma firma de pasta de dente que me recomendaram, quando vi que um bambambã estava vindo pelo corredor na outra direção. Soube imediatamente que era um figurão. Sabe como são esses grandes empresários, parecem ocupar mais espaço e andar mais ruidosamente do que qualquer pessoa comum e emitem uma espécie de onda de dinheiro que você pode sentir a cinquenta metros de distância. Quando se aproximou de mim, vi que era Sir Joseph Cheam. Ele estava em roupas civis, claro, mas não tive dificuldade em reconhecê-lo. Suponho que estava lá para alguma conferência de negócios ou algo assim. Alguns funcionários, secretários ou algo assim, estavam andando atrás dele, na verdade não seguravam a cauda da túnica porque não estava usando uma, mas de alguma forma dava para sentir que era isso que estavam fazendo. É claro que me esquivei imediatamente. Mas, curiosamente, ele me reconheceu, embora não me visse havia anos. Para minha surpresa, parou e falou comigo.

– Ei, você! Já vi você em algum lugar antes. Qual é o seu nome? Está na ponta da língua.

– Bowling, senhor. Estava no Corpo de Exército.

– Claro. O rapaz que disse que não era um cavalheiro. O que está fazendo aqui?

Eu poderia ter dito a ele que estava vendendo fitas de máquina de escrever, e aí talvez tudo tivesse terminado. Mas eu tive uma daquelas inspirações repentinas que temos às vezes – a sensação de que eu poderia fazer algo se eu lidasse com isso da maneira adequada. Então, eu disse:

– Bem, senhor, na verdade estou procurando um emprego.

– Um trabalho, hein? Hum. Hoje em dia não está tão fácil.

Ele me olhou de cima a baixo por um segundo. Os dois carregadores de cauda tinham meio que se afastado um pouco. Vi seu velho rosto bastante bonito, com sobrancelhas grossas e grisalhas e nariz inteligente, olhando para mim e percebi que ele decidira me ajudar. É esquisito o poder desses homens ricos. Ele estava marchando por mim em seu poder e glória, com seus subordinados atrás dele, e então, por um capricho ou outro, ele se virou como um imperador, de repente jogando uma moeda para um mendigo.

– Então, você quer um emprego? O que você sabe fazer?

Mais uma vez a inspiração. Não adianta, com um cara como esse, mentir sobre seus próprios méritos. Atenha-se à verdade. Eu disse:

– Nada, senhor. Mas quero um emprego como caixeiro-viajante.

– Caixeiro-viajante? Hum. Não tenho certeza se tenho algo para você no momento. Vamos analisar.

Ele franziu os lábios. Por um momento, talvez meio minuto, ele estava pensando profundamente. Foi curioso. Mesmo na hora percebi que era curioso. Esse velho importante, que provavelmente valia, pelo menos, meio milhão, estava realmente pensando em meu nome. Eu o desviei de seu caminho e desperdicei pelo menos três minutos de seu tempo, tudo por causa de um comentário casual que fiz anos antes. Fiquei preso em sua lembrança e ele estava disposto a se dar ao trabalho que fosse necessário para encontrar um emprego para mim. Ouso dizer que, no mesmo dia, ele despediu vinte contínuos. Por fim, ele disse:

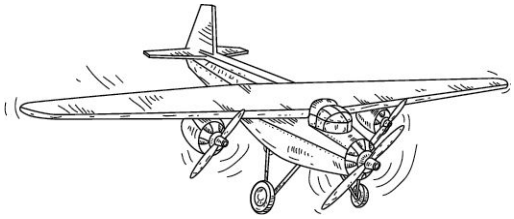
– Você gostaria de entrar em uma seguradora? Sempre bastante seguro, você sabe. As pessoas precisam ter seguro,

assim como precisam comer.

É claro que tive a ideia de entrar em uma seguradora. Sir Joseph estava "interessado" na Flying Salamander. Só Deus sabe em quantas empresas estava "interessado". Um dos subordinados avançou com um bloco de anotações e, naquele momento, com a caneta de ouro tirada do bolso do colete, Sir Joseph rabiscou-me uma nota para algum superior na Flying Salamander. Agradeci, e ele continuou marchando, e eu me esgueirei na outra direção, e nunca mais nos vimos.

Bem, consegui o emprego e, como disse antes, o emprego me pegou. Estou com a Flying Salamander há quase dezoito anos. Comecei no escritório, mas agora sou o que se chama de inspetor ou, quando há razão para parecer especialmente impressionante, de representante. Alguns dias por semana trabalho no escritório do distrito, e no restante do tempo estou viajando, entrevistando clientes cujos nomes foram enviados pelos agentes locais, fazendo avaliações de lojas e outras propriedades e, aqui e ali, abocanhando alguns pedidos por minha conta. Ganho cerca de sete libras por semana. E, propriamente falando, esse é o fim da minha história.

Quando olho para trás, percebo que minha vida ativa, se é que alguma vez tive uma, acabou quando eu tinha 16 anos. Tudo o que realmente importa para mim aconteceu antes dessa data. Mas, por assim dizer, as coisas ainda estavam acontecendo – a guerra, por exemplo – até o momento em que consegui o trabalho na Flying Salamander. Depois disso… bem, dizem que pessoas felizes não têm histórias, nem os caras que trabalham em seguradoras. Daquele dia em diante não havia nada na minha vida que você pudesse descrever adequadamente como um evento, exceto que cerca de dois anos e meio depois, no início de 1923, eu me casei.



CAPÍTULO 10

Eu estava morando em uma pensão em Ealing. Os anos estavam passando ou se arrastando. Lower Binfield havia quase desaparecido da minha memória. Eu era o jovem trabalhador de sempre, que corre para pegar o trem de 8h15 e cobiça o trabalho de outro sujeito. Era muito bem conceituado na empresa e estava muito satisfeito com a vida. A onda do sucesso do pós-guerra me pegou, mais ou menos. Você se lembra da linha de conversa. Energia, garra, valor e coragem. Embarque ou saia. Há muito espaço no topo. Não se mantém um bom homem por baixo. E os anúncios nas revistas sobre o sujeito que ganhou tapinhas no ombro do chefe, e o executivo de queixo pontudo que estava fazendo grana e atribuiu seu sucesso ao curso por correspondência de fulano de tal. É engraçado como todos nós engolimos isso, até caras como eu, para quem essas coisas não tinham o menor apelo. Porque não sou nem um empreendedor nem um fracassado e sou, por natureza, incapaz de sê-lo. Mas era o espírito da época. Junte-se a nós! Faça bem! Se você vir um homem caído, pule na barriga dele antes que se levante novamente. É claro que isso foi no início dos anos 1920, quando alguns dos efeitos da guerra haviam passado e a crise ainda não havia chegado para nos derrubar.

Eu tinha uma assinatura ‘A’ na Boots, ia a bailes de meia-coroa e pertencia a um clube de tênis local. Você conhece

aqueles clubes de tênis nos subúrbios requintados – pequenos pavilhões de madeira e cercados de rede de arame altos, onde jovens rapazes em flanelas brancas mal cortadas pulam para cima e para baixo, gritando "Quinze e quarenta!" e "Vantagem!" em vozes que são uma imitação tolerável da classe alta.

Aprendi a jogar tênis, não dançava muito mal e me dava bem com as garotas. Com quase 30 anos, eu não era um sujeito feio, com meu rosto vermelho e cabelos cor de manteiga, e naquela época ainda era um ponto a favor ter lutado na guerra. Nunca, nem naquela época, nem em qualquer outro momento, consegui parecer um cavalheiro, mas, por outro lado, provavelmente não se teria me considerado um filho de um pequeno comerciante de uma cidade do interior. Eu consegui me manter na sociedade um tanto mesclada em um lugar como Ealing, onde a classe dos empregados de escritório se sobrepõe à classe dos profissionais medianos. Foi no clube de tênis que conheci Hilda.

Naquela época, Hilda tinha 24 anos. Era uma garota pequena, magra, um tanto tímida, com cabelos escuros, belos movimentos e – por ter olhos muito grandes – com uma nítida semelhança a uma lebre. Era daquelas pessoas que nunca falam muito, mas ficam perto de qualquer conversa que esteja acontecendo e dão a impressão de que estão ouvindo. Se ela dissesse alguma coisa, geralmente seria "Ah, sim, também acho", concordando com quem falara por último. No tênis, pulava muito graciosamente e não jogava mal, mas de alguma forma tinha um ar infantil e impotente. Seu sobrenome era Vincent.

Se você é casado, haverá momentos em que você diz a si mesmo "Por que diabos eu fiz isso?" e Deus sabe que já disse

isso muitas vezes sobre Hilda. E, mais uma vez, olhando o matrimônio ao longo de quinze anos, me questiono por que me casei com a Hilda.

Em parte, é claro, porque ela era jovem e, de algum modo, muito bonita. Além disso, só posso dizer que, como ela veio de origens totalmente diferentes de mim, era muito difícil entender como ela realmente era. Tive que me casar com ela primeiro e descobrir sobre ela depois, ao passo que, se eu tivesse me casado, digamos, com Elsie Waters, eu saberia com quem estava me casando. Hilda pertencia a uma classe que só conhecia por ouvir dizer, a classe dos militares pobres. Por gerações anteriores, sua família tinha sido de soldados, marinheiros, clérigos, funcionários anglo-indianos e esse tipo de coisa. Nunca tiveram dinheiro, mas, por outro lado, nenhum deles jamais fizera nada que eu devesse reconhecer como trabalho. Diga o que quiser, há uma espécie de apelo esnobe nisso, se você pertence, como eu, à classe de lojistas tementes a Deus, à classe baixa da igreja e à classe do chá da tarde. Não teria nenhuma impressão de mim agora, mas teve naquela época. Não se engane com o que estou dizendo. Não quero dizer que me casei com a Hilda PORQUE ela pertencia à mesma classe que eu havia servido do outro lado do balcão com uma ideia de como subir na escala social. Acontece que eu não conseguia entendê-la e, portanto, fui capaz de ficar bobo com ela. E uma coisa que eu certamente não entendia é que as garotas dessas famílias de classe média sem um tostão casam-se com qualquer coisa que use calças apenas para fugir de casa.

Não demorou muito para que Hilda me levasse para sua casa para conhecer sua família. Eu não sabia, até então, que havia uma considerável colônia anglo-indiana em Ealing. Foi como

descobrir um novo mundo! Foi uma grande revelação para mim.

Você conhece essas famílias anglo-indianas? É quase impossível, ao entrar na casa dessas pessoas, lembrar que, lá fora, estão na Inglaterra do século XX. Assim que se passa pela soleira, você entra na Índia dos anos 1880. Você conhece o tipo de atmosfera. Os móveis de teca entalhada, as bandejas de latão, os crânios de tigre empoeirados na parede, os charutos de Trichinopoly, os picles picantes, as fotografias amarelas de caras com chapéus de safári, as palavras em hindustâni cujo significado se espera que conheçamos, as anedotas eternas sobre caça a tigres e o que Smith disse a Jones em Poona, em 1887. É uma espécie de pequeno mundo próprio que criaram, como uma espécie de cisto. Para mim, é claro, tudo era muito novo e, de certa forma, bastante interessante. O velho Vincent, pai de Hilda, não estivera apenas na Índia, mas também em algum lugar ainda mais estranho, Bornéu ou Sarauaque, não me lembro. Era um tipo normal, completamente careca, quase invisível por trás do bigode e cheio de histórias sobre cobras, faixas na cintura e o que o administrador distrital disse em 1893. Também havia um filho, Harold, que tinha algum cargo oficial no Ceilão e estava em férias na casa quando conheci Hilda. Tinham uma casinha escura em uma daquelas travessas escondidas que existem em Ealing.

Cheirava o tempo todo a chifre de charutos de Trichinopoly e era tão cheio de lanças, cachimbos, ornamentos de latão e cabeças de animais selvagens que mal era possível se mover dentro delas.

O velho Vincent aposentou-se em 1910 e, desde então, ele e a esposa mostraram tanta atividade, mental ou física, quanto

um casal de moluscos. Mas, na época, fiquei vagamente impressionado com uma família que tinha majores, coronéis e uma vez até um almirante. Minha atitude em relação aos Vincents, e a deles em relação a mim, é uma ilustração interessante de como as pessoas podem ser tolas quando saem do próprio ambiente. Coloque-me entre os executivos – sejam eles diretores de empresas ou caixeiros-viajantes – e sou um bom juiz de caráter. Mas não tinha nenhuma experiência com a classe de oficiais-arrendatários-clérigos e estava inclinado a obedecer a esses exilados decadentes. Eu os via como meus superiores sociais e intelectuais, enquanto, por outro lado, me confundiam com um jovem empresário em ascensão que em pouco tempo estaria ganhando muito dinheiro. Para pessoas desse tipo, "negócios", seja seguro marítimo, seja venda de amendoim, é apenas um mistério obscuro. Tudo o que sabem é que é algo bastante comum com o qual é possível ganhar dinheiro. O velho Vincent costumava falar de maneira impressionante sobre eu estar "no negócio" – uma vez, eu me lembro, ele cometeu um lapso e disse "no comércio" – e obviamente não percebeu a diferença entre estar no negócio como um empregado e estar lá por conta própria. Tinha uma vaga noção de que, como eu estava "na" Flying Salamander, mais cedo ou mais tarde deveria chegar ao topo dela, por meio de um processo de promoção. Acredito ser possível que ele também tivesse imagens mentais dele mesmo me pedindo cinco libras em algum momento no futuro. Harold certamente tinha. Consegui ver isso nos olhos dele. Na verdade, mesmo com minha renda sendo o que é, provavelmente estaria emprestando dinheiro a Harold neste momento se ele estivesse vivo. Felizmente, ele morreu alguns anos depois de nos casarmos, de doença intestinal ou algo assim, e os dois velhos Vincents também morreram.

Bem, Hilda e eu somos casados, e desde o início foi um fracasso. Por que você se casou com ela?, você pergunta. Mas por que você se casou com a sua esposa? Essas coisas acontecem conosco. Eu me pergunto se você vai acreditar que, durante os primeiros dois ou três anos, pensei seriamente em matar Hilda. Claro que, na prática, nunca se faz essas coisas, são apenas um tipo de fantasia na qual gostamos de pensar. Além disso, caras que matam as esposas sempre são pegos. Por mais habilmente que você tenha falsificado o álibi, eles sabem muito bem que foi você quem fez isso e, de alguma forma, vão culpá-lo. Quando uma mulher é morta, seu marido é sempre o primeiro suspeito – o que dá uma pequena ideia do que as pessoas realmente pensam sobre o casamento.

Com o tempo, a gente se acostuma com tudo. Depois de um ou dois anos, parei de querer matá-la e comecei a me questionar sobre ela. Apenas me questionar. Por horas, às vezes, nas tardes de domingo ou à noite, quando volto do trabalho, fico deitado na cama completamente vestido, mas sem sapatos, pensando nas mulheres. Por que são assim, como ficam assim, se estão fazendo isso de propósito. Parece ser a coisa mais assustadora a rapidez com que algumas mulheres se despedaçam depois de casadas. É como se estivessem destinadas a fazer exatamente aquela coisa e, no instante em que o fazem, murcham como uma flor que lança sua semente. O que realmente me desanima é a atitude sombria em relação à vida que isso implica. Se o casamento fosse apenas uma fraude aberta – se a mulher o prendesse nele e depois se virasse e dissesse: “Agora, desgraçado, peguei você, e você vai trabalhar para mim enquanto eu me divirto!”, eu não me importaria tanto. Mas não é assim. Elas não querem se divertir, apenas querem chegar à meia-idade o mais rápido possível.

Após a batalha terrível para levar o homem ao altar, a mulher meio que relaxa, e toda a sua juventude, aparência, energia e alegria de vida simplesmente desaparecem da noite para o dia.

Foi assim com Hilda. Ali estava a garota bonita e delicada, que parecia para mim – e na verdade quando eu a conheci ela ERA – um tipo de animal mais refinado que eu e, em apenas cerca de três anos, ela virou uma mulher deprimida, sem vida e desleixada de meia-idade. Não estou negando que, em parte, fui uma das causas. Mas, com quem quer tivesse se casado, seria a mesma coisa.

O que falta à Hilda – descobri isso cerca de uma semana depois de nos casarmos – é qualquer tipo de alegria na vida, qualquer tipo de interesse pelas coisas por si só. A ideia de fazer as coisas porque se gosta delas é algo que ela mal consegue entender. Foi com Hilda que tive pela primeira vez uma noção de como são realmente essas famílias decadentes de classe média. O fato essencial sobre elas é que toda a sua vitalidade foi drenada por falta de dinheiro. Em famílias como essa, que vivem com pequenas pensões e rendimentos, ou seja, rendas que nunca aumentam e geralmente ficam menores, há mais sensação de pobreza, mais migalhas comidas e uma segunda olhada em lojas baratas do que você encontraria na família de qualquer trabalhador rural, muito menos em uma família como a minha. Hilda sempre me disse que quase a primeira coisa de que consegue se lembrar é uma sensação horrível de que nunca havia dinheiro suficiente para nada. É claro que, nesse tipo de família, a falta de dinheiro é sempre pior quando as crianças estão em idade escolar. Consequentemente, elas crescem, especialmente as meninas, com uma ideia fixa de que não apenas sempre se ESTÁ sem dinheiro, mas que é dever ser infeliz por causa disso.

No início, morávamos em uma casinha pequena e precisávamos sobreviver com meu salário. Mais tarde, quando fui transferido para a filial de West Bletchley, as coisas melhoraram, mas a atitude de Hilda não mudou. Sempre tão sombria quanto ao dinheiro! A conta do leite! A conta do carvão! O aluguel! As taxas escolares! Vivemos toda a nossa vida juntos ao som de "Na próxima semana estaremos no abrigo". Não é que Hilda seja má, no sentido comum da palavra, e muito menos que seja egoísta. Mesmo quando acontece de haver um pouco de dinheiro sobrando, dificilmente consigo persuadi-la a comprar roupas decentes. Mas ela tem a sensação de que você PRECISA estar perpetuamente enlouquecendo por causa da falta de dinheiro. Apenas criando uma atmosfera de sofrimento por um senso de dever. Não sou assim. Tenho mais a atitude do proletário em relação ao dinheiro. A vida está aqui para ser vivida, e, se vamos viver de sopa na próxima semana, bem, a próxima semana ainda está muito longe. O que realmente a choca é o fato de que me recuso a me preocupar. Ela sempre implica com isso. "Mas, George! Você parece não PERCEBER! Simplesmente não temos dinheiro nenhum! Isso é muito SÉRIO!" Ela adora entrar em pânico porque alguma coisa é "séria". E, ultimamente, ela faz aquele truque, quando ela está melancólica com alguma coisa, meio que encolhe os ombros e cruza os braços sobre o peito. Se você fizesse uma lista das observações de Hilda ao longo do dia, encontraria três no topo: "Não podemos pagar", "É uma grande economia" e "Não sei de onde vamos tirar dinheiro". Ela faz tudo por motivos negativos. Quando faz um bolo, não está pensando no bolo, apenas em como economizar manteiga e ovos. Quando estou na cama com ela, só pensa em como evitar um filho. Se vai ao cinema, fica o tempo todo se contorcendo de indignação com o

preço dos ingressos. Seus métodos de cuidar da casa, com toda a ênfase em "usar até o fim" e "fazer as coisas funcionar", teriam causado convulsões em mamãe. Por outro lado, Hilda não é nem um pouco esnobe. Nunca me desprezou porque não sou um cavalheiro. Pelo contrário, do ponto de vista dela, sou muito nobre em meus hábitos. Nunca fazemos uma refeição em uma casa de chá sem uma discussão assustadora em sussurros, porque estou dando gorjeta demais à garçonete. E é curioso que, nos últimos anos, ela definitivamente tenha se tornado muito mais uma mulher de classe média baixa, em perspectiva e até em aparência, do que eu. É claro que todo esse negócio de "economia" nunca levou a nada. Isso nunca acontece. Vivemos tão bem ou tão mal quanto as outras pessoas na Ellesmere Road. Mas a confusão eterna sobre as contas do gás e do leite e o preço horrível da manteiga, das botas das crianças e das mensalidades escolares não para. É uma espécie de jogo com Hilda.

Mudamo-nos para West Bletchley em 1929 e começamos a comprar a casa na Ellesmere Road no ano seguinte, um pouco antes de Billy nascer. Depois que me tornei inspetor, fiquei mais longe de casa e tive mais oportunidades com outras mulheres. Claro que fui infiel – não vou dizer o tempo todo, mas sempre que tive a chance. Curiosamente, Hilda ficou com ciúmes. De certa forma, considerando o quanto esse tipo de coisa significa pouco para ela, eu não esperava que ela se importasse. E, como todas as mulheres ciumentas, ela às vezes mostra uma astúcia que não se pensaria que ela fosse capaz. Algumas vezes, a maneira como ela me pegou teria me feito acreditar em telepatia, se não fosse por ela ter desconfiado tantas vezes quando eu não era culpado. Estou mais ou menos permanentemente sob suspeita, porém, Deus

sabe, nos últimos anos – nos últimos cinco anos, pelo menos – fui bastante inocente. É preciso ser, quando se está tão gordo quanto eu.

No geral, suponho que Hilda e eu não nos damos pior do que metade dos casais na Ellesmere Road. Houve momentos em que pensei em separação ou divórcio, mas em nossa vida não se fazem essas coisas. Não se pode dar-se ao luxo. E então o tempo passa, e você desiste de lutar. Quando se vive com uma mulher há quinze anos, é difícil imaginar a vida sem ela. Ela é parte da ordem das coisas. Ouso dizer que é possível encontrar coisas para se contestar no sol e na lua, mas você realmente deseja mudá-los? Além disso, havia as crianças. As crianças são um "elo", como dizem. Ou um "nó". Para não dizer uma bola e um grilhão.

Nos últimos anos, Hilda fez duas grandes amigas chamadas senhora Wheeler e senhorita Minns. A senhora Wheeler é viúva, e acho que ela cultiva ideias muito amargas sobre o sexo masculino. Posso senti-la tremendo de desaprovação quando entro no cômodo. Ela é uma mulherzinha desbotada, que dá a curiosa impressão de ser toda da mesma cor, uma espécie de cor cinza poeirenta, mas cheia de energia. É uma má influência para Hilda, porque tem a mesma paixão por "poupar" e "fazer as coisas durar", embora de uma forma ligeiramente diferente. Ela pensa que você pode ter momentos bons sem pagar por isso. Está sempre procurando pechinchas e cupons. Com pessoas assim, não importa se você quer algo ou não, é apenas uma questão de saber se elas podem consegui-lo por um preço barato. Quando as grandes lojas fazem seus saldões, a senhora Wheeler está sempre à frente da fila, e é seu maior orgulho, depois de um dia de luta árdua no balcão, sair sem ter comprado nada. A senhorita Minns é um tipo bem

diferente. É realmente um caso triste, a pobre senhorita Minns. É uma mulher alta e magra de cerca de 38 anos, com cabelo muito preto e brilhante e um tipo de rosto confiante muito BOM. Vive com algum tipo de renda fixa minúscula, pecúlio ou algo assim, e imagino que seja o que resta da velha sociedade de West Bletchley, quando era uma pequena cidade do interior, antes de o subúrbio crescer. Dá para ler no corpo inteiro dela que seu pai era um clérigo e que pegou pesado com ela enquanto vivia. Elas são um subproduto especial da classe média, essas mulheres se transformam em bolsas murchas antes mesmo de conseguirem escapar de casa. Coitada da senhorita Minns, parece mesmo uma criança, mesmo com todas as rugas. Para ela, ainda é uma grande aventura não ir à igreja. Está sempre balbuciando sobre "progresso moderno" e "movimento da mulher", e ela tem um desejo vago de fazer algo que chama de "desenvolver sua mente", mas não sabe bem como começar. Acho que o começo da amizade com Hilda e a senhora Wheeler fora por pura solidão, mas agora as duas a levam a tiracolo aonde vão.

E os momentos que passam juntas, aquelas três! Às vezes, quase as invejo. A senhora Wheeler é o espírito de liderança. Era impossível citar um tipo de idiotice para a qual ela não as arrastou uma vez ou outra. Qualquer coisa, de teosofia a cama de gato, desde que você possa fazer isso de forma barata. Durante meses, elas se dedicaram ao negócio de economia gastronômica. A senhora Wheeler pegou um exemplar de segunda mão de um livro chamado *Radiant Energy*, que provava que você deveria viver de alfaces e outras coisas que não custam dinheiro. Claro que isso atraiu Hilda, que imediatamente começou a passar fome. Quis tentar comigo e com as crianças também, mas eu bati o pé. Então, elas

tentaram a cura pela fé. Pensaram em lidar com o pelmanismo, mas, depois de muita troca de cartas, descobriram que não conseguiam obter os livretos de graça, o que fora ideia da senhora Wheeler. Depois, foi a culinária da caixa de feno. Depois, foi uma coisa nojenta chamada vinho de abelha, que não custava nada porque era feito de água. Abandonaram-no depois de ler um artigo no jornal dizendo que o vinho de abelha causa câncer. Aí quase se juntaram a um daqueles clubes femininos que realizam passeios por fábricas, mas, depois de muita aritmética, a senhora Wheeler decidiu que os chás gratuitos que as fábricas davam não compensavam a inscrição nesses passeios. Então, a senhora Wheeler acabou conhecendo alguém que distribuía ingressos grátis para peças produzidas por uma ou outra companhia de teatro. Eu sei que as três ficam sentadas por horas ouvindo alguma peça intelectual da qual elas nem fingem entender uma palavra – nem sequer conseguem dizer o nome da peça depois –, mas elas sentem que estão obtendo algo de graça. Uma vez até começaram a adotar o espiritualismo. A senhora Wheeler havia encontrado um médium fracassado que estava tão desesperado que faria sessões por dezoito pence para que as três pudessem ter um vislumbre do além por um tostão por vez. Eu o vi uma vez, quando ele veio fazer uma sessão em nossa casa. Era um velho demônio de aparência decadente e, obviamente, com tremores mortais por abstinência. Estava tão trêmulo que, ao tirar o sobretudo no corredor, teve uma espécie de espasmo, e um pedaço de gaze de musselina caiu da perna da calça. Consegui empurrar de volta para ele antes que as mulheres vissem. Gaze de musselina é o que usam como ectoplasma, pelo que me disseram. Suponho que iria para outra sessão depois. Não se consegue manifestações por dezoito pence. A maior descoberta da senhora Wheeler dos

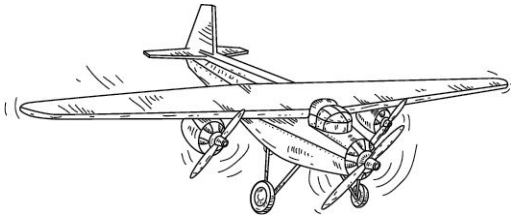
últimos anos é o Clube do Livro de Esquerda. Acho que foi no ano de 1936 que a grande novidade do Clube do Livro de Esquerda chegou a West Bletchley. Eu entrei logo depois, e é quase a única vez que me lembro de ter gastado dinheiro sem Hilda protestar. Ela consegue ver algum sentido em comprar um livro quando se compra por um terço do preço. A atitude dessas mulheres é curiosa, realmente. A senhorita Minns certamente tentou ler um ou dois dos livros, mas isso não teria ocorrido com as outras duas. Nunca tiveram qualquer conexão direta com o Clube do Livro de Esquerda ou qualquer noção do que se tratava – na verdade, eu acredito que no início a senhora Wheeler pensou que tinha algo a ver com livros que haviam sido deixados em vagões de trem e estavam sendo vendidos barato. Mas elas sabem que isso significa livros de sete e seis centavos por meia coroa, por isso estão sempre dizendo que é "uma ideia tão boa". De vez em quando, a filial local do Clube do Livro de Esquerda realiza reuniões e faz as pessoas falarem, e a senhora Wheeler sempre leva as outras consigo. É ótima para reuniões públicas de qualquer tipo, desde que sempre seja em ambiente fechado e com entrada gratuita. As três ficam sentadas ali como pedaços de bolo. Não sabem do que se trata a reunião e não se importam, mas têm uma vaga sensação, especialmente a senhorita Minns, de que estão aprimorando suas mentes sem custo nenhum.

Bem, essa é a Hilda. Você vê como ela é. De modo geral, suponho que não seja pior do que eu. Quando nos casamos, às vezes eu queria estrangulá-la, mas depois fiquei de tal forma que não me importava mais. E, então, engordei e me acomodei. Deve ter sido em 1930 que engordei. Aconteceu tão de repente que foi como se uma bala de canhão tivesse me atingido e ficado presa dentro de mim. Sabe como é. Uma

noite você vai para a cama, ainda se sentindo mais ou menos jovem, de olho nas garotas e assim por diante, e na manhã seguinte você acorda com plena consciência de que é apenas um velho gordo coitado sem nada pela frente deste lado do túmulo exceto por suar para poder comprar botas para as crianças.

E agora é 1938, e em todos os estaleiros do mundo estão rebitando os navios para outra guerra, e um nome que por acaso vi em um cartaz despertou em mim um monte de coisas que deveriam ter sido enterradas há Deus sabe quantos anos.

PARTE 3



CAPÍTULO 1

Quando voltei para casa naquela noite, ainda tinha dúvidas sobre como gastaria minhas dezessete libras.

Hilda disse que iria à reunião do Clube do Livro de Esquerda. Parecia que havia um sujeito vindo de Londres para dar uma palestra, embora nem seja preciso dizer que Hilda não sabia sobre o que seria a palestra. Eu disse a ela que a acompanharia. De modo geral, não gosto muito de palestras, mas as visões de guerra que tive naquela manhã, começando com o bombardeiro sobrevoando o trem, me deixaram meio pensativo. Depois da discussão de sempre, colocamos as crianças na cama cedo e saímos a tempo para a palestra, que estava marcada para as oito horas.

Era uma espécie de noite nublada, e o salão estava frio e mal iluminado. É um pequeno salão de madeira com telhado de zinco, propriedade de alguma seita não conformista ou outra, e você pode alugá-lo por dez contos. A multidão usual de quinze ou dezesseis pessoas havia se reunido. Na frente da plataforma, havia um cartaz amarelo anunciando que a palestra era sobre “A ameaça do fascismo”. Isso não me surpreendeu totalmente. O senhor Witchett, que atua como presidente dessas reuniões e que na vida privada faz alguma coisa no escritório de um arquiteto, estava conduzindo o palestrante, apresentando-o a todos como o senhor Fulano de Tal (esqueci o nome dele), “o conhecido antifascista”, da mesma forma que

você poderia chamar alguém de “o conhecido pianista”. O conferencista era um rapazinho de cerca de 40 anos, de terno escuro e careca – que tentara sem sucesso cobrir com mechas de cabelo.

Reuniões desse tipo nunca começam na hora certa. Sempre há um período de espera com o pretexto de que talvez mais algumas pessoas vão aparecer. Eram cerca de oito e vinte e cinco quando Witchett bateu na mesa e fez o que precisava. Witchett é um sujeito de aparência suave, com um rosto rosado de bumbum de bebê, que está sempre sorrindo. Acredito que ele seja secretário do Partido Liberal local, também faz parte da Conselho Paroquial e atua como mestre de cerimônias nas palestras sobre lanterna mágica para a União das Mães. Ele é o que você pode chamar de presidente nato. Quando lhe diz como todos nós estamos felizes por ter o Senhor Fulano de Tal no palco esta noite, pode ver que ele acredita nisso. Nunca olho para ele sem pensar que provavelmente é virgem. O pequeno conferencista tirou um maço de notas, principalmente recortes de jornais, e os prendeu com seu copo d’água. Então, deu uma rápida lambida nos lábios e começou a falar.

Você alguma vez foi a palestras, reuniões públicas e coisas assim?

Quando eu mesmo vou, há sempre um momento durante a noite em que me pego pensando o mesmo: por que estamos fazendo essa porcaria? Por que as pessoas vão sair em uma noite de inverno para esse tipo de coisa? Olhei em volta do salão. Eu estava sentado na última fila. Não me lembro de ter ido a qualquer tipo de reunião pública em que não me sentasse na última fila, se pudesse. Hilda e os outros haviam se posicionado na frente, como sempre. Era um pequeno salão

bastante sombrio. Você conhece o tipo de lugar. Paredes de pinho, telhado de ferro corrugado e correntes de ar o suficiente para fazer você querer manter o sobretudo. O pequeno grupo de nós estava sentado sob a luz em volta da plataforma, com cerca de trinta filas de cadeiras vazias atrás de nós. E os assentos de todas as cadeiras estavam empoeirados. Na plataforma atrás do palestrante havia uma enorme coisa quadrada envolta em panos de poeira que poderia ser um caixão enorme debaixo de uma mortalha. Na verdade, era um piano.

No começo eu não estava exatamente ouvindo. O palestrante era um sujeito pequeno de aparência mesquinha, mas um bom orador. Rosto branco, boca muito móvel e a voz um tanto áspera que adquirem por falar o tempo todo. Claro que estava atacando Hitler e os nazistas. Eu não estava particularmente interessado em ouvir o que estava dizendo – recebo as mesmas coisas no *News Chronicle* todas as manhãs, mas a voz dele me parecia uma espécie de burr-burr-burr, com uma frase de vez em quando que se destacava e chamava minha atenção.

– Atrocidades bestiais… Explosões horríveis de sadismo… Cassetetes de borracha… Campos de concentração… Perseguição iníqua aos judeus… De volta à Idade das Trevas… Civilização europeia… Aja antes que seja tarde demais… Indignação de todos os povos decentes… Aliança das nações democráticas… Apoio firme… Defesa da democracia… Democracia… Fascismo… Democracia… Fascismo… Democracia…

Você conhece a linha de conversa. Esses caras podem agitá-la por uma hora. Como um gramofone. Gire a manivela, pressione o botão, e ele começa. Democracia, Fascismo, Democracia. Mas, de alguma forma, me interessou observá-lo.

Um homenzinho bastante mesquinho, com um rosto branco e cabeça careca, de pé em um palco, gritando palavras de ordem. O que está fazendo? De forma bastante deliberada e aberta, está incitando o ódio. Fazendo o possível para fazer você odiar certos estrangeiros chamados de fascistas. É estranho, pensei, ser conhecido como "Senhor Fulano de Tal, o conhecido antifascista". Um negócio esquisito, esse de antifascismo. Este sujeito, suponho, ganha a vida escrevendo livros contra Hitler. Mas o que ele fazia antes de Hitler aparecer? E o que fará se Hitler algum dia desaparecer? A mesma pergunta se aplica a médicos, detetives, caçadores de ratos e assim por diante, é claro. Mas a voz áspera continuou e continuou, e outro pensamento me ocorreu. Ele está falando SÉRIO. Não está fingindo nada, sente cada palavra que diz. Está tentando despertar o ódio na plateia, mas isso não é nada se comparado ao ódio que ele mesmo sente. Cada palavra de ordem é a verdade do Evangelho para ele. Se você o abrisse, tudo o que encontraria seria Democracia-
-Fascismo-Democracia. Interessante conhecer um cara assim na vida privada. Mas ele tem uma vida privada? Ou apenas vai de um palco para outro alimentando o ódio? Talvez até seus sonhos sejam palavras de ordem.

Da melhor maneira que pude, da última fila, dei uma olhada na plateia. Suponho que, se pensar bem, nós – as pessoas que aparecemos nas noites de inverno para ficar em salões arejados ouvindo as palestras do Clube do Livro de Esquerda (e considero que tenho direito ao "nós", visto que eu mesmo fiz isso nesta ocasião) – temos certa relevância. Somos os revolucionários de West Bletchley. Não parece esperançoso à primeira vista. Ao olhar ao redor da plateia, me ocorreu que apenas meia dúzia deles haviam realmente entendido o que o

palestrante estava falando, embora a essa altura ele já estivesse se lançando contra Hitler e os nazistas por mais de meia hora. É sempre assim com reuniões desse tipo. Invariavelmente, metade das pessoas sai sem ter noção do que se trata. Em sua cadeira ao lado da mesa, Witchett observava o palestrante com um sorriso encantado, e seu rosto parecia um pouco com um gerânio rosa. Era possível ouvir antecipadamente o discurso que ele faria assim que o palestrante se sentasse – o mesmo discurso que ele fez no final da palestra sobre lanterna mágica em auxílio para comprar calças para os melanésios: "Expresse os nossos agradecimentos – Exprimindo a opinião de todos nós – Muito interessante – Dá-nos a todos muito em que pensar – Noite muito estimulante!". Na primeira fila, a senhorita Minns estava sentada muito ereta, com a cabeça um pouco inclinada para o lado, como um pássaro. O palestrante havia tirado uma folha de papel debaixo do copo e estava lendo estatísticas sobre a taxa de suicídio na Alemanha. Dava para ver pelo pescoço longo e fino da senhorita Minns que ela não estava feliz. Isso estava melhorando sua mente ou não? Se pudesse entender o que estava acontecendo! As outras duas estavam sentadas ali como pudim. Ao lado delas, uma mulherzinha ruiva tricotava um suéter. Um liso, dois reverso, solte um, e tricote dois juntos. O palestrante estava descrevendo como os nazistas cortam a cabeça das pessoas por traição, e às vezes o carrasco dá um tiro no escuro. Havia outra mulher na plateia, uma garota de cabelo escuro, uma das professoras da Escola Municipal. Ao contrário da outra, ela estava realmente ouvindo, sentada à frente com seus grandes olhos redondos fixos no palestrante e a boca um pouco aberta, absorvendo tudo.

Logo atrás dela, dois velhos do Partido Trabalhista local

estavam sentados. Um tinha cabelos grisalhos cortados bem curtos, o outro tinha cabeça calva e bigode caído. Ambos usando sobretudos. Você conhece esse tipo. Está no Partido Trabalhista desde sempre. Abrem mão da vida pelo movimento. Vinte anos na lista negra de empregadores e outros dez incitando o Conselho a fazer algo a respeito das favelas. De repente, tudo mudou, as velhas coisas do Partido Trabalhista não importam mais. Encontram-se empenhados na política externa – Hitler, Stálin, bombas, metralhadoras, cassetetes de borracha, eixo Roma-Berlim, Frente Popular, pacto anti-Internacional Comunista. Não consigo entender isso. Imediatamente à minha frente, estava sentado o comitê local do Partido Comunista. Todos os três muito jovens. Um deles tem dinheiro e faz alguma coisa na Hesperides Estate Company, na verdade acho que ele é sobrinho do velho Crum. Outro é atendente de um dos bancos. Ele desconta cheques para mim ocasionalmente. Um bom menino, com um rosto redondo, muito jovem, ansioso, olhos azuis como os de um bebê e cabelo tão claro que você pensaria que ele o oxigenou. Parece ter apenas 17 anos, embora eu suponha que tenha 20. Estava vestindo um terno azul barato e uma gravata azul brilhante que combinava com seu cabelo. Ao lado desses três, outro comunista estava sentado. Mas este, ao que parece, é um tipo diferente de comunista e não exatamente, porque ele é o que eles chamam de trotskista. Os outros estão chateados com ele. É ainda mais jovem, um garoto muito magro, muito moreno e de aparência nervosa. Cara inteligente. Judeu, é claro. Esses quatro estavam levando a palestra de maneira bem diferente dos outros. Você sabia que eles estariam de pé quando o espaço para as perguntas começasse. Já era possível vê-los se contrair. E o pequeno trotskista se mexendo de um lado e de outro na cadeira, ansioso para chegar à frente dos

outros.

Parei de ouvir as palavras da palestra. Mas existem mais maneiras de ouvir. Fechei meus olhos por um momento. O efeito disso foi curioso. Parecia ver o sujeito muito melhor quando só conseguia ouvir sua voz.

Era uma voz que soava como se pudesse continuar por quinze dias sem parar. É uma coisa horrível, realmente, ter uma espécie de realejo humano atirando propaganda sobre você a cada hora. A mesma coisa, repetidamente. Ódio, ódio, ódio. Vamos todos nos reunir e juntar um bom ódio. De novo, de novo. Dá a sensação de que algo entrou em seu crânio e está martelando o cérebro. Mas, por um momento, com os olhos fechados, consegui virar o jogo contra ele. Entrei no crânio DELE. Foi uma sensação peculiar. Por cerca de um segundo eu estava dentro dele, quase dava para dizer que EU ERA ele. De qualquer forma, senti o que ele estava sentindo.

Eu tive a visão que ele estava tendo. E não era o tipo de visão sobre a qual se pode falar. O que ele está DIZENDO é apenas que Hitler está atrás de nós e devemos todos nos reunir e juntar um bom ódio. Não entra em detalhes. Deixa tudo respeitável. Mas o que ele está VENDO é algo bem diferente. É uma foto dele esmagando o rosto das pessoas com uma chave inglesa. Rostos fascistas, é claro. SEI que era isso que ele estava vendo. Foi o que eu mesmo vi no segundo ou dois em que estive dentro dele. Esmagar! Bem no meio! Os ossos desmoronam como casca de ovo, e o que era um rosto um minuto atrás é apenas uma grande bola de geleia de morango. Esmagar! Lá vai outro! É isso que está em sua mente, ao acordar e dormir, e, quanto mais ele pensa nisso, mais ele gosta. E está tudo bem, porque os rostos esmagados pertencem a fascistas. Era possível ouvir tudo isso no tom de sua voz.

Mas por quê? A explicação mais provável, porque ele está com medo. Toda pessoa que pensa hoje em dia está paralisada de medo. É apenas um sujeito que tem visão suficiente para ficar um pouco mais assustado do que os outros. Hitler está atrás de nós! Rápido. Vamos todos pegar uma chave inglesa e ficar juntos, e, talvez se batermos em rostos o suficiente, eles não vão destruir os nossos. Junte-se, escolha seu líder. Hitler é das peças pretas, e Stálin, das brancas. Mas também pode ser o contrário, porque, na mente do rapazinho, Hitler e Stálin são iguais. Os dois significam chaves inglesas e rostos quebrados.

Guerra! Comecei a pensar nisso de novo. Está chegando, isso é certo. Mas quem tem medo da guerra? Quero dizer, quem tem medo das bombas e das metralhadoras? "Você tem", comentam. Sim, tenho, e também qualquer pessoa que a tenha visto. Mas não é a guerra que importa, é o pós-guerra. O mundo para o qual estamos indo, o tipo de mundo do ódio, mundo da palavra de ordem. As camisas camufladas, o arame farpado, os cassetetes de borracha. As celas secretas onde a luz elétrica fica acesa noite e dia, e os inspetores vigiando você enquanto você dorme. E as procissões, os cartazes com rostos enormes, as multidões de um milhão de pessoas, todas torcendo pelo Líder até ensurdecerem ao pensar que realmente o adoram, e o tempo todo, por dentro, elas o odeiam tanto que querem vomitar. Tudo vai acontecer. Não é assim? Alguns dias eu sei que é impossível, outros dias eu sei que é inevitável. Naquela noite, de qualquer forma, eu sabia que aconteceria. Foi tudo pelo som da voz do pequeno conferencista.

Portanto, talvez EXISTA um significado nesta pequena multidão mesquinha que aparecera em uma noite de inverno para ouvir uma palestra desse tipo. Ou, pelo menos, nos cinco ou seis que podem entender do que se trata. Eles são

simplesmente os postos avançados de um enorme exército. Eles são os que enxergam longe, os primeiros ratos a perceber que o navio está afundando. Rápido, rápido! Os fascistas estão chegando! Chaves inglesas prontas, rapazes! Esmague os outros ou eles vão esmagar você. Tão apavorados com o futuro que pulamos direto nele como um coelho mergulhando na garganta de uma jiboia.

E o que acontecerá com caras como eu, quando tivermos o fascismo na Inglaterra? A verdade é que provavelmente não fará a menor diferença. Quanto ao palestrante e aos quatro comunistas na plateia, sim, fará muita diferença para eles. Eles quebrarão rostos, ou terão os seus próprios esmagados, de acordo com quem está ganhando.

Mas os caras normais e medianos como eu continuarão como de costume. E, no entanto, isso me assusta – eu lhe digo que me assusta. Eu só comecei a me perguntar o porquê quando o palestrante parou e se sentou.

Ouviu-se o habitual som oco de aplausos que se ouve quando há apenas cerca de quinze pessoas na plateia, e então o velho Witchett disse sua parte, e, antes que você pudesse dizer Jack Robinson, os quatro comunistas estavam de pé juntos. Tiveram uma boa rinha que durou cerca de dez minutos, cheia de muitas coisas que ninguém mais entendia, como o materialismo dialético e o destino do proletariado e o que Lenin disse em 1918. Então, o conferencista, que havia bebido um pouco d'água, levantou-se e proferiu um resumo que fez o trotskista se contorcer na cadeira, mas agradou aos outros três, e a rinha continuou não oficialmente por mais algum tempo. Ninguém mais falava. Hilda e as outras foram embora assim que a palestra terminou. Provavelmente temiam que haveria uma cobrança para pagar o aluguel do salão. A mulherzinha

ruiva ficaria para terminar sua carreira de tricô. Era possível ouvi-la contar os pontos em um sussurro enquanto os outros discutiam. E Witchett se sentou e sorriu para quem quer que estivesse falando, e você podia vê-lo pensar em como tudo era interessante e fazer anotações mentais, e a garota de cabelo preto olhava de um para o outro com a boca um pouco aberta, e o velho operário, que parecia uma foca com seu bigode caído e o sobretudo até as orelhas, ficou olhando para eles, perguntando-se do que se tratava. E finalmente me levantei e comecei a vestir meu sobretudo.

A rinha se transformou em uma disputa particular entre o pequeno trotskista e o menino de cabelos louros. Estavam discutindo sobre se você deveria entrar no Exército se a guerra estourasse. Enquanto eu caminhava ao longo da fileira de cadeiras para sair, o loiro apelou para mim.

– Senhor Bowling! Olhe aqui. Se a guerra estourasse e tivéssemos a chance de esmagar o fascismo de uma vez por todas, o senhor não lutaria? Se fosse jovem, quero dizer.

Suponho que ele pense que tenho cerca de 60 anos.

– Pode apostar que não – respondi. – Já tive o suficiente para superar da última vez.

– Mas para esmagar o fascismo!

– Ah, p–- de fascismo! Já houve bastante destruição, se você quer saber.

O pequeno trotskista aposta no social-patriotismo e na traição dos trabalhadores, mas os outros o interrompem:

– Mas você está pensando em 1914. Essa foi apenas uma guerra imperialista comum. Desta vez é diferente. Olhe aqui. Quando o senhor ouve o que está acontecendo na Alemanha,

os campos de concentração e os nazistas espancando as pessoas com cassetetes de borracha e fazendo os judeus cuspir na cara uns dos outros, isso não faz seu sangue ferver?

Eles estão sempre falando sobre o sangue fervendo. A mesma frase durante a guerra, eu me lembro.

– Fervi em 1916 – disse a ele. – E você também vai quando sentir o cheiro de uma trincheira.

E então, de repente, eu parecia vê-lo. Era como se eu não o tivesse visto direito até aquele momento.

Um rosto muito jovem e ansioso, poderia ter pertencido a um estudante bonito, com olhos azuis e cabelos loiros, olhando nos meus, e por um momento ele realmente ficou com lágrimas nos olhos! Sentido tão fortemente quanto a tudo sobre os judeus alemães! Mas, na verdade, eu sabia exatamente o que ele sentia. É um rapaz robusto, provavelmente joga rúgbi pelo banco. Também tem cérebro. E aqui está ele, um funcionário de banco em um subúrbio sem Deus, sentado atrás da janela fosca, inserindo números em um livro-razão, contando pilhas de notas, zunindo para o gerente. Sente a vida apodrecendo. E o tempo todo, na Europa, as grandes coisas acontecem. Bombas explodindo nas trincheiras e ondas de infantaria avançando em meio à fumaça. Provavelmente alguns de seus amigos estão lutando na Espanha. Claro que ele quer uma guerra. Como você pode culpá-lo? Por um momento, tive a sensação peculiar de que era meu filho, o que em alguns anos poderia ter sido. E pensei naquele dia escaldante de agosto, quando o jornaleiro pendurou o pôster INGLATERRA DECLARA GUERRA À ALEMANHA, e todos nós corremos para a calçada em nossos aventais brancos e comemoramos.

– Escute, filho – disse eu –, você entendeu tudo errado. Em 1914, nós pensamos que seria um negócio glorioso. Bem, não foi. Foi apenas uma bagunça dos diabos. Se acontecer de novo, fique fora disso. Por que tem que encher seu corpo de chumbo? Guarde para alguma garota. Acha que a guerra é heroísmo e investidas contra o inimigo, mas eu digo que não é assim. Você não tem munição de baioneta hoje em dia e, quando tem, não é como você imagina. Você não se sente um herói. Tudo o que sabe é que não dormiu por três dias e fede como um furão, mijou nas calças de susto e suas mãos estão tão frias que não consegue segurar o rifle. Mas isso também não importa. São as coisas que acontecem depois.

Não impressiona, claro. Eles só pensam que você está desatualizado. É melhor ficar na porta de uma loja distribuindo folhetos.

As pessoas estavam começando a se afastar. Witchett estava levando o palestrante para casa. Os três comunistas e o pequeno judeu subiram a rua juntos, e estavam indo para lá novamente com a solidariedade proletária e a dialética da dialética e o que Trotsky disse em 1917. São todos iguais, realmente. Era uma noite úmida, parada e muito escura. As lâmpadas pareciam pairar na escuridão como estrelas e não iluminavam a rua. A distância, você podia ouvir o barulho dos trens na High Street. Eu queria uma bebida, mas eram quase dez horas, e o bar mais próximo ficava a oitocentos metros de distância. Além disso, eu queria conversar com alguém, do jeito que não se pode falar em um bar. Era engraçado como meu cérebro tinha estado em movimento o dia todo. Em parte, devido à folga, é claro, e em parte devido aos novos dentes postiços, que meio que me renovaram. O dia todo eu estive pensando no futuro e no passado. Eu queria falar sobre os

maus momentos que estão chegando ou não, as palavras de ordem e a cor das camisas e os homens simples do Leste Europeu que vão deixar a velha Inglaterra de olhos arregalados. Impossível tentar falar com Hilda. De repente, pensei em procurar o velho Porteous, que é meu amigo e trabalha até tarde.

Porteous é professor aposentado de uma escola de primeira linha. Ele mora em uma pensão, que felizmente fica na metade inferior da casa, na parte antiga da cidade, perto da igreja. Ele é solteiro, claro. Não dá para imaginar um tipo daquele casado. Vive sozinho com seus livros e seu cachimbo e tem uma mulher para cuidar dele. É um tipo de sujeito erudito, com seu grego, latim, poesia e tudo o mais. Suponho que, se a filial local do Clube do Livro de Esquerda representa o Progresso, o velho Porteous significa Cultura. Nenhum deles tem muita influência em West Bletchley.

A luz estava acesa no quartinho onde o velho Porteous fica sentado lendo até altas horas da noite. Quando bati na porta da frente, ele saiu andando como sempre, com o cachimbo entre os dentes e os dedos em um livro para marcar a passagem em que estava. Ele é um sujeito de aparência impressionante, muito alto, com cabelos grisalhos encaracolados, um rosto magro e sonhador um pouco descorado, mas que quase poderia ser de um menino, embora deva ter quase 60 anos. É engraçado como alguns desses caras de escolas públicas e universidades conseguem parecer meninos até o dia da morte. É algo nos movimentos. O velho Porteous tem um jeito de andar para cima e para baixo, com aquela cabeça bonita dele, com os cachos grisalhos, um pouco inclinada para trás, que faz você sentir que o tempo todo ele está sonhando com um ou outro poema e não tem consciência do que está acontecendo

em torno dele. Você não pode olhar para ele sem ver seu modo de vida estampado por ele todo. Escola de primeira linha, Oxford, e depois de volta à sua antiga escola como professor. Toda a vida vivida em uma atmosfera de latim, grego e críquete. Ele tem todos os maneirismos. Sempre usa um velho paletó Harris de *tweed* e velhas calças de flanela cinza que ele gosta que você chame de "vergonhosas", fuma cachimbo e menospreza cigarros e, embora fique acordado metade da noite, aposto que toma banho frio todas as manhãs. Acho que, do ponto de vista dele, sou meio ignorante. Não frequentei escola de primeira linha, não sei latim e nem quero. Ele, às vezes, me diz que é uma pena que eu seja "insensível à beleza", o que, suponho, é uma forma educada de dizer que não tive educação. Mesmo assim, gosto dele. Ele é muito hospitaleiro, do jeito certo, sempre pronto para receber as pessoas e conversar a qualquer hora, e sempre tem bebidas à mão. Quando se mora em uma casa como a nossa, mais ou menos infestada de mulheres e crianças, faz bem sair dela às vezes para uma atmosfera de solteiro, uma espécie de atmosfera de livro-cachimbo-lareira. E a sensação elegante de Oxford de que nada importa, exceto livros, poesia e estátuas gregas, e nada que valha a pena mencionar que aconteceu desde que os godos saquearam Roma – às vezes isso também é um conforto.

Ele me empurrou para a velha poltrona de couro perto da lareira e serviu uísque com refrigerante. Nunca vi sua sala de estar sem a penumbra de fumaça de cachimbo. O teto está quase preto. É um cômodo pequeno e, com exceção da porta e da janela e do espaço sobre a lareira, as paredes são cobertas de livros do chão até o teto. Sobre a lareira estão todas as coisas que alguém esperaria. Uma fileira de velhos cachimbos

de urze, todos imundos, algumas moedas gregas de prata, um frasco de tabaco com os brasões do colégio do velho Porteous e uma pequena lamparina de barro que ele me disse ter escavado em uma montanha da Sicília. Sobre a lareira, há fotos de estátuas gregas. Há uma grande no meio, de uma mulher com asas e sem cabeça que parece estar saindo para pegar um ônibus. Lembro-me de como o velho Porteous ficou chocado quando, na primeira vez que a vi, sem saber de nada, perguntei a ele por que eles não colocaram uma cabeça na estátua.

Porteous começou a encher o cachimbo do pote sobre a lareira.

– Aquela mulher insuportável lá em cima comprou um aparelho sem fio – disse ele. – Esperava viver o resto da minha vida sem o som dessas coisas. Suponho que não haja nada que se possa fazer. Por acaso você conhece as regras legais sobre isso?

Eu disse a ele que não havia nada que se pudesse fazer. Gosto da maneira oxfordiana que ele diz "intolerável", e me faz rir, em 1938, encontrar alguém que se opõe a ter um rádio em casa. Porteous estava andando para cima e para baixo com seu jeito sonhador de sempre, com as mãos nos bolsos do casaco e o cachimbo entre os dentes, e quase instantaneamente começou a falar sobre alguma lei contra instrumentos musicais que foi aprovada em Atenas na época de Péricles. É sempre assim com o velho Porteous. Toda a sua conversa é sobre coisas que aconteceram séculos atrás. O que quer que você comece, sempre volta às estátuas e à poesia e aos gregos e romanos. Se você mencionar a Rainha Maria, ele começará a falar sobre as trirremes fenícias. Ele nunca lê um livro moderno, se recusa a saber seus nomes, nunca olha nenhum

jornal exceto o *The Times* e se orgulha de dizer que nunca esteve em fotos. Exceto por alguns poetas como Keats e Wordsworth, ele acha que o mundo moderno – e de seu ponto de vista o mundo moderno são os últimos dois mil anos – simplesmente não deveria ter acontecido.

Eu mesmo faço parte do mundo moderno, mas gosto de ouvi-lo falar. Ele anda pelas prateleiras e pega primeiro um livro e depois outro, e de vez em quando lê para você um pedaço entre pequenas baforadas de fumaça, geralmente tendo que traduzir do latim ou algo assim. É tudo meio pacífico, suave. Tudo um pouco parecido com um professor de escola, mas ainda assim acalma de alguma forma. Enquanto ouve, você não está no mesmo mundo que trens, contas de gás e seguradoras. Tudo se resume a templos e oliveiras, pavões e elefantes, e sujeitos na arena com suas redes e tridentes, e leões alados e eunucos e galés e fundas, e generais em armaduras de latão galopando seus cavalos sobre os escudos dos soldados. É engraçado que ele sempre recebesse um homem como eu. Mas é uma das vantagens de ser gordo, poder se encaixar em quase todos os círculos. Além disso, nos encontramos em um terreno comum quando se trata de histórias picantes. Elas são a única coisa moderna com que ele se preocupa, embora, como sempre me lembra, elas não são modernas. Ele é um tanto velhinho quanto a isso, sempre conta uma história de forma velada. Às vezes, escolhe algum poeta latino e traduz uma rima obscena, deixando muito para a imaginação, ou dá dicas sobre a vida privada dos imperadores romanos e as coisas que aconteciam nos templos de Astaroth. Parecem ter sido um povo ruim, aqueles gregos e romanos. O velho Porteous tem fotos de pinturas de parede em algum lugar da Itália que deixariam os cabelos em pé.

Quando estou farto dos negócios e da vida doméstica, muitas vezes me faz bem ir conversar com Porteous. Mas esta noite não me parecia. Minha mente ainda estava funcionando nas mesmas linhas do dia inteiro. Assim como fiz com o conferencista do Clube do Livro de Esquerda, não ouvi exatamente o que Porteous estava dizendo, apenas o som de sua voz. Mas enquanto a voz do palestrante me irritou, a do velho Porteous, não. Era muito pacífico, muito oxfordiano. Finalmente, quando estava prestes a dizer algo, eu o interrompi e disse:

– Diga-me, Porteous, o que acha de Hitler?

O velho Porteous estava inclinado do seu jeito esguio e gracioso, com os cotovelos no consolo da lareira e o pé na proteção de ferro. Ele ficou tão surpreso que quase tirou o cachimbo da boca.

– Hitler? Esse alemão? Meu querido amigo! Eu não PENSO nele.

– Mas o problema é que o maldito vai nos fazer pensar nele antes de terminar.

O velho Porteous se esquiva um pouco da palavra “maldito”, coisa de que ele não gosta, embora seja claro que faz parte de sua pose nunca ficar chocado. Começa a andar para cima e para baixo novamente, soltando fumaça.

– Não vejo razão para prestar atenção nele. Um mero aventureiro. Essas pessoas vêm e vão. Efêmero, puramente efêmero.

Não tenho certeza do que a palavra “efêmero” significa, mas me atenho ao que quero dizer:

– Acho que você entendeu errado. O velho Hitler é diferente.

Joe Stálin também. Não são como aqueles caras dos velhos tempos que crucificavam as pessoas e cortavam cabeças e assim por diante apenas para se divertir. Estão atrás de algo totalmente novo, algo que nunca foi ouvido antes.

– Meu querido amigo! Não há nada novo sob o sol.

Claro que essa é uma frase favorita do velho Porteous. Ele não vai ouvir falar da existência de nada novo. Assim que você conta a ele sobre qualquer coisa que está acontecendo hoje em dia, ele diz que exatamente a mesma coisa aconteceu no reinado do Rei Fulano de Tal. Mesmo que você mencione coisas como aviões, ele diz que provavelmente eles os tinham em Creta, ou Micenas, ou onde quer que fosse. Tentei explicar a ele o que senti enquanto o rapazinho estava dando a palestra e o tipo de visão que tive dos maus momentos que se aproximavam, mas ele não quis me ouvir. Simplesmente repetiu que não há nada de novo sob o sol. Por fim, ele puxa um livro das prateleiras e lê para mim uma passagem sobre um tirano grego nos anos antes de Cristo, que certamente poderia ser irmão gêmeo de Hitler.

A discussão continuou um pouco. O dia todo estive querendo falar com alguém sobre esse negócio. É engraçado. Não sou idiota, mas também não sou intelectual, e Deus sabe que, em tempos normais, não tenho muitos interesses que não se esperariam de um camarada de meia-idade de sete libras por semana com dois filhos para criar. E, no entanto, tenho bom senso suficiente para ver que a velha vida a que estamos acostumados está sendo cortada pela raiz. Posso sentir acontecendo. Consigo ver a guerra que está chegando e o pós-guerra, as filas de comida, a polícia secreta, os alto-falantes dizendo o que pensar. E não sou nem excepcional nisso. Existem milhões de outras pessoas como eu. Sujeitos comuns

que encontro em toda parte, rapazes que encontro em bares, motoristas de ônibus e vendedores ambulantes de firmas de ferragens têm a sensação de que o mundo deu errado. Conseguem sentir as coisas quebrando e desmoronando sob seus pés. E, no entanto, aqui está esse sujeito erudito, que viveu toda a sua vida com livros e mergulhou na História até que ela escorresse dos poros, e ele nem consegue ver que as coisas estão mudando. Não acha que Hitler importa. Recusa-se a acreditar que há outra guerra chegando. Em todo caso, como não lutou na última guerra, isso não penetra muito em seus pensamentos – ele acha que foi um espetáculo pobre em comparação com o cerco de Troia. Não vê por que devemos nos preocupar com as palavras de ordem e os alto-falantes e as camisas coloridas. "Que pessoa inteligente prestaria atenção a essas coisas?", ele sempre diz. Hitler e Stálin morrerão, mas algo que o velho Porteous chama de "as verdades eternas" não passará. Isso, claro, é simplesmente outra maneira de dizer que as coisas sempre continuarão exatamente como ele as conheceu. Para todo o sempre, os caras cultos de Oxford percorrerão os gabinetes cheios de livros, citando frases em latim e fumando bom tabaco em cachimbos com brasões. Realmente não adiantava falar com ele. Eu teria arrancado mais do rapaz de cabelo louro. Aos poucos, a conversa se desviou, como sempre acontece, para coisas que aconteceram antes de Cristo. Em seguida, transformou-se em poesia. Finalmente, o velho Porteous pega outro livro das prateleiras e começa a ler "Ode a um Rouxinol", de Keat (ou talvez fosse uma cotovia – esqueci).

No que me diz respeito, um pouco de poesia ajuda muito. Mas é curioso que eu goste de ouvir o velho Porteous ler em voz alta. Não há dúvida de que ele lê bem. Ele tem o hábito,

claro, acostumado a ler para as turmas de meninos. Ele vai se encostar em algo em seu jeito vagaroso, com o cachimbo entre os dentes e pequenos jatos de fumaça saindo, e sua voz fica meio solene e sobe e desce com a frase. Você pode ver que isso o toca de alguma forma. Não sei o que é poesia ou o que deve fazer. Eu imagino que tenha um efeito nos nervos de algumas pessoas como a música em outras. Quando ele está lendo, eu realmente não ouço, quer dizer que não entendo as palavras, mas às vezes o som delas traz uma espécie de sentimento de paz em minha mente. No geral, eu gosto. Mas, de alguma forma, esta noite não funcionou. Foi como se uma corrente de ar frio tivesse soprado na sala. Apenas senti que isso era tudo uma bobagem. Poesia! O que é isso? Apenas uma voz, um redemoinho no ar. E, meu Deus! De que adiantaria a poesia contra metralhadoras?

Eu o observei encostado na estante. Engraçados, esses caras de escolas de primeira linha. Alunos até o fim dos dias. Toda a vida girando em torno da velha escola e de seus bocados de latim, grego e poesia. E, de repente, lembrei que, na primeira vez em que estive aqui com Porteous, ele leu para mim o mesmo poema. Leu exatamente da mesma maneira, e sua voz estremeceu quando ele chegou à mesma parte – a parte sobre caixilhos mágicos ou algo assim. E um pensamento curioso me ocorreu. Ele está morto. É um fantasma. Todas as pessoas assim estão mortas.

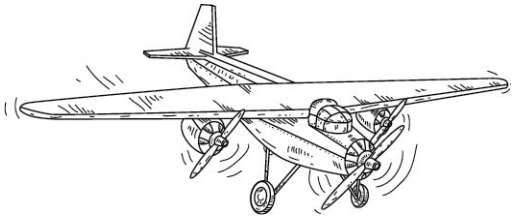
Ocorreu-me que, talvez, muitas das pessoas que você vê andando por aí estejam mortas. Dizemos que um homem morre quando seu coração para, e não antes. Parece um pouco arbitrário. Afinal, partes do corpo não param de funcionar – o cabelo continua crescendo durante anos, por exemplo. Talvez um homem realmente morra quando seu cérebro para, quando

perde o poder de absorver uma nova ideia. O velho Porteous é assim. Maravilhosamente erudito, maravilhosamente de bom gosto, mas não é capaz de mudar. Apenas diz as mesmas coisas e pensa os mesmos pensamentos infinitamente. Existem muitas pessoas assim. Mentes mortas, paradas por dentro. Apenas continuam indo para a frente e para trás na mesma trilhazinha, ficando cada vez mais fracos, como fantasmas.

A mente do velho Porteous, pensei, provavelmente parou de funcionar por volta da época da Guerra Russo-Japonesa. E é horrível que quase todas as pessoas decentes, as pessoas que NÃO querem sair por aí arrebentando rostos com chaves de boca, sejam assim. Eles são decentes, mas suas mentes pararam. Não podem se defender do que está vindo para eles, porque não podem ver, mesmo quando está sob o nariz deles. Acham que a Inglaterra nunca vai mudar e que a Inglaterra é o mundo inteiro. Não conseguem entender que é apenas uma sobra, um pequeno canto que por acaso as bombas não acertaram. Mas, e quanto ao novo tipo de homens da Europa Oriental, os homens simples que pensam em palavras de ordem e falam em balas? Eles estão no nosso caminho. Não há muito tempo antes de eles nos alcançarem. Nenhuma regra do Marquês de Queensbury para esses rapazes. E todas as pessoas decentes estão paralisadas. Homens mortos e gorilas vivos. Não parece haver algo no meio.

Saí meia hora depois, sem conseguir convencer o velho Porteous de que Hitler era importante. Permaneci com os mesmos pensamentos enquanto caminhava para casa pelas ruas trêmulas. Os trens já não circulavam mais. A casa estava escura, e Hilda estava dormindo. Deixei cair meus dentes postiços no copo d'água do banheiro, vesti o pijama e empurrei Hilda para o outro lado da cama. Ela rolou sem

acordar, e o calombo entre seus ombros veio na minha direção. É engraçada a tremenda escuridão que às vezes toma conta da gente tarde da noite. Naquele momento, o destino da Europa me parecia mais importante do que o aluguel, as contas da escola dos filhos, o trabalho que eu teria que fazer amanhã. Para quem tem que ganhar a vida, tais pensamentos são pura tolice. Mas eles não saíam da minha mente. Ainda a visão das camisas coloridas e das metralhadoras disparando. A última coisa que me lembro de ter me perguntado antes de adormecer era por que diabos um cara como eu deveria se importar.



CAPÍTULO 2

As prímulas começaram a florir. Acho que já era março.

Segui por Westerham e estava indo para Pudley. Teria que fazer uma avaliação da oficina de um latoeiro e, então, se pudesse encontrá-lo, avaliar um caso de seguro de vida que estava na corda bamba. O nome dele havia sido enviado por nosso agente local, mas no último momento ele se assustou e começou a duvidar se poderia pagar por isso. Eu sou muito bom em convencer as pessoas. É ser gordo que resolve. Isso deixa as pessoas de bom humor, faz com que sintam que assinar um cheque é quase um prazer. É claro que existem maneiras diferentes de lidar com pessoas diferentes. Com alguns é melhor colocar toda a ênfase nos bônus, outros você pode assustar de uma forma sutil com dicas sobre o que acontecerá com suas esposas se eles morrerem sem seguro.

O velho carro subia e descia as pequenas colinas onduladas. E, por Deus, que dia! Você conhece o tipo de dia que geralmente chega em março, quando o inverno de repente parece desistir de lutar. Nos últimos dias, tivemos o tipo de clima horrível que as pessoas chamam de clima “brilhante”, quando o céu é de um azul forte, e o frio e o vento raspam em você como uma lâmina de barbear cega. Então, de repente, o vento diminuiu, e o sol teve sua chance. Você conhece esse tipo de dia. Sol amarelo pálido, nenhuma folha se mexendo, um toque de névoa ao longe, onde era possível ver as ovelhas

espalhadas pelas encostas como pedaços de giz. E, lá embaixo, nos vales, havia fogueiras queimando, e a fumaça subia lentamente e se dissolvia na névoa. Eu tinha a estrada para mim. Estava tão quente que quase era possível tirar a roupa.

Cheguei a um ponto onde a grama ao lado da estrada estava coberta de prímulas. Um pedaço de solo argiloso, talvez. Vinte metros mais adiante, diminuí a velocidade e parei. O tempo estava bom demais para perder. Senti que precisava sair e sentir o cheiro do ar primaveril, e talvez até colher algumas prímulas, se não houvesse ninguém vindo. Eu até tive uma vaga ideia de colher um monte delas para levar para Hilda em casa.

Desliguei o motor e saí. Nunca gosto de deixar o carro velho rodando em ponto morto, estou sempre meio com medo de que ele derrube os para-lamas ou algo assim. Ele é um modelo de 1927 e já está bem rodado. Quando você levanta o capô e olha para o motor, ele o lembra do antigo Império Austríaco, todo amarrado com pedaços de barbante, mas, de alguma forma, continua funcionando. Você não acreditaria que alguma máquina poderia vibrar em tantas direções ao mesmo tempo. É como o movimento da Terra, que tem vinte e dois tipos diferentes de oscilação, ou assim me lembro de ter lido. Se você olhar para ele por trás, quando está correndo em ponto morto, é como assistir a uma daquelas garotas havaianas dançando hula-hula.

Havia um portão com cinco barras ao lado da estrada. Aproximei e inclinei-me sobre ele. Nenhuma alma à vista. Eu puxei meu chapéu um pouco para trás para sentir o tipo de sensação agradável do ar contra minha testa. A grama sob a sebe estava cheia de prímulas. Logo depois do portão, um vagabundo ou alguém havia deixado restos de fogueira. Uma

pequena pilha de brasas brancas e um fio de fumaça ainda saindo delas. Mais adiante, havia um pequeno lago coberto de lentilha-d'água. O campo era de trigo de inverno. Subia abruptamente e então havia uma depressão de calcário e um pequeno bosque de faia. Uma espécie de névoa de folhas novas nas árvores. E silêncio absoluto em todos os lugares. Nem vento suficiente para agitar as cinzas do fogo. Uma cotovia cantando em algum lugar, caso contrário, nenhum som, nem mesmo um avião.

Fiquei ali um pouco, debruçado sobre o portão. Eu estava sozinho, muito sozinho. Estava olhando para o campo, e o campo estava olhando para mim. Eu senti – me pergunto se você vai entender.

O que senti era algo tão incomum hoje em dia que contar parece uma tolice. Eu me senti FELIZ. Senti que, embora não vivesse para sempre, estaria pronto para isso. Se quiser, pode dizer que foi apenas porque era o primeiro dia da primavera. Efeito sazonal nas glândulas sexuais ou algo assim. Mas havia mais do que isso. Curiosamente, o que de repente me convenceu de que valia a pena viver, mais do que as prímulas ou os botões jovens na sebe, foi aquele pouco de fogueira perto do portão. Você conhece a aparência de uma fogueira em um dia calmo. Os galhos que se transformaram em cinzas brancas e ainda mantêm a forma de galhos, e sob as cinzas o tipo de vermelho vivo e que se pode ver através dele. É curioso que uma brasa vermelha parece mais viva, dá mais sensação de vida do que qualquer coisa viva. Há algo sobre isso, uma espécie de intensidade, uma vibração – não consigo pensar nas palavras exatas. Mas permite que você saiba que está mesmo vivo.

É o ponto na imagem que faz você notar todo o resto.

Abaixei-me para pegar uma prímula. Não foi possível alcançar – barriga demais. Eu me agachei e peguei um punhado delas. Sorte que não havia ninguém para me ver. As folhas eram meio enrugadas e em forma de orelhas de coelho. Eu me levantei e coloquei meu monte de prímulas no pilar do portão. Então, num impulso, tirei os dentes postiços da boca e dei uma olhada neles.

Se eu tivesse um espelho, teria me visto por inteiro, embora, na verdade, já soubesse como era minha aparência. Um homem gordo de 45 anos, em um terno cinza cor de osso de arenque, um pouco abatido, e um chapéu-coco. "Esposa, dois filhos e uma casa no subúrbio", está escrito na minha testa. Rosto vermelho e olhos azuis esbugalhados. Eu sei, não precisa me dizer. Mas a única coisa que me surpreendeu, quando dei uma olhada na minha dentadura antes de colocá-la de volta na boca, foi que NÃO IMPORTA. Mesmo os dentes postiços não importam. Estou gordo, sim. Pareço o irmão malsucedido de um corretor de apostas, sim. Nenhuma mulher jamais irá para a cama comigo novamente, a menos que seja paga para isso. Sei disso tudo. Mas digo que não me importo. Não quero as mulheres, nem quero ser jovem de novo. Só quero estar vivo. E eu estava vivo naquele momento em que fiquei olhando as prímulas e as brasas vermelhas sob a sebe. É um sentimento dentro da gente, uma espécie de sentimento de paz, mas é como uma chama.

Mais abaixo na sebe, a lagoa estava coberta de lentilha-d'água, tão parecida com um tapete que, se você não soubesse o que era lentilha-d'água, poderia pensar que era sólida e pisar nela. Eu me perguntei por que somos todos tão idiotas. Por que as pessoas, em vez das idiotices em que gastam seu tempo, simplesmente não andam OLHANDO as coisas? Aquela

lagoa, por exemplo – todas as coisas que há nela. Salamandras, caramujos, besouros-d'água, friganas, sanguessugas e só Deus sabe quantas outras coisas que só é possível ver com um microscópio. O mistério da vida, lá embaixo d'água. Você poderia passar a vida inteira observando-os, por dez vidas inteiras, e ainda assim não teria chegado ao fim, nem mesmo daquela lagoa. E o tempo todo, o tipo de sensação de admiração, a chama peculiar dentro de você. É a única coisa que vale a pena ter e não a queremos.

Mas eu quero isso. Pelo menos pensei assim naquele momento. E não confunda o que estou dizendo. Para começar, ao contrário da maioria dos *cockneys*, não sou sentimentalista quanto ao "interior". Fui levado para muito perto disso, para isso. Não quero impedir que as pessoas vivam em cidades ou em subúrbios. Deixe-as viver onde quiserem. E não estou sugerindo que toda a humanidade poderia passar a vida inteira vagando, colhendo prímulas e assim por diante. Sei perfeitamente que precisamos trabalhar. É só porque os camaradas estão tossindo os pulmões nas minas e as meninas martelando as máquinas de escrever, que alguém tem tempo de colher uma flor. Além disso, se você não tivesse uma barriga cheia e uma casa quente, não gostaria de colher flores. Mas não é essa a questão. Aqui está a sensação que tenho dentro de mim – não com frequência, admito, mas de vez em quando. Sei que é uma sensação boa de se ter. Além do mais, o mesmo acontece com todos os outros, ou quase todos. Está sempre se aproximando, e todos nós sabemos que está lá. Pare de atirar com essa metralhadora! Pare de perseguir tudo o que está perseguindo! Acalme-se, recupere o fôlego, deixe um pouco de paz invadir seus ossos. Não adianta. Não fazemos isso. Continuamos com as mesmas malditas idiotices.

E a próxima guerra surgindo no horizonte, 1941, eles dizem. Mais três voltas de sol e então voamos direto para ela. As bombas caindo sobre você como charutos pretos, e as balas aerodinâmicas fluindo das metralhadoras Bren. Não que isso particularmente me preocupe. Estou muito velho para lutar. Haverá ataques aéreos, é claro, mas não atingirão todo mundo. Além disso, mesmo que esse tipo de perigo exista, ele realmente não entra nos pensamentos de antemão. Como já disse várias vezes, não tenho medo da guerra, apenas do pós-guerra. E mesmo isso provavelmente não me afetará pessoalmente. Afinal, quem se importaria com um sujeito como eu? Sou muito gordo para ser um suspeito político. Ninguém me bateria ou me golpearia na cabeça com um cassetete de borracha. Sou o tipo mediano comum que continua andando quando o policial pede. Quanto a Hilda e as crianças, eles provavelmente nunca notariam a diferença. E ainda assim me assusta. O arame farpado! As palavras de ordem! Os rostos enormes! As caves forradas de cortiça onde o carrasco espanca você por trás! Por falar nisso, assusta outros caras que são intelectualmente muito mais burros do que eu. Mas por quê? Porque significa adeus a isso de que estou falando, a esse sentimento especial dentro de você. Chame isso de paz, se quiser. Mas, quando digo paz, não quero dizer ausência de guerra, quero dizer paz, um sentimento nas entranhas. Que desaparecerá para sempre se os rapazes do cassetete de borracha nos pegarem.

Peguei meu monte de prímulas e senti o cheiro delas. Estava pensando em Lower Binfield. Era engraçado como nos últimos dois meses isso tinha estado dentro e fora da minha mente o tempo todo, depois de vinte anos durante os quais eu praticamente a esqueci. E bem neste momento veio o barulho

de um carro subindo a estrada.

Isso me trouxe uma espécie de choque. De repente, percebi o que estava fazendo – vagando por aí colhendo prímulas quando deveria estar examinando o estoque daquela oficina de latoeiro em Pudley. Além do mais, de repente, me dei conta de como as pessoas no carro me veriam. Um gordo de chapéu-coco segurando um punhado de prímulas. Não pareceria certo. Gordos não deveram colher prímulas, muito menos em público. Só tive tempo de jogá-las sobre a sebe antes de o carro se aproximar. Foi bom ter feito isso. O carro estava cheio de jovens idiotas de 20 e poucos anos. Como teriam rido da minha cara se me vissem! Estavam todos me olhando – sabe como as pessoas olham quando estão no carro, vindo na sua direção, e me ocorreu o pensamento de que, de alguma forma, eles adivinharam o que eu estava fazendo.

Melhor deixá-los pensar que era outra coisa. Por que um cara deveria sair do carro na beira de uma estrada no interior? Óbvio! Enquanto o carro passava, fingi que estava fechando um botão.

Liguei o carro com a manivela (o arranque automático não funciona mais) e entrei. Curiosamente, no exato momento em que eu estava fechando o botão, quando minha mente estava cerca de três quartos ocupada por aqueles jovens idiotas no outro carro, uma ideia maravilhosa me ocorreu.

Eu voltaria para Lower Binfield!

Por que não?, pensei enquanto passava a marcha. Por que não deveria? O que me impediria? E por que diabos eu não pensei nisso antes? Umas férias tranquilas em Lower Binfield – exatamente o que eu queria.

Não imagine que eu tivesse pensado em voltar a VIVER em

Lower Binfield. Não planejava abandonar Hilda e as crianças e começar a vida com um nome diferente. Esse tipo de coisa só acontece nos livros. Mas o que me impedia de fugir para Lower Binfield e passar uma semana lá sozinho, na tranquilidade?

Eu parecia já estar com tudo planejado em minha mente. Tudo bem no que diz respeito ao dinheiro. Ainda havia doze libras naquela minha pilha secreta, e era possível ter uma semana muito confortável com doze libras. Recebo férias de quinze dias por ano, geralmente em agosto ou setembro. Mas, se eu inventasse alguma história adequada – a morte de parentes por doença incurável ou algo assim –, provavelmente poderia conseguir que a firma me concedesse minhas férias em duas metades separadas. Então, eu poderia ter uma semana só para mim antes que Hilda soubesse o que estava acontecendo. Uma semana em Lower Binfield, sem Hilda, sem filhos, sem Flying Salamander, sem Ellesmere Road, sem a confusão sobre os pagamentos de aluguel, sem barulho de trânsito deixando a gente bobo – apenas uma semana de ócio, ouvindo o silêncio?

Mas por que eu queria voltar para Lower Binfield?, você pergunta. Por que Lower Binfield em particular? O que eu pretendia fazer quando chegasse lá?

Não queria fazer nada. Isso era parte da questão. Queria paz e sossego. Paz… Já a tivemos uma vez, em Lower Binfield. Eu disse a você algo sobre nossa antiga vida lá, antes da guerra. Não estou fingindo que foi perfeito. Ouso dizer que era um tipo de vida monótona, lenta e vegetativa. Você pode dizer que éramos como nabos, se quiser. Mas os nabos não vivem com medo do patrão, não ficam acordados à noite pensando na próxima crise e na próxima guerra. Tínhamos paz dentro de

nós. Claro que eu sabia que mesmo em Lower Binfield a vida teria mudado. Mas o lugar em si não teria. Ainda haveria o bosque de faias ao redor da Casa Binfield, e o caminho de reboque até a represa Burford, e o cocho para cavalos no mercado. Eu queria voltar lá, apenas por uma semana, e deixar a sensação penetrar em mim. Era um pouco como um desses sábios orientais se retirando para o deserto. E eu devo pensar, do jeito que as coisas estão indo, haverá muitas pessoas se aposentando no deserto durante os próximos anos. Vai ser como o tempo na Roma antiga de que o velho Porteous me falava, quando havia tantos eremitas que havia uma lista de espera para cada caverna.

Mas não era que eu queria cuidar do meu umbigo. Eu só queria recuperar a coragem antes que os tempos ruins começassem. Por que alguém que não esteja morto do pescoço para cima duvida que um mau momento está chegando? Nem mesmo sabemos o que será, mas sabemos que está chegando. Talvez uma guerra, talvez uma depressão – sem saber, exceto, que será algo ruim. Aonde quer que formos, estaremos indo para baixo. Para a sepultura, para a fossa – sem saber. E você não pode enfrentar esse tipo de coisa a menos que tenha o sentimento certo dentro de você. Algo saiu de nós nesses vinte anos desde a guerra. É uma espécie de suco vital que espremos até não sobrar nada. Tudo isso correndo para lá e para cá! A luta eterna por um pouco de dinheiro. Barulho eterno de ônibus, bombas, rádios, campainhas de telefone. Nervos em frangalhos, lugares vazios em nossos ossos onde o tutano deveria estar.

Pisei no acelerador. Só de pensar em voltar para Lower Binfield já tinha me feito bem. Você conhece a sensação que tive. Ir à tona para respirar! Como as grandes tartarugas

marinhas que vêm remando até a superfície, empinam o nariz e enchem os pulmões com um grande gole antes de afundarem novamente entre as algas e os polvos. Estamos todos sufocados no fundo de uma lata de lixo, mas eu encontrei o caminho para a superfície. Voltar para Lower Binfield! Mantive o pé no acelerador até que o velho carro chegasse à velocidade máxima de quase sessenta quilômetros por hora. Ele chacoalhava como uma bandeja de lata cheia de louças e, sob a cobertura do barulho, quase comecei a cantar.

É claro que a pedra no sapato era Hilda. Esse pensamento me desacelerou um pouco. Diminuí até vinte por hora para pensar naquilo.

Não havia muita dúvida de que Hilda descobriria mais cedo ou mais tarde. Quanto a ter apenas uma semana de férias em agosto, talvez eu consiga driblar isso, sem problemas. Eu poderia dizer a ela que a empresa estava me dando apenas uma semana este ano. Provavelmente, ela não faria muitas perguntas sobre isso, porque aproveitaria a chance para cortar as despesas do feriado. As crianças, em todo caso, ficam sempre um mês à beira-mar. A dificuldade surgiu em encontrar um álibi para aquela semana de maio. Eu não poderia simplesmente sair sem aviso prévio. A melhor coisa, pensei, seria contar a ela com bastante antecedência que eu estava sendo enviado a algum trabalho especial para Nottingham, Derby, Bristol ou algum outro lugar bem longe dali. Se eu contasse a ela dois meses antes, pareceria que não tinha nada a esconder.

Mas é claro que ela descobriria mais cedo ou mais tarde. Confie em Hilda! Ela começava fingindo que acreditava, e então, daquela maneira quieta e obstinada que tem, farejaria o fato de eu nunca ter estado em Nottingham ou Derby ou

Bristol ou em qualquer outro lugar. É surpreendente como ela faz isso. Quanta perseverança! Fica quieta até descobrir todos os pontos fracos do seu álibi e, de repente, quando você troca os pés pelas mãos em algum comentário descuidado, ela começa a atacar. De repente sai com todo o dossiê do caso. "Onde você passou a noite de sábado? Isso é uma mentira! Você saiu com uma mulher. Olha só esses cabelos que encontrei escovando seu colete. Olhe para eles! Meu cabelo é dessa cor?" E então a diversão começa. Deus sabe quantas vezes isso aconteceu. Às vezes, ela está certa sobre a mulher e, às vezes, ela está errada, mas os efeitos colaterais são sempre os mesmos. Irritante por semanas a fio! Nunca falha uma refeição – e as crianças não conseguem entender do que se trata. A única coisa completamente impossível seria dizer a ela exatamente onde passei aquela semana e por quê. Se eu explicasse até o Dia do Juízo, ela nunca acreditaria nisso.

Mas, que se dane!, pensei, por que me preocupar? Estava muito longe. Você sabe como essas coisas parecem diferentes antes e depois. Pisei no acelerador novamente. Tive outra ideia, quase maior que a primeira. Eu não iria em maio. Iria na segunda quinzena de junho, quando terá começado a temporada de pesca de rio, e pescaria lá!

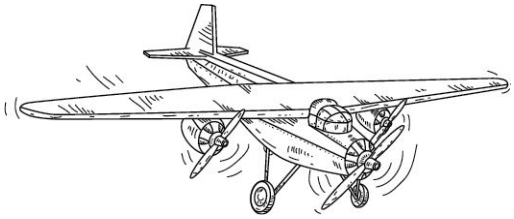
Afinal, por que não? Queria paz, e pescar é paz. E então a maior ideia de todas veio à minha cabeça e quase me fez tirar o carro da estrada.

Eu pegaria aquelas carpas grandes na lagoa da Casa Binfield!

E, mais uma vez, por que não? Não é estranho como passamos a vida, sempre pensando que as coisas que queremos fazer são as coisas que não podem ser feitas? Por que eu não

deveria pegar aquelas carpas? E, no entanto, assim que a ideia é mencionada, não parece para você algo impossível, algo que simplesmente não poderia acontecer? Pareceu-me assim, mesmo naquele momento. Parecia-me uma espécie de sonho louco, como aqueles que você tem de dormir com estrelas de cinema ou ganhar o campeonato dos pesos pesados. E, no entanto, não era absolutamente impossível, nem mesmo improvável. Dá para pagar pela pesca. Quem quer que fosse o dono da Casa Binfield agora provavelmente cederia a lagoa se ganhasse o suficiente para isso. E, meu Deus! Ficaria feliz em pagar cinco libras por um dia de pesca naquela lagoa. Por falar nisso, era bem provável que a casa ainda estivesse vazia e ninguém soubesse que a lagoa existia.

Pensei no lugar escuro entre as árvores que esperavam por mim todos aqueles anos. E o enorme peixe preto ainda planando em volta dela. Minha nossa. Se tinham esse tamanho trinta anos atrás, como estariam agora?



CAPÍTULO 3

Era dia 17 de junho, sexta-feira, o segundo dia da temporada de pesca de rio.

Não tive dificuldade em combinar as coisas com a empresa. Quanto a Hilda, eu a preparei com uma história fácil de engolir. Tinha escolhido Birmingham como meu álibi e, no último momento, eu até disse a ela o nome do hotel em que eu ficaria, Rowbottom's Family and Commercial. Acontece que eu sabia o endereço porque havia ficado lá alguns anos antes. Ao mesmo tempo, não queria que ela escrevesse para mim em Birmingham, o que ela faria se eu ficasse fora por uma semana. Depois de refletir sobre isso, eu confidenciei parcialmente ao jovem Saunders, que viaja para o Glisso Floor Polish. Ele mencionou por acaso que passaria por Birmingham no dia 18 de junho, e eu o fiz prometer que pararia no caminho e postaria uma carta minha para Hilda, endereçada pelo Rowbottom. Era para dizer a ela que eu poderia ser chamado para outra viagem e era melhor ela não escrever. Saunders entendeu, ou pensou que sim. Piscou para mim e disse que eu estava excelente para a minha idade. Então, isso resolveu Hilda. Ela não tinha feito nenhuma pergunta e, mesmo que suspeitasse mais tarde, um álibi como aquele duraria um pouco.

Dirigi por Westerham. Era uma manhã maravilhosa de junho. Uma leve brisa soprando, e os topos dos olmos

balançando ao sol, pequenas nuvens brancas pairando pelo céu como um rebanho de ovelhas, e as sombras se perseguindo nos campos. Fora de Westerham, um rapaz do Walls' Ice Cream, com bochechas como maçãs, veio correndo na minha direção em sua bicicleta, assoviando até grudar na sua cabeça. De repente, me lembrei da época em que eu mesmo era um menino de recados (embora naquela época não tínhamos bicicletas de roda livre) e quase o parei e peguei um. Cortaram o feno em alguns lugares, mas ainda não o haviam juntado. Estava secando em longas fileiras brilhantes, e seu cheiro espalhou-se pela estrada e se misturou com a gasolina.

Dirigi a suaves quinze quilômetros por hora. A manhã tinha uma sensação de paz e sonho. Os patos flutuavam nos lagos como se estivessem satisfeitos demais para comer. Em Nettlefield, a aldeia além de Westerham, um homenzinho de avental branco, com cabelos grisalhos e um enorme bigode grisalho, disparou pelo gramado, plantou-se no meio da estrada e começou a fazer movimentos bruscos para chamar minha atenção. Meu carro é conhecido ao longo desta estrada, é claro. Eu parei. Era o senhor Weaver, que mantém o armazém geral da aldeia. Não, ele não quer um seguro de vida, nem para sua loja. Simplesmente está sem troco e quer saber se eu tenho uma libra de "prata grande". Eles nunca têm troco em Nettlefield, nem mesmo no bar.

Continuei dirigindo. O trigo chegava na cintura. Ondulava para cima e para baixo nas colinas como um grande tapete verde, com o vento agitando um pouco, meio espesso e de aparência sedosa. É como uma mulher, pensei. Faz você querer deitar-se sobre ele. E, um pouco à minha frente, vi a placa de sinalização onde a estrada bifurca à direita para Pudley e à esquerda para Oxford.

Eu ainda estava no meu ritmo habitual, dentro dos limites do meu "distrito", como a empresa diz. O natural, enquanto eu estava indo para o oeste, teria sido deixar Londres pela Uxbridge Road. Mas por uma espécie de instinto eu segui meu caminho de costume. O fato é que me sentia culpado por todo o negócio. Eu queria sair bem antes de ir para Oxfordshire. E, apesar de eu ter organizado as coisas tão bem com Hilda e a empresa, apesar das doze libras na minha carteira e da mala na parte de trás do carro, quando me aproximei da encruzilhada, realmente senti uma tentação – eu sabia que não sucumbiria a isso, mas era uma tentação – de jogar tudo para o alto. Tive a sensação de que, enquanto estivesse dirigindo no meu ritmo normal, ainda estaria dentro da lei. Não é tarde demais, pensei. Ainda dá tempo de fazer a coisa respeitável. Eu poderia entrar em Pudley, por exemplo, falar com o gerente do Barclay's Bank (ele é nosso agente em Pudley) e descobrir se algum novo negócio havia aparecido. Nesse sentido, eu poderia pegar o retorno, voltar para Hilda e confessar a história toda.

Diminuí a velocidade quando cheguei na esquina. Devo ou não devo? Por cerca de um segundo, fiquei realmente tentado. Mas não! Toquei a buzina e virei o carro para oeste, na estrada de Oxford.

Bem, eu fiz isso. Estava no terreno proibido. Era verdade que, oito quilômetros adiante, se eu quisesse, poderia virar à esquerda novamente e voltar para Westerham. Mas no momento eu estava indo para o oeste. A rigor, eu estava voando. E, o que era curioso, eu mal estava na estrada de Oxford quando tive certeza absoluta de que ELES sabiam de tudo. Quando digo ELES, quero dizer todas as pessoas que não aprovariam uma viagem desse tipo e que teriam me impedido se pudessem – o que, suponho, incluiria todo

mundo.

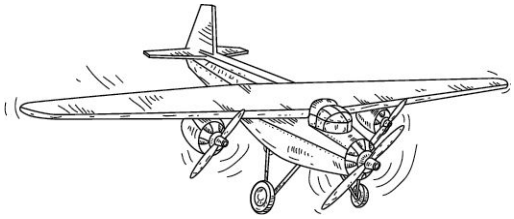
Além do mais, eu realmente tinha a sensação de que eles já estavam atrás de mim. Todos eles! Todas as pessoas que não conseguiam entender por que um homem de meia-idade com dentes postiços deveria passar uma semana sossegada no lugar onde passou a infância. E todos os desgraçados mesquinhos que CONSEGUIAM entender muito bem e que levantariam céus e terra para evitá-lo. Eles estavam todos no meu rastro. Era como se um enorme exército subisse a estrada atrás de mim. Eu parecia vê-los em minha mente. Hilda seguia na frente, claro, com as crianças correndo atrás dela, e a senhora Wheeler a conduzia com uma expressão sombria e vingativa, e a senhorita Minns atrás dela, com o pincenê escorregando e um olhar de angústia no rosto, como a galinha que fica para trás quando os outros pegam a casca do toucinho. E Sir Herbert Crum e os superiores da Flying Salamander em seus Rolls-Royces e Hispano-Suizas. E todos os colegas do escritório, e todos os pobres rebaixados, burocratas da Ellesmere Road e de todas as outras ruas, alguns deles empurrando carrinhos de bebê, segadeiras e rolos de concreto para jardim, outros trabalhando no Austin Sevens. E todos os salvadores de almas e Marias-Fofoqueiras, pessoas que você nunca viu, mas que governam seu destino do mesmo jeito, o Ministro do Interior, a Scotland Yard, o Movimento da Temperança, o Banco da Inglaterra, Lorde Beaverbrook, Hitler e Stálin em uma bicicleta tandem, a bancada dos bispos, Mussolini, o Papa – todos estavam atrás de mim. Quase pude ouvi-los gritar:

– Tem um cara que pensa que vai escapar! Tem um cara que diz que não vai ser comum! Está voltando para Lower Binfield! Sigam-no! Parem-no!

É estranho. A impressão foi tão forte que dei uma espiada pela janelinha na parte de trás do carro para ter certeza de que não estava sendo seguido. Consciência culpada, suponho. Mas não havia ninguém. Apenas a estrada empoeirada e branca e a longa linha de olmos diminuindo atrás de mim.

Pisei no acelerador, e o carro velho chacoalhou na casa dos trinta por hora. Poucos minutos depois, passei pela curva de Westerham. Então, foi isso. Eu queimei meus barcos. Essa era a ideia que, de uma forma meio turva, começava a se formar em minha mente no dia em que ganhei minha nova dentadura.

PARTE 4



CAPÍTULO 1

Eu cheguei a Lower Binfield por Chamford Hill. Existem quatro estradas para Lower Binfield, e teria sido mais direto passar por Walton. Mas eu queria chegar por Chamford Hill, o caminho que costumávamos pegar quando voltávamos de bicicleta para casa depois de pescar no Tâmisa. Quando você passa pelo topo da colina, as árvores se abrem, e se pode ver Lower Binfield no vale abaixo de você.

É uma experiência esquisita percorrer um pedaço do interior que você não vê há vinte anos. Você se lembra dele com muitos detalhes e se lembra tudo errado. Todas as distâncias são diferentes, e os pontos de referência parecem ter se movido. Você continua sentindo, com certeza esta colina costumava ser muito mais íngreme – certamente aquela curva era do outro lado da estrada? E, por outro lado, você terá memórias perfeitamente precisas, mas que pertencem apenas a uma ocasião particular. Você se lembrará, por exemplo, de um canto de um campo, em um dia chuvoso de inverno, com a grama tão verde que era quase azul, um poste de portão podre coberto de líquen e uma vaca parada na grama olhando para você. E voltará depois de vinte anos e ficará surpreso porque a vaca não está parada no mesmo lugar, olhando para você com a mesma expressão.

Enquanto dirigia pela Chamford Hill, percebi que a imagem que eu tinha disso era quase inteiramente imaginária. Mas era

fato que certas coisas mudaram. A estrada estava asfaltada, ao passo que antigamente era de macadame (lembro-me da sensação de calombos sob a bicicleta) e parecia ter ficado muito mais larga. E havia muito menos árvores. Antigamente, costumava haver faias enormes crescendo ao lado das sebes e, em alguns lugares, seus galhos se encontravam do outro lado da estrada e formavam uma espécie de arco. Agora, todas elas se foram. Eu estava quase chegando ao topo da colina quando deparei com algo que certamente era novo. À direita da estrada havia um monte de casas falsamente pitorescas, com beirais pendentes e pérgulas de rosa e tudo o mais. Você conhece os tipos de casas que são um pouco altas demais para ficar lado a lado, então são espalhadas por uma espécie de colônia, com estradas particulares levando até elas. E na entrada de uma das estradas particulares havia um enorme quadro branco que dizia:

CANIL

FILHOTES DE SEALYHAM TERRIER COM PEDIGREE

CRECHE PARA CÃES

Certamente AQUILO não costumava estar lá.

Pensei por um momento. Sim, lembrei-me! Onde essas casas ficavam, costumava haver uma pequena plantação de carvalho, e as árvores ficavam muito próximas umas das outras, de modo que eram muito altas e finas, e, na primavera, o solo embaixo delas costumava ser coberto por anêmonas. Certamente nunca houve nenhuma casa tão longe da cidade como esta.

Cheguei ao topo da colina. Mais um minuto e Lower Binfield estaria à vista. Lower Binfield! Por que eu deveria fingir que não estava animado? Só de pensar em vê-la novamente, uma sensação extraordinária, que começou em minhas entranhas, cresceu e fez algo com meu coração. Mais cinco segundos e eu estaria vendo. Sim, aqui estamos! Soltei a embreagem, pisei no freio e… Jesus!

Ah, sim, eu sei que você sabia o que estava por vir. Mas *não* fiz isso. Você pode dizer que fui um idiota por não esperar isso, e fui. Mas isso nem me ocorreu.

A primeira pergunta era: onde estava Lower Binfield?

Não quero dizer que tenha sido demolida. Apenas tinha sido engolida. O que eu estava olhando era uma cidade manufatureira de bom tamanho. Eu me lembro – meu Deus, como eu me lembro! E, neste caso, não acho que minha memória esteja muito distante da realidade – como era Lower Binfield do topo de Chamford Hill. Suponho que a High Street tivesse cerca de quatrocentos metros de comprimento e, exceto por algumas casas nos arredores, a cidade tinha aproximadamente a forma de uma cruz. Os principais marcos históricos eram a torre da igreja e a chaminé da cervejaria. Neste momento, não consegui distinguir nenhuma delas. Tudo o que pude ver foi um enorme rio de casas novas que corriam ao longo do vale em ambas as direções e na metade das colinas de cada lado. À direita, havia o que pareciam ser vários hectares de telhados vermelhos brilhantes, todos exatamente iguais. Um grande conjunto habitacional da Câmara, pelo que parece.

Mas onde estava Lower Binfield? Onde ficava a cidade que eu conhecia? Podia estar em qualquer lugar. Tudo que eu sabia

era que estava enterrada em algum lugar no meio daquele mar de tijolos. Das cinco ou seis chaminés de fábrica que pude ver, não consegui adivinhar qual pertencia à cervejaria. Em direção ao extremo leste da cidade, havia duas enormes fábricas de vidro e concreto. Isso explica o crescimento da cidade, pensei, quando comecei a compreendê-la. Ocorreu-me que a população deste lugar (costumava ser cerca de dois mil nos velhos tempos) deve ser de uns bons vinte e cinco mil. A única coisa que não havia mudado, aparentemente, era a Casa Binfield. Não era muito mais do que um ponto àquela distância, mas dava para vê-la na encosta oposta, com as faias ao redor, e a cidade não tinha subido tanto. Enquanto eu olhava, uma frota de aviões pretos de bombardeio subiu a colina e zuniu pela cidade.

Acionei a embreagem e comecei a descer lentamente a colina. As casas subiram até metade do caminho. Você conhece aquelas casinhas muito baratas que sobem uma encosta em uma fileira contínua, com os telhados se erguendo um acima do outro, como um lance de escadas, exatamente iguais. Mas, um pouco antes de chegar às casas, parei de novo. À esquerda da estrada, havia outra coisa bastante nova. O cemitério. Parei em frente ao portão para dar uma olhada.

Era enorme, vinte acres, eu acho. Há sempre uma espécie de aparência abalada e pouco caseira em um novo cemitério, com seus caminhos de cascalho cru e seus gramados verdes ásperos e os anjos de mármore feitos à máquina que parecem saídos de um bolo de casamento. Mas o que mais me impressionou no momento foi que nos velhos tempos esse lugar não existia. Na época, não havia um cemitério separado, apenas o cemitério. Eu podia me lembrar vagamente do fazendeiro a que esses campos costumavam pertencer – Blackett era seu nome. E, de

alguma forma, a aparência crua do lugar me trouxe à mente como as coisas haviam mudado. Não era só que a cidade tinha ficado tão vasta que precisavam de vinte acres para despejar seus cadáveres. Era que colocaram o cemitério aqui, na periferia da cidade. Percebeu que hoje em dia sempre fazem isso? Cada nova cidade coloca seu cemitério na periferia. Empurre-o para longe – mantenha-o fora de vista! Não suporto ser lembrado da morte. Até as lápides contam a mesma história. Nunca dizem que o sujeito embaixo delas "morreu", é sempre "faleceu" ou "descansou". Não era assim nos velhos tempos. Mandamos fazer o nosso cemitério no meio da cidade, você passava por ele todos os dias, via o lugar onde seu avô estava descansando e onde um dia você descansaria. Não nos importávamos em olhar nossos mortos. Com o tempo quente, admito, também tínhamos de cheirá-los, porque alguns dos túmulos da família não estavam muito bem vedados.

Deixei o carro descer a colina lentamente. Estranho! Você não pode imaginar o quanto foi estranho! Durante toda a descida da colina, vi fantasmas, principalmente os fantasmas de sebes, árvores e vacas. Era como se eu estivesse olhando para dois mundos ao mesmo tempo, uma espécie de bolha fina da coisa que costumava ser, com a coisa que realmente existia brilhando através dela. Lá estava o campo onde o touro perseguiu Ginger Rodgers! E ali é o lugar onde os cogumelos costumavam crescer! Mas não havia campos, touros ou cogumelos. Eram casas, casas por toda parte, casinhas vermelhas com suas cortinas sujas e restos de quintal que não tinham nada além de um pedaço de grama ou algumas esporinhas se debatendo entre as ervas daninhas. E sujeitos andando para cima e para baixo, mulheres sacudindo tapetes e crianças de nariz empinado brincando na calçada. Todos

estranhos! Todos se aglomeraram enquanto minhas costas estavam viradas. E, ainda assim, foram eles que me olharam como um estranho, eles não sabiam nada sobre a antiga Lower Binfield, nunca tinham ouvido falar de Shooter e Wetherall, ou do senhor Grimmett e do tio Ezekiel, e não se importavam, você pode apostar.

É engraçado como alguém se ajusta rapidamente. Suponho que se passaram cinco minutos desde que parei no topo da colina, na verdade um pouco sem fôlego com a ideia de ver Lower Binfield novamente. E já tinha me acostumado com a ideia de que Lower Binfield havia sido engolida e enterrada como as cidades perdidas do Peru. Eu me preparei e enfrentei. Afinal, o que mais você esperava? As cidades precisam crescer, as pessoas precisam viver em algum lugar. Além disso, a cidade velha não havia sido aniquilada. Em algum lugar ou outro ela ainda existia, embora tivesse casas ao redor em vez de campos. Em alguns minutos, eu estaria vendo tudo de novo, a igreja, a chaminé da cervejaria, a vitrine de papai e o cocho para cavalos no mercado. Cheguei ao pé da colina, e a estrada se bifurcou. Peguei a curva para a esquerda, e um minuto depois estava perdido.

Eu não conseguia me lembrar de nada. Não conseguia nem lembrar se era por aqui que a cidade costumava começar. Só sabia que antigamente essa rua não existia. Por centenas de metros, eu estava correndo ao longo dela – um tipo de rua bastante mesquinha e pobre, com as casas dando direto na calçada, e aqui e ali uma mercearia de esquina ou um barzinho sujo – e me perguntando para onde diabos isso levava. Finalmente, parei ao lado de uma mulher com um avental sujo e sem chapéu que estava andando pela calçada. Coloquei minha cabeça para fora da janela.

– Perdão, a senhora pode me dizer o caminho até o mercado?

Ela "não podia dizer". Respondeu com um sotaque que você poderia cortar com uma pá. Lancashire. Existem muitos deles no sul da Inglaterra agora. Transbordam das áreas em dificuldades. Então, vi um homem com um macacão e uma sacola de ferramentas chegando e tentei novamente. Desta vez, obtive a resposta em *cockney*, mas ele teve que pensar um pouco.

– Mercado? Mercado? Imobiliário, agora. Ah… quer dizer o mercado VEIO?

Suponho que realmente me referi ao Mercado Velho.

– Ah, bem… você pega a direita e vira…

Era um longo caminho. Quilômetros, pareceu-me, embora na verdade não desse um quilômetro. Casas, lojas, cinemas, capelas, campos de futebol – novo, tudo novo. Mais uma vez, tive a sensação de que uma espécie de invasão inimiga acontecia pelas minhas costas. Todas essas pessoas vindo de Lancashire e dos subúrbios de Londres, plantando-se neste caos bestial, sem se preocupar em conhecer os principais marcos da cidade pelo nome. Mas compreendi agora por que o que costumávamos chamar de mercado agora era conhecido como Mercado Velho. Havia uma grande praça, embora você não pudesse chamá-la corretamente de praça, porque não tinha uma forma particular, no meio da nova cidade, com semáforos e uma enorme estátua de bronze de um leão mordendo uma águia – o memorial de guerra, suponho. E a novidade de tudo! O olhar cru e cruel! Você conhece a aparência dessas novas cidades que, de repente, incharam como balões nos últimos anos, Hayes, Slough, Dagenham, e assim por diante? O tipo de frio, os tijolos vermelhos brilhantes por toda parte, as vitrines

de aparência temporária cheias de chocolates baratos e peças de rádio. Era assim mesmo. Mas, de repente, entrei em uma rua com casas antigas. Poxa! A High Street!

Afinal, minha memória não havia me pregado peças. Eu conhecia cada centímetro dali. Mais algumas centenas de metros e eu estaria no mercado. A velha loja ficava do outro lado da High Street. Eu ia lá depois do almoço – ficava no George. E a cada centímetro uma memória! Eu conhecia todas as lojas, embora todos os nomes tivessem mudado e as coisas que vendiam também tivessem mudado. Lá está o Lovegrove! E o Todd's! E uma grande loja escura com vigas e janelas de mansarda. Costumava ser a loja de cortinas de Lilywhite, onde Elsie trabalhava. E o Grimmett! Aparentemente, ainda é uma mercearia. Agora, o cocho para cavalos do mercado. Havia outro carro à minha frente e eu não conseguia ver.

Virou quando passamos pelo mercado. O cocho dos cavalos havia desaparecido.

Havia um guarda de trânsito onde costumava ficar o cocho. Ele deu uma olhada no carro, viu que não tinha o sinal de oficial e decidiu não bater continência.

Virei a esquina e corri até o George. O desaparecimento do cocho tinha me deixado tão para baixo que nem olhei para ver se a chaminé da cervejaria ainda estava de pé. O George também havia mudado, exceto o nome. A frente tinha sido embonecada até parecer um daqueles hotéis à beira do rio, e a placa era diferente. Era curioso que, embora até aquele momento eu não tivesse pensado nisso uma vez em vinte anos, de repente descobri que podia me lembrar de cada detalhe da velha placa, que estava lá desde que eu conseguia me lembrar. Era um tipo de pintura grosseira, com São Jorge em um cavalo

muito magro pisoteando um dragão muito gordo e, no canto, embora estivesse rachado e desbotado, dava para ler a pequena assinatura, “Wm. Sandford, Pintor & Carpinteiro”. A nova placa tinha uma aparência meio artística. Dava para ver que havia sido pintada por um artista de verdade. São Jorge parecia um afrescalhado normal. O pátio de paralelepípedos, onde as carroças dos fazendeiros costumavam ficar e os bêbados costumavam vomitar, havia aumentado cerca de três vezes e foi todo concretado, com vagas de carro ao redor. Dei ré com o carro em uma das vagas e saí.

Uma coisa que tenho notado sobre a mente humana é que ela funciona em fragmentos. Nenhuma emoção permanece com a gente por muito tempo. Durante o último quarto de hora, tive o que seria possível descrever como um choque. Senti quase como uma meia nas entranhas quando parei no topo de Chamford Hill e de repente percebi que Lower Binfield havia desaparecido, e houve outra pequena facada quando vi que o cocho tinha sumido. Dirigi pelas ruas com um sentimento sombrio, tipo Ichabod. Mas, quando saí do carro e coloquei meu chapéu de feltro na cabeça, de repente senti que não tinha a menor importância. Estava um lindo dia de sol, e o jardim do hotel tinha uma aparência meio de verão, com suas flores em banheiras verdes e sei lá o quê. Além disso, estava com fome e ansioso para almoçar.

Entrei no hotel com uma espécie de ar de importância, com o engraxate, que já tinha saído para me encontrar, seguindo com a mala. Eu me sentia muito próspero e provavelmente tinha essa aparência. Um homem de negócios sólido, você diria, de qualquer forma, se não tivesse visto o carro. Fiquei feliz por ter vindo com meu novo terno: flanela azul com uma fina faixa branca, que combina com meu estilo. Tem o que o alfaiate

chama de “efeito redutor”. Acredito que naquele dia eu poderia ter passado por um corretor da bolsa. E, diga o que quiser, é uma coisa muito agradável, em um dia de junho, quando o sol está brilhando sobre os gerânios rosa nas janelas, entrar em um belo hotel rural com cordeiro assado e molho de hortelã à sua frente. Não que seja um prazer para mim ficar em hotéis, Deus sabe que os visito demais, mas noventa e nove vezes em cem são aqueles hotéis ímpios “familiares e para negócios”, como o Rowbottom, onde eu deveria estar agora, o tipo de lugar onde você paga cinco pratas pela estadia, e os lençóis estão sempre úmidos e as torneiras nunca funcionam. O George ficou tão chique que eu não teria percebido. Antigamente, dificilmente seria um hotel, apenas um bar, embora tivesse um ou dois quartos para alugar e costumasse fazer um almoço de fazendeiros (rosbife e Yorkshire, bolinho de sebo e queijo Stilton) nos dias de feira. Tudo parecia diferente, exceto pelo bar público, que vislumbrei ao passar e que parecia o mesmo de sempre. Subi uma passagem com um tapete macio, e pegadas de caça, frigideiras de cobre e coisas assim estavam penduradas nas paredes. E vagamente podia me lembrar da passagem como costumava ser, as lajes escavadas sob os pés e o cheiro de gesso misturado com o cheiro de cerveja. Uma jovem de aparência elegante, com cabelo crespo e vestido preto, que suponho ser a balconista ou algo assim, levou meu nome ao escritório.

– Deseja um quarto, senhor? Certamente, senhor. Que nome devo colocar, senhor?

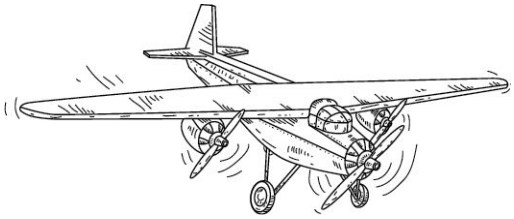
Eu estaquei. Afinal, esse era meu grande momento. Ela com certeza conheceria o meu nome. Não é comum, e há muitos de nós no cemitério. Éramos uma das antigas famílias de Lower Binfield, os Bowlings de Lower Binfield. E embora de certa

forma seja doloroso ser reconhecido, eu estava ansioso por isso.

– Bowling – eu disse claramente. – Senhor George Bowling.

– Bowling, senhor. B-O-A-oh! B-O-W? Sim, senhor. E está vindo de Londres, senhor?

Sem resposta. Nada registrado. Ela nunca tinha ouvido falar de mim. Nunca ouvira falar de George Bowling, filho de Samuel Bowling – Samuel Bowling, que droga!, bebeu meio litro de cerveja neste mesmo bar todos os sábados durante mais de trinta anos.



CAPÍTULO 2

A sala de jantar também havia mudado.

Eu conseguia me lembrar do antigo cômodo, embora nunca tivesse feito uma refeição lá, com sua lareira marrom e seu papel de parede amarelo-bronze – eu nunca soube se era para ser daquela cor ou se tinha ficado assim com a idade e a fumaça – e a pintura a óleo, também de Wm. Sandford, Pintor & Carpinteiro, da batalha de Tel el-Kebir. Agora, eles conseguiram deixar o lugar com um tipo de estilo medieval. Lareira de tijolo com espaço de acomodação, uma viga enorme atravessando o teto, painéis de carvalho nas paredes, e cada pedaço deles uma farsa que você poderia ter visto a cinquenta metros de distância. A trave era de carvalho genuíno, provavelmente de algum veleiro antigo, mas não sustentava nada, e tive minhas suspeitas sobre os painéis assim que os vi. Quando me sentei à mesa e o jovem garçom elegante veio em minha direção mexendo em seu guardanapo, bati na parede atrás de mim. Sim! Pensei isso! Nem mesmo madeira. Eles falsificam com algum tipo de composto e então pintam.

Mas o almoço não foi ruim. Comi meu cordeiro com molho de hortelã e uma garrafa de um ou outro vinho branco com um nome francês que me fez arrotar um pouco, mas me deixou feliz. Havia outra pessoa almoçando lá, uma mulher de cerca de 30 anos e cabelos louros, parecia uma viúva. Eu me

perguntei se ela estava hospedada no George e fiz planos vagos de sair com ela. É engraçado como seus sentimentos se confundem. Metade do tempo eu via fantasmas. O passado estava se projetando no presente, dia de feira, e os grandes e sólidos fazendeiros jogando suas pernas sob a longa mesa, com suas tachas de bota raspando no chão de pedra, e abrindo caminho através de uma quantidade de carne e bolinhos que você não acreditaria que a estrutura humana poderia aguentar. E então as mesinhas, com suas toalhas brancas brilhantes, taças de vinho e guardanapos dobrados, e as decorações falsificadas, e o dispêndio geral tornaria a apagar esse cenário. E eu pensava: "Tenho doze libras e um terno novo. Sou o pequeno Georgie Bowling, e quem acreditaria que eu voltaria para Lower Binfield em meu próprio automóvel?" E então o vinho enviava uma espécie de sensação de calor estômago acima, e eu corria os olhos sobre a mulher de cabelo louro e mentalmente tirava sua roupa.

Foi a mesma coisa à tarde, enquanto eu estava deitado na sala – medieval farsesco de novo, mas tinha poltronas comuns de couro e mesas com tampo de vidro – com um pouco de conhaque e um charuto. Eu estava vendo fantasmas, mas no geral estava gostando. Na verdade, eu estava um pouco bêbado e torcendo para que a mulher de cabelos louros viesse para que eu pudesse travar um relacionamento. Mas ela nunca apareceu. Foi só quase na hora do chá que saí.

Caminhei até o mercado e virei para a esquerda. A loja! Foi divertido. Vinte e um anos atrás, no dia do funeral de mamãe, eu passei por ela na charrete da estação e vi tudo calado e empoeirado, com a placa queimada por um maçarico, e nem me importei. E agora, quando eu estava muito mais longe dela, quando na verdade havia detalhes sobre o interior da casa que

eu não conseguia lembrar, a ideia de vê-la novamente afetou meu coração e minhas entranhas. Passei pela barbearia. Ainda é uma barbearia, embora o nome fosse diferente. Um cheiro quente, ensaboado e amendoado saiu pela porta. Não tão bom quanto o cheiro antigo de rum e latakia. A nossa loja ficava vinte metros adiante. Ah!

Uma placa de aparência artística – pintada pelo mesmo sujeito que a do George, não deveria me surpreender – pendurada na calçada:

CASA DE CHÁ DA WENDY
CAFÉ DA MANHÃ
BOLOS FEITOS EM CASA

Uma casa de chá!

Suponho que, se tivesse sido de um açougueiro ou de um ferreiro, ou qualquer outro, exceto de um vendedor de sementes, teria me dado o mesmo choque. É um absurdo que, pelo motivo de você ter nascido em uma certa casa, você sinta que tem direitos sobre ela para o resto da sua vida, mas você tem. O lugar fazia jus ao seu nome, certo. Cortinas azuis na janela e um ou dois bolos em volta, o tipo de bolo coberto de chocolate e com apenas uma noz presa em algum lugar no topo. Eu entrei.

Realmente não quis chá, mas precisava ver o interior.

Eles evidentemente transformaram a loja, e o que costumava ser a sala de estar, em salões de chá. Quanto ao quintal nos fundos, onde ficava o latão de lixo e o pequeno canteiro onde as ervas do meu pai costumavam crescer, eles o pavimentaram e o embonecaram com mesas rústicas, hortênsias e coisas

assim. Entrei na sala. Mais fantasmas! O piano e os textos na parede, e as duas velhas poltronas vermelhas onde papai e mamãe costumavam se sentar em lados opostos da lareira, lendo a *People* e o *News of the World* nas tardes de domingo! Eles conseguiram deixar o lugar com um estilo ainda mais antigo que o do George, com mesas dobráveis, um lustre de ferro martelado, placas de estanho penduradas na parede e tudo o mais. Você percebe como eles sempre conseguem deixar esses salões de chá artísticos bem escuros? É parte da antiguidade, suponho. E, em vez de uma garçonete comum, havia uma jovem em uma espécie de embrulho estampado que me recebeu com uma expressão azeda. Pedi chá para ela, e ela demorou dez minutos para pegá-lo. Você conhece o tipo de chá – chá da China, tão fraco que você poderia pensar que é água até colocar o leite. Eu estava sentado quase exatamente onde a poltrona de papai costumava ficar. Quase dava para ouvir a voz dele, lendo um "pedaço", como ele costumava chamar, da *People*, sobre as novas máquinas voadoras, ou o sujeito que foi engolido por uma baleia, ou algo assim. Isso me deu uma sensação muito peculiar de que eu estava lá sob falsos pretextos e eles poderiam me expulsar se descobrissem quem eu era e, ao mesmo tempo, eu tinha uma espécie de desejo de contar a alguém que nasci aqui, que pertenço a esta casa, ou melhor (o que eu realmente sentia) que a casa era minha. Não havia mais ninguém tomando chá. A garota com o vestido estampado estava parada perto da janela, e pude ver que, se eu não estivesse lá, ela estaria palitando os dentes. Mordi uma das fatias de bolo que ela me trouxe. Bolos caseiros! Pode apostar que sim. Feito em casa com margarina e sucedâneo de ovo. Mas no final tive que falar.

Eu disse:

– Você está em Lower Binfield há muito tempo?

Ela se assustou, pareceu surpresa e não respondeu. Eu tentei de novo:

– Eu morei em Lower Binfield por um bom tempo.

Novamente nenhuma resposta, ou apenas algo que eu não pude ouvir. Ela me lançou um olhar meio frio e depois olhou novamente pela janela. Eu vi como foi. Muito dama para bater um papo com os clientes. Além disso, provavelmente pensou que eu estava tentando fazer um joguinho com ela. De que adiantaria contar a ela que nasci naquela casa? Mesmo que ela acreditasse, isso não lhe interessaria. Ela nunca tinha ouvido falar de Samuel Bowling, Mercado de Milho & Semente. Paguei a conta e saí.

Eu fui até a igreja. Uma coisa de que eu estava meio com medo e meio ansioso era ser reconhecido por pessoas que eu conhecia. Mas não precisava ter me preocupado, não havia um rosto que eu conhecesse em lugar nenhum nas ruas. Parecia que toda a cidade tinha uma nova população.

Quando cheguei à igreja, vi por que eles tiveram que construir um novo cemitério. O cemitério estava cheio até a borda e metade dos túmulos tinha nomes que eu não conhecia. Mas os nomes que eu conhecia eram fáceis de encontrar. Eu vaguei entre os túmulos. O sacristão acabara de cortar a grama, e até ali tinha cheiro de verão. Eles estavam sozinhos, todas as pessoas mais velhas que eu conhecia. Gravitt, o açougueiro, e Winkle, o outro vendedor de sementes, e Trew, que costumava manter o George, e a senhora Wheeler, da confeitaria – todos estavam descansando ali. Shooter e Wetherall estavam frente a frente em cada lado do caminho, como se ainda estivessem cantando um para o outro do outro

lado do corredor. Então, Wetherall não fez seus cem, afinal. Nasceu em 1843 e "partiu" em 1928. Mas havia vencido o Shooter, como sempre. Shooter morreu em 1926. Que mau tempo o velho Wetherall deve ter tido naqueles dois anos em que não havia ninguém para cantar contra ele! E o velho Grimmett, sob uma coisa enorme de mármore em forma de torta de vitela e presunto, com uma grade de ferro em volta, e no canto, um lote inteiro de Simmons sob pequenas cruzes baratas. Tudo virou pó. O velho Hodges com seus dentes cor de tabaco, e Lovegrove com sua grande barba castanha, e Lady Rampling com o cocheiro e o criado de libré, e a tia de Harry Barnes que tinha um olho de vidro, e Brewer, da Fazenda do Moinho com seu rosto velho e perverso como algo esculpido em uma noz – nada sobrou de nenhum deles, exceto uma placa de pedra e Deus sabe o que por baixo.

Encontrei o túmulo de mamãe e o de papai ao lado. Ambos em bom estado de conservação. O sacristão mantinha a grama aparada. O do tio Ezequiel estava um pouco longe. Eles destruíram muitas das sepulturas mais antigas, e as velhas cabeças de maneira, aquelas que costumavam parecer a ponta de uma cama, foram todas retiradas. O que você sente quando vê o túmulo de seus pais depois de vinte anos? Não sei o que se deve sentir, mas vou lhe dizer o que senti, e não foi nada. Meu pai e minha mãe nunca desapareceram da minha mente. É como se existissem em algum lugar em uma espécie de eternidade, a mãe atrás do bule marrom, o pai com sua cabeça calva um pouco farinhenta, e seus óculos e o bigode cinza, fixados para sempre como pessoas em um quadro, e ainda, de algum modo, vivos. Aquelas caixas de ossos enterradas no chão não pareciam ter algo a ver com eles. Apenas, enquanto eu estava lá, comecei a me perguntar como você se sente

quando está embaixo da terra, se você se importa muito e, quando deixa de se importar, de repente, uma sombra pesada passou por mim e me deu um susto.

Olhei para trás. Era apenas um avião bombardeiro que voou entre mim e o sol. O lugar parecia estar mais sombrio com eles.

Entrei na igreja. Quase pela primeira vez desde que voltei para Lower Binfield, não tive a sensação fantasmagórica, ou melhor, eu a tive de uma forma diferente. Porque nada mudou. Nada, exceto que todas as pessoas haviam partido. Até as almofadas do genuflexório pareciam iguais. O mesmo cheiro adocicado de cadáver empoeirado. E, minha nossa! O mesmo buraco na janela, porém, como era tarde e o sol estava batendo do outro lado, o ponto de luz não estava subindo pelo corredor. Ainda tinham bancos – não mudaram para cadeiras. Lá estava o nosso banco e aquele na frente, onde Wetherall costumava berrar contra o Shooter. Seom, rei dos amorreus, e Ogue, rei de Basã! E as pedras gastas no corredor, onde ainda se podiam ler pela metade os epitáfios dos caras que estavam debaixo delas. Eu me agachei para dar uma olhada no que ficava em frente ao nosso banco. Eu ainda sabia de cor as partes legíveis. Até mesmo o padrão que eles fizeram parecia ter ficado na minha memória. Só Deus sabe quantas vezes os li durante o sermão.

Aqui filho, Gent.,

deste paró q seu jufto e

reto

Para sua múltipla bene

volência ele acrescentou uma diligente

e amada espofa Amelia, por deixa cinco

filhas

Lembrei-me de como o S longo costumava me intrigar quando criança. Costumava me perguntar se antigamente eles pronunciavam seus S's como F's e, em caso afirmativo, por quê.

Ouvi um passo atrás de mim. Ergui os olhos. Um sujeito de batina estava parado perto de mim. Era o vigário.

Mas quero dizer "O" vigário! Era o velho Betterton, que fora vigário nos velhos tempos – não, na verdade, desde que eu conseguia me lembrar, mas desde 1904 ou por aí. Eu o reconheci imediatamente, embora seu cabelo estivesse bastante branco.

Ele não me reconheceu. Eu era apenas um viajante gordo de terno azul fazendo um pouco de turismo. Ele disse boa tarde e prontamente começou a falar na linha de costume – eu estava interessado em arquitetura, um edifício antigo notável, fundações que remontam aos tempos saxões e assim por diante. E logo ele estava cambaleando, mostrando-me os pontos turísticos, como eles eram – arco normando sendo levado para a sacristia, efígie de bronze de Sir Roderick Bone que foi morto na Batalha de Newbury. E eu o segui com o tipo de ar canalha que os homens de negócios de meia-idade sempre têm quando são mostrados em uma igreja ou galeria de fotos. Mas eu disse a ele que já sabia de tudo? Eu disse a ele que era Georgie Bowling, filho de Samuel Bowling – ele teria se lembrado do meu pai mesmo se não se lembrasse de mim – e que eu não apenas ouvi seus sermões por dez anos e fui para suas aulas de crisma, mas até pertencia ao Círculo de Leitura de Lower Binfield e tentei ler *Sesame and Lilies* só para agradá-lo? Não, não disse. Eu simplesmente o segui, fazendo o

tipo de resmungo que você faz quando alguém lhe diz que isto ou aquilo tem quinhentos anos e você não consegue pensar no que dizer, exceto que não parece ter isso tudo. A partir do momento em que coloquei os olhos nele, decidi deixá-lo pensar que eu era um estranho. Assim que pude, decentemente, coloquei seis pence na caixa de doação da igreja e saí.

Mas por quê? Por que não fazer contato, agora que finalmente encontrei alguém que conhecia?

Porque a mudança em sua aparência depois de vinte anos realmente me assustou. Suponho que você pense que quero dizer que ele parecia mais velho. Mas não parecia! Parecia mais jovem. E de repente isso me ensinou algo sobre a passagem do tempo.

Suponho que o velho Betterton teria cerca de 65 anos agora, de modo que, quando o vi pela última vez, ele teria cerca de 45 – minha idade atual. Seu cabelo estava branco agora, e, no dia em que enterrou mamãe, era uma espécie de cinza raiado, como um pincel de barbear. E, no entanto, assim que o vi, a primeira coisa que me impressionou foi que ele parecia mais jovem. Eu pensava nele como um velho, velho, e afinal ele não era tão velho. Quando menino, me ocorreu, todas as pessoas com mais de 40 anos me pareciam apenas destroços velhos e gastos, tão velhos que quase não havia diferença entre eles. Um homem de 45 anos parecia-me mais velho do que aquele velho trêmulo de 65 agora. E, minha nossa! Eu também tinha 45 anos. Isso me assustou.

Então, é assim que pareço para rapazes de 20 anos, pensei enquanto corria entre os túmulos. Apenas um pobre velho brutamontes. Acabado. Foi curioso. Como regra, não me

importo nem um pouco com minha idade. Por que deveria? Sou gordo, mas forte e saudável. Posso fazer tudo o que quero fazer. Uma rosa tem o mesmo cheiro para mim agora como quando eu tinha 20 anos. Ah, mas eu cheiro o mesmo para a rosa? Como uma resposta, uma garota, que poderia ter 18 anos, veio pela alameda do cemitério. Ela teve que passar a um ou dois metros de mim. Eu vi o olhar que ela me deu, apenas um olhar minúsculo e momentâneo. Não, não com medo, nem hostil. Apenas meio selvagem, remoto, como um animal selvagem quando você chama a atenção. Ela nasceu e cresceu naqueles vinte anos enquanto eu estava longe de Lower Binfield. Todas as minhas lembrança não teriam significado nada para ela. Vivendo em um mundo diferente do meu, como um animal.

Voltei para o George. Queria uma bebida, mas o bar só abriria em meia hora. Fiquei ali um pouco, lendo um *Sporting and Dramatic* do ano anterior, e logo a senhora loira, aquela que eu pensei que poderia ser uma viúva, entrou. Tive um desejo desesperado de sair com ela. Queria mostrar para mim mesmo que o velho sabujo ainda tem vida, mesmo que ele tenha de usar dentes postiços. Afinal, pensei, se ela tem 30 e eu tenho 45, é justo. Eu estava parado em frente à lareira vazia, fingindo que esquentava minha bunda, como se faz num dia de verão. No meu terno azul, eu não parecia tão ruim. Um pouco gordo, sem dúvida, mas distinto. Um homem do mundo. Eu poderia me passar por um corretor da bolsa. Coloquei meu sotaque mais forte e disse casualmente:

– Estamos tendo um clima maravilhoso de junho.

Foi uma observação bastante inofensiva, não foi? Nem na mesma classe de “Não conheci você em algum lugar antes?”.

Mas não foi um sucesso. Ela não respondeu, apenas abaixou por cerca de meio segundo o jornal que estava lendo e me lançou um olhar que teria rachado uma janela. Foi terrível. Ela tinha um daqueles olhos azuis que penetram em você como uma bala. Naquela fração de segundo eu vi o quanto eu a entendera errado de uma forma desesperada. Ela não era o tipo de viúva de cabelos tingidos que gosta de ser levada a salões de dança. Era de classe média alta, provavelmente filha de um almirante, e frequentou uma dessas boas escolas onde se joga hóquei. E eu também me enganei. Com terno novo ou sem terno novo, NÃO PODERIA passar por um corretor da bolsa. Parecia apenas um caixeiro-viajante que por acaso conseguiu um pouco de dinheiro. Eu me esgueirei para o bar para tomar uma ou duas cervejas antes do jantar.

A cerveja não era a mesma. Lembro-me da cerveja velha, da boa cerveja do Vale do Tâmisa, que costumava ter um pouco de sabor porque era feita de água com calcário. Eu perguntei à garçonete:

– A "Bessemers" ainda tem a cervejaria?

– Bessemers? Ah, NÃO, senhor! Eles fecharam. Ah, anos atrás… muito antes de virmos "pra cá".

Ela era do tipo amigável, o que chamo de garçonete do tipo irmã mais velha, 35 anos, um rosto suave e os braços gordos que elas desenvolvem ao mexer na torneira de cerveja. Ela me disse o nome do grupo que assumiu a cervejaria. Eu poderia ter adivinhado pelo gosto, na verdade. Os diferentes balcões circundavam o espaço, com compartimentos entre eles. Do outro lado do bar, dois rapazes jogavam dardos e, no Jarro e Garrafa, havia um sujeito, que eu não pude ver, que ocasionalmente fazia uma observação com uma voz sepulcral.

A garçonete apoiou os cotovelos gordos no balcão e conversou comigo. Repassei o de quem eu conhecia, e ela não tinha ouvido falar de nenhuma delas. Ela disse que estava em Lower Binfield há apenas cinco anos. Ela nem tinha ouvido falar do velho Trew, que costumava gerenciar o George nos velhos tempos.

– Eu também morava em Lower Binfield. – disse a ela. – Foi há um bom tempo, antes da guerra.

– Antes da guerra? Ora, essa! Você não me parece tão velho.

– Vê algumas mudanças, creio – disse o sujeito no Jarro e na Garrafa.

– A cidade cresceu – respondi. – São as fábricas, suponho.

– Bem, é claro que a maioria deles trabalha principalmente nas fábricas. Lá o gramofone funciona e há Truefitt Stockings. Mas, claro, estão fazendo bombas hoje em dia.

Não entendi direito por que era claro, mas ela começou a me contar sobre um jovem que trabalhava na fábrica de Truefitt e às vezes ia ao George, e ele disse a ela que estavam fazendo bombas e também meias, os dois, por algum motivo que não entendi, sendo fáceis de combinar. E então ela me contou sobre o grande aeródromo militar perto de Walton – responsável pelos bombardeiros que eu continuava vendo – e no momento seguinte começamos a falar sobre a guerra, como de costume. Engraçado. Foi exatamente para fugir da ideia de guerra que vim aqui. Mas como seria possível, afinal? Está no ar que você respira.

Eu disse que aconteceria em 1941. O cara no Jarro e Garrafa disse que achava que era um trabalho ruim. A garçonete disse que lhe dava arrepios. Ela comentou:

– Parece que não adianta muito, não é, depois de tudo dito e feito? E às vezes fico acordada à noite e ouço uma daquelas grandes coisas enormes passando por cima de mim, e penso comigo mesmo: “Ora essa, suponha que ela fosse jogar uma bomba bem em cima de mim!

E toda essa Precaução Contra Ataques Aéreos, e a senhorita Todgers, ela é a Vigilante do Ar, dizendo que vai ficar tudo bem se você mantiver a cabeça e encher as janelas de jornal, e eles dizem que vão cavar um abrigo sob a Prefeitura. Mas, pelo que vejo, como você poderia colocar uma máscara de gás em um bebê?”

O sujeito do Jarro e da Garrafa disse que tinha lido no jornal que você deveria tomar um banho quente até que tudo acabasse. Os rapazes do bar ouviram isso, e houve um pequeno desvio para o assunto de quantas pessoas poderiam entrar no mesmo banheiro, e os dois perguntaram à garçonete se poderiam compartilhar o banheiro com ela. Ela disse a eles para não ficarem atrevidos e foi até a outra extremidade do bar e tirou mais alguns litros de cerveja velha e sem graça. Dei uma talagada na minha cerveja. Era muito vagabunda. Amarga, eles chamam. E era amarga, com certeza, muito amarga, uma espécie de gosto sulfuroso. Químicos. Dizem que nenhum lúpulo inglês vai para a cerveja hoje em dia, todos são transformados em produtos químicos. Os produtos químicos, por outro lado, são transformados em cerveja. Eu me peguei pensando no tio Ezequiel, o que ele teria dito para uma cerveja assim e o que teria dito sobre a P.C.A.A. e os baldes de areia com os quais você deveria colocar as bombas de termite. Quando a garçonete voltou para o meu lado do bar, eu disse:

– A propósito, quem está com o Salão hoje em dia?

Sempre costumávamos chamá-lo de Salão, embora seu nome fosse Casa Binfield. Por um momento, ela pareceu não entender.

– O Salão, senhor?

– É a Casa Binfield – disse o sujeito no Jarro e Garrafa.

– Ah, Casa Binfield! Pensei que você se referia ao Salão Memorial. É o doutor Merrall que está com a Casa Binfield agora.

– Doutor Merrall?

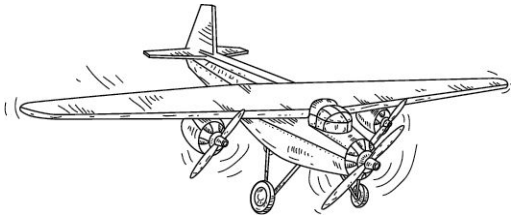
– Sim, senhor. Ele tem mais de sessenta pacientes lá, dizem eles.

– Pacientes? Transformaram em um hospital ou algo assim?

– Bem, não é o que você chamaria de um hospital comum. Mais como um sanatório. São pacientes mentais, na verdade. O que chamam de Lar para Pacientes Mentais.

Um manicômio!

Mas afinal, o que mais você poderia esperar?



CAPÍTULO 3

Rastejei para fora da cama com um gosto ruim na boca e os ossos rangendo.

O fato é que, com uma garrafa de vinho no almoço e outra no jantar, e várias canecas de cerveja no meio, além de um ou dois conhaques, bebi um pouco demais no dia anterior. Por vários minutos, fiquei parado no meio do tapete, olhando para nada em particular e muito cansado para fazer qualquer movimento. Você conhece aquela sensação horrível que você tem às vezes de manhã cedo. É uma sensação principalmente nas pernas, mas diz a você com mais clareza do que qualquer palavra poderia dizer: “Por que diabos você continua com isso? Acabe com isso, meu velho! Enfie a cabeça no forno a gás!”.

Então, botei meus dentes e fui até a janela. Um lindo dia de junho, novamente, e o sol estava começando a se inclinar sobre os telhados e atingir as fachadas das casas do outro lado da rua. Os gerânios rosa nas floreiras das janelas não pareciam tão ruins. Embora fossem apenas oito e meia e esta fosse apenas uma rua lateral da praça do mercado, havia uma multidão de pessoas entrando e saindo. Um fluxo de rapazes com aparência de contínuos em ternos escuros com malas de despacho corria, todos na mesma direção, como se aquilo fosse um subúrbio de Londres e estivessem fugindo para o metrô, e os alunos se esgueirando em direção ao mercado – em

pares e trios. Tive a mesma sensação que tivera no dia anterior, quando vi a selva de casas vermelhas que engoliu Chamford Hill. Intrusos malditos! Vinte mil penetras que nem sabiam meu nome. E aqui estava toda essa nova vida fervilhando de um lado para o outro, e aqui estava eu, um pobre velho gordo com dentes postiços, observando-os de uma janela e resmungando coisas que ninguém queria ouvir sobre coisas que aconteceram há trinta e quarenta anos. Meu Deus. Eu pensei, eu estava errado em pensar que estava vendo fantasmas. Eu mesmo sou o fantasma. Estou morto, e eles estão vivos.

Mas, depois do café da manhã com hadoque, rins grelhados, torradas com geleia e um bule de café, me senti melhor. A dama gelada não estava tomando café da manhã na sala de jantar, havia uma sensação agradável de verão no ar e eu não conseguia me livrar da sensação de que naquele meu terno de flanela azul eu parecia um pouco distinto. Por Deus! Eu pensei, se sou um fantasma, SEREI um fantasma! Vou caminhar. Vou assombrar os lugares antigos. E talvez eu possa usar um pouco de magia negra em alguns desses desgraçados que roubaram minha cidade natal de mim.

Comecei, mas não fui além do mercado quando fui puxado por algo que não esperava ver. Uma procissão de cerca de cinquenta alunos marchava pela rua em colunas de quatro – bastante militares, pareciam – com uma mulher de aparência sombria marchando ao lado deles como um sargento-
-mor. Os quatro primeiros carregavam uma bandeira com uma borda vermelha, branca e azul e com BRITÂNICOS, PREPAREM-SE escrito nela em letras enormes. O barbeiro da esquina saiu à sua porta para dar uma olhada neles. Falei com ele. Ele era um sujeito com cabelo preto brilhante e um tipo de

rosto sem graça.

– O que essas crianças estão fazendo?

– É o treino de precaução contra ataque aéreo daqui – disse ele vagamente. – A P.C.A.A. Como prática. Aquela é a senhorita Todgers, quero dizer.

Devo ter adivinhado que era a senhorita Todgers. Era possível ver nos olhos dela. Você conhece o tipo de velha demônia durona com cabelos grisalhos e rosto enrugado, que sempre está encarregada da separação do Guia para Meninas, dos albergues da YWCA e sei lá o quê. Ela usava um casaco e uma saia que de alguma forma pareciam um uniforme e davam uma forte impressão de que ela estava usando um cinto Sam Browne, embora na verdade não fosse. Eu conhecia seu tipo. Estive nas Forças Armadas das Mulheres na guerra e nunca mais me diverti um dia desde então. Essa P.C.A.A. era música para ela. Quando as crianças passaram, ouvi-a soltar um grito de sargento-mor de verdade: "Mônica! Levante os pés!", e vi que os quatro da retaguarda tinham outra bandeira com uma borda vermelha, branca e azul, e no meio

ESTÃO PRONTOS. NÃO ESTÃO?

– Por que eles querem marchar para cima e para baixo? – perguntei ao barbeiro.

– Sei lá. Acho que é uma espécie de propaganda.

Eu sabia, é claro. Faça as crianças pensar na guerra. Dê a todos nós a sensação de que não há como escapar, os bombardeiros estão chegando tão certos quanto o Natal, então vá para o porão e não discuta. Dois dos grandes aviões pretos de Walton voavam sobre o extremo leste da cidade. Meu Deus!, pensei, quando começar não nos surpreenderá mais do

que uma enxurrada. Já estamos ouvindo a primeira bomba. O barbeiro continuou dizendo que, graças aos esforços da senhorita Todgers, os alunos já haviam recebido suas máscaras de gás.

Bem, comecei a explorar a cidade. Passei dois dias apenas vagando pelos antigos marcos, os que pude identificar. E, todo esse tempo, nunca encontrei uma alma que me conhecesse. Eu era um fantasma e, se eu não fosse realmente invisível, era o que parecia ser.

Era esquisito, mais esquisito do que posso dizer. Você já leu uma história de H. G. Wells sobre um sujeito que estava em dois lugares ao mesmo tempo – quer dizer, ele estava realmente em sua própria casa –, mas teve uma espécie de alucinação de que estava no fundo do mar? Estava andando pelo quarto, mas, em vez das mesas e cadeiras, ele via a alga ondulada e os grandes caranguejos e moluscos estendendo tentáculos para pegá-lo. Bem, foi assim mesmo. Por horas a fio, eu caminharia por um mundo que não existia. Eu contava meus passos enquanto descia a calçada e pensava: “Sim, é aqui que começa o campo de fulano. A cerca viva atravessa a rua e atinge aquela casa. Aquela bomba de gasolina, na verdade, é um olmo. E ali está a margem dos loteamentos. E esta rua (era uma pequena fileira sombria de casas geminadas chamada Cumberledge Street, eu me lembro) é a rua onde costumávamos ir com Katie Simmons, e os arbustos de nozes cresciam dos dois lados. Sem dúvida eu pensei nas distâncias erradas, mas as instruções gerais estavam certas. Não acredito que alguém que não tivesse nascido aqui teria acreditado que essas ruas eram campos há apenas vinte anos. Era como se o campo tivesse sido soterrado por uma espécie de erupção vulcânica dos subúrbios externos. Quase tudo o que costumava

ser a terra do velho Brewer foi engolido pelo conjunto habitacional do Conselho. A Fazenda do Moinho havia desaparecido, o pasto encharcado das vacas onde pesquei meu primeiro peixe tinha sido drenado, cheio e reconstruído, de modo que eu não conseguia nem dizer exatamente onde ficava. Eram todas casas, casas, pequenos cubos vermelhos de casas iguais, com cercas-vivas e caminhos de asfalto que conduziam à porta da frente. Além do Conselho do Estado, a cidade se diluía um pouco, mas os construtores de vagões estavam fazendo o melhor que podiam. E havia pequenos nós de casas despejados aqui e ali, onde quer que alguém tivesse podido comprar um terreno, e as estradas improvisadas que levavam às casas, e lotes vazios com tábuas de construtores, e pedaços de campos em ruínas cobertos de cardos e latas.

No centro da cidade velha, por outro lado, as coisas não mudaram muito no que diz respeito aos edifícios. Muitas lojas ainda mantinham o mesmo ramo de atividade, embora os nomes fossem diferentes. A de Lillywhite ainda era de cortinas, mas não parecia muito próspera. O que costumava ser Gravitt, o açougue, agora era uma loja que vendia peças de rádio. A pequena janela da Mãe Wheeler fora fechada com tijolos. O Grimmett ainda era uma mercearia, mas fora adquirido pela Internacional. Dá a você uma ideia do poder dessas grandes colheitadeiras, que podem até engolir um velho e fofo símio como o Grimmett. Mas, pelo que sei dele – sem falar daquela lápide derrubada no cemitério da igreja –, aposto que ele saiu enquanto as coisas estavam boas e tinha de dez a quinze mil libras para levar ao céu com ele. A única loja que ainda estava nas mesmas mãos era a de Sarazins, as pessoas que arruinaram meu pai. Eles haviam inchado a dimensões enormes e tinham outra grande filial na nova parte da cidade.

Mas se transformaram em uma espécie de armazém geral e vendiam móveis, remédios, ferragens, bem como material antigo de jardinagem.

Passei a maior parte de dois dias vagando por aí, sem realmente gemer e balançar uma corrente, mas às vezes sentindo que gostaria. Também bebia mais do que era bom para mim. Quase assim que cheguei a Lower Binfield, comecei a beber, e depois disso os bares pareciam nunca abrir bem cedo. Minha língua estava sempre saindo da boca na última meia hora antes do horário de abertura.

Veja bem, eu não estava com o mesmo humor o tempo todo. Às vezes, parecia-me que não importava nada se Lower Binfield tivesse sido destruída. Afinal, para que vim aqui, exceto para fugir da família? Não havia razão para que eu não fizesse todas as coisas que queria, até mesmo ir pescar, se quisesse. No sábado à tarde, fui até a loja de apetrechos de pesca na High Street e comprei uma vara de cana-de-ferro (sempre desejei uma vara de cana-de-ferro quando era menino – é um pouco mais caro do que uma vara verde), anzóis, tripas e assim por diante. A atmosfera da loja me animou. O que quer que mude, o equipamento de pesca não muda – porque, é claro, os peixes também não mudam. E o vendedor não via nada de engraçado em um homem gordo de meia-idade comprar uma vara de pescar. Pelo contrário, conversamos um pouco sobre a pesca no Tâmisa e a grande cavala que alguém tinha pegado no ano retrasado com uma pasta feita de pão preto, mel e coelho cozido picado. Eu mesmo – embora eu não tenha dito a ele para que os queria, e dificilmente admitisse para mim mesmo – comprei o pouco do salmão mais forte que ele conseguiu e alguns anzóis para lúcios nº 5, com foco naquelas grandes carpas da Casa Binfield, caso ainda

existissem.

Na maior parte da manhã de domingo, eu estava meio que debatendo isso em minha mente – eu deveria ir pescar ou não? Num momento eu pensava por que diabos não, e no momento seguinte parecia-me que era apenas uma daquelas coisas com que você sonha e nunca faz. Mas à tarde tirei o carro e dirigi até a represa Burford. Pensei em dar uma olhada no rio e, no dia seguinte, se o tempo estivesse bom, talvez eu pegasse minha nova vara de pescar e colocasse o casaco velho e as bolsas de flanela cinza que eu tinha na minha mala, e teria um bom dia de pesca. Três ou quatro dias, se eu quisesse.

Passei por Chamford Hill. Lá embaixo, a estrada vira e corre paralela ao caminho de reboque. Saí do carro e caminhei. Ah! Um grupo de pequenos bangalôs vermelhos e brancos surgiu ao lado da estrada. Era esperado, claro. E parecia haver muitos carros parados. Ao me aproximar do rio, cheguei ao som – sim, *plom-tim-tim-plom*! – sim, o som de gramofones.

Fiz a curva e avistei o caminho de reboque. Meu Deus! Outra sacudida. O lugar estava coalhado de gente. E onde os prados de água costumavam ser – casas de chá, máquinas caça-níqueis, quiosques de doces e rapazes vendendo sorvete da Walls. Poderia até mesmo estar em Margate. Lembro-me do antigo caminho de reboque. Você poderia caminhar por quilômetros e, exceto pelos caras nos portões da entrada e, de vez em quando, um barqueiro vagando atrás de seu cavalo, você nunca encontraria uma alma. Quando íamos pescar, sempre tínhamos o lugar só para nós. Frequentemente, ficava ali sentado uma tarde inteira, e uma garça podia estar parada na água rasa quarenta e cinco metros rio acima e, por três ou quatro horas a fio, não haveria ninguém passando para assustá-la. Mas de onde tirei a ideia de que homens adultos não vão

pescar? Subindo e descendo a margem, pelo que eu podia ver nas duas direções, havia uma cadeia contínua de homens pescando, um a cada cinco metros. Eu me perguntei como eles poderiam ter ido parar ali, caramba, até que me ocorreu que deviam ser de algum clube de pesca. E o rio estava abarrotado de barcos – barcos a remos, canoas, chalanas, lanchas a motor, cheios de jovens idiotas quase sem nada no corpo, todos gritando e berrando e a maioria com gramofone a bordo também. As boias dos coitados que tentavam pescar balançavam para cima e para baixo na água dos barcos a motor.

Eu andei um pouco. Água suja e agitada, apesar do dia bom. Ninguém estava pegando nada, nem mesmo peixinhos. Eu me perguntei o que eles esperavam. Uma multidão assim seria suficiente para assustar todos os peixes da criação. Mas, na verdade, enquanto observava as boias balançando para cima e para baixo entre os palitos de sorvete e os sacos de papel, duvidei que houvesse algum peixe para pescar. Ainda há peixes no Tâmisa? Suponho que deve haver. E, no entanto, juro que a água do Tâmisa não é a mesma de antes. Sua cor é bem diferente. Claro que você pensa que é apenas minha imaginação, mas posso dizer que não é. Sei que a água mudou. Lembro-me das águas do Tâmisa como costumavam ser – uma espécie de verde luminoso que dava para ver profundamente – e dos cardumes de carpa cruzando os juncos. Não dava para ver três centímetros dentro da água agora. Está tudo marrom e sujo, com uma camada de óleo dos barcos a motor, sem falar nas pontas de cigarro e nos sacos de papel.

Depois de um tempo, voltei. Não aguentava mais o barulho dos gramofones. Claro que é domingo, pensei. Pode não ser tão ruim em um dia de semana. Mas, afinal, eu sabia que

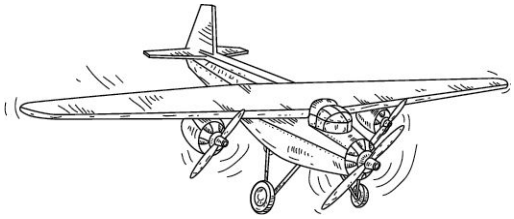
nunca mais voltaria. Deus os apodreça, deixe-os ficar com seu rio maldito. Aonde quer que eu vá pescar, não será no Tâmisa.

A multidão passou por mim. Multidões de idiotas de fora, quase todos jovens. Meninos e meninas se divertindo em casais. Uma tropa de garotas passou, vestindo calças boca de sino e bonés brancos como os que usam na Marinha americana, com *slogans* impressos neles. Uma delas, ela devia ter 17 anos, tinha um POR FAVOR, ME BEIJE. Eu não teria me importado. Num impulso, de repente me virei e me pesei em uma das balanças a moeda. Ouviu-se um clique em algum lugar lá dentro – você conhece aquelas máquinas que indicam sua sorte e, também, seu peso – e um cartão datilografado saiu deslizando.

"Você possui dons excepcionais", eu li, "mas, devido à excessiva modéstia, você nunca recebeu sua recompensa. Você subestima suas habilidades. Gosta muito de ficar de lado e permitir que os outros recebam o crédito pelo que você mesmo fez. Você é sensível, afetuoso e sempre leal aos seus amigos. É profundamente atraente para o sexo oposto. Seu pior defeito é a generosidade. Persevere, pois você vai chegar longe!"

"Peso: 90 quilos."

Percebi que ganhei dois quilos nos últimos três dias. Deve ter sido a bebida.



CAPÍTULO 4

Voltei para o George, joguei o carro na vaga e tomei uma xícara de chá tardia. Como era domingo, o bar só abriria em uma ou duas horas. No frescor da tarde, saí e caminhei na direção da igreja.

Eu estava atravessando o mercado quando notei uma mulher caminhando um pouco à minha frente. Assim que coloquei os olhos nela, tive a sensação muito peculiar de já tê-la visto em algum lugar antes. Você conhece essa sensação. Eu não conseguia ver seu rosto, é claro, e, no que se referia à sua visão de trás, não havia nada que eu pudesse identificar e, ainda assim, poderia jurar que a conhecia.

Ela subiu a High Street e dobrou uma das ruas laterais à direita, aquela onde o tio Ezequiel costumava ter sua loja. Eu a segui. Não sei bem o porquê – em parte por curiosidade, talvez, em parte como uma espécie de precaução. Meu primeiro pensamento foi que aqui finalmente estava uma das pessoas que eu conhecia dos velhos tempos em Lower Binfield, mas quase no mesmo momento me ocorreu que era muito provável que ela fosse alguém de West Bletchley. Nesse caso, eu teria que tomar cuidado com os meus passos, porque, se ela descobrisse que eu estava aqui, provavelmente diria a Hilda. Então, eu a segui com cautela, mantendo uma distância segura e examinando a visão traseira o melhor que pude. Não havia nada de surpreendente nisso. Ela era uma mulher alta e

gorda, devia ter 40 ou 50 anos, em um vestido preto um tanto surrado. Ela estava sem chapéu, como se tivesse acabado de sair de casa por pouco tempo, e a maneira como ela andava dava a impressão de que seus sapatos estavam baixos. No geral, parecia um pouco vadia. E ainda não havia nada para identificar, apenas algo vago que eu sabia que tinha visto antes. Era algo em seus movimentos, talvez. Logo ela entrou em uma lojinha de doces e papéis, o tipo de lojinha que sempre abre no domingo. A mulher que a mantinha estava parada na porta, fazendo alguma coisa com uma pilha de cartões-postais. A mulher parou para passar o tempo.

Eu também parei, assim que encontrei uma vitrine que poderia fingir que estava olhando. Era de encanamento e decoração, cheia de amostras de papel de parede e acessórios de banheiro, e coisas assim. A essa altura, eu não estava a quinze metros das outras duas. Eu podia ouvir suas vozes arrulhando em uma daquelas conversas sem sentido que as mulheres têm quando estão apenas passando o tempo. “Sim, isso é brincadeira. É brincadeira onde está. Eu mesma disse a ele: ‘Bem, o que mais você esperava?’, eu disse. Não parece certo, não é? Mas de que adianta, você também pode falar com uma pedra. É uma vergonha!”, e assim por diante. Eu estava ficando mais excitado. Obviamente, a mulher era a esposa de um pequeno comerciante, como a outra. Eu só estava me perguntando se ela não seria uma das pessoas que eu conheci em Lower Binfield, afinal, quando ela se virou quase para mim e vi três quartos de seu rosto. E, minha Nossa Senhora! Era Elsie!

Sim, era Elsie. Sem chance de erro. Elsie! Essa bruxa gorda!

Fiquei tão chocado – não, veja bem, não vendo Elsie, mas vendo como ela havia crescido – por um momento as coisas

passaram pelos meus olhos. As torneiras de latão, os batentes de bola, as pias de porcelana e outras coisas pareciam desaparecer na distância, de modo que eu as vi e não as vi. Além disso, por um momento, fiquei extremamente preocupado com a possibilidade de ela me reconhecer. Mas ela olhou bem na minha cara e não fez nenhum sinal. Mais um momento, ela se virou e continuou. Novamente eu a segui. Era perigoso, ela poderia perceber que eu a estava seguindo, e poderia começar a se perguntar quem eu era, mas eu só tinha que dar uma olhada nela. O fato é que ela exerceu uma espécie de fascínio horrível sobre mim. Por assim dizer, eu a observava antes, mas agora a observava com olhos bem diferentes.

Foi horrível, e ainda assim eu dei uma espécie de chute científico ao estudar sua visão traseira. É assustador as coisas que vinte e quatro anos podem fazer a uma mulher. Apenas vinte e quatro anos, e a garota que eu conhecia, com sua pele branca leitosa e boca vermelha e cabelo meio dourado opaco, havia se transformado nesta grande bruxa de ombros arredondados, cambaleando sobre saltos retorcidos. Isso me fez sentir muito feliz por ser um homem. Nenhum homem se despedaça tão completamente assim. Sou gordo, admito. Tenho a forma errada, se quiser. Mas pelo menos sou uma forma. Elsie não era nem mesmo particularmente gorda, ela era apenas disforme. Coisas horríveis aconteceram com seus quadris. Quanto à cintura, ela havia desaparecido. Era apenas uma espécie de cilindro macio e irregular, como um saco de farinha.

Eu a segui por um longo caminho, saindo da cidade velha e por muitas ruelas maldosas que eu não conhecia. Finalmente, ela entrou na porta de outra loja. Pelo jeito que ela entrou,

obviamente era dela. Parei por um momento, fora da janela. G. Cookson, Confeiteira e Tabacaria. Então, Elsie era a senhora Cookson. Era uma lojinha mirrada, muito parecida com a outra onde ela havia parado antes, mas menor e muito mais desarrumada. Não parecia vender nada, exceto tabaco e os tipos de doces mais baratos. Eu me perguntei o que eu poderia comprar que levaria um ou dois minutos. Então, eu vi uma prateleira de cachimbos baratos na janela e entrei. Tive que me recompor um pouco antes de fazer isso, porque precisaria mentir com força se por acaso ela me reconhecesse.

Ela desapareceu na sala atrás da loja, mas voltou quando eu bati no balcão. Então, ficamos cara a cara. Ah! Nenhum sinal. Não me reconheceu. Apenas me olhou do jeito que eles olham. Você conhece a maneira como os pequenos lojistas olham para seus clientes – com total falta de interesse.

Foi a primeira vez que vi seu rosto inteiro e, embora eu meio que esperasse o que vi, me deu um choque quase tão grande quanto no primeiro momento em que a reconheci. Suponho que, quando você olha para o rosto de alguém jovem, mesmo de uma criança, você deve ser capaz de prever como será quando envelhecer. É tudo uma questão de forma dos ossos. Mas, se alguma vez me tivesse ocorrido, quando eu tinha 20 e ela 22, imaginar como seria a aparência de Elsie aos 47, não teria passado pela minha cabeça que ela pudesse ser ASSIM. Todo o rosto estava meio curvado, como se tivesse sido puxado para baixo. Você conhece aquele tipo de mulher de meia-idade que tem o rosto de um buldogue? Mandíbula grande arqueada, boca voltada para baixo nos cantos, olhos fundos, com bolsas embaixo. Exatamente como um buldogue. E ainda assim era o mesmo rosto, eu o teria conhecido em um milhão. Seu cabelo não estava completamente grisalho, era

uma espécie de cor suja e havia muito menos do que costumava ser. Ela não me conhecia desde sempre. Eu era apenas um cliente, um estranho, um gordo desinteressante. É estranho o que uma ou duas polegadas de gordura podem fazer. Eu me perguntei se eu tinha mudado ainda mais do que ela, ou se era simplesmente porque ela não esperava me ver, ou se – o que era mais provável de tudo – ela simplesmente esqueceu minha existência.

– Tarde – disse ela, daquele jeito apático que eles têm.

– Eu quero um cachimbo. – disse categoricamente. – Um cachimbo de sarça.

– Um cachimbo. Bem, deixe-me ver. Sei que nós os enfiamos em algum lugar. Agora, onde eu… ah! Aqui estão.

Ela pegou uma caixa de papelão cheia de cachimbos de algum lugar embaixo do balcão. Como seu sotaque tinha ficado ruim! Ou talvez eu estivesse apenas imaginando isso porque meus próprios padrões mudaram? Mas não, ela costumava ser tão "superior", todas as garotas da Lilywhite eram tão "superiores", e ela era membro do Círculo de Leitura do vigário. Juro que ela não tinha o costume de não pronunciar bem as palavras. É estranho como essas mulheres se despedaçam depois de casadas. Mexi nos cachimbos por um momento e fingi examiná-los. Por fim, disse que gostaria de um com piteira âmbar.

– Âmbar? Não sei se temos… – ela se virou para o fundo da loja e chamou: – Ge-orge!

Então, o nome do outro cara era George também. Um ruído que parecia algo como *"Ur!"* veio da parte de trás da loja.

– Ge-orge! Onde você colocou aquela outra caixa de

cachimbos?

George entrou. Era um sujeito pequeno e corpulento, de camiseta, careca e um grande bigode cor de gengibre. Sua mandíbula estava trabalhando como a de um ruminante. Obviamente, foi interrompido no meio do chá. Os dois começaram a vasculhar em busca da outra caixa de cachimbos. Passaram-se cerca de cinco minutos antes que a colocassem no chão atrás de algumas garrafas de doces. É maravilhosa a quantidade de lixo que eles conseguem acumular nessas lojinhas desmazeladas, onde todo o estoque vale cerca de cinquenta libras.

Observei a velha Elsie remexendo aquele lixo e resmungando para si mesma. Você conhece o tipo de movimento arrastado de ombros largos de uma velha que perdeu algo? Não adianta tentar descrever para você o que eu senti. Uma espécie de sentimento frio e mortal de desolação. Você não pode concebê-lo a menos que o tenha. Tudo o que posso dizer é: se você gostava de uma garota há cerca de vinte e cinco anos, vá dar uma olhada nela agora. Então talvez você saiba o que eu senti.

Mas, na verdade, o pensamento que estava principalmente em minha mente era como as coisas acontecem de maneira diferente do que você espera. Os momentos que tive com Elsie! As noites de julho sob as castanheiras! Você não acha que isso deixaria algum tipo de efeito colateral para trás? Quem poderia imaginar que chegaria o tempo em que não haveria nenhum sentimento entre nós? Aqui estava eu e aqui estava ela, nossos corpos podiam estar a um metro de distância e éramos tão estranhos como se nunca tivéssemos nos conhecido. Quanto a ela, nem me reconheceu. Se eu contasse a ela quem sou, muito provavelmente não se lembraria. E, se ela

lembrasse, o que sentiria? Nada. Provavelmente nem ficaria com raiva porque eu fiz uma sujeira com ela. Foi como se a coisa toda nunca tivesse acontecido.

E, por outro lado, quem poderia prever que Elsie acabaria assim? Ela parecia o tipo de garota que está fadada a se danar. Eu sei que houve pelo menos um outro homem antes de eu conhecê-la, e é seguro apostar que havia outros entre mim e o segundo George. Não me surpreenderia saber que ela tinha uma dúzia ao todo. Tratei-a mal, não há dúvida quanto a isso, e muitas vezes isso me dava um pouco de remorso. Ela vai acabar na rua, eu pensava, ou enfiar a cabeça no forno a gás. E às vezes eu sentia que tinha sido um pouco canalha, mas outras vezes refletia (o que era verdade) que, se não fosse eu, teria sido outra pessoa. Mas você vê a maneira como as coisas acontecem, o tipo de maneira enfadonha e sem sentido. Quantas mulheres acabam realmente nas ruas? Uma visão maldita, a maioria acaba destroçada. Ela não tinha ido para o mal ou para o bem também. Acabou como todo mundo, uma velha gorda vagando por uma lojinha desmazelada, com um George de bigode ruivo para chamar de seu. Provavelmente, tem uma penca de filhos também. Senhora George Cookson. Viveu respeitada e morreu lamentada – e poderia morrer deste lado do tribunal de falências, se tivesse sorte.

Eles encontraram a caixa de cachimbos. Claro que não havia nenhum com piteiras âmbar entre eles.

– Não sei se temos algum âmbar no momento, senhor. Não âmbar. Nós temos uns bons de vulcanita.

– Eu queria um âmbar – disse eu.

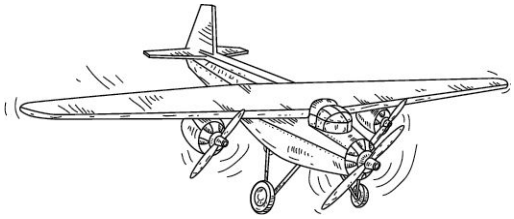
– Fazemos bons cachimbos aqui. – Ela estendeu um. – Esse é um belo cachimbo. Meia coroa, esse.

Eu o peguei. Nossos dedos se tocaram. Sem frisson, sem reação. O corpo não se lembra. E suponho que você pense que comprei o cachimbo, só pelo bem de todos, para colocar meia coroa no bolso de Elsie. Mas nem foi isso. Eu não queria aquela coisa. Não fumo cachimbo. Estava apenas dando um pretexto para entrar na loja. Virei-os em meus dedos e coloquei sobre o balcão.

– Tudo bem, não vou levar – eu disse. – Dê-me um Players pequeno.

Tive que comprar alguma coisa, depois de toda aquela confusão. George o segundo, ou talvez o terceiro ou quarto, entregou um maço de Players, ainda mastigando sob o bigode. Pude ver que ele estava mal-
-humorado porque eu o afastei do chá por nada. Mas parecia muito idiota desperdiçar meia coroa. Eu saí e foi a última vez que vi Elsie.

Voltei para o George e jantei. Depois saí com uma vaga ideia de ir ao cinema, se estivessem abertos, mas em vez disso parei em um dos grandes *pubs* barulhentos da parte nova da cidade. Lá encontrei alguns caras de Staffordshire que estavam viajando com os equipamentos militares, e começamos a conversar sobre a situação do comércio, jogando dardos e bebendo Guinness. Na hora de fechar, os dois estavam tão bêbados que tive de levá-los para casa de táxi, e eu também estava um pouco indisposto, e na manhã seguinte acordei com a cabeça pior do que nunca.



CAPÍTULO 5

Mas eu precisava ver a lagoa da Casa Binfield.

Eu me senti muito mal naquela manhã. O fato é que, desde que cheguei a Lower Binfield, tenho bebido quase continuamente, desde a hora de abrir até a hora de fechar. A razão, embora não tivesse me ocorrido até este minuto, era que realmente não havia mais nada a fazer. Isso era tudo o que minha viagem equivaleu até agora: três dias de bebedeira.

Do mesmo modo, na outra manhã eu rastejei até a janela e observei os chapéus-coco e bonés escolares indo e vindo. Meus inimigos, pensei. O exército conquistador que saqueou a cidade e cobriu as ruínas com pontas de cigarro e sacos de papel. Eu me perguntei por que me importava. Atrevo-me a dizer que você pensa que, se tive um choque ao descobrir Lower Binfield inchada em uma espécie de Dagenham, foi simplesmente porque não gosto de ver a Terra ficando mais cheia e o campo se transformando em cidade. Mas não é isso. Não me importo com o crescimento de cidades, desde que cresçam e não se espalhem simplesmente como molho sobre a toalha de mesa. Sei que as pessoas precisam ter um lugar para morar e que, se uma fábrica não está em um lugar, estará em outro. Quanto ao pitoresco, ao falso material campestre, aos painéis de carvalho, aos pratos de estanho, às frigideiras de cobre e tudo o mais, isso apenas me dá enjoo. O que quer que fôssemos nos velhos tempos, não éramos pitorescos. Mamãe

nunca teria visto qualquer sentido nas antiguidades com que Wendy enchera nossa casa. Ela não gostava de mesas dobradiças – ela disse que "pegavam nas pernas". Quanto ao peltre, ela não o teria em casa. "Coisa gordurosa nojenta", ela chamava. E, no entanto, diga o que quiser, havia algo que tínhamos naquela época e não temos agora, algo que provavelmente você não pode ter em um café comum, com o rádio tocando. Voltei para procurá-lo e não o havia encontrado. E, no entanto, de alguma forma, meio que acredito nisso até agora, quando ainda não tinha colocado meus dentes e minha barriga clamava por uma aspirina e uma xícara de chá.

E isso me fez começar a pensar novamente sobre a lagoa na Casa Binfield. Depois de ver o que eles fizeram à cidade, tive a sensação de que você só poderia descrever como medo de ir ver se a lagoa ainda existia. E, ainda assim, não havia como saber. A cidade foi sufocada por tijolos vermelhos, nossa casa estava cheia de Wendy e seu lixo, o Tâmisa foi envenenado com óleo de motor e sacos de papel. Mas talvez a lagoa ainda estivesse lá, com os grandes peixes pretos ainda navegando em volta dela. Talvez até mesmo ainda estivesse escondida na floresta e daquele dia em diante ninguém havia descoberto que existia. Era bem possível. Era um pedaço de madeira muito grosso, cheio de amoreiras e arbustos podres (as faias deram lugar a carvalhos por ali, o que tornava a vegetação rasteira mais densa), o tipo de lugar que a maioria das pessoas não se importa em penetrar. Coisas estranhas tinham acontecido.

Eu não comecei até o final da tarde. Devia ser cerca de quatro e meia quando tirei o carro e dirigi para a estrada Upper Binfield. No meio da colina, as casas se diluíram e pararam e as faias começaram. A estrada se bifurca ali, e eu peguei a bifurcação da direita, pretendendo fazer um desvio e voltar

para a Casa Binfield na estrada. Mas logo parei para dar uma olhada no bosque por onde estava passando. As faias pareciam iguais. Senhor, como eram iguais! Apoiei o carro em um gramado ao lado da estrada, sob uma queda de calcário, saí e andei. Apenas o mesmo. A mesma quietude, os mesmos grandes canteiros de folhas farfalhantes que parecem passar ano após ano sem apodrecer. Nenhuma criatura se mexendo, exceto os pequenos pássaros que você não podia ver nas copas das árvores. Não era fácil acreditar que aquela cidade grande e barulhenta estava a apenas cinco quilômetros de distância. Comecei a abrir caminho pelo pequeno bosque, na direção da Casa Binfield. Eu podia me lembrar vagamente de como eram os caminhos. E, Senhor! Isso! A mesma cavidade de calcário onde o Mão Negra foi e deu tiros de estilingue, e Sid Lovegrove nos contou como os bebês nasceram, no dia em que peguei meu primeiro peixe, quase quarenta anos atrás!

À medida que as árvores diminuíam novamente, você podia ver a outra estrada e a parede da Casa Binfield. A velha cerca de madeira apodrecida havia sumido, é claro, e eles ergueram um muro alto de tijolos com espigões no topo, como você esperaria ver em volta de um manicômio. Eu fiquei intrigado por algum tempo sobre como entrar na Casa Binfield, até que finalmente me ocorreu que eu só deveria dizer a eles que minha esposa estava louca e que eu estava procurando um lugar para colocá-la. Depois disso, eles estariam prontos para me mostrar o terreno. Com meu novo terno, provavelmente parecia próspero o suficiente para ter uma esposa em um asilo particular. Só quando eu estava realmente no portão que me ocorreu perguntar se a lagoa ainda ficava dentro do terreno.

Os antigos terrenos da Casa Binfield cobriam cinquenta acres, suponho, e os terrenos do manicômio provavelmente

não teriam mais de cinco ou dez. Não iriam querer uma grande lagoa de água para os malucos se afogarem. A cabana, onde o velho Hodges morava, era a mesma de sempre, mas a parede de tijolos amarelos e os enormes portões de ferro eram novos. Pelo vislumbre que passei pelos portões, não teria conhecido o lugar. Passeios de cascalho, canteiros de flores, gramados e alguns tipos vagando sem destino – malucos, suponho. Subi a estrada à direita. A lagoa – a lagoa grande, onde eu costumava pescar – ficava algumas centenas de metros atrás da casa. Deviam ter passado cem metros antes que eu chegasse ao canto da parede. Portanto, a lagoa estava fora do terreno. As árvores pareciam ter ficado muito mais finas. Eu podia ouvir vozes de crianças. E, meu Deus! Lá estava a lagoa.

Fiquei parado por um momento, imaginando o que teria acontecido com ela. Então eu vi o que era – todas as árvores haviam sumido de sua borda. Parecia totalmente vazia e diferente; na verdade, parecia extraordinariamente com o Lago Redondo em Kensington Gardens. Crianças brincavam em volta da orla, velejando e remando, e algumas crianças bem mais velhas corriam naquelas pequenas canoas que se maneja girando uma manivela. Mais à esquerda, onde ficava a velha casa de barcos apodrecida entre os juncos, havia uma espécie de pavilhão e um quiosque bonito, e uma enorme placa branca dizendo UPPER BINFIELD CLUBE DE IATES.

Eu olhei para a direita. Tudo era casa, casa, casa. Parecia muito com qualquer subúrbio. Todas as árvores que costumavam crescer além da lagoa e eram tão densas que pareciam uma espécie de selva tropical haviam sido inteiramente cortadas. Apenas alguns grupos de árvores ainda se erguiam em volta das casas. Havia casas que pareciam artísticas, outras daquelas colônias Tudor falsas, como a que

eu vira no primeiro dia no topo de Chamford Hill, só que mais ainda. Que idiota fui ao imaginar que aquela floresta ainda era a mesma! Eu vi como foi. Havia apenas um pedacinho de bosque, talvez meia dúzia de acres, que não havia sido cortado, e foi puro acaso que eu o atravessei no meu caminho até aqui. Upper Binfield, que fora apenas um nome nos velhos tempos, tornou-se uma cidade de tamanho decente. Na verdade, era apenas um pedaço periférico de Lower Binfield.

Eu vaguei até a beira da lagoa. As crianças estavam chapinhando e fazendo um barulho do inferno. Parecia haver enxames delas. A água parecia meio morta. Nenhum peixe agora. Havia um cara parado observando as crianças. Era um sujeito idoso, com uma cabeça careca e alguns tufos de cabelo branco, e um pincenê num rosto muito queimado de sol. Havia algo vagamente estranho em sua aparência. Ele estava de *short* e sandálias e uma camisa de celanesa aberta no pescoço, eu percebi, mas o que mais me impressionou foi o olhar dele. Ele tinha olhos muito azuis que piscavam para você por trás dos óculos. Pude ver que ele era um daqueles velhos que nunca envelheciam. São sempre os excêntricos da comida saudável ou então têm algo a ver com os escoteiros – em qualquer caso, eles são ótimos para a natureza e o ar livre. Ele estava olhando para mim como se quisesse falar.

– Upper Binfield cresceu muito – eu disse.

Ele piscou para mim.

– Cresceu? Meu caro senhor, nunca permitimos que Upper Binfield cresça. Temos orgulho de sermos pessoas excepcionais aqui, você sabe. Apenas uma pequena colônia de nós, todos sozinhos. Sem intrusos… haha!

– Quero dizer, em comparação com antes da guerra – eu

disse. – Eu morava aqui quando era menino.

– Oh-ah. Sem dúvida. Isso foi antes do meu tempo, claro. Mas a Propriedade Upper Binfield tem algo bastante especial na forma de construir propriedades, você sabe. Um pequeno mundo próprio. Tudo projetado pelo jovem Edward Watkin, o arquiteto. Você já ouviu falar dele, é claro. Vivemos no meio da Natureza, aqui em cima. Nenhuma conexão com a cidade lá embaixo – ele apontou na direção de Lower Binfield. – Os moinhos satânicos escuros. Haha!

Ele tinha uma velha risada benevolente e um jeito de franzir o rosto, como um coelho. Imediatamente, como se eu tivesse perguntado, ele começou a me contar tudo sobre a Propriedade Upper Binfield e o jovem Edward Watkin – o arquiteto que tinha um sentimento muito grande pelos Tudors e era um sujeito maravilhoso em encontrar vigas elisabetanas genuínas em casas de fazenda e comprá-las a preços ridículos. E um jovem tão interessante, com toda a vida e alma das festas nudistas. Ele repetiu várias vezes que eram pessoas muito excepcionais em Upper Binfield. Bem diferente de Lower Binfield, eles estavam determinados a enriquecer o campo em vez de contaminá-lo (estou usando a frase dele), e não havia conjuntos habitacionais na propriedade.

– Eles falam de suas Cidades-Jardim. Mas chamamos Upper Binfield de Cidade da Floresta, haha! Natureza! – Ele acenou com a mão para o que restava das árvores. – A floresta primitiva pairando ao nosso redor. Nossos jovens crescem em um ambiente de belezas naturais. Quase todos nós somos pessoas iluminadas, claro. Você poderia acreditar que três quartos de nós aqui em cima são vegetarianos? Os açougueiros locais não gostam de nós, haha! E algumas pessoas bastante eminentes vivem aqui. A senhorita Helena Thurloe, a

romancista, você já ouviu falar dela, claro. E o professor Woad, o pesquisador psíquico. Um personagem tão poético! Ele sai vagando pela floresta, e a família não consegue encontrá-lo na hora das refeições. Ele diz que está caminhando entre as fadas. Você acredita em fadas? Eu admito, haha! Sou um pouco cético. Mas as fotos dele são muito convincentes.

Comecei a me perguntar se ele era alguém que escapou da Casa Binfield. Mas não, ele estava são o suficiente, de certo modo. Eu conhecia o tipo. Vegetarianismo, vida simples, poesia, adoração da natureza, passeio no orvalho antes do café da manhã. Eu conheci alguns deles anos atrás em Ealing. Começou a me mostrar a propriedade. Não havia mais nada da floresta. Eram todas as casas, casas – e que casas! Você conhece essas casas Tudor falsificadas com telhados ondulados e contrafortes que não sustentam nada, e os jardins de pedras com piscinas de concreto para pássaros e aqueles elfos de gesso vermelho que você pode comprar na floricultura? Você podia ver em sua mente a terrível gangue de viciados em comida, caçadores de fantasmas e simples sobreviventes com mil libras por ano que viviam ali. Até as calçadas eram malucas. Eu não o deixei me levar longe. Algumas das casas me fizeram desejar ter uma granada de mão no bolso. Tentei contê-lo perguntando se as pessoas não se opunham a morar tão perto do manicômio, mas não surtiu muito efeito. Finalmente parei e disse:

– Costumava haver outra lagoa, além da grande. Não deve ser longe daqui.

– Outra lagoa? Claro que não. Acho que nunca houve outra lagoa.

– Eles podem ter drenado tudo – comentei. – Era uma lagoa

bem funda. Ela deixaria um grande buraco para trás.

Pela primeira vez, ele pareceu um pouco inquieto. Esfregou o nariz.

– Oh-ah. Claro, você deve entender que nossa vida aqui é, de certa forma, primitiva. A vida simples, você sabe. Nós preferimos assim. Mas estar tão longe da cidade tem seus inconvenientes, claro. Alguns de nossos arranjos sanitários não são totalmente satisfatórios. O caminhão de lixo só vem uma vez por mês, acredito.

– Você quer dizer que eles transformaram a lagoa em um depósito de lixo?

– Bem, EXISTE algo com a natureza de… – ele se esquivou da palavra lixeira. – Temos que descartar latas e assim por diante, é claro. Lá, atrás daquele grupo de árvores.

Fomos até lá. Eles deixaram algumas árvores para escondê-la. Mas, sim, lá estava. Era minha lagoa, certo. Eles haviam drenado a água. Resultou em um grande buraco redondo, como um enorme poço, com seis ou nove metros de profundidade. Já estava meio cheio de latas.

Fiquei olhando para as latas.

– Pena que a drenaram – disse eu. – Costumava haver alguns peixes grandes naquela lagoa.

– Peixes? Ah, nunca ouvi nada sobre isso. Claro que dificilmente poderíamos ter uma poça com água aqui entre as casas. Os mosquitos, sabe? Mas foi antes do meu tempo.

– Suponho que essas casas foram construídas há muito tempo – disse eu.

– Ah, dez ou quinze anos, acho.

– Eu conheci este lugar antes da guerra – falei. – Era tudo bosque. Não havia nenhuma casa, exceto a Casa Binfield. Mas aquele pequeno bosque ali não mudou. Eu o atravessei no meu caminho até aqui.

– Ah, isso! Isso é sacrossanto. Decidimos nunca construir nele. É sagrado para os jovens. Natureza, você sabe. – Ele piscou para mim, uma espécie de olhar maroto, como se estivesse me contando um segredinho. – Chamamos de Vale da Fada.

O Vale da Fada. Eu me livrei dele, voltei para o carro e dirigi até Lower Binfield. O Vale da Fada. E eles encheram minha lagoa com latas. Deus os apodreça e os prenda! Diga o que quiser – chame de bobo, infantil, qualquer coisa –, mas, às vezes, isso não faz você querer vomitar ao ver o que eles estão fazendo na Inglaterra, com suas banheirinhas para pássaros, seus gnomos de gesso, seus duendes e suas fadas, e latas, onde ficava o bosque de faia?

Sentimental, você diz? Antissocial? Não deveria preferir árvores aos homens? Eu digo que depende de quais árvores e de quais homens. Não que haja algo que se possa fazer a respeito, exceto desejar-lhes varíola nas entranhas.

Uma coisa, pensei enquanto dirigia morro abaixo, estou farto dessa noção de voltar ao passado. De que adianta tentar revisitar as cenas da sua infância? Elas não existem. Ir à tona para respirar! Mas não há ar. A lata de lixo em que estamos chega até a estratosfera. Mesmo assim, não me importei particularmente. Afinal, pensei, ainda tenho três dias restantes. Eu teria um pouco de paz e sossego, e pararia de me preocupar com o que eles fizeram em Lower Binfield. Quanto à minha ideia de ir pescar – isso estava errado, é claro. Pesca, de fato!

Na minha idade! Realmente, Hilda estava certa.

Larguei o carro na vaga do George e entrei no saguão. Eram seis horas. Alguém havia ligado o rádio e o noticiário estava começando. Eu entrei bem a tempo de ouvir as últimas palavras de um SOS. E isso me deu um choque, eu admito. Pois as palavras que ouvi foram:

– … pois sua esposa, Hilda Bowling, está gravemente doente.

No momento seguinte a voz amável continuou:

– Aqui está outro SOS. De Will Percival Chute, que foi ouvido da última vez no…

Mas não esperei para ouvir mais nada. Só segui em frente. O que me deixou bastante orgulhoso, quando pensei sobre isso depois, foi quando ouvi aquelas palavras sair da caixa de som, eu não virei nem um cílio. Nem mesmo uma pausa, enquanto andava, para avisar às pessoas que eu era George Bowling, cuja esposa, Hilda Bowling, estava gravemente doente. A esposa do senhorio estava no saguão, e ela sabia que meu nome era Bowling; de qualquer forma, ela teria visto no registro.

De outra forma, não havia ninguém lá à exceção de alguns caras que estavam hospedados no George e que não me conheciam desde sempre. Mas mantive a cabeça em ordem. Nenhum sinal para ninguém. Simplesmente entrei no bar, que tinha acabado de abrir, e pedi minha cerveja como de costume. Precisava pensar naquela situação. Quando bebi cerca de meio litro, comecei a entender a situação. Em primeiro lugar, Hilda NÃO ESTAVA doente, seriamente ou não. Eu sabia. Ela estava perfeitamente bem quando saí, e não era a época do ano para gripe ou qualquer coisa do tipo. Ela estava fingindo. Por quê?

Obviamente, era apenas mais uma de suas esquivas. Eu vi como foi. Ela percebeu de alguma forma – acredite em Hilda! – que eu não estava realmente em Birmingham, e essa era apenas sua maneira de me levar para casa. Não suportava pensar em mim com aquela outra mulher. Porque, é claro, ela teria como certo que eu estava com uma mulher. Não consigo imaginar nenhum outro motivo. E, naturalmente, ela presumiu que eu voltaria correndo para casa assim que soube que ela estava doente.

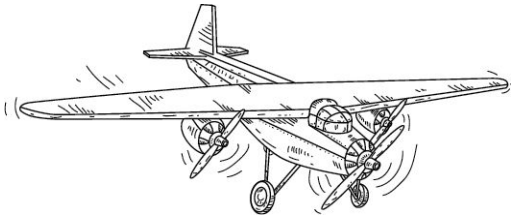
Mas é aí que você entendeu errado, pensei comigo mesmo enquanto terminava a cerveja. Sou muito fofo para ser pego dessa maneira. Lembrei-
-me das esquivas que ela já havia feito e do trabalho extraordinário que ela terá para me pegar. Eu até a reconheci, quando estive em alguma viagem da qual ela suspeitou, verificou tudo com um Bradshaw e um mapa rodoviário, só para ver se eu estava dizendo a verdade sobre meus movimentos. E então houve aquela vez em que ela me seguiu por todo o caminho até Colchester e, de repente, apareceu no Hotel Temperance. E dessa vez, infelizmente, ela estava certa – pelo menos não estava, mas havia circunstâncias que faziam parecer que estava. Eu não tinha a menor crença de que ela estava doente. Na verdade, eu sabia que ela não estava, embora não pudesse dizer exatamente como.

Tomei outra cerveja e as coisas pareceram melhores. Claro que havia uma briga em vista quando eu chegasse em casa, mas teria havido uma briga de qualquer maneira. Tenho três bons dias pela frente, pensei. Curiosamente, agora que as coisas que vim procurar acabaram não existindo, a ideia de tirar um pouco de férias me atraiu ainda mais. Estar longe de casa – essa era a grande coisa. Paz, paz perfeita com os entes

queridos distantes, como diz o hino. E, de repente, decidi que teria uma mulher se eu quisesse. Isso serviria para Hilda por ser tão cabeça-dura; além disso, onde está o sentido de ser suspeito se não for verdade?

Mas, à medida que a segunda cerveja trabalhava dentro de mim, a coisa começou a me divertir. Eu não tinha caído nessa, mas era malditamente engenhoso do mesmo jeito. Eu me perguntei como ela arrumou o SOS. Não tenho ideia de qual é o procedimento. Você precisa de um atestado médico ou apenas manda seu nome? Tive certeza de que foi aquela Wheeler que a incumbiu disso. Parecia-me ter o toque de Wheeler.

Mas, mesmo assim, que ousada! Até onde as mulheres vão? Às vezes, não dá para deixar de admirá-las.



CAPÍTULO 6

Depois do café da manhã, fui até o mercado. Era uma manhã adorável, meio fria e tranquila, com uma luz amarela pálida como vinho branco brincando em cima de tudo. O cheiro fresco da manhã misturava-se ao cheiro do meu charuto. Mas ouviu-se um zumbido vindo de trás das casas e, de repente, uma frota de grandes bombardeiros pretos passou zunindo. Eu olhei para eles. Eles pareciam estar batendo lá em cima.

No momento seguinte, ouvi algo. E, no mesmo momento, se você estivesse lá, teria visto um exemplo interessante do que acredito ser chamado de reflexo condicionado. Porque o que eu tinha ouvido – indubitavelmente – foi o apito de uma bomba. Eu não tinha ouvido tal coisa por vinte anos, mas não precisava que me dissessem o que era. E, sem pensar em nada, fiz a coisa certa. Eu me joguei no chão.

Afinal, estou feliz que você não tenha me visto. Acho que não pareceria digno. Fiquei achatado na calçada como um rato quando se espreme sob uma porta. Ninguém mais foi tão pontual. Eu agi tão rapidamente que, na fração de segundo enquanto a bomba estava assobiando, eu até tive tempo para temer que fosse tudo um engano e que eu tivesse feito papel de bobo por nada.

Mas no momento seguinte – ah!

BUM-BRRRRR!

Um barulho como o do Dia do Julgamento, e depois um barulho como uma tonelada de carvão caindo sobre uma folha de estanho. Isso foram tijolos caindo. Eu parecia derreter no pavimento. “Já começou”, pensei. “Eu sabia! O velho Hitler não esperou. Apenas enviou seus bombardeiros sem avisar.”

No entanto, aqui está uma coisa peculiar. Mesmo com o eco daquele estrondo terrível e ensurdecedor, que pareceu me congelar da cabeça aos pés, tive tempo de pensar que há algo grandioso no estouro de um grande projétil. Com que parece? É difícil dizer, porque o que você ouve se confunde com o que você tem medo. Principalmente, dá a você uma visão de metal explodindo. Você parece ver grandes placas de ferro se abrindo. Mas o peculiar é a sensação de ser repentinamente empurrado contra a realidade. É como ser acordado por alguém jogando um balde de água sobre você. De repente, você é arrastado para fora dos seus sonhos por um estrondo de metal estourando, e é terrível e real.

Houve um som de gritos e berros e também de freios de carro sendo subitamente acionados. A segunda bomba que eu esperava não caiu. Eu levantei minha cabeça um pouco. Por todos os lados, as pessoas pareciam estar correndo e gritando. Um carro derrapava diagonalmente na estrada, pude ouvir a voz de uma mulher gritando “Os alemães! Os alemães!”. À direita, tive uma vaga impressão do rosto redondo e branco de um homem, como um saco de papel amassado, olhando para mim. Ele estava meio hesitante:

– O que é isso? O que aconteceu? O que estão fazendo?

– Começou – respondi. – Aquilo foi uma bomba. Deite-se.

Mesmo assim, a segunda bomba não caiu. Mais um quarto de minuto ou mais, e levantei minha cabeça novamente.

Algumas das pessoas ainda estavam correndo, outras estavam de pé como se estivessem coladas ao chão. De algum lugar atrás das casas, uma enorme névoa de poeira havia se levantado e, através dela, um jato negro de fumaça subia. E então eu tive uma visão extraordinária. Na outra extremidade do mercado, a High Street sobe um pouco. E, descendo a pequena colina, uma manada de porcos estava galopando, uma espécie de grande inundação de caras de porcos. No momento seguinte, é claro, eu vi o que era. Não eram porcos, eram apenas os alunos com máscaras de gás. Suponho que estavam fugindo para algum porão onde foram instruídos a se proteger em caso de ataque aéreo. Atrás deles, pude até ver um porco mais alto, que provavelmente era a senhorita Todgers. Mas eu digo a você, por um momento eles se pareciam exatamente com uma manada de porcos.

Eu me levantei e atravessei o mercado. As pessoas já estavam se acalmando, e uma pequena multidão começou a se aglomerar no local onde a bomba havia caído.

Ah, sim, você está certo, é claro. Afinal, não era um avião alemão. A guerra não estourou. Foi apenas um acidente. Os aviões estavam voando para fazer um pouco de prática de bombardeio – de qualquer forma, carregavam bombas – e alguém colocara as mãos na alavanca por engano. Acho que teve uma boa avaliação por isso. Quando o agente do correio ligou para Londres para perguntar se estava acontecendo uma guerra e foi informado de que não, todos perceberam que fora um acidente. Mas houve um espaço de tempo, algo entre um minuto e cinco minutos, em que vários milhares de pessoas acreditaram que estávamos em guerra. Um bom trabalho que não durou muito. Mais um quarto de hora e estaríamos linchando nosso primeiro espião.

Eu segui a multidão. A bomba havia caído em uma pequena travessa da High Street, aquela onde o tio Ezequiel costumava ter sua loja. Não ficava a cinquenta metros de onde ficava a loja. Quando virei a esquina, pude ouvir vozes murmurando "Oo-oo!" – uma espécie de barulho de admiração, como se estivessem assustados e levando um grande chute por causa disso. Felizmente, cheguei alguns minutos antes da ambulância e do carro de bombeiros e, apesar das cerca de cinquenta pessoas que já haviam recolhido, vi tudo.

À primeira vista, parecia que do céu estava chovendo tijolos e verduras. Havia folhas de repolho por toda parte. A bomba destruiu uma mercearia. Parte da casa à direita estava pegando fogo, e todas as casas tiveram suas janelas quebradas. Mas o que todos estavam olhando era a casa à esquerda. A mercearia foi tão bem arrancada do lugar, como se alguém o tivesse feito com uma faca. E era extraordinário que nos quartos do andar de cima nada fora tocado. Era como olhar para dentro de uma casa de boneca. Cômodas, papel de parede do quarto, uma cama ainda não feita e um botijão – exatamente como fora habitado, exceto aquele. Mas os cômodos inferiores sofreram a força da explosão. Havia uma confusão assustadora de tijolos, gesso, pernas de cadeira, pedaços de uma cômoda envernizada, trapos de toalha de mesa, pilhas de pratos quebrados e blocos de uma pia de copa. Um frasco de geleia rolou pelo chão, deixando uma faixa de geleia para trás e, correndo lado a lado com ele, havia uma fita de sangue. Entre as louças quebradas havia uma perna. Somente uma perna, ainda com a calça e bota preta com um salto de borracha Wood-Milne. Por isso o povo estava *"oh"* e *"ah"*.

Dei uma boa olhada e percebi. O sangue começava a se misturar com a geleia. Quando o carro de bombeiros chegou,

fui até o George para fazer as malas.

Esse é o fim de Lower Binfield para mim, pensei. Eu estou indo para casa. Mas, na verdade, não tirei a poeira dos sapatos e fui embora imediatamente. Nunca se faz isso. Quando algo assim acontece, as pessoas sempre param e discutem por horas. Não houve muito trabalho na parte antiga de Lower Binfield naquele dia, todos estavam ocupados demais falando sobre a bomba, como parecia e o que pensaram quando a ouviram. A garçonete do George disse que realmente lhe deu calafrios. Ela disse que nunca mais dormiria bem em sua cama, e o que você esperava, isso apenas mostrou que com essas bombas aqui você nunca sabe. Uma mulher arrancou parte da língua com a mordida devido ao sobressalto que a explosão lhe deu. Descobriu-se que, enquanto na nossa extremidade da cidade todos haviam imaginado que era um ataque aéreo alemão, todos na outra extremidade tinham como certo que era uma explosão na fábrica de meias. Depois (tirei isso do jornal), o Ministério da Aeronáutica enviou um sujeito para inspecionar os danos e publicou um relatório dizendo que os efeitos da bomba foram “decepcionantes”. Na verdade, só matou três pessoas, o verdureiro, que se chamava Perrott, e um casal de idosos que morava na casa ao lado. A mulher não estava muito esmagada e identificaram o velho pelas botas, mas nunca encontraram vestígios de Perrott. Nem mesmo um botão da calça para acompanhar o serviço fúnebre.

À tarde, paguei minha conta e sai. Não tinha muito mais do que três libras depois de pagar a conta. Eles sabem como arrancar até as calças de você, esses hotéis de interior arrumados, e com bebidas e outras coisas nas quais eu estava gastando dinheiro desenfreadamente. Deixei minha nova vara e o resto do equipamento de pesca no meu quarto. Deixe-os

ficar com ele. Não servem para mim. Foi apenas uma recompensa que joguei no ralo para me ensinar uma lição. E aprendi bem a lição. Homens gordos de 45 anos não podem pescar. Esse tipo de coisa não acontece mais, é só um sonho, não haverá mais pesca deste lado da sepultura.

É engraçado como as coisas vão penetrando em você aos poucos. O que eu realmente senti quando a bomba explodiu? No momento real, claro, me assustou muito e, quando vi a casa destruída e a perna do velho, tomei o tipo de susto leve que se sofre ao ver um acidente de rua. Nojento, claro. O suficiente para me deixar farto deste feriado. Mas não me impressionou muito.

Mas, quando saí da periferia de Lower Binfield e virei o carro para o leste, tudo voltou para mim. Sabe como é quando está sozinho no carro. Há algo nas cercas vivas que passam por você ou no latejar do motor que faz seus pensamentos funcionar em um certo ritmo. Você tem a mesma sensação às vezes quando está no trem. É uma sensação de poder ver as coisas de uma perspectiva melhor do que o normal. Todos os tipos de coisas sobre as quais eu duvidava, agora tinha certeza. Para começar, eu vim para Lower Binfield com uma pergunta em minha mente. O que temos pela frente? O jogo está realmente bom? Podemos voltar à vida que costumávamos viver ou ela se foi para sempre? Bem, eu tive minha resposta. A velha vida acabou, e, para voltar para Lower Binfield, você não pode colocar Jonas de volta na baleia. Eu SABIA, embora não espere que você siga minha linha de raciocínio. E foi uma coisa estranha que eu fiz vindo aqui. Todos aqueles anos, Lower Binfield tinha estado escondida em algum lugar ou outro em minha mente. Uma espécie de canto silencioso aonde eu podia voltar quando quisesse e, finalmente, voltei para ele e

descobri que não existia. Joguei uma granada nos meus sonhos e, para que não houvesse nenhum engano, a Força Aérea Real havia me seguido com duzentos quilos de TNT.

A guerra está vindo. 1941, eles dizem. E haverá muitas louças quebradas, casinhas rasgadas como caixotes de embalagem e as tripas do privilegiado atendente do contador estampadas sobre o piano que ele está comprando a perder de vista. Mas o que esse tipo de coisa importa, afinal? Vou lhe contar o que minha estadia em Lower Binfield me ensinou, e foi isto: TUDO VAI ACONTECER. Todas as coisas que você tem em sua mente, as coisas que você tem medo, as coisas que você diz a si mesmo que são apenas um pesadelo ou que acontecem apenas em países estrangeiros. As bombas, as filas de comida, os cassetetes de borracha, o arame farpado, as camisas coloridas, as palavras de ordem, os rostos enormes, as metralhadoras disparando das janelas dos quartos. Tudo vai acontecer. Eu sei disso – de qualquer forma, eu sabia então. Não há escapatória. Lute contra isso se quiser, ou olhe para o outro lado e finja não notar, ou agarre sua chave de fenda e corra para quebrar rostos com os outros. Mas não dá para escapar. É apenas algo que precisa acontecer.

Pisei no acelerador, e o carro velho zuniu para cima e para baixo nas pequenas colinas, e as vacas, olmos e campos de trigo passaram correndo até que o motor quase esquentou. Eu me sentia quase com o mesmo humor daquele dia de janeiro, quando estava descendo o Strand, o dia em que coloquei meus novos dentes postiços. Era como se o poder da profecia tivesse sido dado a mim. Pareceu-me que podia ver toda a Inglaterra, e as pessoas que nela moravam, e todas as coisas que acontecerão a todos eles. Às vezes, é claro, mesmo então, eu tinha uma ou duas dúvidas. O mundo é muito grande, é algo

que você percebe quando está dirigindo um carro, e de certa forma é reconfortante. Pense nas enormes extensões de terra pelas quais você passa ao cruzar a esquina de um único condado inglês. É como a Sibéria. E os campos e bosques de faia, as casas de fazenda e igrejas, as aldeias com suas pequenas mercearias, o salão paroquial e os patos andando no gramado. Certamente, não é muito grande para ser alterado? Obrigada a permanecer mais ou menos a mesma. E logo entrei na periferia de Londres e segui a Uxbridge Road até Southall. Quilômetros e quilômetros de casas feias, com pessoas vivendo vidas decentes e enfadonhas dentro delas. E, além delas, Londres se estendendo continuamente, ruas, praças, becos, cortiços, blocos de apartamentos, bares, lojas de peixe frito, cinemas, e assim por diante, por trinta e dois quilômetros, e todos os oito milhões de pessoas com suas pequenas vidas privadas que não querem que sejam alteradas. As bombas não são feitas para que possam erradicá-la da existência. E o caos disso! A privacidade de todas essas vidas! John Smith cortando os cupons de futebol, Bill Williams trocando histórias no barbeiro. A senhora Jones voltando para casa com a cerveja do jantar. Oito milhões deles! Certamente eles conseguirão de alguma forma, com ou sem bombas, para continuar com a vida a que estão acostumados?

Ilusão! Bobagem! Não importa quantos deles haja, eles todos estarão nessa. Os tempos ruins estão chegando, e os homens simples estão vindo também. O que está vindo depois eu não sei, mas dificilmente me interessa. Só sei que, se houver alguma coisa com que você se importe, é melhor dizer adeus agora, porque tudo o que você já conheceu está caindo, caindo, na lama, com as metralhadoras barulhando o tempo todo.

Mas, quando voltei para o subúrbio, meu humor mudou de

repente.

De repente me ocorreu – e nem havia passado pela minha cabeça até aquele momento – que Hilda poderia realmente estar doente, afinal.

Esse é o efeito do meio ambiente, entende? Em Lower Binfield, eu tinha dado como certo que ela não estava doente e apenas fingia para me levar para casa. Na época parecia natural, não sei por quê. Mas, enquanto eu dirigia para West Bletchley e as Propriedades Hesperides fecharam-se ao meu redor como uma espécie de prisão de tijolos vermelhos, que é o que é, os hábitos normais de pensamento voltaram. Tive aquela sensação de segunda-feira de manhã, quando tudo parecia desolado e sensato. Vi o quanto era podre, esse tempo que desperdicei nos últimos cinco dias. Indo furtivamente para Lower Binfield para tentar recuperar o passado, e então, no carro voltando para casa, pensando um monte de bobagens proféticas sobre o futuro. O futuro! O que o futuro tem a ver com caras como você e eu? Manter nossos empregos – esse é o nosso futuro. Quanto a Hilda, mesmo quando as bombas estiverem caindo, ela ainda estará pensando no preço da manteiga.

E de repente eu vi que idiota eu fui pensando que ela faria uma coisa dessas. Claro que o SOS não era falso! Como se ela tivesse imaginação! Era apenas a verdade pura e fria. Não estava fingindo nada, estava realmente doente. E, meu Deus! Neste momento, ela pode estar deitada em algum lugar com uma dor horrível, ou mesmo morta, pelo que eu sabia. O pensamento enviou uma pontada horrível de medo através de mim, uma espécie de sensação de frio terrível em minhas entranhas. Desci a Ellesmere Road a quase sessenta quilômetros por hora e, em vez de levar o carro para a

garagem fechada, como de costume, parei do lado de fora da casa e pulei do carro.

Afinal, eu gosto de Hilda, pode apostar! Não sei exatamente o que você quer dizer com gostar. Você gosta do seu próprio rosto? Provavelmente não, mas você não consegue se imaginar sem ele. É parte de você. Bem, é assim que me sinto em relação a Hilda. Quando as coisas estão indo bem, não consigo aguentar a visão dela, mas o pensamento de que ela possa estar morta ou mesmo com dor me fez estremecer.

Eu me atrapalhei com a chave, abri a porta, e o cheiro familiar de gabardina velha me atingiu.

– Hilda! – eu gritei. – Hilda!

Sem resposta. Por um momento, gritei "Hilda! Hilda!" em silêncio absoluto, e um pouco de suor frio brotou da minha espinha. Talvez eles já a tenham levado para o hospital, talvez houvesse um cadáver deitado no andar de cima na casa vazia.

Comecei a subir as escadas correndo, mas no mesmo momento as duas crianças de pijama saíram de seus quartos dos dois lados do patamar. Eram oito ou nove horas, suponho – de qualquer forma, a luz estava apenas começando a cair. Lorna estava pendurada no corrimão.

– O papai! É o papai! Por que você voltou hoje? Mamãe disse que você só viria na sexta.

– Onde está sua mãe? – perguntei.

– Mamãe saiu. Saiu com a senhora Wheeler. Por que você voltou para casa hoje, papai?

– Então, sua mãe não está doente?

– Não. Quem disse que ela estava doente? Papai! Você já foi

para Birmingham?

– Fui. Voltem para a cama agora. Vocês vão pegar um resfriado.

– Mas onde estão nossos presentes, papai?

– Que presentes?

– Os presentes que você comprou para nós em Birmingham.

– Você vai vê-los de manhã. – eu disse.

– Ô, papai! Não podemos vê-los esta noite?

– Não. Parem de falar. Voltem para a cama ou vou dar uma surra em vocês dois.

Afinal, ela não estava doente. Ela estava fingindo. E realmente eu mal sabia se deveria ficar feliz ou arrependido. Voltei para a porta da frente, que deixara aberta, e lá, grande como a vida, estava Hilda subindo o caminho do jardim.

Eu olhei para ela quando veio em minha direção na última luz da noite. Era estranho pensar que, menos de três minutos antes, eu estava no inferno, com um suor frio real na minha espinha, ao pensar que ela poderia estar morta. Bem, não estava morta, estava como sempre. A velha Hilda com seus ombros magros e seu rosto ansioso, e a conta do gás e as mensalidades escolares, e o cheiro de gabardina, e o escritório na segunda-
-feira – todos os fatos fundamentais para os quais você invariavelmente volta. As verdades eternas, como o velho Porteous os chama. Percebi que Hilda não estava de bom humor. Ela me lançou um olhar rápido, como às vezes faz quando tem algo em mente, o tipo de olhar que algum animalzinho magro, uma doninha, por exemplo, pode lhe dar.

Ela não pareceu surpresa em me ver de volta, no entanto.

– Ah, então você já voltou, não é? – disse ela.

Parecia bastante óbvio que eu estava de volta e não respondi. Ela não fez nenhum movimento para me beijar.

– Não há nada para o seu jantar – continuou ela prontamente. Essa é a Hilda. Sempre consegue dizer algo deprimente no instante em que põe os pés dentro de casa. – Não estava esperando você. Você só vai ter que comer pão e queijo, mas acho que não temos queijo.

Eu a segui para dentro, sentindo o cheiro da capa de chuva. Fomos para a sala de estar. Fechei a porta e acendi a luz.

Eu pretendia dar minha opinião primeiro, e sabia que as coisas ficariam melhores se adotasse uma linha forte desde o início.

– Agora, o que diabos você queria pregando uma peça em mim? – perguntei.

Ela tinha acabado de colocar a bolsa em cima do rádio e, por um momento, pareceu genuinamente surpresa.

– Que peça? Do que você está falando?

– Enviando aquele SOS!

– Qual SOS? Do que você está FALANDO, George?

– Você está tentando me dizer que não fez com que enviassem um SOS dizendo que você estava gravemente doente?

– Claro que não! Como poderia? Eu não estava doente. Por que eu faria uma coisa dessas?

Comecei a explicar, mas, quase antes de começar, vi o que

havia acontecido. Foi tudo um engano. Eu só tinha ouvido as últimas palavras do SOS e obviamente era alguma outra Hilda Bowling. Suponho que, se você procurasse o nome no diretório, haveria dezenas de Hilda Bowlings. Foi apenas o tipo de erro estúpido e enfadonho que sempre acontece. Hilda nem havia mostrado aquele pouquinho de imaginação que eu tinha creditado a ela. O único interesse em todo o caso foram os cinco minutos ou mais quando pensei que ela estava morta e descobri que me importava, afinal. Mas isso estava acabado e feito. Enquanto eu explicava, ela estava me observando, e pude ver em seus olhos que algum tipo de problema estava por vir. E então ela começou a me questionar com o que eu chamo de sua voz de terceiro grau, que não é, como você pode esperar, irritada e irritante, mas quieta e meio vigilante.

– Então você ouviu este SOS no hotel em Birmingham?

– Sim. Ontem à noite, na transmissão nacional.

– Quando você saiu de Birmingham, então?

– Esta manhã, é claro. (Eu planejei a viagem na mente, apenas no caso de haver alguma necessidade de mentir para me livrar dela. Sai às dez, almocei em Coventry, chá em Bedford – eu tinha tudo planejado.)

– Então você pensou na noite passada que eu estava gravemente doente e só saiu esta manhã?

– Mas estou dizendo que não achei que você estivesse doente. Não expliquei? Pensei que fosse outro dos seus truques. Parecia muito mais provável.

– Então, estou bastante surpresa que você tenha ido embora! – ela disse com tanto vinagre em sua voz que eu sabia que algo mais estava por vir. Mas ela continuou mais calmamente. – E

você saiu esta manhã, não é?

– Sim. Saí por volta das dez horas. Almocei em Coventry…

– Então, como você explica ISTO? – de repente ela disparou contra mim e, no mesmo instante, abriu a bolsa, tirou um pedaço de papel e estendeu-o como se fosse um cheque falsificado ou algo assim.

Senti como se alguém tivesse me acertado com uma biruta. Eu devia saber disso! Afinal, ela me pegou. E ali estava a prova, o dossiê do caso. Eu nem sabia o que era, exceto que era algo que provava que eu tinha saído com uma mulher. Murchei. Um momento antes eu estava meio que a intimidando, fingindo estar com raiva porque fui arrastado de volta de Birmingham para nada, e agora ela de repente virou o jogo contra mim. Você não precisa me dizer como eu fiquei naquele momento. Eu sei disso. A culpa está escrita em letras grandes – eu sei. E eu nem era culpado! Mas é uma questão de hábito. Estou acostumado a estar errado. Por cem libras, eu não poderia manter a culpa fora da minha voz enquanto respondia:

– O que você quer dizer? O que é isso que você tem aí?

– Leia e verá o que é.

Eu peguei. Era uma carta do que parecia ser uma firma de advogados, e observei que era endereçada da mesma rua do Hotel Rowbottom.

– Cara senhora. – li. – Com referência à sua carta de 18 de março, pensamos que deve haver algum engano. O Hotel Rowbottom foi fechado há dois anos e convertido em um prédio de escritórios. Ninguém que corresponda à descrição de seu marido esteve aqui. Possivelmente…

Eu não li mais nada. Claro que vi tudo em um *flash*. Fui um pouco inteligente demais e meti os pés pelas mãos. Havia apenas um tênue raio de esperança – o jovem Saunders pode ter esquecido de postar a carta que eu endereçara do Rowbottom, nesse caso era bem possível que eu pudesse ser desmascarado. Mas Hilda logo encerrou essa ideia.

– Bem, George, você vê o que diz a carta? No dia em que você saiu daqui, escrevi para o Hotel Rowbottom… Ah, só uma pequena nota, perguntando se você havia chegado lá. E você vê a resposta que recebi! Sequer existe um Hotel Rowbottom. E no mesmo dia, na mesma postagem, recebi sua carta dizendo que você estava no hotel. Você tem alguém para postar para você, eu suponho. ESSE era o seu negócio em Birmingham!

– Mas, olhe aqui, Hilda! Você entendeu tudo errado. Não é o que você pensa. Você não entende

– Ah, sim, George. Entendo PERFEITAMENTE.

– Mas olhe aqui, Hilda…

Não adiantava, é claro. Foi um flagrante justo. Eu não conseguia nem olhar nos olhos dela. Eu me virei e tentei sair para a porta.

– Vou ter que levar o carro para a garagem – falei.

– Ah, não George! Você não vai sair daqui assim. Vai ficar aqui e ouvir o que tenho a dizer, por favor.

– Mas, que droga! Tenho que acender as luzes, não tenho? Já passou da hora de acender. Quer que a gente seja multado?

Então, ela me soltou e eu saí e acendi as luzes do carro, mas quando voltei ela ainda estava lá como uma desgraça, com as

duas cartas, a minha e a do advogado na mesa à sua frente. Eu recuperei um pouco da coragem e fiz outra tentativa:

– Escute, Hilda. Você pegou no lado errado desse negócio. Posso explicar tudo.

– Tenho certeza de que VOCÊ poderia explicar tudo, George. A questão é se eu acredito em você.

– Mas você está tirando conclusões precipitadas! O que fez você escrever para esse pessoal do hotel, afinal?

– Foi ideia da senhora Wheeler. E uma ideia muito boa também, no fim das contas.

– Ah, a senhora Wheeler, foi? Então você não se importa em deixar aquela maldita mulher entrar na nossa vida?

– Ela não precisava de permissão para entrar. Foi ela quem me avisou o que você estava fazendo esta semana. Algo parecia dizer a ela, ela disse. E ela estava certa, você vê. Ela sabe tudo sobre você, George. Tinha um marido exatamente como você.

– Mas, Hilda…

Eu olhei para ela. Seu rosto ficou meio branco sob a superfície, como fica quando ela pensa em mim com outra mulher. Uma mulher. Se ao menos fosse verdade!

E, meu Deus! O que eu poderia ver na minha frente! Você sabe como é. As semanas seguidas de queixas e aborrecimentos horríveis, e os comentários maliciosos depois que você acha que a paz foi assinada, as refeições sempre atrasadas e as crianças querendo saber do que se trata. Mas o que realmente me desanimou foi o tipo de desgraça mental, o tipo de atmosfera mental em que o verdadeiro motivo de eu ter

ido para Lower Binfield nem seria concebível. Isso foi o que mais me impressionou no momento. Se eu passasse uma semana explicando para Hilda POR QUE estive em Lower Binfield, ela nunca entenderia. E quem entenderia, aqui, na Ellesmere Road? Poxa! Eu mesmo me entendi? A coisa toda parecia estar desaparecendo da minha mente. Por que fui para Lower Binfield? Eu tinha ido lá? Nessa atmosfera, parecia sem sentido. Nada é real na Ellesmere Road, exceto contas de gás, taxas escolares, repolho cozido e o escritório na segunda-feira.

Mais uma tentativa:

– Mas olhe aqui, Hilda! Eu sei o que você está pensando. Mas você está absolutamente errada. Juro que você está errada.

– Ah, não, George. Se eu estava errada, por que você teve que contar todas aquelas mentiras?

Não há como fugir disso, é claro.

Dei um ou dois passos de um lado para o outro. O cheiro de gabardina era muito forte. Por que eu fugi assim? Por que me preocupei com o futuro e o passado, vendo que o futuro e o passado não importam? Quaisquer que fossem os motivos que eu pudesse ter, eu mal conseguia me lembrar deles agora. A velha vida em Lower Binfield, a guerra e o pós-guerra, Hitler, Stálin, bombas, metralhadoras, filas de comida, cassetetes de borracha estavam desaparecendo, tudo desaparecendo. Nada restava, exceto uma fileira vulgar com o cheiro de gabardinas velhas.

Uma última tentativa:

– Hilda! Apenas me escute um minuto. Olhe aqui, você não sabe onde estive esta semana, sabe?

– Não quero saber onde você esteve. Eu sei o que você tem feito. Isso é o suficiente para mim.

– Mas que…

Bem inútil, é claro. Ela me considerou culpado e agora me diria o que pensava de mim. Isso pode demorar algumas horas. E, depois disso, mais problemas foram surgindo, porque logo ocorreria a ela de perguntar onde eu consegui o dinheiro para esta viagem, e então ela descobriria que eu estava escondendo as dezessete libras dela. Na verdade, não havia razão para que essa briga não durasse até as três da manhã. Não adianta mais brincar de inocência ferida. Tudo que eu queria era a linha de menor resistência. E na minha mente eu repassei as três possibilidades, que eram:

A. Dizer a ela o que eu realmente estava fazendo e de alguma forma fazê-la acreditar em mim.

B. Usar o velho truque de perder a memória.

C. Deixá-la continuar pensando que era uma mulher e tomar meu remédio.

Mas, que droga! Eu sabia qual teria que ser.

Fim

PARTE 1

Capítulo 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

PARTE 2

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
PARTE 3
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
PARTE 4
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6


E-BOOK
O melhor das irmãs Brontë
A inquilina de Wildfell Hall
Charlotte Brontë
JANE EYRE
O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

Box O melhor das irmãs Brontë

Brontë, Anne

9786555526448

1456 páginas

Compre agora e leia

As três irmãs Brontë foram mulheres excepcionais à sua época. Receberam uma educação conservadora, moralmente e religiosamente rígida, em um ambiente isolado, mas repleto de livros e conhecimento. Transcenderam frente a falta de recursos e adversidades sociais que as mulheres enfrentavam na época. Intelectuais, demonstraram talento para o desenvolvimento de narrativas desde a mais tenra idade, realizavam encontros para discutirem sobre literatura. Quando mulheres não eram aceitas como escritoras, as três irmãs publicaram histórias utilizando pseudônimos neutros e essas narrativas até a atualidade são objetos de estudo, fascínio e inspiração para renomados nomes da literatura mundial. As Brontë escreviam personagens femininas transgressoras quando ainda não havia o feminismo e reinventaram o gênero romance, com monólogos dramáticos e intensos ambientados em cenários bucólicos. Conheça o melhor das irmãs Brontë neste box com os livros: A inquilina de Wildfell Hall, O morro dos ventos uivantes e Jane Eyre.

Compre agora e leia


William Le Queux
O Segredo dos Bórgias
O Livro Fechado
Principis

O segredo dos Bórgias

Le Queux, William

9786555526493

320 páginas

Compre agora e leia

Allan Kennedy, expatriado inglês colecionador de manuscritos medievais, comprou um livro raro escrito por Godfrey Lovel, um monge que esteve a serviço de Lucrécia Bórgia. A obra carrega o mal que sobrevirá aos leitores que tentarem decodificar o local oculto dos tesouros, o veneno e o antídoto de Lucrécia, enterrados pelo religioso durante a perseguição à Igreja. Allan e seus amigos decidem procurar pelo tesouro, mas não estão sozinhos

Compre agora e leia


O MORRO DOS VENTOS UIVANTES
EMILY BRONTË
Principis

O Morro dos Ventos Uivantes

Bronte, Emily

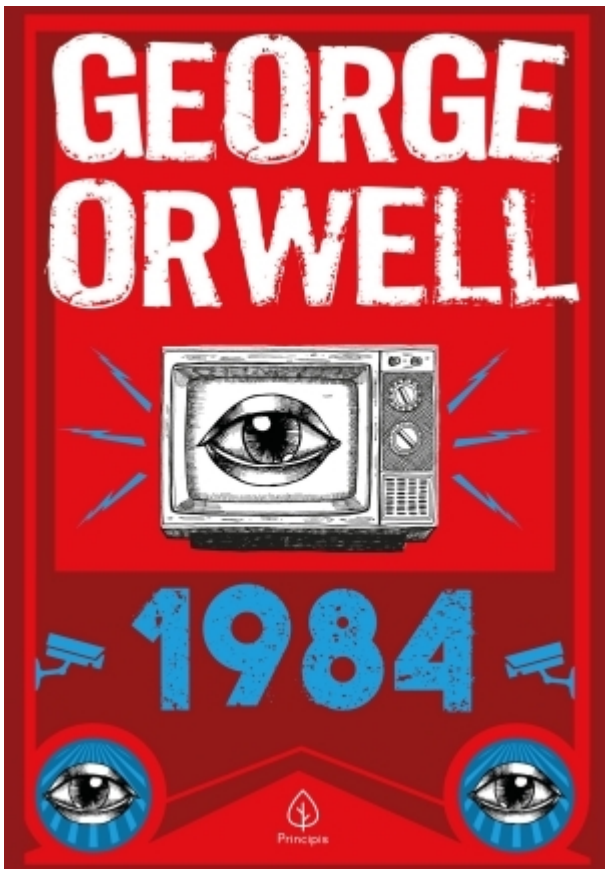
9786555520415

368 páginas

Compre agora e leia

Único romance da escritora inglesa Emily Bronte, O morro dos ventos uivantes retrata uma trágica historia de amor e obsessão em que os personagens principais são a obstinada e geniosa Catherine Earnshaw e seu irmão adotivo, Heathcliff. Grosseiro, humilhado e rejeitado, ele guarda apenas rancor no coração, mas tem com Catherine um relaciona- mento marcado por amor e, ao mesmo tempo, ódio. Essa ligação perdura mesmo com o casamento de Catherine com Edgar Linton.

Compre agora e leia


GEORGE
ORWELL
1984
Principia

1984

Orwell, George

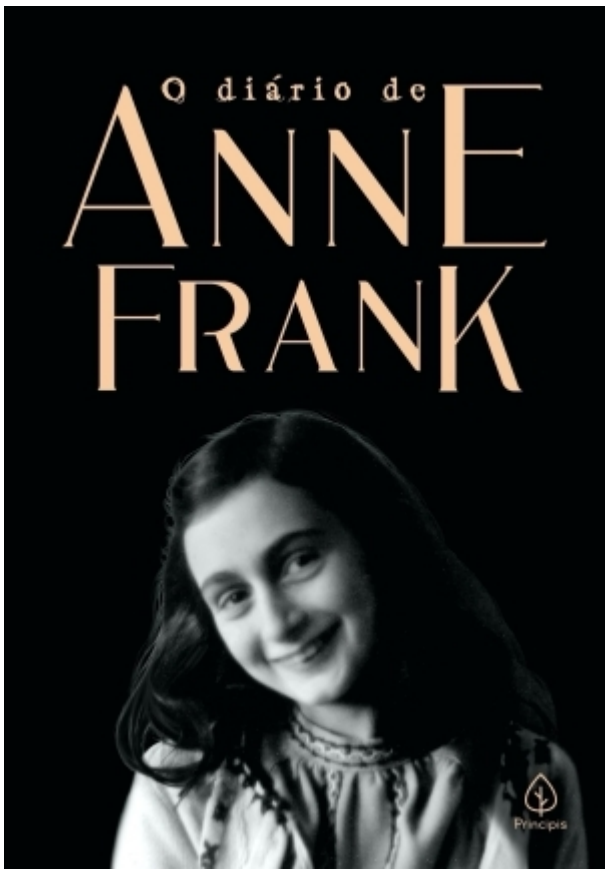
9786555522655

336 páginas

Compre agora e leia

Publicado em 1949, o texto de Orwell nasceu destinado à polêmica. Traduzido em mais de sessenta países, virou minissérie, filmes, quadrinhos, mangás e até uma ópera. Ganhou holofotes em 1999, quando uma produtora holandesa batizou seu reality show de Big Brother. 1984 foi responsável pela popularização de muitos termos e conceitos, como Grande Irmão, duplopensar, novidioma, buraco da memória e 2+2=5. O trabalho de Winston, o herói de 1984, é reescrever artigos de jornais do passado, de modo que o registro histórico sempre apoie a ideologia do Partido. Grande parte do Ministério também destrói os documentos que não foram revisados, dessa forma não há como provar que o governo esteja mentindo. Winston é um trabalhador diligente e habilidoso, mas odeia secretamente o Partido e sonha com a rebelião contra o Grande Irmão.

Compre agora e leia


O diário de
ANNE
FRANK
Principis

O Diário de Anne Frank

Frank, Anne

9786555520538

224 páginas

Compre agora e leia

É a história real de uma garota judia de 13 anos que ficou escondida com a família durante a ocupação nazista da Holanda. O nome dela era Annelies Marie Frank, nasceu em 12 de junho de 1929 em Frankfurt, na Alemanha, e morreu em um campo de concentração, pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Foi escondida, no último andar de um prédio, que Anne Frank escreveu durante mais de 2 anos em dos registros mais detalhados do dia a dia daquela fase em que os nazistas, liderados por Hitler, espalharam o horror entre seus perseguidos.

Compre agora e leia